ARCHIVO
PITTORESCO

ARCHIVO
PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO IRMÃO & C.ª

VOLUME VIII — 1865

PREÇO DE CADA VOLUME

Em Lisboa 2$000 réis; nas Provincias, franco de porte, 2$200 réis

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE CASTRO IRMÃO, RUA DA BOA-VISTA, PALACIO DO CONDE DE SAMPAIO

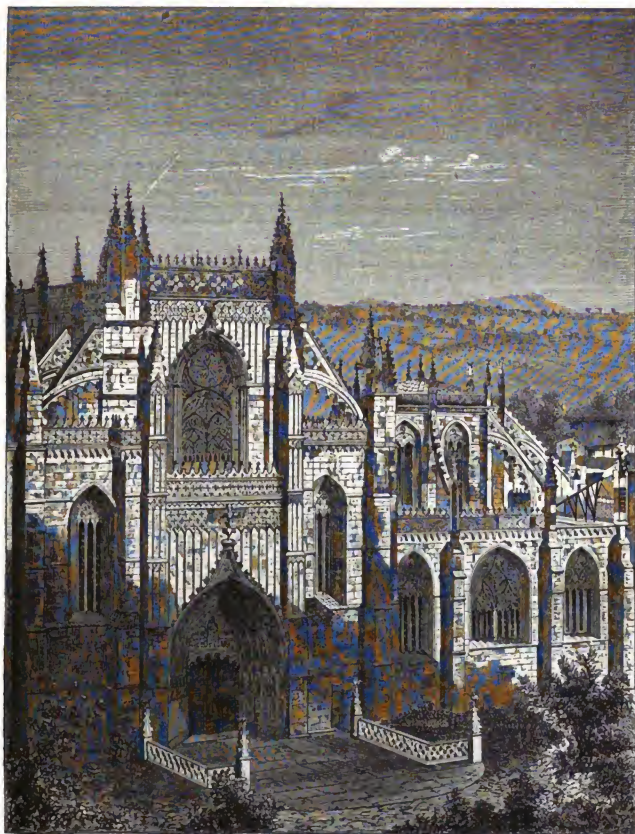
MDCCCLXV

ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO IRMÃO & C.ª

Assignatura, em Lisboa 2$000 rs. — para as provincias, pelo correio, 2$200 rs. — Brasil, moeda fraca, 6$000 rs. — numero avulso 50 rs.
Escriptorio, rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

8.º ANNO — 1865

Mosteiro de Santa Maria da Victoria, vulgarmente da Batalha

PROLOGO

Chegar entre nós aos oito annos uma publicação illustrada de gravuras, já se póde chamar a oitava maravilha do mundo portuguez! Instituido e custeado por uma poderosa sociedade, o «genuino» *Panorama* enfermou antes d'essa edade. E nenhum jornal com estampas arribou ainda a tal duração.

Conseguirá este nosso quebrar tão inexoravel fado?

Esperâmos que sim; e para isso redobraremos os esforços que até aqui havemos empregado.

Não nos tem faltado incentivos e louvores generosos de toda a imprensa periodica, nem a constancia de numerosos assignantes; e sobre tudo o esteio da magnanima Sociedade Madrépora, á qual principalmente devemos a divulgação do *Archivo*. Mas ainda assim, a extracção é inferior á estrictamente indispensavel para podêrmos dar impulso e incremento á parte artistica, porque n'esta deve o nosso jornal primar, pela sua indole, pelo seu titulo, e para que se veja que não somos os portuguezes incapazes de professar e estimar as bellas artes.

Se hoje se avalia a cultura intellectual das nações pelo numero dos jornaes destinados á leitura do povo; e se, para que esta seja mais attractiva, e acaso mais perceptivel, se pede auxilio ás artes do desenho, não será obrigação de todos os que presâmos a boa reputação da nossa patria, concorrer para que nos não falte este poderoso agente da civilisação?

N'este empenho ninguem excedeu, até agora, os editores proprietarios do *Archivo Pittoresco*. Os volumes publicados mostram o successivo aperfeiçoamento das gravuras, e no que vamos encetar hoje ainda mais se hão de avantajar. N'este progredir grangearemos, de certo, o favor e coadjuvação dos que lêem.

Opprobrio seria para Portugal, n'este seculo, se nem sequer um jornal illustrado de gravuras podesse manter!

Quererá Deus que não passemos por este vexame.

Os Redactores

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

I

O VOTO E O TRIUMPHO

Na existencia das nações, como na dos homens, ha momentos solemnes pela gravidade das circumstancias, pela eminencia do perigo, em que a autonomia d'aquellas e a vida d'estes pendem de um fio tenuissimo.

Portugal viu-se collocado n'essa situação extrema e afflictiva pela morte del-rei D. Fernando.

Estreita leira de terra, physicamente fallando, tornára-se grande, forte e respeitado, pelo valor e união de seus filhos, e pela energia e coragem dos seus monarchas.

Porém a coroa do fundador da monarchia, que passára de herdeiro a herdeiro até ao esposo de Ignez de Castro sempre entretecida de loiros virentes, refulgindo sempre com o reflexo da gloria das armas portuguezas, ao cingir a fronte de D. Fernando, o formoso, perdeu o esplendor, marearam-lhe inteiramente o lustre os revezes da guerra, que a imprudente ambição do moço rei acarretára sobre o seu paiz.

D. Fernando estreiára o seu reinado declarando guerra a D. Henrique II de Castella; e, pouco antes de o terminar, rompeu no mesmo excesso com D. João I, filho e successor de Henrique II.

Os exercitos castelhanos, atravessando e talando a seu bel prazer todo o reino de Portugal, durante aquellas duas campanhas, até virem pôr cêrco a Lisboa, e roubarem-lhe e incendiarem-lhe os arrabaldes, lançaram a nação no maior desgosto e desalento que se póde imaginar. Mas, ainda peior do que os revezes da guerra, foi o effeito moral do procedimento del-rei. D. Fernando, assistindo, quasi presenciando mudo e quedo a marcha dos castelhanos sobre a sua capital, soffrendo com aviltante impassibilidade que o inimigo varresse os campos e açoitasse as cidades a ferro e a fogo, quebrou todos os brios no animo dos portuguezes, deu motivo a dizer d'elle o principe dos nossos poetas:

«Um fraco rei faz fraca a forte gente.»

Como se tudo isto fosse ainda pouco para anniquilar as forças da nação, vieram as discordias civis augmentar os elementos dissolventes do corpo social.

Rendêra-se el-rei ás graças seductoras de D. Leonor Telles de Menezes, que era casada com João Lourenço da Cunha, e tanto cresceu n'elle a paixão, que, cegando-lhe os olhos d'alma, e fazendo-o surdo ás representações de seus conselheiros e ás súpplicas do seu povo, levou-o a tirar a mulher a seu marido, e a dar-lhe com o titulo de rainha a mão de esposo.

D. Leonor tinha tanto de engraçada e formosa como de astuta e dissimulada, de intrigante e vingativa. Imperando absoluta no coração e na vontade del-rei, em quanto procurava abater com uma das mãos as frontes mais altas dos seus contrarios, abria com a outra os cofres da munificencia real, e distribuia liberalmente honras e dinheiro, com que ia reunindo parciaes em torno de si.

D'est'arte se dividiu a nação em parcialidades inimigas, e correu á solta e triumphante a corrupção. Assim se converteu em lucta aberta ou latente todo o longo periodo em que D. Leonor Telles esteve sentada no throno dos nossos reis.

A tantas nuvens que se accumulavam nos horisontes da patria, de dia para dia cada vez mais negras e ameaçadoras, accrescia novo e mais temeroso foco de tempestade, ao tempo em que el-rei D. Fernando jazia moribundo no leito da dor.

A infanta D. Beatriz, filha unica d'este soberano e da rainha D. Leonor Telles, achava-se casada com el-rei de Castella, D. João I; e, em virtude do contrato nupcial, haviam de succeder na coroa d'estes reinos, por morte del-rei D. Fernando, e no caso de não deixar filho legitimo varão, D. Beatriz e D. João I, ficando, porém, com as redeas do governo, como regente, a rainha D. Leonor Telles, até que sua filha D. Beatriz tivesse um filho chegado á edade de 14 annos. Era esta a recompensa que a ambiciosa esposa de D. Fernando exigíra do seu genro pelos serviços que lhe prestára no ajuste d'aquelle tratado. E para que a presa não lhe escapasse das mãos, cuidou com tempo em afugentar do reino os que podiam disputar-lh'a.

Por sua causa viram-se obrigados a expatriar-se seus cunhados, os infantes D. Diniz e D. João, filhos del-rei D. Pedro I e da infeliz D. Ignez de Castro; e acolhendo-se a Castella, alli foram presos logo que el-rei D. João I recebeu a noticia da morte do sogro. E se a unica vergontea da arvore dos nossos reis que restava no solo natal, D. João, mestre de Aviz, filho bastardo del-rei D. Pedro I, não foi victima de egual ou peior sorte, é porque, mais cauto e melhor aconselhado que seus irmãos, soube livrar-se com astucia de todas as ciladas que lhe armou D. Leonor Telles.

Soou, em fim, a hora fatal para o monarcha e para a nação. D. Fernando baixou ao tumulo ainda moço, no vigor da edade, mas com o coração envelhecido e exhausto pela lucta das paixões. E a sua morte foi o signal para rebentar em tumultos a cidade de Lisboa,

e depois d'ella todo o paiz, e para invadir as fronteiras do reino o exercito castelhano.

Tudo prognosticava um cataclismo politico, onde se subverteria irremediavelmente a independencia e liberdade dos portuguezes. Porém aquelle instincto da conservação que a Providencia dispensou aos homens, como um pharol mysterioso nas escuras veredas da vida, levou o povo a acercar-se do mestre de Aviz, acclamando-o defensor e regente do reino.

Joven e valoroso, dera a medida da sua ousadia e da sua dedicação pela causa publica, vingando com a morte do conde Andeiro, nas proprias salas do paço real, as affrontas feitas pelo valido ao thalamo del-rei D. Fernando e ao pundonor nacional.

E pouco depois mostrou-se digno do titulo que lhe deu o povo, defendendo Lisboa gloriosamente contra as tropas castelhanas, commandadas em pessoa pelo seu rei, que vieram combatel-a em porfiosos e repetidos assaltos, estreitando-a durante quasi cinco mezes em apertado sitio, não obstante achar-se a cidade mal abastecida de gente d'armas, e, ainda mais, falta de mantimentos.

Á voz eloquente do doutor João das Regras, que fez prevalecer a suprema lei da salvação publica a todas as considerações da justiça e da legitimidade, as cortes reunidas em Coimbra dão a coroa ao mestre de Aviz, e acclamam-n'o D. João I, rei de Portugal.

Mas quando tudo parecia sorrir paz e ventura; quando a victoria, começando a enramar de loiros as nossas armas, compellia o pretendente castelhano a recolher-se envergonhado ás suas fronteiras; quando os tres estados do reino, pronunciado aquelle solemne veredictum, exaltavam novamente o principio da soberania do povo, origem gloriosa da monarchia portugueza, e constituiam a nação em novas e solidas bases; achou-se de improviso Portugal á borda do abysmo que tantas nacionalidades tem sorvido!

El-rei D. João I de Castella, embora desfavorecido da fortuna, não abandonára a sua pretenção ao throno dos nossos reis. Levantando o cêrco de Lisboa, e retirando-se pressuroso para os seus estados, um unico pensamento lhe absorvia todas as faculdades da alma, um só cuidado lhe occupava todo o tempo depois de entrado em Castella; era obter pela força o que os portuguezes lhe negavam pelo direito. Não iam interessados n'isso simplesmente o capricho e a ambição de um soberano. Fazendo valer os pretendidos direitos da rainha sua esposa, e a mais vantajosa condição de um tratado de paz, realisava ao mesmo tempo o sonho doirado dos reis seus predecessores, e de todos os castelhanos, e limpava a nodoa que o valor dos portuguezes lançára sobre a sua coroa real, e sobre as armas de Castella.

Invoca, pois, os brios nacionaes; chama em torno das suas bandeiras a melhoria da nobreza de Castella e de Leão, os populares mais esforçados, e quantos estrangeiros quizeram servir a seu soldo. Empenha todos os recursos do paiz; lança mão de todos os meios; apresta-se por todos os modos para vencer em transe de honra, em lucta desesperada. E eil-o transpondo as raias da Beira, á frente de um exercito de trinta e um mil homens, em cujo numero se contavam oito mil de cavallo, e muitos centenares de francezes, navarrezes e gascões.

Ao mesmo tempo que tão potente exercito se dirigia ao coração do reino, a armada castelhana, composta de quarenta naus, doze barcas, dez galés, tres lanhotes, e cinco barchotes, surgia no Tejo, e se estendia em linha por diante da cidade de Lisboa.

O mestre de Aviz apenas conseguiu pôr em campo seis mil e quinhentos homens, em que entravam só mil e setecentos de cavallo.

Quem não daria tudo por perdido, vendo tamanha desegualdade de forças, e a maior parte da nobreza da nação no arrayal inimigo, e as principaes fortalezas e praças de guerra obedientes á voz de Castella? Mas não tremeram, apesar de tudo isso, nem duvidaram da victoria o mestre de Aviz e D. Nuno Alvares Pereira, o denodado mancebo, que pouco antes fizera seu condestavel.

Ao alvorecer do dia 14 de agosto de 1385 descia a pequena hoste portugueza dos oiteiros visinhos do logar de Aljubarrota para uma vasta planicie povoada de urzes, onde passava a estrada real. Fazendo alto, foi posta immediatamente em ordem de batalha, aguardando o inimigo, que as noticias davam saído de Leiria com direcção a Lisboa, e que a todos os momentos alli era esperado.

Collocadas as tropas convenientemente, segundo a tactica de guerra então usada, o condestavel tomou o commando da vanguarda: el-rei ficou na retaguarda á frente do corpo de reserva; e por detraz de tudo os carros e mulas da bagagem, arranjados a modo de trincheiras, e defendidos por muitos peões e besteiros, além dos pagens, e dos homens de serviço, ou bagageiros.

Assim que el-rei viu tudo prestes, aproveitando o tempo que lhe dava o inimigo, cuidou de se reconciliar com Deus, e de implorar a intercessão de Maria Santissima. Depois de se confessar ao arcebispo de Braga, D. Lourenço, que o acompanhava armado como cavalleiro, e tendo recebido a communhão das mãos do mesmo prelado, exemplo que seus soldados seguiram, prostrou-se humildemente diante de uma imagem da Virgem, que trazia em seu oratorio, e supplicando a sua protecção para as armas portuguezas, fez voto de erigir e dedicar-lhe um sumptuoso mosteiro, se lhe concedesse a victoria na batalha que ia pelejar.

Acabada a oração voltou para o arrayal, e poz-se a armar cavalleiros varios mancebos, com o que se excitava o enthusiasmo das tropas.

Era meio dia quando assomou o exercito castelhano na ladeira de um monte, descendo tambem para o valle. Assoberbava a terra aquella immensa multidão de gente armada, e aquelle exercito, talvez ainda maior, que vinha na retaguarda conduzindo as bagagens. O sol, fazendo scintillar as lanças reluzentes, e as armaduras de fino aço de tantos fidalgos que el-rei de Castella trazia comsigo, augmentava o effeito d'aquella vista, effeito bello e maravilhoso para quem a podesse gozar sem preoccupação, mas aterrador, de certo, para um inimigo incomparavelmente mais fraco pelo numero e pela qualidade do armamento.

Perceberam o mestre de Aviz e o condestavel a impressão desanimadora que tal vista fizera em seus soldados, e sem lhes dar tempo a que o desalento ganhasse forças, correm por todas as fileiras com rosto alegre, ora invocando o nome da patria, ora estimulando os brios nacionaes. A uns recordavam-lhes a superioridade do valor portuguez em tantos combates de que saíram vencidos os castelhanos, sendo elles muitos e os nossos poucos. A outros pintavam-lhes em quadros de vivas côres a sorte de Portugal se caísse nas garras do leão de Castella.

Fallando assim, os seus rostos tornaram-se tão radiantes, e as suas palavras saiam-lhes dos labios tão cheias de convicção, que as suas esperanças e o seu ardor se communicaram a toda a hoste portugueza como por effeito de electricidade.

Entretanto tinha el-rei de Castella disposto o seu exercito em ordem de batalha; de modo que rompeu a peleja, tendo os nossos as faces ainda afogueadas pelo enthusiasmo que lhes accenderam no peito as phrases patrioticas del-rei e do condestavel.

Foi terrivel o accommettimento das duas hostes. Os castelhanos, conscios da sua força, e julgando envolver e desbaratar no primeiro encontro tão fraco ini-

Egreja da Batalha — Face

migo, caíram furiosos sobre os nossos ao som da sua grita de guerra: *Castella e Santiago!* Os portuguezes, fortalecidos pelo amor da patria e da liberdade, e cheios de fé na santidade da sua causa, bradando *Portugal e S. Jorge!*, repelliram o inimigo com incrivel valentia. Mas este, repetindo os ataques, e sempre crescendo em numero, punha os nossos em grande aperto e difficuldade.

D. Nuno Alvares Pereira, espalhando a morte entre os adversarios a cada bote da sua espada, fazia pro-

...ral e as capellas imperfeitas

digios de valor á frente da sua phalange. Outro tanto praticava na direita da linha a *ala dos namorados*. Capitaneada pelo intrepido Rui Mendes de Vasconcellos, e arvorando o seu pendão verde, symbolo da esperança, fazia mil gentilezas d'armas, rechaçando os castelhanos, e sustentando a sua posição como rocha impassivel no meio das ondas embravecidas.

El-rei de Castella, enfurecido com tão obstinada resistencia, reune forças consideraveis, junta-lhes os

seus mais esforçados cavalleiros, e manda carregar o centro da nossa linha.

É tremendo e irresistivel o embate, pela rapidez do movimento, e porque o impelle um esforço desesperado. Debalde tentam os nossos soldados fazer de seus peitos um dique contra a torrente impetuosa. O centro da linha fraqueja em fim, cede ao peso descommunal que o opprime, rompe-se, e franqueia o passo ao inimigo. Mas eis que assoma de improviso o mestre de Aviz com a sua destemida phalange, e faz parar os que julgavam empunhar já a palma do triumpho.

É alli que se empenha a lucta mais encarniçada d'este dia memoravel. Em quanto as duas hostes contrarias pelejam braço a braço, e arcam peito a peito, em duello de morte, o mestre de Aviz, arremettendo com a espada em punho, e á voz de *Portugal e S. Jorge*, pelo meio dos inimigos, desordena-lhes as fileiras, e leva diante de si o terror e a confusão.

Os castelhanos recuam espavoridos, e o primeiro passo que dão para a retaguarda é como o toque da trombeta chamando os portuguezes ao combate geral. O nosso pequeno exercito, animado pela presença do seu rei, estimulado pelo valor e coragem com que elle arrosta todos os perigos, move-se instantaneamente como um só homem, e arremeça-se unido contra o grosso do exercito castelhano.

N'este momento sae d'entre os nossos um guerreiro como raio despedido das nuvens. Vê-se logo tumultuarem os combatentes em torno del-rei de Castella, e em seguida o mesmo guerreiro rompe pelo meio da multidão, abrindo caminho com a espada, e trazendo em volta do corpo um panno de seda com brazão d'armas bordado de oiro. É Antão Vasques de Almada, que fôra arrancar das mãos do alferes-mór de Castella a bandeira real, e que vinha, radiante de gloria, entregal-a ao rei de Portugal!

O inimigo, completamente desordenado, não disputou por mais tempo a victoria. Aquelle grande e lustroso exercito, que pouco antes ameaçava conquistar Portugal, fugia vergonhosamente, disperso e perseguido por um punhado de valentes.

El-rei de Castella foi tão precipitado na fuga, que nada salvou da sua recamara; e tão só e occulto entrou em seus estados, que por algum tempo o julgaram morto na batalha os seus vassallos [1].

O campo ficou juncado de castelhanos mortos no rijo da acção, porém a maior mortandade foi-lhes feita depois de acabada a peleja, deixando-se os fugitivos apanhar quasi sem resistencia. Os escriptores castelhanos calculam a perda do seu exercito em dez mil homens, contando-se em o numero dos mortos muitos fidalgos das principaes familias de Hespanha.

Foi riquissimo o despojo da batalha, pois cairam em poder dos portuguezes o arrayal do inimigo, com todas as bagagens, em que havia grandes riquezas, por quanto, segundo o costume da epocha, os mais ricos fidalgos do sequito del-rei de Castella, entre os quaes se via o infante D. Carlos, herdeiro do throno de Navarra, traziam comsigo custosas baixellas de prata.

O despojo foi repartido entre os soldados; o mestre de Aviz apenas tirou da tenda real doze anjos de prata e o oratorio, tambem de prata, com obra de esmalte, em que D. João I de Castella ouvia missa todos os dias; e d'estes tropheos fez doação á collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães [2].

A batalha de Aljubarrota ficou commemorada em nossos fastos militares como o mais glorioso feito d'armas dos portuguezes. A gravidade das circumstancias em que se achava o paiz; a desegualdade das forças combatentes; a desvantagem do terreno para os nossos, sendo o inimigo tão superior em cavallaria; a brevidade com que foi alcançado o triumpho, pois dizem que bastou meia hora de combate para aquelles poucos portuguezes desbaratarem tão poderoso exercito; em fim, as consequencias d'este triumpho que assegurou a independencia da nação, e que, firmando a coroa na cabeça do mestre de Aviz, lançou os fundamentos á epocha mais verdadeiramente gloriosa de Portugal; todas estas razões dão, sem duvida, áquella batalha o logar mais honorifico entre as victorias dos portuguezes.

O condestavel D. Nuno Alvares Pereira edificou a ermida de S. Jorge, que ainda se conserva, como padrão do sitio onde teve começo a peleja. E o mestre de Aviz não tardou a cumprir o seu voto, erigindo, a pouca distancia, como digno monumento de tão assignalado feito, o *mosteiro de Santa Maria da Victoria*, que, por sua riqueza e perfeição artistica, se tornou celebre em toda a Europa sob o nome popular de *mosteiro da Batalha*.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Este soberano fugiu para Santarem, e d'alli veiu embarcado para Lisboa, onde passou para bordo da sua armada, que estava fundeada no Tejo, e que logo saiu em direcção á Andaluzia.

[2] Vid. a gravura que representa aquelle oratorio, e o artigo que a acompanha, a pag. 137 do vol. IV.

SAUDADES

Lembram-te ainda os sustos, as delicias
do tempo em que eras minha?
quando eu desabrochava entre caricias,
todo esp'ranças e amor, todo primicias,
illusão, primavera?!
meu doce amor, oh! quão feliz que eu era!

Anjo! e tudo lá vae!... tudo! oh! supremo
desengano e impotencia!
o meu passado é cinza, é cemiterio.
Em vão clamo e procuro!
fatal, fatal mysterio!
E espreito em vão na funda consciencia
a luz do meu futuro.
Só trevas, ó meu Deus, no ermo onde habito!
Tudo lá vae... sumido na voragem!...
E pensar que não voltas!...
oh! tristeza!... e pensar que essas delicias,
que hoje me pungem; e essas ancias cruas,
que me enamoram hoje; e os meus suspiros
segredados ao vento, e as nossas arvores
tão sabidas, e as nossas longas tardes,
e os cyprestes, e o templo, e os meus assomos
de enthusiastico amor, ardente, infrene,
cháos de nadas que valia mundos...
tudo ahi jaz! sem tornada!
e esse *tudo* é-nos hoje o olvido! o nada!

Ao recordar... mil vezes
me afogam, me derrubam estas lagrimas
que me pungem, que eu amo,
porque são pranto e sangue teu!

Que vezes
(nunca o sabias tu) que vezes, mudo,
nas horas mortas, quando os mais dormiam,
fui mirar do luar á luz soturna
as janellas que ás tardes me sorriam,
o clarão da tua lampada nocturna!
as torres ponteagudas do mosteiro,
a lageada sonora portaria,
e entre as urzes da bronca penedia
ouvir os choros longos do ribeiro!

Que vezes não busquei sósinho as arvores,
o campestre remanso, a natureza,
confidente de amor aos meus amores!

Que vezes de manhã, parando extatico,
de longe te não vi no teu terrado,
sacudir, preparar, pôr ao ar livre
as tuas avesitas! Que feitiço
em cada gesto! em cada olhar! sorrias,
fallavas-lhes, brincavas... Innocente!

Oh! serena quadra aquella!
tu, singela e descuidosa,
graciosa como as aves,
toda luz, toda harmonias,
reflorias sob o sol;
e como ave, em teus gorgeios
saudavas o arrebol.

Eu de longe, eu todo acceso,
curvo ao peso da alegria,
em poesia me esfolhava,
me embalava ao som das brisas,
pobre arbusto! pobre flor!
e era em versos que mandava
o meu preito ao meu amor.

....

Silencio! escuta!... uma guitarra. Ouviste?
alguma serenata; algum descante.
Quanto nos diz entre o silencio triste
essa viola errante!

....

Queixumes! muito amor!... Dir-se-hia o mesmo
vago instrumento querulo
que usavamos ouvir; não te recordas?

....

Cessa, guitarra, cessa, que espedaças
co'o teu carpir de rôla a corda e corda
a fibra e fibra est'alma! Oh! por piedade,
cessa! não mais...

É ella!... É ella, a mesma.
Oh! solidão!.........................
.... Passou. Fugiu. Deixou-me;
só; só co'a minha dor...

Tinha a guitarra
n'aquelles serões nossos (não te lembras?)
a poesia das noites, o mysterio
da immensidade azul; ria comnosco,
tinha amor, tinha esp'rança, tinha lagrimas...
E hoje...

Alta vae a lua. A serra ao longe
esplende carrancuda e melancolica;
o ceo vasto e purissimo. Eu nos braços
a cabeça encostei, e a mente adeja-me
a ulular nos abysmos da saudade!...

Fevereiro de 1860. JULIO DE CASTILHO.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

I

O auctor d'este conto, que ha vinte annos vagava em Madrid como ave sem ninho, suspirando por um lar que podesse chamar seu, tem já lar e familia, graças a ti, Deus louvado, que lhe déste companheira com quem compartir alegrias e tristezas na longa jornada da vida, que segue com a fadiga no corpo, e a resignação na alma!

Senhor! ao entrar no seio da familia, as minhas primeiras palavras devem ser para abençoal-a; e esta benção á familia é o conto que vou contar áquella de quem, sentado debaixo das arvores que sombreiam a casa de meus paes, espero dizer um dia ao viandante:

— Eis-aqui a santa mãe de meus filhos!

II

Entre as recordações que trouxe, meu amor, do valle natal, e que por espaço de vinte annos de trabalhos e desgostos conservei ungidos com o perfume da innocencia com que saíram d'aquellas queridas montanhas, havia muitas cuja guarda confiei já ao *Livro dos cantares* e aos *Contos côr de rosa;* mas são tantas as que ainda encerro no meu coração, que, dizendo a este: «devolve-me o thesoiro que te confiei quando por ultima vez voltei desconsolado os olhos para o lar de meus paes!», tenho tudo quanto necessito para captivar a tua attenção, e commover a tua alma affectuosa e boa.

Vês essas montanhas que se levantam ao norte, quasi sempre cobertas de neve? Subamos com o pensamento mais alto, muito mais alto que essas montanhas, até que descubramos um torrão do mundo que tem o nome de Encartações, e n'esse torrão descubramos outro infinitamente mais pequeno que tem o nome de Cabia.

Cabia, que no idioma vasconço significa ninho, é propriamente um ninho formado de folhas e flores, que abriga dez ou doze casas, alvas como a neve, e um modesto templo da mesma côr dedicado ao santo do meu nome.

Estreito valle corta o espaço de uma legoa entre duas cordilheiras de elevadas montanhas, e vae morrer no mar.

Na falda do monte, para o levante, fórmam especie de degrau duas collinas parallelas, separadas apenas por estreito barranco.

No portico da egreja parochial de Cabia ha uma escada de pedra, cujo primeiro degrau, composto de uma só peça, se quebrou ha muitos annos com as chuvas que o embrandeciam, ficando no meio, dos fragmentos um fundo canal por onde se precipita a agua, quando Deus rasga as cataractas do ceo.

Assim se divide, trabalhado pelas aguas, o degrau que em outro tempo dava accesso aos cumes do oriente de Cabia, e assim se precipitam agora as aguas pelo profundo e largo canal aberto entre os fragmentos da escada.

O regato desce por entre as duas collinas, queixando-se da escabrosidade do caminho, e correndo como a pedra sôlta na cúspide do Pico-Cinto ou Colisa, persuadido de que o mau caminho deve percorrer-se depressa; mas ao chegar ao ultimo declive da collina, os murmurios são mais apagados, a colera é menos espumante, e quando chega á base apenas se ouve a agua, tão serena vae.

Na base da collina, o regato não murmura, sorri com prazer porque alli encontra nogueiraes e cerejeiras, a cuja sombra descança de suas fadigas, labios frescos e rosados que o beijam, e formosos jardins e hortas que o perfumam com flores e fructos, onde vae passeiar para se distrahir, e receber as orações de maracoteiros e macieiras que lhe arrojam as flores aos punhados.

A collina do sul levanta-se ligeiramente á direita, e a do norte á esquerda, para protegerem dos lados a pequena aldeia de Cabia; e Cabia, assim protegida, vive contente, tranquilla e feliz, esquecida dos homens, mas lembrada de Deus, que é o que mais lhe importa.

As dez ou doze casas de Cabia estão agrupadas sem ordem n'um espaço de tresentos metros, dominando-

as a egreja, onde os moradores da aldeia encontram nos dias festivos o maior jubilo.

Tem a aldeia, ao norte, um regato, que corre á sombra de avelleiras e videiras; e ao sul uma fonte, que brota caudalosa, cristallina e fresca ao pé de corpulento castanheiro, cuja edade passa de seculo, porque Juancho, que tem mais de oitenta annos, diz que já no seu tempo se escondiam os rapazes da aldeia no ôco do tronco do mesmo castanheiro, para soprenderem as namoradas, em quanto estas esperavam que os cantaros se enchessem na fonte, e lhes darem um par de abraços como um par de soes.

Para que inteiramente conheças a aldeia onde occorreu o que vou narrar-te, só me falta accrescentar que ao occidente de Cabia, isto é, como quem desce ao fundo do valle, onde estão a egreja matriz e a principal do concelho, ha um bosque de nogueiras, e no bosque a ermida onde se celebra a romaria de S. Roque.

A casa de D. João Urrutia, por alcunha João Palomo, o proprietario mais abastado de Cabia, foi construida no campo da egreja. É um edificio antiquissimo. Vê-se na porta um escudo de pedra, e em uma das esquinas está um quadrante, tambem de pedra, que presta grandes serviços aos visinhos, pois se não fosse elle nunca saberiam a que horas viviam. Por cima da porta, e por conseguinte sobre o escudo, ha espaçosa janella de madeira, e na janella se estende a pomposa ramagem de duas trepadeiras, que sobem do vestibulo fazendo repetidos *ss*.

No extremo opposto do mesmo campo da egreja, povoado de nogueiras, cerejeiras e outras arvores de fructo, á excepção do pequeno espaço que serve de eira commum á aldeia, está a casa de Antonio de Molinar, formando singular contraste, por sua modestia, com a do outro lado do campo. Á esquerda da porta tem um forno com telheiro, onde se guardam a lenha e o pinho, um carro e diversos instrumentos de lavoira, entre os quaes um arado, uma grade e quatro pás; e á direita ha uma formosa cerejeira, cujos ramos occultam quasi toda a fachada do edificio.

O primeiro andar serve de habitação a Antonio e sua familia; o pavimento inferior, de cavallariça, curral e adega; e o pavimento superior de celleiro. Na parte posterior da casa ha uma horta cercada de muro e cheia de louçãs arvores fructiferas, de que os proprietarios cuidam com singular carinho, embora a sombra d'ellas prejudique as hortaliças.

Tudo é pobre e mesquinho em casa de Antonio, assim como tudo é rico e luxuoso em casa de D. João. D. João vende cereaes a maior parte do anno, e Antonio é repetidas vezes, ou quasi sempre, obrigado a compral-os dois mezes antes da colheita.

(Continua) BRITO ARANHA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

69.°

CARTA

Um condiscipulo meu, cuja morte hei de chorar sempre, tinha feito uma serie de extractos de varias phrases do compendio de philosophia por que estudavamos, sobre as quaes elle tinha suas dúvidas, quanto á vernaculidade e correcção grammatical.

Peço a v. se digne dar-lhe cabimento nos seus *Estudos da lingua materna*, porque me parece que, com as respostas que merecerem algumas das dúvidas que vão apontadas, hão de lucrar os que desejam escrever com acerto. — *Um estudante de philosophia.*

RESPOSTA

Accedendo ao convite que se nos faz, publicâmos as *dúvidas*, e em seguida a cada uma d'ellas a *resposta* que se deseja.

1.°— Deus tem tudo manifestado a nossos olhos, a nossa consciencia e a nosso juizo.— M. 165.

Esta oração é servilmente traduzida do francez, e, além do *tem tudo* ser mal soante, o *manifestado* logo depois de *tudo*, e por isso separado do *tem*, parece que tira ao verbo a fórma composta, e faz do *tem* não verbo auxiliar, mas o verbo activo *ter*. É o *a tout manifesté* dos francezes.

R.— Tem razão.

2.°— E quando nós nos perguntâmos qual é Elle (Deus), etc.

Qual aqui vale o mesmo que *quem*, de modo que *qual é elle*, é como dizer *quaes são as suas propriedades*, *qual a sua natureza*, etc. Em portuguez, parece-me que a pergunta *qual é elle* só se faz para distinguir entre muitos objectos aquelle que se procura.

R.— É bom parecer.

3.°— Os corpos são conhecidos pelo *ministerio* dos sentidos. M. 115.

O *ministerio* aqui está bem empregado?

R.— Está. Assim estivessem todos os ministerios...

4.°— Chamam-se visagens todos os movimentos do rosto e olhos.—A. 35.

Se me não engano, a grammatica pedia que se dissesse *e dos olhos*.

R.— Não pedia, porque o supprimir-se aqui a preposição não causa ambiguidade.

5.°— Do complexo de todos os nossos modos de sentir e d'obrar.— M. 55.

Aqui, pelo contrario, parecia-me que se devia dizer *e obrar*, aliás sôa *dobrar*.

R.— Pela mesma razão apontada na resposta antecedente, se reconhece que a emenda aqui é bem feita.

6.°— Comparando o mais e menos dos objectos, etc.— M. 39.

Eu escreveria *o mais e o menos*, porque para comparar são necessarios dois termos, e *o mais e menos* é um só.

R.— Sim, senhor.

7.°— Abuso *defeso* pela lei.— M. 146.

Defeso entre nós parece valer o mesmo que *prohibido*, nos casos em que se manda evitar ou não usar certa coisa de si existente. Ex.: *armas defesas*.

R.— Está bem *abuso defeso*.

8.°— *Implicar*, no sentido de *involver*, parece-me gallicismo puro.

R.— Como verbo activo não é gallicismo.

9.°— *Identico a si mesmo* talvez se possa dizer, mas acho melhor, *identico comsigo mesmo*.

R.— Ambas as locuções são viciosas.

10.°— Erro metaphysico em que tem incorrido philosophos, etc.— M. 20.

Não acho bom *incorrer em erro:* nem eu sei por quê.

R.— É talvez por ser dissonante; diga-se *cair em erro*, por exemplo.

11.°— Chama-se *bem* não só a *satisfação* da natureza do ente ou o *cumprimento* do fim, etc.— M. 41.

Haverá propriedade em *satisfação e cumprimento!*

R.— Em lingua berbér talvez isto seja muito claro e elegante.

12.°— Será proprio em anatomia dizer *filetes* para explicar o que são nervos?

R.— A imagem não é feliz, mas não faz mal aos nervos.

(Continua) A. DA SILVA TULLIO.

Sala da bibliotheca do mosteiro de Alcobaça [1]

Quem viaja pelo interior do nosso paiz tem sempre diante dos olhos, em a propria natureza inanimada, a imagem fiel da vida humana. A cada passo que dá vê retratarem-se nos monumentos e paizagens a mocidade e a velhice, a alegria e a tristeza, o prazer e a dor, a felicidade e a desventura, os caprichos da sorte, as vaidades do mundo e o desengano d'ellas, a grandeza, finalmente, do poder do homem e a fragilidade d'esse poder.

Nas scenas da natureza, aqui monotonas e melancolicas, ou agrestes e horriveis, alli variadas e aprazíveis, resplendentes de alegria e formosura, estão representados, sem dúvida, o riso e o pranto, a ventura e a desgraça, como no volver das estações as edades do homem desde o berço até á sepultura. Porém, nos edificios em geral, e sobre tudo em os nossos monumentos, é que se ostenta mais perfeita aquella analogia.

Visitae esses grandes mosteiros, que uma lei mandou conservar como monumentos nacionaes, e que a incuria dos governos, o nosso proverbial desleixo, votou ao abandono e esquecimento.

Levantados em honra de Deus, e para commemorarem as glorias do homem, surgiram da terra tão agigantados e fortes, que pareciam feitos para zombar dos seculos.

Quantos dons a felicidade póde dispensar aos seus protegidos lograram-n'os elles com largueza. Enriqueceu-os a historia com tradições gloriosas, a arte com os seus primores, os soberanos com rendas con-

[1] Vid. sobre o mosteiro de Alcobaça, os artigos e gravuras publicados no vol. VI.

sideraveis, os fieis com alfaias preciosas, e os seus habitadores com as luzes da intelligencia, com os fructos sazonados da sabedoria, e com exemplos edificantes de todas as virtudes christãs.

Na sua mocidade abrigaram dentro em si instituições tão robustas e beneficas, que constituiam poderosos elementos de civilisação no meio d'essa anarchia de idéas sociaes e governativas chamada *edade média*.

Então eram venerados como verdadeira casa do Senhor, respeitados como mansão de justos, auctorisados como alcaçar da sciencia, e abençoados como albergue de desvalidos.

Correram os seculos; a civilisação, na sua marcha, foi completando novas phases, durante as quaes foram envelhecendo as instituições, á maneira que iam deixando de corresponder ás necessidades do corpo social. E pela mesma razão que envelheciam se afrouxavam e corrompiam os laços que as prendiam á sua origem.

Assim perderam os mosteiros a sua significação primitiva, e com ella a merecida e benefica influencia que exerciam na sociedade. Todavia, não obstante essa perda, e a transformação do viver de seus moradores, que trocaram a antiga frugalidade e austeridade pelos regalos e doçuras da vida, ainda os mosteiros conservaram por largos annos, n'esse segundo periodo da sua existencia, certa auctoridade que lhes provinha do saber e virtudes de alguns dos seus filhos, e não pouca influencia, para fallarmos com sinceridade, mais devida ao respeito pelo passado, e ao fanatismo dos povos, que a outros titulos justos e honrosos, embora possuissem alguns, e entre estes a caridade que ainda então n'elles se exercia, mas que era em grande parte contrapesada por muitas práticas oppressivas e vexatorias, mesmo pondo de lado a questão da conveniencia publica d'essa caridade, pelo modo por que a exercitavam.

Remoçados durante esse periodo, com honra ou descredito dos reedificadores, segundo se respeitou ou affrontou a arte n'essas reformas materiaes, os seus fastos ainda foram accrescentados com paginas brilhantes, umas doiradas pelo esplendor das festas e pela opulencia da ordem; outras reluzentes com o brilho de nomes que honravam o pulpito e illustravam a litteratura patria.

Continuou o tempo a correr, e a civilisação a avançar, até que o desenvolvimento natural dos seus progressos fez rebentar entre nós a lucta das novas idéas, representantes das novas necessidades, com os velhos principios constitutivos da sociedade. A lucta accendeu as paixões. Estas, na sua violencia e cegueira, desataram ou fizeram afrouxar muitos laços sociaes, augmentando a corrupção dos costumes.

A molestia de que enfermou o corpo social não podia deixar de invadir os claustros, achando-se elles em tanto contacto com o seculo.

Assim entraram os mosteiros no terceiro periodo da sua existencia, periodo que percorreram rapidamente pelo impulso da decadencia moral das instituições, filha de varias causas anteriores, e agora precipitada pela intervenção religiosa nas luctas politicas.

Tomando parte activa n'essa guerra sem tregoas, travada entre o principio absoluto e o liberal, jogaram uma partida sobre a sua existencia. Pelos effeitos naturaes da sua propria decadencia moral, não souberam apreciar, não comprehenderam, não viram, como em taes casos nunca vêem as instituições caducas, as tendencias e a força irresistivel do progresso humanitario. Este deu a palma do triumpho ao principio liberal, que, ao entoar o hymno da victoria, teve o cuidado de decepar os braços que mais lh'a disputaram.

Os contemporaneos tem julgado este acto de anniquilação de diverso modo: uns desculpando-o ou louvando-o, outros censurando-o ou fulminando-o. Cremos profundamente que, depois de extinctas as paixões que tumultuaram n'aquella lucta, a historia imparcial ha de classificar esse acto como uma necessidade da nova ordem de coisas, como a pedra fundamental da estabilidade do systema representativo em o nosso paiz. No que serão accordes, certamente, os juizos dos contemporaneos e dos vindoiros, é em estygmatisarem como acto de barbaridade o procedimento dos governos liberaes pela falta de cumprimento das suas promessas, apropriando-se de immensas riquezas dos conventos, e votando á miseria os seus legitimos possuidores.

Relevem-nos os nossos leitores esta pequena divagação, pois não temos o proposito de discutir a parte moral da questão, nem a importancia da materia consente ser tratada por incidente. O alvo a que mirâmos são os edificios dos mosteiros, principalmente os que a arte e a historia decoraram com o titulo de monumentos nacionaes.

Pela suppressão das ordens religiosas começou, por conseguinte, para esses edificios o quarto periodo da sua existencia. Despovoados repentinamente, foram logo despojados de todas as suas alfaias. Pouco antes altivos pelo seu poderio, soberbos por sua opulencia, e animados por uma população numerosa, viam-se agora, como corpo sem alma, abandonados, desprezados, e entregues á acção destruidora do tempo!

Tal como succede na vida do homem, os tempos felizes d'esses edificios eram passados, e o infortunio batêra-lhes á porta com mão pesada e inexoravel.

Debalde levantavam a voz em seu favor tradições gloriosas, memorias venerandas, jazigos de reis, tumulos de heroes, sepulturas de sabios. Em vão pedia a arte que lhes conservassem os seus primores. Debalde clamava a sciencia economica que os monumentos, ainda mesmo despidos da significação moral, considerados só materialmente, representam verdadeira riqueza publica, pela qual os governos tem obrigação de velar. Inutilmente se ergueram na imprensa brados patrioticos. Tudo foi baldado. A sorte adversa d'estes edificios, a infelicidade d'estes illustres proscriptos, tinha mais força que todos aquelles justissimos clamores, que todos os verdadeiros interesses do paiz.

Vejam como actuam os caprichos da fortuna até na materia bruta, nos proprios seres inanimados; pois não sabemos explicar de outra maneira a obstinação com que os poderes publicos fecharam os ouvidos, em tão longo curso de tempo, a todo o genero de reclamações para a conservação dos monumentos nacionaes.

Felizmente, devemos dizel-o bem alto por honra do paiz, a acção governativa começa a prestar attenção a este assumpto importante. Acudiu-se com reparos ao edificio de Mafra, vae adiantada a restauração do da Batalha, e em bom caminho a do de Belem.

Todavia, ha ainda outros monumentos, ricos de arte e de recordações historicas, que pedem promptos cuidados para os preservarem da ruina. O seu catalogo não é tão curto como muita gente pensará. São poucos os edificios, não ha duvida, que a lei designou como monumentos nacionaes; mas ainda se vêem espalhados pelo paiz muitos outros que devemos classificar como taes, salvando-os da ruina que os ameaça, se por ventura queremos reivindicar os foros de nação civilisada.

Porém, se não temos esforço para acudir promptamente a todos, attenda-se pelo menos aos principaes d'entre os que ainda esperam que se voltem para elles os desvelos do governo.

O convento de Christo, em Thomar, e os mosteiros de Santa Cruz de Coimbra e de Santa Maria de Alcobaça, são tres livros de pedra com paginas glorio-

sissimas dos fastos de Portugal, enriquecidas de honrosos brazões do seu desenvolvimento artistico. E apesar de taes titulos á consideração publica, jazem esquecidos, sobre tudo o primeiro e o ultimo, filtrando-se-lhes as aguas da chuva através das abobadas, e açoitando-lhes as paredes interiores a tempestade que penetra livremente por muitas janellas despedaçadas!

Hoje, que todos desejâmos e procurâmos, á custa de grandes sacrificios, entrar no gremio das nações cultas, precisâmos mais que nunca attender á conservação e restauração dos monumentos. Até agora apenas tinhamos no reino dois pontos visitados de estrangeiros, Lisboa e Cintra. O estado deploravel das estradas, que chegaram a tal ruina que houve quem visse n'ellas o mais forte baluarte da nossa independencia, fechava o interior do paiz aos estranhos. Se algum excessivamente curioso ahi penetrava, arrostando perigos e privações, lançava, ou tinha razão para lançar, á conta das nossas discordias civis, a incuria e desleixo que observava na viação publica, e o abandono e desprezo em que eram tidos os monumentos.

Actualmente mudaram as circunstancias, e mudarão de dia para dia cada vez mais. Já possuimos uma grande extensão de boas estradas macadamisadas; já o reino se acha atravessado por caminhos de ferro em quasi todo o seu comprimento e largura; já começam os estrangeiros, que demandam Lisboa, a percorrer o interior do paiz, em procura do que n'elle ha mais digno de se ver; ja, por grande felicidade nossa, acabaram as revoluções que serviam de desculpa plausivel a todos os desmazelos ministeriaes. E, para complemento do quadro, em breve estará concluido e aberto á circulação o caminho de ferro que nos ha de ligar com toda a Europa.

E que dirão de nós os estrangeiros se virem então no mesmo estado que ao presente o mosteiro de Alcobaça, o monumento coevo com a fundação da monarchia, o pantheon de tantos reis e principes, o logar memoravel onde se guardam em preciosos mausoleos os restos mortaes de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, nomes, graças ao genio de Camões, tão conhecidos na Europa como o de Portugal? Que dirão, se virem maltratado e ameaçando desmoronar-se o convento de Thomar, tão rico de arte como de memorias dos templarios, dos cavalleiros de Christo, do grande infante D. Henrique, e do rei D. Manuel, o afortunado? Hão de dizer, necessariamente, que estão em terra de barbaros, sem embargo de todos os nossos esforços para nos apresentarmos a seus olhos como um povo civilisado.

Oxalá que os poderes publicos nos poupem a esta vergonha, que bem o podem fazer com pequeno sacrificio, consignando uma verba, embora diminuta, para a conservação e restauração d'aquelles dois edificios, e do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, como se praticou com o da Batalha, que ora podémos mostrar com orgulho aos nossos hospedes.

Foi a gravura que precede este artigo que nos suscitou esta serie de considerações. Vendo n'ella representada aquella grandiosa sala que foi bibliotheca do mosteiro de Alcobaça, e que hoje está erma e nua, completamente despojada de seus livros e estantes, e de todos os seus ornamentos moveis, não podémos conter os desafogos da nossa magoa, e as impressões que sentimos todas as vezes que contemplâmos em tamanho desamparo, aquellas sentinellas mudas dos seculos que presenciaram a nossa passada grandeza, aquelles nobilissimos padrões da gloria de Portugal!

A nossa gravura, copiada de uma photographia, mostra metade da sala, ou pouco mais, pois que o centro lá se vê marcado no pavimento com uma figura circular enxadrezada. Não é proporcionada a altura com a vastidão da sala. Se tivera maior elevação offereceria um aspecto muito mais grandioso. Apesar da sua extensão, é muito alegre, porque uma das paredes em todo o comprimento da sala está aberta em grandes janellas, com seus oculos por cima, correspondendo a estes outros oculos eguaes na parede fronteira. O pavimento é de marmore de côres em mosaico; e o tecto de obra de estuque e pintura, não de muita perfeição, mas vistosa. As paredes, hoje nuas, vestiam-se outr'ora com as estantes dos livros, e por cima d'estas com paineis a oleo, com laminas e figuras de alabastro.

Não havia em tudo isto coisa alguma de primor de arte; comtudo, taes ornatos davam á sala uma certa perspectiva de magnificencia, que encantava a quantos a viam.

Foi, sem duvida, um acto de vandalismo despojal-a dos adornos que lhe formavam uma feição tão particular, e que fóra d'alli pouco valor podem ter.

Depois do que expozemos ácerca do estado geral do edificio de Alcobaça, admirar-se-hão, por certo, os nossos leitores de lhe dizermos agora que a sala da bibliotheca está bem conservada. Dando-lhes esta boa nova, é justo que accrescentemos que se deve essa conservação ao sr. conselheiro Hermenegildo Augusto de Faria Blanc, digno deputado pelo circulo de Alcobaça, o qual solicitou e conseguiu o concerto do telhado correspondente á mesma sala.

A bibliotheca de Alcobaça contava perto de vinte e cinco mil volumes, em que avultavam muitas obras raras, e entre estas algumas impressas pelo proprio Guttenberg. Porém os manuscriptos é que constituiam a sua principal riqueza, e a tornavam celebre em o nosso paiz. Conforme o catalogo que se publicou em 1775 passavam de quatrocentos os codices manuscriptos, nos quaes se continham importantes noticias e valiosos documentos para a historia de Portugal.

Em 1834 foi recolhida a Lisboa esta livraria, depois de empobrecida por effeito de muitos extravios. Entretanto, quasi todos aquelles preciosos codices, e muitas edições raras, no mais perfeito estado de conservação, existem actualmente na bibliotheca publica de Lisboa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE INSTRUCÇÃO PUBLICA

I

Debatem-se renhidamente nos pontos mais cultos da Europa as gravissimas questões que dizem respeito á instrucção do povo; em França versam todas as discussões sobre o ensino gratuito ou não gratuito, concentram-se todas as intelligencias no estudo das razões que militam a favor de um ou de outro d'esses dois principios, e os homens politicos, depostas as armas das luctas partidarias, procuram com afinco resolver o problema, cuja solução definitiva tanto importa á humanidade. Em Inglaterra a iniciativa particular e a iniciativa governamental, impellidas pela mais nobre de todas as rivalidades, pela mais sublime de todas as emulações, porfiam em dissipar as trevas espessas, para onde milhões de causas, insuperaveis em qualquer paiz menos energico, arrojam as classes proletarias. Redobram as experiencias, os esforços, os inqueritos, os relatorios, tudo se tenta, aproveitam-se todos os raios de luz, acolhem-se os fios de todas as Ariadnes, e governo, clero, particulares, embebidos na sua tarefa santa, gloriam-se todos os dias de uma victoria, enthusiasmam-se com a conquista de um palmo de terreno, cedido pela ignorancia e pela depravação á fada, trina e luminosa, que se chama civilisação moral, material e intellectual.

Regala-se um homem de ser portuguez, ao comparar a azafama, o bulicio dos outros paizes com o despreoccupado socego d'este solo em que tivemos a dita de nascer. Vive-se bem aqui! Ninguem se lembra de quebrar a cabeça com coisas que, por fim de contas, nem valem um bom logar na alfandega, nem são capital que renda cincoenta por cento. Bem diz o rifão: Quem é pobre não tem cuidados. Em França, em Inglaterra, onde abundam os meios de se instruir o povo, onde fervem as escholas, onde a instrucção está derramada mais ou menos por todas as classes, todos se entregam á louca ambição de propagarem cada vez mais as luzes, de realisarem, o melhor que possam, a formosa utopia dos modernos Orpheos: «Illustração universal». Aqui, onde as escholas definham á mingua de recursos, onde o corpo docente arrasta uma existencia atribulada, onde a instrucção primaria é manjar privilegiado de poucos, e não alimento commum, aqui todos parecem deliciar-se com o estado das coisas, e acreditar, como o doutor Pangloss, que vivemos uma vida invejavel no melhor de todos os mundos possiveis.

De quem é a culpa? Da indolencia dos ministerios, ou da preguiça dos populares? Sempre que se formular esta pergunta, ha de se ouvir a mesma resposta: «De ambos»; porque é incontestavel que todos os males que corroem a existencia dos povos, se originam tanto na pessima administração do governo, como na inercia dos governados; porque nos paizes em que a iniciativa individual tenha energia, nunca serão irreparaveis as feridas rasgadas pelo poder; e temos d'isso um exemplo frisante na Inglaterra, que lucrou, de certo, muito com as habeis administrações dos Peels e dos Russells, mas que não cairá n'um abysmo quando o acaso levar ás cadeiras do ministerio governantes incapazes de cumprirem a alta missão que lhes incumbe.

Não tratemos, pois, de desculpar-nos com o eterno estribilho dos portuguezes: «Se o governo...» O governo é, de certo, culpado e muito culpado da misera organisação da nossa instrucção publica; mas se o piloto dorme na hora do perigo, nem por isso a tripulação deve cruzar os braços, e se despregarem com afoiteza as velas, se mostrarem energia, dedicação, á causa commum, o piloto sentir-se-ha obrigado a tomar o logar que lhe compete, sob pena de se ver desprezado e desprestigiado, e responsavel aos olhos de Deus pelas desgraças que succederem.

A collaboração efficaz da iniciativa individual e dos esforços do governo tem sido a varinha magica com que a Inglaterra tem produzido prodigios. Mas o que é possivel tentar-se, o que é possivel fazer-se com estes quatro milhões de egoistas que habitam este canto do Occidente? O que é possivel fazer-se com estes homens que, depois de terem pago a sua contribuição (se se não poderam eximir a isso), acompanhando o pagamento com uma enfiada de epithetos injuriosos dirigidos a quem tem a desgraça de gerir os negocios publicos, se tal nome compete aos negocios de um paiz onde não ha... senão particulares, voltam para sua casa, e, entendendo que cumpriram amplamente o seu dever de patriotas, esperam tudo o mais do governo, e vociferam se este lhes não dá caminhos de ferro para as quintas, canaes para lhes regarem as hortas, sinos para a egreja, paramentos para a sacristia, educação para os filhos, e logares para os afilhados? O que é possivel tentar-se com estes homens que não comprehendem a politica senão debaixo do ponto de vista eleitoral, que não pensam em estudar as questões que lhes interessam a elles proprios, em apresentar o resultado dos seus estudos, em contribuir para que se ponham em pratica? O que se póde fazer com esta massa inerte de quatro milhões de homens que morrem á séde a dois passos da fonte, se o governo não mandar encher o cantaro, e lhes não chegar a agua ao alcance dos labios?

Sejâmos justos; os governos mais habeis desmaiariam na tentativa de regenerarem um povo que protesta energicamente contre o proverbio francez «*Aide toi, le ciel t'aidera*». Se o marquez de Pombal conseguiu alguma coisa, foi porque teve uma classe que tirou do nada, cujos instinctos acariciou, e que em compensação o auxiliou poderosamente: essa classe foi a burguezia. Voltasse agora ao mundo, e veriamos se os barões e viscondes, descendentes dos seus tendeiros e algibebes, seriam capazes de alguma coisa mais do que dar uma esmola ostentosa de vinte ou trinta libras a algum estabelecimento pio!

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

CONSTANTINO

(REI DOS FLORISTAS)

Tão antigo e natural é o desejo de conhecermos até as minimas particularidades da vida dos homens que sobresáem do vulgo, que todos os povos tem o seu Plutarcho, quer seja nos livros, quer nos monumentos, nas estatuas ou na tradição oral.

A biographia é a estatuaria da historia, galeria immensa onde se alternam os vultos beneficos com os malevolos, para que a posteridade lhes faça justiça, segundo as acções que os levaram a esse pantheon.

O afamado artista portuguez, cujo retrato estamos vendo, tem já conquistado o logar que lhe pertence na historia dos homens illustres de Portugal. As linhas que vamos encher, são apenas o annuncio das paginas que no porvir se lhe hão de consagrar.

Constantino José Marques de Sampaio e Mello nasceu em Moncorvo, na provincia de Traz-os-Montes, a 18 de agosto de 1802.

Poucos mezes depois ficou orphão de pae e mãe, victimas de uma epidemia que assolou aquella provincia. Duas tias paternas o mandaram criar, e, quando chegou a edade conveniente, o entregaram aos frades do convento de S. Francisco de Moncorvo.

Constantino mostrou logo absoluta falta de vocação para a vida monastica; repugnavam-lhe as austeridades do noviciado, vivia mais na cêrca que no claustro, porque os frades eram mui dados á cultura das flores, e tinham um jardim onde criavam as mais raras e mimosas plantas.

Era alli que o violentado fradinho achava lenitivo ás mortificações da clausura; foi alli que a sua imaginação se desenvolveu; que elle começou a estudar a natureza nas formosas paginas da vegetação, e onde a sua alma de artista se revelou.

Estava proximo o termo do noviciado, e as tias de Constantino queriam que elle professasse. Tantos annos não haviam ainda conseguido o que poucos mezes alcançam, quando a vocação é espontanea, e a vontade firme e decisiva.

Todos os parentes se conjuraram para o obrigarem a tomar ordens; Constantino, para quem já era limitado campo de herborisação a cêrca franciscana, não podia condescender com os desejos dos seus parentes; foi rogado, ameaçado, mas não conseguiram demovel-o do proposito de sair do convento.

Então lhe declaram suas tias, que ou havia de ser frade, ou lhe fechariam para sempre as portas de sua casa.

Tudo foi baldado. Constantino pendurou o habito, saíu de Moncorvo, dirigiu-se a Viseu, e sentou praça no batalhão de caçadores 5, que então guarnecia aquella cidade.

Orphão, sem officio nem beneficio, engeitado dos

parentes, na flor da edade, abraçou a profissão das armas, que frequentemente nobilita e ampara os desherdados da fortuna.

Ainda bem não tinha vestido a farda quando rebentou a revolução de 1820 na cidade do Porto. Caçadores 5 propugnou sempre pela causa da liberdade constitucional; e quando o general Silveira, conde de Amarante, fez a contra-revolução de Traz-os-Montes, no anno de 1823, caçadores 5 foi um dos mais denodados corpos da divisão que bateu o general Silveira, perseguindo-o até ao interior da Hespanha, onde elle com suas tropas se havia refugiado. N'esta batalha foi Constantino feito cabo de esquadra por distincção.

A divisão liberal regressou a Lisboa; mas a esse tempo tinha já sido restaurado o governo absoluto, pelo que o batalhão de caçadores 5, como o mais perigoso para o novo governo, foi desarmado, e todas as praças remettidas para a ilha Terceira, que então governava o general Stockler.

Constantino seguiu a sorte de seus camaradas, e conservou-se na Terceira, até á tomada d'aquella ilha pelo conde de Villa Flor. A guarnição foi licenciada; e parte veiu para Lisboa. Constantino, logo que chegou, alistou-se no batalhão de voluntarios realistas de Villa Flor, e depois marchou para o cerco do Porto. Levantado este famoso assédio em 1833, Constantino veiu combater nas linhas de Lisboa; e seguiu o exercito realista até á convenção de Evora Monte, no posto de alferes porta-bandeira.

Foi elle um dos poucos que embarcaram em Sines com a comitiva do sr. D. Miguel, e aportou em Genova no mez de junho de 1834.

Se quasi todos estes infelizes emigrados iam pobres e á ventura, Constantino era dos mais indigentes. Apenas levava comsigo um bracelete e uns brincos

Constantino, rei dos floristas

de oiro que lhe deixára sua irmã, victima da colera morbus em Santarem. Com o producto d'estas saudosas memorias, alugou um quarto no hotel da Aguia, que dentro em poucos dias teve de deixar, por se lhe haver acabado o dinheiro.

Percorrendo a cidade, parou defronte do mostrador da loja de mad. Vieillard, a primeira florista de Genova.

Tinha elle aprendido a fazer flores de pennas durante a sua residencia na ilha Terceira; e nunca se esquecêra de colher, pelas provincias que percorrêra, os exemplares mais raros e mimosos que se lhe deparavam.

Entrou, pois, na loja da franceza, e offereceu-se para fazer um ramo á moda das ilhas. Mas as flores de pennas não eram procuradas em Italia; pelo que mad. Vieillard apenas o empregou em lhe preparar as tintas para uma encommenda que n'esse dia recebêra.

Começava Constantino a desassombrar-se da miseria que o opprimia, quando o governador de Genova publicou um edital mandando sair da cidade todos os estrangeiros que não justificassem ter modo de vida conhecido. O nosso infeliz compatriota estava comprehendido n'esta proscripção, porque a florista franceza receou abonal-o. Apresentou-se ao governador, descreveu-lhe a sua situação, e logrou commovel-o a ponto de alcançar um subsidio em quanto se demorasse em Genova.

Foi então que elle se resolveu a ir procurar na capital do mundo artistico a confirmação do seu talento para a arte que desde a infancia se lhe sorrira, e que nunca desamou, apesar das repulsas e desdens que havia soffrido por tantas vezes.

Com uma carta de mad. Vieillard para mr. Flamet, fabricante de flores artificiaes em Paris, partiu em 1834 para França, que é hoje a sua patria adoptiva, e onde, de triumpho em triumpho, chegou a ser acclamado rei dos floristas.

II

Constantino chegou a Paris a 13 de dezembro de 1834, tendo visitado as principaes fabricas de flores de Turim e Lyão.

Todo o seu haver era uma pequena mala e 3 francos. Como não sabia uma palavra de francez, procurou o hotel de Portugal, mas ninguem alli fallava portuguez!

N'esse mesmo dia foi entregar a carta de recommendação que trazia para mr. Flamet, que o convidou a jantar, e lhe encommendou um ramo de flores

de pennas, no que já era insigne o nosso artista. Este primeiro ramo causou tanta admiração em Paris, que a guarda nacional o comprou a mr. Flamet para offerecer á rainha Amelia, consorte de Luiz Filippe.

Não deixou isto de causar inveja aos floristas parisienses, porque mr. Flamet, em vez de dar trabalho a Constantino, como lhe promettêra, o enviou a uma florista chamada Guérion, tão orgulhosa, depois de lhe dizer que em Paris havia floristas de mais, o aconselhou a que se deixasse de similhante profissão, em que nunca havia de fazer fortuna, e que melhor era ir para a Russia ser cozinheiro!

Mr. Chagot, a quem se dirigiu Constantino, fez-lhe uma encommenda de 300 francos de flores, que o nosso artista apromptou a credito; mas, quando lh'a foi levar, Chagot rejeitou-lh'a. Humilhado por esta injustificavel recusa, e obrigado a vender as flores pelo preço que lhe offerecessem, apenas achou quem lhe désse 80 francos, o florista Lefort, que prometteu indemnisal-o do prejuizo se as podesse vender pelo seu valor. E com effeito, tres semanas depois, mr. Lefort foi a casa de Constantino, que trabalhava n'um sexto andar da rua de Cléry, e lhe levou 20 francos, além de lhe fazer uma nova encommenda.

Esta louvavel acção refere Constantino com agradecimento, e em abono da probidade do artista francez.

Não obstante a perfeição dos artefactos de Constantino, a fortuna não lhe era propicia. Tentára estabelecer-se, mas não achava socios nem capitaes. A um acaso, que podêmos chamar providencial, deveu elle o que não pôde conseguir com diligencias e instancias. Foi o seguinte.

Indo uma noite levar a mr. Lefort um ramo que lhe encommendára, perdeu-se no caminho. Dirigiu-se a um sujeito que ia passando, o qual não só o conduziu á fabrica de mr. Lefort, mas acompanhou-o a casa. No caminho, Constantino revelou-lhe as intenções com que viera a Paris, e as desillusões por que havia passado.

No domingo seguinte, o desconhecido foi a casa de Constantino, e offereceu-lhe uma somma para ajuda de poder trabalhar por sua conta, offerta que o nosso artista acceitou.

Um mez depois foi o mesmo individuo propor a Constantino uma sociedade para trabalharem em commum.

Desde então nunca mais mr. Isidore se separou de Constantino, e suppomos que ainda hoje é o contramestre da grande fabrica do rei dos floristas.

(Continua) A. DA SILVA TULLIO.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(CONTO CÔR DE ROSA DE ANTONIO DE TRUEBA)

REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER

(Vid. pag. 7)

III

Disse que Cabia se encontrava na falda das montanhas que estão ao oriente do valle, e falta-me accrescentar que na base das montanhas oppostas, em frente de Cabia, alveja ainda a casa onde passei a puericia.

Compunha-se de parentes nossos a maior parte dos habitantes de Cabia. Todos os annos, no dia de Santo Antonio, minha mãe, já fallecida, levantava-se apenas ouvia o canto dos passarinhos nas arvores, cuja ramagem dava nas janellas, e nos despertava a meus irmãos e a mim.

Precisava geralmente chamar-nos meia duzia de vezes para que nos levantassemos; mas no dia de Santo Antonio, apenas nos chamava uma e logo estavamos de pé.

Viamos da janella erguer-se branquissima columna de fumo de cada chaminé de Cabia; e se escutassemos com attenção ouviriamos o alegre som dos tamboris e o não menos alegre dos sinos.

O fumo e o som tiravam-nos das nossas casas, e a muito custo podia minha mãe conseguir que estivessemos quietos em quanto nos lavava, penteava e enfeitava, porque a alegria que o tamboril e os sinos de Cabia infundiam em nossa alma fazia-nos saltar e brincar por mais que minha mãe nos dissesse:

—Verás, verás que açoite levas se não estás quieto!

Quando, cercando nossa carinhosa mãe, chegavamos a Cabia, encontravamos a aldeia vestida de gala... de gala o humilde mas formoso templo, de gala as casas, e de gala os habitantes.

Disputavam os nossos parentes o prazer de contarnos entre os convidados, não pelo nosso merecimento, mas pela natural bondade d'aquelles individuos; e o dia de Santo Antonio era para nós um dos mais felizes do anno, posto contassemos de menos meu pae, que raras vezes ia ás romarias, segundo elle dizia, porque não gostava d'ellas, e segundo eu depois comprehendi, porque, necessitando ficar alguem em casa, asseverava que não tinha n'isso prazer, a fim de que minha mãe não deixasse de ir á festa.

Os sabbados eram tambem dias muito felizes para nós, porque no sabbado não havia aula, e acordavamos sempre com a esperança de que nossos paes nos deixariam ir passar o dia para Cabia.

Apenas nos levantavamos, minha mãe via-nos fallar em segredo, e ainda que não ouvisse de que tratavamos, adivinhava-o, sorria-se e fazia-se dissimulada. A conversação entre nós limitava-se ao seguinte:

— Rapazes, vamos dizer á mamã que nos *deixe*... (não havia necessidade de accrescentar para que nos havia de deixar).

— Sim, sim, vamos dizer-lhe.

— Dize-lh'o tu.

— Não me atrevo.

— Tambem eu não.

— Se lh'o disseres, dou-te a minha pélla.

— Não digo, porque ralhará comnosco.

— És medroso.

— Mais medroso és tu.

O projecto de pedir a minha mãe que nos deixasse ir a Cabia ficava de parte; não perdiamos, todavia, a esperança de ir a Cabia no domingo.

Durante o sabbado, a cada ruido que sentiamos occorria-nos logo o nome de Cabia para que a mamã o ouvisse.

— Ha nos bosques de Cabia grande queimada! Se terá communicado fogo á herdade do tio Ignacio?

Minha mãe fazia-se desentendida.

— Deve estar ámanhã muito bonito em Cabia o jogo de espadas que alli se faz quando sae a procissão!

Minha mãe não ouvia.

— Haverá danças! E isto ha de ainda ser mais bonito!

Minha mãe dizia:

— Ao outro ouvido.

— Concorrerá muito povo ámanhã a Cabia, porque os provincianos jogam á pella uma onça.

— Já é! — exclamava por fim minha mãe. Tendes-me atormentado com Cabia! Vão, vão para lá, e veremos se não regressam.

Lançavamos então os bonés ao ar, dando saltos de alegria e corriamos a bom correr.

— Mas onde vão, nos gritava minha mãe, com essas camisas e essas caras, que parecem carvoeiros? Ora vejam que doidos! Ainda que nos matassemos, diriam todos que não tinham mãe solicita. Dê-nos Deus paciencia para com estas creaturinhas!

E assim dizendo, minha mãe enfeitava-nos como uns brinquinhos, e accrescentava despedindo-nos com um beijo:

— Ide com Deus, rapazes, que me haveis de tirar a vida! Podeis despedir-vos de Cabia, que ha de chover antes que torneis lá.

Se chovia antes do immediato domingo, cumpria-se a predicção de minha mãe; mas se não... minha mãe não se acreditava como prophetiza.

Certo sabbado do mez de agosto, chegámos a Cabia ás quatro horas da tarde, apesar de que o calor fôra tão grande n'aquelle dia, que vimos litteralmente tisnadas as peras nas pereiras que dão sobre a estrada que conduz da ermida de S. Roque á aldeia.

Recordo-me muito bem de tudo isto, não obstante contar apenas dez annos.

Havia debulha na eira de Cabia.

As égoas, que tinham terminado a sua tarefa, comiam boa ração atadas aos troncos das arvores immediatas á eira, e os debulhadores, que tinham dormido a sésta depois de jantar á sombra das mesmas arvores, começavam a levantar-se resmungando, porque D. João de Urrutia lhes gritava da janella:

— Vamos acima, que já é hora de trabalhar!

Seguindo o costume que ha n'aquelle paiz de se auxiliarem mutuamente os visinhos nos trabalhos que requerem muitos braços, todos os visinhos de Cabia, assim mulheres como homens, assim anciãos como rapazes, foram apparecendo na eira providos de forquilhas, alviões e outros instrumentos para ajudar a recolher o debulho.

Pozeram todos mãos á obra, os homens separando a palha com as forquilhas e amontoando o trigo no centro da eira com os alviões, as raparigas conduzindo a palha ao palheiro de D. João de Urrutia, e as mulheres varrendo o trigo que iam entornando os alviões.

Tambem os rapazes trabalhavamos... dando voltas sobre a palha, embora D. João, que presenciava a empreitada, nos gritasse de vez em quando, lançando mão da arreata das égoas:

— Tirem-se d'ahi, rapazes do demonio!

A conversação era animada na eira; mas a animação foi augmentando quando começou a notar-se um delicioso aroma de carne de porco frita, que vinha da casa de D. João, e este, respondendo ás interpellações indirectas que se lhe faziam, annunciou que em seguida áquelle aroma appareceria uma deliciosa perna frita com toda a perfeição, e quatro cantaros do melhor vinho da sua adega.

Feliciana, uma das raparigas mais formosas da aldeia, poz á cabeça um mólho de palha, auxiliada por Antonio de Molinar e Bento, o criado de D. João; porém o mólho pesava tanto que a pobre rapariga teve que lançal-o em terra a poucos passos da eira.

— Devias ter rebentado! — disse-lhe Antonio cheio de cólera.

— Jesus, que lingua! — exclamaram as mulheres.

— E sería bom, visto que se empenha em carregar sobre posse, replicou Antonio, mostrando-se ainda mais encolerisado.

— Mais carregarás tu dentro de pouco, disse D. João.

— Eu?

— Sim. O matrimonio sempre pésa mais que um mólho de palha.

— Se o matrimonio é como Deus o manda, não senhor; respondeu Antonio já quasi tranquillo.

Feliciana sorriu-se e olhou Antonio com especie de gratidão.

— Então Feliciana vae casar-se em breve com Antonio? — perguntou uma das visinhas.

— Lê-se ámanhã o primeiro proclama, respondeu o prior, da porta da egreja onde apparecêra.

Feliciana baixou os olhos córando.

— Tem mau gosto, sr. prior! — disse D. João.

— Olhem como elle aconselha!... — exclamaram ou pensaram todas as mulheres presentes. Guarde para si essas idéas, pelo amor de Deus; e já que se não casa, deixe que outros façam a sua vontade.

— Mas eu faço-lhes com isso grande bem.

— Não sou d'esse parecer, sr. D. João, replicou o prior. Póde v. exc. permanecer solteiro todo o tempo que lhe aprouver; mas offende a Deus e á sociedade defendendo o celibato.

— Aqui está Juancho, que póde sentenciar este pleito, disse D. João, mostrando um velho que para descançar accendia o cigarro, sentado na margem da eira. Teve já tres mulheres, e com ellas viveu como o cão com o gato.

— É verdade, respondeu Juancho. Saíram-me todas de mau genio. E por isso é que nunca houve na minha casa senão desavenças.

— Ora vejam, disse o prior, como se attribue ao matrimonio o que só é effeito do mau caracter, da má indole, ou da falta de prudencia dos que o contrahem!

— Da prudencia de Antonio não formo muito boa idéa.

— E por que?

— Porque Antonio se apregoa ámanhã.

— Não nos tire o animo, sr. D. João! — exclamaram as mulheres, e D. João continuou:

— Em quanto ao genio de Antonio... o panno conhece-se pela amostra.

— Sim, disse uma das visinhas, Antonio tem genio inflammavel como a polvora; mas Feliciana é uma joia abençoada, e aposto que antes do anno porá o marido mais macio que o veludo.

— Tem razão, Antonia, disse o prior. A mulher affavel, prudente e boa, consegue facilmente imprimir o seu caracter no marido irrascivel, turbulento e mau.

— Pois, senhores, disse Antonio, que se abstivera de entrar n'aquella especie de discussões: podem dizer o que quizerem do matrimonio, porém eu, embora seja um pobre rustico, fiz tambem os meus calculos, e resolvi que o matrimonio, sendo como Deus o manda, é uma grande coisa. Um individuo caminha por essa malfadada estrada da vida com a alma e o corpo carregados, e carece de alguem que, por affecto e dever, o ajude a levar a carga, sob pena de cair no caminho ou fazer a jornada aos trambulhões. Dispoz Deus que o homem procure por companheira a mulher, e a mulher por companheiro ao homem; e Deus foi mais sabio que Salomão, porque disse para comsigo: com o elo que prende a mulher ao homem, e com o elo que prende o homem á mulher, apertar-se-ha a cadeia que nada quebrará, e d'este modo andarão ambos levando cada um metade do peso.

— Cala-te, homem, cala-te, não digas tolices, disse D. João.

— Parece-me que o sr. D. João é quem as profere, e não elle, replicou Antonia, tornando-se echo do que pensavam e murmuravam os circunstantes, e particularmente as mulheres.

— Antonia tem tanta razão como Antonio, ajuntou o prior. O matrimonio e a familia, que é a sua consequencia, são tão necessarios ao individuo como á sociedade.

— Pois eu, sr. cura, continuo a...

— Que obstinação, santo nome de Jesus! — exclamaram as mulheres pela boca de Antonia. Quererá v. exc. saber mais que o sr. prior?...

— Desculpe-me o sr. prior; mas o que sei é que, apesar de ser homem como o primeiro, não reconheço essa necessidade que o reverendo prior e todos aqui com elle proclamam. Tendo, como tenho, dinheiro, tenho egualmente criados que me ajudam a levar a carga que me indicam, e importam-me pouco a esposa,

a familia e todas as coisas que vossês julgam tão necessarias.

— Arrepender-se-ha...

— Arrepender-me?...

— Tão certo como chamar-se D. João de Urrutia.

— Não me chamo assim; o meu nome é *João Palomo.*

— Só o guiso e só o como.

— Exactamente.

Uma mulher, sêcca e alta como um espinafre, assomou á janella da casa de D. João.

— Bento! — disse, vem buscar a merenda, que já está prompta.

Bento lançou-se a correr, e todos, menos o reverendo prior, que não quiz esperar para participar d'ella, formaram roda no campo, cheios de alvoroço, dispondo-se para a merenda.

Instantes depois chegaram Bento conduzindo um cantaro com vinho, e a mulher sêcca, que era Ambrosia nem mais nem menos, a governante de D. João, trazendo um grande cesto com a merenda.

Foi esta alegre como paschoa florida.

O vinho concorreu para que repetidas vezes chamassem João Palomo a D. João de Urrutia, e que Juancho lembrasse que Ambrosia, apesar de ser santa, não encontrára um desgraçado que lhe désse a metade da carga, ao que Ambrosia para logo respondeu:

— Vossê tambem é bom homem...

(Continua) BRITO ARANHA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

70.°

(Vid. pag. 8)

13.°— Esse sentimento particular que nos manifesta e aprecia a belleza chama-se *gósto.*— M. 45.

Parece-me duvidoso que um sentimento aprecie, embora possa servir, e até seja necessario, para a apreciação. Tanto isto é verdade, que para um *gósto delicado e firme*, em litteratura, por exemplo, não basta a disposição da natureza ou o sentimento, se não houver juizo recto e boa educação litteraria. *Ego nec studium* (dizia o bom mestre Horacio) *sine divite vená, nec rude quid prosit video ingenium.*

R.—Vid. o artigo a este respeito a pag. 237 do vol. IV.

14.°— Quando nos são conhecidas pelo senso intimo. — A. 33.

Será melhor *quando as conhecemos?*

R.— É como se deve dizer.

15.°— A maior parte de nossos juizos.— A. 53.

Não sei por que gósto mais de dizer *dos nossos juizos*, posto que nos classicos se encontra a cada passo de um e de outro modo.

R.—Pois sigam-se os classicos, e use-se de qualquer d'estes modos, segundo convier.

16.°— Se prescindirmos da evidencia, a verdade *é* impossivel para nós. A. 55.

Eu acho melhor grammatica *será.*

R.— E é.

17.°— Poder-se-ha dizer problema *disputado* entre os philosophos, em vez de *discutido?*

R.—Póde. Com a differença que *disputar* tem principalmente a accepção de *contestar*, *contrariar;* e *discutir* a de *demonstrar*, *comprovar*, *examinar*, etc.

18.°— Esta theoria não se accorda com...— A. 65.

Será puro *accordar?*

R. — É. Mas para evitar a collisão que produz o som de *s'accorda*, deve-se variar de verbo, dizendo: não *concorda*, ou, não *se concilia*, etc.

19.°— A philosophia deve estar ao alcance de todas as luzes.— M. 5.

A minha duvida é nas *luzes.*

R.— Devia dizer: ao alcance de todos os *entendimentos*, *intelligencias*, etc.

20.°— Independente de toda outra.— M. 14.

Toda outra em logar de *outra qualquer* será legitima phrase?

R.— É espuria e inadmissivel.

21.°— A relação de conveniencia ou de sociabilidade entre as qualidades, etc.— M. 16.

A minha duvida é no *sociabilidade.*

R.— Duvida com razão; e é muito sisudo em não se rir do desconchavo.

22.°— Tanto o movimento como o repouso póde...— M. 31.

Seria melhor *podem?*

R.— É como deve concordar.

23.°— Estas palavras de Rousseau: «*Dirons nous que l'histoire de l'Evangile est inventée à plaisir*».

Estarão assim bem traduzidas: «Diremos nós que a historia do Evangelho é inventada *a gosto?*»

R.— A *belprazer*, traduzem os nossos bons auctores.

24.°— Não será gallicismo a palavra *accordo* n'este exemplo: submetter ao exame da razão o accordo (isto é, conciliação) dos attributos divinos?

R.— Não é.

25.°— Cumpre que o culto seja sincero, *ou elle* seria uma hypocrisia.

Será bom portuguez?

R.— Não senhor, é bom francez.

26.°— Poder-se-ha dizer: *considerando-se o mais forte* em vez de *julgando-se o mais forte?*

R.— Póde.

27.°— Está em uso dizer-se: *não é provado* em logar de *não está provado?*

R.— Ha casos em que se póde variar o tempo do verbo.

28.°— De *mais em mais* em logar de *cada vez mais* é portuguez?

R.— Portuguezissimo.

29.°— *Em quanto* póde entre nós ter a significação de *pois que* ou *no caso de?* Ex.: A philosophia *em quanto* se póde considerar a primeira das sciencias é a mais util de todas; a philosophia *em quanto* bem estudada concorre, etc.

R.— Isto é pura algaravia.

30.°— O estado da instrucção elementar entre nós exige que os compendios sejam compostos em linguagem vernacula.

E se a instrucção estivesse n'outro estado?

R.—Talvez o auctor aconselhasse que se compozessem em linguagem hebraica!

31.°— Nenhum viajante tem referido que a crença em Deus tenha começado.

A minha dúvida é no *tenha começado* depois do *tem referido.*

R.— Isto prova o uso afrancezado de metter verbos auxiliares onde a lingua portugueza prescinde muito bem d'elles.

32.°— Dever-se-ha dizer *para um e mesmo fim*, ou *para um e o mesmo fim?*

R.— Em ambos os casos é batologia.

33.°— A sciencia *a* mais universal...

Eu julgo o segundo *a* escusado, e estava capaz de lhe chamar gallicismo.

R.— Póde-lh'o chamar afoitamente.

34.°— Poder-se-ha dizer que *não faltam litteratos para compor compendios de philosophia?*

R.— E accrescentar-se, que não faltam philosophos para fazer romances, para assim ir tudo baralhado.

35.°— *Formar-se-ha idéa* será gallicismo?

R.— Não, senhor.

(Continua) SILVA TULLIO.

Vista de Lisboa do lado do oéste

Ha trinta annos a industria fabril apenas era representada em Lisboa, póde-se assim dizer, por algumas poucas fabricas creadas e sustentadas pelo estado. Existiam, é verdade, muitos outros estabelecimentos fabris espalhados pelo interior da cidade e pelos seus arrabaldes; porém nenhum avultava pela importancia do seu trafego, ou pela perfeição dos seus productos.

Agitou-se por esse tempo uma questão economica da mais alta transcendencia para o paiz. Tratava-se de nada menos que designar a vida ou occupação que convinha a Portugal. Uns optavam pela industria agricola, dizendo que uma nação, que a Providencia collocára em um paiz fertil, cortado de muitos rios, na maior parte, talvez, ainda inculto, e sob um ceo tão benigno, que a terra produz fructos de differentes regiões e de oppostos climas, devia ser, tinha obrigação de ser, essencialmente agricola. E accrescentavam que, não podendo Portugal entregar-se ás duas industrias em ponto grande, attenta a falta de braços e de capitaes, se pretendesse crear e desenvolver em larga escala a industria fabril, havia de fazel-o necessariamente á custa da agricultura.

Outros, vendo que a industria fabril era a feição mais proeminente d'este seculo; prognosticando, talvez, que ella seria em breve o mais poderoso elemento da civilisação; e a par d'isso, crendo que as nossas ricas provincias ultramarinas não tardariam a constituirem-se grandes mercados de consumo para os productos industriaes da metropole, opinaram em favor d'este ramo da industria.

Os propugnadores da opinião contraria sustentavam ainda as suas idéas, demonstrando a inconveniencia, e até perigos, de conceder demasiada protecção a um ramo da industria, deixando ficar o outro em uma situação tão precaria, pela falta absoluta de boas estradas, de bancos ruraes ou hypothecarios, de instrucção publica appropriada, e pelo atrazo dos processos e instrumentos de lavoira.

Entenderam os sectarios do systema protector fabril que a agricultura já tinha alcançado muito, e se devia contentar com a libertação da terra.

Prevaleceram, pois, estes ultimos. Coordenou-se e publicou-se em 1837 a nova lei da pauta geral das alfandegas, e com ella se inaugurou aquelle systema protector.

Surgiram, como por encanto, em todo o reino importantes emprezas fabris. Os capitaes, que se recusavam a fecundar o solo, fugindo de uma industria desprovida de credito e do favor dos poderes publicos, apressaram-se a vir em auxilio da industria que renascêra á sombra do privilegio. Os braços, já se vê, tambem correram para onde affluiam os capitaes, para onde davam ao seu trabalho melhor e mais certa recompensa.

Ninguem será capaz de calcular os prejuizos e atrazo que d'aqui provieram á agricultura. Entretanto, tambem é certo que, por muitos, difficilmente se avaliarão os beneficios que resultaram para todo o paiz da affluencia de dinheiro nacional e vindo de fóra, destinado exclusivamente a dar impulso á industria fabril.

Portanto, seja qual for a opinião que n'aquella controversia tivesse do seu lado mais e melhores razões, é certo que as theorias vieram para o campo da prática, e essa prática representa um facto consummado, que é mister não sómente acceitar, mas tambem respeitar, sempre de accordo, se entende, com os interesses geraes do paiz, e com as verdadeiras regras da economia politica.

Em poucos annos, pois, encheu-se o reino de fabricas. O Porto tornou-se um grande centro industrial;

e Lisboa, que empunhára outr'ora o sceptro do commercio do mundo, e que, depois que lhe caíra das mãos, parecia não aspirar a mais que aproveitar a sua excellente situação geographica, e a vastidão do seu bello porto, para colher d'estes dons naturaes as maximas vantagens commerciaes, principiou a figurar como cidade manufactora. É hoje a sua industria fabril, variadissima e em via de progresso e prosperidade, dá emprego a muitos milhares de braços, e representa um capital de muitos milhões de cruzados.

Lisboa está povoada de muitas e grandes fabricas; porém tem tres localidades que se podem considerar como os seus tres districtos essencialmente fabris. São estes *Xabregas* e *Beato*, pelas suas fabricas do tabaco, de fiação, de sabão, de clarificação de azeite, de farinhas, bolacha, e outras; *Boa-Vista*, pelas suas fundições, serralherias, fabrica do gaz, de apparelhar madeiras, etc.; e, finalmente, *Alcantara* e *Calvario*, que dá assumpto á nossa gravura, e motivo para escrevermos estas linhas.

O bairro de Alcantara está situado na extremidade de oéste da capital. Dizemos na *extremidade* por acatamento á lei, que, em contrario do que se pratica em todas as capitaes do mundo, que no seu crescimento vão absorvendo as povoações visinhas, retalhou Lisboa, separando-lhe membros, que naturalmente se lhe tinham unido, e que estavam por lei anterior encorporados n'ella. Sem embargo das razões com que se pretendeu justificar a medida, antolha-se-nos, e afigura-se tambem a muita gente, como um absurdo egual ao que se viu no reinado de D. João v, quando este soberano teve a louca phantasia de dividir Lisboa em duas cidades, oriental e occidental, cada uma com a sua diocese.

Tira o bairro o seu nome da ribeira de Alcantara, que, depois de passar por baixo do aqueducto monumental das Aguas Livres, vem entrar no Tejo junto do forte tambem chamado de Alcantara, hoje desmantelado, mas que antigamente formava o extremo de oéste da linha de defesa da cidade, traçada durante a guerra da restauração de 1640.

A ribeira de Alcantara, ao approximar-se do Tejo, corre no fundo de um estreito valle, apertado de uma parte pela serra de Monsanto, e da outra por altas e escarpadas brenhas, sobre as quaes se estendem, na direcção de norte ao sul, *campo de Ourique*, o *cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres*, e a *real quinta e paço de Nossa Senhora das Necessidades*.

Nas margens, pois, d'esta ribeira, ao longo do valle, ou proximo d'elle, acham-se a real fabrica da polvora, uma grande fabrica de fiação e tecidos, e varias outras de cortumes, estamparia, etc.

Porém, os estabelecimentos mais importantes da localidade são os que se vêem junto á foz da ribeira, e os que se erguem a pouca distancia d'ella, caminhando para oeste, e proximo do Tejo, no sitio chamado *Calvario*. Alli estão a fabrica de azeite de purgueira, do sr. Burnay, e a de sabão, velas de stearina, e de diversos oleos, do sr. visconde da Junqueira; aqui a fabrica de extracção de oleos, da companhia *Lisbon Oil Mills Limited*, a fabrica da *Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense*, e a fabrica de tapetes e outros lanificios, do sr. Bernardo Daupias & C.ª

São cinco grandes estabelecimentos industriaes, dos primeiros, certamente, não só de Lisboa, mas do reino. Estão muito bem organisados, possuem boas machinas a vapor, empregam centenares de operarios de ambos os sexos, e tem conseguido aperfeiçoar os seus productos de modo que, apesar de um grande movimento fabril, são consumidos rapidamente no paiz.

A nossa gravura, cópia de uma photographia, mostra no primeiro plano uma pequena parte do bairro de Alcantara; depois o sitio do Calvario, parecendo formar um cabo, e mediando entre ambos a enseada do Tejo, onde vem desaguar a ribeira de Alcantara; por cima os arvoredos da quinta do sr. marquez de Sabugosa, e da real tapada da Ajuda: á esquerda o Tejo com a extremidade occidental da cordilheira de montes que lhe debrua a margem do sul; e, finalmente, o Oceano confundindo-se com o horisonte. O edificio que avulta mais no sitio do Calvario é a fabrica da *Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense* [1].

I. de Vilhena Barbosa.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE INSTRUCÇÃO PUBLICA

(Vid. pag. 11)

II

Depois de termos restabelecido, ao que nos parece, a verdade no que diz respeito ás causas que produzem o anniquilamento moral do nosso paiz, depois de termos prestado justiça aos governos, sempre accusados de todos os males, quando raras vezes os podem sanar não tendo o auxilio efficaz dos governados, é justo que mostremos como os homens que presidem aos nossos destinos, tem concorrido tambem pela sua parte para que as coisas continuem no estado em que se acham, como os governos tem sido complices do nefando crime que se está perpetrando, em pleno seculo xix, á luz do sol da civilisação, perante a Europa muda de espanto, ou indifferente por desprezo.

Succedem-se os ministerios, mudam as côres politicas dos homens que nos governam, e não muda uma vez só o systema, não se acorda uma vez só do somno do desleixo. Distribuem-se as pastas ao acaso pelos cavalheiros que sobem ao poder, e ninguem pensa em as distribuir conforme as aptidões de cada um; portanto, não se estudam nem se podem estudar as questões, a machina administrativa continúa como até ahi, movida pelas costumadas molas, que ninguem se dá ao trabalho de contemplar para ver quaes os melhoramentos que n'ellas se podiam introduzir. De vez em quando, um ministro, querendo fazer epocha, escreve a correr, ao canto do seu gabinete, uma reforma transplantada quasi sempre de uma nação estrangeira. Põe-se em pratica; os interesses lesados protestam, os interesses afagados approvam, e a nova machina, applicada ao regimen de um paiz que o fabricante nem conhece, porque não se deu ao trabalho de o percorrer e estudar antes de se fazer a reforma, não faz senão substituir uma por outra mola, o interesse de um pelo interesse de outro, e as coisas continuam no mesmo estado até que venha outro ministro, outra reforma, outra transformação... apparente; e o paiz caminha... como o boi á roda da nora.

Desculpem a trivialidade da comparação, mas não posso eximir-me a pensar que Portugal se está parecendo com um parasita que veste um dia a casaca de um amigo, e no dia seguinte a de outro, e que anda sempre a mudar de casaca sem ter uma só que lhe sirva, porque não chamou um alfaiate para lhe tomar medida, e não mandou fazer uma de proposito para o seu corpo.

A politica militante absorve em Portugal todas as intelligencias e todas as attenções. Que importa que o paiz caminhe á tôa por estes mares do progresso? Que importa que, dirigido sem cautela, vá a cada instante esbarrar nos bancos de areia, onde, se não se despedaça, perde, pelo menos, tempo e gasta as forças vitaes que o fariam voar pelo verdadeiro estadio da civilisação! Com tanto que as votações assegurem as existencias ministeriaes, com tanto que este ou aquelle ministerio assigne um decreto ôco e so-

[1] Vid. ácerca de Alcantara e Calvario, pag. 153 do vol. II, 177 do vol. v, e 22 do vol. VI.

noro, que tome desastradamente alguma medida reclamada pelo publico, que importa tudo o mais? Está inscripto o nome dos salvadores da patria no livro da immortalidade. Os reformadores cumpriram a sua missão, deram mais uma pincelada de cal n'este sepulchro, branqueado por fóra, cheio de vermes e podridão por dentro, que se chama civilisação portugueza.

E, entretanto, em Inglaterra estudam-se infatigavel e incessantemente essas questões que os nossos estadistas resolvem com uma pennada, procuram-se accommodar as instituições á indole d'aquelles para quem são feitas, milhares de intelligencias se occupam em descobrir o modo de conciliarem os interesses do povo com a sua instrucção, de tornarem a eschola attractiva d'esta ou d'aquella maneira. Tentam-se as experiencias, espera-se com anciedade o resultado d'ellas, emendam-se os defeitos que se reconheceram, desenvolvem-se as qualidades praticas que se notaram, trabalha-se, em fim, estuda-se porque só d'esse modo póde o Hercules da civilisação esmagar as cabeças sem cessar renascentes da hydra de Lerna da ignorancia.

E o que se faz entretanto no nosso paiz? Cria-se uma eschola normal. Admiravelmente! Nada mais util, nem mais bem pensado! Confia-se a educação d'essa eschola normal a um homem intelligente e estudioso, que a organisa optimamente. Cada vez melhor! E depois aos alumnos d'essa eschola normal, tão bem fundada e tão util, aos homens que se deve suppor que sáem perfeitamente no caso de cumprir a alta missão que lhes incumbe, a esses homens dá-se um ordenado infimo, entrega-se uma casa pessima, que se chama eschola regia, e diz-se: «Ide, apostolos da civilisação, morrer á custa do governo para uma aldeola, onde não haverá tres familias que queiram dar a seus filhos a educação elementar».

E, satisfeitos, ufanos com o que fizeram, os émulos de Pombal, que não percebem como se possa taxar de arduo e difficultoso o governo de um paiz, estiram-se orgulhosos no divan da indolencia, e intimamente convencidos de que fizeram tudo quanto era possivel a prol da instrucção da sua patria, voltam a sua attenção para as questões politicas, vôam ao campo das votações, tratam de firmar os tibios, de attrahir os adversarios, de recompensar os fieis, e nem querem saber mais do resultado d'essas medidas, certos como estão de que o paiz, impellido pela sua mão vigorosa, já deve estar muito adiante da França e da Inglaterra, e de que, graças á sua iniciativa, já não ha em Portugal nem um montanhez sequer que esteja privado da instrucção primaria.

Infelizmente não succede assim; o paiz não deu um passo só, a instrucção não conquistou uma só pollegada de terreno.

Nós, que não somos ministros, que não temos, por conseguinte, que ir assistir ás votações e ás reuniões das maiorias, sigâmos o pobre professor, habilitado pela eschola normal, na sua triste peregrinação.

O mestre-eschola tomou posse, abriu a aula, convidou as familias a mandarem lá seus filhos, mas o trabalho das crianças rende mais á familia do que a sua instrucção, a eschola tira tempo, á eschola é necessario ir-se vestido com uma tal qual decencia. *Ergo* diminuição de receita por um lado, augmento de despeza por outro. O rude trabalhador, que não percebe os beneficios da instrucção, e que se quer ver auxiliado no seu labutar quotidiano, nem sequer hesita. Filho seu não põe pé na aula.

Por outro lado o professor, que não póde litteralmente viver com a magra fatia de pão que recebe do governo, procura ganhar a sua subsistencia por outra fórma. Os Cresos da aldeia, que não gostam de despender muito dinheiro com a educação dos filhos, educação que suppõem muito sinceramente inutil, e cujos encargos não acceitam senão por comprazer com a moda, pulam de contentamento vendo chegar um professor habil, intelligente, e que lhes sae barato. Se o governo lhe dá uns certos honorarios, não póde deixar de ser na intenção de poupar alguma despeza aos grandes contribuintes. Pois se não fosse para isso, para que havia de ser? Logo, com uma pequena retribuição que o mestre regio acceita satisfeitissimo, e que outro qualquer não poderia acceitar porque não tem, como aquelle, ordenado do governo, o opulento proprietario tem certa a primeira educação dos seus herdeiros. Os poucos filhos de gente pobre que frequentam a aula, e que não tem, como os alumnos pagantes, os mesmos direitos á attenção do professor, vão ou não vão á aula, sem que este dê por tal, aprendem a jogar a pedra no largo, e fazem rapidos progressos n'esta arte, até que os paes, convencidos de que os pequenos não fazem senão perder tempo sem lucrarem instrucção, seguem o exemplo de todos os outros, e aproveitam o trabalho das crianças, em vez de as educarem á custa do seu proprio trabalho.

Por fórma que o mestre regio, habilitado pela eschola normal, não conseguiu senão matar a concurrencia dos professores particulares.

É ou não a civilisação portugueza como o sepulchro da parabola de Jesus?

E o governo entretanto o que faz para obviar a estes inconvenientes? Procura algum meio de obrigar as familias a educarem seus filhos? Estuda a maneira de tirar o menos tempo possivel ás crianças com os trabalhos da primeira instrucção? Obriga os fabricantes a não receberem aprendizes, os particulares a não receberem criados que não tenham apresentado um attestado de frequencia das escholas? Procura por outro lado tornar a eschola attractiva para as crianças, a fim de que ellas não se tentem a desperdiçar em brinquedos o seu tempo tão necessario a seus paes?

Deixemos sem resposta estas perguntas terriveis.

Ha em Portugal uma grande intelligencia, um prestantissimo cidadão que sacrificou á sua patria uma grande parte do seu tempo, dos seus haveres e da sua gloria. Privou-se de uma porção dos loiros que lhe enramariam a lyra quatorze annos ociosa, do oiro que lhe renderiam as suas obras litterarias tão procuradas por todos, para contribuir, quanto podesse, para a resolução d'esse grande problema que interessa não só a patria, mas a humanidade. Trabalhou por descobrir um methodo que ampliasse a instrucção elementar, simplificando ao mesmo tempo o ensino, que diminuisse o tempo empregado em adquiril-a gravando-a no mesmo tempo mais fundo no espirito das crianças, que aformoseasse a eschola e a tornasse, em vez de inferno, paraiso, em vez de carcere que afugentasse as crianças, florida alfombra que as attrahisse. Conseguindo isto, estava resolvido o triplice problema. Estava simplificado o trabalho do mestre, quasi destruida a relutancia dos paes, transformada em engodo a negação das crianças para o estudo. Conseguiu-o, com o *Methodo Portuguez*, o nosso grande poeta Antonio Feliciano de Castilho.

Se o auctor do *Amor e Melancolia* tivesse nascido em Inglaterra, parochias, particulares e governo consideral-o-hiam como o novo redemptor das classes proletarias, erigir-lhe-hiam estatuas, coroal-o-hiam de loiros, disputal-o-hiam uns aos outros os condados, desejosos de o possuirem, multiplicar-se-hiam por todo o territorio do Reino-Unido as escholas do seu methodo. Em Portugal deixam jazer n'um canto essa grande alavanca do progresso, como os selvagens ignorantes do Brasil amontoavam no fundo das choças as pedras preciosas, cujo valor desconheciam.

Já vêem que tudo conspira para que Portugal fique eternamente patinhando no charco da inercia. Os particulares olham com suprema indifferença para os ma-

les do paiz, e esperam tudo do governo; o governo julga ter cumprido a sua missão fundando uma eschola normal e decretando a creação de aulas de instrucção primaria!

Deixemol-os comprazer-se na sua obra, folgar com o modo por que julgam ter cortado este nó gordio, e vamos a ver compassivamente como a nação, que se diz mais adiantada da Europa, se está ainda debatendo com difficuldades que aqui nem se suspeitam.

Servir-nos-ha de guia o grande publicista francez, Luiz Reybaud, n'um optimo estudo dado á luz na *Revista dos dois Mundos* sobre a instrucção primaria na Inglaterra.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

CASA DE CORRECÇÃO EM S. PAULO

O codigo criminal brasileiro, promulgado a 16 de dezembro de 1830, dá incontestavel testimunho do saber dos legisladores de então, e se não satisfaz já as exigencias da sciencia moderna, está ainda a par dos melhores codigos penaes dos tempos hodiernos. Entretanto, a necessidade de attender ao elemento heterogeneo da escravidão, que, por infelicidade nossa, é ainda a chaga mais viva e profunda da sociedade brasileira, fel-o romper com o preceito constitucional da egualdade na punição, e baratear a pena de morte, de galés e de açoites, unicas applicaveis aos escravos por direito patrio, e sem dúvida, sobre tudo as de açoites e galés, as mais immoraes de todas as penas. Na penalidade estatuida para os delictos communs da população livre seguiu o codigo as idéas do tempo. Além da pena de morte, prevista para poucos casos, e das de multa, degredo e desterro, constituem a base da penalidade, em nossa legislação criminal, a prisão simples ou com trabalho, e a pena de galés, essa enorme profanação do pudor, dos brios, e de todos os sentimentos de honra do coração humano.

Ao generoso impulso que ás idéas de reforma de prisões e do systema penal deram os fundadores das penitenciarias de Milbank e Glocester, na Inglaterra; de Gand, em Flandres; de Valnut-Street e Cherry-Hill, na Philadelphia; e de Auburn, no estado de Nova-York, não podiam ficar insensiveis os nossos legisladores de 1830, versadissimos que eram nas sciencias sociaes e juridicas, do que já haviam dado boa prova em 1824 com a construcção do grande monumento da constituição do imperio, o mais perfeito deposito que eu conheço da sciencia politica dos nossos tempos. O artigo 49.° do codigo penal dispõe que a pena de prisão com trabalho seja substituida pela de prisão simples, com o accrescimo da sexta parte do tempo, em quanto se não estabelecerem prisões com as commodidades e arranjos necessarios para o trabalho dos réos; e o artigo 311.° substitue a pena de galés temporaria pela de prisão com trabalho pelo mesmo tempo, logo que haja casa de correcção nos logares em que os réos estiverem cumprindo as sentenças.

Estas disposições revelam que o legislador não desconheceu as vantagens do systema penitenciario, e facilitaram, independente da reforma da lei penal, a instituição das novas casas de correcção. Permaneceu, todavia, na legislação o defeito de reputar o trabalho, esta santa lei da creação, na phrase de um escriptor, não como medida de correcção moral e de regeneração do culpado, senão como simples meio de aggravação da pena de prisão, ficando assim exautorado do seu caracter, e da benefica influencia que exerce na vida e nos destinos do homem. Por outro lado, a substituição da pena de galés pela de prisão com trabalho, nos logares unicamente em que houvesse casa de correcção, destruiu a uniformidade da punição, vindo-se assim a applicar ás mesmas hypotheses penas differentes conforme os logares, ora a de galés, ora a de prisão com trabalho na penitenciaria, pena esta muito mais moralisadora do que aquella, porém certamente mais grave, porque está provado que, sob o regimen do isolamento e do silencio, não ha condemnado que supporte mais de quinze annos de reclusão, maximo este adoptado pela sábia commissão do novo codigo penal portuguez em 1861. Quando o celebre Franklin, e todos os generosos promotores das reformas das prisões, tentaram os primeiros ensaios n'este sentido, tiveram sempre em vista, como complemento indispensavel do systema, a reforma das leis penaes; e ainda hoje os esforços que fazem os amigos da humanidade para realisarem, no typo da prisão com trabalho, a tão suspirada unidade da pena, base essencial para a medida da penalidade proporcional aos differentes delictos, suppõem indubitavelmente a reforma harmonica e completa dos codigos existentes.

Apesar dos inconvenientes apontados, inseparaveis talvez dos primeiros passos que dá um paiz novo, de poucos recursos financeiros, e de pequena população derramada por territorio immenso, ao tentear a estrada, impossivel de abrir-se de uma feita, do melhoramento de suas instituições, é forçoso convir, entretanto, que algum progresso hemos tido no systema das nossas instituições penaes, assim como em tantas outras politicas e administrativas. A pena de morte rara vez é imposta pelo jury, e quasi nunca executada, porque raro é que a clemencia imperial não ampare com o poder moderador, o desgraçado que não mereceu a commiseração dos tribunaes. Para o concerto e melhoramento successivo e hygienico das prisões publicas attendem com desvelo as assembléas e os presidentes de provincia. E já na corte, e em duas provincias do imperio, se estabeleceram casas de correcção, onde os condemnados são sujeitos a um regimen de punição muito mais benefico e moralisador, do que o são o d'essas sentinas do vicio e do crime, a que se dá o nome aspero e desacreditado de cadeias.

A penitenciaria da cidade de S. Paulo foi construida segundo um plano de Power, director das prisões do Sing-Sing, nos Estados Unidos da America, que vem annexo á excellente obra de Baumont e Tocqueville, sobre o systema penitenciario d'aquelles estados. É um vasto edificio, situado em uma das extremidades da cidade, no mais aprazivel e delicioso dos seus bairros, denominado da Luz, assim chamado pelo recolhimento d'esse nome, onde o venerando fr. Galvão deixou indelevel a memoria de sua vida santa, e para onde, á festa annual de Nossa Senhora, se escoa grande parte da população da capital. O edificio foi levantado em um vasto quadrado, cercado de altos e grossos muros, e disposto em fórma crucial, contendo cada raio quarenta e duas prisões cellulares e um corredor central, espaçoso e claro, por onde os guardas internos exercem constantemente a mais severa vigilancia. A nossa estampa, tomada de um dos angulos do quadrado, representa, á direita, parte da casa, de singela architectura, que serve de residencia do director e da secretaria do estabelecimento, situada á frente do edificio, a poucos passos do elegante portão da entrada; no centro, dois raios da penitenciaria, em cuja convergencia campeia uma alta claraboia; no plano inferior apparecem os jardins da casa, de aprimorada cultura, de roseiras entretecidas á guisa de cêrcas. Ao lado esquerdo da estampa demora o logar das casas das officinas. Por baixo da claraboia, no ponto central dos raios da penitenciaria, fronteira a cada um dos grandes corredores, ergue-se uma escadaria circular, cuja base serve de peanha ao altar portatil, em

que, aos domingos e dias santos, se celebra o santo sacrificio da missa, e d'onde os reclusos ouvem a palavra regeneradora da prédica, proferida com tanta eloquencia por um dos nossos mais notaveis oradores sagrados, o reverendo arcipreste da sé, conego Joaquim Anselmo de Oliveira.

O plano do edificio não foi integralmente executado. Por deliberação da assembléa legislativa da provincia supprimiram-se os andares superiores, que podiam completar duplicado numero de cubiculos. Além d'esta alteração, suggerida certamente por principios de economia, outras se fizeram ao plano por motivos de ordem e de symetria, como a collocação da enfermaria e as prisões correccionaes, escurissimos ergastulos, onde por horas se recolhem a pão e agua os presos infractores da policia do estabelecimento, e d'onde, no afogo do soffrimento, imploram logo a misericordia do director, que aliás nunca se faz esperar.

A penitenciaria foi inaugurada de 1851 para 1852, pelo systema denominado de Auburn, isto é, com isolamento no repouso e trabalho em commum sob a regra do silencio, aliás difficil de manter em taes condições. O trabalho industrial consiste por ora no das officinas de funileiro, serralheiro, sapateiro, alfaiate, marceneiro, de encadernação de livros, e de trançadores de palha para chapeos, já muito aperfeiçoada. Ha demais no estabelecimento uma eschola de primeiras letras para os condemnados analphabetos. Não lhes devia, por certo, faltar o pão do espirito.

A receita da casa, sujeita á variação dos productos, tem em alguns mezes attingido á verba de 1:600$000 réis, o que entretanto não isenta o estabelecimento

Casa de correcção na cidade de S. Paulo, imperio do Brasil

de constantes *deficits* mais ou menos avultados. Se isto acontece na parte puramente economica, de ordem sem duvida secundaria, outro tanto não succede na parte repressiva e moral. A correcção e regeneração dos condemnados tem-se manifestado por modo inequivoco, pois que de mais de cento e trinta e tantos que sairam da penitenciaria por cumprimento de sentença, apenas voltaram tres reincidentes, e esses julgados por crimes não capitaes. Tão vantajosos resultados são principalmente devidos á intelligente e zelosa administração do illustrado director da penitenciaria, o coronel Francisco Antonio de Oliveira, varão de eminentes qualidades, de grandes creditos entre nós, e de assignalados serviços ao paiz. Tão certo é que sem boa execução não ha leis nem instituições que prestem.

Ha poucos dias ainda que visitámos o estabelecimento. Ao entrarmos nas officinas com o digno director e um amigo intimo que nos acompanhava, ficaram os reclusos com os braços cruzados em signal de respeito, e começámos a examinar as obras de arte dos condemnados, entre as quaes encontrámos várias do mais perfeito lavor. Dentro em pouco soaram as cinco horas, que são as do recolher no estabelecimento, e retiraram-se em fileira das officinas aquelles desgraçados, tomaram em caminho um tarro de cangica, ultima refeição do dia, e dirigiram-se, com andar pesado e fronte abatida, para o corredor das prisões. Ahi, depostas as malgas e formados em fileira, repetiram de mãos postas e a meia voz o Padre Nosso, a Avê Maria e Salvè Rainha, que um dos guardas internos rezava com elles. O sol de uma das nossas mais lindas tardes de verão atufava-se pelas serranias do horisonte, e banhava de luz aquelles rostos amortecidos pela reclusão, e contrahidos pela penitencia. Parece que gemendo e chorando proferiam esses coitados a eloquente e sentida imprecação que o espirito do christianismo soube elevar á misericordiosa Mãe de todos os homens. Terminada a oração, recolheu-se cada um ao seu cubiculo, e ahi, ermando com o crime commettido, preparam-se para passar a longa noite na solidão, que devia ser quebrada apenas pelos passos vagarosos dos guardas nos corredores, ou pela grita extensa da sentinella que velava a horas mortas. Então aquellas palavras santas das orações da tarde lhes haviam de coar uma por uma pela fronte pendida, e o doce e profundo conforto da religião teria de ser o unico balsamo para esses corações tão duros outr'ora, e tão opprimidos hoje. Oh! o crime deve necessariamente inspirar piedade, porque o crime é sempre uma desgraça!

S. Paulo, 8 de janeiro de 1865.

Dr. M. A. Duarte de Azevedo.

Não louvâmos muito a homens que dão razão de toda a historia grega e romana, e se lhes perguntaes pelo rei passado do reino em que vivem, não lhe sabem o nome.

Barros.

A natureza, o tempo e a paciencia, são os tres grandes medicos do mundo.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(CONTO CÔR DE ROSA DE ANTONIO DE TRUEBA)

REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER

(Vid. pag. 14)

IV

Havia quatro mezes que se realisára o consorcio de Antonio de Molinar com Feliciana.

Era um dia de dezembro. Estavam cobertos de neve, que lhe caíra de noite, os montes e o valle. Sentiam profundissima alegria os habitantes de Cabia quando, ao abrirem as janellas, se encontravam com aquella novidade.

Em que consiste, me perguntaram muitas vezes, a satisfação interior que sentimos quando principia a *trapear*, verbo com que nas Encartações substituiram o verbo *nevar* de todos os diccionarios, quando já a neve vestiu de branco os campos, os telhados e as arvores? Deve consistir em que a neve é branca e amâmos o branco, porque prefere perder a existencia a perder a pureza; e quando amâmos sentimos alegria e felicidade na alma, porque Deus nos deu alma para o amor, e não para o aborrecimento nem para a indifferença.

Era terrivel a nevada, e tanto que quando André, rapaz da pelle do demonio, que entre outras graças tinha a de fazer fallar os sinos, segundo corria em Cabia, subiu á torre para tocar a matinas, encontrou tal quantidade de neve em torno dos sinos que teve pelotas de gêlo para bater toda a manhã, do alto da mesma torre, a quantos se aproximavam do adro da egreja.

Antonio, assim que ouviu tocar a matinas, ergueu-se da cama e assomou á janella do quarto em que dormiam elle e sua mulher; mas, apenas chegou, enorme pelota de neve, expellida da torre, desfez-se-lhe no rosto fazendo-lhe ver as estrellas.

Estrepitosa gargalhada, que resoou na torre, revelou a Antonio quem era o auctor d'aquelle gracejo.

Feliciana estremeceu pensando que ia rebentar espantosamente a colera do marido, e quiz levantar-se da cama para se apoderar da espingarda que havia no quarto antes que Antonio fizesse uso d'ella: mas Antonio contentou-se com responder á gargalhada de André com outra mais estrepitosa e alegre.

Lembrou-se então Feliciana com jubilo de que na vespera dos seus proclamas predissera Antonia que antes de findar o anno estaria Antonio mais macio que o veludo.

— Viste, Feliciana, que rapaz tão endiabrado? — disse Antonio sacudindo a neve e rindo cada vez mais.

— Fazes bem, meu amigo, em não te affligires...

— Para que me hei de amofinar, se me pozeram mais fresco que a alface?

— É um vivo demonio o André.

— O rapazete queria vingar-se da lição que lhe dei o anno passado por me atirar com um caroço de cereja.

— E bateste-lhe por isso?

— Por muito menos me teria então zangado...

— Eras bem mau...

— Não podia dominar-me, minha amiguinha; subia-me o sangue á cabeça...

— E por que te não sóbe agora?

— Nem eu sei, mulher! Sabel-o-has tu, por ventura; porque, desde que casei comtigo, tens imperado por modo tal que não tenho alma para matar um mosquito.

— Cala-te, cala-te, enganoso; alguem dirá que te lancei uma cadeia...

— Lançaste-m'a, de certo; mas não foi de ferro, foi de flores...

— Anda, anda, lisongeiro; acaba-te de vestir e não estejas ahi a tomar frio.

— Qual frio... Já não ha frio, nem calor, nem trabalho, nem somno, nem sêde, nem fome, nem nada que me incommode em quanto me estimares... Quando se encontra a felicidade no carinho e no affecto, como se ha de aborrecer alguem!...

Fallando assim, Antonio, que se inclinára para o leito em que descançava a esposa, joven, rosada, formosa e resplendente pela felicidade que dão o amor santo e a consciencia tranquilla, deixou cair uma lagrima de alegria e reconhecimento sobre o rosto de Feliciana.

E a nobre e amante esposa levantou os braços e enlaçou o collo do marido, misturando as suas lagrimas de felicidade com as de Antonio.

Feliciana e Antonio eram rusticos e ignorantes; sabiam apenas que o mundo se estendia mais além das montanhas que viam; mas, sem havel-as aprendido, sabiam as coisas delicadas e puras, nobres e santas, que os que lemos ou compomos livros, julgâmos ter aprendido em alguns cadernos de papel. Como era possivel que Deus concedesse a uma combinação de signos o privilegio exclusivo de revelar os sentimentos mais bellos e santos!

Soou um mugido na abegoaria, e Antonio disse rindo:

— O Vermelho e o Galan pedem-me almoço, e tem razão, que ja é hora de lh'o levar.

— Eu tambem vou levantar-me para fazer o nosso.

— Ainda é muito cedo, filha. Conserva-te na cama, que faz muito frio, replicou Antonio carinhosamente.

— Não, que entristece a casa cozinha sem lume.

— Accendel-o-hei...

— Deixa-te d'esses trabalhos, que não são proprios de homens. Já me levanto.

O Vermelho e o Galan, dois bois como dois soes, tornaram a mugir, como dizendo:

— Vem o comer, ou não vem? Julga Antonio que as caricias á mulher nos enche a barriga?

Antonio subiu ao celleiro com um cesto: um bando de passarinhos, que se estavam alli fartando, fugiram espavoridos ao ver que os interrompiam no melhor do almoço; encheu o cesto com a ração, lançou-o ao hombro, desceu á abegoaria cantando, distribuiu a ração aos bois, e tornou a subir mais alegre do que descêra.

Feliciana accendêra fogo como a forja de uma ferraria, rodeára-a de optimos camoezes, e assava na grelha tres ou quatro talhadas de toicinho.

— Como cae neve! — exclamava Antonio com rosto prazenteiro e assomando á janella.

— Não admira, disse Feliciana, é o seu tempo. Brôa, batatas, fruta e toicinho temos, Deus louvado!

— E a proposito de brôa, vou preparar uma porção de milho, porque a ociosidade é a mãe dos vicios.

— Fazes bem; teremos assim alimento para a fornalha, e se vier o moleiro não esperará.

Antonio foi buscar um cesto com maçarocas das que estavam a seccar no celleiro, espantando de novo os passarinhos, que tornaram a fugir, dizendo talvez:

— Teima este homem em metter-nos sustos de modo que nos seja prejudicial o almoço!

Havia na cozinha um banco que tambem servia de mesa. Feliciana collocou-o ao meio da casa e cobriu-o com um branco guardanapo; poz-lhe em cima um prato com as talhadas de toicinho, e cercou este com fatias de brôa.

Em seguida, marido e mulher, dando cada gargalhada que se ouvia no campo, comeram o toicinho e a brôa com tanto appetite como se comessem perdizes e pão alvo.

Antonio deu graças a Deus pelo sustento que lhe

concedia, no que foi acompanhado pela mulher; esta depois levantou a mesa, tornou a pôl-a no sitio anterior, e foi tratar da casa e do jantar. Antonio foi debulhar o milho, operação mui simples para as pessoas do campo.

André continuava na torre a lançar pelotas de neve a quantos lhe estavam ao alcance.

— André, são já horas de tocar á missa! — lhe gritou a ama do sr. prior da janella da casa contigua á egreja.

André tangeu com primor os sinos, pois já disse que a sua habilidade n'este mister era tal que em Cabia, para exaltal-a, diziam todos que André, o filho do sacristão e mestre eschola, fazia fallar os sinos.

Quando estava bom tempo só iam á missa nos dias de trabalho Ambrosia e algumas anciãs, porque os demais habitantes da aldeia contentavam-se de encommendar-se a Deus nas casas onde trabalhavam ao ouvir o sino que annunciava o santo sacrificio; mas no dia a que me refiro succedeu outra coisa.

— Vou á missa, porque já não presta este meu trabalho, disse Antonio ao ouvir o sino.

— Iria eu tambem de boa vontade, accrescentou Feliciana, porém, se não vou, Deus me perdoará, porque tenho muito que fazer em casa.

— Tens razão, minha amiga. Como diz o sr. prior, muito bom é rezar, mas pela devoção não se deve deixar a obrigação.

Antonio dirigiu-se á egreja e encontrou-se no caminho com Ambrosia.

— Bons dias, Ambrosia.

— Bons dias, Antonio.

— Que mau tempo vamos tendo!

— Já é para desesperar.

— Para desesperar? Pelo contrario, a neve alegra o coração, e satisfaz os campos.

— Ó homem, não digas tontices!

— Valha-me Deus, Ambrosia, que sempre ha de vossemecê ter esse genio. Nada a contenta!...

— Pois eu havia de ser como vossês, que se parecem com os loucos!

— Por quê? Porque temos sempre o riso nos labios? Pois que Deus nol-o conserve.

— Sim, sim, deixemo-nos de conversação.

— Tambem já estão tocando a ultima vez.

— Tua mulher é que te apressa?

— Não, que não póde vir hoje á missa...

— Ella é já das da moda!... Ella...

Ambrosia não póde acabar a phrase, porque uma pelota de neve, expellida por André do alto da torre, lhe tapou a boca.

— Vem cá abaixo, gatuno! — gritou Ambrosia deitando fogo pelos olhos, e como que ameaçando a torre. Vem cá abaixo, vadio, que perderei o nome que tenho se não m'a pagares! Se tu és filho de maus paes!... Se tua mãe...

— Ambrosia! — exclamou Antonio indignado, tapando a boca com a mão á que talvez ia infamar publicamente a memoria d'uma mulher que já não existia. Ambrosia, respeite os finados!...

A ira de Ambrosia voltou-se contra Antonio.

— Infame! — gritou aquella mulher espinafre, em fórma de furia. Quem és tu para me tapar a boca? Vens tambem de má raça! Teu pae...

— Ambrosia, silencio! Antonio, caridade com as fraquezas do proximo! — exclamou o sr. prior da janella da sacristia, onde se estava revestindo para celebrar a missa.

Havia tão magestosa severidade na voz do sacerdote ao pronunciar aquella ordem, e tão persuasiva mansidão ao proferir aquella supplica, que Ambrosia se calou como aterrada, e Antonio recuperou de repente o socego que perdêra ao ver offendida a immaculada memoria de seus paes.

(Continua) BRITO ARANHA.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

Cedêra em fim el-rei D. Duarte ás repetidas instancias de seus irmãos, os infantes D. Henrique e D. Fernando, que pretendiam passar á Africa para tentar a conquista de Tanger.

A muito custo deu el-rei o seu consentimento, porque a peste e as passadas guerras tinham exhaurido o paiz de oiro e de gente; e os tempos iam tão apertados, que não davam opportunidade para se fazerem os apercebimentos que a empreza demandava. Por estas fortissimas razões o voto das pessoas mais entendidas e de melhor conselho era contrario aos desejos dos infantes. Porém o ardor marcial d'estes dignos filhos de D. João I, e as suas vivas solicitações, poderam mais que os dictames da politica, e mais que as vozes da prudencia.

Fizeram-se, pois, os aprestes que as circunstancias do estado permittiam. O dia aprazado para o embarque, esse dia tão desejado e tão demorado, chegou finalmente; era o decimo setimo de agosto.

N'essa manhã, o vasto templo da sé de Lisboa era estreito recinto para conter a affluencia de povo, que se apinhava e apertava sob as suas tres amplas naves. Toda a egreja trajava galas como em dia festivo.

Os altares resplandeciam cheios de luzes; o aroma das flores misturava-se com as nuvens de incenso, que subiam ao throno do Santissimo; os canticos sagrados casavam-se em doce harmonia com os graves sons do orgão; e o bispo de Evora, D. Alvaro de Abreu, vestido em pontifical, cantava missa solemne, e entoava louvores e preces ao Deus dos exercitos pela propagação da fé christã, e bom successo da jornada de Tanger.

El-rei com os infantes, e toda a corte, acompanhados de immensa multidão de povo, oravam com devoção e fervor pela gloria das armas portuguezas.

Acabadas as ceremonias, dispoz-se uma apparatosa procissão, na qual o bispo celebrante levava na mão a bulla da cruzada, que o papa acabava de publicar contra os infieis. Adiante do bispo ia um cavalleiro, vestido com a sua cotta de armas, e empunhando a bandeira com a cruz de Jesus Christo. El-rei e os infantes, seus irmãos, e os officiaes-móres da casa real, e mais fidalgos, faziam parte do prestito.

Saiu da sé a procissão, encaminhando-se para a Ribeira, em frente da qual se achava a nau que devia transportar os dois infantes. D'ahi embarcou todo o prestito para bordo da nau, onde o bispo fez entrega ao infante D. Henrique do sagrado estandarte dos cruzados. Seguiram-se muitas orações e a ceremonia de absolvição plenaria, depois do que regressou á sé a procissão, menos os infantes, que não sairam de bordo, e el-rei, que os ficou acompanhando durante o resto do dia. E a nau e toda a frota levantou logo ferro, e foi fundear defronte do Rastello (Belem).

Quatro dias se passaram á espera de ventos favoraveis. Ao quinto, 22 de Agosto, aprouve a Deus conceder aos impacientes navegantes o tempo mais benigno e mais formoso que se podia desejar para o começo da viagem.

N'essa manhã, bem cedo, foi el-rei ouvir missa e orar a Santa Catharina de Riba-mar. Os infantes ahi se foram encontrar com seu augusto irmão, e juntos imploraram mais uma vez o favor e protecção divina para a ousada empreza que iam commetter.

Concluidas as suas devoções, foram todos para bordo. El-rei ia pensativo e pezaroso. No momento d'estas ultimas despedidas, passára-lhe uma nuvem negra pela alma, e opprimira-lhe o coração terrivel pesadelo! A

nuvem era uma d'aquellas revelações instinctivas do coração humano, a que damos o nome de presentimento; o pesadelo era a responsabilidade, já quasi remorso, de ter auctorisado e disposto aquella partida contra o voto da maioria dos seus conselheiros, e com tão fracos meios de alcançar o rendimento de tão forte praça de guerra.

Jantou el-rei a bordo da nau.

Sentaram-se á mesa os reaes convivas sem proferir uma unica palavra, e por algum tempo todos foram mudos. Os infantes D. Henrique e D. Fernando, se bem que sentiam esta separação del-rei e dos outros infantes, seus irmãos, que muito amavam, tinham o animo tão alvoroçado com os seus projectos guerreiros; fervia-lhes tanto o sangue com o ardente desejo de illustrarem ainda mais seus nomes com brilhantes e novos feitos de armas; pintava-lhes a phantasia, através das sombras do futuro, tantas victorias, tão gloriosas coroas de loiro, que lhes trasbordava do coração mais alegria que pezar. E para a conterem no peito de modo que a não denunciassem n'aquella hora solemne das despedidas, recolhidos em si, não se atreviam a fallar.

O pobre rei D. Duarte, magoado pela saudade, mas ainda mais atormentado por serios cuidados e receios, revolvia na mente tudo quanto tinha ouvido no conselho contra a ida dos infantes. Os perigos e contradicções que ahi lhe tinham exposto, e que a rainha, sua esposa, movida dos rogos dos infantes, soubera com arte desvanecer, apresentavam-se agora ao seu espirito com vulto gigantesco e vivas côres.

Opprimido, pois, e levado d'estas idéas, quebrou el-rei o silencio para lembrar a seus irmãos quantos perigos podiam correr, elles e a sua empreza; e para lhes aconselhar o modo de se precaverem contra os desares, e o que lhes cumpria fazer se a fortuna os não ajudasse.

O jantar acabou triste, como principiára. O piloto entrou na camara a dar parte que a maré se adiantava, e era forçoso não demorar mais a partida. El-rei levantou-se então para fazer as suas ultimas despedidas. Foi uma scena curta, porém muito tocante. El-rei e seus irmãos apertaram-se em estreito e saudoso abraço. Os dois infantes, que se partiam, tinham os olhos arrasados de agua; mas, pelo rosto grave e melancolico de D. Duarte, deslisavam-se as lagrimas umas após outras, com tão sentida angustia, como se fosse este o derradeiro adeus que dava na vida aos irmãos, a quem tanto queria.

El-rei chamou ainda á parte o infante D. Henrique para lhe repetir as recommendações que lhe fizera á mesa; e não se contentando com isto, para que tivesse sempre presentes aquelles seus conselhos, deu-lh'os escriptos n'um papel, apesar de já levar o infante um extenso regimento, por onde se devia reger e guiar.

Apenas D. Duarte saíu da nau, toda a frota suspendeu ferro e desfraldou velas ao vento.

Era um dia tão lindo, estava o ceo tão puro, rolavam tão brandamente as ondas do Oceano, sopravam as brisas tanto á feição, que todos tomaram por agoiro de felicidades tamanha bonança e formosura de tempo.

D. Henrique e D. Fernando, depois de acompanharem el-rei até á embarcação que o devia conduzir a terra, foram para o castello de pôpa, e d'alli o seguiram com a vista. Os semblantes dos dois irmãos anuviaram-se então de tristeza.

D. Fernando, que pela primeira vez se separava da familia e da patria, chegou-se para D. Henrique, e, sem lhe dizer palavra, apertou-lhe a mão. Comprehendendo esta linguagem muda, o irmão uniu-o a si, como para o persuadir que teria n'elle segundo pae. E em quanto assim estavam absorvidos em pensamentos intimos, fugia-lhes a terra.

As praias de Rastello, a foz do Tejo, a serrania de Cintra, e mais tarde a da Arrabida, foram successivamente desapparecendo á vista dos nossos navegantes.

II

Ao quarto dia de uma prospera viagem (27 de agosto), surgiu toda a armada no porto de Ceuta.

Era perto do meio dia quando os navios deram fundo em frente da cidade. Já ahi acharam ancorada a frota que partíra da cidade do Porto com tropa, sob o commando de D. Fernando, conde de Arrayolos, que ao diante foi o segundo duque de Bragança, e que na expedição dos infantes devia fazer o logar de condestavel.

D. Pedro de Menezes, aquelle bravo entre os mais bravos, que el-rei D. João, de *boa memoria*, escolhêra para primeiro capitão de sua primeira conquista na Africa, ainda governava a cidade de Ceuta. Mal distinguiu entre as innumeraveis bandeiras dos navios da frota o pavilhão real, que ondeava galhardamente, foi-se pressuroso o illustre capitão a bordo da nau almirante para saudar e receber os bem vindos filhos do rei seu amigo e seu companheiro de armas.

Ambos os infantes se alegraram muito ao vêl-o, porém o coração de D. Henrique pulsou com mais força porque este valente guerreiro, assim como a cidade que se estendia á sua vista, recordavam-lhe o principio da sua nobre carreira militar.

Desembarcaram, pois, os infantes, e logo foram direitos á egreja de Santa Maria de Africa, outr'ora mesquita, e por seu pae convertida em templo christão.

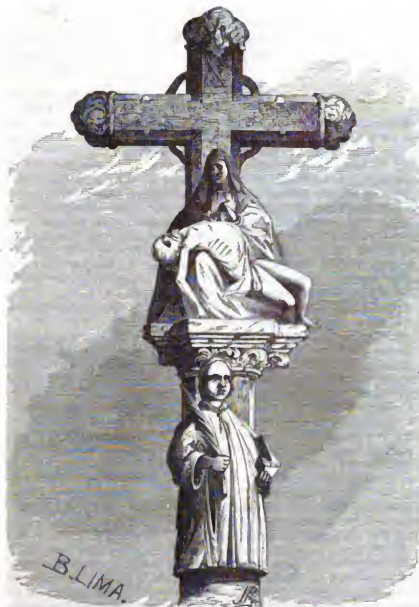
Feitas as suas devoções, recolheram-se aos aposentos que lhes haviam sido preparados na cidade.

No dia seguinte foi-se buscar a bordo, com o mesmo ceremonial que em Lisboa, as duas bandeiras, da *cruzada* e del-rei. Foi o mesmo bispo de Evora, que tambem viera na armada, quem conduziu a primeira em procissão com um grande acompanhamento até á egreja de Santa Maria de Africa, onde ficou depositada, e n'essa noite velada pelo proprio bispo e mais clerezia.

Teve logar esta funcção de manhã, e de tarde passou o infante D. Henrique revista geral a todas as tropas da expedição. De quatorze mil homens que se alistaram em Portugal apenas seis mil haviam desembarcado nas praias africanas. Muitos tinham ficado no reino por falta de navios de transporte, porém muitos outros haviam desertado. Era a primeira vez, sem duvida, que se via desertarem portuguezes quando soava aos seus ouvidos o grito de guerra. Tão combatida fôra esta expedição, e tão impopular se tornára, que não duvidaram esquivar-se d'ella, fugindo tantos mancebos, n'uma epocha em que o fugir da guerra era considerado por todos como a maior vergonha e a mais aviltante deshonra.

Quando os mais experimentados capitães viram assim reduzido o exercito que se destinava ao assalto de uma praça tal como a de Tanger, cercada de fortes muros e defendida por uma guarnição que se reputava em mais de sete mil soldados, fizeram todas as diligencias para persuadir aos infantes que adiassem a empreza até obterem do reino novas reforços.

Não se dobravam, porém, assim facilmente os animos d'aquelles dois principes, que, educados na eschola das armas, afeitos a ver sempre a victoria por companheira inseparavel de seu bellicoso pae, julgavam de todos os perigos e difficuldades pela medida de seus desejos e pelo alcance de seu esforço. Portanto, o que era motivo na opinião dos mais prudentes cabos de guerra para se deferir o assalto, era no conceito dos destemidos infantes uma razão de mais para se dar com brevidade, pois que tanto maior seria a sua gloria, vencendo com diminutas forças tão formidavel inimigo.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

Parte superior do padrão de Arroyos

MONUMENTO NO SITIO DE ARROYOS

Os factos de que já não existem as testimunhas oculares, nós, todavia, os podêmos conhecer pela tradição, pela historia e pelos monumentos. Tal é, entre os mais notaveis nos fastos portuguezes, o celebre ajuste de paz que a rainha a sra. D. Isabel, aragoneza, depois canonisada santa, conseguiu fazer celebrar, no anno de 1323, entre seu marido, el-rei o sr. D. Diniz, e seu filho, o infante D. Affonso, depois, em 1325, rei 4.º do nome em Portugal, quando se achavam, frente a frente, dispostos a darem-se batalha a todo o trance [1]. O senado da camara da cidade de Lisboa, querendo perpetuar esta recordação historica do seculo XIV, mandou lavrar na cidade do Porto a pedra para um monumento, que no sitio denominado de Arroyos, uma das entradas principaes da capital de Lisbôa, recordasse aos vindoiros a piedosa intervenção que resolveu em jubilo e concordia a sanha que, pouco antes, ardêra n'aquelles alterosos animos [2]. Para se assignalar a epocha da edificação, ordenou-se que o marmore ostentasse, como ornato, a empreza que para si tomára el-rei o sr. D. João III, em cujo reinado se levou a effeito (que pelo modo e estilo de sua construcção e ornatos, é, sem duvida alguma, d'essa epocha) este patriotico intento: era a empreza uma cruz sobre uma penha de cinco pontas, com a lenda *In hoc signo vinces*. E para obviar duvidas que no futuro se podessem suscitar ácerca do auctor de tão feliz idéa, fez o senado da camara collocar no pé da cruz as armas de que ella usa: uma nau com dois corvos, um na pôpa, outro na prôa, em memoria da que, no anno de 1173, conduziu a este surgidoiro o veneravel corpo de S. Vicente martyr. A imagem que se observa n'este monumento, tendo na mão esquerda as referidas armas da cidade de Lisboa, é identica á do mesmo santo martyr gravada em duas moedas que fez cunhar o sr. rei D. João III, pela lei de 10 de junho de 1555, de oiro de 22 quilates, e valia 1$000 réis, chamada *S. Vicente*, mostrando em uma face a imagem do santo, que com a mão esquerda sustenta uma nau, e na direita empunha uma palma, com a letra em roda: *Zelator fidei usque ad mortem*. E no reverso o escudo real com a lenda: *Joannes Tertius Rex Port. et Al.* E outra chamada *meio S. Vicente*, que

[1] Veja-se *Monarchia Lusitana*, liv. XIX, cap. XXXVI. E na part. VII, liv. IV, cap. XIII.

[2] Ainda que o facto das pazes teve logar proximo do Campo Pequeno, como denota uma lapida que alli se observa enxerida na parede, comtudo, o senado da camara de Lisboa o quiz fazer mais patente em o sitio de Arroyos, onde, diz a tradição, estavam as tropas del-rei.

valia 500 réis, com as mesmas insignias. As moedas são documentos para a historia. O sr. rei D. João III ordenou que sempre ardesse uma lampada defronte do monumento. No anno de 1837, a camara municipal da cidade de Lisboa mandou remover este padrão insigne (para evitar pejamento) do local que desde o seculo XVI occupava; motivo por que se acha hoje na sacristia da egreja parochial de S. Jorge, onde póde ser ainda observado.

J. M. D. DE OLIVEIRA TRAVASSOS.

O curioso padrão de que trata o artigo precedente é de marmore branco ou pedra lioz. A gravura representa a parte superior d'elle, que é o que se vê de fóra do altar, onde ao presente está collocado, achando-se, por conseguinte, parte da hastea da cruz embebida no mesmo altar. É cópia a gravura de um desenho tirado do natural com muita fidelidade pelo nosso habil desenhador, o sr. Barbosa Lima.

Entendemos dever juntar-lhe a estampa que representa o monumento no seu estado antigo, erguendo-se no meio do largo de Arroyos, d'onde, infelizmente e sem necessidade alguma, foi arrancado.

A camara municipal de 1837, levada, como as que a tinham precedido, do louvavel empenho de aformosear a cidade, desobstruindo muitas ruas e praças de edificios arruinados, barracas e outras mesquinhas construcções, que, ao mesmo tempo que as afeiavam, davam um triste testimunho do nosso estado de civilisação, commetteram, todavia, alguns actos de verdadeiro vandalismo. N'esta conta deve ser tido, certamente, o que foi praticado com o monumento de Arroyos; pois que ao respeito que merecia como monumento de antiguidade, como padrão historico e como memoria da piedade religiosa, juntava-se o apreço que lhe cabe como objecto de arte.

Não queremos dizer n'isto que seja uma obra primorosa de esculptura. Mas em um paiz, como este nosso, em que as convulsões do solo, as guerras, a ignorancia dos reedificadores, e, finalmente, a sanha brutal dos demolidores tem destruido, ou mutilado, ou deturpado, mais ou menos, todos os nossos antigos monumentos; os pelourinhos, cruzeiros e outros padrões d'este genero que, pela sua especialidade, tem resistido e escapado com mais felicidade dos estragos do tempo e das injurias do homem, são um grande auxiliar para o estudo da historia das bellas artes em Portugal. Considerando bem na confusão dos elementos que existem para esse estudo, e na falta de tantos outros, não menos indispensaveis, podêmos dizer que aquelle genero de padrões é digno de muito apreço e attenção.

Além d'isso, nada lucrou o sitio com a demolição do monumento. Irregular na fórma e nas edificações que o guarnecem, o largo de Arroyos nem sequer é plano. Bastante elevado da parte do norte, tem grande declive para o lado do sul. Por muito que augmente o movimento da população, ficava ainda com sufficiente largueza para poder conservar aquelle padrão sem risco de estorvar esse movimento.

Na epocha em que foi erigido o padrão era o sitio um arrabalde de Lisboa, que tirava o nome, segundo presumimos, de umas hervas que alli havia em abundancia, e que então chamavam *arroyos*, das quaes falla o auctor da *Luz da Medicina* como planta medicinal. Com o andar dos tempos foi crescendo a cidade por fóra dos seus velhos muros, até abranger dentro em si aquelle sitio, que se povoou de casaria, e cujo nome ficou ao largo de que tratâmos, á rua que n'elle termina, tendo começado no terreiro de Santa Barbara, e á calçada que vae do principio d'aquelle largo até ao ao *Arco do Cego*. Do mesmo largo de Arroyos parte a *estrada de Sacavem*, que conduz ao norte da Estremadura e do reino.

O largo de Arroyos é celebre na historia moderna de Lisboa pelas scenas populares de que foi theatro por occasião da invasão franceza em 1810. A capital encheu-se de gente fugida das diversas terras do reino ao aproximar-se o exercito do general Massena. Algumas praças de Lisboa, e entre ellas o largo de Arroyos, transformaram-se em acampamentos, obstruidos de bagagens, por meio das quaes se aninhavam as familias desoladas.

O habilissimo lapis do nosso grande pintor Domingos Antonio de Sequeira fez um quadro de uma d'essas scenas afflictivas, que consternaram toda a cidade, desenhando o largo de Arroyos, no momento em que se distribuia aos miseros fugitivos, por ordem do governo, a sopa economica.

D'este desenho de Sequeira fez uma grande e excellente gravura Gregorio Fernandes de Queirós, discipulo do celebre Bartolozzi. D'essa gravura foi copiada apenas quanto bastasse para mostrar aos nossos leitores o padrão de Arroyos tal qual existiu até ao anno de 1837.

No largo de Arroyos estão a egreja parochial de S. Jorge, o palacio do sr. D. Christovão Manuel de Vilhena, senhor de Pancas, e filho dos condes de Alpedrinha, e o do sr. conde de Linhares, que se vê em a nossa gravura.

A parochia de S. Jorge, fundada no seculo XIII proximo do Limoeiro, foi transferida para Arroyos depois que o terremoto de 1755 lhe arruinou completamente o seu templo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(CONTO CÔR DE ROSA DE ANTONIO DE TRUEBA)

REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER

(Vid. pag. 22)

V

Abençoada seja a primavera que engrinalda de flores a terra, inunda de perfumes a atmosphera, veste de azul o ceo, e enche de alegria os corações!

Quando brilha o sol e as aves cantam, a alegria brilha e canta egualmente no coração, ainda que o coração não espere sair do pequeno inverno em que vivem os moradores das cidades.

Dirijo-me então ao occidente da villa, arrastado por uma força invencivel, e parece-me, ao atravessar a formosa praça que antecede o alcaçar, ouvir dizer ás folhas e ás flores que sáem timidamente a fortalecerem-se com o sol:

— «Poeta! carecemos de voz para erguer um hymno de benção ao que nos dá liberdade. Ergue-o tu em nosso nome, que no entanto, nós, agradecidas, derramaremos sobre ti sombra e perfumes!»

Sento-me ao pé do muro secular em que a nossa populosa villa venera a sua padroeira, e lanço com avidez a vista para o extenso horisonte que se desenrola ante mim.

A neve não coroa já os cumes do Guadarrama.

Reflecte-se o sol nas serenas e azuladas aguas do lago, na margem opposta do Manzanares.

Os formosos arvoredos da Virgem do Porto, da Flórida e da Casa de Campo, enfeitam-se com verde manto para assistirem á romaria de Santo Antonio.

E as flores do tomilho matizam os cumes de Sumasaguas, dizendo á brisa amiga:

—«Toma este fructo de essencias e leva-o áquelle captivo que nos contempla de longe, sem poder vir descançar no perfumado leito que lhe offerecemos».

A alegria vae deixando de brilhar e cantar no coração, porque me faltam as azas das codornizes, que voam e cantam atravessando o espaço azul.

Ai! é grande a resignação e a força da minha alma, mas o supplicio de Tantalo prostra-as!

Disse-me Deus quando vi a luz do mundo:

—«Vôa, ri, canta livre e feliz n'esses horisontes infinitos que destinei para as aves e para ti!»

Disseram-me, porém, os homens apenas comecei a voar:

—«Suspira, chora e morre!»

Suspiro, choro e morro asphyxiado em estreita prisão, onde, mais com o pensamento que com os olhos, diviso os campos abençoados que Deus offereceu á minha alma sequiosa de luz e liberdade!

Mas não morrerei, minha amiga, n'esta prisão, embora esteja n'ella muito tempo, porque em nossas almas ha eterna primavera, que me dará alento e vida com a luz, com os canticos e perfumes.

E ao elevar o pensamento mais alto, muito mais alto que os montes do septentrião, quasi sempre coroados de neve, ainda vejo em Cabia entes queridos que me abrem affectuosos braços, e tentam arrastar-me com olhar magnetico para aquelles campos abençoados que adquiriram direito á experiencia da minha ancianidade, ensinando-me desde o berço a amar Deus e a patria.

Vo temos, pois, a Cabia, que nunca mais formoso que hoje se ostentou aquelle ninho de flores, porque passaram os nebulosos dias do inverno, e o sol da primavera faz brotar as alegrias em todos os corações, as flores em todas as arvores, e os canticos em todos os labios.

O sol mostra os primeiros resplandores nos cumes de Urállaga, e pouco a pouco vae subindo, vae subindo, vae subindo até apparecer em toda a plenitude, inundando de luz e sorrisos até os mais profundos valles.

Os sinos de Cabia repicam mais sonoros, mais alegres e mais eloquentes que nunca; e é porque nunca o sineiro André lhes fizera dizer aos corações coisas mais ternas e consoladoras que hoje.

Consistirá só em que celebram ao mesmo tempo a resurreição de Jesus e a das flores, ou porventura em que no coração de André brotou alguma flor?

Ha instantes André atravessava o nogueiral dirigindo-se para a egreja, na occasião em que Isabel voltava da fonte com o cantaro á cabeça e um cravo na boca.

André ia cantando mais contente que as avesinhas que poisavam nas cerejeiras e nogueiras que sombreiam o templo; mas apenas viu assomar Isabel, o canto desappareceu-lhe dos labios e a alegria dos olhos.

— Bons dias, Isabel.

— Bons dias te dê Deus, André.

— Não m'os dá muito bons.

— Mas tu vinhas cantando!

— Quem canta males espanta.

— E quem te faz mal?

— Quem diz quem.

— Anda, falso!

— Cáia já fulminado se não é verdade.

— Não te castigue Deus.

— Por quê?

— Porque não é verdade o que dizes.

— Estima-me e verás.

— Já te disse que não.

— E por que não, Isabel?

— Porque não tens firmeza.

— Verás que sou constante quando tiver o teu amor.

— Devéras?

— Devéras. Dás-me esse cravo?

— Não, que o povo diz:

> Isabel me dió un clavel,
> le coloqué en la ventana,
> el viento se le llevó...
> y adiós, Isabel del alma!

— Não o levará o vento, porque não o porei na janella.

— E onde?

— No coração.

— Ahi tens o cravo.

— Lá vem o sr. prior!

— E tambem minha mãe!

— Adeus.

— Adeus.

André subiu para a torre dando um beijo no cravo, em cada degrau.

Isabel parou antes de entrar em casa, esperando que André começasse a repicar os sinos, e perguntando para comsigo:

— Que lhes fará dizer elle?

André começou a repicar, e Isabel accrescentou soltando alegre gargalhada:

— Pois não lhes faz dizer: Isabel, Isabel, Isabel!

Desde madrugada quasi todos os moradores de Cabia discorriam pela aldeia, pelos jardins, pelas herdades, pelos pomares, pelos bosques, rindo e folgando alegremente, estes apascentando os bois nos campos, aquelles apanhando as hortaliças nas hortas; aquell'outros indo buscar a agua serena na fonte do castanhal; muitos em fim admirando unicamente a formosura do ceo e da terra.

Reinava a alegria em quasi todos os corações.

E se não digo em todos, é porque tenho as minhas razões. Vejamol-as.

A casa de D. João de Urrutia contrastava notavelmente por sua riqueza, não só com a de Antonio de Molinar, senão tambem com as restantes de Cabia.

Nada faltava n'ella para commodidade de seus moradores. Na mobilia e no ornato dos aposentos, quasi reaes, haviam-se desprezado os pormenores que o gosto delicado inspira; mas em compensação imperavam alli a riqueza e o conforto.

A habitação de D. João, digna a todos os respeitos de um principe, recebia, através das grinaldas de flores que trepavam da janella, inundando-a de perfumes, os primeiros raios do sol que tambem a inundavam de luz.

Quando os sinos, magistralmente repicados por André, tão dulcissimas coisas diziam aos habitantes de Cabia, e tanto alegravam os corações, D. João ergueu-se duas ou tres vezes no leito, exclamando com rosto iracundo:

— Malditos sinos!... Estou aborrecido d'elles até aos ossos!...

Calaram-se a final os sinos, e D. João procurou recobrar o somno, mas baldadamente, porque as voltas que dava na cama, e as palavras incoherentes que soltava quando ia adormecendo, demonstravam que o somno, em vez de ser tal, era antes um pesadelo.

Não sei o que o despertava assim, porque o unico ruido que se ouvia ao redor d'elle era o dos passaros que cantavam nas flores que trepavam na janella. Haveria porventura no coração do abastado proprietario de Cabia algum ruido, que só elle ouvia?

Quem sabe, meu Deus, até que ponto são capazes de perturbar o somno os ruidos do coração!

Era proximo das dez horas quando D. João se levantou e puxou pela campainha com tal força que o cordão se despedaçou.

— Que determina, meu senhor? — lhe perguntou Bento entreabrindo a porta do quarto.

— Determino que todos vossês sáiam immediatamente da minha casa, porque me servem muito mal.

Bento retirou-se sem responder.

Linda, a cadella, que ao ver aberta a porta do quarto, viu o ceo aberto, porque morria pelo dono, foi-se a este para o acariciar; porém D. João deu-lhe com o pé, murmurando:

— Não estou para caricias!...

Linda retirou-se maldizendo a ingratidão dos homens.

D. João deixou-se cair em uma poltrona.

Os passaros continuavam cantando entre as flores que trepavam na janella e nas arvores da quinta.

D. João tolerou-lhes o canto por alguns instantes; porém em fim levantou-se irado, exclamando:

— Maldito concerto!... É capaz de fazer perder a paciencia a um santo!

E abriu a janella com estrepito.

As avesinhas que alli cantavam, ao ver aquelle rosto iracundo, transferiram o concerto para outro ponto, queixando-se da pouca protecção que se dispensava aos artistas; mas as que cantavam nas arvores, ou julgaram a fuga só digna de musicos vulgares, ou no meio do enthusiasmo com que executavam grande peça concertante, não viram nem ouviram D. João, embora este, estendendo os braços como aspas de moinho, repetisse com todas as forças:

— Schio... io!

D. João, cégo de colera, foi buscar a espingarda e descarregou-a sobre o grupo das avesinhas, que, posto ficassem illesas, foram obrigadas a fugir para o quintal de Antonio, onde terminaram o concerto com satisfação do publico.

Ouvindo o tiro, Antonia appareceu na porta de sua casa, que era fronteira á janella do quarto de D. João, e vendo este armado com uma espingarda, disse-lhe:

— Está a caçar, D. João, está a caçar? Ainda bem que o vemos já com animo para divertir-se! Na verdade, quem não estará alegre hoje que resuscitou o Senhor... até o ceo, o sol, as flores e os passaros o celebram! Havemos de vêl-o á tarde, em o nogueiral, dançar uma roda ao som da pandereta... C'os diachos! quer o sr. D. João dançar commigo?

— Deixe-me!

— Que o deixe?...

— Não tenho vontade de conversar.

— Com as velhas como eu, não é assim?

— Nem com as moças.

— Olhe que tudo vem a saber-se, sr. D. João.

— E o que é que sabe, grandissima bruxa?

— Ah! ah! ah!... Poz a carapuça...

— Qual carapuça?

— Pensa que, quando hontem encontrou Isabel na estrada, eu, filha de minha mãe, que Deus haja, apesar de estar do outro lado plantando arbustos, era surda?

— D. João córou de vergonha e colera, e balbuciando algumas palavras inspiradas por estes dois encontrados sentimentos, voltou-se para se retirar da janella.

— Sr. D. João, disse Antonia, não lhe chamei judeu para que se amofine d'esse modo. Annunciar que vae casar-se é cingir-lhe coroa, e com Isabel muito mais. Ella é pobre, muito pobre; merece, porém, casar com um principe, quanto mais...

— Quem lhe disse, grandissima tagarella, que eu vou casar-me?

— Pois não podêmos acreditar que com mau fim...

— Nem com mau, nem com bom, porque nunca pensei em casar-me.

— Chamam-lhe por isso João *Palomo*...

— Sra. Antonia! Sra. Antonia! Por todos os demonios do inferno, não me provoque, que me dão tentações de fazer um disparate!...

E, dizendo isto, D. João agitava convulsivamente a espingarda.

Antonia assustou-se, e, soltando um grito, recolheu-se em casa.

Nem Bento nem a cozinheira tinham pensado em sair immediatamente, pela simples razão de que se julgavam com tanto direito a não obedecer ao amo, como este a mandal-os.

— Bento! Cyriaca! Ambrosia! — gritou D. João. Onde estão vossês, que me deixam aqui só como um negro?

Bento e a cozinheira Cyriaca vieram logo ao chamamento do amo.

— Que determina o senhor?

— Tragam-me o almoço, no mesmo instante!

— Ainda não está prompto, respondeu a cozinheira.

— Preguiçosos!...

— Ambrosia levou a chave da despensa.

— E onde está Ambrosia?

— Na egreja, desde as seis horas.

— Que venha depressa, correndo, voando... se não!...

Bento foi-se a correr á egreja para chamar Ambrosia, que, poucos instantes depois, subia a escada resmungando.

— Morreu aqui alguem? — perguntou insolentemente ao amo.

— Eu é que estou resolvido a ensinal-os de vez, porque me falta a paciencia. É de mais, canalha!

— Tranquillise-se, meu senhor, olhe que lhe faz mal a zanga!

— Cale-se, Ambrosia, cale-se!...

— Hei de calar-me de todo. Quem é rico póde chamar outras Ambrosias que o sirvam.

— Rico!... De que me serve sêl-o, se me encontro só; se não tenho, ainda que exhale a alma, quem me sirva de boa vontade; se nem encontro sequer a quem contar os meus desgostos!...

— Case-se, meu senhor, e verá como se lhe acabam os pezares.

— Não fallemos mais d'isso, Ambrosia, que posso commetter algum desatino. Tragam-me sem demora o almoço, e antes d'elle uma camisa, que não quero usar a que despi hontem.

— Não ha nenhuma...

— Não ha nenhuma, tendo eu duzias?

— Não estão engommadas.

— Pois que fez vossê na semana inteira?

— O que não fazem os herges.

— Mas póde-se muito bem conciliar a devoção com a obrigação.

— Tambem v. exc. é dos taes...

D. João lançou-se em uma poltrona, desesperado já de fazer entrar os criados na ordem, e procurando meio de pôr termo á hypocondria e ao enfadamento, que eram o seu estado normal.

Soou o primeiro toque da missa, e em seguida D. João ouviu estrepitosas gargalhadas de homem e mulher em o nogueiral. Chegou á janella, e viu que as soltavam Antonio e Feliciana, em caminho da egreja, cada qual com um pedaço de brôa na mão, que comiam com tanto appetite como se fosse pão alvo.

(Continua) BRITO ARANHA.

ITALIA

TUNNEL DO MONTE CENIS

Os Alpes dividem a Italia da França, e o monte Cenis, que é um dos mais altos d'esta grande cordilheira, pois que se eleva a 3:493 metros acima da superficie do mar, separa o Piemonte do condado de Morianna, na Saboya.

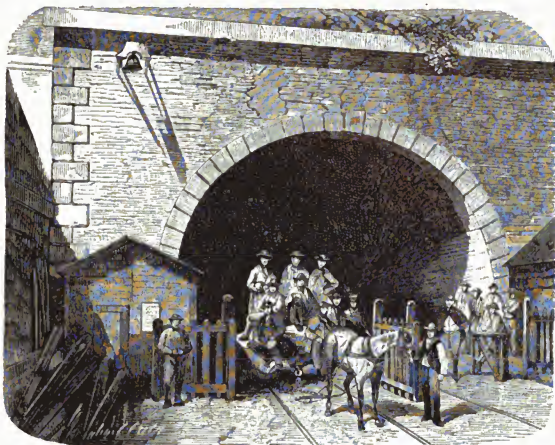
Até ao principio d'este seculo, os Alpes apenas offereciam duas passagens para se entrar na Italia do lado de França: uma pelo *monte Cenis*, a outra pelo *monte Simplon*. Porém tão escabrosos e cheios de precipicios eram esses caminhos, abertos, por assim dizer, através das fragas das montanhas pelo continuo transitar dos viandantes, que uma tal viagem era, além de mui difficil e trabalhosa, perigosissima em qualquer estação do anno. D'este modo serviam os Alpes simultaneamente de instrumento de bem e de mal

para a Italia, pois que, ao mesmo tempo que a defendiam, como baluartes, obstavam, como barreiras inaccessiveis, ao desenvolvimento do seu commercio com o meio-dia da Europa.

Napoleão I, que dominou como senhor em toda aquella formosa peninsula, e que pretendeu realisar o sonho de tantos monarchas que se sentaram, antes d'elle, no throno da França, reconheceu que a facilidade das communicações era a base essencial do systema politico que poderia assegurar, por algum tempo, o predominio da França na Italia, ou fosse preciso empregar a força, ou bastasse a influencia moral cimentada pelo poderoso motor do commercio em beneficio da nação mais adiantada na industria.

Tal foi o pensamento que deu origem ás duas magnificas estradas que atravessam os *montes Cenis e Simplon*, e por onde o viajante póde correr em carruagem rapidamente desde as fronteiras da França até Turim e Milão, d'onde hoje partem outras vias não menos commodas e faceis.

Todavia, a civilisação, caminhando sempre, tornou insufficientes aquelles melhoramentos grandiosos, que ainda até ao fim do primeiro quartel do seculo actual representavam o progresso mais avançado.

As estradas do *Simplon* e de *Mont-Cenis* crearam e desenvolveram em larga escala as relações commerciaes entre a Italia e a França. Porém esse grande movimento, que augmenta de anno para anno, é embaraçado, e muitas vezes impedido, durante o inverno, pela accumulação da neve, com eminente risco

Entrada do tunnel

para os viajantes, e incalculaveis prejuizos para a industria d'aquelles dois paizes.

A necessidade, pois, de remediar este mal, ou, diremos antes, as exigencias da civilisação, obrigaram o governo piemontez a cuidar seriamente da construcção de um caminho de ferro, que, unindo o Piemonte á França com mais faceis e breves communicações, evitasse as difficuldades e perigos da passagem do monte Cenis na estação invernosa.

A empreza ostentou-se logo a todas as vistas ardua e gigantesca, pois que era necessario cortar ou furar uma das maiores montanhas da cordilheira dos Alpes. Entretanto, o governo de Turim não recuou diante d'essa immensa difficuldade. Coube ao conde de Cavour a gloria de propor ao parlamento a execução de tão grandiosa obra, e de lhe dar principio sem embargo dos obstaculos que pareciam insuperaveis.

Feitos os estudos, reconheceram os engenheiros que era indispensavel fazer-se um túnnel através do monte Cenis, de 12:220 metros de extensão. Para se começar e levar a cabo similhante obra era mister, porém, que a sciencia resolvesse diversos problemas.

Não podendo operar os trabalhadores senão nas extremidades do túnnel, em consequencia da extraordinaria elevação da montanha, sendo esta formada inteiramente de rocha dura, e não permittindo a estreiteza do espaço dentro do túnnel que trabalhassem simultaneamente muitos homens, o acabamento da obra levaria, sem duvida, o tempo regular da vida de uma geração. A este grande inconveniente juntava-se uma difficuldade de muito maior vulto; a de introduzir no túnnel o ar atmospherico necessario á vida, conservando ahi ao mesmo tempo uma temperatura regular, e expulsando quaesquer exhalações mephiticas.

Foram resolvidos estes problemas com muita felicidade por tres engenheiros, os srs. Grandis, Grattoni e Sommeiller, que inventaram machinas para auxiliarem o trabalho dos operarios, e para arejar e purificar o interior da galeria de todos os miasmas nocivos. Obtiveram os illustres engenheiros todos estes appetecidos resultados por meio do ar comprimido. A *Illustração* franceza, d'onde foi copiada a nossa gravura da entrada do túnnel, explica aquelle processo do modo seguinte:

«Junto das duas entradas da galeria reuniram, por

meio de encanamentos, as aguas das ribeiras visinhas, e pelo impulso da sua quéda, conforme a altura a que poderam eleval-as, conseguiram comprimir o ar. Em Bardonneche, onde o volume de aguas é pequeno, mas que se precipita de grande altura, fazem trabalhar directamente, sob a torrente caída de uma elevação de 26 metros, machinas chamadas pelos inventores *compressoras por effeito de choque*. Em Modane, onde ha maior volume de aguas, mas caíndo de menos altura, applicaram outro systema de machinas, que denominaram *compressoras por meio de pistão liquido*, e ás quaes dão movimento rodas hydraulicas.

«O ar atmospherico, assim comprimido e reduzido á sexta parte do seu volume, é arrecadado em grandes reservatorios de ferro, e d'ahi é conduzido por tubos ao fundo do túnnel.

«É aqui que se manifesta em toda a sua extensão a grande utilidade e importancia d'esta nova applicação. O ar comprimido é introduzido nas machinas que abrem na rocha os buracos da mina, e, depois de ter servido como motor, espalha-se no estreito espaço onde trabalham as machinas, e fornece aos trabalhadores essa continua renovação de ar indispensavel n'este genero de trabalhos, em que é preciso expulsar do fundo das galerias o ar mephitico produzido pela combustão da polvora e das lampadas, e pela respiração.

«Realisa-se ainda outro facto mui vantajoso: como o ar, no momento da sua compressão, perde uma parte do seu calor latente, este facto, que em outra qualquer hypothese seria uma perda de força, não o é no presente caso; por quanto, depois de ter actuado como motor, o ar, espalhando-se pelo fundo da galeria, readquire o calorico que perdêra, e produz d'est'arte uma diminuição na temperatura, que, em vez de chegar a um limite excessivamente elevado, se conserva entre 18 e 23 gráos centigrados.

«As pequenas machinas em que opera o ar comprimido, e ás quaes os inventores chamam *furadoras*, pesam, pouco mais ou menos, 250 a 300 kilogrammas, e compõem-se de duas partes essenciaes: uma movel e a outra fixa. Esta imprime o movimento a toda a machina; aquella conduz o *florete*, ou instrumento furador, que abre o buraco da mina.

«As machinas furadoras, por meio das quaes vão abrindo a pequena galeria de avanço, são conduzidas sobre uma carreta ou zôrra, que anda em carrís de ferro, e que póde avançar ou recuar, segundo se quizer. São sete ou nove as machinas d'este genero, as quaes trabalham ao mesmo tempo, e estão dispostas de maneira que podem funccionar independentemente umas das outras. A mesma carreta que as conduz leva um apparelho de distribuição do ar comprimido, que é repartido por cada machina por meio de tubos flexiveis. Os carrís estão collocados até ao ponto do ataque (isto é, até junto da rocha no fundo da galeria), e os encanamentos de ferro laminado, que conduzem o ar comprimido, ficam atraz, em uma distancia de 15 a 20 metros.

«Começa-se a operação impellindo a carreta contra o ponto de ataque; une-se por meio dos tubos flexiveis o apparelho de distribuição de ar comprimido com a extremidade dos encanamentos de ferro acima referidos, e d'este modo cada uma das machinas fica em estado de trabalhar. Atraz da carreta das machinas está outra com um reservatorio anteriormente cheio de agua, a qual é então submettida a uma pressão, que se consegue fazendo communicar o apparelho de distribuição de ar comprimido com o dito reservatorio. A agua, distribuida a seu turno por cada uma das machinas, mediante um apparelho similhante ao que distribue o ar, é injectada com força em cada um dos buracos da mina durante a progressão dos trabalhos. Serve este processo para desembaraçar o buraco do pó da pedra, á maneira que elle se fórma, e para obstar que se excandeça o florete ou instrumento furador.

«Toda esta officina é illuminada a gaz, e os conductores d'este, collocados ao lado dos do ar comprimido, communicam, tambem por meio de tubos flexiveis, com um apparelho de distribuição conduzido na mesma carreta.

«Achando-se todas estas coisas assim dispostas, começa o trabalho. Cada machina abre, termo médio, oito a dez buracos de mina, de modo que, acabando o trabalho de furação, o ponto de ataque, ou a frente da rocha, acha-se crivada de sessenta a setenta buracos de um metro de profundidade, pouco mais ou menos. Tiram-se então os tubos flexiveis que communicam o ar e o gaz dos encanamentos de ferro para os apparelhos de distribuição, e faz-se recuar a carreta das machinas, a fim de a abrigar detraz de um taboado movel, a que dão o nome de *portas de segurança*, e que, sem impedirem a expansão do ar no momento da explosão, defendem as machinas dos estilhaços da rocha. Estão collocadas estas portas a uma distancia do ponto atacado, que varia de 40 a 100 metros, e assim as vão levando e dispondo mais para diante todas as vezes que a distancia attinge este ultimo limite.

«Quando a carreta das machinas está abrigada por esta maneira, carregam todos os buracos da mina com polvora de artilheria, e lança-se fogo aos rastilhos. Não é simultanea a explosão em todos os buracos: o diverso gráo de resistencia que apresenta a rocha faz com que ella rebente por duas ou tres vezes.

«Os pedaços da rocha arrancados pela explosão das minas são logo carregados em pequenos *wagons*, que rodam sobre uma via ferrea lateral, que occupa o espaço comprehendido entre as paredes da galeria e os carrís em que anda a carreta das machinas. Estes materiaes são assim conduzidos até uma certa distancia das ditas machinas, onde são baldeados para *wagons* ordinarios que os transportam para fóra do túnnel. Depois collocam-se, se ha logar para isso, os carrís de prolongamento das vías de serviço, e alongam-se os encanamentos do ar e do gaz, se não é sufficiente o comprimento dos tubos flexiveis.

«Finalmente, a carreta das machinas é levada novamente contra o fundo da galeria para tornar a começar a serie das operações que acabâmos de descrever. São precisas doze horas para se completar cada uma d'estas series de trabalhos.

«Dissemos que este novo systema é applicado á abertura da pequena galeria de avanço. Tem esta galeria uma secção de uns 3 metros de largura e 2^{m},30 de altura. Logo que está aberta a pequena galeria, o augmento ou a ampliação da secção, para adquirir as dimensões definitivas que deve ter o subterraneo, e que são as de todos os túnneis de duas vias, é feita pelos meios communs, e não offerece difficuldades: apenas é necessario multiplicar os partidos de trabalhos para o desbastamento das rochas em muitos pontos diversos, e com sufficiente numero de operarios, para que o alargamento da secção e revestimento de alvenaria sigam com a mesma actividade as operações da abertura da galeria. N'esses logares de desbastamento da rocha e de revestimento de alvenaria é empregado tambem o ar comprimido, ora como motor de machinas de ventilação, ora directamente como meio de expellir o fumo o mais promptamente que é possivel, por effeito de jactos lançados logo depois da explosão das minas.

«São feitos os trabalhos á custa e sob a superintendencia do governo italiano, e debaixo da sábia direcção dos inventores das machinas. A França concorre actualmente para esta obra, pagando as despezas da parte do túnnel comprehendido no territorio que se tornou francez pela annexação da Saboya.

«Resta-nos unicamente responder a algumas perguntas que os nossos leitores, naturalmente, nos vão dirigir, pois que nascem, sem duvida, de mui legitima impaciencia.. Quaes são os resultados adquiridos até hoje? Em que epocha provavel estará acabada a furação dos Alpes?

«O andamento d'esta empreza foi embaraçado, nos seus principios, com todo o genero de difficuldades. A novidade do systema, as condições locaes das duas entradas do túnnel, a necessidade de transportar o material de muito longe, com avultada despeza e grande perda de tempo, foram causas, na instalação da empreza, de delongas que passaram além de todas as previsões. Entretanto, essas difficuldades foram vencidas pelos esforços perseverantes dos engenheiros inventores, e, graças á esclarecida confiança que o governo tem constantemente depositado n'elles, os trabalhos assumiram, em fim, andamento regular e definitivo.

«As difficuldades provenientes das condições locaes tem quasi desapparecido ao presente. Junto de cada uma das duas entradas do túnnel tem sido edificadas aldeias para abrigar os operarios e prover ás suas necessidades. Os operarios estão já muito familiarisados com esse trabalho, em verdade especial, e no qual, sob a intelligente e activa direcção dos seus chefes, chegam a dar mostras de grande habilidade. Finalmente, a experiencia adquirida por todos até ao dia de hoje, deixa prever de uma maneira exacta, e com bastante anticipação, as necessidades do serviço, e os meios de lhes occorrer sem perda de tempo.

«A excavação já apresenta um comprimento de 4:100 metros, dos quaes 1:100 são o resultado dos trabalhos do anno de 1864. D'estes 1:100 metros de excavação, 600, pouco mais ou menos, foram feitos do lado de Bardonneche, e 500 do lado de Modane. A parte que resta para abrir terá uns 8:120 metros.

«Ha razão para crer que a obra poderá avançar com egual rapidez do lado de Modane e do de Bardonneche, e n'este caso, mesmo abstrahindo dos melhoramentos que ainda podem ser feitos n'aquelle systema de trabalhos, poder-se-ha contar com um avanço annual de 1:200 metros, devendo-se concluir, á vista d'este calculo, que esta empreza colossal ficará terminada no estio de 1871.

«Não está, portanto, muito distante a epocha em que esta longa via subterranea será entregue á locomotiva. Aquella enorme cordilheira de montanhas, que parecia dever levantar-se eternamente entre a França e a Italia, será abatida para que se apertem cada vez mais os laços que unem as duas nações.»

Agora, graças ao poder da civilisação, e á unidade da maior parte da Italia, não terá este paiz a temer coisa alguma d'esses laços que o vão unir tão estreitamente a uma nação tão poderosa e guerreira.

A força e auctoridade que resultam da união; e a riqueza, illustração e poder que provém das communicações faceis, e hoje, sobre tudo, das vias acceleradas, darão á Italia seguras condições de independencia, ao passo que lhe preparam um futuro de prosperidade, de esplendor e de grandeza.

I. de Vilhena Barbosa.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE INSTRUCÇÃO PUBLICA

(Vid. pag. 18)

III

A Gran-Bretanha tem sido por quasi todos avaliada injustamente. Louvam-n'a uns em demasia, rebaixam-n'a outros com exaggeração. Como quasi sempre, encontra-se a verdade entre os dois extremos. Parece-me, comtudo, que devemos attribuir o que ha mau a innumeras circunstancias peculiares d'esse paiz, e que são outras tantas razões para admirarmos a energia e o espirito altamente civilisador do governo e das classes illustradas.

Em poucos paizes tem o progresso que superar tamanhas difficuldades, em poucos paizes encontra a luz intellectual tão densos esquadrões de trevas a repellirem-n'a obstinadamente. Mas nada desanima os desvelados apostolos da instrucção e da moralisação, e não ha meio algum diante do qual recuem para penetrar n'essas vastas catacumbas, onde se atropella e se debate o proletariado nas garras da triplice panthera que se denomina «ignorancia, miseria e devassidão».

Nos paizes do norte a pobreza toma um aspecto muito mais hediondo do que no sul. A mendicidade meridional, esfarrapada, mas quasi alegre, que em qualquer parte se abriga, não póde comparar-se com a pobreza britannica, impellida por um clima despiedoso a agglomerar-se em hediondos pardieiros, onde os sexos se confundem, onde a desmoralisação não tarda em se unir á miseria, sua pallida irmã. Considere-se além d'isto a constituição dos homens das raças septentrionaes, que necessitam de muito maior quantidade de alimento do que a raça proverbialmente sobria dos homens do sul; pense-se nas necessidades muito mais multiplicadas dos homens dos climas frios, a quem não mata só a falta de pão, mas tambem a falta de lenha e de vestuario forte e capaz de resistir a esse demonio que de inverno paira, com um riso terrivel, na atmosphera nebulosa de Londres. Junte-se a isto a desproporção do solo, pouco extenso, com a população a cada passo recrescente, a deploravel tendencia dos homens da raça anglo-saxonia para a embriaguez, mãe de todos os vicios e crimes, a limitada divisão do solo, que não tem senão grandes proprietarios, as qualidades anti-hygienicas de muitos ramos da industria ingleza, taes como a exploração das minas de carvão de pedra, etc., e depois de se terem passado em revista estas innumeras causas, que deviam produzir a dissolução completa n'outro qualquer paiz, examine-se despreoccupadamente o estado verdadeiro da Inglaterra, e curve-se respeitosamente a cabeça perante quem póde fazer tanto bem, derrubar tantos obstaculos, caminhar tão sereno, para o horisonte desafogado onde resplende a luz do bem-estar, da instrucção e da moralidade, por esta emmaranhada selva de horrores.

Fallemos unicamente no que diz respeito ao nosso assumpto. Vejâmos se os inglezes se contentam em fundar escholas primarias e escholas normaes, e se deixam o resto a Deus e á ventura. Ha muito que aprender no resumido esboço que vamos traçar da instrucção publica em Inglaterra no que diz respeito ás classes pobres.

Em primeiro logar façâmos notar um ponto muito importante. A instrucção primaria está quasi toda a cargo das parochias, não porque o governo assim o ordene, mas porque as proprias parochias o exigem como um dos seus privilegios, privilegio que defendem intrepidamente contra as invasões que por muitas vezes o governo tem tentado fazer, com o fim de as auxiliar, no terreno do ensino. Rejeitam obstinadamente todos os soccorros, e é necessario empregar a astucia para conseguir que uma ou outra vez as parochias mais pobres acceitem subsidios que as possam auxiliar na sua piedosa tarefa.

Os pastores protestantes, animados (devemos dizel-o, ainda que isto venha ferir o nosso amor proprio de catholicos) pelo verdadeiro espirito evangelico, empregam todos os seus esforços para que os homens opulentos da parochia contribuam para esta obra santa. Raros a isso se recusam, e não só auxiliam com

os seus dinheiros, mas elles proprios vigiam a eschola, elles proprios a inspeccionam; porque todos, depois de terem pago essa contribuição voluntaria, fiscalisam a gerencia do estabelecimento para que contribuiram, desejosos de que esse pequeno sacrificio que fizeram produza os fructos que d'elle se esperavam.

É esta effectivamente a grande vantagem d'este systema, vantagem incontestavel e que salta aos olhos, a perfeita fiscalisação do ensino, fiscalisação que nunca se póde fazer tão perfeitamente, quando são os dinheiros do estado quem sustentam a eschola.

Ha tambem bastantes inconvenientes n'este methodo, e o principal é o sujeitar o ensino aos caprichos de alguns tyrannetes de aldeia, que podem, de um dia para o outro, suspender as suas subscripções e paralysar a marcha regular da instrucção. O governo inglez reconhece isso mesmo; porém, vendo as grandes vantagens que sobrepujam os inconvenientes, procura melhorar o systema sem o destruir, diminuindo a pouco e pouco os defeitos, sem tocar nas boas qualidades, particularidade caracteristica de todas as reformas inglezas, que procuram sempre de preferencia concertar o velho edificio a destruil-o e a fazer um novo.

Tenta, pois, o governo britannico, vencendo a repugnancia das parochias, intervir quanto possa na instrucção primaria, subsidiando as escholas e pedindo em troca um certo numero de direitos e prerogativas. Resiste o velho espirito inglez, e as parochias oppõem-se com todas as suas forças a que se lhes cercêem os seus antigos privilegios; mas o primeiro passo está dado, e a administração, progredindo a pouco e pouco, ha de a final conseguir o que deseja. Quando uma parochia é pobre bastante e não póde sustentar uma eschola, fórma com outras uma especie de federação, que se denomina *union*, e que realisa o que a parochia isolada não conseguiria.

Aqui temos, pois, a iniciativa individual fazendo milagres que o governo só não faria, de certo; mas nem por isso o poder se julga dispensado do cumprimento dos seus deveres. Vêmol-o, sem perturbar de modo algum a acção das parochias, espiando attentamente a occasião de as auxiliar, fiscalisando-as indirectamente, e concorrendo quanto póde para lhes alliviar e suavisar a tarefa de que voluntariamente se encarregaram.

Comprehende-se o quanto a instrucção lucrará com a emulação que forçosamente ha de haver entre as differentes *unions*, e o zêlo com que todas as questões, que dizem respeito á educação, são estudadas pelos homens que tomaram alegremente aos hombros esse cargo de caridade.

Fallámos até aqui nas escholas livres, isto é, nas escholas onde os paes pagam uma ligeirissima contribuição, e aonde, por conseguinte, podem mandar ou deixar de mandar seus filhos. Mas attendâmos que, de um modo ou de outro, raras crianças se podem eximir á instrucção. O egoismo de muitos empreiteiros de differentes industrias, em que se empregam crianças, condemnava os infantis operarios a um trabalho continuo, que lhes arruinava a saude, que os embrutecia, e que lhes não deixava consagrarem um instante só á eschola. Os paes consentiam n'este duplo assassinio physico e moral. Interveiu a lei. Foi prohibido aos donos de qualquer manufactura receber crianças de menos de nove annos. Crianças de menos de treze annos não podem trabalhar mais de seis horas por dia, se trabalham todos os dias; mais de dez horas, se trabalham um dia sim outro não. No primeiro caso as crianças devem ir tres horas á eschola, no segundo cinco horas. Sem um attestado que prove o cumprimento da lei não podem os donos de manufacturas empregar as crianças.

A ignorancia e a brutalidade, repellidas dos grandes focos industriaes, refugiaram-se nas pequenas industrias particulares. Ainda áhi as foi perseguir a lei, e só parou á porta do domicilio domestico, inviolavel e sagrado para todo o inglez. Ahi principia a acção da caridade particular, e da influencia benefica das classes illustradas sobre as classes infimas. Esta lei, altamente justa, é efficazmente auxiliada pelos fabricantes, que não recuam diante de despeza alguma, quando percebem que essa empreza lhes póde ser util, e elles bem sabem quanto lhes é util a illustração dos seus operarios. Os fabricantes e os negociantes inglezes não são como os nossos que não comprehendem senão o ganho immediato, e que não aventuram um capital sem saberem ao certo qual é o juro que lhes compete. Sabem que é necessario semear para colher, ás vezes, sete annos depois, e não choram o dinheiro que elles proprios empregam em fundar escholas, porque sabem que d'essas arvores de benção que plantam, hão de vir a brotar fructos que serão a alegria, o orgulho e a riqueza do cultivador.

Padrão de Arroyos no seu estado até 1837
(Vid. pag. 25)

Quereis um exemplo? Todos sabem que nas industrias de luxo levam os francezes a palma aos inglezes pelo bom gosto dos ornatos, pela elegancia dos enfeites, pelo artistico do trabalho. Confessavam isso mesmo os fabricantes da Gran-Bretanha, mas não se limitando a confessal-o, procuraram remediar esse defeito. Fundaram á sua custa escholas de desenho, aonde concorreram nuvens de operarios. Revelaram-se vocações que morreriam á falta de animação, saíram artistas de que o paiz póde vir a gloriar-se, e conseguiu-se ao mesmo tempo o fim a que elles aspiravam. Em menos de dez annos, estabeleceram os fabricantes inglezes noventa escholas de desenho, frequentadas por noventa e dois mil estudantes. O resultado d'isto foi que, mostrando-se as fazendas inglezas na exposição universal de 1851 muito defeituosas pelo lado do ornato, já na exposição de 1863 mr. Mérimée, o celebre escriptor francez, encarregado de escrever o relatorio da exposição, era obrigado a confessar que, *debaixo do ponto de vista artistico, se as fazendas inglezas ainda não egualavam as francezas, comtudo, muito se lhes approximavam.*

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

Egreja de Santa Cruz de Coimbra

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

I

FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO

É representante este monumento de duas epochas da historia portugueza, afastadas uma da outra quasi por quatro seculos, bem differentes no mandato que lhes commetteu a civilisação; mas ambas gloriosas para este paiz, ambas egualmente fecundas em resultados civilisadores.

Na primeira, a espada invicta de D. Affonso Henriques liberta o solo de Portugal do dominio dos sarracenos que o senhorearam por mais de quatrocentos annos; e os portuguezes, agradecidos e ébrios de en-

thusiasmo, acclamam rei o general que os conduziu á victoria, e fundam no campo da batalha, onde jaziam, entre os despojos do vencedor, cinco coroas de reis, a monarchia que a Providencia destinava para o maior commettimento das edades modernas.

Na segunda, uma pleiade de heroes, impellidos para o caminho da gloria, pelo rei D. Manuel, o afortunado, sulcam e devassam os mares em todas as direcções, affrontando mysterios e tormentas; descobrem a maior parte da Africa; mostram á Europa, cheia de assombro, o caminho da India; levantam o véo que occultava o Brasil entre os mundos desconhecidos; lançam por todas essas longinquas regiões os fundamentos do grande imperio portuguez; dão novo rumo, novas bases e novas leis ao commercio das nações européas; abrem, finalmente, de par em par as portas á moderna civilisação.

Taes são as quadras da vida d'esta nação que o mosteiro de Coimbra commemora. Coévo com a fundação da monarchia, e devendo, como esta, a sua existencia ao mesmo braço e ao mesmo esforço, rejuvenesceu, e ataviou-se de novas e mais esplendidas galas, ao aceno do soberano que fez reflorecer Portugal em gloria, riqueza e poder.

Os conegos das sés viviam em communidade, com clausura e silencio, desde o principio do seculo v, seguindo o exemplo dado por Santo Agostinho na cathedral de Bona, e observando a regra instituida por este patriarcha.

Correndo o anno de 1128, D. Bernardo, ex-monge benedictino, que então governava a diocese conimbricense, deu liberdade aos seus conegos para deixarem a vida commum, e poderem adquirir propriedades. Posto que a este tempo já outros prelados, em paizes estrangeiros, tivessem concedido egual permissão, o arcediago D. Tello, o mestre-eschola de D. João Peculiar, e D. Miguel, prior da sé, não se poderam conformar com a resolução do bispo D. Bernardo. Reputando a vida claustral mais perfeita e mais apropriada ao estado ecclesiastico, determinaram fundar um mosteiro, onde se recolhessem a observar a regra agostiniana.

A idéa inicial partíra de D. Tello, que, tendo visitado a cidade de Jerusalem, víra e ficára encantado do instituto dos conegos do Santo Sepulchro. Foi elle, pois, que se dirigiu ao bispo, solicitando licença para a fundação de um mosteiro junto da cidade de Coimbra. Obtido o consentimento do prelado, escolheu um sitio baixo a oéste da cidade, e proximo das suas muralhas, chamado os *Banhos da Rainha*.

Havia n'esse logar uma pequena egreja, da invocação de Santa Cruz, e ao pé d'esta uma horta, que se estendia até á raiz de um monte povoado de oliveiras, que a abrigava do norte. Restava, portanto, fazer a acquisição do terreno para se pôr o intento em execução. Para esse fim recorreu D. Tello ao soberano, de quem era muito acceito; e D. Affonso Henriques, ainda então infante, annuiu de bom grado aos rogos do arcediago, fazendo-lhe doação dos *Banhos da Rainha*. D. Tello, em reconhecimento da munificencia do infante, offereceu-lhe uns ricos jaezes de cavallo, e um peitoril cravejado de pedraria, que trouxera de Constantinopla.

No dia 28 de julho de 1131 celebrou-se a ceremonia da fundação com toda a solemnidade. D. Affonso Henriques, acompanhado da sua corte guerreira, foi, segundo o uso da epocha, cavar com uma enxada no logar destinado para a capella-mór do templo, e enchendo um cesto de terra, carregou com elle nos hombros, até o ir despejar fóra do recinto das obras. Ao soberano seguiram-se as mais pessoas da corte, indo cada um por seu turno, conforme as jerarchias, cavar e tirar um cesto de terra.

D'ahi a um anno achava-se acabado o mosteiro, tão pequena e humilde era a sua fabrica! Estava D. Tello para se recolher n'elle e mais onze companheiros, ao tempo em que passava por Coimbra D. Theotonio, prior de Viseu. Este sabio e virtuoso varão, a quem o povo da Beira venerava como santo, ia caminho da Palestina, resolvido a passar o resto de seus dias no serviço e adoração do Santo Sepulchro. Porém, obrigado por D. Tello, á força de instancias, a mudar de tenção, decide-se a ficar em Coimbra, e juntando-se áquelles doze religiosos, entra com elles no mosteiro, ao qual deram a mesma invocação de Santa Cruz que tinha a antiga e visinha egreja. Assim congregados, tomaram o titulo de conegos regrantes de Santo Agostinho.

Não tardou este humilde cenobio a florecer em todo o genero de virtudes christãs. O povo da cidade e dos arrabaldes não desamparavam a sua pequenina egreja, que mal podia conter a multidão dos fieis, sobre tudo nos dias festivos. E D. Affonso Henriques, já afeito a respeitar no velho prior de Viseu o bravo conquistador de Arronches, agora todo enlevado na piedade e sabedoria do novo conego de Santa Cruz, não deixava passar dia algum sem o ver e consultar nas materias de religião, ou ácerca da governança do estado, ou sobre novas emprezas bellicosas.

Affeiçoando-se d'est'arte cada vez mais ao veneravel ex-prior de Viseu e aos seus bons companheiros não lhe soffreu o animo por muito tempo ver tamanha santidade de vida e tanta perfeição de culto divino encerradas em tão acanhado espaço, pois que o mosteiro apenas constava de um claustro mui pobre com doze cellas estreitas e escuras.

Vencendo a resistencia que lhe oppunham a humildade d'aquelles santos varões, e a austeridade da regra que seguiam, tratou o soberano de lhes edificar novo e mais espaçoso mosteiro; o que levou a effeito em poucos annos de trabalho, mas á custa de muito dispendio do thesoiro real, e da sua propria vigilancia, que não cessava de animar e excitar o zêlo dos artifices, ora com palavras ora com premios.

Saíu a obra grande e magnifica, se se attender á epocha em que foi feita, por quanto a egreja contava tres naves e oito capellas, e o mosteiro tres claustros, dormitorios com oitenta e quatro cellas, e o refeitorio e todas as mais officinas na mesma proporção.

Annexou o monarcha ao novo mosteiro alguns terrenos, que cercou de altas e grossas muralhas, ás quaes juntou varias torres para defesa d'esta casa de oração, visto achar-se fóra da cêrca da cidade, estando ainda quasi toda a Estremadura em poder dos moiros.

Tomando posse do novo mosteiro, elegeu a communidade a D. Theotonio por seu prior, e D. Tello partiu para Roma, onde solicitou e obteve do summo pontifice a isenção do mosteiro de Santa Cruz, por bulla de 20 de maio de 1135.

Posto que se concluiram as obras d'esta segunda fundação pelo meio do reinado de D. Affonso Henriques, só no seculo seguinte foi sagrada a egreja. Celebrou esta ceremonia, em 1228 o cardeal D. João Froes, natural de Coimbra, que fôra conego d'este mosteiro, e que n'esse tempo era legado *à latere* do papa Gregorio IX.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(Vid. pag. 26)

VI

Era um domingo, vespera de S. João, e os habitantes de Cabia resolveram fazer n'aquella noite os festejos de modo que resoassem em todas as Encartações.

Sacrifica-se rara vez n'aquelle paiz a obrigação á diversão. A obrigação é passar o dia de trabalho nos campos e nas herdades; e a diversão passar o dia de festa, parte na egreja, e parte nos retiros jogando a malha, a pellota e a barra, ou nos bosques ou nas casas entregando-se a exercicios e prazeres tão innocentes como estes.

Como no anno a que me refiro a vespera de S. João caíra ao domingo, os habitantes de Cabia tinham a tarde inteira á sua disposição para preparar os festejos.

Reunidos depois do rosario, no campo da egreja, propozeram-se antes de tudo resolver o ponto onde haviam de ir buscar matto.

— Em Matacabras, disse Antonio, tenho eu matto que servirá para chamuscar todas as bruxas do reino e colonias.

Ambrosia, que ouvíra estas palavras ao saír do templo, julgou que lhe faziam allusão, e correu furiosa para energicamente protestar.

— Senhores! — disse uma voz zombeteira que parecia descer do ceo. Proponho que não queimem Ambrosia nas fogueiras, porque está bastante martyrisada por não ter encontrado em toda a vida nem um monstro como o que se casou em Segovia sendo cego, maneta e coxo.

Ergueram todos os olhos, e viram com horror André passeiando, com a maior serenidade, pela estreita cornija que rodeava a altissima torre quasi por baixo dos sinos.

Ambrosia expelliu duzias de palavras offensivas contra o sineiro, e a final, de pé atraz como as senhoras regateiras, arremessou-lhe uma pedra; mas a pedra deu muito mais abaixo da cornija, e ao caír fracturou o nariz da que a tinha arremessado.

Curada Ambrosia com agua, sal e vinagre, que lhe fizeram ver as estrellas, e conduzida para casa, todos, até Juancho, o octogenario, se armaram de instrumentos proprios e tomaram o caminho de Matacabras, onde estava o matto que Antonio accumulára depois de limpar as suas terras.

Feliciana tambem quiz ser da companhia; mas o marido disse-lhe o que quer que fosse ao ouvido, ella córou e renunciou a ida.

Recebêra o nome de Matacabras a planicie que terminava em uma das duas collinas que dominavam a aldeia.

Os homens amontoavam o matto que tomavam com as forquilhas, para se livrarem dos espinhos; e as mulheres atavam os mólhos, que em pouco rolavam até ao campo da egreja, onde ao anoitecer havia já matto com o qual se cozeria pão para um exercito.

Esperava-se com anciedade que principiassem a brilhar as fogueiras no valle e nas aldeias dispersas na falda das montanhas do poente, para lançar fogo áquelles mólhos.

As raparigas preparavam os pandeiros, os homens as espingardas, e os rapazes a coirama que punham em compridos paus. Tudo era alegria em Cabia.

D. João Palomo não participava, comtudo, do jubilo geral, porque, sentado na janella que dava sobre o saguão da casa, fumava descançadamente um charuto, e seguia distrahido as ondulações do fumo que lhe saía dos labios.

Antonia ergueu os olhos para a janella de D. João, e, vendo-o, disse:

— Desça, desça, e não esteja ahi pensando nas teias de aranha. E não se enfade logo quando lhe chamam *João Palomo!...*

D. João fez um gesto de despeito ao ouvir este apódo, que, depois de havel-o apropriado a si, chegára a ser seu pesadelo.

— Levas toda a noite a repicar? — dizia Isabel a André, um pouco retirados ambos á sombra de uma nogueira.

— Não te dê isso cuidado, porque entre os repiques descerei para dançar comtigo uma roda que fará tremer a terra!

— Commigo, não...

— Com a luz da manhã.

— Zombas!...

— Tens ciumes, Isabel?

— De quem, endiabrado?...

A mãe de Isabel chegára á janella.

— Isabel?

— Que quer, minha mãe?

— Pensas deixar-nos sem agua esta noite? Como ha festança... Vê se vaes buscar um cantaro de agua antes que seja mais tarde.

— Vou no mesmo instante, respondeu Isabel despedindo-se de André, que murmurou:

— Feiticeira! abençoada sejas!

N'aquelle momento D. João deixára de repente as suas distracções e descêra ao bosque.

— Graças a Deus, disse Antonia, até que o vemos entre nós!

— Tem razão para se alegrarem, respondeu D. João. Esta noite é noite de festa, e todos devemos pôr de parte desgostos e pezares! O que faz aqui falta é um par de cantaros de excellente vinho, não é assim?

— Sim, sim... é o que faz falta! — asseveraram todos os circumstantes, menos Isabel, que já saía de sua casa com o cantaro para a fonte, e André, que se evadíra no bosque.

— Bento! — disse D. João ao criado, vae a casa e traze-me bom vinho.

— De qual?

— Do melhor que haja na adega.

— Olhe v. exc. que Ambrosia ficará furiosa como uma panthera...

— Ambrosia já não tem furias... Ainda agora quebrou o nariz...

Decorridos poucos minutos, o vinho corria já em todas as guelas. A alegria era cada vez maior.

D. João, como quem alli não fazia nada, desappareceu entre a sombra do arvoredo, e tomou o caminho da fonte, seguindo Isabel que, entoando canções populares, levava cincoenta passos de dianteira.

O secular castanheiro, que se levantava ao lado da fonte, estendia sobre esta frondosos ramos.

Estando proximo o termo do dia, a escuridão era, pois, quasi completa em torno da fonte.

Isabel poz o cantaro debaixo da telha que servia de conductor, e em quanto a vasilha se enchia, foi arrancar um ramo para lançal-o na agua, a fim de que esta não fizesse poça; mas como ouvisse passos que se avisinhavam cada vez mais, perguntou com voz tremula:

— Quem vem ahi?

— Não tenhas medo, Isabel, que sou eu, respondeu D. João.

Isabel, cuja innocencia formava singular contraste com as diabruras de André, não póde conter a expressão da sua alegria, porque a escuridão que reinava alli infundia-lhe medo.

— Para que veiu por aqui? — perguntou ingenuamente ao dissimulado D. João.

— Venho porque te quero muito.

— Sim?!

— Duvidas? Verás que abraço tão apertado te vou dar.

— Vá-se, vá-se, que é peccado! — exclamou Isabel, retrocedendo, mas tropeçou com o tronco do castanheiro, e alcançando-a D. João, ia atrevidamente estreital-a nos braços, quando do tronco da arvore saíu voz pavorosa que disse:

— Tu m'as pagarás!

Isabel e D. João lançaram um grito de espanto,

ficando ella muda e immovel de terror ao pé do castanheiro, e elle fugindo, caminho da aldeia.

— Não te assustes, Isabel! — disse carinhosamente André, saltando do castanheiro.

— André da minha alma! — exclamou Isabel, aproximando-se, tremendo, do noivo, que ao mesmo tempo a contemplava com affecto, e disse, rindo alegremente:

— Bem dizia eu que tinha de pisar boa herva esta noite.

N'aquelle momento vivissimo resplandor inundou Cabia.

— As fogueiras! as fogueiras de S. João! — gritou André alvoroçado, e collocando á pressa o cantaro na cabeça de Isabel. Adeus, meu amor, accrescentou; os sinos chamam-me. Não digas a ninguem que estivemos aqui João Palomo e eu.

E lançou-se a correr mais ligeiro que um gamo.

D. João, antes de chegar ao nogueiral, deu um rodeio por detraz das casas, e entrou na d'elle.

Chegando á janella, ouviu que os visinhos diziam:

— Onde estará o maldoso do André, que não quebra já os sinos á força de repicar!

Ao ouvir isto, D. João deu uma palmada na fronte murmurando com desesperação:

— Era elle!... era elle!... Vae contar a todos o que se passou na fonte; vou ser alvo dos motejos dos aldeões!... Que vergonha para um homem dos meus annos e da minha posição!...

André chegára tambem ao campo da egreja dando volta em roda das casas.

— Viva! viva! chegou André! — gritaram os rapazes atirando com os barretes ao ar.

— Andavas perdido, homem? — lhe perguntou o sr. prior.

— Estava dormindo um somno para que me vissem bem esperto durante a noite, respondeu André, e subiu a quatro e quatro os degraus do campanario.

Nunca se ouvíra em Cabia repique mais alegre e melodioso que o que em seguida começou a responder aos repiques das egrejas parochiaes do valle.

— Que endiabrado homem! — exclamava Antonio rebentando de riso. Agora, agora é que elle faz fallar os sinos!

Cem fogueiras illuminavam com a claridade do sol o verde e formoso valle; e o rio, que pelo fundo d'este se deslisava, parecia uma serpente de fogo ao reflectirem-se nas limpidas aguas as vivissimas chammas.

Ao hymno de alegria que entoavam os sinos nas cinco torres que surgiam brancas e esbeltas da verde folhagem, em toda a extensão do valle, juntavam-se as salvas de trezentas espingardas, e os repetidos gritos de

¡San Juan! ¡San Pedro!
¡San Pelayo en medio!

Mas entre todas as fogueiras, as de Cabia mereciam a palma, na opinião dos habitantes do logar, que tinham a fraqueza — santa fraqueza! — de não invejar ninguem; de acreditarem que a aldeia onde haviam nascido era a melhor do mundo; de julgarem que fóra d'aquelle ninho de ramos e flores não existia a felicidade.

André, com a graça que Deus lhe déra para fazer fallar os sinos, a todos dizia alguma coisa que lhes agradasse.

A Isabel: — «Amo-te muito, amo-te muito!»

A Antonio e Feliciana: — «O vosso primeiro filho será mui lindo, mui lindo!»

A Juancho: — «Passarás dos cem annos, passarás dos cem annos!»

A Ambrosia: — «Bruxa raivosa, bruxa raivosa!»

E a João Palomo: — «Tu m'as pagarás, tu m'as pagarás!»

Sim, André dizia isto a D. João de Urrutia, que em quanto os visinhos enlouqueciam, arrancava de raiva o cabello, repellia com o pé a *Linda*, assanhava o gato, abria com estrondo as portas, e dizia, tapando os ouvidos para não ouvir os sinos:

— Tu m'as pagarás!... tu m'as pagarás!... Juro-t'o!

(Continua) BRITO ARANHA.

MONUMENTO DE ARNOSA DE PAMPELIDO

A historia registou em seus archivos o desembarque do exercito libertador nas costas de Portugal, como um dos maiores successos d'esta nação.

Quando tiverem serenado completamente as paixões politicas, que dividiram este nosso paiz em dois campos oppostos, onde fluctuavam as bandeiras da liberdade e do absolutismo; quando, extinctos pelo tempo esses antigos odios e preconceitos, todos os portuguezes se acharem identificados com o systema representativo, e caminhando unidos para o mesmo ponto, para o engrandecimento da patria e felicidade publica, não haverá então pessoa alguma que desconheça esta verdade.

Despojado da significação partidaria que teve, e que muitos ainda lhe dão, considerando-o sómente como o preludio da serie de triumphos que deu a supremacia a um partido politico sobre outro; aquelle successo brilhará então com as suas proprias e verdadeiras côres; ostentar-se-ha a todos como grande e benefico; avultará, em fim, como a inauguração de uma epocha de regeneração social, que nos vae levando, com passos vacillantes, mas progressivos, a transpor o immenso espaço que nos separava das nações mais civilisadas.

Demandava, pois, aquelle acontecimento, para gloria dos que n'elle tomaram parte, para credito de todos os que tem trabalhado no desenvolvimento e consolidação do systema constitucional, e, finalmente, para interesse da historia, um padrão commemorativo não só do feito, mas tambem do logar em que se realisou. Uma circunstancia especial tornava mais imperiosa esta exigencia. O nome do logar andava errado na boca de todos, desde o dia em que se effeituou aquelle desembarque.

Coube ao sr. Antonio José d'Avila, hoje conde d'Avila, e então administrador geral do districto do Porto, a honra do pensamento inicial e da execução do monumento. Vamos copiar o auto da fundação, porque n'este curioso documento estão consignados, além da situação e descripção do monumento, e da ceremonia da inauguração, importantes noticias historicas, e muitos nomes illustres e benemeritos que devem ser perpetuados na memoria de todos os que amam a liberdade, e guardados honorificamente n'este *Archivo* consagrado ás glorias de Portugal.

«Auto da collocação da pedra fundamental do monumento destinado a perpetuar a memoria do desembarque de sua magestade imperial Dom Pedro duque de Bragança, na praia de *Arnosa de Pampelido*, á frente do exercito libertador em oito de julho de 1832.

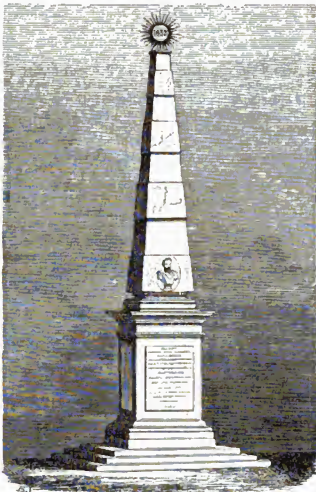
«No dia primeiro de dezembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, mil oitocentos e quarenta, septimo do reinado de sua magestade fidelissima, a rainha senhora Dona Maria II, e quinto do consorcio com seu augusto esposo el-rei o senhor Dom Fernando II; governando a diocese portuense o excellentissimo Dom Jeronymo, bispo eleito e vigario capitular; administrando o districto do Porto o excellentissimo conselheiro Antonio José d'Avila; commandando a terceira divisão militar o excellentissimo barão da Ponte de Santa Maria; e presidindo á ca-

mara municipal do concelho de Bouças o cidadão Manuel Francisco da Conceição; reunidas as supra referidas auctoridades na praia de *Arnosa de Pampelido*, pertencente ás freguezias de Perafita e Lavra, do concelho de Bouças, duas legoas ao norte da invicta cidade do Porto, duas ao sul de Villa do Conde, e legoa e meia ao sul da pequena povoação de S. João de Mindêlo, que equivocadamente se tem até agora designado como logar do desembarque do exercito libertador, quando este acontecimento memoravel, que se verificou no dia 8 de julho de 1832, teve logar n'esta praia de Arnosa de Pampelido, commandando em chefe o exercito sua magestade imperial, de saudosa recordação, o senhor Dom Pedro de Alcantara de Bragança e Bourbom, duque de Bragança, regente em nome da rainha, a senhora Dona Maria II, por abdicação legal do mesmo augusto senhor, debaixo do titulo de Dom Pedro IV: tendo egualmente concorrido alli os titulares, altos funccionarios e mais empregados e cidadãos distinctos abaixo assignados, convidados pelo excellentissimo conselheiro administrador geral para assistirem á collocação da pedra fundamental do monumento, que por ordem do mesmo magistrado, e á custa de donativos de muitos benemeritos cidadãos, foi mandado alevantar para perpetuar a memoria dó grande feito historico acima referido; havendo-se mui expressamente escolhido este dia por ser aquelle em que se completam dois seculos depois da restauração d'estes reinos pelo senhor rei D. João IV, tronco da dynastia da casa de Bragança: ahi, depois de lançadas pelo excellentissimo bispo eleito as bençãos do estilo; collocado no logar conveniente pelo excellentissimo administrador geral o cofre, em que se haviam depositar as moedas e medalhas allusivas á epocha e construcção do monumento, e auto respectivo, sendo aquellas depositadas pelo excellentissimo commandante da divisão militar, e este pelo excellentissimo visconde de Semodões, marechal do exercito, o mais antigo official general (presente á ceremonia) que desembarcou com a expedição libertadora; objectos estes que foram todos conduzidos para o logar do monumento por praças alli desembarcadas com o exercito libertador, as quaes sua magestade imperial pelos seus feitos militares havia distinguido com o 1.º grão da antiga e mui nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito; foi solemnemente collocada a pedra fundamental pelo excellentissimo administrador geral, havendo préviamente depositado no cofre a lamina de prata, offerta de uma sociedade de portuenses, em que se acha gravada a famosa proclamação que o immortal duque de Bragança dirigiu ao exercito na occasião do desembarque; e havendo recebido a pedra para alli conduzida por outras quatro praças, em que se reuniam as circumstancias das antecedentes, acompanhadas na conducção pelos excellentissimos barão das Lages e intendente da marinha, e pelos illustrissimos contador da fazenda do districto e presidente interino da camara municipal do concelho da muito antiga, e muito nobre, sempre leal, e invicta cidade do Porto; e havendo fechado o cofre, e entregado a chave ao illustrissimo presidente da camara municipal do concelho de Bouças para ser guardáda no archivo da municipalidade. E logo pelo mesmo excellentissimo administrador geral foi declarado que o monumento será uma pyramide no estilo de obelisco na altura de 75 palmos, sobre uma base de trinta palmos; tendo no apice uma estrella radiante, no centro da qual estará o numero 1832, para denotar a epocha do desembarque; no centro do obelisco, e na face sobre o poente, haverá uma medalha, que represente em alto relevo a effigie de sua magestade imperial o senhor Dom Pedro, e nas quatro faces do pedestal as quatro seguintes inscripções a saber: na do poente, face da frente, estas palavras:

Monumento de Arnosa de Pampelido

«*Em honra de Sua Magestade Imperial D. Pedro, Duque de Bragança, primeiro Imperador do Brasil, e quarto Rei deste nome em Portugal, Commandante em Chefe do Exercito Libertador, aqui desembarcado em oito de Julho de mil oitocentos trinta e dois, para restituir o throno a sua Augusta Filha a Rainha Reinante D. Maria Segunda, e a Liberdade aos Portuguezes, se erigiu este padrão para perpetua memoria.*

«Na face do lado do sul a seguinte proclamação: (Omittimos por brevidade este documento).

«Na face do lado do norte a seguinte legenda: *Eram sete mil e quinhentos os bravos do Exercito Libertador: commandava as forças de terra o conde de Villa Flor, e as de mar G. R. Sartorius. De tres divisões se compunha o Exercito. A primeira, capitaneada por J. Schwalbak, era composta do Batalhão de Caçadores numero dous, sob o commando de Romão J. Soares; do Batalhão de Caçadores numero tres, sob o commando de J. Zeferino de S.; do Batalhão de Caçadores numero cinco, sob o commando de F. Xavier S. P. A segunda, capitaneada por Henrique da Silva da F., era composta do Regimento de Infanteria numero desoito, sob o commando de P. J. Frederico; do Batalhão de Voluntarios da Rainha, sob o commando de L. P. de Mendonça Arraes. A terceira, capitaneada por A. P. de Brito, era composta do Batalhão de Caçadores numero doze, sob o commando de M. J. de Menezes; do Regimento Provisorio, sob o commando de D. B. de Salazar Moscoso; do Corpo Academico, sob o commando de J. P. Soares Luna; do Corpo de Atiradores Portuguez, sob o commando do Major Chichiri; do Corpo de Marinha, sob o commando do Tenente Coronel Hodges. Havendo além destas Divisões, o Batalhão d'Officiaes, sob o commando de Bento da França P. d'O.; o Corpo de Guias, sob o commando de J. R. Arrobas; o Ba-*

talhão d'Artilheria, sob o commando de A. da Costa e Silva; a Cavallaria, sob o commando do conde d'Alva.

«E na face do nascente as seguintes palavras: *No primeiro de dezembro de mil oitocentos e quarenta, em que se contão dous seculos desde a elevação da Dynastia de Bragança ao Throno Portuguez, foi alevantado, por ordem do Administrador Geral do Districto, Antonio José d'Avila, e á custa de donativos particulares, este Monumento, de que lançou a primeira pedra o mesmo Administrador Geral, tomando parte nesta solemnidade o Bispo Eleito e Vigario Capitular da Diocese, D. Jeronymo; o Commandante da Divisão Militar, Barão da Ponte de Santa Maria; o Presidente e Membros da Camara Municipal de Bouças; e assistindo um grande numero de Generaes, Funccionarios, e pessoas Conspicuas da Invicta Cidade do Porto. E para constar mandou o mesmo Administrador Geral lavrar este Auto, que eu Antonio Luiz d'Abreu, Secretario Geral da Administração do Districto, escrevi.*» (Seguem-se 68 assignaturas).

A ceremonia de que trata este documento foi celebrada com muita solemnidade e pompa. Formou em parada, e deu as descargas do costume, uma brigada composta de um parque de artilheria, cavallaria da guarda municipal e dois regimentos de infanteria. Tanto da cidade do Porto, como das povoações proximas do litoral até Villa do Conde, concorreu muita gente ao logar da fundação.

O illustre magistrado que então administrava o districto do Porto não se limitou, na concepção do plano, a commemorar o successo e corrigir um erro historico. Tambem teve em vista um fim politico, que acredita a sua habilidade governativa pelos resultados salutares que produziu. Attrahindo a attenção publica para a commemoração de um feito que tanto interessava á cidade do Porto; avivando d'est'arte a recordação de mil scenas de valor e devoção civica de que a mesma cidade fôra theatro sete annos antes; excitando, em fim, com aquella festa nacional, os brios e enthusiasmo populares pela liberdade, de envolta com o acatamento á memoria do libertador, e dos seus companheiros de gloria e de trabalhos, conseguiu serenar os animos e aplacar as paixões politicas, que, em consequencia do estado de agitação do paiz, ameaçavam romper a cada instante em tumultos e desordens.

Como succede quasi sempre em o nosso paiz, as obras do monumento correram regularmente em quanto velava por ellas o fundador. Começando, porém, a afrouxar logo que aquelle magistrado deixou a administração do districto, em breve vieram a parar em meio da construcção. Assim permaneceram por largos annos, com grande prejuizo das pedras lavradas, que jaziam dispersas em volta do padrão, principalmente as lapidas de marmore com as inscripções que bastante se estragaram. Mas, em fim, tornou-se-lhe a pôr mão, e concluiu-se no anno passado. O monumento é de granito, sendo de marmore o busto do immortal dador da Carta, e as lapidas que contém as inscripções.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CONSTANTINO

(REI DOS FLORISTAS)

(Vid. pag. 12)

III

Ao capital de mr. Isidore e ao zêlo de mr. Coquerel, guarda-livros d'esta sociedade, deveu Constantino a fundação e progressos do seu magnifico estabelecimento. Todos tres trabalharam á porfia para assegurar e engrandecer esta empreza, e só no fim de dez annos é que fizeram repartição de lucros.

Tanto que o nosso artista começou a expor á venda a sua mui variada flora, logo as principaes casas de Paris, e mais que todas a de Bâton, lhe fizeram grandes encommendas, mórmente de ranunculos de pennas e grinaldas de madre-silva, planta que o nosso artista conseguiu imitar por modo inexcedivel.

As camelias de pennas, feitas por Constantino, tiveram então muita voga, e a casa Nattier conserva ainda as primeiras que lhe encommendou, havidas pelas mais perfeitas que saíram das mãos do admiravel florista portuguez.

Recresceram com a fama as rivalidades, mas todas supplantou o nosso artista, a ponto de ser nomeado, em 1839, fornecedor da familia real de França. Faltava-lhe, porém, outro diploma de maior valia, um premio conquistado em concurso publico. Não lhe tardou.

Abriu-se a exposição de 1844, em Paris; e ahi apresentou Constantino uma variedade pasmosa de flores artificiaes.

Os visitantes que paravam a admirar aquelle vergel envidraçado, exclamavam: Que extravagancia! expor flores naturaes!

Passados dias, parte d'aquellas flores tinham murchado, e as mais conservavam a frescura do primeiro dia.

Só então se reconheceu que as flores artificiaes estavam alternadas com as naturaes, sem que a vista mais perspicaz e exercitada as houvesse differençado! De Zeuxis se conta, que tão ao natural pintára um racimo de uvas, que os passaros voavam a ellas cuidando ser de parreira. Em similhante logro caíram os francezes; e quando este ardil se divulgou, todos quizeram ir desenganar-se. El-rei Luiz Filippe, com toda a familia real, foi ver esta raridade.

Constantino alcançou n'esta exposição o primeiro premio, e o seu nome foi um dos proclamados pelo rei no palacio das Tulherias. Por essa occasião, a rainha e as princezas, que estavam ao lado de Luiz Filippe, disseram: «Sire, cette récompense n'est pas suffisante.»

Vê-se que n'estas palavras, tão graciosamente emphaticas, ia um memorial para que o rei o condecorasse tambem com a legião de honra, conferida n'esse acto a outros expositores.

O relatorio do jury d'esta exposição, depois de exaltar a belleza das flores de Constantino, conclue:

«Le public l'a placé depuis longtemps, en France, au premier rang parmi ses concurrents.

«Le jury est heureux de confirmer cette distinction, si justement méritée.»

O sr. Castilho, em um maravilhoso artigo da *Revista Universal*, dando noticia d'esta victoria alcançada por Constantino na capital do mundo artistico, foi quem primeiro o appellidou *rei dos floristas*, titulo que obteve a geral confirmação, e pelo qual ficou sendo conhecido e nomeado.

Por occasião do terremoto de Guadalupe, fez-se um bazaar no Palais-Royal, presidido pelas damas da rainha e das princezas, a favor das familias que haviam empobrecido por effeito d'aquelle espantoso desastre.

Constantino enviára para esta exposição caritativa uma caixa de flores magnificas; e quando o auctor alli appareceu para fazer algumas compras a beneficio dos pobres, as damas que estavam aos mostradores o festejaram enthusiasticamente, exclamando: «*Vive notre grand artiste! Vive le roi des fleurs!*»

Os jornaes de Paris, dando noticia d'esta mimosa recepção das damas da rainha ao florista portuguez, a capitularam de *véritable ovation*.

Não só em França, tambem em Portugal, foi sempre mui querido das damas o nome de Constantino, porque nenhum outro artista soube tão primorosamente realçal-as com o adorno que mais encanta e sublima a formosura, como são as flores.

Quando já tinha a fabrica no auge a que a subira

o seu trabalho e o seu talento, Constantino saiu de Paris para, em differentes regiões, ir estudar a botanica pratica.

Em Inglaterra visitou as famosas estufas do duque de Devonshire e outras.

Na Allemanha percorreu os vastos jardins de inverno do barão de Hough.

Napoles, Roma e outras cidades de Italia, contribuiram para opulentar a flora do nosso artista.

Foi, porém, nos Altos-Pyrenéos que elle fez a mais abundante colheita, e onde tambem correu grandes perigos.

Sendo informado de que na coroa e pelos pincaros do Vignemale floreciam plantas mui raras e exquisitas, abalançou-se a tão perigosa ascensão. Poucas pessoas a haviam effectuado incólumes até então. O duque de la Moskowa fôra d'esse numero, alguns annos antes; mas, logo depois, dois viajantes lá morreram desastrosamente.

Constantino, cuja imaginação se exaltára com a esperança de novos descobrimentos para a sua arte, não se atemorisou. Metteu-se a caminho acompanhado de dois guias.

Depois de haver trepado as cinco vertentes, que, como degraus de gigante, conduzem ás abas do monte Vignemale, ahi começou a perigosa ascensão. Com a intrepidez da sua juventude marcial, galgou penedias quasi a prumo, e atravessou alcantiladas serras de gêlo, cortadas por largas e profundas cavernas, onde as torrentes se engolfavam com pavoroso fragor, espumando raivosas e entumecidas.

Superadas estas difficuldades, maiores eram as que ainda tinha a vencer. N'aquella eminencia, e por taes caminhos, a descida era mais perigosa que a subida.

E foi. N'um penhasco acamado de neve, resvalou Constantino e os guias que o sustinham, indo assim de gangão, espaço de cem pés, dar n'um combro de gêlo, que se rompeu com o embate da quéda, escorando-se ahi os desamparados viajantes.

Desde então nunca mais Constantino teve saude perfeita, originando-se-lhe o padecimento que ha annos o consome.

Mas conseguiu o que poucos tem logrado, e fez uma colheita preciosa de plantas raras. Regressando a Paris, da sua fabrica saiu então uma copiosa variedade de flores dos Pyrenéos até alli não vistas, o que lhe grangeou ainda maior fama, e o ser preferido para fornecedor das principaes casas reinantes.

O abalo que produziu a revolução franceza de 1848 obrigou os fabricantes de Paris a despedirem dois terços dos seus operarios. Constantino tinha a esse tempo setenta e dois, entre homens e mulheres: a todos conservou, posto que para isso fizesse grandes sacrificios, chegando até a vender a sua baixella de prata.

Por fins d'esse anno foi a Allemanha cobrar as dividas que alli tinha em aberto, para poder sustentar a sua fabrica de Paris. N'esta viagem, indo a Berlin, foi convidado para dar lições da sua arte á princeza real, que o presenteou com uma taça de oiro de muito lavor, tendo gravada a sua firma e as armas reaes da Prussia.

Saudades da patria, d'onde emigrára havia já vinte e seis annos, o determinaram, ainda que muito doente, a emprehender, em 1850, a viagem até Lisboa, onde chegou a 23 de junho.

Aqui teve uma recepção digna do seu peregrino talento artistico, e da fama que o precedêra.

Toda a imprensa festejou a sua chegada; foram numerosos os convites que teve da nobreza para jantares e reuniões. Os escriptores e artistas da capital deram-lhe um jantar no Hotel de Italia, a que assistiu Almeida Garrett.

Suas magestades a rainha D. Maria II e el-rei D. Fernando receberam-n'o com muita affabilidade no paço das Necessidades. Constantino offereceu á rainha um magnifico ramalhete de rosas, e uma grinalda de flores rarissimas.

Quinze dias depois partiu para o Porto, onde o receberam com demonstrações não menos festivas que as de Lisboa. De lá seguiu para Moncorvo, sua terra natal.

Uma deputação da camara municipal o foi logo comprimentar, entregando a seguinte allocução:

«A camara municipal d'esta villa faltaria ao seu dever, como representante dos sentimentos d'esta povoação, se não manifestasse o jubilo que lhe causa ver entre os seus compatriotas o rei dos floristas, Constantino José Marques.

«Para este fim, na sessão de hontem, 13 de agosto de 1850, decidiu:

«Que o seu presidente, Antonio Joaquim Ferreira Pontes, e os vereadores Antonio de Carvalho e Castro Freire Cortez, e Francisco Leopoldo Botelho de Magalhães, fossem manifestar ao illustre filho de Moncorvo, a satisfação que tinham todos os seus compatriotas de se achar entre elles o primeiro em todo o mundo na arte que professa.

«E juntamente pedir-lhe que nunca abandonasse a sua naturalidade de portuguez, nem deixasse de contar-se entre os filhos de Moncorvo.»

A camara resolvêu tambem, que uma cópia da acta em que se tomaram estas deliberações fosse entregue a Constantino pela mesma deputação.

(Continua) A. DA SILVA TULLIO.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Vid. pag. 23)

Uma circumstancia inesperada acabou de firmar a resolução dos dois principes. Os moiros de uma povoação não longe de Ceuta, atemorisados pela chegada das duas armadas do Porto e de Lisboa, e lembrando-se ainda com terror das façanhas maravilhosas de D. João I, enviaram logo uma mensagem aos infantes, pedindo-lhes paz a troco de um tributo e vassallagem á corôa de Portugal.

Acceitou-se, pois, a proposta com applauso; e a outros que pediram egual favor se lhes recusou o pedido por se não chegar a accordo sobre o valor do tributo. Todavia, estas mensagens foram tidas em conta de um preludio de assignalados triumphos.

Não havia, portanto, mais que pensar; o esforço de poucos peitos devia supprir a falta de muitos braços. A ordem de marcha foi dada finalmente. Mas, querendo D. Henrique seguir pelo caminho que mais breve o conduzisse ante os desejados muros de Tanger, obstaram-lhe os praticos, descrevendo-lhe as escabrosidades das serranias que era mister atravessar, e nomeando-lhe poderosas e aguerridas tribus que defendiam essas passagens difficeis. Então o infante, sem desistir ainda do intento, mandou a João Pereira, com mil soldados de cavallo e de pé, explorar esses terrenos que lhe representavam tão cheios de perigos.

Foi e voltou prestes a pequena expedição. Os praticos haviam dito a verdade. Os desfiladeiros da serra da Hinseira eram quasi intransitaveis. Os moiros de Alcacer Ceguer, que sairam ao encontro dos exploradores, eram tantos e tão valentes, que só á custa de incriveis actos de bravura e coragem conseguiram estes ultimos salvar-se com honra de um conflicto perigosissimo.

Á vista de similhante relação não havia remedio senão mudar de rumo. Escolheu-se, por conseguinte, o caminho que vae por Al Muacar, Tetuão, e valle de Angera.

No domingo, 8 de setembro, de manhã cedo, o bispo de Evora disse missa, prégou um eloquente sermão da cruzada, e depois lançou a absolvição plenaria aos infantes e a todas as tropas reunidas. Na segunda feira todo o exercito se poz em marcha.

Rui de Sousa, com trezentos ginetes, partiu adiante, como descobridor, vinha o dia alvorecendo. Pouco depois saiu o conde de Arrayolos, commandando a vanguarda, atraz da qual ia a carriagem, que tão extensa era que levou até ao meio dia a sair da cidade.

A pequena distancia d'esta força seguia-se a ala direita, commandada por D. Fernando de Castro, governador da casa do infante D. Henrique; e immediata a ala esquerda, do commando de D. Fernando o Moço, por alcunha o *cegonho*, que era védor do do mesmo infante. Após ia Ruy de Mello com a bandeira do infante D. Henrique, e logo D. Duarte de Menezes, que fazendo de alferes-mór por seu pae, D. Pedro de Menezes, levava o estandarte del-rei; e depois d'este João Falcão com a bandeira da cruzada.

Seguiam-se as imagens de Santa Maria de Africa e do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, a figura del-rei D. João I, e uma reliquia do santo lenho, acompanhada pelo bispo de Evora e muitos padres.

O infante D. Henrique e a sua phalange, que formava a retaguarda do exercito, fechavam este longo prestito, meio guerreiro meio religioso.

Ao infante D. Fernando não lhe foi permittido, por doença, acompanhar esta tão lustrosa hoste. Assim teve de embarcar, e em quanto seu irmão caminhava com as tropas por terra, foi elle com toda a armada surgir na bahia de Tanger.

III

Ao cair da noite fez alto o exercito no sitio do Paul, quatro legoas distante de Ceuta. No dia seguinte, terça feira, foi assentar o seu arrayal junto aos muros de Tetuão.

Estavam as portas da cidade abertas de par em par; as ruas achavam-se desertas, e as casas inteiramente abandonadas. D. Duarte de Menezes, que levava muita dianteira ao grosso do exercito, capitaneando um forte troço de cavalleiros, poupára ao infante D. Henrique o trabalho de render Tetuão, assim como a elle fôra tambem roubada a gloria de a investir, pelo terror que as armas portuguezas espalhavam por todas aquellas povoações desde a gloriosa conquista de Ceuta.

Não se julgando, pois, os moiros de Tetuão bem fortes para resistir ao proverbial valor dos portuguezes, haviam fugido, abandonando a cidade apenas lhes constou que o inimigo já vinha perto.

Póde-se fazer idéa do despojo que os soldados levariam, tendo ao seu dispor uma cidade desoccupada á pressa e tumultuariamente pelos seus moradores, que mal teriam tempo de salvar o seu movel mais precioso. Passou-se, portanto, a noite mais em folguedos que em repoiso. Era, na verdade, este successo tão justo motivo para grandes esperanças, que a satisfação e a alegria entrou egualmente nas pessoas mais graves e auctorisadas.

Ainda o primeiro arrebol da manhã mal recortava com a sua frouxa luz os perfis das montanhas, já as tropas se punham em movimento para recomeçarem sua jornada.

N'este terceiro dia andaram outras quatro legoas, e foram pernoitar ao *valle de Angerr*, a um logar chamado pelos moiros a *Ataleia do Leão*, sitio abundante de aguas e formoso em bosques, aonde acharam, para mais fortuna, grande cópia de mantimentos.

Continuando pelo mesmo valle na seguinte madrugada, ao cabo de outras quatro legoas, chegaram á *Fonte dos Adays*, pequena aldeia que os seus pacificos habitantes se apressaram a despejar, mas não de modo que não deixassem aos seus hospedes muito com que se regalarem e refazerem dos incommodos e enfados da jornada.

Ao amanhecer do quinto dia poz-se tudo em marcha. Restavam só tres legoas de caminho, e não tardaram a descobrir a cidade de Tanger, assentada senhorilmente no fundo da pequena bahia a que dá o seu nome, em cujas aguas se espelhavam os velhos e negros muros que a cingiam; a casaria, subindo em amphitheatro pelo dorso do pouco elevado monte; e o seu famoso *Alcazar*, campeando com soberba no ponto mais alto da cidade.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

71.°

(Vid. pag. 46)

36.°— Poder-se-ha dizer: *o sentimento do eu é identicamente o mesmo, qualquer que seja*... etc.

R.— Não se póde dizer, nem ouvir.

37.°— Será bom portuguez dizer: *a pouca sufficiencia grammatical*, querendo exprimir a falta de instrucção nos principios da grammatica?

R.— Não é mau.

38.°— Com todos seus modos. Falta o artigo.

Nos classicos vem exemplos a favor.

R.— A suppressão dos artigos em certas phrases dá impulso e energia á phrase; outras vezes não. No exemplo citado está bem.

39.°— Constitue a obra a mais interessante da creação.

Será aqui legitimo o significado de *interessante?* Falla do homem: é o caso de — menina interessante, livro interessante.

R.— O adjectivo *interessante* aqui é frouxo, mas não improprio; a repetição do segundo artigo *a* é que barbarisa a phrase.

40.°— Será proprio dizer-se: não podémos comprehender o mysterio da *combinação* do espirito com a materia?

R.— Dizendo-se que é mysterio, será pleonasmo accrescentar que se não comprehende.

41.°— Sustentar o exame da critica...

Não acho mui apropriado o *sustentar*, porque o exame da critica não é *peso* nenhum. Eu diria *soffrer*.

R.— Diria mal, porque alli o verbo está posto em sentido figurado.

42.°— *Contestar a Providencia*, em vez de *negar a Providencia* ou *que a haja*, póde approvar-se?

R.— Não póde.

43.°— *Estes parecem ter*... Não era melhor: *Estes parece terem?*

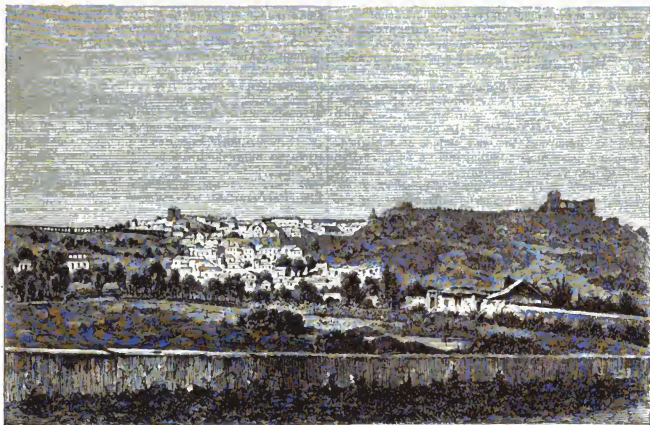
R.— Conforme for o complemento da phrase.

44.°— Não encontro graça a dizer: *absurdo espantoso*, porque na realidade o absurdo não é nenhuma aventesma de espantar a gente. Se assim vamos com estas imagens, logo teremos *contradicção engulhosa, erro nauseativo;* e por ahi representâmos os falsos systemas philosophicos como cadaveres lividos e pustulosos, capazes, só de pensar n'elles, de revolverem a um christão todos os intestinos.

R.— Parece-me que o absurdo comporta bem estes e outros epithetos.

45.°— O vicio ás vezes é exaltado e venturoso.

Tenho minha duvida na propriedade de *venturoso*. Quanto a mim, *venturoso* traz comsigo a idéa de felicidade ineffavel, completa; e parece indicar esperanças brilhantes no futuro. Nada d'isto se passa no vicio; este é afortunado muitas vezes; nunca chega, porém, a ser feliz; venturoso, pelo menos, jámais o elle póde ser.

R.— Assim é; mas ninguem estranha o dizer-se: ha ruins que tem ventura. SILVA TULLIO.

Villa de Obidos

Está situada esta povoação na provincia da Estremadura, cinco kilometros ao sul da villa das Caldas da Rainha, dez do ponto mais proximo da costa do Oceano, e quinze da villa e praça de Peniche, que fica, bem como o mar, para a parte de oéste.

O padre Antonio Carvalho, na sua *Chorographia Portugueza*, attribue a fundação de Obidos aos turdulos e celtas, trezentos e oito annos antes de Christo. Todavia, quem apreciar a historia como ella deve ser, verdadeira nos factos e severa nos juizos, porá de parte essas noticias meio fabulosas, na falta absoluta de documentos que as auctorisem, e contentar-se-ha, para honra e nobreza da povoação, com a antiguidade de sete seculos que lhe dão os annaes de Portugal, comprovada com gloriosos feitos de armas.

Portanto, a noticia mais antiga e certa sobre esta terra é a que diz respeito á sua conquista por el-rei D. Affonso Henriques. Depois de ter hasteado a cruz de Christo nas alcaçovas de Santarem e de Lisboa, e em outras praças da Estremadura, o fundador da monarchia cercou e tomou de assalto aos moiros a torreada villa de Obidos, correndo o anno de 1148.

Ácerca da etymologia do seu nome tambem se perdem em conjecturas alguns dos nossos archeologos. Os mais comedidos nos vôos da imaginação derivam-n'o dos monosyllabos latinos *ob-id-os*, pretendendo que outr'ora designavam com elles uma grande boca do Oceano, ou braço de mar, que em tempos mui remotos vinha ter junto da villa, e que hoje se conserva afastado d'ella uma legoa, com o nome de *lagoa de Obidos*. Os que se deixam seduzir facilmente pelos europeis do maravilhoso querem que tal nome provenha de *Abidis*, seu fundador: o mesmo que figura na lenda popular da fundação de Lisboa e de Santarem, como filho de Ulysses e da princeza Calypso, filha del-rei Gorgoris.

Tornando da fabula para a historia, diremos que el-rei D. Affonso Henriques cuidou logo de assegurar a sua nova conquista, povoando a villa de christãos, e reparando-lhe os muros e castello.

N'aquellas fataes discordias que rebentaram no reino por meiado do seculo XIII, e que só acabaram pela deposição do desventurado rei D. Sancho II, deu aquella villa, como Celorico [1] e Coimbra, nobre e corajoso exemplo de fidelidade portugueza.

Sitiada estreitamente pelo exercito do infante D. Affonso, conde de Bolonha, no anno de 1246, repelliu todos os assaltos com tão extremado valor, e soffreu com tamanha constancia e resignação todos os rigores do assedio, que o infante viu-se obrigado a desistir da empreza. Resistindo assim á força de armas como á seducção das promessas, ficou tranquillamente na obediencia del-rei D. Sancho II até que a sorte se declarou completamente adversa ao desditoso monarcha, terminando-lhe a vida ao mesmo tempo que o despojára da coroa.

Tal é, porém, o prestigio das acções generosas; tanto póde no animo do conde de Bolonha aquelle heroismo e dedicação do dever por uma causa já então perdida, que, apenas este principe se viu pacifico senhor de todo o reino, com o nome de D. Affonso III, apressou-se a galardoar a heroica lealdade dos habitantes de Obidos, concedendo á villa, a par de novos privilegios, o titulo de *sempre leal*, que accrescentou ao de *notavel* que já tinha.

Foi devedora a villa a el-rei D. Diniz de alguns augmentos. Attribue-se geralmente a este soberano a fundação do seu castello: entretanto, é fóra de dúvida que não fez mais que reedifical-o, e talvez accrescentar-lhe mais alguma obra de defesa, pois que a dita fortaleza já existia quando o nosso primeiro rei ganhou aos moiros esta praça, como acima dissemos.

Este mesmo soberano, por occasião do seu casa-

[1] Vid. pag. 409 do vol. VII.

mento, fez doação da villa de Obidos, juntamente com outras terras do reino, á rainha Santa Isabel, sua mulher. Desde então ficou sendo apanagio da casa das rainhas até ao anno de 1833, em que foi extincta esta casa, assim como tambem a do infantado.

No terceiro quartel do seculo XIV, durante as guerras que se atearam entre Portugal e Castella, mandou el-rei D. Fernando reformar a cêrca de muralhas que defendia a villa, por se achar em grande ruina. Alguns escriptores dizem que a edificou, porém cremos que se limitou a reconstruil-a.

Depois da tragica morte de D. Affonso, filho unico de D. João II e da rainha D. Leonor, succedida no dia 13 de julho de 1491, em resultado de uma quéda de cavallo nas praias do Tejo, junto a Santarem, foi a triste mãe d'este mallogrado principe, acompanhada del-rei seu esposo, curtir mágoas e saudades por varias terras, onde, afastada do bulicio da corte e só entregue á sua dor, suffragava a alma do filho querido com incessantes actos de piedade e caridade. Foi Obidos uma d'essas terras que a rainha escolheu para logar de suas devoções e recolhimento. D. Leonor passou algum tempo n'esta villa, morando em umas casas junto ao castello, e sobranceiras a um profundo valle.

Entre as muitas praticas pias e caridosas que ahi exerceu conta-se a instituição de cinco merceerias na egreja de Santa Maria, que é a matriz.

Em 1634 foi elevada esta villa a cabeça de condado por D. Filippe IV de Castella, então rei intruso de Portugal, em favor de D. Vasco Mascarenhas, alcaide-mór de Obidos, e que foi viso-rei da India e do Brasil. Em 1663 el-rei D. Affonso VI confirmou, ou deu de novo aquelle titulo, declarando-o de juro e herdade para os seus descendentes. É setimo conde e representante d'esta familia o sr. D. Manuel Pedro de Alcantara de Assiz Mascarenhas de Souza Coutinho Castello Branco da Costa e Lencastre, quinto conde de Sabugal e de Palma.

Presenciou Obidos o primeiro combate que se deu entre o exercito invasor francez, commandado pelo general Junot, e as tropas inglezas que vieram ajudar-nos a sacudir o jugo de Napoleão. Encontraram-se e pelejaram as avançadas dos dois exercitos, proximo da villa, no dia 15 de agosto de 1808. Foi este combate o preludio de uma grande victoria. No dia seguinte deu-se batalha geral na Roliça, a uns cinco kilometros de distancia de Obidos, e alli foram vencidas as aguias francezas pelo exercito anglo-luso.

Quasi no fim da lucta da liberdade, correndo o anno de 1834, foi theatro esta villa de uma arrojada empreza do sr. barão de Sá da Bandeira, hoje marquez do mesmo titulo, que fez render com um punhado de homens aquella forte posição, defendida por forças mui superiores.

No antigo regimen tinha a villa de Obidos representação em côrtes, nas quaes os seus procuradores se sentavam no banco sexto.

Durante a residencia da rainha D. Leonor n'esta villa, dizem que lhe dera por brazão de armas um escudo de prata, tendo no centro uma rede de pesca de arrastar, em memoria de seu infeliz filho, cujo corpo, quasi exanime, foi conduzido em uma rede por uns pescadores desde o logar da catastrophe até uma pobre casa, onde expirou nos braços de sua mãe, e nos da princeza sua esposa.

Todavia, no livro das armas das cidades e villas da monarchia portugueza, que se guarda no archivo da Torre do Tombo, e que foi feito posteriormente, reinando el-rei D. Manuel, acha-se pintado o brazão d'esta villa da maneira seguinte: em campo verde uma torre de prata, assente sobre rochedos, e na qual tremúla uma bandeira.

A villa de Obidos está recostada no declive de um monte bastante elevado da parte do norte, cuja crista serve de base ao castello e á egreja parochial de S. Thiago. A povoação, assim estendida pelo dorso do monte, olha para o nascente, e na parte mais baixa banha-lhe os muros o rio de Arnoya, sobre o qual tem uma ponte de pedra.

Ainda se conserva sem grande ruina a velha cêrca de muros, que apresenta a fórma de um ferro de engommar, cujo bico, voltado para o sul, é defendido por um torreão chamado *torre vedra*, que em linguagem antiga queria dizer torre velha, do que se deve colligir ser obra das primitivas fortificações feitas pelos moiros, ou, pelo menos, das que mandou fazer el-rei D. Diniz. As portas d'esta cêrca são quatro: *porta da Villa*, que deita para o sul, e é a principal; *do Valle*, para o nascente; e as da *Cêrca* e do *Telhal*, para o poente; e dois postigos, chamados *de Cima*, e *de Baixo*. O castello, composto de diversos torreões, tem bastante ruina, mas não é esta grande se se attender á sua muita antiguidade. Póde-se dizer que é um dos melhores conservados que ha no paiz. Desfructa-se d'elle um bonito e dilatado panorama.

Para o lado de léste vêem-se collinas, assombradas de pomares, ou vestidas de matto. Para a parte do sul alternam-se as aldeias com terrenos cultivados na extensão, talvez, de cinco kilometros. Para o lado de oéste estende-se a *Varzea da Rainha*, com seus tres kilometros de comprimento, e regada pelos tres rios que vão lançar-se na lagôa. Para o norte dilata-se a vista, em mais largo horisonte, sobre terrenos accidentados.

Conta esta villa quatro freguezias: *Santa Maria*, que é a matriz; *S. Pedro*, *S. Thiago*, e *S. João Baptista*. Os outros edificios religiosos e de caridade são: *egreja e hospital da misericordia*, com bastante renda; as *ermidas de Nossa Senhora de Monserrate*, pertencente á ordem terceira; *de S. Martinho*, de architectura antiga; e a *de S. Vicente*, onde está a parochia de S. João Baptista.

São cinco as ruas principaes da villa, e uma praça adornada com um chafariz. Fóra dos muros tem mais quatro fontes, duas das quaes são alimentadas, juntamente com o chafariz da praça, por um bom aqueducto, que corre sobre arcos na extensão de quasi tres kilometros. Recebe o manancial no logar da Osseira. Foi mandado construir este aqueducto pela rainha D. Catharina, mulher del-rei D. João III, cedendo-lhe o povo, em compensação, um baldio que passou logo a ser cultivado, e que se ficou chamando *Varzea da Rainha*.

Nos suburbios acham-se as ermidas de *Nossa Senhora do Carmo*, na Varzea da Rainha, onde em tempos antigos esteve a parochia de S. João Baptista; a de *Santo Antão*, em um monte para o lado do norte; a de *S. Bento*, sobre outra eminencia para o nascente; a de *Santa Iria*, ao pé de um campo em que se faz annualmente uma feira, que principia no dia 20 de outubro; e a do *Senhor Jesus da Pedra*. A esta ultima póde-se dar o nome de templo sumptuoso. Está situada junto á estrada que vae para as Caldas. Foi começada no dia 21 de dezembro de 1740, lançando-lhe a primeira pedra o arcebispo de Lacedemonia, D. José d'Antas Barbosa; e foi inaugurada e benzida no dia 29 de abril de 1747, sem, comtudo, se achar concluida, tendo-se gasto a quantia de oitenta contos de réis, obtidos de esmolas, entre as quaes avultaram muito as que foram offerecidas por el-rei D. João V[1].

São notaveis os arrabaldes de Obidos por algumas quintas que os aformoseiam, e pela grande lagôa a que a villa dá o nome. As quintas de mais nomeada são a *das Janellas*, a *das Flores* e a *do Bom Suc-*

[1] Vid. a gravura e artigo a pag. 60 e 61 do vol. VI.

cesso. A primeira, pertencente á casa dos srs. condes de S. Vicente, possue excellentes aguas thermaes, similhantes ás das Caldas da Rainha, e ás quaes concorrem alguns enfermos. N'esta quinta falleceu de uma colica, no dia 21 de julho de 1742, o infante D. Francisco, filho del-rei D. Pedro II. Achava-se então nas Caldas da Rainha, a uso de banhos, seu irmão, el-rei D. João V, e a familia real.

Esta quinta dista da villa obra de um kilometro. A pouca distancia está a *das Flores*, tambem com uma nascente de aguas thermaes.

A *quinta do Bom Successo* é celebrada pelos seus arvoredos, pela situação pittoresca da casa, e pelas alegres e formosas vistas que d'ella se desfructam.

A uns cinco kilometros da villa está a lagôa, contando quasi egual dimensão no seu comprimento, e pouco menos de tres kilometros na largura. Estende dois braços: um para léste, chamado *da Barrosa;* e outro para o sul, denominado *do Bom Successo,* ou *de Athouguia*. Cercam-n'a elevados montes, que apenas deixam abertas quatro gargantas, tres por onde n'ella vem desaguar os rios *do Cabo, do Meio*, e *Real*, e a quarta por onde se communica a lagôa com o Oceano. Aquelles tres rios só no inverno são caudalosos, conservando-se então desembaraçada a communicação com o mar. Porém, logo que os ardores do estio empobrecem os ditos rios, diminuindo o volume de aguas da lagôa, começa o Oceano a obstruir-lhe de areias a foz, até deixar completamente estagnadas as aguas, com grave prejuizo da saude publica. N'estas circunstancias é necessario remover as areias á força de braços, cujo trabalho é ordenado e superintendido pela camara municipal da villa de Obidos. É mui rica esta lagôa de variadas especies de marisco e de pescado, que dão emprego a numerosos barcos, e que durante todo o anno abastecem não sómente a villa, mas tambem muitas outras terras da Estremadura. As pescarias d'esta lagôa constituem um importante ramo de commercio. Não é menos abundante de caça de arribação no inverno. N'esta quadra do anno apresentam as suas margens o mais animado e pittoresco aspecto que se póde imaginar. Para todos os lados que os olhos relanceiem vêem-se centenares de caçadores de todas as classes da sociedade, e de trajos multicores, attrahidos alli não só das terras visinhas, mas de muitos pontos distantes da provincia, e da propria capital, uns levados do desejo da diversão, outros da necessidade de ganhar para a vida. O sr. D. Pedro V, de saudosissima memoria, um anno antes, se bem nos lembrâmos, da sua desgraçada morte, foi fazer uma grande caçada n'esta lagôa, visitando por essa occasião a villa de Obidos.

Encontra-se a pouco mais de dois kilometros da villa o edificio do extincto *convento de S. Miguel das Gaeiras*, que foi habitado por frades arrabidos. Teve a primeira fundação em outro sitio menos sadio, sendo o seu fundador o cardeal infante D. Henrique, no anno de 1569. O actual edificio, construido em 1602 com esmolas do povo, é pequeno e de fabrica humilde, porém possue uma extensa cêrca, da qual faz parte um copado bosque.

A villa de Obidos pertence ao districto administrativo de Leiria, e é séde de um dos tres vigarios geraes do patriarchado, a jurisprudencia do qual se estende sobre as treze villas dos coutos de Alcobaça, e sobre as villas das Caldas da Rainha, de Cadaval, de Athouguia da Baléa e de Peniche. Encerra uns tres mil habitantes, porém já contou maior numero.

Apesar das vantagens commerciaes que lhe devem proporcionar a visinhança de dois portos de mar, de uma lagôa tão abundante de pesca e de caça, do grande mercado que offerece aos seus productos uma estação de banhos thermaes tão concorrida, como é a das Caldas; apesar de ser mimoso de saborosas frutas todo o territorio do seu concelho, que é fertil em cereaes, produzindo tambem algum vinho e azeite, e outros generos; não obstante tudo isto, tem atravessado esta villa um longo periodo de decadencia. Diversas causas tem concorrido para tal resultado, sendo uma das mais poderosas o estado de ruina a que chegaram as estradas. Cremos, porém, que estará entrada em via de progresso pelo melhoramento das condições economicas do paiz. Presentemente corre perto dos seus muros a magnifica estrada macadamisada que conduz de Lisboa ao Porto, atravessando as cidades de Leiria e Coimbra, e muitas outras terras importantes.

Honra-se a villa de Obidos de ter servido de berço a varias pessoas illustres nas artes e nas letras. D'entre esses filhos benemeritos nomearemos tres: *Josefa d'Ayala*, que adquiriu celebridade como pintora no seculo XVII, sob o nome popular de Josefa d'Obidos; *Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão*, poeta distincto e espirituoso; e o *padre Francisco Raphael da Silveira Malhão*, um dos mais brilhantes ornamentos do pulpito portuguez. I. DE VILHENA BARBOSA.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(Vid. pag. 31)

VII

Ia-se occultando o ardente sol de junho atraz dos longinquos montes de Soba.

Antonio e Feliciana descascavam milho em uma eira distante de casa a dois tiros de espingarda, e muitos visinhos occupavam-se no mesmo trabalho em outras eiras proximas.

A alegria, que rara vez abandona o coração dos habitantes de Cabia, expressava-se então em toda a sua plenitude: era que dois dias antes chovêra abundantemente, e via-se crescer o milho, que tão prodigamente recompensa o cançaço do lavrador quando a tempo recebe agua, benção que Deus não nega ao sincero e laborioso agricultor vasconço.

— Vou recolher as ovelhas e em seguida arranjarei a ceia, disse Feliciana.

— Não, replicou Antonio, não quero que subas o monte porque já não estás para isso. Vae preparar a ceia, que as ovelhas estão em Matacabras, a encherem-se como ovos com a herva que nasceu no terreno que limpámos do matto, na vespera de S. João. Assim que batam as Ave-Marias, subirei eu n'um pulo e voltarei com ellas.

Feliciana dirigiu-se a casa, recolhendo de passagem um mólho de lenha sêcca para o lume.

A porta estava só fechada no trinco, porque em Cabia de pouco servem chaves e cadeados.

— Feliciana, disse Antonio, que atravessava ao mesmo tempo o campo, olha que a familia já te espera.

A familia, a que Antonio alludia, eram dois bacorinhos que afocinhavam a porta grunhindo como desesperados, e um bando de gallinhas que, sob o governo do gallo mais pimpão de Cabia, esperavam os donos com santa paciencia, pensando só em que podia vir por alli algum gato montez e matar-lhes os filhos.

Appareceu, em fim, Feliciana na capoeira, e as aves e os bacorinhos correram ao seu encontro fazendo-lhe mil caricias, e como tontos se metteram em casa com ella, certos de que haveria alli algum milho e limpadura para merendar.

Momentos depois, branquissima columna de fumo começou a elevar-se da chaminé da casa de Antonio.

Vendo-o este, sorria-se alegremente, dizendo para Juancho, que n'aquelle instante se lhe aproximára a pedir-lhe lume do cigarro:

— Olhe, olhe, o trabalho de minha mulher! Deus louvado, muitas coisas agradaveis nos diz o fumo que ao longe vemos sair da chaminé da nossa casa!

— Então o que te diz a ti?

— Se podessemos explicarmo-nos como os que compõem os livros... asseguro-lhe que mais de quatro coisas boas se ouviriam em Cabia... Juancho, quando das eiras ou dos montes vejo o fumo da minha casa, penso para commigo que minha mulher está dizendo: se faz frio, «façamos bom lume para que aquelle pobre homem se aqueça quando chegar;» se faz calor, «não ateêmos muito o lume para que elle quando vier não encontre a casa como um forno;» se faz uma fritada, «córemol-a bem, porque elle assim saboreia;» se deita sal na panella, «não façamos a comida salgada, porque elle não gosta;» se faz... em fim, eu não sei explicar melhor, porém esse fumo diz-me sempre, e com certeza, que alli estão pensando em mim...

— Quem t'o diz não é o fumo.

— Pois quem m'o ha de dizer?

— O coração.

— Pois será; mas...

— E se não, pergunta a João Palomo o que lhe diz o fumo da sua chaminé.

— Porque esse não tem mulher.

— Então, se não é o coração, será a mulher e não o fumo quem diz essas coisas...

— Será... mas deixemo-nos de sophismas, que são para pessoas mais lidas que nós, e vamos para casa com as ovelhas, que já alli deve estar preparada alguma coisa de comer.

Antonio atou um mólho de lenha, lançou-o ao hombro, e tomando a enxada, seguiu o caminho de casa.

Assim que deu de merendar aos bois, e disse não sei que dulcissimas coisas a sua mulher, saiu outra vez, cantando, para a encosta de Matacabras, porque o viram descer pouco depois trazendo diante de si uma duzia de ovelhas tão alegres como elle.

Fôra o dia mui quente, mas a noite estava deliciosa. A lua illuminava como o sol, e o ambiente sentia-se aromatizado pelos fructos que guarneciam as arvores das collinas de Cabia, ao norte e ao sul.

Quando Antonio chegou a casa com as ovelhas, já Feliciana collocára a mesa e as duas cadeiras de pau sob a frondosa cerejeira que se via á entrada.

As ovelhas, costumadas por sua dona a golodices, rodearam Feliciana como dizendo-lhe: — «Vê se tens ahi alguma coisa que nos dês.» — E Feliciana deu a cada uma um pedaço de broa.

Antonio subiu ao quintal com um prato na mão, e, alcançando um ramo de cerejeira, encheu o prato de saboroso fructo, vindo depois collocar as cerejas ao lado de outros pratos com pimentos e ovos, que Feliciana pozera na mesa.

Sentaram-se, marido e mulher, e ambos começaram a comer com appetite e alegria taes que teriam feito morrer de riso o hypocondriaco João Palomo.

— Vejo que comes só por um, minha filha, disse Antonio, quando devias comer por dois.

— Por dois? — replicou Feliciana sem o comprehender.

— Por ti e por um homemzinho que nos está ouvindo.

— Homemzinho!... mulherzinha é que será, disse Feliciana comprehendendo em fim o sentido das palavras do esposo.

— Nada, nada; não queremos individuo que se vista pela cabeça e se dispa pelos pés.

— És muito gracioso! Pois eu quero que seja menina.

— Então mando-a para a misericordia de Bilbau.

— Não me causes zanga, Antonio!

— Excepto se se parecer com sua mãe...

— Ha de parecer-se.

— Então será linda e boa, e ficará em casa, porque tem fortuna todos os rapazes, como tu... sabes.

— Verás!

— Recordo-me agora... sim, disse-me o cirurgião que seria menino.

— Anda, mentiroso.

— Ouve, minha filha. No domingo passado, antes da missa, estavamos no adro esperando o toque de entrada, quando appareceste entre o nogueiral; e o cirurgião disse-me: — «Queres saber, Antonio, se terás filho ou filha?» — Respondi... Quero. — «Pois espera que já o saberás.» Quando ias, pois, a subir os degraus da porta, o cirurgião olhou para os teus pés, e accrescentou...

— Gracejava!

— Não te envergonhes, que não disse nada mau.

— Não me admirava, porque são bastante curiosos e atrevidos os homens!

— Como ia dizendo, o cirurgião accrescentou: — «Has de ter um filho, porque tua mulher lança primeiro o pé direito quando sobe a escada.»

— Não quero.

— Então levo-o para a misericordia.

— E eu deixo-te!...

— Como não queres...

— Quero, quero.

— E que nome terá?

— Um nome bonito.

— Diz João Palomo que os nomes bonitos são... Assim como os que ha nos livros de novellas que elle tem.

— E como são?

— Alfredo, Arthur, Alberto e outros.

— São, na verdade, feios.

— São. Vem de França ou de Inglaterra estes nomes...

— Importações estrangeiras. Quanto mais bonito é Antonio, João, Matheus, Francisco, José, Manuel... em fim, nomes de santos bons.

— Gósto d'elles.

— Olha, Antonio, se for rapaz hei de pôr-lhe o teu nome.

— Mas não vês que quando te perguntarem por qualquer de nós não saberás... se porventura não tiveres a precaução de fazer a pergunta de Lopez...

— Que pergunta é essa?

— Eu te conto. Casára-se Lopez havia muito tempo, e já estava enfadado porque não tinha familia; porém, a final, deu-lhe a mulher um robusto menino. Lopez, por esta causa, rebentava de orgulho, e desesperava-se porque o cuidado na mãe não o deixava ir pelo povo contando que já tinha um filho. De que se lembraria o maldito? No mesmo dia em que a mulher lhe deu o menino, collocou-se á porta da casa, e quando chegava algum desconhecido e lhe perguntava: «Está em casa o sr. Lopez?», respondia elle, com soberba nunca vista: Qual? o pae ou o filho?

— Pois deixemo-nos de pensar em o nome que terá...

— O nome nada faz para o caso... O que importa é que o rapaz seja bonito.

— Sel-o-ha!...

— Porque se parecerá comtigo...

— Não, comtigo...

— Vou fazer-lhe um carro para que aprenda a andar antes do anno...

— O ensino corre por minha conta.

— E que satisfação vel-o correr e saltar por esse campo... vivo e azougado, como sua mãe! Trepando, como um gato, pelo tronco da cerejeira...

— Para que o fato se lhe despedace!

— Dar-lhe-has açoites.

— Então hei de bater no meu filhinho?

— Deixa isso por minha conta...

— Não, não!

E Feliciana voltou-se assustada estendendo os braços para o tronco da cerejeira, que lhe ficava ao lado, a fim de impedir a acção de Antonio.

— As mães perdem as crianças com exaggeradas meiguices...

— Antes meiga que barbara...

— O nosso filho saírá, felizmente, homem de bem.

— E sendo formoso e gentil, casará com alguma primogenita ricaça, embora isso não me dê grande prazer.

— Melhor é que vá para a America procurar fortuna.

— Não acredito muito nas fortunas que se fazem na America... Mas, se é da tua vontade, que vá...

— Boas noites! disse Juancho apparecendo á porta da casa antes que Antonio e Feliciana reparassem n'elle, entretidos como estavam com o seu rapaz.

— Boas noites, Juancho! Estamos no fim da merenda, mas teremos gosto em que acceite do que veja.

— Agradeço, e desejo que lhes faça bom proveito. Fallavam de André, não é verdade? É um rapaz como um domonio. João Palomo está zangadissimo com elle, porque diz que o insulta sempre que repica os sinos.

— E que é que lhe dirá?

— Não sei! As coisas, provavelmente, que diz a todos nós. Com a differença, porém, de que nós não temos receio do que nos digam.

— Veremos se o tal André se casa em breve e se torna prudente.

— Tenho dó de Isabel... Mas quando teremos cá em casa a familia augmentada?

— Ora!...

— Disse o cirurgião que sería menino.

— Ha uma hora que eu tambem encontrei o cirurgião, e disse-me elle que Feliciana teria uma menina.

Feliciana soltou alegre gargalhada, á qual correspondeu Antonio com outra não menos alegre, accrescentando:

— Seja o que Deus quizer. Não sabemos se é menina ou menino; temos, porém, a certeza de que é a ultima benção com que o Senhor completa a nossa felicidade.

Caíram dos olhos de Feliciana lagrimas de affectuosissimo reconhecimento; e, não sei como, as mãos de Antonio e Feliciana encontraram-se debaixo da mesa e deram-se um aperto dos mais ternos e significativos.

(Continua) BRITO ARANHA.

Francisco Vieira Portuense

FRANCISCO VIEIRA PORTUENSE

ESBOÇO BIOGRAPHICO

I

Bom numero de annos vae hoje decorrido, depois que em nós se entranhára um proposito, a que fervorosa e diligentemente nos votaramos. Era o de concorrer com o nosso brado, embora humilde e dissonante, para dilatar no mundo, pelo modo possivel, a fama de tantos conterraneos illustres, que, por insignes na cultura das letras, das sciencias e das artes, deixaram á posteridade o encargo, mais ou menos satisfeito, de inscrever-lhes os nomes na honrada lista dos benemeritos da nação e da humanidade. Ainda n'esse tempo não começavam a alvejar-nos na cabeça as cans, que, por effeito menos da edade que dos desgostos, se anticiparam a embranquecel-a de todo. As contrariedades, desconsiderações e pezares, que de então para cá nos tem flagellado, e a que só poderiamos oppor uma resistencia passiva, ou antes uma apathica resignação, que mal se conforma com a nossa indole e temperamento, se não conseguiram dissuadir-nos inteiramente do nosso empenho, levaram-nos comtudo, consumida na vehemencia da lucta permanente com que nos amesquinham, a melhor parte das forças de que careciamos para o realisar.

Obrigado, como consequencia inevitavel, a levantar mão, ha dois annos, de um trabalho de maior alcance, em que empregaramos com assiduidade e perseverança, que não são communs n'esta terra, os cinco

precedentes; trabalho que, grangeando-nos, em verdade, nome e credito entre naturaes e estranhos, só não obteve até hoje o minimo apreço ou contemplação de especie alguma da parte d'aquelles a quem, por direito, cabia o dever de agradecel-o e remuneral-o; trabalho, em fim, que ahi ficará incompleto, pois que os estimulos do brio e pundonor pessoal nos impedem de o retomar em quanto continuarmos a ser tratado pelos poderes publicos com o significativo desprezo que nos serve de vergonha, menos por nós que pela honra do paiz, cujo filho somos, e a quem sacrificámos o pouco ou muito que valiamos: não é sem grande custo que, em tal disposição de espirito, acquiescendo uma ou outra vez ás instancias reiteradas de amigos e honradores, voltâmos a intentar algumas breves e ligeiras excursões em terreno, do qual, força é dizel-o, bem quizeramos afastar-nos para sempre.

Esta explicação prévia, puramente individual, foi julgada necessaria, para com ella solicitarmos a indulgencia dos leitores do *Archivo*, visto havermos de tomar no corrente anno em sua collaboração a parte que nos for possivel, já que assim o desejam os benemeritos editores. Do pouco que podérmos fazer, a culpa não será nossa. Attribua-se ás circunstancias que nos incapacitaram de melhor cumprir esse desejo, com que muito nos honrâmos.

Daremos hoje, recopilado em acanhados traços, o que podémos colligir de diversos escriptos, e averiguar pela propria investigação, ácerca do distinctissimo artista portuguez, cujo retrato se vê collocado á frente d'este artigo, e cuja fama, com quanto gloriosa, sobrelevaria de certo, se a morte prematura o não arrancasse d'entre os vivos justamente na edade em que se preparava para alcançar, nos certames a que se habituára, as palmas de novos e mais assignalados triumphos.

II

Francisco Vieira, cognominado o *Portuense* (para distinguil-o do outro seu afamado contemporaneo Francisco Vieira de Mattos, conhecido dentro e fóra da patria pela denominação de *Vieira Lusitano*), nasceu na cidade do Porto a 13 de maio de 1765 [1].

Foi seu pae Domingos Francisco Vieira, que, segundo os biographos, reunia á profissão da arte de pintura (em que dizem não era dos *de menos conta*) a de commerciante ou vendedor de drogarias. De sua mãe sabemos apenas que havia o nome de Maria Joaquina.

Como de tenra edade começasse a manifestar inclinação para o desenho e pintura, seu pae, logo que o viu instruido nas primeiras letras, e tendo-o, provavelmente, iniciado elle proprio nos rudimentos da arte, entregou-o á direcção de João Glama, celebre pintor, que alguns julgaram italiano, mas que a opinião melhor fundada crê nascido em Portugal, e oriundo da Allemanha. Este artista exerceu por muitos annos, com bons creditos, a sua profissão no Porto, onde as obras que deixára são ainda tidas em estimação. Mais tarde, achando-se n'aquella cidade outro notavel pintor, que primava no genero das paizagens, João Pilman, ou Pillement, de nação francez, deu tambem algumas lições ao joven alumno. Porém este, não contente da instrucção já adquirida, e sentindo a necessidade em que estava de aprofundal-a, resolveu-se, em vez de frequentar a aula publica de desenho, que por esse tempo já existia na sua patria, a vir de preferencia a Lisboa matricular-se discipulo na outra da mesma especie, que tambem de poucos annos fôra mandada abrir por alvará da sra. D. Maria I de 23 de agosto de 1781, e começava a florecer, regida pelo habil professor Joaquim Manuel da Rocha [1].

É de crer que n'essa resolução interviesse mais que tudo o fito de obter praça entre os alumnos, que por concessão do governo, e como pensionistas do estado, deviam partir para Roma. Anhelava, sem duvida, por saudar de perto aquelle magnifico receptaculo das artes, para alli extasiar-se na contemplação dos seus prodigios; — recolher as inspirações de que necessitava; — modelar, em fim, o gosto no estudo das concepções assombrosas com que se immortalisaram tantos genios illustres, quantos são os que na Italia fundaram e ennobreceram as differentes escholas da pintura.

Se era este, como pensâmos, o seu designio, pouco faltou para que não visse frustradas as esperanças que concebêra. Ou porque lhe faltassem padrinhos, ou porque encontrasse já irrevogavelmente fechado o numero dos escolhidos, o mancebo portuense baldou supplicas e instancias perante a inepcia de ministros ensurdecidos. O que, porém, não pôde obter em Lisboa veiu a conseguil-o no Porto. A junta da direcção da companhia geral das Vinhas do Alto-Douro tomou-o sob sua protecção, mandando abonar-lhe do seu cofre a pensão annual de 300$000 réis, para ser-lhe paga durante o tempo que houvesse mister demorar-se em Roma até á conclusão dos estudos. Corria então o anno de 1789.

Preenchidos os seus votos, é facil de imaginar que se daria pressa em aproveitar-se quanto antes da liberalidade que tão generosamente se lhe outorgava. O beneficio recebido impunha-lhe a obrigação de merecel-o.

III

Chegado a Roma, e satisfeitos os primeiros impulsos da curiosidade artistica no exame e admiração das maravilhas que a flux se lhe deparavam, tratou Francisco Vieira de escolher mestre idoneo, que podesse guiar-lhe os passos na carreira em que ia entrar. Infelizmente para elle, não os havia por esse tempo eguaes ao que fôra em outras epochas. De todos os existentes eram tidos por melhores Antonio Cavalluci, La Picola e Domingos Corvi. Os nossos pensionistas Sequeira e Taborda, que, da mesma sorte, começavam então em Roma o seu tirocinio escholar, haviam escolhido para si o primeiro; Vieira preferiu o ultimo.

Era Corvi um desenhador excellente, e como tal acreditado; mas frio no colorido, e faltavam-lhe ou-

[1] Pelo respeito que consagrâmos á verdade, e para prevenir, se é possivel, a futura repetição de enganos, permitta-se-nos o seguinte reparo: No tomo I, pag. 124, da bella e novissima edição, que das *Obras de Luiz de Camões* está dando ao prelo na Imprensa nacional, a expensas do governo, o sr. Visconde de Juromenha, notámos, não sem alguma estranheza, uma equivocação de facto, cuja causa mal sabemos attingir, e menos explicar. Confundem-se ahi incidentemente os dois pintores Vieiras, *Lusitano* e *Portuense*, attribuindo-se com inexactidão flagrante ao segundo a *autobiographia* que o primeiro de si escrevêra e imprimira em 1780 com o titulo: *O insigne pintor e leal esposo Vieira Lusitano, historia verdadeira, que elle escreve em cantos lyricos*. Tambem, seja dito de passagem, parece que o erudito editor não tivera presente o livro de Taborda, quando nos dá o Vieira Portuense nascido *pelos annos de 1766*; pois se houvesse consultado aquella obra, ou mesmo o nosso *Diccionario Bibliographico Portuguez*, que tantas vezes teve a deferencia e obsequiosa bondade de citar, acharia que a data *precisa* do nascimento é a que indicâmos acima.

[1] Veja-se, na serie dos interessantes artigos que, sob a rubrica *A cidade de Lisboa com referencia a estabelecimentos litterarios e scientificos*, tem publicado recentemente no *Jornal do Commercio* o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, o art. III inserto no dito jornal, n. 3391 de 4 de fevereiro d'este anno. Esta aula de desenho de figura e historia, creada conjunctamente com outra de architectura civil, foi com ella estabelecida de principio, não no extincto convento dos padres theatinos, vulgò Caetanos, como parece inculcar-se no artigo citado, mas em uma casa, ao que podêmos julgar, alugada para esse fim na praça do Pelourinho. D'alli passaram ambas, ao cabo de alguns annos, segundo cremos, para outra casa no largo do Loreto; e só muito depois se transferiram para um dormitorio cedido pelos sobreditos padres no pavimento baixo do edificio onde vemos agora estabelecido o conservatorio real de Lisboa. Foi n'essa localidade que as encontrámos, matriculando-nos, em janeiro de 1826, no curso respectivo, que (em verdade com pouco aproveitamento!) frequentámos por espaço de dois annos e alguns mezes. Fallecia, sem duvida, em nós vocação para a arte; porém, dado que a tivessemos, mal poderiam desenvolvel-a os professores que alli achámos, cujo methodo de ensino, para não dizer a falta absoluta d'elle, era, por certo, lastimoso!...

tros dotes, cujo todo se requer para ser pintor abalisado. O gosto e talento dos discipulos pódem, comtudo, supprir, ás vezes, a mediocridade dos mestres. E como Vieira estava n'esse caso, e a sua applicação era egual á intelligencia, tirou das lições todo o proveito que era de desejar. Logo no anno de 1791 obteve nas academias romanas um primeiro premio em roupas; e mais obteria se mais tempo alli se demorasse.

Porém, entranhando-se cada vez mais no pélago immenso dos estudos que demandava a sua profissão, entendeu que lhe cumpria não limitar-se a Roma; e que devia, tanto quanto seus recursos lh'o proporcionavam, correr as principaes cidades da Italia, para visitar os seus mais notaveis edificios e formosas galerias, investigando tudo com o interesse que taes portentos são capazes de inspirar ao artista, e copiando para exercicio o que mais accendesse em suas sensações o fogo do enthusiasmo. D'aqui resultou uma immensa quantidade de livros, que comsigo trouxe ao recolher-se á patria; monumentos da sua applicação e estudo, e que são conservados na maior estima pelos que lograram alcançar a posse de alguns.

Tinha elle adoptado de preferencia, por mais de seu gosto, a maneira e estilo mimoso e delicado de Albano e Guido Reni; porém, desejoso de estudar tambem o colorido de Corregio, dirigiu-se a Parma, para copiar, como de feito copiou com grande perfeição, o magnifico quadro de *S. Jeronymo*, que existe na galeria publica da referida cidade, e que passa, na opinião de insignes professores, por ser uma das melhores producções d'aquelle eximio chefe da eschola lombarda [1].

Durante a sua curta permanencia em Parma, foi admittido entre os directores da academia, e obteve outras provas nada equivocas da consideração que merecia o seu talento. Deu lições de desenho a uma filha do grão-duque, a qual retratou, bem como outras personagens distinctas da mesma cidade. D'ahi lhe proveiu bom credito e avultadas recompensas.

Em 1794 estava de volta em Roma, onde se demorou ainda tres annos, occupado sempre dos estudos inherentes á arte e a seus accessorios. Despediu-se, em fim, de todo em 1797, partindo d'aquella cidade em companhia de Bartholomeu Antonio Calisto, outro pintor portuguez, que alli fôra tambem aperfeiçoar-se como pensionario da casa-pia. Percorreram juntos parte da Allemanha, até que se separaram, vindo Calisto para Lisboa, e ficando Vieira em Dresda, occupado em examinar aquella famosa galeria, da qual copiou os objectos que maior attenção lhe mereceram.

De lá transportou-se para Hamburgo, e successivamente para Londres. Foi n'esta cidade que contrahiu estreita amizade com o insigne Bartholozzi, tomando d'elle algumas lições de gravura, e casando mais tarde com uma viuva italiana, moça e rica, que dizem pertencia á familia do celebre gravador. Ahi mesmo começou a gravar a agua forte uma grande e laboriosa chapa, que, por embaraços supervenientes, não chegou a concluir.

Pintou em Londres o *Viriato*, quadro de notavel execução, que offereceu ao então principe regente de Portugal, e que esteve, e não sabemos se ainda está, collocado na galeria do real palacio da Ajuda. D'esse quadro abriu o referido Bartholozzi uma bella estampa, bem como outras de diversas composições do artista portuguez.

[1] Esta cópia, qualificada de *bella e excellente*, diz Taborda que existia em casa do sr. visconde de Balsemão. Posteriormente, porém, o sr. conde de Raczynski, no seu *Dictionnaire*, declara-a existente em poder dos exc. duques de Palmella, e é facto, que até já como tal figurou em algumas exposições publicas. Cyrillo falla, não d'esta, mas d'outra cópia de Corregio, que diz representar a *Magdalena*, e que pertencêra depois a Luiz Pinto, 1.º visconde de Balsemão. Parece-nos que o diligente auctor das *Memorias* se equivocou, confundindo as especies n'esta parte, e que tal copia só existiu na sua imaginação.

Em obsequio ao ministro de Portugal n'aquella corte, D. João de Almeida Mello e Castro, depois conde das Galvêas, a quem já conhecêra em Roma, e que lhe dispensára algumas attenções e favores, compoz tambem outro primoroso quadro, de *Nossa Senhora da Piedade*, ou do *Descendimento da Cruz*, o qual se destinava para ornar a capella da embaixada portugueza em Londres [1].

É bem de suppor que durante os quatro annos de residencia em Londres não deixaria de executar outras obras, que lhe seriam provavelmente encommendadas, e bem pagas, por alguns de tantos amadores quantos encerra aquella abastada e populosissima capital: porém foi-nos impossivel procurar quaesquer noções ou particularidades com respeito a quadros seus, que porventura alli existam.

Rico de conhecimentos especiaes, accumulados em tantos annos de porfioso estudo, na edade em que as flores viçosas do engenho se convertem em fructos saborosos e amadurecidos, era para o nosso artista chegado o tempo de recolher-se á patria, para tornal-a participante das proprias riquezas, e haver d'ella em troca os premios e recompensas que, por direito imprescriptivel, competem ao trabalho util e convenientemente dirigido.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Vid. pag. 39)

IV

Era uma sexta feira, 13 de setembro. O infante D. Henrique acabava de chegar, alfim, ante as portas da tão suspirada Tanger, esse objecto dos seus doirados sonhos de gloria, sonho sempre presente aos seus pensamentos.

O infante D. Fernando já alli se achava, convalescido pelo descanço que tivera a bordo. E as naus portuguezas, dispostas em extensa linha e vistosamente empavezadas de suas bandeiras e flammulas multicôres, pareciam desafiar do meio do porto todo o poder musulmano.

Assim que os infantes se encontraram, tratou-se logo de reunir em conselho as pessoas principaes e os mais experimentados capitães. Accordados que foram sobre o que se havia de obrar, passou o infante D. Henrique a fazer ostentoso apparato das suas forças por diante da praça inimiga. Desceram, pois, as tropas até ao mar, desfilando galhardamente ao longo da praia, e no sitio aonde melhor podiam ser observadas pelos moiros, mandou D. Henrique fazer alto, e desenrolando-se as bandeiras ao som guerreiro das trombetas e atabales, ahi armou solemnemente alguns cavalleiros.

Acabada esta ceremonia, que os moiros espreitavam através das estreitas frestas das torres, ou de sobre as ameias dos muros, marchou o exercito em boa ordem para um oiteiro visinho da cidade, e defronte do *cabo de Espartel*, aonde acampou.

Não se podia desejar logar mais accommodado para arrayal. Pela sua altura era uma posição mui defensavel. Descobrindo bastante campo em torno de uma grande parte da praça, podiam-se d'ahi vigiar quaesquer movimentos do inimigo. Dominando a bahia, faci-

[1] Se bem interpretâmos o que lemos a pag. 301 do *Dictionnaire* do sr. C. de Raczynski, este quadro já não existe em Londres, mas sim no oratorio do paço das Necessidades.

litava a communicação com a armada. E, finalmente, cercado de hortas e pomares, com poços de boa agua, offerecia algumas provisões muito uteis, e abastecia o acampamento de uma das coisas mais essenciaes á vida.

Os moiros, como dissemos, viam tudo, mas não se atreviam a saír da sua guarida. E, todavia, não reinava entre elles o temor. Ou fosse porque o numero dos contrarios os não acobardasse, crendo-se bem defendidos por suas grossas muralhas e altas torres; ou porque confiassem muito no esforço do seu braço; ou, em fim, porque o seu corajoso chefe soubesse inspirar-lhes alento e esperança; é certo que não dominava alli vestigio algum d'aquelle terror que havia franqueado aos portuguezes as portas de Tetuão. E quem visse de perto o alcaide, Salá Ben Salá; quem attentasse bem no olhar feroz e no sorriso desdenhoso com que seguia todos os movimentos do exercito christão, poderia ler no seu rosto, sem duvida, mais que uma simples esperança de salvação. Se n'aquelle olhar se resumiam o odio e rancor de uma raça inteira, n'aquelle sorriso denunciava-se a quasi certeza de um triumpho, uma satisfação anticipada pela idéa de uma grande e proxima vingança. Salá Ben Salá era o alcaide que governava Ceuta, quando el-rei D. João I lhe arrancou das mãos esta perola africana para ornar com ella a sua coroa. E agora tinha na frente dois filhos do seu terrivel inimigo, que vinham de novo provocal-o e ameaçal-o.

Em quanto o alcaide revolvia assim na mente mil projectos de exterminio, lavrára repentinamente grande agitação no arrayal inimigo.

Declinava bastante a tarde, e os nossos soldados andavam ainda occupados em assentar o acampamento, quando rompeu uma voz de que fugiam moiros da cidade, deixando abertas as portas.

A setta, despedida do arco, não corta mais apressada os ares do que esta voz correu por todo o arrayal. N'um abrir e fechar de olhos tudo ahi foi alvoroço e confusão.

D'onde viera aquelle voz ninguem o sabia, nem procurava saber. Acreditava-se n'ella pelo succedido em Tetuão; e, sem esperar ordens dos chefes, todos quizeram ser os primeiros a entrar n'aquella terra da promissão.

Os que mais velozes correram, mais cedo acharam o engano. As portas estavam fechadas e bem trancadas; e os moiros tão vigilantes, que fizeram pagar caro a imprudencia aos temerarios que d'est'arte se aventuraram. Mas sobre os passos dos primeiros vieram segundos, e sobre os segundos terceiros. Então o conflicto tornou-se serio, e dentro em pouco era um ataque geral á cidade; porém, infelizmente, um ataque sem premeditação, sem plano, sem ordem de especie alguma.

Os soldados arremessavam-se de encontro ás portas, como querendo arrombal-as com o simples peso de seu corpo; e ahi, apinhados em estreito logar entre as torres que defendiam a entrada, impellindo-se e crescendo uns sobre os outros, como as vagas do Oceano embravecido; apertando-se de mais em mais; embaraçando-se reciprocamente; molestando-se e pisando-se até, como se fossem inimigos, eram feridos desapiedadamente pelos arabes, que, de cima dos muros e por traz das setteiras, disparavam sobre elles copiosa chuva de frechas.

Porém, tanto póde o valor, mais do que o valor a força d'aquelles braços, e, talvez, ainda mais do que a força natural dos braços a raiva e o desespêro d'aquellas almas, que duas portas, formadas de grossas pranchas de rijissima madeira, cederam, em fim, á violencia do impulso, e ambas voaram, uma após outra, feitas pedaços!

Vencidos estes obstaculos, precipitaram-se com furia os vencedores por um escuro corredor, aberto através dos muros, crendo já livre o caminho que os devia conduzir ao seio e á posse da cidade. Mas, além das duas portas que, despedaçadas, lhe franquearam o passo, havia ainda outra mais forte, chamada o *postigo de Guyrer*. Contra esta nada póde o seu valor; fraquejon-lhes ahi a força de seus braços; tornaram-se impotentes a raiva e o desespêro de suas almas. Lembraram-se então do fogo para vencer tamanha resistencia. Seguiu-se um momento de silencio, que não tardou a ser quebrado pelo crepitar das chammas, que subiam em linguas de fogo até á abobada, e pelo estalar da madeira que se ia carbonisando. O clarão das labaredas no fundo d'aquelle antro de negra pedraria; a expressão sinistra de todos aquelles homens alli reunidos na acção commum da destruição, e em cujos rostos se viam estampadas tantas e tão violentas paixões; as juras, as pragas e as ameaças que vomitavam em alta grita contra os perros dos infieis; toda esta bulha e vozeria, echoando em sons confusos e medonhos; e, finalmente, as nuvens de fumo, subindo, impellidas, contra a abobada, que as repulsava para a terra, d'onde tornavam a subir, envolvendo e suffocando toda aquella turba, que assim ainda mais bramava e se enfurecia, tão horrivel scena dava a este logar a perfeita similhança do inferno.

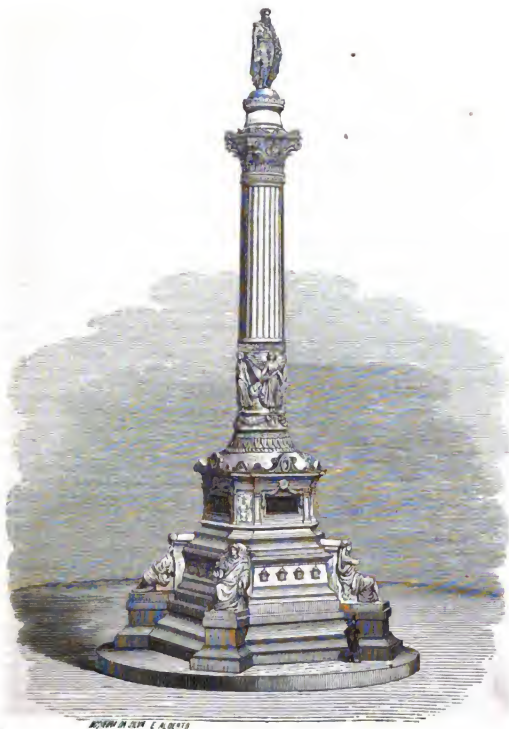
Toda a madeira da porta estava, em fim, reduzida a brazas; mas por detrás do fragil lenho ia apparecendo, ao cair do brazido, outra substancia que, zombando da acção do fogo, oppunha aos aggressores nova e mais valente barreira. Eram as chapas de ferro que, tendo servido de fortalecer a porta, ficavam de pé, travadas com a cantaria, escoradas contra o solo, firmes e inabalaveis como muros de bronze.

Foi então que veiu o descoroçoamento abater as paixões e quebrar os animos. A noite tambem viera em soccorro da praça, e só ao desdobrar do seu manto é que o infante D. Henrique conseguiu fazer recolher ao arrayal as tropas que n'aquelle e n'outros pontos estavam combatendo a cidade.

Junto dos muros de Tanger jaziam exanimes não poucos portuguezes; e para o acampamento foram transportados muitos feridos.

Ás alegrias succedeu-se, entre muitos, a tristeza; o desalento começou a afugentar a esperança. Porém não era unicamente o mau successo d'esta tentativa o que operava tão grande e repentina mudança na satisfação e enthusiasmo dos soldados. Uma circumstancia bem frivola e sem valia para estes tempos em que vivemos foi o raio que assombrou aquelles espiritos, que tão fracos eram dentro de peitos tão fortes. Quando o infante D. Henrique viu que não podia conter a impetuosa bravura das suas tropas, pretendeu acudir áquellas scenas de tumulto, ordenando combate regular. E no momento em que, posto á frente dos que se haviam conservado firmes a seu lado, ia soltar a voz de commando, um rijo furacão quebra a hastea da bandeira do infante D. Henrique, rasga e leva pelos ares o seu estandarte, que acabava de se desfraldar com tanto garbo e ufania.

Um tal agoiro impressionou mais ou menos a todo o exercito, porque os que o não presenciaram em breve tiveram noticia d'elle. E nas horas mortas da noite não se deixava de commentar este caso nas tendas de campanha, senão para se fallar de outros dois tristes presagios. O conde de Arrayolos saíra muito ferido do combate, com uma perna atravessada por uma setta, e D. Alvaro Vaz de Almada recolheu-se com um braço trespassado por uma frecha. O primeiro era o condestavel, o segundo era o mais valente e esforçado cavalleiro de todo o exercito.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

Projecto de monumento a sua magestade imperial o sr. D. Pedro IV

Tem decorrido um terço de seculo desde o fallecimento do principe magnanimo que nos deu a liberdade como rei, e que nol-a resgatou como general. E todavia ainda se não erigiu um monumento publico que commemore dignamente a grandeza d'aquelle serviço, attestando ao mesmo tempo a gratidão nacional.

N'este longo periodo por vezes houve a lembrança, e se fizeram tentativas para que a nação pagasse essa divida de honra á memoria do libertador. Todos sabem que no centro da *praça de D. Pedro* esteve levantado por alguns annos um singelo pedestal, esperando debalde pela estatua do imperador, e pelas duas figuras allegoricas que deviam completar o monumento. Porém, infelizmente, tudo isso apenas tem servido para demonstrar a esterilidade dos nossos desejos, e a inefficacia dos esforços que se empregaram; o que equivale a dizer que nos tem faltado a firmeza de vontade, de que depende essencialmente a realisação de qualquer empreza.

Ao cabo de tantos planos e hesitações, resolveram novamente os poderes publicos que se procedesse á construcção do monumento, sendo feitas as despezas pelo estado. O governo nomeou uma commissão, composta de individuos cultores e amadores das bellas artes, e encarregou-a dos trabalhos preliminares para se levar a effeito a obra projectada.

A commissão, creudo, com justo fundamento, que as artes tem por patria todo o universo; e que na erecção de um tal monumento todas as considerações devem ser subordinadas á sua maior belleza e perfeição; estabeleceu e annunciou concurso universal, offerecendo cinco premios, desde 2:000$000 réis até

500$000 réis, para serem conferidos aos auctores dos cinco modêlos que a mesma commissão, constituida em jury, designasse como dignos d'esse galardão.

Foi summamente honroso para Portugal o modo por que responderam a este convite os artistas nacionaes e estrangeiros, enviando ao concurso oitenta e sete modêlos e riscos. Quasi todas as capitaes da Europa se acharam representadas n'este certâme da arte; e quem observasse, com animo imparcial e despido de preconceitos, todos os trabalhos artisticos que alli se exhibiram, ha de convir, sem duvida, em que os artistas nacionaes figuraram n'aquella exposição com honra sua e do paiz.

Não pretendendo entrar agora na apreciação d'esses trabalhos, que requer mais competencia do que a que temos, fôra inconveniente manifestar qualquer opinião contraria á decisão do jury que conferiu os premios.

Em questões de bellas artes deve-se attender em primeiro logar ás regras, e depois ao bom gosto; porém no assumpto que nos occupa accrescem a estas considerações outras que dizem respeito ás exigencias do local onde o monumento ha de ser erigido, e á verba consignada para a sua construcção. Já se vê, pois, que não é materia para ser tratada facilmente e com brevidade. Portanto, limitar-nos-hemos a relatar os factos e a descrever os modêlos que obtiveram o primeiro e segundo premios, que são os que tencionâmos publicar em gravura.

A commissão, depois de maduro exame, e de ter ouvido os diversos juizos do publico manifestados no decurso da exposição, adjudicou, por maioria de votos, os cinco premios da maneira seguinte: o primeiro premio de 2:000$000 réis ao modêlo marcado com o n. 28; o segundo premio, de 1:000$000 réis, ao n. 6; e os tres premios de 500$000 réis cada um, aos que tinham os n. 14, 34, e 84.

Procedendo-se depois á abertura dos sobrescriptos que continham os nomes dos auctores, achou-se que o n. 28 era obra dos srs. Davioud, architecto, e Elias Robert, esculptor, ambos francezes; que o n. 6 fôra executado pelo sr. Antonio Thomaz da Fonseca, portuguez; que o n. 14 era devido ao sr. A. Bezzi, italiano; que o n. 34 fôra feito pelo sr. F. A. G. Gilbert, francez; e que o n. 84 tivera por auctores os srs. Pagani, e F. Bargaghi, italianos.

Tendo sido approvada pelo governo a decisão do jury, ficou escolhido o modêlo n. 28, com algumas modificações que lhe não alterem a fórma geral, segundo a mesma commissão propoz.

Compõe-se o monumento projectado de quatro partes, envasamento, pedestal, columna, e estatua; devendo ter de altura $27^{m},5$, e na sua maior largura $9^{m},49$. O envasamento consta de duas partes, ambas quadradas, e com os angulos chanfrados: na primeira resaltam dos angulos quatro pequenos pedestaes rectangulares, sobre os quaes estão sentadas quatro estatuas allegoricas, representando a *Prudencia*, a *Justiça*, a *Fortaleza*, e a *Moderação;* na segunda parte avultam dezeseis brazões de armas das principaes cidades do reino, esculpidos quatro em cada face.

O pedestal é egualmente quadrado, e com os angulos chanfrados. Nas quatro faces, que são coroadas de ornatos em fórma de frontão, tem outras tantas almofadas com inscripções, sendo a da frente destinada para a dedicatoria, e todas decoradas com festões e coroas. Os angulos chanfrados são guarnecidos de grinaldas e palmas.

O terço inferior da columna é circundado por uma coroa de loiro, por várias grinaldas, e por quatro figuras da Fama, em baixo relevo, ligadas por festões que lhes pendem das mãos. O resto do fuste é lavrado em canelluras; e o capitel, de ordem corynthia, é decorado nas quatro faces com escudos das armas de Portugal.

Ergue-se sobre o capitel um pequeno pedestal redondo, á maneira de peanha, a que serve de remate metade de um globo, sobre o qual se eleva a estatua do sr. D. Pedro IV. O soberano traja o uniforme de general; pende-lhe dos hombros comprido manto, e cinge-lhe a fronte uma coroa de loiro. Tem na mão direita a carta constitucional que outorgou aos portuguezes, e apoia a mão esquerda na espada com que resgatou a mesma constituição. Devem ser de bronze doirado a estatua, o meio globo que lhe serve de base, e as almofadas com as inscripções. O envasamento será de granito, e o resto do monumento de marmore [1].

Entre os 87 projectos que se apresentaram no concurso viam-se alguns que sobresaíam pela originalidade do pensamento e pela riqueza das decorações; mas que não eram accommodados á praça que deviam adornar, e á somma que fôra consignada para a construcção do monumento. Havia outros, que se extremavam por certa nobreza e simplicidade, dignos, sem duvida, de reparo e galardão. E alguns havia que nem mereciam a honra de occupar alli um logar.

É difficil, na verdade, a escolha, quando se acha obrigada, como no presente caso, a tantas clausulas e restricções; e mais difficil ainda o accordo entre os membros do jury, sendo o gosto tão vario, e tão amplas as regras que o dirigem.

Portanto, nenhum dos premios foi adjudicado por unanimidade. Todavia, o modêlo approvado, que foi um dos que mais captivaram a attenção publica, tem elegancia e belleza. Com algumas modificações que, sem prejudicar o pensamento dos auctores, hão de dar melhor combinação ás diversas partes da sua obra; e se os trabalhos de esculptura, principalmente as cinco estatuas, forem executados com perfeição, o monumento será magnifico, e digno da alteza do assumpto que vae commemorar, e da belleza da praça de D. Pedro a que ha de servir de ornamento.

Se os srs. Davioud e Elias Robert forem encarregados da construcção do monumento, deixam de receber o premio de 2:000$000 réis que lhes foi conferido, pois que, n'este caso, encontrarão a recompensa nos seus proventos de architecto e de esculptor.

O modêlo do monumento é de gesso, e está feito com esmero e primor. A nossa gravura é cópia de uma photographia mandada tirar pela mencionada commissão, juntamente com as dos outros modêlos.

Em outro numero offereceremos aos nossos leitores a gravura que representa o modêlo n. 6, que obteve o segundo premio.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRANCISCO VIEIRA PORTUENSE

ESBOÇO BIOGRAPHICO

(Vid. pag. 45)

IV

Da junta da companhia das Vinhas do Alto Douro houvera Francisco Vieira, como em seu logar dissemos, protecção e soccorro, sem os quaes mal poderia encetar e concluir a sua estudiosa carreira. Satisfeita aquella corporação de ver assim aproveitadas as suas liberalidades, tratou de remunerar por modo adequado o artista já distincto, dando-lhe novos incentivos, e collocando-o na situação de pagar amplamente os ju-

[1] Esta descripção foi feita á vista, e em grande parte copiada textualmente, da que se lê no *Catalogo dos projectos do monumento*, publicado pela commissão, e redigido com lucidez, laconismo e rigor artistico pelo sr. Lupi, membro da dita commissão, e um dos mais distinctos pintores que honram presentemente as artes em Portugal.

ros do capital recebido, mediante a communicação em beneficio publico, sequer de uma parte da instrucção e conhecimentos que enthesoirára em tão larga cópia. É o que se prova do documento authentico que vamos transcrever:

«O principe meu senhor, havendo consideração ao que lhe foi presente por parte d'essa junta da administração da companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro, sobre o provimento de lente da aula de desenho n'essa cidade do Porto, vago por se haver dispensado o exercicio a Antonio Fernandes Jacomo, por aviso de 8 de novembro proximo passado; e conformando-se o mesmo senhor com a proposta da junta para se verificar este provimento na pessoa de Francisco Vieira, que na arte de desenho e pintura tem conseguido distincto e bem merecido credito: É servido nomear ao dito Francisco Vieira para occupar a mesma cadeira com o ordenado de seiscentos mil réis cada anno, pago pelo mesmo modo que até agora se tem pago ao lente dispensado Antonio Fernandes Jacomo. O que v. m.^{ce} fará presente na sobredita junta, para que assim se execute. Deus guarde a v. m.^{ce} Palacio de Queluz em 20 de dezembro de 1800. — *Marquez Mordomo mór.* — Sr. Gaspar Cardoso de Carvalho e Fonseca [1].»

Não podémos averiguar se, como temos por mais provavel, esta nomeação foi feita no tempo em que Vieira estava ainda de residencia em Londres. Os seus biographos, Taborda e Cyrillo, são algum tanto confusos n'este como em outros pontos. Mas se de qualquer modo chegou então a tomar posse da cadeira, o seu exercicio n'ella foi de curta duração, vindo pouco depois para Lisboa, pela causa que se vae ver.

Em principios de 1801 havia sido transferido da pasta da marinha para a da fazenda o ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares, homem innegavelmente erudito, e que mostrava ter muito a peito o engrandecimento das letras e artes em Portugal, posto que nem sempre fosse feliz nas tentativas que ensaiou para protegel-as. Annexára-se-lhe ao novo cargo, além de outros, o de inspector da régia officina typographica, a cuja direcção se deu, sob os seus auspicios, nova fórma e impulso, ampliando o estabelecimento, e convertendo aquelle nome no de impressão régia, por decreto de 7 de dezembro do sobredito anno.

Entre varios projectos litterarios que, de mistura com os negocios politicos do gabinete, rolavam na mente do ministro, um havia, que não sabemos decidir se nascêra de concepção propria, se de mero assentimento a indicações alheias, mas que era, em todo o caso, eminentemente patriotico e digno de louvor. Tratava-se de solver a divida nacional contrahida para com a memoria do immortal cantor dos feitos portuguezes, fazendo sair dos prelos do referido estabelecimento, e á custa do governo, uma edição dos *Lusiadas*, em tudo magnifica, apparatosa, e correspondente á grandeza do assumpto. Assim se iniciára então pela primeira vez em Lisboa o nobre pensamento, cuja realisação, impedida pouco depois por circumstancias e obices não previstos, só veiu a effectuar-se em Paris ao cabo de dezeseis annos, pela dedicação e animo generoso de quem soube vencer e cortar as difficuldades a expensas da propria bolsa.

Na determinação do projecto entrára o proposito de que a nova edição dos *Lusiadas* seria illustrada com estampas representativas dos passos mais notaveis do poema. E como o desenho e composição d'elles fossem incumbidos a Francisco Vieira (se é que não foi seu o pensamento inicial da empreza, como alguns affirmam), o nosso artista teve de dirigir-se á capital, para de mais perto se empregar n'estes trabalhos, onde tambem já estava, ou chegou pelo mesmo tempo, o seu amigo Bartholozzi, a quem fôra encarregada a execução das gravuras.

D'essa mallograda empreza restam apenas, como fructo unico, os onze quadros ou esboços pintados a oleo, e dignos do pincel do seu auctor; os quaes, adquiridos em tempo pelo fallecido duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein, passaram a fazer parte da sua esplendida galeria de pinturas.

V

Vieira entrava em Lisboa em 1802, justamente quando tudo se aprestava para solemnisar com regozijos publicos o successo da paz geral, que, em 27 de março, acabava de assignar-se em Amiens. O senado da camara preparava ao mesmo intento uma sumptuosa festividade, que devia realisar-se no magnifico templo de S. Domingos. Para ella encommendaram ao nosso artista um painel allegorico, que elle executou com a presteza que se havia mister, e que foi grandemente applaudido. Via-se no centro do quadro a monarchia lusitana, personificada na figura de uma gentil matrona com attributos adequados, tendo pendente sobre o peito o retrato do principe regente, e servindo-lhe de cortejo outras figuras, que representavam as virtudes e as artes, egualmente caracterisadas.

O merecimento de Vieira era muito superior, para que ficasse de fórma alguma desconhecido ou menosprezado. Os ministros D. João de Almeida e visconde de Anadia fallaram a seu respeito ao regente em termos tão vantajosos, que não tardou em ser expedido, com data de 28 de junho de 1802, um decreto pelo qual sua alteza o nomeava primeiro pintor da real camara, com a pensão annual de 2:000$000 réis, permittindo-se-lhe a accumulação d'este com o emprego de lente da aula do Porto, e sendo-lhe commettida a obrigação de dirigir e executar, juntamente com o seu collega Domingos Antonio de Sequeira, a quem ficava em tudo e para tudo equiparado, as obras de pintura que se haviam de fazer no real paço da Ajuda.

Ávido de gloria, diligente por indole, e dotado de grande facilidade no trabalho, Vieira não podia estar ocioso. Para mostrar-se em tudo digno do alto conceito em que era tido, e das mercês que se lhe conferiam, dispoz e concluiu em breve tempo para a galeria real dois primorosos quadros, que seriam por si sufficientes para merecer-lhe a reputação de artista consummado. Representa um o *Desembarque de Vasco da Gama na India*, o outro *D. Ignez de Castro, ajoelhada com os filhos perante o rei D. Affonso* [1]. Estes quadros foram depois de 1807 transportados com outras pinturas para o Rio de Janeiro, e pertencem hoje a sua magestade imperial o sr. D. Pedro II. Existem collocados em uma sala do palacio de S. Christovão, no denominado *torreão de prata*. Ao nosso bom amigo e distincto pintor e poeta brasileiro, o sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre, que muitas vezes os examinou, tivemos a satisfação de ouvir dizer, que *são ambos de um acabado maravilhoso!*

Pintou ainda pelo mesmo tempo, para o seu pro-

[1] Devemos a copia d'este documento, com alguns outros esclarecimentos e noticias de que fizemos uso n'esta biographia, á prestavel benevolencia do illustrado lente da academia polytechnica do Porto, o sr. commendador Joaquim Torquato Alvares Ribeiro. Aproveitâmos com prazer esta occasião para testimunhar-lhe mais uma vez o nosso reconhecimento ás provas repetidas de affeição com que nos distingue, e de que muito nos honrâmos.

Antonio Fernandes Jacomo (cujo sobrenome Cyrillo trocou inexactamente no de Frosi) foi o primeiro lente da aula publica de desenho, creada no Porto por decreto de 27 de novembro de 1779; e regeu a cadeira respectiva desde essa epocha até ser aposentado em 8 de novembro de 1800, como se lê acima.

[1] O sr. conde de Raczynski, equivocando-se na interpretação do que lêra em Villela (*Observ. Criticas*, pag. 120), attribue erradamente, no seu *Dictionnaire*, este quadro de *D. Ignez*, e o de *Duarte Pacheco*, de que mais abaixo fallaremos, ao Vieira *Lusitano*, quando aquelle bem clara e expressamente os aponta como obras do *Portuense*.

tector, visconde de Anadia, o excellente e bem conhecido quadro de *D. Filippa de Vilhena*, que, com outras producções do seu pincel, se conservavam até ha poucos annos, com a devida estimação, na casa dos condes do mesmo titulo.

Demorado em Lisboa pela necessidade de attender a estes trabalhos, tornava-se-lhe impossivel exercer simultaneamente o magisterio no Porto. Durante a sua ausencia fôra confiada a regencia da cadeira a seu pae, Domingos Vieira, nomeado substituto, o qual, segundo os apontamentos que temos presentes, desempenhou as funcções como tal desde 1 de novembro de 1802 até 30 de junho de 1803.

Foi n'este anno que o governo tomou a deliberação de dar nova e mais ampla organisação aos estudos no Porto, creando a academia de marinha e commercio, e ordenando que n'ella se encorporasse a antiga aula de desenho; a qual, reformados os seus estatutos, passou a denominar-se academia de desenho e pintura. Um numero consideravel de alumnos concorreu para logo á matricula, desejosos de aproveitar as lições de professor tão abalisado como era o que a fortuna lhes deparava para doutrinal-os.

Chegado o dia da inauguração solemne, Vieira pronunciou um discurso sobre o assumpto, no qual, fazendo sobresair a nobreza e vantagens da arte, patenteava a seus novos discipulos as difficuldades com que tinham de luctar, e os meios de vencel-as, promettendo encaminhal-os de modo que tirassem da sua applicação todo o fructo a que aspiravam [1].

Desde então, pelo resto d'esse anno e por todo o seguinte de 1804, Vieira foi, segundo cremos, effectivo na regencia da cadeira; repartindo, comtudo, o tempo entre os cuidados do ensino, e a execução de obras de arte, a que por obrigação do serviço, ou por encommendas particulares tinha de satisfazer.

Occupava-se ultimamente da composição de um quadro, em que representava *Duarte Pacheco*, o *Achilles Lusitano, defendendo contra o Çamorim o passo de Cambalão*, destinado para ornar a casa das *Descobertas*, no palacio de Mafra, quando veiu accommettel-o uma grave enfermidade, que devia ser para elle mortal.

Para a debellar, esgotados em vão os recursos da sciencia, os medicos aconselharam-lhe o clima da Madeira, como unico em que poderia achar remedio ao seu padecimento. Resolveu-se a emprehender a viagem, solicitando para esse fim licença, que lhe foi concedida por aviso regio do primeiro d'abril de 1805. Partiu, mas estava decretado nos arcanos da Providencia que não tornaria a ver a patria. Tendo aportado á ilha desejada, em vez dos allivios que esperava, o seu estado peiorou repentinamente. O dia 2 de maio do referido anno foi o ultimo da sua vida!

Assim se finou, aos quarenta annos incompletos de edade, uma existencia que, a ser mais duradoira, legaria de certo á posteridade novas, e por ventura mais rasgadas manifestações do seu admiravel talento.

Ha n'esta morte prematura o que quer que seja de mysterioso e enigmatico, que os biographos contemporaneos de Vieira se contentaram de deixar-nos entrever, sem ousarem decifral-o. Cyrillo, deplorando-a, guarda comtudo um reservado silencio, e como que a attribue exclusivamente á gravidade da molestia. Porém Taborda, um tanto mais explicito, diz, palavras formaes: «Que a *inveja*, sempre declarada inimiga do merecimento, *seria talvez quem lhe abbreviasse os dias;* e que os findára na convalescença da perigosa enfermidade que o opprimia, *aggravada por muitos incidentes, a que as mais das vezes nem mesmo as almas grandes sabem resistir.*» (*Regras da Pint.*, pag. 247). Balbi affirma em resumo que «Des chagrins qu'il essuya abrégérent ses jours» (*Essai Statist.*, t. II, pag. XCV). Ultimamente o sr. Raczynski parece levantar uma ponta do véo que encobre o mysterio, quando nas suas *Lettres* (pag. 285) diz: «Sequeira, à ce qu'on m'a dit, portait a Vieira une haine très grande, et cherchait à lui nuire. Il a rempli sa vie d'amertume.»

A tradição geral dos contemporaneos auctorisa-nos a crer que reinára entre os dois insignes artistas o sentimento da emulação ou rivalidade, o qual predominava em Sequeira a ponto de o tornar invejoso do merito alheio, quem, como elle, havia de sobra com que contentar-se do proprio. É para lastimar que, por imperfeição inherente á natureza humana, o caso seja tão vulgar entre aquelles a quem, filhos da mesma arte, e sacerdotes do mesmo culto, coubera melhor o dever de amarem-se como irmãos!

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] *Discurso feito na abertura da academia de desenho e pintura na cidade do Porto, por Francisco Vieira Junior, lente da mesma academia.* Lisboa, na regia officina typographica, 1803. Em 4.º de 11 pag.—Ao nosso amigo, o sr. F. Pereira de Almeida, benemerito empregado na imprensa nacional, devemos o exemplar que d'esse discurso possuimos.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 2)

II

FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO

Tão grande na elevação da alma e na valentia do braço, como leal no cumprimento das promessas, o vencedor de Aljubarrota não deixou emmurchecerem-se os loiros de tão assignalado triumpho sem dar testimunho publico da sua gratidão e piedade.

Ainda muitas fortalezas e praças de guerra guardavam obediencia ao rei de Castella; ainda a lucta estava accesa nas fronteiras de Portugal, onde o condestavel D. Nuno Alvares Pereira sustentava o lustre das armas portuguezas; ia o mestre de Aviz em romaria a Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães. Não o cercavam, porém, n'esta jornada as pompas da realeza. O principe, a quem a nação havia cingido a fronte, pouco antes, com a coroa de Affonso Henriques; o heroe que acabava de humilhar, vencendo-o, o poderoso monarcha de Castella e de Leão, caminhava agora a pé em longa viagem, como o ultimo dos seus soldados, como o mais pobre e humilde de seus vassallos.

Com egual promptidão com que se desempenhava da promessa feita a Nossa Senhora da Oliveira na hora solemne do perigo, cuidava D. João I em cumprir o voto que fizera tambem á Virgem de edificar em sua honra um convento magnifico.

Porém, caso singular e difficil de se explicar, não se sabe a data precisa d'esta fundação. Ao passo que consta, não só o anno, mas tambem o mez e o proprio dia em que o fundador da monarchia deu principio ao mosteiro de Alcobaça, nem pelo menos se sabe com certeza o anno em que o mestre de Aviz lançou a pedra fundamental nos alicerces do convento da Batalha!

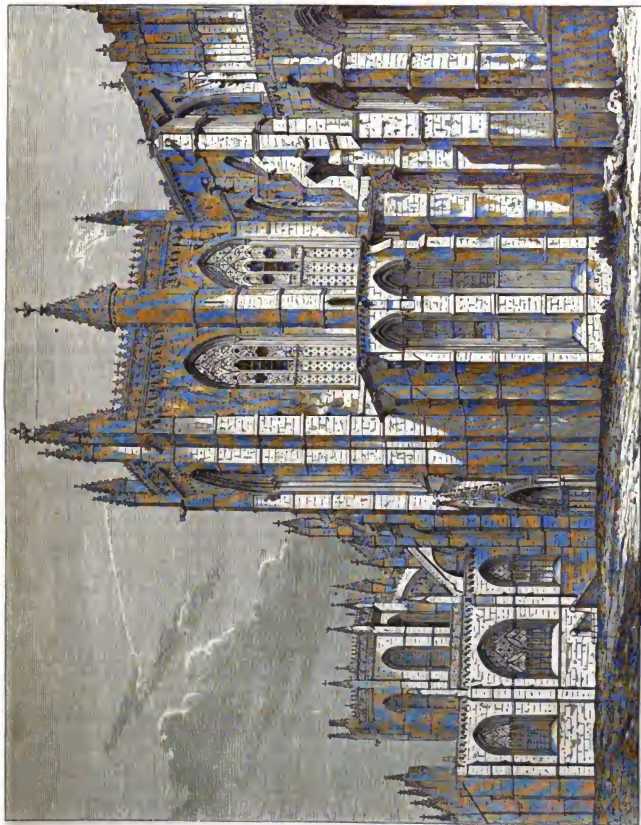
Cresce de vulto esta falta, se considerarmos que diz respeito ao nosso primeiro monumento, primeiro aos olhos da arte e na significação historica. E ainda se aggravará mais, por não haver circunstancia que a attenue, se nos lembrarmos que similhante fundação pertence a uma epocha que deu assumpto para o nosso primeiro livro de historia, a chronica de D. João I, escripta por Fernão Lopes, auctor contemporaneo d'este monarcha.

Não se pense que a certeza d'essa data apenas satisfaria um capricho da curiosidade. A data da fundação dos monumentos é em geral um indicador por

meio do qual se podem afferir os passos que deu, ou vae dando no caminho da civilisação o povo que levanta esses padrões do seu progresso. Mas no caso presente tem muito maior valia e mais alta significação, porque o monumento de que tratâmos abriu uma epocha inteiramente nova para as artes n'este paiz. E não sómente a abriu, podêmos dizer tambem que a fechou, constituindo, por conseguinte, simultaneamente a chronica do periodo mais glorioso para as artes que tem tido Portugal, e o unico typo perfeito e completo d'aquelle genero de architectura que possuimos.

Não lancem, portanto, os nossos leitores á conta de prolixidade o que passâmos a dizer sobre esta materia.

Fr. Luiz de Sousa, o elegante chronista da ordem de S. Domingos, não achou no cartorio do convento da Batalha, onde viveu alguns annos, documento algum por onde constasse a data da fundação. Todavia, suppõe que este successo se realisou no proprio anno de 1385, em que os portuguezes ganharam a victoria de Aljubarrota.

Diz o referido escriptor no livro VI da *Historia de S. Domingos*, fallando del-rei D. João I: «... Com a victoria deu Deus ao portuguez tambem o reino, que brevemente foi reduzido todo á sua obediencia. Mas no tempo que tardou em o quietar de todo, não quiz dilatar o cumprimento e desobrigação do voto. Com as armas ás costas revia traças, consultava archite-

Cruzeiro e fachada lateral da egreja da Batalha, e face posterior da capella do fundador

ctos, buscava officiaes; e ganhando por uma parte á força logares rebeldes que lhe resistiam, ia por outra edificando paredes sagradas. E foi assim, que já havia tres annos que a obra do mosteiro corria, quando, estando de cêrco sobre o castello de Melgaço, assentou de o dar á ordem de S. Domingos, segundo o achámos declarado no testamento que muitos annos depois fez, em uma verba, que diz assim: — *Porque nos prometemos no dia da batalha que houvemos com el-rey de Castella, de que Nosso Senhor Deus nos deu victoria, de mandarmos fazer á honra de Nossa Senhora Santa Maria, cuja vespera então era, a cerca donde ella foy um mosteiro; o qual depois que foy começado nos requereu o doutor João das Regras, do nosso conselho, e fr. Lourenço Lamprea, nosso confessor, estando nós em cerco de Melgaço, que ordenassemos que fosse da ordem de S. Domingos. E nós duvidámos de o fazer, porque assim foy nosso prometimento de se fazer a honra da dita Senhora Nossa Santa Maria. E responderam-nos que a dita ordem especial era muito da dita Senhora, declarando-nos as razões porque; as quaes vistas por nós, acordámos e prouvemos de ordenar o dito mosteiro que fosse da dita ordem*, etc.

«Tanto que el-rey se fez senhor de Melgaço, e se veiu recolhendo pera baixo, parou na cidade do Porto, e n'ella mandou passar carta de doação á ordem no principio do anno de 1388, cujo treslado, tirado do proprio que se guarda no cartorio do convento, é o seguinte:»

O documento que fr. Luiz de Sousa passa a transcrever é datado do Porto aos 4 de abril de 1388. N'esta doação declara el-rei que o mosteiro já estava começado.

Temos, pois, fóra de toda a duvida que o edificio teve começo entre os annos de 1385 a 1388. Ao ultimo devemos pôr de parte, não só pelo que refere a doação, mas principalmente pelo que diz el-rei na citada verba do seu testamento, em que dá por principiada a obra do convento, achando-se no cerco de Melgaço, onde chegou em janeiro de 1388.

O anno de 85 tambem pede a boa razão que o ponhâmos fóra do calculo, pois que não é crivel que, fazendo el-rei o voto, e dando-se a batalha no dia 14 de agosto, podesse começar-se n'esse mesmo anno, no curto espaço de quatro mezes e meio, uma obra de tal grandeza e magnificencia. Ficando restricta a escolha aos annos de 1386 e 87, diremos que o maior numero de conjecturas nos levam a designar o primeiro d'estes como o da fundação do mosteiro. Attenta a pequena differença de um anno, não merece a pena, sem duvida, fazer aqui estendal d'essas conjecturas. Bastará accrescentarmos ao que deixâmos exposto, que o sabio patriarcha D. Fr. Francisco de S. Luiz, na sua erudita memoria sobre o edificio da Batalha, julga que foi em um dos dois annos de 1386 e 87 que principiaram os trabalhos.

Queria el-rei que se erigisse o monumento da sua piedade no proprio logar onde vencêra os inimigos da patria; porém, oppunham-se a estes desejos a seccura e asperezas do terreno, tão pobre que mal se vestia de infezadas urzes; tão arido que não havia por alli signal de agua, a não ser a que caía do ceo em chuva ou em escassos orvalhos; e tão deserto, finalmente, que não se via uma choupana, nem sequer uma arvore que quebrasse a monotonia d'aquellas tristes charnecas.

Sendo, pois, necessario procurar nas visinhanças sitio mais apropriado, escolheu e comprou el-rei a Egas Coelho, e a sua mãe Maria Fernandes de Meira, a quinta do Pinhal, junto á aldeia da Canoeira, abundante de aguas, a meia legoa de distancia do logar onde começára a batalha.

Foi n'esta quinta que se fundou o convento. E tanta pressa tinha D. João I em ver consagrado aquelle logar pela oração, que tendo doado á ordem de S. Domingos o convento apenas principiado, como acima dissemos, determinou que fossem logo alguns religiosos tomar posse d'elle. E passados poucos annos quiz que fossem viver nas casas da quinta, celebrando n'ellas os officios divinos, em quanto as obras proseguiam. Cumpriu-se a vontade real, indo assistir nas ditas casas o padre fr. Lourenço Lamprêa, com outros companheiros, correndo o anno de 1398, no qual el-rei lhes fez doação da referida quinta do Pinhal.

A ordem dominicana, na sua qualidade de mendicante, não lhe era permittido possuir bens de raiz; porém D. João I, que *havia por desauctoridade e menoscabo do nome real viver de esmolas a casa que tinha o seu nome*, solicitou e obteve do papa Bonifacio IX que a este convento, por excepção, fosse concedida a faculdade de possuir propriedades e rendas perpetuas, e acceitar heranças.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

OS ESCRAVOS

I

Noite! e noite de asperrima procella;
Lucta escura em que o mar se estorce, tenta
Seus vinculos quebrar.
Ao largo, no cruzeiro singra a vela,
Dos escravos o grito lá rebenta
No porão já sem ar.

A rajada responde! horrida orchestra
Se trava, onde é motivo a liberdade,
E harmonia esse ai!
Passa o baixel; a mão no leme destra
Não domina o furor da tempestade;
Contra as rochas se vae!

II

Mas eis que se ergue a onda
Na vasca, e se encapella!
Urra, baqueia, atropella,
Sem ter quem lhe responda.

Como abre o abysmo e fecha
Diabolico relance!
Das vidas, n'esse trance,
Nenhum vestigio deixa.

O raio atroz corisca!
Dois vultos, sobre a rocha,
De pé, mostra a luz frouxa,
Da subita faisca.

III

Lenta a noite corrêra; no horisonte
Vem pouco e pouco a luz
E os escravos abraçam-se, dizendo:
«Eil-a! á vida seduz!»
Irmãos quanto á desgraça, reconhecem
Que são tambem irmãos;
Da mesma tribu e sangue, ambos trahidos
Pelos protestos vãos.
Mostra um ao outro os pulsos rôxeados.
Como é muda essa dor!
Este chora! o irmão lhe diz caindo:
«Quando á patria me for,

«Direi que sobre as fragas solitarias
«Ficaste; eu só, por lá,
«Espero a tua volta...» N'isto o misero
Ultimo arranco dá.

IV

Viera amena a tarde,
Já humida ella foge;
Dos seus encantos hoje
O dia faz alarde.

No areal ardente
Luz viva não exulta.
O irmão o irmão sepulta,
E ulula tristemente.

Ao lado se lhe assenta,
Na tibia aguda toca
Um som que a dor provoca,
E a dor a morte lenta.

Durante dia e noite
Tocára! extenuado,
De seu irmão ao lado
É tempo que se acoite.

Frio o sôpro do norte
Da frauta os sons lhe leva;
Tambem dor, que a alma eleva,
Lhe deu a anciada morte.

THEOPHILO BRAGA.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE INSTRUCÇÃO PUBLICA

(Conclusão. Vid. pag. 31)

IV

Acabámos de ver os embaraços que a lei oppõe á indolencia e ao egoismo dos paes de familias. Em Inglaterra não se cessa de estudar esta grande questão, e cerca-se por todos os lados a ignorancia e a brutalidade dos que tem nas suas mãos o destino das novas gerações, procurando-se os meios de lhes embargar todas as saidas, de modo que, qualquer que seja o destino que queiram dar a seus filhos, encontram sempre a necessidade preliminar de os enviar á eschola.

Mas, como não seria justo que os constrangessem a isso, sem lhes darem ao mesmo tempo toda a facilidade em cumprirem a lei, fundaram-se escholas plenamente gratuitas, intituladas *ragged schools* (escholas esfarrapadas), onde se admittem as crianças vestidas de qualquer maneira. Não tem a familia que fazer o mais pequeno sacrificio, não tem a minima desculpa a allegar. Não possue nem uma camisa o pequenito? a eschola recebe-lh'o assim mesmo. Os paes não podem dispor nem sequer de um *pence?* A eschola nem esse *pence* lhe exige. Só quer que lh'o entreguem, que o lancem no seu seio de luz, que deixem o pobre arbustosinho viçar em torrão proprio, onde tem ar e seiva, em vez de medrar engoiado no immundo esterquilinio de alguma rua equivoca.

A organisação d'estas *ragged schools* dá serios cuidados aos pensadores inglezes. Em primeiro logar, por maior que seja a vigilancia, por mais severa que seja a fiscalisação, nunca se póde conseguir que haja n'essas escholas o carinho, o conforto de que tanto precisam as pobres crianças timidas e desconfiadas, réprobos innocentes que encontraram o inferno ao alvorecer da vida. Em segundo logar, crianças entregues a si mesmas, que os paes enviam á eschola, mais para se desfazerem do incommodo que lhes causam no misero cubiculo onde se aninham, do que para que ellas aproveitem os beneficios da educação, preferem quasi sempre os brinquedos da rua ás importunações e ás severidades dos mestres. Estão seguras da impunidade, porque sabem que os paes pouco se importam com essas faltas veniaes. Estes inconvenientes são graves, como remedial-os? Eis o grande problema que a Inglaterra procura resolver, que está resolvido em Portugal pelo *Methodo Castilho*, methodo que transforma a eschola em ninho quente e amoroso, tão proprio para aquecer esses passarinhos selvagens e implumes, que tiveram por aza maternal a aza negra da indigencia. Resolveu, repito, o *Methodo Portuguez* esse problema, tornando amena para as crianças a instrucção, proscrevendo a severidade, attrahindo, em vez de repellir, dando á aula um aspecto alegre e convidativo, em vez do sobrecenho e da austera catadura que as escholas do antigo systema julgam do seu dever assumir.

Pobres ministros inglezes! pobres publicistas britannicos! economistas, estadistas, professores da frivola Albion! como os nossos homens de estado se hão de rir ao saberem que andaes todos azafamados á procura d'aquillo em que elles nem se dignam pensar! E como nos devemos ufanar de ser portuguezes, de ter á nossa frente estes pretores que não se occupam de coisas minimas, estes Joves sobranceiros, que não se dignam baixar os olhos para estas futilidades terrenas!

Comtudo, os inglezes tem luctado com tantas difficuldades no estabelecimento d'estas *ragged schools*, tem colhido tão poucos resultados que uma ou outra vez a desanimação se apoderou d'elles, e que em bastantes occasiões as commissões do governo e as das parochias tem decidido a abolição d'esses fanaes, que não podem irradiar quasi luz alguma. Mas seria isso rejeitar a ultima esperança, abandonar sem remissão os naufragos, cujo salvamento se intenta, á mercê das negras ondas do mar tenebroso. Não poderam resolver-se a isso os animos briosos d'esses heroicos missionarios da civilisação. Muitas vozes energicas se ergueram, aconselhando que não desanimassem, protestando contra o abandono de milhares de crianças, a quem a má sorte fez vir ao mundo no hediondo regaço de familias ignobeis e brutaes. Uma das vozes que mais alto bradaram foi a de uma senhora, miss Carpenter. Oiçâmos as nobres palavres d'essa modesta ingleza, cuja caridade assidua, intelligente e dedicada envergonha as pomposas virtudes, o alambicado mysticismo da caridade official do mundo catholico:

«É mais o coração do que a razão quem deve sentenciar esta causa. Como se ha de admittir que uma cidade civilisada supporte o espectaculo de uma tribu de crianças, abandonadas por seus paes, no meio da rua, durante dias e dias inteiros? Como é possivel afastar a vista d'essa phalange, e esquecer que ha alli, talvez, algumas almas para salvar, alguns servidores uteis a formar? Que no socego do gabinete se pesem os prós e os contras, e que se condemne como não dando resultados em proporção com o que se dispende, é essa simplesmente uma opinião especulativa que não assenta nos factos. O aspecto dos logares desperta em nós outros sentimentos. Quem entrou algumas vezes n'esses pateos sem sol, n'esses corredores infectos, onde as crianças se rojam nas immundicias, e onde, aguilhoados pela fome, chegam a disputar aos animaes restos de comida, não podem dizer, não podem pensar que se devam abandonar a uma tal sorte creaturas humanas sem que se lhes estenda a mão para as salvar. Pela sua situação equivoca, esta classe era a unica que estava fóra dos quadros da instrucção; entrou, não torna a sair. Póde ser que no fim d'estes esforços haja algumas desillu-

sões, e que a medida não dê os resultados que se esperavam; pois sejam embora insignificantes os resultados, será pelo menos significativa a intenção. Demais, os factos d'esta ordem levam tempo a realisar-se; só o porvir conhece o resultado final. Acontece-lhes o que succede ás sementes invisiveis que fluctuam muito tempo nas azas do vento sobre a charneca. Passam os annos; e parece que em nada mudaram os campos aridos, quando um dia as sementes adormecidas acordam e rasgam a superficie da terra; a charneca verdeja então, regala os olhos, e dá aos homens mais uma prova das forças mysteriosas da natureza».

Vê-se, pois, que na Inglaterra se comprehende a instrucção popular, como uma obra sagrada em que cada um quer tomar parte, que os inglezes emprehendem com um ardor de propaganda, com um zêlo, com um fervor verdadeiramente extraordinarios.

A Inglaterra é, talvez, o paiz onde mais se escreve sobre a instrucção primaria, e todas as questões que lhe dizem respeito são debatidas com tanto enthusiasmo, como em Portugal as que versam ácerca dos escandalos e ridiculos da vida particular dos homens de estado.

Cada terra com seu uso.

Resta-nos agora apontar de relance outro genero de escholas de instrucção primaria que são, para assim dizer, uns appendices das *work-houses* (casas de trabalho), vastos asylos de pobres, onde estes são empregados em misteres accommodados á indole de cada pobre, casas de correcção dos vadios que alli são obrigados a trabalhar e a contrahir habitos de honradez e de economia.

Infelizmente a sociedade alli é muito variada, e muitos dos que fazem parte d'ella, não estando já em edade de se corrigir, corrompiam, pela sua visinhança, exemplos e conselhos, os alumnos da eschola addicional, filhos de habitantes da *work-house*.

Tem sido tambem origem de muitos cuidados a questão d'estas escholas. Tem-se multiplicado as experiencias, e actualmente está-se convencido na Inglaterra, pelo exemplo da eschola de Norwich, que a separação da geração juvenil, cuja educação se emprehende da outra corrompida, cujo melhoramento é impossivel, é uma condição *sine qua non* para se conseguirem n'estes estabelecimento os seus intuitos de moralisação.

V

Eis como na Inglaterra se estudam, se analysam, se procuram todos os meios de propagar a instrucção publica. Bem sabem os estadistas britannicos que não basta fundar escholas e deixal-as depois entregues a si mesmas, para que alguma coisa se consiga.

Nós, que vamos na retaguarda das outras nações, podiamos, ao menos, aproveitar com esse atrazo; podiamos lucrar com as experiencias feitas pela Gran-Bretanha; e, sem nos demorarmos em tentativas como ella, podiamos ir logo ao fim a que aspirâmos, tomando para nosso uso, applicando-o como conviesse á indole do nosso povo e das nossas instituições, o systema reconhecido como proficuo.

Bem sei que muitas das forças, que na Inglaterra concorrem para produzir esta grande obra da instrucção publica, não podem nunca implantar-se em Portugal, pelo menos não podem actuar aqui com tanto vigor como actuam lá, e uma d'essas forças é a iniciativa particular.

Por mais que se diga, por mais que se aconselhe, por mais que se clame, não é possivel que os nossos homens ricos consintam jámais em concorrer para a sustentação das escholas de instrucção primaria. Preferem dar uma esmola grande e pomposa a um d'esses ricos estabelecimentos pios da capital! Isso sim, que apparece o nome nos jornaes, e é louvada em todos os tons tão generosa acção. Mas praticar uma boa obra desconhecida! arrancar ao demonio das trevas meia duzia de almas perdidas no sertão portuguez! concorrer, com outros tambem desconhecidos do publico que faz as reputações, para fundarem, sustentarem e vigiarem uma pobre eschola sumida lá nas montanhas, ninho de espiritos proximo dos ninhos de aguia, para que isso se fizesse era necessario que a vaidade e o egoismo deixassem de ser as qualidades caracteristicas dos portuguezes.

Bem sei tambem que não ha em Portugal os opulentos proprietarios que ha em Inglaterra. Concordo n'isso, apesar que a despeza de uma eschola aldeã, que se aninha em qualquer sala de um lavrador, que está debaixo dos olhos dos fundadores, que regulam as despezas, que fazem todas as economias possiveis, não deve ser uma despeza estrondosa. Mas, em fim, resignemo-nos e appellemos para outra classe, que tem, por encargo de profissão, restricto dever de alumiar o povo com as luzes do saber.

Essa classe é a sacerdotal. Não consinta o clero catholico que os ministros protestantes o excedam em caridade, em amor bem entendido ás suas ovelhas, em intrepidez evangelica, que não recúa diante de obstaculo algum para continuar a obra do bom Jesus. Sim, ao clero, que tanta influencia exerce entre nós no animo do povo, ao clero compete auxiliar o governo, aconselhar os populares, fundar escholas, convidar o povo a concorrer a ellas. Bastantes recursos tem a egreja para isso. Pois não será uma boa obra aos olhos de Deus o fazer a egreja menos uma ou duas procissões, ornar com menos oiro a imagem do Menino Jesus, tirar um vestido de seda á Virgem, um resplendor a um santo, e com todas essas alfayas, por esta fórma duplamente sagradas, fundar uma eschola, onde se regenere, onde se instrua o povo selvagem, que adora brutamente symbolos que não comprehende, que mistura superstições grosseiras com o fio singelo da nossa historia religiosa, e que, assim instruido, o que quer dizer melhorado, será como que de novo conquistado para a fé? Não será digno dos descendentes dos apostolos e dos missionarios esta nova e sublime evangelisação?

Compete, pois, aos particulares o mostrarem, em fim, que são zelosos pelo bem da nação; compete ao clero cumprir o seu imprescriptivel dever de moralisadores, e portanto de instructores do povo; compete ao governo olhar com mais attenção para este importante ramo da administração, estudar as questões que a elle se referem, legislar de modo que não seja possivel eximir-se a maioria do povo ao baptismo da instrucção, dar aos mestres regios honorarios que lhes permittam viver, e sobre tudo procurar todos os meios de tornar o ensino aprazivel, simples, rapido e attractivo. Mais felizes do que a Inglaterra, temos em Portugal o Methodo Castilho, que attende a todas estas necessidades. Dê-se finalmente um parecer sobre esse methodo. Se é como o seu auctor o diz, se reune todas as boas qualidades que lhe attribue, oh! não nos demoremos por mais tempo, não ponhamos de parte essa poderosa mola do progresso, propaguem-se de um a outro extremo de Portugal as escholas d'este systema; mas se tudo isto é falso, decidam tambem; lavrem uma sentença que declare doido o auctor do *Methodo Portuguez*, e acabemos com isto!

N'este estado de indifferença é que, sem grave culpa e vergonhoso desleixo do governo, não podem as coisas durar.

Deite-se fóra o *Methodo* se é veneno, aproveite-se se é remedio salvador, mas não se deixe estar inutil á cabeceira do doente.

Fazer tal é um crime!

M. Pinheiro Chagas.

Cidade do Porto vista do lado de Miragaya

No vol. VII do *Archivo*, a pag. 81, acha-se uma gravura que retrata a parte mais antiga da cidade do Porto. É o monte da sé com a sua rede de ruas estreitas e tortuosas, e com o seu apinhoado de casas, a que faz coroa a velha cathedral do conde D. Henrique de Borgonha e da rainha D. Theresa, sua mulher.

Esta face da cidade olha para o sul, e a que damos agora em gravura está voltada quasi para o oéste, não obstante espelharem-se ambas nas aguas do Douro. Esta ultima mostra aquella parte da povoação que, trasbordando por cima da cêrca de muros com que outr'ora a cingiram, se estendeu para o lado de oéste, formando o bairro de Miragaya, sentado á beira do rio, ou subindo pela encosta visinha, e os da Victoria e Santo Ildefonso sobre as alturas e dorso das collinas [1].

No primeiro plano vê-se o Douro, e junto d'elle, em toda a extensão da gravura, as obras da alfandega nova em seu principio, que era o estado em que se achavam quando o sr. Seabra tirou a photographia de que é cópia fiel a mesma gravura.

Depois segue-se a casaria de Miragaya, guarnecendo a estrada que conduz da *porta Nova* para a Foz. Esta porta da velha cêrca, que se conserva em bom estado, juntamente com um lanço da muralha, e o bastião que a defendia, fica para a direita do leitor, mas não a mostra a estampa.

Por detraz da primeira correnteza de casas sobresae a egreja parochial de S. Pedro de Miragaya. É um templo de modesta apparencia, e de fabrica moderna, mas de muita antiguidade na sua primeira fundação. O sabio arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, no seu *Catalogo dos Bispos do Porto*, e com elle outros escriptores, pretendem que fôra fundada aquella egreja por S. Basilio, que dizem ter sido o primeiro bispo do Porto, em vida do apostolo S. Pedro. Posto que esta noticia seja inverosimil por mui fortes razões, não obstante a auctoridade dos escriptores que a acceitaram e publicaram, é certo que a egreja de S. Pedro de Miragaya é muito antiga, embora não date de tão remota origem. No anno de 1453, entrando a barra do Douro, vindo de Constantinopla, um navio em que vinha o corpo de S. Pantaleão, que fôra martyrisado na cidade de Nicomedia, sob o reinado dos imperadores Diocleciano e Maximiano, foi conduzido o santo martyr de bordo do navio para aquella egreja. Depois passou para a sé, tomando-o a cidade por seu padroeiro.

Por cima da egreja de S. Pedro, a pouco mais de meia encosta, lá se descobre o *passeio das Virtudes*, sustentado por alta muralha, e cujo antigo arvoredo foi derrubado modernamente, e substituido por arvores novas. Sobre o grande quarteirão de casas que guarnece todo o fundo do dito passeio, avultam duas torres, a mais alta das quaes é a celebrada *torre dos Clerigos* [1]. Ao lado d'esta, para a direita do leitor, vê-se o convento que pertencia á extincta ordem benedictina, intitulado *S. Bento da Victoria* por ficar proxima, na mesma rua, a egreja parochial de *Nossa Senhora da Victoria*. Foi fundado este convento em 1598. A sua vastissima egreja não tem bellezas de architectura, mas é rica em obra de talha doirada, com que se adornam não sómente as capellas e altares, mas tambem grande parte das paredes do templo. Acha-se este bem conservado, e celebram-se n'elle as ceremonias do culto com bastante aceio. O edificio do convento serve de quartel militar.

[1] Depois variou a divisão da cidade e formação dos bairros.

[1] Vid. pag. 177 do vol. III.

No outro lado da gravura, na parte alta da cidade, onde a casaria se mostra em sombra, distingue-se o grande edificio do *hospital real de Santo Antonio,* chamado vulgarmente *hospital novo;* edificio incompleto, mas que se estivera acabado seria um dos maiores e mais sumptuosos de todo o reino. D'elle trataremos brevemente.

A nossa gravura foi copiada de uma bella photographia da collecção do sr. Seabra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(Vid. pag. 43)

VIII

Era domingo, e chovia a cantaros.

D. João de Urrutia estava alegre e prazenteiro, coisa que tinha admirado a todos, porque D. João se ia azedando por modo tal, que os habitantes da aldeia em vez de lhe chamarem já João Palomo, chamavam-lhe agora *Cascarrabias.*

Em que consistiria tão repentina mudança?

O pobre André, pelo contrario, estava reservado e triste; novidade tambem, e não pequena, mas que não excitava a curiosidade de ninguem, porque ninguem ignorava já em Cabia que Isabel estava para casar com André, o que era prova ter este riscado com carvão na frontaria da egreja um perfil torcido, em que todos reconheciam o nariz de Ambrosia.

Cessára a chuva em meia tarde.

Não era, porém, possivel jogar a bola nem a pellota nos quintaes, porque estes se achavam convertidos em charcos.

Os rapazes da aldeia, entre os quaes se contava André, embora tivessem quasi que leval-o, por assim dizer, a reboque, apanharam bolas e pellotas, e foram-se em procura de casa onde podessem armar o jogo.

— Ambrosia! — dizia D. João á sua governante em tom de zombaria; teve-me vossemecê hoje em jejum até ao meio dia por estar em sociedade... com os santos: mas perdôo-lhe, porque não quero amargar-lhe os triumphos.

— Deixe-me, pelo amor de Deus, que não tenho vontade de conversar. De que triumphos quer fallar?...

— Não os viu?

— Não, senhor.

— Bem se conhece que não tem boa vista.

— Não me insulte, que não estou para brinquedos, e vingar-me-hei seja de quem for.

— Ora essa!... Veja, Ambrosia, se alguem é capaz de alcançar triumpho como o que vossemecê alcançou.

— Mas de que triumpho quer fallar, sr. D. João?... V. exc. póde zombar das coisas mais sérias, porque é herege; porém já me vae faltando a paciencia.

— Pois vossemecê ignora? Saiba que o seu perfil mereceu a alta honra de ser retratado e exposto publicamente nada menos que na frontaria da egreja!...

— Cale-se, cale-se, pelas chagas de Christo, e não se divirta commigo!

— Isso é que não póde ser! Cabia inteira diverte-se com o perfil torcido da sra. Ambrosia.

— Só lhe digo que se quer divertir-se compre bonecos!

Resoaram n'aquelle instante grandes gargalhadas no adro da egreja.

D. João chegou á janella d'onde se avistava o adro.

— Que é isso, Antonio? — perguntou a este, que vinha da egreja rebentando com riso.

— Que ha de ser! — respondeu Antonio. Coisas de André, que é o proprio demonio. Pois não desenhou com carvão, que parece ter vida, o perfil de Ambrosia!

Ouvindo isto, Ambrosia deu um salto de hyena, e tomando uma bacia com agua e uma esponja, lançou-se á rua gritando:

— Onde está esse gaiato, filho de mau pae e peior mãe?... Envenenado esteja o pão que coma e a agua que beba, se não m'a pagar bem paga... Por esta! por esta! por esta!...

E Ambrosia beijava o dedo pollegar, cruzado no index, correndo com a bacia e esponja para a egreja.

Estava alli, com effeito, a vera effigie do seu perfil, insolente, graphico, sem poder confundir-se com outro, e fallando, como dizia Antonio; mas André desenhára-o servindo-lhe Bento de andaime, que tinha tambem má vontade a Ambrosia, e esta deu novo grito de desesperação ao ver que a esponja não alcançava a altura do desenho.

— Ainda que essa infame pintura estivesse no quinto ceo havia de chegar-lhe! — exclamou, atirando com a esponja ao perfil de carvão; mas a esponja caiu no solo sem dar no alvo; e tornou a subir e a cair, coberta já de barro, formado com o pó que recolhêra nas mutiplicadas quêdas, até que em um d'aquelles arremessos veiu parar ao rosto de Ambrosia.

Os rapazes e os homens, que se iam já reunindo no adro da egreja, soltaram estridente gargalhada, dando um passo para traz, espantados ao ver a horrivel cara de Ambrosia, desconcertada pela colera e coberta de lodo negro.

A gargalhada e a inutilidade dos esforços acabaram de cegar e desesperar Ambrosia, que, encostando-se á parede, começou a dar grandes saltos como o cão a quem põem a tres metros de altura um pedaço de carne.

— Ó senhora, senhora, olhe que lhe fazem mal esses saltos! — gritaram-lhe Antonia e outras visinhas, afugentando os rapazes.

Então Ambrosia lançou ao chão a bacia, e correu para casa em estado de exaltação impossivel de descrever.

— Fulminada seja a bruxa do averno! — exclamou Juancho, quasi tão desesperado como Ambrosia.

Era que a bacia arremessada pela aia de D. João rompêra-lhe o cigarro em que saboreava bellissimo tabaco que pedira ao proprio D. João de Urrutia, ao vêl-o tão satisfeito n'aquelle dia.

D. João continuava na janella onde contemplára e celebrára aquella ridicula scena.

— Pela Virgem! sr. D. João, disse Antonia, essa mulher vae ter alguma coisa. Mande chamar o cirurgião, e diga v. exc. entretanto a Cyriaca...

— Vaso ruim não quebra, respondeu João Palomo. Ha de passar-lhe o mal sem remedio. Ouviram como ella bateu com a porta ao encerrar-se no quarto? Passar-lhe-ha a furia dentro em pouco.

O sol apparecêra formoso e radiante, e a maior parte dos habitantes de Cabia imitára os caracoes quando o sol apparece. O nogueiral ia-se enchendo de gente.

D. João, que guardava alguns minutos de silencio e applicava o ouvido para o noroeste, de repente exclamou:

— Demonio! lá está a armada em Castro. Não ouvem os tiros da artilheria?

Pozeram-se todos a escutar, e em seguida todos soltaram uma gargalhada.

— São bons tiros, com effeito! — disse Antonia. É André que está, com outros rapazes, jogando a bola no celleiro da sua noiva.

— Quer vossemecê dizer da que foi sua noiva, replicou D. João anuviando-se-lhe um tanto o rosto.

— Da que ainda será, porque não se deve fazer caso dos arrufos de rapazes. Por mais que diga Isabel, bem

agarrada a tem já esse endiabrado de André, que é capaz de enfeitiçar ao romper da aurora.

Espantosa nuvem acabou de carregar o rosto de D. João de Urrutia, que não pôde tolerar que o contradissessem duvidando da perspicacia do seu ouvido.

— Digo-lhes que são tiros!

— Serão, porém não acreditâmos.

— Querem fazer-me louco? Digo e repito que em Castro ha tiroteio que estremece a terra. Oiçam... Brooom! Não ha duvida: são os inglezes que querem outra Gibraltar...

— Já é teima!

— Pois vossês não ouvem, trapaceiros...

— Não seja insolente! Todos aqui sabemos o que são bolas e o que é artilheria!

— Hão de convencer-se de que são tiros, ou levar-me-hão duzentos mil demonios!

E D. João saiu para a rua, dirigindo-se a casa de Isabel.

Ao chegar á porta ouviu por cima o som de uma bola; isto convenceu-o de que se enganára redondamente, e de que os habitantes de Cabia tinham o que necessitavam para lhe queimarem o sangue.

Soltou uma terrivel imprecação, e tomando uma estaca do monte de lenha que estava na rua, lançou-se á escada do celleiro, jurando e tornando a jurar que ia matar André.

Isabel, que estava no primeiro andar, penteando sua mãe, deu um grito de terror e precipitou-se ao encontro de D. João para o deter.

Aquelle grito e a solicitude por André convenceram João Palomo de que Isabel estimava o sineiro, e a medida da sua desesperação trasbordou.

Isabel gritava a André que fugisse; mas André com o ruido das bolas não ouvia. D. João, apesar de todos os esforços da rapariga, chegava já, empunhando a estaca, aos ultimos degraus.

De repente a alegria illuminou o formoso rosto de Isabel, que disse a D. João em voz baixa:

— Se maltratar André, contarei as coisas más que v. exc. me disse na estrada e na fonte.

D. João, que entrára no celleiro n'aquelle instante, fez um horrivel gesto de desesperação e lançou ao solo a estaca, a cujo ruido André voltou a cara, e saltando da janella do celleiro para a figueira que dava contra ella, achou-se antes de um minuto em o nogueiral.

D. João voltou immediatamente para sua casa, sendo comprimentado ao sair da de Isabel por muitas vozes, que lhe diziam:

— Brooom! Não ha que duvidar, são os inglezes que querem outra Gibraltar!...

E André, inteirado já de tudo que se passára, tomava parte n'aquelle côro, capaz de fazer perder a paciencia ao pacientissimo Job.

Anoitecêra uma hora depois, e André repicava os sinos.

— E que tal! diziam os moradores de Cabia depois de rezar as Ave-Marias. Como aquelle endiabrado rapaz imita a artilheria! Atura-o lá, João Palomo!

D. João affirmava para comsigo, não só que André imitava com os sinos os tiros da artilheria, senão tambem repetia quanto elle dissera na janella para provar que os inglezes bombardeavam Castro Urdiales.

— V. exc. quer luz? — lhe perguntou Bento entreabrindo a porta do quarto.

— Um raio de Deus fulmine esta casa com os que estamos dentro! — respondeu D. João arremessando ao criado um tinteiro, que por felicidade não o magoou.

Na manhã seguinte subiu André á torre para tocar a matinas. A meio da escada da torre, segundo o invariavel costume, assomou a uma janella que alli havia para ver se passava alguem por debaixo, e lançar-lhe uma pedrinha.

O que passava por baixo era o sr. prior, que, acompanhado de Bento, se dirigia apressadamente para casa de João Palomo.

André esteve para lançar a pedrinha a Bento, mas desistiu d'aquelle prazer, com receio de acertar no prior, e subiu o resto da escada.

Acabava de dar o ultimo signal quando ouviu o prior, que o chamava no adro.

— Que determina vossa reverendissima, respondeu deitando a cabeça por baixo de um sino.

— Dobra a finados, lhe disse o sacerdote.

— Quem morreu, sr. prior?

— A pobre Ambrosia! — respondeu tristemente sua reverencia.

E André fez por duas vezes dobrar tristemente os sinos.

IX

Ha um mez que Ambrosia, aia de D. João, morreu de um ataque cerebral; e desde então André está inteiramente desconhecido, e por tal modo, que quando quer tocar a matinas toca a defunctos; já não deita pedrinhas aos que passam ao alcance da torre, nem passeia pelo alto do campanario, com risco de vida, nem canta, nem ri, nem salta, nem faz travessuras ás raparigas do sitio.

Succede a Isabel coisa parecida, porque tambem não canta, nem ri, e o que é peior ainda, perdeu aquellas côres de rosa de Alexandria, que os rapazes da aldeia tanto enamoravam.

É manhã de S. João.

Isabel põe o reluzente cantaro na cabeça e dirige-se para a fonte. A meio caminho encontra-se com André, que volta da aldeia, e sentindo opprimir-se-lhe o peito e humedecerem-se-lhe os olhos, fez um esforço supremo para distrahir esta commoção, e sobre tudo para occultal-a a André.

Isabel põe-se a cantar:

> Déjame pasar, que voy
> á cojer la agua serena
> para lavarme la cara,
> que han dicho que soy morena.

— Para que cantas, se choras? para que dizes que és morena, se estás sem côr? — perguntou-lhe André, tratando de sorrir, não obstante os olhos se lhe arrasarem em lagrimas.

— Que eu chore ou esteja descôrada, pouco te importa, André.

— Não me importa?

— Não.

— Por quê?

— Porque já me esqueceste.

— Isabel! Vês aquellas penhas lá no alto?

— Vejo.

— Pois mais firme que ellas é o meu affecto.

— Enganas-me.

— Não me acreditas?

— Não.

— Por quê?

— Porque nunca tiveste constancia.

— Mas agora não me falta.

— E durará muito?

— O resto da minha vida.

— Enganas-me outra vez.

— Isabel, por Deus, não me deixes, estima-me, que eu não posso viver sem ti! — exclamou André, com tal accentuação de verdade e tamanha commoção, que a alma parecia ir-se-lhe após as palavras.

— Dizes a verdade?

— Juro-o, por esta cruz.

E André formou o signal da cruz com o dedo index da mão direita e o da esquerda.

Na profunda lei dos habitantes de Cabia não havia senão fechar os olhos e curvar a cabeça ante similhante juramento.

Isabel acreditou André; mas a fé de amante não excluia a curiosidade de mulher.

— E como se operou essa mudança? — disse Isabel com ingenuidade.

— Lembras-te de que ha um mez falleceu Ambrosia?

— Lembro-me.

— Pois desde então senti duas coisas: remorsos, porque Ambrosia morreu por minha causa, e desgosto, porque tu não me estimavas! Olha, Isabel, desde então nem uma só vez subi á torre sem ajoelhar, chorando, ao passar no adro para pedir a Deus que salvasse Ambrosia, e que me tirasse os desgostos, tirando-me a vida. Nem acordado nem adormecido pude lançar de mim a idéa de que D. João te amava.

— D. João?... Assusta-me, na verdade, quando me encontro só; e lembras-te d'aquella noite na fonte...

— Convenci-me n'aquella noite de que elle te amava, e desde então comecei a pensar no meio de vingar-me; mas desde que Ambrosia morreu por causa de uma travessura minha, e que por causa de outra tu me aborreceste...

— Nunca te aborreci.

— Abençoada seja a tua boca!... Pois desde que me succedeu isto, fiquei tão triste, tão triste... que me pezava não te haver enganado para ir á encosta de Celaya, ouvir aquella voz e morrer...

— Ai que medo, André! — exclamou Isabel aproximando-se do mancebo como implorando protecção.

Para comprehender as palavras de André, e principalmente o receio de Isabel, necessito, meu amor, notar que em Cabia se acredita que o que soube illudir uma rapariga e passa pela encosta de Celaya, que está na base de um pico elevadissimo, ouve alli uma voz que desce do pico, e é tão triste e tão espantosa essa voz, que o que a ouve amanhece morto no dia seguinte.

— Minha mãe, perguntei eu uma vez, ouvindo-lhe contar isto, de quem é essa voz tão triste?

— De quem ha de ser descendo do alto? Do ceo, meu filho. Se os homens que são fortes maltratam as mulheres que são debeis, quem, senão Deus, ha de proteger as mulheres?

Se um dia formoso menino, descançando os braços nos teus joelhos, e erguendo para ti o seu rosto côr de rosa, te pedir que lhe contes um conto, conta-lhe este que me contou minha mãe; porque se uma mulher semeou no coração de um menino para que tu recolhesses o fructo, justo é que tu semeies no coração de outro para que outra mulher saboreie o mesmo fructo.

Mas voltemos a André.

— Um domingo á tarde havia baile em o nogueiral, e todas as raparigas me perguntavam por que não dançava.

— E para que danças com ellas...

— Ainda que assim o comprehendi, não quiz estar alli, porque disse: — «Se não está Isabel, que hei de fazer? e se ella vier, de que me servirá se não fizer caso de mim ou dançar com outro?» Subi, pois, á torre, porque quanto mais nos aproximâmos do ceo, menos nos incommoda os ruidos da terra.

— Pobre André, quanto chorarias!

— Não chorava, não; porque subi á torre pensando se me conviria precipitar-me d'ella para acabar de penar.

— E teu pae, os teus amigos, e os que te amam?

— Tens razão; tambem pensei isso, Isabel. Disse: «é já velho meu pae, e não acerta em cortar a penna aos rapazes, nem em riscar direito os traslados se não vou em seu auxilio; que culpa tem o pobre ancião de tudo o que me succede, para que se encontre sem o meu auxilio quando mais carece d'elle, depois de estar tantos annos esperando em mim?» Disse isto, e desisti de fazer o disparate que me occorrêra; mas depois voltei a vista para o castanheiro da fonte, recordei-me de João Palomo, e tive outra vez o desejo de vingar-me... Pensando como havia de vingar-me, ergui a vista do castanheiro da fonte para o pico de Celaya. O sol dos mortos, pallido e triste como nunca o vira, illuminava o cume do pico... Continuei a observal-o, e uma tristeza muito maior que a que d'antes tinha me foi opprimindo o coração... e pensei em ti, no meu pae, na minha mãe e em Deus, e os olhos arrasaram-se-me em lagrimas. N'aquelle instante gritou-me o sr. prior da janella de sua casa: «André, toca á oração.» Tomei a corda do sino, e ao dar o primeiro toque derramei lagrimas como criança, e senti-me consolado; e ao soltar a corda do sino caí de joelhos e rezei pedindo a Deus que me perdoasse o mal que fizera n'este mundo e o que pensára fazer... Desde então sou já outro, Isabel, sou já outro.

E dizendo isto, André fitava os olhos em Isabel, esperando com anciedade as primeiras palavras que esta pronunciaria.

— Pois eu, André, ainda não deixei de amar-te! — disse Isabel com a innocente ingenuidade que constituia o maior de seus encantos; e accrescentou, fazendo um gesto de menina que quer chorar: — porém olha, não me tornes a enganar, que isso não vale.

André apertou-lhe a mão em silencio, e Isabel sorriu-se com infinita alegria, dando mais valor áquelle aperto, que a todos os juramentos e a todas as promessas que ouvira até então dos labios de André.

E ambos, dadas as mãos, seguiram o caminho da fonte.

(Continua) BRITO ARANHA.

ORCHIDEAS

MILTONIA ROSEA

A planta assim chamada pertence á familia das *orchideas* que Linneo collocou na Gynandria, a vigesima classe das vinte e quatro em que dividiu o reino vegetal.

Durante a vida do grande legislador da botanica compunha-se aquella familia apenas de oito generos.

Jussieu accrescentou-lhe mais cinco em 1798. Swart, descobrindo outras novas especies, elevou aquelle numero, em 1820, a vinte e cinco, que distribuiu por tres secções. Roberto Brown, na sua *Flora da Nova Hollanda*, e na segunda edição do seu *Hortus Kewensis* conta quarenta e oito, repartidos por cinco secções.

Ao mesmo tempo, porém, que isto se passava na Europa, o celebre naturalista Dupetit-Thouars, aventurando-se a penosas viagens além do Cabo da Boa Esperança, só com o fito nas explorações botanicas, objecto da sua predilecção e especial estudo, encontrou sómente em tres ilhas austraes da Africa noventa e uma especies de orchideas, o que lhe deu materia para compor a sua curiosa *Historia particular das plantas orchideas*, que publicou em 1822 em 1 vol. em quarto, ornado de cento e dez gravuras. Essas diversas especies, reunidas a todas as outras até então descobertas nas differentes regiões do globo, perfaziam um numero superior a setecentas, as quaes este ultimo botanico dividiu em sessenta generos. Depois d'isto ainda se descobriram muitas novas especies, principalmente no Brasil, no Chili, e no Perú.

As orchideas são plantas vivazes, que vegetam communmente nos bosques e nos prados humidos e sombrios; ou sobre os troncos das arvores, ora subindo por elles como trepadeiras, ora pendendo em longos

festões, que na epocha da florescencia se transformam em formosissimas grinaldas de flores, que juntam, em algumas especies, a variedade e belleza das côres á suavidade do perfume, e ás fórmas mais singulares e exquisitas que se póde imaginar.

Com taes dotes não podiam deixar de attrahir a attenção dos amadores de jardinagem. Principiando, portanto, a serem procuradas e mui estimadas pelos curiosos de collecções botanicas, não tardaram a constituirem um objecto de commercio importante. São muitas as variedades que se vendem actualmente por alto preço, mas algumas especies mais raras, ou mais apreciadas pelos amadores custam sommas fabulosas, que fazem lembrar a mania que excitaram as tulipas na Hollanda, sobre tudo no seculo XVII, chegando-se a prometter o premio de cem mil cruzados a quem apresentasse uma tulipa negra, e dando-se grossas quantias pelas que mais se aproximavam d'esta côr.

As orchideas dividem-se naturalmente em dois grandes generos ou secções principaes, *terrestres* e *parasitas*, cada um com muitas subdivisões.

Das primeiras possue Portugal bastantes especies, e algumas raras, e pouco conhecidas nas floras estrangeiras. Encontram-se nas serras do Gerez, de Cintra, e em outras montanhas de encostas arborisadas. Entre Runa e Torres Vedras, nas margens do Sysandro, que são assombradas de arvoredo, temos achado floridas lindas especies de orchideas terrestres.

Tambem na serra de Santa Catharina, junto a cidade de Guimarães, serra mui parecida com a de Cintra pelos carvalhos e castanheiros colossaes que a povoam, pelos rochedos gigantescos de que está eriçada, e pelas grossas torrentes que em diversas direcções se despenham das rochas, e se precipitam pelas quebradas: n'esta serra, dizemos, percorrendo-a nós em 1847, com o fim de colligirmos alguns *lichens*, em que é bastamente rica, encontrámos uma variedade de orchideas singularissima na fórma e na belleza da flor, que nunca vimos descripta nas obras que tratam d'esta familia de plantas tão interessantes á vista e ao estudo. É, na verdade, muito para lamentar que não haja entre nós quem faça excursões botanicas como empreza commercial; pois que possuimos uma das mais variadas e ricas floras da Europa. A serra do Gerez, que encerra tão grande cópia de arvores, arbustos e outras diversidades de plantas, que se não acham no resto do paiz, e algumas que nem no meio dia da Europa, offereceria só de per si essa montanha ao viajante explorador uma verdadeira mina.

As parasitas, que são, certamente, as que reunem em si maiores singularidades, crescem pela maior parte nas mattas da America meriodional, onde são o enlêvo dos viajantes.

Miltonia rosea

Transportadas para a Europa é preciso conserval-as em estufas, excepto nos paizes em que, como o nosso, as larangeiras supportam ao ar livre os rigores do inverno. Em um jardim particular, n'esta cidade, conhecemos uma d'estas parasitas, vinda do Brasil, que vegetou soffrivelmente, e floreceu durante alguns annos, pendente de uma arvore, e que ainda hoje viveria se lhe tivessem procurado mais conveniente collocação, isto é, em logar mais fresco, e em arvore mais frondosa.

A especie que a nossa gravura representa chama-se *Miltonia rosea, de Pinel;* pertence ao genero *Miltonia* (uniflora), e á grande secção das parasitas. A flor é côr de rosa e violacea, e de agradavel cheiro.

Foi achada esta linda especie por mr. Ch. Pinel em 1844 nas mattas virgens do valle da Cachoeira no Brasil.

As primeiras que vieram para a Europa foram enviadas a Will. Rolisson, horticultor em Cooting, proximo de Londres.

Mr. Ch. Pinel cultiva esta e outras especies na Cachoeira, perto de Nova Friburgo. Ficam muito mais baratas as orchideas mandadas vir dos estabelecimentos de horticultura do Brasil, do que de quaesquer outros da Europa.

A nossa gravura é cópia de um desenho original feito á vista da planta em florecencia, que nos foi enviado do Rio de Janeiro, com mais alguns outros, tambem de plantas da mesma familia. Em outra occasião diremos alguma coisa sobre a cultura e tratamento das orchideas em o nosso paiz.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LIÇÃO A MALEDICENTES

D. Henrique de Menezes foi um dos governadores da India que mais nome adquiriram pela justiça e prudencia com que governaram, e pela energia e valor com que souberam fazer respeitado o imperio portuguez na Asia.

Pouco tempo depois do seu fallecimento, achando-se reunidos varios fidalgos, dos que militavam na India, em certa casa da cidade de Goa, caiu a conversação sobre a pessoa do fallecido governador, e ácerca da sua administração. Os que primeiro fallaram fizeram-n'o com elogio, rendendo justo tributo á memoria de tão insigne varão. Porém, um dos taes fidalgos, que parecia pezarem-lhe tantos louvores, começou a querer notar-lhe defeitos. Mas Heitor da Silveira, atalhando-o logo, tapou-lhe a boca com as seguintes palavras: «*O maior defeito que elle teve foi não desterrar da India quantas más linguas havia.*» A allusão era tão directa, que não deixava alternativa ao maledicente entre o silencio e o desafio. Este, porém, como todos os que põem a sua força na lingua, tinha o braço menos forte, e não retorquiu.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Vid. pag. 47)

V

O mau successo da primeira tentativa contra as portas de Tanger, que tão grande desalento causára em todo o exercito, teve ao menos, talvez, um lado util. Obrigou a tomar medidas de prudencia e precaução aos que tudo confiavam da sua boa estrella e do seu proprio esforço.

Decidiu-se, pois, que se fortificasse o arrayal o melhor que fosse possivel. No sabbado, logo ao amanhecer, começaram simultaneamente os trabalhos para o assentamento do campo, e para as obras de defesa. Cavaram-se profundos e largos fossos, levantou-se junto d'elles uma forte estacada, e transportaram-se para alli as armas, artilheria, petrechos e mantimentos que vinham a bordo dos navios da armada.

Passaram-se quasi oito dias n'estes preparativos, durante os quaes apenas houve pequenas escaramuças com alguns moiros que se recolhiam á cidade.

O infante D. Henrique era incançavel, e o seu espirito parecia elevar-se e fortalecer-se á maneira que as difficuldades cresciam, e que os perigos tomavam vulto diante d'elle. Não havia fadigas capazes de fazer curvar aquelle corpo de ferro, nem cuidados, nem temores que podessem abater aquella alma de tão rija tempera.

Dirigindo e activando os trabalhos com a palavra e com o exemplo; animando os que davam mostras de desalento; cuidando dos feridos com a caridade de um perfeito christão; velando por todos com a solicitude de um pae; e provendo a tudo com a vigilancia e energia de um general, conseguíra este grande principe desvanecer a terrivel impressão que deixáram na tropa aquelles tristes presagios. E pouco a pouco foram passando para os soldados a confiança e as esperanças que saíam em promessas da boca do seu chefe, e que tão vivas se lhe estampavam no rosto.

No peito humano succedem-se muitas vezes a acção e a reacção dos sentimentos e das paixões tão naturalmente, como no Oceano se succedem o fluxo e o refluxo das aguas. É coisa mui commum na vida social ver o individuo, como tambem um povo, passar de improviso de um sentimento, que parecia profundamente arraigado, ao outro diametralmente opposto.

Assim aconteceu no arrayal do nosso exercito. Com a mesma facilidade com que, sete dias antes, tinham caído das alturas de uma elevada fé e grande esperança para os abysmos da descrença e do desalento, agora se erguiam tão animados e confiados, como se os caprichos da sorte estivessem sujeitos ao seu alvedrio.

Dos agoiros passados já ninguem se lembrava. A idéa de um brilhante triumpho, mais ainda, a convicção intima de que Deus lhes reservava uma victoria certa e completa sobre a cidade infiel, era o pensamento que a todos preoccupava: era o estimulo que abrasava soldados e capitães em desejos insoffridos de pelejar, quando o infante D. Henrique deu ordem para o combate.

VI

Raiava o dia 20 de setembro sereno e formoso, como costumam ser os dias d'essa quadra do anno n'aquellas terras de Africa. Era uma sexta feira. Começavam apenas os frouxos raios do sol a dissipar as trevas, e já no acampamento e na bahia tudo era movimento e alvoroço. Os navios aproximavam-se mais da terra, e tomavam posições convenientes para auxiliarem o assalto com os tiros da sua artilheria. No arrayal assentavam-se contra as muralhas da cidade algumas bombardas, chegavam-lhes as pedras que deviam fazer as vezes de balas; punham-se á mão as escadas e machinas de guerra; os soldados fortaleciam o corpo e o espirito com uma ligeira refeição; e, finalmente, formavam-se as phalanges, ordenavam-se os commandos, e repartiam-se as emprezas.

Ao infante D. Fernando, com a sua valente hoste, foi confiado o ataque da porta de Fez; commettendo-se ao conde de Arrayolos o commando da reserva, que o devia seguir e proteger. Ao bispo de Evora encarregou-se o combate pelo lado do postigo do valle. Distribuiram-se ainda outros postos; porém a parte mais ousada e perigosa da empreza reservou-a o infante D. Henrique para si; e era nada menos que o assalto ao torreado e bem guarnecido castello da cidade.

Seriam dez horas da manhã quando as trombetas deram signal para o rompimento do combate.

Estavam já os moiros prevenidos, porque de sobra tinham visto desde o alvorecer os aprestes de guerra que se faziam no campo inimigo. Entretanto, apesar de se crerem bem fortes e seguros, estremeceram ao ver o enthusiasmo e ardor com que os christãos saíram do seu arrayal.

Não será facil, certamente, descrever a furia e valentia d'este accommettimento. Junto á porta de Fez, no postigo do valle, e sob as torres do castello, obraram os portuguezes prodigios de valor. Mas todo o seu esforço foi completamente inutil. As portas cederam ao ferro, ou ao fogo, mas por detraz tinham os moiros levantado, n'aquelles poucos dias, grossos muros de pedra com que as fecharam inteiramente.

Vendo os denodados campeões de Christo assim embargado o seu passo, lançaram mão das escadas para dar assalto aos muros. Porém não foram ahi mais felizes, pois que as escadas, por indesculpavel incuria, eram todas tão curtas, que apenas serviam de expor os nossos pobres soldados ás pedras, aos tições inflammados, ao azeite e á agua ferventes, com que os moiros lhes atiravam de cima dos muros em desesperada resistencia.

Eram cinco horas da tarde, e o combate estava ainda em todos os postos tão porfioso e encarniçado, como no momento em que principiára. Nenhuma vantagem tinham adquirido as nossas armas, apesar de tantas acções de bravura: e, todavia, já vinte soldados tinham perdido a vida, e achavam-se feridos quinhentos.

Não havia pois que hesitar. Fôra imprudencia e condemnavel capricho protrahir por mais tempo uma lucta tão desegual e sem proveito para os sitiantes. Bem a seu pesar, e com visivel desgosto, ordenou o infante D. Henrique a retirada.

Recolheu-se a tropa em boa ordem aos seus entrincheiramentos, ficando só de fóra o marechal e o capitão Alvaro Vaz de Almada, com alguma gente para guarda das machinas e bombardas que se deixaram proximas da cidade, visto acharem-se as suas portas tapadas de pedra e cal.

A infelicidade d'esta segunda tentativa foi, sem dúvida, muito maior do que da primeira, por quanto a perda que os nossos soffreram agora, principalmente em feridos, era muito grande para um exercito tão pequeno. Todavia, como d'esta vez não appareceu algum d'aquelles agoiros, que n'essas eras de crenças vivas, e de singelo viver, quebravam ao mesmo tempo as forças da alma e do corpo, ainda aos mais intrepidos e ousados, recolheu-se a tropa ao arrayal, sim fatigada de tão prolongado combate, mas não descoroçoada.

Attribuindo todos o mallogro da empreza, não á

resistencia dos sete mil arabes que defendiam corajosamente a sua cidade, mas aos muros de pedra que tapavam as portas, e á pequenez das escadas, que não permittiam escalar as muralhas, esperava-se, e contava-se como coisa certa, que a praça seria entrada e tomada logo que houvesse provisão de boas escadas, quaes se requeriam para o feito.

Portanto, logo no dia seguinte expediu o infante D. Henrique uma embarcação para ir buscar a Ceuta novas escadas, e mais duas bombardas de grosso calibre, com bastante provimento de pedra e polvora.

Em quanto, porém, no arrayal se esperava com anciedade pela volta do navio; em quanto todos ahi repoisavam tranquillamente sobre as mais lisongeiras esperanças, sonhando batalhas, e prophetisando victorias, iam-se accumulando no horisonte do seu futuro nuvens espessas e negras, que ameaçavam rebentar breve sobre elles em medonha tempestade.

Os vigias do arrayal vieram um dia dar parte de que nas cumiadas das montanhas que se alongam para o interior, apparecêra ao romper d'alva um grande bando de guerreiros moiros, e que dos visinhos valles saiam distinctos sons de muita vozeria e tropel de cavalleiros.

Mandou immediatamente o infante a Rui de Souza, e seu filho Gonçalo Rodrigues de Souza, com sessenta cavalleiros, a descobrir campo e trazer novas.

Sairam, com effeito, para o lado que os vigias tinham indicado, e pouco tardou que se encontrassem com uma numerosa cavalgada de guerreiros arabes, bem montados, e ainda melhor armados.

Não queriam outra coisa os destemidos descobridores, que ardiam em desejos de dar provas do seu valor e coragem. Assim, pois, ver os inimigos e accommettel-os foi obra de um momento. Eram os moiros em muito maior numero do que os christãos, mas carregaram estes com tamanha impetuosidade, derrubando e matando a quatorze dos contrarios logo no primeiro recontro, que toda a phalange sarracena voltou costas, fugindo a toda a brida.

Levados do seu ardor, cegos por aquelle triumpho, correram os nossos em perseguição dos fugitivos. Indo, porém, a sua carreira ainda curta, saiu-lhes ao caminho tal somma de moiros, que forçados se viram, a seu turno, a procurar na fuga a salvação.

No outro dia mandou o infante trezentos homens de cavallo explorar o campo. Não chegaram a andar meia legoa, porque lhes embargou o passo uma infinita alluvião de moiros. Mas esse breve espaço de terra foi para os nossos um vasto theatro de gentilezas e de gloria. Cercados e accommettidos de inimigos por todos os lados, que de instante para instante recresciam em numero e ousadia, pelejaram os portuguezes com tanto denodo, obraram tão incriveis prodigios de valor, que, depois de matarem cento e cincoenta moiros, conseguiram retirarem-se com honra do meio d'aquella immensa moirama.

Para tão grande conflicto a perda dos nossos, póde chamar-se pequena, pois que lhes ficaram mortos no campo cincoenta homens. Mas era grande, não só em relação ás forças do exercito e ao aperto das circumstancias, como tambem porque entre esses corpos que deixaram sem vida jaziam alguns fidalgos dos que mais se extremavam nos combates por esforço do braço e arrojo do animo.

As sortidas continuaram nos dias seguintes. Renovaram-se em todos elles pelejas, como aquella, porfiosas, encarniçadas, sanguinolentas de parte a parte, e para os nossos tão deseguaes pela pequenez do seu numero, quão gloriosas pela grandeza de suas façanhas. Os portuguezes recolhiam-se sempre para dentro dos seus entrincheiramentos enramados de loiros, e o pendão das quinas sempre coberto de gloria. Mas de dia para dia rareavam-se as fileiras do exercito christão, cresciam e multiplicavam-se os inimigos, e o campo livre em torno do arrayal retrahia-se de mais em mais.

A estrella de Portugal ainda alli brilhava pelo reflexo d'esses feitos gloriosos; mas em volta d'ella escurecia-se o ceo, condensavam-se as nuvens, e começava a ouvir-se o rebombo do trovão.

As circunstancias iam assumindo um caracter de muita gravidade. Cada novo dia que se accrescentava na cadeia dos annos era testimunha da chegada de novas phalanges musulmanas, vindas do interior de Africa em soccorro de Tanger.

A cidade já tinha desimpedido uma das suas portas para receber um importante reforço; e os nossos viram, mau grado seu, introduzir-se na praça grosso corpo de auxiliares, sem lhe poderem estorvar o passo. E em todos os montes e valles das visinhanças reluziam por entre os mattos o crescente de Mafoma e os alfanges arabes.

Os sitiadores estavam quasi sitiados. O unico lado que estava ainda desaffrontado de inimigos era o que dava saída para a praia. Mas esse caminho era o da fuga, e a fuga para os companheiros de armas do conquistador de Ceuta era peior que o desbarato, peior que a escravidão, mil vezes peior que a morte, porque se lhes afigurava uma cobardia, e a cobardia era o maior de todos os opprobrios para tão esforçados e briosos peitos.

Resolveu-se, pois, o infante D. Henrique a ir dar batalha aos moiros que occupavam as cercanias da cidade. Era o ultimo dia de setembro. O exercito saiu do acampamento na mesma fórma com que saira de Ceuta, levando como em procissão as mesmas imagens e bandeiras. Compunha-se de mil e quinhentos homens de cavallo, oitocentos bésteiros, e dois mil soldados de infanteria. O resto das tropas ficaram para segurança e defesa do arrayal. O infante D. Henrique commandava em chefe e ia na retaguarda.

O infante D. Fernando, e seu sobrinho o conde de Arrayolos, caminhavam á frente da vanguarda.

Os moiros, porém, ou fosse por temor, ou por plano, não acceitaram combate. Á maneira que os nossos avançavam, cediam elles terreno, até que chegaram a uma serra aonde fizeram alto. Estava alli acampado o grosso do seu exercito.

As asperezas da serrania, a fortaleza d'aquella posição, a immensidade das forças inimigas, e os cuidados e receios pela sorte do arrayal, de que já estavam tão distantes, determinaram o infante D. Henrique a recolher-se aos seus entrincheiramentos.

VII

No dia seguinte vieram os moiros sobre o arrayal, e como se unicamente pretendessem fazer apparato das suas forças, assim que viram os portuguezes dispondo-se para lhes sair a campo, retiraram-se com mais pressa do que tinham vindo. Todavia, a retirada foi um estratagema de guerra. O infante D. Fernando e o conde de Arrayolos, que sairam no seu alcance, não tardaram a verem-se n'uma cilada envolvidos por todos os lados.

Travou-se então uma renhida peleja, em que os nossos combatiam como desesperados, e no meio da qual caiu morto o principal chefe sarraceno. Entretanto, a brava hoste portugueza conseguiu salvar-se, não sem sacrificios, de tão perigoso conflicto, graças á sua coragem e desmesurado valor.

No dia immediato, 2 de outubro, nem os moiros voltaram a desafiar os nossos soldados, nem estes sairam do arrayal, pois que todos ahi trabalhavam para o pôr em melhor recato e defesa.

Mas logo na seguinte manhã appareceu em frente do arrayal infinita multidão de moiros, atroando os ares com suas costumadas algazarras.

D'esta vez vinham resolvidos a combate. A audacia das suas vozes, e a ordem com que dispunham as suas hostes, bem o davam a demonstrar. Comtudo, não encontraram os portuguezes desprevenidos. Os vigias já tinham havia muito dado aviso de que, das alturas proximas, desciam e caminhavam para o arrayal numerosas phalanges inimigas. E tão apercebidos estavam os nossos para o combate, que ainda os moiros mal começavam a estender-se em longas fileiras pela frente do arrayal, caíram sobre elles tão de improviso e com tal impeto, que os romperam, pondo-os em desordenada fuga.

Apesar da grande superioridade das suas forças, pôde tanto n'elles o terror, que não ousaram voltar o rosto ao inimigo durante legoa e meia que este os foi perseguindo, captivando ou matando os que se deixavam ficar para traz. E mais longe iriam os portuguezes, levados do ardor de se desaffrontarem do aperto injurioso em que se viam, se as difficuldades do terreno, o declinar da tarde, e a lembrança que o arrayal ficára mal guarnecido, lhes não aconselhassem prudente retirada.

Os seus receios não foram sem fundamento. Assim que os moiros da cidade perceberam que uma grande parte do exercito christão se afastára tanto do seu acampamento, precipitaram-se com grande furia sobre o arrayal.

Foi um accommettimento horrivel, que poz os nossos em duros transes, e no mais eminente perigo. Eram tantos os que atacavam, e os defensores tão poucos, que por vezes esteve o arrayal a ponto de ser entrado dos moiros.

Viera a noite envolver tudo em trevas, e o exercito não regressava, nem havia noticia se era victorioso, se vencido. E o combate durava ainda em volta das estacadas tão rijo e violento, como no principio, porque os assaltantes eram de continuo reforçados e alentados por novas hostes saídas da cidade. Porém, no meio d'estas crueis incertezas, no meio d'este lidar tão penoso, e d'estes perigos tão graves e tão ameaçadores, nunca desfalleceu o animo aos valentes mantenedores do arrayal christão.

Rotas as estacadas, tiveram em muitos pontos de fazer de seus peitos muralhas. Exhaustos de forças pela fadiga, tiravam do seu animo novas forças. E assim sustentaram aquelle posto de honra, e a honra do nome portuguez, até que a chegada do exercito obrigou o inimigo a recolher-se apressadamente á cidade.

As tropas portuguezas da expedição não vinham menos ufanas da façanha que acabavam de commetter, do que o estavam os outros seus companheiros pela heroica defesa do arrayal. Os loiros colhidos n'aquelle dia por uns e outros eram, na verdade, muito para admirar e invejar. Se os que ficaram obraram incriveis prodigios de valor para repellir a aggressão de inimigos tantas vezes superiores em numero, os que saíram, atacando e levando de vencida por tanto espaço de tempo e de caminho forças dez vezes maiores que as suas, praticaram um d'aquelles actos de valentia e coragem, que constituem o verdadeiro arrojo, e de que a historia guarda tão raros exemplos nos seus archivos.

Mas de que valiam tantas proezas, tantos loiros, tamanha gloria, se a situação dos nossos bravos soldados não melhorava, antes sim peiorava, já não só de dia para dia, mas de momento para momento? Que importavam o lustre d'aquellas proezas, o vecejar d'esses loiros, o resplendor d'essa gloria, se algumas horas depois todo esse brilho se havia de offuscar entre as nuvens de pó levantadas por novos milhares de inimigos, que vinham estreitar o cêrco mais e mais, e pôr no ultimo apuro os sitiados?

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

LABYRINTHOS CURIOSOS

Como curiosidade archeologica offerecemos ao *Archivo* os dois seguintes artificiosos labyrinthos, que encontrámos n'um manuscripto antigo, onde se diz que foram abertos e entalhados em duas pedras nas paredes da egreja do Salvador de Moreira de Maia [1], commemorando o primeiro a fundação do templo, e o segundo a sua sagração.

✠	I	C	FE	S	E	RR	TE	U	G	U	TE	RR	E	S	FE	C	I	✠
I	C	FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE	C	I
C	FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE	C
FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE
S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S
E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E
RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	1130	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR
TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	1130	RA	1130	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE
U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	1130	RA	E	RA	1130	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U
TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	1130	RA	1130	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE
RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	1130	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR
E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E
S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S
FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE
C	FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE	C
I	C	FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE	C	I
✠	I	C	FE	S	E	RR	TE	U	G	U	TE	RR	E	S	FE	C	I	✠

O primeiro labyrintho contém o seguinte: *Era* 1130 *Tructezindo Guterres fecit*. Significa: *Tructezindo Guterres fabricou esta egreja na era de* 1130 (anno 1092).

R	U	T	A	CR	A	S	TE	A	TE	S	A	CR	A	T	U	R
U	T	A	CR	A	S	TE	A	BB	A	TE	S	A	CR	A	T	U
T	A	CR	A	S	TE	A	BB	A	BB	A	TE	S	A	CR	A	T
A	CR	A	S	TE	A	BB	A	DO	A	BB	A	TE	S	A	CR	A
CR	A	S	TE	A	BB	A	DO	N	DO	A	BB	A	TE	S	A	CR
A	S	TE	A	BB	A	DO	N	ME	N	DO	A	BB	A	TE	S	A
S	TE	A	BB	A	DO	N	ME	1150	ME	N	DO	A	BB	A	TE	S
TE	A	BB	A	DO	N	ME	1150	RA	1150	ME	N	DO	A	BB	A	TE
A	BB	A	DO	N	ME	1150	RA	E	RA	1150	ME	N	DO	A	BB	A
TE	A	BB	A	DO	N	ME	1150	RA	1150	ME	N	DO	A	BB	A	TE
S	TE	A	BB	A	DO	N	ME	1150	ME	N	DO	A	BB	A	TE	S
A	S	TE	A	BB	A	DO	N	ME	N	DO	A	BB	A	TE	S	A
CR	A	S	TE	A	BB	A	DO	N	DO	A	BB	A	TE	S	A	CR
A	CR	A	S	TE	A	BB	A	DO	A	BB	A	TE	S	A	CR	A
T	A	CR	A	S	TE	A	BB	A	BB	A	TE	S	A	CR	A	T
U	T	A	CR	A	S	TE	A	BB	A	TE	S	A	CR	A	T	U
R	U	T	A	CR	A	S	TE	A	TE	S	A	CR	A	T	U	R

O segundo contém: *Era* 1150 *Mendo Abbate sacratur*. Quer dizer: *Foi sagrada pelo Abbade Mendo na era de* 1150 (anno 1112).

Ambos os labyrinthos se lêem começando-se na letra central (E), correndo a leitura para todas as quatro partes, e acabando nos angulos. Cada labyrintho se póde ler por um extraordinario numero de direcções.

AUGUSTO MENDES S. DE C.

RECTIFICAÇÕES

Em o n. 6, a pag. 43, dissemos que a *quinta das Janellas* pertencia á casa dos srs. condes de S. Vicente. Somos, porém, informados de que ao presente é propriedade, juntamente com o convento de S. Miguel das Gaeiras, dos herdeiros do fallecido par do reino, Faustino da Gama.

Na mesma pagina, quasi no fim da 1.ª columna, em logar de *jurisprudencia*, deve ler-se *jurisdicção*.

[1] Não sabemos se tal egreja ainda existe. Do mosteiro de S. Salvador de Moreira trata D. Nicolau de Santa Maria na sua *Chronica dos Conegos Regrantes*, p. II liv. VI, cap. II.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

Egreja do Senhor da Cruz e campo da Feira, em Barcellos

Notavel entre as povoações do nosso paiz pela belleza da sua situação, e pelas formosas e ridentes paizagens que a circundam por todos os lados; memoravel em nossos annaes por muitas tradições de antigas eras, de que ainda conserva curiosos monumentos; tambem figura a nobre villa de Barcellos nos fastos religiosos de Portugal por uma lenda milagrosa de tal singularidade, que não ha outra egual em todo o reino. É o celebre milagre das santas Cruzes que appareceram pela primeira vez no *campo da Feira* no dia 20 de dezembro de 1504.

O padre Cardoso, no seu *Diccionario Geographico*, diz o seguinte a respeito d'este successo: «N'este campo da Feira, no circuito da egreja, se vê cada anno o celebre milagre das Santas Cruzes (que testimunha todo o reino, e que escrevem auctores fidedignos), começando a apparecer em maio, nas vesperas da sua Invenção, e muitas vezes em setembro, nas vesperas da Exaltação, e duram cinco e seis dias. O modo com que apparecem é de cruzes ordinarias, de côr negra; o tamanho da haste maior que uma braça, os braços em boa proporção. Mostram-se á flor da terra, e cavando-a, vão sempre mostrando a mesma fórma. Teve principio este admiravel apparecimento aos vinte de dezembro de 1504, uma sexta feira, pela manhã, tempo em que foi achada a primeira cruz que se viu estampada milagrosamente na terra, no sitio em que hoje está a imagem de Christo Senhor Nosso com a cruz ás costas. Tirou-se um instrumento authentico e juridico d'esta milagrosa apparição, que aqui damos para corroborar mais a verdade do que dizemos, e é a seguinte certidão:»

Omittimos este documento por ser muito extenso. Podem os curiosos lêl-o no tomo II do citado diccionario a pag. 44. Refere-se n'elle o modo por que appareceu a primeira cruz, como se divulgou a noticia na villa, e a solemne procissão com que se celebrou o milagre, indo os conegos da collegiada de Santa Maria Maior, confrarias, cleresia, fidalgos, e povo da villa plantar uma grande cruz de pau junto da que apparecêra figurada na terra.

Este successo deu origem á fundação de uma ermida no mesmo campo da Feira, edificada á custa de esmolas, a qual foi no seculo passado reconstruida desde os alicerces em mais larga área, ficando um bello templo na fórma em que o representa a nossa gravura. É oitavado, com tres portas que deitam para um adro lageado, e guarnecido de pedestaes com seus globos. As oito faces são divididas por pilastras de granito, que é a pedra de que está fabricado o templo. Sobre a porta principal ergue-se uma pequena torre, junto da qual vem terminar a balaustrada que coroa o edificio, e que é decorada com pyramides correspondentes a cada uma das pilastras. O telhado, de fórma pyramidal, remata em uma cúpula pequena, mas graciosa.

Interiormente nada tem de notavel em sua fabrica. Os altares são ornamentados com obra de talha doirada. O maior é dedicado ao Senhor da Cruz, cuja é a invocação da egreja.

Está situado este templo no campo da Feira, como acima dissemos, mas a um lado d'elle, e tão proximo das casas que por essa parte o guarnecem, que apenas fica de permeio o espaço de uma rua estreita. Entretanto, o campo é vastissimo, e o sitio formoso como poucas terras do reino possuirão outro tão bello.

O *campo da Feira* era outr'ora suburbio da villa, chamado *arrabalde de cima da villa*, mas contiguo ás muralhas que sobre elle tinham o *postigo da Feira*, e uma das duas elevadas torres que as fortaleciam.

A povoação no seu crescimento rompeu a cêrca que a apertava, e estendeu-se por um lado do campo da

Feira, em todo o seu comprimento. Desappareceu aquelle lanço da muralha com o seu postigo, mas ficou de pé a torre, que ainda se conserva em excellente estado, graças á circunstancia de servir de cadeia publica. Se não fóra esta salvaguarda ha muito que teria tido a sorte de sua irmã, que defendia a ponte e o paço dos duques de Bragança, e que foi derrubada para dar mais alguns palmos á rua que serve de entrada á villa a quem a demanda vindo pela estrada do Porto. E ainda assim, não nos parece que esteja segura de proscripção, pois que, visitando nós Barcellos em novembro de 1864, ouvimos, com bastante pezar nosso, manifestarem-se desejos de que fosse derrocada aquella antigualha, obra do primeiro duque de Bragança, D. Affonso, e um dos principaes monumentos da villa!

Esta grande torre, com as suas janellas ogivaes, e coroa de ameias, occupa uma boa parte do lado do campo que se communica com a antiga povoação. No outro topo do campo está o extincto convento de freiras benedictinas, que, com o titulo de recolhimento do Menino-Jesus, foi fundado na primeira metade do seculo passado, por uma preta chamada Victoria, escrava de Bento Ferreira Gomes, com esmolas que obteve. A egreja acha-se a cargo de uma irmandade do terço.

O lado do mesmo campo, fronteiro á casaria que vae correndo junto do templo do Senhor da Cruz, é o mais alegre e pittoresco. Alternam-se n'elle com o arvoredo dois edificios religiosos: o extincto *convento de S. Francisco*, que foi de frades capuchos da provincia da Soledade, edificado em 1649 com esmolas do povo, e a egreja da ordem terceira. No primeiro acha-se estabelecida a casa e o hospital da misericordia. Este ultimo é muito aceiado e bem servido. Separa os dois edificios uma frondosa matta, que era a cêrca do convento, e que hoje pertence á misericordia. É um passeio muito agradavel, pois que a cortam, cruzando-se, largas e bem alinhadas ruas, toldadas por diversas especies de arvores.

Desde a egreja dos terceiros até á torre da cadeia corre por quasi todo esse espaço um muro baixo, decorado com varias pyramides de pedra, altas e esbeltas, e com dois porticos tambem de pedra e elegantes, com seus ornatos architectonicos. Por detraz do muro e dos porticos desce o terreno até formar um valle; e toda esta encosta é povoada de arvores que vem fazer sombra ao muro e aos porticos, mas não tão espessas que não deixem desfructar de quem passeia no campo a collina d'além do valle, toda verdores, e mais longe montes sobre montes cobertos de bosques.

Aquella obra dos muros e dos porticos foi o principio de um projectado passeio, que, infelizmente, não teve seguimento; mas que, ainda assim, dá muito realce ao sitio.

Finalmente, no meio do campo ergue-se um bonito chafariz com duas taças.

N'este campo faz-se um mercado semanal, que é dos mais importantes e concorridos que ha no reino. Tambem n'elle se faz uma feira annual, por occasião da festividade do Senhor da Cruz. Porém é uma feira de arrayal, apenas notavel pelo grande concurso de povo que attrahe de muitas legoas em derredor.

A nossa gravura, copiada de uma photographia do sr. Seabra, não dá idéa alguma das bellezas da situação, porque estas foram sacrificadas ao pensamento de representar na photographia a frontaria do templo. O ponto de vista opposto a este é de um effeito maravilhoso; porque abrange no mesmo quadro o chafariz, o templo, pelas trazeiras, a torre da cadeia, e os porticos acima referidos com o arvoredo que os acompanha, e parte do panorama que além d'elles se dilata.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRANCISCO VIEIRA PORTUENSE

ESBOÇO BIOGRAPHICO

(Conclusão. Vid. pag. 50)

VI

Deixando nos precedentes capitulos compendiado o que de mais notavel e interessante se nos deparou, relativamente aos factos e particularidades da vida de Vieira, resta, para melhor satisfação do nosso proposito, que não levantemos mão do trabalho sem ajuntar ao expendido algumas palavras, com que aquilatemos o merito do insigne portuense. Servir-nos-ha de guia n'esta parte a opinião de quem, por sua inquestionavel competencia na materia, póde ter voto auctorisado, e como que decisivo.

O sr. conde Raczynski, pretendendo estabelecer uma especie de parallelo, ou termo de comparação, entre Vieira e as duas maiores celebridades que Portugal tem modernamente produzido na arte da pintura, expressa-se a este respeito, pouco mais ou menos, do modo que para aqui transcrevemos:

«Vieira, contemporaneo e émulo de Domingos Antonio de Sequeira, estava, quanto ao talento, em grão inferior a este; mas, por compensação, era incapaz de cair nos desvios em que, não poucas vezes, incorreu o seu antagonista. Sequeira, na maior parte de seus grandes quadros, offende as leis do gosto; o que Vieira, em suas modestas tendencias, e na sua marcha reflectiva, jámais fez. Vieira soube conservar-se fiel ao estilo historico e religioso, inspirando-se dos exemplos das escholas italianas. Sequeira extrahia da sua alma ardente inspirações novas; porém não soube escolher a direcção que convinha dar de preferencia a suas emoções artisticas senão depois de haver-se transviado por muito tempo nas veredas mais oppostas, depois de um renhido combate, de uma lucta interior, que n'elle se prolongára durante sessenta annos. É para notar que elle só póde levantar um vôo alto e arrojado quando os seus sentimentos se haviam de todo convertido á fé religiosa, e isto em uma edade já muito adiantada. Vieira não obteve elevar-se, em verdade, a tamanha altura, e duvido mesmo que na sua carreira chegasse a conseguil-o com vantagem, por mais longa que ella fosse. Mas suas tendencias foram sempre louvaveis, e deram resultados sempre satisfactorios.

«Vieira Portuense é tambem pouco comparavel a Vieira Lusitano. Predominavam nos dois artistas naturezas mui diversas. O Lusitano seguia uma direcção mais determinada e mais classica, sem comtudo attingir os sublimes modelos da epocha dos Medicis. O Portuense, em cuja natureza artistica havia menos energia, e cujas disposições eram mais modestas, se por uma parte buscava aproximar-se de tão excellentes prototypos, sentia em si por outra a influencia da arte moderna; ensaiava-se em generos diversos, e imprimia em todas as suas obras a expressão da doçura, da amabilidade e da suave melancolia, que parece haverem sido os sentimentos caracteristicos da sua indole.»

Já alludimos acima á facilidade maravilhosa com que, para o dizer assim, o Portuense improvisava os seus quadros. Agora accrescentaremos que, se devemos credito ao testimunho dos biographos contemporaneos, elle fallava com a mesma facilidade as linguas principaes e mais cultas da Europa, e possuia perfeitamente a historia das bellas artes, a ponto de *não haver n'esses conhecimentos quem o egualasse em Portugal* [1].

[1] São palavras textuaes do Villela da Silva.

VII

Os trabalhos que nos restam d'este genio mallogrado, e que recommendam seu nome á admiração dos vindouros, são escassos em numero, mas sobresaem em qualidade. Bem quizeramos fazer distincta, posto que breve, commemoração de todos; porém temos de limitar-nos aos de que houvemos conhecimento ou noticia. Da grande cópia de Corregio, e dos quadros originaes de *Vasco da Gama*, *D. Ignez de Castro* [1], *D. Filippa de Vilhena*, *Viriato*, *e Descendimento da Cruz* [2], tivemos occasião de fallar nos capitulos anteriores. Egualmente dos onze esboços pintados a oleo, e representativos de outras tantas scenas ou passos dos *Lusiadas*. Cumpre agora addiccionar a estes os seguintes:

1.° Um *S. Sebastião*, que diz Cyrillo se conservava na galeria do marquez de Borba; e que, a ser assim, pertencerá hoje aos herdeiros d'aquella exc. casa.

2.° Um quadro a oleo, representando uma *saloia* de capa e lenço na cabeça. Pertencia á casa dos exc. condes de Anadia.

3.° O esboço a oleo do quadro de *Viriato*. Tem-n'o o sr. Silva Oeirense.

4.° *Venus e Amor*, em uma paizagem no estilo das de Albano. Este quadro encantador, de que ha uma boa gravura feita por Bartholozzi, pertence tambem á casa de Anadia.

5.° Uma paizagem, qualificada de excellente, que, segundo nos informa o sr. abbade de Castro, existe em poder dos herdeiros do sr. Antonio Ribeiro Neves.

6.° Outra do mesmo genero, de que é possuidor o nosso respeitavel e prezado consocio, o sr. conselheiro Joaquim Pedro Celestino Soares; noticia que por elle proprio nos foi communicada.

Todos os referidos, e porventura mais alguns que ignoremos, se conservam em Lisboa. Na cidade do Porto havemos noticia das seguintes producções do pincel do seu illustrado filho:

Quatro quadros de altar, que se acham collocados na capella da ordem terceira de S. Francisco, representando:

1.° *Santa Margarida*, confessando-se em artigo de morte a um frade franciscano.

2.° *Nossa Senhora da Conceição*.

3.° *Santa Isabel*, distribuindo esmola aos pobres.

4.° *S. Luiz, rei de França*, em oração.

No sentir do sr. Raczynski, o primeiro é de todos o melhor, e o ultimo o mais fraco. Revela-se, porém, em todos o caracter de sensibilidade e os sentimentos piedosos do artista; o colorido, com quanto seja debil, é, todavia, harmonioso; finalmente, julga-os dignos de toda a consideração.

Ha no museu portuense um quadro de *Christo crucificado*, outro de *S. João*, e a *Adoração do Santissimo* [3]; e afóra estes duas bellas paizagens, das quaes uma representa *uma mulher com um menino*, que parece defender contra o ataque de alguns malfeitores.

Lord Howard de Walden, embaixador que foi de Inglaterra n'esta corte, possuia á sua parte, e com muito apreço, varios desenhos de Vieira, nos quaes, segundo a affirmativa do citado sr. Raczynski, se divisa um sentimento artistico mais puro e mais elevado que o de Sequeira. Tão avantajado conceito é sobremaneira honroso para o insigne portuense.

[1] Eis o que, a respeito d'este quadro, se lê em Taborda: «Parece que o artista empenhou aqui todos os preceitos da arte para representar uma scena, que ainda hoje commove os corações mais frios e insensiveis... Tudo n'este magestoso quadro é digno do seu auctor; tudo proprio do assumpto que representa, dispertando no animo dos espectadores os sentimentos mais ternos e compassivos.» — Cyrillo diz em geral: «Não sabemos se as poucas coisas que deixou nos servem de recreio quando as vemos, pela graça com que são feitas, ou de mágoa, pela renovação da saudade que temos do seu auctor.»

[2] É esta, na opinião do sr Raczynski, uma das melhores producções que elle viu do estimavel artista. Ainda que a composição nada apresente de notavel em objecto que tantas vezes ha sido tratado, distingue-se, comtudo, pelo desenho e execução, dignos de todo o louvor. O colorido é agradavel e proporcionado, e toda a obra executada em um estilo que, sem poder qualificar-se de grandioso, bem póde dizer-se correcto e irreprehensivel, accusando no auctor cuidado, bons estudos e tendencias judiciosas.

[3] D'este só achâmos menção na *Miscellanea Litteraria* (jornal do Porto, publicado em 1860), á pag. 70.

VIII

Remataremos, em fim, estes apontamentos com a indicação das fontes que consultámos, e das quaes, na maior parte, os extrahimos. Com ellas auctorisâmos a nossa narrativa, menos no que diz respeito a alguns factos e noticias, em que a critica houve de discriminar entre asserções encontradas, ou que appareceram contradictadas por informações dignas de inteiro credito.

Regras da arte da pintura, etc., por José da Cunha Taborda. Lisboa, 1815. — De pag. 243 a 248.

Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, etc., por Cyrillo Wolkmar Machado, publicadas posthumas pelo conego Villela da Silva. Lisboa, 1823. — De pag. 139 a 142, e ainda a pag. 289 e 280.

Essai statistique sur le royaume de Portugal, por Adr. Balbi. Paris, 1822. — No t. II, pag. CXCV.

Observações criticas sobre alguns artigos do Ensaio de Balbi, por Luiz Duarte Villela da Silva. Lisboa, 1828. — Na pag. 120.

Les arts en Portugal, par le comte Raczynski. Paris, 1846. — A pag. 270, 285, 382 e 385.

Dictionnaire historico-artistique du Portugal, par le même. Paris, 1847. — A pag. 299 e 300 (traducção fiel do artigo de Cyrillo na obra supra indicada), e pag. 301 e 302.

Fazem tambem memoria, posto que brevissima, de Vieira os seguintes:

Jornal de bellas artes, ou Mnemosine Lusitana. Lisboa, 1817. — No t. II, pag. 39.

Ensaio sobre a arte da pintura, que anda appenso ao *Retrato de Venus*, por A. Garrett. Coimbra, 1821; ou Rio de Janeiro, 1861, a pag. 157.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

CARTAS A UMA SENHORA

OS COMETAS

I

Senhora minha. Volto ainda aos pés de v. exc., consagrando-lhe um pequeno estudo sobre os cometas, que tanta admiração lhe causam sempre, quando acerta de os contemplar na abobada do ceo. Acceitou v. exc. com tanto carinho e entranhado amor as minhas precedentes cartas sobre as perolas, e de tal sorte tem instado commigo, exigindo novas cartas, que chegou a influir-me forças e brios para continuar a obra encetada, e perseverar no empenho, acaso superior ás minhas posses, de divulgar alguns segredos da sciencia, que muito importa que sejam conhecidos de todos.

Conforme ousei confessar a v. exc., não posso eu obedecer a regras de methodo e connexão de trabalho. Eu não escrevo livros, senão cartas, que v. exc. se digna acceitar... e ler ás vezes, quando quer matar o tedio com um tedio maior. É o caso da triaga, ou da homœopathia. *Similia cum similibus curantur*.

Fallarei, pois, dos cometas hoje, d'essas perolas do ceo, diaphanas e opalinas, como as perolas da terra, que v. exc. tanto préza. Amanhã fallarei de outra coisa, se assim lhe aprouver, tentarei seguir o exemplo de v. exc., que borboleteia por aqui e por alli,

com todo o desafogo da mocidade e da belleza, ora colhendo as rosas da campina, ora desfolhando as violetas da floresta umbrosa; já admirando as saxifrageas das montanhas alpestres, já os nenuphars gentis do lago; sugando o nectar de todas as flores, e libando-o como se fôra ambrosia olympica. É v. exc. a minha phantasia, que faz tudo á sua guisa, sem se importar com os dictames da philosophia convencional, os quaes sempre e em toda a parte só servem para tolher os vôos de imaginação, e empanar o brilho da intelligencia.

Obedeça v. exc. á minha phantasia, se quer ser obedecida, se não... não, como diziam os homens livres do livre Portugal.

II

Imagine v. exc. o primeiro dia da humanidade, assim como fez Pelletan em um dos seus livros admiraveis.

Imagine o homem, anachoreta do grande cenobio — a terra — erguendo com pasmo e admiração os olhos para o ceo, para esse vasto repositorio de maravilhas e esplendores.

Esmagado pelo espectaculo augusto da natureza, curvou-se submisso, tremeu, ajoelhou, idolatrou. Adorou o Creador nas suas grandes obras, e esquecendo, por fim, a causa, só se lembrou dos effeitos que lhe fallavam aos sentidos.

Adorar, admirar, são dois sentimentos tão unidos, que existindo um, existe outro. Se um é sublime ou grutesco, grutesco ou sublime é o outro, e se por excepção deixa de haver esta ligação logica e necessaria, ficâmos tão espantados como se vissemos uma rosa, cheia de viço e frescor, espanejando as petalas aos raios da manhã, que dos mimosos seios não exhalasse uma fragrancia balsamica, singela e casta offrenda ao sorrir da aurora.

É por isso que o homem, depois de adorar, admirou, ou antes, adorou e admirou ao mesmo tempo. Assim se passou a infancia da humanidade, a *aurea ætas* dos velhos bardos da Grecia. Os astros eram então para o homem uns mythos cheios de magestade e grandeza, solemne cortejo do Olympo, mansão dos deuses e prazeres.

Só depois, quando todos estes sentimentos nativos, e acaso necessarios, se foram esvaecendo a pouco e pouco; quando a superstição, a poesia da ignorancia, começou a ser rasgada pela philosophia; quando a periodicidade dos phenomenos celestes captivou a attenção dos homens mais contemplativos,

Vista geral do cometa II de 1862

é que principiou a observação, fundamento unico e perduravel das sciencias naturaes, verdadeira alavanca de Archimedes, que levou o espirito humano a devassar com ousadia e pertinacia os mais intimos e recatados segredos da natureza. Correram seculos e seculos; milhares de gerações desappareceram do mundo, varridas pelo sopro da morte. A astronomia, a sciencia divina, como lhe chamava o divino Platão, foi progredindo, a principio com tardo movimento, estribando-se no empirismo, que é o alicerce de todas as sciencias.

Se v. exc. me exigisse que eu relatasse os progressos e adiantamentos da astronomia, ordenava-me ao mesmo tempo que affrontasse o impossivel! A historia da astronomia é a historia do homem; nasceu com elle, com elle se creou e se aperfeiçoou, e só com elle ha de morrer.

O primeiro homem que, ao sopro creador do Omnipotente, desabrochou na terra, vogando na torrente dos destinos, foi a um tempo o primeiro astronomo, astronomo pelo sentimento, pela ancia de contemplar os astros, esses lampadarios do firmento, de lhes adivinhar os segredos mysteriosos, e porventura as qualidades sobrenaturaes, os poeticos amores que os traziam em perpetuo enlevo, e que os obrigavam a voltarem a certos sitios do ceo em certas epochas.

N'essas coincidencias maravilhosas viram certamente os homens a imagem grandiosa das suas paixões e dos seus amores.

Quando os planetas se aproximam, como que confundindo as pallidas faces em osculos de amor, desentranhando-se em caricias e affagos, e vingando-se assim dos destinos que os trazem tão apartados, é provavel que algum trovador primitivo da Arabia-Petrea, algum pastor da Chaldéa dissesse á que lhe roubára a isenção, assim como tantos hão dito a v. exc.: «Não façamos como os astros, ó minha bella, que tão poucas vezes, no correr dos seculos, unem os rostos gentis em ancias de paixão. Vivamos sempre juntos até que juntos nos leve a morte á sepultura. Não sejas tão esquiva, ó bella, lembra-te que a tua lindeza e frescor são ephemeros, duram um dia; a tua vida não é eterna como a dos astros, que vivem no firmamento e divagam no infinito. Quando fores velha e alquebrada, quando, debruçada sobre o sepulchro, e desfolhada como o goivo funerario batido do vendaval, sentires os membros hirtos e rigidos, ai! então has de lastimar-te, já tarde e sem remedio, por não teres amado aquelle que por ti se definha á mingoa de caricias e meiguices.»

A astronomia e a poesia, minha senhora, ligaram-se a principio intima e amoravelmente.

A humanidade no berço sentia e não raciocinava, contemplava e não observava. Não sabendo estudar, tentava adivinhar.

E que outra coisa fazemos nós, crianças adultas em seculo já velho, quando nos brinquedos infantis acertâmos de alçar o rosto ao ceo, por uma noite serena e limpida? Que de pensamentos cheios de poesia nos sobem turbidos á mente, e vem quebrar-se contra os términos da imaginação, como as ondas do mar contra os rochedos da praia?

Que profundo scismar! Que aspirações infindas!

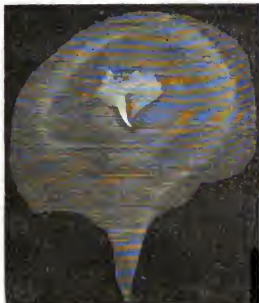
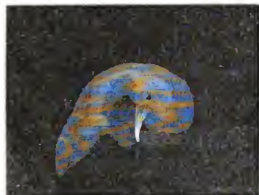
E depois, em annos mais crescidos, quando já sentimos no coração alvoroços da mocidade, quantas vezes não contemplâmos os astros, e não cuidâmos ver

em cada estrella que scintilla um olhar de amor, um prenuncio de prazer e ventura?

Que o digam os grandes astronomos, esses que com o poder da sciencia devassaram as regiões do espaço, as sombrias profundezas do firmamento! Que o digam os poetas, candidos sacerdotes da phantasia! Que o digam todos os que na infancia povoaram o ceo de illusões poeticas e fallazes, e que depois encheram o mundo com o seu renome! Que o digam, em fim, todos os que tentaram librar-se nas azas do genio, do finito para o infinito, da creatura para o Creador! Que o digam todas as crianças, tropel de anjos, genios embryonarios... que depois falseiam tantas vezes os seus destinos!

....

Mas é tempo de voltarmos ao assumpto, e v. exc. já mais de uma vez se admirou de que, propondo-me a fallar de cometas, ainda nem ao menos rompesse o meu discurso com um exordio digno de um habitante do Pindo e do Parnaso. Pois, minha senhora, tenho o desgosto de lhe annunciar que o meu *incipio* só tem logar no capitulo seguinte, e que me apraz fechar este, dizendo alguma coisa ácerca da astronomia em geral.

VISTAS DO COMETA II DE 1862 A HORAS DIVERSAS

N. 1—Aspecto do nucleo do cometa, em 23 de agosto ás 9 horas da noite

N. 2—Apparencia das partes mais brilhantes do nucleo em 23 de agosto á 1 hora da manhã

N. 3—Apparencia das partes mais luminosas do cometa vistas pelo grande telescopio do sr. Foucault em 23 de agosto ás 9 horas da noite

N. 4—Aspecto do cometa em 24 de agosto ás 9 horas da manhã

De todas as sciencias é ella acaso a que mais tem caminhado; é, na opinião auctorisada de Laplace, a unica sciencia, porque só ella prevê com segurança e bom exito os phenomenos que hão de acontecer, e conclue os que deviam de ter succedido nos tempos que foram. Em outra parte disse tambem Laplace: «*Par la dignité de ses théories l'astronomie est le plus beau monument de l'esprit humain.*»

Se eu não temêra escrever latim, de que v. exc. anda tão arredia, podia tambem aqui citar dois versos de Lucrecio, que deixo no tinteiro, Deus sabe com que custo! *Il est si doux de faire l'érudit!*

A exactidão é, pois, a feição principal da astronomia, é o seu caracter mais distinctivo e nobre, o qual lhe veiu depois dos maravilhosos trabalhos de Newton e Kepler, trabalhos que ainda hei de relatar, comparando estes dois grandes genios da sciencia.

Foram elles que descobriram as leis que regem os movimentos celestes, a elles cabe a honra de terem feito da astronomia *o mais bello monumento do espirito humano.*

III

Se v. exc. fosse uma marqueza de Mésengère, a quem o sarcastico Fontenelle dedicou o seu livro inclassificavel da *Pluralidade dos mundos*; se fosse uma marqueza de Chatelêt, que ensinava os *Principios de Newton* a Voltaire (o qual tinha a fraqueza de querer ser encyclopedico, e que tão mal soube ser encyclopedista com Diderot e d'Alembert); se v. exc. fosse mesmo a celebre e hodierna m.elle Royer; se fosse, em fim, na sciencia uma *blue-stocking* (que os francezes traduziram *bas-bleu* e que nós traduzimos... *bas-bleu!* e digam ainda que os portuguezes não tem uma imaginativa creadora!), assim como ha tantas por ahi na litteratura, juro-lhe que fugia a sete pés. Mas é v. exc.

modêlo e exemplo de modestia e de talento; deseja instruir-se, e faz-me a honra de me tomar por mentor. Ruim mentor, certamente, mas cheio de boa vontade. As minhas fallencias suppril-as-ha v. exc. como quizer e poder.

E dadas estas explicações prévias, vamos fazer a colheita no ceo, principiando pelos cometas, por esses vassallos rebeldes e intrataveis, que zombam de astronomos e telescopios.

De todos os astros que povoam o espaço são estes os que tem dado origem a maior numero de hypotheses, cada qual mais arrojada, e porventura menos scientifica.

Quem quizesse dar-se ao improbo e curioso trabalho de compendiar todas essas theorias, escreveria uma bibliotheca, e citaria todos quantos nomes illustres ha na sciencia desde a mais remota antiguidade.

Ha pouco tempo ainda, li eu um livro sobre os cometas, e vi com pasmo reproduzidas, como coisa nova, todas as idéas dos philosophos gregos.

É escusado citar o nome do auctor, mas não é inutil resumir essas idéas.

Alguns philosophos consideravam os cometas como ficções e illusões opticas; eram um engano dos sentidos, e nada mais; eram, talvez, apparencia fallaz de algum corpo, ou mesmo effeito da reflexão dos raios solares através do espaço, como se fôra um espelho. Affirmaram outros que os cometas não eram senão o producto dos feixes luminosos de muitos planetas, cujo encontro, ou mesmo visinhança mui proxima, faziam confundil-os em um só corpo. Tal era a opinião de Anaxagoras e Democrito. Ninguem de boa fé póde acreditar hoje n'estas hypotheses, perante os descobrimentos da sciencia moderna, e se é necessario adduzir argumentos contra opiniões tão extravagantes, é facil encontral-os ao alcance de todos.

Assim é que uma existencia dilatada, como a dos cometas, não póde ser oriunda de simples apparencias, cujo caracter essencial é sem duvida a pouca duração, e a producção de phenomenos momentaneos e ephemeros.

É exactamente o contrario que se encontra nos cometas, por quanto todas as mudanças e alterações que elles manifestam, assim nas fórmas e contornos, como no brilho e intensidade da luz, sempre tem logar segundo leis continuas, dependentes da posição em que se acham, entre o sol e a terra. É tambem sabido que as imagens produzidas pela reflexão dos objectos mudam de posição com esses objectos. Seria pois necessario que os cometas tivessem movimentos comparaveis com os dos planetas, e que o espelho imaginario estivesse collocado de tal modo que a maioria dos corpos do firmamento podessem reflectir-se. Esta ultima hypothese presuppõe implicitamente a possibilidade de encontros entre os planetas, cujo numero devêra de ser superior ao que existe realmente, para que esses encontros se podessem dar.

Aristoteles, o creador de um systema philosophico, que teve tanta voga em longo periodo de seculos, para si tinha que os cometas eram apparições reaes, provenientes de exhalações que se elevam até ás regiões superiores da atmosphera, aonde se condensam e se inflammam, já por influencia dos astros, já pela influencia do movimento ou pela acção dos ventos contrarios.

Os cometas são pois um producto de combustão. Tanto que a terra não possa offerecer materia combustivel, acabará para logo o cometa, que se esvaece como fumo... que era.

Foi perniciosa a influencia dos peripateticos, já pela auctoridade do mestre, já pelo grande numero de discipulos que avassallaram todas as escholas philosophicas. A seita peripatetica affirmava, como dogma scientifico, que Marte e Saturno eram os geradores da substancia cometaria, em virtude da acção das forças contrarias e antagonicas. Marte tinha por officio alargar os poros da terra, para facilitar a saída das emanações, e Saturno, pelo contrario, esforçava-se em os condensar. Mal diriam os pobres planetas os tratos que Aristoteles lhes reservava! Tornal-os *intendentes* de emanações!

Affirmavam outrosim os peripateticos que as particulas tenuissimas que andam suspensas nos raios do sol, em virtude das correntes de ar, provenientes dos aquecimentos causados por esses raios, ao passarem por um orificio de uma camara escura, eram cinzas de um cometa consumido! Os bastos commentadores de Aristoteles, creaturas damninhas, espalharam mais extravagancias ácerca dos cometas, considerando-os como presagios de quanta desgraça acontece cá por este mundo.

Em relação á côr dos astros capillosos é melhor não fallar, para não apresentarmos uma longa litania de ruins qualidades. Assim é, por exemplo, que se o cometa tivesse uma côr branca, deviam necessariamente as pleuresias, as lethargias, etc., perseguir a pobre humanidade. Se o cometa fosse avermelhado, trazia nem mais nem menos que a febre amarella. Se o astro erratico fosse negro, gerava meteoros horriveis, que talavam os campos e trucidavam os homens, espalhando o espanto e a morte por sobre a terra, que se tornava em cemiterio!

Outras vezes era o cometa horrido indicio, implacavel presagio de um diluvio. Sempre que um acontecimento nefasto vinha perturbar a harmonia physica ou moral do mundo, não faltavam cometas, phantasmas celestes, que adejavam sinistros e ameaçadores, e vinham traçar nos plainos do firmamento o *Mane, Thecel, Phares* da humanidade, trilogia fatidica como a de Balthasar, apparição medonha como a estatua ameaçadora no festim de D. Juan.

O cometa foi por muito tempo o ergastulo moral do homem; foi o azorrague a açoitar-lhe a imaginação com a cauda brilhante; foi o prenuncio de todos os flagellos inevitaveis, a que não havia fugir. O cometa era o mensageiro do destino, inflexivel e fatal como elle.

Nas suas *Georgicas* relata Virgilio a morte de Julio Cesar em bellissimos versos, e não se esquece de mencionar o funebre apparecimento de um cometa fouveiro, com manchas côr de sangue. As guerras de Mahomet, o scisma de Henrique VIII, a conquista do Mexico, a peste de Florença, etc., foram predictas por cometas de differentes côres.

Era tão arraigada a crendice dos homens na influencia dos cometas, que um dos factos mais notaveis da historia proveiu talvez do apparecimento de um d'estes astros.

Não ignora v. exc. que *William the Conqueror* invadiu, á testa das rudes hostes normandas, a velha Inglaterra, e desthronando os thanes saxonios e o rei Haroldo, depois da malferida peleja de Hastings, assentou no throno a casa dos Plantagenetas, de que a rainha Victoria descende por sua mãe, segundo affirma mad. de Bury, muito lida em coisas genealogicas e heraldicas.

O cometa que appareceu no seculo XI (1066) foi o guia celeste dos normandos, *stella monstrante cometa*, como dizem as chronicas normandas, e como eu repito, louvando-me em Babinet, porque nunca as li.

É mais illustrado e mais septico o homem d'este seculo. Não acredita nas influencias cometarias, antes escarnece dos mysticos terrores dos homens primitivos, dos velhos guerreiros, assim da antiguidade como da edade média, e da philosophia extravagante de Aristoteles. Os porvindoiros escarnecerão talvez das nossas preoccupações, que as temos e bastas, a empanarem com sombras o brilho da sciencia.

Mas dêmos de mão a estas velharias, que, com serem pittorescas, são pouco scientificas, e vejâmos o que diz a eschola pythagorica, rival da aristotelica.

Entrâmos em nova era, e vamos contemplar a aurora brilhante da astronomia scientifica dos cometas, aurora que, infelizmente, se dilatou por tantos seculos, baça e dubia, cortada de negras sombras, que só o grande genio de Newton desfez com a luz de seu genio potente.

Pythagoras affirmava que os cometas tinham movimentos analogos aos dos planetas, posto que descrevessem orbitas muito mais longas. Essa a razão por que só eram visiveis durante uma porção do seu trajecto, passada a qual perdiam-se, talvez para sempre, nas raias do ceo visivel. Hippocrates de Chios, e Eschylo seguiram esta opinião grandemente verdadeira. Seneca, e Apollonio de Myndo consideravam os cometas como planetas muito afastados, que ficavam encobertos durante um certo espaço de tempo, visitando-nos de quando em quando, seguindo certas leis. Seneca affirmou tambem que em tempos futuros seria possivel predizer a volta periodica dos cometas, e esta prophecia, verdadeira intuição ingenita, só foi dado aos tempos modernos o realisal-a. E comtudo o proprio Seneca não pôde forrar-se ao terror que os cometas espalhavam. Plinio, espirito superior, ás vezes sarcastico, relata com acrimonia, e chega mesmo a increpar a pusillaminidade dos astronomos do seu tempo, em cujo numero entrava Seneca.

Hipparco e Ptolomeu, dois luminares da bella eschola da Alexandria, que tanto fez em prol da sciencia, Hipparco, o que primeiro observou a precessão dos equinoxios e catalogou estrellas, e Ptolomeu, que ainda goza de tanta nomeada pelo seu systema do mundo, Hipparco e Ptolomeu nada disseram ácerca dos cometas, confundindo-os com os meteoros celestes, apparições sporadicas de natureza totalmente diversa.

(Continua) A. Osorio de Vasconcellos.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(Conclusão. Vid. pag. 58)

X

Desde que Isabel e André se encontraram no caminho da fonte, e o segundo contou á primeira os seus pezares, deve ter chovido, a julgar pelas coisas novas que vamos encontrar em Cabia.

É um alegre domingo de primavera.

Cantam as avesinhas na ramagem que engrinalda a janella de João Palomo, e ninguem se mette com ellas; pelo contrario, a cerejeira que sombreia a porta de Antonio de Molinar diz-lhe em flórida linguagem: «aproxima-se o tempo em que na peninsula os artistas não morrerão de fome.»

Soára o primeiro toque de missa, e a maior parte dos moradores da aldeia vão chegando ao adro da egreja e ao nogueiral contiguo.

Uma duzia de rapazes diverte-se no adro; mas logo que sôa o signal de entrada na aula, eil-os que deixam os brinquedos para se dirigirem á aula.

O sr. prior sae de casa de João Palomo e encaminha-se para a egreja.

Os homens que fumam, sentados nos degraus do adro, tiram os cigarros da boca e os chapeos ou barretes da cabeça, assim que sua reverendissima se avisinha.

— Em que estado o deixa, sr. prior? — lhe perguntou Juancho.

— Não está de todo mal, porém já se vê, qualquer pequeno incommodo o leva ás portas da morte...

— Pouco vale o dinheiro a quem faltam outras coisas!...

— Certamente, disse o sr. prior entrando na egreja; o dinheiro é um pobre cavalleiro.

Duzia e meia de rapazes, formados em duas fileiras, saíram da eschola dirigindo-se para a egreja.

Atraz d'elles vem o mestre, grave e decentemente vestido. Os rapazes mostram-se buliçosos como quem lhes sorri uma esperança.

— Vamos, meninos, lhes diz o mestre, caminhem com proposito, que se dirigem á casa do Senhor e não a nenhuma romaria.

Os rapazes tornaram a entrar em fórma, e imitam na gravidade o sr. mestre.

Os homens que estão no adro, fumando, levantam-se como quando passou o reverendo prior.

— Bons dias, sr. mestre! — dizem todos.

— Bons dias, meus senhores, respondeu o mestre com amabilidade, mas sem deixar de todo a compostura propria do seu ministerio.

Juancho, que mal póde arrastar-se com o peso dos annos, aligeira quanto póde as pernas para alcançar o mestre, antes que este entre na egreja.

— Ouve lá, ó André, lhe diz, dá-me um cigarro d'esse tabaco bom que tu fumas.

— Já não fumo, respondeu o mestre, sem se incommodar com o pedido.

— Já não fumas? Desde quando?

— Desde que o conselho da parochia me auctorisou para substituir meu pae na eschola.

— Não eras fumante legitimo.

— Era, sim; mas como quer vossê que dê mau exemplo aos meus discipulos? O sacrificio é necessario.

— Tens razão, homem.

— Depois da missa vá vossemecê a casa, e diga a Isabel da minha parte que lhe dê todo o tabaco que ella guardou quando deixei de fumar.

— Deus dê muita saude a ti, a Isabel, a teu pae, ao filho que te vae nascer, e até ao gado da tua casa para que te ajude a ganhar.

— Obrigado, Juancho; vossemecê bem sabe que o estimâmos.

Juancho quiz responder ao senhor mestre, antes que este desapparecesse pela porta da egreja; mas a alegria afogava-o, e não proferiu uma palavra sequer.

O que menos o impressionava era a porção de tabaco que lhe iam dar!

— Vamos, balbuciou por fim, parece um sonho que haja saido tão commedido e tão homem de bem este André...

— O homem, disse um dos circunstantes, chame-lhe ao menos *senhor André!*

— Qual sr. André! quando sou mais velho quinze annos que o pae d'elle!... É verdade que deve haver mais ceremonia quando estão presentes os rapazes...

Soou o terceiro e ultimo toque da missa, e todos entraram na egreja.

Antonio de Molinar saiu tambem de sua casa com o rosto mais prazenteiro que se vira em Cabia, e entrou no templo.

Ao sair da missa, o mestre ordenou aos rapazes que saissem da fórma e retirassem a quarteis; mas se os rapazes lhe obedeceram no primeiro ponto e não no segundo, alguma coisa os prende alli, pois não ha quem os arranque d'aquelle sitio.

O reverendo prior saia para almoçar; mas Antonio, que o estivera esperando, insta com elle e leva-o em sua companhia:

— Não faltava mais nada, que o sr. prior deixasse de nos acompanhar ao almoço!...

Momentos depois, Isabel e seu marido, ambos em trajo de festa, atravessam o nogueiral e entram tambem em casa de Antonio.

Que se passará em casa d'este, que todos se encaminham para lá, e até as avesinhas, que d'antes cantavam nas trepadeiras da janella de João Palomo, passaram á conhecida cerejeira, e n'ella executam uma peça das mais difficeis do seu repertorio?

Calem-se, porém, que appareceu caso novo! Os rapazes correm para a porta da casa de Antonio, gritando:

— Baptisado, baptisado!

Ha, com effeito, baptisado, porque Isabel traz nos braços uma creatura recemnascida, enfeitada com o primor que ideou a poesia das mães pobres. Ao seu lado caminham o reverendo prior, o sr. mestre e Antonio, que contempla com alegria de louco o rosto do menino ou menina, ainda que Isabel lhe diga:

— Tire-se d'ahi... nunca vi pae mais baboso!...

A vozeria dos rapazes parecia dizer ás aves:

— Vão com os canticos para outra parte!

Mas as aves cantavam cada vez mais, como replicando:

— Não devemos calar-nos em dia como este!

Já terminou o baptismo, e baptisado e baptisantes saem da egreja.

— Reverendo prior, disse Antonio, desejo que o sr. mestre, em commemoração d'este rapazinho que Deus me deu, lance aos ares um repique d'aquelles que elle sabe.

— Se elle quizer, terei n'isso muito gosto, respondeu o prior.

— E eu tambem, posto que não sáiba se esqueci já o officio, accrescentou o mestre tomando a escada da torre.

— «O sr. mestre vae repicar! o sr. mestre vae repicar!» é o boato que com a rapidez do vento percorre a aldeia, alvoroçando-a.

E todos perguntam, que é que o mestre fará dizer aos sinos.

O mestre começa o repique mais alegre, mais sonoro, e mais eloquente que nunca, e até os echos dos valles parece que estremecem com jubilo e repetem aquellas notas, cada qual com relação ás suas faculdades, como no theatro os espectadores repetem, com relação ás d'elles, as notas privilegiadas que resoam na scena:

A D. João dizia o mestre com a voz dos sinos:

— «Está moribundo D. João! está moribundo D. João!»

A Juancho:

— «É optimo o tabaco! é optimo o tabaco!»

A Isabel:

— «Ha de ser lindo o nosso filho! ha de ser lindo o nosso filho!»

A Feliciana e Antonio:

— «O vosso filho é como um sol! o vosso filho é como um sol!»

E aos rapazes de Cabia:

— «Teremos confeitos! teremos confeitos!»

E, com verdade, ha confeitos, porque Antonio chegou á janella gritando:

— Ahi tem!

E lança-lhes para o solo não sabemos quantos papeliços de confeitos e rebuçados, voltando em seguida a correr para dentro, para ver sua mulher e seu filhinho, que o pobre de Antonio não vê, quando menos, ha... seis minutos!

Mas, no meio do geral alvoroço, Antonia, que ha um instante saira de sua casa para a immediata de D. João Palomo, andava apressada em procura do reverendo prior e do cirurgião, que correm immediatamente á casa do abastado proprietario.

— Que novidade ha? Que succedeu? — perguntam todos.

— Que o pobre D. João morre! Ouvi-o gritar de minha casa: — «Roubam-me, roubam-me! Deixam-me fallecer como um cão! Visinhos, visinhos, não ha quem se compadeça da minha solidão e desamparo!» — E vim correndo: encontrei o pobre D. João agonisante, e os criados, sem fazerem caso d'elle, dizendo com espantosa placidez «que não quebra vaso ruim!»

O prior e o cirurgião entraram no quarto do enfermo, a quem viram com effeito na derradeira lucta com a morte.

— Como está, sr. D. João! — lhe perguntaram.

D. João fita n'elles os olhos turvos e attonitos, e faz supremo esforço para lhes responder.

— Morro!—balbuciou por fim... Abandonado! só!... roubado aos proprios olhos!... Vi os meus criados tomarem debaixo da almofada as chaves das gavetas... e apoderarem-se do meu dinheiro e das minhas joias!...

— Socegue, disse o cirurgião, e vejâmos se podêmos remediar o mal.

— O mal do meu corpo não tem remedio! Tel-o-ha o da minha alma, reverendo prior?

— Tem, de certo, sr. D. João; porque Deus deu á religião balsamo para curar todas as feridas da alma.

— Ó reverendo prior! não me desampare a alma, que em breve deixará o corpo.

O prior ficou só com o enfermo no quarto, convertido em tribunal de penitencia.

Abriu-se pouco depois a porta do quarto, e o prior annunciou que o moribundo deseja dirigir o ultimo adeus a todos os visinhos de Cabia.

Muitos d'estes, que tinham já regressado para casa dos trabalhos do campo, aproximam-se verdadeiramente commovidos.

D. João está mais tranquillo; no seu rosto, antes desconcertado e sinistro, respira a doçura, a paz ineffavel, e a santa benevolencia dos justos.

— Meus amigos! — exclamou o moribundo; perdoae-me na hora suprema, porque fui muitas vezes injusto para comvosco...

Um grito geral de misericordia resoou na habitação entre soluços.

— A minha maior culpa n'este mundo, continuou D. João, cada vez mais fraco, foi ter renunciado a familia em que vós encontraes a felicidade. Procedeu d'esta culpa as que me perderam para o mundo, e, se Deus não fosse tão misericordioso, tambem me perderia para o ceo; mas agora, em presença de Deus, o reconheço e me arrependo. Abençoada seja a familia!...

— Abençoada seja! abençoada seja! — responderam todos os circunstantes derramando sinceras lagrimas.

E a alma de D. João exhala-se ao som d'aquelle côro de benções.

Brito Aranha.

RESPOSTA DE PHILOSOPHO NA BOCA DE UM REI

Conversando varios fidalgos no paço del-rei D. Pedro I ácerca dos heroes da antiguidade, começaram a exaltar a grandeza e magnificencia com que eram celebrados os seus triumphos. Passando depois a comparar esses tempos heroicos com a epocha em que viviam, concluiram que o throno já não tinha esplendor, e que a realeza ia perdendo, por essa razão, o seu prestigio.

N'este momento entrou D. Pedro I na sala em que isto se passava, e, como ouvisse a conclusão, quiz saber a que proposito vinha. Expozeram-lhe logo toda a conversa, mas, quando esperavam ser applaudidos pela consequencia logica que haviam tirado, receberam do monarcha esta resposta, digna de um grande philosopho: «Quando Cesar entrava triumphante, puxavam pelo seu carro quarenta elephantes; pela carroça de Marco Antonio puxavam leões; pela de Aureliano quantidade de veados; e isto, uma de duas, se era verão, mais poeira; e se era inverno, mais lama. E estas são as vaidades do mundo: ou muito lodo, ou muita poeira.

L. de Vilhena Barbosa.

Uma vista pittoresca da serra de Cintra

A gravura com que principia este numero foi copiada fielmente de uma grande lithographia antiga pelo nosso habil desenhador o sr. Nogueira da Silva, e gravada pelo sr. Alberto, cujos progressos n'este difficil ramo da arte são bem patentes.

A lithographia que serviu de exemplar foi feita, ha perto de quarenta annos, por um desenhador muito conhecido então em Lisboa, que copiava do natural com bastante fidelidade, e que se chamava Domingos Schioppetta, fallecido ha muito.

No decurso d'este longo periodo, Cintra e seus formosos arredores tem passado por grandes transformações. Muitas e mui lindas casas de campo tem sido edificadas; e outras foram reconstruidas com mais elegante aspecto. Desappareceram muitos muros para em seu logar se erigirem esbeltas gradarias de ferro, com que se adornam as estradas, deixando desfructar aos viandantes a vista de curiosos jardins. Extensas encostas na serra, com seus valles de permeio, n'aquella epocha apenas cobertos de matto, estão hoje convertidos em quintas de regalo, onde crescem mimosas plantas exoticas á sombra de variadissimas especies de arvores silvestres, que formam bosques espessos, ou guarnecem compridas ruas, ou pendem sobre os lagos e fontes. Em fim, a natureza e a arte, dando as mãos e auxiliando-se mutuamente n'aquella terra abençoada, tem operado verdadeiras maravilhas.

Portanto, na pittoresca paizagem que a gravura representa, tambem se deram mudanças e reformas que, sem lhe variarem, comtudo, o aspecto geral, modificaram-lhe as feições.

No primeiro plano vê-se um muro baixo, que separa a estrada dos Pisões, a qual conduz, subindo, aos *Seteaes*, do caminho toldado de arvores que desce para o rio.

Do lado esquerdo está a *quinta do Relogio*, que o fallecido negociante Manuel Pinto da Fonseca adornou com uma bella casa no estilo da architectura arabe, e com um bonito jardim guarnecido de grades de ferro do lado da estrada [1].

Da parte direita prolonga-se com a estrada dos Pi-

[1] Vid. pag. 153 do volume VII.

sões o muro e bosque da quinta da sra. baroneza da Regaleira. Aqui apenas ha a accrescentar uma varanda de ferro, correndo sobre todo o comprimento do muro, e mais basto arvoredo debruçando-se por cima da varanda.

No ultimo plano avistam-se as duas eminencias da serra de Cintra, coroadas pelo *castello dos Moiros*, e pelo *mosteiro de Nossa Senhora da Pena*, então habitado por monges de S. Jeronymo. Estas duas encostas pouca differença apresentam. De meia altura para o cume são ainda, como eram outr'ora, agrestes e eriçadas de penhascos descommunaes. D'alli para baixo vestem-se hoje com mais cópia de carvalhos e pinheiros, que escondem debaixo da sua frondosa copa os penedos com que se entremeiam.

O *castello dos Moiros* tem agora reparadas as muralhas e torres ameiadas que na citada epocha se achavam em ruina; e o vasto recinto que ellas cercam está presentemente convertido n'um parque, todo cortado de ruas orladas de flores, e assombradas de arvores. Porém, nada d'isto se descobre do ponto d'onde foi tirada a vista de que nos occupâmos. A gravura tão sómente mostra na crista da serra, apparecendo por baixo da immensa ramagem de um carvalho gigantesco da quinta do Relogio, uma torre e lanço de muro que limita o castello d'este lado.

Não succede, porém, o mesmo com o antigo mosteiro dos jeronymos. N'esta parte ha uma metamorphose completa. Aquelle edificiosinho que lá se vê sobre o outro serro, meio occulto entre a penedia, meio confundido nas nuvens, é actualmente um grande palacio acastellado, o magnifico paço del-rei o sr. D. Fernando II, que tomou toda a coroa da montanha, assoberbando-a com as suas elevadas torres e resplandecentes cúpolas.

Nas figuras com que o desenhador animou a paizagem, vêem-se, a par dos trajos camponezes, que ainda são os mesmos, as desengraçadissimas modas do principio do segundo quartel d'este seculo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DOMINUS TECUM...

(CONTO PARA CRIANÇAS)

I

Agora que a noite começa a desenrolar o seu manto azul, onde essas fadas luminosas, que se chamam estrellas, dançam em torno da sua branca rainha, que percorre o firmamento no seu argenteo carro, umas solitarias e pensativas, como a scismadora Venus, outras formando immensa e jovial choréa, como as brancas estrellinhas da via lactea; agora que principia a ouvir-se ao longe o grave som das Trindades, perfume de harmonia que parece exhalar-se das urnas gigantes dos campanarios, vinde, meus meninos, vinde agrupar-vos em torno de mim, e ouvir as historias maravilhosas que eu tenho para vos contar.

Arredae da fronte os loiros anneis dos vossos cabellos, doirados fios que enreda, teimosa, a brisa folgazã, como que para vos desafiar para novos brinquedos, e fitae-me, fitae-me bem com esses olhos azues, transparentes como o lago limpido, puros como o ceo ridente, que vos quero povoar os sonhos de imagens luminosas d'esse mundo loução de fadas e duendes!

Ó sonhos infantis! Quem poderá jámais saber quanto esvoaçar de azas brancas, quanto rescender de ignotos perfumes, quanto desabrochar de lindas flores, quanto lampejar de suavissimos clarões nos revela aquelle innocente sorriso que volteia nos labios da criança adormecida!

Que deliciosos colloquios não haverá entre essa almazinha gentil, que aspira ao ceo, e os anjos, que se debruçam meigamente do azulado Empyreo, que a tomam nos braços, que a embalam e lhe sorriem!

E eis o motivo por que sempre despertaes chorando; é porque os anjos vos poisam no berço, vos beijam na fronte; porque vêdes as suas azas candidas transporem n'um vôo o espaço, e cerrarem-se com fragor as doiradas portas do Empyreo.

E só vos aplaca o choro o meigo sorrir das mães: porque, se ha anjos na terra, onde se abrigariam elles se não fosse no brando seio maternal?

Onde encontrariam imagem mais perfeita do seu Paraiso?

Mas entre o ceo e a terra ha outro mundo de encantos, onde esvoaçam as fadas travêssas, os maliciosos duendes, que são tambem amigos das criancinhas, e as vão poisar, ás vezes, no purpureo regaço das rosas, ou nas rendas prateadas do immenso vêo do luar.

De dia dormem escondidas no calice das flores, ou no seio dos lagos, ou nas folhas das arvores; mas, quando soam Trindades, eil-as a esvoaçar no ambiente, e é o bater das suas azas, o chilrear das suas vozes, que produzem esses ineffaveis murmurios que vos encantam, e que vos fazem até cair, sem saberdes por quê, n'uma doce melancolia.

São ellas quem ensinam aos rouxinoes esses maviosos gorgeios, esses deliciosos trinados, que toda a natureza escuta embevecida n'um vago extase.

São ellas quem accendem nos pyrilampos esse phantastico fulgor que vagueia nos prados, e matiza de oiro o fundo verdejante da relva.

São ellas quem desentranham do seio das flores as nuvens de perfumes, que espalham depois rindo na atmosphera.

É o seu bafo a brisa voluptuosa e leve, que faz correr um vago estremecimento pelas corollas gentis das rosas e dos lyrios.

Por isso a noite é mais formosa do que o dia; porque o dia pertence aos homens, e durante a noite imperam os espiritos subtis.

A natureza vê passar com indifferença, e até com odio, o homem que se diz seu rei, e cuja realeza é uma verdadeira tyrannia.

Porque o homem decepa as arvores frondosas; colhe as flores que viçavam alegres, e que vão finar-se em ramalhetes; acorda os echos doridos com o estrondear das suas espingardas; e a toda a parte, onde estabelece o seu dominio, leva comsigo a destruição e a morte.

Nunca viram, meus meninos, arder uma floresta? É horrivel! As arvores contorcem-se na agonia, erguem ao ceo os ramos esbrazeados, soltam gritos de desesperação. Não é a vegetação inerte que se reduz ao nada, é a vida que fenece em convulsões.

E quem incendiou a floresta? Quem brandiu o facho assolador entre a folhagem lustrosa? Foi o rei da natureza! Foi o monarcha da creação!

As fadas e os duendes não destroem assim esses mysteriosos sanctuarios, onde se abrigam tantos amores, tantas vidas, tão incessante trabalho de renovação! Tem, pelo contrario, com elles mil desvelos; são ellas quem descerram a pouco e pouco os verdes botões das rosas do matto; são ellas que penetram nos troncos, e fazem girar a vivificante seiva em todos os pontos da arvore caduca; são quem a ajudam depois a desabrolhar em pimpolhos, em flores e em fructos.

Por isso, quando á noite dançam e folgam nos ares, toda a natureza se compraz em lhes adornar os festejos; as brisas volteiam com as suas urnas cheias de aromas; os rouxinoes descantam as suas arias; a orchestra immensa dos pinhaes, das carvalheiras e dos salgueiraes entrega aos arcos invisiveis do vento as

frementes cordas das suas franças, ou deixam que mão ignota doideje vagamente nas teclas das suas frondes! E tudo canta, ri e folga, porque são as fadas que dançam, as fadas aéreas, os travêssos duendes.

E o homem entretanto, encerrado nas suas mesquinhas moradas, respira uma atmosphera corrompida, sente o suor a borbulhar-lhe na fronte depois de dar um giro na sala abafadiça, e cerra cuidadosamente as janellas, para que lhes não chegue nem um murmurio, nem um effluvio, nem um raio de luz.

E a natureza aproveita a ausencia do rei da creação, e canta, e folga, e ri, porque são as fadas que dançam, as fadas risonhas, os duendes maliciosos.

II

Em toda a parte ha fadas, meus meninos; mas, como podem suppor, não tem o mesmo genio, a mesma indole nos differentes sitios. N'uns pontos persegue-as o infortunio, n'outros sorri-lhes a ventura.

Na nossa terra abençoada, em que temos ceo de veludo, aguas de cristal, sol de oiro vivo; onde nos ares limpidos parecem brotar por encanto musicas suavissimas; onde viçam flores com profusão; onde as brumas são véo ligeiro que touca as cumiadas dos montes, e não gélido manto que envolve as planicies, folgam as fadas de viver. É este o paiz dos seus sonhos, este e a Hespanha, e a Italia e a Grecia, onde viveram por tanto tempo as nymphas, as naiades e as dryades, que eram as fadas dos pagãos.

Livres no ar, alimentando-se de perfumes que nunca lhes faltam, abastecendo-se nas madre-silvas e nas magnolias, aquentando-se nos ninhos das avesitas, viajando n'um raio da lua, não tendo mais em que cuidar senão em pentear os seus lindos cabellos, em mirar-se e em banhar-se nas aguas transparentes, apenas uma vez por anno, na bemdita noite de S. João, tem de ser oraculos das donzellinhas, que lhes vem perguntar qual o porvir dos seus amores.

Donosa occupação! Sair do asylo da folhagem e entrar na alma ingenua da donzella é apenas mudar de ninho, e não sei qual será mais suave, mais macio, mais delicioso e mais immaculado.

Estava com passarinhos, com passarinhos vae estar! Pois o que são os amores? E se escutavam deliciosos gorgeios, finas trovas, podiam nunca ser tão mimosos esses cantares como o poema seductor, cujas estrophes resoam n'um coração de vinte annos?

Mas ai! nem sempre é assim. Nos frios paizes do norte, na nevoenta Inglaterra, na verde mas tristonha Irlanda, não encontram as fadas e os duendes as doçuras d'estes ares, os esplendores d'estes ceos, a suavidade d'estas brisas. Mal que chega o inverno, gelam-se as aguas, morrem de frio os passarinhos implumes nos pobres ninhos devastados pela procella, a neve mata as flores, embacia-se o clarão da lua, desmaia a luz e affrouxa o almo calor do sol, não ha perfumes nem galas, e ai de quem intentasse dançar nos ares quando o graniso cae!

Coitados dos pobres duendes! Coitadas das gentis fadas! Elles, que adoram a liberdade, vêem-se obrigados a refugiar-se nos quentes curraes, na cinza do lar, e até na chaminé! Ah! como os seus irmãos dos paizes do sul teriam dó d'elles se os vissem com as azas brancas maculadas de fuligem, a não ser que estejam expostos ao frio e á neve á porta de casa pouco hospedeira, onde não lhes abram sequer uma fisga por onde possam metter os corpinhos enregelados.

Mas os homens são crueis e egoistas, e não concedem um favor sem mirarem a galardão; estão promptos a acolher os pobresinhos dos espiritos, com a condição que estes os hão de servir. E aqui temos os nossos duendes e as nossas fadas, fieis á sua palavra, a ordenhar as vaccas, a guardar as ovelhas, a tratal-as nas doenças, a evitar-lhes o mau-olhado, a proteger os donos da casa, em fim, a fazer o que dez criados não fariam.

Mas, meus meninos, os homens, não contentes com isso, traçam muitas vezes fazer-lhes mal, livrar-se d'elles, descumprir a sua palavra, e isso tudo exacerba-os, e fal-os tambem, ás vezes, maus e vingativos.

Ah! meus meninos, a miseria é a mãe terrivel do mal, tanto nos homens como nos duendes. A miseria, e a escravidão, e a ausencia de luz! Ah! quando virdes um criminoso, não o anathematizeis, mas vêde primeiro em que atmosphera viveu, quaes foram as primeiras idéas que teve, qual o estado da sua intelligencia. E vereis sempre, ou quasi sempre, a miseria, o embrutecimento e as trevas.

Por isso, quando fordes homens, dedicae-vos á grande obra da regeneração dos vossos similhantes, ao seu esclarecimento e á sua educação moral.

E assim tereis cumprido a vossa missão na terra, assim tereis cumprido o grande preceito da nossa religião «a caridade», preceito que encerra em si todos os outros, raio de luz que, em se espraiando pelo mundo, basta para dissipar as sombras mais cerradas.

Mas voltemos aos nossos duendes, de que já nos iamos afastando tanto.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

MOSTEIRO DE LORVÃO

Viagem de Coimbra a Lorvão — Local da aldeia e do convento de Lorvão — Fundação do convento — Grande importancia de que gozavam os monges d'este convento, e convivencia e amizade dos moiros com elles — Conquista Coimbra D. Fernando Magno, por conselhos e instancias dos monges de Lorvão — Estado de riqueza e corrupção a que chegaram estes monges, dando em resultado serem expulsos do seu convento — Doação do convento a D. Theresa, que n'elle estabeleceu a ordem de Cister. Beatificação de D. Theresa e de D. Sancha. Solemne trasladação de seus restos para novos tumulos — Descripção do edificio.

I

Pela importancia historica, preciosidades e bellezas de que é dotado o convento de Lorvão, havia muito que tinhamos nutrido o desejo de visitar este respeitavel monumento, e offerecendo-se-nos ultimamente occasião opportuna, fizemos áquelle sitio uma digressão que muito nos captivou.

Fomos em companhia de um nosso particular amigo, o que nos duplicou o prazer da viagem, toda cheia de encantos.

Eram 8 horas do dia 28 de dezembro ultimo, quando nos pozemos a caminho para o famoso convento.

Depois que descemos o monte de Santo Antonio dos Olivaes, fomos logo impressionados pelo bello aspecto dos oiteiros e valles circunvisinhos de S. Romão, completamente alastrados de neve.

Passado o proximo valle, começámos a caminhar por um territorio que cada vez mais se eleva; e quando chegámos ao alto do *Espinhaço de Cão* ficámos verdadeiramente extasiados com o panorama que d'alli se descortina, e que opéra em nós uma viva commoção pela sua variedade, belleza e magestade. Avista-se Coimbra com os seus pittorescos arrabaldes, o Mondego correndo por entre seus extensos e feracissimos campos, uma infinidade de povoações, montes, oiteiros, valles e ribeiros, formando tudo um vasto e encantador quadro, moldurado pelas areias do Oceano, e por serras longinquas, cujas summidades parecem tocar no ceo. Alli nos demorámos a contemplar aquella magnifica perspectiva, e não foi sem saudade que deixámos tão bello local.

Se tanto nos agradou o que ao longe vimos, não nos deleitaram menos as bellezas que fomos encontrando pelo decurso do caminho: aqui viamos reben-

tar uma fonte cristallina de saborosas e finas aguas; alli admiravamos um prado de viçosa vegetação; acolá serpeava um limpido regato que, encontrando um despenhadeiro, formava uma espumosa e brilhante catadupa; mais além alvos rochedos de quartzo, que o sol fazia brilhar e contrastar com outros de côr pardacenta. Gozando tantas bellezas e caminhando por uma estrada que, apesar de montanhosa, era de bom piso, por ser o terreno em que assenta formado de schistos, chegámos á parte mais culminante da serra, d'onde o panorama, que mais debaixo tanto nos tinha captivado, se via mais dilatado e magestoso, comprehendendo as cumiadas do Bussaco, quasi toda a Bairrada, e distantes e elevadas serranias cobertas de neve.

Dobrando a montanha, avistámos, finalmente, o estreito e profundo valle de Lorvão, formado por montes sobrepostos e elevados, e onde com custo penetram os raios do sol.

Ouvimos então o mavioso tanger do sino do mosteiro, e o som do bronze, repercutindo por aquelles alcantilados montes, vinha, saudosa e docemente, resoar em nossa alma.

Para chegarmos ao melancolico valle gastámos ainda bastante tempo, por causa da extensão da ladeira, em extremo ingreme e despenhada.

II

Para que se faça idéa do encovado e escabroso local do convento, bastará dizer que agradou aos monges benedictinos, os quaes, para as edificações das suas casas, buscavam sempre os logares mais retirados e fragosos, para imitarem o mais possivel os desertos de Sublaco, onde o instituidor da sua ordem primeiro passou vida austera.

O valle é dividido por um pequeno ribeiro, em cujas estreitas margens estão assentes o convento e aldeia de Lorvão, pequena e de mesquinha apparencia. Os seus habitantes quasi todos se occupam na manufactura de palitos, cujo commercio é alli de alguma importancia. Vimos em quasi todas as portas crianças, adultos e velhos trabalhando n'esta industria, e entreteve-nos ver a ligeireza e perfeição com que a executavam.

III

Namorados os monges da aspereza de tão triste solidão, onde as montanhas abruptas que a cercam só consentem que se veja uma pequena porção de ceo, alli fundaram o seu mosteiro.

Acerca do tempo em que foi edificado o convento, tem havido grande diversidade de opiniões. Fr. Bernardo de Brito diz [1] ter visto n'uma memoria antiga, escripta no fim de um livro de mão da propria casa, o seguinte trasladado fielmente:

«Domus nostra Lurbani constructa fuit vivẽte patre nostro Benedicto, et dedicata sanctis martyribus Mameti, et Plagio». Em linguagem vulgar é o seguinte:

«A nossa casa de Lorvão foi fundada em vida do nosso padre S. Bento e dedicada aos santos martyres Mamede e Plagio, etc.»

A opinião de que o convento foi fundado no tempo de S. Bento tem sido contestada por alguns escriptores [2], e Mabillon, tratando d'este assumpto, não assigna a epocha certa em que a regra benedictina se estabeleceu em Hespanha, e affirma só que aqui era já conhecida e praticada no seculo VI [3].

Ferreira diz [4] ser fundador e primeiro abbade do mosteiro de Lorvão, Lucencio, bispo de Coimbra, de 561 a 562.

[1] Chr. de Cister, liv. VI, cap. 29.
[2] Chr. Provin. de Portug. p. I, liv. II, tit. 40, § 7.
[3] No prefacio do tomo I dos Actos dos Santos Benedictinos, § 6, n. 64.
[4] Catalogo dos bispos de Coimbra, n. 2 e outros.

No meio de tantas opiniões differentes, o que só se póde concluir é que a epocha da fundação do mosteiro é muito remota, e que, escondida na obscuridade de muitos seculos, difficilmente se virá a descobrir.

IV

Em todos os tempos o mosteiro de Lorvão gozou grande celebridade e consideração, e foi estimado e respeitado até pelos proprios moiros.

Quando se celebravam concilios, eram a elles admittidos os monges de Lorvão; no Toledano quarto, o bispo de Coimbra foi substituido por Ernulpho, abbade d'este mosteiro, que assignou como vigario e procurador do bispo ausente.

Tendo os moiros invadido a Hespanha, e apoderando-se de Coimbra, viram-se os monges obrigados a pagarem-lhes tributos para se conservarem em socego; mas algum tempo depois Aliboacem, um dos primeiros reis agarenos, tendo recebido d'aquelles santos homens bom agrado e obsequios, tornou-se para com elles tão affeiçoado, que os isentou de vexações [1]; e foi tal a harmonia que houve entre elles e os moiros, que muitas vezes estes iam pelos sitios circumvisinhos de Lorvão montear os veados, e desciam ao convento a comel-os na companhia dos frades [2].

V

Apesar de se darem muito bem com os moiros, conheciam os monges que era muito importante passar Coimbra para o poder dos christãos, e como, pela convivencia e amizade que com os moiros tinham, eram os frades sabedores do que se passava na cidade, e do estado de suas forças, facilmente indagaram occasião propria para a conquista de Coimbra, e foram dois a Carrion, onde D. Fernando Magno estava descançando das fadigas de varias batalhas, aconselhar este monarcha que marchasse com seu exercito sobre Coimbra.

Effectivamente, D. Fernando segue os conselhos dos monges, e, chegando a Coimbra, põe a seus muros apertado cerco, que durou quasi 7 annos. Findo este tempo, faltando a D. Fernando os mantimentos, e talvez descorçoado de tanta demora sem resultado, resolve desistir da empreza. Os monges de Lorvão, porém, que conheciam o muito que lhes importava e ao bem da christandade a conquista de Coimbra, trazem a D. Fernando os soccorros de que carecia, e animam-n'o e resolvem-n'o a continuar com o assedio.

Finalmente, no dia 28 de julho de 1064 [3] o exercito entra pela porta da Traição, e faz tremular as bandeiras castelhanas nos muros de Coimbra.

Bem conheceu D. Fernando o grande auxilio que para o bom exito da empreza tinha recebido dos monges, e por isso, levado dos sentimentos de gratidão, lhes offereceu a cidade; elles, porém, não acceitando tão liberal offerta, unicamente se contentaram com uma egreja, dizendo que lhes era sufficiente com o prazer que sentiam em terem por seu rei a D. Fernando.

VI

Muitos monarchas e pessoas illustres enriqueceram o mosteiro de Lorvão com privilegios e doações, re-

[1] Na Benedictina Lusit., tomo I, trat. II, part. II, cap. IV, vem transcripta a lei de 734, pela qual Aliboacem isenta o convento de Lorvão dos tributos que tinha imposto nos outros mosteiros.
[2] Gasco, Conquista, Antiguidades, etc., de Coimbra, cap. I.
[3] Sobre a epocha certa da conquista de Coimbra divergem os pareceres, mas a maior parte dos escriptores que tratam d'este assumpto opinam pela de 1064, a 28 de julho. Uma das provas que corroboram esta opinião, é uma doação de D. Sisnando ao abbade Pedro da herdade e egreja de S. Martinho, bispo e confessor, na qual se lê: «...In era M.ª II.ª intravit rex domnus fredenandus cui sit beata requies in civitatem colimbriam.» A era apontada corresponde exactamente ao anno de 1064. A cópia d'esta doação vem na *Noticia Historica do Mosteiro de Vacariça*, por M. R. de Vasconcellos.

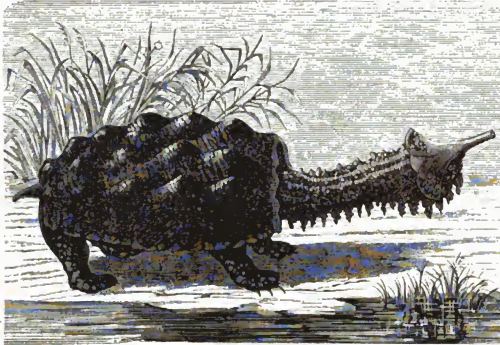
sultando chegarem os frades a um estado tal de riqueza e esplendor, que já por fim viviam mais ao modo senhoril que ao monastico.

Tanta opulencia deu em resultado grandes abusos da parte dos frades, que se portavam com grande inconveniencia passando vida desregrada. Este tão reprehensivel comportamento chegou aos ouvidos de D. Theresa, filha de D. Sancho I; e como esta virtuosa senhora desejasse fundar uma casa religiosa onde passasse seus dias devota e santamente, lembrou-se ser a de Lorvão muito propria para o seu intento, e conseguiu de seu pae que d'alli expulsasse os monges, que tão mal se portavam, sendo recolhidos no mosteiro de Pedroso.

(Continua) AUGUSTO MENDES S. DE C.

MATAMATA

Este animal, especie de tartaruga, pertence á classe dos reptis. A sciencia denomina-o *Testudo fimbria*.

Regula o seu comprimento por setenta centimetros. Tem a cabeça grande, achatada, um pouco redonda na frente, mas terminando em uma como tromba, nos lados guarnecida por duas especies de azas membranosas horisontaes, e, finalmente, enrugada na parte superior. Os olhos são redondos, e estão situados na base da tromba. Tem o pescoço grosso, e nos lados d'este umas pequenas membranas, que parecem franjas, deseguaes no tamanho, alternando-se as maiores com as menores. Este animal, como todos os da mesma familia, é coberto por dois escudos osseos unidos pelos lados: o superior, chamado *casca* ou *concha*; e que está pegado ao espinhaço, é cheio de eminencias pyramidaes, e tão estreito que o animal nao póde recolher n'elle a cabeça e os pés, como fazem as outras especies de tartarugas; o inferior, a que se dá o nome de *couraça*, acha-se unido ao sternon. O corpo é orlado em volta das taes membranas franjadas. Os pés e mãos são curtos e armados de cinco unhas compridas e tortas. A sua côr geral é acastanhada, sendo, porém, mais escura na parte superior, e um pouco mais clara na inferior.

Matamata

Cabeça da matamata vista de frente

Este singular animal é indigena da Cayenna. Abundava outr'ora nos rios que circundavam a ilha d'este nome, porém os caçadores, apreciando muito a sua carne, saborosa e saudavel, tanto os perseguiram, que os afugentaram d'aquellas paragens. Presentemente vivem nos lagos de Magacaré, e no rio de Honassa, a uns cento e vinte e cinco kilometros para o sul de Cayenna.

As matamatas são muito timidas, pelo que se conservam de dia debaixo de agua, e só á noite sáem para terra a pastar, mas sem se afastarem muito dos lagos ou rios. Sustentam-se de hervas que crescem nas suas margens.

São difficeis de conservar com vida depois de terem perdido a liberdade. Entretanto, em França viveu um d'estes animaes por muito tempo, chegando a tirar um filho de uma postura de cinco ovos.

O nome de *matamata* foi-lhes dado pelos naturaes do paiz. Brugniére adoptou-o, porém Cuvier preferiu-lhe o de *chélidas*.

As gravuras que publicâmos, representando este curioso animal, e em separado a cabeça vista de frente, foram copiadas de outras com que o excellente jornal francez, *Le Tour du Monde*, adornou a descripção da *Viagem do Oceano Pacifico ao Oceano Atlantico, através da America do Sul, por mr. Paul Marcoy*.

Le Tour du Monde é, na verdade, um dos mais interessantes jornaes illustrados que se publicam em França. Nenhum se lhe avantaja no luxo da edição e no primor das gravuras, e, com quanto se dedique exclusivamente a descripções de viagens, offerece materia variadissima para estudo e recreio.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

OS COMETAS

(Vid. pag. 67)

IV

Na historia das sciencias ha uma grande solução de continuidade, que se dilata desde o findar da eschola de Alexandria até ao cerrar da edade média. Periodo de transformação e de surdas elaborações; periodo de encyclopedias *de omni scibili*, a edade média afigura-se ao historiador como uma ligação necessaria, como um cataclismo providencial, immenso vortice onde se afundaram as idéas, e como que se casaram diversas civilisações e povos diversos, allumiados e guiados pelo evangelho.

O que foi a edade média, quaes as suas feições caracteristicas, póde v. exc. estudar em um bello trabalho do festejado e talentoso Latino Coelho [1], que v. exc. tanto preza, com justissimas e fundadas razões.

E porque repetir o que alli se encontra exposto tão brilhantemente fôra ousadia desnecessaria e superflua, passarei immediatamente ao seculo XV, em que appareceu o celebre Regiomontanus (Muller), que descobriu o methodo das parallaxes, e observou astronomicamente o cometa de 1472.

Seguiram-se Pedro Apiano, astronomo de Carlos V, e Cardan, que affirmaram que os cometas estavam situados para além da lua, e que a direcção da cauda é opposta ao sol.

Cardan assimilhava-se ás crianças instruidas, que, apesar de conhecerem o pouco fundamento dos seus terrores, não os podem sobrepujar. Assim é que, tendo lido no ceo o instante da sua morte, deixou-se morrer á fome... por não deixar a astronomia mentirosa.

Sempre é bem certo, minha senhora, que os sabios quasi nunca são superiores ao seculo em que vivem.

Tycho e Kepler observaram com grande exactidão os cometas de 1577, 80, 85 e 90, conforme affirma o infeliz Bailly na sua historia da Astronomia.

Galileo, espirito subtil e creador, e Helvecio, rico financeiro, homem illustrado e *roué* illustre, não admittiam que os cometas fossem astros! Como explicar estas aberrações? Na opinião d'estes dois sabios, os cometas não eram senão emanações dos diversos planetas. Modificando a hypothese de Aristoteles, caíram em erros não menos grosseiros.

Descartes, um dos grandes genios que se deixou perder no golphão da philosophia e das theorias; Descartes, partidario acerrimo dos systemas absolutos, que, longe de se moldarem á natureza, pretendem vencel-a só com o poder da razão, sem o concurso da observação e da experiencia, Descartes tambem engendrou um systema sobre os cometas.

Na opinião d'este philosopho, os cometas, no seu principio, foram soes fixos no centro de um vortice particular. Sendo transformados em planetas por uma causa qualquer, e não podendo permanecer nos vortices respectivos, tornam-se errantes e vagabundos, em busca de um vortice apropriado. Os cometas não podem, pois, ser visiveis da terra, senão quando o nosso systema lhes dá abrigo e gasalhado, durante um tempo variavel.

O systema dos vortices tinha uma grande vantagem; explicava tudo, deixando ficar tudo na escuridade. Eram explicações... que não explicavam. Estamos vendo estas anomalias a cada passo.

Raiou, em fim, a nova aurora, tão cheia de promessas; despontou o astro brilhante; surgiu o genio; Newton appareceu.

Os cometas não poderam escapar ao seu olhar de aguia, e estudou-os no seu livro dos *Principios*. A theoria de Newton póde-se resumir assim:

Os cometas são contemporaneos dos planetas; a sua luz vem-lhes do sol; descrevem ellipses muito excentricas no vacuo, obedecendo ás leis da attracção planetaria.

Se os cometas descrevem curvas fechadas, como dizia Newton, infere-se que são periodicos, isto é, que devem voltar em epochas determinadas. Halley demonstrou este grande principio da theoria newtoniana, comparando datas e discutindo as narrativas das chronicas e as tradições dos povos. Applicando a theoria das forças centraes, concluiu Halley que o celebre cometa de 1680, que recebeu o nome do grande astronomo, era periodico. A *prophecia* realisou-se com espanto e admiração de todos, para maior gloria da sciencia.

Os movimentos dos cometas são, comtudo, irregularissimos, e como descrevem ellipses muito achatadas, as quaes tendem a confundir-se com parabolas (verdadeiras ellipses, de que um vortice se transportou ao infinito), segue-se que os astronomos só podem decidir-se comparando os elementos de um cometa com os de todos os outros cometas conhecidos. Se os elementos de dois cometas são eguaes, estes dois corpos são um só cometa, o qual é periodico. Assim fez Halley.

É trabalho improbo e acaso pouco proveitoso narrar chronologicamente os diversos cometas historicos que assombraram os homens com terrores sobrenaturaes. Não devo, porém, esquecer, que quando no seculo IX a Europa se revolvia na barbarie e na ignorancia, já os chinas faziam bellas observações cometarias, de que a moderna astronomia tem tirado grande proveito, como mostra Biot.

Newton destruiu completamente a theoria aristotelica, mostrando que o cometa de Halley soffria no seu perihelio uma temperatura egual a duas mil vezes a do ferro em brasa, e que, portanto, se fosse composto de exhalações e de vapores, seria dissipado em fumo tenuissimo.

Seguiu-se a Newton o conde de Buffon, grande naturalista, mau physico, e pessimo cosmogonico; depois o talentoso Clairaut, que, estudando as perturbações que o cometa de Halley devia de soffrer no espaço antes da sua volta em 1759, traçou o caminho que havia de percorrer. Clairaut fundou d'este modo a mecanica cometaria, e demonstrou que os astros errantes são sujeitos tão sómente, assim como os outros planetas, á attracção universal. O seculo XVIII acaba com Lalande, que prestou valiosos serviços, posto que em 1773 espalhasse um panico terrivel, lendo perante a academia uma memoria sobre o choque dos cometas contra a terra.

V

Eu já disse a v. exc. que os cometas dividem-se em duas grandes cathegorias: periodicos e não periodicos. Fallemos agora dos primeiros.

Como v. exc. já sabe, aos trabalhos de Newton e de Halley deve a sciencia esta noção importantissima. Clairaut demonstrou-a mathematicamente, mas é força confessar que ultimamente muito se tem feito e estudado, posto que o numero dos cometas periodicos seja mui limitado.

O pouco que vou dizer é apenas o transumpto de uma lição professada por Arago, no observatorio astronomico de Paris.

No dia 27 de fevereiro de 1826 viu-se um cometa em Johannisberg, cuja orbita foi calculada por *Gam-*

[1] Os artigos sobre as *encyclopedias*, publicados no *Archivo Pittoresco*, pag. 153 e seguintes do vol. VII, revelam profundo estudo, vasta erudição, e decididas tendencias de ameno divulgador. O talento flexivel do sr. Latino Coelho presta-se a tudo, com egual felicidade. Singular privilegio, e bem digno de invejar!

bart em Marselha. Concluiu-se pelo calculo que o cometa havia apparecido em 1772 e 1815, e que devia voltar em 1832, e atravessar o plano da ecliptica em 29 de outubro, antes da meia noite. Este cometa é o de *Biela*, e o seu periodo é de seis annos e tres quartos.

Segue-se o cometa de *Enche* ou de *Pons*, observado em 1786, 1795 e 1805, estudado em 1822. Foi descoberto em Marselha a 26 de novembro de 1818, e o seu periodo é de 3 annos e tres decimos. Struve viu através do nucleo do cometa uma estrella de 11.ª grandeza.

O sr. Faye descobriu um cometa, que baptisou com o seu nome, e cujo periodo é de sete annos e meio.

Segundo Arago, o catalogo de cometas até 31 de dezembro de 1831 continha os elementos de cento trinta e sete d'estes astros, posto que as apparições ascendessem a mais de seiscentas desde Jesus Christo.

Na opinião de Babinet, o celebre cometa de Carlos V, observado por Pedro Apiano, e que, segundo rezam as velhas chronicas, dera azo a que o imperador-rei abdicasse, trocando as grandezas mundanas pelo silencio da cella monastica de S. Justo, era periodico, isto é, apparecia de trezentos em trezentos annos. Feitos os calculos, annunciou Babinet que em 1861 surgiria o grande cometa das profundezas do ceo. Mas v. exc. sabe que Babinet fez *fiasco*, e que, apesar da auctoridade do seu nome e do soccorro do almirante Smith, um dos maiores astronomos inglezes, a ignorancia implacavel apupou o sabio academico, não faltando *caricaturistas* que se desentranharam em desenhos grotescos, para divertimento da multidão alvar. Todavia, se o cometa de Carlos V não se dignou de sulcar o nosso firmamento, não é este o unico astro errante de longo periodo cujos elementos a sciencia determinou.

O sr. Argelander affirma que o cometa de 1811 gasta tres mil e sessenta e cinco annos em fazer a sua excursão para além do sol, e o cometa de Mauvais, que foi visivel e bem observado durante dez mezes, ha de voltar, segundo o sr. Plantamour, ao cabo de cento dois mil e cincoenta annos!

Haverá ainda então astronomos que os observem? Que será feito da humanidade no fim d'esse grande periodo?

Que de cataclismos e revoluções no nosso globo antes que *esses segundos da eternidade* tenham soado na pendula gigante do tempo!

Antes de terminar este capitulo, permitta-me v. exc. que ainda lhe diga que os cometas brilhantes e magnificos são raros. Durante o seculo que vamos atravessando, os astros erraticos que mais captivaram a attenção dos *espectadores* que povoam a grande platéa que se chama — terra — foram os de 1811, 25, 43, 58 e 61. O penultimo, estudado por Donati, e o ultimo por muitos astronomos, fizeram a admiração de todos os que o contemplaram. D'elles se lembra v. exc., e, portanto, escusado é estar eu aqui a descrever o que os seus olhos viram tão bem, e a falsear o muito que a sua phastasia creou, divagando liberrima nos espaços, presa ao nucleo argentino do astro caprichoso.

(Continua) A. Osorio de Vasconcellos.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Vid. pag. 62)

VIII

Quem julgasse unicamente pelas exterioridades diria que o infante D. Henrique voltava ao seu acampamento tão ébrio de prazer pela victoria, quão cheio de esperanças. No seu rosto esparziam-se, não ha duvida, certa alegria e serenidade, que bem se podiam tomar por signaes de satisfação pelo triumpho obtido, e de confiança na sorte futura. Mas quem podesse ler-lhe no coração, veria ahi desmentidas tanto a alegria como a serenidade, que eram mandadas ao semblante tão sómente pelo esforço da alma e pela politica do general.

O infante D. Henrique não estava ainda de todo descoroçoado. O castello das suas esperanças era tão grande e tão forte, que não se rendia facilmente aos primeiros vaivens da desdita. Já não vinham, é verdade, sonhos doirados alegrar-lhe o espirito. Os seus olhos já não viam tudo côr de rosa. O aspecto carregado das circunstancias ia-lhe enluctando e opprimindo o peito. Todavia, ainda confiava alguma coisa no seu esforço e na bravura dos seus soldados; ainda o animava uma esperança, uma só, mas muito grande, que toda se resumia no auxilio de Deus, que não quereria o exterminio dos que assim se sacrificavam pela gloria do nome do seu unigenito filho.

Por isso quando, na noite em que se terminaram aquelles successos, alguem aconselhou prudentemente D. Henrique a aproveitar-se da ausencia temporaria dos inimigos que elle havia repellido para as serras, a fim de se recolher com todo o exercito a bordo da esquadra, declarou o infante que se aproveitaria d'esse ensejo favoravel, não para fugir, esperando ainda vencer, mas sim para dar um assalto á cidade.

N'essa madrugada, pois, todo o exercito se poz em ordem de peleja. Parte foi destinado a cobrir o arrayal e proteger o assalto contra qualquer aggressão externa, e o resto correu cheio de ardor, á voz de *Santiago*, contra os muros de Tanger.

Como no ataque geral a toda a cêrca das muralhas tinham sido infelizes, e em parte se attribuiu este mau successo á divisão das forças, agora ordenou o infante que se empenhassem todas as tropas em um unico ponto.

Prevenidos com um alto castello de madeira, com algumas escadas que tinham accrescentado, e com outras vindas de novo de Ceuta, deu-se principio ao assalto por um lanço de muro, onde as bombardas haviam feito anticipadamente bastante estrago.

A sorte das armas, porém, continuou a ser adversa ás quinas de Portugal. Se o ataque foi dirigido com muito vigor e denodo, a defesa foi sustentada com extraordinaria valentia. Os que ousaram montar a brecha foram d'ella precipitados, e quantos se atreviam a tentar a escalada retrocediam, ou caiam victimas das flechas e das pedras, do azeite fervente e das materias inflammadas que, tão copiosas como chuva, lhes atiravam de cima. O linho e o alcatrão em fogo eram em tal quantidade, que algumas escadas se incendiaram carregadas de gente.

Vendo o infante D. Henrique tão tenaz resistencia nos moiros, e tanto destroço nos seus sem nenhuma vantagem adquirida, mandou tocar a retirada. Mas apenas entrado no arrayal, longe de desistir, cuidou immediatamente de fazer construir melhores aprestos para novo assalto.

Em quanto estas obras progrediam com a maior actividade, trouxeram á presença do infante D. Henrique dois almogavares, que acabavam de ser aprisionados perto do arrayal. Inqueridos ácerca da situação e força da sua gente, declararam ao infante, que além dos inimigos que via em torno do seu acampamento, vinham sobre elle com immenso poder, e já bem perto, o rei de Fez e o imperador de Marrocos.

Nas circunstancias afflictivas em que se achavam os portuguezes, esta nova era de per si bastante para quebrar o animo aos mais esforçados. E comtudo não foi capaz de abater aquella grande alma de D. Henrique, que sempre se mostrava superior a todos os golpes da adversidade, quaesquer que elles fossem.

Em seu logar, outro general só pensaria n'aquelle momento em salvar-se a si e ao exercito da medonha tormenta que ia sobre elles rebentar; e era este o unico alvitre que a prudencia aconselhava em tão apertada conjunctura. Mas aquelle corajoso principe só pensou em apressar os preparativos do ataque para accommetter a praça, antes que chegassem os exercitos que vinham em seu soccorro. Era um esforço derradeiro e desesperado, embora temerario, de que o infante não queria prescindir. O destino é que lh'o não consentiu.

Os exercitos de Fez e de Marrocos chegaram mais cedo do que se presumia.

IX

Corrêra o infante D. Henrique eminente perigo ao recolher-se ao arrayal. Tendo-se deixado ficar para traz, a fim de servir de escudo ao ultimo dos seus soldados, viu-se envolvido de imporviso no meio de um grande tropel de inimigos.

A coragem, como sempre lhe succedia, não abandonou o principe; mas fraquejou-lhe o cavallo, e caiu morto trespassado de golpes. Os alfanges dos infieis erguiam-se já sobre a fronte prostrada de D. Henrique, quando Fernando Alvares Cabral, seu guarda-mór, rompendo como um leão por entre a turba multa, deteve por um momento, com o arrojo do seu animo e com o esforço do seu braço, a crua vingança dos barbaros.

Aquelle momento passou rapido como o pensamento, mas foi bastante para a salvação do principe. Um pagem do infante D. Fernando, que presenciava aquelle tremendo conflicto, pôde soccorrer D. Henrique com outro cavallo, e ajudal-o prestes a montar.

O bravo Fernando Alvares pagou com a vida a temeridade d'aquelle generoso sacrificio; porém, salvou o seu principe e seu general, que, acutilando como louco e desesperado, conseguiu abrir caminho através das hostes sarracenas.

Novos perigos e grave desgosto vieram assaltar o infante apenas entrado nos entrincheiramentos. Alguns fidalgos, e muitos cavalleiros e escudeiros, prezando a vida mais que a honra, acabavam de abandonar o campo, e lá corriam direitos á praia a lançar-se nos bateis, demandando refugio a bordo das naus. O exemplo dos primeiros arrastou os segundos. Os fugitivos já orçavam por mil, e as hostes inimigas, que perseguiram a D. Henrique até junto das estacadas, reforçadas de instante para instante com as novas partidas que iam chegando, cercavam e apertavam por todos os lados o acampamento christão.

O infante D. Henrique não viu então, nem pesou a immensidade do perigo que o ameaçava, porque a indignação que lhe trasbordava da alma não lhe consentia ver mais do que aquella vergonhosa covardia. Exaltado por esse sentimento violento, tentando desaggravar a honra nacional por um d'esses actos de desesperada coragem, que ou dão triumpho, ou põem termo á vida; ou querendo, talvez, lavar com o seu proprio sangue a nodoa que caíu sobre o seu exercito, reune á pressa os soldados que lhe restam; colloca-se-lhes á frente; com aspecto carregado e com voz rouca e imperiosa intima-lhes a ordem de combate; e precipita-se furiosamente sobre os moiros.

Aquellas grossas muralhas de peitos humanos, que cercavam o arrayal eriçadas de alfanges e flechas, abalam-se, chocam-se, e desmoronam-se ao rijo embate de tão inesperado accommettimento.

Rotas e desordenadas as fileiras inimigas, tomados de sobresalto os chefes, e cheios de terror todos os moiros, em breve espaço foi o arrayal desaffrontado da presença dos sitiantes, e os nossos recolheram-se a elle cançados de acutilar, mas cobertos de muita gloria.

Em quanto estas coisas se passavam em terra, D. Pedro de Castro, que governava a armada, não lhe soffrendo o animo ver tranquillo refugiarem-se a bordo tantos guerreiros, em quanto que os infantes estavam com os mais portuguezes no acampamento expostos a tão grande perigo, arremessa-se para dentro dos bateis com os poucos soldados que tinha de guarnição ás naus, e apresenta-se no arrayal.

Succederam-se uns aos outros estes acontecimentos com tal rapidez, e achavam-se todos os animos por tal modo absortos e preoccupados com tão fortes e differentes impressões, que nem o infante D. Henrique, vendo diante de si o apparato de um cêrco, cuidou em abastecer novamente de viveres o arrayal; nem D. Pedro de Castro, que tudo presenciava de bordo, se lembrou de trazer para terra alguma cópia de provisões que ainda havia nos navios.

Lembraram-se d'ahi a pouco; mas já era tarde. Os moiros tinham voltado sobre o acampamento. D'esta vez eram ainda em muito maior numero. Estavam reunidas alli todas as suas forças; reinava boa ordem nas suas fileiras, e aos seus movimentos presidíra o melhor acerto. Os christãos já não podiam communicar-se com os navios da armada. O cêrco do acampamento fechára-se completamente.

O infante D. Henrique fôra passar revista aos mantimentos, e apenas encontrára os sufficientes para o sustento de dois dias. Nem no rosto, nem na voz exprimiu dor ou receio. Ordenou que se melhorassem quanto fosse possivel as fortificações; poz a sua esperança em Deus, e resignou-se com a sua sorte. Já não havia outro alvitre mais do que vencer ou morrer.

X

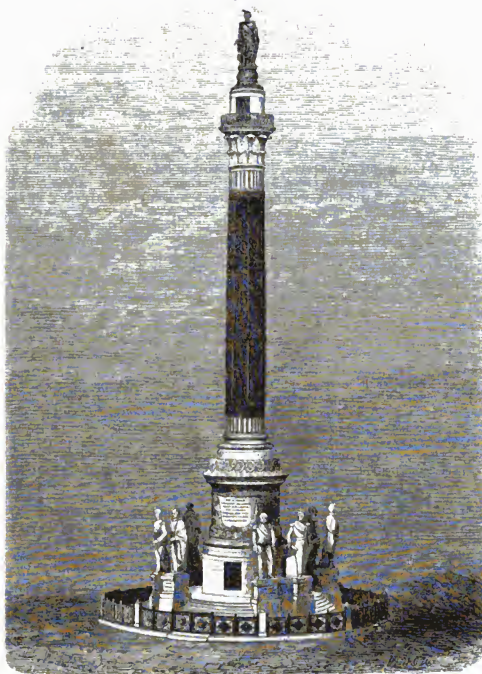
No dia seguinte, era uma quinta feira 10 de outubro, deram os moiros um ataque geral ao acampamento christão. O rei de Fez, á frente do seu exercito, foi o primeiro que rompeu o combate. As tropas do imperador de Marrocos, as dos outros regulos e alcaides, e as da cidade, seguiram-se umas após outras com tal ordem, que conservaram até ao fim da peleja a furia e vigor unicamente proprios do começo de uma batalha.

Os nossos soldados, que na vespera, vendo-se sem provisões e tão estreitamente cercados, desafogavam-se em queixas contra a mesquinha sorte que assim os expunha e obrigava a morrerem como ovelhas dentro de um curral, defendendo-se agora como homens que se consideram perdidos, obraram taes prodigios de valor, que, no fim de quatro horas de lucta, as trombetas arabes deram signal de retirada, apesar da immensa superioridade das suas forças.

Apenas os moiros se recolheram ao seu campo, tratou immediatamente o infante D. Henrique de reunir conselho, para se accordar no que mais cumpria fazer em tão criticas circunstancias. Na verdade, em tamanho extremo não podiam lembrar outros meios que não fossem os de salvação. Todos, pois, concordaram no unico que pareceu exequivel, e consistia em reunirem-se todas as tropas em um só campo, e durante a noite romperem a linha inimiga para o lado do mar até chegarem á praia, e ahi, n'um ponto circunscripto, defenderem-se obstinadamente até que, auxiliados pela armada, se fossem acolhendo ás naus os que se podessem salvar.

Infelizmente, este plano foi mallogrado pela traição de uma alma vil, pela traição de um indigno clerigo, que por covardia vendeu seus irmãos, e renegou a religião de Christo. Esse infame, chamado Martim Vieira, que era capellão do infante D. Henrique, não crendo n'aquelle meio de salvação, e atterrado com o aspecto da fome, e com as ameaças da morte ou do captiveiro, fugiu para os inimigos, onde comprou a liberdade a troco da denuncia que fez, e da abjuração da fé christã.

(Continua)

I. DE VILHENA BARBOSA.

Segundo projecto premiado do monumento a sua magestade imperial o sr. D. Pedro IV

A gravura que precede este artigo representa o modelo para o monumento do sr. D. Pedro IV, que figurou no concurso com o numero 6, e ao qual foi conferido o segundo premio, na importancia de 1:000$000 réis. Foi seu auctor o sr. Antonio Thomaz da Fonseca, architecto mui distincto, e filho de um dos mais insignes pintores portuguezes da epocha actual, o sr. Manuel Antonio da Fonseca, professor de pintura historica da academia das bellas artes de Lisboa.

É feito o modelo de gesso e madeira. Compõe-se de seis partes principaes: base, envasamento, pedestal, columna, lanterneta e estatua.

A base é circular, e divide-se a seu turno em duas partes: a primeira é guarnecida de gradaria, com os escudos de armas das provincias do continente do reino e ultramarinas, e com oito pilares para candelabros: a segunda consta de uma escadaria de oito degraus, adornada com oito estatuas erguidas sobre outros tantos pequenos pedestaes, rectangulares e emparelhados, que estão cortando o terceiro degrau da dita escada. As estatuas representam os oito principaes personagens que auxiliaram o immortal dador da Carta a reconquistar para Portugal os fóros da liberdade. Esses personagens são os srs.: duques da Terceira, de Palmella e de Saldanha; almirante Napier, conde do Cabo de S. Vicente; José Xavier Mousinho da Silveira e José da Silva Carvalho, ministros da fazenda do augusto regente; visconde de Sá da Bandeira, hoje marquez do mesmo titulo; e visconde da Serra do Pilar, o bravo defensor da fortaleza d'este nome, da conservação da qual dependia a sorte da cidade do Porto, e, por conseguinte, a da causa constitucional.

O envasamento é circular como a base, e n'elle se vêem cinco logares destinados para inscripções.

O pedestal tem a mesma fórma do envasamento e base. Decoram-n'o os brazões de armas de Portugal, do Brasil e da casa de Bragança, collocados entre festões de loiro e carvalho. Na frente está a dedicatoria; e forma-lhe o escapo da cornija uma cercadura de estrellas e collares da ordem da Torre e Espada.

A columna tem o fuste coberto, na sua maior parte, de laminas com o texto da carta constitucional.

A lanterneta ergue-se sobre o capitel da columna, com uma grade em volta que lhe serve de varanda.

A estatua do sr. D. Pedro IV tem por base a lanterneta, e representa o soberano vestido de general, com a fronte coroada de loiro, com o manto real pendente dos hombros, tendo na mão direita a Carta Constitucional, e apoiando a esquerda sobre a espada.

Pelo interior da columna deve subir uma escada em espiral, de ferro fundido, conduzindo á varanda que coroa o capitel. Dar-lhe-ha entrada um porta praticada no envasamento da columna. Receberá luz de seis janellas, tres abertas no dito envasamento, e as outras tres na lanterneta. N'esta ficará a porta da saída para a referida varanda.

Devem ser de bronze as grades do envasamento e da lanterneta; os brazões de armas do pedestal; as laminas destinadas a conter o texto da Carta Constitucional, sendo as letras doiradas; e a estatua do libertador.

A columna e os pedestaes das oito estatuas que adornam a base serão de marmore azul de Cintra; as ditas oito estatuas de marmore de Carrara; e o resto do monumento de pedra lioz das cercanias de Lisboa, que pertence á classe dos marmores.

O monumento deverá ter de altura 42^{m},3, e de largura na base 20^{m},2.

Concorrem n'este projecto algumas circumstancias que o recommendavam á consideração do jury, e que o faziam digno da preferencia, não obstante a monotonia produzida pela fórma circular que predomina em todo o monumento. D'entre essas circumstancias, a que mais avulta a nossos olhos é a principal decoração da base.

É, na verdade, um bello pensamento dar por companheiros ao libertador, no monumento erigido em sua honra, os homens que mais o ajudaram a adquirir para si a gloria que o fez immortal, e a conquistar para a patria a liberdade, que fará volverem-se de nôvo para Portugal dias de prosperidade e ventura.

N'aquellas oito estatuas ficavam representados os serviços que fizeram á causa constitucional e ao throno da sra. D. Maria II o exercito e a marinha, a diplomacia e a magistratura administrativa. E pois que tão ousada empreza constituiu uma verdadeira epopéa, pelos actos de heroicidade e devoção civica que a illustraram, será incompleto o padrão que houver de commemoral-a, se n'elle não forem representadas as figuras, ou pelo menos gravados os nomes, dos grandes vultos historicos que mais sobresáem n'essa epopéa da liberdade ao lado do seu primeiro heroe — o rei soldado.

Todavia, este projecto de monumento, além de demandar uma base excessivamente larga em relação ao local para onde era destinado, peccava contra uma condição do concurso, que o excluia do certamen. O seu custo era muito superior á verba consignada para a construcção. O auctor declarava, é certo, que sendo as oito estatuas de marmore a causa do excesso da despeza, podiam ser supprimidas. Cremos, porém, que sem ellas não só ficava destruido o pensamento, que em nossa opinião mais recommendava o dito projecto, mas tambem o proprio monumento sería, a nosso ver, prejudicado.

I. de Vilhena Barbosa.

DOMINUS TECUM...

(CONTO PARA CRIANÇAS)

(Conclusão. Vid. pag. 74)

III

Oiçam pois, meus meninos, esta historia, em que vêreis como os duendes se transformam com a miseria e com o mau exemplo dos homens.

Aqui tem eterna juventude, lá chegam a envelhecer e tem uma velhice repugnante; aqui não pensam senão nas suas fadas, lá ousam querer raptar as filhas dos homens.

Ora pois, havia na Irlanda um camponez chamado Patricio, que pedira um favor a um duende, offerecendo-se a recompensal-o; mas, apenas se viu servido, fiado no caracter bom d'esses genios benevolos, não pensou mais em similhante galardão.

O duende, que já era velho e rabugento, e moído de trabalho, enfadou-se com esta falta de palavra, e condemnou o camponez a servil-o sete annos e um dia.

Sentença dada por duende irritado inscreve-se no livro do destino, e lá não é possivel arrancarem-se as folhas, como se fez em Portugal, nem queimar a casa onde o livro está, como se fez em França.

O pobre Patricio, que não quizera dar uma pequena recompensa, viu-se obrigado a servir seu amo sete annos, sem ao menos ter a esperança que teve Jacob, que se viu mettido em eguaes danças, como os meus amiguinhos sabem, mas a quem fôra promettida em premio a formosa Rachel.

E, ainda assim, Jacob não tinha senão que pastorear os rebanhos de Labão, o que, por fim de contas, não é uma occupação desagradavel.

Mas o pobre Patricio, esse estava em peiores circumstancias. Além dos trabalhos habituaes, fazia tambem de escudeiro de seu amo, e tinha de o acompanhar nas suas excursões nocturnas, excursões que eram sempre feitas a cavallo.

Mas a cavallo em que? Imaginam que iam montados em guapos corceis, como esses em que os seus papás montam, ou em pacatos burrinhos, como esses em que os meus meninos vão tambem dar os seus passeios?

Pois não; as coudelarias do nosso duende tinham outra casta de cavalgaduras; eram immensas porque abrangiam toda a natureza, e porque, a fallarmos verdade, os cavallos não occupavam muito espaço. Chegavam, por exemplo, ao meio de um campo; viam duas feveras de palha, o duende pegava n'uma, dava outra a Patricio, e dizia-lhe: «Monta».

Montar era facil de dizer; mas de fazer? Parece-me, realmente, que o mais perito mestre de equitação se havia de ver seriamente embaraçado.

Patricio arrancava os cabellos, amaldiçoava a sua avareza, que o levára áquelle misero estado; mas como arrancando os cabellos ficava calvo, e não transformava a palhinha nem em burro nem em corcel, não tinha remedio senão montar, e lá ia elle por esses ares fóra atraz de seu amo, que cavalgava tão ufano como se montasse no celebre Bucefalo de Alexandre, em que os meus meninos talvez já ouvissem fallar.

De que elle tinha medo principalmente era que os seus visinhos o vissem n'aquella figura, mas d'isso não havia perigo; o duende, sendo invisivel para olhos profanos, tornava-o invisivel tambem a elle.

Outras vezes não eram feveras de palha, mas juncos e cannas os corceis escolhidos; o bom do Patricio quiz ver se conseguia que seu amo acceitasse dois paus de vassoura, que sempre seriam, em fim, cavalgaduras mais commodas; mas, apenas elle abriu a boca, o duende respondeu-lhe com tanta dignidade que isso era bom para as bruxas, que o pobre irlandez não ousou insistir, e tratou de ver se aprendia as regras da picaria aérea, e de escolher a posição mais commoda que podesse na tal fevera de palha que o transportava pelos ares.

Ora um dia, ou antes uma noite, o duende chamou Patricio e disse-lhe com modo benevolo:

— Meu amigo, determinei casar. Estou a fazer mil annos, e parece-me que é tempo de tomar estado e familia. Escolhi para minha noiva a formosa Jenny, e vamos esta noite buscal-a.

Patricio bem desejaria responder que os olhos azues,

as tranças loiras, a rosea boca e as faces nevadas da formosa Jeuny não deviam ser para um velhote como elle, e que um noivo de mil annos, a querer tomar estado, devia escolher uma centenaria, e não uma rapariga na flor dos seus vinte annos, e que, além d'isso, razão de todas a mais forte, Jenny casára n'esse mesmo dia, e n'esse instante devia-se estar celebrando a boda em casa do noivo. Mas Patricio bem sabia que o duende não gostava de reflexões, e, portanto, sem tugir nem mugir, montou a cavallo n'uma folha de couve, que era o corcel de gala, e seguiu seu amo pelos ares fóra.

IV

Tudo era festa e riso em casa de Jenny. Brindes sem conto soavam a cada instante, as violas desprendiam os seus alegres epithalamios, e a mesa, servida á farta, ostentava-se com a alvissima toalha no meio da casa.

A noiva era realmente galante a mais não poder ser. Nos olhos tão azues e tão meigos parecia que se refugiára a côr do ceo, expellida do firmamento pelas nuvens, e com a côr do ceo a doçura dos anjos.

Os cabellos tinham o colorido das espigas de trigo; na boca pequenina esvoaçava um sorriso de amor, como borboleta em rosa. As faces eram tão brancas, tão brancas, que desmaiaria junto d'ellas a neve das montanhas de Erin; mas n'esse momento incendia-as o prazer e tingiam-se de reflexos roseos, como a nivea toalha dos pincaros, quando o sol a illumina ao descair no occaso.

O noivo era um rapaz esbelto e varonilmente formoso. O olhar ardente com que, para assim dizermos, enlaçava Jenny, mostrava o immenso amor que lhe tinha; a meiguice dos raios de luz, que emanavam dos olhos da gentil irlandeza, revelava que a voz d'esse amor encontrára um echo no coração da formosa que o duende cubiçava para noiva.

Os convivas agrupavam-se em torno da mesa, e no logar de honra, campeava o gordo padre prior, que fazia frente a um magnifico prato de cabeça de porco, flanqueada de feijões, que lhe levava os olhos, como a formosa physionomia de Jenny enlevava o enamorado esposo.

O duende e o seu criado entraram sem ninguem dar por elles, e foram-se sentar commodamente n'uma das traves do tecto. Os cavallos haviam ficado no telhado fóra do alcance das outras cavalgaduras, que seriam muito capazes de as devorar, sem respeitarem por fórma alguma a confraternidade que as pobres folhas de couve allegariam.

Empoleirado alli assim, Patricio estava talvez um tanto incommodado, principalmente porque lhe chegava o cheiro dos bons manjares que ufanos campeavam em cima da mesa, e o seu estomago segredava-lhe que seria muito melhor fartal-o a elle do que fartar os olhos com as saborosas iguarias.

Mas o bom irlandez bem sabia que o seu duende nunca lhe consentiria mostrar-se; e, portanto, consolava-se pensando que talvez a ceia das bodas de seu amo fosse ainda melhor do que essa que o estava namorando.

Depois relanceou os olhos para a noiva, e em seguida para o seu companheiro da trave, e pensou que era realmente uma barbaridade ligar assim tão donosa primavera a tão encarquilhado inverno.

N'isto a noiva espirrou.

Um espirro não é coisa que envergonhe ninguem, mas o espirro de Jenny fez tanta bulha, que a pobre menina córou muito, sentindo que todas as vistas se haviam voltado para ella.

Excepto, ainda assim, as do padre prior; o anafado sacerdote empunhava o garfo e a faca, e, com os olhos cravados na cabeça de porco, a nada mais dava attenção.

Era natural, meus meninos, que dissessem á formosa Jenny o consagrado *Dominus tecum;* ninguem, effectivamente, queria faltar a esse dever; mas a cortezia ordenava que se deixasse o padre prior tomar a iniciativa, e, por conseguinte, todos esperaram.

O padre prior tomava n'esse instante a iniciativa, mas era de se deitar á cabeça de porco; cravou o garfo destramente, vibrou com certeza rara a faca a um bom tassalho, e transportou-o do prato geral para o seu prato particular.

Terminada essa difficil operação, o padre prior poisou as armas triumphantes ao lado do prato, travou gravemente da colhér, e, em tres ou quatro viagens, fez mudar de gasalhado, e erigiu, em enorme acervo, uma respeitavel quantidade de feijões.

Ninguem ousou advertil-o do seu esquecimento, e, depois d'esse pequeno incidente, a festa continuou com o mesmo estrondo e enthusiasmo.

A bulha dos queixos do padre prior superava o tumultuoso acompanhamento.

Mas o duende é que dava pulos de contente na trave, e dizia a Patricio:

— Se ella dá mais dois espirros e ninguem lhe diz *Dominus tecum*, é minha; foi isso o que Satanaz me prometteu.

O pobre Patricio enfiou; decididamente, o nosso irlandez tinha boa alma; se não fosse a tal avareza...

Em fim, ninguem póde ser perfeito.

D'ahi a instantes Jenny espirrou de novo; mas a pobre menina ficára tão envergonhada da primeira vez, que o segundo espirro comprimiu-o por tal fórma, que ninguem o ouviu, nem mesmo o seu noivo, que se via obrigado n'esse instante a escutar uma enorme dissertação de seu sogro sobre o cultivo da batata.

O padre prior comia.

Por conseguinte, ainda d'essa vez passou o espirro sem o competente *Dominus tecum.*

O duende pulava, dava cabriolas, fazia bulha tal, em fim, que por mais de uma vez um ou outro conviva olhou para o tecto, mas, não vendo coisa alguma, julgou que seriam ratos e continuou a divertir-se.

Patricio scismava; era realmente uma dor d'alma ver tão gentil menina cair em poder d'aquelle espirito malicioso: pensava que talvez a podesse salvar, mas lembrava-se das iras de seu amo, que podiam cair sobre elle, e abanava a cabeça deixando-se ficar mudo e quêdo.

Finalmente, soou o terceiro espirro da menina, ainda mais comprimido que os dois primeiros.

Mas ao mesmo tempo retumbou no tecto um formidavel *Dominus tecum*, que fez tintinar os vidros e tremer os convidados.

E logo um corpo humano veiu, aos rebolões pelo espaço, baquear em cima da mesa, entornando o prato do padre prior, que soltou um grito de desespêro, e apanhou na batina o naco de cabeça de porco, antes que um mastim faminto, que andava rondando os pés das cadeiras, désse com tão boa fatia.

Era Patricio que, vencendo as suas indecisões, reunira todas as suas forças e coragem, e salvára d'essa fórma a formosa Jenny.

Ao mesmo tempo ouviu-se uma voz que dizia:

— Despeço-te do meu serviço, mas ahi tens o ordenado.

Não era mau, effectivamente; o irlandez esteve tres mezes em lençoes de vinho, e ficou toda a vida com uma dor nas costellas.

Mas os dois noivos, a quem elle contára o que estivera para lhes succeder, foram-lhe eternamente gratos, ajudaram-n'o muito na sua vida, e, quando envelheceu, levaram-n'o para casa, onde teve sempre uma boa cadeira, onde se sentava a apanhar a sua restea de sol, e onde entretinha os filhos de seus hos-

pedes, contando-lhe as suas viagens aéreas, e a historia dos tres espirros.

V

Cerrou-se a noite de todo, meus meninos, e o sereno esplendor da lua branqueia-vos as rosadas faces; desperta a natureza quando adormece o homem; as flores entre-abrem os seus thuribulos, a fonte desdobra o transparente cristal das suas aguas, e as naiades chorosas entoam os seus lamentos.

Já o somno começa a fazer-vos pender a fronte; brincastes, correstes durante o dia á luz do sol, chega a hora do repoiso; depois, quando fordes crescidos, gostareis de ficar, como eu fico, a contemplar o estrellado docel do firmamanto, e a perguntar ás vozes mysteriosas da natureza qual é o segredo que faz palpitar tantos mundos na abobada estrellada; gostareis de ver os campos onde o luar se espraia, as infindas maravilhas da creação, mas oh! nunca vereis panoramas como os que vos sorriem agora nos meigos sonhos da infancia.

Ide pois; esperam-vos os anjos escondidos detraz das cortinas alvas do vosso leitosinho, e, se algum espirito aéreo se vos entre-mostrar tambem, não tenhaes medo, porque os habitantes d'estes ares luminosos são fadas meigas e risonhas, e não duendes malignos.

M. PINHEIRO CHAGAS.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Vid. pag. 79)

XI

A rapida accumulação das forças sarracenas para o lado da praia patenteou aos nossos consternados soldados que o seu projecto estava descoberto pelo inimigo, mesmo antes de darem pela evasão do padre.

Passou-se a sexta feira sem lucta entre os moiros e christãos, pois que no arrayal d'estes ultimos já a fome começava os seus horriveis combates.

No dia seguinte, ao romper da aurora, appareceram os exercitos sarracenos formados e dispostos á roda do acampamento portuguez em ordem de batalha. Mas, quando os sitiados esperavam resolutos o signal do ataque, viram adiantarem-se alguns poucos moiros com signaes de paz, e assim caminharem até junto das estacadas. Vinham, com effeito, propor pazes.

Bem sabiam os moiros as circunstancias apertadas em que os nossos se achavam; por bem segura tinham elles a victoria; mas, como desejavam mais recuperar a cidade de Ceuta do que destruir o exercito christão, entenderam, e com razão, que mais facilmente obteriam a entrega d'aquella praça por uma capitulação antes da batalha decisiva, pois que, se n'ella morressem os infantes, o que muito receavam, conhecendo já por experiencia o seu arrojo e valor, perdiam n'elles o melhor penhor para a conclusão de similhante ajuste.

Propozeram, portanto, os arabes a capitulação nos seguintes termos: Ser-lhes-hia entregue a cidade de Ceuta com todos os moiros captivos que estivessem n'ella, ou em Portugal, e tambem o arrayal com todas as artilherias, armas, cavallos, bagagens e tendas. Em troca deixariam sair livremente e embarcar a todas as tropas portuguezas.

Ouvida esta proposta, logo o infante D. Henrique convocou a conselho os seus principaes capitães; e ahi se decidiu que, visto acharem-se n'uma situação já sem esperanças, se mandasse um enviado aos soberanos de Fez e de Marrocos para tratar com elles sobre tão grave assumpto.

Foi escolhido para esta delicada missão Rui Gomes da Silva, alcaide-mór de Campo-Maior, cavalleiro tão distincto por sua nobreza e bravura, como notavel pela sua muita prudencia e talento. Acompanhado, pois, de Paio Rodrigues, escrivão da fazenda del-rei D. Duarte, partiu immediatamente para o campo dos sarracenos.

XII

Má estrella guiára desde o principio esta empreza dos infantes. Corriam-lhes as coisas sempre tão contrarias, que parecia haver na sorte o capricho de levar ao ultimo extremo do infortunio essa longa cadeia de fatalidades.

Assim, pois, em quanto nas tendas dos reis moiros tratava das condições da paz o enviado christão, as hostes sarracenas, que ainda não tinham largado o seu posto ameaçador em frente do acampamento portuguez, tomando a demora por covardia dos seus chefes, insoffridas por se lhes escapar a vingança que tanto desejavam saciar, arremetteram contra as trincheiras sem ordem, mas com medonha furia.

De todos os assaltos que os infieis deram ao arrayal dos christãos, nenhum foi tão valente e porfioso como este; em nenhum outro correram tamanho perigo a liberdade e a vida dos sitiados.

Durou sete horas o combate, e em cada hora vinham novas phalanges de sarracenos substituir as que principiavam a fraquejar. E quando viram, por fim, que não podiam vencer os portuguezes com o ferro dos seus alfanges e agomias, nem com a immensa raiva que lhes redrobava as forças, nem com todo o peso de seu excessivo numero, soccorreram-se ao fogo, e lançaram contra as estacadas lenha com alcatrão e outros combustiveis incendiados.

O valor e coragem dos portuguezes passaram por mais esta tão dura prova. Aprouve, porém, a Deus conceder-lhes animo e força para resistir a tão poderoso inimigo. Concorreu bastante para este resultado o bispo de Ceuta, que, durante toda a acção, ou combatia nas trincheiras coberto de armas como um soldado, ou, envolto em suas vestes pontificaes, animava uns fallando-lhes na patria e no rei, nas honras e na gloria, e exaltava outros com o nome sagrado de Jesus Christo, e com a promessa da bemaventurança.

Em vez de descanço, depois das grandes fadigas d'este dia, passaram toda a noite os portuguezes a trabalhar com a maior actividade para abrir novos fossos e plantar novas estacadas com que encurtassem mais o arrayal do lado da cidade, que já lhes falleciam os braços para guarnecer e defender tão larga cêrca de trincheiras. Ninguem se escusou ao trabalho. O infante D. Henrique dava o exemplo, cavando com uma enxada, ou tirando terra dos fossos com uma pá. Ao amanhecer estava a obra concluida.

Era um domingo, 13 de outubro. Os moiros deixaram n'este dia em repoiso os christãos; mas outros inimigos, peiores ainda que os moiros, os vieram combater e atormentar. Tinham-se acabado na vespera os mantimentos, e o inimigo, no continuo apertar do cêrco, apossára-se de algumas fontes e poços, e lançára animaes mortos nos que havia juntos ás estacadas, d'onde os portuguezes já mal se abasteciam. Assim se levantaram no arrayal a fome e a sêde com todo o horror de seu vulto sinistro e ameaçador.

Os miseros estavam reduzidos a comer a carne dos cavallos que iam matando para se alimentarem. Porém nem tinham lenhas para a assar. Com as sellas e albardas que queimavam mal aqueciam aquella triste comida; e mais triste ainda pela diminuta ração que a cada um se repartia, e pelo pouco que promettia durar.

A sêde, essa então era abrasadora. Viam-se muitos soldados deitados sobre a terra onde havia alguma

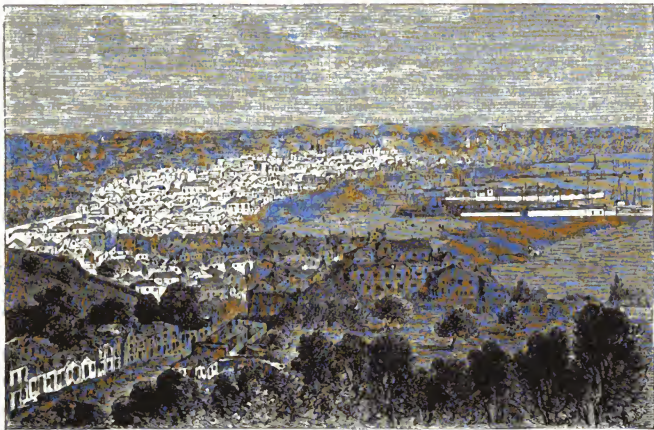
humidade, para a sugarem com seus labios sequiosos. Outros nem já tinham forças para tanto, prostrados e vencidos por aquella dura necessidade. Acudiu-lhes, porém, Deus em tão afflictivo transe, enviando-lhes algumas gottas de agua em chuva pouco copiosa, que, pouca como foi, a todos deu alento, e a muitos salvou a vida, ficando ainda alguma provisão d'ella.

N'esta horrivel situação, resolveu-se em conselho que se empregassem todos os esforços para se ir, pouco a pouco, estendendo o entrincheiramento para o lado do mar, até se conseguir chegal-o, ou, pelo menos, aproximal-o da praia, de modo que fosse possivel, com o auxilio da armada, salvarem-se a bordo dos navios.

Por conseguinte, apenas anoiteceu todos se deitaram a esse trabalho com a diligencia e boa vontade que bem se póde imaginar. Mas pouco se pôde fazer, porque, ao amanhecer, foi mister largar, a fim de occultar o intento ao inimigo em quanto podesse ser.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

PANORAMA DA CIDADE DE SETUBAL

É Setubal a terra do reino que mais se parece com Lisboa, pela sua situação ao longo da margem direita do Sado, que se dilata em frente da cidade, como o Tejo, formando um porto que não conta menos de cinco kilometros de largura, e que offerece accesso não facil, mas abrigo seguro aos navios de commercio de maior lotação que sulcam os mares. Vista, pois, do rio, apresenta Setubal um panorama encantador, e que dá uma idéa da cidade mais grandiosa do que na realidade é.

Panorama da cidade de Setubal

A gravura que publicâmos, posto que fiel, por ser cópia exacta de uma photographia, pecca pelo lado opposto, porque não deixa ajuizar favoravelmente, e em toda a luz da verdade, da grandeza d'esta terra, nem da belleza da sua situação.

Esperando offerecer aos nossos leitores outra gravura que melhor retrate esta importante cidade, aguardâmos essa occasião para dar algumas noticias sobre a sua interessante historia e descripção, pois que é esta uma das povoações do reino de mais antiga origem, de mais tradições historicas, e a terceira, depois de Lisboa e Porto, no movimento commercial, e no trato com as nações estranhas. E a todas estas circunstancias, que são bastantes para lhe dar consideração em todo o paiz, accresce ainda um merecimento que nenhuma outra terra do reino lhe póde disputar. Consiste em possuir perto dos seus muros a cidade romana de *Cetobriga*, tão rica em objectos de arte, e sepultada apenas à flor da areia que a cobre.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

OS COMETAS

(Vid. pag. 78)

VI

Haverá motivo para nos arreceiarmos do choque de um cometa?

Durante muito tempo ninguem soube responder a esta pergunta, aliás interessantissima, porque influe nos destinos da humanidade.

Eu vou relatar em poucas palavras o que se tem dito sobre este assumpto.

A pergunta acima exposta contém outra implicitamente, e divide-se em duas:

Poderá haver choque?

Dado o choque, haverá cataclismo?

No *Annuaire du bureau des longitudes* responde Arago ao primeiro quesito.

Whiston havia dito que um cometa fôra a causa do diluvio universal. Arago demonstrou que um cometa cujo diametro fosse egual a um quarto do da terra, e estivesse mais proximo do sol do que esta no seu perihelio, apresentaria uma probabilidade de choque contra duzentos oitenta e um milhões.

Analysando outras hypotheses aventadas por espiritos amantes das crises tetricas e completamente alheias á harmonia da creação, demonstrou Arago que não havia probabilidade alguma de choque, em qualquer caso, ainda o mais desfavoravel.

Dêmos, porém, que haja encontro. Vem logo Herschell e Babinet socegar os nossos terrores, com razões inconcussas e altamente scientificas.

Em 1857 espalhou-se o boato extravagante de que um cometa devia encontrar-se com a terra, destruindo-a completamente, no dia 13 de julho. A data era fatidica e cabalistica; as descripções anticipadas faziam arripiar as carnes aos mais scepticos; o socego foi perturbado; alguns abandonaram o trato dos negocios, e houve até alguem que já ouvia nas solidões do ceo o horrido fragor do igneo gigante que caminhava, caminhava inexoravel como o destino, implacavel como o cutelo do algoz.

Babinet veiu consolar a pobre humanidade, que se contorcia nas vascas do terror e nas garras da afflicção; Babinet, espirito superior e engraçado, apodou de *nadas visiveis* os cometas, innocentes flagellos dos homens ignorantes.

Sabia-se que algumas estrellas haviam sido vistas através da massa cometaria, sem que o seu brilho padecesse alteração sensivel. Concluia-se immediatamente que a massa cometaria era pequenissima, e pequenissima a sua densidade; mas, empregando uma discussão facil e quasi intuitiva, mostrou o sabio astronomo que a atmosphera, alumiada pela lua, é novecentas mil vezes mais brilhante do que a materia cometaria que existe no ceo em pleno sol. Mas a luz d'este astro tem uma intensidade oitocentas mil vezes maior do que a lua cheia, segundo as medições photometricas do sabio Wollaston; infere-se logo que a nossa atmosphera, esclarecida pelo sol, é *setecentos mil milhoes* de vezes mais brilhante do que o cometa!

Medindo depois a absorpção da luz através dos cometas, chega Babinet ao resultado soprendente de que, para ajuntar a substancia cometaria ao ar atmospherico dilatado, seria necessario reduzir a densidade d'este a uma outra expressa por uma fracção que teria a unidade por numerador, e cujo numerador seria a unidade seguida de cento vinte e cinco zeros!

Nos seus *Études et Lectures sur les Sciences d'observation*, a proposito do grande cometa de 1861, diz Babinet o seguinte:

«Vou repetir aqui o que tantas vezes hei dito, a saber: que o choque de um cometa não tem effeito algum sobre a terra, e que a materia cometaria não póde penetrar na atmosphera, assim como o bafejar da respiração não penetra em uma bigorna.

«Muitas vezes me hão dito, porém, que, apesar da materia cometaria não penetrar na terra, póde, comtudo, ser uma substancia toxica, um veneno muito activo, como o acido hydrocyanico (acido prussico), e este vapor, posto que muito ligeiro, exterminar por envenenamento.

«Aos que se comprazem de temer perigos imaginarios e de sentir as commoções do terror, respondo que, se a medicina homœopathica fizesse tomar a um doente um volume egual á sé de Paris, ou ao Pantheon, cortado na cauda de um cometa, este remedio seria insufficiente, em virtude da sua pequena quantidade.»

Em outro logar já Babinet havia affirmado: «que quando o sr. Herschell, nos seus *Bosquejos Astronomicos*, dissera que a cauda de um cometa poderia pesar tão sómente algumas libras ou mesmo algumas onças, tinha encontrado tantos incredulos quantos os leitores. E, comtudo, a sua avaliação é ainda exaggerada, comparada com a que é verdadeiramente.»

Perguntará agora v. exc., com o espirito atilado que a caracterisa, como é que algumas particulas analogas aos gazes, rarefeitas em espaços tão consideraveis, podem ser vistas a distancias tão grandes?

É facil a resposta.

Repare v. exc. no fumo de um charuto que sóbe em espiraes graciosas e translucidas, e que se espalha em um aposento, sem nunca deixar de ser visto. Os raios solares directos ainda tornam mais visivel o fumo que se vae dilatando á proporção que sobe. Tomando em conta o numero das golfadas que um fumador extrahe de um charuto dos mais exiguos, ficará v. exc. espantada da grandeza do volume occupado por tão pequeno peso de materia reduzida a vapores, sem que os olhos deixem de a ver perfeitamente.

VII

Newton é, sem duvida, o maior genio de entre todos os que hão interrogado com os olhos do espirito as magnificencias e esplendores do firmamento. Seguindo, porém, a hierarchia do talento, vemos logo depois, e pouco abaixo, surgir o grande vulto de Laplace, o Newton francez, como lhe chamou Babinet com justissimos motivos.

Laplace, intelligencia creadora e sagaz, pessimo observador e grande geometra, parece que foi creado para concluir a obra entrevista por Newton. Seguindo os dictames do sabio inglez, derramando nos mais difficeis problemas jorros de luz que elle desentranhava das profundezas da sua vastissima intelligencia, Laplace foi a expressão mais brilhante do muito que pede a analyse, esse instrumento sublime, quando manejado com sagacidade e perspicacia.

Para que v. exc. conheça de alguma fórma a cosmogonia do admiravel geometra, que honrou a França e a humanidade com os seus trabalhos estupendos, vou eu resumir em pouquissimas linhas, e com a possivel clareza, a substancia do livro que tem por titulo *Exposição do Systema do Mundo*.

Quando Laplace escreveu este livro, que retumbou em todas as academias do mundo, o systema planetario conhecido constava de onze planetas com quarenta e oito satellites.

Eram já conhecidos e estudados os movimentos de rotação do sol, de seis planetas, da lua, de um satellite de Saturno e do seu annel, e dos satellites de Jupiter. Ajuntando estes aos movimentos de revolução, eram ao todo quarenta e tres, dirigidos no mesmo sentido.

Esta permanencia no sentido dos movimentos celestes levou Laplace á applicação do calculo das probabilidades, o qual lhe demonstrou, na proporção de quatrocentos mil milhões de probabilidades contra uma, que esta harmonia não era devida ao acaso, senão a uma lei cosmogonica que presidiu á formação dos mundos. Considerando outrosim, que a inclinação da maioria d'estes movimentos orbiculares sobre o equador solar é mui pequena, e attentando, já na pouca excentricidade das orbitas dos planetas e satellites, já no consideravel alongamento das ellipses cometarias, sem que entre estes dois extremos houvesse continuidade, Laplace convenceu-se que a mesma causa regular e necessaria havia produzido todos estes effeitos. Qual era, porém, esta causa? Qual a força que gerou e dirigiu os movimentos planetarios, ou, antes, que communicou aos corpos do nosso systema um movimento quasi circular e no mesmo sentido em volta do sol? Essa causa não podia ser outra senão um fluido que se diffundia até aos derradeiros limites do mundo solar, e envolvia o astro radioso, como a nossa atmosphera envolve a terra. Correram os seculos na clepsydra da immensidade, o enorme calor que mantinha a fluidez dos corpos foi-se dissipando a pouco e pouco, o involucro atmospherico condensou-se progressivamente até se circunscrever nos

limites actuaes, formando os planetas que contemplâmos agora.

Oiçâmos o proprio Laplace:

«No estado primitivo em que considerâmos o sol, assimilhava-se elle ás nebulosas que o telescopio nos mostra compostas de um nucleo brilhante, rodeado de uma nebulosidade, que, como se condense na superficie nuclearia, deve transformal-a um dia em estrella.

«Se concebermos, por analogia, que todas as estrellas são formadas assim, podêmos imaginar o seu estado anterior de nebulosidades, precedido de outros estados em que a materia nebulosa era cada vez mais diffusa, ao mesmo tempo que o nucleo se tornava tambem menos luminoso e denso. Tal foi, de feito, o primeiro estado das nebulosas observadas por Herschell com particular cuidado, empregando os seus telescopios potentes, e por meio dos quaes pôde seguir os progressos da condensação, não em uma só, senão no conjuncto de todas, assim como, em ampla floresta, é possivel seguir o crescimento das arvores nos individuos de edades diversas.

«Herschell observou primeiro a materia nebulosa espalhada em diversos acervos nas differentes regiões do ceo, de que occupa grandissima extensão.

«Viu em alguns acervos aquella materia frouxamente condensada em volta de um ou de muitos nucleos pouco rutilos. Em outras nebulosas brilham mais estes nucleos em relação á nebulosidade que os rodeia. As atmospheras de cada nucleo, se porventura se separarem em virtude de uma condensação ulterior, dão origem a nebulosas multiplas, formadas de nucleos brilhantes mui proximos, cada um dos quaes é cercado de uma atmosphera. Ás vezes a materia nebulosa, condensando-se uniformemente, produz nebulosas denominadas *planetarias*. Em fim, um maior grau de condensação transforma todas estas nebulosas em estrellas.

«As nebulosas, classificadas segundo este modo de ver philosophico, indicam com extrema verosimilhança a sua futura transformação em estrellas, e o estado anterior de nebulosidade das estrellas existentes.»

Seguindo este mesmo raciocinio em relação ao sol, chegâmos com Laplace á quasi certeza, ou, pelo menos, á grande verosimilhança, de que os planetas foram formados nos successivos limites da atmosphera solar, e que, resfriando-se, tiveram de abandonar, no plano do seu equador, zonas de vapor, que a attracção mutua das suas moléculas transformou em diversos espheroides.

Tal é a theoria cosmogonica de Laplace. Resta ver agora se é applicavel aos cometas.

Parece á primeira vista que os astros erraticos saem fóra da alçada d'esta hypothese; mas, se a analysarmos mais detidamente, podêmos considerar os cometas como pequenas nebulosas de nucleos errantes no espaço, e passando de uma esphera de attracção para outra.

Explica-se assim o desenvolvimento consideravel das caudas e comas ao aproximarem-se do sol. Chegados á esphera attractiva do sol, os cometas descrevem ellipses ou hyperboles tanto em um sentido como no outro, seguindo todas as inclinações possiveis com a ecliptica. Convem notar, porém, que todas as probabilidades são a favor das orbitas ellipticas, por isso que ainda se não observou um só cometa que descrevesse uma hyperbole.

Laplace, applicando o calculo das probabilidades, que lhe foi poderosissimo instrumento de investigação, achou que uma nebulosa, entrando na esphera activa do sol, descreverá uma ellipse ou uma hyperbole de preferencia a outra curva na razão de seis mil probabilidades contra uma.

(Continua) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

MOSTEIRO DE LORVÃO

(Conclusão. Vid. pag. 75)

VII

Na vespera do natal do anno de 1200 [1] foi el-rei com o bispo de Coimbra e com o abbade de Alcobaça a Lorvão fazer entrega do convento a D. Theresa. Lançou, então, o abbade o habito de Cister á rainha e a muitas senhoras illustres, que a quizeram acompanhar n'esta troca dos prazeres e riquezas da corte pela solidão e humildade do claustro.

Alcançou D. Theresa o que tanto desejava, e, tendo passado encerrada no seu mosteiro uma virtuosa e exemplar vida, falleceu com fama de santa, e foi sepultada na egreja do convento, junto de sua irmã D. Sancha, egualmente virtuosa, e que tinha fundado o mosteiro de Cellas.

Depois de sepultadas as rainhas, começou a espalhar-se de tal fórma a fama das suas virtudes, que por todos eram consideradas como santas, posto que ainda não estivessem beatificadas.

O cardeal D. Henrique foi o primeiro que começou a tratar da beatificação das duas virtuosas irmãs, e empenhou-se tambem n'este negocio D. Sebastião; mas, quando se principiaram as competentes indagações, succedeu a infeliz jornada de Africa, e o cardeal D. Henrique, depois d'esta tão lastimosa catastrophe, luctou sempre com tantos trabalhos e inquietações, que não pôde attender mais ao santo negocio da beatificação das rainhas.

Só no reinado de D. Pedro II, por diligencias das religiosas de Lorvão, foram satisfeitos os seus ardentes desejos, governando a egreja Clemente XI, que primeiramente beatificou as rainhas *vivæ vocis oraculo* em 13 de setembro de 1704, e depois por bulla de 23 de dezembro de 1705. O mesmo papa concedeu, em 14 de setembro de 1709, missa ás santas e officio proprio para toda a sua religião e para o bispado de Coimbra; e depois, movido por justas queixas, estendeu esta graça a todo o reino e seus dominios, por decreto de 11 de fevereiro de 1713, ordenando que todo o clero regular e secular reze e diga missa das santas do commum nos dias de seus transitos, 13 de março e 17 de junho.

Em 1713, vendo a abbadeça D. Bernarda Telles de Menezes que as antigas sepulturas das rainhas não correspondiam á elevadissima jerarchia de santas, ordenou que se fizessem dois cofres de prata, que foram encommendados por fr. João de Faria (então procurador geral da religião de S. Bernardo na cidade do Porto) a Manuel Carneiro Silva, artista habil e engenhoso.

A trasladação dos ossos para os novos cofres foi pomposa e solemnissima, e a pequena aldeia de Lorvão converteu-se então n'uma corte. A camara de Coimbra teve convite especial del-rei para assistir ás festas [2].

O dom abbade geral de Alcobaça ordenou que hou-

[1] *Chronica de Cister*, e *Agiologio Lusit.* t. III, fl. 729.

[2] Á camara de Coimbra mandou el-rei a seguinte carta: «Juiz, Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade de Coimbra. Eu, El-Rei, vos envio muito saudar. No Mosteiro de Lorvão se ha de fazer a trasladação dos Veneraveis corpos das Rainhas Santa Theresa e Santa Sancha, que se achão no mesmo Mosteiro, a que ha de assistir o bispo d'essa Cidade; hei por bem que no dia que elle vos avisar vai fazer a dita trasladação, assistais a ella no dito Mosteiro em corpo de Camara. Escripta em Lisboa a 10 de outubro de 1715» Esta carta foi entregue ao senado de Coimbra por intervenção do bispo da mesma cidade, o qual tambem lhe escreveu outra sua em que dizia: «Que sua Magestade lhe tinha encarregado aquella funcção; que elle a determinava fazer no Sabbado seguinte, que se contavão 19 do mez; e que n'elle se devia de achar o Senado presente pelas tres horas da tarde ao exame das Reliquias; que lhe encommendava convidasse doze pessoas das mais qualificadas da Cidade, e que sendo possivel fossem todas Cavalleiros do Habito, porque, revestidos nos mantos da sua ordem, pegarião nas varas dos Pallios, na Procissão que se havia de fazer no dia vinte e dois.»

vesse fogos de artificio, charamelas e trombetas, e o bispo não se poupou a despezas, convidando distinctos musicos para maior alegria e solemnidade.

Disposto o necessario, partiu para Lorvão o dom abbade geral a 17 de outubro, e foi recebido á porta da egreja com pallio e *Te Deum*. O bispo, que chegou no dia seguinte, foi da mesma fórma recebido. Concorreu tambem o cabido, grande numero de abbades e religiosos de varias ordens, muitas pessoas ecclesiasticas e seculares, os substitutos do corregedor e do juiz de fóra, os quaes empunhavam as suas insignias, todos vestidos á corteză, e oito cavalleiros da ordem de Christo tambem vestidos nobremente. Para maior pompa assistiram tambem algumas companhias de soldados da comarca [1].

Estando a egreja ricamente adornada e completamente cheia com as pessoas já nomeadas, principiou-se a ceremonia pela abertura dos tumulos antigos. O de Santa Theresa tinha um epitaphio latino, que, traduzido, é o seguinte:

«Aqui descança a rainha D. Theresa, filha del-rei D. Sancho I de Portugal, a qual, havendo sido casada algum tempo com el-rei de Leão D. Affonso IX, annullando o matrimonio e desprezando as coisas do mundo, vestindo o habito cisterciense n'este convento de Lorvão, que por sua industria passou dos monges de S. Bento para as religiosas de S. Bernardo; e perseverando n'elle mais de vinte annos, falleceu com muitos applausos de prudente, generosa e modesta, cheia de muitas virtudes, e com maravilhosos prodigios de santidade, no anno do Senhor de 1250».

Examinadas as reliquias, foram trasladadas para o rico tumulo de prata.

O antigo sepulchro de D. Sancha, que se abriu em seguida, tambem tinha uma inscripção latina cuja traducção é:

«A infanta D. Sancha, filha del-rei D. Sancho I de Portugal, que em todo o decurso da sua vida applicada a obras de virtude consagrou a sua virgindade ao Senhor, seguindo a vida monastica no convento de Cellas, que edificou junto aos muros de Coimbra, resplandecendo n'elle com os ornatos das maiores virtudes e fama de grande santidade, falleceu no anno do Senhor de 1229, e foi trasladada por sua irmã para este templo de Lorvão, e repoisa n'este tumulo».

Os ossos de Santa Sancha foram tambem encerrados em outro tumulo de prata, egual ao de Santa Theresa.

Esta solemne e apparatosa funcção acabou ás 10 horas da noite com geral contentamento. Seguiram-se então vistosas luminarias, fogo e repiques de sinos fazendo concerto com charamelas e trombetas. No dia 20 de outubro, que era domingo, deu-se principio a um esplendido e solemnissimo triduo. De tarde houve harmoniosas musicas, e um panegyrico das santas. A festa continuou com egual pompa nos dias seguintes, havendo no ultimo uma procissão que circuitou pelo corpo da egreja, porque não consentiu o tempo que saisse fóra [2]. Assim terminaram tão apparatosas festas, e as santas rainhas, inspirando aos fieis piedosa devoção, permanecem ainda nos seus ricos tumulos na egreja do convento de Lorvão.

XIII

O tempo, que com sua mão de ferro tudo consome, não poupou o edificio fundado pelos filhos de

[1] Na *Vida de Santa Theresa*, por José Pereira Bayão, d'onde tirámos muitos apontamentos para este artigo, vem nomeadas em particular as pessoas que assistiram á solemnidade, que tambem alli vem narrada com mais minuciosidade.

[2] Na obra citada na nota antecedente descreve-se toda a solemnidade com maior minuciosidade.

S. Bento, e é muito provavel que depois d'esse se fundasse outro que não fosse o actual. O que hoje vemos julgâmos ser obra do seculo XVII, porque, n'uma das suas portas está esculpida a data de 1630. Aos lados superiores d'esta porta vêem-se as seguintes inscripções, que julgâmos ser mais antigas, as quaes copiâmos com toda a fidelidade.

Lado esquerdo:

POST HAL AMVM ALFONSI REGISII
ARASIA FVNDAT.
LoRVANI MoNACHAS. ET MONI
ALISOBIT.
ANNO· 12·

Do lado direito de quem lê está esta:

REGIA PROGENIES. PIA VIRGO.
SANCIA CELLAS.
EXTRVIT. INDE oBIENS.
CAELICA REGNA PETIT.
ANNO 12

O exterior do edificio é magestoso, e fórma um angulo que, com um comprido muro, e com umas casas que servem de hospicio, fecha um extenso pateo quadrilongo.

«A egreja de Lorvão é um d'aquelles templos cujos limiares jámais podem transpor-se sem que sejâmos assaltados a um mesmo tempo dos nobres sentimentos de religiosidade, admiração, respeito e piedade [1].» A sua architectura é sumptuosa e elegante, e encerra bellezas dignas de admiração.

O côro é lindissimo, adornado com primorosos entalhes de madeira e quadros a oleo; as grades que o separam da egreja são bem executadas e com engastes de metal.

Ha na egreja, além do altar-mór, que tem um optimo throno doirado, e columnas de pedra, admiraveis pelo seu tamanho, mais sete lateraes, e em dois d'estes estão depositadas as santas nos preciosos tumulos de prata em relêvo, representando ramos e flores, com pedraria de côres differentes n'ella engastada, e tudo assente sobre veludo carmesim. Estes ricos cofres tem de comprimento oito palmos, dois e meio de largo, e altura proporcionada, e estão cobertos por valiosos pannos de damasco branco primorosamente bordado de oiro.

Os outros altares são adornados com bellos retabulos, e com pinturas de Pascal Parente.

Do tecto vêem-se pendentes grandes candelabros suspensos por optimas correntes doiradas.

A porta do templo é tambem digna de attenção, por ser de muito boa madeira chapeada de ornatos de metal.

As freiras de Lorvão são hoje já muito poucas e em edade provecta. Não está talvez longe o dia em que, faltando as habitadoras ao mosteiro, elle fique ermo e abandonado; e que farão então os homens do governo? «Venderão o edificio e a cêrca a algum d'estes judeus do seculo XIX, a que chamâmos agiotas, se algum houver a quem passe pelo espirito ter uma casa de campo em Lorvão? [2]» Deus permitta que tal não aconteça. O mosteiro de Lorvão, monumento historico valiosissimo, que recorda tantos e tão grandes factos, deve ser respeitado sempre, e conservado com religiosa veneração.

AUGUSTO MENDES S. DE C.

[1] *Memoria Historico-Chorographica*, pelo sr. doutor Henriques Secco.

[2] Sr. Alexandre Herculano. *Nação*, n. 1747.

D. Fr. Caetano Brandão, arcebispo de Braga

I

A historia da vida e feitos d'este varão, verdadeiramente illustre, que, tirado da obscuridade do claustro para as arduas funcções do episcopado, logrou alcançar pelo nobre desempenho do seu alto ministerio um nome glorioso, é sobremaneira extensa, e abunda em particularidades, tão instructivas quanto curiosas, para que possamos restringil-a convenientemente, circunscrevendo-nos ás exiguas dimensões que para ella se nos facultam nas paginas d'este semanario.

Deixára de si o venerando prelado, n'um e n'outro hemispherio, brilhantes e saudosas recordações, que lhe asseguram, no correr dos seculos, a estima e veneração devidas aos bemfeitores da humanidade; mas que, para serem dignamente expostas e apreciadas, requerem mais larga escriptura.

Os que, porém, desejarem haver de suas acções amplo e cabal conhecimento, poderão saciar esse desejo. Percorram os dois grossos volumes que, com o titulo de *Memorias*, compoz, ou antes colligiu em singela e desaffectada narrativa, o diligente academico Antonio Caetano do Amaral, tecidos na maior parte de trechos e extractos das cartas familiares escriptas pelo proprio arcebispo: volumes que, apesar de publicados posthumos em 1818 (e não de todo completos, por faltar-lhes o promettido appendice), se tornaram pouco vulgares, e são actualmente muito menos conhecidos do que talvez deveram sel-o, attenta a utilidade real, que na sua lição e consulta encontrariam, se não nos enganâmos, os leitores estudiosos.

D'essas *Memorias*, pois, e de outros escriptos de bem merecido credito, compendiaremos em breves traços o que mais proprio nos pareça para servir de incentivo aos que se propozerem beber mais amplas noticias na fonte que deixâmos indicada.

Ahi se comprehende, disseminada por entre especies variadas, e egualmente ponderaveis a outros respeitos, uma serie de factos importantes e de notavel alcance. Factos que mal podem ser desdenhados, ou ficar escurecidos aos olhos dos que, embora absortos no exame e combinação dos problemas que de mais perto interessam a economia social, conservam, todavia, apego sufficiente ao ninho paterno, para folgarem de reconhecer e prezar os esforços de quem, antecedendo-os, conseguíra resolver, sem maior apparato, algumas d'essas questões complicadas, que tamanho predominio vão ganhando na civilisação hodierna.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O INFANTE D. JOÃO

(DA CHRONICA DE FERNÃO LOPES)

I

A terras da Beira, riba do Côa, tinha el-rei D. Fernando ido caçar; porque por alli havia boas tapadas, abundantes de ursos e javalis.

Levava formoso seqüito e apparatoso trem de caça.

Leonor Tellés, a formosissima rainha, cavalgava a seu lado, e em roda os principaes da corte. Entre elles ia o infante D. João, primogenito fructo da desditosa Ignez de Castro.

Seguiam-se após os monteiros em grande copia, com sabujos e alãos os mais formosos e anafados, que atroavam os ares com latidos e uivos, correndo ligeiros e contentes.

O ceo azul e esplendido da primavera brilhava com um sol radiante. As arvores rebentavam floridas; para um lado, tapetes de malmequeres e papoilas se desenrolavam na campina; para o outro, moitas cerra-

das de pinheiros, charnecas de tojo e rosmaninho florido e fragrante; os trigos viçosos tremiam ciciando com uma leve brisa; as oliveiras, vestidas de folhas, negrejavam no chão verde de searas; aqui, de uma fonte rebentava um arroio de cristallina agua; ao longe, n'uns comoros que se erguiam, purpureava uma seara de papoilas, e estendia-se um manto de relva estrellado de boninas.

Já soam os gritos, já correm em phrenesi os alãos, já o estrepito do galopar fere os ouvidos, já os gritos dos monteiros e dos caçadores ensurdecem.

Vae no seu maior ardor a caçada!

D. João montava o mais formoso cavallo que a raça do Alemtejo, tão irmã da andaluza, produzira. Nobre de fórmas, airoso no meneio do collo, no contorno da anca. Os tendões vigorosos sobresaiam-lhe na pelle; a boca espumava mordendo o freio; as ventas levantavam com os sopros grossos rolos de poeira; os olhos chammeavam com ardor e insoffrimento; e todo o corpo, branco de suor e espuma, estremecia e vergava sob os vigorosos joelhos do nobre cavalleiro.

O infante ia na carreira de um javardo.

De repente a fera revira-se sobre o seu inimigo, empina-se, lança as mãos sobre o cavalleiro para o arrebatar da sella; D. João ergue-se sobre o arção dianteiro e foge ao golpe; o javardo arranca o arção trazeiro, leva com elle a aljava da anca do cavallo, e cae redondamente no chão.

Levanta-se, larga a fugir, e D. João a seguil-o.

— *Bravor, Rabez!...* a elle! — assim gritava o infante aos seus queridos alãos, tão queridos, que com elles dormia ás noites, com elles repartia as suas comidas.

E a fera corria, corria n'uma carreira desordenada; de vez em quando revirava a cabeça, e com uma das prezas rasgava o ventre, o pescoço ou as pernas dos cães que mais perto lhe iam no seguimento, e fugia, fugia, correndo sempre.

O infante, perseguindo-o de perto, media a distancia que a ascuma lhe poderia ganhar; o cavallo ia ferido e sem arção, mas por isso nem ao cavalleiro diminuia o fogo, nem ao cavallo a velocidade.

Depois os cães filaram o porco n'um emmaranhado arvoredo; o infante correu sobre elle, e arremessou a mais vigorosa ascumada que até alli fôra vista entre caçadores.

A ascuma entrou pelos polpões da coxa e saiu pela espadoa.

II

Era o infante D. João grande caçador, não só n'este genero, mas de aves, açores e falcões; e na caça de lebres, coelhos e rapozas.

Era, diziam, o melhor para domar um cavallo, entre todos os cavalleiros de Hespanha; grande justador e torneador; muito amigo de correrias e saltos a cavallo e a pé, por noites de tempestade no inverno, por dias de calma no estio; e, além d'isto, bem proporcionado de corpo e de feições, amigo sincero, agasalhador e generoso.

Affecto extremo o ligava a seu irmão, mestre de Aviz, de maneira que, conforme D. Pedro, seu pae, lhes ordenára, acompanhavam ambos em partidas de caça, comendo, dormindo, vivendo sempre juntos como irmãos os mais amigos e unidos.

III

Aconteceu que o infante se enamorou um dia de D. Maria Telles, irmã da rainha, e viuva de Alvaro Dias de Sousa.

A viuva era formosa, e moça ainda, cheia de elegancia e airosidade, e mui cortez e agasalhadora para com todos; mas em bom porte e seriedade nada havia que lhe lançar em rosto.

D. João amava-a com ardor e desejos extremos.

Propostas que lhe fez foram por ella recusadas, e, ainda que D. Maria tivesse diante dos olhos o que Leonor com el-rei praticára, não lhe consentia o animo deixar-se resvalar em tal caminho.

Combinado que foi, uma noite, estando sua aia presente, recebeu o infante para entre si trocarem mutuas e formaes explicações.

A viuva, que tambem o amava, vendo no casamento um licito meio de alcançar seus desejos, pensava em seduzil-o, decidindo-o a apertar o nó solemne.

Era formosa, já aqui se disse, e, além de formosa, vivaz e intelligente; por isso, esmerou-se em tornar-se mais bella, em ornar o mais faustuosa e seductoramente a sua camara para aquella entrevista.

Chegava o infante, e o innocente laço que lhe fôra armado de todo o prendia.

As graças da sua amada, a distincção e honras com que o tratava, dobravam-lhe no peito o amor.

Ella estava reclinada sobre um estrado com a cabeça mollemente encostada n'uma almofada, e a sala tibiamente alumiada por uma lampada suspensa do tecto; os olhos fulgiam-lhe amorosa e seductoramente; a brancura das mãos, do collo e do rosto constrastava com a do vestido; levemente rosadas eram as faces e os beiços, e uma orla de preciosos dentes lhe ornava a boca.

Nos primeiros instantes só os olhos fallavam: D. João, arrebatado, estava mudo; ella não ousava quebrar o silencio.

Depois disseram que mutuamente se amavam como é possivel amar-se.

Ella confirmou o que já por vezes lhe mandára dizer: que não lograriam seus amorosos desejos sem que religiosamente fossem sanctificados; e, dizendo isto, as lagrimas vinham-lhe aos olhos, e sentidamente soluçava como quem desconfiasse de ver confirmada a sua ventura.

O infante, porém, dominado d'aquelle desejo que todo o siso e prudencia põe de parte, não lhe queria ouvir razões; era todo fogo, todo amor!

Então D. Maria lhe recordou como seu pae se houvera, casando com D. Ignez de Castro, como seu proprio irmão fizera Leonor Telles rainha.

Estas palavras o convenceram, ou, talvez, os invenciveis impulsos que o dominavam.

O infante outorgou, presente Alvaro Dantas, que a recebia por mulher.

Depois os estranhos afastaram-se. D. Maria lançou-se nos braços de seu marido, e mutuamente protestaram eterno amor. Quando já repontava o dia, elle partiu-se ledo, sem que ella ficasse triste.

IV

Como era sabido por mais de um, o segredo d'estes amores não tardou muito que se divulgasse, chegando aos ouvidos del-rei e da rainha.

Era das peiores a nova para Leonor Telles; ella, coração de fera, onde só a ambição tinha logar certo, doeu-se muito da noticia; no espirito del-rei, sincero e bom, pouco influiu.

O infante era geralmente amado do povo, e D. Maria Telles tambem.

El-rei era fraco e doente; e D. Beatriz, a infanta legitima successora do reino, era por muitos alcunhada de filha do conde Andeiro.

Pesava, pois, no animo ambicioso da rainha o futuro que antevia.

Quem lhe diria a ella que, morto el-rei, o povo, negando o throno á sua herdeira, e vendo unidas duas pessoas tão bemquistas, o filho del-rei D. Pedro e sua legitima mulher, os não acclamasse reis?

Este futuro glorioso, que porventura esperava sua

irmã, trazendo como causa necessaria a quéda do seu poder, era um pesadelo que lhe roubava o socego, e estimulava a ambição que a roia e que a matava.

Para ir direita aos seus fins, Leonor Telles não olhava aos meios.

Má, a intriga era a sua arma; cruel, o sangue o seu prazer.

Formou este plano:

Vibrar na alma do infante a sensivel corda da ambição, fazendo-lhe propor o casamento com sua filha, presumptiva herdeira do throno; — matar-lhe o amor por D. Maria Telles, inventando uma calumnia que aos olhos do marido a perdesse.

E assim foi feito.

D. João Tello, irmão da rainha, e do mesmo caracter, tomou sobre si o encargo de desgraçar a outra sua irmã, a mulher do infante.

Em campo a intriga e a falsidade, por um lado seduziram D. João com a fallaz esperança do throno, pelo outro mataram-lhe o amor fazendo-lhe crer que Maria Telles o atraiçoava.

V

— Minha mãe, não sabeis, acaso, o que por toda a corte se diz?

— Assim o tenho ouvido, meu filho, mas não me praz crer tal. É de nobre animo o infante, e nodoa assim não póde manchal-o.

— Pois olhae, olhae, que não é raro ver em nobres peitos a ingratidão mais feia e vil.

— Mal te fica fallares por tal fórma, meu filho, de quem hoje é para ti como pae.

— Longe de mim insultal-o; mas eu vos conto como me determinei a vir aqui dizer-vos o que na corte corre em todas as bocas.

Então o filho de Maria Telles, mestre de *Christus*, contou a sua mãe todas as intrigas que D. Leonor urdia; contou-lhe como D. João Tello influia e dirigia o animo do infante; como, estando a corte a folgar em Alcanhães, o infante D. João Tello e a rainha tinham tido intimos colloquios; como D. João Tello tinha offerecido ao infante uma cota, um bulhão e uma faca, que lhe haviam trazido de Inglaterra, e concluiu:

— Isto tudo, minha mãe, veiu ser confirmado no meu animo pelo que acaba de commigo succeder. Partira o infante de Alcanhães direito, diziam, a Coimbra; para aqui vos vir ver, passára por Thomar, onde eu o convidei a poisar commigo; e elle negou-se ao meu pedido... Dizem que não são bons os intentos que o trazem. Por tudo isto, minha mãe, vinde vós commigo breve, vinde, vinde, em Thomar achareis guarida segura, se não contra a infidelidade do esposo que perdestes, segundo creio, ao menos, talvez, contra a morte!

— Cala-te, filho, cala-te!... não é capaz de tal o infante. Tenho segura a consciencia de que lhe guardei a fé promettida!

E aqui D. Maria, não podendo suster o pranto que lhe vinha rebentando em fortes borbotões, cobriu o rosto com as mãos, e começou a chorar e a soluçar.

— Minha mãe, minha querida mãe!

— Socega, filho, tornou ella, enxugando o pranto; socega, tudo será como Deus quizer! E eu tenho grande confiança n'Elle, que estou innocente, e muito confio tambem na mercê e amor do infante.

— Praza a Deus, minha mãe, que vos não arrependaes de não querer partir commigo!

— Não me arrependerei nunca, meu filho, de não ter fugido como culpada e vil diante de meu marido, que me busca, quando estou innocente e pura!

E n'isto se afastaram: o filho, cheio de tristeza, partiu para Thomar; a mãe, tremente de susto, de incerteza e mágoa, cerrou-se na sua camara a rezar.

Cala então o crepusculo da noite.

VI

Já o firmamento era negro azul, e milhares de estrellas lhe scintillavam no seio.

Uma brisa fresca encrespava as aguas do Mondego, que brandamente sussurravam, brilhando como lhama de prata.

O infante chegára a Coimbra, e com os seus estava junto á margem do rio.

Então lhes confiou qual o motivo que alli o levára, como intentava ir procurar D. Maria para lhe pedir razão dos estranhos boatos que lhe tinham chegado aos ouvidos...

E, concordes, partiram.

VII

A alva aclarava o horisonte quando o infante chegava em frente da casa de D. Maria.

Era a casa cercada por um vergel de larangeiras, e o inebriante perfume das flores embalsamava o ar.

Entraram; nas ante camaras dormiam as criadas, e os aposentos de D. Maria estavam fechados.

Lançaram-se ás portas com furor; os batentes estalaram sob as achas, sob os hombros e punhos d'aquella horda de enfurecidos.

Irromperam, finalmente, na camara.

Era doloroso e triste o espectaculo.

D. Maria erguia-se do leito temerosa e espantada ao ouvir tão singular estrepito!

Só as lampadas que os invasores traziam alumiavam escassamente a camara. Tremiam os fulgores avermelhados, e, ora aqui ora alli, poisavam como osculos de fogo.

Um d'estes reflexos allumiou n'um momento a figura da desditosa dama, que, vendo seu marido, recobrou a voz e exclamou:

— Oh! infante, que vinda! que vinda esta tão estranha!?

— Dissestes, retorquiu o infante espumando de colera, dissestes que eramos casados; á corte, perante o rei, chegou tal brado, que me podia acarretar a morte; se sois minha mulher, então mereceis a morte por me haverdes atraiçoado!

Louco, arrebatado e furioso, lançou-se n'um momento a ella com tanto ardor e com tanta brutalidade como ás feras usava na caça.

— Vejo, respondeu tibia e chorosa, que vindes mal aconselhado; ouvi-me, ouvi-me a sós!...

— Não foi para segredos e mysterios que eu vim aqui!

E assim dizendo, n'um derradeiro accidente de furia brutal, deitou-a por terra, e cravou-lhe no peito o bulhão que João Tello lhe dera.

D. Maria cerrára os olhos para não morrer de pejo e de vergonha; cruzára os braços sobre o seio, e, caiudo mortalmente ferida, murmurava entre pranto com doridas vozes:

— Jesus! Jesus! filho da Virgem, acudi-me!

Os homens de armas do infante fugiam da camara espavoridos; D. João saia tambem com os olhos vendados por uma nuvem de desgraça; e o corpo da infeliz Maria Telles jazia no chão inanimado; os olhos cerrados com a placidez da innocencia; a fronte bella pallida como a cera; o corpo alvo e frio como o marmore; o seio rasgado vomitando borbotões de sangue!

Áquella hora já as damas e criadas tinham acudido; era grande a confusão e grita fóra do palacio, lancinantes os prantos e lamentos lá dentro.

VIII

Receioso del-rei e dos parentes de Maria Telles, o infante fugiu e embrenhou-se com alguns seus affeiçoados pelos fraguedos e mattas da Beira, levando na

caça vida selvatica; de lá indagou do animo del-rei, e soube que não lhe era desfavoravel; pelo que atreveu-se a apparecer na corte, e recebeu perdão.

Perdoado, lembrou as antigas promessas de casamento; mas a rainha, que já tinha logrado o seu intento, que já tinha morto a irmã, que já o tinha desgraçado a elle, sophismou as promessas, embaíu o pretendido genro, e por fim completamente o desenganou, de que nunca viria a alcançar a mão da presumptiva herdeira do throno.

Era um golpe mortal para o infante!

Para subir aonde a sua imaginação ambiciosa o transportára não tinha duvidado passar por cima de um cadaver: assassinára sua mulher; e quando, ainda com o travo do crime na garganta, se preparava para saborear o mel da ambição, achou-se despenhado das alturas onde tinha querido elevar-se; viu-se illudido e escarnecido, réprobo e miseravel!

Foi então que o arrependimento e o remorso o atormentaram; cada vez as graças e as virtudes de Maria Telles lhe tocavam com mais doridas saudades n'alma, cada vez a scena da noite de Coimbra tomava mais medonhas proporções a seus olhos.

Enganado e decaído do real agrado, o infante fugiu á corte, onde não encontrava senão desgostos e humilhações.

Então a sua vida começou a ser uma infeliz cadeia de desventuras; se por momentos a felicidade com seu doirado fulgor lhe apparecia, era para logo se desvanecer, trazendo com o desengano novos e mais pungentes supplicios.

Assim vagueou pelas brenhas e serras da Beira, sempre acossado, sempre perseguido pelo filho de Maria Telles, o mestre da ordem de Christo.

Um dia que o perigo estava imminente, que os seus perseguidores o tinham quasi preso, largou rédeas ao cavallo, e a toda a brida abandonou os seus e buscou abrigo em terras de Hespanha.

Com vária fortuna viveu por lá.

Bem recebido del-rei de Castella, buscou occasião para vingança, quando a guerra se declarou entre este e D. Fernando, entrando em Portugal no exercito inimigo.

Vagou o throno. D. Beatriz, a filha herdeira, era casada com o rei de Castella; levantou-se então em Portugal um partido forte que quiz acclamar o infante, por ser filho legitimo de D. Pedro I, e ter ainda, embora criminoso e desgraçado, symphatias numerosas. Mas no animo de muitos pesava o crime de traição á patria que commettêra, entrando armado contra os seus; e el-rei de Castella, para mais seguro ter aquelle pretendente, que muito podia contrariar os seus intentos, prendeu-o em Toledo, d'onde o infante abdicou os seus direitos no mestre de Aviz.

Depois, a sua vida, dilacerada por tantas penas, foi curta, e morte obscura o livrou de uma existencia de soffrimentos e remorsos.

Este é um dos muitos actos do drama pavóroso que Leonor Telles fez representar em Portugal, durante o seu infausto predominio!

OLIVEIRA MARTINS.

ALCAIDE MÓR

I

O nome e officio de alcaide mór, n'este reino mui antigo, introduziu-se e usou-se em todas as cidades, villas grandes e fortalezas d'elle, desde o tempo que se foi libertando do jugo dos moiros, que tantos annos opprimiram Hespanha [1].

O nome é *arabe* [1], a significação *capitão*, e o officio *ser cabeça e presidente no ministerio da guerra;* porque a primeira coisa que os reis faziam, em tomando qualquer logar aos moiros, era nomear pessoa de valor [2] e confiança [3], que o governasse [4], vigiasse e defendesse [5].

E como os barbaros que sustentavam as terras fronteiras usavam do nome de alcaides, aquella edade pouca atilada servia-se, tambem, nas suas do nome dos inimigos.

E este perseverou seculos sem nenhuma differença do cargo e nome, mais que na palavra *mór*, a qual se accrescentou para distincção do alcaide *pequeno*, que, nos primeiros tempos, era como substituto ou tenente, e capitão do castello por nomeação e provimento do alcaide mór, para servir em sua ausencia [6].

II

Por alvará de 6 de novembro de 1769 foi extincto este officio, e já o haviam sido os alcaides das sacas de Valença, e todos os mais alcaides móres ou pequenos postos nos extremos do reino, com seus guardas e homens que os acompanhavam, por alvará de 3 de agosto de 1767 [7].

Passaram, desde aquella epocha, as attribuições dos alcaides móres pará os governadores das praças e fortalezas, e generaes das provincias, conservando-se, unicamente, o titulo honorifico, ou de rendimento, até á quéda do antigo regimen [8].

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

[1] *Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram*, etc., por fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, t. I, palavra *Alcaide.*

[1] *Vocabulario Portuguez*, etc. Por D. Raphael Bluteau, palavra *Alcaide.—Vestigios da lingua arabica em Portugal*, etc., por fr. João de Sousa, pag. 20.

[2] El-rei D. Affonso V ordenou que os alcaides móres fossem fidalgos de pae e mãe, e que vivessem sempre nos castellos. *Elucidario*, l. cit.

[3] A *fórma das menagens* prestadas pelos alcaides póde ver-se na *Chronica del-rei D. João II*, de Ruy de Pina, cap. V.—*Inéditos de Historia Portugueza*, t. II, pag. 49.

[4] O alcaide mor era chefe civil e de guerra, intervindo na administração da justiça, etc.—Sobre suas importantes funcções veja-se o que diz o sr. A. Herculano na sua *Historia de Portugal*, t. III, pag. 84.

[5] Acha-se o seu regimento na *Ordenação Affonsina*, l. I, tit. LXII, d'onde passou para a *Manuelina*, l. I, tit. LV, e depois para a *Filippina*, l. I, tit. LXXIV, onde se podem ver quaes eram as suas obrigações, e emolumentos que percebiam, sendo para notar que o alcaide mór de Lisboa, por alvará de 23 de janeiro de 1610, levava as duas terças partes das condemnações dos barregueiros casados, e das mancebas dos clerigos e frades; e, por outro alvará de 9 de dezembro de 1646, todas as penas de sangue.

[6] *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Martyres*, etc., por fr. Luiz de Sousa, l. III, cap. XXVI.—*Nobiliarchia Portugueza*, etc., por Antonio de Villasboas e Sampaio, cap. XI.—*Alcobaça Illustrada*, etc., por fr. Manuel dos Santos, tit. XV, pag. 433.

[7] *Repertorio Geral ou Indice Alphabetico das leis extravagantes de Portugal*, etc., ordenado pelo desembargador Manuel Fernandes Thomaz, t. I, pag. 35 e 36.

[8] *Memoria Estatistico-Historico-Militar, em que resumidamente se dá noticia da força militar terrestre, que nos primeiros tempos da monarchia portugueza se chamava hoste*, etc., por Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto.

AMSTERDAM

PALACIO DA INDUSTRIA

A Inglaterra, a França e os Estados Unidos da America tem levantado magnificos e custosos palacios para as suas exposições universaes, tão vastos, que ha cidades que se podiam abrigar sob os seus tectos de cristal. Porém nenhum d'esses edificios póde competir em belleza e elegancia de fórmas, e na riqueza e bom gosto da ornamentação, com o palacio da industria de Amsterdam, embora este seja incomparavelmente mais pequeno. E bem quadra tal sumptuosidade e perfeição ao templo dedicado ao trabalho pelo povo mais laborioso do universo.

Ergue-se este bello edificio nas margens do Amstel [9].

[9] O rio Amstel, que dá o nome á cidade de Amsterdam (Amsteldamum), atravessa a mesma cidade, e vae confluir com o rio Zuiderzée.

No dia 7 de setembro de 1858 foi cravada no solo a primeira das duas mil estacas em que assentam os alicerces do palacio. Sobrevindo circunstancias que demoraram ou fizeram caminhar as obras vagarosamente, só em abril de 1860 se collocou a primeira columna de ferro. Celebrou-se este acto com solemnidade, assistindo á funcção el-rei de Hollanda, e sua alteza o principe d'Orange. Principiou-se a assentar o tecto em novembro de 1861, e a cúpula em outubro do anno seguinte. Finalmente, em setembro de 1863 foi inaugurada a gigantesca estatua da Victoria sobre a magestosa cúpula do palacio.

Exceptuando os alicerces, ferro e vidro foram os unicos materiaes empregados n'esta construcção.

Tem de comprimento o edificio 126 metros, e 80 de largura. A cúpula é de fórma elliptica, e compõe-se de duas partes: a primeira com 21 metros de comprimento e 13 de largura, elevando-se a 57 metros acima do solo, e serve de base á segunda, que é mais pequena, pois conta 6 metros de comprimento e 4 de largura.

Nos quatro pontos cardeaes do palacio, e junto da base da cúpola, vêem-se umas esbeltas torres, ou coruchéos, que fazem realçar as fórmas geraes do edi-

Palacio da industria em Amsterdam

ficio, já de si tão graciosas, sem, todavia, o sobrecarregarem de ornatos superfluos.

Quando se pretende enriquecer de ornatos qualquer monumento, são sempre mui difficeis de combinar com esta idéa as regras da arte e as exigencias do bom gosto. Não obstante, o architecto soube vencer todas essas difficuldades, traçando e executando uma obra que é reputada um primor de architectura. Este artista tão distincto, e que tanto honra a terra que lhe serviu de berço, chama-se M. C. Oulshoorn.

Interiormente corresponde o palacio á magestade e belleza que se observa no exterior. Está perfeitamente dividido, com todas as accommodações que taes edificios demandam para as exposições industriaes e artisticas, para concertos e outras festas. E como a Hollanda é um dos paizes onde a cultura das flores se acha mais aperfeiçoada, e onde se encontram importantes estabelecimentos d'este genero de industria, tambem a exposição de plantas tem alli logar reservado.

O maior salão tem de comprimento 114 metros, e de largura 31; e a galeria principal que o cerca conta 6 metros de largura. Junto ao salão ha quatro salas, cada uma com 45 metros de comprimento e 10 de largura; e mais duas para casas de pasto, com 26 metros de comprimento e 8 de largura.

Celebrou-se a inauguração do palacio no dia 16 de agosto de 1864. Não houve exposição geral; apenas se viam dispostos alguns objectos de arte e de industria, como que para dar testimunho da natureza da instituição que se festejava. Porém fez-se a solemnidade com extraordinaria pompa, assistindo ao acto o principe Frederico, tocando escolhidas peças uma orchestra monstro, e havendo brilhantes illuminações e mui vistosos fogos de artificio.

Concorreram á ceremonia e festas da inauguração, dentro do edificio, dez mil pessoas. Nas suas cercanias era immensa a multidão de povo que tomava parte, cheio de enthusiasmo, n'esta funcção eminentemente popular.

O palacio da Industria de Amsterdam dêve a sua existencia a M. Sarphati, que conseguiu, á força de diligencias e perseverança com que superou obstaculos de diverso genero, organisar uma sociedade fundadora. O fim a que poz a mira esta patriotica empreza, foi levantar a industria e as artes na Hollanda á altura em que ellas se acham elevadas nos paizes mais adiantados. Por conseguinte, fundou o palacio para n'elle se celebrarem exposições permanentes dos productos da industria e das bellas artes, tanto nacionaes como estrangeiros; procurando d'esse modo excitar a emulação nos fabricantes, artistas, agricultores e officiaes mecanicos.

A experiencia tem já mostrado exuberantemente a benefica e poderosa influencia da emulação nos paizes menos adiantados nos progressos da civilisação. E tambem hoje está geralmente reconhecido, que nenhum meio é mais efficaz para excitar essa emulação do que a livre concurrencia, ou, pelo menos, as exposições industriaes e internacionaes, temporarias ou permanentes. Aquellas tem a vantagem de offerecer a todas as industrias e artes amplo certamen em amplissimo campo; mas estas, embora tenham uma área muito mais restricta, dão um resultado não menos satisfactorio, pois que se por um lado perdem importancia por se lhes resumirem as proporções, ganham-n'a por outro lado, visto apresentarem um estimulo constante.

N'este caso se vae achar em breve a cidade do Porto com o seu palacio de cristal, que, depois da exposição internacional que ha de verificar-se em agosto do corrente anno, ficará servindo, como o de Amsterdam, para a exposição permanente dos productos industriaes e artisticos do paiz e do estrangeiro, que alli se quizerem ostentar. E já sabemos que não lhe hão de faltar os nacionaes, nem os de fóra do reino; por quanto, n'este ultimo sentido, tem sido dirigidos á benemerita Sociedade do Palacio de Cristal Portuense varios pedidos de local por parte de expositores portuguezes e estrangeiros.

A gravura que acompanha este artigo foi copiada de outra publicada pela *Illustração* franceza.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

(OS COMETAS)

(Conclusão. Vid. pag. 85)

VIII

Não é fito meu, nem v. exc. m'o consentirá, estar eu a fazer aqui uma dissertação pedagogica, mais ou menos dilatada, sobre a natureza e movimentos dos cometas, d'essas *nuvens errantes*, segundo a bella expressão de Xenophanes e de Theon de Alexandria.

E porque outro e mui diverso é o meu intuito, passarei de leve sobre muitas theorias que se hão aventado, reunindo apenas, em poucas palavras, os ultimos trabalhos do sr. Faye ácerca da astronomia cometaria.

O sr. Faye, bem conhecido astronomo do observatorio de Paris, depois de aturados estudos e minuciosas observações, chegou a uma nova hypothese, em virtude da qual os cometas estão sujeitos a uma força repulsiva, que reside no sol, e que é analoga á que o calor desenvolve no seio de uma massa gazosa.

A astronomia cometaria andava em grande atrazamento, mórmente se compararmos os seus progressos com os que a astronomia planetaria e estellar hão feito n'este seculo.

Havia interessantes observações; os annaes chinezes são vastissimo repositorio e manancial perenne, aonde os astronomos modernos vão buscar inestimaveis recursos; faltava, porém, e falta acaso ainda, uma theoria scientifica e philosophica, que, a um tempo, ligue os factos, sob o ponto de vista da sua deducção e concatenação, e sirva de fanal a ulteriores pesquizas.

Verdade é que o celebre Eucke aventára a hypothese de um meio resistente, o ether, ou o que quer que seja, e esta hypothese permittia-lhe seguir, com alguma exactidão, o seu cometa triennal; acudia, porém, o sr. Faye, e provava que este meio devia necessariamente de ter um movimento de circulação em volta do sol, d'onde se infere, em fim, que a resistencia que esse meio offerece ao movimento dos cometas depende da sua velocidade relativa.

Mas é claro que o meio, sendo contrario ao movimento no perihelio, favorece-o no aphelio, circumstancias que devem entrar na theoria. Accresce ainda que a variação da densidade do meio é indeterminada, sendo que esta densidade não é constante, segundo testificam muitas observações.

Estes e outros inconvenientes, de não menor peso, levaram o sr. Faye a acceitar uma força que, ao mesmo passo que determinasse a figura dos cometas, explicasse a acceleração do seu movimento. Esta força repulsiva provém da escandescencia do sol. A sua intensidade varía na razão inversa do quadrado das distancias, e depende só da superficie do sol, qualquer que seja a massa d'este astro.

«Estudando as figuras espantosas que os cometas nos apresentam, diz o sr. Faye, contemplando as suas caudas agigantadas, a materia que parece arremessarem para o sol, mas que reverte logo para a cauda, dirão todos mui naturalmente que as coisas tem logar como se o sol exercesse uma acção repulsiva na atmosphera dos cometas.»

Diz logo adiante:

«Qualquer força repulsiva exercida pelo sol e dotada de propagação successiva, como as radiações luminosas ou calorificas, daria duas componentes, uma radial, segundo o raio vector, que une o cometa ao sol, e outra tangencial. Ambas estas forças devem ser independentes da massa do sol...»

Depois de provar que a figura do cometa é symetrica em relação ao plano da orbita, e que os effeitos da força repulsiva dependem da densidade da materia, passa o sr. Faye a mostrar como se formam as caudas e nucleos.

«Se a materia for heterogenea, as caudas podem ser multiplas, posto que sempre fiquem encerradas no plano orbitario. Estas caudas são a principio pouco inclinadas ao raio vector; mas a influencia da força repulsiva, da velocidade e da attracção solar, obriga as substancias da mesma densidade a separarem-se da coma do cometa, para accumularem nas caudas.

«O effeito geral d'esta dispersão faz-se segundo superficies que se alargam cada vez mais.

«O nucleo apresenta do lado do sol abundante emissão de materia, chamada sector luminoso ou coma. Esta materia é invisivelmente repellida, por quanto, depois de haver caminhado para o sol, reverte a formar a cauda. No ponto opposto tem o nucleo outra emissão, menos visivel, cujos bordos comprehendem um espaço obscuro. Do lado do sol, e para além do sector brilhante, o cometa é limitado por uma serie de involucros, que hão sido considerados, sem motivo, como paraboloides embocetados, cujo foco commum seria o nucleo, e em cujo interior desabrochára o sector luminoso, recurvando para traz os bordos ru-

tilantes. Olbers e Bessel explicaram estes phenomenos considerando duas emissões nucleares, em sentidos oppostos. Julgaram que havia uma acção solar que obrigava a emissão dianteira a juntar-se á emissão posterior para formar a cauda. O sr. Roche, estudando mais tarde a figura das camadas do nucleo, concluiu que estas superficies não podiam ser abertas. Quando o cometa se aproxima do sol, as camadas mais afastadas do nucleo abrem-se em dois ramos indefinidos e oppostos, produzindo-se, em fim, duas emissões nuclearias uma para o sol e outra diametralmente opposta. [1]

Esta difficuldade do sr. Roche foi vencida pelo sr. Faye, o qual diz que as partes mais pesadas das materias emittidas são primeiro levadas para o seio da massa menos densa; obedecendo, porém, á attracção do sol, voltam para traz, e constituem os elementos da segunda cauda.

A coma é explicada, posto que não completamente, combinando o calor solar que determina uma volatilisação com a força repulsiva.

Do rapido esboço que acabo de apresentar, póde v. exc. inferir que a theoria cometaria vae-se aperfeiçoando successivamente, mas d'aqui á perfeição ainda dista muito. Estou que a analyse de Faye póde explicar a formação do jacto, cuja inclinação varia com os cometas, assim como a formação da coma. A theoria da força repulsiva tem alguns pontos fracos; mas já hoje prestou valiosos serviços, os quaes hão de augmentar ainda, sob o impulso vigoroso dos grandes astronomos que andam continuamente rasgando as profundezas do ceo com os potentes telescopios.

IX

É necessario findar esta tarefa, porventura demasiado substanciosa, para quem, como v. exc., é abelha gentil, que folga de saltar de flor em flor, sem curar de saber como se formou o nectar que vae sugando.

E pois que, segundo rezam os preceitos da arte, é força deixar boas ausencias, chamo já em meu soccorro o respeitavel e humoristico Babinet, o qual, em um dos seus mais excellentes livros [2], escreveu este periodo:

«Nas conversações particulares repete-se a cada passo esta lição:«—Meu caro senhor, diz-se que temos mais um cometa.—É verdade minha senhora, um cometa lindissimo, como se não encontra outro nos fastos da astronomia.—O que prediz?—Nada, minha senhora.—E é muito lindo?—Esplendido, e póde vêl-o á vontade se quizer vir ao jardim.—Ah! se elle não faz bem nem mal não vale a pena incommodar-me.» A senhora vae deitar-se. Perguntar-me-hão agora: De que serve a astronomia? Serve para que nos possamos deitar sem temor, até quando ha um cometa soberbo. Não succedia o mesmo ha seiscentos ou trezentos annos.»

Outra anecdota ainda, já que prommetti encerrar assim este trabalho.

Nas gelidas regiões do norte, onde viveram outr'ora os velhos bardos de Ossian, cujas harmonias phantasticas echoam ainda nos basaltos sonoros das Orcades; n'essas regiões hyperboricas em que as torrentes do Arven como que suspiram angustiosas, envoltas nos nevoeiros alvacentos que se levantam de seu madido seio, ha uma lenda poetica e admiravel, que conta assim a formação dos cometas:

Depois de ter creado os mundos que divagam no espaço em volta do sol, assim como os guerreiros sombrios caminham atraz de seu rei; depois de tirar do nada, com a mão omnipotente, todas as maravilhas da natureza; depois de formar o homem, creou Deus a mulher, essa virgem celeste que peregrina sobre a terra, anjo pallido e pensativo, cujos cabellos fluctuam ao vento, como as cordas de harpa mysteriosa que resôa harmonias divinas. Admirado de tanta belleza, e cançado já de tanto trabalhar, Deus resfolegou no empyreo, e o seu bafejar, condensado, transformou-se nos cometas, que páiram nas mais altas regiões.

Tal é a lenda escandinava, lenda cheia de poesia e de intuição sublime.

Após seculos de estudo e de trabalho improbo, a sciencia concluiu o que os velhos bardos haviam adivinhado.

Os cometas são *nadas visiveis;* são o *bafejar divino condensado;* são um acervo de materia cosmica infinitamente rarefeita, através da qual se vêem até as menores estrellas [1].

O ar atmospherico é immensamente mais resistente e denso do que a substancia cometaria.

Continue, pois, v. exc. a viver em socego, que os cometas nunca hão de vir roubar-lhe a vida, por zelosos que andem lá no firmamento das suas tranças magnificas.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Conclusão. Vid. pag. 84)

XIII

Passaram-se os dois dias seguintes, segunda feira e terça, em novas negociações com os moiros, as quaes só na quarta feira se concluiram. Accordou-se em *que os moiros deixassem ir e embarcar livremente nos navios todos os christãos com seus vestidos sómente, e a elles ficasse o arrayal com armas, cavallos, artilherias e todas as outras coisas, e mais lhes fosse entregue a cidade de Ceuta com todos os moiros captivos que n'ella estivessem, e que ficassem em paz, a qual se obrigou o infante que el-rei désse por mar e por terra a toda a Barbaria por cem annos. Para segurança dos christãos, e que sem contradicção os deixariam ir, daria Salá Ben Salá um seu filho em poder do infante, e por o dito filho de Salá Ben Salá ficariam em refens Pedro de Athaide, João Gomes de Avelar, Ayres da Cunha, e Gomes da Cunha; e para segurança dos moiros que Ceuta com os captivos lhes seriam entregues, se daria como refens em seu poder o infante D. Fernando.*

A condição da entrega do infante D. Fernando em refens, apresentada agora de novo pelos moiros como principal base do tratado, foi o que demorou e difficultou o accordo.

Primeiramente recusou-se o infante D. Henrique a annuir a similhante condição, porque a achava excessivamente aviltante para a corôa de Portugal; e depois, quando se convenceu de que não haveria salvação para os seus sem que se consummasse mais este sacrificio, quiz por força para si a sorte que se destinava para seu irmão.

---

[1] Eduardo Biot diz que os chinezes já haviam observado, em 837, o facto da opposição das caudas dos cometas ao sol. Seneca já dizia: *Comæ radios solis effugiunt.* Parece, todavia, que as duas caudas, quasi oppostas, uma dirigida ao sol e outra diametralmente opposta, só foram observadas em 1823. As duas caudas, ou os dois ramos da mesma cauda, formavam um angulo de 160°. Segundo Humboldt, este phenomeno excepcional póde ser explicado por certas modificações da polaridade, actuando successivamente, e provocando estas duas correntes de materia nebulosa, que seriam depois continuadas livremente. (*Cosmos.* Trad. franceza de Faye, pag. 115 e 116.)

[2] *Études et lectures sur les sciences d'observation.*

[1] A respeito dos terrores que os cometas inspiravam aos antigos, vid. obras de Arago, a obra supra citada de Babinet, e *l'Astronomie au* XIX.e *siècle.* Quem ler essas obras, se por acaso estes artigos não lograrem convencel-o, verá que os cometas não podem causar, não já um cataclismo, mas nem a menor perturbação.

Houve então uma scena muito tocante entre os dois infantes, que a todos commoveu e arrancou lagrimas. Cedeu, em fim, D. Fernando ante a vontade firme e resoluta d'esse irmão, que juntava a auctoridade de mais velho á de seu general. Mas a esta resolução oppoz-se todo o conselho com tão fortes razões e com tanta energia, que D. Henrique, com bem mágoa do seu coração, teve a seu turno de ceder.

Desde esse momento operou-se uma completa mudança no infante D. Henrique. Aquelle rosto, aonde sempre se viam estampadas a serenidade, a confiança, e essa alegria que tanto convem a um chefe; aquelle rosto aonde os soldados, na hora do infortunio, iam beber uma esperança e buscar alentos, anuviou-se de improviso, como o brilhante dia da primavera se offusca e tolda de repente sob o negro manto da procella.

O tremendo sacrificio a que pretendia sujeitar-se não lhe era imposto sómente pelo amor fraternal. N'esse acto de heroica dedicação era tambem agente um outro pensamento, não menos nobre e generoso, qual o de obstar por todos os modos que a cidade de Ceuta fosse o preço do seu resgate. Quando viu, pois, que lhe arrancavam esta derradeira taboa de salvação, a que se apegára o seu affecto de irmão, e o seu amor da patria, na hora solemne do completo naufragio da sua empreza, sentiu-se esmagado sob o peso descommunal de uma grande responsabilidade moral; porque era quasi unicamente sua toda a temeridade d'este feito, e sua inteiramente, por causa de uma fatal confiança, a falta de providencias e cautelas para o caso de um infortunio como este em que se achavam.

A entrega dos refens deu logar a uma scena tristissima no arrayal christão. O abatimento moral em que estava D. Henrique deu origem a tão pathetica despedida ao separar-se do infante D. Fernando, que parecia que os dois irmãos davam um ao outro o adeus extremo da vida.

No dia seguinte, pela manhã, devia effectuar-se o embarque dos portuguezes. Mas n'essa occasião accommetteram-n'os os moiros com tal sanha, que se viram forçados a permanecer, e defenderem-se dentro dos entrincheiramentos.

O alcaide de Tanger, Salá Ben Salá, mandou desculpar-se d'este procedimento inaudito com a indisciplina dos soldados, offerecendo passagem segura para o mar por pé da couraça. Porém novas violencias da soldadesca sarracena, ou talvez nova traição do alcaide, aguardavam ahi os miseros portuguezes. O infante D. Henrique poz a provas a fidelidade dos arabes, enviando com intervallos pequenas partidas de doentes e feridos. A maior parte d'estes desgraçados foram victimas d'aquelles barbaros.

Apesar da conclusão do tratado e da entrega dos refens, achavam-se outra vez os nossos na dura alternativa de se renderem á tyrannia dos seus crueis inimigos, ou de se deixarem morrer de fome e sêde.

No meio de tamanha afflicção só um unico meio de salvamento se apresentava; e era o mesmo que já tinham começado a pôr em pratica quando o tratado veiu interromper os trabalhos. Decidiu-se, portanto, que se cuidasse por todos os modos, e á custa de quaesquer sacrificios, de aproximar pouco a pouco da praia os entrincheiramentos.

Ao cabo de tres dias de insanas fadigas, de continuados combates, e de atrozes necessidades, as trincheiras tocavam, alfim, na praia. E a armada, que estivera quasi a levantar ferro e partir, julgando a todo o exercito presa do inimigo, apressou-se em enviar a terra todos os seus bateis.

O embarque foi um espectaculo de desolação. Em quanto uma parte da tropa se lançava confusamente nos barcos, poucos e pequenos para accommodarem tantos homens, que pretendiam todos ser os primeiros a salvarem-se, outra parte sustentava o impeto dos moiros, que procuravam estorvar a partida dos christãos. Assim se viu n'um momento juncado de cadaveres o mar e a terra. E os infelizes a quem coube em sorte serem os ultimos a embarcar, ou caíam mortos na praia varados de flechas e cortados do alfange, ou se afogavam arremessando-se ás ondas.

Recolhidos a bordo os que tiveram a boa fortuna de escapar a similhante carnificina, fez-se de vela toda a armada; era um domingo, 20 de outubro de 1437. Tal foi o desgraçado fim da primeira e tão temeraria empreza de Tanger, em que os nossos tiveram, além de grande numero de feridos, quinhentos mortos, perdendo os moiros quatro mil.

XIV

O infante D. Henrique mandou que a armada seguisse o rumo de Portugal, menos o seu navio, ao qual fez pôr a proa em direcção a Ceuta. Envergonhado e extremamente consternado, não se atrevia a apparecer diante del-rei, seu irmão, que de tão mau grado consentira n'aquella empreza; nem diante de tantos conselheiros esclarecidos e prudentes, que se haviam opposto aos seus desejos. Permaneceu em Ceuta cinco mezes, nos quaes fez toda a qualidade de esforços para tirar do captiveiro o infante D. Fernando. Só voltou á patria depois de baldadas todas as suas tentativas, e perdidas as ultimas esperanças de o salvar.

El-rei D. Duarte teve uma grande paixão com esta catastrophe. Mandou logo offerecer avultadas sommas de oiro pelo resgate do infante, e, assim que soube que os moiros recusavam tudo quanto não fosse a entrega de Ceuta, convocou immediatamente as cortes em Leiria para que ahi se decidisse o que sobre o caso mais cumpria fazer.

As cortes resolveram que se não entregasse Ceuta, e isto mesmo pedia em todas as suas cartas o infeliz e corajoso infante D. Fernando, dizendo que a sua vida era muito menos importante do que aquella praça.

No fim de quasi seis annos de captiveiro, em que padeceu todo o genero de affrontas e maus tratos, sendo constrangido aos mais penosos e grosseiros trabalhos, expirou a 5 de junho de 1443. A constancia, paciencia e resignação com que supportou tão longo e pesado martyrio o fizeram conhecido da posteridade pelo epitheto de *infante santo*.

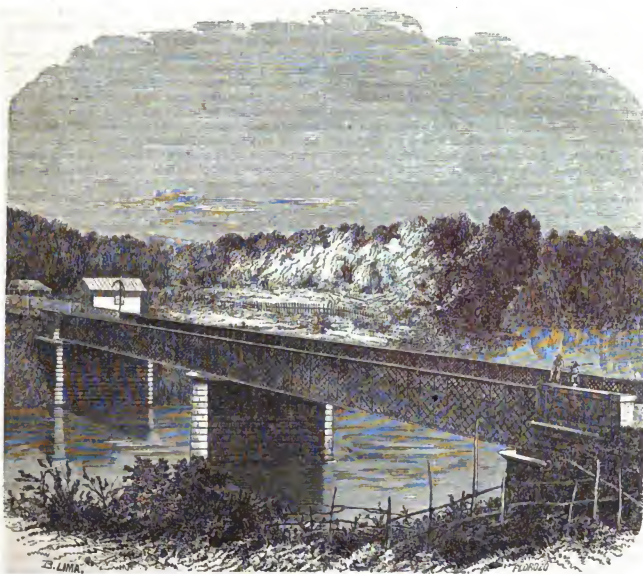
Passados bastantes annos, reinando seu sobrinho, el-rei D. Affonso V, foi o seu corpo resgatado e trazido a Lisboa, onde esteve primeiramente no convento das freiras do Salvador, e d'aqui foi levado com grande pompa ao mosteiro da Batalha, fabrica del-rei D. João I, seu pae. O tumulo de D. Fernando está na sumptuosa capella chamada do *fundador*, jazigo d'aquelle soberano e de sua familia, a par dos mausoléos de seus irmãos, os infantes D. Pedro, D. Henrique e D. João.

I. DE VILHENA BARBOSA.

THEMAS CLASSICOS

Entendo que os pretendentes são insensiveis, porque não se pejam do que fazem, nem do que soffrem. Não sentem o trabalho dos caminhos, nem os frios das madrugadas, nem os ardores das calmas; tantas descommodidades dos corpos; tantas incommodidades das almas e das consciencias; e sobre isso tantas affrontas, tantas más respostas, tantos desabrimentos injuriosos; por tudo passam e tudo soffrem, como quem não sente nem se peja.

E sobre tudo isto os empenhos e gastos, até se vender a si proprio um homem para ter effeito a sua pretenção; d'onde Philo disse, que um cortezão despachado se retratára em Joseph vendido.

FR. BALTHASAR PAES.

Ponte americana, ou de Carlos Gomes, na estrada de Petropolis ao Juiz de Fora

BRASIL

ESTRADA NORMAL DE PETROPOLIS AO JUIZ DE FÓRA

(Vid. pag. 318 do vol. VII)

Deixando a estação de Luiz Gomes, no Campo da Gramma, afasta-se a estrada das margens do Piabanha, porém, d'alli a pouco menos de dois kilometros torna a atravessar este rio por uma extensa e bella ponte. É a quarta e ultima vez que o transpõe, e seguindo da sua margem esquerda em direcção ás *Tres Barras*, chega ao rio Parahyba.

Toda esta parte da estrada que temos descripto até junto d'este rio, com as suas importantes obras de arte, foi dirigida pelo engenheiro em chefe, o sr. capitão Oliveira Bulhões.

Dá passagem á estrada sobre o Parahyba uma ponte magnifica. É de ferro, direita, e assenta ao meio do rio em cima de dois grossos pilares de pedra. Em cada uma das extremidades levantam-se dois altos pilares quadrangulares que rematam em fórma de torres ameiadas, e servem de ponto de suspensão, estando ligados por gradarias de ferro que correm por todo o comprimento da ponte.

Os elevados montes que se erguem a cavalleiro da ponte, vestidos de basto arvoredo; o rio, cobrindo todo o leito com suas limpidas aguas; e a ponte com a sua esbelta fórma acastellada, compõem um lindo e pittoresco painel.

A uns tres kilometros de distancia, pouco mais ou menos, encontra-se a estação de *Entre Rios*, assim chamada por ficar proximo das *Tres Barras*, onde confluem os tres rios, *Piabanha*, *Parahybuna* e *Parahyba*, sendo este ultimo o que recebe o tributo dos dois primeiros.

Acha-se a *estação de Entre Rios* no meio de formosissima paizagem. Tem vastos edificios, sendo o principal de madeira, mas de agradavel aspecto.

A pouca distancia passa a estrada por um pequeno túnnel aberto na rocha viva.

Segue-se a *estação da Serraria*, cujo edificio, tambem de bonito prospecto, está edificado junto de um alto monte coberto de arvoredo. Logo adiante passa-se por uma ponte de pedra sobre o ribeiro da Serraria, depois chega-se ao *Parahybuna-Velho* por uma formosa alameda de coqueiros; em breve entra-se na *estação do Parahybuna*, situada nas faldas de escarpada serra. Os edificios d'esta estação, construidos de tijolo, offerecem uma linda perspectiva.

É aqui o limite das duas provincias do Rio de Janeiro e de Minas Geraes. De um lado do rio Parahybuna está o registo provincial da primeira; e na outra margem do rio o da segunda.

Em todo o trajecto, desde as Tres Barras até este ponto, vae a estrada correndo por entre quintas com grandes plantações de café. É n'esta parte da provincia do Rio de Janeiro que se encontram as mais importantes fazendas de café.

A estrada atravessa o Parahybuna sobre uma ponte de ferro assente em diversos pilares de pedra.

Proximo da ponte e do registo provincial de Minas Geraes vê-se uma inscripção gravada em uma lapida de marmore branco, que está embebida em uma rocha, na altura de uns quatro metros. Consta a inscripção das seguintes palavras, proferidas pelo imperador o sr. D. Pedro II, em 12 de abril de 1856, respondendo ao discurso que lhe dirigiu o sr. Marianno Procopio Ferreira Lage, director presidente da companhia *União e Industria*, constructora d'aquella estrada: «Uma empreza, cujo fim é a construcção de uma estrada que ligue duas provincias tão importantes, e que, continuando talvez para o futuro até ás margens do segundo rio do Brasil, reunirá o interesse de seis provincias, de certo merece ser chamada patriotica. Afianço-lhe, pois, a continuação da minha protecção, e creio que não poderia melhor agradecer os sentimentos de amor e fidelidade que acaba de me manifestar em nome da companhia.»

Seguindo pela margem direita do Parahybuna, vae passar a estrada junto do *Arrayal da Rancharia*, logar da freguezia de S. Pedro de Alcantara. É esta a primeira povoação da provincia de Minas Geraes que o viajante encontra percorrendo aquella estrada. Depois acha-se a *estação do Duque*, á qual se segue a de *Mathias Barbosa*. Perto d'esta corre o *ribeiro de Mathias*, que a mesma estrada transpõe sobre uma pequena ponte de madeira. É um dos sitios mais pittorescos de toda esta via, tão rica de perspectivas variadas e formosissimas. O ribeiro rega o fundo de um estreito valle, apertado por montanhas de encostas ingremes, inteiramente povoadas de espessos bosques, que dão sombra á ponte, banhando-se ao mesmo tempo na lisa corrente em que se espelham.

Aqui afasta-se a estrada do rio Parahybuna até chegar novamente ás suas margens, no logar em que o atravessa sobre a antiga ponte do *Zamba*, agora apenas reparada.

No restante da estrada até ao *Juiz de Fóra* luctou a empreza com immensas difficuldades, tendo de proceder a cada passo a custosas obras de arte, sobre tudo na *serra do Marmeleiro*.

D'entre aquellas obras sobresáe, por sua simplicidade e solida construcção, a ponte chamada de *Carlos Gomes*, ou *ponte Americana*, que a nossa gravura representa. Está lançada sobre o Parahybuna, que a pouca distancia é orlado de frondoso arvoredo.

A gravura dispensa a descripção. É cópia fiel de uma excellente photographia, pertencente ao album de que fallámos a pag. 114 do vol. VII, e honra o artista que a gravou.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O EMBUSTEIRO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

I

Em formoso e solitario valle de Alcarria ha duas pequenas povoações esquecidas de todos, exceptuando o governo, que as tem bem presentes quando lhes distribue os impostos.

Chama-se Retamar uma d'estas povoações, e Tomillar a outra.

Os retamarenses tem fama de asperos e amargos como a sarça e a giesta; e os tomilharenses gozam do credito de suaves e doces como o tomilho e o mel.

Um *cavalleiro*, montado na cernelha dos calções, e levando por acompanhamento um cão e por equipagem uma espingarda, chegou em certa manhã de primavera a uma collina, d'onde se descobriam as duas aldeias que estão nos dois extremos do valle, e, depois de parar e meditar alguns instantes, continuou o seu caminho para Retamar, que era a primeira povoação.

A tiro de espingarda, antes de chegar a Retamar, debaixo de formosos alamos negros que se levantam na orla da estrada, ha uma fonte, onde, na estação calmosa, não deixam de parar os poucos individuos que por alli viajam, para beberem uma gota de agua fresca e cristallina, e descançarem uns momentos no assento de pedra toscamente lavrado que se vê junto dos alamos.

Quando o viajante do cão e da espingarda chegou á fonte, acabava um rapaz de encher dois barris de agua que poz dentro das cangalhas de um jumento, o qual, em quanto se enchiam os barris, pastava entre os alamos.

O rapaz saudou civilmente o viajante, e este parou e travou conversação com o rapaz.

— Como se chama esta povoação?

— Chama-se Retamar, meu senhor.

— Não me desagrada o seu aspecto.

— Ainda que me esteja mal dizel-o, meu senhor, melhor povo que este não ha na Alcarria.

— E a outra que se vê no fim do valle?

— Aquella é Tomillar, mas não vale metade de Retamar.

— Que tal é o povo de Tomillar?

— E' bom, porém muito parvoalho.

— Parvoalho?

— Por exemplo: v. s. diz aos de Tomillar que este jumento vôa, e logo o acreditam. É verdade que lhes custam caro as tolices, porque nós de Retamar mais os chupâmos!...

— E por que os chupam?

— Pelo que se conta d'elles.

— Então o que se conta?

— Não tem numero as anecdotas. Ora julgue, meu senhor, que o povo de Tomillar fez em certa occasião um relogio de sol, e, para que não o damnificasse o sol nem a agua, cobriu-o com um telheiro, e o relogio nunca marcou a hora; e de outra vez construiu uma torre na egreja, e como lhe faltassem pedras para terminal-a, foi tirando-as debaixo para cima, e a torre caiu.

— E é rica a povoação de Tomillar?

— Mais pobre que Job. Retamar é que é abastada... Desculpe a pergunta: v. s. vae a Retamar, ou vae de passagem?

— Agrada-me este valle, e desejo passar aqui alguns dias para caçar.

— Não faltará na povoação quem o acompanhe, meu senhor, com galgos e tudo.

— Não careço de companhia. Estão a chegar os meus criados e as minhas matilhas.

O rapaz, que se ia familiarisando com o viajante, tornou a fallar-lhe com maior respeito assim que ouviu dizer que esperava os criados.

— Asseguro-lhe, meu senhor, que se divertirá muito, porque não falta caça n'estes sitios, principalmente na tapada. Não viu v. s. a tapada de Retamar?

— Não.

— Lá em baixo a verá, meu senhor. Que de arvoredo! O povo de Tomillar tem inveja d'ella, e por sua vontade exproprial-a-hia para si!...

— Está decidido: prefiro Retamar a Tomillar.

— Além da caça, vae ter aqui um divertimento de que os senhores da cidade gostam muito, e que não encontraria em Tomillar.

— E que divertimento é esse?

— As comedias.

— Pois ha comedias em Retamar?

— Ha, sim, meu senhor. O medico, o mestre da eschola e outros individuos fizeram na adega do sr. regedor um theatro que nem em Madrid ha melhor. No domingo passado representaram uma comedia com a qual todos nos rimos a bandeiras despregadas!... V. s. já a viu, por certo, alguma vez. O enredo é assim: chega um homem a Ilbescas dizendo que é barão e não sei que mais coisas; e como a dona da casa onde pernoita era tão parvoa como os tomilharenses, acredita o que lhe diz o homem, dá-lhe oiro e tudo, e, a final, vem a saber-se que o tal barão é um embusteiro...

— Sim, sim; já vi essa comedia.

N'esta conversação, o viajante e o rapaz chegaram á entrada da povoação, onde o caminho que leva a Tomillar, em vez de seguir pela aldeia, torce para os arrabaldes.

— Então v. s., lhe perguntou o rapaz, não fica em Retamar?

— Fico; quero antes, porém, ver estes arredores que me encantam.

— Até logo, meu senhor. Sigo o meu caminho, com licença de v. s.

— Adeus, rapaz. Até logo.

O viajante afastava-se instantes depois de Retamar, e dirigia-se para Tomillar.

II

Era Tomillar, com effeito, povoação muito mais pequena e de aspecto muito mais pobre que Retamar.

Erguia-se em uma collina rodeada de fragrantes tomilhos, e limitava-se a umas quarenta casas edificadas em volta da egreja, que não tinha campanario, circumstancia de que, pelo que se viu, se aproveitavam os retamarenses para levantar aos singelos tomilharenses um falso testimunho de inverosimil simplicidade.

Uns rapazes que jogavam a pella no adro da egreja, d'onde se descobria o caminho de Retamar, viram o viajante que subia a encosta, e apressaram-se em dar a noticia, que circulou immediatamente entre o povo, de que um *cavalleiro* se avisinhava de Tomillar.

A chegada de um viajante, e principalmente de um cavalleiro, era grandissima novidade em Tomillar. Assim foi que, antes que o homem da espingarda e do cão chegasse a subir a encosta que terminava no largo da egreja, tinha affluido ao largo, para o ver, já bom numero de pessoas.

O forasteiro, ou antes, o *senhor*, como lhe chamavam-os tomilharenses, era homem de quarenta annos, e, a julgar pelo vestuario, o seu senhorio devia ter poucas rendas.

Comprimentaram-n'o todos com respeito, e elle, depois de agradecer o comprimento com ar de superioridade, perguntou:

— Ha n'esta povoação alguma hospedaria onde possa hospedar-me com os meus criados?

Os tomilharenses, apesar do respeito que lhes inspirava o viajante, não poderam deixar de sorrir-se ao ouvir a pergunta, e dirigiram o viajante para a casa da tia Margarida.

Era a tia Margarida uma pobre viuva que tinha *venda*, cujo fornecimento fazia de vez em quando indo a Guadalajara, e empregando quatro ou cinco mil réis, que, por assim dizer, constituiam metade do seu capital em circulação. Além disso, hospedava os forasteiros que appareciam em Tomillar, e se limitavam a algum cauteleiro, empregado de fazenda ou caçador de Guadalajara ou Siguenza.

Gumercindo, ou Gomisindo, pois os tomilharenses achavam mais commodo dar-lhe antes este nome que o primeiro, era filho da tia Margarida, e acabava de pagar a sua substituição no exercito, graças ao grande sacrificio de sua mãe, que tivera de vender as geiras que lhe deixára o defuncto marido.

Agenciando a mãe por um lado e agenciando o filho pelo outro, mãe e filho viviam em paz e graça de Deus, e tão felizes como os que vivem accommodando a despeza com a receita, e resignando-se com a sua sorte, ainda que seja má.

— Diga-me, boa mulher, perguntou o viajante á tia Margarida, continuando a fallar com superioridade, não passaram por aqui os meus criados?

— Não, meu senhor; não vi ninguem.

— Canalha! Logo que volte a Madrid hei de pôr todos no meio da rua, desde o cocheiro até ao mordomo, exclamou o senhor, mostrando agitação.

— Descance, meu senhor, que talvez não tardem, e entretanto meu filho e eu estamos ás suas ordens para tudo o que desejar, replicou a tia Margarida com a cortezia e franqueza que eram devidas a um senhor que tinha cocheiro e mordomo.

— Careço de uma habitação decente onde possa esperar esses villões, que, naturalmente, julgaram mais commodo seguir para Guadalajara na minha carruagem de quatro cavallos, que torcer caminho e virem esperar-me aqui, como lh'o determinei, em quanto eu me divertia caçando n'estes arredores.

A tia Margarida conduziu o hospede ao melhor quarto da sua casa, isto é, á sala, que estava modestamente mobilada, aformoseada pelo aceio e pela ordem.

— Não tem vossemecê quarto mais decente que este? — perguntou desdenhosamente o viajante.

— Não, meu senhor, respondeu a boa da mulher, parecendo escandalisada de que achassem pouco decente a sala em que ella tinha posto os cinco sentidos.

— Terei, pois, que resignar-me a esperar aqui os villões de meus criados. Não estranhe a minha colera, porque, na verdade, é para encolerisar ter cada qual de servir-se a si proprio, e occupar uma casa como esta, quando tem uma duzia de criados e habita um palacio que a rainha até acha commodo e magnifico todas as vezes que n'elle descança.

— Ah! meu senhor, exclamou a tia Margarida assombrada, com que a propria rainha vae a casa do senhor...

— Ó mulher, que está ahi dizendo? — replicou o viajante, com altivez e indignação taes que atemorisaram a tia Margarida. Julga vossê que a minha casa é uma pocilga como esta, e que eu sou algum villão perfumado em alhos como vossês aqui estão? O meu palacio, na rua do Embaixador, é digno de hospedar os principes do mundo, e o visconde de Sete Castellos, glorioso titulo com que me honro, pertence á nobreza mais illustre da Hespanha.

— Perdão, meu senhor, murmurou aterrada e confusa a tia Margarida; não quiz offendel-o...

— Bem sei, bem sei; e para lhe provar que vossemecê me inspira confiança e sympathia, lembro-lhe que tendo uma *excellencia* como uma casa, ainda não exigi o tratamento.

— Muito agradecido, meu senhor...

— Não ha de quê. Eu, pelo contrario, devo agradecer a sua indulgencia em desculpar os impetos do meu genio mau.

A boa tia Margarida não se lembrava já de que o sr. visconde de Sete Castellos chamára á sua sala pocilga, e aos tomilharenses villões que tresandavam a alhos. Tanto que fôra descobriendo o altissimo personagem que tinha em casa, fôra inchando de orgulho até ao ponto de julgar que nada podia pagar no mundo que *o senhor* não se tivesse incommodado por dar-lhe um tratamento egual ao que recebiam, sem offensa, o regedor, o cura ou o mestre de meninos.

(Continua) B. A.

HESPANHA

FONTEARABIA

A cidade de Fontearabia, que os hespanhoes chamam Fuenterralija *(Fons rapida)*, está situada junto á foz do rio Bidasoa, na provincia de Guipuzcoa, 32 kilometros a S.O. da cidade de Bayonna, e a 125 kilometros a E. de Burgos.

Parte sentada em terreno plano, parte erguendo-se em throno sobre um oiteiro pouco elevado, occupa uma posição summamente pittoresca. Do lado do norte rola o Oceano as suas ondas até quasi lhe bater nos muros. Do lado do sul estende-se o fresco valle de Oyazun. A oéste entranha-se pelo mar, não muito distante, o cabo Jaitzquivel, ou promontorio Olcarso, celebrado pelos geographos da antiguidade, e em cujo extremo, denominado ponta de Higuer, campeia o castello de S. Telmo. Pela parte de éste corre o Bidasoa, que a banha, e serve de espelho a seus edificios.

Cinge a cidade uma cêrca de muralhas, com dois mil passos de circumferencia, e defendida por um largo fosso. É muito antiga esta cêrca, e, posto que tenha sido reedificada por muitas vezes, ainda mostra alguns lanços da fabrica primitiva. Fortalecem-n'a varios baluartes, e dá entrada á cidade por duas portas com suas pontes levadiças. Tem tanta espessura estas muralhas, que sobre ellas corre um passeio, d'onde se goza mui lindos e variados panoramas.

A cidade em si é pequena, pois que não conta mais de tres mil habitantes. Não corresponde no interior á bella perspectiva que offerece aos que a contemplam exteriormente. Encerra uma egreja parochial, sete ermidas, casa da misericordia, e um convento de capuchos, que não sabemos se está ou não habitado. Os principaes edificios são: a *antiga casa consistorial*, a *matriz*, e o *palacio do governador*, em frente do qual ha uma praça, onde se fazem exercios militares, paradas e festas nacionaes. A matriz, obra do seculo XV, é um templo grande e de bella architectura.

Por fóra dos muros estendem-se tres bairros, chamados *Jaizubia*, *Cornuz* e *Magdalena*.

Nos seus arrabaldes cultivam-se cereaes e legumes, porém em pequena escala. Consiste a principal industria d'esta povoação na pesca do mar e do rio. É este muito abundante de excellentes salmões, que d'alli se exportam para muitas terras de Hespanha e de França.

O porto fica para o lado de N.E. Tem tão pouco fundo, que apenas permitte a entrada a barcos de pesca, e na maré cheia a algum patacho de pequena lotação. A barra, na baixa-mar, não tem mais de um a dois palmos de agua. Entretanto, a enseada formada pelo cabo Higuer offerece um bom ancoradoiro, bom por ser sobre areia, e com seis a oito braças de profundidade, mas perigoso em occasião de temporal, por causa das restingas de rochedos submarinos que se alongam adiante d'aquelle cabo, e da outra ponta de terra que fórma a enseada pelo lado de S. E.

O rio Bidasoa tem perto da cidade alguns logares muito aprazíveis; entre outros a *ilha dos Faisões*. Este rio nasce no valle de Bastan, em a Navarra. Dirige-se no seu curso de E. para O., separando as provincias de Guipuscoa e Navarra, e esta ultima da fronteira da França.

A situação de Fontearabia, junto á fronteira da França, tem feito figurar esta cidade em quasi todas as guerras travadas entre os dois paizes limitrophes. Foi, por conseguinte, sitiada muitas vezes, com successo differente. Nos longos assedios que padeceu em os annos de 1466, 1524 e 1638, teve a gloria de resistir a porfiosos assaltos, obrigando o inimigo a desistir do intento. N'esta heroica defesa não couberam os loiros sómente á guarnição; pertenceu uma boa parte d'elles ao povo, que praticou actos sublimes de devoção civica.

Menos feliz, porém, nos cercos que lhe pozeram os francezes nos annos de 1719 e 1794, viu-se rendida ás armas inimigas depois de inuteis esforços. Quando os francezes a evacuaram em 1795, deixaram em muita ruina as fortificações da praça.

Dizem que fôra el-rei D. Filippe IV que lhe dera o titulo de cidade; todavia, alguns escriptores pretendem que já anteriormente o usufruia.

Tem Fontearabia um singular brazão d'armas, composto do modo seguinte: escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel, em campo de oiro, um anjo com uma chave na mão direita; no segundo, um leão rompente em campo de prata; no terceiro, em campo de ondas verdes, um navio em acto de navegar, e junto d'elle uma baléa com o arpéo cravado no corpo; e no quarto, em campo tambem de ondas verdes, uma sereia, levantando com a mão esquerda um espelho, e um tritão que sustenta com a direita uma granada. No meio do escudo tem um escudete com um castello de prata em campo de ondas azues, e com duas estrellas por cima. Fazem orla ao escudete doze bandeiras e estandartes brancos, e varios trophéos militares, com a seguinte letra em volta: *M. N. M. L. y M. valorosa C. de Fuenterrabia;* que quer dizer: Muito nobre, muito leal, e muito valorosa cidade de Fontearabia. Finalmente, tem por coroa Nossa Senhora do Guadalupe, padroeira da cidade.

O anjo do primeiro quartel é allusão ao bem que os moradores souberam guardar a cidade durante os memoraveis cercos acima referidos. O leão rompente do segundo significa a união da cidade e da provincia ao reino de Leão e Castella. O navio e a baléa do terceiro commemoram a pesca d'estes cetáceos, que outr'ora, segundo a tradição, se fazia n'aquelles mares, com grande proveito de Fontearabia. A sereia com o espelho e o tritão com a granada, representados no ultimo quartel, alludem, a primeira ao rio em que a povoação se está mirando; e o segundo á praça de guerra que parece surgir do seio das aguas. O castello do escudete, com a orla de bandeiras e trophéos, é uma honrosa memoria das proezas guerreiras d'esta cidade. Poucas terras terão, portanto, um brazão de armas tão complicado, e que é como uma chronica da cidade.

O caminho de ferro que vae de França a Madrid passa junto a Fontearabia, como se vê em a nossa gravura, cópia de outra da *Illustração Franceza*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

D. FR. CAETANO BRANDÃO

ARCEBISPO DE BRAGA

(Vid. pag. 89)

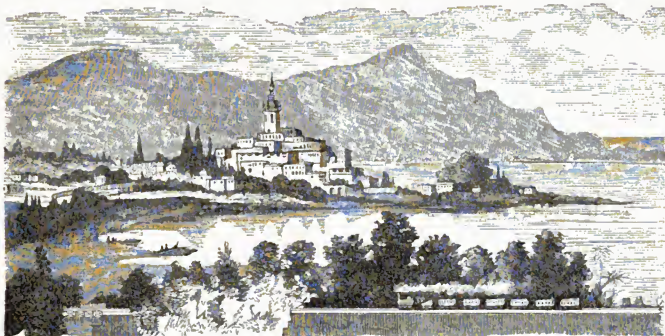
II

No logar e freguezia de S. João Baptista do Loureiro, situado na comarca de Estarreja, pertencente ao bispado do Porto, nasceu a 11 de setembro de 1740, de Thomé Pacheco da Cunha, sargento-mór de ordenanças, e de sua mulher D. Maria Josepha da Cruz, um menino, que, regenerado na pia baptismal sob o nome de Caetano, veiu a chamar-se mais tarde D. Fr. Caetano Brandão, bispo do Pará, no Brasil, arcebispo de Braga e primaz das Hespanhas, em Portugal.

Poucas ou nenhumas noticias nos vieram da sua puericia e primeiros estudos. De treze irmãos que

teve, e dos quaes se presume haver sido o primogenito, finados todos ainda em sua vida, só consta que deixasse successão uma de suas irmãs. Do consorcio d'esta senhora com sujeito cujo nome e circunstancias ignorâmos, nasceu uma filha, casada, segundo contam os biographos, com o bacharel Filippe José Soares Pereira do Couto, e d'esta união provieram tres filhos e duas filhas. Eram estes, ao que parece, os mais chegados parentes que o illustre prelado contava ao tempo do seu fallecimento.

Chegado á edade em que era forçoso abraçar algum destino, pretendia a mãe de Caetano, já então viuva, que elle seguisse na universidade de Coimbra os estudos do direito; porém o mancebo, cuja imaginação se extasiava na contemplação do estado claustral, por mais conforme ás suas inclinações, como inimigo do fausto, e propenso ao retiro, declarou a sua mãe que estava firmemente determinado a entrar em religião. Foram inefficazes todos os argumentos e reflexões que se empregaram para dissuadil-o; e, cedendo de quaesquer direitos a que podia dar-lhe jus a primogenitura, poz por obra o seu desejo, tomando o habito franciscano no collegio de S. Pedro da Terceira Ordem da Penitencia, em Coimbra; e, findo o noviciado, ahi foi admittido á profissão solemne em 28 de novembro do anno de 1759, quando acabava de completar dezenove de edade.

Fiel observante dos votos religiosos, e assiduo no cumprimento de todos os deveres e práticas que lhe impunha o seu novo estado, não se mostrou menos applicado aos estudos proprios da profissão que voluntariamente abraçára. Frequentou na universidade o curso de theologia, e n'elle foi, em tempo competente, graduado bacharel. Para logo começou a ensaiar seus talentos nos ministerios do pulpito e do confessionario; porém os trabalhos immoderados a que se entregava n'estes continuos exercicios alteraram a sua constituição physica, naturalmente debil, e lançaram-n'o por fim em estado tal, que, para evitar a ultima ruina, lhe foi forçoso mudar de ares, indo, por

Fontearabia

conselho dos medicos e com annuencia dos prelados, para o convento que a sua ordem tinha na villa de Vianna do Alemtejo. N'esta residencia recobrou em parte as forças deterioradas, e foi ahi que principiou a manifestar outro dom, que era o de dirigir as consciencias, encarregando-se da direcção espiritual de algumas religiosas de virtude, que a esse fim o escolheram de preferencia, e que, guiadas com suas doutrinas, se adiantaram grandemente nos caminhos da mystica.

Logo que o restabelecimento da sua saude o consentiu, foi pelo prelado maior da ordem chamado, em 1774, para o convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa, onde então muito floreciam as sciencias e letras, por virtude do incremento dado pelo illustre Cenaculo. Teve n'esta, como em outras occasiões, de sacrificar ao dever da obediencia a predilecção que sentia pela vida ascetica e retirada. Nomeado mestre de philosophia, desempenhou dignamente as funcções d'esse cargo, até que, tendo a ordem obtido do governo del-rei D. José que se lhe mandasse entregar, para organisar um novo collegio em Evora, o que fôra dos extinctos jesuitas com a denominação do Espirito Santo, para elle foi transferido fr. Caetano Brandão em principios de 1777, conferindo-se-lhe a regencia de uma das cadeiras que de novo se estabeleceram. Ahi, como em Lisboa e nas mais partes onde assistira, continuou a conciliar a geral estimação dos que por qualquer modo se lhe aproximavam; estimação devida ao seu merito relevante e comportamento exemplar: com quanto elle fizesse interiormente mui pouco caso dos applausos e attenções que lhe prodigalisavam, não só pelo espirito de humildade christã que n'elle preponderava, mas porque era, como já dissemos, em extremo apaixonado da clausura e do recolhimento. E tanto assim, que, por todo o tempo que foi morador em Lisboa, raras vezes saía do convento, como em Evora do collegio, não sendo visto mais que no exercicio dos ministerios sagrados, principalmente do pulpito, a que continuou a dar-se, supposto que com mais moderação.

As franquezas e immunidades concedidas aos que nas ordens monasticas exercitavam o magisterio ou a prédica, jámais o dispensaram de ser exactissimo no cumprimento dos deveres da regra, acompanhando sempre, e em tudo, os actos da communidade.

Animado sobre tudo de um zêlo ardente pela salvação das almas, sentia em si desejos fervorosos de ir propagar as luzes do evangelho nas trevas da gentilidade. Estes o levaram a pedir para ser incluido em

uma missão de catechistas, que a sua ordem destinára enviar ao reino de Angola em 1778. O prelado mostrou acquiescer ás suas rogativas, e n'essa conformidade veiu para Lisboa, a preparar-se para o embarque; mas aquelle retirou-lhe a concessão quando estava prestes para a partida, dizendo-lhe que a congregação havia aqui maior necessidade do seu serviço. Teve, pois, de resignar-se, desistindo por então do seu proposito. A Providencia, que lh'o embaraçava n'esta conjunctura, reservava-lhe para mais tarde a satisfação d'elle, enviando-o com caracter mais augusto, e poderes mais amplos, para centuplicar o proveito de suas apostolicas fadigas.

Reunido o capitulo da ordem em abril de 1780, foi de novo mandado para o collegio de Evora para ahi ensinar theologia; em cujo magisterio continuou n'esse anno e nos seguintes, até ser-lhe conferida, no de 1782, a jubilação, segundo os estatutos claustraes; mas com obrigação de leccionar ainda por algum tempo, em quanto se não provia o cargo em sujeito idoneo.

N'esta situação estava, quando impensadamente lhe chegou a Evora o aviso de 2 de agosto de 1782, pelo qual a rainha D. Maria I lhe mandava participar a eleição que d'elle fizera para bispo do Pará. Qual sería o effeito que esta nova produziria no humilde franciscano, que só suspirava (como tantas vezes dissera e escrevêra) por fugir ás honras e distincções do mundo, acabando descançado no cantinho da sua cella, e que, com verdadeira modestia christã, confiava tão pouco de si? Vacillou durante alguns dias sobre se devia ou não acceitar um encargo, cuja responsabilidade havia por incomparavelmente superior ás proprias forças: porém, tendo consultado o prelado e alguns ecclesiasticos seus amigos, achou-os accordes no dictame de que lhe cumpria obedecer; visto que, não havendo meio ou razão humana a que podesse attribuir-se esta elevação, se devia tomar (diziam) por vocação de Deus. Acceitou pois.

Conta-se que ao chegar á corte, indo ao paço agradecer á soberana a mercê recebida, lhe dirigira, no acto de beijar-lhe a mão, as palavras seguintes: «Senhora, vossa magestade fica responsavel perante Deus pela escolha que de mim fez para indigno bispo do Pará!» A estas phrases significativas, e proferidas com o accento de uma intima e profunda convicção, a rainha não pôde deixar de mostrar-se commovida; e dando-se por satisfeita, prometteu-lhe que o ajudaria em tudo o que d'ella dependesse.

Penetrado da extensão e alcance dos deveres que contrahíra, o novo pastor só se occupava desde então das coisas inherentes ao desempenho da sua tão elevada quanto espinhosa missão. «Se até agora (dizia elle) uma pobre alminha me custava tanto a livrar dos perigos que a cercam para a entregar ao meu Creador, que farei d'aqui em diante, tendo de lhe dar conta de um tão grande numero d'ellas! Jesus! que me sinto afogado em uma tão amargosa e triste reflexão!» Procurando, pois, informar-se minuciosamente das necessidades espirituaes do rebanho que a Providencia lhe confiára, á satisfação e remedio d'ellas encaminhava todos os cuidados que outros empregam em taes circumstancias nos preparos, não diremos do luxo, mas ainda das mais simples commodidades temporaes, que elle detestava, repellindo quaesquer conselhos que em contrario lhe suggeriam a lisonja, ou a amizade officiosa, sob os costumados pretextos de decencia e de estilo. Bastará para prova a seguinte anecdota familiar, contada pelo seu biographo, e caracteristica em summo grau do espirito de abnegação e pobreza evangelica que n'elle reinava: «Achando-me (diz aquelle) um dia na sua cella, quando se tratava dos preparativos para a viagem, lhe ouvi estar encommendando umas fivelas de aço para os sapatos; e dizendo-se-lhe que havia umas de 250 réis, replicou: — Se não se achariam de 120 réis? — e que, quanto a meias, não querendo acceitar algumas de seda que lhe davam, as mandára fazer de linha crua, para depois as mandar tingir. Isto dizia, apesar da censura e enfado de certo religioso que estava presente, e que lhe reprovava similhante escassez, allegando-lhe exemplos do contrario.» E note-se, que estas fivelas com que desembarcou no Pará foram as de que usou por todo o resto da vida, sem jámais possuir outras.

Todos os seus pensamentos e cuidados tinham por fito exclusivo o melhoramento dos costumes e o bem espiritual do rebanho que a Providencia lhe confiára, mediante a reforma do clero, que devia ser essencialmente instruido e bem morigerado. No seu entender era de muito menor infelicidade para a egreja a falta de sacerdotes, do que haver um grande numero d'elles ignorantes e viciosos. «Nunca a egreja foi mais bella e formosa aos olhos do ceo (dizia) do que nos primeiros dois seculos do christianismo; porém observo, que nunca foi mais pobre e desprezivel á vista da prudencia da carne. Deus quer ser adorado em espirito e verdade; corações humildes e puros formam o objecto das suas mais amaveis complacencias; e a pompa do culto externo só tem merecimento a seus olhos em quanto é degrau por onde a nossa fraqueza sóbe a elle.» Estas maximas haviam-se radicado profundamente no seu espirito; e converteram-se em regra invariavel do seu procedimento por todo o tempo que exercitou o officio pastoral.

Corria, entretanto, em Roma o processo da sua confirmação, cujas bullas lhe foram expedidas em janeiro de 1783. Sagrou-se em 2 de fevereiro seguinte, e depois de tratar com o governo em successivas e instantes representações tudo o que lhe pareceu necessario para a restauração da disciplina, e para a mantença e aperfeiçoamento do seminario diocesano, onde via a mais firme escora da educação do clero, partiu, em fim, para o seu bispado, largando da barra de Lisboa em fins de agosto do mesmo anno.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

CARTAS A UMA SENHORA

AS PEDRAS PRECIOSAS

I

Imagine v. exc. que um chimico namorado (que os proprios chimicos tambem podem ser Bernardins Ribeiros e Petrarcas) vinha depôr aos pés da sua amada um ramalhete de pedras preciosas, reluzentes como olhar de archanjo, translucidas e limpidas como a lagrima que se baloiça nas palpebras da donzella que, pela primeira vez, pranteia saudades de noivo ausente.

Imagine ainda, se tanto lhe apraz, que era v. exc. a dona dos pensares do nosso chimico (*quod Deus avertat*, porque amores de chimico hão de ser coisa prosaica).

Responda-me com a costumada candura, que lhe vae tão bem.

Que faria v. exc.? Preferira a bonina do prado, gotejando ainda orvalho das pétalas mimosas? Quizera antes a florinha gentil que se tinge com as côres da aurora? Escolhêra a rosa, o jasmim, ou o cravo a recender aromas inebriantes? Dissera acaso como o mavioso auctor de *D. Jayme*, que antes de tudo:

«Os cravos altivos, as rosas singelas?»

Para que está v. exc. a fingir indecisões? Se eu a leio por dentro e por fóra! Bem sei que preferira o presente do chimico, com ser de um chimico. Pois se o diamante é tão bello como os seus reflexos vertiginosos e satanicos! Pois se a saphira e a esme-

ralda tem um sabor oriental que encanta e arrasta! Pois se a amethista e a granada trazem á lembrança os esplendores extinctos da Alhambra a donairosa, de Cordova a soberba! E depois, que de bellezas n'aquelle brilhar incousutil! Que de combinações maravilhosas e extaticas! Agora, uma grinalda que quebrára os olhos ao proprio *Ghirlandajo;* logo, um collar, como a ponte de *Rialto* nunca viu outro; hoje, um cinto ondeante, crivado de pedras preciosas, como Diana, a caçadora, nunca sonhou; amanhã, um toucado magnifico, toucado de odalisca cujas tranças são serpentes negras que se enroscam em voltas de pyras de diamante.

Não negue! não negue! minha senhora. Quem poderia resistir ao brilhar, á embriaguez d'aquelle ramalhete olympico, que a propria Amphytrite invejára envolta no seu manto de espuma e vapores?

As pedras preciosas são como as aguas da fonte de Arethuza; nunca se polluem, antes cada vez fulguram mais. Resistir ao ramalhete que tomei a liberdade de imaginar fôra tentear o impossivel. Seria mais facil que um Amphyão parasse a roda do tempo com seus canticos, do que haver um coração de mulher que resistisse ao brilho fatidico das pedras preciosas.

Mas se v. exc. soubesse que aquelles esplendores eram artificiaes, e que a mão ousada do homem alcançára imitar e egualar a natureza, empregando substancias vis; se soubesse que o ramalhete não era *unico*, e que qualquer aldeã, por mais rude e bronca que fosse, podia tambem adornar-se com os mesmos diamantes, aposto já um contra mil que v. exc. voltava de novo *aos cravos altivos, ás rosas singelas*, e, como a Galathéa antiga, emmoldurava o rosto gentil e formoso em uma grinalda de flores a desatarem-se em festões magnificos.

Vendo-a assim tão bella e tão candida no meio da belleza e da candidez, eu diria como o poeta: «*Et fugit ad salices.*»

II

Pois, minha senhora, talvez não venha longe o tempo em que a sua belleza se ha de unir á belleza do campo, para fugir á *vulgaridade*, que é a molestia de que mais nos receiâmos, e que mais grassa entre nós.

Ora eu lhe vou contar, em que peze a v. exc.

Sabe perfeitamente que as pedras preciosas são compostas de muitos corpos definidos e conhecidos, os quaes, sendo agrupados convenientemente, podem, pela synthese, levar o homem a rivalisar com a natureza.

Descance, porém, que o problema não é tão facil como se lhe afigura agora. *O mal* não é muito grave, e a natureza não desampara assim os seus foros mais queridos.

Não basta associar entre si os elementos; que, em vez de pedras preciosas, obteriamos tão sómente materias broncas e informes, corpos que os chimicos chamam *amorphos*, porque não tem fórma definida. É necessario attender á cristallisação, a essa força ignota e mysteriosa, que é a *força vital*, a *alma* dos mineraes. Assim o homem, antes de receber a centelha da Divindade, era inane e sem vida. A cristallisação é o Prometheu maravilhoso do reino mineral.

Quasi todas as pedras preciosas são constituidas de materia commum.

O *diamante* é carvão cristallisado; a *amethista*, o *cristal de rocha* ou *quartzo hyalino*, a *aventurina*, a *cornalina*, a *calcedonia*, a *ágata*, os *jaspes*, são o oxido de sillicium, ou silica, areia cristallisada; o *rubi*, a *esmeralda*, o *topazio*, a *saphira* e o *corindone*, são argila, são *ferrugem de aluminio*, mas ferrugem cristallisada.

A coloração das pedras preciosas provém dos oxidos metallicos que entram na sua composição.

Já vê, pois, v. exc. que a reproducção tão anciada pelos chimicos, e tão nociva ás senhoras que vivem na opulencia e no fausto, depende só de cristallisação, que é o verdadeiro fulcro d'este problema. Ah! minha senhora, a sciencia não reconhece fidalguias. A sciencia é a republica, onde o diamante vale tanto como o carvão da cozinha! Preconceitos de casta não se encontram aqui. A amethista é chimicamente egual ao grão de areia tenue e envergonhado que o vento arroja ao mar, e que a onda traz no seu regaço de espuma, poisando-o na praia, para o levar depois. A natureza está-nos dando continuamente lições de moralidade. Assim as soubessemos aproveitar! Por isso disse alguem que um homem intelligente é um nescio cristallisado, assim como v. exc. é o cristal da belleza.

III

E porque não julgue v. exc. que lhe estou a dizer lisonjarias vãs, que de certo odeia, e que me atediam sempre e *quand même*, vou-me já ao assumpto d'esta carta, que é muito interessante, apesar de eu ser suspeito.

Para reproduzir artificialmente as pedras preciosas o que resta fazer? Vejâmos como se formam os mineraes nos seios da terra próvida, e imitemos. Na imitação da natureza está o poderío do homem.

É sabido que as pedras preciosas encontram-se principalmente nos sitios do globo mais confrangidos de erupções volcanicas, nas fendas hiantes por onde as lavas se escoaram, e nas sublevações que modificaram a estructura do globo, trazendo á superficie os materiaes laborados no interior.

D'estas observações se concluiu que a cristallisação provinha da acção do calor central.

Mas se as forças colorificas actuaram, é provavel que a electricidade terrestre não ficasse impassivel, e, portanto, a questão vae-se complicando. Alargam-se os limites, até que venham estudos ulteriores e mais detidos a restringil-os de novo.

Desprezando, porém, a acção electrica, cuja essencia é quasi completamente desconhecida, e attendendo só ao calor, tentou-se resolver o problema submettendo as materias primeiras a temperaturas enormes.

O carvão resistiu impavido ás provações, d'onde saiu, não com a candidez da innocencia, senão com o negrume da mais feroz contumacia e da mais obstinada perrice.

O sabio e respeitavel Ebelmen trucidou a alumina de mil modos, cada qual mais engenhoso, e obteve cristaes microscopicos de *esmeraldas* de *peridoto*, de *corindone*, etc.

O sr. Ebelmen dissolvia a alumina com oxidos metallicos convenientes no acido borico, no acido phosphorico e em certos phosphatos, e levava o misto a uma temperatura elevada. Os fundentes volatilisavam-se, e a cristallisação da alumina operava-se regular e lentamente.

Os srs. de Sénarmont e Gaudin obtiveram identicos resultados, operando do mesmo modo.

O sr. Becquerel não desprezou a electricidade para attender sómente ao calor.

Ha mais de trinta annos experimentava este sabio empregando a electricidade de fraca tensão; mas trabalhava debalde, que nunca encontrou coisa que se visse. Pois não desanimou. Eil-o novamente á obra, e d'esta vez com prospera fortuna. Usando a electricidade de fortes tensões, obteve *opalas* magnificas, que rivalisam com as naturaes.

A opala é a silica hydratada, é *areia combinada*

com agua. Esta pedra, assim como a *resinite* e a *geyserite*, são soluveis em potassa concentrada.

Fundando-se n'esta propriedade, e submettendo a dissolução ao esforço de uma pilha de quarenta pares, esforço que durou dois dias, o sr. Becquerel alcançou uma opala do tamanho de um ovo de gallinha!

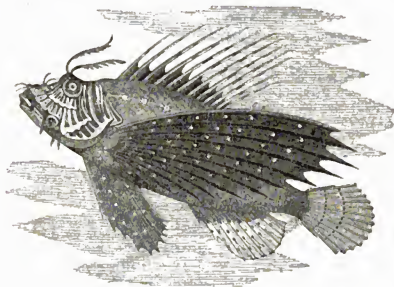
O distincto chimico passou depois á alumina, mas aqui, força é dizel-o, a experiencia não lhe saíu a preceito, posto que obtivesse uma substancia dura, muito similhante ao quartzo.

IV

Fôra fastidioso, e sobre fastidioso inutil, estar eu aqui a expor os processos empregados n'estas experiencias. Devo, porém, accrescentar tão sómente que os resultados obtidos pelos srs. Ebelmen e Becquerel são mui notaveis, e mostram que a natureza é múltipla em todas as suas energias creadoras. As forças modificam-se, conspiram para o mesmo fim, seguindo leis harmonicas.

É, pois, muito provavel que as pedras preciosas fossem produzidas tanto pelas acções calorificas, como pelas acções electricas.

A experiencia quotidiana e diuturna, e as inducções geologicas dão-se as mãos, e talvez não venha longe o dia em que as lindas e tão invejadas cristallisações naturaes sejam innocente brinquedo para a sciencia, verdadeiro desafogo de chimico aborrido e merencorio.

Será esse tambem o dia em que v. exc. ha de amaldiçoar os teimosos investigadores que roubaram a melhor propriedade das pedras preciosas, qual é a de serem raras. O luxo ganhará em extensão, mas perderá em aristocracia. Quando em arrayal festivo, quando em fogaça sertaneja, as aldeãs saltarem na dança vertiginosa e animada, descórando com o rubor das faces as lindas e mimosas côres das pedras preciosas, talvez que as flores campestres, essas perolas da vegetação, tomem o seu logar na categoria da belleza, de que foram expulsas desde que a innocencia da edade de oiro acabou na velha Grecia.

Pégaso marinho

A civilisação levar-nos-ha outra vez á poesia d'onde nos arrancou; a sciencia positiva ha de rehabilitar as flores.

E v. exc., que é poetiza de alma, ha de applaudir.

Eu de mim, obreiro obscuro e convicto do progresso, seguirei o exemplo de v. exc., porque, no dia em que a chimica houver composto todas as pedras preciosas, a sciencia andou mais um grande passo.

A. Osorio de Vasconcellos.

PÉGASO MARINHO

Este peixe tão singular, ao qual tambem se dá o nome vulgar de *escorpião-voador*, ou *dragoeira-marinha da India*, foi denominado por Cuvier, na linguagem scientifica, *pteroïs volitans*. Anteriormente designava-o a sciencia com o nome *scorpæna volitans*.

Aquelle celebre naturalista, que foi uma das maiores illustrações da França n'este seculo, e ao mesmo tempo um dos mais auctorisados legisladores do reino animal, separou este peixe do genero *scorpæna*, a que até então pertencia, por ter as barbatanas dorsaes e peitoraes extraordinariamente compridas. D'esta circunstancia lhe proveiu o nome *pteroïs*, que significa *alado*.

É notavel este peixe pela viveza e bonita distribuição das côres, e pela sua fórma exquisita, e a certos respeitos elegante. Na parte superior do corpo tem uma côr que parece uma mistura de vermelho e pardo, a qual se vae tornando mais clara e desvanecida á maneira que desce para o ventre. Todo o corpo é riscado em listas transversaes da mesma côr muito mais carregada. As escamas são pequeninas, quasi redondas, e dispostas como telhas em um telhado. As barbatanas são rôxas e brancas, alternando-se estas duas côres em manchas quasi regulares.

Vive este peixe nos rios e lagos de agua doce do Japão e das Molucas; porém é pouco commum. Alimenta-se de peixinhos, e, quando é perseguido por algum inimigo aquatico, foge, ora dando saltos fóra da agua e voando por espaços, ora mergulhando e nadando de novo. A grandeza das barbatanas peitoraes permittem-lhe estes saltos e vôos.

Tem a carne branca, dura e saborosa; pelo que os habitantes das Molucas lhe chamam *kalkom*, que quer dizer peixe-perú. Todavia, os naturaes d'estas ilhas, por effeito de certa superstição, não fazem uso d'elle nas suas cozinhas. Não succede o mesmo no Japão, onde o comem e é apreciado como um dos peixes mais delicados que se criam nos lagos e rios d'aquelle imperio.

I. de Vilhena Barbosa.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

Egreja de Santa Cruz, em Braga

Foi fundado este magestoso templo pelos annos de 1635. Occupava então a cadeira primacial da sé de Braga o sabio arcebispo D. Rodrigo da Cunha, que, pouco depois, foi transferido para a diocese de Lisboa, onde tambem resplandeceu em virtudes, immortalisando-se ao mesmo tempo por muitos e bons serviços prestados ás letras e á restauração da independencia de Portugal.

Todas as despezas de construcção foram feitas á custa de esmolas dos devotos, avultando entre estas

as que o dito prelado offereceu. Quem vê este grandioso templo, e considera que foi fabricado em uma terra interior de provincia, que, na epocha da fundação, apenas contava uns doze mil habitantes, parecer-lhe-ha impossivel que se começasse e levasse a cabo similhante obra sòmente por meio de esmolas populares, e sem ser necessario uma grande somma de annos para o seu acabamento. Entretanto, é certo que por este modo se levantaram em o nosso paiz muitos outros edificios religiosos de egual vulto, e alguns muito mais vastos e mais ricos, como o convento e egreja de S. Francisco da Cidade, em Lisboa, ao qual, pela grandeza do edificio, muita gente e varios escriptores chamaram *cidade de S. Francisco.*

Não falta hoje quem lamente que se dispendesse tanto dinheiro improductivamente, isto é, sem utilidade do desenvolvimento economico do paiz. Todavia, foi a esse espirito de devoção e liberalidade, que sempre animou o povo portuguez, que esta boa terra de Portugal deve ter conservado algum movimento artistico durante tantos periodos calamitosos que atravessou.

N'essa longa e tristissima quadra da dominação de Castella, em que os nossos oppressores tão sòmente pensavam em nos empobrecer e quebrar as forças physicas e moraes, procurando com estudada politica arredar do paiz os seus filhos mais benemeritos, e attrahir a Madrid os seus artistas mais distinctos, onde achariam emprego e protecção as bellas artes, se o espirito religioso do nosso povo as não convidasse a miudo para erigirem e ornamentarem novas casas de oração?

As bellas artes retrogradaram muito entre nós n'esse fatal periodo de sessenta annos, mas definhar-se-hiam inteiramente sem aquelle emprego e protecção, unico amparo que lhes permittiam as desgraças publicas e os proprios costumes nacionaes, que, por sua singeleza e habitos economicos, repelliam o luxo quer do exterior, quer do interior das habitações particulares.

Por estas razões devem taes templos inspirar-nos verdadeiro interesse, além d'aquelle que lhes provém da religião. A egreja de Santa Cruz, de Braga, está exactamente n'este caso. Fundada durante a usurpação de Castella, ao passo que deu trabalho aos artistas quando este mais lhes escasseava, por coincidir esta fundação com os maiores rigores da tyrannia de Filippe IV, mostra-nos hoje o estado em que se achavam as artes na cidade de Braga no ultimo periodo do dominio castelhano, e nos primeiros annos do reinado del-rei D. João IV.

Quem comparar a frontaria da egreja de Santa Cruz com a fachada do templo do Santissimo Sacramento, que pertenceu ao convento dos paulistas, e agora é a parochia de Santa Catharina de Lisboa, conhecerá a razão por que referimos aquelle estado das artes apenas a uma cidade, e não ao paiz.

N'aquella comparação ganhará muito a primeira, certamente, quer na elegancia das fórmas geraes, quer no luxo e brincado da ornamentação. Em quanto esta revela certo desassombro nas regiões do poder, e vida prazenteira nos artistas, a segunda, começada durante a construcção d'aquella, patenteia, no seu estilo pesado e na sua desengraçada singeleza, os horisontes anuviados da politica, os males passados e os sacrificios presentes, em fim, a tristeza dos artistas e a prostração das artes.

Entretanto, explica-se muito bem esta differença entre Braga e o resto do paiz. Na cidade primaz não se fez sentir a tyrannia de Castella com tanto rigor como no restante de Portugal, graças á circunstancia de ser governada no espiritual e no temporal pelos arcebispos, senhores da cidade, e que, por seu grande poder e influencia, bem como pelo saber e gravidade de suas pessoas, foram sempre respeitados pelos tres Filippes de Hespanha, reis intrusos de Portugal. A isto, que em taes circunstancias não é pouco, accrescentaremos ainda, que a mitra bracharense era a mais rica de todas as que havia na monarchia portugueza, e que os seus prelados dispendiam os immensos rendimentos d'ella em actos e instituições de beneficencia, na edificação de templos, e em diversas obras publicas para adorno da cidade e maior commodidade dos moradores, como temos observado em outros numeros do *Archivo.*

Se tantas e tão graves causas de decadencia geral obstaram a que os arcebispos de Braga lograssem fazer prosperar e florescer as artes na sua cidade, é fóra de dúvida, porém, que conseguiram impedir de alguma maneira que retrogradassem tanto como no resto do paiz. Especialmente a architectura, a esculptura em pedra, madeira, metaes e marfim, encontraram sempre impulso e incentivo no animo liberal e emprehendedor dos arcebispos primazes. É a isto, em nossa opinião, que os bracharenses devem o genio ou tendencias artisticas que ainda hoje os distinguem de todas as mais povoações do reino.

Todavia, se a cidade de Braga não acompanhou o paiz na decadencia das artes, é innegavel que não se subtrahiu, nem podia eximir-se á influencia perniciosa das causas geraes que produziram aquella decadencia, a par da corrupção do gosto artistico. D'esta asserção tambem é prova a mesma frontaria da egreja de Santa Cruz. As quatro columnas doricas que adornam a parte inferior do corpo central não disfarçam o defeito d'aquellas tres portas, tão pequenas e desengraçadas; nem as quatro pilastras jonicas que lhes ficam superiores, com todas as esculpturas que entre ellas resaltam da parede, podem attenuar o mau effeito produzido pelas pequeninas aberturas envidraçadas, que mais parecem frestas da escada para as torres, que as janellas principaes do templo. Outro tanto diremos do frontão relativamente ao oculo.

O interior da egreja não tem magnificencia para nós, filhos das provincias do sul do reino, onde os marmores de côres vivas e superficie lustrosa fazem o mais bello ornamento dos templos. Comtudo, este de que nos occupâmos é notavel pela sua grandeza e aceio, e pelas ricas alfaias que decoram as capellas.

Tem sete capellas com a principal, todas consagradas aos passos da Paixão de Jesus Christo. No altar-mór está a imagem de Christo crucificado, tendo á direita a Virgem Maria e á esquerda S. João Evangelista, todas de vulto. Do lado do evangelho acham-se as capellas do *Senhor com a cruz ás costas;* da *Coroação dos espinhos;* e do *Senhor no horto:* e do lado da epistola as de *Nossa Senhora das Angustias* ao pé de seu Santissimo Filho, arrastando sua pesada cruz; a do *Ecce Homo;* e a de *Jesus preso á columna.* Todas estas capellas estão guarnecidas com obra de talha doirada de primoroso lavor.

É administrada e servida esta egreja por uma numerosa e rica irmandade, que paga a doze capellães para rezarem no côro quotidianamente, e para celebrarem as solemnidades religiosas, que ahi se fazem com grande esplendor. Possue esta confraria avultados rendimentos, que recebe parte em dinheiro, e outra parte em cereaes. Porém, como estes bens são provenientes de legados dos irmãos, estão onerados com pesados encargos. No meiado do seculo passado era obrigada a irmandade a mandar dizer annualmente, por alma dos irmãos fallecidos, mais de nove mil missas. Não sabemos a quanto sóbe na actualidade o numero dos suffragios, mas bem se deve suppor que terá augmentado consideravelmente, attendendo-se ao costume que ainda hoje se conserva n'aquella cidade, entre as pessoas ricas, de legarem bens de raiz, ou dinheiro, ás confrarias para suffragios annuaes.

A egreja de Santa Cruz está situada no *campo dos Remedios*, em frente do *convento de Nossa Senhora da Piedade*, que principiou por um recolhimento, e que D. Fr. André de Torquemada, andaluz, e bispo de Dume, erigiu em clausura de religiosas da ordem terceira de S. Francisco, no anno de 1547.

N'este mesmo campo fica o bello edificio do hospital de S. Marcos, do qual tratâmos, bem como do dito campo e convento, a pag. 265 do vol. VII.

A nossa gravura, que honra os dois artistas que a executaram, é cópia de uma photographia da collecção do sr. Seabra. Vê-se n'ella um cunhal e tres janellas do convento de Nossa Senhora da Piedade. Na gravura publicada no volume e paginas acima citados, descobre-se a um lado o frontispicio d'este convento, e ao outro a escadaria do adro da egreja de Santa Cruz.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O EMBUSTEIRO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

(Conclusão. Vid. pag. 98)

III

Oito dias depois da chegada do sr. visconde de Sete Castellos a Tomillar, os tomilharenses estavam que podiam estalar de orgulho e prazer.

O viajante, que era homem riquissimo e de illimitada influencia, não só junto do governo, senão tambem dentro do paço dos reis, estava decidido a proteger Tomillar, de modo que aquella pobre e esquecida aldeia fosse dentro de pouco tempo uma das povoações mais prosperas e invejadas de Alcarria.

O sr. visconde de Sete Castellos, agradecido á franca e leal hospitalidade que encontrára n'aquella aldeia, e encantado pelas vantajosas condições que Tomillar reunia, para a caça e para a industria principalmente, estava resolvido a alcançar-lhe nada menos que os seguintes beneficios:

Que passasse por alli o caminho de ferro de Soria, ou, quando menos, se désse aos tomilharenses um ramal d'esse caminho, de que se tornavam credores;

Que se declarasse Tomillar cabeça de comarca, se porventura não se conseguisse tirar a Guadalajara a qualidade de capital de provincia;

Que se perdoassem ao povo de Tomillar as contribuições atrazadas;

Que se fundaria em Tomillar, por conta do mesmo opulento visconde de Sete Castellos, uma grande fabrica de pannos e outros tecidos, com todos os melhoramentos introduzidos n'esta industria, a fim de sobresair ás que, apesar do rame-ram, deram tanta celebridade a Guadalajara e Novo-Baztan;

Que se explorariam em grande escala os riquissimos jazigos de oiro e prata que abundavam no termo de Tomillar, segundo as observações que fizera o proprio visconde, mui entendido em mineralogia, como provavam os descobrimentos d'aquelles preciosos metaes que n'outro tempo havia feito, tão sómente por divertir-se, na Serra Almagrera e em Hiendelaencina;

Que se edificaria por conta das obras publicas um bom templo para a freguezia de Tomillar;

Que o proprio visconde mandaria construir um sumptuoso palacio de estio nas immediações de Tomillar, para cujo effeito, e para cercar o palacio de magnificos jardins, abundantes vinhedos e boa tapada, compraria aos tomilharenses, pelo preço que quizessem, os terrenos quasi baldios que alli possuissem;

E por fim — e este beneficio era o que mais alegrava e satisfazia os tomilharenses — que se annexaria a Tomillar a tapada que, havia seculos, se litigava entre os habitantes d'esta povoação e os de Retamar, ajustando contas uns e outros duas vezes por anno, isto é, quando os de Tomillar iam á festa de Retamar, e quando os de Retamar iam á festa de Tomillar.

Eram estes os beneficios que promettia em publico o sr. visconde de Sete Castellos aos habitantes de Tomillar. Entre os infinitos que promettia em particular, só citâmos dois: o sr. visconde, querendo recompensar o zêlo com que a tia Margarida e Gomisindo o serviam e obsequiavam, decidira nomear a tia Margarida governante do seu novo palacio de Tomillar, e Gomisindo administrador das suas novas possessões.

É inutil observar que o sr. visconde, muito grato aos obsequios de que era objecto por parte dos tomilharenses, pozera á disposição d'estes o seu palacio da rua do Embaixador, em Madrid, onde, sempre que fossem á côrte, seriam tratados com a opulencia de principes, ainda que isto fizesse estalar de inveja todos os que não podiam ver com bons olhos o engrandecimento de Tomillar e a prosperidade dos tomilharenses.

Veja-se, portanto, se havia ou não razão para estarem alegres e satisfeitos.

Vendo o sr. visconde que os villões de seus criados não appareciam em Tomillar, determinou sair d'aquella hospitaleira povoação, com tanta maior urgencia quanto á sua partida da capital, dissera-lhe a rainha que estava muito descontente do governo e pensava encarregal-o da formação de outro.

O sr. visconde sentia desgosto de nem sequer poder enviar uma carta a casa, a fim de que lhe mandassem carruagem e quanto necessitava para fazer a viagem com a commodidade e a decencia que eram devidas á sua alta jerarchia, porque a sra. viscondessa entrára no estado interessante, e, se chegasse a suspeitar só que o amado esposo padecia taes necessidades e dissabores, affligir-se-hia de modo que, antes de vinte e quatro horas, teria alguma enfermidade gravissima.

Quando os tomilharenses receberam a triste nova de que o sr. visconde estava decidido a ausentar-se, nomearam uma deputação, que, dirigindo-se ao illustre e generoso hospede, supplicasse a este reverentemente que honrasse por mais algum tempo a povoação com a sua presença.

A deputação cumpriu fielmente o encargo, mas o sr. visconde de Sete Castellos insistiu na sua resolução, e quando o povo soube que decididamente se partia o seu protector, desatou a chorar a bom chorar!

Chegou, por fim, o instante supremo, isto é, o da partida do visconde, e este, como os villões dos criados o tinham abandonado, e estava portanto sem dinheiro para pagar á tia Margarida e gratificar nobremente Gomisindo, quiz deixar em penhor um singelo annel de oiro, que, segundo o proprio senhor de Sete Castellos confessou, valia muito dinheiro, pois era uma lembrança affectuosa de sua magestade a rainha; mas a tia Margarida e Gomisindo, mostrando sincero pezar, declararam que o sr. visconde os offenderia pensando que elles eram capazes de desconfiar de s. exc.; e como o visconde lhes pedisse perdão por ter offendido a sua delicadeza, disseram-lhe então que unicamente provaria s. exc. arrependimento se acceitasse para o caminho uma peça de oiro que tinham conseguido até alli economisar.

O sr. visconde queria desculpar-se para não acceitar este novo testimunho de benevolencia, mas viu-se obrigado a acceitar a peça de oiro para o caminho.

O povo, não menos previdente e delicado em geral que a tia Margarida em particular, pensou que o sr. visconde se encontrava falto de recursos por causa da velhacaria dos seus criados, e deliberou offerecer-lhe do modo mais engenhoso e delicado uma quantia decorosa, que consistia em vinte peças como vinte

soes, e que o sr. visconde não teve outro remedio senão acceitar, e agradecer vivamente commovido.

A povoação inteira desejava acompanhar o sr. visconde até Retamar; mas o sr. visconde, tão modesto quão generoso, oppoz-se obstinadamente a isso, consentindo apenas que o acompanhassem até ao termo da jurisdicção de Tomillar.

— Visto que acompanhâmos o sr. visconde em tão curta distancia, disseram os tomilharenses, acompanhemol-o como é devido.

E, procurando o melhor carro que havia na povoação, em um abrir e fechar de olhos enfeitaram-no com pittoresco toldo, deitaram-lhe fofos colxões e almofadas, ornaram-n'o com flores, e fizeram subir para elle o sr. visconde.

Assim que s. exc. tomou o logar principal, disse quasi chorando de commoção:

— Quando quizerem, meus senhores, podem metter nos varaes os bois ou as muares.

— Ora, sr. visconde! os bois e as muares somos nós todos! — exclamaram os habitantes de Tomillar ao mesmo tempo.

E o carro saiu da povoação tirado pelos tomilharenses; e os vivas, os soluços e os adeuses que tinham partido de todos os lados, só acabaram quando os habitantes de Tomillar perderam de vista o sr. visconde de Sete Castellos.

IV

Tinham decorrido oito dias desde o memoravel em que o sr. visconde de Sete Castellos saíra de Tomillar, deixando no abysmo da saudade os habitantes d'aquella povoação, e ainda se não sabia se o exc. visconde chegára felizmente a Madrid, porque s. exc. não escrevêra, apesar de tel-o promettido, e isto conservava em terrivel anciedade os tomilharenses, pois se o sr. visconde não tinha escripto era signal de que estava doente, ou que no caminho lhe succedêra alguma desgraça.

O sr. regedor julgou que era chegado o caso de convocar conselho para discutir em primeiro logar o meio de saber do sr. visconde; e em segundo logar, de dar-lhe a conhecer quanto se interessava o povo tomilharense pela preciosa saude de s. exc.

Soou a trombeta com a qual era de uso e costume convocar o conselho, e todos os habitantes affluiram á sala da reunião.

Depois de longa e acalorada discussão, em que mais de um orador — é forçoso confessal-o! — sacrificou ao immoderado orgulho de ostentar galas oratorias o sagrado interesse da patria, vivamente empenhada em decidir com urgencia tão arduo assumpto; depois de longa e acalorada discussão, repetimos, resolveu-se que o sr. regedor, o escrivão da regedoria e o mestre da eschola fossem, como representantes do povo tomilharense, ao palacio do sr. visconde de Sete Castellos, em Madrid, a fim de comprimental-o, e saber se s. exc. gozava de saude perfeita.

— Pantaleão, disse a tia Margarida quando soube a deliberação do conselho dos varões, eu tambem desejo ver aquelle abençoado senhor.

— Tiburcio, accrescentou Gomisindo, tambem eu vou com vossemecês, minha mãe, porque não lhe dê na cabeça ao regedor ir com zumbaias ao sr. visconde para que o faça a elle administrador.

A tia Margarida improvisou um par de duzias de certos bolos que eram muito do gosto do sr. visconde, penteou com esmero a sua grisalha cabelleira, vestiu a sáia domingueira, atou á cabeça um lenço de algodão de soffrivel tamanho, collocou em um cesto de aza os bolos, e, com o desembaraço da mocidade, ella e seu filho, que tambem trajava com a elegancia devida a um administrador em perspectiva, foram-se reunir com os representantes do povo tomilharense.

O sr. regedor vestíra-se tambem com o trajo de festa, pondo a capa de panno fino; e o mestre de meninos, embora como homem de letras carecesse de capa, pozera gravata apertada como a sua situação pecuniaria, calção curto como o seu ordenado, meias de lã negras como o seu futuro, e as mãos nas algibeiras vasias.

Em quanto ao escrivão, escusado é descrever-lhe o trajo, por ser aqui personagem muito secundario.

Ao deixarem atraz as ultimas casas de Retamar, reuniu-se-lhes o rapaz, a quem vimos fallar com o sr. visconde n'aquelle mesmo sitio. Ia d'esta feita com o jumento á fonte, d'onde tambem vinha da outra vez.

— Que novidades ha em Retamar, rapaz? — perguntou-lhe o sr. regedor.

— A maior, a unica, é a de que nos divertimos de grande com as comedias.

— Pois tem agora comedias em Retamar?

— E muito boas. Hontem á noite tornaram a representar uma que se intitula *O Barão*, e gostei mais d'ella que da outra vez. Não a viram vossemecês nunca?

— Não.

— Eu lhes direi como é.

E o rapaz contou aos tomilharenses o argumento da comedia de Moratin.

O mestre de meninos ficou pensativo.

Gomisindo queria dizer alguma coisa, e só se atreveu a murmurar:

— Ai, que lance...

— Cala-te, rapaz! — interrompeu o mestre, lançando-lhe olhar basilisco, e o rapaz fechou a boca.

O retamarense parou na fonte, e os representantes do povo tomilharense, caminha, caminha, caminha, seguiram sem parar até á capital.

Entraram ao anoitecer pela porta de Alcalá, montados em ruins jumentos, como elles costumavam viajar.

Para se apresentarem ao sr. visconde de Sete Castellos com a devida decencia, os cinco lavaram a cara na fonte de Cibelles, onde beberam em companhia dos cinco jumentos.

Depois de deixarem as cavalgaduras na estalagem de Barcellona, continuaram para a porta do Sol.

Ao avistarem esta, o sr. regedor começou de repente a gritar:

— Fogo! fogo! que se queima essa casinha!

E lançando para um *kiosko luminoso*, que era a casinha que no seu conceito se queimava, lançou a capa ao incendio para o suffocar.

O guarda do *kiosko*, julgando que o provinciano tinha vontade de apupada, repelliu com o pé a capa do sr. regedor, e a multidão apupou esta respeitavel auctoridade.

Quando o alcaide saiu do seu erro e de entre os pés do guarda do *kiosko*, o mestre, que era instruido como empregado de instrucção publica, prorompeu n'esta sentença, digna de inscrever-se nos vidros dos *kioskos* luminosos para a necessaria clareza.

— «Toda a auctoridade que confundir a luz com o fogo expor-se-ha á pateada popular.»

Ao chegar á rua Maior, o mestre perguntou a um rapaz:

— Dize-me, ó rapaz, onde mora o sr. visconde de Sete Castellos?

O rapaz respondeu com voz clara:

— Mora na rua do...

— Do?...

— Do Embaixador...

— É verdade, é verdade, responderam os provincianos, incluindo o mestre, lembrando-se de que, com

effeito, o visconde lhes dissera habitar no seu palacio da rua do Embaixador.

Voltando á esquerda, entraram na Praça Maior; mas o que alli se passou merece novo capitulo.

V

O *tuti-li-mundi* alvoroçava o numeroso concurso de soldados, rapazes, raparigas, vadios, aldeãos e tolos de Coria, que occupavam meia praça.

— *Rataplan, rataplan!* — rufava um tambor, e o homem que o tocava gritou:

— Quem quer ver por dez réis a *Vida do mau homem! Rataplan, rataplan, ram!* Vou começar! Vou começar!... Vamos, meus senhores, mulheres e homens; vamos, que se aprende aqui muito.

— Minha mãe, disse Gomisindo, vou ver isto, que os administradores carecemos de saber muito para que não nos embacem.

Kivi-kivi e moa

— O saber, accrescentou sentenciosamente o mestre, não occupa logar. Todos, todos vamos ver isso, e serás tu, regedor, o primeiro de nós.

Os cinco tomilharenses applicaram os olhos a outras tantas lentes, em quanto o homem do *tuti-li-mundi* explicava a *Vida do mau homem* nos termos seguintes:

«Joga o peão com os gaiatos em vez de ir á eschola;

«Bate na mãe, prendem-n'o por tão feia acção;

«Assenta praça n'um regimento, e deserta roubando a nação;

«A policia captura-o novamente, e os tribunaes mandam-n'o para o degredo;

«Cumpre a sentença, dá novo talhe á barba e põe oculos de vez em quando;

«Traja de cavalheiro sem occupação, e frequenta as casas de jogo;

«Favorece-o a fortuna, e joga nos fundos publicos;

«Adopta nas transacções o uso de receber se ganha, e não pagar se perde;

«Mulheres, jogo, cavallos, deixam-n'o sem um real;

«Mette-se a mineiro, e, enganando os socios, ganha bom dinheiro;

«Perde novamente tudo que tem ganho;

«Falsifica um papel, e descobre-se o ardil;

«Procura-o um beleguim, e evade-se da capital;
«Não tem dinheiro, rouba e mata um arrieiro;
«Chega não sei onde, e inculca-se visconde;
«Acreditam-n'o uns aldeãos, e surripia-lhes os haveres;
«A policia dá com elle na aldeia, e mette-o na cadeia;
«E, a final, o mau homem paga por junto os seus crimes. A lei é inexoravel.»

Os tomilharenses ficaram pensativos e silenciosos depois de ouvirem esta narrativa.

— Dize-me, ó regedor, perguntou por fim o mestre, que te parece o que referiu o homem do tambor?

— Homem, queres que te falle verdade, deviam ser muito parvos os aldeãos que se deixaram embaçar por similhante embusteiro.

— E o homem disse que tambem era visconde, accrescentou Gomisindo.

— Cala-te, rapaz!... — interrompeu o mestre lançando-lhe outro olhar de basilisco, embora não tão ferino como o que lhe lançára proximo de Retamar.

Todos guardaram silencio.

— Pantaleão, disse a tia Margarida, hei de saber se isso é verdade ou mentira. Diga-me vossemecê, bom homem, accrescentou dirigindo-se ao pelotiqueiro do tambor; é exacta a vida do mau homem?

— Pergunte-o vossemecê áquelle que os soldados levam alli preso. Deve sabel-o, respondeu o charlatão do *tuti-li-mundi*.

Os tomilharenses lançaram um grito de sopresa, indignação e dor, e sabe Deus que mais, ao reconhecerem o preso.

— Senhor visconde! — exclamaram em côro.

— Qual visconde, nem qual demonio! — lhes respondeu um dos soldados. Visconde! Condemnado ás galés por toda a vida!

— D'onde o trouxeram vossemecês?

— De uma povoação da Alcarria, onde, havia perto de oito dias, enganava aquelles parvos, pobres camponios, coitados! dizendo-lhes que era visconde, e ia transformar em paraiso a aldeia d'elles, coisa que acreditavam aos pés juntos aquelles animaes, que deviam comer palha e cevada.

— Sim, senhor; sim, senhor; deviamos comer palha e cevada! — exclamaram ao mesmo tempo os tomilharenses, e dirigiram-se tristemente a repoisar com os dignos companheiros que os esperavam na estalagem.

H. A.

KIVI-KIVI E MOA

Com estes nomes vulgares são designadas em a Nova Zelandia duas aves singularissimas, uma (kivi-kivi) existente, a outra (moa) raça extincta e sómente conhecida pela tradição e por esqueletos fosseis.

Os kivi-kivis habitam nas matas virgens da Nova Zelandia. Sendo levada a Londres pelo capitão Barcley, em 1812, uma pelle d'esta ave, viram-se os naturalistas muito embaraçados para a classificarem. Era a primeira que apparecia na Europa. Parece que a reputaram como uma especie comprehendida na ordem dos *inertes* (casoares, abestruzes, drontes).

Mr. Lesson, que observou na Nova Zelandia, não uma d'estas aves, mas simplesmente a pelle, descreveu-a com o nome de *Dromiceius Novæ Zelandiæ*, e como pertencendo ao genero casoar.

O doutor Shaw denominou-a *Apteryx australis*, e trouxe para Londres um individuo d'esta especie, o qual passou, depois da morte d'este naturalista, a ser propriedade de lord Stanley. Succedeu isto pelos annos de 1830. Este fidalgo enviou depois o kivi-kivi á sociedade zoologica de Londres, tão sómente para que os homens da sciencia o analysassem. E, com effeito, mr. Yarrel, membro d'esta sociedade, publicou uma interessante memoria sobre a dita ave. Porém, não obstante estes estudos, talvez por não serem observados os orgãos internos, ficou indeterminada a posição que ella deve occupar na serie ornithologica.

Desde a ultima data que citámos tem viudo para os museus da Europa varios kivi-kivis embalsamados, porém apenas um veiu vivo, que nos conste, correndo o anno de 1852, para o jardim zoologico de Londres, onde se conserva ao presente, com o nome scientifico de *Apteryx mantelli*.

Tem esta ave o tamanho de um ganso, com a côr branca em uns individuos, e n'outros parda escura. Não tem cauda, e o mesmo se póde dizer das azas, pois são tão curtas que não se distinguem á vista, nem lhe servem para voar. O bico é muito comprido, e similhante ao das gallinholas. As pernas são curtas, mas de muita grossura, e guarnecidas, bem como os pés, de duras escamas. Os pés compõem-se de tres dedos, orlados, de uma parte sómente, com uma membrana recortada, egual á que une os dedos nos palmipedes (patos). As unhas são agudas e fortes, e assim o esporão. O corpo está coberto de pennas similhantes a cabellos, mas rijas.

São nocturnas estas aves. Durante o dia escondem-se nos buracos das rochas, ou nas cavidades dos troncos ou das raizes das arvores annosas. E é este escondrijo que preferem, procurando os logares assombrados de mais basto arvoredo. Depois de anoitecer saem ao pasto, buscando para alimento insectos, larvas, e varios bichos pequenos, e tambem algumas variedades de sementes.

Vivem e divagam acasalados. A femea põe só um ovo de cada postura, ao qual cobre alternadamente com o macho. Este differença-se da femea por ser maior e ter o bico mais comprido.

Dissemos que as azas, por mui curtas, são inuteis para voar; mas servem-lhes de grande auxilio na carreira e nos saltos; e por tal modo que, sem embargo do muito peso do corpo, permittem-lhes saltar com ligeireza acima das rochas e dos troncos das arvores, e correr com incrivel velocidade quando se vêem perseguidas.

Os habitantes da Nova Zelandia gostam muito da carne d'estas aves, que dizem ser delicadissimo manjar. Tambem fazem uso das pelles com a plumagem como ornato. São, pois, bastantes estes dois incentivos para lhes moverem desapiedada guerra. E tão incessante foi outr'ora, que, sendo a ilha antigamente muito povoada d'estas aves, segundo a tradição, hoje vão-se tornando raras, a ponto que alguns naturalistas que visitaram a ilha modernamente, e que debalde as procuraram, julgaram que tinham desapparecido inteiramente.

Existem ainda, e não em pequena quantidade, mas foragidas e acoitadas contra a perseguição dos homens nas montanhas mais inaccessiveis, e onde as florestas são mais espessas e emmaranhadas.

São precisos para a caça d'estas aves cães bem corredores; e ainda assim difficilmente se apanham pela aspereza e escabrosidade das serras a que se acolhem. Os indigenas vencem ordinariamente estas difficuldades por meio de um estratagema. Vão ás caçadas de noite, e com o menor bulicio possivel. Escondem-se atraz de algum penedo ou moita nos logares que já sabem por experiencia serem os mais frequentados pelos kivi-kivis quando andam ao pasto. N'esta posição esperam que appareça alguma d'estas aves, e, logo que a imprudente se aproxima, apresentam-lhe de improviso uma luz, que até alli conservaram occulta, e, aproveitando o desvairamento e quasi cegueira que o subito clarão lhe causa, offuscando-lhe a vista, facilmente a agarram com a mão, ou conseguem atordoal-a com um pau.

Se as pobresinhas pastam n'outra direcção, e não se resolvem a caminhar para o lado em que estão escondidos os caçadores, estes então imitam-lhes o grito, e com tal perfeição, que não tardam a cair na cilada, attrahidas pela falsa voz.

A singularidade e raridade d'esta ave, a qual não existe ou não se sabe que exista em alguma outra região do globo, tem feito com que os museus da Europa deligenceiem adquiril-a, resultando d'isto ter subido muito o seu preço.

A outra ave gigantesca que se vê figurada em a nossa gravura, representa uma especie extincta do mesmo genero *Apteryx*, tambem indigena da Nova Zelandia, e, como a primeira, desconhecida no resto do mundo. A tradição, authenticada com a descoberta de ossos e esqueletos completos, e até de alguns ovos monstruosos, tem dado noticia positiva ácerca d'esta ave, que os naturaes do paiz chamam *moa*.

Refere a tradição, passada vocalmente de paes a filhos, e tambem em poesias populares, que quando os maoris, primeiros descobridores e povoadores da Nova Zelandia, aportaram n'esta ilha, era prodigioso o numero de moas que n'ella viviam. Ao principio viram-se os maoris obrigados a combater com estes verdadeiros senhores da ilha, que se oppunham, ao que parece, ou, pelo menos, embaraçavam o estabelecimento dos invasores.

Diz a mesma tradição que houve luctas encarniçadas, pois que o inimigo era poderoso pela sua força e fórmas descommunaes, e, ainda mais, pelo numero. Depois, quando a superioridade do homem se achava assegurada por continuadas victorias, e o inimigo, já muito enfranquecido, afugentado para as montanhas mais fragosas, continuou a guerra sem descanço, porém por diversa causa. Os maoris já não se temiam das aves, mas precisavam d'ellas para o seu sustento, por quanto não creava aquella ilha especie alguma de quadrupedes, a não ser alguns ratinhos.

Além d'isto, a moa offerecia-lhes variadas vantagens. Serviam-se da carne e dos ovos como de um alimento saudavel, e muito do seu gôsto. Ornavam com as pennas as armas e o corpo. Faziam dos craneos bocetas para guardar os pós com que se pintavam. Fabricavam dos ossos anzoes e outros utensilios. E até davam aos ovos um emprego religioso, collocando-os nas sepulturas dos mortos, como farnel para a longa viagem que estes faziam através dos infernos.

D'est'arte exterminaram, sem querer, as aves de que tinham tanta precisão.

Dizem que celebravam as caçadas, quando eram abundantes, com festas que terminavam por um banquete nos proprios logares da caçada, ou nas suas visinhanças.

Os actuaes habitantes da ilha, descendentes dos maoris, mostram como prova da verdade da tradição varias collinas cobertas de esqueletos e ossos dispersos de moas; e grande quantidade de outros por elles achados nas alluviões do rio Retorna, nos pantanos e nas praias do mar.

As investigações feitas modernamente n'estas ossadas pelos naturalistas que tem visitado a Nova Zelandia, tem demonstrado que taes ossos pertencem a quatro especies do mesmo genero, mas de differente tamanho. A maior deram o nome scientifico de *dinormis;* á segunda na grandeza das proporções *palapteryx;* á terceira *aptornis;* e á mais pequena *nothornis.*

O esqueleto da primeira, *dinormis*, tem de altura média quatro metros. Como succede a todas as aves do genero *abestruz*, as moas não podiam voar. As suas azas, quasi imperceptiveis, sómente lhes serviam de auxilio na carreira. Em contrario do que se vê em todas as mais aves, as moas tinham os femurs e as tibias cheias de tutano em logar de ar. Um ovo, encontrado ha pouco dentro da sepultura de um chefe maori, tinha doze pollegadas de comprimento, nove de diametro, e vinte e sete de circumferencia.

Fazendo-se uma excavação em uma propriedade do sr. Tysse, em Kaikoros, para a abertura de alicerces, descobriu-se uma sepultura, contendo o esqueleto de um maori. Achava-se o esqueleto sentado, e com uma das mãos segurava uma caixa, dentro da qual se conservava um ovo de moa, tambem com doze pollegadas de comprimento, mas de diametro apenas cinco.

Estas descobertas tem dado assumpto para largas controversias entre os homens da sciencia, tanto pelo que diz respeito á descripção e classificação d'esta ave maravilhosa, como tambem em relação á epocha em que se extinguiu.

Os esqueletos da moa *dinormis ingens*, que tem vindo para alguns museus da Europa, dão perfeito conhecimento da estructura externa d'esta ave. Porém, quanto á sua organisação interior, apenas se podem formar juizos por inducção, attendendo ás suas fórmas exteriores, e á similhança d'estas com as dos kivi-kivis *(apteryx mantelli)*, ainda existentes.

Está plenamente comprovado que os ossos das moas disseminados na Nova Zelandia não são fosseis antediluvianos. O perfeito estado de conservação em que todos se acham, uns na superficie da terra, expostos á acção do tempo, outros enterrados a pouca profundidade de envolta com ossos de aves existentes, demostram que a extincção das moas não é um facto de remota antiguidade. Alguns naturalistas julgam até que estas razões auctorisam a supposição de que não esteja muito afastado de nós o periodo de que a Nova Zelandia era habitada por aquellas aves. Outros ha que não acreditam na completa extincção d'ellas, adduzindo, entre outros argumentos a favor d'esta opinião, o estado de conservação dos ovos que se tem encontrado. Presumem, pois, que a especie esteja muito reduzida, mas não extincta; e que a perseguição sem trégoas que lhes fizeram os homens fosse causa de que as suas reliquias buscassem refugio em alguns logares ainda não devassados pelos naturaes ou pelos viajantes.

A nossa gravura, representando os kivi-kivis e a gigantesca moa *(dinormis ingens)*, é cópia de outra do jornal *Le Tour du Monde*, do qual tambem colhêmos uma parte das noticias que publicâmos.

Sobre esta materia tem escripto ultimamente algumas memorias varios naturalistas. Tompson, na sua *Historia da Nova Zelandia*, tambem lhe dedica algumas paginas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LIBERDADES DE PORTUGAL NO SECULO XV

Portugal é uma leira de terra tão estreita, que muita gente ha por essa Europa que nem sequer a distingue no mappa da peninsula, parecendo-lhe tudo Hespanha. Pois assim pequenino como é, já houve tempo em que cresceu tanto em gloria e poder, que encheu o mundo com o seu nome.

Immerecidos infortunios o precipitaram d'essas alturas até quasi o arremessarem no sepulchro das nações. Por longa serie de annos só os reflexos do passado lhe vinham alegrar o presente, e derramar no futuro frouxa luz de esperança.

Cançou-se a sorte de lhe ser adversa. Hoje sorri-lhe fagueira, e lá o vae guiando, embora por caminho escorregadio e cheio de abrolhos, ao gremio das nações civilisadas. Mas nem por isso nos devem deixar de ser gratas as recordações d'esses tempos em que caminhavamos á frente da civilisação. O que vamos referir revela os progressos moraes do povo portuguez em uma epocha bem antiga.

Nas cortes celebradas em Lisboa no anno de 1498 para se resolver ácerca da ida del-rei D. Manuel e da rainha D. Isabel a Castella, a fim de ahi serem jurados principes herdeiros d'aquelles reinos, trataram-se varios outros assumptos depois de resolvida a questão principal.

Os tres estados aproveitaram a occasião para requererem á corôa algumas concessões, entre outras a abolição das sizas e da maior parte das coutadas, dizendo a respeito d'estas: *Que ho povo recebe muito dano por nos regnos haver muitas coutadas, e officiaes dellas, polo que reservando algumas pera desporto d'el-rei, lhe pedem descoute has outras, ficando guardadas as coutadas das pessoas particulares.*

Recusou el-rei acceder ao primeiro pedido, allegando muitas razões de utilidade publica. Ao segundo satisfez na fórma requerida.

Tambem as cortes representaram contra o uso dos facultativos receitarem em latim, pedindo que fossem prohibidos de o fazerem, ao que el-rei deferiu, impondo multas e perda do officio, tanto aos facultativos que contraviessem as novas determinações, como aos boticarios que aviassem taes receitas.

O mais singular, porém, de todos os requerimentos que estas cortes dirigiram ao soberano foi para que diminuisse o numero dos seus criados. O pedido era concebido n'estes termos: *Que não trouxesse tantos officiaes e moradores, e os quizesse reduzir a menor conto.*

El-rei respondeu: *Hos mais dos nossos moradores forão criados delrei meu senhor e primo, hos quaes não podemos deixar de agasalhar, porque seria crueza fazermos ho contrario; hos outros são de nossa casa, com outros que nos recreceram, de que nos não podemos excusar: mas posto que nosso desejo seja fazer a todos merce, por disso levarmos grande gosto, comtudo daqui por diante folgaremos de continuar na melhor maneira que podermos.*

O requerimento mostra o modo por que o povo velava pelos seus interesses e direitos, e a liberdade com que então se fallava ao soberano. A resposta d'este tambem dá testimunho da benevolencia do nosso governo, e da consideração em que o povo era tido pelo monarcha em uma epocha em que os populares eram tratados em quasi toda a Europa mais como escravos que como homens livres.

Cremos que em nenhuma outra monarchia d'esse tempo ousaria alguem, só ou em corporação, requerer ao rei a reforma da sua casa, a diminuição da sua familia. Mas o que sem duvida se póde affirmar é que fóra de Portugal nenhum soberano toleraria similhante ingerencia nos seus negocios domesticos, ou, pelo menos, nenhum se escusaria mais urbanamente, nem de uma maneira mais propria para consignar aquella ingerencia como um direito popular.

Entretanto, para se avaliar o procedimento das cortes é necessario saber as razões que lhe serviram de fundamento. Fal-as-hemos conhecer, dando uma noticia das pessoas de que se compunha a familia delrei D. Manuel, ou que recebiam do seu patrimonio, no começo do anno de 1518, e da rainha D. Maria, sua segunda mulher, ao tempo do seu fallecimento.

Cavalleiros do conselho 369. N'este numero entravam todos os officiaes-móres e menores, bem como os camaristas, aios, e guarda-roupas do principe e infantes. Escudeiros fidalgos 109; moços fidalgos 200; outros moços 8; escudeiros 43; moços da camara 138; capellães 33; medicos e cirurgiões 6.

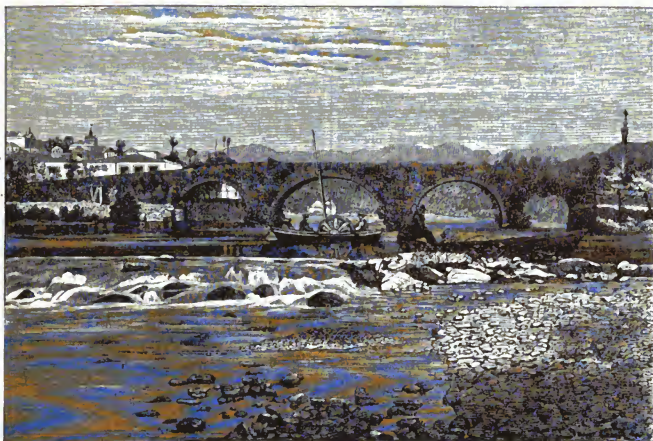
A rainha D. Maria tinha 12 capellães e 16 moços de capella; 27 damas, incluindo a camareira; 7 moças da camara; 11 criadas de outras denominações; 25 officiaes-móres e menores; 3 reposteiros da camara; 8 homens da camara; 43 moços da camara; 6 porteiros; 15 reposteiros; 13 moços da estribeira; 7 officiaes mecanicos (ourives, alfaiates, sapateiros, etc.); 9 officiaes da cozinha (cozinheiro-mór e menores, porteiros etc.)

Em tempo de D. João III ainda cresceu muito o numero dos familiares e empregados do paço, pois que só a capella d'este monarcha era servida por 148 capellães e 123 moços. A casa de seu irmão, o infante D. Luiz, constava de 36 capellães; 11 moços da capella; 27 fidalgos cavalleiros; 12 fidalgos escudeiros; 22 moços fidalgos; 22 cavalleiros fidalgos; 80 cavalleiros; 32 escudeiros fidalgos; 46 escudeiros; 7 medicos e cirurgiões; 1 monteiro a cavallo; 203 moços da camara; 8 porteiros da camara; 26 reposteiros; 8 trombetas; 9 moços do monte; 36 moços da estribeira; 5 cozinheiros; 2 moços da copa; 1 moço da fazenda; 1 official do thesoiro; 6 homens da mantieiria; 2 do armador-mór; 2 do guarda reposte; 6 varredores; 5 moços da caça; 2 armeiros; 1 regueifeira; 1 lavandeira; 1 varredeira: ao todo 632. Os officiaes-móres e menores vão incluidos nos cavalleiros e escudeiros.

As casas dos infantes D. Duarte e D. Fernando, tambem irmãos del-rei D. João III, compunham-se, a primeira de 191 pessoas, e a segunda de 206.

Todavia, por mais avultadas que pareçam estas sommas, é certo que ficam ainda muito áquem da totalidade dos criados del-rei D. João V. O auctor da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, tratando da jornada d'aquelle soberano á fronteira da provincia do Alemtejo, por occasião do encontro das duas familias reaes de Hespanha e de Portugal, quando se fez a troca da infanta portugueza, D. Maria Barbara, que foi ser princeza das Asturias, com a infanta de Castella, D. Marianna Victoria, que veiu ser princeza do Brasil, cuja troca e visitas reaes se effeituaram em um sumptuoso pavilhão fabricado expressamente para esse fim sobre o rio Caya, diz o seguinte, o referido auctor: «Todos os coches e berlindas da casa real eram tirados por frisões. Seguiam-se cento e trinta seges da familia da casa real, que haviam ido servindo em diversas occupações n'esta jornada; sendo tão numerosa, que basta dizer que na cavallariça havia mais de novecentos e sessenta criados, sómente pertencentes a ella, que mantia mais de mil e seiscentas e quarenta bestas. E não fallando nos criados de fôro nobre, senão de reposteiros, moços da prata, e outros similhantes, passavam de seiscentos e setenta, deixando á parte os officiaes menores da casa real, e outros similhantes, quarenta e tantos moços da camara, medicos, cirurgiões, clerigos, criados particulares, e outras muitas pessoas do serviço nobre da casa real, porque não é nossa tenção entrar a descrever a magnificencia, riqueza e profusão d'este ditoso dia, mas sómente dar idéa do que foi aquella jornada, para satisfazer aos curiosos.»

Quem visitar o palacio real das Vendas-Novas, feito expressamente para n'elle pernoitarem el-rei D. João V e a familia real por occasião d'aquella jornada, ficará, de certo, absorto contemplando a grandeza d'aquelle edificio construido só para dar agasalho aos reaes viajantes durante duas noites, uma na ida, e outra na volta. Ha de custar-lhe a comprehender que fossem necessarios aposentos tão vastos, tão grandes salas, tanta infinidade de quartos, que mais parecem dormitorios de um convento, cozinhas de tal capacidade, que bem á vontade se podia fazer n'ellas o jantar para um numeroso exercito, e cavallariças, onde hoje se podia accommodar com largueza toda a nossa cavallaria. Porém, quando se lê na citada obra a relação authentica das pessoas que acompanharam el-rei, tanto da sua familia, como da corte, além de quinhentos soldados de cavallaria, que formavam a guarda de honra, acha-se então a explicação do enigma.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Villa dos Arcos de Val de Vez

Está edificada esta povoação em terreno elevado, junto ao rio Vez, no coração da provincia do Minho.

É desconhecida a historia da sua fundação, sabendo-se apenas que data de muita antiguidade. Querem alguns escriptores que já existisse no tempo dos romanos, e que estes a denominavam *Arcobrica*. Entretanto, não ha padrão nem documento authentico que abone esta opinião.

A noticia escripta mais antiga que se encontra a seu respeito é de uma batalha que alcançou D. Affonso Henriques, sendo ainda infante, no anno de 1128, contra os castelhanos, junto á povoação dos Arcos de Val de Vez.

Por esta occasião deu-lhe foral de villa o dito soberano, e dizem que, agradecido pelo auxilio que lhe prestaram os seus moradores n'aquelle combate, mandára construir na praça principal da villa um nobre edificio levantado sobre arcos, para servir de séde ao governo da mesma.

Os auctores que referem esta circunstancia pretendem que d'estes arcos, e da situação da villa no valle banhado pelo rio Vez, lhe viera o nome de *Arcos de Val de Vez*. Outros, porém, presumem que tal nome se derivou de uns arcos festivaes com que os habitantes receberam e applaudiram a el-rei D. Manuel, quando por'alli passou na romaria que fez a S. Thiago de Compostella.

N'estas questões de etymologia, sempre difficeis e escuras, succede quasi sempre, como talvez no presente caso, não estar a razão de nenhum dos lados. A ultima opinião, principalmente, é inacceitavel, porque em documentos anteriores ao reinado de D. Manuel se acha esta povoação nomeada *Arcos de Val de Vez*.

Não ha dúvida que este monarcha fez por alli caminho na sua viagem a S. Thiago; e que tão penhorado ficou com a recepção jubilosa e festiva que lhe fizeram, que, em demonstração do seu reconhecimento, reformou e amplificou o antigo foral com alguns novos privilegios, e deu á villa, por brazão de armas, o escudo das armas reaes entre a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo, que eram as divisas d'este soberano.

No tempo da usurpação de Castella, D. Filippe III fez esta villa cabeça de condado, no anno de 1620, em favor de D. Luiz de Brito e Lima, cuja descendencia masculina se extinguiu em seu filho, 2.º conde dos Arcos. Passou depois este titulo a D. Thomaz de Noronha, que foi 3.º conde, por sua mulher D. Magdalena de Bourbon, filha do 2.º conde, dos quaes procedem os actuaes. Esta familia, hoje representada pelo sr. D. Manuel de Noronha e Brito, 9.º conde dos Arcos, traz a sua origem de D. Affonso, conde de Gijon, filho bastardo de D. Henrique II, rei de Castella, e de D. Isabel, filha illegitima do nosso rei D. Fernando I.

A unica parochia que ha na villa é consagrada ao Salvador. Esta egreja foi reedificada por el-rei D. Pedro II nos fins do seculo XVII, consignando para essa obra os rendimentos do direito do sal.

A *egreja da misericordia*, fundada pelos annos de 1595, é o edificio mais notavel da villa. Ergue-se na extremidade d'esta sobre a estrada que conduz a Braga. As suas capellas são guarnecidas de obra de talha doirada. O frontispicio do templo foi demolido completamente e feito de novo na primeira metade do seculo passado. Deu motivo a esta obra não o mau estado da frontaria, mas sim a devoção do povo para com uma imagem da Virgem que existia sobre a porta, e que, por esta circumstancia, era e é denominada *Nossa Senhora da Porta*. Os devotos, querendo dar-

lhe mais decorosa collocação, projectaram e levaram a effeito, por meio de esmolas, a reconstrucção da fachada do templo, sob um projecto mais nobre; na qual a imagem ficou tambem sobre a porta, porém dentro de um nicho ou tabernaculo mais espaçoso, e melhor ornamentado que o primitivo.

Contiguo á egreja da misericordia está o hospital administrado pela mesma confraria, cujo serviço é feito com boa ordem e aceio.

Os outros edificios religiosos são: a *egreja do Espirito Santo*, pertencente a uma confraria de clerigos pobres; varias ermidas na villa e nos suburbios, e o edificio do extincto *convento de frades capuchos da provincia de Santo Antonio*, o qual foi fundado por Bento Cerveira Bayão, em 1678.

Além da praça principal, que é guarnecida de casas sobre arcadas, conta esta villa tres bellos campos: o primeiro entre a egreja parochial e a do Espirito Santo; o segundo fica no centro da povoação, e n'elle se acha a *casa da camara;* e o terceiro contiguo á porta de S. Braz. O *pelourinho* é um curioso monumento do seculo XVI. Esteve primeiramente no meio da praça principal; depois foi mudado para um local junto do rio, mas fronteiro á mesma praça. N'aquelles tres campos fazem-se os mercados e feiras annuaes, a que concorrem muito povo, muitos generos e gados.

É abastecida abundantemente a povoação de excellente agua, tendo muitas fontes dentro em si e nos arredores. Possue um theatro e um club, onde se encontram diversos jornaes politicos e litterarios.

Communicam-se as duas margens do Vez por uma ponte de pedra, que, embora não sobresáia por bellezas de architectura, é, comtudo, notavel pela solidez de construcção, pois que tem resistido, sem padecer damno consideravel, a algumas cheias memoraveis que destruiram na provincia do Minho varias pontes que pareciam solidamente construidas. Não sabemos a epocha em que foi edificada, mas é antiga. No verão passa-se o rio a váo facilmente por meio de umas poldras ou passadeiras, que chamam da *Baleta*, e ficam em frente do pelourinho e praça principal.

Os arrabaldes da villa dos Arcos são muito amenos e formosos. Por toda a parte rebentam mananciaes, serpeiam regatos, e sussurram grossas levadas. Aos prados, sempre verdejantes, que acompanham o curso do rio, fazem cercadura longas fileiras de carvalhos e castanheiros, por onde trepam e se entrelaçam as vides. Os caminhos publicos correm toldados pela ramagem das arvores que debruam os campos. Vestem-se as collinas e oiteiros ao longe com a densa copa das devesas. As margens do rio, finalmente, cobrem-se da pomposa vegetação de mil plantas rasteiras, que ora se espelham, ora se banham na corrente fugitiva á sombra de arvores annosas.

A fertilidade do terreno egnala a belleza das paizagens. Não o ha melhor em todo o Minho, nem mais regado de aguas cristallinas. Cereaes, e especialmente milho; legumes; vinho; frutas e linho, são as principaes producções do concelho. Cria-se n'elle muito gado de variadas especies, mas sobre tudo vaccum. Os montes abundam em caça rasteira e do ar. No rio pescam-se trutas, enguias, bogas e escálos.

O rio Vez nasce nas montanhas de Penella, no concelho dos Arcos. Banha, perto da sua fonte, o *Val de Poldros;* e depois atravessa os campos do *Val de Vez;*, passa junto da villa dos Arcos, e vae lançar-se, d'ahi uns cinco kilometros, no rio Lima, proximo de S. Pedro do Souto. N'este pequeno trajecto recebe o tributo de varias ribeiras.

A villa dos Arcos de Val de Vez é cabeça de comarca, e conta uns 1:700 habitantes. Acha-se hoje em facil communicação com a cidade de Braga, e, por conseguinte, com as principaes povoações da provincia, por effeito de uma excellente estrada macadamisada, que, continuando em construcção, brevemente a ligará á villa e praça de armas de Valença.

A gravura que publicâmos é cópia de uma photographia da collecção do sr. Seabra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

D. FR. CAETANO BRANDÃO

ARCEBISPO DE BRAGA

(Vid. pag. 100)

III

Ao cabo de trabalhosa viagem, em que teve por companheiro o novo governador nomeado para a capitania do Pará, Martinho de Sousa e Albuquerque, chegou D. Fr. Caetano Brandão á sua diocese, aportando em 20 de outubro de 1783 á cidade de Santa Maria de Belem, capital do estado. No dia immediato desembarcou, fazendo desde logo a sua entrada publica, e dirigindo-se á cathedral, ahi, invocadas as bençãos do Eterno, tomou posse do bispado com as solemnidades e ceremonial do estilo.

Determinado como estava a occupar-se incessante e exclusivamente do desempenho da alta missão a que a Providencia o chamára, propoz-se para norma invariavel da sua vida e acções o que a historia nos relata dos pastores da primitiva egreja. Nos bispos dos aureos seculos do christianismo procurava os modêlos que pretendia imitar, como aquelles que de mais perto seguiram as doutrinas do evangelho, e as tradições apostolicas.

Ao entrar na administração de tão vasta diocese, que em seus limites abrangia um circuito excedente a mil legoas de extensão, em grande parte inaccessivel, o novo prelado tratou de adquirir conhecimento individual e perfeito de todas as necessidades do seu rebanho, no intento de prover sobre cada uma do melhor modo possivel.

O resultado das investigações que n'este sentido emprehendeu era em extremo desanimador, e bem capaz de contristar-lhe a alma. Não havia senão faltas, miserias e abusos. Os ministros da egreja, em numero insufficiente para as precisões do bispado, eram em geral pouco instruidos, e só se distinguiam pela devassidão de costumes. Muitas parochias careciam de curas ou vigarios, e outras estavam occupadas por sujeitos indignos. A educação da infancia desvalida era coisa de que ninguem cuidava. O fogo da caridade jazia amortecido, e proximo a extinguir-se de todo. Os indigentes e miseraveis raramente encontravam quem d'elles se condoesse; e quando accommettidos de enfermidade, morriam ao desamparo, sem abrigo, nem sombra de conforto.

Tudo isto necessitava de remedio urgente e providencias efficazes. Cumpria restaurar a disciplina ecclesiastica, cortando pelos abusos introduzidos; promover a reformação geral dos costumes, e mais particularmente a instrucção e morigeração dos sacerdotes; soccorrer e consolar os infelizes; e prover á sorte dos enfermos desamparados e dos orphãos indigentes.

Mas para occorrer a tamanhos males escasseavam os meios e cresciam as difficuldades. Perante ellas houveram soçobrado, sem dúvida, outros animos menos robustos e dotados de menos fé; porém D. Fr. Caetano Brandão confiava de sobra no favor da Providencia, e havia em si muita energia de vontade para deixar-se acobardar. Tratou, pois, de vencer os obstaculos á força de dedicação e perseverança, repartindo por tudo seus cuidados, e fazendo chegar a toda a parte os influxos da sua acção benefica.

O primeiro objecto a que teve de attender foi a reor-

ganisação do seminario episcopal, estabelecimento importantissimo, e que se achava quasi desmantelado. Tinha para si, e o repetia muitas vezes, que a raiz da felicidade de qualquer diocese está em ter um clero edificante, e convenientemente preparado; e, sobre tudo, parochos dignos do nome, que instruam as suas ovelhas com a palavra, e as edifiquem com o exemplo. Se era inexplicavel a sua alegria ao saber que tinha no bispado um bom parocho, a quem considerava (dizia) como um penhor dulcissimo das divinas misericordias para consolação da egreja, tornava-se inexoravel para com os ruins, e promettia fazer-lhes guerra de fogo e sangue em quanto a vida lhe durasse, considerando-os como um dos mais terriveis flagellos com que a colera divina póde castigar um povo.

O seminario foi, pois, melhorado de prompto, com os reparos e obras materiaes de que muito necessitava. Teve estatutos, que lhe faltavam, e foram n'elle creadas novas cadeiras, estabelecendo-se um curso regular de estudos de grammatica, philosophia e theologia, que deveria ser ainda ampliado, logo que as circunstancias o permittissem. Tratou ao mesmo tempo o novo bispo de augmentar-lhe as rendas patrimoniaes; e como para esse fim pouco podia separar dos rendimentos da mitra, cuja totalidade não excedia annualmente a quatro mil cruzados, houve de recorrer ao governo; e conseguiu do ministro Martinho de Mello e Castro a expedição de um aviso para ser applicado áquelle effeito o producto do espolio do bispo seu antecessor, D. Fr. João Evangelista Pereira. Com estas providentes disposições o seminario prosperou, de sorte que o numero dos alumnos, que era de quatro em 1783, subiu a vinte nos annos subsequentes, manifestando-se por todos os modos os felizes resultados d'esta util instituição.

Contente da sua obra, o virtuoso prelado não cessava de protegel-a, multiplicando as provas do interesse que por ella tomava. Como tinha o seminario de portas a dentro, não só frequentava as aulas quasi todas as tardes, para observar o adiantamento dos collegiaes, animando e premiando os que mais se distinguiam, mas visitava estes muitas vezes nos proprios quartos, saía com elles a passeio, e todos os dias convidava tres por seu turno, com os quaes repartia o repasto da sua mesa frugal.

Porém não eram só os aspirantes ao sacerdocio que n'esta parte attrahiam os seus desvelos. Conscio de quanto importava generalisar a instrucção publica, expellindo a ignorancia crassissima que reinava em todo o estado, favoreceu tambem quanto póde a creação de escholas de primeiras letras, ao menos nas villas principaes do bispado. Infelizmente para os seus desejos, não foi muito o que conseguiu, por mingoa de concurrentes ás cadeiras. A congrua de oitenta mil réis, estabelecida para os mestres, era sobremaneira insufficiente para homens que se impossibilitavam de exercer conjunctamente outra profissão ou modo de vida. Elle o reconhecia e confessava com dor; mas faltavam-lhe os meios de obviar esta invencivel difficuldade.

Outro empenho dos seus pastoraes cuidados foi o de acudir ás necessidades dos enfermos pobres, a quem a caridade negára até alli os soccorros indispensaveis. Assistia-lhes por sua parte com consolações e esmolas, visitando-os pessoalmente nos proprios domicilios; porém quanto não custava ao seu coração compassivo saber que muitos nem o abrigo de uma casa tinham, expostos a morrer extenuados de miseria e desamparo! Para estes tornava-se de maior urgencia a fundação de um asylo publico, pensamento humanitario que outros haveriam tido, mas que ninguem tratára de realisar. Concebeu-o D. Fr. Caetano Brandão, e o executou com a celeridade e efficacia, que são n'estes casos meio caminho andado. Mal contava cinco mezes de residencia na cidade, e a erecção do hospital começava sob os mais favoraveis auspicios. Poz elle proprio em um papel o seu nome, com a quantia de 100$000 réis, e saindo a pedir esmola pelos moradores, acompanhado do seu clero, ajuntou em breves dias seis mil cruzados, e muitos donativos e offertas em generos e materiaes, com a promessa de outros, de sorte que no principio de 1784 póde dar começo ás obras, comprando por 750$000 réis um terreno com principio de edificação, em sitio apropriado. E tal foi a affluencia dos paraenses em acudir ás vozes do seu pastor, para com elle associarem-se na realisação de tão louvavel projecto, que a 25 de julho de 1787, passados apenas tres annos, achava-se tudo concluido, abrindo-se o hospital com grande solemnidade e festas, que duraram tres dias; tendo-se dispendido nas obras passante de trinta mil cruzados, e sem que, todavia, fosse necessario gastar um real do fundo primitivo!

Cumpria, porém, assegurar ao novo estabelecimento os meios da sua futura manutenção; e para isso recorreu o bispo ao governo, propondo, entre diversos arbitrios, o de que para elle concorressem annualmente os padres mercenarios do Pará com quatro mil cruzados, e se lhe applicassem as fazendas de gado que haviam sido dos jesuitas, e que estavam em poder de particulares, a quem fôra concedido usufruil-as até ulterior e definitiva determinação.

Lembrou-se tambem de instituir na cidade (generalisando-a depois a outros logares da diocese) uma confraria de caridade, da qual se declarou protector perpetuo, encommendando a seus successores que fizessem outro tanto, nos estatutos com que a dotou. Todos os sabbados, depois das Ave-Marias, pegando elle proprio de uma alcofa, saía pelas ruas com os demais irmãos ao peditorio das esmolas para o sustento dos doentes pobres.

Após a organisação do seminario e fundação do hospital, entrou a pôr em pratica outro projecto, de não menor alcance, que tambem concebêra: era o de presentear egualmente a sua diocese com um estabelecimento destinado para educação das meninas. Eis como elle explicava a sua idéa, e os passos dados para a realisar, em carta dirigida a seu amigo A. C. do Amaral: «Corta-me o coração ver tantas meninas pobres, sacrificadas á prostituição e á desgraça eterna, por falta de ensino; que é uma lastima o que se vê por toda a parte, porém nas terras do ultramar mais deploravel sem comparação nenhuma. É preciso ter o coração de pedra para não sentir tamanha calamidade! E então eu, que geralmente sou sensivel, e pela obrigação do meu officio, vejo estes espectaculos a cada hora, como poderia deixar de lhe applicar algum remedio? Ao menos tento os meios de diminuir a somma dos males que opprimem uma e outra republica, christã e politica. O que pretendo fazer é um seminario para educar meninas pobres e orphãs, ou ainda aquellas que seus paes quizerem, para sairem d'alli instruidas nas verdades da religião, e em tudo o que póde servir de ornamento a uma mãe de familia... Ahi me lancei já a pedir pelas portas da cidade, com assaz custo da parte da natureza, por estarem ainda frescas as pisaduras do hospital!... Mas pareceu-me que era vontade de Deus; não pude resistir mais tempo. Tenho já para cima de cinco mil cruzados, e um bello chão sobre o mar: não são maus principios. Eu lhe contarei o que Deus vae obrando a este respeito.»

As suas visitas pastoraes, e inesperada transferencia do bispado, não lhe concederam o tempo necessario para que levasse ao fim este piedoso e util commettimento.

Sabia o illuminado prelado, que uma das mais indispensaveis e importantes obrigações do episcopado

é a visita das dioceses, cuja necessidade e importancia cresciam na do Pará á medida da immensa e inculta extensão d'ella. E tanto havia tomado a peito o cumprimento d'essa obrigação, que já em Lisboa cuidára de solicitar do governo os meios de transporte que lhe facilitassem as viagens ao sertão, conseguindo levar comsigo ordens para que lhe apromptassem as camas precisas, e se lhe subministrassem os demais auxilios necessarios, etc.

Apesar do seu ardente desejo, taes foram os embaraços, provenientes da falta de transportes, e das occupações supervenientes, que só passados quasi dois annos pôde realisar esse desejo, saindo para a primeira visita ao sertão em 2 de julho de 1785. N'ella consumiu cinco mezes, com gravissimos incommodos de saude, além dos da navegação sempre arriscada e perigosa pelo Amazonas, perseguido pela molestissima praga dos insectos, e outras contrariedades, mas com grande fructo espiritual das almas, nos logares que visitou, e que, pela maior parte, nunca haviam sido pisados de bispo até áquelle tempo. Recolheu-se á cidade aos 12 de dezembro do dito anno, quebrantado de grave enfermidade que padecêra, e de que jámais póde recobrar-se de todo.

Continuou a visita nos annos seguintes, de 14 de outubro a 18 de dezembro de 1786, e 18 de outubro a meiados de novembro de 1787; concluindo-a, a final, de 9 de agosto de 1788 a 8 de março de 1789, chegando d'esta vez até aos logares mais longinquos do bispado, e realisando assim o que nenhum de seus predecessores se atrevêra intentar.

Do conhecimento pessoal por este modo adquirido do estado dos povos, e das suas necessidades, resultaram instantes e judiciosas representações dirigidas á soberana, em que propunha e lembrava os arbitrios convenientes para occorrer não só ao bom regimen espiritual do estado, mas tambem ao soccorro e remedio temporal da pobreza, concitando a expedição de providencias, que só ao governo cumpria tomar.

Fig. 1 — Estatua de Vesta, deusa do fogo

Forçado como nos vemos a tocar de leve, por falta de espaço, estes pontos notaveis, mais temos que restringir-nos no muito que haveria para dizer, se, tratando de particularisar as acções exemplares do venerando prelado, pretendessemos demorar-nos na commemoração de suas virtudes christãs, entre as quaes resplandeciam em summo grau a total abnegação e desconfiança de si proprio, e a mais ardente caridade para com os outros.

Teriamos de estender por longas paginas a narração das fadigas que empregou no desempenho do ministerio pastoral, já instruindo os povos com suas exhortações por escripto, cheias de saber e doutrina, já fazendo ouvir a sua voz nos templos, em homilias e prégações quotidianas, nos domingos e dias festivos de manhã e de tarde na cathedral, e nos de semana pela noite nas outras egrejas e capellas da cidade, onde alternadamente concorria, para intimar a seus ouvintes as verdades da fé e os preceitos da moral.

Fallariamos dos esforços com que diligenciava congraçar os animos discordes, e pôr termo a odios e malquerenças, chamando á sua presença os que andavam mal-avindos, para admoestal-os caritativamente com entranhas de mestre e brandura de pae, ponderando-lhes o seu estado, e dando-lhes saudaveis conselhos, de que raras vezes deixava de sortir o effeito desejado.

Nem seria para esquecer o espirito de moderação e brandura verdadeiramente evangelica, com que se conservou sempre na melhor intelligencia e harmonia com as auctoridades e funccionarios seculares, fazendo todo o possivel por evitar conflictos, e disposto aos mais heroicos sacrificios para manter inalteravel a paz e concordia entre os dois poderes. As suas maximas n'esta parte, como em tantas outras, bem mereciam servir de espelho a seus collegas. «Deus (dizia) instituiu no mundo dois poderes: a um deu em partilha a coacção externa sobre os corpos, por meio de penas temporaes; ao outro a persuasão interior dos espiritos, mediante a instrucção e o ensino... e se lhe armou a mão do raio da censura, sabe-se perfeitamente qual é a natureza d'esta pena, que não tem efficacia senão relativamente á eternidade. Não ignoro que os principes, por acatamento á egreja, depositaram em tempo nas mãos do clero uma parte da sua jurisdicção temporal; porém se elles hoje, zelosos de seus direitos, parecem arrepender-se d'este lance de piedade, já publicando leis de um estilo contrario á pratica estabelecida, já facilitando recursos do tribunal ecclesiastico ao politico, e por outros differentes modos, não lhe resistâmos: voltem as coisas á sua origem, e esteja cada um firme no seu posto. Talvez que assim a egreja se fará invulneravel aos golpes do inferno, e nós teremos o gosto de ver renascidos os tres primeiros seculos da sua juventude e do seu vigor; seculos em que as funcções todas dos pastores se reduziam a ensinar, baptisar, corrigir, impor penitencias e remittil-as, segundo o pedia a utilidade publica e o fervor dos culpados: nada mais. Oh doce illusão! Quando chegarei a ver-te realisada?...»

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O FOGO

I

CULTO DO FOGO NA ANTIGUIDADE

O que é o fogo? Que significação deveremos dar a esta palavra? Segundo a sciencia moderna, de accordo com a opinião geral, é a reunião do calor e da luz; é, portanto, o principio da vida dos seres vegetaes e animaes.

Os primeiros homens não conheceram senão o fogo do sol. Segundo a mythologia, Prometheu roubou um raio ao sol, cujo fogo, assim transportado á terra, aqui foi conservado e adorado como uma divindade. Hoje, pelos progressos das sciencias e das industrias, temos mil diversos modos de o produzir e multiplicar. É com o fogo que o homem se transporta nos caminhos de ferro com a velocidade de algumas dezenas de kilometros por hora; que os mares são sulcados

por centenares de navios em todas as direcções, a despeito das correntes e dos ventos; que o pensamento se transmitte quasi instantaneamente de um a outro ponto da superficie do orbe terrestre; em fim, é o fogo a causa que permitte realisar todos os prodigios que hoje admirâmos. Em vista d'isso, não parecerá ousado dizer que hoje ainda não podêmos obter outro fogo senão o do sol? e que em pleno seculo dezenove venhamos dar razão á tradição mythologica? Tal é, porém, a conclusão a que chegou a sciencia moderna, como mostraram Tyndall e Troost, o primeiro nas suas conferencias no instituto real de Londres, o segundo na universidade *(Sorbonne)* de Paris; tal será, espero, a convicção do leitor, se tiver a benevolencia de ler estes artigos.

Em todas as epochas os philosophos admiraram o poder d'esse agente que denominaram fogo, a que nada resiste, e que é indispensavel para a conservação e desenvolvimento dos seres vivos. Os povos primitivos consideravam o fogo como um dos quatro elementos do universo. Suppunham que o fogo, a agua, o ar e a terra eram os elementos que davam origem a todos os corpos. A sciencia moderna chama elementos ou corpos simples áquelles de que se não póde tirar senão uma mesma especie de materia; taes são, por exemplo, o enxofre, o ferro, o cobre, etc.: nenhum dos elementos dos antigos se póde actualmente considerar como corpo simples; são todos corpos compostos.

Os antigos adoravam o fogo como uma divindade. Vesta era a deusa do fogo, ou o fogo mesmo, porque o nome de *Estia*, que lhe davam os gregos, significa fogo domestico.

Vesta era tambem confundida com a terra, por isso eram redondos os seus templos; e tinha razão a mythologia, porque a terra foi fogo na sua origem, e ainda hoje o conserva no seu interior: assim o exprime o nosso eminente poeta Antonio Feliciano de Castilho nos *Fastos de Ovidio:*

Terra e Vesta são uma. Eterno fogo
arde em ambas occulto: a fórma do orbe,
e o templo que é rotundo, e o lar em meio,
tudo a augusta presença está mostrando.

Fig. 2 — Templo de Vesta em Roma

A conservação do fogo nos sacros altares dos templos na Grecia e em Roma era confiada aos cuidados de virgens que se denominavam *vestaes*. As virgens exerciam no Occidente as funcções de sacerdotizas do fogo, como os magos dos persas exerciam no Oriente as funcções de sacerdotes do fogo. Nos templos de Vesta não havia estatua alguma; no meio existia o altar com o fogo sagrado, que devia durar eternamente; no caso de se extinguir, só podia reaccender-se com o fogo do ceo. As vestaes estavam sujeitas a regulamentos de uma extrema severidade. Aquella que deixasse extinguir-se, falto de alimento, o fogo sagrado, era enterrada viva. A austeridade das penas impostas ás vestaes mostra a superstição cega em que se baseava, quando se pensa no supplicio barbaro imposto áquellas que, violando o voto de virgindade que voluntariamente se tinham imposto, tivessem cedido aos sentimentos da natureza. Mas se a lei punia severamente as vestaes que faltassem a alguma das prescripções do culto, tambem lhes concedia as maiores honras e as mais consideraveis prerogativas: assim não estavam sujeitas á tutoria paternal; as suas palavras faziam fé; a sua presença perdoava aos condemnados, etc. As vestaes eram escolhidas nas raparigas de seis a dez annos, de corpos os mais bem formados, e de familias illustres. Em Roma deviam todas ser romanas, sendo excluidas as de todas as outras cidades do imperio.

O culto de Vesta era principalmente celebrado em Corintho, Tenedos, Delphos, Argos, Epheso, Roma, etc. O templo de Vesta em Roma estava aberto de dia para toda a gente; mas de noite nenhum homem n'elle podia entrar.

A figura 2 representa o templo de Vesta em Roma, situado perto do rio Tibre, no logar hoje denominado *Piazza della Bocca della Verità*. Era de fórma circular, e compunha-se de vinte columnas corinthias cannelladas em marmore de Paros, tendo os capiteis ornados de pinhas, um dos attributos de Vesta. Este antigo monumento, que se julga ser do II seculo do imperio romano, acha-se bem conservado, faltando só a parte superior e uma das columnas. O portico está fechado por um muro, cujo revestimento interior é de recente data. Pretendem alguns que é a este templo que se referem os seguintes versos de Horacio, que dizem respeito a uma inundação do Tibre:

Vidimus flavum Tiberim
Ire dejectum monumenta Regum
Templaque Vestæ.

O templo de Vesta em Roma acha-se hoje consagrado ao culto catholico: tendo primeiro tido a invo-

cação de Santo Estevão, está agora dedicado a *Santa Maria del Sole*.

Defronte do templo de Vesta, do lado do norte, achava-se o famoso templo da Fortuna Viril, construido no reinado de Servio Tullio, hoje convertido em egreja, e dedicado a Santa Maria Egypciaca.

Vulcano, deus do fogo, filho de Jupiter e Juno, tinha as suas forjas na Sicilia e nas ilhas Lipares. Attribuiam-lhe as obras as mais grandiosas.

Nas Galias o fogo era continuamente alimentado no altar de Jupiter-Taranis; as druidas a quem era confiado o cuidado de conservar o fogo eram uma especie de vestaes.

Nas Indias os bramanes ou sacerdotes suppõem que, no fim de um grande numero de annos, o mundo será consumido pelo fogo; que *Chiva*, um dos seus primitivos deuses, se transformará n'uma chamma que sobrenadará ás cinzas do universo. Para celebrar a festa de Lingam, symbolo do principio creador, os indios accendem todos os annos um fogo consideravel, que dura tres dias e tres noites, e que é entretido principalmente por meio da camphora.

Na Sagrada Escriptura apparece frequentes vezes a denominação de fogo, e mais ou menos ligada á presença de Deus. Assim diz Moysés aos israelitas: «O vosso Deus é um fogo abrasador.» Quando, no monte Horeb, apparece Deus a Moysés, é no meio de *uma sarça ardente;* é no meio do fogo que, no monte Sinai, apparece Deus a Moysés e lhe dicta as taboas da lei.

Nos povos mais modernos ainda vemos vestigios de uma adoração ao fogo; assim as fogueiras a Santo Antonio, S. João, etc., são uma homenagem ao sol na epocha em que elle mais se eleva nos paizes do nosso hemispherio.

O nosso illustre escriptor e estadista, Mendes Leal, elegantemente descreve nos seguintes versos as galas e esplendores do sol quando mais se eleva nos nossos climas:

Já de Cancer ardente
O fecundo calor
Amadurece os trigos
E vae córar a flor.
Ufana de seus dons,
Risonha, a natureza,
Reveste, em vindo a aurora,
As galas da belleza.
O estio em seu throno,
Como em corte, irradia
As pompas, ostentando
O fogo e a luz do dia.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

O CASAL DA ENCOSTA

I

Oliveirinha é uma pequena povoação situada nas proximidades das abas da serra da Estrella. O seu aspecto, como o de todas as aldeotas e logarejos da Beira, é um pouco sombrio. Entristece-se o animo do viajante quando, ao atravessar esta provincia, aliás tão graciosa e pittoresca, avista em distancia ou defronta de improviso o povoado.

Provém isto do preço da cal, tão alto n'aquellas paragens, que só os abastados podem alegrar com uns longes de alvura o exterior das suas habitações.

Se no fundo do valle, no pendor da encosta ou no cimo do monte, entre a verdura dos castanheiros e olivaes, tão bem tratados n'aquelle abençoado torrão do nosso paiz, alvejassem aqui o logar, acolá o casalejo, além a aldeia com a ermida no alto, quanto mais bello não seria o panorama!

A impressão soturna que á primeira vista nos produz a apparencia carregada das habitações, desapparece logo que temos a boa fortuna de travar conhecimento com os seus joviaes moradores.

Tudo alli é franco, desde o aperto de mão até á mesa, que se não limita á *vacca* e *riso* do nosso prelado bracarense.

Nos primeiros dias de agosto de 1862 estava eu hospedado em Oliveirinha, e corriam-me as horas bem felizes no seio d'aquella apartada e serena estancia.

A casa principal da povoação é da familia do meu amigo João Costa de Albuquerque.

Eu estava n'essa casa.

Compunha-se a familia alli existente de cinco pessoas: João e Luiz Costa; um sobrinho de treze annos, filho de seu irmão mais velho; sua mãe, respeitavel e affectuosissima senhora, e uma irmã solteira. Devo accrescentar, como fazendo parte da familia, o honrado Silva, administrador da casa, homem já avançado em annos, e que alli tem vivido zelando a fazenda, e, não raro, a existencia dos que são para elle como filhos e como irmãos.

A habitação é grande, a entrada larga como o animo de seus moradores.

O meu quarto era o mais garrido e loução da casa.

Na Beira observam-se ainda os usos dos bons tempos que já lá vão. Almoço ás sete, jantar á uma, ceia ás nove. A alta civilisação de hoje faz o mesmo, á parte os nomes: a differença consiste em chamar ao jantar *lunch* e á ceia jantar.

Ás vezes, e contra todos os preceitos da boa philosophia, que estabelece a lei do progresso constante, atrevo-me a suppor que o mytho de Sisypho é o symbolo da humanidade. Aquelle, rolando o rochedo até ao alto do monte para, em chegando ao ápice, vêl-o voltar sobre si e despenhar-se outra vez; esta, accumulando theorias, estabelecendo principios, creando systemas, suando noite e dia para terminar a grande obra; e, quando julga levar a cabo os seus esforços, sentir estremecer, desmoronar-se debaixo dos pés o edificio, e depois começar de novo a reconstruir com os fragmentos d'aquella civilisação outra civilisação que terá por destino o mesmo fim!

Isto, felizmente, não passa de uma preoccupação do meu limitado espirito; o homem progride sempre porque tem a faculdade de legar idéas e os beneficios que por meio d'ellas alcançou.

A que proposito vieram estas observações? A proposito do almoço e jantar beirões, que eu posso assegurar ao leitor serem mais succulentos, não só do que a minha pobre philosophia, porém até mesmo que a de todos os philosophos transcendentes.

As casas da Beira tem todas uma grande varanda.

A de Oliveirinha deitava para o jardim. Sobre a esquerda estendia-se a veiga, e lá no fundo, n'um alto, avultavam a distancia as torres de Midões. Midões dava assumpto para centos de romances mais sombrios e sanguinolentos do que o Han de Islandia ou a torre de Nesle.

A primeira vez que entrei n'aquella villa senti cerrar-se-me dolorosamente o coração. Mais tarde exporei ao leitor algumas das scenas que se deram em parte da grande bacia que fica entre o Caramulo e serra da Estrella, scenas nas quaes Midões representa os principaes papeis.

Na varanda tomava-se o café e passavamos em agradavel conversação até ás cinco da tarde. Eu e João Costa tinhamos abolido a sésta. Por singular fineza, o padre prior dormia só duas horas sobre o jantar, e toscanejava as outras duas ouvindo a nossa palestra com a heroicidade de um martyr.

Se aquillo contínúa, o santo homem vinha a ser victima do supplicio que antigamente infligiam aos parricidas em Hespanha.

Passada a força do dia, o prior acordava de todo, punha rede, chumbeiro e polvarinho a tiracolo, e ambos iamos espantar perdizes. O padre não infringia os canones; a espingarda nas mãos d'elle era tão inoffensiva como o seu baculo de bom pastor.

Uma tarde em que nos tinhamos alargado mais perseguindo uma banda de perdigotas, das quaes, diga-se para honra dos nossos sentimentos humanitarios, nem uma largou penna, sentámo-nos um pouco fatigados no cimo de uma encosta. D'essa vez eramos quatro os companheiros da excursão venatoria.

O dia fôra ardentissimo, e só n'aquella hora principiou a correr do lado da serra uma aragem refrigerante, que vinha, não impregnada no perfume suave das flores dos jardins na primavera, mas no cheiro acre, e porventura mais salutar e agradavel, da charneca brava.

Esperámos alguns minutos sofreando a sêde até que a fomos saciar n'uma veia de agua cristallina e nevada, que, a poucos passos de nós, saía em borbotões da rocha viva. Sentámo-nos outra vez para accender e saborear o cigarro.

A luz apagava-se nos valles, desmaiava nas encostas, porém brilhava ainda nos cimos flexuosos da serra, que se estendia a boa distancia de nós limpa de nuvens.

Camillo Castello-Branco, apreciando, muito lisongeiramente para mim, um livrito de *missanga litteraria*, que publiquei ha pouco tempo, disse que eu não sou caçador pelo prazer cruento de erguer do chão uma codorniz ensanguentada e palpitante, mas sim por dar largas á inspiração. É verdade, meu brilhante romancista, do que eu devéras gósto é do valle, do monte, do presbyterio, da toada saudosa dos sinos de quebrada em quebrada, e de fugir ás vertigens que me produz esta vida doentia de Lisboa. No campo largo as azas á imaginação — quem mais ou menos a não tem! — e phantasio poemas, sonho maravilhas como o maior poeta as sonharia! Depois, quando vou gizar na téla a paizagem, grupar as figuras, combinar as côres e distribuir a luz, em vez de um quadro de Raphael ou Ticiano, sáe-me uma trivialidade; quando muito, uma miniatura de caixa de rapé de velho abastado, que possue em effigie o que já não póde lograr em original. Paciencia! Dou-me por satisfeito com o prazer que sinto n'essas horas de scismadora poesia.

Cá me ficam impressas no espirito as gentis figuras, as graciosas perspectivas que a imaginação debuxou melhor do que todos os paizagistas, e nos dias em que me cérca a prosa vil d'este mundo, abstráio d'elle e volvo os olhos para o mundo das ficções risonhas, do sentir ideal, paraiso vedado áquelles que medem tudo pela bitola das sensações materiaes.

Na hora em que descançavamos no alto da encosta das proximidades de Oliveirinha, caí n'uma d'essas situações do espirito. A pequena distancia de nós, no declivio para o valle, alvejava, em contraste com as habitações da Beira, de cujo exterior fallei já, uma casinha isolada e pobre. Não sei por quê, entrei a phantasiar um romance com os seus moradores, suppondo que ella tivesse moradores. Não os tinha; mas tinha um romance tragico e verdadeiro. Um dos nossos companheiros, notando a attenção com que eu olhava para a casa, disse-me:

— Aquella casa que o sr. d'aqui vê...

— A quem pertence?

— A ninguem.

— A ninguem!

— É verdade, senhor, e aquillo não é uma casa, é um tumulo.

— Um tumulo!?

— Tal qual.

A coisa era dita em tom serio e triste. O meu companheiro fallava da pequena e graciosa habitação com o respeito melancolico que se tributa a uma sepultura.

Remordeu-me a curiosidade.

— Então, disse eu, passou-se alli...

— Uma scena bem horrivel da grande historia d'estes sitios.

— E sabe-a?

— Perfeitamente.

— Se nós fossemos a ella!...

— Nada mais facil estando disposto a ouvil-a.

— Ora se estou!

O meu companheiro começou a narrar, na linguagem sã e pittoresca da Beira, a historia que eu vou contar ao leitor.

II

Terminada a guerra civil de 1834, Henrique da Silva, cavalheiro que tinha servido no exercito realista, voltára para sua casa. Henrique da Silva era o dono da pequena habitação da encosta da Oliveirinha.

Abraçou a mulher e uma filha que estava ainda no berço, e alli se deixou ficar esperando a cada hora que o bando de sceleradas que assolavam aquellas povoações, tomando por divisa o nome do partido vencedor, caísse um dia sobre a humilde vivenda, trazendo, como era vulgar, a desolação e a morte. Não tinha meios para se refugiar em Lisboa.

Aguardou os acontecimentos, decidido a succumbir abraçado áquellas que eram no mundo todo o seu bem: a esposa e a filha. Valeu-lhe a Providencia. As bestas ferozes rugiram por muitas vezes em volta da sua habitação, e o soldado realista, n'essas horas de terrivel anciedade, esperava com a espada na mão o instante de morrer luctando, em quanto a mulher com a filha apertada ao peito, e de joelhos diante do pequeno oratorio, implorava a Deus piedade e misericordia!

Passára com o tempo a força do vendaval. O governo tratava até certo ponto de cohibir as scenas de sangue que devastavam aquelle e outros logares do nosso paiz, e dias mais tranquillos despontavam, em fim, para o infeliz amnistiado.

O modesto casal, herança de seus maiores, retribuia agradecido os cuidados com que elle o tratava. Henrique da Silva não tinha grandezas; mas tambem a miseria andava longe de seu lar.

Decorreram quatro annos. Rosinha, a filha, que era o enlevo da mãe e o idolo do santo homem, já o acompanhava á lavoira; levantando-se com os passaros e correndo pelos campos alegre, feliz e descuidada como elles. Ao cair da noite voltava o pae subindo a encosta com ella quasi sempre ao collo, para a deitar nos braços da esposa, que n'um impeto de alegria lhe saía ao encontro, estreitando ao peito, no santo amplexo do amor materno, o seu precioso thesoiro.

Um dia a tormenta surgiu de novo sobre a mansão da paz! A esposa de Henrique caiu enferma, e, no fim de poucos dias, expirou abençoando a filha e recommendando-a aos carinhos do desventurado marido. O soldado realista podia quasi dizer como o nosso Garrett diz nas *Viagens na minha terra*: «Já não tenho n'este mundo senão duas coisas: uma saudade e uma esperança; um filho no berço, uma mulher na cova.»

Henrique, no fim de poucos dias, estava velho. O golpe fôra subito e terrivel. A esposa que Deus lhe havia chamado para si era uma santa. O animo do soldado que tinha contrastado o fragor das batalhas, não raro a nudez e a fome, sem esmorecer, desfallecia em presença d'aquella fatalidade. Se não fosse a filha o infeliz não resistia. As caricias da crianciuha, que era o retrato da mãe, desanuviaram-lhe até certo ponto o espirito, e elle sentiu que precisava viver para ella.

Tornou á lavoira.

Rosa era a sua companheira inseparavel. Passaram

annos; estava quasi uma mulher. Lia correctamente, escrevia com supportavel orthographia, e sabia contar. O pae tinha sido o mestre.

As principaes pessoas de Oliveirinha e das povoações mais ou menos proximas estimavam Henrique e adoravam Rosa. Rosa mystica lhe chamava o padre prior quando a beijava ou lhe deitava a benção ao vêl-a em casa, ou ao encontral-a no fim da missa do dia.

Realmente, a filha do velho militar era um complexo de graças e de virtudes.

Alta, delgada, porém robusta. Morena um pouco, ou, antes, com aquelle tom forte, permitta-se-me a palavra de que usam os pintores, que a vida fragueira costuma imprimir nas physionomias. A boca fresca e breve era tão vermelha que o sangue parecia rebentar-lhe dos labios. Os olhos castanhos claros, transparentes, espelho da alma isenta da mais leve sombra de mau pensamento, tinham um ligeiro toque de languidez, ou, antes, de melancolia; não eram morbidos como certos olhos que seduzem e fascinam tanto, olhos em que a luz é um relampago nuncio das tempestades que se agitam no intimo. São temiveis esses olhos — Deus nos defenda d'elles!

Não eram assim os de Rosinha; exprimiam candura, innocencia, ingenuidade, amor... Amor! estava ella acaso na edade de o poder sentir, a não ser o casto amor de filha? Por que não! tinha já quinze annos.

Uma tarde, nos fins de setembro, proximo ao sol posto. Rosa estava sentada n'um banco de pedra, n'um bocado de chão de horta, que ficava ao lado da casa.

As folhas dos castanheiros começavam a amarellecer, e n'um ou n'outro ramo os ouriços, abrindo, mostravam as suas loirejantes castanhas. O ceo estava desassombrado, e apenas algumas nuvens accumuladas no cimo da serra brilhavam com os reflexos do sol ponente.

Nos vinhedos as parras verdejantes mudavam de côr, apresentando n'alguns pontos um vermelho forte, que produzia gracioso contraste com o resto da folhagem.

Rosinha cosia uma peça de linho alvissimo, creado nos agros do casal e teado em casa.

Ao pôr do sol dobrou cuidadosamente a costura, pôl-a no collo, firmou sobre ella o cotovelo do braço esquerdo, encostou a face á mão, e principiou a olhar para as nuvemzinhas que toucavam a serra, cambiando lenta e graciosamente de fórma e de côr.

O respirar era sereno, suaves as ondulações do seio. De repente, alterou-se a respiração, e o seio sublevou-se, batendo com certo alvoroço.

Uma voz murmurou junto d'ella:

— Boas tardes, Rosinha. O pae já veiu da villa?

— Adeus, Fernando. Ainda não. Estou á espera d'elle, disse Rosa, voltando-se para um rapaz que teria, quando muito, mais dois ou tres annos do que ella, e que era o typo de singular formosura.

— Querias-lhe alguma coisa?

— Queria dizer-lhe adeus.

— Adeus! Então vaes-te embora!?

— É verdade. O tio de S. Romão disse a meu pae que, visto eu estar prompto em latim, queria dar-me uma mesada para estudar em Coimbra. Parto ámanhã; vou fazer os preparatorios. Elle disse que não quer que eu seja padre.

— Tambem era o que faltava, tornou ella, forcejando por conter duas lagrimas que lhe rolavam nos olhos, e se conglobavam depois estremecendo instantes na franja das pestanas, puras e cristallinas, como orvalho do ceo.

— Ha dois dias que eu já sabia isto, disse Fernando, quebrando uma vide que tinha na mão, inclinando a cabeça, e pondo os olhos no chão.

Ficaram ambos calados. O mancebo ergueu por fim os olhos marejados de lagrimas, e cravou-os, n'um impeto de amor, nos bellissimos olhos de Rosa, que pela primeira vez se não baixaram encontrando os d'elle.

Passados instantes balbuciaram a um tempo quasi:

— Rosa!

— Fernando!

Não disseram mais nada. Que mais haviam de dizer! um mundo de sensações indefinidas fallava n'aquelles dois nomes pronunciados pela primeira vez assim!

O sino da aldeia começou a bater a *Ave-Maria*. Rosa estremeceu, como acordando de um sonho delicioso, e disse para elle:

— Vamos rezar a Nossa Senhora, Fernando; a Mãe de Deus ha de ter compaixão de nós; fará com que tu voltes breve, e dar-me-ha força para supportar as saudades que tenho de ti.

Oraram ambos. Como o fumo do lar que se erguia em ondulante espiral, aquellas almas subiam nas azas do santo amor para Deus, tendo percorrido n'um momento todos os pontos de gosto intimo que existem na escala finita das sensações humanas.

O velho militar vinha subindo a encosta. Rosa correu a elle, deitou-se-lhe nos braços, e disse soluçando:

— Pae, o nosso Fernando vae-se embora!

Era a confissão espontanea e ingenua do seu amor immaculado.

O pae, apertando-a de encontro ao peito, respondeu-lhe:

— Já sei que vae. Ainda bem, filha; vae ser um homem. Depois, voltando-se para Fernando, accrescentou:

— Estive com teu pae e com teu tio. Não sei qual d'elles te quer mais, e tu basta que sejas o que tens sido até aqui para os fazer felizes. Rosa, vamos á ceia; estou-lhe com vontade. Fernando ceia tambem comnosco.

Passado o primeiro impeto de amor Rosa sentiu que nas palavras que dissera ao pae implicitamente revelára o seu amor. O pejo vinha-lhe em ondas ao rosto. Comprehendeu-a o extremoso velho; deitou-lhe o braço á roda do pescoço, e beijando-a repetidas vezes na face entrou com ella a porta da sala.

(Continua) R. A. de Bulhão Pato.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

72.°

Não acho nas grammaticas, nem nos diccionarios da nossa lingua, designada a regra de conjugarmos o verbo *remir* no tempo presente dos modos indicativo, subjunctivo e imperativo. Não nos dizem que seja defectivo; mas o uso não o admitte n'aquelle tempo e modos.

Desejava ser esclarecido, etc. — *Um assignante do Rio de Janeiro.*

RESPOSTA

O verbo *remir* é contracção de *redimir*, e a elle se vão buscar as linguagens que aquell'outro não admitte, por se equivocarem com as do verbo *rimar*. E assim dizemos: *redimo, redimes, redime: remimos, remis, redimem: redime.*

No t. I dos *Sermões* do P. Bartholomeu do Quental, a pag. 56, lemos: «*Redimamos* o tempo como Christo *redimiu* a Virgem... se não a *redimira* do modo que a *redimiu*. S. Paulo diz que quem assim o *redime* (o tempo) tem razão e tem juizo.»

Mas, para evitar estas irregularidades, o melhor é usarmos do verbo *resgatar*, que tem a mesma significação.

Silva Tullio.

Rodrigo da Fonseca Magalhães

I

O periodo que decorreu desde os primeiros annos d'este seculo, até que ha poucos se principiou a consolidar em nossa terra o governo constitucional, foi, como todas as epochas de agitação politica e de commoção revolucionaria, fecundo em homens que illustraram o seu nome nos campos de batalha, nos conselhos da corôa e nas assembléas da nação.

É n'estas quadras épicas, de fecunda e radical transformação, é quando a sentença está lavrada contra as instituições que foram, quando se entôa o hymno triumphal ás novas idéas, que os grandes e privilegiados engenhos, até então ignotos na sua penumbra, apparecem quasi improvisamente á luz, e revelam na scena heroica dos successos publicos as qualidades eminentes, que ficariam, porventura, ociosas e estereis nos tempos de tranquillidade social.

Quando a Providencia tem destinado voltar com o seu dedo omnipotente uma folha nova no grande livro da historia da humanidade, envia a cada nação os homens que devem ser os invenciveis instrumentos dos seus designios, o espirito energico e o braço vigoroso das novas doutrinas e das novas resoluções.

Assim nas epochas de conquista em Portugal, quando a Providencia tem disposto que os germes da civilisação christã se diffundam e fructifiquem em todo o mundo, quando é o navio a fórma visivel do progresso e a consubstanciação da idéa civilisadora, apparece em nossa terra o infante D. Henrique, a eschola de Sagres, tendo por chefe o mais insigne filho do mestre de Aviz, dá o signal á turba de arrojados navegadores, e os argonautas portuguezes surgem de todos os pontos do nosso pequeno territorio, como se nascessem dos dentes prolificos de Cadmo, ou das fecundas pedras do fabuloso Deucalião. É assim que Bartholomeu Dias, Perestrello, Diogo Cão, Fernão de Magalhães e tantos outros mareantes immortaes traçam no Oceano, com o rasto dos seus victoriosos galeões, a estrada real das mais illustres glorias portuguezas. É assim que, em dictando a Providencia a Portugal a sua missão conquistadora, e em lhe ordenando que com os seus descobrimentos abra o primeiro capitulo da moderna civilisação, parece que á mesma hora tinha já armados os heroes que, por tantos seculos, haviam de ser n'aquella empreza e epopéa verdadeira.

Algumas vezes saíu o David portuguez, o povo, que pareceria modesto, obscuro, debil, e mais talhado para servo que para senhor — tal era a apparente mesquinhez de suas forças, e o poderio e magestade de seus inimigos e oppressores — algumas vezes, digo, saíu a pelejar o povo d'este reino contra os que o vinham avassallar, ou o traziam já de largos annos dominado, mas não sujeito.

Da primeira vez, ainda mal seguras no solo as raizes da nação, entrou o castelhano por nossas terras, talando os campos e assolando as povoações, com tanta braveza e arremesso, que não haveria ao principio resistir-lhe. E contra o novo philisteu suscitou Deus não um só mancebo, senão muitos que saissem a tomar o passo ao invasor, e obrigal-o a volver vencido da referta. Foram o mestre de Aviz, o condestavel Nuno Alvares, e tantos outros de cujas galhardias e gentilezas são iliada verdadeira e copiosa as nossas chronicas, memorias e tradições. Ganhou Portugal o pleito; que é timbre e condão de portuguezes vencer ainda aos mais briosos e cavalleiros, quando o preço da requesta é a patria ou a civilisação.

Teve esta famosa epopéa do renascimento nacional, ao lado dos seus Ajaces e Achilles, tambem os seus Ulysses e Nestores, persuasivos no discurso, prudentes no conselho, discretos e facundos no dizer. Ao passo que a espada do condestavel abria o caminho á mais gloriosa dynastia, a palavra de João das Regras vibrava em beneficio da terra portugueza nas assembléas da nação.

Saíu Portugal segunda vez a campo, não já para aceeitar, mas para offerecer desegual batalha ao castelhano, que lhe punira o crime da sua antiga independencia com sessenta annos de affronta e oppressão. E acudiram a ponto os homens que haviam de obrar prodigios n'aquelle feito arrojadissimo. Mathias de Albuquerque, D. João da Costa, D. Sancho Manuel, conquistaram loiros eguaes aos que circundavam os nomes já historicos dos esforçados luctadores de Aljubarrota.

Em quanto as espadas portuguezas, enferrujadas e ociosas por largo tempo nas panoplias, se estão açacalando no sangue dos inimigos, ha togas e roupetas, que andavam ignotas nos tribunaes e nos cenobios, e que ajudam agora, com o seu conselho e a sua palavra, a obra gloriosa da nossa politica redempção.

O padre Antonio Vieira é o tribuno eloquente d'aquelles enthusiasmos bellicosos; é nas juntas do governo e nas das legações o negociador das allianças e subsidios, o promotor dos brios nacionaes, o conselheiro das resoluções, o Tyrteo d'aquellas heroicas emprezas, o piedoso Mirabeau d'aquella revolução, cuja tribuna se levanta no templo, defronte do sacrario, entre o incenso e as santas harmonias consagradas ao Senhor.

A revolução politica e social que, na primeira metade do seculo presente, estendeu a Portugal os grandes principios inaugurados como o direito da humanidade pela revolução de 1789, precisava, para effectuar-se, de que homens inspirados de um novo espirito, inflammados de enthusiasmo patriotico, se levantassem para operarios convictos d'aquella empreza fecunda e generosa.

À frente de todos elles appareceu o immortal imperador. O duque de Bragança, quaesquer que sejam os reparos que a alguns dos seus actos publicos possa um dia fazer a historia na austera imparcialidade dos seus juizos, ha de sempre erguer-se perante ella como um heroico vulto, cujos grandiosos lineamentos avivou na memoria do povo portuguez a veneração pelos nobres sacrificios com que se votou á emancipação e liberdade da sua patria.

Em volta do brioso duque de Bragança, ao mesmo tempo legislador, philosopho e soldado, participando com elle da mesma fé, dos mesmos lances e dos mesmos loiros, resaem já hoje na téla da posteridade os seus generaes e os seus estadistas, os que o ajudaram pelo conselho e pelo braço. Ao lado da figura cavalleirosa do duque da Terceira o espirito meditativo de José Xavier Mousinho. Junto do visconde da Serra do Pilar, o Manlio do moderno Capitolio portuguez, o animo sereno e emprehendedor de José da Silva Carvalho, em que se revelam as feições moraes e a tempera de ferro dos antigos romanos, que nos dias de maior angustia não desesperavam da salvação e da grandeza de Roma.

Em redor dos homens eminentes, que circundavam com a muralha invencivel dos peitos livres o abrasado recinto da cidade invicta, e d'aquelles que, sob a sinistra abobada formada pelas bombas inimigas, celebravam tranquillamente os conselhos do governo, agitavam-se outros vultos, que deviam abrir, e continuar nos mais altos officios publicos, a segunda epocha da liberdade, ao encerrar-se com a morte do imperador o cyclo das campanhas libertadoras. Eram, entre muitos outros, João Baptista de Almeida Garrett, o orador poeta; José Estevão, o orador da democracia; Rodrigo da Fonseca Magalhães, o estadista da paz e o orador da conciliação.

Rodrigo da Fonseca Magalhães, se não exerceu durante a primeira e mais laboriosa quadra da cruzada constitucional as primeiras magistraturas politicas, foi no meio da guerra, n'aquella eschola memoravel do cêrco do Porto; n'aquella tribuna ardente, d'onde partiam a diffundir-se pelo paiz, entre os coros sinistros dos canhões, as estrophes eloquentes da liberdade; n'aquella cáthedra, d'onde saía, entre as incertezas da guerra, o evangelho da democracia, formulado nos decretos memoraveis de Mousinho da Silveira; foi n'aquelle cenaculo, onde os apostolos da idéa nova se congregavam para sanctificar pelo martyrio o evangelho da liberdade, ou para triumphar pela sua perseverança e impavidez, foi alli que Rodrigo da Fonseca se compenetrou do espirito liberal, como que recebeu o grau e prestou o juramento d'aquella nova religião e cavallaria, fortaleceu o animo e retemperou as suas robustas faculdades para poder um dia interpretar no governo e direcção dos negocios publicos, em difficeis e arriscadas conjuncturas, a letra das instituições, escriptas com a espada dos bravos e o sangue dos martyres na carta das nossas immunidades e franquias.

Todos os homens que aprenderam n'aquella eschola foram, com raras excepções, fieis ao espirito da revolução constitucional. Todos os que receberam na Terceira e no Porto aquelle solemne baptismo de fogo, se deslustraram às vezes, pelos seus erros, a firmeza e austeridade da sua crença liberal, não macularam jámais as vestes candidas da sua iniciação liberal com as nodoas infamantes da apostasia. Assim como o agricultor que viu ainda safaro e maninho o torrão onde hoje braceja e fructifica a arvore copada; que amanhou e enriqueceu de mimos a terra outr'ora ingrata; que lhe confiou a semente, e que viu com indizivel alegria a plantula rasando quasi o solo nos primeiros dias da sua vegetação, e a seguiu crescendo e prosperando até que foi arbusto, e depois tronco já agasalhado em sua casca, e vestido de sua folhagem, e adornado de suas primeiras flores, ama a arvore que plantou e lhe dá sombra, assim tambem n'aquelles que assistiram aos primeiros tentames de uma nova instituição, nos que estremeceram pelo seu futuro, nos que velaram armados em sua guarda e defensão, venham embora os annos, desappareçam os perigos, abonancem os tempos, e veremos a crença sempre firme e o amor sempre immarcessivel vincular as instituições ao coração dos que as plantaram.

Os homens que, no rochedo da Terceira, tinham visto cair, açoitado e impellido pelas tempestades politicas, o germen da liberdade; que haviam recebido n'um berço de penhascos a carta, esta pobre recemnascida, cujo horóscopo havia sido escripto em sentenças de proscripção e de terror; que a haviam conduzido ao Porto, escudada pelo estandarte bicolor e escoltada por sete mil valentes, vanguarda aventurosa de um exercito que a propria liberdade tinha ainda que recrutar; os homens que tinham visto a grande e generosa idéa estremecer nos dias de maior perigo, e pendente de um fio a fortuna das instituições e o futuro da sua patria, tinham aprendido, ora nos terrores da adversidade, ora nos jubilos do triumpho, a apreciar o thesoiro que recatavam.

Quando, encerradas as guerras civis, a ambição os pôde momentaneamente cegar, vicial-os as paixões politicas, nunca elles se deslembraram de que haviam sido cooperadores na fundação das liberdades. Como aos religionarios de uma fé pura e vivificadora, os peccados veniaes podiam muitas vezes obrigal-os á penitencia, mas ninguem pôde jámais, com razão, accusal-os de haver caído no atheismo, na impiedade ou ainda mesmo na heresia.

Rodrigo da Fonseca foi um d'estes homens que permaneceram liberaes até ao fim da sua vida, todo votado a consociar a liberdade com a ordem, e o vivo sentimento da democracia com a instinctiva lealdade á realeza constitucional.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 52)

Progrediram as obras do convento da Batalha com muita actividade e rapidez por todo o reinado de D. João I. Porém, não obstante ser este muito longo, pois que abrangeu um periodo de 48 annos, desde 1385, em que o mestre de Aviz foi acclamado rei, até 1433, em que falleceu, não bastou para o acabamento de tão grandioso edificio. Durante os cinco reinados que se seguiram ao do fundador, continuaram constantemente os trabalhos de construcção, incluindo n'elles os da chamada *capella imperfeita*. Em outro logar mais adequado trataremos das obras executadas em cada um d'esses reinados.

Da fundação do convento originou-se a fundação da villa da Batalha. As primeiras construcções que se fizeram foram para serviço das obras do monumento, taes como a *casa do mestre*, a *casa das medidas*, a *casa da feria*, a *casa da carpintaria*, *da vidraria*, *da ferraria*, os *fornos da cal*, *telheiros*, e outras officinas.

Uma edificação tão vasta, tão morosa apesar da actividade dos trabalhos, e que requeria o emprego de tantos braços, e de tão variados officios, não podia deixar de attrahir e entreter n'aquelle logar, outr'ora ermo, numerosa multidão de gente, não só de operarios, mas tambem de vendedores de generos e mercadorias para o necessario fornecimento d'esse centro não pequeno de consumidores. Assim se foram construindo casas a par d'aquellas officinas para se accommodar n'ellas uma povoação, posto que adventicia e com caracter provisorio, que, pelas razões expendidas, veiu a ficar permanente.

Todas estas construcções foram feitas nos terrenos da *quinta do Pinhal*, em que se fundava o convento; e como el-rei D. João I determinára que fr. Lourenço Lampréa, seu confessor, fosse viver religiosamente, com mais alguns companheiros, nas antigas casas da mesma quinta, em quanto o convento não se achava em estado de os receber, edificou-se tambem alli uma ermida para os ditos religiosos celebrarem os officios divinos.

D'est'arte, serviram de nucleo á casaria da villa as officinas da obra e as habitações dos operarios, bem como lhe serviu de matriz a ermidinha dos religiosos, cujas ruinas ainda lá se vêem. Ao diante, feita doação da quinta aos religiosos pelo monarcha fundador, e achando-se os frades já residindo no convento, foram estes aforando chãos a pessoas particulares, com a clausula de levantarem casas, reservando, porém, uma parte para cêrca do convento. Mais tarde, el-rei D. Manuel completou aquella doação, encorporando n'ella as mencionadas officinas, e auctorisando os religiosos a disporem d'ellas logo que não fossem precisas para as obras. Portanto, cumprida que foi esta condição, trataram os padres de as dar de aforamento, com a mesma clausula com que aforaram os chãos.

Sendo a povoação já bastante crescida no começo do reinado del-rei D. Manuel, foi por este soberano desannexada do termo de Leiria, a que pertencia, e erigida em villa no fim do anno de 1498, ou principio de 1499. Foi tambem este monarcha o fundador da egreja parochial, da invocação de Santa Cruz, a qual teve começo no anno de 1512, concluindo-se no de 1532.

III

FASTOS DO CONVENTO

Não correspondem á grandeza e magnificencia da fabrica os fastos do convento. A humildade da ordem, cujo instituto era mendicante, e a pobreza da communidade, a quem el-rei D. João I, obtida a dispensa pontificia, deixára os bens apenas sufficientes para uma parca sustentação, não permittiam os privilegios e preeminencias ecclesiasticas, nem o apparato das ceremonias, nem os esplendores do culto, que tornaram celebres alguns mosteiros de Portugal.

Os fastos do convento da Batalha resumem-se em um breve catalogo de nomes illustres das pessoas que n'elle jazem, de outras que n'elle viveram, e de muitas que o tem visitado para lhe admirarem as bellezas e os primores. Das primeiras, em que se comprehendem os reis e principes da dynastia de Aviz, desde D. João I até D. João II, fallaremos em outro logar. D'entre as segundas nomearemos o doutor *fr. Lourenço Lampréa*, 1.º prior do convento, pessoa de muito saber e auctoridade; *Fr. Luiz de Sousa*, o elegante chronista da ordem de S. Domingos, que alli foi por algum tempo conventual, aquelle mesmo patriota que no seculo, com o nome de Manuel de Sousa Coutinho, preferiu incendiar e ver reduzida a cinzas a sua propria casa, a vêl-a occupada pelos governadores do reino sob a usurpação de Filippe II de Castella, os quaes, fugidos da peste que devastou Lisboa, se aposentaram n'ella com violencia; e, finalmente, *D. Fr. Francisco de S. Luiz*, o illustrado monge benedictino que, abraçando a revolução de 24 de agosto de 1820, saiu do claustro para ir á cidade do Porto tomar parte conspicua no governo provisorio do reino; que, depois da quéda da constituição, foi desterrado primeiramente para o convento da Batalha, e mais tarde para o da serra de Ossa; e que, tendo cingido a mitra episcopal de Coimbra, e presidido ao ministerio dos negocios do reino, foi elevado ao solio patriarchal de Lisboa, em cuja dignidade o colheu a morte no anno de 1845. Este sabio prelado é uma das glorias litterarias de Portugal.

Os nomes que compõem a terceira parte d'aquelle catalogo são os de quasi todos os nossos reis e principes, desde que se erigiu o monumento até hoje; e os da maior parte dos soberanos, principes e outras pessoas notaveis que tem vindo a Portugal n'esse longo espaço de quatro seculos e meio.

Commemoram, porém, os annaes d'este convento dois successos lamentaveis de que foi theatro. Em 1810, na terceira e ultima invasão franceza, os soldados do exercito do marechal Massena fizeram consideraveis estragos no edificio, e mutilaram e profanaram os tumulos reaes, julgando encontrar dentro d'elles alguns objectos preciosos. No anno seguinte foram devorados pelas chammas um dormitorio e outras partes do convento, correndo grande perigo todo o edificio de ser invadido pelo incendio.

Pela extincção das ordens religiosas, em 1834, ficou o convento devoluto, e conservou-se em bastante desamparo até ao anno de 1840, em que as cortes, tendo-o declarado monumento nacional, consignaram uma verba annual de 2:000$000 réis para a sua reparação e restauração, nas quaes se tem trabalhado sem descanço até ao presente. Começaram estes trabalhos em 1840, sob um plano que honra o distincto general de engenheria, Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, a quem foi incumbida esta ardua e difficilima tarefa, e da qual se desempenhou com summa proficiencia. Primeiro proveu aos reparos geraes do edificio para obstar a ruina que o ameaçava, principalmente pela infiltração das aguas nas abobadas; depois encetou as obras da restauração, seguindo á risca não só o mesmo gosto de architectura, mas tambem os desenhos primitivos. Os acontecimentos politicos do paiz occasionaram a sua exoneração d'este importante cargo, no anno de 1843; todavia, as obras continuaram com direcção não menos zelosa e intelligente; e acham-se no mais satisfactorio estado de adiantamento. Na descripção do monumento iremos indicando os trabalhos de restauração executados.

IV

SITUAÇÃO E PLANTA GERAL DO EDIFICIO

Está edificado o convento da Batalha em terreno baixo, cercado de collinas e montes que lhe limitam o horisonte, sobre tudo do lado da fachada principal do templo. Entretanto, se o não rodeasse tão de perto a casaria da villa, pela maior parte de mesquinha apparencia, a sua situação seria de muita amenidade e belleza, pois que o valle em que está assentado é um dos mais frescos e aprazíveis d'esta nossa provincia da Estremadura. O rio Lena, que corta o valle, só no inverno é caudaloso, mas no verão traz sempre a agua sufficiente para conservar o viço e a frescura que a primavera dá ao arvoredo que o assombra, aos prados e pomares que o orlam, e ás proprias veigas que a pouca distancia se erguem.

Apesar de não estar longe da cidade de Leiria, por onde passa a estrada real que conduz de Lisboa ás provincias do norte do reino, até ha poucos annos era difficil o accesso ao convento da Batalha, pelo estado lamentavel dos caminhos. Hoje, felizmente, não succede assim. O nosso primeiro monumento póde ser visitado dos estrangeiros sem que nos envergonhemos das difficuldades do trajecto, nem do estado do edificio. Uma bem traçada e espaçosa alameda, partindo do adro do templo, vem communicar com a bella estrada macadamisada, construída ha onze annos entre o Carregado e Coimbra, e que, concluindo-se depois até ao Porto, uniu em faceis communicações as duas primeiras cidades do reino, antes que o caminho de ferro as aproximasse com mais estreitos laços.

Levar-nos-hão a bem, sem dúvida, os nossos leitores que, antes de começar a descripção do edificio, lhes dêmos conhecimento da planta geral, que, além de nos auxiliar n'aquella descripção, serve tambem para dar uma idéa quasi justa da grandeza do monumento.

A planta, cuja gravura publicâmos, foi copiada de outra do riquissimo livro que o architecto inglez, James Murphy, escreveu e ornou de excellentes gravuras em 1792, todo dedicado á descripção do edificio monumental da Batalha.

A planta e mais gravuras com que se adorna aquella obra, dão cabal testimunho do talento e pericia do architecto britannico, pela exactidão com que foram tiradas, assim como tambem attestam o valor artistico do monumento que lhe mereceu tão serio e aturado estudo [1], e uma edição tão dispendiosa como é a da *Historia e descripção do real convento da Batalha*.

A fórma d'este livro é in-folio, e a dita planta occupa duas folhas d'elle, em frente uma da outra, em toda a sua altura e largura. A nossa gravura é, pois, cópia de uma photographia mandada tirar expressamente para o *Archivo*, a qual reduziu aquella planta ás pequenas dimensões em que a publicâmos.

Os numeros que se vêem na planta indicam as suas divisões do modo seguinte:

1 — Adro, porta principal e corpo da egreja.
2 — Cruzeiro, no qual está a porta travéssa, e as quatro capellas collateraes da capella-mór.
3 — Capella-mór.
4 — Capella sepulchral chamada do fundador.
5 — Pateo detraz da capella-mór, onde fica a entrada das capellas imperfeitas.
6 — Capellas imperfeitas.
7 — Sacristia.
8 — Claustro real, edificado em vida de D. João I.
9 — Casa do capitulo.
10 — Refeitorio.

[1] Murphy veiu a Portugal em 1789, e esteve alguns mezes na Batalha examinando e estudando o edificio.

11 — Adega.
12 — Claustro construido por el-rei D. Affonso V.
13 — Outro claustro mais inferior.

O resto da planta diz respeito aos dormitorios e mais officinas do convento.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

BIBLIOTHECAS POPULARES

I

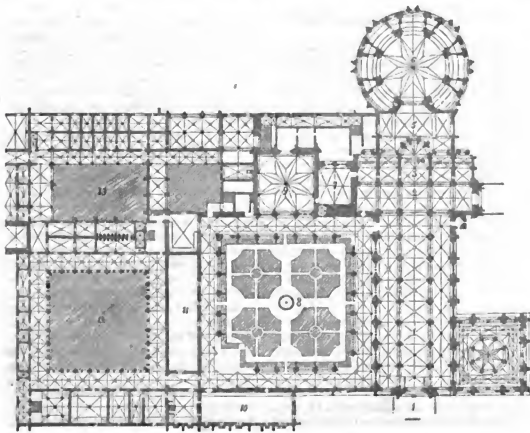
Apontámos rapidamente, no artigo publicado n'este jornal com o titulo de *Algumas reflexões sobre a instrucção publica*, os motivos principaes por que é tão deficiente a instrucção primaria em Portugal, os meios com que na Gran-Bretanha se combatem identicas enfermidades, e os recursos que temos, no nosso proprio paiz, para emprehendermos, com avultado numero de probabilidades favoraveis, a grande obra da nossa regeneração. Vimos quanto era inutil a pomposa fundação de escholas quando se não auxiliavam com perseverança e intelligencia os esforços dos professores. Fundar escholas sem dar aos mestres honorarios que os habilitem a viver decentemente, sem promulgar leis que obriguem indirectamente as familias a enviarem lá as crianças; fundar escholas sem adoptar um methodo que dê extensão e rapidez ao ensino, que inflore e suavise o estudo, é seguir o erro de um proprietario que erguesse paredes sumptuosas, sem alicerces nem tectos, e que se espantasse depois de que ninguem fosse habitar essa casa sem commodos nem solidez. As escholas primarias de Portugal são essas paredes vacillantes, que nem convidam inquilinos, nem conseguem firmar-se; são arvores degeneradas que nem dão fructo, nem sombra, arvores que definham á mingoa de rega, e que tiram espaço ás que podiam enraizar-se e viçar esplendidamente.

Accusámos d'isso em parte a ausencia da iniciativa individual, em parte a incuria administrativa. Comtudo, notemos que é rigoroso dever do governo supprir a falta dos particulares, e acceitar os encargos que melhor seria coubessem tambem um pouco a cidadãos que fossem verdadeiramente zelosos do bem do paiz. Se assim acontecesse, se se realisasse esse invejavel accordo, caminhariamos mais desaffrontados, e com maior velocidade, pela senda do progresso. Não acontece assim, paciencia! não é esse motivo para que o governo se julgue dispensado de cumprir as suas obrigações.

Uma das primeiras coisas a que deve attender, é evidentemente á situação precaria do corpo docente. Não se imagina quanto essa triste situação concorre para paralysar o desenvolvimento do ensino elementar. Não se imagina a influencia nefasta que produz a miseria dos professores na illustração das terras para onde são enviados. Bastava que invocassemos a justiça e a humanidade para podermos pugnar afoitamente a prol d'esses obscuros operarios da civilisação, cujo trabalho inglorio é quem lança as bases do edificio social. Se esses pobres e pallidos mineiros, escondidos nas entranhas da terra, não lançassem no espirito das gerações novas a semente das idéas, nunca poderia crescer ao ar livre a arvore formosa da instrucção. Pobres semeadores a cujo labutar devemos o germen das opulentas searas, em cujas doiradas espigas lampeja e ri o resplandor do sol, quem se lembra de vos dar um logar de honra no farto banquete da civilisação? Quem se lembra, depois de chegar ao fastigio da illustração, d'esse melancolico e resignado vulto que primeiro nos abriu as portas do mysterioso paraiso do saber? Ninguem! É provavel até que o afor-

tunado neophyto olvidasse o nome do misero iniciador! E todos nós, ao admirarmos o brilho, o engaste, a riqueza artistica d'esses diamantes litterarios ou scientificos, que se chamam Hugo ou Humboldt, nem pensâmos na triste sorte dos pobres exploradores que primeiro facearam essas pedras preciosas, que lhes desbastaram a primitiva rudeza, e que lhes desentranharam do seio o primeiro raio de luz.

Bastava, pois, como dissemos, invocar a justiça e a humanidade para fundamentar o pedido dirigido aos governos para que lancem vistas de commiseração para esta classe tão menosprezada. Mas não nos contentaremos com isso, mostraremos tambem os inconvenientes que resultam para a instrucção, d'esse estado miserando dos professores.

Em primeiro logar, devemos facilmente imaginar que o mesquinho das retribuições não deverá ser um grande incentivo para aguilhoar o zêlo dos mestres. Mas ainda supponho que estes, apesar de tudo, cumpram conscienciosamenté os seus deveres, não vemos que d'essa maneira o mestre-eschola, que devia ser uma das potencias da aldeia, está, pelo contrario, dependente de todos? Não vemos que esse representante da civilisação em terras desillustradas não póde por essa fórma exercer prestigio algum, e, por conseguinte, desprestigia tambem a grande idéa de que o fizemos missionario? Pois que! Envergonhâmo-nos de que os nossos embaixadores, os nossos plenipotenciarios junto de cortes estrangeiras não se apresentem fazendo a figura conveniente á dignidade nacional, e não nos envergonhâmos de que esses plenipotenciarios não já de uma nação, mas da humanidade civilisada, embaixadores acreditados junto d'essas cortes de sertão, se apresentem como convem á dignidade de um povo illustrado!

Planta geral do edificio da Batalha

O que! pois é crivel que, no momento em que nos esforçâmos para convencer a gente rude, o populacho ignorante dos beneficios da instrucção, lhe apresentemos como um especimen d'esses beneficios a miseria do homem que está encarregado de arrebanhar no gremio do saber as ovelhas estramalhadas pelos aridos desertos da ignorancia! Como poderão elles rebater os argumentos dos camponezes obstinados, que dizem não ser preciso o ler e o escrever para o amanho das terras? Como ha de o mestre da aldeia responder ás perguntas do ignorante bem vestido, que lhe disser: «Para que lhe serviu essa instrucção cujas vantagens advoga?» Como lhe ha de elle responder senão dizendo-lhe: «Serviu-me para andar esfarrapado e faminto, serviu-me para me ver obrigado a pedir-lhe um pedaço de pão?»

E que respeito terão as crianças a essa especie de mendigo que preside ás suas aulas? Ai! infelizmente, a tendencia innata da humanidade é a reverencia aos bens da fortuna, e o desprezo pela pobreza.

Reparo agora que me fui afastando sensivelmente do assumpto que resolvi tratar... Arrastou-me o interesse que sempre me inspirou essa classe, que tantos e tão mal recompensados serviços presta. Deixemos o incidente e voltemos á oração principal.

Supponhâmos todos esses males remediados, a instrucção primaria organisada convenientemente, os professores bem retribuidos, a população compellida a receber as aguas do baptismo intellectual, e tudo, em fim, no maior auge da prosperidade. Estará terminada a tarefa do legislador? Parece-nos que ainda não.

O povo aprendeu a ler, mas isso não basta. Para que serve a charneca a um lavrador sem terras? Para que serve a sciencia da navegação a um habitante das montanhas? Para que servem as azas ao passarinho engaiolado? Com o andar do tempo enferruja-se o arado, esquece-se a arte de navegar, tornam-se pesadas as leves plumas da avesita. E não acontecerá o mesmo ao pobre operario, ao rude homem dos campos, a quem, depois de se ter ensinado a ler, se não offerece leitura? Lucrou alguma coisa com esse conhecer as letras do alphabeto, ligal-as em syllabas e as syllabas em palavras? Não; e o exemplo d'esse homem, possuidor de um thesoiro inutil, não faz se-

não robustecer as idéas dos adversarios da instrucção e confirmal-os no pensamento de que não vale a pena cançar-se para adquirir uma instrucção vã e desproveitosa.

Ainda na Inglaterra encontrâmos o incentivo, que nos deve animar a favorecermos por todos os modos a instrucção do povo. Alli ha innumeras sociedades que tomaram a seu cargo a propagação de livros, principalmente de Biblias. Na Gran-Bretanha não ha uma casa só onde se não encontre o livro santo; comtudo, não é n'esse ponto o Reino-Unido que nos deve servir de exemplo. A França offerece-nos um campo mais vasto de estudos.

Alli tres influencias diversas dirigem o derramamento de livros pelo povo, influencias cujos intuitos são diversissimos, adversos mesmo, mas que, apesar d'isso, se auxiliam incessantemente, porque tem um unico fim — a instrucção do povo. Essas tres influencias são: a iniciativa religiosa, governamental, e a particular.

De um artigo de Julio Simon, o celebre auctor do *Dever*, artigo publicado tambem na *Revista dos Dois Mundos*, tirâmos os dados em que se baseia este nosso estudo. Vemos, pois, que a aspiração commum do partido clerical, do partido governamental, e do partido liberal, é a propagação da leitura. Que importam os differentes intuitos? Leia o povo, e a sua razão, desenvolvida pela leitura, escolherá depois os principios que achar mais justos. Além d'isso, as tres influencias combatem com armas eguaes, tem a arena livre, e é isso tudo quanto podem exigir os advogados das differentes idéas.

O partido clerical, com o ardor de propaganda que o distingue, é o que tem multiplicado mais depressa os seus meios de acção. Formam-se sociedades para a propagação de livros por preços altamente modicos, e para a fundação de bibliothecas. A *Sociedade para melhoramento e animação das publicações populares*, as congregações de S. Francisco de Sales, de S. Miguel, de Sant'Anna, publicam livros por preços inacreditaveis. Fundám-se jornaes de instrucção. A companhia de S. Vicente de Paula tira 125:000 exemplares das suas *Leiturasinhas illustradas* que apparecem todos os mezes, e custam, pouco mais ou menos, quatro vintens por anno!

Além d'isso, fundam-se bibliothecas parochiaes. Ao lado d'estas bibliothecas fundam-se as bibliothecas escholares, devidas á iniciativa governamental; e ao lado d'estas duas as bibliothecas municipaes, fundadas pela iniciativa liberal.

Em França o espirito de especulação tem levado os livreiros a publicar edições baratissimas de obras uteis, que começam a estar ao alcance de todas as bolsas; mas como, por fim de contas, por mais pequeno que seja o preço de um livro, sempre a gente do povo chora o dinheiro que com elle gastou, em quanto não toma deveras o gosto da leitura, apparece a sociedade Franklin, representante da iniciativa liberal, a animar o estabelecimento das bibliothecas.

O fim d'esta sociedade, que tem por presidente um homem celebre nos fastos scientificos, M. Boussingault, é o seguinte, segundo dizem os seus estatutos:

«... Propor o estabelecimento de bibliothecas municipaes nas localidades onde as não houver, ajudar com os seus conselhos as que se organisam, animal-as com doações de livros e de dinheiro, encarregar-se de fazer as compras necessarias, e de as enviar, sem a minima despeza de commissão ou transporte. Nunca intervirá na administração d'essas bibliothecas, a menos que a isso não seja convidada.»

Esta sociedade tem feito maravilhas. Conseguiu que uma livraria de Pani pozesse á disposição das bibliothecas um caixote de livros no valor de quarenta mil réis, alugados a meio tostão por dia. Vem a ser cincoenta ou sessenta volumes. Póde renovar-se constantemente a bibliotheca. D'esta fórma, tudo quanto se escreve passa pelos olhos do povo mediante uma somma altamente modica. Uma bibliotheca municipal que tenha cem associados dispõe constantemente de quinhentos ou seiscentos volumes, pagando cada um cinco réis por dia! Isto tem produzido em França um verdadeiro furor. Fundou-se em Chaillot uma bibliotheca n'este genero; em oito dias estavam inscriptos para socios cento e noventa quatro operarios!

Bibliothecas assim são o complemento indispensavel de um bom systema de instrucção primaria! Por que se haviam de empregar tantos esforços para roubar as crianças ás trevas da ignorancia, se a influencia perniciosa da taberna viesse afogar nos adultos a semente da instrucção, a tanto custo plantada? Seria a semente entre abrolhos da parabola de Jesus. Ganha a grande victoria, os governos não devem adormecer como Annibal e perder o fructo da peleja feliz. Conquistados os espiritos, não se deve largar mão d'elles, porque recaem de novo nas trevas da ignorancia. Se levámos os pobres romeiros desfallecidos no areial até ao pé da fonte, façamos-lhes jorrar diante dos olhos as torrentes de agua limpida e vivificante. E não os deixemos em quanto os não virmos livres e robustos nos verdejantes oasis da instrucção.

Sim, é indispensavel entre nós a creação de bibliothecas populares; tome o governo a iniciativa, dê a cada mestre eschola as armas com que possa defender as suas ovelhas dos assaltos do lobo, desesperado por ver fugir-lhe a preza. Sem isso, nada conseguirá; todos os passos que der serão inuteis. Desenvolva a instrucção primaria, consiga que todos saibam ler, e não favoreça a creação de bibliothecas, a publicação economica de livros, e não fez mais do que levantar o povo do lamaçal da ignorancia, fazer-lhe dar dois passos vacillantes, e deixal-o cair de novo na orla extrema do tremedal. Moysés impotentes, arrancaram os novos israelitas á escravidão do Egypto, mostraram-lhes de longe a fulgida Chanaan, mas deixaram-n'os morrer de fome no deserto, por lhes não acudirem a tempo com a próvida chuva do manná.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

O CASAL DA ENCOSTA

(Vid. pag. 118)

III

Fernando partiu para Coimbra. Passaram mezes, chegaram as ferias; o mancebo voltou á aldeia. Rosa estava um tanto abatida. As saudades haviam-lhe deslotado as faces e pizado os olhos. Com a presença de Fernando alegrou-se a sua gentil physionomia. As rosas carecem de sol para ostentarem o viço das folhas e a força do colorido.

O sol de Rosinha era Fernando.

O verão passou rapido e feliz. Chegou o outono. Nova separação, novas lagrimas, novas saudades! Tudo isto, porém, era doirado pelo sol da esperança. Uma carta de Fernando tornava-a feliz para muitos dias: a resposta preoccupava-a por muitas noites.

Correu o tempo; o mancebo estava no seu quarto anno de direito. Fôra constantemente premiado. Já não era o rapaz timido e infantil que d'alli saíra; mas sim um bello moço de vinte e dois annos, intelligente e illustrado.

Rosa pasmava ouvindo-o fallar e vendo a admiração que tinha por elle seu pae.

Ás vezes uma idéa subita lhe alvorotava o espirito. Seria ella digna do amor de Fernando? Bastaria o seu affecto para tornal-o feliz? Agora que elle estava um homem, com tão largo futuro diante dos olhos.

pensaria ainda em ligar a sua vida a uma rapariga pobre, obscura e simples como ella era?

Estes crueis pensamentos salteavam-n'a até quando estava junto d'elle; anuviavam-lhe o rosto, e não raro as lagrimas rebentavam em borbotões de seus olhos.

— Que tens, Rosa, por que choras assim? — disse-lhe Fernando um dia.

Ella abria-lhe o coração, revelando os seus mais secretos pensamentos.

— Criança! E cuidavas em similhante coisa, quando eu te vinha dizer...

— O que? — respondeu ella interrompendo-o sobresaltada.

— Que teu pae e o meu consentem no nosso casamento. Era coisa ha muito tratada entre ambos. Já não parto para Coimbra sem te deixar minha noiva. Quizeram elles que fosse eu o primeiro a dar-te a noticia.

Rosa caíu de joelhos, ergueu as mãos e exclamou:

— Oh! que não viva minha mãe para ver como sou feliz!

— Do ceo te está vendo e abençoando, filha, disse Henrique da Silva, que vinha entrando a porta da casa.

Depois accrescentou, como fallando para si mesmo:

— O horisonte nem sempre está coberto de nuvens; vae-se agora abrindo para mim sereno e azul como nunca! Diz-me o meu coração que os desgostos se acabaram. Vamos, proseguiu em voz alta e em tom jovial, já tocou para a missa. Fernando, dá o braço á tua noiva. Agradeçamos a Deus que nos faz tão felizes!

Foram para a egreja. A nova tinha corrido a aldeia. Rosa atravessou por entre os grupos de rapazes e raparigas da terra, fazendo-se excessivamente vermelha, e respondendo com voz balbuciante aos que lhe diziam:

— Então é certo? Muitos parabens, menina Rosa, Deus os faça felizes, etc., etc.

Começou a missa, e, como é costume n'aquellas paragens, o povo principiou a entoar em côro o *Bemdicto* n'uma melodia simples, melancolica, repassada de sentimento religioso. Recordo-me bem da impressão que me produziu essa melodia, quando pela primeira vez a ouvi na egreja da Oliveirinha!

Com que profunda piedade, com que entranhado amor agradecia a Deus a ditosa menina a felicidade que tinha no coração!

Ha momentos na vida em que o amor depura, engrandece, eleva a creatura a ponto que a sua mundana essencia parece transformar-se na divina essencia dos anjos!

Rosa estava n'um d'esses instantes, que são como a ante-manhã do dia das bemaventuranças!

E por que não seria a sua existencia uma serie nunca interrompida de jubilos e delicias, como sempre os seus mais intimos pensamentos haviam sido singelos e virtuosos? Não podia escapar aquelle ingenuo coração a pagar o tributo das dores, imposto á creatura desde que o homem saira do Paraiso!

No fim da missa, quando Rosa, depois de beijar a mão a seu pae, ia volver-se para Fernando, encontrou cravados sobre ella os olhos de um homem que via pela primeira vez.

Estremeceu transida de horror subito e profundo.

Ao atravessar o adro, o desconhecido que produzira tão singular effeito no animo de Rosa, cumprimentou urbanamente Henrique da Silva, que respondeu á saudação com sorriso visivelmente contrafeito.

— Quem é aquelle homem que fallou com meu pae, Fernando?

— Não sei, é a primeira vez que o vejo.

— Aquelle homem quem é, meu pae? — disse Rosa quando Henrique se aproximou d'ella.

— Aquelle homem, minha filha, é um malvado.

— Bem m'o dizia o coração; vamos depressa, tenho medo d'elle.

Fernando e Henrique sorriram com o susto que abalára o animo da timida Rosinha.

O desconhecido que déra causa a este dialogo seria um moço de vinte e nove a trinta annos quando muito. Estatura mediana, barba crescida, revolta e escura. Feições regulares e agradaveis. Os olhos, porém, tinham uma expressão singular. Ás vezes parecia apagar-se n'elles completamente a luz, outras brilhavam com uns reflexos metallicos similhantes aos animaes da raça felina quando se enraivecem. Nos momentos de colera contrahia-se-lhe o resto da physionomia tomando um aspecto pavoroso.

Era o tigre n'um accesso de furor.

Vejâmos agora alguma das circunstancias que se deram na vida do novo personagem que tem de figurar n'esta pequena historia.

Pedro, era o nome d'elle, ficára orphão no berço. Um padre, veneravel sacerdote e parocho da aldeia de..., tomou conta da desamparada criança, prestando-lhe os serviços de pae. O orphão parecia retribuir com sincero affecto o amor que tinha por elle o santo homem.

Pedro era concentrado e melancolico. Estudava e aprendia com facilidade. O parocho, homem illustrado, fôra o seu mestre. Aos dezeseis annos o mancebo estava já bastante adiantado em humanidades.

Um dia o seu protector disse-lhe:

— Anda cá, Pedro. N'estes ultimos annos a lavoira tem sido boa. (O padre tinha, além do passal, uma pequena propriedade). Estão alli, e apontou para uma carteira antiga que tinha no seu escriptorio, para cima de umas cem peças. Eu vou comtigo d'aqui a dois dias a Coimbra; quero recommendar-te aos lentes, comprar-te alguns arranjos, e deixar-te em casa de um parente meu, professor de theologia na Universidade.

Espero que tu serás o mesmo que tens sido até aqui. O pouco que tenho é teu, bem sabes; mas isso é nada; é necessario trabalhar, e tu, se quizeres, has de vir a ser um homem, porque habilidade não te falta.

Pedrinho abraçou o velho, que o apertou repetidas vezes de encontro ao coração. No dia seguinte o sacristão, vendo que o prior não chegava para celebrar a missa, foi procural-o a casa. Achou a porta fechada. Bateu repetidas vezes: ninguem lhe respondeu. Chamou gente, vieram, metteram a porta dentro, encontraram na casa da entrada a velha ama do padre apunhalada; correram ao quarto, e acharam o prior ensanguentado e morto na cama; a janella que deitava para o quintal aberta.

Pedro tinha desapparecido.

IV

Foi grande o alvoroto e consternação na aldeia.

As ondas de povo succediam-se umas após outras em casa do veneravel e desventurado sacerdote.

Ao vêl-o, estendido no leito, morto, envolvido n'um lençol, que era a mortalha ensanguentada, ficavam todos suspensos, sem lagrimas e sem gesto! O martyr parecia dormir um somno tranquillo e suave! De facto adormecêra no seio da morte, que, para os justos, é o seio de Deus!

A fuga de Pedro parecia uma prova inconcussa de haver sido elle o auctor do roubo e duplo assassinato. O povo, porém, não podia comprehender que o rapaz affectuoso, que, havia tão pouco ainda, brincava com os outros pequenos da aldeia, fosse capaz de similhante crime.

Procuravam debalde. Horas depois a perplexidade acabava, e apparecia a tremenda certeza.

Pedro roubára e assassinára o padre, apunhalára a velha, fugíra de casa, levando n'um cinto as peças do prior, e andava a monte, de clavina na mão, fazendo parte de uma das alcatéas de lobos que *além-Mondego*, nas faldas da serra, uivavam em volta dos casaes espreitando ensejo de saltar no aprisco [1].

Dois annos depois o seu nome era o terror d'aquellas paragens. Por diversas vezes voltára á aldeia onde perpetrára o primeiro crime, e a gente do logar, aterrada, não ousára sublevar-se.

A destreza e a coragem, que lhe não faltavam, apesar de malvado, a intelligencia mais perspicaz, e cultivada mil vezes mais que a de seus outros companheiros, o genio cavilloso e invencioneiro, davam-lhe grande vantagem entre os malfeitores, que o tomaram por chefe, e que lhe obedeciam ás cegas, posto o odiassem profundamente.

Durante alguns annos, Pedro contou com perfeita impunidade; depois, algumas diligencias, embora tardias, da parte do governo para acabar com aquelles canibaes, fizeram com que elle e os seus andassem a monte. A perseguição não foi, porém, nem longa, nem tenaz.

Pedro começou a apparecer nos povoados novamente. Nos ultimos tempos, é dizer, na epocha em que nós o apresentámos ao leitor na egreja de Oliveirinha (1850), parecia haver-se aplacado um pouco a nativa ferocidade do seu caracter.

No coração d'aquelle depravado homem despontaria acaso algum sentimento affectuoso? O amor para elle seria outra coisa mais do que o furor da vibora que se despedaça no impeto de seus ardentes desejos? Parece que não.

Ao sair da egreja dirigiu-se a um grupo de cavalheiros da terra e proximidades, que se viam obrigados a estender-lhe a mão, e disse-lhes depois de os haver comprimentado com ademanes de homem fino:

— A filha de Henrique da Silva está uma linda rapariga. O moço que vae com ella quem é?

— É o noivo.

— Então ella vae casar-se?

— É verdade, quando o rapaz voltar de Coimbra; d'aqui a um anno.

— Ah! elle é doutor, disse Pedro com sorriso singular. Os seus olhos n'esse momento faiscaram com um d'aquelles relampagos de que mais acima fallei ao leitor.

Rosa ao pé de Fernando esqueceu completamente a impressão que Pedro lhe produzíra. Aquelle dia tão feliz, de certo o mais feliz da sua vida, não podia acabar sem que os travos da tristeza viessem misturar-se no meio de ineffaveis alegrias.

No dia seguinte Fernando partia para ir terminar os seus estudos.

A despedida foi longa e dolorosa. Singulares presentimentos salteavam o coração dos dois amantes. Rompia a madrugada. Rosinha podia dizer com Julieta:

«Não é o rouxinol, é a calhandra que solta estes sons agudos. Oh! e dizem que o seu canto é harmonioso! Que harmonia, meu Deus, é aquella que nos separa!

«Parte, parte! a luz augmenta cada vez mais!»

Fernando como Romeo:

«E cada vez mais as sombras carregam os nossos destinos.»

Fernando era poeta. Nas horas de remanso, durante os seus passeios pelas margens do Mondego e suburbios de Coimbra, tão bellos e pittorescos, o namorado estudante fazia versos. Composições fugitivas que voavam do coração ao papel, e em seguida ás mãos do idolo que as inspirava.

Na primeira carta que depois da ultima despedida Rosa recebeu d'elle, encontrou uma flor, symbolo da ausencia, e uma poesia com o seguinte titulo:

A SAUDADE NO ERMO

Pobre saudade! o teu seio
Por quem palpita anhelante?
Qual foi a mão inconstante
Que assim te lançou no chão?!
Orvalhada com meus prantos,
Socia de meus pensamentos,
Respondes aos sentimentos
Que eu tenho no coração!

Vem commigo; o teu perfume
Suavemente me inspira;
Minh'alma tambem suspira
Em lances de immensa dor!
Como tu, em vão procuro
Ver um ente idolatrado,
E como tu do passado
Eu vivo tambem, oh flor!

Pobre saudade! encontrei-te
Ao brando expirar do dia,
Na hora em que o ceo envia
Á terra propicia luz;
Quando as côres do crepusculo
Se reflectem no horisonte,
Quando a veiga, a encosta, o monte
Com mais encantos seduz.

Oh! talvez que n'esta hora,
No seu placido retiro,
Ella soltasse um suspiro
Ao recordar-se de mim!
Quem sabe se tu serías
Mensageira que em secreto,
Viesses do seu affecto
A dar testimunho em fim!

Se assim foi, ó confidente
De quanto minh'alma opprime,
Corre a dizer-lhe o que exprime
N'este instante o meu amor!
E ao vêl-a sorrir, em paga,
N'aquella pallida frente,
Um ai! um suspiro ardente,
Um beijo, em fim, vae depor!

Rosa lia, relia, decorava a carta e os versos.

Vinha caindo a noite. Henrique da Silva chegou a casa; abraçou sua filha, e não tinha ainda tempo de entrar a porta quando uma voz disse ao pé d'elle:

— Senhor Silva, dá-me quartel por esta noite?

Era Pedro.

Rosa ficou como convertida em estatua.

Henrique, com a maior serenidade, respondeu:

— Pois não, sr. Pedro! Póde entrar.

As casas da Beira são como a tenda do arabe. O hospede, seja quem for, é sempre sagrado.

(Continua) R. A. DE BULHÃO PATO.

[1] Não supponha o leitor que procuro carregar esta narrativa com as sombras melodramaticas. Parte da Beira, por onde viagei, foi testimunha de muitos factos similhantes a este na ferocidade.

A *vendetta* corça, juntava-se a violação da propriedade, o latrocinio, o estupro; praticava-se, em fim, desde o homicidio até á pequena miseria!

O *lagar do Caco* (faço o nome masculino, porque o feminino não se póde escrever) tem uma historia nefanda.

Hoje na Beira respira-se a paz.

Ha poucos annos ainda, quando um famoso assassino matava um inimigo seu, os sicarios, que lhe andavam debaixo das ordens, penduravam o cadaver da victima no ramo de um carvalho, e crivavam-n'o com centos de balas! Depois agarravam d'esta especie de *almondega* de carne humana, mettiam-n'a n'um carro, e apregoavam: Quem quer comprar carne fresca!!

Isto passava-se a cincoenta leguas da metropole, n'um paiz que se dizia legalmente constituido, e que se prezava de possuir um exercito permanente!

A explicação d'estes factos, explicação que parece ser impossivel, achal-a-ha o leitor n'uma circunstancia muito simples:

Os mais notaveis facinorosos d'aquelles sitios eram importantissimos agentes eleitoraes!

Fabrica de lanificios de Pedornello

A uns sete kilometros da villa de Amarante, para o norte, está o logar de Pedornello, pequena povoação com uma egreja parochial da invocação de Santo André.

Situada perto da fronteira de Traz-os-Montes, n'essa parte do paiz até ha pouco tão descurada dos poderes publicos; escondida entre os montes que apertam o estreito valle por onde corre a ribeira de Ruy Mendes, confluente do Tamega, onde desagua perto d'ahi, esta pobre aldeia existia com pouca vida, e quasi ignorada, quando veiu o principio da associação, pelos annos de 1859, estender-lhe a mão, dando-lhe alento e impulso, e fazendo conhecido o seu humilde nome entre as terras industriosas de Portugal.

Foi por aquelles annos que uma sociedade, composta de tres ou quatro socios, sob a firma commercial de Garcia Ribeiro & C.ª, fundou proximo da aldeia de Pedornello, ou, como os nossos antigos lhe chamavam, Padornello, uma grande fabrica de lanificios, cujo unico ou principal motor, segundo cremos, é a agua da ribeira de Ruy Mendes.

N'este periodo de quasi seis annos da sua existencia tem tido esta fabrica muito desenvolvimento. Emprega crescido numero de braços, e os seus productos tem attingido bastante aperfeiçoamento, sobre tudo os pannos grossos, que já são superiores aos de alguns outros estabelecimentos fabris que mais se tem aperfeiçoado em o nosso paiz n'este genero de productos. Com mais alguns esforços não tardarão a rivalisar com os melhores pannos hespanhoes.

O edificio da fabrica foi construido expressamente para este fim, tendo, além da parte principal, varios corpos accessorios. Está situado na raiz de um monte, junto á margem do Ruy Mendes. Este rio traz corrente volumosa e apressada pelo declive do seu alvéo, que é pedregoso, e pelos muitos saltos que dá. As suas margens offerecem á vista mui lindas paizagens, principalmente a que a nossa gravura representa, a qual é cópia de uma photographia da bella collecção do sr. Seabra.

I. de Vilhena Barbosa.

D. FR. CAETANO BRANDÃO

ARCEBISPO DE BRAGA

(Vid. pag. 114)

IV

Não eram ainda bem decorridos seis annos, depois que o venerando prelado, então prestes a entrar no quinquagesimo de edade, dirigia com tal acerto e solicitude os negocios da egreja, entregue aos seus cuidados apostolicos, quando pela charrua *Aguia*, aportada ao Pará em 25 de junho de 1789, lhe chegavam da corte noticias que estava bem longe de esperar.

Vagára no reino, por morte de D. Gaspar, filho bastardo de D. João v, a cadeira metropolitana da cidade de Braga, e era mister provêl-a em sujeito idoneo. A fama dos exemplares procedimentos do bispo do Pará tornára-se de sobejo notoria e mui conhecida da rainha, para que o seu nome ficasse esquecido n'esta occasião. Por bem merecida preferencia foi elle julgado o mais digno de succeder em um cargo que durante meio seculo havia sido succéssivamente occupado por dois filhos de reis, e n'essa conformidade mandou a soberana passar-lhe a nomeação em 28 de abril de 1789. A embarcação, pela qual se lhe com-

municava o aviso, era a mesma que devia transportal-o, sem mais demora que a dos apprestos necessarios para a viagem.

Attonito e sobresaltado ouviu D. Fr. Caetano Brandão esta impensada nova. Tornado a si do primeiro espanto, e entrando a pesar maduramente as circumstancias em que se achava, mal podia decidir-se a acceitar a nova collocação que se lhe offerecia. Tratava-se nada menos que de voltar para a patria, trocando uma diocese pobrissima e cheia de incommodos por outra incomparavelmente mais pingue, e de maior graduação na hierarchia ecclesiastica; porém essas considerações, e as do maior serviço que em Braga podia prestar a Deus e á egreja, eram contrabalançadas pelos damnos que experimentaria a antiga diocese, cortando-se-lhe como em flor os novos estabelecimentos por elle começados, e que difficultosamente se promoveriam na sua ausencia; e a isto accresciam os escrupulos da consciencia, sabendo o muito que foram sempre reprovadas pelos canones estas translações do episcopado.

Finalmente, depois de longa hesitação, determinou-se a partir, se não com a resolução definitiva de acceitar, com o intento de vir agradecer á soberana a mercê que lhe fizera, e expor-lhe os motivos da sua justa recusa. Tendo providenciado convenientemente em tudo o que dizia respeito ao governo e administração espiritual do bispado durante a sua ausencia, despediu-se dos seus diocesanos, e entrou a bordo da charrua em 9 de agosto, acompanhado do governador do estado e mais funccionarios de todas as classes, por entre as ondas de povo, que no transito se apinhára para manifestar, com lagrimas e gemidos saudosos, a magoada tristeza em que os deixava o apartamento de tão insigne bemfeitor.

Desembarcado no caes de Belem em 20 de outubro seguinte, o nomeado arcebispo, cumpridos os primeiros deveres que lhe impunham o agradecimento e a cortezia, não tardou em expor pessoalmente á rainha os conscienciosos escrupulos com que em sua profunda humildade procurava escusar-se do novo ministerio que se lhe destinára; porém foram julgados improcedentes, e teve de ceder á insistencia da soberana. Cuidou, portanto, de apressar o processo de sua confirmação solicitando em Roma as bullas respectivas, que, todavia, só chegaram a ser-lhe expedidas com o pallio em principios de junho de 1790.

O intervallo que mediou até esse tempo, e depois até á sua partida para Braga, foi não tanto occupado em responder a milhares de cartas congratulatorias, que de toda a parte affluiam a dar-lhe parabens, ou a rogar-lhe o auxilio de suas luzes e conselhos, quanto repartido pelos assumptos que mais requeriam a sua attenção, zelosa em promover os interesses da egreja para que estava eleito, sem esquecer os d'aquella que deixava com saudade, e de que só podia desligal-o a confirmação pontificia da translação. Por uma e outra dividia egualmente os seus pastoraes cuidados.

Havidas, em fim, as bullas, teve ainda de demorar-se na corte, bem contra seu desejo, para obter a solução de alguns negocios pendentes, até poder sair d'ella a 16 de agosto com destino para Braga. Depois de uma detença de quinze ou vinte dias no logar do seu nascimento, para ahi receber as felicitações jubilosas, não só de seus patricios, que anciosos o esperavam, mas dos povos convisinhos, que, attrahidos pela fama de suas virtudes, corriam á porfia a vêl-o e a procurar as suas bençãos, proseguiu a jornada até ao Porto, e de lá para Braga, onde entrou a 17 de setembro.

A sua recepção foi solemne e apparatosa em summo grau; sêl-o-hia ainda mais, se o modesto prelado, inimigo declarado do fasto e pompas mundanas, não tivesse feito constar de antemão quanto ellas lhe desagradavam, e o muito que desejára vêl-as convertidas em supplicas e esmolas pelo feliz exito da sua administração! Longa seria a narrativa das festas e applausos que então se lhe prodigalisaram, e ás quaes a sua humildade teve de sujeitar-se, recebendo cortez e agradecido n'estas publicas demonstrações do regozijo de seus subditos como que outros tantos incentivos, para não perder de vista a crescente e gravissima responsabilidade que sobre elle pesava, acceitando por obediencia tão pesado encargo.

Desconfiado, como era de si proprio, sentia mais que nunca ser-lhe necessario appellar para o auxilio divino. Só a confiança em Deus o faria não desanimar, entrando no regimen e direcção de uma vastissima diocese, cujos limites abrangiam pouco menos de duas provincias inteiras, e que no seu ambito comprehendia mil e trezentas parochias, com vinte e cinco mil ecclesiasticos!!!

Antes de passarmos á recopilação summaria, sequer, de algumas entre as muitas acções que illustraram o seu governo, durante os quinze annos que na cadeira primaz foi norma e exemplo vivo de prelados catholicos, e que lhe asseguraram depois da morte gloria e veneração perduravel nos fastos do episcopado portuguez, não omittiremos o quadro edificante, embora minucioso, da sua vida particular no alludido periodo; quadro traçado com ingenua simplicidade, logo após o seu fallecimento, pela mão de testimunha que tudo presenciára desde antigos tempos, e que, por auctorisada e domestica, merece, ao que se affirma, inteiro credito. Eis, pois, a relação, tal qual a encontrámos transcripta fielmente nas *Memorias* do prelado:

«Principiou logo s. exc. a regular a sua casa e familia; prohibindo a esta que acceitassem requerimentos de pessoa alguma, e que nenhum lhe fallasse em negocio, ou dependencia de outrem. Quotidianamente se levantava da cama pelas cinco horas da manhã, para ir ao exercicio da oração mental com a sua familia; e pelo tempo de verão se levantava ainda mais cedo; feita a oração, se dispunha para dizer missa, ou ouvil-a; depois se recolhia ao seu aposento a estudar ou escrever, tomando antes alguma chavana de chá. Sendo horas, passava para a secretaria a despachar os requerimentos das partes, com assistencia do desembargador Francisco José de Sousa Lima, ministro de virtude e rectidão incorruptivel (do qual sempre se serviu até ao fim da sua vida, ainda mesmo sendo vigario geral, e ultimamente provisor). Findo o despacho, voltava ao seu quarto a rezar ás horas menores com muita pausa e devoção; ao meio dia dava audiencia a todas as pessoas que o procuravam, a qual durava quasi até uma hora da tarde; recolhendo-se então ao seu quarto por alguns momentos, se encaminhava ao tinello a jantar com sua familia, e um pobre á sua mão direita; a sua mesa foi sempre frugal e sem viandas exquisitas, a mesma que no Pará [1]. Concluido o jantar, se demorava a fallar com sua familia por espaço de meia hora até tres quartos; logo se encaminhava para o côro da capella a fazer oração ao Sacramento; e depois para o seu quarto, onde passava pelo somno assentado n'uma cadeira. Sendo horas competentes, rezava vesperas e completas de joelhos; e do mesmo modo rezava á noite, sempre de joelhos.

«Se de tarde saía fóra, descia á cêrca do paço, onde dava alguns passeios, ou ia ver os seminarios, que ficavam juntos á mesma cêrca: antes de anoitecer voltava para o paço, e se dirigia á capella, onde fazia oração ao Santissimo; e logo dava audiencia aos que o procuravam, para lhe expor os seus requerimentos e dependencias. Finda a audiencia, passava para o seu quarto; e se não tinha rezado matinas e

[1] Não passava de sopa, vacca, arroz, algum prato do meio da mesma vacca, fruta e queijo.

laudes de tarde, se punha logo a rezal-as de joelhos; concluida a reza, e descançando um breve espaço, se punha á banca a ler ou estudar até dez horas: tomava então uma leve collação, que de ordinario era um caldo ou hervas; e a esta hora conversava commigo e algum capellão; dando onze horas nos retiravamos: e s. exc. rezava a coroa de Nossa Senhora; e passando para a capella, fazia oração ao Santissimo, e depois se recolhia para se deitar. Eis-aqui o seu teor de vida quotidiano, o qual nunca alterou estando em Braga, e com saude [1].»

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] Quanto ao luxo e ornato do seu palacio, elle mesmo escreveu a pessoa de sua amizade poucos dias depois da sua entrada em Braga: «Despi o paço, que é um dos mais soberbos edificios do reino, e estava magnificamente acciado. Alli tem as egrejas um bom numero de cortinas e outros ornamentos! Fica aos ratos uma grande parte d'este vasto edificio, em quanto não ponho em execução as idéas que revolvo.»

BIBLIOTHECAS POPULARES

(Conclusão. Vid. pag. 124)

II

Vejâmos, pois, de que maneira poderá o governo propagar o gôsto da leitura, e conseguir que o povo não desperdice a instrucção adquirida, conservando-a como um simples objecto de luxo, e não se servindo do ler e do escrever senão para soletrar ás tardes alguma traducção mascavada, e fazer, com muita despeza de tinta, a correspondencia de toda a familia.

Deve primeiro que tudo compenetrar-se bem d'esta idéa. Em Portugal, pelo menos por ora, não póde contar com a utilissima cooperação do clero. O nosso parocho de aldeia diz aos domingos a sua missa, mas apenas, ao entrar na sacristia, despiu os paramentos sacerdotaes, entendeu que terminaram ahi os seus deveres, e que póde folgar á vontade, em companhia das suas ovelhas, esquecendo-se completamente das obrigações de quem as pastoreia. Nem uma pratica na egreja depois da missa, nem uma eschola para adultos no presbyterio, nem um bom conselho, nem um incitamento. Exclusivamente occupado das intrigas e das puerilidades da sacristia, pensando no esplendor das festas, nas luctas da irmandade, nas ambições do sineiro, fascinando nas festividades dos santos os seus parochianos, com os trovões da sua voz e com a sua erudição milagreira, subindo, se o acaso fez d'elle homem de polpa e lhe doou transcendente genio, até invectivar a impiedade do seculo, e lastimar os perigos a que se vê exposto o Padre Santo no meio d'essa turba de hereges, que tem por chefe Victor Manuel, nem um ensinamento, nem uma idéa proveitosa colhem os parochianos das suas prédicas e do seu trato, e, depois da missa e depois do sermão, dirigem-se tranquillamente para a taverna, ou ficam ociosos no adro, descançando, como Deus ao setimo dia, das fadigas da semana. Haverá brilhantes excepções na classe dos parochos portuguezes do campo, mas é este o typo geral.

Proferi ha pouco a palavra *taverna*, e puz o dedo, portanto, na ulcera incuravel da civilisação; apontei a terrivel e vencedora inimiga do progresso e das luzes. A taverna é o escolho onde naufragam todas as tentativas civilisadoras, é o baluarte das trévas, é o castello roqueiro onde o moderno feudalismo desfralda ao vento os seus pendões. Alli se forjam as cadeias que acorrentam ao capitalista o moderno servo da gleba que se chama proletario, alli abdica o povo a sua soberania nas mãos de meia duzia de ambiciosos, alli abdica o homem a sua dignidade. Vêde esses antros escuros que existem pelas ruas da capital, onde sôam risadas ignobeis, onde se ouvem canções obscenas, d'onde saem uns vultos oscillantes de que desviaes os olhos com repugnancia, pensando que são aquelles os vossos irmãos, que esses homens tem intelligencia e alma, que dentro d'aquella mente, toldada pelos fumos do vinho, existe, como na vossa, a lampada immortal do espirito; vêde esses antros immundos, sacudi este véo de despreoccupação que o habito nos dá, e fitae com olhos de philosopho essas casas por defronte de cujas portas a cada instante passaes sem fazerdes reparo, tal é a influencia do costume, e dizei-me o que se vos depara, dizei-me quaes são as reflexões que vos invadem a alma?

Aqui amontoa-se, direis vós, esse povo, por cujos direitos pugnâmos, cuja dignidade defendemos, cuja liberdade reclamâmos. E esses direitos, pelos quaes nossos paes derramaram o seu sangue, os direitos da intervenção no governo e da eleição de representantes que em seu nome legislem, esses direitos são aqui vendidos a cada passo a troco de uma canada de vinho, como Esaû outr'ora vendeu por um prato de lentilhas o seu direito de primogenitura. Mas estes miseros Esaûs ignoram o inestimavel preço do que vendem: ninguem lh'o diz, ninguem lh'o ensina, e a taverna continûa a absorvel-os, a desmoralisal-os, a brutalisal-os. A dignidade humana? Afoga-se aqui nas ondas espumosas do vinho que inunda os copos e as toalhas, quando não é tambem nas óndas de sangue. A razão, o symbolo mais nobre d'essa dignidade, apaga-se de todo, e o rei da creação rebaixa-se ao nivel do mais ignobil de seus vassallos. O gozo bruto e material campeia infrene aqui, e abafa os instinctos do gozo fino e intellectual, que talvez existam por baixo da triplice camada grosseira do caracter popular. A liberdade? Ha liberdade para o eterno proletario? para o homem que nunca se aproveitará do caminho a todos aberto pelas novas instituições áquelle que trabalha e lucta? E não será o frequentador da taverna proletario eterno? Não se engolphum alli as suas economias, que lhe podiam grangear um pequeno capital, o seu tempo que podia grangear ainda outro capital não menos rendoso, o cabedal da instrucção? Não se perde alli toda a esperança de se desaferrar da miseria e das trévas?

Ahi temos, pois, o terrivel adversario com que a illustração tem de luctar. Pugnam a seu favor o habito, o exemplo que uns aos outros dão os homens da mesma classe, a ociosidade do domingo, que ninguem pensa em lhe empregar agradavel e utilmente, e além d'isso as diabolicas tentações da embriaguez, que é para o homem do povo o supremo gozo, a suprema delicia.

Pois' bem, levante-se a luva, e acceitemos o combate. Frente a frente, colloquem-se os dois adversarios, a luz e a noite, a aguia e o mocho, a moralidade e a devassidão, a intelligencia e a ignorancia. Fronteira á taverna, onde se aninham as torpes tentações, a brutalisação, a embriaguez, o ocio e o desperdicio, erga-se a modesta casinha da eschola com a sua pequenina bibliotheca, com a sua attracção suavissima, a eschola meiga auxiliar da familia, a eschola promettedora dos gozos fagueiros do lar domestico. A noite, a leitura em torno da mesa, onde campeia uma garrafa de bom vinho que se transformou, com a impassibilidade dos objectos inanimados, de motivo de infortunio em elemento de felicidade! o conhecimento de novos prazeres mais nobres, mais elevados, mais risonhos e mais dignos do homem, do ente cuja fronte Deus illuminou com o raio mais puro da sua coroa divina — a intelligencia.

Oh! criem-se as bibliothecas escholares, dêem-se ao mestre-eschola, esse missionario da civilisação, armas com que possa espancar a ignorancia, combater o prestigio do pagode infame que se chama taverna, e verão como todos os escriptores mais notaveis cor-

rem á uma a pôr o seu talento ao serviço da grande causa da civilisação, verão como os Castilhos, os Herculanos, os Mendes Leaes, os Rebellos, os Latinos, desdenham os loiros que lhes podem provir de mais uma esplendida manifestação do seu talento, e se empenham em conquistar a gloria pouco ruidosa, mas consoladora, mas pura, de condimentarem o pão do espirito por tal fórma, que o grosseiro paladar do povo possa saboreal-o, de distribuirem a luz da intelligencia de maneira que não vá ferir essas retinas ha tanto tempo costumadas ás trévas, de tornarem, em fim, accessiveis a essas pobres intelligencias os conhecimentos humanos, de lhes fallarem uma linguagem que elles entendam, de fazerem vibrar a corda que lhes é mais sensivel, de os commoverem, em fim, contando-lhes as suas proprias angustias, os seus proprios sentimentos, as suas proprias alegrias.

É isto o que falta não só em Portugal, mas tambem na Europa, uma litteratura verdadeiramente popular, adequada aos nenhuns conhecimentos da gente que a deve ler, e que, commovendo-a, lhe insinue ao mesmo tempo alguns principios de uma tal ou qual instrucção. Aspira a *Genoveva* de Lamartine a ser o prototypo d'esse genero de litteratura, e, sendo com effeito uma bellissima obra, não é ainda assim o verdadeiro romance popular. A linguagem ainda é, talvez, em alguns pontos, demasiadamente colorida; o grande poeta francez não se póde resolver a arrancar da fronte a sua formosa coroa de estilista; desceu até ao povo, mas conservou as suas maneiras aristocraticas; apertou a mão callosa do operario, mas apertou-a sem descalçar a luva branca.

Apesar de tudo isso, a *Genoveva* de Lamartine é já um bellissimo livro; e talvez mesmo isto que mencionei como defeito o não seja em França, porque o povo francez gosta d'essa melodia de palavras, e deixa-se enlevar por um periodo sonoro, por uma phrase bem torneada. É talvez o povo em quem a palavra produz mais effeito. É conhecida por todos a influencia exercida pelo proprio auctor da *Genoveva*, por Affonso de Lamartine, nos dias ominosos da revolução de 1848, sobre o povo enfurecido. Quando as turbas ameaçavam irromper pelas escadas do *Hotel de Ville*, quando as ondas rugidoras da revolta inundavam a praça publica, se apparecia de subito o nobre vulto de Lamartine, os populares, que já sabiam quanto a sua voz sonora e doce sabia transformar a linguagem franceza em lyra sublime, cujas cordas fazia vibrar melodiosamente com o sopro da inspiração: *Chut*, diziam elles entre si, *allons entendre de la musique!*

Em Portugal ainda não está tão desenvolvido o gôsto pela linguagem colorida. É necessario, pois, que desçam ao nivel do seu intellecto, e que os impressionem com uma linguagem simples, fluente e poetica, sem ser demasiadamente elevada.

Munido de taes livros, munido principalmente de jornaes litterarios, que são as encyclopedias populares do nosso seculo, está o mestre eschola prompto para emprehender o temeroso combate. Empreste-os ás crianças, seus discipulos, que mostrem um certo gosto pela leitura. Elles que os levem e que os leiam á noite em voz alta. Não se imagina que doce influencia possue essa voz infantil sobre as intelligencias mais grosseiras, sobre os corações mais pervertidos. Insensivelmente o pae folgará de escutar aquellas palavras proferidas por seu filho, ufanar-se-ha vendo-o decifrar tão correntemente esses jeroglyphicos mysteriosos que lhe dançam diante dos olhos deslumbrados nas paginas immoveis do livro, e o demonio da taverna será vencido pelo anjo da infancia.

Bem sei — e acudo já com esta observação para que não me accusem de utopista, de poeta devaneador — bem sei que haverá entre cem um caso feliz. Mas só essa conquista merece todos os sacrificios, se sacrificios fossem necessarios; e depois, continuando com perseverança, talvez os nossos netos colham os saborosos fructos da arvore que plantaremos agora com tanto custo.

Tambem seria necessario multiplicar os premios nas escholas, e esses premios deviam consistir unicamente em livros. Já uma sociedade benemerita de portuguezes no Brasil, a sociedade Madrépora, tomou a iniciativa n'esse ponto. Espalharam-se centenares de exemplares do *Archivo Pittoresco* pelas escholas régias de Portugal, graças ao zêlo d'esses prestantissimos cidadãos, zêlo que, comtudo, se póde fatigar. Jornal destinado especialmente para esse fim, o *Archivo* está satisfazendo amplamente as condições requeridas. Os srs. Silva Tullio e Vilhena Barbosa esmeram-se em diffundir a instrucção, tornando-a agradavel e attrahente. O primeiro, ensinando as regras da boa linguagem com o preceito e com o exemplo, prompto sempre a resolver as dúvidas de quem se dirige a elle, encontra meio de fazer chistosas e amenas as suas observações grammaticaes, os seus conselhos de purista. O segundo, n'uma linguagem chã, sonora e agradavel, faz de todos conhecidas as coisas portuguezas, e nas suas bellas narrações historicas popularisa os grandes feitos que se encontram a granel nos gloriosos annaes da nossa patria.

Não ha dúvida, pois, que o *Archivo* ha de exercer uma grande influencia no gosto das novas gerações pela leitura, e, portanto, na instrucção do povo. Mas será perduravel essa influencia? Dependente esse grande beneficio de uma sociedade particular, animada, é certo, das melhores intenções, mas que de um instante para o outro póde ver-se obrigada a largar esse pesado encargo, ou porque uma crise commercial diminue os seus recursos, ou porque as innumeras obrigações que generosamente contrahiu façam com que tenha de se restringir, dependente, como dissemos, esse grande beneficio da liberalidade de particulares, póde falhar de subito, e lá se perdeu o fructo de alguns annos de trabalho e despeza.

O governo, pois, deveria, vendo os grandes resultados d'essa idéa benefica da sociedade Madrépora, tomar a sua parte n'esses encargos, animar as publicações populares, e principalmente publicações illustradas, porque a gravura é um grande auxiliar da instrucção, e convida, fallando aos olhos, á leitura. Devia, pois, multiplicar esses livros na mão do mestre-eschola, formar-lhe uma pequena bibliotheca, incital-o a que tente brandamente inocular no povo o gosto de ler, senão todas as despezas feitas com a instrucção primaria, por mais que abundem as escholas, serão infelizmente inuteis e infructiferas.

M. Pinheiro Chagas.

SAINT NAZAIRE

MERCADO NOVO

A industria é a divisa do seculo em que vivemos. É a sua principal feição, e ao mesmo tempo o mais poderoso elemento dos progressos que o distinguem e illustram entre todos os seculos passados.

São, na verdade, admiraveis as transformações que a industria opéra presentemente na vida economica das nações, e na propria physionomia de qualquer terra que tem a felicidade de lhe sentir o impulso vivificador.

A cidade de *Saint Nazaire*, situada na costa da França, junto á foz do Loire, está offerecendo um exemplo bem singular da influencia e poder da industria. Ainda ha pouco tempo era uma pequena povoação, composta de mesquinha casaria, quasi uma aldeia desconhecida na propria França. Hoje apresenta

o aspecto de uma grande cidade em progressivo e rapido crescimento.

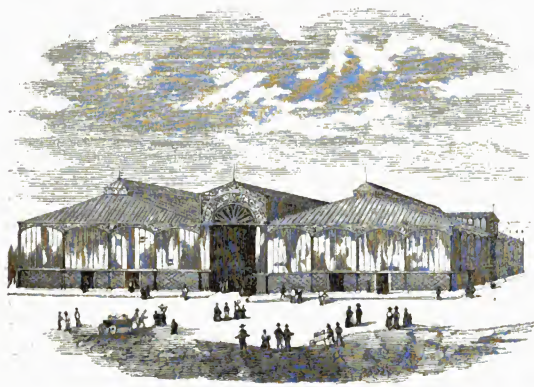
Abrem-se de continuo novas ruas e praças, que se guarnecem, como por encanto, de casas nobres. Constroem-se bellos edificios publicos. Plantam-se lamedas e jardins. Multiplicam-se os estabelecimentos commerciaes, competindo uns com os outros em elegancia e riqueza. Augmenta, em fim, de dia para dia, no interior da cidade, o concurso do povo, e a circulação de carruagens e carros de toda a especie; e no porto, melhorado á custa de dispendiosos trabalhos, emprehendidos pelo estado, o movimento de navios de vela e de barcos movidos por vapor.

Este porto, em uma data ainda tão recente quasi sempre ermo, ou apenas povoado de embarcações costeiras, vê-se agora constantemente apinhado de navios de alto bordo, que ás vezes mal se podem accommodar em o espaço que d'antes se afigurava tão amplo. E a povoação, que muita gente julgaria outr'ora que nunca havia de passar de uma pobre terra de pescadores, acha-se actualmente uma bella cidade, e importante emporio commercial.

Uma tal metamorphose, que pela rapidez com que se effeituou se póde chamar verdadeiro milagre, foi devida á circumstancia de escolherem aquelle porto para ponto de partida de seus navios algumas companhias de navegação de barcos movidos por vapor.

D'esses novos laços que prenderam a França em intimas relações de commercio a tantas cidades importantes de outras nações, é que nasceu o poderoso impulso que deu á cidade de *Saint Nazaire* vida, animação, riqueza e formosura.

Entre os edificios publicos que actualmente adornam esta cidade figura o mercado coberto, cujo desenho apresentâmos aos nossos leitores. Foi edificado recentemente.

Attentando n'esta construcção simultaneamente esbelta, singela e commoda, é natural que nos lembremos com desprazer dos nossos mercados da Praça da Figueira e da Ribeira Nova.

Mercado novo de Saint Nazaire

É, sem duvida, muito para sentir que uma cidade como é Lisboa, já notavel entre as capitaes da Europa pela sua grandeza e magestoso aspecto, e que, pela amplidão do seu magnifico porto, e por sua vantajosissima situação geographica, está fadada para ser um dos grandes emporios commerciaes do globo, não tenha um mercado publico para abastecimento de seus moradores com as condições que hoje se requerem.

É uma vergonha para este paiz, certamente, que tantos estrangeiros que affluem sem cessar a Lisboa, e cujo numero augmenta de dia para dia, vão encontrar nos mercados da cidade provas evidentes do nosso atrazo, e, peior ainda do que isso, do nosso desleixo. Que contraste não offerecerão a seus olhos tanta riqueza de productos naturaes, e tal mesquinhez nas construcções destinadas para a sua exposição?

Que admiração não será a sua, vendo um centro de povoação tão grande, e em tão continuado contacto com as nações mais civilisadas, com dois mercados apenas, ambos descobertos, ou guarnecidos de barracas, desengraçadas e pesadissimas, achando-se o pescado, os fructos, as hortaliças e mais generos expostos pela maior parte ao sol abrazador do estio, ás nuvens de poeira que no verão toldam os ares tão amiudadas vezes, e ás chuvas do inverno!

Que idéa ficarão fazendo de nós se souberem que um d'esses mercados, o principal (Praça da Figueira), conserva a mesma fórma com que foi delineado logo depois do terremoto do 1.º de novembro de 1755; e que outro (Ribeira Nova) foi reedificado ha poucos annos desde os alicerces, e com bastante dispendio, segundo o mesmo systema e gôsto de construcção?

Se se attender a que a administração municipal é muito differente, como a do estado, da de uma casa particular, cuja existencia depende essencialmente dos encargos que sobre ella possam pesar; se ao mesmo tempo se considerar no desenvolvimento economico que está tendo Lisboa, e nas condições de engrandecimento e riqueza que lhe preparam em mui proximo futuro, e tambem a todo o reino, os caminhos de ferro, que já cortam Portugal em quasi todo o seu comprimento e largura; as boas estradas que vão ligando entre si as principaes povoações, e communicando com os portos de mar os grandes centros productores; e diversas carreiras de paquetes movidos a vapor, que nos collocam em faceis e breves relações di-

rectas com tantas praças commerciaes importantissimas da Europa e do Brasil; a affluencia de capitaes, e a creação de tantos estabelecimentos bancarios, coincidindo com as novas leis que devem dar ao credito publico bases solidas e seguras; se bem se apreciarem todas estas circunstancias promettedoras de prosperidade para esta capital, ha de se convir, forçosamente, que não ha razão alguma que possa desculpar a camara municipal de Lisboa da falta de iniciativa que tem tido, n'este como em outros assumptos de egual interesse publico.

No caso presente não póde uma camara allegar falta de meios para attenuar a sua incuria, offerecendo-se-lhe os recursos do credito publico em tantas condições auspiciosas para o futuro do paiz e da capital, e, por conseguinte, do proprio cofre do municipio.

Se as camaras de Lisboa se compenetrassem bem da alteza da sua missão, de todos os deveres do seu encargo, das justas exigencias da civilisação, das urgentes necessidades d'este grande municipio, e da opportunidade das circunstancias, teriam rompido por meio de todas as difficuldades até achar os recursos precisos para dotarem esta cidade, se não com todos os melhoramentos de que ha mister, pelo menos com aquelles cuja falta mais nos envergonham perante os estranhos que nos visitam. Teriam forçado os poderes publicos, ainda quando se mostrassem remissos ou renitentes, a secundarem a acção municipal.

A gravura que nos suscitou estas considerações é cópia de outra publicada pela *Illustração* franceza.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O CASAL DA ENCOSTA

(Conclusão. Vid. pag. 126)

V

No dia seguinte, quando Pedro se ausentou, Rosinha, como acordando de um somno mau, disse para Henrique da Silva:

— Tenho um presentimento de que este homem nos ha de ser fatal; ainda bem que se foi; tomára nunca mais tornar a vêl-o.

— Valha-te Deus, criança! Pedro tem de facto uma organisação má, é capaz de tudo; agora, porém, que até certo ponto se vê perseguido, a não ser que um grande interesse ou um grande odio o provoquem, não ha receio de que pratique novos crimes.

— Um grande odio!... repetiu Rosa, suspendendo a voz e ficando pensativa.

— Imaginas que o tenha por ti? — disse Henrique sorrindo e afagando a filha.

— Não, meu pae, era outra coisa...

— Porque elle disse-te...

— Nada, nada, exclamou Rosa, assustada por ver que o velho militar se desprendêra de seus braços, saltando pallido, com os beiços crispados, e em attitude ameaçadora.

— Se eu soubesse que te tinha dito uma palavra offensiva, procurava-o e desfazia-o nas mãos.

— Não se altere, meu pae, Jesus! elle não me disse nada, nada.

— Olhou-te talvez...

— Tambem não. Tudo isto não passa de uma preoccupação do meu espirito; é por ouvir dizer que elle é muito mau.

E Rosinha, deitando os braços á roda do pescoço do pae, beijava-o carinhosamente.

Pela primeira vez na sua vida Rosa faltava á verdade a seu pae. Deus havia de abençoar a donzella por ser aquelle engano uma piedosa fraude.

Durante a ceia, os olhos de Pedro procuravam com tenacidade os olhos de Rosinha. A innocente menina baixava os seus, mas o clarão sinistro d'aquelle olhar como que lhe penetrava até ao intimo da alma.

No dia seguinte, depois do almoço, n'um momento em que ficou só com ella, Pedro disse-lhe com voz balbuciante:

— Tem-lhe dito que eu sou muito mau; talvez assim seja; o que lhe posso assegurar é que se tivesse o seu amor tornar-me-hia o melhor dos homens.

O tigre n'esse momento parecia um cordeiro, tão submissa era a sua expressão.

Rosa respondeu-lhe por um gesto de horror, e fugiu precipitadamente para o seu quarto.

VI

Decorreram alguns mezes. Fernando voltou de Coimbra com o seu curso completo.

O casamento devia ser na primavera.

A felicidade não tem historia. O tempo deslisava para os dois desposados sereno e encantado, como deslisam os dias festivos de abril sem que, desde a aurora até á noite, um cantinho do ceo appareça carregado.

E abril chegou finalmente com o seu cortejo de rosas, de verduras, de perfumes e de rouxinoes. Nos loireiros que ficavam ao lado da *casinha da encosta*, cantavam elles ao desafio desde o crepusculo até á madrugada, e os dois amantes, calados longas horas, julgavam escutar a historia do seu amor nas endeixas apaixonadas dos maravilhosos improvisadores.

O dia marcado para as bodas chegou.

A aldeia andava toda em alvoroço. Os sinos repicavam alegremente, e as cachopas e aldeões do logar, com os fatos domingueiros, esperavam em grupos no adro a chegada dos noivos.

O gracioso par, acompanhado pelos padrinhos, familia e alguns convidados, appareceu finalmente.

Rosa vinha simplesmente vestida; mas quem a visse não diria que a donzella fôra educada longe do contacto da alta civilisação, porque de instincto adivinhava ella o bello como succede a raras e privilegiadas creaturas.

Entrando na egreja, com passos trémulos, a virgem foi ajoelhar aos pés do altar, repetindo com o coração a prece mais fervorosa da sua vida. Á pallidez do lyrio succediam-se-lhe nas faces as ondas do rubor. O seio tumido batia alvoroçado, e nos olhos as lagrimas cristallinas rolavam, estremeciam á flor das palpebras, antes de caírem em perolas, como acontece aos orvalhos da madrugada que estremecem, conglobando-se na orla das pétalas, até caírem tambem como convertidos em diamantes.

Terminou a ceremonia. Henrique da Silva, chegando-se á filha, com o rosto alagado de pranto, disse-lhe:

— Que Deus te abençôe, minha filha!

Ella, apertando convulsivamente o braço de Fernando, respondeu:

— Sou feliz, meu pae!

Saíam a porta da egreja. Os grupos afastavam-se para dar passagem aos noivos, saudando-os e cobrindo-os ao mesmo tempo de folhas de rosas e de flores agrestes.

No principio do adro, sobre as escadas, estava um vulto.

Era Pedro.

Repentinamente Rosa soltou um grito cobrindo com o seu corpo o corpo do esposo. Ao mesmo tempo ouviu-se um tiro. Pedro, mettendo a clavinha á cara, tinha disparado sobre os recem-casados.

A bala, que ia direita a Fernando, bateu no peito de Rosa, que se entrepoz entre a clavina do assassino e o corpo idolatrado do marido.

A infeliz caíu redondamente no chão.

Henrique da Silva e Fernando precipitaram-se sobre ella. Pedro, cavalgando de um pulo na egua que tinha ao lado, desappareceu como um relampago.

O horroroso accidente deixára em suspenso todos os animos.

De tarde, Rosa vivia ainda. O padre que de manhã lhe havia lançado a benção nupcial estava alli subministrando-lhe os ultimos sacramentos.

Henrique da Silva, em pé, com os braços cruzados, livido, sem voz e sem movimento, cravava os olhos enxutos na filha expirante. Fernando, de joelhos ao pé da cama, com as mãos frias de Rosa entre as suas, soluçava constantemente.

O termo faltal estava por minutos.

Com supremo esforço a moribunda disse:

— Meu pae, Fernando. Jurem-me sobre a cruz de Nosso Senhor o que lhes pedi. Morrerei feliz se me derem esse juramento.

Rosa havia horas que implorava o perdão de seu assassino, e Henrique da Silva recusava-se a dal-o.

A desventurada proseguia com voz quasi extincta:

— Meu pae, meu pae! — e volvia os olhos para o crucifixo que o prior tinha nas mãos.

O padre disse:

— Façam o que esta santa lhes pede; ella está fallando pela boca do Redemptor.

E, ao mesmo tempo, o veneravel sacerdote apresentava aos dois a imagem do Crucificado.

Juraram ambos perdoar em nome d'ella.

Rosa quiz sorrir, e teve ainda força para dizer:

— O que se promette aos mortos é sagrado, morro feliz.

Foram as suas ultimas palavras.

Com os derradeiros clarões do sol soltou o extremo suspiro.

A lua erguia-se nas orlas do horisonte serena e melancolica. Nos loireiros proximos cantavam os mesmos rouxinoes que na vespera saudavam a noiva, e aquellas notas pareciam o preludio dos hymnos com que os anjos haviam de celebrar no ceo a entrada d'aquella que descia ao tumulo com a triplice coroa de esposa, de virgem e de martyr!

No dia seguinte, o prestito funebre saia para o cemiterio, que ficava n'um alto. Henrique, com espanto de todos, acompanhava a filha á sua ultima morada. Elle proprio lhe havia cerrado os olhos e cingido na fronte a coroa de flores de laranja, borrifada no sangue da victima, pura e immaculada como essas flores, symbolo da innocencia e virgindade.

Henrique da Silva não procurou mais ninguem, e ninguem mais se atreveu a procural-o a elle.

O velho soldado realista, como o pae de Magdalena no Amaury, esperava resignado que a morte viesse pôr termo ao martyrio da sua vida, dando-lhe o beijo da eterna paz!

Fernando dissera a seu pae e ao tio de S. Romão, que estava decidido a ordenar-se, e que a sua resolução era inabalavel. Não se atreveram os dois extremosos velhos a contrariarem a resolução do attribulado moço.

Com effeito, exactamente um anno depois do dia do seu casamento, dizia *missa nova* no mesmo altar onde recebêra a mão de Rosa.

Pouco depois a Providencia apiedou-se de Henrique da Silva. Um dia mandou elle chamar o sacerdote, e disse-lhe:

— Deus teve finalmente compaixão de mim. Vou morrer. Aqui tens o meu testamento. O pouco que tenho é teu; é mais um óbolo para os teus pobres.

O joven levita ouviu de confissão o velho moribundo, ministrou-lhe os extremos sacramentos, e sobre a tarde recebeu-lhe o ultimo suspiro.

Não estava ainda cumprida a sua dolorosa missão n'aquella casa. Segundo a ultima vontade de Henrique, devia ser elle quem o acompanhasse á sepultura, que ficava ao lado do tumulo de Rosa.

Fernando n'esse dia deixou Oliveirinha, para voltar alli uma vez todos os mezes.

Então o padre ia ao cemiterio orar e renovar as flores do jazigo onde dormiam abraçados aquelles dois entes, e sabe Deus se o desventurado não pedia em secreto á Providencia que lhe désse quanto antes tambem um logar ao pé d'elles!

Na continuação d'estas veridicas narrativas saberemos qual foi o destino de Pedro, e até onde chegava a abnegação do padre Fernando.

R. A. DE BULHÃO PATO.

O FOGO

(Vid. pag. 116)

II

ANALYSE DO FOGO

O fogo, dissemos nós, é a reunião do calor e da luz; e com effeito, sempre que se analysa o fogo, acha-se calor e luz; e todas as vezes que reunirmos calor e luz no mesmo phenomeno, produziremos fogo.

O calor e a luz podem existir sós ou quasi sós; mas então não constituem o fogo. Com effeito, se aproximarmos a mão de um vaso contendo agua fervente, sentiremos calor. A quantidade de calor que a agua fervente possue é enorme; assim, para elevar a temperatura do gelo á da agua fervente é preciso uma quantidade de calor egual á que seria necessaria para fundir egual peso de platina, metal que requer uma temperatura de 2000° para se fundir; entretanto, apesar do muito calor que possue a agua a ferver, não ha fogo porque não ha luz.

Da mesma maneira que ha calor sem luz, tambem ha luz sem calor apreciavel; por exemplo: a luz do luar é uma luz fria; é preciso empregar os instrumentos de physica os mais delicados para reconhecer a existencia de um fraquissimo calor no luar; a luz phosphorescente de um pequeno insecto denominado pyrilampo; a luz phosphorescente que ás vezes apresenta o Oceano, devida a animaes zoophitos, e que se denomina *ardentia;* a luz baça e phantastica que nos apresentam na obscuridade os traços feitos sobre um papel com um bocado de phosphoro; a luz das auroras boreaes, etc., são outros tantos casos de luz desacompanhada de calor sensivel, e, portanto, luz sem fogo.

A luz do sol, a luz electrica, a luz da combustão do phosphoro, do carvão, do enxofre, etc., são acompanhadas de calor, e, portanto, constituem o fogo; podêmos, porém, separar a luz do calor, e fazer, por consequencia, a analyse do fogo; tomemos por exemplo o fogo electrico, que é o fogo mais brilhante que nós podêmos produzir; e em primeiro logar digamos como elle se obtem. Por meio da *pilha* se póde produzir o fogo electrico, fogo tão brilhante e intenso, que só póde ser comparado ao do sol. A pilha electrica é invenção do genio de Volta, celebre physico italiano, natural de Cômo, que nos fins do seculo passado creou o ramo da physica que recebeu o nome de electro-dynamica, e que foi o ponto de partida das magnificas descobertas que, sobre os phenomenos electricos, o nosso seculo tem presenciado. A pilha tem soffrido muitas modificações desde Volta até hoje; o systema que actualmente se emprega quando se quer produzir a luz electrica é o imaginado por Bunsen, physico allemão, de Heidelberg.

A pilha de Bunsen consta de um certo numero de elementos, cada um dos quaes se compõe de: 1.° um vaso de vidro ou loiça vidrada; 2.° um cylindro ôco de zinco que se contém no vaso de loiça exterior;

3.° um vaso de barro poroso, que se introduz no cylindro de zinco; 4.° uma lamina de carvão calcinado, que se introduz dentro do vaso poroso; no vaso exterior deita-se agua com a decima parte em peso de acido sulphurico; e no vaso poroso deita-se acido azotico. Os elementos unem-se uns aos outros, ligando o carvão do primeiro ao zinco do segundo por meio de uma lamina de cobre pregada no zinco, e que se aperta de encontro ao carvão com um grampo de latão; do mesmo modo se liga o carvão do segundo ao zinco do terceiro, o carvão do terceiro ao zinco do quarto, e assim successivamente: ao zinco do primeiro elemento e ao carvão do ultimo fixam-se dois fios grossos de cobre, que se chamam *electrodos*.

A causa do desenvolvimento da electricidade na pilha é a acção chimica; assim, em cada elemento da pilha anterior, a agua decompõe-se em presença do acido sulphurico e do zinco; dos dois gazes de que se compõe a agua, o oxygeneo une-se ao zinco, e o hydrogeneo passa pelos poros do vaso de barro, e vae decompor o acido azotico; d'este duplo effeito resulta desenvolverem-se duas correntes electricas, cujas intensidades se juntam, dirigindo-se a electricidade positiva para o carvão, e a negativa para o zinco: por isso se diz que o polo positivo está no carvão e o negativo no zinco. Os effeitos das pilhas são tanto mais energicos quanto maior é o numero de elementos, e quanto maior é a sua grandeza. Se, disposta a pilha como acabâmos de dizer, terminarmos os electrodos por duas pontas de carvão calcinado, e aproximarmos estas uma da outra, veremos apparecer uma luz branca de um brilho deslumbrante, que podêmos produzir no ar ou debaixo de agua: é a luz electrica (fig. 3).

Fig. 3—Luz electrica

O calor que acompanha a luz electrica é tal que, se nós collocarmos fragmentos de cobre, ferro, zinco, etc., sobre o carvão inferior, que então deve ter a forma de um cone ôco, veremos aquelles metaes fundirem-se e volatilisarem-se, córando diversamente aquelle fogo; assim, com o cobre obteremos traços de fogo verdes, com o ferro estrellas brancas e brilhantes, com o zinco traços azues, etc.

Fig. 4—Separação da luz e do calor no fogo electrico

Os carvões entre os quaes se produz a luz electrica, ardendo, gastam-se; e, augmentando o intervallo, a luz deixa de apparecer; de modo que, quando se pretende que a luz electrica dure um certo tempo, é preciso fazer aproximar os carvões á medida que elles se vão gastando; o carvão correspondente ao polo positivo gasta-se proximamente o dobro do que se gasta o correspondente ao polo negativo, porque ha transporte de materia do polo positivo para o negativo pela corrente electrica. Um apparelho regulador faz aproximar os carvões convenientemente, mantendo sempre o mesmo intervallo entre elles, e conservando a luz sempre na mesma posição, podendo durar muitas horas, tantas quantas durarem as hastes de carvão entre as quaes se produz a luz.

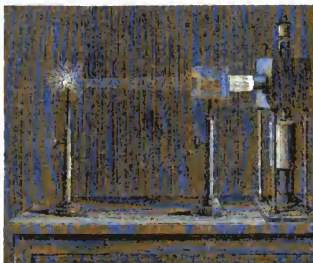
Podêmos isolar no fogo electrico o calor ou a luz. Para fazer a separação do calor e da luz no fogo electrico, colloca-se o regulador dentro de uma lanterna fechada, tendo uma abertura circular, cujo diametro se póde variar á vontade por meio de um diaphragma: a luz é collocada no foco de um espelho concavo que a lanterna tem interiormente, e que fica defronte da abertura: a luz e o calor que se reflectem no espelho formam um feixe parallelo que sae pela abertura do diaphragma; o fogo electrico sae da lampada atravessando uma lente de vidro, cuja posição se póde variar, de modo que o feixe de luz e calor que a atravessa se torne á vontade divergente ou convergente. Se collocarmos a lanterna de que acabâmos de fallar em uma casa escura, o feixe de luz electrica illuminará a poeira que encontrar no seu trajecto, e que se acha em suspensão na atmosphera, de modo que de todos os lados será visivel este feixe luminoso. Ora colloquemos no seu trajecto uma tina de vidro contendo uma dissolução de iode em sulphureto de carboneo (fig. 4): esta dissolução tem a propriedade de absorver a luz, mas não o calor; o resultado será, pois, que a luz ficando interceptada, desapparece o fogo, e só atravessa a dissolução, continuando o seu caminho, o feixe calorifico obscuro: e com effeito, colloquemos um pouco de algodão-polvora no espaço escuro onde convergem os raios calorificos adiante da tina contendo a dissolução do iode no sulphureto de carboneo: no fim de poucos segundos veremos o algodão-polvora inflammar-se, o que claramente mostra que o feixe de calor não foi interceptado como o feixe luminoso.

Esta magnifica experiencia foi feita pela primeira vez por Tyndall, em Londres, nas conferencias do instituto real, em fevereiro de 1865, no meio de estrondosos applausos.

Isolemos agora a luz no fogo electrico. Em logar da dissolução de iode no sulphureto de carboneo, colloquemos uma dissolução de alumen; a luz será apenas enfraquecida, mas o calor em grande parte será absorvido; o algodão-polvora já se não inflammará. O vidro espesso, o gelo, etc., são outros tantos corpos que, absorvendo mais o calor do que a luz, permittem despojar esta de grande parte do calor que a acompanha no fogo electrico.—Temos, pois, mostrado que no fogo se acham reunidos o calor e a luz, e que, isolando uma d'estas coisas, o fogo desapparece.

(Continua)

FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

Lisboa—Typographia de Castro Irmão—rua da Boa-Vista—palacio do conde de Sampaio

S. Francisco Xavier ensinando a doutrina christã no Malabar.—Quadro de André Reinoso, pintor portuguez do seculo XVII

S. FRANCISCO XAVIER NO MALABAR

Na descripção que fizemos [1] da egreja de S. Roque, mencionámos já os quadros que estão na sacristia, representando diversos passos da vida de S. Francisco Xavier. Um d'elles é o que hoje damos fielmente desenhado e bem gravado, figurando o zeloso apostolo das Indias no acto de ensinar a doutrina aos meninos do Malabar.

O santo Xavier, acompanhado de outro sacerdote, como era uso dos padres da Companhia, está sobre um estrado, na praça publica, doutrinando a mocidade. Rodeia-o attento a multidão, que, pelos trajos, côr e physionomia, se conhece ser das differentes nações que no seculo XVI iam commerciar áquella provincia do Indostão.

N'este quadro está representado com exacção o modo por que os jesuitas ensinavam a doutrina, tanto em Lisboa como nas missões ultramarinas.

Saíam dois padres, levando cada um d'elles uma campainha e uma canna muito comprida na mão (os jesuitas nunca usaram de palmatoria). Precediam-n'os os doutrinandos com uma bandeira, chamada *da doutrina*, á similhança da que ainda usa a irmandade da Misericordia. Ás bocas das ruas tocavam a campainha para chamar os meninos á doutrina. Depois de os terem juntado, levavam-n'os diante de si a alguma praça ou terreiro, e ahi começavam a ensinar-lhes a cartilha.

Se os rapazes não estavam quietos e attentos, lá ia a canna dar-lhes um *carolo*. Na estampa vemos dois rapazitos em pé a brigarem, e o padre coadjutor de S. Francisco Xavier com a canna estendida a dar-lhes um *coque* para os aquietar.

Esta scena repetia-se muitas vezes, como é natural. O padre Balthazar Telles, chronista da Companhia, fallando das doutrinas que fazia nas praças de Lisboa o padre mestre Ignacio (o auctor da cartilha), diz que a principio tivera elle grande trabalho e difficuldade de juntar os meninos, leval-os em ordem pelas ruas, tel-os quietos e calados no tempo da doutrina, *por ser gado muito mau de governar*.

Comtudo, os jesuitas foram sempre muito affaveis e pacientes no ensino da mocidade, ainda a mais rustica dos sertões da America; e não consta que usassem para com as crianças das brutalidades que ainda hoje commettem muitos mestres de meninos.

Attribue-se este e outros quadros da vida de S. Francisco Xavier a André Reinoso, pintor portuguez do seculo XVII, que na mesma egreja de S. Roque tem paineis de maior merecimento, segundo a opinião do sr. conde A. Raczynski [2].

A composição é de mestre; as figuras estão mui bem grupadas e distribuidas. É geral a attenção dos ouvintes, e natural a distracção que se nota no rapazio. As physionomias, com ser tantas e de varias castas, tem individualidade de expressão. O colorido é de boa eschola, e o desenho em geral correcto. Felizmente, nenhum d'estes quadros está repintado. As figuras medem 54 a 65 centimetros; o quadro tem de largura 1 metro e de altura 80 centimetros.

Das assombrosas missões do apostolo das Indias ha muitos quadros, e um maravilhoso de Lebrun, que está no Louvre, e outr'ora foi do noviciado dos jesuitas de Paris.

Não nos consta que do assumpto haja outros em Lisboa, mais que estes da sacristia de S. Roque, attribuidos a Reinoso, contemporaneo de Lebrun.

Há entre elles um que representa a audiencia de despedida que el-rei D. João III deu a S. Francisco Xavier quando partiu para a India. Dal-o-hemos opportunamente.

A. DA SILVA TULLIO.

[1] Vol. VII, pag. 305, 320, 382.
[2] *Les arts en Portugal*, pag. 289.

A POESIA NOS CAMPOS

(AO MEU AMIGO JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL)

Peço licença para apresentar aos seus leitores o primeiro poeta d'esta terra — o povo.

Conheci-o a fundo n'estes dois ultimos verões, quer como espectador attento dos *bailes de rodas*, dançados ao domingo no terreiro, quer como ouvinte enthusiasta das *desgarradas á viola*, cantadas pelas calmosas e apaixonadas noites de agosto, quando o murmurio dos riachos e o ciciar das brisas convidam o espirito á melancolia, e o coração ao amor do bom e do bello.

Os campos são, desde Theocrito e Virgilio, a inspiração da verdadeira poesia, da que se não amaneira presumida na adolescencia, nem se arrebica de postiças e mentirosas galas.

O homem do arado e da charrua, antes da sciencia lhe ter poupado o suor do rosto inventando novos instrumentos agrarios e aperfeiçoando os antigos, era, nem podia deixar de ser, o poeta por excellencia, como quem recebia directamente da natureza, com o instincto do sentimento, a faculdade da admiração.

O sol, o Apollo da mythologia, ergue-se com o homem que trabalha na terra, alenta-o nas fadigas do dia, lega-lhe o fogo sagrado ao despedir-se, ás horas saudosissimas do crepusculo, quando a criança adormece sorrindo, e o sino da ermida povôa de saudades o remanso das florestas.

O actor então, crê-o, não é inferior ás scenas da natureza. Incisiva sem pedantismo, satyrica sem maldade, plangente sem affectação, a poesia no homem do campo é quasi a sua linguagem natural. O que na cidade se lima e pule n'uma prosa trabalhada e diffusa, dil-o de improviso e cantando o feliz requestador da ceifeira, devolve-lh'o ella melhorado n'uma trova singela, recendendo aos melhores e mais suaves perfumes da campina.

No campo a poesia alarga-se com os horisontes. Antes de ser arte é coração. O amante amuado, a noiva trahida, a esposa antes de ser mãe, todos tomam a poesia como um desabafo, todos se acolhem á sombra da *cantiga*. Linguagem que dá para tudo, porque é universal, a poesia nos campos tambem tem os seus philosophos, os seus desilludidos, como na cidade. A um ouvi eu, e era dos melhores trovistas do sitio, sair-se depois de instado, dizendo:

> Não canto por bem cantar,
> Nem por ter fallas de amante;
> Só canto por dar o gosto
> A quem me pede que eu cante.

Esta quadra era um remoque folhetinistico ás innumeras declarações amorosas que n'aquella tarde se tinham feito no *bailarico*.

A ceifa, a vindima, sobre tudo as descamisadas, são as epochas florescentes da poesia saloia; são o rapido mas glorioso reinado de Augusto das letras campesinas. Que intelligente e sorrateiro commercio de olhares! Que furtivos apertos de mão! Que magoados queixumes! Que temerarias perguntas! Que satyricas réplicas se não ouvem então!

> Quando o sov'reiro der baga,
> E o loureiro der cortiça,
> Então te amarei, meu bem,
> Se não me der a preguiça!

Ao desalmado, ao Lovelace que assim se descartava em pleno baile de rodas da pobre moçoila, que não via cá n'este mundo outro sol mais que o seu Manuel, ouvíra eu ainda no domingo anterior esta trova,

sobrescriptada aos magnificos olhos castanhos da sua bella.

Os olhos pretos são falsos,
Os azues são lisongeiros,
Os olhos *acastanhados*
São os leaes verdadeiros!

Pobre Maria! Conheci-a requestada pelos rapazes mais abastados da aldeia; vi-a, garbosa e esbelta, ser a primeira nas festas do logar; applaudi-a entre todas nas louçainhas do cirio; ouvi-a cantar depois, já pallida e desbotada:

D'encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De lucto o meu coração!

Dois mezes depois, pelo cair da folha, dormia, coitada, o derradeiro somno no cemiterio humilde da sua aldeia! Era sina dos teus, pobre Maria! Ainda Deus te poupou o veres cá na terra a tua irmã dilecta, a timida mas festiva Anninhas, regando de lagrimas o berço do filho adormecido, e cantando-lhe envergonhada:

Oh! chorae, olhos, chorae,
Que o chorar não é desprezo,
Tambem a Virgem chorou
Quando viu seu filho preso.

E depois continuar:

Quem tem meninos no berço
Por força lhe ha de cantar;
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar!

É porque ella, como tu, tambem arrastava a sua cruz de martyrio cá na terra. A *mal casada* lhe chamavam, não que o peccado fosse d'ella, mas porque desacertára na escolha do marido, a quem eu lhe ouvira pedir ingenuamente um anno antes:

Se fores domingo á missa,
Põe-te em parte que eu te veja;
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela egreja.

N'esta trova estava inteiro o coração de tua pobre irmã — a verdade e o amor!

Quem lhe diria a ella, ainda hontem noiva festejada, já hoje mãe abandonada, que a tristeza lh'a havia de trazer aquelle a quem cantára:

Se eu soubera que voando
Alcançava o que desejo,
Mandava fazer as azas,
Que as pennas são de sobejo!

Agora as unicas azas que a captivam são as do anjo que recolhidas as tem no berço, mas que ella teme levantem o vôo, e a deixem cá n'este mundo sósinha e sem conforto.

Mas deixemos as tristezas aldeãs, e voltemos ao terreiro a escutar mais desenfastiadas trovas, e mais engenhosos conceitos. Vêem além aquelle rapazote de jaleco de bombazina azul, cinta vermelha, e botões de oiro na goleira? É o primeiro dançador de fandango do logar, o primeiro versista do concelho, o primeiro copo do districto.

Ensarilha uma feira a pau, lavra com bois proprios, traz ao terço uma terra do fidalgo, e já foi dois annos mordomo da festa de Santo Antão, a mais pagã das festas do districto de Torres Vedras.

Oiçam-n'o, que traz de olho uma franga da freguezia, que vae mais vezes á *brincadeira* que ao confêsso, e que elle projecta estramalhar do rebanho do Senhor, como já o cura lhe exprobrára na ultima prédica dominguéira.

A rapariga não é bonita, mas para o poeta não ha difficuldades: até na fealdade acha recursos com que justificar-se. Oiçam-n'o.

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa:
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

A senhora Rosa (o nome e os espinhos são d'ella) percebe-o, e responde-lhe:

Quem disser que o amar custa
E' certo que nunca amou;
Eu amei e *fui amada*,
Nunca o amar me custou!

Animado por esta leviandade (talvez innocente), ahi vae como o nosso homem se tirou do apuro. É o desejo manifestando-se e desculpando-se nas ousadias de um sonho:

Esta noite sonhei eu
Um sonho bem atrevido,
Que tinha na minha cama
A fôrma do teu vestido.

Agora um véo sobre este lyrismo aldeão, e não sondemos a allegoria d'este sonho, nem como a senhora Rosa o interpretou.

O que parece fóra de duvida é não ter passado tão despercebida a petulancia do sonhador, que uma trigueirinha ciumenta, que andava na roda, lhe não retrucasse, fitando-o:

Se pensas que por ti morro
Ou por ti tenho paixão,
Nunca fui apaixonada
Da fruta que cae no chão.

Ferido assim no seu amor proprio, José dos Caracoes (esta era a alcunha do conquistador encartado do sitio) sacudiu a melena, tomou uns certos ares de pimpão que lhe eram habituaes, quando aos sabbados no mercado comprava ou vendia, e, pegando na palavra da rapariga, julgou envergonhal-a pela sua pouca alvura, unica pecha que com razão lhe podia pôr, cantando-lhe n'este sentido uma trova epigrammatica.

Ella porém, acceitando o desafio, respondeu-lhe como quem a fundo se conhecia pelo espelho:

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalisei:
Trigueirinha é a pimenta,
E vae á mesa del-rei.

Arrependido de ter sido injusto com quem assim se despicava, ou antes não sabendo vencer o coração que o puxava para aquella a quem offendêra, José dos Caracoes poz de parte os fingimentos, e entendeu que devia fallar a verdade inteira, custasse o que custasse, ás victimas dos seus arteiros arrazoados:

Eu tenho cinco namoros,
Tres de manhã, dois de tarde,
A todos elles eu minto,
Só a ti fallo a verdade.

A impressão causada no auditorio feminino por esta rude e inesperada declaração não é facil descrever-se.

O fanfarrão que a fizera olhava em roda de si cauteloso, como esperando que algum irmão lhe pedisse contas do credito enxovalhado da irmã, mas ufano de si para si, por ver lagrimas de despeito em olhos que nunca até então tinham chorado!

No campo as musas são caprichosas como na cidade. Inflammam sorrindo o estro dos seus admiradores; e, as mais das vezes, só rigores lhe deixam para thema dos seus poeticos devaneios.

As *Ellas*, que o lyrismo piegas já tornou ridiculas nas salas, ainda não foram desthronadas na aldeia, nem o serão, em quanto a poesia serrana for comedida na hyperbole, e as aguas da Hypocrene saloia correrem sem pretenções a catadupas do Niagara.

Eu hei de amar uma pedra,
Deixar o teu coração;
Uma pedra não me deixa,
Deixas-me tu sem razão.

Em caso identico ao d'este desapontado amador, um poeta funebre teria esbravejado em estrophes dignas das furias. Ella contenta-se com uma ameaça concisa, resolve-se a *amar uma pedra*, mas nem por isso deixa de ficar em paz com o senso commum.

Querem ouvir um conceito digno de Lafontaine, que um moralista levaria vinte vezes á bigorna, e que saíu feito dos labios frescos e rosados de uma travêssa peccadora?

Á minha porta está lama,
Á tua fica um lameiro;
Quando fallares das outras
Olha para ti primeiro.

A franqueza d'este desforço não desmente a boa fama da sinceridade aldeã. Quem tem telhados de vidro não atira aos dos visinhos. Aqui o desaggravo subiu á altura da injuria, mas a harmonia restabeleceu-se entre as duas sarcasticas inimigas.

Que magnificos olhos pretos não tinha uma d'ellas! Com que sobeja razão um amador do genero lhe não cantára momentos antes:

Os olhos dos meus amores
São pretos, não tem maldade;
Hei de mandar fazer d'elles
Um painel da Piedade.

Como a rapariga lhe pegou na palavra foi assim:

Os meus olhos são dois pretos
Que me chegaram de fóra;
De lá me vieram livres,
Captivei-os eu agora!

Toda a prosa deslavada do *Secretario dos Amantes* nem de longe hombreia com esta correspondencia ao ar livre, que chega franca de porte ao seu destino, sem o auxiliar do compostellano ladino, nem a avara segurança da estampilha moderna. Um sorriso é o intermediario unico entre dois namorados campesinos.

É recostado ao varapau ferrado, Castalia e maça de Hercules do pretendente, que elle acompanha a trova com um olhar que diz mais a quem é dirigido, do que o prosaico sobrescripto de uma carta. É fiada na inviolabilidade d'este genero de correspondencia que a gente do campo diz ironicamente:

Esta carta vae sem porte
Remettida a quem quer bem;
Tem crime de mão cortada
Se n'ella bulir alguem.

Ou canta, alludindo poeticamente ao seu affecto, e a não saber traduzil-o de outro modo:

O papel em que te escrevo
Tiro-o da palma da mão;
A tinta sae-me dos olhos,
A *penna* do coração.

E digam ainda que o *calembourg* não é cultivado na aldeia! É, dá-se por lá fresco e viçoso como tudo que o orvalho da manhã rocía, que o sol alenta, e a brisa da tarde refrigera. O trocadilho (deixem traduzir assim o arrevezado *calembourg*), se o não utilisam no campo para *fazer espirito*, porque ha lá mais em que pensar, serve não poucas vezes de interprete a magoadas queixas.

Tenho um vestido de *pennas*,
Não m'o fez o alfaiate;
Eu o talhei ao meu corpo,
Eu o levei ao remate.

A tunica de Nesso não produziu de certo effeito mais violento no vencedor de Diomedes, que este pobre *vestido de pennas* na queixosa que por suas proprias mãos o talhára, sem desconfiar que em breve se lhe mudaria em cilicio!

(Continua) L. A. Palmeirim.

FLORENÇA

PALACIO PITTI E JARDINS BOBOLI

Nos tempos em que a Etruria rivalisava com Roma em riqueza e poder, florescia n'aquelle reino uma cidade chamada *Fesula*, cuja origem se escondia entre fabulosas tradições. Edificada no cume de alta montanha, gozava de uma situação importante para a sua defesa, porém muito desvantajosa para o seu desenvolvimento commercial, pois que a subida do monte era difficil e penosa.

Assim, ao passo que ia crescendo rapidamente em edificios e população, por effeito da fortaleza da sua posição, em uma epocha de odios e luctas sempre accesas entre romanos e etruscos, encontrava cada vez maiores obstaculos ao abastecimento de viveres. Repugnava aos vendedores subir tão longa e ingreme ladeira, achando prompta venda aos seus generos em mercados de facil accesso.

Lembraram-se então os habitantes de Fesula de crear um mercado em uma planicie que se estendia desde as faldas da montanha, que servia de alicerce á cidade, até ás margens do rio Arno. A idéa tornou-se obra, e, para maior commodidade e incentivo do commercio, que se aproveitaria da via fluvial, fundou-se o mercado junto ás margens do rio, não obstante ficar a perto de uma legoa de distancia de Fesula.

Corresponderam os resultados á idéa inicial. O mercado começou desde logo a ser muito concorrido do povo, de generos, mercadorias e gados. O incremento da concurrencia trouxe a necessidade das edificações, e tanto estas se multiplicaram, que em breve constituiram uma povoação permanente e importante pela sua industria. Tal é a origem de Florença. Esse mercado, fundado pelos fesulanos, é hoje a capital da Italia; e a antiga Fesula, que lhe deu o ser, absorvida ou eclipsada pela grandeza e esplendor da filha, é ao presente uma povoação pequena e decadente, com o nome de *Fiesole*.

Nascida do commercio, Florença medrou, cresceu, opulentou-se, e fez-se livre pelo poder da industria. Depois de atravessar muitas e variadissimas quadras da sua historia, que não vem agora para o nosso pro-

posito narrar, achou-se esta cidade, no seculo xv, convertida em theatro de porfiosas luctas entre os principios aristocratico e popular. Era então cabeça de uma republica. A familia de appellido Albizzi estava á frente do partido da nobreza; a familia Médicis representava e capitaneava o partido popular.

Á grande influencia que tinham no animo do povo, por effeito de mui distinctas qualidades de caracter e de genio, reuniram os Médicis a importancia que lhes provinha da sua muita riqueza, adquirida pelo commercio em trato de longos annos.

No meiado do seculo xv era chefe d'esta familia Cosme de Médicis, a quem o povo, cheio de amor e reconhecimento pelos seus bons serviços, deu o epitheto de *pae da patria*.

Por esse tempo vivia em Florença um homem chamado Lucas Pitti, filho do povo como os Médicis, e como estes enriquecido pelo commercio. A qualidade que mais sobresaía na sua alma era a inveja do favor publico e da elevação aos cargos da republica em que via Cosme de Médicis. A inveja levou-o, pois, a collocar-se ao lado dos seus inimigos, e a ser seu competidor nas aspirações ao poder e nos gozos da fortuna.

Animado de taes sentimentos, Pitti resolveu mandar construir um palacio para sua residencia, que offuscasse completamente o luxo e esplendor da habitação dos Médicis.

Fonte do Oceano, nos jardins Boboli

Começou-se a obra na cidade de Florença com tão vastas proporções, com tal grandiosidade e magnificencia, que mais parecia o paço de um poderoso monarcha que a residencia de um particular, de um simples negociante.

A inveja e a vaidade perderam Pitti, como sempre hão de perder, ou pelo menos infelicitar, os desgraçados que se deixarem possuir de tão ruins paixões. Ou fosse por traçar uma fabrica muito superior aos meios de que dispunha, ou porque sobreviessem á sua casa commercial perdas com que não podesse, por se achar enfraquecida com tão avultadas despezas, o que é certo é que não logrou ver acabada a sua obra, tendo de a abandonar em meio da construcção por falta absoluta de dinheiro, sendo obrigado logo depois a vendel-a. E Deus, que poz o primeiro castigo dos vicios nos proprios vicios, castigou immediatamente o invejoso, permittindo que fosse Cosme de Médicis o comprador do seu palacio.

É sabido como esta poderosa familia conseguiu elevar-se do seu humilde berço até sentar-se em throno de soberano. Cosme de Médicis dominou em Florença como senhor, mas conservando as fórmas republicanas e as apparencias da liberdade. Porém os seus descendentes, embora representantes do poder popular, e combatendo ainda por algum tempo a prol da causa do povo, não tardaram a anniquilar aquelle poder pelos meios da corrupção, fundando sobre as suas ruinas o throno grã-ducal de Florença, em que os Médicis reinaram despoticamente até 1737.

D'este modo, o palacio Pitti, que até hoje tem conservado este nome em memoria do fundador, se viu, no decurso dos tempos, feito paço e assento da corte dos grã-duques de Florença e da Toscana da familia Médicis, que o concluiram e adornaram com grande

cópia de primores de arte; dos grã-duques da Toscana da casa de Lorraine, que n'elle accumularam novas preciosidades artisticas; e, finalmente, del-rei de Italia, Victor Manuel, que ahi acaba de fixar a sua residencia.

O palacio Pitti é uma vasta e magnifica habitação digna de um monarcha. Obra de differentes architectos e de diversas epochas, apresenta muitas faltas de harmonia na sua architectura. Todavia, considerando-o sob um aspecto geral, póde-se dizer que o seu estilo de architectura, chamada do renascimento, é severo, simples, e ao mesmo tempo magestoso.

Com este edificio, ainda que não existissem outros nas mesmas circunstancias, combate-se uma opinião erronea e muito geral. Prova-se com elle, de modo incontroverso, que não foi a tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, que determinou a introducção da architectura do renascimento das artes. O palacio Pitti foi começado algum tempo antes d'esta catastrophe. Porém outros edificios fundados muito anteriormente mostram que a grande revolução nas artes, que proscreveu o estilo gothico, creando outro novo sobre a base do estilo grego, ou classico, tivera principio na Italia um seculo antes da quéda do imperio do Oriente.

Aquella revolução foi um effeito da reacção das idéas contra o feudalismo, e contra os excessos do poder theocratico, representados, aquelle e estes, na architectura gothica, que os viu nascer e medrar, como na classica estão symbolisadas as liberdades da antiga Grecia. A expulsão dos sabios e dos artistas de Constantinopla não fez mais que dar novas forças á reacção moral, e apressar os passos da revolução artistica, na qual se iam estampando, como em espelho, as novas doutrinas sociaes apregoadas pelos philosophos.

Voltando ao palacio Pitti, diremos que o seu principal architecto, isto é, o que delineou o primeiro plano, executando-o em vida do fundador, foi Brunelleschi.

Não queremos fatigar os nossos leitores com a descripção de um edificio tão vasto, e desacompanhada de gravura que a auxilie. Entretanto, não podêmos deixar de fazer menção de duas preciosas collecções que elle encerra: a galeria de quadros e a bibliotheca.

Florença possue duas das mais celebres galerias de pintura que ha na Europa. São denominadas *galeria Médicis* e *galeria Pitti*. A primeira contém maior numero de paineis, porém a segunda não lhe é inferior em primores artisticos. Todas as escholas de pintura alli se acham dignamente representadas. Todos os grandes mestres d'essas diversas escholas tem alli em ostentosa exposição muitas das suas mais excellentes producções.

A bibliotheca conta uns quarenta e cinco mil volumes. Entre os seus numerosos manuscriptos vêem-se alguns de Machiavel, muitas cartas autographas de Galileo e de outros homens celebres, e varios sonetos e canções de Torquato Tasso, com muitas emendas, tudo do proprio punho do illustre cantor da *Jerusalem Libertada*.

Os jardins do palacio Pitti, mais conhecidos pelo nome popular de *jardins Boboli*, são muito extensos e formosos. Estão plantados no gosto dos jardins de Versalhes, em França; ou, para fallar com mais propriedade, serviram de modêlo aos do paço de Luiz XIV. Comtudo, o architecto francez Le Notre, que desenhou estes ultimos, foi muito menos feliz na imitação, do que o architecto italiano Buontalenti na creação dos primeiros.

Os jardins Boboli, embora traçados sob um systema de estudada regularidade, não apresentam a fria e monotona symetria dos jardins de Versalhes. Em contrário d'isto, ostentam mais variedade de feitios, dispostos para produzirem contrastes; mais diversidade de perspectivas encantadoras, e melhor combinação e mais gosto no modo por que se aproveitaram os accidentes do terreno.

Estes deliciosos jardins são adornados de construcções architectonicas de variado genero, e de outras obras de arte. Da sua elegancia e belleza poderá dar uma idéa o formoso lago que se vê retratado em a nossa gravura. Chamam-lhe *fonte do Oceano*, porque a estatua que o symbolisa corôa o repuxo, que é decorado por mais tres estatuas de rios. As quatro estatuas são de uma excellencia e perfeição artistica admiraveis.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARSENAES, FUNDIÇÕES, FABRICAS DE POLVORA

Como o arsenal de Veneza, outr'ora prenhe d'esses soberbos galeões que disputavam aos ottomanos o senhorio dos mares desde o Adriatico até aos Dardanellos, hoje ermo, e conservando apenas do que foi a grandeza monumental do edificio, com as suas estatuas de marmore, e o seu leão de S. Marcos; assim os arsenaes de Lisboa estão quasi reduzidos a servir de monumentos gloriosos de um poder que acabou!

O *arsenal da marinha*, principalmente, pelas proporções grandiosas do edificio, quadra bem pouco, hoje em dia, com a diminuta força da nossa esquadra.

Se dermos consideração ás excursões navaes de D. Fuas Roupinho, o esforçado alcaide-mór do castello de Porto de Moz, e primeiro navegador portuguez a quem a historia decorou com o pomposo titulo de almirante, poderemos dizer que a nossa marinha de guerra data da fundação da monarchia. E não se póde duvidar de que os nossos primeiros reis, desde D. Affonso Henriques, trataram, com mais ou menos resultado, de ter forças navaes para defensa das costas e portos do reino, e alguns as tiveram, mesmo até ao reinado de D. Pedro I, em que não figuravamos como potencia maritima; e taes as possuiram, que tomaram parte, e fizeram bons serviços, em guerras offensivas contra Castella e contra os moiros.

Entretanto, foi el-rei D. Diniz quem lançou os fundamentos ao poder maritimo de Portugal, mandando semear o grande pinhal de Leiria, que ainda é a principal matta do nosso paiz, e chamando de Italia para o seu serviço o almirante genovez, Manuel Pessanha, cujos descendentes lograram por muitos tempos esta dignidade, tendo-a nos reinados de D. Fernando I e de D. João I o celebre Lançarote Pessanha, de quem procedem as familias d'este appellido que ha no reino.

Todavia, se se quizer escrever a historia da nossa marinha de guerra desde a epocha em que começou a ter certa organisação e a ostentar uma força regular, dever-se-ha tomar por ponto de partida o reinado de D. Fernando I. Este soberano, mais conhecido pelas suas fraquezas e veleidades que por alguns bons actos do seu governo, foi o primeiro dos nossos reis que tratou seriamente de crear uma marinha de guerra, e de augmentar e fazer desenvolver a mercante. Para alcançar este fim, tão importante para a segurança e prosperidade dos seus estados, fundou um arsenal e estaleiros como o permittia a rudeza dos tempos, ou, para fallarmos com mais propriedade, o atrazo em que nos achavamos n'esta materia, em que outras nações, e sobre todas Genova e Veneza, apresentavam bastante desenvolvimento. Não se limitou, porém, D. Fernando á parte material. Secundou poderosamente este impulso publicando varias leis sobre mattas, construcções navaes da marinha mercante, privilegios e isenções dos constructores e armadores, tudo tendente

ao desenvolvimento e animação da navegação e commercio externo.

Aquelle arsenal, denominado *tercenas navaes*, foi o primeiro que houve em Lisboa e no reino digno de tal nome. Estava situado no local a que actualmente chamâmos *Ribeira Velha*, e que n'essa epocha era um terreiro muito vasto que se estendia por fóra da cêrca de muros da cidade, e banhado pelo Tejo. N'este sitio ha memoria de se construirem embarcações do estado em tempo del-rei D. Sancho II.

Pouco ou nada se gozou el-rei D. Fernando dos resultados d'este seu impulso, pois teve o desgosto de ver destroçadas as suas armadas pelas de Castella, sem que lhe fosse possivel restaural-as, que lh'o não consentiu a sua morte prematura.

Coube, porém, ao mestre de Aviz colher os fructos d'aquelle trabalho, em honra sua e gloria de Portugal, servindo-lhe elles de base e de incentivo para as heroicas emprezas de Africa.

As descobertas e conquistas d'este e dos seguintes reinados, dando maior incremento á marinha de guerra, trouxeram a necessidade de novos estaleiros. Governando el-rei D. Affonso V, começaram-se a construir navios na praia onde agora vemos o arsenal da marinha. Porém el-rei D. Manuel augmentou e deu uma fórma regular a este estabelecimento, em terreno roubado então ao Tejo, como o da praça do Terreiro do Paço, tambem feita pelo mesmo soberano em frente dos paços da Ribeira, que mandára edificar para sua residencia.

Construiu-lhe o dito soberano boas officinas e vastos armazens, bem providos de todo o necessario para o armamento e equipamento de numerosas armadas, e assim ficou desde essa epocha o principal arsenal de Lisboa e de todo o reino. Não era exclusivamente estabelecimento naval, pois que continha armazens de armas para o exercito. No reinado de D. Manuel, e de seu filho, D. João III, guardavam-se n'este deposito armamentos completos para 40:000 homens de infanteria e 3:000 de cavallaria, além de muitas peças de artilheria.

Ao principio tambem se chamou este arsenal *tercenas navaes;* depois deu-se-lhe o nome de *Ribeira das Naus*, que conservou até ao terremoto de 1755, que destruiu completamente todos os seus edificios. Esta denominação passou ao novo arsenal, que se edificou no mesmo logar do antigo, e é ainda hoje a que o povo dá de preferencia.

Os arsenaes do exercito não tem origem tão remota. Nos primeiros tempos da monarchia, quando se tratava de guerra, eram compostas as tropas, na maxima parte, dos vassallos dos senhores de terras, e de soldados, pertencentes aos concelhos e villas, e por elles armados, recebendo soldo del-rei sómente durante a campanha.

Todos os senhores de terras tinham nos seus castellos ou residencias casas de armas. Porém não podiam dispor d'ellas, isto é, alienal-as, porque haviam de passar, por sua morte, á pessoa que lhe succedesse no mesmo senhorio, ou por direito de successão, ou por nova nomeação del-rei.

Esta organisação militar tornava desnecessarios os grandes depositos de armas propriamente do estado. Para o pequeno numero de soldados que eram armados e equipados por conta do governo, havia alguns castellos da coroa, como, entre outros, o castello de Estremoz, e nos logares de residencia da corte, depositos de armas. Consistiam estas, n'essa epocha, em lanças, que eram as armas propriamente da cavallaria, mas que serviam tambem á infanteria; piques, béstas, dardos, fundas, virotões, e outras armas de arremesso.

Modificou-se esta organisação com as emprezas de além-mar. El-rei D. João I, para occorrer ás necessidades das suas expedições de Africa, organisou um grande armazem de armas, porém não era mais do que um deposito, pois não tinha officinas. Então, e até esse tempo, fabricavam-se as armas nas officinas particulares de alfagemes, que havia em diversas povoações do reino.

Foi n'este reinado que se creou a primeira fundição de canhões, estando ainda recente a introducção da artilheria n'este paiz. D'ahi por diante foram-se augmentando e aperfeiçoando estes estabelecimentos.

El-rei D. Manuel fundou uma officina de armas em Barcarena, para a qual mandou vir mestres de Biscaya. Ordenou ao mesmo tempo que houvesse em determinadas cidades e villas officiaes de fazer armas, pagos pelos concelhos; e construiu junto aos seus paços da Ribeira os armazens de armas de que acima fallámos.

Edificou tambem este soberano as *tercenas da Porta da Cruz*, e de *Cata que Farás*, com officinas de armas e fundição de artilheria; e uma fabrica de polvora, que depois se mudou para a ribeira de Alcantara, e mais tarde para a de Barcarena.

Nos seguintes reinados de D. João III e de D. Sebastião melhoraram-se muito estes arsenaes; porém, no tempo da usurpação dos Filippes, caíram, como todo o paiz, em bastante decadencia.

Com a restauração de 1640 tiveram nova vida, e, durante os vinte e sete annos de guerra com a Hespanha, introduziram-se n'elles muitas reformas e aperfeiçoamentos, que progrediram nos reinados de D. João V e de D. José I com tal impulso e tão bom acerto, que, sob o governo d'este ultimo soberano, estavam os nossos arsenaes a par dos melhores da Europa. Do estado de aperfeiçoamento a que então chegaram as suas officinas dão publico testimunho a estatua equestre del-rei D. José, algumas obras em bronze de primoroso lavor que ornam a soberba basilica de Mafra, e muitas armas e canhões guarnecidos de excellentes esculpturas, que se conservam no pateo da *fundição do Campo de Santa Clara*.

Á frente dos individuos que mais concorreram para este resultado devemos collocar o tenente general Bartholomeu da Costa, que foi quem dirigiu a fundição da estatua equestre.

As *tercenas da Porta da Cruz* occupavam o logar em que vemos agora a *fundição de Baixo*. Das *tercenas de Cata que Farás* restam apenas, uma parte do *forte de S. Paulo*, dependencia sua, e que ainda está servindo de deposito de artilheria; e o nome d'ellas, corrompido no de *Catefarás*, em uma travéssa que communica do largo do Stefens para a rua do Alecrim.

Desde aquella epocha até á actualidade tem sido feitas muitas reformas no arsenal do exercito, umas tendentes a melhorar os edificios e a arrecadação do trem; outras relativas ao aperfeiçoamento das artes que já alli se empregavam anteriormente, e á introducção de novas; estabelecendo-se nas suas officinas varias machinas, com que muito se tem simplificado e aperfeiçoado os trabalhos.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O FOGO

(Vid. pag. 135)

III

COMBUSTÃO

Já conhecemos o que é o fogo; vejamos agora como se produz. É pela combustão que geralmente produzimos o fogo para os nossos usos domesticos, e para alimentar o grande numero de industrias que directamente d'elle precisam. É, pois, a combustão um phe-

nomeno que se reproduz a cada instante nos nossos lares domesticos, e que é conhecido desde a mais remota antiguidade. Mas nem por isso datam de muitos annos os conhecimentos exactos que possuimos sobre o que se passa na combustão. Por longos seculos tal phenomeno esteve envolvido nas trevas da ignorancia; talvez mesmo que poucos phenomenos ficassem tanto tempo inexplicaveis como este.

Não nos demoraremos em citar as diversas hypotheses imaginadas successivamente para explicar o phenomeno da combustão, desde os antigos alchimicos, que consideravam a combustão devida a uma substancia particular que chamavam fogo, e que tinha a faculdade de devorar certos corpos, e de os transformar na sua propria substancia, até á celebre theoria do phlogistico, proposta em 1700 por Becher, que admittia que todas as substancias combustiveis tinham uma substancia particular denominada phlogistico, que d'ellas se separava na occasião da combustão. Todas estas diversas theorias caíram perante as investigações do genio do celebre chimico francez Lavoisier, que, no meio das convulsões que agitavam a sociedade franceza durante a revolução de que foi victima, no fim do seculo passado, fez marchar a chimica a passos agigantados, podendo considerar-se como o inaugurador da moderna chimica. Citado perante o tribunal revolucionario por ter sido rendeiro do estado, Lavoisier foi executado a 8 de maio de 1794, apesar dos esforços dos seus amigos, e dos grandes serviços que tinha prestado!

Hoje sabemos que a combustão é toda a combinação chimica em que ha desenvolvimento de calor e luz. Chamâmos combinação chimica á combinação ou união das moleculas de dois ou mais corpos entre si, dando origem á formação de um corpo de propriedades completamente diversas d'aquellas que possuem os primeiros. Na maior parte das combustões, os corpos que ardem combinam-se com o oxygeneo, gaz que existe no ar. O gaz oxygeneo, misturado com o gaz azote nas proporções de 21 para 79 proximamente, constitue o ar atmospherico. Quando, por exemplo, o carvão arde no ar livre, combina-se com o gaz oxygeneo do ar, e fórma um gaz denominado acido carbonico, e esta combinação é acompanhada de desenvolvimento de calor e luz, e, portanto, produz-se o fogo. Quando o gaz hydrogeneo arde no ar, combina-se com o oxygeneo, forma-se a agua que apparece no estado de vapor, e desenvolve-se calor e luz. Quando o phosphoro se queima ao ar livre, combina-se com o oxygeneo, formando o acido phosphorico, com desenvolvimento de luz e calor, etc. Se estas combustões, em logar de se fazerem no ar, se fizerem no oxygeneo puro, a vivacidade da acção chimica será muito maior, porque a presença do azote no ar modera a acção do oxygeneo. Assim, se introduzirmos n'um frasco de vidro, cheio de gaz oxygeneo sêcco e puro, fragmentos de phosphoro, ou enxofre, ou uma espiral de fio de ferro, etc., tendo apenas um ponto em ignição, veremos as combustões activarem-se immensamente, produzindo-se um fogo muito intenso e brilhante.

Fig. 5—Combustão do ferro no gaz oxygeneo

Posto que na maior parte das combustões seja o oxygeneo que se combina com os corpos que ardem, comtudo, póde haver combustões sem oxygeneo; assim, se dentro de um frasco de vidro, contendo o gaz chloro, deitarmos antimonio em pó, veremos este arder immediatamente, combinando-se com o chloro, e desenvolvendo calor e luz.

Do que deixâmos dito se deprehende, que para alimentar a combustão de um corpo é geralmente preciso fornecer-lhe ar; além d'isso, os productos da combustão, em geral, não a entretem, como é, por exemplo, o acido carbonico; é preciso, pois, expulsal-os para fóra do recinto da combustão; é para obter estes dois resultados que se empregam as chaminés. São as chaminés (fig. 6) uns canaes (C) abertos nas extremidades, que se collocam sobre o logar (F) onde se produz a combustão; pelo calor que esta desenvolve, o ar no interior da chaminé dilata-se, torna-se mais leve e sóbe, d'onde resulta uma diminuição de pressão, e, por consequencia, o ar exterior ahi entra por baixo, atravessando o combustivel e alimentando a combustão; ao mesmo tempo, o ar quente que sóbe pelo interior da chaminé leva comsigo os productos da combustão, assim como o fumo, que é materia em grande estado de divisão, e, portanto, muito leve, que escapou á combustão. Chama-se *tiragem* este movimento do ar nas chaminés; a tiragem é tanto mais forte, isto é, o movimento dos gazes nas chaminés é tanto mais rapido, quanto mais altas estas são.

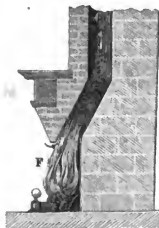



Fig. 6—Tiragem das chaminés

A maior parte dos combustiveis que se empregam nas industrias e nos usos domesticos compõe-se principalmente de carboneo, hydrogeneo, e diversas substancias solidas que não ardem, e que constituem as cinzas; o carboneo, pela combustão, produz acido carbonico; e o hydrogeneo produz vapor de agua. Os combustiveis collocam-se sobre grelhas, por cujos intervallos caem as cinzas para o cinzeiro, e entra o ar para alimentar a combustão. Quando os combustiveis só contém carboneo e hydrogeneo, não ha cinzas, ardem completamente; tal é a cera, a estearina, etc.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

THEMAS CLASSICOS

Caio Mario, com ser filho de Mario e Fulcina, pobres officiaes mecanicos, não deixou de ser o primeiro dos romanos que teve sete vezes o consulado, todas com grande applauso. Foi de tão singular esforço e generosidade de animo, que sendo perguntado Scipião qual do seu exercito lhe havia de succeder no mando, respondeu: «Este póde ser que me succeda»—dizendo-o por Mario, que n'aquelle tempo era mui moço, porém conhecia n'elle, pelos bons principios que mostrava, que mandaria a todos, e que não seria mandado de outro. A. FERREIRA DE VERA.

Arsenal do exercito

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARSENAES

(Vid. pag. 142)

ARSENAL DO EXERCITO

Occupa este estabelecimento tres edificios collocados em sitios differentes, os quaes são commummente denominados: *Fundição de Baixo*, *Fundição de Cima*, e *Fundição do Campo de Santa Clara*. Entretanto, ao primeiro d'estes, por sobresair aos outros em grandeza e nobreza do edificio, e ainda por outras circunstancias, se lhe dá tambem o nome de *Arsenal do Exercito*.

Está situado junto ao Tejo, na parte oriental da cidade, e no local das antigas *tercenas da Porta da Cruz*. Tendo sido estas consumidas por um incendio em a noite de 11 de julho de 1726, determinou reedifical-as el-rei D. João v sobre plano mais vasto e regular. Não obstante, porém, ser construcção de um soberano acostumado a imprimir nas suas obras um certo cunho de grandiosidade, ficou o edificio demasiadamente singelo.

Passados bastantes annos, querendo el-rei reparar esta falta, encarregou o architecto mr. Larre de aformosear o edificio. Este artista, que viera, não havia muito tempo, offerecer os seus serviços a D. João v, delineou um rico portico, ou antes um corpo central muito decorado para adorno da fachada principal.

A doença que sobreveiu a el-rei, e de que falleceu ao cabo de sete annos de padecimento, foi causa de que se adiasse a execução d'aquella obra. Na occasião da morte de D. João v achava-se apenas principiada; e quando, d'ahi a cinco annos, succedeu o terremoto do 1.º de novembro de 1755, ainda estava muito atrazada. Este cataclismo arruinou o edificio do arsenal, cujos estragos foram reparados pouco tempo depois; porém, só passados cinco annos, em 1760, se começaram de novo os trabalhos na referida obra do corpo central, continuando sem interrupção até ao seu acabamento.

A reconstrucção do edificio foi acompanhada de reformas na organisação e administração do arsenal, e de muitos melhoramentos nas suas officinas. Esta reforma foi dirigida por Fernando de Chegaray, francez, tenente general de artilheria ao serviço del-rei D. José i. Posteriormente foi secundado este impulso regenerador por Amaro de Macedo, pelos tenentes generaes Manuel Gomes de Carvalho, e Bartholomeu da Costa.

Por decreto de 1 de julho de 1834 introduziram-se n'este estabelecimento novas reformas e melhoramentos, á execução dos quaes estão ligados honrosamente os nomes dos inspectores, coronel Leão, e generaes barão de Ovar e barão de Monte Pedral. Continuando este arsenal a attrahir a attenção e solicitude do governo e dos seus diversos inspectores, tem tido até hoje muitos aperfeiçoamentos importantes em todas as suas officinas, onde presentemente se trabalha com bastante esmero e perfeição. É pena é que não tenha este arsenal uma dotação sufficiente para lhe fornecer abundantemente todas as materias primas de que precisa, para dar o desenvolvimento que requerem as necessidades do nosso exercito.

A fachada principal do edificio olha para oéste. O corpo central é a parte nobre d'ella. É de uma architectura pesada, mas tem magestade. Resalta dos corpos lateraes, e eleva-se acima d'elles. É todo construido de magnifica e bem lavrada cantaria. As columnas que adornam a porta são da ordem corinthia.

Sobre a janella principal avulta o escudo das armas reaes. O entablamento é coroado de trophéos militares, tudo egualmente de pedra. Aos lados do corpo central, junto dos cunhaes, acham-se, como decoração, dois grandes obuses. Esta fachada deita para um terreiro chamado *largo da Fundição*, banhado pelo Tejo da parte do sul, e guarnecido da parte do norte com uma fileira de arvores, e por detraz d'estas com um muro que o separa da *calçada Nova*, que foi aberta para dar passagem á estatua equestre del-rei D. José I, quando saíu da *Fundição de Cima*, onde foi feita, para a praça do Commercio, onde se inaugurou. Ao *largo da Fundição* dá seguimento do lado de oéste a *rua do Jardim do Tabaco*.

A frontaria do edificio que está voltada para o sul cáe sobre uma rua que corre ao longo do Tejo, e termina em uma praça, acabada de fazer ha pouco sobre o que era praia, e que se estende por toda a frente da estação principal dos caminhos de ferro de norte e léste.

No pavimento inferior estão os grandes armazens de arrecadação, que constituem o primeiro deposito. No pavimento superior acham-se, do lado do norte do corpo central, a secretaria, contadoria, archivo, e outras secções da inspecção geral do arsenal; e do lado do sul, cinco salas de armas pela ordem seguinte:

A primeira, chamada *da Rainha*, tem no topo o retrato em corpo inteiro da sra. D. Maria II, de saudosa memoria, pintado pelo fallecido professor da academia de bellas artes, Joaquim Raphael. É guarnecida esta sala com doze armaduras antigas, e contém 250 bacamartes, 1:000 clavinas, 1:484 pistolas e 300 espadas. Os paineis do tecto foram pintados em 1762 por Bruno José do Valle.

A segunda sala, *del-rei D. José* I, é decorada com o retrato d'este soberano, e com quatro estatuas allegoricas, esculpidas em madeira, representando o *Valor*, a *Fidelidade*, *Vulcano* e *Marte*. Guarnecem-lhe as paredes e portas bem dispostos cabides, onde se acham collocadas com ordem e symetria 12:600 espingardas, 1:000 clavinas e 1:000 espadas.

A terceira sala, *de D. João* V, está adornada com o retrato d'este monarcha, e com as estatuas de *Minerva* e *Neptuno*, egualmente de madeira, porém doiradas. Encerra 12:600 espingardas, 800 clavinas e 1:000 espadas, guarnecendo as paredes da mesma maneira. As portas d'esta sala são formadas de lanças.

À quarta sala, *das Armaduras*, servem de ornamento os bustos de *Andre de Albuquerque*, e *Duarte Pacheco*, e 32 armaduras de ferro antigas. Contém o mesmo numero de armas da antecedente.

A quinta sala está ornada com quatro estatuas doiradas, e com os bustos de *D. Nuno Alvares Pereira*, *D. Duarte de Menezes*, *D. Affonso de Albuquerque* e *D. João de Castro*. Acham-se n'ellas distribuidas 18:000 espingardas e 1:000 espadas.

Nas pinturas dos tectos d'estas salas empregaram-se os melhores pintores de architectura e ornato que havia n'essa epocha em Lisboa. No tecto da escada ha boas pinturas. O painel do centro é obra do citado Bruno José do Valle, e as quatro partes do mundo, representadas nos quatro angulos, foram pintadas por Pedro Alexandrino de Carvalho, e Berardo Pereira Pegado.

Do lado de léste tem este arsenal um pateo com diversas officinas, e com porta para o lado do sul, e em frente d'esta um caes de cantaria com guindaste para serviço do estabelecimento. Em um edificio separado, mas que fica contiguo, e superior ao edificio principal, para a parte do norte, acham-se estabelecidas differentes officinas.

Ha n'este arsenal um collegio de aprendizes, e muitas e bem organisadas officinas de varios officios mecanicos, a alguns dos quaes se póde dar o nome de artes, como são o de abridor em metaes, que alli se exercita com muita proficiencia; o de fabricante de instrumentos bellicos e de instrumentos de mathematica, etc.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

A POESIA NOS CAMPOS

(Vid. pag. 138)

O amor é a inspiração quasi constante da poesia popular, quer se manifeste festiva como a esperança, quer plangente como a saudade dos bons affectos que morreram. Desconhecedora das tradições pagãs, a gente do campo nega-as por instincto, e mata a séde poetica nas fontes puras da natureza. Cupido, o classico e brincalhão Cupido, é para os poetas da aldeia um rapazote sem importancia. O deus vendado não tem entre elles aras nem culto:

> Quem pintou o amor cego
> Não o'o soube bem pintar.
> O amor nasce da vista.
> Quem não vê não póde amar.

Com este credo, que é verdadeiro, embora com elle se negue a auctoridade da mythologia e os amorosos arrufos de que o Olympo foi theatro, não podêmos duvidar d'este poetico aphorismo aldeão.

> Inda que o lume se apague,
> Na cinza fica o calor;
> Antes que o amor se ausente,
> No coração fica a dor.

A *constancia aldeã*, de que o sr. Castilho já zombou em lindos versos, tem em seu favor documentos poeticos de alta valia. Estou quasi inclinado a crer que a injustiça feita pelo cantor da *Primavera* aos amores pastoris foi instigação do seu amigo Ovidio, maganão que deixou nas *Metamorphoses* provas sem réplica da sua incompatibilidade (perdoe-me Ovidio este palavrão constitucional) para aferidor de constancias.

> Quem me dera ver meu bem
> Trinta dias cada mez,
> Sete dias na semana,
> Cada instante uma vez.

Ovidio (parto sempre do principio que foi elle quem malquistou o sr. Castilho com as raparigas da aldeia), se o obrigassem a amar

> Trinta dias cada mez,
> Cada instante uma vez,

preferiria de certo o exilio a que Augusto o condemnou, e de que o poeta tanto se lastimava, ás galés de uma eternidade amorosa. As borboletas não nasceram para o quietismo, tem azas... vôam.

Querem os descrentes do amor aldeão pesar os finos quilates da sua constancia?

> Se te enfastia o eu querer-te,
> É força por fim deixar-te;
> Ensina-me a aborrecer-te,
> Que eu não sei senão amar-te.

Haverá ainda quem affirme que não saber *sendo amar* seja um peccado? ou quem negue a constancia a quem precisa ser *ensinado a aborrecer?*

Que differença d'esta simplicidade no bemquerer ao orgulho dos poetas encartados, que publicam o seu

coração n'um livro, e que, como Byron e Lamartine, ungem os seus cantos com lagrimas... de crocodillo!

O amor nos campos dá-se e acceita-se por toda a vida, ou pega-se de prompto e sem rodeios. O poeta que ama, procura ardente *como o sol* a musa que o inspira; ella, se se sente captiva de outros affectos, esquiva-se-lhe rapida *como uma sombra*.

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol, a buscar-te,
Tu, como a sombra, a fugir-me!

Uma delambida da cidade faria de certo parar o sol, como Josué, ainda que mais não fosse, para contar á noite no baile o milagre, e rir-se com as amigas da ingenuidade do astro-rei. A rapariga dos campos foge timida como uma sombra, e quasi envergonhada de tão guindados requebros. Se porém os acceita, e casa (que de clamores não vae esta palavra levantar!), é com o mesmo frescor e viço poetico que affirma diante das outras raparigas do logar que vive alegre e satisfeita, cantando ao eleito do seu coração:

Eu casei-me e captivei-me,
Inda não me arrependi;
Quanto mais vivo comtigo
Menos posso estar sem ti!

Um namoro que nas cidades não passa de um assumpto comico, tem nos campos singelas e poeticas feições. Em vez do mensageiro alugado e da confidente adestrada na telegraphia do requestador de officio, no campo são os dois interessados que se correspondem directamente em transparentes e despretenciosos remoques.

ELLE

Tu tens a parreira á porta,
Não a sabes lagartar,
Tens defronte os teus amores,
Não os sabes namorar!

ELLA

Não os posso namorar,
Tenho vigias defronte;
Eu ando mais espreitada
Que o coelho anda no monte!

Hoje que é moda torturar o senso commum em nome não sabemos de que abstrusas theorias vindas da Allemanha, o ouvido alegra-se e o coração rejuvenesce com os cantares singelos do povo, com as suas poeticas imagens, sempre copiadas da grande mestra — a natureza. Mesmo quando o sentido de uma copla não parece bastante claro, indaguem, e acharão que é facil o commentario. Por exemplo:

Muito brilha o branco-branco
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

Pois não vêem que o *branco-branco* se refere á tez da Laura do nosso Petrarca, e o *branco lavado* ás suas singelas galas domingueiras?

Se os philologos não largam ha tantos seculos de mão o seu Homero, se não ha um verso de Dante que não tenha sido explicado, nem uma oitava dos *Lusiadas* em que a critica não tenha remexido, que menores direitos tem o povo a ser interpretado nos seus poeticos desabafos?

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres;
Quando o sol promette á lua,
Que fará quem tem amores?

Dirão, talvez, que esta promessa de um astro a outro astro não está pedindo a reflexão da critica? Não haverá escondida n'esta astronomia saloia uma verdade scientifica a indagar? Fazemos a pergunta, e deixâmos a resolução d'ella a quem competir.

Querem agora uma hyperbole arrojada? É a primeira que vamos citar do nosso poeta. Sabemos que a hão de achar extravagante, mas a sua desculpa está no motivo que a originou — o ciume! Orestes fez, e Othello disse ainda peior que o nosso poeta:

Eu corri o mar á roda
Co'uma vela branca accesa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti não ha firmeza!

Como correctivo d'esta exaggeração, ahi vae uma das mais perfumadas e sentidas coplas populares, já diversas vezes louvada pela critica, mas que, pela sua resignada doçura, vae bem cabida n'este logar.

Por te amar perdi a Deus,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti!

Millevoye, o poeta das melancolias intimas, não pintaria, de certo, mais resignado o seu adolescente, despedindo-se da vida ao cair das folhas séccas do outomno! Viver só — sem Deus e sem amor — é mais triste que saudar pela ultima vez o sol amortecido da estação dos desenganados da terra.

Na aldeia, as Saphos são quasi tantas como os Anacrèontes, e as lastimas d'ellas não menos doloridas que as d'estes. A morte inesperada de um noivo é dignamente commemorada n'esta singela queixa:

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe;
Todas tem a quem se cheguem,
Só eu não tenho ninguem!

Que grande dor não era a da pobre rapariga no seu abandono! Ella, que amava com toda a innocencia dos primeiros amores, e que fallava inteira a verdade, dizendo:

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os,
Nem já sei quaes são os meus.

Agora os olhos que ella assim trazia empregados lavam-lh'os as lagrimas de uma eterna e irremediavel saudade.

Dissemos no começo d'este artigo que a poesia no campo dava para tudo, e crêmos tel-o provado exemplificando a nossa affirmativa. Querem ouvir uma quasi impiedade justificada pelo excesso do bem-querer? É uma rapariga antepondo ao symbolo venerando do christão a profanidade dos seus terrestres affectos.

Se passares pelo adro
Tira o chapéo, reza á cruz:
Que o meu amor é mordomo
Da capella de Jesus.

Acabada a mordomia, é possivel que acabe com ella a reverencia da ingenua aldeã. Que melhores pensamentos se podem exigir a quem anda preso, como

diz o estribilho constante dos bailes de roda, nas *cadeias do amor?*

Nas cidades é fama que engordam os procuradores, pelo menos Bocage assim o affirmava. Na aldeia morreriam todos de fome se os pleitos fossem como este:

A rosa tem vinte folhas,
O cravo tem vinte e uma;
Armou a rosa demanda
Pelo cravo ter mais uma.

Causas d'estas não sobem ao supremo tribunal de justiça, resolve-as a propria rosa conservando o seu perfume e os seus espinhos, e deixando ao cravo a fartura de mais uma folha. Se duvidam, oiçam:

Ainda agora eu reparo
Em quem anda no terreiro!
Anda o cravo e mais a rosa,
Anda o ramalhete inteiro!

Então não se conciliaram depressa as duas flores? Assim as das salas se harmonisassem entre si, como as do campo sabem esquecer as suas momentaneas desavenças em publico terreiro.

Uma das mais pronunciadas feições do lyrismo moderno é o desalento. Chorar as mágoas proprias ou as alheias, parece ser a predestinação da poesia do nosso seculo, que quasi só encontra excepção na serenidade dos poetas que retemperam o espirito cançando o corpo no amanho da terra, arrimo e providencia dos não eleitos da fortuna.

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto!
Hei de parar e mostrar-lhe
Que de vêl-a não me espanto.

Uma variante da mesma idéa, mas expressa talvez ainda com maior resignação e sentimento poetico, é a seguinte:

Eu quero bem á desgraça,
Que sempre me acompanhou;
Tenho odio á ventura,
Que bem cedo me deixou.

Desde Almeida Garrett, na maviosa invocação do seu poema *Camões*, não ha poeta nem versejador que tenha deixado de incommodar a «saudade», consagrando-lhe uma estrophe mais ou menos banal. Doença endemica no paiz, a saudade fez-se a musa dos bastardos da poesia, e não ha lyra, por desafinada que seja, nem poeta,

Das faixas infantis despido apenas,

que não se recorde do seu breve passado, e não lhe dedique um hymno quasi sempre mentiroso.

Pois antes de Almeida Garrett ter chamado á saudade

.........gosto amargo d'infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,

já o povo dizia singela e poeticamente:

A ausencia tem uma filha
Que tem por nome «saudade»;
Eu sustento mãe e filha
Bem contra minha vontade.

Como se vê, a saudade, que os poetas de livro procuram com inspiração, *sustenta-a* contra vontade o homem do povo, e confessa-o francamente.

(Continua) L. A. PALMEIRIM.

ONIOGOSO

Os japonezes dão este nome a um peixe não vulgar nos mares do Japão, mas muito apreciado pelo seu delicado sabor.

Linneo collocou o oniogoso no genero *scorpæna*, em que reuniu todas as especies que tem a cabeça comprimida lateralmente, e como que eriçada de espinhos. Porém Cuvier, depois de minucioso exame, dividiu-as, formando muitos outros generos perfeitamente distinctos uns dos outros.

A pag. 104 mostrámos o typo de um d'estes generos, que a sciencia denominou *pterois*. Agora offerecemos aos nossos leitores o do genero chamado *pelor*, que, na classificação scientifica d'esta numerosa familia, primeiramente designada com o nome *scorpæna*, occupa o nono logar.

O oniogoso *(pelor japonicum)* tem a cabeça comprimida na parte superior, os olhos bastante unidos, e tão saídos, que parece saltarem fóra das orbitas. O corpo, desprovido de escamas, é todo pintado, exceptuando a cabeça, de manchas avermelhadas no lombo e lados, de largas listas transversaes no peito, e no ventre de um certo arraiado como se vê em alguns marmores. Além d'isso, apresenta nas partes inferiores diversas ordens de pontinhos escuros, e outros dispersos nas partes ventraes e na base das peitoraes. Quasi todo o corpo é eriçado de barbatanas e de pequenos filamentos brandos, de fórmas diversas. Quanto ao tamanho, regula por um comprimento de 30 centimetros.

A pesca d'este peixe faz-se ordinariamente durante o verão nas bahias de Nagasaki. No inverno foge das costas para o mar largo. É peixe caro, e, por conseguinte, apenas servido nas mesas de gente rica.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DEVERES CIVIS DO PAROCHO

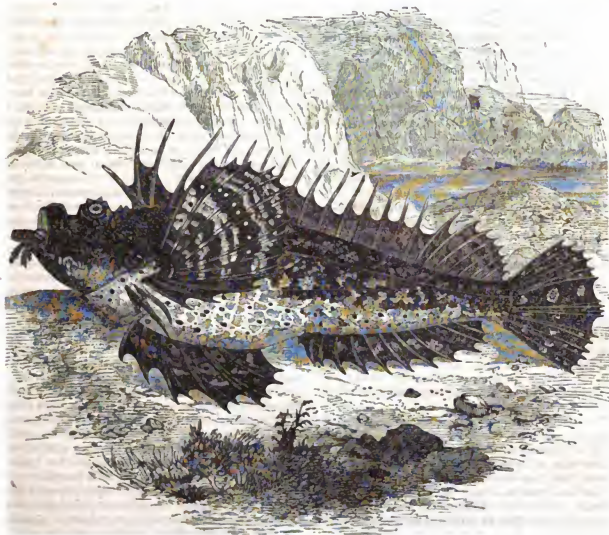
No artigo que escrevemos ácerca de *Bibliothecas populares*, lastimámos que o parocho de aldeia não cumprisse os deveres sublimes que a sua nobre missão lhe impõe. Podiamos agora desenvolver esta idéa, e mostrar quaes são as multiplicadas obrigações que tem a cumprir esse pastor das almas. Não o ousâmos fazer, havendo um admiravel artigo escripto por Affonso de Lamartine, onde se trata d'esse assumpto com a proficiencia e com os esplendores de estilo que são apanagio do grande escriptor. Limitar-nos-hemos, por tanto, a traduzil-o. É como se segue.

«Ha em todas as parochias um homem que não tem familia, mas que a todas as familias pertence, que apparece como testimunha, como agente, e como conselheiro nos actos mais solemnes da vida civil; sem o qual se não póde nascer nem morrer; que recebe o homem ao saír do seio maternal, e só o larga ao sumir-se nas trevas do sepulchro; que benze ou consagra o berço, o thalamo conjugal, o leito da morte e o caixão; um homem a quem as criancinhas se costumam a estimar, a venerar e a respeitar; a quem os proprios desconhecidos dão esse doce nome de *meu padre*, ligeira variante de *meu pae;* a cujos pés derramam os christãos as suas mais intimas confidencias, as suas mais secretas lagrimas; cuja profissão o obriga a ser consolador de todas as miserias do corpo e da alma, intermediario da riqueza e da indigencia; que vê o pobre e o opulento virem a revezes bater-lhe á porta; o opulento para derramar nas suas mãos a esmola mysteriosa, o pobre para que a possa receber sem o rubor da vergonha; que, não pertencendo a nenhuma das gerarchias sociaes, a todas as classes

por algum lado se prende; ás infimas pela pobreza da vida e ás vezes pela humildade do nascimento, ás superiores pela educação, pela sciencia e pelos sentimentos elevados que uma religião philantropica inspira e ordena; que tudo em fim tem direito de dizer, e cuja palavra se despenha dos pincaros da religião sobre as intelligencias e os corações, com a auctoridade da missão divina e com o imperio da fé. Esse homem é o parocho; ninguem póde fazer tanto bem ou tanto mal, cumprindo ou menosprezando os sublimes deveres que lhe são impostos.

«O que é o parocho? é o ministro da religião de Christo, encarregado de conservar os seus dogmas, de propagar a sua moral, e de favorecer com os seus beneficios o rebanho que lhe é confiado.

«D'essas tres funcções do sacerdocio deduzem-se os tres pontos de vista d'onde vamos considerar o parocho; como padre, moralista e administrador espiritual do christianismo. D'aqui tambem se deduzem as tres especies de deveres que tem de cumprir, a fim de se mostrar completamente digno da sublimidade das suas funcções na terra, e da estima ou da veneração dos homens.

«Como padre ou conservador do dogma christão, os deveres do prior não são accessiveis ao nosso exame; o dogma, divino e mysterioso por sua natureza,

Oniogoso

imposto pela revelação, acceito pela fé, essa virtude da ignorancia humana, esquiva-se a todas as criticas; o padre, do mesmo modo que o fiel, não tem que dar contas senão á sua consciencia e á sua egreja, unica auctoridade de que depende. Comtudo, mesmo n'isto, póde a elevada razão do sacerdote influir utilmente na pratica sobre a religião do povo a quem dirige. Nos evos da ignorancia e das trevas, algumas crendices banaes, algumas superstições populares se enlaçaram com as grandiosas crenças do puro dogma christão; a superstição é o abuso da fé; ao ministro esclarecido de uma religião que não teme a luz, porque toda a luz d'ella emanou, compete afastar essas nuvens que lhe empanam a santidade, e que fariam com que vistas prevenidas contra o christianismo o confundissem a elle, essa civilisação pratica, essa razão suprema, com as especulações devotas, ou com as grosseiras credulidades dos cultos onde campêam o erro ou a decepção. O dever do parocho é abolir esses abusos da fé, e reduzir as crenças demasiadamente condescendentes do seu povo, á grave e mysteriosa simplicidade do dogma christão, á contemplação da sua moral, ao progressivo desenvolvimento das suas obras perfectiveis. A verdade nunca precisa do erro, as sombras nunca augmentam a luz.

«São ainda mais bellos os deveres moralisadores do parocho. O christianismo é uma philosophia divina escripta de dois modos; como historia, na vida e na morte de Christo; como preceito, nos ensinamentos sublimes que o Salvador trouxe ao mundo. Essas duas palavras do christianismo, o preceito e o exemplo, estão resumidas no Novo Testamento ou Evangelho. O padre é um commentario vivo d'esse livro divino. Cada uma das palavras mysteriosas d'essas paginas responde com acerto ao pensamento que as interroga, e encerra um sentido pratico e social que

esclarece e vivifica o procedimento do homem. Não ha verdade moral ou politica que não exista em germen n'um versiculo do Evangelho; todas as philosophias modernas commentaram algum d'elles, e esqueceram-n'o depois; a philanthropia nasceu do seu primeiro e unico preceito, a caridade. A liberdade entrou no mundo em seu seguimento, e não houve servidão aviltante que a sua luz não desfizesse; a egualdade politica nasceu, porque o christianismo nos obrigou a reconhecer a nossa egualdade e a nossa fraternidade perante Deus; suavisaram-se as leis, aboliram-se os costumes revoltantes, caíram as cadeias, e a mulher reconquistou o respeito no coração do homem. À medida que a sua palavra troou nos seculos, fez baquear um erro ou uma tyrannia, e póde-se dizer que todo o mundo actual com as suas leis, com os seus usos, com as suas instituições e com as suas esperanças, não é senão o Verbo evangelico mais ou menos encarnado na moderna civilisação! Mas a sua obra está longe de se ter de todo realisado; a lei do progresso ou do aperfeiçoamento, que é a idéa activa e poderosa da razão humana, é tambem a lei do Evangelho; prohibe-nos que paremos no bem, instiga-nos a que procuremos sempre o melhor, não nos consente que desesperemos da humanidade, diante da qual vae sempre rasgando mais esplendidos horisontes, e, quanto mais os nossos olhos se abrem á luz, mais promessas lêmos nos seus mysterios, mais verdades nos seus preceitos, mais futuro nos seus destinos.

«O parocho está, por conseguinte, senhor de toda a moral, de toda a razão, de toda a civilisação, de toda a politica, quando tem esse livro nas mãos. Basta que o abra, que o leia, e que derrame em torno de si o thesoiro de luz e de perfeição, cuja chave lhe foi entregue pela Providencia. Mas, como o do Christo, deve ser duplo o seu ensino: pela vida e pela palavra: a sua vida deve ser, tanto quanto o comporta a fragilidade humana, a explicação sensivel da sua doutrina, a palavra palpavel. A egreja collocou-o n'esse posto mais como exemplo do que como oraculo; póde-lhe faltar o discurso, se a natureza lhe negou os dons oratorios, mas o discurso que todos entendem é a vida; não ha lingua humana tão eloquente e persuasiva como a virtude.

«O parocho é tambem administrador espiritual dos sacramentos da sua egreja e dos beneficios da caridade. N'essa qualidade os seus deveres aproximam-se dos que são impostos por toda e qualquer administração. Trata com os homens, deve conhecel-os; toca nas paixões humanas, deve ter a mão delicada e macia, prudente e comedida. Entram nas suas attribuições os erros, as miserias, as indigencias, as necessidades da humanidade; deve ter o coração opulento e farto de tolerancia, de mansidão, de compaixão, de caridade e de indulgencia. A toda a hora deve estar aberta a sua porta a quem o vae despertar, accesa a sua lampada, ao alcance o seu bordão; não deve conhecer nem tempo, nem distancia, nem contagios, nem sol, nem gelos, quando é necessario levar o balsamo ao ferido, o perdão ao culpado, Deus ao moribundo. Perante elle, como perante Deus, não póde haver nem rico nem pobre, nem grande nem pequeno, mas homens, isto é, irmãos em miserias e em esperanças. Mas, se a ninguem deve recusar o seu ministerio, não deve tambem offerecel-o imprudentemente aos que o desdenham ou menosprezam. A propria caridade, quando importuna, azéda e repelle, não attrahe; deve muitas vezes esperar que venham ter com elle, ou que o chamem; não se deve esquecer que, no regimen de absoluta liberdade de todos os cultos, que é a lei do nosso estado social, o homem só tem que dar contas da sua religião a Deus e á sua consciencia. Os direitos e os deveres civis do parocho só principiam quando lhe dizem: «Sou christão.»

«O parocho tem relações administrativas de muitas especies: com o governo, com a auctoridade municipal, com a sua junta de parochia.

«São simples as suas relações com o governo; os seus deveres para com elle são os mesmos que os de qualquer cidadão, nem mais nem menos, obediencia nas coisas justas. Não se deve apaixonar nem pro nem contra os governos da terra; modificam-se as fórmas, mudam de nomes e de mãos os poderes, os homens precipitam-se do throno uns aos outros; são coisas humanas, passageiras, fugitivas, instaveis por sua natureza; a religião, governo eterno de Deus na consciencia, está acima d'essas vicissitudes, d'essas versatilidades politicas; avilta-se descendo a ellas; o seu ministro deve conservar-se cuidadosamente á parte. O parocho é o unico cidadão que tem direito e dever de ser neutro nas causas, nos odios, nas luctas dos partidos que dividem as opiniões e os homens: porque antes de tudo é cidadão do reino eterno, pae dos vencedores e dos vencidos, homem de amor e de paz, que só deve prégar paz e amor; discipulo d'Aquelle que recusou derramar uma gota de sangue em sua defesa, e que disse a Pedro: «Embainha o gladio.»

«Com o seu administrador deve conservar o parocho relações de nobre independencia no que respeita ás coisas de Deus, de brandura e consideração no resto; não deve procurar influencia, nem luctar para conquistar auctoridade; nunca deve esquecer que a sua auctoridade principia e acaba no umbral da egreja, no degrau do altar, na cadeira da verdade, á porta do indigente e do enfermo; alli é o homem de Deus; fóra d'ahi o mais humilde, o mais obscuro dos homens.

«Com a sua junta de parochia, os seus deveres limitam-se á ordem e á economia que a pobreza da maior parte das freguezias ruraes exige. Quanto mais progredimos na civilisação e na intelligencia de uma religião toda immaterial, menos necessario vae sendo o luxo exterior dos nossos templos. Simplicidade, aceio, decencia nos objectos que servem para o culto, eis tudo quanto o parocho deve pedir. Muitas vezes a indigencia do altar tem um não sei quê de veneravel, tocante e poetico, que impressiona e enternece o coração pelo contraste, mais do que os paramentos de seda e os candelabros de oiro. O que valem os nossos doirados e os nossos grãos de areia refulgentes perante Aquelle que desdobrou o firmamento e o matizou de estrellas! O calix de estanho obriga tantas frontes a curvarem-se como os vasos de prata lavrada ou doirada. O luxo do christianismo pompeia nas suas obras, e o verdadeiro enfeite do altar são os cabellos do padre encanecidos na prece e na virtude, e a piedade dos fieis ajoelhados diante do Deus de seus paes.

«Para se alimentar e vestir, para pagar e dar sustento á pobre mulher que o serve, para soccorrer a indigencia, tem o parocho duas retribuições; uma do estado, 750 francos; auctorisada outra pelo costume, e que se chama *occasional*. Esse occasional, bastante elevado em certas cidades, onde serve para pagar aos vigarios na maior parte das aldeias, pouco ou nada rende ao parocho rural. Portanto, apenas tem o estricto necessario, *res angusta domi*, e, comtudo, ainda lhe dizemos, tanto no interesse da religião como no da veneração que deve inspirar: «Esqueça o occasional, receba-o do opulento que insiste para que lh'o acceite; recuse-o do pobre, que, ou se envergonha por lh'o não poder dar, ou que amargura sempre as alegrias do casamento, os jubilos da paternidade, as tristezas dos funeraes, com a idéa importuna de procurar no fundo da sua bolsa algumas raras mealhas para lhe pagar as suas bençãos, as suas lagrimas, ou as suas preces; lembre-se que, se devemos dar de graça uns aos outros o pão da vida material, com muito mais razão devemos dar de graça o pão ce-

leste, e não queira ser accusado de que faz pagar aos filhos as inestimaveis mercês do Pae commum, e de que põe uma tarifa á oração! Mas nós é que dizemos aos fieis: «O salario do altar é insufficiente.»

«Como homem o parocho tem ainda alguns deveres puramente humanos, que lhe são impostos pelo cuidado da sua boa reputação, por esse recato da vida civil e domestica, que é a doce fragrancia da virtude. Recolhido no seu humilde presbyterio, á sombra da sua egreja, deve raras vezes sair. Póde ter um pomar, uma vinha, um jardim, algumas vezes uma courellasita cultivada por suas proprias mãos; crear alguns animaes domesticos de utilidade ou recreio, ou a vacca, ou as ovelhas, ou a cabra, ou os pombos, ou passaros de canto, mas sobre tudo o cão, vivo ornamento do lar, amigo d'aquelles a quem o mundo olvida, e que precisam, comtudo, de ser amados por alguem. D'esse asylo de trabalho, de sciencia e de paz deve-se afastar pouco para se misturar com as sociedades ruidosas da visinhança; só em raras occasiões deve molhar os labios, com os felizes do seculo, na taça de uma hospitalidade sumptuosa; o pobre é desconfiado e cioso, e depressa accusa de adulação ou de sensualidade o homem a quem vê muitas vezes á porta do opulento, quando se ergue do tecto uma espiral de fumo annunciando mesa mais opipara do que a sua. Muito mais vezes, ao voltar da sua faina caritativa, ou quando a boda ou o baptismo reuniram os amigos do pobre, póde o parocho sentar-se á mesa do lavrador e comer com elle o pão negro da indigencia; o resto da sua vida deve passal-o no altar, ou no meio das crianças a quem ensina a balbuciarem o cathecismo, esse codigo vulgar da philosophia mais elevada, esse alphabeto de uma sabedoria divina. Engolphado em estudos serios entre os livros, companhia morta do solitario, á tarde, depois do thesoureiro levar a chave da egreja, quando soam trindades no sino da aldeia, póde-se ver algumas vezes o parocho, de breviario na mão, ou junto das arvores do seu pomar, ou nas empinadas veredas da serra, haurindo o suave e religioso ambiente dos campos, ora parando para ler um versiculo das sagradas poesias, ora contemplando o ceo e o horisonte do valle, e descendo a passos vagarosos embebido na santa e deliciosa contemplação da natureza e do seu Auctor.

«Eis a sua vida e os seus prazeres; encanecem os seus cabellos, tremem as suas mãos erguendo o calix, a sua voz desfallecida já não enche o sanctuario, mas echôa ainda no coração do seu rebanho; morre; uma pedra sem nome designa o seu logar no cemiterio junto da porta da sua egreja. Eis uma vida que findou! um homem para sempre olvidado! mas esse homem foi repoisar na eternidade, onde a sua alma vivia anticipadamente, e cumpriu na terra o mais sagrado de todos os deveres; continuou um dogma immortal, foi um dos fuzis de uma cadeia immensa de fé e de virtude, e deixou ás gerações que estão para nascer uma crença, uma lei e um Deus.»

Esta vida de abnegação, tal como Lamartine a descreve n'estas admiraveis paginas, talvez faça sorrir os que pensam que é superior á fraqueza humana; mas faça pelo menos esta descripção com que os homens que se destinam ao sacerdocio, não optem pela carreira ecclesiastica como optariam pelo foro ou pela administração publica; vejam que, se quizerem cumprir os seus deveres, tem de se preparar ao sacrificio. Todas as coroas tem espinhos, e se os tem os diademas da terra, cuja consolação é a ephemera alegria mundana, como os não teriam as coroas celestiaes, que trazem comsigo os eternos jubilos? Quem se não sentir com forças, não pize essa estrada cheia de abrolhos tingidos ainda pelo sangue que vertiam os pés do Redemptor.

M. Pinheiro Chagas.

D. FR. CAETANO BRANDÃO

ARCEBISPO DE BRAGA

(Vid. pag. 129)

V

Bem quizeramos que a exiguidade do espaço de que podêmos dispor nos permittisse mostrar ainda em relêvo as acções mais notaveis de D. Fr. Caetano Brandão, acompanhando-o por todo o decurso do periodo que encetâmos, e que constitue por certo a epocha mais gloriosa e interessante de uma vida toda consagrada ao serviço da egreja, do estado e da humanidade. Correu, porém, a penna nos anteriores com menos economia do que talvez cumpria: d'ahi a necessidade de sermos agora forçado a restringir-nos, abbreviando e truncando o muito que havia para relatar.

Os annos do prelado em Braga não foram para elle tão placidos e socegados como os que passára no Pará.

O amor e respeito agradecido do povo, que geralmente admirava suas virtudes, e sentia por toda a parte o impulso efficaz da sua acção benefica, encontrando n'elle protector e pae, não bastava a preserval-o dos ataques d'aquelles que, vivendo encharcados no lodo das paixões desordenadas, se erguiam para combatel-o, instigados pela voz da ambição e do egoismo.

Multiplicaram-se as contrariedades, cresceram as reluctancias, e não foram poucos, nem de pequena monta, os dissabores e mortificações que teve de supportar pacientemente, e os obstaculos com que se viu a braços; tantos e taes, que por vezes o attribularam, ao ponto de desejar libertar-se de tão pesados encargos, para ir procurar no canto obscuro da sua pobre cella o descanço que havia mister. De condição naturalmente energica, mas temperada pela humildade christã, e ainda mais pelos dictames da prudencia que a edade sasonára, pouco faltava para que não succumbisse uma ou outra vez perante o tropel de difficuldades, que de continuo se levantavam contra os seus mais uteis e assisados projectos.

A reforma dos costumes entre ecclesiasticos e seculares; a restauração da disciplina modelada pelas verdadeiras regras canonicas; a extirpação dos numerosos abusos, que á sombra do governo de seus antecessores se haviam introduzido no arcebispado, e que elle mal podia tolerar com gravame da propria consciencia, e como germen de maiores desordens; tudo isto lhe suscitava inimigos encarniçados, avultando entre estes não poucos membros do seu cabido, que o taxavam de austero em demasia, desvirtuavam suas acções, e lançavam á conta de atrevimento e fatuidade o empenho com que pretendia oppor-se a seus caprichos, e tiral-os do estado de relaxação em que viviam.

As luctas pertinazes que se via constrangido a sustentar, tanto mais angustiosas para quem como elle só anhelava harmonia, concordia e moderação em tudo, aggravavam-se ainda pela deterioração da saude, naturalmente debil, e que os trabalhos e cuidados iam enfraquecendo até o lançarem por vezes á beira do sepulchro; não menos o affligia a impossibilidade de occorrer, como desejava e tinha por obrigação, a tantas e tão ponderosas necessidades, quaes as que se manifestavam pelo vastissimo districto do arcebispado. Tudo estava, dizia elle, ás suas costas, e para tanto que importava fazer, mal podiam bastar as rendas da mitra, por mais avultadas que se julgassem. Computavam-se em verdade annualmente de trinta a quarenta contos de réis; mas passaram-lhe oneradas com dividas excedentes a quarenta mil cruzados, contrahidas pelo seu predecessor; e haviam-se mister mais de dez mil cruzados annuaes, só para as esmolas de pão e dinheiro, que diariamente se distribuiam a fami-

lias e individuos necessitados da cidade [1]. Na fiel e exacta applicação d'esses rendimentos, como verdadeiro ecónomo dos bens dos pobres, consistia a maior e melhor parte dos seus pastoraes cuidados, tirando d'ahi consolações e lenitivos com que contrabalançava as magoas e desgostos a que não podia forrar-se.

Apenas entrado em Braga, concebeu a fundação de estabelecimentos humanitarios, destinados para educação e instrucção dos orphãos e expostos de ambos os sexos, sentindo a necessidade de preparar á infancia desvalida os meios de escapar á perversão, e a tornar-se victima da ignorancia, da ociosidade e do crime. A par d'esta outra necessidade não menos urgente, se fazia sentir a de tambem fornecer á velhice desamparada casas de abrigo, onde encontrásse os soccorros que a invalidez e a decrepitude reclamam.

Tudo se realisou em breve espaço, graças á sua dedicação e aos meios empregados. O resultado de tão piedosa concepção acha-se recopilado por elle mesmo na conta que pelos annos de 1800 ou 1801 endereçára ao nuncio apostolico, solicitando da santa sé algumas concessões, que o habilitassem para assegurar de futuro existencia e prosperidade aos institutos que tamanha predilecção lhe mereciam. Oiçamos as proprias e edificantes palavras do venerando prelado:

«Dois objectos, logo que entrei n'esta diocese, me saltaram á vista, bem capazes de enternecer o coração mais duro e empedernido; o desamparo em que se lamentavam duas sortes de pessoas, velhos invalidos e meninos orphãos e expostos, sem acharem em todo o arcebispado bracarense um só d'aquelles abrigos publicos, que a caridade lhes costuma fornecer nos outros logares. Este desamparo me penetrou fundamente o coração. Fechei os olhos a despezas e a outras difficuldades, e logo incessantemente fiz recolher a uma boa casa da mitra quarenta velhos estropeados, e vinte e tantas mulheres da mesma especie a outra mais pequena, assistindo-lhes com todo o sustento, vestido e curativo nas suas enfermidades, e um sacerdote para os reger temporal e espiritualmente; o que tudo se tem conservado invariavelmente, vae para doze annos, com assaz consolação da minha alma, por ver mitigada a sorte infeliz d'esta triste porção da humanidade.....................................

«Restava-me a tropa dos meninos indigentes de um e outro sexo, que n'esta provincia, por conta da sua nimia população, é numerosissima; e sem o recurso da educação physica e moral ninguem duvida estar exposta aos maiores perigos. Que hei de fazer? Recorro a Deus, penso, reflicto, combino especies; em fim, confiado nos thesoiros da Providencia, metto as mãos a dois collegios ou seminarios, destinados para educação dos meninos de um e outro sexo; o Senhor abençoa as minhas diligencias; cresce a obra sem interrupção desde os seus alicerces, e dentro de poucos annos tenho o gosto de ver concluidos aquelles dois estabelecimentos, e postos em acção; um d'elles contando para cima de oitenta habitadores entre mestras e meninas, com todas as providencias necessarias para saírem d'alli boas mães de familia, que ainda mais com o exemplo do que com as palavras saibam educar os seus filhos religiosa e civilmente.........

«O outro estabelecimento muito mais amplo e espaçoso, por isso que é destinado para educação de pessoas que podem ter relações mais interessantes a uma e outra republica, conta alguns cento e cincoenta meninos, além dos superiores, mestres e mais pessoas occupadas no serviço da casa. Eis-aqui a idéa geral que me propuz n'este designio, já reduzido á pratica ha mais de nove annos. Depois do ensino da religião e das primeiras letras, espreita-se a indole e talento dos meninos, para que se não afastem do methodo mais analogo ás vistas que a Providencia mostra ter sobre cada um d'elles. Assim joeirados, os que dão melhores esperanças fazem-se applicar á grammatica latina, rhetorica, philosophia e theologia; alguns á musica, ao risco, á pintura e á esculptura; outros, em fim, á pharmacia e á cirurgia; que de tudo isto ha mestres no seminario. O resto, que sempre fórma a maior parte, depois de sufficientemente instruidos nos primeiros rudimentos, repartem-se para differentes officios mechanicos, conforme a inclinação de cada um, os quaes são assistidos pelo seminario de toda a roupa, e de uma boa parte do sustento, concorrendo a elle nos domingos e dias festivos, para refrescarem as especies da doutrina e o mais que é respectivo á lição e á escripta, até que, achando-se habeis nos seus officios, segue cada um o estado que Deus lhe inspira..............................

«São vantajosos os fructos que vae produzindo a educação do seminario. Agora acabam de sair d'elle dez alumnos com as suas cartas de cirurgia, em que fizeram avultado progresso, segundo o testimunho dos professores, e vão substituir a tantos outros de que abunda a provincia, que por falta de principios não servem talvez senão para matar gente. Em Coimbra tenho actualmente quatro, seguindo os estudos maiores da universidade, alguns nos claustros da religião; um sacerdote; e outros muitos iniciados com optimas disposições para aquelle estado, quando for tempo.

«Tal é a ordem e constituição d'este estabelecimento, em que tenho dispendido e vou cada dia dispendendo quanto não é difficil conhecer a qualquer que tem alguma experiencia de simillhantes casas. Não choro esta despeza das rendas da mitra, conhecendo muito bem que não podem ter outra applicação mais legitima; mas quizera que tamanhos gastos e fadigas se não dirigissem sómente a fazer ao publico um beneficio momentaneo, que termine com os dias da minha existencia, o que muito provavelmente acontecerá, ficando o seminario sem algum pé de rendas seguras. Esta consideração me tem feito tentar differentes meios que me pareceram analogos áquelle fim, etc. etc.»

Nem paravam aqui os zelosos desvelos do caritativo prelado. Sua poderosa iniciativa estendia-se a generalisar tanto quanto era possivel a educação do sexo feminino, objecto cuja importancia devidamente apreciava. Assim o demonstra, não só o valioso subsidio por elle conferido ao collegio das religiosas ursulinas de Braga, empregadas n'aquelle mister, mas a fundação de vinte e tantas escholas de meninas, que creou e mantinha em diversos logares do territorio do arcebispado, pagando, a expensas suas, os ordenados das mestras, e concorrendo com abundantes esmolas para o vestuario das educandas pobres.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] Como amostra do emprego que o caritativo prelado fazia das rendas da mitra, falla com voz mais eloquente do que qualquer outra o seguinte extracto ou resumo das despezas por elle realisadas no anno de 1793 (todos os outros andaram pouco mais ou menos na mesma proporção), segundo as contas documentadas, que existiam nos livros respectivos:

Vestuario, calçado, livros e mais trastes para o uso de s. exc. rev.	98$320
Despezas da cavallariça	89$550
Com o seminario dos orphãos, em compra de casas, sustento e vestuario, etc., dos alumnos	10:590$172
Com o conservatorio das orphãs e expostas	3:372$291
Com as casas de invalidos e decrepitos, onde se abrigavam 56 individuos de um e outro sexo	1:197$480
Vestidos para 139 meninos que frequentavam aulas e aprendiam officios, e ordenados dos mestres	417$163
Remedios de botica para os pobres da cidade, jantares aos presos em todos os domingos do anno, esmolas para o hospital, etc.	965$685
Esmolas mensaes e particulares a diversos individuos	3:477$590
Premios a lavradores e artistas	800$000
Pensão annual ao seminario de S. Pedro, e esmola ao convento do Mogadouro, para congrua dos professores de theologia e philosophia, etc.	222$545
Somma réis....	21:230$796

Isto pelo que diz respeito a obras de caridade e beneficencia. O resto para perfazer o total da despeza, que n'este anno foi de 35:147$338 réis, consumiu-se no culto divino, edificações e reparos de egrejas; taes como a parochial de S. Lazaro, por elle construida desde os fundamentos; a de S. Martinho de Dume, quasi totalmente reedificada, etc., etc.

Castello de Palmella

Testimunha do esforçado valor do nosso primeiro rei; atalaya dos christãos da Estremadura contra os moiros do Alemtejo; cabeça, em fim, da illustre ordem de Santiago; o castello de Palmella campeia senhorilmente no cume de elevado monte.

Sentinella do tempo, tem visto sempre de pé nascerem os seculos, e sumirem-se na voragem do passado; assistindo, sem curvar a fronte, aos cataclismos que por mais de uma vez confundiram no pó das ruinas Lisboa, que de longe o contempla, e Setubal, que se assenta a seus pés.

Respeitado e temido outr'ora, hoje está esquecido e desprezado. Já não se coroam de lanças, nem reluzem com o resplendor dos elmos e dos escudos aquellas grossas e robustas muralhas, que o ardor do sol e o embate das tempestades tem tisnado e denegrido. O seu recinto, theatro de antigas proezas, logar de preces e orações, já não resôa com os gritos de guerra dos cavalleiros, nem com os hymnos religiosos dos freires.

Tudo alli é decadencia e solidão. Tudo está revelando como passam ligeiras as grandezas da terra; como é ephemero o poder dos homens; como se eclipsa a gloria que tanto nos encanta e seduz; como se convertem em fumo, que o vento leva e dissipa, essas vaidades e fortunas que nos embriagam e deslumbram!

Que importa que o tempo tenha poupado o antigo padrão historico? Que importa que o gigante que tem zombado da mão destruidora dos seculos, ainda lá esteja erguido sobre o seu altissimo throno de rochas escarpadas, ostentando acima das suas muralhas a velha torre de menagem com a sua coroa de ameias? Que importa tudo isso á vaidade dos nossos antepassados, ou ao orgulho d'esta geração, que d'elles descende, se o viajante que transpõe o portal da velha fortaleza, e lhe assoma ás torres, não procura mais do que saciar os olhos nos formosos e dilatados panoramas que d'alli relanceiam para qualquer parte que se voltem?

O monumento, pobre de arte e de belleza, só é rico de tradições historicas. Mas quem se lembrará de descobrir através dos muros carcomidos do castello e das negras paredes do convento, essas poeticas lendas da tomada da fortaleza por el-rei D. Affonso Henriques no anno de 1147; da sua perda pouco tempo depois; da restauração do poder dos sarracenos pelo mesmo soberano, no correr do anno de 1165; da doação á ordem militar de Santiago por el-rei D. Sancho I em 1186; da fundação do convento e da transferencia para elle do mestrado da mesma ordem por el-rei D. João I em 1423?

Quem se lembrará dos transes de alma que alli passou, e dos planos que concebeu o mestre de Santiago, D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, filho illegitimo del-rei D. João II, quando viu seu filho primogenito, o marquez de Torres Novas, que ao diante foi primeiro duque de Aveiro, preso no castello de S. Jorge de Lisboa, por se op[p]or ao consorcio do infante D. Fernando, irmão mais no[vo] del-rei D. João III, com D. Guiomar Coutinho, filha do conde de Marialva, marischal do reino, declarando e sustentando que se achava casado clandestinamente á face da egreja com esta rica herdeira? Quem se recordaria d'essa scena de que foi theatro o convento de Palmella, quando ahi veiu expressamente o duque de Coimbra para fazer pesar toda a influencia e poder da ordem de Santiago na balança dos destinos em favor de seu filho? Quem pensará em todo esse longo drama, occulto pela maior parte nas trevas do mysterio em que foram sacrificados aquelles desventurados amores; ao qual se prende outra historia de amores, não menos contra-

riados e desditosos [1]; drama em que se envolveu a diplomacia estrangeira, ora officialmente, ora por meio da intriga: drama, em fim, em que figuraram grandes interesses de nações poderosissimas, e que teve por causa principal e desenlace um importante acontecimento na politica européa [2]?

Aquellas velhas paredes, que presenciaram tantos successos notaveis, e que ouviram tantas confidencias intimas, e tão graves segredos de estado, nada revelarão ao viajante, que, afastando d'ellas a vista com desdem, só julga dignos da sua attenção os quadros que a natureza lhe offerece em dilatadissimos horisontes. É felizmente que ha alli com que distrahir o espirito do viajante das penosas considerações a que naturalmente o levarão o estado de abandono e de profanação, em que se acham no templo do convento as sepulturas de alguns mestres da ordem de Santiago.

Já que o nosso desleixo nos leva tão longe na falta de respeito para com os mortos, bom é que ninguem repare, ao visitar a egreja, em um tumulo que ahi se vê aberto e profanado, e do qual tem sido roubados muitos ossos. Pois é um tumulo real, e os despojos que encerra, o que resta de um principe, a quem el-rei seu pae desejou e diligenciou nomear seu successor ao throno, não obstante o defeito de bastardia. É o mausoléo de D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, e mestre da ordem militar de Santiago!

Tanto na villa de Palmella, que se recosta no monte em que se ergue o castello, como na visinha cidade de Setubal, ha muita gente que possue reliquias do cadaver do principe, e não são poucos os estrangeiros que d'alli as tem levado como memorias archeologicas. Se assim continuar, virá tempo em que o cadaver do filho predilecto de D. João II, o rei de Portugal que mais pugnou e mais fez pelos direitos do povo, se achará espalhado por todo o mundo! Custa realmente a crer que se pratiquem taes actos, mas parece ainda mais incrivel que a auctoridade não tenha posto cobro a similhante vandalismo, que nos expõe perante as nações cultas como um povo selvagem!

A pag. 313 e 369 do vol. III encontrarão os nossos leitores algumas noticias historicas ácerca do castello e do convento, acompanhadas de duas gravuras, representando o interior da fortaleza e a frontaria da egreja. Quanto á vista que d'alli se desfructa, é mais extensa do que os olhos podem descobrir. De um lado patenteiam-se a villa de Palmella; o Tejo em muitas legoas do seu curso, com os diversos braços que estende para o sul e norte, e com as numerosas povoações que estão sentadas em ambas as suas margens, avultando Lisboa entre todas com os seus formosos arrabaldes; as serras de Cintra, de Bucellas, de Monte Junto, e outras de menor vulto; do outro lado, na raiz da montanha, está a cidade de Setubal, cercada de pomares, e mirando-se no amplissimo porto formado pelo Sado ao receber as aguas do mar; depois as vastas planicies por onde corre o Sado; mais longe cordilheiras de serras sem fim, e a immensidade do Oceano.

I. DE VILHENA BARBOSA.

D. FR. CAETANO BRANDÃO

ARCEBISPO DE BRAGA

(Conclusão. Vid. pag. 151)

VI

Se as attenções do pastor vigilante e caritativo pareciam repartir-se no dobrado intuito de apparelhar de uma parte o pão do corpo e do espirito, aos que de ambos careciam para crescer em forças, até se tornarem membros prestaveis da republica; e de fornecer por outra aos inhabilitados com o peso dos annos ou das enfermidades o abrigo e conforto, que a sociedade lhes deve em justa remuneração dos serviços prestados; não se mostrava o seu zelo menos solicito no empenho de alentar e proteger, quanto n'elle cabia, os que em edade vigorosa se occupavam nos uteis e necessarios exercicios da lavoira, da industria e das artes. Suas providencias, tão bem pensadas quanto efficazes, abrangiam tudo e a todos.

Em janeiro de 1792 affixava-se nos logares publicos da cidade, e por todo o districto do arcebispado, um edital, que propunha vinte premios de cincoenta mil réis cada um, offerecidos pelo prelado para serem distribuidos em março do anno seguinte. Teriam direito a entrar na distribuição os lavradores e industriaes de ambos os sexos, que mais se distinguissem no concurso a que os chamava, exhibindo provas de maior progresso e aperfeiçoamento nos respectivos misteres. Como taes se consideravam, segundo o texto e letra do programma:

Os dois lavradores ou lavradoras que mostrassem haver plantado no decurso do anno corrente maior numero de tanchões, ou estacas de oliveiras, com tanto que excedessem a cincoenta, e que na plantação se guardassem as regras estabelecidas nos melhores processos agricolas;

Os que comprovassem haver feito maior sementeira de linho, passando esta de dez alqueires de linhaça;

O caixeiro que apresentasse mais perfeito conhecimento das regras da arithmetica, do negocio mercantil e da arrumação dos livros commerciaes, por partidas dobradas ou singelas;

O aprendiz fabricante de sedas que tecesse a melhor peça, quer na quantidade, quer na qualidade;

O aprendiz de sombreireiro que fabricasse o melhor chapeo;

O de tecelão que tecesse a melhor peça de toalha ou guardanapo;

O de cuteleiro que maior perfeição mostrasse em obras de sua arte;

O armeiro que tivesse construido a melhor arma;

O livreiro que apresentasse a melhor encadernação;

O carpinteiro que apresentasse a melhor e mais perfeita obra de marcenaria.

Para as mulheres destinavam-se oito premios, que seriam conferidos ás que primassem na fiação e tecido de linho e talagagens; nas obras de costura; de bordadura a oiro, prata ou seda; na manufactura de meias de agulha; e em obras de serigaria.

Eram condições essenciaes para obter a concessão dos premios certificados de pobreza e bons costumes; e deviam outrosim os oppositores mostrar-se comprehendidos em edade não excedente a vinte annos. Os artefactos seriam entregues até janeiro de 1793, para se proceder ao seu exame e comparação pelos professores a que o arcebispo nomeasse por mais aptos para similhante encargo.

Um facto caracteristico do tempo, e que nos custaria a crer se o não vissemos confirmado pelo testimunho do proprio prelado em uma das suas interessantes cartas, é que dos exemplares do edital que, como dissemos, se affixaram na cidade, a maior parte appareceram descompostos e dilacerados logo na manhã seguinte!... Não era a primeira vez que se repetia tão insultosa e grosseira malignidade. Mas seria acaso o povo que assim pretendia desacatar o seu bemfeitor e pae? Não, por certo. Estas e outras demonstrações acintosas provinham exclusivamente do animo rancoroso e aggressivo de alguns capitulares, e de outros individuos descontentes, que viam ferido o seu orgulho, e cortados os abusos e escandalos, a cuja sombra medravam, pelas justas providencias do prelado. Dando largas á maledicencia, tratavam de

[1] Del-rei D. João III e de sua madrasta a rainha, viuva, D. Leonor de Austria.

[2] O casamento de Francisco I de França com esta rainha D. Leonor, e o tratado feito em virtude d'este consorcio entre o soberano francez e o imperador Carlos V, irmão de D. Leonor.

desgostal-o por todos os meios possiveis, e esforçavam-se para desacredital-o no conceito do publico, deprimindo as suas acções, e forjando contra elle satyras injuriosas e libellos infames, que clandestinamente espalhavam, taes como a chamada *Gazeta de Braga*, a *Quixotada*, e outros escriptos de egual jaez, de que ainda se conservam alguns transumptos para opprobrio eterno de quem os fabricou [1].

Porém, louvores á Providencia, taes esforços foram sempre impotentes para abalar, nem ainda levemente, a constancia imperturbavel do varão forte, ou para escurecer a fama que suas virtudes lhe tinham grangeado. As bençãos do povo soaram sempre mais alto que as maldições ultrajantes da calumnia. Seus mesmos inimigos, á frente dos quaes figurou por muito tempo o deão d'aquella sé, D. Luiz Antonio Furtado (que em 1832 falleceu, sendo prior-mór da ordem de Christo, e nomeado arcebispo para a mesma diocese), foram os primeiros que na sua morte fizeram justiça á santidade da sua vida, e ao seu irreprehensivel procedimento [2].

A iniciativa efficaz e generosa do arcebispo sortiu, pois, o effeito desejado. Recolheram-se os artefactos na epocha aprasada; e d'elles se fez exposição no edificio do recolhimento da Caridade. Os premios excederam ao promettido: foram distribuidos quatorze a homens e dez a mulheres, como outros tantos incentivos animadores do trabalho, destinados a combater a ociosidade, e a attenuar a miseria publica. A capital do Minho viu pela primeira vez inaugurada em seu seio a idéa civilisadora, cuja realisação, menos fecunda em resultados do que devêra sêl-o, só voltaria a repetir-se ao cabo de setenta annos!

Era D. Fr. Caetano Brandão por extremo zeloso observador dos deveres do seu ministerio, para que se circunscrevesse no desempenho d'elles ao ambito estreito da cidade onde tinha sua residencia habitual. Incançavel no desejo de conhecer e melhorar as necessidades do seu rebanho, saía todos os annos em visita pastoral pelas terras do arcebispado, obrigação de que seus ultimos predecessores se descuidaram havia bons quarenta annos, e tanto mais indispensavel de cumprir, quanto era certo existiam logares não pisados de arcebispo desde o tempo em que á egreja bracharense presidira com tanta gloria o outro seu memoravel antecessor, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Treze foram, pois, as visitas que emprehendeu e executou durante a sua gerencia espiritual. E como as fazia elle? A pé, vestido como um simples ecclesiastico, e como sempre andava em Braga, quando visitava os pobres, os doentes, e os seus estabelecimentos predilectos, porque só se distinguia de um simples clerigo por sua magestosa e nobre figura, e pela cruz episcopal que trazia pendente ao peito.

Não podêmos, por honra sua, resistir ao desejo de transcrever o que, por occasião de uma d'estas visitas, nos conta uma testimunha ocular, e insuspeita de parcialidade.

«Eu o vi entrar no convento de Refoyos [3] a pé, acompanhado de dois padres que empregava em prégar quando se achava fatigado, de um criado que o servia, e de um moço que lhe trazia á mão um cavallinho que montava quando se sentia cançado. Foi recebido com todas as honras devidas á sua dignidade e pessoa, o que elle muito agradeceu. Depois de estar no convento pediu que queria ser tratado como um conego da casa; que queria ir ao refeitorio com a communidade, e que lhe não fizessem distincção alguma especial, porque a não acceitaria. Em summa, que em quanto alli estivesse não queria ser mais do que um simples morador d'aquella casa, que muito respeitava. E tanto respeito por ella mostrou, que pediu licença ao prior para alli chrismar, e elle e seus padres poderem prégar. Teve esta attenção, porque o convento, e duas freguezias a elle annexas, eram o que se chamava *Isento*, ou districto fóra da jurisdicção ecclesiastica do arcebispado de Braga, honra de que gozavam muitos antigos conventos das diversas ordens em Portugal.

«Em todos os dias que alli esteve chrismou e prégou, e confesso que nunca vi homem no pulpito mais eloquente, e de mais nobre presença. Os seus sermões eram todos de improviso; porém que eloquencia, que força de raciocinio, que clareza, que fogo não tinham as suas palavras? Eu, que nunca quiz prégar, e jámais gostei de sermões, sentia em mim ao ouvil-o alguma coisa que me arrebatava, e por muitas vezes figurava-se-me ouvir um apostolo prégando ás gentes; por exemplo, S. Paulo, prégando em Epheso ou Corintho!

«Foi muito familiar com todos, mas particularmente commigo, que havia sido seu ordinando; e conversando muitas vezes sobre as novidades do tempo, e as mais notaveis da revolução franceza, de que conhecia toda a marcha, porque tinha o *Correio da Europa*, dizia-me com toda a franqueza: «Sabe que mais? Sinto um certo prazer ao lembrar-me que os francezes entraram em Roma. (Era isto em 1798, quando o general Berthier, commandante das tropas francezas, alli entrava, e invocava a sombra de Bruto, que bem depressa lhe esqueceu!) Sim, Roma precisava de um grande castigo, porque d'ella tem saído grandes escandalos para a christandade! E ainda infelizmente elles duram, porque não cessa de levar para lá os bens dos pobres das egrejas catholicas, debaixo do nome de annatas, e de outros mais que não digo, e tudo isso para alli se gastar, sabe Deus como!»

«Este exemplar prelado era homem de grandes e variados conhecimentos, e d'elle já se imprimiram, creio, no antigo *Jornal de Coimbra*, algumas das viagens que fez no interior dos desertos do Pará, em tempo que alli foi bispo e os visitou. Fallando-me d'estas viagens, disse-me uma vez: «Ha de ter ouvido, ou lido nos philosophos e theologos, que não ha ninguem no mundo civilisado, ou selvagem, que não tenha idéa de Deus; mas eu digo-lhe e assevero-lhe que encontrei creaturas humanas que nenhuma idéa tinham de Deus, nem sabiam o que isso fosse!»

«Fallando-me a final dos conegos da sua sé, disse-me ainda: «Bem poucos tenho que não comprassem as renuncias por grandes sommas de dinheiro: e esta escandalosa simonia não só é tolerada, se não approvada em Roma!... Quanto a mim, sempre lamento a annata ou a renda de um anno que para alli enviei, e que podia ter distribuido pelos pobresinhos do meu arcebispado.» A tudo o que dizia a respeito de Roma sempre accrescentava com a mais ingenua sinceridade: «E será peccado o que penso, e o que digo?» Eu respondia-lhe o que bem se póde imaginar...

«Este varão venerando demorou-se alguns dias no convento, e indo-se embora deixou-nos a todos cheios de respeito e saudade. Nunca mais o tornei a ver.»

Mais gasto das fadigas que dos annos, de compleição naturalmente debil, e enfraquecida por complicadas enfermidades, sentia aproximar-se-lhe o fim, com inteira e resignada submissão aos decretos divinos. As forças physicas escasseavam de dia para dia, porém o espirito nada perdia do seu vigor e energia. Além de outras molestias, padecia frequentes ataques asthmaticos, que se amiudavam cada vez mais e com maior intensidade. Comtudo, só se entregou á cama

[1] Possuimos entre os nossos manuscriptos uma cópia da *Quixotada*, que é um aggregado de cincoenta e quatro decimas octo-syllabas, em que se propalam contra o virtuoso prelado as mais atrozes calumnias.

[2] Vid. a *Oração funebre, recitada nas solemnes exequias do exc. e rev. sr. D. Fr. Caetano Brandão, etc., celebradas na cathedral de Braga*, por D. Luiz Antonio Carlos Furtado de Mendonça. Lisboa, na impressão regia, 1806, in 4.º de 26 pag. Bello e completo elogio das virtudes do finado.

[3] Situado nas margens do Lima, e pertencente aos extinctos conegos regrantes de Santo Agostinho.

nos ultimos tres dias da sua vida. Ainda em 13 de dezembro de 1805 assistiu por algum tempo aos exames dos ordinandos, que por inalteravel costume se faziam em sua presença; teve, porém, de recolher-se, gravemente incommodado. Sentia ser chegada a sua ultima hora. Recebeu no dia seguinte em publico o Sagrado Viatico, que lhe foi administrado pelo deão, com acompanhamento de todo o corpo capitular. Entrou pouco depois em agonia, e recebidos com inalteravel paciencia e resignação os derradeiros soccorros espirituaes, expirou placidamente pelas duas horas da tarde do dia 15, contando sessenta e cinco annos e alguns mezes de edade.

A noticia da sua morte causou universal sentimento e consternação em toda a cidade: corriam lagrimas pelas faces de todos, e mui principalmente pelas dos desvalidos, que tantos annos n'elle acharam um pae amoroso, e o mais desvelado protector.

O que até então fôra no paço episcopal habitação de um simples e modesto religioso, converteu-se para logo em theatro de pompas funebres com a maior magnificencia. Ficou exposto o cadaver á veneração publica durante tres dias, findos os quaes se fizeram as exequias solemnes, que sobrelevaram em sumptuosidade e luzimento ás que haviam sido celebradas por obito de seus dois immediatos antecessores. Não eram esses, por certo, os desejos e intenção do piedoso finado, que inimigo, como sabemos, do fasto e de todas as vaidades mundanas, recommendava e pedia com instancia no seu testamento «ao reverendo cabido quizesse antes applicar em missas e em esmolas qualquer despeza que poderia consumir-se em decorações excessivas, das quaes ordinariamente (dizia) nem aos vivos nem aos mortos resulta alguma vantagem solida.»

Terminadas as honras funebres, foi seu corpo encerrado em sepultura raza, no pavimento da capella-mór da mesma egreja. A alma voaria sem duvida ao seio do Eterno, para receber a recompensa que suas virtudes mereciam. Logo depois do fallecimento, o povo bracharense, agradecido á memoria de tão insigne bemfeitor, começou a concorrer á sua sepultura, para ahi implorar o remedio das proprias necessidades. Generalisou-se a piedosa crença, e a cada passo se ouviam contar prodigios dos que se diziam favorecidos em suas supplicas, sendo mister que a auctoridade interviesse para moderar ou reprimir esta devoção indiscreta. Porém isso não obstou a que muitas pessoas continuassem a venerar com culto particular os seus retratos, como se veneram os dos santos; e um que estava, e ainda provavelmente estará collocado no hospital de S. Marcos (estabelecimento que em vida lhe devêra especial protecção), foi muitos annos frequentado pelos fieis, e por elles rodeado de votos e offertas de cêra, como insignias de milagres. Mas á parte o que n'isso possa haver de excesso reprehensivel aos olhos da philosophia, é certo que se o nome de D. Fr. Caetano Brandão não foi pela egreja incluido no catalogo dos santos, nem por isso a sua memoria deixará de ser para sempre cara a todos os amigos da humanidade.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

CARTAS A UMA SENHORA

AURORAS BOREAES E AUSTRAES

I

Minha senhora — Conta-se do capitão Ross, que, voltando de uma viagem de exploração das regiões arcticas, em demanda da celebre passagem polar que communicasse a Europa com a America, trouxera dois esquimós, de entre os muitos que vira e admirára n'aquellas paragens gelidas e desoladas.

São os esquimós, como v. exc. sabe, umas tribus de selvagens quasi anões, verdadeiros liliputianos, que vivem ou vegetam cada anno, seis mezes no gêlo e nas trevas, e outros seis na luz e nas aguas.

Vida singular e medonha é essa para o europeu afeito ás sumptuosidades e esplendores da arte e da natureza!

Os esquimós são uns precitos, que andam sempre cercados dos maiores horrores.

Nas regiões polares tudo é extravagante e horrivel; tudo apresenta uma feição lugubre. A propria terra parece envolver-se em um sudario de neve, e adormece enregelada para acordar aos raios do sol, brazeiro implacavel que a aquece com raios amarellos e funebres.

Reina alli o silencio dos tumulos; a monotonia e a uniformidade como que apertam e angustiam a natureza. No inverno, a alvura da neve, que se estende ao longe, até ás raias extremas do horisonte; no verão o verdejar da selva, que cresce por encanto, e cobre os campos alagados de agua. O arvoredo é raso e enfesado; apenas algumas bétulas confundem as ramas com os abetos rachiticos.

As geleiras caminham e precipitam-se ao mar; as torrentes entumecem-se com o brilhar do sol, e despenhando-se furiosas, acordam os echos da solidão, com o fragor das aguas, que carreiam montes de neve.

O acordar do Oceano é grandioso; as ondas, presas pelo frio, alçam de novo o dorso, sobre o qual se formam vastas ilhas de gêlo, que logo se desfazem e mudam de posição, tomando formas phantasticas e ephemeras. Tal é, muito ao de leve, o quadro das paragens malditas que demoram junto do circulo polar; taes são as regiões onde vivem os miseros esquimós, em desterro perpetuo. E de feito, que outro nome merece aquelle vida, tão cheia de trabalhos e desgraças? Pois será viver um invernar de seis mezes, que tantos são os que os esquimós passam soterrados na neve? E depois, quando a natureza acorda, a vida é ainda uma lucta afanosa. É necessario aproveitar o tempo; é necessario accumular, encelleirar, diremos nós, para não morrer de fome durante o inverno; a abastança é desconhecida do polo.

Pois, apesar de tanta miseria e pobreza, o esquimó adora a sua terra, ou, antes, o seu gêlo natal. Tem tanto aferro á choça em que *viu o dia*, como qualquer de nós ao tecto paterno que nos abrigou durante a infancia. O amor da patria é innato no homem, qualquer que seja a latitude em que vive.

E senão, sirva de exemplo a anecdota que eu ia contar no principio d'esta historia, e que de certo já houvera contado se não fosse tão atreito a divagar... mesmo no polo arctico.

Dizia eu, pois, que o capitão Ross trouxera a Londres dois esquimós, lá das regiões da neve eterna.

Um d'elles, mal chegou á grande capital de Inglaterra, morreu logo de nostalgia, que não havia magnificencias nem altezas de luxo e civilisação que lograssem

cevar saudades da distante patria.

O outro, acaso menos lembrado, foi-se acostumando a pouco e pouco; mas, passado que foi o primeiro espanto, serenada a mente e a alma, começaram logo a fallar mais alto as recordações do berço, e bem podia elle dizer como Bernardes, que chorava

.... captivo
Onde chôro não val, ou amor se estima.

Aos que tentavam consolal-o, pondo em parallelo os esplendores de Londres com as trevas do polo, acudia elle:

— Tudo isso é verdade, mas dae-me em troca as nossas auroras boreaes, que não tem senão.

O que é, pois, uma aurora boreal, que phenomeno é este, contra o qual em vão se conjuram as magnificencias do homem?

Esse o fim unico d'esta carta, que dirijo respeitosamente a v. exc.

Oxalá possa descrever-lhe com verdade e singeleza um dos espectaculos mais brilhantes que se conhecem.

II

Na velha Scandinavia o viajante encontra a cada passo recordações mais ou menos poeticas das auroras boreaes.

No *Edola*, n'esse livro mythologico dos ritos e crenças scandinavas, ha imagens lindissimas e allusões admiraveis ás auroras. Assim, por exemplo, no capitulo em que se descreve a morte do deus *Balder* (symbolo da virtude e da candura), por seu irmão *Hother*, cego de nascença, reza assim a lenda:

«Balder morreu, e logo a aurora se dissipou, em signal de lucto [1].»

Na lenda cosmogonica *Voluspa ou a prophecia de Vola* [2], em que se pinta a destruição dos mundos, imagina-se *Odin*, o guerreiro-creador, envolto em chammas, que não queimavam como os *raios da aurora que dissipa as trevas da noite*.

Os primitivos bardos viam no phenomeno luminoso a imagem dos combates de *Walhalla*, e umas vezes cuidavam ver *Thor*, o deus do raio, outras o poderoso *Odin* contemplando as creaturas, sua obra.

Mas nem só no norte eram as auroras boreaes conhecidas ha muito; pois nos livros mais antigos vemos que os homens sempre conheceram este phenomeno meteorico.

Aristoteles descreve o clarão polar, como ainda hoje se avista nas costas do Mediterraneo, e principalmente nas fronteiras da Macedonia.

Compára elle a aurora boreal, já a uma chamma envolta em fumo, já á luz de lampadario suspenso no ar, já ao clarão de seara incendiada em noite de ju-

Aurora boreal

lho, quando o vento sopra rijo e as labaredas erguem o dorso igneo, como as ondas de um mar de fogo. O segmento obscuro, que apparece nos derradeiros paroxismos do phenomeno, é chamado por Seneca barathro profundo e negro, que communica a mansão da luz com a mansão das trevas; os raios córados que dividem e matizam o segmento são tições accesos, brandões inflammados [1]. O philosopho grego denomina o arco luminoso que circunda o segmento, trave ardente, adunca, e curva.

Plinio, o naturalista, que foi um dos philosophos mais imaginosos e menos verdadeiros de quantos a antiguidade nos deixou memoria, sobrepuja Aristoteles no empolado das descripções e no exaggêro das imagens. Affirma elle, com inaudito desplante e ousadia incomparavel, que retumbam nos ceos o fragor das armas e o som estridulo das trombetas e cimbalos guerreiros quando surge no polo a apparição ignea. Plinio imagina combates aereos, imprecações de raiva, arrancos de morte, e todos os horrores de mal-ferida peleja. E de tal sorte se enraizou em animos credulos este erro, que, ainda nos nossos dias, ha quem oiça uns soidos surdos que resultam do embate das ondas de fogo, e que são apenas estalidos electricos, como veremos.

Diz Humboldt com muita graça, que os homens só conheceram que a aurora é muda quando quizeram em vão comprehender o que ella dizia.

Seneca tratou a questão com a sua costumada perspicacia, e com o vigor de estilo, que ainda hoje é inimitavel. Não encobrindo a ignorancia com o véo de absurdas hypotheses, recommenda ás gerações vindoiras, acaso mais adiantadas, o estudo do phenomeno, que é produzido por forças ignotas, cuja natureza e modo de acção desconhece completamente.

Melhor avisado do que o stagyrita, mais sabio do que Plinio, o romano Seneca não se embrenhou no dédalo de hypotheses e theorias.

Passaram quinze seculos de ignorancia e desleixo,

[1] Segundo Œleuschlæger, o maior poeta da Scandinavia, ha uma lenda popular a respeito d'estes raios luminosos. Conta a tradição, que as *Valkyries*, ou feiticeiras, vem tripudiar na escuridade, brandindo nas garras os seus fachos de guerra, e ululando um canto de morte. É notavel esta identidade de imagens entre o philosopho grego e os aborigenas do septentrião.

[1] Balder morreu em um banquete dado pelos deuses, os quaes, ou partidarios do bem ou do mal, são mortaes.

[2] *Vola* é o nome das prophetizas que tiravam horóscopos, liam nos astros, e ás vezes tinham pacto com *Fenris*, ou principio destruidor.

durante os quaes não só foram esquecidos os justos dictames da victima de Nero, mas tambem, o que é mais lastimoso, completamente falseados e deturpados.

Assim que, se até ao maior esplendor da eschola romana a sciencia fôra muda a respeito da origem das auroras, não caíra, ao menos, em desvairamentos e torpezas de razão.

Desde o seculo IV, porém, a philosophia transformou-se em negro fanatismo; imperavam a obcecação, a torpeza e a ignavia; a intelligencia sumia-se no immenso vortice que tragou o imperio, até que a edade média, esse periodo de maravilhosas incubações, veiu abarcar a humanidade, lançando-a em somno reparador.

Durante a noite moral da meia edade, a natureza foi fertil em toda a casta de phenomenos, como se pretendesse saudar com os seus esplendores e maravilhas o brilhante acordar do genio moderno.

Esse periodo de magias e altezas, esse periodo em que a poesia e o culto do bello e da belleza se ligavam com a mais torva barbarie e a ignorancia mais cabal, deixou-nos descripções lindissimas de auroras boreaes. As metaphoras mais arrojadas, as imagens mais felizes, brotavam espontaneas da penna do monge, que vivia uma vida cheia de penitencias e flagicios nas grutas do deserto e nos desvios da floresta, ou dos labios do menestrel galanteador, que ia buscar á natureza conceitos para a sua *gaia sciencia*.

Outras vezes as auroras eram prenuncios celestes ou augurios fatidicos, que exprimiam os sentimentos de Deus.

Isidoro de Sevilha deixou-nos a narrativa da magnifica aurora que commemorou a invasão dos hunos. O piedoso philosopho attribuia os horrores das guerras, que talavam os campos e trucidavam os homens, ás chammas celestes que requeimavam os plainos do firmamento, e tragavam os anjos decaídos.

Fôra mui longo circumstanciar todos os successos, aos quaes, durante a meia edade, andavam ligadas, na imaginação dos homens, as auroras boreaes. Conforme eu disse nas minhas precedentes cartas sobre os cometas, os homens viam em todos os phenomenos da natureza, já a expressão das suas paixões, já os avisos da Divindade e a influencia das potencias celestiaes. O fanatismo explorava a ignorancia.

(Continua) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

HISTORIA DE UMA MEDALHA PORTUGUEZA [1]

I

D. Pedro IV — abra-se este pequeno conto com este grande nome — quiz um dia celebrar a ilha Terceira, chamando-lhe baluarte inexpugnavel da liberdade portugueza.

Disse bem o grande soldado.

E fez mais. Aos fóros de cidade, e *de muito nobre e sempre leal*, com que o senhor D. João III e outros soberanos houveram por bem galardoar os muitos serviços da villa de Angra, ajuntou o imperador o titulo — *De Heroismo*.

Favores de principes de que ella muito blasona e se gloria.

Com razão: não porque muito valham de per si, mas pelos meritos que aos povos reconhecem, quando sellados pela sua consciencia.

«Os reis dão premios, não dão merecimentos» escreveu Jacintho Freire na *Vida de D. João de Castro*.

Os quadros historicos da Terceira podem resumir-se em poucas linhas.

[1] Ignoro em qual dos annos 1855, 56 e 57, se passou o facto relatado n'este conto. Creio que foi por esse tempo, e não me engano talvez.

Viram os nossos antepassados, em 1439, aportar uma caravela onde Vasco da Gama, na volta da sua viagem á India, trazia Paulo, seu irmão, alquebrado pelas fadigas de longas viagens, e tão enfermo quanto depois nobilitado perante a posteridade.

E quando ainda os contristados habitantes recordavam as scenas do enterramento no convento dos franciscanos, e o ultimo abraço d'aquelles irmãos, que se esculpiram na historia, não em bronze, que os seculos apagam, mas em feitos que os homens se legam, uma vela aventureira desapparecia no pégo dos mares arrebatada pelo vento, como a folha sêcca dos valles. Um homem, encostado á amurada, fitava os olhos razos de agua na terra que lhe devorára o irmão.

Era Vasco.

E d'ahi, sómente despertaram d'aquella angustia para ouvirem uma grande voz. Era o padre Antonio Vieira, que, á volta das suas peregrinações, subíra ao pulpito da cathedral, em 1654. Com os olhos no ceo e o evangelho na mão, ensinava aos homens a vida de Christo: «Vim para servir e não para ser servido.»

Depois...

Passados quinze annos, no declive de uma montanha aprumada sobre o mar, um principe *sem reino, sem mulher, sem liberdade* [1], soffria com resignação de martyr uma longa expiação, terminada affim no palacio de Cintra. Chamava-se elle D. Affonso VI. Censure-se,

Que um fraco rei faz fraca a forte gente,

mas respeite-se o infortunio, que tem sua magestade tambem.

E nós, homens de hoje, vimos, ha trinta e quatro annos, nos vastos areaes da Praia [2], plantar, crescer, florir uma arvore immensa, que, bracejando de lá os seus ramos vigorosos, refloridos depois pela atmosphera do Douro, nos abriga a todos agora — a liberdade... mãe carinhosa, que até a ingratos quer!

E depois, no pendor d'aquelles rochedos, Garrett suspirando como os desterrados de Sião...

II

Foi lá, n'uma pequena villa, que se passou a historia que vamos referir.

— O Senhor da Misericordia me livre de más tentações! — dizia Genovinha, a namorada de Antonio, moço da aldeia, sempre que da sua janella via passar a cavallo, com os perdigueiros atraz, o fidalgo que a requestava.

— Pobre Genovinha! Ainda tão nova, que lembrança foi a tua de amar? — perguntava o prior da freguezia, homem de trinta annos, alma simples, que sabia tanto como eu do coração humano.

— Eu sei lá o que isto foi, senhor padre! — respondia a innocente com os olhos baixos, alisando os cabellos de uma criança que andava brincando no adro onde ella estava, e vinha a espaços, na volta da corrida, poisar a cabecinha loira entre as formosas mãos de sua irmã.

Ai, Genovinha da minha alma! Pois tu estavas ao pé de um padre na solidão de um adro?! E o padre é de tão poucos annos, e tu...

E tu eras tão bonita e elle era tão novo!

[1] É um verso da sextilha seguinte, cujo auctor se ignora quem foi (vid. J. D. de Castro).

TESTAMENTO DE D. AFFONSO VI

Eu fuy livre, fuy rey, e fuy marido,
Sem reyno, sem mulher, sem liberdade,
Tanto importa não ser como haver sido:
A Portugal só deixo esta verdade,
A meu irmão só deixo este memento,
Este é de Affonso Sexto o testamento.

[2] A villa da Praia da Victoria.

Tu sempre tens uns olhos! e elle sempre tem umas mãos... mãos de padre!

— Tontinha! tontinha! — dizia o padre prior. Que ha de ser de ti, se não tomares os meus conselhos?

— Ai, senhor padre! senhor padre! Eu já nem sei o que ha de ser de mim! Não sei se lhe quero, se não.. Parece-me que não é muito. Elle não passa nem dia, nem hora, que me não venha ver. É uma roda viva n'aquelle pobre cavallo!

— Com que então, vem todos os dias ver-te?

— Sim, senhor. E quer que lhe diga um segredo?

— Dize, filha, dize.

— E... e vem todas as noites.

— Todas as noites... oh!...

— Mas não é por mal, não é, acredite que não é. Nunca me tocou, Deus louvado, senão ás vezes nas mãos. E d'ahi começa a fallar... falla muito, senhor padre! Eu ponho-me a olhar para elle, e depois elle... vae-se embora.

— Mais nada, Genovinha?

— Pois que mais havia de ser?

— Vê tu lá bem o que dizes!

— Só se fosse...

— O quê?... Vamos a ver.

— Dar-me um dia esta cruzinha...

E tirou do seio trémulo um pequeno crucifixo de oiro.

Iam-se já com a noite fechando as flores. No ceo começavam as estrellas a tremeluzir. No ar redemoinhavam muitas aves aquaticas. Na praia o rapazio da villa brincava com as ondas e com as conchinhas do mar.

Pelos valles rolavam ainda as ultimas badaladas das Ave-Marias.

III

E assim passaram tres mezes.

Genovinha, interrogada, dizia sempre o mesmo, e a innocencia infantil com que o fazia confirmava a verdade, sua amiga, boa e leal a mais não ser.

Dizia-se, porém, que o fidalgo se enfadára, que Genovinha fingia, ou se enfadára tambem. Finalmente, que se tinha apagado a chamma pura d'aquelle amor.

E affirmavam as bisbilhoteiras e as comadres impertinentes que partira do morgado a iniciativa. Foi sempre assim a arraia miuda. Invejosa de quem quer elevar-se, allia-se ao forte para esmagar o fraco.

Pelos modos, Genovinha, diziam ellas, estava mesmo a perguntar-lhe para que elle a queria, senão quando — foi pelo S. João que o caso succedeu — o fidalgo, que estava no campo, perto d'alli, voltou para a cidade, levando comsigo as prendas que offertára a Genovinha, e por lá se ficára.

Perguntado o prior, respondia:

«Cuidae da vossa vida, irmãos, e meditae na vigilancia providencial. O pão nosso de cada dia, que Deus dá aos peccadores, por sua misericordia, não se rejeita inquirindo as fraquezas do proximo, mas agradece-se bemdizendo o seu nome nas boas obras, e cantando os seus louvores nas alegrias do coração.»

E tudo ficou em mysterio.

O dia amanhecêra fusco, e promettia ser longo como alguns dos precedentes, ermos de affectos, mas cheios de paz.

E, todavia, Genovinha era feliz — quem o não é com a pureza da consciencia? — No contentamento que sentiam seus paes como que adivinhavam pezares. Sorriam-se vendo a filha tão galante; sorriam-se aformoseando mais o coração com a adoravel innocencia d'aquella criancinha do adro, que, a um canto da casa, encostada a uma velha arca da cedro, brincava com um gato.

Tinha dado meio dia. Os dois esposos estavam ambos em casa. E vae o primeiro e disse:

— Ouve cá, mulher. Sabes que mais? Os rapazes compozeram-se. O Antonio é capaz: bem m'o dizia o pae, e mais o nosso vigario, que tanta vez prégação povo: *O bom filho á casa torna*... E é verdade, é. Mas, verdade ou mentira, elles accommodaram-se.

— Olha o milagre!

— Pois já o sabias?!

— Ha que tempo, louvado seja Deus!

— Leve o diacho as mulheres, que tudo sabem, ou o demo lh'o diz!

— Credo! Mãe Santissima! a Senhora do Amparo me valha!

— Não te enfades, mulher. E deixa lá os santos que estão muito bem no ceo... O caso é que elles accommodaram-se, e lá estão amigos como d'antes. E bem o podiam estar sempre, como o outro que diz... agora não me lembra o quê.

— Melhor fôra, melhor fôra...

— Mas em fim, lá o pae do fidalgo andou mais eu nas milicias, e como isto de folganças e galhofas é coisa que não põe nem tira...

— Isso dil-o tu; mas o mundo pega logo a bradar, e ninguem se veja na boca do mundo.

— Tal qual. Mas ainda ninguem se atreveu a dizer nada.

— Bemdito seja Deus! — concluiu seraphicamente a estremecida consorte.

IV

Pouco depois Genovinha dizia para Antonio:

— Meu pae já sabe que estamos amigos outra vez, e está muito contente.

— Quem t'o disse, embusteira?

— Olha!... a chamar-me embusteira! Cuida talvez que é mentira?!

— Mentira, não digo... has de perdoar, titubeou Antonio, muito encolhido, a fazer circulos no chão com o seu cacete. Foi graça tua, vinha eu a dizer: porque... tu bem n'o sabes... sempre és engraçada a desbancar!

— Engraçada? eu?

E riram ambos de vez.

— Ora, anda lá: vamos ao caso.

— Pois vamos. Mas olha que é segredo. Quem m'o disse foi minha mãe. Ainda não acreditas?

— Está bom, está bom. Agora basta.

— E não dizeis mais nada!

— Eu que hei de fazer? Ora, ora...

— Alegra-te! Dá cá um abraço, Antonio!

E no abraço exclamou:

— Sempre és bem envergonhado!

— Não sou atrevido, não...

— Pois é isso o que se quer, e guarde-vos Deus das tentações do inimigo, accrescentou o padre prior, que alli appareceu como por milagre. E cingiu-os a ambos com o immenso affecto da sua alma. Elles sorriam e o padre tambem.

Era um bello grupo!

V

Na manhã do dia seguinte sentiu-se na villa o tropear de um cavallo. O cavalleiro apeou-se á porta de Genovinha, que o veiu receber com seus paes. Era o morgado que voltava, talvez como o bom filho.

Eu conheci este sujeito. Fallava bem o francez, jogava melhor as armas, doidejava nas walsas como poucos, raros se lhe atreviam á competencia, e ainda menos se lhe avantajavam nos graciosos requebros do corpo, e não só do corpo, da alma tambem. Da alma... quero dizer: palavriado, estilo, metaphoras enamoradas, vecejante phrase de romance em fim. Mas a sua mania principal, a sua occupação predilecta, era escrever n'um grande album que tinha, e mais particularmente nos albuns alheios.

Annos ha, que tendo eu o seu album em minhas profanissimas mãos, lá encontrei estas linhas, corrompidas pelo influxo magnetico dos taes requebros espirituaes, mas distilladas do coração por este alambique magico e magno, chamado — pena. Perdôe-se-me a alliteração, que não sei se é justa.

Dizia assim o album:

....

XV

«Ás vezes deixava eu a triste solidão da minha casa de campo, e vinha passar a noite nas salas onde me recebiam, como todos os que sabem com elegancia cingir nas danças uma mulher formosa; e que, para não sentirem o tedio das horas, montam a cavallo com o garbo de um cossaco, e correm um dia inteiro na pista de uma lebre; finalmente, como todos os que ao jogo, devorados pelas harpias da ambição, desperdiçam n'um quarto de hora a subsistencia de uma familia pobre.

«Os homens acolhiam-me com o sorriso que não dá compaixão, mas reflecte o pensamento de que vos julgam meio alienado. Comprimentavam-me as mulheres com a virtuosa reserva de quem receia manchar-se fitando o homem que *não sabe guardar o seu logar*, amando uma camponeza descalça, filha de miseraveis. Os rapazes... oh! esses perguntavam, aspirando a graciosos em allegorias, se o zangão montanhez haurira já o mel da flor agreste.

«Eu ouvia todas as perguntas com affabilidade; respondia com muito agrado a tudo, e, á volta, colligia as minhas diversas observações.

«No meio d'estes grupos trajados de setim, recamados de oiro, mas roidos pelos vermes das conveniencias hypocritas, só tu avultavas, Genovinha, erguida acima d'elles. Eras como a luz que jorra do alto sobre um cemiterio. Porque era a luz do teu coração que me tinha desvendado quando eu os conheci, áquelles cadaveres! Dorme n'elles o torpor dos paralyticos, a frieza do marmore, a immobilidade da estatua!

....

XX

«Depois vieram todos os demonios das paixões ruins, e entraram-me no coração immaculado, como serpentes venenosas em matta virgem, ás horas em que o sol escalda, e apenas se ouve nos prados o zumbir monotono do moscardo e a voz estridula da cigarra.

«Idylios entre as messes, amores de aldeia, devaneios no adro de um presbyterio... ingratos! Dei-vos o viço todo d'esta existencia, toda a opulenta seiva d'estes annos, e agora, em paga, sinto embrandecer, extinguir-se quasi de todo a vontade — que eu já não tenho vontade sequer, nem energia, nem nada!... D'onde vem senão de vós este lento amollecer e quebrantar de todas as faculdades?...

«E, todavia, acreditei na ventura d'aquelles sonhos.

«Amar uma aldeã, uma filha ingenua do campo e da pobreza... oh! quanto isso deve ser bello e amoroso como os gorgeios da ave! e consolador para dois corações singelos, como a folhagem dos alamos que nos ha de abrigar em candidas confidencias!

«Mais um sonho de que acordei febril! Mais uma flor de alma que emmurcheceu e se finou, deixando a semente d'esta ancia ardente — esta voragem interior em que a minha alma irresoluta se debruça e estremece, mas onde se ha de arrojar alfim!... que lá...

«Lá está a salvação!

....

XXX

«Que sinto e ambiciono eu agora? Eu quero os esplendidos triumphos das virtudes havidas pelos homens como firmes e inabalaveis! De rastos a meus pés, curvada á força vehemente da minha vontade, quero-lhes dizer de frente: «Não sois mais que um nome!»

«Então a mulher nobilitada por este amor, engrandecida pelos affectos da minha alma, me ha de bemdizer e amar!

«E todos, vendo-me perpassar entre elles, fatal como o raio devastador, dirão em sua consciencia humilde: «Lá vae o homem forte!»

«Mas então... quem sabe?... talvez que eu diga: Ai! que é da minha alma, Senhor! Déste-me uma alma que parecia rociada pelos balsamos da bemaventurança, bafejada pelas exhalações do teu ceo e pelas musicas dos teus anjos...

«E tiras-m'a, Senhor!»

E digam que morgados difficilmente escrevem uma carta, e o mais que fazem é uma quitação pelo rascunho do avô!...

Mirem-se n'este espelho!

VI

Quando o nosso amigo e sr. morgado saía d'aquella casa, saía tambem a calumnia do seu antro negro, protestando contra um contrato, por ella inventado, infame e vil como ella.

Derramou-se immediatamente por toda a villa aquella voz.

Ao outro dia, pela manhã cedo, partiu o namorado Antonio, cheio de pezares, com firme tenção de se embarcar para o Brasil.

Houve logo, como ha sempre, quem o fosse dizer a Genovinha. Ella ouviu tudo, não chorou, não respondeu nada — empallideceu.

Que horas amarguradas as d'aquelle dia!

A' tarde foi ella sentar-se n'um rochedo empinado sobre o mar. As lagrimas, até então retidas, caíam-lhe ás bagas pelas faces descóradas. Sentiu alliviar-se-lhe o peito opprimido com tanta crueldade. Scismou em si, scismou na vida, scismou na bemaventurança, recompoz o seu paraiso perdido, e viu este mundo por um véo de lagrimas.

Mas, a pouco e pouco, foi-se de todo aquelle passageiro allivio.

Então é que ella ambicionou a morte com a torvação das almas nobres, que, na sua muita dor, se crêem feridas para sempre. E o abysmo attrahia-a com a consolação da eterna paz do tumulo... Por fim, arrojou-se ao mar.

Aconteceu que, andando por alli proximo uma mulher apanhando mariscos, e sentindo o rumor das aguas que se abriram para receber aquelle corpo gentil, percebeu, ainda nos ares, a ultima ondulação do seu vestido, e, de um jacto, afundou-se tambem.

Conseguiu ainda roubar a infeliz á furia das ondas, com que ella, mulher destemida e intrepida, arcára tanta vez.

D'entre a chusma do povo que se apinhára na praia, prorompeu a voz do desventurado pae, bradando:

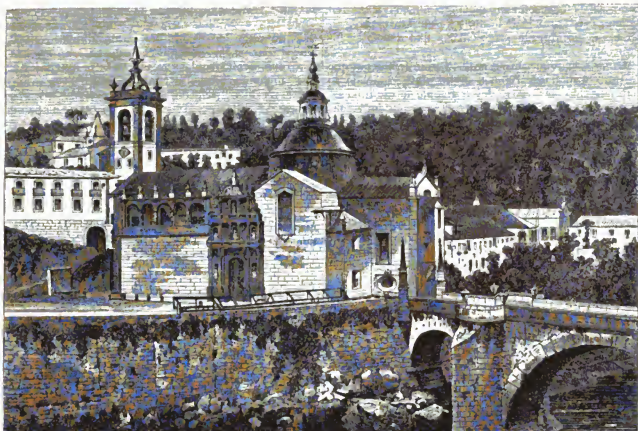
— Morta ou viva?

E nem uma voz lhe respondeu!

(Continua) ALBERTO TELLES.

THEMAS CLASSICOS

Agathocles, por seu valoroso animo e grande prudencia, veiu a ser rei da Sicilia, com ser filho de um oleiro; do que elle tanto se lembrava vendo-se no throno, que mandava que nos convites e banquetes, entre os vasos de oiro e prata, o servissem com outros de barro.

A. FERREIRA DE VERA.

Convento de S. Gonçalo em Amarante

Quando a pag. 286 do volume VII tratámos da pittoresca villa de Amarante, que se mira nas cristallinas aguas do Tamega, gentilmente sentada no seu throno de perennes verdores, promettemos publicar em gravura a vista do templo e convento de S. Gonçalo. Desempenhâmo-nos hoje d'esta promessa.

Pelo que então escrevemos, sabem os nossos leitores como S. Gonçalo escolheu para fazer vida eremitica um sitio solitario e pedregoso, sobranceiro ao rio Tamega, onde edificou uma ermidinha consagrada á Virgem Maria. Sabem como este piedoso varão attrahiu a si o amor e veneração dos povos de muitas legoas em derredor; e como, levado do seu espirito caridoso, construiu com as suas proprias mãos uma ponte sobre o Tamega, e por baixo da ermida, para commodidade do publico, e evitar os perigos e desgraças que succediam aos viandantes na passagem do rio a vão. Sabem, finalmente, como por morte do santo a sua sepultura se tornou um logar de peregrinação dos fieis; como aquelle ermo se viu de improviso constantemente povoado; e como d'esta concurrencia de gente de todas as classes e condições nasceu a villa de Amarante.

No mesmo artigo acima citado démos uma noticia historica do convento da ordem dominicana, erigido em 1543 por devoção popular, e com auxilio del-rei D. João III, no proprio logar onde vivêra e fallecêra S. Gonçalo, a quem foi dedicado o templo, ficando-lhe a servir de uma das suas capellas a antiga ermida em que o santo jaz. Accrescentâmos agora áquella noticia mais algumas particularidades.

Muitos annos antes da fundação planearam os habitantes de Amarante honrar a memoria do seu antigo bemfeitor, levantando uma egreja sumptuosa de modo que lhe ficasse dentro a ermida com o sepulchro do santo.

Em 1540 esforçaram-se o mais possivel para realisar estes pios desejos; porém a situação da ermida, quasi pendurada das rochas sobre o rio, e a elevação de um monte, eriçado de rochedos graniticos, a cavalleiro da ermidinha, offereciam tantas e taes difficuldades á obra projectada, que os devotos mais animosos esmoreceram, e, se não desistiram do seu proposito, viram-se obrigados a adial-o, esperando por occasião mais propicia.

Não tardou muito a deparar-lhe a Providencia o ensejo suspirado. Os frades do convento de S. Domingos de Guimarães, onde S. Gonçalo professára, sabendo das diligencias em que andavam os moradores de Amarante, e dos obstaculos com que luctavam, pediram a el-rei D. João III que, attenta a sua grande affeição á ordem dominicana, quizesse concorrer para se fundar um convento d'esta ordem na dita villa e logar da sepultura do santo. Annuiu o monarcha ao pedido, e começou os auxilios enviando um architecto da corte para traçar a planta do edificio, e dirigir os trabalhos da construcção de maneira que se alcançassem os fins desejados.

O elegante chronista da ordem de S. Domingos descreve nos seguintes termos as difficuldades do terreno que o architecto teve de vencer: «Ficou o monte talhado a prumo, tanto até ás entranhas e centro d'elle, que corre toda a egreja a olivel com a sepultura do santo; e além de todo o comprimento d'ella, que é grande, faz no mesmo andar uma boa rua, entre a porta principal e a rocha, que dá serventia para a portaria do convento. Mas aqui se mostra e é de ver o muito que se alcançou com a força e mãos dos homens; porque sóbe a rocha talhada e direita para o ceo, como se fôra um muro de uma só pedra; e em tanta altura, que senhoreia todo o convento e o mais alto ponto do telhado da egreja. Ficou o convento com

dois claustros e suas fontes; obra bem feita mas moderada em grandeza, como convinha para em terra fria, e pela baixeza do sitio ser sujeita a grandes nevoeiros e humidades. Os dormitorios, ao mesmo respeito, de bom gasalhado, mais que fausto e sumptuosidade: cerca grande de horta, e frescura de arvoredos, ao longo do rio, de propriedades que depois se foram comprando.»

Como esta fundação se realisasse ao tempo em que se introduziu n'este reino a architectura chamada do renascimento das artes, foi o templo de S. Gonçalo um dos primeiros edificios que se erigiram em Portugal n'este estilo de architectura.

A frontaria do templo é de um gosto pesado, e de fórmas pouco esbeltas, mas é rico, pois que, dividindo-se em tres corpos, são decorados com dez columnas e com seis estatuas, dispostas duas no corpo inferior, ao lado da porta principal; tres no do centro, e uma no superior. Esta fachada fica ao lado da capella-mór, correspondendo, por conseguinte, a porta principal ao cruzeiro. A parede do corpo da egreja, que se prolonga com a dita fachada, é toda aberta na parte superior em uma formosa galeria de cinco arcos, divididos por seis cariatides.

O interior do templo não tem magnificencia, a não ser a obra de talha doirada que lhe guarnece os altares. N'este genero de ornato é mui rica a capella onde se acha o sepulchro de S. Gonçalo.

É muito concorrido de romagens este templo, principalmente no dia 10 de janeiro, em que se festeja o seu orago com muita solemnidade. É ainda ao presente um dos sanctuarios mais populares da provincia do Minho. Serve esta egreja de parochia, e conserva-se em muito bom estado.

O convento, como diz fr. Luiz de Sousa, é moderado na grandeza. Na architectura tambem é modesto. Estende-se pela cêrca, cujos muros são banhados pelo Tamega. Pela extincção das ordens religiosas estabeleceram-se n'elle diversas repartições publicas.

A nossa gravura é cópia de uma photographia do sr. Seabra. Ácerca da ponte, da qual a mesma gravura mostra uma parte, e a respeito da primitiva, construida por S. Gonçalo, veja-se o que escrevemos no vol. e pag. que citâmos no principio d'este artigo.

I. de Vilhena Barbosa.

CONSTANTINO

(REI DOS FLORISTAS)

(Vid. pag. 38)

Gloriosas conquistas do talento e do trabalho! O obscuro recruta de 1820, engeitado pelos parentes, repellido e esquecido pela terra que o vira nascer, agora, volvidos trinta annos de fadigas e peregrinações, é alli mesmo recebido com acclamações; todos á porfia o querem conhecer; os genealogicos traçam-lhe arvores de costado guindando-lhe a ascendencia; esquartelam-lhe brazões; dão-lhe remota linhagem, porque um rei, ainda que seja de floristas, quer a vaidade mundana que tenha prosapia secular! Mas não foi pelos meritos da sua estirpe que a França conferiu a Constantino o sceptro da arte que elle professa, foi pelas suas obras.

São já infinitos os exemplos de que a nobiliarchia moderna não necessita de avós para blasonar os seus escudos, porque o talento e o brio não se recebem de juro e herdade como a fidalguia antiga; qualquer plebeu póde subir ao primado das maiores honras, sem outros pergaminhos que os titulos da sua superioridade nas sciencias, nas artes, na industria.

Constantino trouxe de Moncorvo um archivo de genealogias, que o entroncavam nas principaes casas da nobreza do reino, desde o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e lhe davam direito a dezoito appellidos, e a carregar o escudo das suas armas com os mais vestutos emblemas da heraldica peninsular. Tudo isto se publicou em Paris, n'um grande volume, no anno de 1854. Mas este fabulario nunca chegará a apagar o nome chão de *Constantino*, que por esse é elle conhecido em todo o mundo, e os seus diplomas artisticos não tem outro. Se a França lhe conferiu o titulo de rei dos floristas, contente-se de ser Constantino I na sua arte. Isto é o que hão de dizer os futuros paleographos, que valem mais que os Lafontaines da genealogia.

Documento de valia e nobiliario, mais que todos quantos Constantino trouxe de Moncorvo, foi a acta da camara municipal que já transcrevemos. Ahi, n'essa honrosa pagina dos annaes do municipio da sua terra, tem o nosso grande artista um padrão indelevel que muito o ennobrece, e de que póde ufanar-se sem vaidade nem censura. N'elle se reconhece que dera honra á sua patria, pela reputação européa que adquirira; e não ha maior fidalguia que dar renome á patria pelos proprios feitos e não só pelos avoengos.

Nos poucos dias que se demorou em Moncorvo, Constantino recebeu dos seus patricios toda a especie de testimunhos de affecto e consideração.

A despedida foi não menos solemne que a recepção. A camara e os notaveis do concelho assistiram com o nosso artista a uma missa cantada na egreja matriz, para que o Omnipotente lhe concedesse prospera viagem.

Constantino deixou uma larga esmola aos pobres da sua terra, e prometteu que alli, entre os seus, viria repoisar para sempre.

Regressando a Paris, por terra, demorou-se alguns dias em Madrid, onde teve a honra de ser recebido pela rainha de Hespanha, e pelas mais pessoas da familia real. Por essa occasião foi apresentado á condessa de Montijo e a sua filha, a condessa de Teba, hoje imperatriz dos francezes, que residiam no palacio de Caramanchel, a uma legoa de Madrid.

Assim que chegou á sua fabrica, foi recebido com demonstrações de jubilo e cordialidade por todos os seus obreiros; e desde logo começou os trabalhos para a exposição de Londres em 1851. N'elles empregou sete mezes, e todo o pessoal da sua officina, que se compunha então de sessenta e duas pessoas.

Orçaram as despezas que fez n'esta exposição em 119:235 francos (11:462$300 réis), entrando o aluguer de armazem e residencia em Londres, durante dez mezes, a 1:200 francos por mez.

Logo que se abriu o palacio de cristal, todos concorreram a admirar a exposição de Constantino. Estava alli patente, n'um vergel das mais raras e mimosas plantas, flores e arbustos, todo o poder da arte, todo o esforço do genio, vinte annos do estudo da natureza, um dispendio de grande cabedal, para que a França e Portugal avassallassem todas as outras nações n'este ramo.

O jury coroou dignamente os esforços do artista portuguez conferindo-lhe a grande medalha, depois de o ter proclamado como o primeiro de todos os floristas.

Os jornaes de Londres, e os correspondentes dos de Paris, exaltaram com extremos louvores os trabalhos de Constantino, e referiram as honras que lhe fizeram os soberanos e principes estrangeiros.

Mencionaremos algumas, por serem tão gratas ao nosso artista, como honorificas para Portugal.

S. A. a duqueza de Orleans, acompanhada de mr. Thiers e outros ex-ministros de Luiz Filippe, indo visitar a exposição de Constantino, que ella conhecia de Paris, depois de o ter felicitado, disse:

«Espero, sr. Constantino, que a França recompensará dignamente o vosso grande talento e os immensos sacrificios que tendes feito para a representar aqui tão gloriosamente.»

A rainha Maria Amelia, protectora de Constantino, foi por vezes admirar e louvar as flores que elle tinha na exposição.

A rainha de Inglaterra, acompanhada do principe Alberto; do rei e da rainha da Belgica; do principe real e da princeza da Prussia; das duquezas de Kent e de Cambridge; do duque de Wellington, etc.; querendo manifestar a Constantino a admiração que lhe causára a belleza das suas flores artificiaes, dirigiu-se a elle, e disse-lhe:

«Ha dias que desejo fallar-vos. Conheço-vos ha muito de reputação. Queria dizer-vos que admiro o vosso talento, e tive grande prazer de examinar os vossos magnificos trabalhos.

«Para mim, é o que acho mais bello n'esta exposição. Os diamantes quasi todos tem defeito; as vossas flores não tem nenhum.»

N'outra occasião, indo a mesma soberana, com o principe Alberto e o seu sequito, visitar a exposição hespanhola, que ficava junto da galeria portugueza, onde se achava Constantino, dirigiu-se elle á rainha dizendo:

«Peço a vossa magestade a graça de permittir que eu lhe mostre a exposição dos meus compatriotas. Posto que resida em França ha dezoito annos, amo sobre tudo o meu paiz, e o meu coração será sempre portuguez.»

A rainha annuiu, e deteve-se muito tempo a examinar os nossos productos.

Constantino concorreu tambem para realçar a exposição de Portugal em Londres.

Tendo sido convidado pelo sr. conde de Thomar, então presidente do conselho de ministros, para tomar parte na exposição dos productos portuguezes que se deviam remetter para Inglaterra, Constantino hesitou, por ser já expositor de Paris; mas, por impulso de amor patrio, annuiu ao convite por uma carta que foi publicada e applaudida pelos jornaes de Lisboa.

Era necessario, porém, que as flores viessem primeiro a Portugal, e não havia tempo para satisfazer a este requisito.

Constantino tinha já declarado á commissão real de Paris que remetteria para Londres dez caixas. Não era permittido augmentar este numero, e só n'essas se podiam metter as flores para a exposição portugueza, que ainda não estavam sequer começadas, e faltavam apenas seis semanas para findar o praso da remessa.

Ainda mais. A mesma commissão real de Paris tinha declarado que nenhum operario podia trabalhar senão para a exposição do seu proprio paiz.

Constantino porém, em desempenho da promessa feita ao governo portuguez, rompeu todos os obstaculos. Chamou os seus operarios, e, debaixo de segredo, declarou-lhes que haviam de fazer as flores que tinha promettido para a exposição portugueza. Augmentou-lhes o salario; trabalharam dia e noite, e em cinco semanas estava tudo concluido.

Em oito caixas enormes metteu Constantino toda a exposição franceza; e em duas mais pequenas as flores para a exposição portugueza.

Foi por este modo astucioso que elle fez nas dez caixas ambas as remessas.

Logo que tudo chegou ao palacio de cristal, Constantino pôde ardilosamente transportar da secção de França para a de Portugal as flores e a estufa.

Tal foi o modo engenhoso por que o nosso artista contribuiu, tão briosamente, para realçar a collecção de productos que enviámos áquelle portentoso alardo da actividade universal.

E não parou aqui o seu empenho, para que Portugal se apresentasse dignamente no concurso em que pela primeira vez entrava com todas as nações. Vendo que os productos que para alli tinhamos enviado estavam mal dispostos, confundidos e sem facil accesso ao exame do publico, pediu e obteve permissão para alterar tudo, no que dispendeu á sua custa mais de mil francos, e oito dias de trabalho.

A mudança foi tão completa, que indo a rainha de Inglaterra visitar por segunda vez a exposição portugueza, perguntou se tinham chegado novos productos de Portugal!

Durante a sua estada em Londres, Constantino alugára magnificos salões em Regent-Street, para a venda dos seus artefactos, e era ahi o *rendez-vous* da aristocracia européa. As familias reaes de Inglaterra, França, Russia, Belgica, Prussia, etc., alli foram admirar e adquirir por alto preço os primores da arte floristica, em que o nosso compatriota excelle por modo assombroso.

Encerrada a exposição, recebeu elle a summa recompensa de tantas fadigas, o supremo galardão do seu merito, o unico premio de tantos dispendios. O jury conferiu a grande medalha ás flores artificiaes de Constantino. Segunda vez o proclamou *rei dos floristas*, e mestre de todos elles.

Duas nações participaram da gloria de Constantino — a França, sua patria adoptiva — Portugal, a terra do seu nascimento.

Tal é o cosmopolitismo do talento, que afama não só o paiz natal, mas o seculo em que resplandece!

Regressando a Paris, Constantino recebeu a medalha ingleza das mãos do presidente da republica, hoje Napoleão III, na solemne distribuição que se fez na sala do circo dos Campos-Elysios.

Para agradecer aos seus operarios a actividade e perfeição com que haviam trabalhado, sobre tudo nas flores destinadas á exposição portugueza, que tiveram de fazer-se com o recato e brevidade que já referimos, Constantino deu um sumptuoso baile a que assistiu a legação portugueza, muitos dos nossos compatriotas que se achavam em Paris, e um numeroso concurso de artistas francezes.

A maior homenagem, porém, que se tem feito ao raro talento de Constantino, foi de certo o memorial que a corporação dos floristas de Paris dirigiu a Napoleão, pedindo-lhe que o condecorasse com a legião de honra.

Esquecendo rivalidades, e confessando a superioridade de um estrangeiro (raro exemplo este!), os floristas de Paris quizeram que a sua corporação fosse honorificada pela distincção conferida áquelle que os tinha vencido, e que era o primeiro entre elles, pelo seu merito, e pelo triumpho que alcançára para a França na exposição universal de Londres.

Documento tão honroso para os artistas francezes, como lisongeiro para o nosso compatricio, merece que o traduzâmos litteralmente.

«Ao Serenissimo Principe Presidente da Republica.

«Senhor — Confiados na alta protecção que vós concedeis ás artes e á industria, os abaixo assignados, fabricantes de flores, vem solicitar da vossa munificencia a condecoração da legião de honra para um seu collega, não só artista eminente, mas tambem fundador de uma fabrica importantissima, o sr. Constantino, que obteve na exposição de Londres a grande medalha.

«Ha dezoito annos que o sr. Constantino estabeleceu em Paris uma fabrica de flores artificiaes. A esse tempo a industria das flores não excedia a tres milhões de francos; hoje passa já de quatorze milhões.

«Os abaixo assignados, representantes d'esta industria, confessam lealmente, que mui grande parte d'este notavel incremento se deve ao sr. Constantino.

«Com talento e perseverança no trabalho, este artista portuguez não só conseguiu ser em França um industrial afortunado, mas produzir os primores d'arte que lhe conquistaram a grande medalha. Obtendo o voto do jury internacional que lhe conferiu esta distincção, o sr. Constantino exaltou a nossa industria, e contribuiu tambem para a gloria de França.

«A Inglaterra tinha no palacio de cristal uma exposição magnifica de flores artificiaes. Se não fôra o sr. Constantino, a ella pertenceria a grande medalha.

«Se acaso se realisasse esta proclamação official da victoria da Inglaterra, não arrebataria ella á França este ramo de exportação, tão consideravel já, que occupa em Paris mais de dez mil operarios de ambos os sexos?

«Esta medalha conferida a Constantino, não só manteve á França, nos paizes estrangeiros, a exploração d'esta industria, mas contribuiu para augmentar rapidamente o movimento d'este nosso commercio.

«Já nas exposições francezas o sr. Constantino havia obtido os premios mais avantajados que se concediam á industria das flores. Até então nunca estes artefactos tinham sido admittidos nas classes superiores. O sr. Constantino foi quem lhes deu essa cathegoria na exposição universal de Londres.

«Foram os jurados de todos os paizes, em todas as sciencias e artes, que, avaliando as difficuldades vencidas, admirando a delicadeza, a naturalidade e perfeição das flores de Constantino, proclamaram a industria que tal produz, uma grande industria, e lhe conferiram a grande medalha.

«Os abaixo assignados, Senhor, ousam pedir-vos, que um producto francez que na exposição universal foi declarado digno do primeiro premio, tão porfiadamente disputado, e com tanta parcimonia concedido á França, seja tambem merecedor da alta recompensa creada pelo genio francez para honrar o merito.—De V. A. Imperial, mui humildes, mui obedientes e mui fieis servos.»

(Seguem-se as assignaturas dos 100 principaes floristas de Paris.)

(Continua) A. DA SILVA TULLIO.

BRAGA

RUA NOVA DE SOUSA E PORTA NOVA

O viajante que se dirige pela primeira vez á bella capital do Minho, não precisa ter noticia dos fastos e preeminencias da egreja bracharense para reconhecer, apenas a avistar de longe, que vae entrar em uma cidade religiosa por excellencia. Assim lh'o revelam as torres e cúpulas dos numerosos templos que se elevam aos ares, cortando em toda a sua extensão a linha quasi horisontal dos mais edificios da cidade. Penetrando, porém, no interior da povoação, reconhece desde logo que a cidade cresceu e aformoseou-se sob a protecção do poder theocratico. Não ha ahi monumento ou edificio publico, construido até aos principios d'este seculo, que não tenha por timbre a cruz primacial, ou que não ostente o chapeo archiepiscopal coroando o brazão de armas do fundador.

Os arcebispos de Braga não se limitaram a deixar commemorado o seu poder espiritual, e assignalada a sua piedade religiosa, na fundação de tantos e tão ricos templos que ennobrecem a cidade; levantaram tambem honorificos padrões do seu poder temporal nos importantes estabelecimentos pios que erigiram, e na construcção de mui variadas obras de utilidade publica, ou de simples adorno da povoação.

Já temos apresentado aos nossos leitores, em diversas gravuras, evidentes provas do que acabâmos de asseverar. N'este numero offerecemos-lhes mais outro documento, mostrando-lhes uma vista da *rua Nova de Sousa*, mandada abrir pelo benemerito arcebispo D. Diogo de Sousa, no anno de 1512.

Ao aceno d'este prelado, de quem temos fallado por tantas vezes n'este semanario, exaltando-lhe as virtudes e descrevendo-lhe as obras, rompeu a cidade de Braga o estreito cinto de muros com que a apertára el-rei D. Diniz. Até ao anno de 1505, em que D. Diogo de Sousa foi assumpto á cadeira primacial de Braga, achava-se quasi circunscripta esta cidade ao que hoje se chama *as Travéssas*, que é a parte comprehendida entre a sé e a egreja de S. Thiago.

Durante os vinte e sete annos que cingiu a mitra de S. Geraldo, D. Diogo de Sousa deu um grande desenvolvimento á cidade, traçando novas praças e ruas, com que lhe augmentou consideravelmente o ambito. A rua que d'elle recebeu o nome é uma das melhores da cidade. Termina de um lado no *campo das Hortas*, e do outro na *rua do Souto*, que lhe faz continuação, e foi aberta pelo mesmo tempo em um souto de castanheiros, cuja madeira se empregou na reforma do tecto da cathedral, por occasião das grandes obras de reedificação da dita egreja, executadas por aquelle prelado.

A *rua Nova de Sousa* corre de éste para oéste. É toda guarnecida de casas de diversos andares, com as lojas occupadas por estabelecimentos commerciaes de differente genero.

Na extremidade de oéste, no logar em que a rua desemboca no *campo das Hortas*, levanta-se um bello portico a que bem quadra o titulo de *arco triumphal*. Foi construido no ultimo quartel do seculo passado pelo senado da camara, sob o pontificado de D. Gaspar de Bragança, filho legitimado del-rei D. João v. Em honra d'este principe, como senhor de Braga, se collocou o seu brazão, que é o das armas reaes coroado pelo chapeo archiepiscopal, na frente principal do arco que olha para oéste. Do outro lado corresponde ao brazão um nicho com uma imagem de Nossa Senhora da Nazareth, que os visinhos festejam em 8 de setembro.

Tem o arco por ultimo remate a estatua da cidade de Braga. Estava primitivamente esta figura sobre uma mesa de pedra, que ainda se conserva no sitio das Carvalheiras, e que é uma lapida romana, da qual faz menção D. Jeronymo Contador de Argote nas *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*, tomo I, n. 390. D'esta mesa foi mudada a estatua para o meio da arcada do campo de Sant'Anna [1], antes de se edificar o templo de Nossa Senhora da Lapa. Por causa d'esta obra foi transferida d'alli em 1757 para o lado do norte da mesma arcada. Passados annos, concluido o arco da rua Nova de Sousa, foi a estatua novamente mudada para cima d'elle.

Chama-se este arco *porta Nova* por ter sido edificado no mesmo logar em que existira uma porta dos muros da cidade do dito nome. Esta porta foi obra do arcebispo D. Diogo de Sousa, quando mandou abrir aquella rua.

A porta antiga era de menores dimensões, e da parte de dentro, isto é, do lado de éste, que olha para a rua, tinha uma capella ou oratorio com uma imagem de Nossa Senhora da Boa Nova, e n'ella erecta uma confraria, a qual, quando se demoliu a porta antiga para se construir a actual, foi incorporada na irmandade de Nossa Senhora a Branca; e a imagem foi trasladada para a capella d'esta irmandade, situada no campo da mesma invocação, e que na sua origem fôra fundada pelo citado arcebispo D. Diogo de Sousa [2].

O portico actual é considerado como a porta prin-

[1] Vid. a gravura a pag. 49 do vol. IV.
[2] Vid. pag. 332 e 331 do vol. VII.

cipal da cidade. Por esta razão é por aqui que fazem a sua entrada solemne os arcebispos; e junto d'elle a camara faz a ceremonia da entrega das chaves da cidade. O mesmo se pratica na entrada dos soberanos.

A nossa gravura é cópia de uma photographia da collecção do sr. Seabra.

Aproveitâmos a occasião de fallarmos da cidade de Braga para emendarmos um erro em que caímos a pag. 49 do vol. VI, dando como existente no campo de Sant'Anna da mesma cidade a ermida d'esta invocação, edificada pelo prelado acima referido. Esta ermida foi ha muito demolida; e a irmandade de Sant'Anna, como a do Senhor dos Passos, que da egreja do Populo tinha sido mudada para alli, foram primeiramente para a egreja de Nossa Senhora da Lapa, e d'esta para a de Santa Cruz [1].

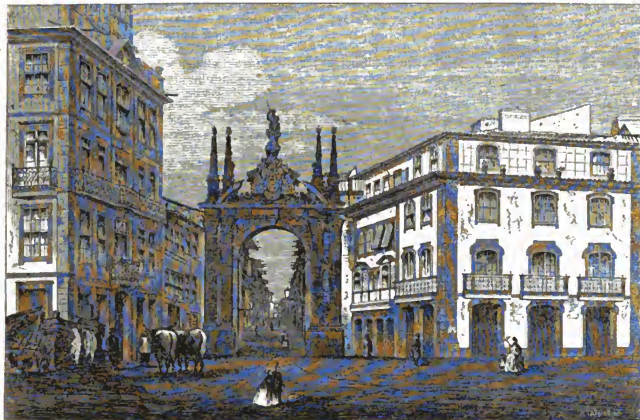
Da antiga ermida de Sant'Anna resta o lindo portal gothico, que existe em uma travéssa que vem desembocar no campo do mesmo nome, servindo de porta de um quintal.

I. DE VILHENA BARBOSA.

HISTORIA DE UMA MEDALHA PORTUGUEZA

(Conclusão. Vid. pag. 158)

VII

O *Angrense* referiu o acontecido. A imprensa toda reproduziu a noticia, chegando ao conhecimento da Real Sociedade Humanitaria do Porto, sempre attenta para recompensar os actos de heroicidade.

Rua Nova de Sousa e Porta Nova, em Braga

Entretanto, Genovinha recobrava os sentidos, e ia cada vez a melhor.

Antonio tinha voltado á villa. Fechado sempre em casa, chorava amargamente a perda d'aquella affeição dos primeiros annos, a mimosa Genovinha, perdida sem remissão, perdida por culpa sua e dos seus arrebatamentos, perdida — como elle dizia — sem mais nem mais, sem mais aquella que as bocas do mundo!

Ora, uma tarde, entrou-lhe por casa dentro a audaciosa mergulhadora que salvára a infeliz amante, a senhora Sabina Eugenia.

Virou-se para elle, poz galhardamente as mãos na cintura, e disse:

— Ó Antonio, que é isso, homem?

— Deixe-me cá vossemecê com a minha vida, que não são poucos os trabalhos, não.

— Tu estás doido, rapaz! Anda d'ahi vêl-a, Antonio! Que assim Deus te perdôe e mais a mim, como ella te ha de perdoar o mal que lhe fizeste. Valha-te Nossa Senhora do Carmo!

E travándo-lhe do braço, arrastou-o comsigo até á cabeceira da enferma. Antonio caiu de joelhos e desatou n'um chorar afflictivo. Genovinha chorava tambem, mas eram lagrimas de alegria, como as de seus paes, que lhe estavam á cabeceira. Sabina Eugenia era só quem não chorava. Quando lá muito bem entendeu, pegou em si e disse:

— Componham-se... componham-se... que é o melhor. Tanto chorar é coisa que não faz bom cabello!

Genovinha enxugou o rosto e disse para o desgraçado moço:

— Tu não foste o culpado da minha desgraça, Antonio. Essas lagrimas são outros tantos annos de vida que tu me fazes perder. Eu não tenho que te perdoar. Quem tramou tudo isto foi o mundo. Perdoemos-lhe ambos para que Deus nos perdoe tambem os nossos peccados.

E ficou banhada em lagrimas.

— Fallaste bem, rapariga! — exclamou a mulher forte.

E voltando-se para Antonio:

— Vós não dizeis nada? Sois mesmo um mólho de palha! Estaes para ahi tão calado que nem que estivesses á missa!

— Pois eu que hei de dizer?... — exclamou Anto-

[1] Vid. pag. 105 d'este volume.

nio. Eu antes queria morrer que vêl-a assim... esta joia!

— Vossemecês não querem ver?! — tornou Sabina. Forte aborrecido! É perciso metter-lhe as coisas pelos olhos dentro. O que ella quer agora é ver-te esperto, esperto como um alho, rapaz!

— Elle assim será...

E lançou a vista a furto para a enferma, que sorria docemente.

N'esse momento lançava ancora no porto de Angra uma embarcação portugueza. Apenas visitada, espalhou-se logo que trazia um grande presente para Sabina Eugenia.

Era a medalha de prata, diploma e brincos de oiro, que a Real Sociedade Humanitaria enviava para recompensa da varonil coragem de Sabina Eugenia. Cuidou logo o governador civil do mais apparatoso modo por que se havia de conferir a justa distincção á homerica heroina.

Coincidia, por felicidade, e para mais ar de festa, a proximidade do casamento de Antonio e Genovinha, promovido pelo fidalgo que levára o dote n'aquella manhã em que a maldade pretendêra empeçonhar tão nobre acção. Era uma casa pequena, mas muito nova, situada ao centro de magnificas terras de pão. Assentou-se que o mesmo dia alluminasse ambas as festas, aproveitando-se a coincidencia, a instancias do morgado.

Que differença elle faz de então para hoje! Que mudanças n'aquelle caracter ainda generoso, mas já um pouco ruimmente aprosado! Quem me havia de dizer, ha seis mezes, quando o vi, passados cinco ou seis annos, que era o mesmo homem aquelle! Deixou o ceo das idealidades para entrar na realidade da vida.

Uma vez que lhe pedi o album para seguir a cada pagina os progressos da sua penna, respondeu-me assim: «Tu ainda estás lá com phantasmagorias na cabeça, mas has de cá vir dar, como eu, ao positivismo da vida. O album não sei se ainda terá algumas paginas. Tenho desfeito aquelle emplastro em buchas para quando vou caçar. Já se me acabaram as iras contra a sociedade. Chamei-lhe tola e muita outra coisa feia, mas, no fim de contas, vim a conhecer que o tolo era eu.»

Raiou esplendido o sol d'aquelle dia. Dia de nupcias!... Dia como não ha outro, e que mais não volta se vem uma vez! Dia em que se travam lagrimas com risos; e se entretecem capellas de boninas e saudades; esperanças com receios se entrelaçam; cuidados, pezares, alegrias e vaidades... tudo! Que tudo vem como invejoso de tanto amor, a querer empanar o sereno esplendor de tão inexprimivel felicidade! E para ricos e para pobres. Dia para todos!

Das cercanias de S. Sebastião correu muito povo a presenciar a festa. Viam-se ranchos de homens e mulheres com muitas crianças, a todo o instante. Passavam na estrada e entravam na villa, cantando ao som de viola, que tocador chibante vibrava com muita melodia.

Lá muito ao longe, os echos dos montes e dos valles repetiam as toadas d'aquelles cantares singelos, e por toda a parte concertavam admiravelmente com a formosura dos prados, com os canticos das aves, e com as musicas das arvores e das ondas.

VIII

Da cidade partiu logo pela manhã numerosa cavalgada. Era o governador civil com os seus convidados, o morgado com os seus amigos, que iam admirar a acção cavalheiresca, em quanto elle com a sua consciencia consolava o pezar de perder um anjo.

No municipio foram entregues á tia Sabina a medalha, o diploma e os brincos de oiro, recitando o governador civil por essa occasião um breve discurso, em que se exprimiam votos de agradecimento á Sociedade Humanitaria, e os louvores devidos á boa acção de tão prestante mulher.

E em seguida foram todos para a egreja.

Os sinos tilintam alegres, e o povo canta no meio do rumor geral. Mão invisivel entornou sobre o templo uma cornucopia de flores. Brilham com a luz do sol os verdes e escarlates de tantos ramilhetes. Todos os semblantes riem, todos os olhos fallam! É tudo alegria, tudo expansão e delirio.

E Genovinha?

Ai! não me fallem d'ella, que a não quero ver! Diz-me o coração que a pallidez das faces, desbotadas pelo abalo de tantas sensações, lhe inquadra agora ainda melhor o rosto na pretidão dos seus cabellos! Devem chorar e rir aquelles olhos em que se espelha o ceo e em que a alma se banha n'uma luz mixta de saudade e contentamento que eu sinto, que em redor espalham! Se a vejo, não me tenho que não inveje ser o Antonio, que não cabe em si de contente! E festa de tão angelica pureza não a deve macular nem sombra de sentimento mau.

Repicou de novo o campanario. Estão unidos por toda a vida e choram todos de alegria, noivo, paes, prior, morgado, e até Sabina Eugenia! Havia só uns olhos que choravam mais que nenhuns outros. E lagrimas eram essas de muito amargurado pezar; dor de uma separação para sempre. Punha compaixão ver aquelle rosto que tanta mágoa exprimia! — Era a irmã, a criancinha do adro.

Ao sair da egreja, fechou logo o povo em apertado circulo a tia Sabina, toda secia com a sua medalha e os seus brincos. Queriam todos ver a offerta; de tudo queriam dar fé. Era uma anciedade por demais.

Se ella conseguia escapar-se de uma roda, formava-se immediatamente outra, e após essa milhares. Todos lhe botavam cantigas, e até alguns invejosos chegaram a murmurar que ella desprezava o povo, porque lhe fugia, e a perguntar-lhe se já se tinha na conta de fidalga.

Sabina Eugenia respondia, gesticulando altivamente:

«Assim me Deus salve que não foi lá por honras que me botei ao mar! Mas regala-me cá por dentro ver que ainda ha senhores capazes e amigos dos pobres.»

ALBERTO TELLES.

O FOGO

(Vid. pag. 143)

IV

CHAMMA

Incendiemos um bocado de carvão de pedra ou de madeira, um bocado de phosphoro, enxofre, ou uma vela de cera, de estearina, ou o gaz ordinario da illuminação, o gaz hydrogeneo, etc., e immediatamente veremos apparecer o fogo com uma chamma mais ou menos brilhante. Não haverá, pois, fogo sem chamma? será a chamma um caracter essencial do fogo? Basta ter olhado com attenção para o coke que frequentemente arde nas nossas cozinhas para dizer que não. O coke arde sem chamma. Outros corpos estão no mesmo caso, por exemplo o ferro. Com effeito, tomemos uma espiral de fio muito delgado de ferro, tendo na extremidade um pequeno fragmento de isca accesa, introduzamol-o n'um frasco de vidro cheio de oxygeneo sêcco e puro (fig. 5); immediatamente veremos o ferro arder vivamente, combinando-se com o oxygeneo, e, projectando-se em mil estilhaços de chuva de fogo sobre as paredes do frasco, produzirá a sua fractura; porém, apesar da sua vivacidade, a combustão não nos apresenta chamma.

Que será, pois, a chamma? É um gaz em combus-

tão. Todas as vezes que os combustiveis se não vaporisam ou se não decompõem, dando logar ao desenvolvimento de algum gaz combustivel, não ha chamma; tal é o caso do coke, do ferro, etc. O carvão de pedra arde com chamma porque, pela acção do calor, desenvolve gazes combustiveis; no mesmo caso se acha o carvão vegetal, a madeira, a cera, o cebo, o azeite, o alcool, etc.

O phosphoro arde com chamma porque, pela acção do calor, se vaporisa facilmente; o mesmo succede ao enxofre, ao magnesio, etc. As chammas podem ter mais ou menos brilhantismo, serem diversamente córadas, e possuirem uma temperatura mais ou menos elevada. Ha chammas tão pallidas que são apenas visiveis, e, comtudo, possuem uma temperatura elevadissima; tal é a chamma do hydrogeneo. Outras, tendo temperatura menos elevada, apresentam muito maior brilhantismo; tal é a chamma do gaz da illuminação.

De que depende, pois, o brilho da chamma? Da presença de um corpo solido n'ella interposto, e que, pela grande elevação de temperatura, se torne incandescente. Com effeito, a chamma do gaz da illuminação, que se compõe de carboneo e hydrogeneo, é muito brilhante, porque elle possue uma grande quantidade de carvão, que, antes de se queimar, se depõe na chamma muito dividido, e pela grande elevação de temperatura produzida pela combustão do hydrogeneo, se torna incandescente. Se injectarmos uma grande porção de ar sobre a chamma do gaz de illuminação, o carboneo e hydrogeneo queimar-se-hão simultaneamente, a temperatura elevar-se-ha muito, porque no mesmo tempo queima-se mais combustivel e em menor espaço, mas o brilho da chamma desapparecerá, porque o carboneo não tem tempo, antes de se queimar, para se depor em estado solido no meio da chamma.

A chamma do hydrogeneo, que é um gaz simples, tem uma temperatura muito elevada, superior a 600°, mas não tem brilho algum; é apenas visivel. Se substituirmos o oxygeneo puro ao ar que alimenta a sua combustão, e que é oxygeneo misturado com azote, a combustão será muito mais viva, a temperatura tornar-se-ha superior a 2000°, todos os metaes se fundirão n'esta chamma, que, comtudo, apresenta ainda um fraco brilho. Introduzamos, porém, no meio da chamma da mistura do hydrogeneo e oxygeneo um corpo solido que possa adquirir uma forte incandescencia, por exemplo a cal, immediatamente obteremos um brilho deslumbrante, quasi egual ao da luz electrica: é a luz Drummond.

Tomemos um fio delgado do magnesio, metal que, sendo polido, tem um brilho quasi como a prata, e que, combinado com o oxygeneo, fórma este pó branco chamado magnesia, muito conhecido dos boticarios (não homœopathas), e egualmente dos amantes dos purgativos; cheguemos a ponta d'este fio metallico á luz de uma lampada de alcool ou de um bico de gaz, immediatamente o veremos arder com uma chamma brilhantissima. O magnesio vaporisa-se, e o seu vapor, ardendo, combina-se com o oxygeneo, produzindo chamma, e formando-se a magnesia, que pela alta temperatura se torna incandescente, e dá o enorme brilho que apresenta esta nova chamma descoberta por Bunsen e Roscoé no anno passado, com grande estupefacção dos Esculapios, que nunca imaginaram que a magnesia fosse elevada á categoria de luminaria. A chamma do magnesio ainda goza de outra propriedade não menos interessante: é de ter um grande poder chimico, podendo substituir a luz do sol para fazer retratos photographicos.

Ha alguma coisa mais bella e mais phantastica do que as chammas? Que vago e vaporoso apresenta a chamma de um bocado de carvalho que se lança sobre o fogo de uma chaminé! Aqui se desenham as casas vermelhas de um xadrez; alli mil traços aveludados, em quanto pequenas chammas azues correm e saltam sobre o fundo do braseiro.

Quem na sua vida, ao contemplar o poetico da chamma, servindo-se da sua imaginação como desconhecido pintor, por um artificio unico, não traçou uma vez uma physionomia expressiva respirando uma paixão deliciosa! o fogo no fogo! Desde os mais remotos tempos, que a chamma, pelo seu brilho, belleza, mobilidade e vago, é o typo favorito dos seres poeticos. Vejamos qual seja a sua estructura, e se a realidade nos tira a poesia e o prazer que sentimos em olhar para ella.

Fig. 7 — Estructura da chamma

Tomemos por exemplo a chamma de uma véla de petroline, substancia que se compõe de carboneo e hydrogeneo, como quasi todas as que servem de alimento á illuminação artificial. Quando accendemos uma vela, a materia vegetal de que é formada a torcida decompõe-se, desenvolvendo-se um gaz combustivel, que arde, produzindo calor que faz fundir a substancia da vela; este liquido inflammavel sóbe pela torcida em virtude da capillaridade, e, chegando acima, decompõe-se produzindo gazes que ardem, e apparece a chamma (fig. 7).

Distinguimos na chamma 4 partes: 1.° uma parte inferior azulada junto á torcida; é onde se decompõe ou vaporisa a materia inflammavel; aqui a temperatura é elevada: 2.° segue-se uma parte escura no meio da chamma; é onde os gazes e vapores se acham sem arder por falta de contacto com o ar: 3.° uma parte extremamente brilhante, onde o carboneo se depõe muito dividido e incandescente antes de se queimar; n'esta parte afflue pouco ar, por isso só se queima o hydrogeneo, para o qual o oxygeneo do ar tem mais attracção: 4.° finalmente, uma parte exterior fracamente luminosa, que envolve a chamma; é onde se completa a combustão pela grande quantidade de ar que aqui afflue; o carboneo e hydrogeneo queimam-se completamente, e a temperatura é por isso muito elevada.

Na chamma do gaz de illuminação, que se compõe de carboneo e hydrogeneo, as partes mais salientes são a escura, e a muito brilhante onde se depõe o carboneo incandescente; se abaixarmos um papel sobre esta parte brilhante, o carboneo n'elle se depositará, traçando um circulo negro. Na chamma do gaz hydrogeneo, em que não ha corpo solido que n'ella se interponha, a parte que predomina é a fracamente luminosa.

O conhecimento que possuimos actualmente sobre a estructura da chamma é devido ás bellas investigações de Davy, e, como diz Tyndall, em logar de diminuir o prazer e a poesia com que em todos os tempos excitou os nossos olhares, a dissecção feita pelo celebre physico inglez ainda a tornou mais interessante e mais bella.

Pelo que acabâmos de dizer se vê qual o modo de augmentar o brilho das chammas. Os corpos solidos

interpostos nas chammas dão-lhes grande brilho, mas, absorvendo calor para se tornarem incandescentes, diminuem a temperatura. O mesmo effeito produzem os gazes incombustiveis quando se introduzem nas chammas, como, por exemplo, o azote misturado com o oxygeneo no ar; é assim que a mistura de hydrogeneo e ar, que é combustivel, póde diminuir de combustibilidade, e até ficar incombustivel, augmentando-se-lhe a porção de ar, e, portanto, de azote.

Nas chammas das nossas luzes ordinarias, o brilho é devido ao carvão que n'ellas se depõe antes de se queimar, e que se não queima logo por falta de oxygeneo, porque a porção d'este gaz alli existente apenas chega para satisfazer a avidez do hydrogeneo; mas se fornecermos ar sufficiente para haver oxygeneo que satisfaça a avidez do hydrogeneo e do carboneo, queimar-se-hão ambos simultaneamente, o brilho desapparecerá e a temperatura elevar-se-ha; é o que, por exemplo, se consegue com a lampada de Bunsen (fig. 8), que consta de um tubo (t), tendo inferiormente um pequeno reservatorio crivado de orificios; o gaz de illuminação vem pelo tubo (c), e o ar entra pelos orificios do reservatorio, e, misturando-se com o gaz, caminham ambos pelo tubo (t) acima; inflammando-se superiormente, produz-se uma chamma apenas visivel, mas que possue uma elevada temperatura; a fórma da chamma póde variar-se adaptando ao tubo (t) um bico (d) em fórma de rosa. Fechando os orificios, supprime-se o ar que se mistura ao gaz, e a chamma adquire o seu habitual brilho, e a temperatura diminue.

Fig. 8 — Lampada de Bunsen

Quando se quer obter uma chamma com uma temperatura elevada para trabalhos de ourives, analyses mineraes, etc., emprega-se frequentes vezes o maçarico (fig. 9), que é um tubo (a b) com o qual se sopra com a boca em (a), e o ar que sae pelo orificio (b) é injectado sobre a chamma, por exemplo, de uma lampada de alcool. O reservatorio (c) serve para condensar alguma humidade da boca quando se opera durante algum tempo.

Fig. 9 — Maçarico

Quando sobre a chamma de uma lampada de alcool se injecta um vapor combustivel, como o vapor de alcool, de essencia de therebentina, etc., a corrente de ar produzida pelo jacto de vapor activa muito a combustão a que o proprio vapor serve de alimento. Ha pequenos apparelhos fundados n'este principio, e que são denominados eolipylos. A fig. 10 representa um eolipylo de jacto horisontal; a chamma de uma lampada (L) volatilisa o alcool contido em um vaso (v); o vapor d'este alcool sae pelo tubo (t), e vae injectar-se sobre a chamma da lampada, produzindo um dardo horisontal, que tem uma temperatura elevadissima, que se póde empregar em trabalhos sobre o vidro; este dardo luminoso applicado a um pequeno vaso de folha contendo agua, faz ferver esta em poucos instantes.

Fig. 10 — Eolipylo de jacto horisontal

É sabido que o ar atmospherico diminue de densidade á medida que se acha em maior altura acima do mar, porque, sendo a atmosphera limitada e de uma altura total, que se não julga superior a 60 ou 70 kilometros acima do nivel do mar, os logares mais altos estão mais perto dos confins da atmosphera, e, portanto, a pressão e a densidade são ahi menores. Nos logares elevados sobre o nivel do mar, a pequena densidade do ar deve ter influencia sobre a combustão. Não será destituido de interesse o descrevermos aqui as observações feitas por Tyndall e Frankland em 1859, sobre o Monte-Branco, a uma altura acima do nivel do mar superior a 4000 metros.

No dia 21 de agosto, sobre o mais alto logar accessivel do Monte-Branco, Tyndall e Frankland deixaram arder seis velas de estearina durante uma hora, e com grande espanto notaram que a quantidade de materia queimada durante este tempo era sensivelmente a mesma que em Chamounix, d'onde os viajantes tinham partido na ante-vespera; mas a luz no cume do Monte-Branco tinha perdido todo o brilho; era apenas um reflexo pequeno e pallido da chamma habitual das velas. A conclusão d'estes resultados é que o poder illuminante tinha diminuido immensamente pela elevação, mas a combustão tinha-se conservado a mesma; isto explica-se pela grande subtilidade e mobilidade do ar n'estas alturas, que faz que elle facilmente penetre no seio da chamma, compensando com a rapidez da acção o seu pequeno numero de particulas ou pequena densidade.

(Continua) Francisco da Fonseca Benevides.

THEMAS CLASSICOS

Uma republica ou uma communidade, para ser bem governada, ha de ter a propriedade que tem um relogio. As rodas de um relogio de tal maneira estão temperadas e postas em sua proporção, que fazem os circulos mui eguaes; e movida uma roda movem-se as outras; e quieta, quietam-se as outras; e assim, sendo muitas em numero, na conformidade e consonancia não é mais que uma. Assim tambem n'uma republica christã todos devem ter a mesma vontade, de modo que, sendo muitos n'um corpo, sejam um só no parecer e conformidade.

Fr. Filippe da Luz — *Sermões*.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

Interior da egreja da Batalha

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 123)

V

EXTERIOR DO TEMPLO

Pedia, talvez, a melhor ordem d'este nosso trabalho que fizessemos preceder á descripção do monumento os nomes dos architectos que deram a traça e dirigiram as obras. Porém preferimos deixar para o fim esse catalogo, por duas razões que julgâmos ponderosas. Primeiramente porque, sendo assumpto de controversias quem foi o architecto que fez a planta e dirigiu as obras em seu principio, em vez de uma simples resenha de nomes, será forçoso escrever um longo capitulo em que teremos de recorrer á historia do paiz, da arte e do proprio edificio, para refutar ou fundamentar opiniões; o que de certo tem um logar mais adequado ao cabo da descripção, e da collecção de gravuras com que nos propomos fazer conhecido dos nossos leitores este sumptuoso monumento. Além d'isto, sendo justo que accrescentemos aquelle catalogo com os nomes de outros artistas distinctos que alli deixaram padrões do seu talento, tambem pede a boa razão que os nomêemos depois de fallar das suas obras.

Tempo é, pois, de nos occuparmos da parte material d'esse monumento, trophéo da gloria militar e artistica de Portugal.

A fachada principal do templo está voltada para oéste, e deita para um adro pouco espaçoso, e mais baixo que o terreno que o cérca. Primitivamente estava o adro desaffrontado, porém as chuvas do inverno, no decurso do tempo, foram arrojando sobre o edificio tal quantidade de terra por effeito da sua situação mui baixa, que lhe obstruiram os adros das portas principal e travéssa, bem como a base das frontarias da egreja.

Esta circunstancia obrigou os frades, para evitar maiores despezas, a construir em volta dos ditos adros um pequeno muro, que lhe deu a apparencia de um tanque, para o qual se descia por uma escada de varios degraus.

Ao presente acham-se desembaraçadas do entulho, e completamente descobertas as bases das fachadas do templo, e o adro principal alargado, e guarnecido, em vez de muro, com gradaria de pedra, decorada de pyramides, no mesmo gôsto das que ornam o edificio.

Todas as pessoas entendidas, tanto nacionaes como estrangeiras, que tem visitado o monumento da Batalha, collocam-n'o entre os mais perfeitos typos do gothico puro que ha na Europa. Dão-lhe direito a este logar a nobreza e elegancia das fórmas, a severidade das linhas, a belleza e sobriedade dos ornatos, a perfeição com que tudo está acabado, e, finalmente, a singular harmonia que reina em todas as suas partes.

Não é preciso ser muito versado nos estudos de architectura para conhecer, logo ao primeiro relancear de olhos, essa admiravel unidade de pensamento que presidiu á edificação do templo, unindo todas as suas partes nas mais estreitas e intimas relações.

A frontaria principal do templo é tão formosa quão singela. Não procurou o architecto sobrecarregal-a de ornamentos superfluos, como se vê na maioria dos edificios gothicos, e com os quaes muitas vezes se pretende occultar ou disfarçar faltas de boas proporções, ou outros defeitos não menos graves. Pelo contrario, ornando com mais esmero a porta e janellas, sem deixar inteiramente nua de adornos a parede correspondente á nave principal, deu realce ao esbelto prospecto do templo, conservando-lhe a magestade de estilo severo e simples.

O portal é formado de muitas columnas, d'entre as quaes resaltam numerosas estatuas dos apostolos e de outros santos, collocadas sobre peanhas, e debaixo de baldaquinos, tudo aberto em rendas e lavrado de silvas e arabescos.

A grande janella que fica sobre o portal é uma obra de extraordinaria belleza e de incrivel trabalho. Com razão diz fr. Luiz de Sousa, o elegante chronista da ordem dominicana, descrevendo esta janella, «que se não podia obrar com mais subtileza e cuidado em trancinhas de agulha, ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola», o que o cinzel alli fez na pedra. E, continuando, accrescenta: «Os vãos que na viola ficam abertos para dar logar ás vozes que fórma no interior, ficaram cá cerrados de vidraças... debuxadas todas de côres finas e pinturas várias de armas e divisas do reino, de tenções e emprezas delrei. E como são muitos os vãos, porque o circulo é muito dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das côres o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz pasmar a firmeza com que se mantem obra tão miuda tantos annos ha em logar tão alto.»

Esta parte do frontispicio é coroada com uma renda ou grade de bonito feitio e delicado lavor, flanqueada de pyramides guarnecidas de esculpturas a modo de plumagem. Aos lados do portal encostam-se á parede, subindo até á ogiva da janella, dois gigantes ou botaréos, decorados singelamente, e com eguaes pyramides por coroa.

As outras duas janellas que se abrem n'esta fachada pertencem ás naves lateraes do templo, que são muito mais baixas do que a nave central. N'estas janellas, além das columnas que as guarnecem e dividem, só as bandeiras ostentam os delicados lavores da janella principal.

As naves lateraes tambem são coroadas de graciosas rendas, e flanqueadas de gigantes com suas pyramides, porém aquelles inteiramente despidos de ornatos [1].

As fachadas lateraes da egreja não são menos nobres e bellas. A do lado do norte cae sobre o claustro real, e a da parte do sul deita para uma rua da villa. É esta ultima a que se vê representada a pag. 4 e 5. Compõe-se este lado do monumento dos dois corpos das naves central e lateral, do cruzeiro e da capella-mór.

A nave central é toda rasgada em dezeseis formosas janellas, oito por banda, com suas divisões de columnas e bandeiras de pedra rendilhadas, correndo-lhe por cima a mesma gradaria que coroa a fachada principal, egualmente decorada de pyramides.

As naves lateraes contam quatro janellas menos, porque o espaço d'estas, na do lado do sul, é occupado com a capella sepulchral, chamada *do Fundador*. As janellas d'estas duas naves são eguaes em feitio ás que lhe ficam superiores, porém de maiores dimensões. Corre-lhe por cima a mesma coroa de grades e pyramides. Entre as janellas das naves lateraes erguem-se gigantes ou botaréos, que correspondem ás pyramides das grades, junto das quaes pyramides se apoiam os gigantes ou botaréos vasados e abertos em quarto de circulo, e guarnecidos de recortes, que servem de sustentaculo á nave central, prolongando-se em todo o seu comprimento, e nascendo da parte superior da parede, entre as janellas e contiguo á base das pyramides que decoram a gradaria da dita nave central.

O cruzeiro, do lado da fachada do sul, apresenta um prospecto tão bello e gracioso, que o poderia desejar para sua frontaria principal qualquer sé com pretenções de sumptuosa. A porta travéssa e uma grande e formosa janella tomam a frente do cruzeiro em quasi toda a sua largura, e diriamos toda exclusivamente, se não fossem os gigantes ou botaréos que a robustecem por ambos os lados, e a renda de pedra que a coroa, juntamente com os esbeltos e floreados coruchéos em que terminam os gigantes. A porta travéssa é muito differente da principal, mas de um risco tam-

[1] Vid. a gravura a pag. 4.

bem elegante, e com tal combinação nos ornamentos, que, apesar de ser toda coberta de brincados e variados lavores, póde-se dizer que está decorada com elegancia e singeleza. Quanto á janella, todo o seu luxo consiste, além das columnas que a formam, na bandeira, que é uma renda de graciosa invenção e de subtil lavor, sustentada por delgadas columnas que dividem as vidraças, que são de côr.

No lado opposto do cruzeiro abre-se uma janella similhante a esta no feitio, porém mais pequena, por causa do altar que lhe fica por baixo em correspondencia á porta travéssa. Tem o cruzeiro mais quatro janellas eguaes ás da nave central, duas que deitam sobre a cobertura das naves lateraes, e duas sobre as abobadas das capellas do mesmo cruzeiro, collateraes da capella-mór.

Tem a capella-mór a fórma polygonal, e por coroa a mesma renda de pedra e coruchéos floreados que servem de remate aos gigantes que a cercam, no intervallo das janellas. Nas paredes lateraes abrem-se as janellas na parte superior, deitando sobre as coberturas das capellas do cruzeiro. O fundo da capella-mór é todo rasgado de alto a baixo, em dez janellas dispostas em duas ordens, as cinco superiores muito grandes, indo acabar nos gomos da abobada; as outras cinco mais pequenas.

Visto de cima da abobada, apresenta o templo a fórma de uma perfeita cruz, sendo feita a haste pela nave central do corpo da egreja, os braços pelo cruzeiro, e o prolongamento da haste pela capella-mór. As abobadas das tres naves, do cruzeiro e da capella-mór, são cobertas por lageas ou telhões de pedra. Dão accesso para estes terrados duas escadas em helice, com cento e vinte degraus cada uma, abertas no grosso das paredes do cruzeiro, onde tem a entrada; e cuja cobertura são elegantes e altas pyramides, ou coruchéos todos arrendados e lavrados com diversidade de esculpturas.

VI

INTERIOR DO TEMPLO

O aspecto grandioso e bellezas externas do edificio parece prepararem, é certo, o viajante para a perspectiva que o interior do templo lhe vae offerecer. Todavia, a impressão que se sente ao transpor o limiar da porta é tal como se nada nos houvesse disposto para o maravilhoso quadro que se patenteia de subito aos nossos olhos.

É aqui que se revela com mais clareza o pensamento elevado e nobre do architecto; a sabedoria com que calculou as proporções de cada uma das suas partes; a com que uniu todas em um laço de perfeita homogeneidade; e, finalmente, a arte e o bom gosto com que distribuiu os ornamentos, alliando a magnificencia com a singeleza, de modo que esta não fica prejudicada com a riqueza dos ornatos, nem estes desdizendo das fórmas severas do todo.

Contemplando a austera magestade do templo; fitando a vista n'aquella longa serie de grossos pilares que dividem as naves, compostos de esbeltas e delgadas columnas, que sobem desde o pavimento até á abobada, lisas e singelas como a verdade revelada pelo Salvador, o nosso espirito eleva-se naturalmente até ao ceo, e possue-se de verdadeiros sentimentos religiosos. A sua attenção não é absorvida, nem sequer desviada d'esses sentimentos pela profusão dos adornos, imagem real dos prazeres e vaidades do mundo. Mas para que esta nobre simplicidade se não convertesse em monotonia, para que tal sobriedade de ornatos não parecesse pobreza, achou o architecto meio de distribuir ornamentos, enriquecendo o templo sem desvirtuar, antes fazendo sobresair essa simplicidade que o nobilita, e que tão perfeitamente quadra com os augustos mysterios da nossa religião. As janellas, unicamente as janellas, foram os logares que o architecto escolheu para dispor esculpturas e paineis, que deram singular realce a toda a fabrica interior.

As cincoenta janellas em que estão rasgadas todas as paredes da egreja, ostentando os mais graciosos e delicados lavores que o cinzel póde esculpir na pedra, e projectando através das côres variegadas dos vidros essa frouxa luz mysteriosa, tão cheia de religião e poesia, produzem um effeito admiravel, sobre tudo as que circundam a capella-mór, fazendo-lhe um fundo transparente de vivas côres.

Tem o templo de comprimento, desde a porta principal até ao fundo da capella-mór, 80^{m},29, dos quaes pertencem ao corpo da egreja e cruzeiro 66^{m},66. O comprimento do cruzeiro, desde a porta travéssa até ao altar de Jesus, é de 33^{m},30.

A nave central, com 32^{m},46 de altura, e 7^{m},44 de largura, é sustentada e dividida das naves lateraes por dezeseis pilares, oito por banda. Os pilares, cujas bases quadrangulares contam 2^{m},66 por cada face, são formados por varias columnas de fustes delgados e lisos, com os capiteis ligeiramente decorados de delicados lavores. Os arcos da nave do meio, bem como os que dividem os gomos das abobadas das tres naves, formando as arestas resaltantes, são inteiramente lisos. Apenas nos remates ou fechos, onde se unem os arcos no centro dos espaços rectangulares comprehendidos entre cada quatro pilares, resaltam engraçados e bem trabalhados florões.

As paredes das naves lateraes, que as janellas deixam livres, são egualmente lisas; um só portal se abre n'ellas; é o que dá entrada para a capella do Fundador.

Encontram-se duas sepulturas no corpo da egreja: uma no pavimento contiguo á porta principal, outra junto do portal que dá entrada para a capella do Fundador. Aquella tem esculpida na campa a seguinte inscripção: *Aqui jaz Matheus Fernandes, mestre que foi d'estas obras, e sua mulher Isabel Guilheme, e levou-o Nosso Senhor a dez dias de abril de* 1515: *ella levou-a...* A segunda sepultura é egualmente raza. Está ornada de varias esculpturas, com a letra d, allemã minuscula, relevada no centro da campa, e despedindo raios para toda a orla da sepultura, onde se vê muitas vezes repetida a mesma letra. Descança n'este logar o insigne varão Diogo Gonçalves de Travassos. O epitaphio acha-se em uma lapida embebida na parede proxima, e diz assim:

Em nome do padre do filho, e do sancto spirito amem. Em o anno do nascimento de nosso senhor Jhu Xpô de mil e quatro centos... annos foi lançado só esta grande pedra o corpo de diogo gonsalves de travaços cavaleiro cryado do mui grande rey elrey dom Joham de muy alta e muyto splandecente, e duravell memoria, cuja alma eternalmente regne com a san... ...dad... ...nselho do muy alto e muyto poderoso senhor elrey dom affonso o quinto, e do... magnifico e grande senhor de lomuada prudencia Iffante dom pedro duque de...... e regedor das terras do dito senhor, e ayo do muyto excellente principe senhor dom pedro daragam, condestabre dos regnos de portugal, e senhorio, e dos illustres senhores dom Jaymes e dom Johan seus irmãos.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARSENAES

(Vid. pag. 165)

FUNDIÇÃO DE CIMA

É um edificio bastante elevado, antigo, e reconstruido em diversas epochas, mas sem belleza ou merecimento algum architectonico.

Está situado em logar alto, e em frente da egreja não concluida de Santa Engracia.

É este talvez o estabelecimento publico da capital menos conhecido, não só dos viajantes estrangeiros, mas até dos nacionaes, sem exclusão dos proprios filhos de Lisboa; e todavia encerra algumas curiosidades que se podem contar entre as mais dignas de attenção e de exame que a mesma cidade possue. Consistem essas curiosidades no modêlo da estatua equestre del-rei D. José I, na fôrma em que se fundiu, e nos fornos em que se derreteu o metal. Estes tres objectos, que se conservam taes quaes serviram para a fundição d'aquella magnifica estatua, são honrosos padrões, que alli estão dando testimunho do adiantamento a que chegámos no seculo passado n'este ramo importante da arte e da industria.

O modêlo é de madeira e gesso. Foi feito com toda a perfeição pelo distincto esculptor Joaquim Machado de Castro, e é exactamente egual em proporções á que vemos de bronze na praça do Commercio. Occupa o centro de uma sala circular, com uma varanda em torno, a meia altura das paredes, para ahi se poder examinar com mais miudeza a parte superior do colosso, onde se admiram mui delicados lavores, que mal se podem descobrir na estatua de bronze pela muita elevação em que se acha.

O cavallo e o cavalleiro tem 31 palmos de altura; O pé d'este ultimo tem 3 palmos de comprimento; a perna até ao joelho 7 palmos, e 11 a espada que lhe pende ao lado.

Joaquim Machado de Castro foi chamado de Mafra, onde se empregava na esculptura dos retabulos das capellas da sumptuosa basilica de D. João V, para se encarregar de fazer o modêlo da estatua equestre, em novembro de 1770. No mez seguinte começou o primeiro modêlo, que foi feito em cêra, com dois palmos de alto, sendo todo doirado. No dia 21 de março de 1771 levou Machado de Castro este modêlo ao paço, onde tambem concorreu um esculptor, natural da ilha de Malta, com outro modêlo, egualmente de cera.

Depois de examinados por el-rei D. José, pela rainha D. Marianna Victoria, e por toda a familia real, ministros e mais pessoas da corte, foi escolhido o modêlo de Machado de Castro, o qual existe e se guarda como uma curiosidade muito apreciavel em uma sala do palacio do sr. marquez de Pombal em Oeiras.

No dia immediato ao da exposição dos modêlos no paço ordenou o grande marquez de Pombal a Machado de Castro que principiasse immediatamente a obra, e não levantasse mão d'ella até a concluir no mais breve espaço que fosse possivel. Antes, porém, de executar o modêlo que havia de servir para a fundição da estatua, fabricou o insigne artista outro de barro, com quatro palmos de altura, que submetteu á approvação régia em junho do dito anno de 1771.

O grande modêlo em gesso teve principio no dia 16 de outubro do mesmo anno, e apesar das suas proporções gigantescas e dos muitos e variados lavores de subtil delicadeza que adornam principalmente o capacete del-rei, e os arreios do cavallo, ficou acabado aos 10 de março de 1772, em pouco mais de cinco mezes.

Encarregada a operação da fundição ao general Bartholomeu da Costa, tratou este logo de tirar a fôrma da estatua, e dispor os mais trabalhos preliminares da construcção do esqueleto ou armação de ferro, com 100 quilates de peso, que havia de ficar dentro do bronze, e da incrustação das ceras, nas quaes o esculptor fez os ultimos retoques. N'este trabalho de esculptura consumiram-se dois mezes e sete dias, desde 11 de outubro até 18 de dezembro de 1773. Nos mais trabalhos preparatorios ainda se gastaram os dez mezes seguintes, de modo que a fundição só foi possivel effeituar-se no dia 15 de outubro de 1774.

Derretidos no forno 656 ½ quintaes de bronze, abriu-se o dique e o metal correu todo pela fôrma, entrando n'ella pelos innumeraveis gitos ou canaes, que a circumdavam por todas as suas partes, dando ao mesmo tempo saída ao ar.

Decorrido o tempo preciso para se coagular e arrefecer o metal, extrahiram-se as terras da cova em que a estatua fôra fundida, e, desfeita a fôrma, appareceu o colosso de bronze completo e perfeito, sendo porém necessario despojal-o das ramificações dos gitos, que como troncos de arvore lhe saiam de todos os lados. N'esta operação e nos mais retoques essenciaes á perfeição da mesma estatua, trabalharam Machado de Castro e mais oitenta e tres operarios por espaço de sessenta e tres dias.

No dia 18 de outubro, tres dias depois da fundição, foram ver a estatua o marquez de Pombal, todos os ministros estrangeiros, e um grande numero de pessoas da corte.

O periodo que decorreu desde 18 de novembro de 1774, em que se ultimaram os trabalhos de cinzeladura e mais aperfeiçoamentos da estatua, até ao meiado de maio de 1775, foi empregado na construcção do carro que havia de transportal-a, e das machinas que a deviam suspender no arsenal para ser posta sobre a zorra de transporte, e levantar na praça do Commercio para ser collocada em cima do pedestal.

No dia 15 de maio foram vel-a ao arsenal, estando ainda na cova, el-rei, a rainha, e toda a familia real.

Machado de Castro, que até alli só ouvira elogios de todos os que tinham ido admirar a sua obra, teve o desgosto de ouvir da boca da rainha que o rosto del-rei *estava horrendo*. O insigne artista recebeu em silencio a censura da soberana. Depois dirigiu-se ao monteiro-mór mostrando-lhe, para que informasse a rainha, como aquella opinião desfavoravel de sua magestade era causada pelo mau ponto de vista d'onde observára a estatua.

Nos quatro dias seguintes esteve exposta ao publico a estatua equestre. Suspenderam-n'a da cova em que fôra fundida no dia 20, e no dia seguinte collocaram-n'a sobre o carro em que devia ser conduzida. Finalmente, no dia 22 começou a mover-se para a praça do Commercio, sendo puxada por mais de mil homens. O juiz do povo com os deputados da casa dos vinte e quatro, os juizes e eleitos das bandeiras dos officios, a corporação das obras publicas e outros funccionarios pegavam em cordões de seda vermelha. Gastou no trajecto tres dias e meio, e para o facilitar abriu-se a *calçada Nova*, de que fallámos na segunda parte d'este capitulo, e demoliu-se quasi todo o arco chamado *Porta da Cruz*, que fôra uma das portas da antiga cêrca de muros da cidade. D'esta porta, reconstruida em tempo del-rei D. João V, resta ainda a metade do lado do norte, em que se vê uma columna de ordem dorica, e parte do frontão, encostados ao cunhal do palacio denominado do *Secretario de Guerra*, no alto da referida calçada.

A direcção do transporte foi encarregada ao architecto das obras publicas Reinaldo Manuel dos Santos, que a desempenhou excellentemente.

Na tarde do dia 27 foi elevada a estatua e collocada no pedestal por meio de um apparelho tão singelo quanto engenhoso, da invenção de Bartholomeu da Costa, e cujo modêlo se conserva no museu da *fundição do Campo de Santa Clara*. Esta operação foi dirigida por João dos Santos, sota-patrão do arsenal da marinha.

Machado de Castro dirigiu a collocação da estatua no pedestal. Succedeu, porém, que, achando-se em um andaime, d'onde observava os trabalhos, como visse que o colosso não ficava na posição conveniente, desceu e quiz entrar, para melhor dar as suas ordens, dentro do cordão formado pela tropa para conter o

povo; mas o official, cumprindo á risca a ordem que recebêra de não deixar entrar pessoa alguma para dentro d'aquelle circulo, surdo a todas as razões que lhe apresentava Machado de Castro, obstinou-se a impedir-lhe a entrada. Resultou d'isto ficar a estatua equestre um pouco mais inclinada para o lado esquerdo.

A estatua foi conduzida para a praça envolta em pannos que a occultavam completamente. No dia 6 de junho, anniversario natalicio del-rei D. José I, celebrou-se o acto solemne da inauguração, descobrindo-se o monumento na presença do monarcha, de toda a corte, e de um immenso concurso de povo, ao som das musicas, das acclamações e das salvas de artilheria das fortalezas e navios de guerra [1].

A fórma em que se operou tão difficil operação é obra do tenente general Bartholomeu da Costa. Foi feita de certa composição de barros e outros mixtos. Depois da inauguração da estatua equestre foi reconstruida para alli ficar como memoria d'aquella fundição.

Existe no mesmo estabelecimento, e é digna de ser vista pela perfeição do trabalho, uma collecção de modêlos de estatuas, bustos, medalhas, castiçaes e outros objectos que tem sido fundidos em bronze ou prata, nas suas officinas.

Posto que se dê o nome de *fundição* a tres differentes estabelecimentos do arsenal do exercito, é n'este, de que nos occupâmos, que se acham as officinas de fundição. Além d'estas, tem varias outras officinas concernentes ao armamento e equipamento do exercito.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

Ilha de Sanchoão, na China

ILHA DE SANCHOÃO, NA CHINA

Representa a estampa a ilha de Sanchoão, onde morreu e teve a primeira sepultura o insigne S. Francisco Xavier, bem conhecido pelo cognome de apostolo do Oriente, onde tantas maravilhas operou nos dez annos que missionou na India e no Japão. Quando se dispunha a penetrar na China, objecto de seus ardentes desejos, morreu quasi ao desamparo na então deserta ilha de Sanchoão, a 2 de dezembro de 1552, na edade de 46 annos.

O vapor que se vê no desenho é o que conduziu ao antigo sepulchro do santo a ultima romaria ida de Macau, em novembro de 1864, da qual daremos em breve circunstanciada noticia n'um artigo especial. O logar da sepultura é a pequena parte esbranquiçada que, a mais de meia encosta do monte á esquerda do espectador, corresponde perpendicularmente á proa do vapor.

N'esta ilha de Sanchoão fizeram os portuguezes por algum tempo commercio com os chins, antes de passarem a Lampacau, e depois a Macau, d'onde começaram a ir ás feiras de Cantão.

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

(Vid. pag. 121)

II

Rodrigo da Fonseca Magalhães nasceu em Condeixa a 24 de julho de 1789 [2]. Em epocha singular e assignalada pelo maior successo politico da moderna historia veiu ao mundo aquelle homem, que, a passos contados, havia de caminhar até ao ponto d'onde a luz do seu engenho, e a harmoniosa torrente da sua palavra, podessem esclarecer e vivificar as mais graves questões do governo portuguez.

Nascia cabalmente no mesmo anno e no proprio mez em que a democracia, desde longos tempos ar-

[1] Em outro capitulo do nosso roteiro de Lisboa tratámos com mais miudeza do monumento, e das magnificas festas com que foi celebrada a sua inauguração.

[2] Na redacção d'este escripto seguimos, quanto ás datas e acontecimentos anteriores aos tempos em que Rodrigo da Fonseca principiou a figurar nos mais altos logares da vida publica, os apontamentos biographicos com que, em uma sua carta, nos favoreceu o nosso amigo, o doutor Thomaz d'Aquino de Carvalho, cuja morte succedeu poucos annos á do benemerito estadista portuguez. Era o doutor Thomaz d'Aquino de Carvalho, a cuja memoria nos é grato consagrar aqui estas poucas linhas de saudosa commemoração, lente de prima da faculdade de mathematica da universidade de Coimbra, do conselho del-rei e par do reino. Prezavam-n'o os seus amigos e quantos entravam em sua conversação e frequencia, pela franca sinceridade e lhaneza do seu caracter, e pela affabilidade do seu trato. Fôra desde os primeiros annos companheiro e amigo de Rodrigo da Fonseca nas lides academicas e nas fadigas da vida militar. Ligára-os a ambos estreita e leal confraternidade, que durou ininterrupta até aos ultimos momentos do estadista. Quando a academia real das sciencias nos fez a honra de eleger-nos para compor e recitar em sessão publica e solemne o elogio de Rodrigo da Fonseca, pedimos nós ao doutor Thomaz d'Aquino, como a quem podia ser fidelissimo chronista do eximio orador portuguez, nos narrasse breve e summariamente os fastos de uma vida quasi inteiramente consagrada, como fôra a de Rodrigo, ao serviço da nação. Deferiu gostoso o velho cathedratico á nossa instancia, e as particularidades que se contém no seu manuscripto, e que não poderam caber no elogio academico, as vamos agora aproveitar n'esta noticia biographica, que póde servir de commentario e supplemento ao laconismo d'aquelle panegyrico, onde apenas ficou delineado o perfil de Fonseca Magalhães.

mada para o combate, saía finalmente a campo, e pedia o seu logar na sociedade transformada. Parece que a onda popular, que levára na sua resaca impetuosa o sinistro monumento da Bastilha, passára perto do berço onde, poucos dias depois, se abrigava uma das futuras glorias de Portugal, e depositára junto d'elle os germens fecundos da liberdade. Tal foi, durante os mais verdes annos de Rodrigo, na edade varonil, e nos annos mais provectos, o amor e devoção com que elle se manteve leal e fidelissimo ás idéas capitaes da renovação politica operada no seculo XVIII, e continuada com varia fortuna na edade em que vivemos.

São pouco noticiosas as memorias que de seus primeiros annos legou a tradição. É provavel que tão feliz engenho principiasse desde a infancia a revelar-se em precoces manifestações. Sabemos que na terra da sua naturalidade aprendêra as primeiras letras e a lingua latina sob a direcção de um clerigo, que havia pertencido á Companhia de Jesus, e era citado pela sua varia e profunda erudição, e venerado pelo seu caracter e virtudes. Quaesquer que fossem as ambições politicas e os erros mundanos do famigerado instituto de Santo Ignacio, se a sua abolição foi no seculo passado aconselhada, pela exaggerada influencia com que os jesuitas se esqueciam do seu officio espiritual e evangelico, para se mesclarem nas intrigas das cortes, e nos interesses mundanos e temporaes, não se póde, sem flagrante iniquidade, contestar que no seio da Companhia floresceram em Portugal e fóra d'elle muitos homens eminentes em letras e piedade, e que, sob seu magisterio e direcção, se formaram alguns dos mais peregrinos entendimentos que no seculo irradiaram a luz intensa da moderna renovação politica e intellectual.

Devia ser efficaz e substanciosa a doutrinação do velho jesuita, a julgar pela cópia de boa erudição latina, de que Rodrigo deu sempre documentos, deliciando-se, mesmo no trafego agitado da vida parlamentar, em versar os primorosos escriptores da boa latinidade, e em estudar com esmerada predilecção as humanidades, de que foi sempre benemerito cultor.

Refere-se que desde os primeiros tempos de ensino primario começou a dar brilhantes mostras do seu nativo engenho e curiosidade na leitura. Os historiadores e poetas portuguezes recreavam já as suas horas de ocio, assim como ao depois, nos annos já maduros, lhe haviam de ser desenfado predilecto ás fadigas do governo.

A pouca distancia a que ficava a terra do seu berço da antiga metropole das letras e sciencias, facilitou a Rodrigo da Fonseca o ir continuar os seus estudos na universidade de Coimbra. Ia já versado nas letras latinas, mas cumpria-lhe cursar o que lhe ainda faltava das que se chamavam então humanidades, a philosophia, a rhetorica, em que um dia tinha de ser mestre consummado e correcto exemplar.

Fazia então parte da universidade conimbricense o celebre instituto conhecido pelo nome classico de *collegio das artes*, e pela antonomasia popular de *pateo*, pelo sitio onde ficavam as aulas d'aquelle estabelecimento. Alli se professavam e alli floresciam as letras humanas, depois de melhorado o seu ensino pela sábia reformação com que, no seculo passado, as favoreceu o maior estadista portuguez.

Sendo ainda de poucos annos, dava Rodrigo da Fonseca mostras evidentes da sua feliz applicação nos cursos que seguia, e nos certames litterarios em que revelava a inspiração da sua musa. Era n'aquelle tempo consagrada esta especie de cavallaria litteraria, em que os talentos mais fecundos iam em busca de inoffensivas aventuras nos festejados outeiros e abbadessados. Estavam em plena florescencia estas como *cortes de amor*, em que os engenhos mimosos se exercitavam á porfia na arte difficil e brilhante de improvisar. Rodrigo era um dos mais promptos n'este genero de trabalho intellectual.

Eram acolhidas com applauso as composições do humorista juvenil, e passavam de mão em mão, ainda antes de confiadas á estampa. Iria, por ventura, em muitas d'ellas mais de um atomo d'este sal attico, dar-lhe-hia lustre alguma d'estas chispas epigrammaticas, em que até aos annos derradeiros se comprazia o festejadissimo orador. Algumas d'aquellas primeiras composições, e outras que escreveu frequentando já os estudos maiores da universidade, saíram depois impressas, e serviram de fundamento ao conceito em que foi tido sempre o peregrino engenho do seu auctor.

Havia n'aquelles tempos dois caminhos a seguir para aquelles que desejavam ascender ás maiores dignidades pelo cultivo do entendimento: a egreja e a magistratura. A familia de Rodrigo preferíra consagral-o á vida clerical, augurando porventura do muito que já valia o seu talento, quanto poderia ennobrecer o pulpito com a sua palavra, e subir por seus proprios meritos ás eminencias do episcopado.

Era o animo de Rodrigo pouco propenso ás austeridades do estado ecclesiastico. Tentavam-n'o como a Talleyrand, o antigo bispo de Autun, com maior encanto e seducção, as agitações da vida politica, os lances do governo, as glorias da republica, do que a luzente pedraria das mitras e a pacifica auctoridade do principado espiritual. Provavelmente, por obedecer aos desejos dos seus parentes, matriculou-se no primeiro anno do curso theologico. Apesar de que o temperamento do seu espirito se comprazia em estudos onde a razão tivesse campo mais extenso, accommodou-se, como succede aos talentos eminentes, á sciencia a que o forçavam, e nos dois annos que frequentou deixára perceber, pela distincção dos seus estudos, que teria a egreja de aproveitar n'elle um bom theologo, se a sua consciencia lhe não dictára a incongruencia da sua vocação com a vida clerical.

Resolveu, pois, Rodrigo da Fonseca descontinuar os estudos theologicos para seguir outra carreira mais conforme ás suas naturaes inclinações. Elegeu as faculdades de sciencias exactas e naturaes, não se sabe ao certo se com intento de formar-se em qualquer d'ellas, ou de tomar grau na faculdade de medicina. Matriculou-se, pois, no primeiro anno da faculdade de philosophia.

Durante o estudo das sciencias nas tres faculdades que encetára, não deixou Rodrigo da Fonseca de exornar o seu espirito com os thesoiros litterarios que encontrava na leitura dos grandes poetas e prosadores, preparando-se por tal feição para as emprezas politicas e oratorias, a que, de certo sem o presentir, o estava já destinando a sua feliz estrella.

(Continua) J. M. LATINO COELHO.

A POESIA NOS CAMPOS

(Vid. pag. 146)

A machina, o vapor, a officina, n'uma palavra — a industria — são a negação da poesia. Como as flores, o coração carece de ar, de sol, de largos horisontes. É na contemplação constante das maravilhas da natureza que a alma se afina e desata em canticos. A terra que o arado sulca, hoje ingrata ámanhã próvida, até com as suas esquivanças nos captiva. A industria é o indicador seguro do progresso das nações: a agricultura o sanctuario e reconforto da poesia nacional. Na industria reflecte-se o caminhar incessante da humanidade, nos campos aprende-se a amar a patria, a querer-lhe, a defendêl-a, a cantal-a nas horas de angustia e de provação. A industria póde quando muito servir de thema á poesia didactica: o campo de inspiração á elegia e ao amor. Se o estrangeiro

invade a terra da patria, é do conductor pacifico da charrua que sae o primeiro gemido, é d'elle ainda que sae o ultimo canto da victoria. Antes, porém, de estudarmos a poesia dos campos nas suas patrioticas manifestações, acompanhemol-a por ora na intimidade do viver domestico, e nas variantes infinitas das suas laboriosas fadigas.

Accusem-me muito embora de paradoxal, nego que a ecloga e o idyllio sejam a traducção dos sentimentos robustos do homem que tem por musa os esplendores do ceo, e eleva o espirito acima das miuçalhas com que os classicos rechearam a chamada poesia pastoril. A mythologia, povoando os campos de Satyros, de Faunos, de Nimphas e de Sylvanos, não deixou n'elles logar para o homem. O triumpho que obteve a idéa christã foi tambem a rehabilitação da verdadeira poesia, da que rejeita os symbolos amortecidos do paganismo, e nos dois marcos extremos da vida — berço e campa — estreita quantos affectos o coração humano póde dar:

> Das lagrimas faço contas,
> Com que rezo ás escuras:
> Ó morte que tanto tardas!
> Ó vida que tanto duras!

Insistir em demonstrar a delicadeza de pensamento que esta quadra em si envolve, seria desconfiar sem razão do tacto artistico dos nossos leitores. Rezar com as lagrimas é depurar o coração de todo o fel, é approximar-se em vida da bemaventurança eterna.

É quasi sempre de improviso que o homem do campo denuncia os seus poeticos instinctos. Ahi vae uma amostra brilhante da espontaneidade do nosso povo para os certames da palavra, e uma prova tambem da sobranceria com que o sexo fraco acolhe não poucas vezes as supplicas humildes dos seus admiradores. Como já se deve ter suspeitado, é de dois namorados, que não timbram pela constancia, que o seguinte dialogo traduz sem hesitação o crer e o pensar:

ELLE

> Façamos, meu bem, as pazes
> Como foi da outra vez;
> Quem quer bem sempre perdôa
> Uma... duas... até tres.

ELLA

> Não quero fazer as pazes
> Como foi da outra vez;
> Quem quer bem nunca offende
> Nem uma... quanto mais trez.

É força confessar que a logica estava toda da parte da aggravada. Ella bem sabia que cesteiro que faz um cesto faz um cento, e por isso se acautellava contrapondo ao machiavelico *sempre* do seu interlocutor, o mais sacudido e positivo *nunca* que elle até alli ouvira da boca das suas requestadas. Que differença d'este terminante desengano ás intenções em que eu a encontrára no verão anterior quando dizia:

> Nem meu pae, nem minha mãe,
> Nem duzentos confessores,
> Já me tiram do sentido
> De eu fallar aos meus amores.

Pois o Varatójo era d'alli a dois passos, e não faltavam por lá os confessores a quererem-lhe tirar do sentido o que só mais tarde a ingratidão conseguiria.

Ha nos campos uma cantiga, quasi aphorismo, que serve invariavelmente de norma aos negocios do coração, e que, exaggerada na pratica, transforma muitas vezes em inferno o paraiso dos mais bem fadados amores:

> Quem tem pinheiro tem pinhas:
> Quem tem pinhas tem pinhões;
> Quem tem amores tem zêlos;
> Quem tem zêlos tem paixões.

Auctorisado assim officialmente o ciume, fui não poucas vezes testimunha das suas ruins consequencias. No homem do campo ter zêlos significa... como hei de eu dizer que significa a intervenção justificada do regedor da parochia nos negocios da familia?! Pois ainda assim no campo não se entendem amores sem zêlos, e por isso se cae a miudo da poesia na prosa vilissima do antigo — aqui del-rei! — fórmula ainda por lá em vigor nos apuros que reclamam o auxilio da policia.

Se o amor toma em muitos casos as proporções da tragedia, tambem ás vezes descamba para o comico, e zombeteia em publico do primor melancolico que caracterisa a poesia amorosa. Ahi vae, escolhido de entre outros, um exemplo frisante de que ha tambem pelas aldeias quem escarneça do sentimentalismo poetico:

> Já não ha quem queira dar
> Um limão por um vintem,
> Para tirar uma nodoa
> Que este meu coração tem!

Alcunhar o amor de «nodoa», e só pôr dúvida no preço do correctivo que se lhe ha de applicar, é epigramma digno de um taful de botequim que deixou o coração aos pedaços pelos bastidores do theatro, ou pelas coxias do circo em que as amazonas campeiam.

Mas não rebaixemos a poesia saloia. Ahi pomos em seguida um coração de donzella daguerreotypado em quatro versos com a maxima candura dos quinze annos, e a mais desaffectada innocencia de um verdadeiro amor:

> Sempre estás adeus, adeus;
> Com esse adeus me mataes:
> Queira Deus não digas tu
> Adeus, para nunca mais!

Desconfiança e supplica mais modesta não creio eu que as possa expressar a poesia. Um adeus tão repetido póde ser eterno, e se o for... longe vá tal agoiro, como dizem os crentes em coisas más. A rapariga ha de ainda viver feliz e cantar para que todos a oiçam:

> Eu hei de amar o meu bem,
> Diga o mundo o que quizer;
> Quem ama não quer conselhos,
> Quer só tudo que o amor quer.

Citámos já n'este estudo uma quadra que podia servir de sentencioso fecho a um apologo, transcreveremos agora outra, como conselho dado a proposito a uma lingua sôlta que mordia no credito de todas as raparigas da aldeia, e que uma d'ellas vingou, vingando-se tambem a si, no seguinte lembrete:

> Pelo ceo vae uma nuvem
> Todos dizem bem a vi...
> Todos fallam e murmuram,
> Ninguem olha para si.

Bem myope devia ser o maledicente para se não ver através da nuvem, emendando-se do ruim sestro de assoalhar as fraquezas do proximo.

As perguntas artificiosas e enredadas, no intuito de difficultar as réplicas do contendor tido na aldeia por desembaraçado na linguagem das musas, são vulgares nos desafios poeticos da gente do campo. Quanto mais a interrogação é intempestiva, e rapida e des-

pretenciosa a resposta, mais certa e festejada é a victoria de quem na lucta se não deixou intimidar. Vejam aqui a simplicidade com que a modestia desfaz as capciosas armadilhas da inveja:

ELLE

Menina que tanto sabe,
Responda a esta pergunta:
Que sciencia tem o mar,
Que tanta agua em si ajunta?

ELLA

A sciencia que o mar tem
Não é coisa de pasmar;
Se não ha rio nem regato
Que não vá ao mar parar!

Já que trocámos as flores campestres pelas arrogancias do Oceano, reproduziremos aqui o doloroso anathema de um coração que, na incerteza das ondas e na perfidia dos baixios traz preso o seu cuidado, e da ausencia, que póde ser eterna, se lamenta n'esta sentida e magoada trova:

Mal haja quem inventou
No mar andarem navios,
Que esse foi o causador
Dos meus olhos serem rios.

Temos dado n'este rapido estudo cabal demonstração, quer da tendencia do nosso povo para o genero elegiaco, quer, ainda que excepcionalmente, para a mordacidade do epigramma e da satyra. Ahi vae ainda um exemplo de que a observação dos achaques do proximo serve mais vezes do que se julga de assumpto e estimulo á veia caustica dos poetas campesinos...

A cobra vae pelo monte,
Cuida que ninguem a vê...
Assim são os namorados...
Não digo isto por vossê...

A tanto Adonis semsaborão, que ahi por essas salas se inculca em phrase insonsa para marido, não conviria talvez, a saber usar d'ella, a finura d'este disfarçado requerimento:

Tanto limão, tanta lima;
Tanta silva, tanta amora;
Tanta menina bonita,
E meu pae sem uma nora!...

Para que ha de um sincero e franco amador de aldeia *gastar palavras em contar extremos*, se na concisão da poesia acha com que despicar-se das asiaticas lamurias de um rival desprotegido dos favores das musas? Se por acaso encontra no *bailarico* aquella que o traz enfeitiçado canta-lhe simplesmente:

Atirei um limão verde,
Á tua porta parou;
Se eu te q'ria bem ou mal
No limão se exp'rimentou.

Implorar a lealdade, e requerer a constancia da pessoa a quem se ama, é um logar commum em negocios do coração. Prometter um affecto eterno em troca de tão urgente supplica, é outra banalidade secular a que ninguem sabe ou quer esquivar-se. O que tem novidade no assumpto é pedir muito e não prometter nada:

Se eu tivera não pedira
Coisa nenhuma a ninguem;
Eu por não ter é que peço
Lealdade a quem a tem.

Da mesma significativa franqueza é este formal desengano dado a tempo e a horas, a um impertinente amador que teimava em levar de vencida a rebeldia da sua requestada:

Se eu quizera bem podéra
Amar-te, querer-te bem;
Não posso porque não quero,
Não sou de enganar ninguem.

Instado para dar as razões de tamanho desapêgo, vê-se pela resposta da ladina rapariga, que eram fundados os motivos de tão desabrida recusa:

Vossê a mim não me leva
A contar-me maravilhas;
Foi vossê quem enganou
Sete mães, quatorze filhas.

Que contrastre entre a cautelosa desconfiança da nossa aldeã, e o ingenuo enthusiasmo de uma outra que dizia:

Se eu tivera papel de oiro
Comprava penna de prata,
Apurava os meus sentidos,
Escrevia-te uma carta!

Por estes excessos de phrase talvez alguem conjecture que era com filho de conde ou marquez que a boa da rapariga desejava corresponder-se. Pois engana-se quem tal pensá. É ella mesma que se vae denunciar, dizendo-nos quem era a modesta inspiração dos seus amorosos devaneios:

Andas morta por saber
Quem é o meu ramalhete;
E' um rapaz trigueirinho
Vestido de azul-ferrete.

Trigueirinho era elle, mas sabia dizer as coisas com tal primor, que merecer-lhe uma trova era honra a que aspiravam as raparigas todas do logar. Queremn'o ouvir dirigindo-se áquella que momentos antes invejava ter *penna de prata* para lhe escrever? É o aspide escondendo-se entre as flores... da poesia. Leiam:

Quem me dera ser retroz,
Ou linha... de toda a côr,
Para andar junto ao teu peito
Servindo de atacador.

Antes este sincero desejo, a poder realisar-se, do que as tristezas da ausencia manifestadas por outro sonhador da aldeia na seguinte quadra:

Meu coração é relogio,
Minh'alma dá badaladas;
No dia que te não vejo
As horas trago contadas.

Archivando, como temos feito, as poeticas expansões da nossa gente do campo, chegâmos a receiar que as gralhas em tempo opportuno se vistam com as pennas do pavão, e que algum estulto choramigas dê por suas, em almiscarada epistola, as alheias melancolias. Apesar d'este nosso fundado receio, não podêmos resistir á tentação de citar ainda algumas quadras em que os Tibullos populares se lastimam dos rigores da sorte, e se resignam ás violencias da ingratidão e do perjurio:

Alecrim, que és rei das flores,
Já meu peito foi teu vaso;
Tens agora outros amores,
Já de mim não fazes caso.

(Continúa) L. A. PALMEIRIM.

Ponte do Prado

VILLA DO PRADO

Está edificada esta povoação em terreno plano, proximo do rio Cávado, e distante da cidade de Braga 5 kilometros.

Foi fundada por el-rei D. Affonso III, que lhe deu foral no anno de 1260. O senhorio d'esta villa pertenceu a diversos fidalgos até que el-rei D. João III o deu, com o titulo de conde do Prado, a D. Pedro de Sousa, que era senhor de Beringel, alcaide-mór de Beja e de Alcacer, e capitão-mór de Azamor. Este fidalgo, cujos bons serviços em Africa el-rei assim recompensou, descendia de D. Martim Affonso Chichorro, filho bastardo del-rei D. Affonso III, e de D. Ignez Lourenço de Sousa, vergontea da illustre e antiquissima familia dos Sousas, por tantas vezes alliada com a familia real, e successivamente elevada aos titulos de conde de Miranda, marquez de Arronches e duque de Lafões.

Continuou o senhorio e condado do Prado nos descendentes de D. Pedro de Sousa, sendo o quarto neto d'este, por nome D. Francisco de Sousa, e 3.° conde do Prado, creado 1.° marquez das Minas por el-rei D. Pedro II.

A villa do Prado é uma povoação muito pequena, e de pouco trato commercial. Tem atravessado os seculos quasi estacionaria. Algum desenvolvimento que de tempos a tempos tem tido por effeito natural da paz publica, apenas lhe tem servido de reparar as perdas e damnos causados pelas guerras estrangeiras e discordias civis, que em tão differentes periodos tem agitado e infelicitado o nosso paiz.

Não tem a villa mais que uma egreja parochial da invocação de *Santa Maria*. A primeira matriz, que hoje é uma capella particular, tinha por orago S. Thiago de Francellos. Além d'aquelle templo, que não é notavel por sua architectura, nem por vestigios de antiguidade, ou qualquer outra circunstancia especial, não possue esta villa monumento ou edificio algum digno de menção.

A sua situação baixa, e a muita abundancia de aguas que regam e até alagam os campos que a cercam, fazem com que seja pouco salubre no verão, em que se desenvolvem ordinariamente febres intermittentes. Porém d'esta segunda causa do mal tiram os arrabaldes da villa muita belleza e frescura, pois que por toda a parte se vê basto e frondoso arvoredo de carvalhos e castanheiros, prados sempre verdejantes e semeados de flores, e mananciaes continuamente a correr.

Os productos agricolas reduzem-se a algum centeio e milho, legumes, vinho verde, frutas, principalmente castanhas, linho, e pouco azeite. Cria-se no concelho bastante gado, sobre tudo vaccum.

O rio Cávado fornece algumas pescas de lampréas, salmões, trutas, enguias, bogas e escalos. As margens do rio, os campos e as collinas que os limitam são abundantes de caça rasteira e do ar.

A industria manufactora apenas exporta para fóra do concelho algumas teias de linho e estopa, e grande quantidade de telha e loiça de barro, para o que ha na villa e seus arredores muitas olarias.

Communicam-se as duas margens do Cávado, junto da villa, por uma extensa ponte de pedra de construcção antiga, chamada *ponte do Prado*, a qual se vê representada em a nossa gravura, que é cópia de uma photographia do sr. Seabra.

O rio Cávado, denominado pelos romanos *Celandus*, ou *Celanus*, e depois *Cavus*, e *Cavadus*, nasce junto ao logar do Cabo, em umas serranias que separam Portugal da Galliza. Descendo d'aquellas montanhas dividido em varios braços, junta-se em um só corpo nas faldas d'ellas, e corre em direcção á serra do Gerez. Proximo d'ella, no sitio chamado *Vão do Bico*, recebe em seu álveo o rio Homem, cuja fonte rebenta n'esta ultima serra. Pobre em seu berço, mas logo depois enriquecido com o tributo d'este rio, e de outros ribeiros que em seu curso vae recolhendo, dirige-se o Cávado de éste para oéste, banhando várias povoações, e lança-se no Oceano junto da villa de Espozende, que está sentada na sua margem direita, tendo pouco antes servido de espelho á pittoresca e

piscosa Fão. Em todo este trajecto as suas margens são de singular belleza e amenidade, principalmente ao atravessar a cêrca do magnifico convento de Villar de Frades, que pertenceu á congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, situado entre Braga e Barcellos; e desde ahi até Fão, porque vae correndo sempre acompanhado e orlado de frondosos bosques de variadas especies de arvores.

Só é navegavel por barcos pequenos pelo espaço de 10 kilometros, desde a foz até proximo da villa de Barcellos, e sel-o-hia por mais alguma distancia se a navegação não fosse impedida pelos açudes que o obstruem. Porém o que o commercio perde com similhante obstaculo ganha-o em formosura a paizagem, pois que os açudes fazem vistosas cataractas, cujas alvissimas escumas realçam, e são tambem realçadas pelos verdores que bordam as margens. São tão cristallinas as aguas do Cávado, que, sem embargo de terem em muitos logares, mesmo no verão, um volume de metro e meio e mais de espessura, vê-se perfeitamente bem através d'ellas as areias e seixinhos do leito, aquellas todas brancas, e estes multicôres. Imagine-se o que haverá de delicias e de encantos n'essa viagem, embora curta.

Abunda o Cávado em pescaria de peixes mimosos, taes como salmões, lampréas, trutas, saveis e bogas. Foi tão abundante outr'ora dos primeiros, que se acha em memorias escriptas, que houve lanço, nos tempos antigos, de quarenta salmões. Dizem as mesmas memorias que na antiguidade se tirava oiro das suas areias, e que tambem n'ellas se encontravam ás vezes jacinthos, amethistas e cristaes.

D'entre as pontes que o cortam é celebre a de S. Thomé de Perozello, com doze arcos, por se attribuir a sua fundação aos romanos. Dava passagem a uma das cinco vias militares que saíam de Braga para Astorga, e era esta a que se dirigia pela serra do Gerez, e é conhecida pelo nome de *estrada da Geiria*, feita, ou reedificada, pelo imperador Vespasiano.

A barra do Cávado consentia a entrada de escunas e hiates em tempos ainda não muito remotos. Porém ao presente acha-se tão areiada, que só offerece accesso a embarcações pequenas, sendo obrigadas as de maior lotação a carregar ou descarregar junto da visinha costa. Era a barra defendida por um forte, construido na margem direita do rio. Hoje está obstruido de areias. I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

AURORAS BOREAES E AUSTRAES

(Vid. pag. 156)

III

Foram entanto progredindo as sciencias physicas; o espirito humano fugiu das trevas; Dante acordára o mundo com os seus tremendos queixumes, que similhavam o rugido do leão moribundo; Galileo, á feição do poeta, e seguindo as pisadas de Copernico, arrostava com o fanatismo, e desafiava-o para campo cerrado; a liça estava aberta na Italia, cujo solo sagrado parecia rebellar-se contra os barbaros conquistadores, e desentranhava-se em talentos incomparaveis; no norte surgia Shakspeare, como um fanal em mar de sangue; logo após apparecia Newton; Kepler apertava nos bicos do compasso o planeta Marte, e vingava-se dos ferozes germanos, que lhe queimaram a mãe como feiticeira; Descartes lançava-se irresoluto nos vortices da sua philosophia, como um navio que, batido da tormenta e desnorteado, vem quebrar-se nos recifes á flor d'agua; e já antes o grão Colombo descobria a America, e Vasco da Gama dobrava o cabo das Tormentas. A Europa sacudia as algemas da escravidão, que ainda lhe roxeavam os pulsos! Brilhava o facho da sciencia brandido pelos genios, e os homens colhiam, em fim, o fructo abençoado da edade média.

O estudo, porém, das auroras boreaes não seguia a impulsão geral; parecia que a luz interior que illuminava os grandes homens e se expandia pelo mundo, não deixava entrever o clarão mysterioso das regiões septentrionaes.

Passado o primeiro bocejo d'aquelle acordar de um somno profundo, a sciencia resgatou logo os seus direitos, e as auroras começaram então a ser explicadas de mil modos, cada qual mais extravagante.

Imaginavam uns, que a arcaria luminosa era a cauda de um cometa, cujo nucleo se encobre perpetuamente no horisonte; acreditavam outros, que as auroras eram a nebulosidade central de um astro immenso, cuja coma é encoberta pela redondeza da terra.

Euler, a quem as sciencias physicas devem tanto; Euler, o discipulo querido dos Bernouillis, deu uma explicação infelicissima e indigna do seu talento.

Suppoz elle que os raios de luz, projectados pelo astro com immenso vigor, arrancam á atmosphera terrestre umas moleculas luminosas, verdadeiros chispes ou fagulhas, que são a mesma essencia das apparições. Mairan, longe de acreditar, como fez Euler, em um empobrecimento de substancia terrestre, sustentou a opinião contraria em uma obra que escreveu *ad hoc*.

Na opinião d'este sabio, as auroras boreaes provêm dos effluvios da luz zodiacal, com os quaes o nosso globo se vae enriquecendo todas as vezes que passa através d'esta nuvem diaphana e luminosa, que é ainda para nós indecifravel problema.

Duffay, outro visionario, dizia que as exhalações espalhadas eram reunidas nas cercanias do polo norte pelas correntes magneticas que alli affluem constantemente.

Halley, astronomo de grande merito, presentiu tambem a acção magnetica. Segundo elle, as auroras eram oriundas de uma espherasinha, em cuja superficie estava condensado o fluido. Esta esphera occupava o centro do globo. Os vapores saíam ao mesmo tempo de duas valvulas abertas nos extremos no eixo do mundo.

Conta Humboldt no *Cosmos*, que houve então a opinião de que o mundo era uma esphera ôca, que communicava com o mundo exterior por dois orificios. O interior d'esta caverna era povoada de plantas e animaes, e illuminado por dois astros situados no centro. Quem sabe se a origem d'esta lenda scientifica foi a explicação de Halley [1]?

Como era natural, foi um astronomo septentrional quem primeiro achou a verdadeira causa do phenomeno.

Muito tempo havia que dois sabios affirmavam que a agulha magnetica começa de agitar-se como se fôra atacada de convulsões febris, tanto que o clarão boreal ascende ao zenith de Upsal [2]. Wargentin resolveu verificar *de visu* este facto, e observando a agulha muitos mezes a eito, viu *cum magna voluptate* que a presença do menor vislumbre polar produz grandes oscillações.

Acreditando firmemente na verdade do seu descobrimento, predisse, com um dia de intervallo, uma aurora, que com effeito illuminou com os seus clarões magestosos a cidade de Stockolmo.

A descoberta de Wargentin dormiu na poeira dos archivos.

Passados sessenta e oito annos, em 1817, Arago

[1] Vid. *Cosmos* trad. fr. de Faye, pag. 193. Vid. *Viagens Subterraneas de Nicolau Klimm*, por Holberg, denominado o Molière dinamarquez, e que soube tirar grande partido da lenda scientifica de Halley.

[2] Celebre universidade sueca, na qual, sob os auspicios de Bernardotte, começou a renascer a litteratura nacional e a sciencia.

demonstrava que o ponto culminante do arco auroral estava no prolongamento do meridiano magnetico [1].

Em 1819 Arago ia ainda mais longe, e predizia, em virtude das grandes perturbações magneticas, a existencia de uma aurora invisivel em Paris. É licito perguntar se o sabio francez conhecia os descobrimentos de Wargentin, os quaes remontavam a sessenta e oito annos antes. Se assim fôra, era nullo o merito de Arago.

Antes de encerrar este capitulo, permitta-me v. exc. que lhe narre uma anecdota, a qual mostra como os preconceitos nacionaes podem ser nocivos á sciencia e ás artes, a ponto de obcecarem os povos mais illustrados.

A sociedade real de Londres concedia, em 1829, a medalha de Coppley ao tenente Forster, por ter demonstrado que não havia connexão alguma entre as agitações da bussola e as auroras boreaes!

IV

Muito mais podéra eu dizer ácerca da historia dos estudos auroraes; melhor é, porém, passar immediatamente á descripção e mais detida explicação do phenomeno.

Todos os viajantes que tem ido ás regiões polares, não se fartam de admirar as esplendidas auroras que allumiam com as suas chispas igneas as densas trevas do inverno, ou o clarão dubio do crepusculo, que substitue a noite dos nossos climas temperados.

São tantas as descripções, que ha aqui a terrivel difficuldade da escolha. Desde os velhos bardos de Ossian, até Régnard, poeta comico francez, que, chegando á Laponia, exclamou com emphase immitavel:

«*Sistimus hic tandem, ubi nobis defuit orbis*»;

e desde Régnard até aos nossos dias, ha manjares ao sabor de todos. Não falta a descripção vaporosa, cheia de imagens e extases, nem a sequidão e fria analyse do observador scientifico.

Talvez seja melhor seguir o *mezzo termine*, como dizem os italianos.

Na sua viagem á Suecia, Ampère filho, cuja morte recente as letras e sciencias deploram, descreve assim uma aurora boreal:

«Voltava eu de Stockolmo, e aguardava-me outro espectaculo admiravel, qual o de uma aurora boreal.

«Seria meia noite; a lua derramava jorros de luz; voltava eu para casa em companhia de um dos meus companheiros de viagem. De repente vimos um clarão vago e esbranquiçado no ceo. Cuidámos que era alguma nuvem allumiada pela lua; era, porém, coisa menos compacta ainda, e mais indecisa; dir-se-hia a via lactea, ou longinqua nebulosa.

«A tempo que hesitavamos formou-se um ponto luminoso, expandiu-se, e como que se desenhou logo após em feixes enormes, em gladios côr de fogo e em foguetes immensos; depois confundiram-se todas estas fórmas e surgiu um arco luminoso, d'onde caía uma chuva de luz.

«O espectaculo não podia quasi nunca encontrar comparação; eram apparencias fugidias, indescriptiveis, que os olhos mal podiam abarcar, tal era a rapidez com que se succediam, misturavam e esvaeciam.

«Nunca se podia prever, com um segundo de antecedencia, o que nos ia mostrar o kaleidoscopo celeste; desapparecêra o que julgavamos ver, e de que ainda não faziamos idéa distincta. O espectaculo maravilhoso parecia sempre acabar e começar de novo, e era impossivel ver como as decorações se succediam; ninguem as via nascer, achavam-se de repente no ceo, e afigurava-se-nos que sempre lá tinham estado.»

[1] Chama-se assim o plano que passa pelo centro da terra e pelo eixo magnetico.

Tal é, minha senhora, em poucas linhas, o phenomeno, qual apparece aos olhos do observador desprecavido, phenomeno cheio de esplendores e maravilhas, conjuncto de phantasias luminosas e vertigens de fogo, vortice de côres e cambiantes.

Vejâmos agora o que nos diz a sciencia.

Horas antes da apparição da aurora observam-se movimentos irregulares na agulha magnetica, a qual como que anda á doida girando em volta do seu fulcro. Augmenta o seu desvio para o occidente, ou a sua declinação. Vão-se toldando os ares a pouco e pouco junto ao horisonte; condensam-se as trevas no norte, dir-se-hia que cae o panno para haver tempo de dispor com mais desafogo o espectaculo grandioso; depois surge das trevas um véo de nuvens diaphanas, ligeiramente tufadas, e côr de violeta. A orla superior começa a illuminar-se a principio com uma certa indecisão, recortando e franjando os contornos, que tomam em fim a fórma de arco amarello pallido, com a concavidade para a terra e com o vertice meridiano magnetico.

Vae subindo o arco com lentidão, e torna-se cada vez mais luminoso; desenham-se logo uns sulcos anegrados, e vêem-se em todo o comprimento uns borbotões de luz fervida.

Formam-se os raios uns brilhantes e rubidos, outros amortecidos e pallidos, e arrojando-se todos ao ceo, onde rebentam como foguetes de lagrimas. O rasto de fogo fascina a vista, e passa do vermelho purpurino ao verde esmeralda, sendo quasi sempre o fundo da téla celeste um amarello citrino esplendido.

Os raios galgam além do zenith e parece convergirem para um ponto do ceo, que se chama zenith magnetico [1].

Os raios dardejam fogo e luz, como diz o sr. Bravais, na sua viagem scientifica á Islandia; são ás vezes em numero tal, que tomam a abobada celeste e formam uma cúpula ignea coberta de ondas de fogo, que se encapellam como as ondas do Oceano.

A agulha magnetica segue o phenomeno desde o principio até ao fim; as suas oscillações continuam ora mais apressadas, ora mais lentas, segundo a intensidade da aurora. Quando os raios se destacam do arco, a bussola arqueja e palpita, e desviando-se depois para o oriente, volta em fim á posição normal tanto que o phenomeno acabou.

Não pense, porém, v. exc. que só se fórma um arco luminoso: a aurora é quasi sempre multipla; os arcos succedem-se, e em quanto morrem uns, nascem outros, chegando ás vezes a dez e mais.

Na opinião do sr. Lottin, que teve ensejo de ver muitas auroras na Islandia, esta successão de arcos e raios que vão caminhando no ceo assimilha-se a um manto que fluctua na atmosphera bordado de oiro e diamantes, dobrando-se de mil modos, como se uma brisa suave lhe tufasse as pregas ondeantes.

Perto do zenith magnetico fórma-se uma ellipse luminosa, chamada *coroa boreal*. Parece um effeito de perspectiva aérea. Acabou então o periodo ortivo da aurora, e começa a sua declinação; os raios vão escasseando, e sendo menos retintos. O sr. Lottin descreve assim o epilogo auroral:

«Apparecem então alternadamente feixes de raios, fragmentos de arcos e faixas luminosas; a luz torna-se mais diffusa; brilham de quando em quando uns clarões tremulos e arquejantes que occupam todo o ceo, e bruxuleiam em grupos, os quaes são denominados *chapas auroraes*, muito analogas aos *cumulus* [2] atmosphericos.

[1] Zenith magnetico é o ponto do ceo determinado pelo prolongamento da agulha suspensa livremente.

[2] *Cumulus, nimbus, cirrus* e *stractus* são as denominações que Faraday e seus discipulos deram ás nuvens. Hoje a nomenclatura está muito mais augmentada.

A luz lactea d'estas chapas soffre muitas variações de contracção e dilatação similhantes á dos animaes marinhos chamados *medusas*. O phenomeno acaba de todo depois d'estes ultimos arrancos; umas vezes a aurora esvaece-se no seio do crepusculo da manhã, outras confunde-se nas nuvens tomando uma côr esbranquiçada e monotona, outras acaba gradual e insensivelmente. Qualquer, porém, d'estes casos nos mostra intima connexão das auroras com as nuvens.

(Continua) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

AS JOIAS DA COROA DE INGLATERRA

Nos primeiros reinados depois da conquista de Inglaterra por Guilherme, duque de Normandia, as joias da coroa eram guardadas nas sés, ou nos mosteiros. Algumas vezes os soberanos levavam-n'as comsigo em suas viagens.

Parece que foi Henrique III quem as mandou transportar para a torre de Londres, dispondo ahi um logar accommodado e seguro para este importante deposito. Primeiramente estiveram em um edificio pequeno do lado meridional da *torre Branca*, um dos baluartes de que se compõe aquella antiga fortaleza, tão celebre na historia de Inglaterra. Depois foram levadas d'alli para a torre do mesmo castello, que se ficou chamando *torre das Joias*.

Pelos annos de 1270 enviou-as a Paris o dito monarcha Henrique III, para servirem de penhor a um emprestimo de que precisava para debellar a rebellião dos barões, que se tinham levantado contra o poder real. Em quanto não se effeituou o emprestimo estiveram as joias depositadas no *Templo*, sob a guarda de Margarida, rainha de França. Feito o emprestimo pelos commerciantes de Paris, passou o penhor para as mãos d'estes. Resgatadas em 1272, foram reconduzidas a Londres, e collocadas de novo na *torre das Joias*. Por esta occasião fez-se d'ellas um inventario, que ainda se conserva, e que é um curioso documento.

O exemplo de Henrique III foi seguido por outros soberanos, seus successores. Eduardo III pediu e obteve dos commerciantes de Flandres uma avultada quantia emprestada, dando por penhor as ditas joias. Henrique V empenhou na municipalidade de Londres uma das melhores peças d'aquelle thesoiro, o grande collar chamado *Pusan*. Henrique VI recorreu muitas vezes ao mesmo meio nas suas precisões de dinheiro.

O cargo de guarda joias da coroa sempre foi considerado muito honorifico na corte de Inglaterra. Exerceram-n'o, em tempo de Eduardo III, João Flete, e João de Mildenhal, ambos muito fidalgos; e no reinado de Henrique VIII, o celebre Thomaz Cromwell, ao diante feito conde de Essex.

Além da guarda d'estas preciosidades, o *mestre e thesoireiro das joias*, como então lhe chamavam, era encarregado da compra e venda da baixella real, de tratar com os ourives e joalheiros da casa real, de fornecer a baixella para o serviço dos embaixadores, e dos dignitarios do estado. Para o bom desempenho d'estas funcções tinha aposento no paço em que o soberano residisse; e acompanhava-o em qualquer viagem, ou simples mudança de habitação.

Andavam bem equiparados os proventos ás honras do emprego. No reinado de Carlos II, esposo da nossa infanta D. Catharina de Bragança, filha del-rei D. João IV, tinha o guarda joias de ordenado fixo mil e duzentas libras esterlinas. Mas além d'isso percebia muitas e importantes propinas. Davam-lhe para o seu jantar quatorze pratos de diversas iguarias, cerveja, vinho, etc. Pelo natal recebia, a titulo de gratificação, cem libras, e trezentas quando tinha de entregar presentes aos embaixadores. Recebia mais annualmente uma peça de prata doirada do peso de vinte e oito onças; as bolsas em que os lords, segundo a antiga usança, faziam todos os annos os seus presentes de oiro amoedado a el-rei, cada uma das quaes nunca valia menos de trinta a quarenta libras; e ainda outras propinas e gratificações.

Nas procissões tomava o guarda joias logar immediato aos membros do conselho privado; e na solemnidade da coroação dos monarchas vestia umas roupas escarlates mui ricas, e sentava-se á mesa dos barões, no banquete que por essa occasião se dava no magnifico edificio de *Westminster-Hall*.

Quando el-rei, com todo o ceremonial da corte, abria ou encerrava o parlamento, pertencia áquelle funccionario a honra de collocar e tirar a coroa real da cabeça do soberano.

Porém todas estas preeminencias e regalias acabaram, pela maior parte, no mesmo reinado de Carlos II, em que foram abolidas ou repartidas por outros funccionarios, o que se levou a effeito por instancias do chanceller Hyde.

Muitas d'aquellas funcções e privilegios foram reunidos ao cargo de camareiro-mór. Então solicitou e obteve o guarda joias, como uma compensação, licença para mostrar as joias da coroa, recebendo uma determinada quantia por cada pessoa que as quizesse ver. É bem facil de julgar que nada perdeu na mudança.

O guarda joias não residia na torre de Londres, mas tinha ahi em seu logar uma pessoa de confiança.

Quando Blood tentou roubar estas preciosidades, em 1693, desfructava o emprego de guarda joias sir Gilbert Talbot; mas quem effectivamente as guardava era um antigo servidor da sua familia, chamado Talbot Edwards.

O ladrão, com espanto de toda a gente, foi perdoado; e, o que ainda é mais notavel, recebeu ao diante del-rei Carlos II mercês que o enriqueceram. Não se sabe se este soberano, coagido por alguma terrivel ameaça, capitulou com o malfeitor, ou se este homem foi salvo do castigo que merecia, e ainda por cima galardoado, por influencia de algum ou alguns poderosos fidalgos da corte corrompida d'aquelle monarcha, aos quaes Blood serviria de instrumento dos seus maleficios e devassidões. A causa verdadeira de um tal procedimento, que escandalisou toda a nação, ficou occulta entre os mysterios da historia de Inglaterra.

Depois do incendio que rebentou na torre de Londres ha vinte e tantos annos, e que destruiu parte d'este antiquissimo monumento, foram levadas as joias da coroa, do logar em que até alli se guardavam, para casa do governador da dita fortaleza, estabelecida na parte do edificio que escapou ao incendio.

Tendo-se construido posteriormente um palacio de architectura gothica destinado para guarda joias, foram para alli conduzidas todas aquellas preciosidades no anno de 1842.

Compõe-se este thesoiro de numerosas e riquissimas peças. As mais notaveis são as seguintes:

A *coroa de Santo Eduardo*, assim chamada em memoria da que pertenceu a Eduardo o Confessor, rei de Inglaterra, 1.º do nome, a qual foi roubada no tempo del-rei Carlos I. A que ao presente existe foi feita para a coroação de Carlos II, e é a que serve para taes ceremonias. É formada de quatro cruzes e quatro flores de liz de oiro, fechadas por cima com um globo tambem de oiro. Guarnecem-n'a muita quantidade de perolas, diamantes, esmeraldas, rubis e saphiras.

A *coroa de estado*, de que os soberanos usam na solemnidade da abertura do parlamento, tambem foi mandada fazer por Carlos II. D'entre as pedras precio-

sas que a adornam sobresaem um magnifico rubí, e uma esmeralda que tem sete pollegadas inglezas de circumferencia.

A *nova coroa de estado* foi mandada fazer para a rainha Victoria. É uma peça de subido valor. No centro da cruz, que lhe serve de remate, tem uma saphira inestimavel pelo seu tamanho e pureza; e na dianteira da coroa avulta um rubí do feitio de um coração, que reune ao valor intrinseco o apreço historico, pois dizem que pertencêra ao principe Eduardo, tão celebrado sob o nome de *Principe Negro*.

A *coroa do principe de Galles* é de oiro. Costuma servir nas grandes solemnidades, sendo collocada sobre um bufete, na camara dos lords, defronte da cadeira occupada pelo herdeiro presumptivo do throno.

O *diadema de oiro da rainha*, de que se serviu a rainha Maria, mulher de Jacques ou Jacobo II, no dia da sua coroação.

A *coroa da rainha* é destinada especialmente para a coroação das soberanas.

A *coroa rica da rainha* é uma peça mui valiosa, como o seu titulo indica. A soberana cinge a fronte com ella ao sair de *Westminster-Hall*, finda a ceremonia da coroação.

O *globo de oiro* é uma insignia que o monarcha ostenta na mão direita durante o acto da coroação,

Joias da coroa de Inglaterra

e passa para a mão esquerda quando se retira de *Westeminster-Hall*. É uma bola de oiro com seis pollegadas de diametro, cingida por um circulo de diamantes, e tendo em cima uma enorme amethista, sobre a qual se ergue uma cruz de oiro, toda cravejada de diversas pedras preciosas.

A *ampula*, chamada *aguia de oiro*, é um frasco com a fórma d'esta ave de azas estendidas, como no momento de levantar o vôo. Contém os santos oleos com que os reis de Inglaterra são ungidos no acto da coroação. O oleo sae pelo bico da aguia, e é lançado em uma colhér de oiro, d'onde se servem d'elle para a uncção. Dizem que esta peça é obra do seculo XII.

A *curtana*, ou *espada da misericordia*, é de aço doirado. Tambem serve nas ceremonias da coroação, sendo conduzida nua diante del-rei, e entre as duas espadas da justiça. Estas symbolisam o poder espiritual e o temporal. A primeira d'estas tem a ponta redonda, e a segunda aguda.

O *sceptro de Santo Eduardo* é de oiro, com um cabo de aço. Tem de altura dez palmos, e remata em um globo com uma cruz.

O *sceptro real da coroa*, ou *vara da equidade*, é tambem de oiro. Termina em uma pomba com as azas abertas, emblema da misericordia, poisada sobre uma cruz pequena. Outro sceptro parecido com este foi achado, em 1814, detraz de um velho forro de madeira de uma parede da torre. Diz-se que pertencêra á rainha Maria, mulher de Guilherme III.

O *sceptro real da cruz* é todo cravejado de pedras preciosas.

O *sceptro de marfim* foi feito para uso da rainha Maria de Este, mulher de Jacques II.

Os *braceletes* são de oiro ornados de perolas. Servem na coroação.

As *esporas reaes* são de oiro. Os lords Grey de Ruthen gozam do privilegio de as conduzir na solemnidade da coroação, como descendentes dos condes de Hastings.

O *saleiro de estado* é o modêlo em oiro da torre de Londres.

Vêem-se tambem entre as joias da corôa umas pias baptismaes, de prata doirada; uma fonte de prata, dadiva da cidade de Plymouth a el-rei Carlos II; um serviço de differentes peças para o acto da communhão, de prata doirada primorosamente esculpida, e cuja peça principal é ornada com um lindo baixo relêvo, representando a Cêa do Senhor; doze saleiros de oiro, de muito apreço artistico; dois grandes vasos ou jarros de oiro massiço, que figuram na coroação; uma baixella de prata, etc.

A gravura que publicâmos, copiada de outra do *Magasin Pittoresque*, representa a antiga sala da torre de Londres, em que se guardavam as ditas joias.

O assumpto leva naturalmente a nossa attenção para as numerosas preciosidades que se guardam em Lisboa, não só occultas ás vistas do vulgo, mas até pela maior parte ignoradas de quasi toda a gente, sem excepção de classe, e apenas conhecidas de mui poucos.

Os objectos preciosos que pertenceram aos extinctos conventos, e que se acham depositados na casa da Moeda; os vasos e alfaias da capella de S. João Baptista, na egreja de S. Roque; os da sé, que serviram outr'ora na antiga patriarchal; as riquezas artisticas que possue a *torre do Tombo;* e, finalmente, as joias da corôa, acham-se mais ou menos n'aquellas circunstancias.

E não será uma perda e ao mesmo tempo uma vergonha para esta capital, que sendo tão pobre de obras de arte de verdadeiro primor em monumentos publicos, assim tenha quasi escondidos tantos objectos, onde se vêem reunidos em alto grau o valor da materia, a excellencia da arte e o interesse da historia?

Por quantos modos lucraria a cidade se todas essas coisas estivessem accommodadas e dispostas de maneira que podessem facilmente serem vistas e examinadas pelos curiosos e pelos artistas?

Fadada pela sua posição geographica para ser uma grande hospedaria da Europa, Lisboa precisa de se encher de commodidades e de attractivos para chamar a si e demorar no seu seio os estrangeiros que podem enriquecel-a de oiro e civilisação. Em quanto não lhe permittem ataviar-se de novas galas, com que dê realce aos dotes naturaes da sua formosura, exponha, pelo menos, aos olhos dos que a requestam, essas joias que commemoram a sua passada grandeza, e as extinctas glorias da nação. Deixe que os artistas ahi vão estudar a arte de esculpir nos metaes, que tanto floreceu outr'ora em Portugal, apurando ao mesmo tempo o gosto na contemplação d'essas obras, pela maior parte tão esbeltas nas fórmas, tão graciosas e variadas nos lavores, e tão perfeitas na execução do trabalho.

As vantagens que d'isto se havia de colhêr compensariam bem, certamente, quaesquer sacrificios que fosse mister fazer para collocar todas essas preciosidades em logares apropriados á exposição, e com todas as condições de segurança necessarias, conservando-as nos edificios em que se acham, menos as da casa da Moeda, que ficariam melhor, a muitos respeitos, na academia das bellas artes de Lisboa, como já foi solicitado em vão pelo digno e incançavel vice-inspector da dita academia, o sr. marquez de Sousa Holstein.

É este um empenho em que a imprensa periodica nos poderia auxiliar, para honra e interesse da capital e do paiz.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A POESIA NOS CAMPOS

(Vid. pag. 174)

Haverá talvez quem taxe de monotonia o voltarmos para junto do berço em que a infancia repoisa descuidosa do tremendo enigma que se chama o futuro. Embora! Attrahe-nos ainda a suavissima melodia com que a vigilancia materna acorda os echos mudos da solidão, revendo-se embevecida na fragilidade do filhinho que dorme:

> Ó minha mãe dos trabalhos,
> Para quem trabalho eu?
> Trabalho, mato o meu corpo,
> Não tenho nada de meu!

Ou, erguendo o espirito acima das proprias mágoas, pôr o sentido na possibilidade de um novo enlêvo, e cantar:

> O meu menino é d'oiro,
> D'oiro é o meu menino,
> Hei de trocal-o co'os anjos
> Por outro mais pequenino.

As toadas com que estas e outras sentidas coplas são acompanhadas pelas mulheres do povo, adormecendo os filhinhos, são dignas de um album musical: mas, infelizmente, poucas ou nenhumas d'ellas estão ainda collecionadas.

Mudemos agora de rumo, e prosigamos. Para que nem tudo sejam tristezas, e nos não accusem de compilarmos só melancolias, ahi vae a historia veridica de um despique amoroso, tomado em boa e frisante poesia.

Um rapaz *puxava* para uma rapariga. Nada mais natural. A rapariga ouvia-o, ao que parecia, sem desagrado. Naturalissimo. Mas a inconstancia levou-a a dar ouvidos a um segundo pretendente, e a esquecer não a fé jurada, mas a que a si mesma devia guardar. Sabe-o o mais antigo e tambem o mais sincero dos dois amadores, e cala-se. Instado dias depois a dar a razão do seu afastamento, ella ahi vae como a ouvimos da propria boca do queixoso:

> Peça tudo quanto queira,
> O meu amor não m'o peça;
> Deve estar muito doente
> Quem de noite se confessa.

Pois esta resolução foi tomada estando o homem, como vulgarmente se diz, já com o pé dentro da egreja, e esquecido dos axiomas da trova que diz:

> O cantar é dom dos anjos,
> O bailar dos variados,
> A alegria dos solteiros,
> A tristeza *dos casados.*

Entre os agudissimos epigrammas de Bocage ha um que se tornou popular pela valentia do desforço. É este:

> Dizem que Flavio glutão
> Em Bocage aferra o dente:
> Ora é forte admiração
> Ver um cão morder na gente!

Pois oiçam agora um poeta da mesma eschola, que tem a honra de se encontrar com tão bom modêlo, e que, por ser nascido na aldeia, não acha n'isso motivo para deixar sem prompta réplica a mordacidade de um rival:

> Tenho corrido mil terras,
> Mil terras tenho corrido,
> Muito cão me tem ladrado,
> Mas nenhum me tem mordido.

As terras que este *tinha corrido* eram as freguezias do seu concelho, mas ainda assim podia dizer que tinha visto mundo. Outro tanto não affirmava de si um afamado repentista do mesmo logar, tão convencido da promptidão e fecundidade do seu estro, que dizia:

Se eu cantar tão bem soubera
Como sei fazer cantigas,
Fizera chorar as pedras,
Quanto mais as raparigas!

Só se elle estava em maré de não querer poetar, porque então era tempo perdido instar com elle! Era caprichoso o nosso Byron serrano, e se lhe dava o *spleen* (deixem-me inglezar o saloio) eram sempre mordentes as saídas d'elle.

Querem-n'o ouvir n'um momento de mau humor? O poeta que *sabia fazer chorar as pedras*, convidado d'este modo a poetar:

Diga lá duas cantigas
D'aquellas que vossê sabe,

ou porque lhe destoasse o *vossê*, ou porque não acceitasse a arithmetica na poesia, respondia:

Estão dentro da gaveta
E perdi o norte á chave!

Será ou não será isto aproximar-se dos bons ditos dos poetas francezes da segunda metade do seculo XVIII, ou, sem sairmos fóra de Portugal, das desconcertadoras respostas do fustigador implacavel do padre José Agostinho de Macedo?

Se por acaso ao nosso poeta (o saloio) não saía uma quadra bem rimada, ou não exprimia francamente a sua idéa nos moldes acanhados de duas consoantes forçadas, não era luctador que desanimasse, desculpando-se logo d'este modo:

Meninas não façam caso
Da cantiga ser errada:
Tambem um bom caçador
Atira... não mata nada!

A proposito d'estes singelos e despretenciosos estudos sobre a poesia popular já podiamos, se tivessemos quéda para a erudição balofa, ter resuscitado a velha questão dos rapsodistas, e trazido para aqui a encanecida e nunca resolvida disputa entre os defensores da unidade e authenticidade dos poemas homericos, e os que só querem ver n'elles o arduo trabalho de eruditos e conscienciosos compiladores da poesia popular da Grecia primitiva. Nós preferimos limpar estes estudos de cogitações alheias á pura e genuina trasladação para a escripta do viver e crer poetico do nosso povo. Prosigamos pois no nosso intento. Ahi vae uma copla que demonstra que o amor nos campos nem sempre é desacompanhado das fórmulas amenas com que nas cidades ás vezes o rebaixam até ao ridiculo:

A murtinheira é de vidro,
Ao fechar na mão se quebra;
Assim é vossê commigo,
Cuida que o vento me leva.

A rapariga pensava, e quem sabe se tinha razão, que as demasias do affecto nem sempre são indicadoras da estabilidade que se requer na verdadeira estima. Era ainda ella que dizia:

Se o amor quer ser rogado,
Eu nunca roguei ninguem;
Arrenego do amor
Que á força de rogos vem.

Como vêem, a rapariga tinha principios fixos sobre o assumpto, e os seus aphorismos eram concisos e substanciosos. O que porém atraiçoava um pouco o rigor das sentenças da nossa austera poetisa, era a suavidade dos seus bellos olhos azues! Era d'elles que indiscretamente fallava um desvalido pretendente, cantando:

Quem tiver olhos azues
Bem os deve de estimar;
Olhos azues cá na terra
São custosos de encontrar.

Olhos pretos, e infieis, havia-os por lá em abundancia, por isso os azues e constantes andavam tanto na voga. Dos pretos, que mentiam, ou poucas esperanças davam de lealdade, é que rezam as duas seguintes coplas:

Os teus olhos, ó menina,
São gentios da Guiné;
Da Guiné por serem pretos,
Gentios por não terem fé.

A outra é esta:

Ó meus olhos de pau preto,
Sobrancelhas de oiro fino,
Não me percas o affecto,
Que eu de ti não perco o tino.

Se ha quem pense que os dotes do espirito são tidos em pouca conta na aldeia, illude-se. Vamos fallar pela boca de um juiz competente:

Entre a salsa e o coentro
Hei de dispor o cebolo,
Mais vale o feio engraçado
Que o bonito sendo tolo.

Como os leitores já devem ter notado, é quasi regra geral nas trovas populares dividirem-se as quadras em dois hemistichios, fazendo cada um d'elles sentido por si, sem relação directa um com o outro, como que para preparar a sopresa do conceito que de ordinario se encerra nos dois versos finaes, o que não impede a harmonia do conjuncto, nem perturba a clareza da idéa. Por exemplo:

O loureiro está quebrado,
Por tres partes offendido...
Falla amor com quem quizeres
E de mim tira o sentido.

Apesar da differença apparente dos dois primeiros versos d'esta quadra com o seguimento logico do raciocinio, não ha ainda uma certa connexão entre o *loureiro quebrado e offendido*, e o apartamento e despedida, que se annunciam nos dois versos finaes da trova?

De que é este o processo poetico quasi invariavelmente seguido pela gente do campo, ahi vae mais um exemplo:

Eu subi ao altar-mór,
Accendi velas no throno...
É bem louco quem se mata
Por amor que já tem dono.

A phraseologia amaneirada do idyllio tem passado até hoje, e continuará ainda a passar, como o ideal da candura e da innocencia pastoril. Não obstante, cuido que não é menos innocente dizer:

Encostei-me ao pecegueiro
E toda me enchi de flores...
Vejo-me tão pequenina
E já me fallam de amores!

Ou então, dirigindo-se a um adventicio que com estudados requebros a pretende captivar, e dos seus

haveres lhe falla como de um Potosi a explorar, e cantar-lhe:

Eu hei de ir á tua terra
Ouvir a missa do dia,
Que tanto me tem gabado
A tua tafularia!

Haverá censor tão austero que, acceitando em nome das ousadias do lyrismo todas as aberrações do bom senso, se atreva a condemnar (com justiça de moiro) as raras descaídas da musa campesina? Se o ha, pedimos-lhe que não leia a seguinte quadra, em que os dois ultimos versos servem de errata e emenda á jocosidade dos dois primeiros:

Os pratos da prateleira
Sempre estão telim... telim...
No reino do ceo esteja
Quem te creou para mim.

Já n'este estudo dissemos que havia nos campos philosophos (se acharem a palavra ambiciosa, chamem-lhes *observadores*), que dos seus commentarios á vida pratica tiravam o assumpto de toda a poesia. Tolentinos de cajado e surrão, a sua analyse é sempre segura, e a manifestação da sua idéa clara e concisa. Vejâmos:

Herva cidreira nos campos
É regalo de pastores;
Deitam os gados a ella,
Vão fallar aos seus amores.

Será ou não será philosopho (insistimos ainda na propriedade do termo) quem estuda o intangivel, e até das propriedades do fumo tira as suas conclusões moraes? Pois ponham de parte o talvez pouco scientifico rigor dos epithetos, e neguem-nos que a seguinte quadra não tenha um certo sabor reflexivo, que nem sempre se encontra nos poetas laureados... pelo folhetim:

É tão delicado o fumo,
Que passa a telha dobrada;
Delicados são teus olhos
Que captivam de pancada.

O que se tem dito e escripto dos pombos mensageiros, e da sua mestria como corretores aéreos de amorosas correspondencias, pareceria fabula aos incredulos, se a seguinte trova popular não confirmasse a veracidade de como as aves se prestam a ser mudas confidentes de saudades e desejos:

Ó meu amor, se te fores,
Escreve-me do caminho;
Se não houver portador,
Nas azas de um passarinho.

O despeito, em assumptos amorosos, foi sempre uma das cordas sensiveis do coração da mulher. Se ainda ha calor por baixo das cinzas do affecto que acabou, não é raro ver salgar com a ironia, ou pulverisar com o sarcasmo, a inconstancia d'aquelle que se deixou esquecer dos juramentos dados. Oiçâmos duas queixosas revelando na poesia as tristezas do abandono:

Trocaste-me a mim por outra,
Eu bem sei que me trocaste;
Não se me dava saber
Na troca quanto ganhaste.

Outra:

Já lá vae, já se acabou,
O tempo que te eu amava;
Tinha olhos e não via
Na cegueira em que eu andava.

A consolação unica para estes e outros que taes contratempos amorosos, é recordarem-se as victimas da dúvida expressa pela cantiga que diz:

A saudade é toda roxa,
Tem no meio o olho verde:
Quem tem amor não o perde,
Quem o perde acaso o teve?...

Esperdiçar lagrimas com ingratos, para que? A mocidade é breve, e faces que empallidecem e perdem o viço inspiram quando muito a compaixão, e motivam os conselhos d'aquelles que as viram já frescas e rosadas:

Rosa branca, toma côr,
Não sejas tão desbotada,
Que dizem as outras rosas:
Rosa branca não val nada.

Quem não folga e ri na quadra amena da primavera, antecipa, sem o pensar, as melancolias do inverno. Porque não hão de as raparigas que se sentem propensas para o desalento, tomar exemplo da isenção galhofeira da outra que cantava:

Chamaste-me amor-perfeito,
Eu não sou tão delicada;
Assim mesmo, bem pensando,
Em ti sou mal empregada.

Nos campos póde-se ignorar que existe a Inglaterra, patria da industria; a Italia, mãe das artes; a Allemanha, berço dos pensadores. Mas o que nas nossas aldeias ninguem deixa de saber é que ha uma terra que se chama o Brasil, aonde se falla a nossa lingua, e onde se enriquece pelo trabalho, quando se não morre na enxerga de um hospital, longe dos seus, e sem o conchego do lar domestico. Feliz, ou infelizmente, o nosso povo vê só o Brasil pelo lado da prosperidade material. A prova está na seguinte quadra de despedida a um rapaz que parte para a America:

Deus te leve a Pernambuco
E de lá venhas tão rico,
Que el-rei da *Divinamarca*
Não possa egualar comtigo.

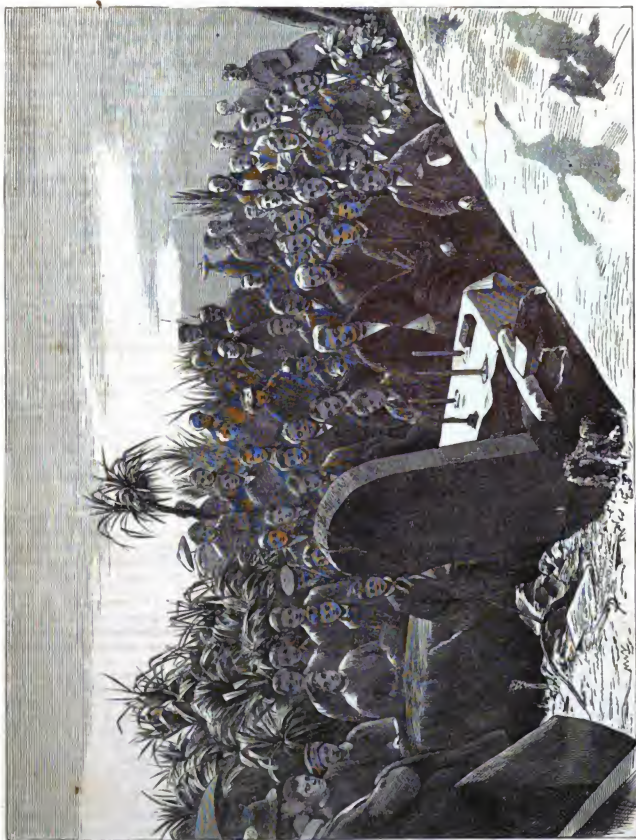
Deixemos a *Divinamarca* aonde está, e dêmos as nossas ultimas explicações aos leitores.

Damos aqui por terminada a primeira serie d'estes estudos sobre a poesia popular nos campos, dispostos a voltar ao assumpto quando o nosso bondoso e illustrado amigo o sr. Thomaz Ribeiro nos fornecer, como espontaneamente nos prometteu, uma collecção de cantigas dos cegos pedintes da Beira, provincia da naturalidade do distincto auctor do *D. Jayme*.

Egual promessa nos foi feita pelo nosso amigo o sr. José Maria da Ponte e Horta, benemerito lente da eschola polytechnica, e amador consciencioso de assumptos litterarios, especialmente dos que revelam amor ás coisas da terra natal. O sr. José Horta é filho do Algarve, uma das nossas provincias mais por explorar em relação ás artes e á poesia.

Concluirei este trabalho com a seguinte quadra popular, com que apropriadamente me despeço dos leitores do *Archivo:*

Vou-lhes dar a despedida
Como deu o maio á flor;
Quem se despede cantando
Não leva pena nem dor.

L. A. Palmeirim.

Logar da primeira sepultura de S. Francisco Xavier

Representa a estampa o logar na ilha de Sanchoão [1], onde primeiro foi sepultado S. Francisco Xavier. Foi tirada na occasião da visita dos romeiros que, em novembro do anno ultimo, alli se dirigiram, idos de Macau.

A lapida que se vê quasi ao centro é a que está gravada, com suas inscripções em chim e portuguez, a pag. 251 do vol. II d'este semanario, onde se lêem algumas noticias ácerca da morte do santo apostolo do Oriente, e do logar onde falleceu, bem como do tumulo que em Goa encerra hoje o seu corpo.

Um dos romeiros, que suppomos ser o rev. padre Joaquim José de Affonseca e Mattos, professor distincto no seminario de Macau, descreveu nos seguintes termos aquella notavel romaria, que tantas e tão gloriosas recordações historicas suscita do nosso antigo padroado do Oriente, e do zêlo dos nossos maiores pela dilatação da fé:

«Era pela meia noite do dia 19 de novembro de

[1] Veja-se a pag. 173 d'este vol. o desenho d'esta ilha.

1864, quando o vapor *Hankow*, levando a bordo cento e trinta romeiros, pouco mais ou menos, no meio dos signaes da mais expansiva alegria, sulcava as aguas da bahia de Macau, e dobrando a ponta de *Ka-hó*, se dirigia á desejada ilha de Sanchoão. A lua que, surgindo no extremo horisonte, subia pelo ceo azulado e puro, prateava com sua pallida luz, sempre cheia de poetica melancolia, as aniladas aguas do mar. A serenidade do ceo, o silencio da noite, a frescura da viração, a placidez das ondas, tudo concorria para augmentar as doces commoções da nossa alma, occupada na contemplação das grandezas divinas.

«N'esta occasião verdadeiramente solemne, reinava entre os romeiros aquella paz e serenidade da alma, aquelle puro e ineffavel prazer que a fé incute, e que o coração dos romeiros experimentou, mas que a nossa penna não póde expressar, porque é coisa mais que humana.

«As amigaveis conversas que travavam, ás vezes, os passageiros, não tinham outro thema senão a vida do grande Xavier, apostolo do Oriente, e a sua morte em Sanchoão.

«Notavam todos a singular coincidencia do dia em que se effectuava a nossa romaria com o que o santo tinha escolhido para sua vinda a estas terras em direitura a Cantão, que foi exactamente o dia 19 de novembro. Não deixavam tambem de notar que o dia que se seguiu á projectada partida do santo foi um domingo, 20 de novembro, no qual dia o santo celebrou pela ultima vez a missa em suffragio de um defuncto, e adoeceu d'aquella fatal enfermidade que o levou á sepultura: e este era o dia escolhido não por nós, mas pela Providencia, que queria honrar ao seu fiel servo com uma solemnidade commemorativa do ultimo acto da sua vida apostolica, e do principio da sua mortal enfermidade.

«N'estas considerações e affectos, as horas voaram como instantes, e já pelas 6 da manhã o vapor deitava ferro na bahia de Sanchoão.

«Eramos chegados á terra suspirada; mas qual não foi o nosso embaraço, quando entre tantos romeiros não encontrámos um só que soubesse indicar-nos com exactidão o sitio da sepultura?...

«Isto não era de admirar, visto que n'este seculo só por duas vezes se fez a romaria, uma em 1813, e a ultima em 1815; e desde então aquellas praias nunca mais foram visitadas pelos devotos do grande apostolo.

«Enviou-se então á terra um bote com 5 romeiros para se informarem sobre o logar da sepultura; e nós fomos do numero d'estes.

«Ao desembarcar encontrámos um china, o qual, perguntado se sabia da sepultura de um santo europeo ahi enterrado, havia 300 annos, respondeu-nos que existia, a pouca distancia do logar onde estavamos, uma sepultura que tinha uma lapida com uma inscripção européa. Offereceu-se-lhe uma remuneração, se elle quizesse mostrar aquelle sitio, ao que promptamente annuiu.

«Depois de andar alguns minutos pela praia, chegámos ás faldas de um oiteiro sobranceiro ao mar, do lado de N. E., que fecha d'aquelle lado a bahia. Subimos pela encosta, e a uma altura de 40 a 50 metros acima da praia, parou o nosso guia, e indicou-nos um logar, a pequena distancia, onde se divisava, por entre *pandões* [1], uma lapida. Ahi corremos logo, e vimos que essa pedra era o padrão levantado em 1639, pelos jesuitas, em memoria de S. Francisco Xavier. Imaginem qual não seria a nossa alegria quando tivemos a certeza de ter encontrado a sepultura do santo!...

«O padrão estava quasi em posição vertical. Na parte dianteira, por ser mais exposta á intemperie do

[1] Certas cannas ou plantas.

tempo, apenas podémos decifrar a data em china, em quanto que, no reverso do padrão, a inscripção em portuguez era perfeitamente legivel. A 2 ou 3 metros distantes do padrão, encontrámos quatro paredes que circuitavam uma área de pouco mais de dois metros quadrados, e que cremos ser de alguma antiga capella. Mas o que pareceu singular é que a meio metro d'estas paredes havia um outro muro que as cercava. Encontrámos tambem uma pedra vermelha, a qual era evidentemente parte de uma lapida que tinha uma inscripção em china, com tres ordens de caracteres. Liam-se claramente duas letras que diziam «reconstruido»: as outras letras não as podémos distinguir [1].

«Depois de descoberto o sitio, desembarcaram os mais romeiros com todos os arranjos precisos para construir a tenda e levantar os altares.

«A comitiva dos romeiros era composta de portuguezes, hespanhoes, inglezes, irlandezes, italianos, francezes, chinas, americanos, allemães, indios, peruanos e armenios, sendo naturalmente de portuguezes o maior numero, 90 a 95, pouco mais ou menos.

«Era bello ver como todos, sem distincção nem excepção alguma, se afadigavam a transportar pela encosta as caixas, a cortar o mato, a aplainar o logar, a armar a capella e levantar altares. Em menos de uma hora tudo estava prompto para a celebração do sacrificio divino.

«Pelas 9 e meia se disseram tres missas a um tempo nos tres altares erigidos em roda do sepulchro; acabadas as quaes se cantou a missa solemne, continuando comtudo as missas rezadas nos altares lateraes. A musica era bella e devota, e as vozes argentinas dos meninos do seminario de S. José nunca nos pareceram tão suaves e harmoniosas como n'esta occasião. O sr. Antinori a dirigia, acompanhando-a com uma *serafina*, ou harmonio.

«Recitou o sr. padre Fancisco Xavier Rondina um breve discurso, em que expressou os sentimentos de que então estava possuido o seu espirito em vista d'aquelle santo logar, discurso que commoveu os assistentes, e fez derramar lagrimas a todos pelo convencimento intimo e pela uncção com que foi proferido.

«Era pouco depois das 11 horas quando acabaram as dez missas que se celebraram ao pé da sepultura. Fazia sol ardente; comtudo, demorámo-nos alguns minutos mais para tirar duas vistas photographicas do logar [2].

«Ao meio dia já todos estavam a bordo do *Hankow*, dando por terminada a romaria. Nenhum accidente nem desastre aconteceu; tudo correu tranquillamente.

«O vapor, depois de uma viagem de pouco mais de 6 horas de tempo, veiu fundear na Praia Grande, e os romeiros desembarcaram cheios de saudade do sitio em que passaram momentos tão felizes, n'esse abençoado dia 20 de novembro de 1864, para sempre memoravel.

«Segundo as informações que obtivemos em Sanchoão, ha na ilha a população de 2:000 almas, que vivem da agricultura e da pesca. Não existe ahi auctoridade alguma mandarina; quem governa as aldeias são os anciãos. Alguns habitantes da ilha com os quaes fallámos tinham perdido toda a tradição a respeito de S. Francisco Xavier; nem sequer tinham conhecimento das ultimas romarias feitas pelo bispo Chacim em 1813 e 1815, o que não tirava que tivessem

[1] Esta lapida foi provavelmente a que alli deixou o sr. bispo Chacim em 1813 sobre o sepulchro do santo; mas que foi alguns annos depois tirada e quebrada pelos chinas, apesar do respeito que tem aos tumulos em geral, e ao do santo em particular; porque, disseram elles, o dito bispo *amofinou* o logar, tapando com a dita pedra a saida á felicidade que lhes vinha do tumulo aberto. Isto contaram ha poucos annos em Macau ao rev. padre Rozario dois pescadores de Sanchoão.

[2] São as que reproduzimos n'este semanario.

grande veneração pelo tumulo do santo europeo [1]. A unica coisa que um d'elles disse relativamente á sepultura de S. Francisco Xavier, foi que tiveram muito juizo os que escolheram aquelle sitio para sepultura, porque era um local que tinha bello *Fom-xuei* [2], superstição esta muito arraigada entre os chinas, os quaes dizem ser tal a influencia do local da sepultura sobre a felicidade do espirito do defuncto e sobre o bem estar dos descendentes do mesmo, que julgam uma dita inapreciavel quando encontram um local com os caracteres e propriedades designadas pelos mestres de geomancia, como signaes certos de bom *Fom-xuei*.

«O dialecto usado em Sanchoão é o do districto de *San-neng*, algum tanto distincto do de *Heangxan*, que é o dialecto que se falla em Macau.

«O monte em que está a sepultura do santo chama-se, como ahi nos disseram os chinas, *Tai-hó-xan*, «muito bom monte.» A bahia tem o nome de *San-chau-tom*, «o tanque de tres ilhas,» e com effeito, ha n'um lado da bahia tres ilhas, não mui grandes. As outras duas ilhas que se acham na entrada da bahia chamam-se *Ping-chau*. A montanha que fica ao longe, mas exactamente fronteira ao sitio da sepultura de S. Francisco Xavier, chama-se *hachun*, corrente inferior.

«Terminaremos esta succinta narração transcrevendo a inscripção que o rev. padre Rondina fez gravar n'uma lapida de marmore, que foi collocada junto a uma das paredes que acima mencionámos. Eil-a:

耶穌會士泰西聖人範濟各沙未爾之故墓

IHS

HIC. OB. ET CONDITVS. FVIT.

S. FRANCISCVS. XAV.

MAC. ET. P.P. SEM. S. IOS. E. S. I.

PATRONO. BENEMERENTI.

HVNC. TITVLVM. P.P.

XI. KAL. IVN. AN. MDCCCLXIV.

大清同治甲子年四月十七日衆會友立碑

«A data d'esta lapida (trabalhada e collocada gratuitamente por pedreiros chinas pagãos, mettendo até alguns d'elles empenhos para isso!) é de 24 de maio do corrente anno; porque estava determinado ser então collocada; mas isso não se póde realisar, e foi collocada no dia 20 de novembro. Parece-nos a proposito fazer esta declaração para impedir por ventura futuras questões entre os devotos que nos succederem na romagem a Sanchoão.

«A traducção da inscripção china é a seguinte:

«Antiga sepultura do santo europeo S. Francisco Xavier, da Companhia de Jesus.

[1] Depois d'isto havermos escripto, soubemos que alguns de nossos companheiros de romagem fallaram com chinas que conservavam bem fresca a dita tradição, apresentando-se até um d'elles como neto do antigo guarda do sepulchro do santo, a quem o fallecido bispo D. Francisco de Nossa Senhora da Luz Chacim deu por muitos annos 4 patacas mensaes. A este china entregou o sr. Chagas um papel que já levava escripto na lingua do paiz, recommendando-lhe a guarda do logar, etc., com o que elle ficou mui satisfeito.

[2] A traducção litteral de *Fom-xuei* é vento e agua; mas é certo que o local de bom *fom-xuei* quer dizer terreno feliz, ou terreno favorecido pela natureza e pelos espiritos.

«Esta lapida foi levantada pelos seus correligionarios no dia 17 da 4.ª lua do anno *Chia-tzu* [1], reinando o imperador *Tum-chi*, da dynastia *Ta-chim*.

«Outrosim nos parece conveniente rectificar aqui um erro em que tem caído varios escriptores modernos, negando ou pondo em duvida que tivesse havido uma capella em Sanchoão junto ao primitivo tumulo do apostolo do Oriente. Além das ruinas que de tal edificio ainda alli existem (as paredes de que fallámos), temos seguras e decisivas auctoridades que comprovam a sua existencia, tanto no *Oriente Conquistado* (Conquista III, Dist. II, pag. 357), como na *Relação do estado das missões da China, apresentada em Roma ao rev. padre geral da Companhia de Jesus*, pelo padre Francisco Noel, da mesma Companhia; e bem assim n'outra *Relação* do padre Castner, citada nas *Cartas Edificantes*, vol. III, pag. 146; e sobre tudo na interessantissima carta do padre Fontaney para o padre La Chayse, confessor do rei de França [2]. Alli se vê que tanto o padre Hervieu como diversos outros jesuitas francezes disseram muitas vezes missa na dita capella no anno de 1701, tendo ella um anno de existencia, como um d'elles declara, e sendo promovida a sua fundação pelos jesuitas de Macau no anno de 1700.

O FOGO

(Vid. pag. 166)

V

ACÇÃO DAS REDES METALLICAS SOBRE O FOGO

Tomemos um bico ordinario de gaz, e accendamos a sua chamma; sobre esta chamma colloquemos uma rede metallica de malhas apertadas, contendo mais de 100 por centimetro quadrado de superficie (fig. 11); immediatamente veremos a chamma apagar-se na parte superior á rede, ficando a combustão apenas limitada á parte inferior; entretanto, o gaz continúa a passar através das malhas, tanto que, se chegarmos uma luz á parte superior da rede, veremos o gaz inflammar-se alli.

Fig. 11 — Intercepção da chamma por cima de uma rede metallica

Fechemos a torneira do gaz; a chamma extinguir-se-ha instantaneamente; se agora de novo a abrirmos, e collocarmos a rede a uma certa distancia do bico (fig. 12), o gaz passará através das malhas da rede, e podêmos inflammal-o na parte superior, obtendo assim uma chamma por cima da rede, e um espaço escuro por baixo, espaço cheio de gaz muito inflammavel e apto para a combustão, e que, entretanto, não arde, porque a rede metallica não deixa passar o fogo de cima para baixo.

Fig. 12 — Intercepção da chamma por baixo de uma rede metallica

[1] Primeiro anno do cyclo 750.

[2] Vid. o vol. v. das *Cartas Edif.* pag. 211.

Qual será, pois, a razão por que as redes metallicas interceptam a chamma? qual será a causa d'este esfriamento que apaga o gaz? Para ver a causa d'este interessante phenomeno é preciso considerar o que é o calorico. Está hoje demonstrado que o calorico é um movimento vibratorio das moleculas dos corpos; movimento de uma enorme rapidez, e que se communica a um fluido universal muito subtil denominado ether, que penetra em todos os espaços, que está em contacto com todos os corpos e enche o universo; é este ether que transmitte as vibrações que constituem o calorico, e que, encontrando o nosso corpo, do seu choque contra os nervos resulta a impressão e sensação do calor. Quereis ter uma idéa da propagação das vibrações ou ondulações por meio do ether? Deitae uma pedra sobre a agua de um tanque, e vereis que a elevação da agua produzida pela pressão exercida pela pedra, se transmitte em todos os sentidos em circulos concentricos, que successivamente vão sendo maiores. Ha, porém, uma differença essencial, e é que a velocidade do movimento vibratorio do ether é immensamente maior.

Um gaz em combustão está animado de um movimento vibratorio muito energico, tendo, porém, uma massa muito fraca; quando se lhe aproxima uma rede metallica, o movimento vibratorio communica-se á rede; mas como o metal tem uma massa incomparavelmente maior que o gaz, o movimento d'este enfraquece, isto é, a temperatura baixa e o gaz apaga-se.

Nas minas de carvão de pedra ha frequentemente explosões devidas á inflammação do gaz proto-carbureto de hydrogeneo, que n'ellas apparece ás vezes, e que, misturado com ar em certas proporções, se torna explosivo pela acção de uma luz; d'aqui tem resultado grande numero de accidentes, que tem feito muitas victimas e dado logar á obstrucção das galerias das minas. Para evitar estas desgraças imaginou Davy revestir com redes metallicas as chammas das lampadas com que os mineiros se allumiam para se dirigirem no interior das minas. A fig. 13 representa uma lanterna de segurança; o ar para alimentar a combustão passa através de redes metallicas, e o mesmo succede aos productos que d'ella se evolvem; ainda que houvesse inflammação dentro da lampada, não se propagaria para fóra.

Fig. 13 — Lampada de segurança de Davy

Ultimamente, Dumas e Benoit inventaram uma nova lampada de segurança, que consta de um tubo de vidro de fórmas variadas, fechado hermeticamente, tendo dentro o vacuo feito em diversos gazes; fazendo passar através d'este vacuo correntes electricas desenvolvidas pelo apparelho de inducção de Ruhmkorff, obtem-se uma luz phosphorescente, cuja côr depende da natureza dos gazes e do vidro do tubo, e que serve para allumiar os mineiros. Esta luz é fraca; mas como é *fria*, ainda que se quebre o tubo, não communica o fogo, e não ha risco de explosão. O apparelho de Ruhmkorff, com um elemento de pilha electrica necessario para funccionar, é levado dentro de um sacco de coiro ás costas do mineiro.

Uma curiosa applicação das redes metallicas foi feita por Aldini em fatos para penetrar no fogo: um fato completo de rede metallica, comprehendendo uma mascara, todo forrado de amianto, ou mesmo de lã, permitte a um individuo assim vestido penetrar no meio do fogo sem risco de se queimar, porque o fogo não passa através da rede metallica; o que ainda offerece de mais notavel este apparelho, é que não sente suffocação alguma o individuo que assim vestido penetra no meio das chammas, o que parece ser devido a que o ar chega aos pulmões já muito frio. Não ha muitos annos que na praça do Campo de Sant'Anna, em Lisboa, tivemos occasião de ver um homem andar perfeitamente no meio das chammas de uma enorme fogueira, cujo calor incommodava os espectadores collocados sobre as trincheiras, a muita distancia.

VI

MISTURAS EXPLOSIVAS

Ha substancias que, misturadas em certas proporções, tem a propriedade de se inflammarem quando se lhes aproxima a luz, propagando-se a inflammação a toda a sua massa com extrema rapidez, produzindo-se uma combustão muito viva e rapida que desenvolve uma alta temperatura, que faz dilatar immensamente, e de um modo brusco, os gazes provenientes da combustão, produzindo-se assim a detonação. Vimos que a mistura do ar com o gaz proto-carbureto de hydrogeneo, vulgarmente conhecido com o nome de gaz dos pantanos, detonava pela aproximação de uma luz. O mesmo succede á mistura do ar com o bicarbureto de hydrogeneo, ou gaz de illuminação; assim, ás vezes ha accidentes a lamentar, devidos á formação d'estas misturas em logares onde ha perda de gaz pelos tubos do encanamento, e onde o ar circula com difficuldade; misturas que se inflammam quando passa uma luz por esses logares. Onde estes phenomenos se costumam realisar é nos sotãos, lojas fechadas, etc.; nas casas em que o ar se renova facilmente não ha risco algum. Na explosão d'estas misturas forma-se agua e acido carbonico.

O ar e o hydrogeneo, ou o oxygeneo e hydrogeneo, formam uma mistura explosiva em que o maximo de explosão tem logar quando se acham nas proporções de dois volumes de hydrogeneo e um volume de oxygeneo, formando-se a agua. Se diminuirmos a quantidade de ar, ou oxygeneo, diminue o poder explosivo da mistura, e a inflammação far-se-ha mais lentamente. Quando uma mistura explosiva tem pouco gaz combustivel, a propagação da inflammação faz-se lentamente, ou póde mesmo não se fazer estando os gazes em reposo; mas se estão em movimento, a agitação determina a propagação rapida da inflammação, e produz-se a explosão. A força expansiva da mistura do ar e gaz de illuminação foi aproveitada por Lenoir como motor na machina que tem o seu nome; n'esta machina, em logar de vapor, é uma mistura explosiva de ar e gaz de illuminação, que é introduzida alternadamente atraz e adiante do pistão de um cylindro, e que detona pela acção da faisca electrica produzida por um apparelho de inducção de Ruhmkorff. A machina de Lenoir trabalha sem bulha nem fumo, e quando se quer fazer marchar ou parar, basta abrir ou fechar a torneira do gaz. É a machina de Lenoir altamente vantajosa para pequenas industrias, não excedendo a força de tres ou quatro cavallos.

A mistura dos gazes chloro e hydrogeneo em volumes eguaes detona pela acção da luz, formando-se o acido chlorhydrico.

A polvora ordinaria é uma mistura explosiva for-

mada de salitre, enxofre e carvão, nas proporções geralmente de 75; 12,5; 12,5. Ardendo, produz uma grande quantidade de gazes com grande rapidez, e portanto, tendo uma grande força impulsiva, e com uma alta temperatura, e por isso uma grande força elastica, que é aproveitada para dar movimento aos projectis das armas de fogo e de artilheria. A força explosiva da polvora é devida á rapidez da combustão produzida pela grande quantidade de oxygeneo que tem o salitre. Em quasi todas as misturas explosivas entra um corpo que tem grande quantidade de oxygeneo, para alimentar uma combustão viva e rapida; assim, os corpos mais usados para preencher este fim são: o salitre, ou azotato de potassa, e o chlorato de potassa.

A polvora de assucar compõe-se de dez partes de chlorato de potassa e dez de assucar; é muito explosiva.

As misturas que tiverem phosphoro detonam pelo simples choque, porque este é sufficiente para inflammar o phosphoro, e, portanto, a mistura; por exemplo, a mistura de salitre, enxofre e phosphoro; a mistura do chlorato de potassa, assucar e phosphoro, etc.

A mistura do chlorato de potassa e enxofre, assucar ou polvora, faz explosão pela acção do acido sulphurico, porque este, actuando sobre o chlorato de potassa, desenvolve calor e luz.

Os fulminatos de mercurio, de prata, oiro, etc., conhecidos com os nomes de mercurio fulminante, prata fulminante, etc., são altamente explosivos, detonando com qualquer choque.

O mercurio fulminante é empregado na factura dos estalos, nas espoletas fulminantes de artilheria, nas capsulas fulminantes das armas portateis, etc. Para estes differentes usos modera-se a sua acção misturando-o com salitre, areia ou semea.

Fig. 14 — O fogo grego na campanha de S. Luiz, em 1249

O celebre fogo grego, usado muito antes do frade Schwartz ter inventado, ou antes divulgado o uso da polvora na Allemanha, segundo alguns historiadores, tinha a propriedade de arder debaixo de agua, e só se poder apagar com vinagre ou areia. Parece que foi em 673, no reinado de Constantino Pogonato, que Callinico, architecto de Heliopolis, inventou o fogo grego, com o qual, segundo os historiadores bysantinos, foi incendiada a esquadra arabe em Cysica. Considerada como segredo de estado, a preparação do celebre fogo foi conservada no poder dos gregos até á tomada de Constantinopla. Segundo uns, os turcos só fizeram uso do fogo grego pela primeira vez em 1218, no sitio de Damiette; mas, segundo outros, já muitos annos antes d'elle era empregado pelos exercitos sarracenos. Os historiadores bysantinos e o principe de Joinville, irmão de Luiz IX, rei de França, são as principaes auctoridades a consultar sobre este assumpto.

Conta Joinville, na sua chronica da guerra de Africa feita por Luiz IX em 1249, que, tendo os sarracenos que se achavam acampados do outro lado do rio Nilo, lançado em frente de Mansourah, por meio das suas machinas de guerra, grandes globos luminosos de fogo grego, todas as tendas, torres, e mais obras de madeira que os cruzados tinham construido, foram preza das chammas. Durante um dia inteiro, uma chuva de Gomorrha, caindo sobre o campo christão, devorou bagagens, machinas, tendas, etc.; só a noite trouxe a tranquillidade; ao fogo já nada restava que devorar. Devemos, porém, observar que da narração de Joinville não consta que um fogo tão temivel fizesse victimas; pelo contrario, S. Luiz, o conde de Anjou, irmão do rei; o condestavel Humberto de Beaujeu; o conde de Poitier, e muitos outros cruzados, acharam-se envolvidos pelo fogo grego sem que fossem feridos ou queimados.

No sitio de Constantinopla por Mahomet, o fogo grego foi empregado juntamente com a artilheria. É difficil de conceber como uma coisa tão generalisada nos exercitos desapparecesse de repente, perdendo-se o segredo da sua composição. Assim, alguns tem supposto que o fogo grego era, com pouca differença, o mesmo que a polvora, por isso que, desde que se começa a fazer menção do uso da polvora nas guerras da edade média, deixa de se fallar no fogo grego. Com effeito, por meio da polvora se podem produzir os effeitos do fogo grego; assim, os foguetes de guerra, os foguetes ordinarios, as panellas de fogo, etc., produzem effeitos analogos aos que produzia o fogo grego lançado por tubos de canna contidos em tubos metallicos fixos, ou por tubos ligeiros lançados á mão, ou contido em vasos fechados que rebentavam.

Em quanto á inextinguibilidade do fogo grego na agua, que alguns tem considerado como fabula, a polvora não a possue. Não é hoje, porém, considerada impossivel uma tal propriedade, porque, para que uma composição tenha a possibilidade de arder debaixo de agua, o que é preciso é juntar a corpos muito combustiveis outros contendo grande quantidade de oxygeneo que alimente a combustão independente da presença do ar. Eis uma composição incendiaria que reune algumas das qualidades attribuidas ao fogo grego: Estopa, 4,8; nitro fundido, 3,3; enxofre, 1,6; camphora, 1,0; resina, 2,4; pez branco, 30,0; pez negro, 18,0; cebo, 7,2; oleo de linho, 2,4; polvora, 60,0.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

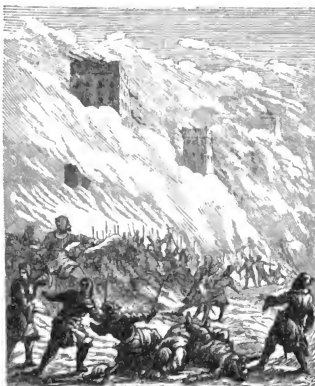
RECTIFICAÇÃO

A pag. 168, lin. 36, em vez de = sopra com a boca em (a), e o ar que sae pelo orificio (b) = deve ler-se = sopra com a boca em (b), e o ar que sae pelo orificio (a).

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

(Vid. pag. 173)

III

Era Rodrigo apenas entrado nos primeiros annos da adolescencia, quando as aguias imperiaes, mais pelo prestigio do nome que pela vigorosa magestade do seu vôo, atravessaram as fronteiras de Portugal

até fundar o seu ninho, d'esta vez pouco afortunado, na antiga capital da monarchia. Fugira a corte para o Brasil, com prudencia exaggerada, melhor disseramos desalento e covardia. Ficára orphã de governo a patria, acostumada desde seculos a cerrar as suas fileiras em redor dos seus monarchas e capitães, quando o sacrilego pé do invasor profanava o torrão portuguez, tão cioso da sua independencia e liberdade. Desatavam-se os vinculos que estreitam n'uma só communidade e n'um unico interesse nacional os cidadãos do mesmo estado. Os erros e os crimes de governos malevolos ou imbecis eram expiados com o opprobrio e a servidão dos seus vassallos, condemnados a acceitar, imbelles e humilhados, o jugo dos estranhos, sem ao menos haverem, com a resistencia gloriosa e com o sangue de seus soldados, honrado o infortunio da nação.

O invasor, sem poder ufanar-se com as preeminencias de vencedor, sujeitára facilmente um povo que vendêra sempre cara a sua liberdade, quando a fortuna lhe fôra adversa nas batalhas. A nação portugueza curvou-se inerme, e como que estupefacta, sob a espada de Junot. O brilho do sol de Austerlitz, doirando improvisamente as serras de Portugal, entibiára por algum tempo os espiritos, já quasi habituados a julgar synonymo Napoleão e a victoria, o imperio triumphante e a inevitavel servidão.

A nação, viuva do seu chefe, desamparada dos seus exercitos, tomada subitamente nas cadeias do conquistador, sem praças fortes e bem presidiadas onde estribar a sua defensão, deu o primeiro exemplo de um reino, outr'ora irrequieto e bellicoso, cair agora exanime, não diante das armas irresistiveis, senão perante o nome terrivel do invasor.

Assim como fôra inesperada e prompta a lethargia, assim foi subitaneo e impensado o despertar. Não havia exercito organisado. Armou-se o povo inteiro para o supprir. Das extremas do reino veiu o levantamento nacional lavrando para o interior. Não era possivel dar batalhas. Houve recontros, ciladas, pelejas accesas ora aqui ora acolá, onde surgiam as tropas imperiaes.

Coimbra, e principalmente a velha universidade, não eram para reclamar em seu favor a pacifica neutralidade da sua Minerva tutelar. Assim como nas escholas allemãs o enthusiasmo patriotico agitava a juventude contra a lava de ferro, que do volcão imperial das Tulherias se diffundia em torrentes pela Europa, assim na classica universidade de D. Diniz ao grito insurreccional respondeu a voz unisona da mocidade estudiosa. As lobas cederam o logar aos uniformes, as quietas meditações aos brios guerreiros e juvenis, os passeios descuidados pelas orlas do Mondego aos movimentos regrados da ordenança militar. A universidade estava convertida n'um arrayal. A corneta deixava em paz o sino universitario. A pacata e erudita Pallas, invocando a sua fórma varonil, pedia cultos como Bellona.

Rodrigo da Fonseca interrompeu os seus estudos para se alistar no corpo academico, que então se estava organisando.

Mostraram os academicos desde logo, em feitos de ousadia e de valor, como o brio e ardor de gente audaz e juvenil póde egualar no officio de soldado a diuturna experiencia e disciplina. Proveu-se ao governo da cidade. Elegeu-se junta que, em nome do principe regente, a administrasse. Em varias povoações que demoram mais ou menos comarcãs á cidade de Coimbra se restabeleceu, por intervenção dos academicos, o legitimo governo portuguez.

Tinha-se levantado logo das primeiras a cidade do Porto, instituindo a sua junta sob a presidencia do prelado. No Porto foi servir o corpo de voluntarios academicos, e n'elle encorporado Rodrigo da Fonseca.

Passado algum tempo constituiu-se o corpo de guias. Todos os seus officiaes subalternos foram escolhidos d'entre os voluntarios academicos. Rodrigo da Fonseca foi alli collocado como official, pertencendo, comtudo, ao regimento de infanteria n. 15, de que era commandante Luiz do Rego Barreto, o qual, com a sua amizade e protecção, favorecia o joven militar.

No corpo de guias continuou a servir Rodrigo da Fonseca, e n'elle fez todas as campanhas em que o exercito alliado levou diante de si, de victoria em victoria, as legiões de Napoleão até além do solo peninsular. Na sua carreira militar prestou Rodrigo da Fonseca bons e assignalados serviços, que lhe valeram sempre a estima e consideração dos generaes e commandantes sob cujas ordens havia militado.

IV

Terminada a guerra da peninsula, foi dissolvido o corpo de guias, que provisoriamente se tinha organisado e que não poderia ter destino na paz que se afigurava duradoira. Regressaram os officiaes que n'elle serviam aos regimentos em cujo quadro haviam figurado. Volveu, pois, Rodrigo da Fonseca Magalhães ao regimento 15, no qual não póde, todavia, continuar activamente, porque razões de particular interesse o trouxeram a Lisboa, onde por muito tempo se conservou licenciado.

Principia n'esta epocha a primeira phase da sua vida politica, repartida entre perseguições, homizios, expatriações e trabalhos incessantes na empreza de fundar a liberdade e derrocar o edificio da velha monarchia.

Após a independencia da patria devia seguir-se, de necessidade, a reforma das instituições. Era pouco o resgatar-se dos ferros estrangeiros. Urgia tambem limar os grilhões domesticos, e arcar de frente com outras não menos prepotentes e ignominiosas tyrannias.

A revolução franceza tinha dois caracteres, que devemos conscienciosamente discernir: um francez, o outro universal. Illude-se quem pensar que o grande movimento de 89 fôra apenas a rebellião popular contra os desregramentos de um governo passageiro. Antes que a torrente se tornasse caudal e impetuosa, e minasse os fundamentos ao throno de S. Luiz, a revolução dos espiritos havia de muitos annos precedido a revolta das turbas insoffridas. Aquella poderosa manifestação politica que De Maistre dizia *ter um caracter satanico;* de quem Edmundo Burke, o mais eloquente dos seus adversarios, o orador mais imaginoso da tribuna ingleza, dizia, obscurecendo com a prevenção o seu espirito: «do tumulo d'esta monarchia assassinada saiu uma creatura informe, immensa, mais terrivel que nenhuma das que tem confundido e subjugado a imaginação dos homens. Hedionda e anomala, caminha direita ao seu destino, sem que a aterre o perigo, nem o remorso a detenha no seu triumpho»; esta revolução, que na criminosa ferocidade de seus caudilhos fazia do baptismo de sangue o signal visivel da regeneração social, era, todavia, nobre no seu fim, generosa nos seus principios, invencivel na sua propaganda intellectual. A revolução franceza no berço e no primeiro theatro das suas façanhas, era uma revolução universal e cosmopolita. «A revolução franceza, diz Alexis de Tocqueville, é uma revolução politica, que se assimilha nos seus processos e no seu aspecto a uma verdadeira revolução religiosa; não sómente se diffunde ao longe como estas, mas abre como ellas o seu caminho pela prégação e propaganda. Considerae que novo espectaculo não é uma revolução que inspira o proselytismo, e que é prégada com tamanho fervor aos estrangeiros, quanta foi a paixão que em França a produziu [1].»

A revolução teve, pois, uma face franceza e egoista:

[1] De Tocqueville, *L'Ancien Regime et la Révolution*, pag. 40.

outra cosmopolita e desinteressada. Como franceza, as hostilidades com que a Europa monarchica a recebeu, incitaram-n'a á guerra, á conquista, á dominação, em honra do pavilhão nacional. Como transformação cosmopolita, como religião politica, aspirou a fundar pela democracia a republica universal e a egreja temporal da humanidade.

Véde a profundissima differença que vae de revolução a revolução. Antes de 89, houvera-as frequentes e parciaes em varios pontos da Europa e na America, umas submettidas, triumphantes muitas d'ellas. Uma revolução fundára a liberdade republicana nos cantões helveticos; uma revolução desmembrára da corôa de Inglaterra as suas mais ferteis regiões do Novo-Mundo; uma revolução cortára no cadafalso de Carlos I a serie dos reis britannicos, intercalando nas dynastias hereditarias a tyrannia de Oliverio Cromwell; uma revolução constituira a republica mercantil e maritima das Provincias Unidas; uma revolução precipitára James II do throno de Inglaterra, e fundára pelo *bill* dos direitos a moderna liberdade constitucional d'aquelle estado; revoluções todas sem echo e sem cortejo das nações; dramas intimos circumscriptos á área de um paiz; epopéas terriveis e gloriosas na historia nacional; quasi obscuros e imperceptiveis episodios da historia da humanidade. Só a revolução franceza saltou por cima das suas fronteiras, levou o seu espirito nas paginas dos seus pamphletos, nas vibrações sonoras da sua tribuna, nos canhões victoriosos dos seus exercitos, e mesclou a sua propria inspiração ao ambiente social de todos os povos. «A revolução franceza, accrescenta Alexis de Tocqueville, não teve territorio proprio; ainda mais, o seu effeito foi principalmente o expungir em certa maneira da carta das nações as suas fronteiras immemoriaes. Vimol-a aproximar ou dividir os homens a despeito das leis, das tradições, dos caracteres, das linguagens, fazer muitas vezes dos compatriotas inimigos, e tornar irmãos os estrangeiros. Acima de todas as nacionalidades particulares, a revolução instituiu uma patria universal, em que todas as nações e todos os homens poderam inscrever-se como cidadãos [1].»

A revolução dera rebate em quasi todos os paizes europeus. O influxo das idéas e o contacto das armas contribuiram, cada um pela sua parte, á participação nas esperanças populares que a revolução alimentava nos povos opprimidos e humilhados pelos desmandos do poder absoluto. A propria Hespanha dava um dos mais singulares espectaculos durante a lucta grandiosa da sua independencia. Occupado o seu territorio pelas tropas invasoras, sentado no throno de Carlos V um principe da familia Bonaparte, arrebatado o seu rei natural para o encerro e captiveiro em terras de França, empenhada a nação inteira em sacudir o jugo estranho, a Hespanha reunia os seus representantes e abria as portas ás instituições politicas da revolução, e em quanto com uma das mãos brandia a espada para manter a integridade do territorio, com a outra assignava em Cadix a constituição democratica, tomando por mestra nas idéas a mesma França que desdenhava por soberana.

Em Portugal haviam entrado tambem furtivamente os principios da revolução; mas foram acolhidos apenas como doutrina philosophica pelas classes mais illustradas, que muitas vezes expiaram nas perseguições, nos exilios e nos carceres, o seu assentimento ás modernas fórmas sociaes. Os *jacobinos* haviam sido sempre considerados como traidores. E não era, certamente, indesculpavel o povo, quando, gemendo sob a oppressiva dominação dos seus soberbos invasores, votava a execração e o exterminio aos que, perfilhando as idéas francezas, pareciam a seus olhos applaudir por esse facto a perda da liberdade nacional.

[1] De Tocqueville, *L'Ancien Regime et la Révolution*, pag. 39.

Terminada a guerra, repellidos e sujeitos os inimigos, haviam ficado no paiz as sementes da revolução. Muitos dos homens eminentes que depois vieram a figurar nos successos politicos de Portugal desde 1820, eram então mancebos, e nos seus animos principiára a influir com intensidade proporcionada ao verdor dos annos e ao enthusiasmo juvenil, a fermentação que surdamente agitava a Europa inteira.

Não era o estado do paiz o mais accommodado a aquietar os espiritos e a contental-os simplesmente com as doçuras da paz geral, que os olhos mais perspicazes poderiam adivinhar como trégoas passageiras e equilibrio momentaneo.

A côrte continuava a residir na antiga colonia do Brasil, que ia crescendo e prosperando em quanto a metropole, agora sua possessão ultramarina, apressava a sua manifesta decadencia. Uma regencia, cujo vigor governativo se resumia na intolerancia e no ciume do poder; um general estrangeiro governando o exercito e exercendo pela influencia militar o verdadeiro proconsulado; a fazenda exhausta após os esforços quasi sobrehumanos de uma guerra diuturna; a administração eivada de vicios seculares e exacerbados pela incuria do governo; accresciam, nos espiritos illustrados e irrequietos, ao desejo da liberdade, e afervoravam as tentativas de reformar as instituições politicas da nação.

As opiniões liberaes eram, posto que com recato, já largamente professadas em Portugal. Se o povo, que vem, sempre na retaguarda das grandes innovações, apesar de tão queixoso e aggravado, não pensava em levantar-se contra as tradicionaes instituições de seus maiores, as classes illustradas agitavam-se, ainda que em segredo, e era facil de ver que muitos annos não poderiam decorrer sem que alguma violenta commoção fosse acordar do seu lethargo a descuidosa côrte do Brasil.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

UM NOIVADO EM VARSOVIA

QUADRO DA EMANCIPAÇÃO DOS POLACOS

I

Chovia neve sobre Varsovia, em triste noite. Parecia tecer um sudario para cobrir aquelle cadaver. Tudo o que reina n'um sepulchro, reinava alli: frio, silencio e solidão. Passavam de vez em quando, por suas ruas desertas, cavalleiros em mesquinhos cavallos, os tartaros, como aves de rapina que se precipitam nos antros.

Brilhava, todavia, no meio de tanta desolação, uma esperança de vida, uma aspiração de amor, uma d'essas flores que brotam d'entre as juncturas dos sepulchros. Via-se em sala espaçosa uma joven que ajustava, ao espelho, a alva corôa de larangeira. Era a corôa de desposada que mandára fazer para a noite seguinte, noite de seu noivado.

A joven contava vinte annos apenas. Compridas tranças loiras caíam-lhe nas costas como raios de luz. Resplendiam-lhe, como ceo limpido, os olhos azues tintos de melancolica felicidade. Através da tez via-se-lhe circular o sangue. Era tão alta, tão elegante, tão esbelta, que podia similhar, pela amplidão da fronte, pelo espherico da cabeça, pelo azul carregado dos olhos, pelo nariz aquilino, pelos pronunciados labios, pelo collo altivo e a postura magestosa, a estatua que representava o genio da sua patria, que representava a Polonia.

Tenho para mim que esses povos escravos costumam dar ao mundo, no meio dos tormentos, formo-

sas filhas, nascidas das mais sublimes e dolorosas inspirações.

Não vos lembraes d'aquellas formosissimas filhas de Israel que tangiam as harpas, debaixo dos salgueiros de Babylonia, que confundiam as lagrimas com as aguas do rio estranho, e que desarmavam com a belleza os perseguidores da sua nação?

II

A joven deixou a coroa de larangeira, depois de se ter convencido de que lhe estava bem, e correu a uma janella como para observar se alguem que esperava vinha já.

N'aquelle instante viu passar, envolvido entre as refegas do vento e os remoinhos da neve, um esquadrão de cosacos, que vociferavam da Polonia e a amaldiçoavam.

Retirou-se a joven horrorisada, e assentou-se machinalmente ao piano. Deixou cair desesperada a cabeça no peito, e percorreu as teclas com os dedos. O instrumento produziu uma melodia profundamente triste, uma d'essas melodias que são o chôro de uma geração, a elegia da alma de um povo inteiro.

Appareceu immediatamente na porta um ancião encurvado e vacillante, que pronunciou com horror estas palavras:

— Que fazes? Não sabes que essa melodia, esse cantico de nossos paes póde custar-nos a vida?

— É verdade, meu avô, replicou a joven, é verdade: não temos patria.

— Acredito que sim, disse o ancião; mas tambem acredito que este povo, apedrejado hontem como Santo Estevão, dilacerado hoje como Lazaro, ainda tem esperança.

— Onde está?

— Em Deus, respondeu o ancião.

— E quando nos ouvirá Deus?

— Quando hajamos desarmado a sua colera com o martyrio.

— Ainda ha de ser maior o martyrologio! — exclamou a joven.

Duas grossas lagrimas correram por seu rosto como dois amargos rios de dores. O ancião baixou a voz e disse:

— Ainda temos esperança, porque tratâmos só de guerras... Que amor é possivel quando abraça um cadaver? Para que devemos gerar, se gerâmos um escravo? Maldito o coração que ao seu amor egoista sacrifica o amor da patria; maldito o seio que alimenta filhos para que o tyranno os devore. Provavas o teu véo de noiva. Infeliz! As filhas da Polonia nasceram em um sudario. O seu berço é um sepulchro. Que deve ser o seu leito nupcial?

E o ancião desappareceu.

III

Depois de ouvir estas palavras, ficou Maria como attonita e muda. Em poucos instantes, porém, recuperou o animo, e dirigiu-se a um quadro da Virgem que se via na parede principal da sala.

— Minha mãe, disse ajoelhando, minha mãe, ouvi-me! O navegante, quando as nuvens empanam as estrellas, quando o vento agita as vagas, e quando o furacão ruge, invoca-te, e tu ouvel-o; o ceo torna a brilhar com as suas estrellas esplendentes, o mar dorme tranquillamente como um menino, o furacão transforma-se em brisa suavissima, as velas do baixel rizam-se como as azas de uma ave, e o navio chega ao porto sem avaria. Por que, por que não has de soccorrer um povo que naufraga em um mar de sangue? As nossas casas são pantheões; os nossos leitos sepulchros; os altares das tuas egrejas mangedoiras dos cavallos tartaros; os teus filhos despojos do seu furor. Anniquila-se este povo; submerge-se em um mar de fel, e, quando a voz lhe falta, levanta para ti, implorando auxilio, as suas mãos requeimadas e ensanguentadas. Padecemos já o supplicio da cruz. Dormimos já longamente o somno da morte no cimo do nosso Calvario. Pois não ha de chegar a hora da resurreição para este Christo dos povos?

IV

Foi interrompida a oração pela presença de um mancebo, que suava apesar de trazer o gorro de pelles e o capote coberto de neve.

Maria levantou-se e correu ao seu encontro.

Era impossivel que podesse haver na Polonia par mais bello. Ambos moços, ambos loiros, ambos altos; os dois de olhos azues e tez alva, os dois parecidos, com a differença de que elle tinha a força e a austera formosura do varão, e ella a graça, a delicadeza e a formusura, que Goethe considera como o ideal feminino — juntaram as mãos, os olhos, o alento e as almas.

Reinou por instantes o silencio infinito que nenhuma phrase humana poderá expressar, o silencio religioso, que foi sempre a sublime eloquencia do amor. Se aquelle extase se prolongasse em toda a dilatação dos tempos, seria a bemaventurança celeste.

A electricidade de dois olhares que se juntam em um desejo; o choque de duas almas que se confundem em uma idéa; a harmonia de dois corações que batem unisonos; o aroma de dois suspiros que se exhalam; a união de duas vidas indissoluvelmente ligadas como alma e o corpo, como o olho e a retina, como o peito e a respiração — isto é o amor.

Para que não dizel-o? O amor é sempre egoista, sempre; é o egoismo sublime da mocidade, a concentração da vida em si mesma, como para tomar força, dilatar-se, estender-se em novos entes. Como disse o mais sublime dos poetas modernos, o amor é o egoismo de dois. Para elle não ha, nos seus instantes de arrebatamento, nem patria, nem humanidade; ha só elle proprio: a terra é o espaço que o ente amado habita, e a humanidade está compendiada no mesmo ente.

E eis por que Maria esqueceu, n'aquelle momento, as palavras do ancião, a tristeza de sua alma, a patria anniquilada, as vociferações dos tartaros, a sua oração á Virgem, e as suas lagrimas; não via a terra no ceo do seu amor, compendiado nos olhos azues do amante, onde se lhe reconcentrára a alma.

(Continua) EMILIO CASTELAR.

THEMAS CLASSICOS

Quantas vezes vemos que onde ha mais riquezas ha menos virtudes; onde mais letras mais soberba; onde mais vida e saude mais peccados; onde mais amigos mais escandalos; e onde mais privilegios mais insolencias?

Era um cego, mas virtuoso: alcançou vista por orações, não sabendo o que pedia; e d'alli por diante foi perverso. Era pobre, mas humilde; melhorou de fortuna, e peorou de costumes.

Saul, antes da coroa, era innocente como um menino de um anno; se o quereis ver corrompido, vêde-o rei.

Bem sabemos que o prodigo não o foi senão depois de alcançada a legitima. Assim tambem muitas vezes, o mesmo é repartir Deus comnosco seus dons, que dissipal-os nós vivendo mal.

P. MANUEL BERNARDES.

Candido Lusitano (Padre Francisco José Freire)

I

Acceitámos de boa vontade o encargo que se nos commettêra ha mezes, compromettendo-nos a traçar mais de espaço algumas linhas ácerca do nosso benemerito patricio, cujo vulto sympathico e agradavelmente expressivo se expõe pela primeira vez á luz publica nas paginas do *Archivo*. Contando com vagar e folga sufficientes para o desempenho da obrigação contrahida, se não como os desejos requeriam, ao menos como as forças nos ajudassem, aguardavamos alguns instantes de socego. Pretendiamos entresachar com o pouco que sabemos das particularidades e circunstancias individuaes do sujeito, a resenha dos muitos, e quanto o podêmos julgar, importantes serviços por elle prestados ás boas letras no periodo glorioso da sua restauração, começada entre nós pelo meiado do ultimo seculo.

Baldada foi, porém, a nossa expectativa. Correram os dias, e outros trabalhos de natureza mais urgentes continuaram a accumular-se, levando-nos a adiar successivamente o cumprimento da promessa; e eis que, instado por elle, fallece-nos de presente a disposição de espirito necessaria para coordenar e pôr em pratica o plano concebido, tal como o delineáramos! Apontamentos informes e desconnexos terão de supprir d'esta vez o pequeno padrão que nos propunhamos erigir, destinado a avivar na lembrança dos presentes a memoria tão esquecida, ou menos prezada d'aquelle que, se nos não illudimos, deixou titulos recommendaveis para merecer, em todo o tempo, de seus nacionaes estima e consideração.

Para nós o nome de Candido Lusitano é, e será sempre, caro e respeitado: porque em seus escriptos começámos a beber o primeiro leite da instrucção. Grave injustiça commettem a nosso ver os que pretendem rebaixar-lhe o merito, como que desconhecendo ou votando ao desprezo tantos e tão proficuos trabalhos, por elle emprehendidos com verdadeiro zêlo patriotico durante a sua laboriosissima carreira.

Mas se a fama e applausos, porventura excessivos, de que gozou entre contemporaneos, são hoje impossiveis de resuscitar, como o seria achar nas casas transformadas do Espirito Santo, ou das Necessidades, o modesto cubiculo onde aquelle espirito meditativo entremeiava a recitação dos psalmos e antiphonas do breviario com a trasladação dos versos immortaes de Virgilio, de Euripedes, de Ovidio e de Horacio, com os estudos historicos e philologicos sobre a lingua, ou com os periodos cadentes e sentenciosos da *Vida do Infante D. Henrique;* temos, comtudo, por certo que de futuro, juizes desapaixonados e mais imparciaes lhe restituirão, sequer em parte, o conceito de que a moda o desapossára.

Francisco José Freire nasceu em Lisboa, segundo uns a 3 de janeiro de 1719, e segundo outros a 3 de setembro do mesmo anno [1]. Consta que foram seus paes Joaquim Freire Bellas, e Joanna Maria Joaquina Corsini, cujo appellido parece denotar origem italiana. Á excepção dos nomes, nada mais sabemos d'elles, ignorando-se a que classe pertenciam na ordem social, bem como quaesquer outras particularidades ou circunstancias de suas vidas.

Dos primeiros annos do filho apenas se sabe que fizera com grande proveito os estudos de humanidades nas aulas do collegio de Santo Antão, doutrinado pelos jesuitas, e que cursára tambem os de philosophia na casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, de clerigos regulares de S. Caetano, ditos theatinos, illustre seminario onde floreciam por esse tempo varões que ainda hoje gozam de honrada fama em nossos fastos litterarios.

Concluido o seu tirocinio escholastico, e juntando ao conhecimento da lingua latina o da franceza e italiana, ainda então pouco vulgarisadas em Portugal, tornou-se em todas egualmente perito, habilitando-se para proseguir com maior fervor e aproveitamento na carreira das letras, sobre tudo nos estudos historicos e philologicos, que parece foram sempre os da sua particular predilecção.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] A primeira d'estas datas é indicada por Barbosa Machado, na *Biblioth. Lusit.*, tom. II, no artigo competente. A segunda por Barbosa Cannes, nos seus *Estudos Biograph.*, pag. 251. Qual d'ellas seja a verdadeira não o sabemos dizer. O auctor da *Biblioth. Hist. de Port.* (pag. x da edição de 1801) aponta o anno de 1713 como o do nascimento de Freire; no que cremos se enganára.

CARTAS A UMA SENHORA

AURORAS BOREAES E AUSTRAES

(Conclusão. Vid. pag. 178)

É sabido que, segundo as observações directas de Glaisher e de outros physicos, ha na atmosphera umas nuvemzinhas (cirro-stratus) que trazem suspensos grandes cardumes de cristaes aciculares e facetados, que dispersam e frangem a luz solar; são os pingentes do lustre da natureza. A estes cristaes são devidos quasi todos os jogos de luz que se observam usualmente, como os *halãos*, os *arco-iris*, os *circulos*, e entre estes o de *Ulloa*, que é muito afamado, as *coroas*, etc., etc.

Ora, na opinião do celebre Humboldt, as nuvens agrupam-se e dispõem-se muitas vezes de modo analogo aos raios de uma aurora, e parece perturbarem então a agulha magnetica.

No *Cosmos*, descreve Humboldt as *faixas polares*, ou nuvens, mui frequentes nas nossas latitudes, que se dispõem na direcção do meridiano magnetico. O padre Sechi observou que se manisfestavam perturbações na agulha, quando appareciam no ceo umas nuvemzinhas phosphorescentes e translucidas. Dos registos meteorologicos do Canadá infere-se que nos dias que precedem ou seguem as auroras, sempre chove ou neva, circunstancia que torna provavel a existencia de particulas geladas durante o meteoro.

Conta o dr. Richardson, que assistira a uma aurora em tempo sereno e limpido, e marcando o thermometro 32 graus centigrados. O arco estava proximo ao zenith, e ao mesmo tempo caía uma neve mui fina e tenue, quasi invisivel, posto que se fundisse nas mãos.

A todas estas observações, que concordam em assignalar intima relação entre o meteoro e os cristaes de neve, junta-se a existencia da neblina, a qual, como acima disse, tolda o horisonte durante o começo do phenomeno. Nas regiões hyperboricas acontece muitas vezes que os viajantes ficam envoltos em nevoeiro, vendo no zenith uma aurora esplendida.

V

Nem só o polo norte é allumiado por estes meteoros luminosos, que foram por muito tempo espanto, terror e admiração dos homens supersticiosos e ignorantes. A natureza é benefica e próvida. Ás auroras boreaes correspondem as austraes; os pincaros de Erebe e Terror contemplam tantos fulgores como o Spitzberg e a Groenlandia; as solidões do Pacifico antarctico e as bahias do Atlantico arctico são egualmente testimunhas das maravilhas da pyrotechnia tellurica. Não imagine, todavia, v. exc. que a natureza segue as mesmas regras; mudam as apparencias, o phenomeno é diverso, diversos os accessorios, e o incendio que lavra e irrompe, posto que sempre estupendo e admiravel, tem, comtudo, caracteres muito differentes.

Assim que, em quanto no polo boreal os raios sobem do horisonte até ao zenith, como girandolas arremessadas da terra; no polo austral acontece o contrario, e os raios, surgindo de repente do ceo, descem do zenith e cáem no horisonte. No norte, os raios saem de um arco luminoso que abraça um segmento celeste; no sul, como que brotam de um ponto, expandem-se em circulo, fusilam fogos em todos os sentidos, dispartem centelhas, e esvaecem-se, em fim.

Parece que entre a aurora boreal e a austral houve uma solução de continuidade, ou, antes, que uma é a continuação da outra, com um espaço obscuro no meio, correspondente ao equador.

São poucas as descripções do phenomeno antarctico; raros viajantes se aventuram áquellas regiões ignotas; resumirei, comtudo, em poucas palavras, a narrativa feita por um official da marinha franceza, o sr. Tessan, commandante da fragata *Venus*:

«No dia 20 de Janeiro de 1839, á uma hora e vinte minutos da manhã, vimos uma aurora, formando um arco luminoso. A luz era branca, pallida e tranquilla, cujo brilho podia ser comparado ao da orla superior de uma nuvem, de um *cumulus*, que encobre a lua quando esta começa a apparecer sobre o horisonte. Dos diversos pontos do arco saíam feixes ou raios egualmente brancos, cuja intensidade era muito menor. Estes feixes appareciam e desappareciam no mesmo logar, depois de duração variavel entre cinco e dez minutos. A parte inferior do arco parecia occupada por uma nuvem negra, cujas bordas contiguas eram ligeiramente tocadas. A atmosphera estava limpida e serena, raras e negras as nuvens, as quaes eram grandes e recortadas phantasticamente; as estrellas brilhavam. Não ouvimos ruido algum que proviesse da aurora.»

A descripção é resumida e contradictoria com outras que poderia transcrever, se não temêra alongar muito estas cartas que v. exc. tem a bondade de ler.

As regiões antarcticas começaram ainda ha pouco a serem povoadas e desbravadas, e posto que na Australia abundem já cidades opulentas e emporios commerciaes e industriaes, a civilisação ainda não penetrou lá completamente.

A sciencia necessita de mais algumas condições, e só passados annos poderá assentar arraiaes n'aquellas paragens, ainda ha pouco desertas e inhospitas. Devo, porém, accrescentar que, com ser verdade o que levo dito, os anglo-australienses vão mais adiantados do que nós; e os nossos antipodas, selvagens ha vinte ou trinta annos, ou morrem esmagados pela civilisação crescente, que não comprehendem, ou caminham e chegam ao estadio que os europeus só attingiram com seculos de trabalho improbo. A civilisação é uma especie de Sparta, que mandava degollar os seus filhos defeituosos ou abortivos.

VI

Servo addicto ás estreitezas do espaço que o *Archivo* me concede, é necessario lindar estas cartas sobre as auroras. Peço, pois, desculpa a v. exc. por apresentar, sem mais detença, a ultima palavra da sciencia, ácerca dos esplendidos meteoros polares que me abalancei a descrever.

Sabe v. exc. que quando ruge o trovão nos ares revoltos pelas azas da tormenta; quando o raio corta a atmosphera, como uma espada de fogo vibrada por mão invisivel, é a electricidade a causa de todos estes phenomenos eternamente grandiosos e sempre novos.

Mas a electricidade aérea é positiva, em quanto que a terrestre é negativa, e a combinação ou neutralisação d'ellas é que produz todos os variados phenomenos que acompanham as tempestades [1]. A neutralisação é favorecida pela humidade das camadas inferiores do ar. A este respeito diz o sabio de la Rive:

«Nas regiões polares, cujos gelos eternos condensam constantemente vapores aquosos, em fórma de neblinas, deve esta neutralisação operar-se, por quanto os vapores positivos são levados aos polos pela corrente dos tropicos, a qual se vae abaixando á medida que avança, até rastejar o solo junto aos polos. É, pois, n'esses pontos que deve ter logar a descarga entre a electricidade positiva dos vapores e a negativa

[1] O estudo da electricidade, com ir muito adiantado, graças aos trabalhos de Volta, Galvani, Franklin, Arago, Faraday, Matteucci, Rhumkorff, etc. etc., não chegou, comtudo, á perfeição, e as theorias nem sempre satisfazem á ligação dos factos. A theoria do fluido binario, positivo e negativo, apesar de pouco philosophica, é ainda acceita.

da terra, com acompanhamento de luz, e se, como succede não raro, houver particulas geladas extremamente tenues.»

Segundo o estado da atmosphera, assim será mais ou menos perfeita a condensação, da qual resultam correntes de intensidade variavel dos polos para o equador. Estas correntes produzem as perturbações na agulha, perturbações que foram durante seculos profundo mysterio ou manifestação de energias sobrenaturaes.

Para que v. exc. possa imaginar a intensidade das correntes, basta dizer-lhe que, durante a magnifica aurora de 1859, o serviço telegraphico ficou interrompido em todas as partes do mundo.

O electro-magnetismo é, pois, a causa geradora das auroras. A combinação dos dois fluidos produz todas essas vistas deslumbrantes e maravilhosas que enchem de admiração aos observadores.

Para que o convencimento d'esta verdade seja ainda mais profundo, devo relatar uma experiencia do sr. de la Rive, por meio da qual este physico eminente conseguiu crear auroras artificiaes.

Dentro de um balão de vidro, em que o ar era muito rarefeito, introduziu o sr. de la Rive um apparelho que fizesse convergir os jactos de luz electrica para o polo de um electro-magnete. Passados momentos, a luz electrica cercou o polo de uma aureola continua e brilhante, a qual girava em torno do cylindro magnetisado, a tempo que alguns jactos mais brilhantes como que nasciam da periferia luminosa, bruxuleando com mais viveza.

Partindo do principio de que a terra é um verdadeiro magnete, e tendo em vista esta experiencia duplamente luminosa, construiu o sr. de la Rive uma esphera de madeira, com uma armadura de ferro magnetico nos polos, e pôde assim reproduzir as auroras e todas as perturbações da agulha.

VII

Haverá alguma lei natural e harmonica que ligue os apparecimentos das auroras, não só no mesmo senão tambem nos dois polos?

Pouco se sabe a este respeito, e as observações conjugadas ainda não permittem formular essa lei hypothetica com o rigor que a sciencia exige. Manifesta-se, comtudo, uma certa periodicidade annua das auroras visiveis, sendo que o numero d'ellas cresce sensivelmente nas proximidades dos equinoccios, e diminue durante os solsticios. Não se sabe ao certo a causa d'estas variações; julga-se apenas, com razões de sobra, que devem ellas depender da quantidade de vapores existentes nos polos durante as diversas estações. Accresce ainda que nos equinoccios as auroras são conjunctivas nos dois polos, o que se explica, porque as condições meteorologicas são quasi identicas nos dois hemispherios. Sendo identicas e simultaneas as causas, simultaneos e identicos devem de ser os effeitos.

Em virtude da ligação rhythmica que a sciencia vae descobrindo a cada passo entre as forças naturaes, alguns physicos respeitaveis aventaram a idéa mui philosophica de que as auroras são magnifico indicio de graves perturbações meteorologicas.

De feito, por occasião das auroras boreaes de 1859 e 1862, observaram-se certas ligações entre a meteorologia e aquelles phenomenos.

O reverendo Sechi já havia antevisto esta connexão, porque comparára as variações da agulha ás de todos os outros elementos meteorologicos.

É provavel que o magnetismo terrestre dependa da energia solar, a qual, tanto que varie, produz logo variações em todas as partes do globo, porque o sol é a origem unica de todos os movimentos terrestres, como diz Tyndall na sua synthese admiravel do calor.

A logica da natureza é inflexivel e fatal; a sciencia não é completa em quanto não determinar de um modo rigoroso todas as ligações harmonicas.

Quando uma idéa é verdadeira e naturalmente logica, surgem logo de todos os lados relações improvisas. É por isso que v. exc., conscia d'estas difficuldades, ha de por certo perdoar-me se não mais me demorar n'estas discussões, que me levariam mui longe.

E para terminar, só me resta pedir desculpa, se estas cartas a enfadaram.

A sciencia é virgem timida e recatada: o véo que lhe encobre o rosto severo e casto só mui difficilmente se decerra aos profanos. Como queria, pois, v. exc., que sendo eu profano tambem, logo lhe abrisse de par em par as portas do templo, que me são defesas egualmente? Se alguem é culpado aqui, não o sou eu, senão v. exc., que devêra conhecer a ruindade do cyreneo [1].

A. Osorio de Vasconcellos.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 170)

Na frente do cruzeiro, aos lados da capella-mór, estão quatro capellas, duas de cada parte. As do lado do evangelho são dedicadas a Santa Barbara e Nossa Senhora do Rosario. A primeira d'estas capellas é contigua á sacristia, para a qual tem porta. Desde muitos annos não tem retabulo nem altar. Vê-se n'ella um tumulo, porém ignora-se quem alli jaz; caso este por tantas razões bem singular. Fr. Luiz de Sousa, chamando-lhe sepultura baixa, diz que jaz n'ella «um cardeal, de cujo nome e sangue se perdeu a memoria. Tem-se por certo seria chegado á casa real.»

Esta opinião é sem fundamento, pois que ha noticia de todos os cardeaes que tem havido no reino desde a creação da egreja da Batalha, e sabe-se que nenhum d'elles alli repousa. Mas é notavel que fr. Luiz de Sousa, que escreveu a sua *Historia de S. Domingos* ha dois seculos e meio, não achasse modo de saber quem está encerrado n'aquelle mausoléo. Tambem o cardeal patriarcha, D. fr. Francisco de S. Luiz, nada descobriu a este respeito, apesar de que, como dissemos em outro logar, residiu no convento da Batalha algum tempo, que aproveitou diligentemente em investigações no seu cartorio, de que resultou a sua interessante *Memoria Historica sobre as Obras do Real Mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha*, impressa no tomo X das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*.

Este sabio prelado, referindo-se na dita memoria áquelle tumulo, diz «que mostra ter tido em cada uma das tres faces da tampa dois escudos de armas, os quaes se vêem picados e apagados, com mostras de o terem sido de proposito, ou por ordem que para isso houvesse, ou por outro algum motivo. Hoje é impossivel adivinhar cujas cinzas alli estejam depositadas.»

Talvez este mausoléo fosse feito para algum dos reaes cadaveres que se conservam no edificio em caixões de madeira, e que, em razão de se construirem as capellas imperfeitas onde deviam ser recolhidos os ditos cadaveres, ficasse aquelle mausoléo inutil e sem destino, e por esse motivo se mandassem apagar os brazões de armas, para que no futuro não fossem causa

[1] Terminado este pequeno trabalho, e sendo-me necessario compulsar a collecção do *Archivo*, depararam-se-me alguns artigos sobre as auroras boreaes e austraes, devidos á sábia penna do sr. Vilhena Barbosa. Deliberei, comtudo, não guardar este artigo, não so porque *quod abundat non nocet*, como diziam os escholasticos, mas tambem porque me parece que vae compendiando, com a possivel lucidez e largueza, tudo o que a sciencia sabe d'este importante ponto da meteorologia.

de falsas supposições. A não ser assim, custa a crer que se perdesse a memoria de quem jaz em um tumulo de pedra, levantado em tal egreja, onde tão poucos se vêem, e ácerca da qual tanto se tem escripto desde o fim do seculo XVI.

Na outra capella junto da de Santa Barbara, que é consagrada, como dissemos, a Nossa Senhora do Rosario, está o Santissimo Sacramento. No alto do suppedaneo, do lado do evangelho, ergue-se um tumulo de marmore branco, pequeno, e com as faces cobertas de silvados e flores em relêvo. Tem no centro de cada face o escudo das armas reaes, assentadas sobre a cruz da ordem de Aviz, vendo-se o banco de pinchar atravessando os castellos superiores do dito escudo. Não tem epitaphio ou letra alguma, o que deu motivo á variedade de opiniões sobre as cinzas que encerra. O banco de pinchar, distinctivo de infante, não deixa duvidar da qualidade da pessoa que n'elle repousa, assim como a cruz de Aviz, que apparece por baixo do escudo, é prova sobeja de que pertencia á familia de D. João I. A melhor opinião é a que refere achar-se n'este tumulo o filho primogenito del-rei D. Affonso V, e da rainha D. Isabel, que morreu menino, e se chamou João, como o segundo que veiu a succeder no throno a seu pae.

A primeira capella da parte da epistola é da invocação de Nossa Senhora da Piedade, sendo antigamente dedicada a Nossa Senhora do Pranto. N'esta capella foi depositado provisoriamente o corpo del-rei D. João II, quando o trasladaram da sé de Lisboa, em 1499, em quanto se não concluia o jazigo que lhe estava destinado nas capellas imperfeitas. Porém, como estas não se acabaram, alli ficou e se conserva em um caixão de madeira, collocado sobre um estrado alto, para o qual se sóbe por varios degraus.

Até ao anno de 1810 conservou-se inteiro e incorrupto o corpo d'este grande monarcha; porém, nas profanações commettidas nos tumulos reaes pelos soldados francezes do exercito do general Massena, foi tirado do caixão o cadaver do *Principe Perfeito*, e lançado para cima de uns entulhos, d'onde, passado tempo, foi novamente collocado na caixa sepulchral, não inteiro como antes, mas apenas restos informes!

O patriarcha D. Francisco de S. Luiz refere, na citada memoria, a visita que fez a este caixão, pelo modo seguinte: «O que é certo e indubitavel é que alli estava e esteve, por mais de trezentos annos, inteiro o corpo d'aquelle soberano, que nós mesmo, no anno de 1809, por benigna condescendencia do prior que então era, vimos, e com nossas mãos apalpámos, não lhe achando outro defeito mais que a extremidade do rosto, na barba, já um pouco gastada do tempo.»

No pavimento da mesma capella, junto á base d'este tumulo, está uma sepultura raza com um brazão de armas relevado. Tambem não tem epitaphio, e ignora-se que ossada cobre. Apenas se presume, por mostrar o escudo cinco estrellas em aspa, que pertence a algum individuo do appellido Coutinho.

Contiguo a esta capella e á porta travéssa está a quarta e ultima capella do cruzeiro. O altar e retabulo são de marmore branco com obra de mosaico.

Diz o chronista fr. Luiz de Sousa que esta capella fôra dada por el-rei D. João I ao mestre da ordem de Christo, D. Lopo Dias de Sousa. O patriarcha D. Francisco de S. Luiz põe em dúvida esta asserção, por não ter achado vestigio algum que a confirmasse ou auctorisasse. Entretanto, é certo que n'ella se vêem dois mausoléos d'esta illustre familia. Um é de Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda, o outro cremos que é o de D. Lopo Dias de Sousa, não obstante as considerações que faz aquelle prelado. O primeiro d'estes mausoléos está mettido debaixo de um arco, do lado da epistola. É magnifico. Todo de marmore branco e preto com delicados lavores de mosaico e várias esculpturas, está assente sobre leões, e remata em uma coroa ducal [1]. O segundo está defronte d'este. É uma caixa de pedra de singelo lavor, tendo nas faces escudos de armas dos Sousas. Estão sepultados n'esta mesma capella o conde de Miranda, Henrique de Sousa, e a condessa D. Mecia, sua mulher. Parece que tambem ahi descança Vasco de Sousa, que foi reitor da universidade de Coimbra.

O altar de Jesus, que fica fronteiro á porta travéssa, tem o retabulo de pedra, porém no estilo chamado do renascimento. Adornavam os lados d'este altar, e não sabemos se ainda lá estão, paineis a oleo, de Nossa Senhora, e do Evangelista, pintados pela celebre Joseph de Obidos; e no alto outros dois, attribuidos a Gran-Vasco.

Na parede do cruzeiro, junto da porta travéssa, entrando do lado esquerdo, existe uma inscripção latina, que ao presente se não póde ler por se achar a pedra muito estragada pelo fogo que os francezes alli fizeram em 1810. Fr. Luiz de Sousa diz que se referia á trasladação da rainha D. Filippa.

A capella-mór não desdiz do estilo austero que se observa em toda a egreja. Entretanto, o architecto, sem quebra d'essa nobre simplicidade, que é feição caracteristica d'este monumento, fez sobresair em belleza a capella-mór ao resto do templo, como geralmente se pratica em quasi todas as egrejas. Conseguiu este fim dando ao fundo da dita capella a fórma polygonal, e applicando-lhe um systema de janellas, com vidraças illuminadas a côres, representando passos da Paixão, ou da vida dos santos, que, pela sua contiguidade, parece, a quem olha do meio do templo, um painel geral transparente do mais bello e grandioso effeito, como já ha pouco observámos.

No meio da capella, junto ao suppedaneo do altar, e cortando os degraus d'elle, levanta-se o sepulchro em que repousam o herdeiro da coroa do fundador, e a rainha sua mulher. É uma caixa de pedra grande e lisa, sem mais ornato além das estatuas dos dois soberanos, deitados sobre a tampa. Os conjuges estão com as mãos direitas travadas, e com a esquerda el-rei segura em uma acha d'armas que tem ao lado; e a rainha sustenta um livro.

É incorrecto o desenho d'estas figuras, e a esculptura não é boa; defeitos communs nas estatuas tanto d'esta epocha como das que a precederam e lhe succederam entre nós, onde este ramo da arte nunca floreceu, salva alguma rara excepção. Nos portaes ou em outras partes dos edificios gothicos, onde as estatuas apparecem no meio de mil variadas esculpturas e brincados lavores, não dão aquelles defeitos tanto na vista. Porém, estando solitarias e desacompanhadas de ornamentos, como succede no presente caso, avultam então bastante.

Quando foi construido este mausoléo não lhe pozeram inscripção alguma, e assim se conservou por longa serie de annos, pois que ainda a não tinha quando fr. Luiz de Sousa escreveu a historia de S. Domingos, sendo passado mais de seculo e meio. Depois, não sabemos em que tempo, mas certamente não seria muito posterior, gravaram-lhe na cabeceira que está voltada para o altar-mór a seguinte inscripção, em caracteres gothicos doirados:

H. J.
Eduard. I Portug et Alg.
Rex, et Regina Ele
onora Uxor ejus.

Diz em vulgar: Aqui jazem Duarte I rei de Portugal e dos Algarves, e a rainha Leonor sua mulher.

Não se sabe a data precisa do acabamento da egreja.

[1] Vid. a gravura d'este mausoléo a pag. 404 do vol. v.

É certo, porém, que estava concluida em 1416, porque n'esse anno foi depositada a rainha D. Filippa na capella-mór, por não estar concluida a *capella do Fundador*, destinada para jazigo real.

O tempo, no correr de mais de quatro seculos, fez alguns estragos no interior da egreja, arruinando bastantemente as vidraças e os ornamentos de pedra; porém muito mais consideraveis foram os damnos feitos pelos proprios frades, que, mal apreciando as bellezas da arte, não duvidavam sacrifical-as a qualquer conveniencia ou capricho. Assim mutilaram aquelle admiravel systema de janellas, que constitue o fundo da capella-mór, obstruindo a primeira ordem d'ellas com um grande tabernaculo de madeira branco e doirado, de mau gôsto. Cortaram as columnas dos lados da capella-mór, a fim de collocarem os espaldares de madeira, pintados e doirados, de duas ordens de cadeiras para o serviço do côro. Desfiguraram as duas capellas do cruzeiro, contiguas á capella-mór, tapando-lhes as janellas do fundo com dois grandes retabulos de madeira, cujo desenho desengraçado e pesado contrasta sensivelmente com a architectura do templo. E, finalmente, mascararam com um orgão e coreto a ultima janella da nave esquerda, que é notavel por se differençar das outras pela originalidade dos ornatos.

Na restauração do templo, a que se tem procedido com o maior zêlo e acerto, foram removidas todas estas mesquinhas construcções, restituindo-se o monumento á sua fórma primitiva. Unicamente nas vidraças é que não foi possivel restaurar a antiga belleza. Só se poderia conseguir esse fim substituindo-as por outras novas, mandadas fazer fóra do reino, onde melhor se imita o antigo processo da illuminura em vidro. Isto, porém, demanda despezas muito superiores á verba consignada para a restauração do edificio.

Capella-mór e capellas do cruzeiro da egreja da Batalha

N'estas circunstancias, o intelligente engenheiro a quem foi confiada em principio esta restauração, tomou um expediente acertadissimo. Aproveitou os fragmentos mutilados das vidraças das naves e cruzeiro, em que se viam figuras e outros desenhos, para completar as vidraças da capella-mór, e para formar pequenos quadros ou medalhões, destinados para o centro das novas vidraças das ditas janellas das naves e cruzeiro, sendo preenchido o restante das mesmas vidraças com vidros lisos córados. Quando o nosso paiz estiver florescente, e que lhe vier com a prosperidade o amor das artes, o respeito para com o seu glorioso passado e o apreço pelos seus monumentos, crêmos firmemente que será então completada a restauração do templo da Batalha, mandando-se vir para todas as suas janellas vidraças com illuminuras geraes, como teve primitivamente.

Portugal é pobrissimo n'este especimen da arte, que em quasi todos os paizes da Europa constitue um dos mais bellos ornamentos das egrejas de architectura gothica. O pouco que outr'ora possuimos n'este genero ou tem desapparecido completamente, em consequencia dos cataclismos que por tantas vezes tem alastrado de ruinas este paiz, ou está reduzido a simples reliquias que mal deixam ajuizar da sua belleza primitiva.

Entretanto, quem nunca visitou essas sumptuosas cathedraes de Hespanha, de França, de Inglaterra e da Allemanha, póde fazer idéa do maravilhoso effeito produzido por taes obras de arte, indo ver a grande e formosissima janella da egreja de Nossa Senhora da Pena, na serra de Cintra, mandada fazer á Allemanha por el-rei o sr. D. Fernando II.

A gravura do interior do templo, que publicámos a pag. 169, bem como a que acompanha este artigo, são copiadas de duas photographias, que se mandaram tirar de duas grandes gravuras do magnifico livro que o architecto inglez James Murphy dedicou em 1792 á historia e descripção do real convento da Batalha. Por esta razão, como o auctor trata do monumento segundo todas as regras e preceitos da arte, a primeira das ditas gravuras representa o córte das

abobadas das tres naves do templo, para mostrar a construcção e espessura d'ellas; e para deixar ver a projecção dos gigantes ou botaréos vasados e abertos em quarto de circulo, que servem de apoio á nave central.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

UM NOIVADO EM VARSOVIA

QUADRO DA EMANCIPAÇÃO DOS POLACOS

(Conclusão. Vid. pag. 191)

V

Quão felizes eram aquelles momentos! Acariciava o mancebo a idéa do seu noivado como o conseguimento de todos os seus desejos, como o termo de uma ambição em que pensára a vida inteira. Amára aquella mulher desde menino, desde que os primeiros sentimentos brotaram de sua alma. Haviam-n'o, porém, combatido mil obstaculos insuperaveis e mil contrariedades. O seu amor immenso chamava-o para Maria, e o destino apartava-o de Maria.

Por fim, depois de luctar, depois de consumir annos inteiros em uma desesperação immensa, encontrava-se na vespera do noivado.

Contava com impaciencia os minutos que faltavam para sellar com um juramento eterno a alliança de dois corações nascidos um para o outro, dignos de se confundirem em uma só vida. A aspiração do seu ser, aos vinte e dois annos, quando toda a imaginação é côr, toda a intelligencia luz, todo o sentimento paixão, todas as ambições amor — era unir-se com a mulher de seus sonhos.

Não olha o satellite para o planeta, nem o planeta para o sol, nem o rouxinol para o ninho, nem o arroio para o ceo, nem o ceo para Deus, como aquelle amante olhava para a sua amada.

Não saberia eu, humilde narrador d'esta historia, não saberia dizer quanto elle dizia, nem repetir as suas palavras entrecortadas. Ainda não nasceu pintor que retratasse o fundo de uns olhos namorados. Ainda não nasceu musico que traduzisse a nota de um suspiro de amor. Onde está o escriptor capaz de repetir as palavras que saíram de um peito amante? Mais facil é repetir o rumor espantoso que levantam no espaço as vagas do Oceano. O coração cheio de amor é o universo!

O coração do moço Ladislau estava cheio de amor, de esperança e de felicidade. Ambos tinham esquecido o mundo. Que valia para elles a patria, quando o iman de seu amor os attrahia ao ceo?

VI

Foi interrompido aquelle arrebatamento pelo ancião, que entrou exclamando:

— Amar quando a Polonia está em terra coberta de cinza e sangue, amar é um crime! Não ouvem as hyenas que trituram entre os ascorosos dentes os ultimos restos do cadaver? E sois felizes!... Olhem, olhem, e descobria o peito: uma, duas, tres, quatro, cinco, seis cicatrizes. Derramei por aqui o sangue das minhas veias; saltaram por aqui os pedaços do meu coração. Encaneci na Siberia. Encurvei-me debaixo do peso das minhas cadeias. Já não tenho forças para viver e ainda tenho forças para aborrecer. A Polonia póde levantar-se. Se hoje é o ludibrio do mundo, ámanhã será o anjo exterminador dos tyrannos. Ladislau, vae morrer pela Polonia. Maria, manda-o para a morte. O vosso primeiro beijo de amor será amaldiçoado, porque dará por certo ao mundo a alma de um escravo. Se ámanhã Varsovia se não levantar de novo para pelejar, depois de ámanhã ireis atados braço a braço para a Siberia. Que o vosso peito seja todo odio, que os vossos braços sejam lanças, que o vosso alento seja fogo; porque eu, ancião, eu, que cem vezes caí nos campos de batalha, vou morrer por fim sobre o seio da patria escrava!

E o ancião quiz erguer-se e correr como um mancebo; mas as pernas fraquejaram-lhe, e caíu de joelhos ante o quadro da Virgem.

N'esta occasião ouviu-se uma grita confusa de — Viva a Polonia! — e o ruido de uma descarga cerrada.

VII

O moço Ladislau apontou para o ancião, depois apontou para o ceo, e apertou fortemente Maria contra o coração.

— Vaes-te? — perguntou a noiva.

— Vou, Maria; chama-me a patria.

— É a furia do vento, disse Maria.

— Não, é a furia do combate, replicou Ladislau.

— E o nosso amor?

— O nosso amor? Pois quê, perguntou o mancebo, ó nosso amor só havia durar em quanto durasse a vida?

— Ámanhã! — disse Maria; ámanhã!

— Diz-me o coração, exclamou Ladislau, diz-me o coração que ámanhã serás minha.

N'isto ouviu-se uma descarga mais perto.

— Ladislau! — exclamou Maria. Por Deus!...

Maria não ousava dizer-lhe que não partisse. Accrescentava, porém, para se enganar a si propria:

— Ladislau, é o vento.

— Não, disse o mancebo, é a alma da patria.

— Adeus, ámanhã, como quer que seja, replicou Maria, sempre se effeituará o nosso noivado.

O mancebo saíu precipitadamente para a rua, e Maria foi cair ao lado de seu avô ante a imagem da Virgem.

VIII

Decorreu um dia inteiro de combate.

Derramou-se o sangue dos polacos durante longas horas.

Os filhos da Polonia combateram de novo.

Todos os homens se arremessaram aos campos, e todas as mulheres aos altares.

Maria chora e reza. Do fundo do abysmo da sua desesperação só se levanta uma supplica.

Succede nova noite, e cessou o ruido do combate.

O exito não é duvidoso. A Polonia lucta sabendo que succumbe.

Reina immenso silencio na cidade.

Aquella devia ser a noite do noivado de Maria. A corôa de larangeira está alli, e tambem o véo; mas o seu amante não está. Maria chama-o, e elle não responde.

Tresvaria-se a razão da joven. Onde foi o combate? Fóra de si, louca, cinge a coroa, prende o véo, e apromptа-se para saír.

— Onde estará Ladislau? — pergunta ao avô, que jaz moribundo aos pés da Virgem, expirando de dôr e de cançaço.

— Felizes os que morrem no Senhor! — respondeu o ancião.

Maria comprehende-o.

A escuridão da noite é medonha; a neve solta-se em grossos flocos.

Maria, vestida de branco, envolta no véo, só, e entre as refegas do vento, parece a estatua ambulante de um sepulchro, ou a alma de uma virgem que volta do ceo. Batem-lhe as fontes e pulsa-lhe o coração, como se se dirigisse ao thalamo nupcial. Não, porque se dirige aos arredores de Varsovia, ao logar do combate. Examina angustiada e anhelante os montões de cadaveres. São já tão espessas as sombras, que não póde distinguir os rostos.

De repente ouve um gemido, que é de certo o ultimo de uma vida que se apaga.

— É elle, exclama, é elle!

E um raio da lua rompe as nuvens.

Maria reconhece o rosto de Ladislau, lívido e tinto pelas sombras da morte. O coração não bate, e o peito não respira. Nenhum signal de vida!

— Morreste, diz, sem lançar um ai! Devias n'esta noite receber o meu primeiro beijo de amor. Recebel-o-has.

E cravou os seus labios ardentes nos frios labios do cadaver. Absorveu a morte n'aquelle beijo.

No dia seguinte levavam em carros para o cemiterio os cadaveres dos revoltosos, e entre elles o cadaver de uma joven formosissima envolta no véo de noiva.

Adivinhariam os coveiros o segredo d'aquella morte? Não sei.

Ignoro, pois, se os dois cadaveres se juntaram na mesma cova.

EMILIO CASTELAR.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARSENAES

(Vid. pag. 171)

FUNDIÇÃO DO CAMPO DE SANTA CLARA

O edificio conhecido por esta denominação vulgar não é uma fundição, mas unicamente o assento de diversas repartições annexas ao arsenal do exercito.

Está situado em logar alto, fronteiro ao edificio da *fundição de Cima*, detraz e a pouca distancia da egreja incompleta de Santa Engracia. O campo de Santa Clara, de que tira o nome, fica-lhe junto, porém mais superior.

O edificio é antigo, mas nas diversas reedificações tem perdido os vestigios de antiguidade. É singelo, e sem merecimento algum architectonico, e outro tanto se póde dizer das suas feições primitivas.

Encerra este estabelecimento um museu, o deposito de artilheria antiga, as ferrarias, e os armazens de reparos e petrechos pertencentes á artilheria.

O museu occupa um vasto salão. Guardam-se n'elle, a par de muitos outros variados objectos, diversos modêlos de machinas, entre os quaes figura o do curioso e simplicissimo engenho que suspendeu, elevou e collocou sobre o seu pedestal a estatua equestre del-rei D. José I; algumas armas antigas e modernas, umas singulares por sua fórma, ou pela belleza e delicadeza dos lavores, marchetados de oiro e prata, que lhes guarnecem as coronhas, outras notaveis por alguma invenção que as distingue.

Tambem alli se vêem os typos das medidas do reino, do tempo dos reis D. Manuel e D. Sebastião, e das do novo systema metrico, mandadas fazer pelas côrtes de 1822.

O deposito de artilheria acha-se no grande pateo do edificio. É digno de ser visitado, pelos objectos archeologicos e padrões historicos que encerra. Alguns antiquissimos canhões de exquisito feitio [1]; a celebre colubrina, conhecida pelo nome de peça de Diu, tomada pelos portuguezes na memoravel conquista d'esta forte praça de guerra [2]; a artilheria hespanhola, de bronze, despojo das batalhas do Canal, das linhas de Elvas, de Montes Claros, e de outras victorias que coroaram de loiros as armas portuguezas durante a gloriosa campanha da restauração da nossa independencia; e mais outros canhões, egualmente trophéos de guerra, povoam o pateo em quasi todo o seu comprimento e largura.

Ao interesse archeologico e historico reunem estes canhões o valor artistico, pois que ostentam lindas esculpturas de variadissimos desenhos, que os guarnecem em grande parte. Entre os lavores sobresae o escudo das armas de Hespanha.

São dependencias do arsenal do exercito o *laboratorio dos fogos de artificio*, e as fabricas *de refinação do salitre*, em Alcantara, e *da polvora*, em Barcarena.

ARSENAL DA MARINHA

Este vasto e grandioso edificio está situado á borda do Tejo, junto da praça do Commercio. A frontaria principal olha para o norte, e prolonga-se com a rua do Arsenal e com a praça do Pelourinho, onde tem a sua entrada nobre. A frente do lado do sul olha para o rio, e cae sobre os espaçosos terreiros, onde se acham os telheiros em que se fazem os mastros, escaleres, etc.; os estaleiros de construcção naval; várias officinas, e o dique. Para o lado de oeste tem uma fachada que deita para o pateo das officinas. Do lado de léste pega com as trazeiras do palacio occidental da praça do Commercio.

Levanta-se este arsenal sobre uma parte do terreno outr'ora occupado pelos paços reaes da Ribeira, destruidos pelo terremoto de 1755, e sobre o proprio local do antigo arsenal da marinha, fundado por el-rei D. Manuel, de que fallámos a pag. 143.

Principiou a construcção do actual arsenal no anno de 1759, pelos riscos do architecto Eugenio dos Santos de Carvalho, auctor da planta da reedificação de Lisboa.

Contém vastissimos armazens, hoje quasi vasios, mas que ainda no começo d'este seculo, em que a nossa marinha se compunha de 12 naus e 12 fragatas, além de muitos outros vasos de menor porte, se achavam bem providos de todo o material necessario para uma marinha de guerra respeitavel.

Tem dois estaleiros muito bem construidos de cantaria, mas que demandam grandes obras para ficarem a par dos das nações mais adiantadas. Precisam de ser accrescentados para n'elles se poderem construir vasos de guerra de primeira ordem, com as dimensões que actualmente se lhes dão. Sobre tudo, faltam-lhes, e é falta essencial, as coberturas com que nos principaes estaleiros da Europa, quer sejam do estado, quer dos particulares, se resguardam dos rigores das estações os navios em construcção.

O dique é uma obra magnifica, mas acha-se nas mesmas circunstancias relativamente a dimensões. Quando se acabou recebia os navios de mais porte que então se fabricavam. No principio d'este seculo deu facil entrada e accommodou perfeitamente bem a nau *Principe da Beira*, de 110 peças. Porém na actualidade não poderia receber uma fragata de guerra, movida a vapor, de primeira ordem, pelo que o governo projecta accrescental-o.

Deve-se a construcção d'este dique ao illustrado e benemerito ministro da marinha Martinho de Mello e Castro, reinando D. Maria I. Dirigiu as obras o nosso intelligente patricio, o tenente general Bartholomeu da Costa.

Durante muitos annos prestou este dique bons serviços á nossa armada. Sobrevindo, porém, a invasão franceza, que deu motivo á partida da familia real para o Brasil, com a maior e melhor parte da nossa esquadra, entrou o desleixo nas repartições da marinha, como em todas as mais do estado, e o dique foi-se entulhando pouco a pouco, até ficar completamente obstruido de lodo.

Tentou-se por vezes, e em diversas epochas, desobstruil-o, e chegou-se a alcançar este fim; mas era baldado todo este trabalho, porque não se conseguia fabricar portas com a sufficiente solidez para resistir ao peso e embate das aguas. Assim, pois, entulhando-se novamente, continuou por longos annos a ser inutil uma obra de tão urgente necessidade em um arsenal. Finalmente, ha uns vinte annos, sendo mi-

[1] Vid. pag. 48 do vol. VI.
[2] Vid. pag. 32 do vol. VI.

nistro da marinha o fallecido conselheiro Joaquim José Falcão, de novo se metteu hombros á empreza, e d'esta vez com mais feliz successo. Sob o plano e direcção do habil engenheiro hollandez Pieterson, foi o dique desentulhado, e fechado com portas de solida construcção, ficando desde então em serviço activo.

Junto do dique assentou-se posteriormente uma machina movida a vapor, para o mais prompto esgotamento das aguas; e da parte de fóra das portas collocou-se, e alli persiste quasi sempre a trabalhar, uma draga, tambem movida por vapor, para conservar desobstruida do lodo a entrada do mesmo dique.

As novas officinas estão construidas sob um plano regular, e apresentam um prospecto agradavel á vista. O desenvolvimento artistico dos operarios faz honra ao estabelecimento e ao paiz. A officina de serrar madeiras é um edificio muito moderno, vasto e elegante. O trabalho é feito por meio de uma machina movida por vapor.

Actualmente executam-se grandes obras n'este arsenal, sendo a mais importante, por sua grandeza e pela urgencia que d'ella havia, a nova ponte e cabrea. São ambas de ferro, e notaveis pelas suas proporções, estructura e solidez. Qualquer navio, por maior que seja a sua lotação, póde facilmente atracar á ponte, e n'ella descarregar, por meio da cabrea, os mais pesados volumes que possa conduzir; tirar ou receber mastros, artilheria, etc.; cuja conducção para o interior do arsenal é facilitada por carris de ferro. A fragata de guerra D. Fernando foi a embarcação que estreiou a ponte e cabrea, indo alli receber os mastros na primavera do corrente anno de 1865. Tem sido director d'estas obras o distincto engenheiro, o sr. João Evangelista de Abreu.

Além d'esta ponte, tem o arsenal um caes de cantaria chamado da *Inspecção*, porque no meio d'elle está a casa onde se acha a secretaria da inspecção.

Na parte mais oriental d'este arsenal, junto do rio, existe uma nascente de aguas thermaes, que alli appareceu ha uns trinta annos. Tratou-se logo de as aproveitar em beneficio do povo, dispondo-se no casco velho de um brigue um estabelecimento de banhos que, apesar de ser provisorio e destinado para as classes menos favorecidas da fortuna, envergonhava o arsenal e a cidade, e, por conseguinte, o governo e o paiz, pelo seu aspecto miseravel. O tempo, com a concurrencia dos enfermos, acreditou as aguas, mas os melhoramentos feitos nos banhos no decurso de mais de um quarto de seculo ainda não nos livram d'aquella vergonha!

Ha pouco mais de dez annos edificou a Santa Casa da Misericordia de Lisboa, detraz da egreja parochial de S. Paulo, um bello edificio para banhos publicos, mas com o fim especial de encaminhar para elle as aguas do arsenal. Porém, depois de se achar concluido o edificio e feita a canalisação das ditas aguas, conheceu-se que não era exequivel a conducção d'estas por seu proprio impulso! Assim ficaram inuteis a despeza e o edificio, por não se procurar vencer aquella difficuldade, ou, pelo menos, por não se aproveitar o edificio para outras diversidades de banhos, de que a cidade tanto carece.

No pavimento nobre do grande edificio do arsenal estão a secretaria e mais repartições do arsenal da marinha, e tambem ahi se accommoda o tribunal da relação. Encerra uma bibliotheca e um pequeno museu [1], e entre muitas e extensas salas, que servem de arrecadação e para outros misteres, a vasta *sala do risco*, cujo comprimento é de 81 metros e tantos centimetros. É guarnecida de janellas por ambos os lados, éste e oéste, em todo o seu comprimento, e no lado que olha para o sul tem portas de vidraças para um terrado, onde está o telegrapho central maritimo. Accommodam-se n'esta sala as escholas naval e de construcção; tendo na extremidade do lado do norte, por onde se communica com os outros corpos do edificio, uma corveta para exercicio dos alumnos, a qual occupa o fundo da sala em quasi toda a sua largura e altura.

Vêem-se tambem n'esta sala alguns modêlos de embarcações de guerra construidas no mesmo arsenal; uma estatua em madeira, del-rei D. João VI; e um grande quadro, pintura a oleo, representando uma baléa, cópia de uma que entrou no Tejo, e deu á costa na praia de Cacilhas, no dia 11 de janeiro de 1783.

Tem-se celebrado n'esta sala várias funcções esplendidas, em differentes epochas. As principaes que nos occorrem á memoria são as seguintes: Em 1821 deu-se alli um sumptuoso banquete, offerecido pelo corpo commercial de Lisboa, aos ministros, deputados e officialidade dos corpos da guarnição da cidade, para commemorar a proclamação da liberdade em 1820. Em 1842 houve alli outro lauto jantar de quatrocentos talheres, dado pela officialidade dos corpos da guarnição da capital para solemnisar a restauração da carta constitucional. E em 1849 effeituou-se n'esta sala uma grande exposição de objectos de arte, antigos e modernos; e uma loteria com mais de mil premios, em beneficio das casas de asylo da infancia desvalida. Em todas estas solemnidades achava-se a sala vistosamente adornada, apresentando uma linda perspectiva a quem a contemplava da galeria que corre em volta d'ella, a uns dois terços, pouco mais ou menos, da altura das paredes.

Conserva-se n'este arsenal uma reliquia dos antigos paços da Ribeira. É um grande portal de cantaria que se vê na extremidade oriental do edificio, onde chamam *as galés*, e que fica fronteiro aos banhos de que acima fallámos. Este portal pertencia ás obras emprehendidas nos ditos paços por el-rei D. João V.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Tratâmos de ambos nos capitulos do nosso roteiro consagrados a bibliothecas e museus.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

73.°

PERGUNTA

Vejo por ahi escripto nos nossos livros de sciencia *ethers*, como plural de *ether*, quando me parece que se devia seguir a formação que a grammatica da nossa lingua estabelece para os nomes acabados em *er*.

Ora os livros de que fallo são pela maior parte traduzidos servilmente do francez; por isso não me admira que tragam d'estes peccados de origem; mas o que me faz hesitar é ver isto auctorisado na ultima edição do diccionario de Faria, reformado pelo sr. Lacerda.

Para meu governo, quero ter auctoridade contra auctoridade, e saber a que palmatoria devo dar a mão. Escolho a de v. (a auctoridade e não a palmatoria, bem entendido), etc. — *C. de M.*

RESPOSTA

A unica auctoridade para este caso é a grammatica portugueza, que dá como regra da formação das palavras acabadas em *r* ou *z* o accrescentamento das letras *es*.

Escrever *ethers* em vez de *etheres* não é só gallicismo, é um barbarismo; porque, embora seja vocabulo grego, logo que o naturalisámos, havemos de lhe pôr o laço nacional.

Isto milita para todos os termos estrangeiros que adoptarmos, exceptuando os nomes proprios, cujo plural se formará pelo modo que n'outro artigo indicámos.

SILVA TULLIO.

Palacio real da Pena, na serra de Cintra

Por varias vezes se tem occupado o *Archivo Pittoresco* d'este monumento manuelino, que foi salvo do naufragio em que se perderam tantos padrões historicos e artisticos de Portugal, cobrindo-se com a purpura real ao despir a cogula monastica.

Levantado ao aceno de D. Manuel, o *Venturoso*, remoçou e surgiu mais loução que outr'ora á voz do sr. D. Fernando II, o *Protector das artes*. Assim conta este edificio na sua existencia duas phases bem distinctas, apenas separadas uma da outra por um periodo de solidão e de abandono, ainda que curto, repleto de injurias lançadas nas faces venerandas do monumento, mais pelo vandalismo dos homens, que pelo embate do tempo.

Como mosteiro, e pelo que d'elle conserva, symbolisa a piedade religiosa do fundador, e as crenças vivas d'essas eras em que a fé dava coragem aos timidos e valor aos fracos. Além d'isso é um marco da civilisação, erguido em um pinaculo de elevada serrania, como para conservar vivas em todo o paiz as lembranças do soberano que logrou derramar a luz do evangelho, e estender o nome e o dominio dos portuguezes pela Africa, pela Asia e pela America.

Como paço real é um padrão dos progressos artisticos d'este paiz, não só por dar testimunho dos aperfeiçoamentos que tem attingido modernamente entre nós a architectura e a esculptura em pedra, mas tambem, e mais que tudo, porque nos está recordando o patriotico esforço de um principe illustrado, dirigido constantemente para dar impulso e vida ás bellas artes. Quem ha ahi que ignore o estado de decadencia e prostração em que se achavam as artes em Portugal, pela sinistra influencia das nossas luctas civis, quando o sr. D. Fernando II deu começo á restauração do mosteiro de Nossa Senhora da Pena? Pois durante essa calamitosa quadra, que tanto se prolongou na successão dos tempos e das desgraças publicas, foi sem dúvida aquella reedificação, e as novas construcções, a primeira obra que se emprehendeu n'este reino, na qual as boas artes achassem emprego e estimulo.

A historia e descripção do mosteiro encontral-a-hão os nossos leitores a pag. 363 do vol. I; e a pag. 353 do mesmo vol., e 177 e 329 do II, tres gravuras representando o palacio por diversos lados.

Quanto ao paço real e ao parque, formoso e vastissimo, que se estende a seus pés, havemos de tratar d'elles quando podermos auxiliar as nossas descripções com gravuras que representem com exacção, e de modo que façam realçar as variadas construcções e primorosas esculpturas do primeiro, e as bellezas e quadros pittorescos do segundo.

A gravura que adorna este numero é cópia de uma photographia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

(Vid. pag. 189)

Rodrigo da Fonseca fôra desde os primeiros annos partidario do governo constitucional. Fôra-o como todos os homens que desde a tenra primavera, na leitura dos classicos latinos, tomam com o primeiro leite intellectual o amor ás livres instituições das republicas antigas. Com aquelle incançavel laboratorio de idéas philosophicas e politicas em Paris, onde fervia a revolução, era impossivel que os mancebos d'aquelle tempo se não deixassem como que instinctivamente conquistar pelos novos principios sociaes. Os cordões sanitarios com que o governo portuguez buscava procrastinar a explosão inevitavel em nossa terra, não

eram bastantes para impedir o contagio irresistivel. Rodrigo, ao concluir a guerra peninsular, pensava, pois, como grande numero de seus irmãos de armas e companheiros na universidade. A sua indole era naturalmente incapaz de submetter-se a um regimen vicioso e condemnado. O seu grande e já então cultivado entendimento não poderia accommodar-se com os ocios da paz na vida monotona das guarnições. Principiou por se ligar em Lisboa com alguns homens que, incitados por suas idéas liberaes, traçavam já ir dispondo a opinião e dirigindo os acontecimentos para a suspirada emancipação da sua patria.

O marechal Beresford era então omnipotente no exercito, e, por consequencia, no paiz. Caiu o joven official do regimento 15 no desagrado do dictador britannico. Moveu-lhe o marechal perseguições, que mais arraigavam a Rodrigo no seu proposito de cooperar na proclamação de novas e mais racionaes instituições.

Era então pelos annos de 1817, anno de lugubre memoria, anno assignalado nos fastos portuguezes pela primeira carnificina com que o agonisante poder absoluto intentava reprimir os vôos da liberdade. Urdiu-se uma conjuração, cujos agentes e fautores expiaram cruelmente no cadafalso o arrojo, porventura temerario, do seu patriotismo. Proseguiu por algum tempo na sombra e no mysterio o plano da rebellião. Filiavam-se na empreza alguns officiaes. Parecia destinado a dirigir a revolução um benemerito general, que, ao serviço da Russia e de Napoleão, havia honrado o seu nome e a sua espada. Era Gomes Freire de Andrade, que, pouco tempo antes, regressára a Portugal, deixando a França, onde ainda servira no principio da restauração.

Rodrigo da Fonseca parece que entrára tambem na conspiração. Apenas delatada ao marechal Beresford, pela traição de dois officiaes portuguezes que se tinham filiado a fim de a perjurar, havia-se por certo que os ultimos rigores castigariam os miseros cidadãos, colhidos improvisamente ás mãos da justiça, quando mais seguros se julgavam pela solemne religião do juramento. Nomeou a regencia uma alçada para julgar os criminosos. Correu o processo, em que figuravam Gomes Freire e varios officiaes do exercito portuguez, e o general hanoveriano barão de Eben, que durante a guerra andára ao serviço de Portugal.

Frustrada por este modo a primeira tentativa liberal, cuidaram de pôr-se em cobro os que haviam participado mais ou menos n'aquella empreza desastrosa. Era um d'elles Rodrigo da Fonseca. Posto que menos implicado na conjuração do que muitos dos seus confrades, não seria, de certo, com elle mais humana a justiça da regencia, quando o houvesse podido haver ás mãos. Principiavam, pois, para o illustrado patriota as perseguições e os perigos imminentes pela causa liberal. Homisiou-se, pois, Rodrigo, por fugir aos cadafalsos que, bem depressa, no campo de Sant'Anna, se erigiram em 8 de outubro de 1817, e onde foram executados, com terror e commiseração de toda a cidade de Lisboa, onze dos conjurados principaes. Alguns dias depois o bravo general portuguez, que tão honrada fama ganhára pelas suas virtudes e pela sua espada, o heroe de Ocksakow, o escriptor militar eminente, expirava no ultimo supplicio o seu odio á tyrannia. Os juizes recebiam em novos accrescentos o galardão da sua sanguinaria auctoridade, e a commenda de Gomes Freire era dada como premio ao chanceller-mór.

Passando de homisio a homisio, por escapar a mais duras perseguições, conservou-se Rodrigo da Fonseca em Lisboa até 1819. É de crer que este despotismo, e os excessos de um poder estupido e feroz, lhe confirmassem, como succede n'estes casos, a fé e a esperança na crença que seguia.

Cançado da vida arriscada e importuna que levava, resolveu deixar a patria, e ir procurar a paz e o socego no Brasil, cujo governo, mais illustrado e tolerante, promettia maior protecção aos foragidos.

V

Navegou para o Brasil em meiados de 1819, e seguiu sua derrota a Pernambuco.

Estava ainda mal convalescida aquella provincia das violentas commoções por que passára com a revolução militar que, a 5 de março de 1817, negára a sujeição ao governo do principe regente, e proclamára a forma republicana. Após os muitos damnos, que serveu sempre de cortejo ás rebelliões, fôra reprimida a insurreição, e, como era costume n'aquelles tempos, sellada a paz com o terror das execuções politicas. Fugira o capitão general desde os primeiros dias da revolta. Investira a anarchia no poder supremo a uma junta popular. Conclusa pelas armas a contenda, nomeou o principe regente ao general Luiz do Rego Barreto para que, com predicamento de capitão general, a fosse reger e pacificar. Desde junho de 1817 estava alli o illustre guerreiro das campanhas peninsulares cicatrizando, como podia, as feridas da provincia, buscando melhorar a administração e sanear por discretas providencias os estragos da guerra civil.

Talhava-se de molde a occasião para que Rodrigo da Fonseca se estabelecesse em Pernambuco. Fôra o general seu coronel no regimento 15, em que Rodrigo militára. Ligava-os a amizade desde a guerra da peninsula. Á sombra de tão respeitavel auctoridade podia o fugitivo portuguez abrigar-se e porventura prosperar.

Não haveria de certo na provincia, entre portuguezes e naturaes, muitos homens de melhor siso e experiencia no trato difficil das coisas publicas, em tempos verdes e tormentosos, como então iam correndo para o Brasil e Portugal. Acolheu o general a Rodrigo da Fonseca, e nomeou-o, pelo que sabia já de suas qualidades e entendimento, seu secretario particular.

Algum tempo depois, attentando Luiz do Rego na utilidade que adviria á provincia de ter por immediato na administração um homem de tão singular engenho, lhe deu o cargo de secretario do governo, e bem depressa se convenceu de que fôra bem acertada a sua escolha.

Não é sem deixar nos espiritos as sementes da discordia, e nas paixões o sêllo da intolerancia, que a revolução e a guerra civil assolam por algum tempo uma provincia ou um estado. Restituida, pois, a paz a Pernambuco, lavrava, como que latente em cinzas ainda revôltas, o fogo das contenções civis. Propendia sempre a terra para a sonhada liberdade e independencia do jugo da metropole. Não estavam extinctas, se bem que soffreadas, as facções. Devia o governo ser difficil, e toda a prudencia e sisudez não demasiada para reger um povo que principiava a reputar os portuguezes mais como inimigos do que irmãos. A feição caracteristica no vulto moral de Rodrigo da Fonseca era o talento da concordia e o amor da conciliação. Ninguem melhor do que elle entendia e sabia praticar a arte maravilhosa de aquietar irritações, de catechisar malquerenças, de congraçar inimizades, e de fazer brotar do consenso dos animos a paz e o proveito da republica. Uma concessão a tempo, uma transacção opportuna, agora um tom austero, logo uma agudeza; umas vezes a oração que persuade, outras o discurso que abonança pelo riso a procella fremente das paixões; a tolerancia para com todos unida ao respeito da auctoridade; e sobre tudo isto a lenidade do seu animo, mais inclinado a dissimular peccados alheios do que a avultar e punir pequenos erros, eram os segredos que tornavam Rodrigo da Fonseca um homem accommodado a dirigir negocios publicos em paiz agitado por luctas intestinas.

Tal foi a sabedoria e doçura com que illustrou a notavel parte que houvera no governo, que de todos os partidos soube conciliar o respeito e a consideração: e se fôra possivel subjugar o curso providencial dos acontecimentos e evitar os successos logicamente encadeados pelo destino das nações, tivera cabido a Rodrigo a honra de conservar a provincia de Pernambuco á coroa de Portugal.

Era, porém, fatal a emancipação da colonia, levantada pelos acontecimentos europeus á dignidade da metropole. Proseguia a largos passos a independencia, que alguns annos depois se consummou.

Insurgida novamente a provincia, e obrigados os portuguezes a desampara-l-a, commetteram os pernambucanos a Rodrigo com honrosos partidos para que ficasse na cidade, fiando do que d'elle sabiam por experiencia quanto lhe seria proveitoso o seu conselho nas arduas conjuncturas que se iam preparando. Haviam cessado, porém, as razões de seu desterro. A revolução de 1820 proscrevêra o dominio ignominioso da regencia, e assentára as bases de um governo liberal. Podiam, pois, os foragidos volver á sua patria. Agradeceu Rodrigo os bons officios dos pernambucanos, rejeitando as honras e mercês com que o pretendiam attrahir, antepondo com altiva e nobre independencia, como portuguez que era de tão boa lei, a todos os augmentos propicios o serviço da sua patria, e o desejo de respirar, em fim, perfumado pelo aroma da liberdade, o ar puro do seu paiz natal.

VI

Em 1821 voltava Rodrigo a Portugal, em companhia do general Luiz do Rego. Era a quadra propicia e triumphante da revolução. Era o idyllio das esperanças e enthusiasmos. Era a revolução que se vestia de gala e se toucava de flores, em quanto os seus algozes, em torno d'ella, lhe cavavam a sepultura. A revolução, na propria paz e boa ordem com que se havia inaugurado, trazia já a predestinação do seu ephemero viver. Tinha o gravissimo defeito de não haver tido berço popular, embora lhe não fosse hostil o povo. Nascêra de um conselho militar, fôra planeada e urdida por homens que viviam em classes eminentes na hierarchia official, e trazida á luz nas bayonetas de uma divisão. Exaggerava o seu poder, dando ás suas innovações politicas dimensões desproporcionadas aos habitos do povo e ás suas tradições quasi immemoriaes. Confiava pouco em si quando hesitava na reformação dos abusos, cuja extirpação a plebe acolheria com fervor. Ousava levantar-se até á democracia nas instituições e nas fórmulas politicas, e fechava-lhe cautelosamente as portas nas instituições e nos costumes sociaes. Não era necessaria vista de aguia para ler através dos episodios pacificos da revolução o desenlace que havia de encerral-a. Mas, ainda que passageiro o seu triumpho, alcançava-se ao menos o resfolegar. A inquisição já não assombrava as consciencias mais pelo terror de suas antigas tradições que pelos seus autos de fé, caídos em desuso. Eram livres a imprensa e o pensamento. Erguia-se, é verdade que pouco firme em seus cimentos, uma tribuna parlamentar, d'onde soltava as suas torrentes patrioticas o ingenuo e eloquente Borges Carneiro, e o facundo Moura as suas arengas sentenciosas e regradas.

Rodrigo da Fonseca estava ao menos em atmosphera mais amena, e com a fama e patrocinio de seus amigos podia aspirar aos cargos publicos e á influencia nos negocios politicos do estado.

Pouco depois que chegára a Portugal, abriu-se concurso para serem providos alguns logares de official de secretaria. Foi Rodrigo da Fonseca um dos candidatos. Era facil de prever quanto se haveria de avantajar a quasi todos na cópia de boa erudição, no conhecimento e trato dos negocios, na correcta e fluente maneira de fallar e de escrever, em que aos trinta e dois annos de sua edade, já formado e robusto o espirito, pouco distaria do que appareceu depois no ministerio e na tribuna.

Foi Rodrigo nomeado official da secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça. Não sabemos com certeza se do posto em que havia militado no exercito fôra antes d'isso demittido. Parece que o não fôra. Muitos annos depois, sendo já Rodrigo homem de estado, os seus implacaveis adversarios, que sempre os teve o merito quando excede a commum e rasteira mediania, o accusaram de desertor. Se merece este nome o militar que por salvar-se do supplicio, não por desamparar o campo da batalha, deixa a patria e as bandeiras fugindo á cruel perseguição de um governo oppressor e violento, que soldados e heroes tiveram as guerras da liberdade a quem não possa a malevolencia, com equidade similhante, applicar a mesma nota?

Declinava a revolução para o seu occaso. Eram poderosas as tramas que se urdiam para restituir a Portugal o ominoso governo absoluto. Eram já descobertos os assaltos, numerosas as ciladas. Conspiravam abertamente as classes que entreviam no regimen liberal a infallivel condemnação dos seus odiosos privilegios. Das insidias politicas voára a opinião realista aos excessos da rebellião. Era no extremo norte do reino que estavam postas as esperanças dos que suspiravam pela feliz restauração da velha monarchia. Capitaneava alli a insurreição o conde de Amarante, mais celebrado nas guerras civis de Portugal pelo appellido de Silveira. Governava as armas da provincia de Traz-os-Montes o general Luiz do Rego. Urgia que se acudisse com energica e prompta repressão áquella revolta, que, lavrando pelo reino, onde não faltavam os seus fautores, poria a constituição a pique de sua ultima ruina. Julgou-se prudente e necessario enviar o governo áquella provincia um commissario seu, que, junto do quartel general, e concertando-se com elle, provesse no que cumpria á segurança publica e levasse a breve termo a insurreição.

Quem melhor que Rodrigo da Fonseca poderia interpretar a vontade do governo sem levantar conflictos com tão ciosa auctoridade, como foram sempre, e eram principalmente n'aquelle tempo, os generaes que exerciam nas provincias do reino a auctoridade militar? Como homem discreto e avisado nos negocios em quadras tempestuosas, como liberal fidelissimo á sua religião politica, como victima que necessariamente havia de ser, caso triumphasse a rebellião, e como amigo particular de Luiz do Rego, recommendavam a Rodrigo para aquelle cargo as suas qualidades e circumstancias.

Partiu Rodrigo da Fonseca para Traz-os-Montes a juntar-se novamente ao seu antigo commandante, e taes foram os serviços então prestados por elle á causa constitucional, que a seus conselhos se deve na maxima parte attribuir a vantagem das armas liberaes, que não só levaram ante si, rotas e desanimadas, as tropas do conde de Amarante, mas já dentro do territorio hespanhol as foram acossando e perseguindo.

VII

Não havia, porém, valor nem brios que chegassem a dominar a tempestade que ameaçava a constituição. A celebre jornada de Villa Franca, no anno de 1823, de novo proclamou os *inauferiveis*. Um movimento militar fôra o berço da revolução; uma sedição militar, fomentada por um principe e favorecida por muitos liberaes, ou frouxos, ou simulados, ou apostatas, celebrou as exequias de um systema, cujos fructos não estavam ainda praticamente sasonados.

Presidia quasi nominalmente ao governo de Portugal um rei fraco, mas brando de sua condição, mais

culpavel pelo seu egoismo pueril que por seu entranhado affecto á realeza absoluta.

Repugnavam ao soberano, naturalmente pouco afeito ás violencias do governo, todos os actos de rigor e perseguição. Não pôde, todavia, a sua ingenita clemencia evitar de todo o ponto as represalias e vindictas da indomita facção que principiava a bloqueal-o nos seus paços, e a disfarçar-lhe na magestade o captiveiro.

Novas perseguições vem punir as culpas de Rodrigo. Deportam-n'o para a Figueira, para onde é tambem desterrado Luiz do Rego. Logo a demissão do logar da secretaria accresce á primeira pena. Inactivo para o serviço do paiz se conservou Rodrigo n'aquella povoação até fins do anno de 1824. Já seguro, por em quanto, o absolutismo, com o desanimo do partido liberal, disperso, trahido e desarmado, e com a feição reaccionaria que então havia tomado a Europa continental, remittio o governo seus rigores, honrou-se por maior tolerancia e lenidade, e consentiu que Rodrigo da Fonseca saisse da Figueira para Vianna. N'esta villa casou no mesmo anno com D. Ignacia do Rego, filha do seu antigo general, amigo, patrono e companheiro de perseguições e de fadigas.

Em 1825 conseguiu, não sem graves difficuldades, o ser restituido ao seu logar de official na secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça. Para que a tolerancia do absolutismo operasse este milagre, seriam, porventura, parte as boas e honradas memorias que de si deixára durante o breve tempo que servíra o cargo, os quilates incontestaveis de seu engenho e doutrinação, e o patrocinio dos amigos, que sempre soubera conciliar pela affabilidade do seu trato e festiva amenidade de sua conversação.

Na secretaria da justiça permaneceu durante os breves tempos em que uma princeza exerceu a regencia d'estes reinos, e se fez a segunda e mal succedida tentativa do governo representativo, formulado já então na Carta Constitucional.

O segundo reinado da liberdade, salteado de emboscadas e vivido em sobresaltos repetidos, devia ser ainda menos duradoiro que o primeiro. O infante D. Miguel, enviado por seu irmão e soberano a reger o estado, como seu logar-tenente, trocou bem depressa o mandato em investidura. A facção que o circundava desde os primeiros arrojos da sua vida publica, lisongeava no mancebo, naturalmente ambicioso, como todos em tão florente edade e em tão eminente condição, o desejo de ser rei. E rei o levantaram os seus, dando-lhe ao throno o fanatismo por estrado, por cortejo a guerra civil.

A historia passou já sobre esses tempos e pronunciou o seu juizo. As paixões aquietaram-se; os animos, a principio toldados pela victoria, ou escurecidos pelo infortunio, podem hoje restaurar com maior fidelidade a critica d'aquelles successos lastimosos. Os principes, pois que são mais responsaveis perante a politica, é justo que o sejam menos perante a commiseração. Como quem rege na apparencia os destinos das monarchias, é contra elles que se levanta na praça o clamor das turbas descontentes ou oppressas. Como a quem, sem o pensar, é governado por lisongeiros e cortezãos, não é muito que os lastimemos infelizes. Aos outros homens está desde a infancia dictando a educação que por seus feitos e pensamentos hão de responder não sómente perante Deus, senão tambem diante do mundo e sua justiça. Aos principes está ensinando a adulação que tudo podem em seus estados, e que sómente ao divino tribunal hão de apresentar-se para ouvir seu julgamento. Ha principes ruins, a quem seus ministros e conselheiros ainda tornaram mais damnosos á sua grei: e principes tem havido, mancebos e vaidosos de seu berço e auctoridade, a quem os aulicos abriram o caminho do desterro com os proprios desatinos em que lhe promettiam a perpetua dominação.

A monarchia absoluta foi de novo inaugurada em Portugal no anno de 1828, em que pelos tres estados foi levantado rei o infante D. Miguel.

Era tão notoria a fama que de liberal e avesso ao governo triumphante gozava já Rodrigo da Fonseca, havia sido tão publica a sua cooperação durante os breves tempos do governo constitucional, que o seu nome devia figurar desde os primeiros dias do novo reinado na lista dos suspeitos. Adivinhou Rodrigo, e era facil a prophecia, as perseguições que haviam de acompanhar a acclamação do moço rei. Principiou por isso a tomar as necessarias cautelas e prevenções para fugir a taes vexames, caso viesse a enthronisar-se o sinistro regimen do terror.

Antes da perseguição quizeram tental-o com blandicias e favores os ministros do infante, fazendo-lhe grandes promessas de honra e estado, se quizesse converter-se ao partido absolutista. Apesar da sua prosperidade e triumphos; apesar de que seguia a nova bandeira a maior parte da nobreza e do clero regular e secular; apesar de que a baixa plebe se associava á fortuna do novo rei, que se lhe afigurava chão e popular; apesar de que estava obediente á sua voz a grande maioria do exercito portuguez, arreceiava-se, comtudo, o absolutismo de que não fosse bastante para firmar solidamente o seu futuro a precaria auctoridade dos factos consummados; temia-se que a força material não podesse viver desacompanhada da força intelligente, e que o despotismo se justificasse aos olhos do mundo civilisado, sem escudar-se ao menos com a apparencia do direito e a sombra da legitimidade.

Não sobejavam nos conselhos do principe, e entre os funccionarios que mais de perto influiam no governo, os homens de são juizo e boa razão; eram escassos os talentos, obscuros os publicistas, raros, e esses mesmos pouco discretos, os escriptores. Os pamphletos politicos de José Agostinho, que exsudavam sangue e pareciam dictados por bachantes nas torpes exaltações de uma orgia, deram depois a medida dos apologistas d'aquelle infaustissimo governo. Mais decoroso na fórma, porém não menos violento na idéa, o monge de Alcobaça D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, depois arcebispo de Evora, não era, apesar dos seus talentos, o mais proprio para attrahir as affeições ao governo realista. Notado como escriptor violento e faccioso, já desde a reacção de 1823 e 1824 revelára nos proprios titulos das suas publicações periodicas o veneno politico destillado pela sua penna. Escrevêra então o *Punhal dos Corcundas*, o *Maço Ferreo Antimaçonico*, o *Mastigoforo* (o *Azorrague* disfarçado em fórmas gregas), e a sua *Contra-mina*, que saiu á luz desde 1830 até 1832, reluctava com a angelica lenidade do filho de S. Bernardo, e a caridosa austeridade do pastor.

Eram as letras pouco notaveis nos ministros e conselheiros, posto que entre elles alguns houvesse respeitaveis por sua auctoridade pessoal. Não era, pois, para desprezar o concurso de tão fecundo e singular entendimento como era o de Rodrigo da Fonseca, de cuja erudição politica e excellentes dotes de escriptor era já notoria a fama.

Commetteu a Rodrigo o ministro da justiça, Furtado de Mendonça, para que escrevesse a favor da legitimidade e direitos do infante á coroa de Portugal. Negou-se o bom e consciencioso patriota ás solicitações do ministro, auxiliado em sua instancia pelo conde de Rio Pardo. A recusa era uma tacita profissão de que não reconhecia o principe como a verdadeiro rei de Portugal. Depois d'ella viria naturalmente a perseguição.

De novo teve Rodrigo que precaver-se no homisio contra as vexações de um governo intolerante. Andou

de casa em casa, e deram-lhe amigos devotados asylo hospitaleiro entre mil sobresaltos e terrores. Em Lisboa se conservou até que chegasse a esta cidade José da Silva Carvalho, seu amigo particular, que por entre riscos e azares vinha desde o centro da Beira, fugindo ao cadafalso, que não seria avaro nem tardio com tão conhecido e intratavel inimigo do velho absolutismo.

Reunidos em Lisboa os dois amigos, poderam furtivamente fazer-se ao mar para Inglaterra, onde aportaram por fins de setembro de 1828.

(Continua) J. M. LATINO COELHO.

CARTAS A UMA SENHORA

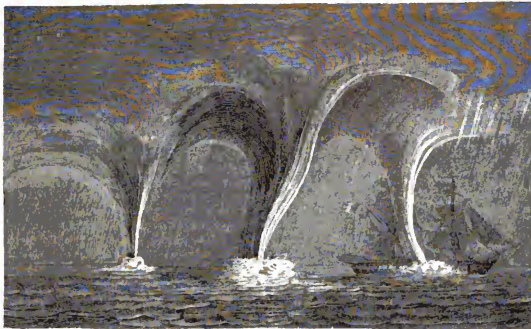
AS TROMBAS

I

Nas suas *Reflexões sobre a Poesia Singela e Sentimental*, o grande Schiller apoda os gregos e romanos de pouco admiradores das scenas grandiosas da natureza, porque as descripções que os poetas d'essas epochas nos legaram peccam pela falta de sentimento.

Responde Humboldt com summa sagacidade e sciencia a estas accusações, e mostra outrosim que a civilisação greco-romana não é, nem póde ser, a synthese do mundo antigo, antes houve outras civilisações poderosas que nos deixaram padrões perduraveis, os quaes são hoje a admiração dos contemporaneos, que com os olhos do espirito desenterram do pó dos seculos e da mudez dos tempos monumentos de poesia descriptiva.

Faltam-me cabedaes e estudos para entrar n'este litigio; a outros, certamente muito mais lidos, incumbe ajuizar da faculdade descriptiva dos antigos, e a esses póde v. exc. recorrer, que ha de auferir grandes lucros intellectuaes; mas com ser isto uma pura verdade e não falsa modestia, parece-me que os modernos possuem, em grau muito mais elevado, essa faculdade descriptiva, do que os velhos poetas.

Os antigos consideravam a natureza como *alma mater;* adoravam-n'a, erguiam-lhe templos, mas esse culto era altamente materialista, e o sentimento, o recato profundo e augusto, o mysticismo seraphico, essa como que dispersão da alma no infinito — sublime matrimonio do homem com a natureza — tudo isto faltava, e isto mesmo é a poesia, ou a essencia purissima da poesia.

Trombas maritimas

Nos hebreus impera já outra feição, e encontrâmos na biblia descripções admiraveis de phenomenos naturaes.

Ao christianismo, porém, pertence esta iniciação, e só nos primeiros poetas christãos é que vemos transluzir o verdadeiro fanal.

Os antigos davam vida á natureza, os modernos dão-lhe vida e sentimento.

A differença é grande, é incommensuravel.

Mas houve outras causas que conduziram a estes resultados, e a sciencia, abrindo cada dia novos horisontes, ligando successivamente milhares de factos desconnexos, como que vae formando a epopéa da natureza, infinita como o assumpto, e cujo argumento grandioso é *Deus*, segundo os espiritualistas, a *força* e a *materia* sómente, segundo os materialistas.

Deixemos, porém, divagações philosophicas, e voltemos ao nosso thema.

Entre os poetas modernos que melhor souberam descrever os phenomenos naturaes, avulta o nosso grande épico, *através de cujo poema, escripto sob o ceo dos tropicos, na gruta de Macau e nas ilhas Molucas, sente-se fluctuar um como perfume da India,* conforme diz o sabio Humboldt [1]. Para fundamentar a sua opinião, cita o celebre viajante germanico algumas estancias de Camões, entre as quaes são dignas de eterna admiração aquellas em que o poeta descreve uma tromba maritima.

Não posso resistir á tentação de transcrever aqui essas estancias, em que o épico immortal mostrou verdade, exacção e pompa de imagens.

Diz assim Camões:

XIII

. . . .
Não menos foi a todos excessivo,
Milagre, e coisa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX

Eu o vi, certamente (e não presumo
Que a vista me enganava), levantar-se
Na agua um vaporzinho e subtil fumo,
E do vento trazido rodear-se:
D'aqui levado um cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

[1] Vid. *Cosmos*, trad. fr. de Faye, vol. II, pag. 64 e 68. Vid. *Camões e Humboldt*, livro muito apreciavel, escripto por um portuguez benemerito, o sr. J. Silvestre Ribeiro.

XX

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava;
Estava co'as ondas ondeando;
Em cima d'elle ũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada,
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI

Qual róxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que, imprudente,
Bebendo, a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente;
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Alli se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e á nuvem negra que sustenta.

XXII

Mas, depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo ceo chovendo, em fim, voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura
Que segredos são estes de natura [1].

....

A descripção é acabada e magistral; tem cunho do genio e da verdade. Nada esquece, todas as gradações alli estão fiel e felizmente traduzidas.

Que bello verso:

«Estava com as ondas ondeando»

Parece que estamos vendo a tromba a oscillar, como um pendulo gigante.

E a comparação da sanguesuga! Não analysemos, que a perfeição não admitte analyses.

V. exc., senhora minha, não carece de incitamentos para admirar o maior epico das Hespanhas.

II

A natureza mostra-se verdadeiramente grandiosa nos polos e no equador. Os phenomenos são lá sempre terriveis e destruidores, e entre o fragor da geleira que se despenha nas ondas encapelladas, e o silvar da tromba que se ergue no Oceano, o espirito fica espavorido e submerso no terror.

A tromba maritima é um dos meteoros mais perigosos que perturbam apparentemente a harmonia da natureza, como diz A. Pellier.

Quando a tromba se empina sobre as ondas, e, reptil gigante, suga as aguas turbidas, o espanto e a desolação enchem a alma dos mareantes, e o naufragio é quasi certo.

São duas as qualidades das trombas: maritimas e terrestres. Ambas são devidas ás mesmas causas.

Uma vezes nascem estes vortices do embate dos ventos contrarios quando a atmosphera anda muito agitada. O phenomeno é então pouco perigoso, e encontra-se a cada passo em pequena escala, no que se chama vulgarmente *redemoinho*. Estes redemoinhos, porém, podem attingir dimensões formidaveis, mórmente nas montanhas muito altas, como acontece nos Alpes, Pyreneos, etc.

Mas as trombas propriamente ditas, que se encontram nos tropicos, e acompanham ordinariamente as grandes tormentas, erguem-se de repente, quasi sempre em calmaria, quando as velas dos navios pendem dos mastros, quêdas e immoveis como um sudario. Qual será a causa do phenomeno terrivel? O vento não, porque não bafeja a menor viração. Qual será pois? A electricidade? Assim o diz a sciencia, posto que a affirmativa não seja completamente possivel. Segundo Pellier, são as nuvens a origem das forças electricas. Quando sobrevem uma sêcca repentina, e os vapores da agua se evolvem, ficam as nuvens carregadas de um excesso de electricidade, e se por acaso alguma força estranha as accumula em largos novellões, desenvolvem-se mil forças attractivas e repulsivas, que podem determinar ou concorrer para a formação das trombas.

Todas as observações são concordes n'este ponto, e as observações terrestres, que se tem amiudado mais, dizem que as trombas são, com effeito, devidas ao jogo das forças electricas [1].

Antes do apparecimento do meteoro vão-se conglobando umas nuvens negras e altaneiras, que toldam a limpidez dos ares. A nuvem mais baixa toma logo a fórma de um cóne invertido, verdadeiro funil, cujo vertice se aproxima mais e mais da superficie das ondas, chega ás vezes a tocal-as, e a excavar uma depressão circular, coroada em volta por um repuxo, que similha o resfolegar de reptil.

Raro acontece que as aguas se levantem em cóne, sendo então maravilhoso o espectaculo, porque na peripheria erguem-se repuxos muito altos, que espadanam a agua a grande distancia. A este conjuncto de correntes, que ascendem e descem alternadamente, de jactos e repuxos, chamam os inglezes *bush*, sarça. As trombas são quasi sempre acompanhadas de bulcões, raios, trovoada, chuva e graniso, e soltam constantemente um silvar medonho e agudo. O doutor Leymerie descreve uma tromba nos seguintes termos:

«Estavamos na costa d'Africa, junto da foz do rio Gambia, quando se formou uma tromba. Reinava calmaria podre; o calor era intenso, e pela madrugada o ceo cobriu-se de nuvens espessas. Levantou-se de repente uma tromba de altura de cem metros, pouco mais ou menos.

....

«Esta columna era luminosa, e tinha um aspecto phosphorescente um tanto fulvo. O mar resplandecia, e o navio deixava um sulco de fogo.»

Costumam os mareantes romper as trombas atirando descargas de artilheria; mas este meio nem sempre surte effeito, e o navio póde ser arrastado ao abysmo. São muito mais raras as trombas terrestres, posto que os seus resultados sejam immensamente desastrosos. Ha, comtudo, magnificas descripções de alguns d'estes phenomenos, e estou certo que v. exc. não perde o tempo se ler a descripção de uma tromba terrestre, transcripta pelo sr. Daguin na sua *Meteorologia*.

A tromba terrestre é um meteoro talvez mais temeroso do que a maritima. Succedem-se as descargas electricas, que talam os campos, queimam as searas e as florestas, arruinam as casas, e espalham o estrago e a morte em grandes tractos da terra.

A electricidade é, porventura, ainda a causa unica do phenomeno que, felizmente, apparece rarissimas vezes nas nossas latitudes temperadas.

Tal é, minha senhora, o que a sciencia sabe ácerca das terriveis trombas, d'essas apparições pavorosas que ameaçam tragar, já o nauta na solidão do Oceano, já o rustico lavrador no amanho do campo.

Creia-me v. exc. servo das suas virtudes.

A. Osorio de Vasconcellos.

[1] *Lusiadas*, canto V.

[1] Vid. *Observações de Piddington* e a *Lei das Tempestades*, pelo dr. Baddeley.

TEMPESTADES DE ALDEIA

I

Nada ha mais singelamente poetico do que um templosinho aldeão; em parte alguma se respiram melhor os ares puros e salutares do christianismo. A cathedral pomposa, em todo o esplendor das ceremonias catholicas, onde o ambiente rescende os suavissimos aromas do incenso, onde as altas dignidades da egreja apparecem com as suas magestaticas vestes, com as mitras refulgentes de diamantes, onde magnificas orchestras jorram torrentes de harmonia, póde inspirar nos animos um certo deslumbramento, em que falsamente julgâmos ver o respeito inspirado pela magestade divina revelada nas magnificencias do culto. Enganâmo-nos. O sentimento que nos salteia é um sentimento que nada tem que ver com as nobres expansões do espirito; é o mesmo sentimento que a fraqueza humana podia inspirar nos homens de principios mais sinceramente democraticos, ao fitarem os esplendores da corte theatral de Luiz XIV. Aquellas pompas de Versailles, aquelles coches esplendidos, aquelle exercito de cortezãos inundados de oiro, rodeando um homem em cuja fronte augusta parecia que Deus estampára um reflexo da sua omnipotencia, deviam por força impressionar quem pela primeira vez olhasse essas rutilantes auréolas de que o grande monarcha se circundava. Somos todos, mais ou menos, borboletas estouvadas que nos vamos queimar n'essas luzes que nos deslumbram; os povos nos esplendores do luxo, ou no clarão da gloria, os individuos no luzir dos fogos fatuos da ambição, ou no brilho d'uns olhos mentirosos.

Mas depois d'esse primeiro instante, em que cedemos ao nosso instincto de mariposas, acode a reflexão, e o espirito irrita-se da obstinada cegueira por que se deixou arrastar. Então fazemos com que o idolo se despenhe das alturas vertiginosas a que o elevámos, nos abysmos insondaveis que lhes rasgâmos. Afiguram-se-nos portentosas as maculas dos soes que adorámos loucamente, achâmos tremendas as imperfeições da creatura que julgámos divinal.

Da mesma fórma não podêmos crer na sinceridade das impressões religiosas produzidas pelo esplendor do culto externo. Debalde me pintam com o mais vehemente colorido os primores artisticos da basilica de S. Pedro; debalde me descrevem o magestoso aspecto do pontifice-rei, caminhando altivo e soberano entre a sua comitiva de cardeaes; debalde me asseveram que esse conjuncto de maravilhas inspira ao mais sceptico religioso fervor; não posso imaginar que estas altivezas, estas magestades, estas soberanias, estas magnificencias tão puramente humanas, façam mais do que satisfazer nos espiritos cultos a sêde quasi insaciavel do bello, nos espiritos rudes essa tendencia para se curvarem sempre e em tudo ao prestigio do oiro ou do oiropel, tendencia com que folgam e de que se servem os despotas no throno e os charlatães nas feiras.

Na pobre ermida da aldeia é que o sentimento religioso é sincero e fervente; alli é que sentimos devéras o suave influxo d'este dogma que falla tanto ao coração, tão singelo na sua philosophia, tão santo na sua moral, tão sublime nos seus preceitos, e tão impregnado em poesia nas suas lendas.

Para substituir pompas por pompas não valia a pena derribar o paganismo. A sumptuosa egreja das cidades filia-se directamente no templo pagão dos antigos. S. Pedro descende dos templos de Jupiter Capitolino, Santa Sophia conta o Parthénon no numero dos seus ascendentes; mas a ermida dos campos essa é que não tem no paganismo edificio religioso que lhe corresponda. Filha do evangelho, conserva zelosamente as suas puras tradições; e a prédica da montanha occorre-nos mais promptamente ao espirito na despretenciosa nave da capellinha da serra, do que entre os prodigiosos columnelos da cathedral da cidade.

Os campos que a rodeiam, o ermo onde campeia, os horisontes desassombrados que do adro se divisam, tudo concorre para dar suavissima fragrancia a essa flor singela em cujo calice o meigo Jesus poisaria com delicias. Até o sino, que na cidade não é senão mais uma voz banal que se accrescenta ao immenso concerto d'essa colmeia agitada, tem na solidão campestre harmonias ignotas, novissima e suavissima poesia.

Por isso eu adoro a egreja do ermo com as suas paredes nuas, com o seu altar singelo, com as suas toscas imagens, com o seu pobre campanario. A religião christã nasceu nos campos, e com esses ares se dá bem. Jesus folgava de ensinar ao ar livre as suas divinas doutrinas. Se entrava no templo, respirava mal n'essa atmosphera empestada pelos sophismas dos phariseus, quando não era profanada pelos gritos dos vendilhões. No templo de agora abundam ainda os discipulos dos phariseus, e os descendentes dos vendilhões. Mas os discipulos de Jesus serão no seu ambito egualmente numerosos?

II

É n'uma d'essas egrejinhas que vamos introduzir o leitor. Não levará tempo a descripção; não temos aqui nem maravilhosos lavores no espaldar das cadeiras, nem primorosos rendilhados na cantaria das naves, nem columnas esbeltas, nem quadros primorosos. A abobada não se ergue a alturas descommunaes; a cúpula não se arroja audaciosa ao ceo; os orgãos não atrôam o templo com as torrentes da sua voz sonora. Mas, em vez de tudo isso, respiram as alvas paredes uma religiosa serenidade, uma alegria christã. Sente-se alli a religião da vida, e não a religião da morte. O ascetismo fugiria horrorisado d'aquelle ameno asylo. N'aquella nave tranquilla não póde resoar nunca o terrivel *Dies iræ*, e a urna do christianismo só alli derrama o balsamo da esperança e do santo jubilo, e não a peçonha do negro fanatismo e do terror que sacrilegamente se denomina terror religioso.

Não ha frestas altas com vidros de côres, por onde penetra timidamente um raio de luz mysteriosa que dá um livido realce á pallidez do eburneo crucifixo, e que parece acordar nos labios contrahidos de um Christo severo a maldição, a excommunhão, o anathema. O fulgor vivido do sol entra afoitamente pelas rasgadas janellas, desenha nas faces do Divino Mestre o meigo sorriso com que prendia os corações, e a sua boca, assim illuminada, parece que murmura ainda o sublime perdão com que, entre os flagicios do Golgotha, lavava os crimes das gerações corruptas, e a benção com que saudava a humanidade regenerada, que surgia nas brumas do porvir, doiradas pelo esplendor da sua auréola.

Fica á beira da estrada na frente do cemiterio. E o cemiterio não é um d'estes pomposos e banaes cemiterios da cidade, onde os epitaphios ridiculos brilham nos marmores pretenciosamente transformados em symbolos absurdos. Não; é um campinho sereno e tranquillo, onde as arvores de frondosa copa convidam o justo ao repoiso, onde a cruz de madeira falla da eternidade, onde os passarinhos entoam o hymno da redempção. A morte alli não respira nem pavor nem tedio. Nem é lugubre o campo, nem frivolo tambem. A egreja, quando o sol, ao descair no occaso, projecta as sombras colossaes de todos os objectos, abre as suas grandes azas e abriga esses socegados sepulchros, ninhos d'almas emplumadas ao doce calor do altar, e que d'alli voaram ás regiões do empyreo.

O sino do campanario ergue raras vezes a sua voz. Ao domingo, com festivos sons, chama os fieis dos arredores ao doce convivio espiritual da missa. Então, como Jesus Christo, que folgava de participar das

alegrias e dos affectos da humanidade, e que se sentava risonho á mesa nupcial de Caná, o anjo mysterioso, que se esconde na velha torre, gorgeia, com a sua voz argentina, alegres e melodiosos repiques. Mas quando acaba a missa, quando a pouco e pouco foi ficando deserto o adro, quando o sol, abandonando os campos, se engolphou nos abysmos do occaso, cingindo o horisonte com rubido listrão que vae desmaiando, esmorecendo ao passo que as sombras vão invadindo lentamente a crista dos montes, que se azula vagamente, o ceo, em que desponta silenciosa e ainda descorada a argentea rainha da noite, quando expiram os cantos ruidosos e principiam os murmurios graves, o anjo ignoto debruça-se do campanario, escuta esse indefinivel canto, colhe na urna esses perfumes vagos, e, batendo as azas brancas, envia ao ceo o hymno melancolico das Trindades, traducção singela d'esse psalmo da natureza, argumento conciso e meigo d'esse poema, cujas mil estrophes são cantadas pela noite, pela brisa, pela ramaria das arvores, pelo sol que se esconde e pela estrella que desponta, pelo rouxinol que suspira e pela rosa que o escuta.

Se a voz do sino traduz as preces da creação, a do orgão traduz as preces da humanidade. A minha egrejinha campestre tambem tinha um orgão, um orgão modesto que se não afoitava a reproduzir as grandes paginas de musica religiosa, mas que traduzia com melancolica singeleza a humilde voz das sinceras crenças do povo, que o escutava com devoção e respeito.

Não eram luxuosos os dois ou tres altares da pobre capellinha; fragrantes sim, porque as flores substituiam com profusão os vasos de prata e os aureos thuribulos. Pois não tinham que invejar aos magnificos altares das grandes cathedraes, porque não havia incenso mais aromatico do que o perfume das violetas, nem thuribulos mais ricamente lavrados do que esses ramalhetes de variegadas côres e de primorosas fórmas!

Tal era, pois, a minha egrejinha aldeã, aonde se ia ter por uma estrada orlada de oliveiras, cujas copas quasi confundiam, d'um para outro lado do caminho, a sua folhagem cinzenta, que formava um escudo, onde se iam partir os dardos de fogo, arrojados pelo sol ardente do Riba-Tejo.

III

Promettêra eu a mim mesmo, e promettêra aos leitores, não me alargar na descripção do templo modesto, e involuntariamente fui-me comprazendo no desenho, de fórma que já lá vão dois capitulos, e ainda não fiz mais do que apresentar o scenario onde se deve passar o meu pequeno drama. É tranquillo este scenario, e não inspira senão idéas de paz e de socego. Pois apesar d'isso representou-se n'elle um drama tenebroso, tanto é verdade que as paixões do homem rugem infrenes no palacio e na choupana, na cidade e no campo, nas selvas torvas e nas planicies risonhas.

Estamos, pois, n'um domingo á hora da missa. Os camponezes dos arredores vem com os seus fatos domingueiros, as aldeãs com as suas saias de côres vistosas e as suas roupinhas elegantemente arregaçadas. O sineiro na torre entrega-se gravemente aos seus caprichos lyricos, e toca innocentemente a *Marselhesa*, que ouviu em Santarem a um realejo, sem saber que o alto clero o apearia das suas altas funcções se soubesse do escandalo que está involuntariamente praticando. Os camponezes admiram a ingrezia musical do digno artista, que n'esse momento não trocaria o seu genio e a sua gloria de executante pela gloria de Listz, ainda mesmo agora que elle está a caminho da bemaventurança, visto ter entrado nas ordens religiosas. O rapazio do sitio, accumulado na escada da torre, lucta com o desejo de implorar o Quasimodo (no officio e não na fealdade, sejâmos justos) para que os deixe apoderarem-se da suspirada corda, e mostrarem tambem a sua habilidade lyrica. Não é bem escolhida a occasião; o sineiro sente-se *en verve*, e não trocaria n'esse instante a corda do sino pelo baculo do bispo, de fórma que algum mais afoito, que ousa deitar a cabeça de fóra, e formular n'um tom melifluo o desejo de seus companheiros, recebe, em recompensa da sua dedicação civica, um sôco de soslaio, que o obriga a abdicar immediatamente a sua dignidade de representante, o que faz com que seja tanto o ardor com que elles rejeitam os suffragios dos seus compatriotas, quanto é o fervor com que os candidatos a paes da patria procuram obter a confiança popular.

No adro da egreja, os camponios encostados aos varapaus conversam gravemente na safra da azeitona; nas vindimas que estão promettedoras; nas colheitas que se perderam; nos donos da quinta proxima que são generosos; no capellão que é um santo; na tia Marianna, a respeito da qual ha grandes desconfianças de bruxaria, e que, segundo parece, anda por cima de toda a folha como qualquer de nós pelas ruas macadamisadas de Lisboa; no lobishomem que frequenta os sitios; nos ciganos que deitaram fogo a uma eira; e em outros assumptos graves e questões importantes, que são decididas pelos Nestores de aldeia, a quem se paga um *alqueire* de vinho em recompensa da sua assisada intervenção.

E não se admire o leitor da phrase *um alqueire de vinho*. Ainda vem longe os litros uniformisadores, e, em quanto elles não apparecem, a imaginação popular phantasia medidas á sua vontade. A imaginação dos ribatejanos, menos fecunda, segundo parece, do que a dos outros provincianos, entendeu que escusava de variar as denominações, e, presentindo o systema metrico, sem ter medido o meridiano terrestre, apressemo-nos a dizel-o, uniformisou por sua conta as medidas de capacidade.

Estes *alqueires* de vinho vendem-se no adro, acompanhados de tremoços, *lunch* pouco substancial, mas economico, que vae entretendo os ocios domingueiros d'estes Menalcas modernos. O *castaneæ molles et pressi copia lactis* do vate latino soffreu, como vêem, algumas modificações. O çumo da uva substituiu o leite ordenhado, tepido e espumante; os tremoços desthronisaram as castanhas.

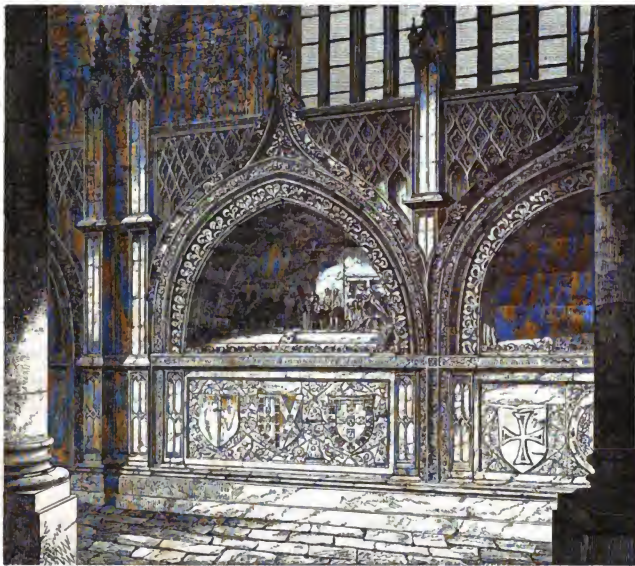
Passou o capellão, que ia revestir á sacristia as vestes sacerdotaes. É um padre de vinte e tantos annos, de physionomia melancolica e benevola, illuminada pelo fulgor, ás vezes ardentissimo, de dois olhos negros e curiosos, que parecem interrogar o mundo, cujos encantos e loucuras lhes é defeso contemplarem.

Cessaram d'ahi a instantes as variações lyricas do sino, e principiou este a tocar á missa. Ao mesmo tempo assomou á porta da egreja o rosto grave e rubicundo do sineiro. Claramente se via que o artista illustre achava inferior ás suas habilitações esse emprego secundario, e que, depois de se ter erguido ás regiões sublimes da arte, não se podia resignar a descer ás vulgaridades do officio. Peçam a Thalberg, depois de ter tocado a phantasia de *Moysés*, que toque uma contradança, e verão como elle lhes recebe o pedido.

Os pequenos é que lucraram com a immensa prosapia do sineiro. Irromperam tumultuosamente no paraiso que se lhes franqueára; e, como é costume em todos os paraisos que não sejam habitados unicamente por um Robinson Crusoé, introduzira-se logo a desordem nas suas fileiras, o que se revelava pela irregularidade das badaladas, irregularidade annunciadora de batalha campal nas regiões da torre.

O sineiro não dava attenção a tudo isso. Encostado ao humbral da ermida, via entrarem os camponezes, e correspondia aos seus comprimentos com a magestade do homem que tem a consciencia de ser quem occupa na egreja a *mais elevada* posição.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

Interior da capella sepulchral do Fundador, na egreja da Batalha

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 195)

VII

CAPELLA DO FUNDADOR

A sumptuosa capella sepulchral, chamada *do Fundador*, por ser o jazigo de D. João I e de sua mulher e filhos, ergue-se ao lado da egreja, no mesmo alinhamento do frontispicio d'esta [1]. É uma obra magnifica, e tão formosa e esbelta no exterior como no interior.

A perfeita harmonia que reina entre a sua architectura e a do templo, prova de sobejo, sem ser preciso recorrer a documentos, que pertencem á mesma epocha e tiveram por auctor o mesmo architecto.

Quando el-rei D. João I fez o seu testamento, em 1426, ainda esta capella não se achava concluida, pois que este soberano, dispondo no dito testamento o logar em que havia de ser lançado o seu corpo, determina que seja a capella-mór da egreja, onde tinha sido depositada a rainha D. Filippa, sua mulher, ou *a outra* (diz el-rei) *que nós ora mandâmos fazer, depois que for acabada*. Devia-se, porém, concluir em vida d'este monarcha, por quanto, fallecendo d'ahi a sete annos, em 1433, no anno seguinte foi o seu corpo trasladado da capella-mór, onde estava depositado, depois de ter tido o seu primeiro deposito na sé de Lisboa, para a capella do Fundador, e ahi foi collocado, conjunctamente com o da rainha D. Filippa, em o mausoléo que lhes estava destinado.

Compõe-se a capella ao presente de dois corpos, mas primitivamente constava de tres.

O primeiro fórma um quadrado na projecção horisontal, tendo em cada uma das tres fachadas que olham para oeste, sul e éste, tres grandes e formosas janellas. Pelo lado do norte, onde tem a porta, pega com a egreja, e occupa o espaço de tres janellas da nave lateral. É guarnecido este corpo, na parte superior, de uma renda de pedra, egual á que faz coroa ao templo, com suas pyramides correspondentes aos gigantes que fortalecem as paredes entre as janellas.

O segundo corpo levanta-se no centro da abobada do primeiro, servindo de cúpula para dar mais luz á capella. É, por conseguinte, muito mais pequeno, e de fórma octangular, com uma brincada janella em cada uma das oito faces. Tambem tem gigantes entre as janellas, e por cima a mesma guarnição de renda e pyramides. É ainda, além d'isso, é cercada esta fa-

[1] Vid. as gravuras a pag. 1, 5 e 53.

brica com gigantes, ou botaréos, vasados e abertos em quarto de circulo, e guarnecidos de recortes, de modo que, sendo postos alli para firmeza d'este segundo corpo, servem-lhe ao mesmo tempo de adorno.

Este corpo oitavado está coberto com telhões de pedra, mas outr'ora era aberto, porque sobre elle se elevava a muita altura uma grande pyramide, ou coruchéo, todo vasado no interior, e exteriormente lavrado em graciosas esculpturas, que iam terminar em um enfeite a modo de plumas. Este terceiro corpo, que tanto realce dava, por sua elegancia e belleza, ao resto do edificio, desabou por effeito de um terremoto. Aqui juntâmos o desenho d'elle, tal qual era, copiado de uma gravura do citado livro do architecto Murphy.

A magnificencia interior excede muito a exterior. Servir-nos-hemos aqui das palavras de fr. Luiz de Sousa, não só porque ellas pintam as mais das vezes o que descrevem como se fossem pinceis molhados em vivas côres, discorrendo por cima da téla, mas tambem porque são modêlo de linguagem classica:

«É uma grande sala quadrada de noventa palmos por cada lado, fabricada da mesma sorte de cantaria da egreja, e coberta de abobada, com um zimborio, que artificiosamente nasce do meio d'ella, sobre oito pilares, como a effeito de metter mais luz dentro, mas na verdade para lustre e magestade da capella, e juntamente estribo da abobada; porque sôbe em grande altura em fórma oitavada e trinta e oito palmos de diametro, seguindo a situação das columnas, e fazendo duas faces do mesmo lavor e feitio, uma para dentro e outra para fóra; e vae vasado todo em roda até á mais alta parte d'elle em frestas mui rasgadas e grandes, e tão largas, como é cada parte do oitavado, e todas são cerradas com suas vidraças, como as da egreja e capella, e n'ellas se vêem debuxadas as armas do reino e divisas do rei que as mandou fazer. E porque o zimborio se levanta demasiadamente sobre as primeiras frestas, corre uma divisão ou cordão de cantaria em redondo, para firmeza da obra, e sobre elle sobem outras frestas em direito das que ficam debaixo com o mesmo lavor e guarnição de vidraças e illuminação, até pegarem na chave onde fecha toda a obra, a qual fica tão alta, que d'ella ao pavimento ou lageado da capella ha noventa e dois palmos. Este zimborio, assim feito, faz pavilhão a duas sepulturas e um altar, que ao justo lhe ficam debaixo, e entre as columnas em que estriba.»

Estas sepulturas de que falla o chronista são del-rei D. João I e da rainha D. Filippa, sua mulher. Antes de nos occuparmos d'ellas trataremos das dos infantes seus filhos, que estão em volta da capella.

Na parede do lado do sul, que é a que fica fronteira á porta da capella, abrem-se quatro arcos, todos lavrados na parte posterior com diversidade de lavores, e taes quaes se vêem representados na gravura que precede este artigo. Estão mettidos n'estes arcos quatro mausoléos.

No primeiro, começando a contar do lado de oeste, estão dois sepulchros a par um do outro. No da parte de fóra jaz o infante D. Pedro, duque de Coimbra, e regente do reino na menoridade de seu sobrinho e genro, el-rei D. Affonso V. Foi o terceiro filho del-rei D. João, *de Boa Memoria*, mas immediato ao infante D. Duarte, que succedeu na coroa [1]. O sepulchro da parte interior do arco encerra as cinzas da infanta D. Isabel de Aragão, filha de D. Jayme, conde de Urgel, e mulher do dito infante D. Pedro.

Sobre a tampa vêem-se os brazões d'armas dos dois conjuges: o do infante consta das quinas reaes sobre a cruz de Aviz, com a orla dos castellos, tendo cortados os superiores com o banco de pinchar, distinctivo dos infantes: o de D. Isabel é um escudo bipartido, estando n'elle á direita o brazão do esposo, e á esquerda o seu, que se compõe de barras e escaques.

Na face do tumulo estão tres brazões em relêvo entre variados desenhos. O do centro é do infante, na fórma mencionada, só com a differença de ter por cima o braço de uma balança, cujos pratos pendem de um e outro lado do escudo. Em vez de elmo, ou coroa, tem uma touca ornada de pedras e flores, especie de turbante, a que chamavam *fóta*, de que o infante usava em vida. Os outros dois brazões são: um de D. Isabel, tal qual se acha na tampa; o outro é o da ordem da Jarreteira, de que o infante D. Pedro foi cavalleiro, e consiste em um escudo com a cruz, divisa e letra da ordem.

No friso superior do tumulo corre uma graciosa cercadura de troncos e folhagens, tudo em relêvo, deixando ler nos claros a palavra franceza *désir*, que significa desejo, muitas vezes repetida, que era a letra ou mote do infante.

No segundo arco está o mausoléo do infante D. Henrique, duque de Viseu, senhor da Covilhã, governador da ordem de Christo, e illustre iniciador dos descobrimentos dos portuguezes. Avulta sobre a tampa a estatua do infante, vestido de armas brancas, e com uma touca, ou fóta, na cabeça. Descança esta sobre uma almofada, e debaixo de um baldaquino vasado, e aberto em rendas com delicados lavores.

No friso resalta da pedra por entre a folhagem a letra do infante em mau francez: *Talant de bien fere*, com a qual exprimia o seu animo de bem fazer. Por baixo do friso lê-se o seguinte epitaphio, gravado em letra allemã minuscula, em uma só linha, a todo o comprimento do mausoléo:

Aqui jaz o muito alto e muito honrado senhor, o Ifante dom amrique governador da ordem da cavallaria de no...........om Joham e rainha philipa, que aquy jazem nesta capella, cujas almas Deus por sua merce aja, o qual se finou em .... na era de mil e ....

A primeira lacuna que se acha na inscripção é resultado de falha na pedra. As letras que faltam deveriam ser: *sso senhor Jesus Christo, filho del-rei D.*

A outra lacuna attribue-a o cardeal patriarcha D. Francisco de S. Luiz, na sua citada *Memoria*, a ser preparada a pedra e esculpida a inscripção em vida do infante, e a terem-se esquecido de gravar o dia, mez e anno do fallecimento do principe, que succedeu a 13 de novembro de 1460.

A face do tumulo é decorada tambem com tres escudos entre ramagens e fructos. O escudo do meio é o brazão d'armas do infante, egual ao de seu irmão, D. Pedro, menos na balança. O escudo da direita tem a cruz da ordem da cavallaria de Jesus Christo, de que o infante era mestre. O escudo da esquerda ostenta a cruz, divisa e letra da ordem da Jarreteira.

Seguem-se no terceiro arco os tumulos do infante D. João, condestavel de Portugal, e mestre da ordem de S. Thiago; e da infanta D. Isabel, sua mulher, filha de D. Affonso, conde de Barcellos, e 1.º duque de Bragança.

A frente do mausoléo é ornada egualmente com tres escudos em fundo coberto de silvados, e umas bolsas, cada uma com tres vieiras, allusivas á ordem de S. Thiago. O escudo do centro é o brazão de D. Isabel. É bipartido, tendo de um lado as armas de seu marido, e do outro as suas proprias, que são os cinco escudetes das quinas sobre duas palas em aspa. O escudo da esquerda é o brazão do infante, egual ao de seu irmão D. Henrique. E o escudo da direita tem a espada da ordem de S. Thiago. Por entre as folhagens do friso apparece a letra *Je ai bien raison*, que quer dizer: Tenho boa razão.

No fundo do arco resaltam da parede tres grupos

[1] O primogenito, chamado D. Affonso, morreu de dez annos de edade, e jaz na sé de Braga em tumulo de bronze.

de figuras em relêvo inteiro, mas de mau desenho e de grosseira esculptura. Representam tres passos da paixão de Jesus Christo. O grupo da extrema direita mostra o Senhor caminhando para o Calvario com a cruz ás costas, e caido por terra. O grupo do centro representa o Salvador pregado na cruz; e o da esquerda o descendimento da mesma cruz.

D'estes infantes, D. João e D. Isabel, descende a maior parte dos soberanos da Europa, por sua filha D. Isabel, que foi rainha de Castella, mulher de D. João II, paes de D. Isabel, *a Catholica*, rainha de Castella, da qual procede a actual familia imperial da Austria, que se póde considerar como tronco de várias outras familias reinantes.

Finalmente, no quarto arco está o sepulchro do infante D. Fernando, mestre da ordem de Aviz, que por sua morte entre ferros, ao cabo de penoso martyrio em longo captiveiro, é appellidado o *infante santo*.

A frente do tumulo é adornamentada com ramagens e fructos, e dois escudos, um com o seu brazão, que differe dos de seus irmãos em estar assente sobre a cruz floreteada da ordem de Aviz; o outro com a cruz d'esta mesma ordem de cavallaria.

A nossa gravura mostra todo o arco e tumulo do infante D. João, ametade dos do infante D. Henrique, e uma pequena parte dos do infante D. Fernando.

Nas paredes dos lados de oéste e éste abrem-se oito arcos, quatro em cada uma, e em tudo eguaes aos da parede do sul, onde estão os tumulos dos infantes.

Eram destinados estes dois arcos para receber outros tantos mausoléos de pessoas reaes, porém não foram aproveitados para esse fim, não obstante ficarem depositados na egreja e na casa do capitulo os corpos de vários soberanos e principes por não terem sepulturas proprias. Foi causa d'isto a fundação do jazigo real por detraz da capella-mór, que por não chegar a concluir-se se chamam *capellas imperfeitas*.

Como ficassem devolutos os ditos arcos, dispozeram altares nos quatro de éste, e armarios nos outros quatro da parte de oéste; correspondendo a cada tumulo um altar e um armario, isto é, cada altar tinha pintado no retabulo o santo da particular devoção do infante cujo mausoléo lhe ficava em correspondencia; e os armarios guardavam os paramentos e alfaias necessarias para a celebração dos officios divinos nos altares a que pertenciam.

Hoje, porém, nada d'isto existe. Altares e armarios foram destruidos pelos francezes, na invasão de 1810, de maneira que poucos vestigios deixaram. Nos altares havia algumas boas pinturas que eram attribuidas ao Grão-Vasco; e nos armarios admirava-se preciosa obra de talha relevada, com muita diversidade de esculpturas, entre as quaes avultavam as divisas, emblemas e letras do infante a que o armario pertencia.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

CANDIDO LUSITANO

(PADRE FRANCISCO JOSÉ FREIRE)

(Vid. pag. 193)

II

O germen do talento, fecundado e desenvolvido pela applicação estudiosa, anticipára em Freire os seus fructos mais cedo do que era de esperar, mórmente n'aquelle tempo. Foram primicias de seus trabalhos, antes de completar dezoito annos de edade, algumas peças dramaticas, por elle vertidas do italiano, e que em 1737 se representaram nos theatros de Lisboa, sem que comtudo se imprimissem; e pouco depois o poema latino *Plausus Tagi*, dado á luz aos vinte annos, no de 1739. Esta e outras composições na mesma lingua, com que successivamente veiu a publico, se não tinham todo o merecimento preconisado nas qualificações apaixonadas de censores, que a amizade ou a benevolencia convertêra em panegyristas, revelavam ainda assim os dotes do engenho, e eram documentos de progresso não vulgar em annos tão verdes.

No *Elogio de D. Francisco Xavier Mascarenhas*, sua primeira composição em lingua portugueza, impresso em 1742, e seguido após curto intervallo de outros escriptos do mesmo genero [1], começou a mostrar que não fôra n'elle infructifera a lição dos bons auctores classicos, e que diligenciava subtrahir-se ás influencias do gosto degenerado, que ainda predominava entre nós n'aquella quadra. O estilo gongoristico, inchado e ridiculamente conceitnoso dos contemporaneos, divisava-se n'essas composições substituido, ao menos em parte, por outro menos hyperbolico, e de certo mais fluente e natural.

Como primeira manifestação de seus louvaveis desejos no intuito de promover com boas doutrinas elementares, em escriptos e tratados didacticos, a instrucção da mocidade nos diversos ramos das bellas-letras, deu á luz em 1745 o *Secretario Portuguez*. Era um trabalho de innegavel proveito, e para nós inteiramente novo. O bom acolhimento com que foi recebido é attestado pelas repetidas edições por que passou. Com elle abriu seu auctor o passo a tantas outras obras que successivamente emprehendeu com egual proposito, não poupando diligencias e esforços para converter em utilidade publica o fructo de seus estudos e variada erudição.

Ao *Secretario Portuguez* seguiu-se de perto, em 1748, o *Methodo breve e facil para estudar a historia portugueza, formado em taboas chronologicas*. Exemplificadas segundo a doutrina e opinião do celebre Lenglet du Fresnoy, e reconhecidamente mui proprias para auxiliar a memoria, estas taboas não lograram, comtudo, mais que uma só edição. O livro tornou-se raro, e pouquissimas vezes apparece hoje no mercado.

Como critico, começou Freire a distinguir-se nos opusculos que com os titulos de *Carta Apologetica* e *Vieira Defendido* publicou (sem declaração do nome) em 1744 e 1746, concernentes a mostrar a sem-razão e incoherencia dos que de força pretendiam attribuir ao famoso P. Antonio Vieira a paternidade da *Arte de Furtar*. Se houvessemos de subscrever ao que a tal respeito expendeu, ha annos, uma penna auctorisada, o incontestavel triumpho que alcançou n'esta polemica, seria, comtudo, devido menos á solidez e valentia dos seus argumentos, que á bondade da causa, e á debilidade do contendor com quem teve de luctar.

Outras controversias mui mais importantes e de maior alcance se agitavam por este tempo em Portugal no campo das letras, e traziam entre si divididos os animos e discordes os pareceres. Tratava-se não menos que da reforma geral dos estudos, tal como a concebêra e proclamára desde Roma o illustre Verney no seu *Verdadeiro Methodo de Estudar*. Pretendia-se que Portugal cessasse de apresentar uma especie de anachronismo aos olhos da Europa culta. O empenho era nobre, mas a realisação difficil pelo muito radica-

[1] O catalogo ordenado e completo das numerosas e variadas producções em prosa e verso, tanto impressas como inéditas, de Francisco José Freire, não é para este logar. Achal-o-hão os curiosos em o nosso *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo II, de paginas 405 a 411, colligido e ampliado de outro que, em 1842, publicara o sr. conselheiro J. H. da Cunha Rivara, á frente da edição feita n'esse anno das *Reflexões sobre a Lingua Portugueza* do nosso auctor. Ao que n'esse catalogo deixámos descripto, póde agora accrescentar-se, que ha poucos mezes descobrimos e temos em nosso poder uma comedia inédita de Freire, até hoje desconhecida, que se intitula: *O Marido acceso da Mulher*, em dois actos e em prosa. É autographa, e tem a data «1768». Encontrámos tambem com o seu nome mais quatro odes, a diversos assumptos, as quaes, posto que já publicadas no volume *Collecçao de Obras Poeticas dos melhores Auctores*, impresso no Porto em 1789, haviam saído anonymas.

dos que se achavam os abusos. A apparição do *Verdadeiro Methodo* servira como de toque de rebate; a elle acudiram os bandos oppostos, e travára-se entre os campeões das novas idéas e os seus antagonistas uma renhida peleja, que durou por alguns annos, até que os anti-reformadores, desalojados successivamente das posições em que se entrincheiravam, tiveram de abandonar de todo o campo aos mandados imperativos do marquez de Pombal.

O nosso Freire não foi, por certo, dos ultimos em tomar parte n'esta cruzada litteraria, alistando-se entre os propugnadores da reforma, posto que de suas doutrinas dissentisse em alguns pontos. Na sua *Arte Poetica*, impressa pela primeira vez em 1748, confessa elle dever ao auctor do *Verdadeiro Methodo* o fervor e estudo com que proseguira na empreza d'esta composição, já d'antes intentada, mas que por outros estudos havia abandonado. Seguindo n'esta obra em grande parte o tratado de Muratori, *De la perfeta Poesia*, e fundando-a sobre as regras e dictames de Aristoteles, de Horacio, de Longino, e do que os modernos haviam escripto de melhor áquelle tempo, manifesta claramente quanto se desagradava dos vicios que por então grassavam na litteratura patria. Parece, comtudo (segundo a judiciosa observação de um nosso illustrado critico), «que elle, como outros mestres do seu tempo, estava com toda a sinceridade do seu coração convencido de que a escrupulosa observancia das regras classicas, que se tratava de resuscitar, bastava por si só para formar poetas, oradores e escriptores de consummado gosto em todos os ramos das bellas-letras, e que nas regras havia um condão capaz de supprir o proprio engenho.» Elle, e os que assim pensavam, como que se esqueciam dos termos em que o mesmo Horacio, com o seu bom siso, deixou para sempre decidida essa debatida questão:

«*Natura fieret laudabile carmen, an arte,*
Quaesitum est: ego nec studium sine divite vena
Nec rude quid prosit video ingenium: alterius sic
Altera poscit opem res, et conjurat amicè.»

(Ad Pison.)

«Hoje, para qualquer principiante é doutrina corrente, que as regras não criam o genio; mas ao mesmo tempo bom é não esquecer que com ellas se lhe podem corrigir os erros, e embargar o passo a seus extravios.»

Havia Freire abraçado o estado ecclesiastico, e adquirido a protecção de D. Thomaz de Almeida, primeiro cardeal patriarcha de Lisboa, em cujo serviço entrára na qualidade de gentil-homem. Dotado como era de talento, e de uma probidade irreprehensivel e costumes exemplares, poderia, sem dúvida, mediante o patrocinio do prelado, aspirar a uma collocação mais brilhante na hierarchia ecclesiastica, se motivos que nos são occultos o não levassem a seguir outra vereda. Desgostos de qualquer especie, ou desenganos do mundo, lhe inspiraram o desejo de passar da vida secular para a claustral, deixando o serviço do prelado, com as vantagens que d'elle poderia razoavelmente esperar.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

TEMPESTADES DE ALDEIA

(Vid. pag. 207)

IV

Principiou a missa, não antes que apparecessem os donos da quinta, diante dos quaes se desviaram respeitosamente os camponezes, deixando-os ir occupar as suas cadeiras, unicas da egreja, collocadas na frente e a distancia respeitavel do povo, que preferia atropellar-se, pisar-se, amontoar-se no fundo da ermida, a transpor os limites marcados pelo respeito devido a tão altos e poderosos senhores.

Já levantára a Deus, e o sineiro, que subira de novo ao seu observatorio, e traduzira, em pontapés applicados aos gaiatos que lhe ficaram mais a geito, e que fugiram em debandada pela escada a baixo, o famoso *Quos ego*... posto por Virgilio na boca de Neptuno, e o sineiro, como iamos dizendo, já annunciára com as graves badaladas do estilo a realisação da ceremonia augusta, quando entrou na egreja um homem que produziu nos assistentes um certo reboliço.

O trajo não indicava, comtudo, pessoa de classe superior á dos camponezes. Apenas algumas leves differenças mostravam que o recem-chegado não era do sitio, e pertencia antes á turbulenta povoação de Oeiras ou de S. Domingos de Rana. Era homem de bella presença, e que devia ter sido varonilmente formoso. Dizemos «devia ter sido» não porque fosse velho, mas porque parecia que precoces infortunios lhe haviam devastado a physionomia. Era magro, quasi esqueleto, e horrivelmente macilento. O bafo ardente de alguma procella intima crestára-lhe as rosas que a saude e a mocidade haviam feito florir nas suas faces. O fulgor dos seus olhos pardos e rasgados extinguira-se, de certo, afogado em torrentes de pranto; e, comtudo, de quando em quando, fusilava-lhe um relampago na pupilla, relampago que breve se apagava, ultimo arranco d'essa tormenta que indicámos, exhalação expirante de um volcão de paixões que lhe fervêra no peito, e cuja lava deixára vestigios bem sensiveis no seu rosto, como dissemos, descarnado e macilento.

Estas particularidades, comtudo, que bastariam para despertar a curiosidade do leitor de romances, não produziriam, de certo, o mesmo effeito no animo singelo e pouco poetico dos ribatejanos. Quando muito, alguem suspeitaria que aquella pallidez e aquella magreza eram indicios seguros de lhe ter caído a espinhela, e no fim da missa lhe iria caritativamente ensinar a casa da tia Marianna, a qual, apesar de ser bruxa, ou talvez por isso mesmo, não conhecia competidora na arte de levantar espinhelas e esconjurar mau olhado, que ás vezes ella deitava, não, como se poderia suppor, para imitar a lenda homerica da lança de Achilles, mas para augmentar os seus proventos por esse meio pouco louvavel.

Mas, apesar d'isso, a sensação continuava, e revelava-se cada vez mais profunda. Os homens cochichavam entre si e deitavam para o recem-vindo olhares de revez; as mulheres segredavam, e deitavam para o mesmo lado olhares de compaixão. A propria dona da quinta houve por bem relancear os olhos para aquelle sitio, e o capellão, ouvindo atraz de si um reboliço desacostumado, voltou ao de leve a cabeça.

O estranho nem pareceu dar pela attenção e curiosidade de que era objecto. Ajoelhou a um canto da egreja, e começou a rezar com um fervor que lhe coloriu ligeiramente de novo as faces pallidas, ou antes lividas. Depois o peito arfou-lhe com violencia, lagrimas como punhos saltaram-lhe dos olhos e deslisaram pelo rosto arado pelo soffrimento. Bemdito orvalho este o dos prantos! Consolação ineffavel! Balsamo do ceo com que se alliviam as dores mais pungentes, e se lavam os remorsos mais excruciantes.

Seriam dores simplesmente, ou seriam remorsos tambem o motivo que desfiava no rosto do pobre aldeão essas perolas que elle fôra colher, de certo, ao fundo d'esse golfão da desgraça?

É o que vamos saber, se, deixando os aldeãos persignarem-se, curvarem o joelho ao altar e saírem lentamente da egreja, ficarmos escondidos no templo onde só está agora, absorto na sua prece, o heroe d'este pequenino conto.

V

Ficou talvez dez minutos o templo silencioso. No adro haviam recomeçado as libações, e os tremoços continuavam a desapparecer nos amplos estomagos dos ribatejanos. Mas, como é facil de suppor, a conversação mudára de assumpto. Já se não fallava nem nas colheitas, nem nas vindimas, nem no bruxedo, nem nas feiticerias. Segundo parece, o recem-vindo era já conhecido n'aquelles arredores, e a grave questão que preoccupava todos os animos versava sobre qual seria o motivo que o fizera voltar ao sitio depois de longa ausencia. Os Nestores eram consultados a esse respeito, mas contentavam-se de responder meneando a cabeça com ar mysterioso, que na realidade queria dizer que sabiam tanto como os que os interrogavam, mas que faziam suppor aos camponios que os sabios aldeãos já tinham adivinhado tudo, graças á sua rara perspicacia, mas que entendiam não dever communicar o resultado das suas meditações á turba ignara, que os cercava com respeito.

Por isso ainda mais augmentava a consideração por esses oraculos da tribu.

Já se vê que em toda a parte ha estadistas d'esta laia!

Entretanto, dentro da egreja continuava o homem, que era objecto das palestras do adro, a chorar e a rezar.

Estava absorvido por tal maneira no seu scismar, que nem sentiu os passos do capellão que voltava da sacristia, e que caminhava para elle com curiosidade. Estremeceu, como um homem que desperta, quando o padre lhe tocou ao de leve no hombro, e levantou os olhos.

— Meu filho, disse o capellão com meiga voz, custa-me distrahil-o das suas preces, porque eu sei quanto a oração consola, e folgo tambem de ver esse fervor religioso que o faz esquecer-se do mundo real. Bem quizera eu podêl-o deixar embebido n'esse doce extase; mas, meu filho, está a egreja deserta, o sacristão quer-se ir embora, e não o póde fazer sem levar as chaves. Desculpe-o, coitado, e condescenda com elle. O pobre homem tem familia, e não desgosta de passar com ella um pedaço do dia do Senhor. Vamos, vamos.

— Tenha paciencia, senhor capellão, respondeu o homem com voz triste. É verdade; tinha-me esquecido do sitio onde estava e do que viera aqui fazer. Mas tambem, senhor, quando um homem póde desafogar um pouco, e consolar os amargos da vida com estas lagrimas que parecia não quererem sair nunca dos olhos abrazados, sente um allivio, um allivio tão grande... Digo-lhe de novo, senhor capellão, tenha paciencia, e desculpe-me estas coisas. Eu vinha aqui procural-o.

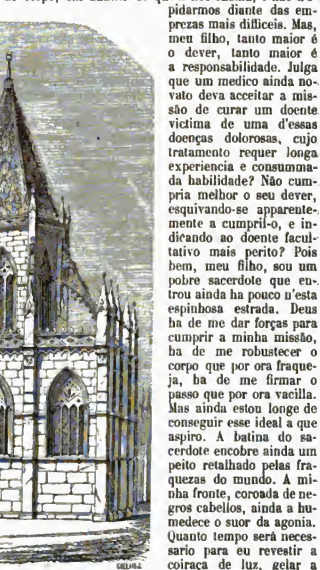
— A mim?

— Sim, senhor. Queria que me ouvisse de confissão.

A physionomia do padre, doce e benevola, tomou um aspecto grave.

— Meu filho, disse elle, é minha obrigação ouvil-o, e, comtudo, não me posso esquivar a fazer-lhe uma advertencia. Da missão do padre é esta a mais sublime e a mais espinhosa porção; penetrar nos mais intimos segredos, consolar as dores mais occultas, sondar e cerrar ás vezes as ulceras mais vergonhosas. Medicos da alma, é nosso dever corrermos, como os do corpo, em auxilio de quem nos chama, e não trepidarmos diante das emprezas mais difficeis. Mas, meu filho, tanto maior é o dever, tanto maior é a responsabilidade. Julga que um medico ainda novato deva acceitar a missão de curar um doente victima de uma d'essas doenças dolorosas, cujo tratamento requer longa experiencia e consummada habilidade? Não cumpria melhor o seu dever, esquivando-se apparentemente a cumpril-o, e indicando ao doente facultativo mais perito? Pois bem, meu filho, sou um pobre sacerdote que entrou ainda ha pouco n'esta espinhosa estrada. Deus ha de me dar forças para cumprir a minha missão, ha de me robustecer o corpo que por ora fraqueja, ha de me firmar o passo que por ora vacilla. Mas ainda estou longe de conseguir esse ideal a que aspiro. A batina do sacerdote encobre ainda um peito retalhado pelas fraquezas do mundo. A minha fronte, coroada de negros cabellos, ainda a humedece o suor da agonia. Quanto tempo será necessario para eu revestir a coiraça de luz, gelar a fronte ardente, e, morrendo para o mundo, reviver para o ceo? Não o sei; sei apenas que mal póde dar consolação quem precisa de ser consolado. O seu aspecto revela um homem que padeceu muito, e que tem na vida alguma d'essas dores que rasgam abysmos, onde só se podem fitar as vistas tranquillas do sacerdote austero encanecido na virtude, e não os meus olhos ainda obscurecidos, devo confessal-o, pelas sombras das paixões mundanas. Abri-lhe o meu coração, meu filho; disse-lhe francamente quem eu era e quanto podia. Agora reflicta. D'aqui a meia legoa, talvez, fica a freguezia de Alcanede. Dirija-se ao prior, que é um santo varão que está na graça de Deus. Urna perfumada de virtudes, póde derramar fragrante balsamo nas suas feridas. O mel com que eu procurasse dulcificar-lh'as teria por força o travo das minhas amarguras. Pense e decida.

O estranho reflectio um instante, e depois, meneando a cabeça:

— Meu padre, eu sou um pobre homem que mal

Exterior da capella do Fundador, representada antes do terremoto que lhe derrubou a cúpula

sei ler e escrever, e por tanto ha de desculpar os desacertos que eu disser. V. rev. explicou-me, segundo me parece, que soffre tambem, e que não se sente com animo de consolar os outros. Infelizmente, meu padre, eu não preciso de consolações, preciso de indulgencia, e parece-me que, visto que padece, mais disposto estará a têl-a. Na sua edade, meu padre, e desculpe estas coisas de um pobre saloio que não entende mais, na sua edade e na sua profissão não é difficil adivinhar quaes serão os seus soffrimentos. São os do amor, de certo; melhor comprehenderá e perdoará os crimes que o amor me fez commetter.

Ouvindo a palavra «amor», os olhos do ecclesiastico fulguraram repentinamente, mas esse fulgor depressa se apagou, e o capellão não fez mais do que menear a cabeça com melancolia.

— Além d'isso, continuou o estranho tristemente, não estou muito seguro de que possa chegar a Alcanede com vida e saude. Devora-me a febre, meu padre, e isto está a decidir.

— O que! sente-se mal? — tornou o capellão aproximando-se d'elle com empenho caritativo, mas então é necessario chamar um medico!

— Depois trataremos d'isso; mas o melhor remedio será o alliviar o peito do peso que me opprime. Ha tanto tempo que estas recordações me pungem e me ralam!

O padre inclinou-se em silencio, disse ao sacristão que elle fecharia a egreja, e, dirigindo-se a um confessionario, sentou-se e obrigou tambem o penitente a sentar-se, porque a sua muita fraqueza não lhe permittia conservar-se de joelhos.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

RELATORIO ANNUAL DA ESCHOLA CASAL RIBEIRO

Para não protrahir por mais tempo a publicação d'este excellente relatorio, já demorado pela preferencia de outros escriptos anteriormente recebidos, tomámos o arbitrio de extrahir apenas o que bastasse para dar noticia dos progressos d'esta eschola exemplar, devidos em grande parte á pericia e zêlo do seu inspector, o nosso amigo e collaborador C. J. Caldeira.

Os professores de instrucção primaria tem n'este relatorio um modêlo para lhes servir de norma, quando hajam de dar conta ao governo do estado das suas escholas. Tudo quanto é indispensavel para se julgar do aproveitamento dos alumnos, segundo a sua frequencia, e o melhor meio de examinal-os, se achará n'este minucioso relatorio.

Vae precedido da notavel carta que ao auctor escreveu o sr. Castilho.

Sr. Carlos José Caldeira, meu bom e respeitavel amigo: — Recebo a carta com que v. me honrou, datada de 21 do corrente maio, assim como em tempo havia recebido o obsequioso convite de v. para assistir á distribuição de premios na exemplarissima eschola Casal Ribeiro.

Antes de mais nada tenho de supplicar a v. perdão de não haver apparecido n'essa grande festa de tanta satisfação para todos, e para v. de tanta gloria tambem. Um defluxo teimosissimo, sobre tudo incommodo, e que ainda me dura, impossibilitando-me quasi de ouvir, foi o que me impediu.

Eu tencionava, logo que me sentisse melhor, ir procurar a v. para lhe dar esta explicação, impetrar o seu indulto, e felicital-o pelo augmento que de anno para anno vão tendo os fructos da sua perseverante, da sua heroica diligencia. Como, porém, o meu aborrecido impedimento se vae protrahindo, nem sei ainda quando acabará, de tudo isso me desempenho pela presente carta.

A leitura do excellente discurso e relatorio com que v. coroou a solemnidade da distribuição dos premios, no remate d'este anno lectivo, fez-me sentir bem deveras o não ter podido eu ser n'esse acto um dos muitissimos applaudidores de v. É um escripto são e honrado além de elegante, cheio de luz e calor por toda a parte, e que não tem de contribuir pouco, segundo espero, para que as prestadias verdades tocantes á instrucção, moralisação e felicitação do povo se continuem a desenvolver, como tanto e tanto se necessita.

Tem v. a bondade de pedir o meu voto sobre se sim ou não conviria supprimir-se na publicação certa parte d'esse papel, que a muito prudente cautela de v. entendeu dever omittir na recitação.

Vejo boas e fortes razões por uma e por outra parte; mas confrontando-as sisuda e desapaixonadamente umas com outras, confesso achar maior peso nas que persuadem a eliminação d'essas breves linhas.

Não são já poucas, nem pequenas, as difficuldades que se alevantam constantemente pela prôa da instrucção popular. N'esta mareação todo o tento é pouco. V. que tem sempre ido com tão boa mão ao leme d'essa eschola, que aliás poderia já ter sossobrado, deseja antes, sem nenhuma dúvida, carear-lhe bons ventos do que travessias. Não dêmos nós pretextos á gente malevola. Do mal que fizerem, do bem que deixarem de fazer, e até d'aquelle que impedirem, fique só para elles toda a responsabilidade. Deixemo-lhes a gloria pouco invejavel de terem sido maus sem nenhuma provocação.

Este é o meu voto sincero como v. o deseja, o pede e o merece.

Agradeço tambem a v. o ter-me enviado o discurso que foi recitado no nosso grande dia, pelo digno filho da eschola normal, Luiz da Costa e Sousa, mancebo que já se deveria achar regendo uma cadeira, mas que ainda não souberam aproveitar.

Quanto não andâmos ainda longe do bom caminho!

Finalmente, recebi e agradeço os exemplares com que v. me brindou da minha carta ao nosso Silva Tullio, sobre a distribuição de premios no anno passado, mandada agora reimprimir pelo cuidado de v. , a quem nada esquece do que póde, pouco ou muito, contribuir para afervorar vontades em favor do arroteamento da alma popular, isto é, em favor da politica radical e verdadeira das nações.

Quando isto, que nós já vemos tão claramente, acabar de ser entendido pelos poderosos (que por emquanto nem ainda começaram), então é que, olhando-se para o passado, e vendo-se n'elle os esforços que v. hoje está fazendo, se ha de confessar e pregoar, para exemplo e incentivo, que os verdadeiros grandes homens d'esta era não foram tanto os que brilharam ao sol pelas eminencias sociaes, como os que lidaram de dia e de noite obscuros, desprezados, esquecidos no fundo das pedreiras em que se estão desbastando os solidos alicerces para o mundo novo.

Então, mas tarde, é que a virtude de v. ha de ter o seu premio terrestre, como já hoje tem o da consciencia, e algum dia ha de lograr os que o Pae Commum reserva, sem falta, para os que amaram e serviram.

De v. etc. Lisboa, 22 de maio de 1865 — *A. F. de Castilho.*

É concluido o 5.° curso da eschola Casal Ribeiro.

Para não fatigar a attenção do illustre auditorio, resumirei n'este anno os pormenores e dados estatisticos que tenho apresentado nos relatorios precedentes, reduzindo-os a um mappa que faz parte d'este relatorio, para poder ser examinado pelos que exer-

com funcções do ensino, e pélos que se interessam mais particularmente no assumpto.

Menciono, pois, sómente os seguintes resultados geraes:

Abriu-se a matricula do curso de 1864 com 43 discipulas. Entraram 23 durante o anno, e saíram 18. Fechou o curso com 48.

Houve 206 dias uteis de eschola.

A relação das faltas para as frequencias é de 11,8 para 29,7 ou proximamente uma falta em cada tres frequencias.

No curso precedente a relação analoga foi de quasi uma falta por duas frequencias.

Este resultado é satisfactorio, e como tem sido progressivo nos diversos cursos, mostra que ha tendencia para diminuição das faltas, que tanto prejudicam as escholas publicas de instrucção primaria.

Creio que além dos meios directos e indirectos que tenho empregado para obter melhor frequencia, meios que estão mencionados nos anteriores relatorios, tambem contribuiram as paternaes mas vehementes exhortações que o meu amigo, e de nós todos, o sr. Silva Tullio, dirigiu o anno passado aos paes e mães de familias, quando aqui nos reunimos para a distribuição dos premios.

Julgo mais, que a melhoria das frequencias tambem deriva das diligencias, e da persuasão das vantagens do ensino, que no seio das familias e na cadeira da verdade, tem empregado o digno prior da freguezia do Beato, o reverendo Justino Teixeira Guedes, que continuou e continúa a ensinar a doutrina christã na eschola, uma ou duas vezes por semana, além das lições diarias que todas as alumnas ordinariamente recebem n'esta disciplina.

Estes bons exemplos, se fossem com perseverança seguidos pelos parochos, augmentariam de certo a frequencia e aproveitamento nas escholas primarias.

Em 5 de fevereiro ultimo houve os exames annuaes. Propozeram-se a elles 35 alumnas, mas faltaram 5. Foram examinadores os srs. José Antonio Simões Raposo, José Jorge da Silva Teixeira, Francisco Adrianno de Faria, Luiz Antonio da Silva Gonçalves, Manuel Maria Ricardo Corrêa, João Frederico Tello Mexia, José Lopes Pacheco, e José Bernardes Junior. Todos alumnos-mestres da eschola normal, os quaes, com a devida e obsequiosa auctorisação do seu director, o sr. Luiz Filippe Leite, se prestaram a estes exercicios, tão proprios da sua profissão, desempenhando-os com o zêlo e intelligencia que sempre tem manifestado em analogas occasiões.

Formaram-se quatro mesas de exames, que foram inspeccionadas pelos distinctos professores os srs. José Joaquim Serra e Antonio Maria Baptista.

O menino Tancredo Caldeira tambem examinou algumas das alumnas menos adiantadas.

Das 30 examinadas, foram-o nas seguintes disciplinas: em leitura por elementos, 13; em leitura corrente, 16; em escripta na pedra, 6; em escripta no papel e dictada, 19; em doutrina, 30; nas quatro operações de arithmetica, 23; em decimaes e quebrados, 6; em systema metrico, 6; e em grammatica, 4.

Nas apreciações avultam as melhores. Em 130 notas houve 41 optimos e muito bem, 48 bem, 38 sofriveis, e só 3 maus.

As quatro examinadas em grammatica foram as alumnas Cecilia Adelaide da Purificação Marques, Agueda Custodia dos Anjos Casse, Joaquina Maria da Purificação Alvaro, e Maria da Madre de Deus Oliveira. O exame, rigoroso e demorado, foi feito pela *Grammatica Nacional* do sr. Caldas Aulete.

As examinadas deram tão distinctas provas de intelligencia e applicação n'esta disciplina, que maravilharam os circumstantes, não menos que os examinadores, os srs. Faria, Teixeira e Raposo, alumnos-mestres, e os ditos professores, os srs. Serra e Baptista.

O sr. Raposo, mui distincto alumno-mestre, foi quem as leccionou poucos mezes, com a benigna permissão do sr. Luiz F. Leite. O adiantamento e solida instrucção que patentearam as discipulas são o melhor elogio que se póde fazer ao preceptor.

Estas alumnas são as que, ha quasi dois annos, esperam admissão na eschola normal do sexo feminino, para o que já nos anteriores exames os professores as julgaram muito habilitadas.

Pena é que a dita eschola esteja ainda cerrada, contra a geral espectativa, e com prejuizo da educação publica. Mesmo sem o curso da dita eschola normal, entendem os apreciadores competentes que estas alumnas estão no caso de bem desempenhar o logar de ajudantas de mestras em qualquer estabelecimento de educação.

A prática que tem de ensinar as suas condiscipulas, coadjuvando as sras. professoras, tem-lhes servido de tirocinio para o professorado, cujo mister se porpõem seguir.

O merito especial d'estas discipulas é tambem excepcionalmente recompensado com a concessão de diplomas, á similhança do que já se praticou no anno ultimo; diplomas que lhes vão ser agora entregues, e que foram obsequiosa e primorosamente caligraphados pelo referido sr. professor Serra.

São assignados por todos os srs. examinadores em grammatica.

Recebam-n'os e conservem-n'os ellas como preciosos documentos da sua applicação e amor ao estudo, e dos desvelos que merecem a esta eschola. Juntem-n'os aos que já possuem, para lhes servirem de constante estimulo ao progresso e aperfeiçoamento das suas habilitações.

Tambem são dignos de particular menção os exames em doutrina. Nas 30 examinadas, apenas uma houve com a designação má, predominando os optimos e bons. Na quaresma do anno ultimo confessaram-se 35 alumnas e commungaram 22.

Hei tido especial cuidado em promover o ensino da doutrina, e os costumes religiosos, ao que em algumas escholas se não dá a devida importancia e attenção, apesar de ser a parte mais essencial da educação da infancia. Sei que é no lar domestico que mais natural e facilmente a podem e devem adquirir; mas já no precedente relatorio expuz quanto n'esta localidade os chefes de familia são, em geral, descuidados n'este ponto, do que continúa a haver lastimosos exemplos.

Quando em maio do anno ultimo estiveram dois missionarios n'esta freguezia, prégando e ensinando doutrina á infancia, entre os rapazes que elles, pela sua affabilidade e diligencia attrahiram á egreja, a maior parte ignorava as triviaes noções religiosas, e alguns de 14 a 15 annos nem benzer-se, nem o Padre Nosso sabiam!

As discipulas d'esta eschola foram com as suas professoras assistir ás missões, e tendo em doutrina sido examinadas pelos missionarios, acharam-n'as aptas, e 13 d'ellas promptas para a communhão que effectuaram em um dos dias d'aquelle mez.

Reunidas na egreja da Madre Deus, todas as educandas d'alli saíram em procissão, entoando canticos. As destinadas á communhão iam vestidas apropriadamente de branco, cintos azues, véos e grinaldas de flores. Acompanhavam-n'as os reverendos parochos e missionarios, as sras. professoras, várias pessoas das familias das alumnas, e outras. Chegadas á egreja parochial, um dos missionarios, o reverendo padre Monteiro, fez junto á pia do baptismo um breve discurso allusivo á solemnidade do acto que ia seguir-se.

Terminada a sagrada communhão e a missa, outro

missionario, o reverendo padre Rademaker, subiu ao pulpito, e, n'uma oração que a todos commoveu, figurou a entrega das meninas a seus paes.

Regressaram depois á eschola, onde almoçaram.

Hoje repetiram-se os mesmos actos na egreja da Madre Deus. Foram 14 as alumnas que commungaram pela primeira vez.

O sr. padre Rademaker prestou-se a realçar esta solemnidade com suas praticas dirigidas ás meninas. Aqui o vêdes acompanhando as alumnas que commungaram, e conservam ainda as candidas vestes que levaram ao templo.

Digne-se o mesmo senhor acceitar de mim e d'ellas os agradecimentos que merece pelo obsequio feito á eschola, e pelos serviços que tem prestado e presta, com seus companheiros nas missões, a favor da boa instrucção e educação popular.

Estão patentes várias obras de costura e lavores. São 61 ao todo; 30 foram julgadas optimas, 22 boas, e 9 soffriveis.

As classificadoras foram as sras. D. Maria Isabel Emauz Magalhães, D. Amelia Costa, D. Joanna Machado, D. Gertrudes Caldeira, e quatro senhoras professoras oblatas, que se destinam para Macau. Os bordados em tapeçaria de lã e vidrilhos mereceram particular attenção e louvor.

Outras peças de costura e lavores se fizeram, que já foram entregues. Produziram 15$880 réis; quantia superior á do anno ultimo, por egual proveniencia. Continuou, porém, a faltar trabalho, apesar de minhas reiteradas solicitações ás senhoras que costumam concorrer a este acto, e a outras.

O producto das costuras vae ser distribuido com os premios, que são 32, pelos varios titulos por que costumam ser conferidos.

Os premios provém dos donativos seguintes:

60 lenços de seda e 10 leques de pessoas residentes em Macau, por mão do reverendo padre J. J. Afonseca e Mattos, professor do seminario d'aquella cidade.

14$400 réis do reverendo padre Bernardino Amaro dos Santos, residente no dito seminario; 4$500 réis, donativo do sr. João Severo Baptista, negociante macaista, quando visitou este collegio; 1$400 réis da sra. D. Anna Cid, feitio de um bordado que fez para a eschola.

12 livros, *Mimos á Infancia*, encadernados, do sr. Emilio Achiles Monteverde; 6 *Grammaticas Nacionaes*, do sr. Caldas Aulete; 4 medalhas de prata, 4 de marfim, e 4 estampas religiosas, da sra. Casal Ribeiro.

Do sr. Castro Irmão, 1 exemplar encadernado do *Archivo Pittoresco*, 14 livros proprios para eschola, e 10 estampas do convento da Batalha.

Da benemerita *Sociedade Medrépora*, o costumado volume do *Archivo;* e do sr. Joaquim José Boaventura Alves, duas estampas arrendadas.

Do sr. Casal Ribeiro, 2 jogos do *Diccionario de Roquete*, a *Cruz nos Dois Mundos*, *Contos sem Nome*, e *Horas de Paz*, encadernados, e 5$000 réis, parte do custo das vestes que as alumnas levaram á communhão.

O resto foi supprido pelo inspector da eschola.

O sr. Castro Irmão imprimiu gratuitamente 300 exemplares do relatorio do curso de 1863, precedido pela primorosa carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho, na qual tantos e tão bons alvitres ha a bem da instrucção popular. Oxalá que tão substancial escripto do eximio philosopho e poeta, nos haja, servindo-me de uma das suas bellas imagens, afastado das geladas e espessas trévas da ante-manhã, para breve divisarmos o arrebol do dia novo da educação da infancia.

O facultativo sr. José Antonio Ramos continuou com a mesma benevolencia no serviço sanitario da eschola.

O sr. Antonio Maria Baptista veiu por vezes ensaiar as alumnas nos hymnos da manhã, dos premios e da saída da aula, que hoje temos ouvido.

Os directores da fabrica do tabaco em Xabregas facultaram, como de costume, a compra da sopa economica que se dá de refeição ás alumnas, mandando-a entregar na eschola.

O senhor Diogo de Brito e Cunha prestou estas salas, para com mais commodidade se fazer a distribuição dos premios.

O cavalheiro que já nos dois precedentes annos brindou anonymamente as srs. professoras e as suas discipulas, enviou-me esta manhã 12$000 réis para o mesmo fim; e agora mesmo recebi 4$500 réis de outro cavalheiro aqui presente, para serem dados ás duas meninas mais necessitadas entre as que recebem premio. Ambos me prohibiram declarar seus nomes.

Deus recompense a todos os mencionados bemfeitores.

Os donativos em dinheiro anteriormente recebidos foram empregados em panno para camisas, e outros objectos de vestuario.

Das quantias agora dadas vão ser já entregues 4$500 réis ás indicadas meninas; 6$000 réis ás sras. professoras; e os outros 6$000 réis ficam para supprimento ou concerto de calçado ás alumnas mais pobres, quando por falta d'elle não poderem vir á aula.

Dos lenços de seda enviados de Macau, como abundavam, brindei com alguns as sras. professoras e os srs. Raposo e Teixeira, que leccionaram na eschola, e com um a cada alumno-mestre da eschola normal que examinou as meninas.

Não só aos que aprendem convem o incentivo dos premios. Tambem são uteis aos que ensinam, e redundam em favor dos ensinados.

Estão patentes os costumados mappas sobre o movimento e administração da eschola. Das 18 alumnas que a deixaram, 4 foram habilitadas em leitura, escripta, doutrina, arithmetica, coser, marcar e bordar. As outras tiveram menos de um anno de frequencia, e por isso não chegaram a fazer exame, e quasi todas tinham pouca edade ou muito má frequencia. De uma das 4, sabe-se que ajuda sua mãe com trabalhos de costura. Das restantes ignora-se o destino.

Na administração escholar só ha particularmente a mencionar a mudança da casa da aula para este edificio, antigo palacio dos senhores condes da Taipa. É mais pequena que a anterior habitação, mas sufficiente e em boas condições hygienicas.

A despeza total foi 416$060 réis. Excedeu em 116$060 réis a receita de 300$000 réis do capital doado á eschola.

Tributo ás sras. professoras o merecido louvor pela sua dedicação ao ensino, bem comprovada pelos resultados obtidos, e concluo manifestando o prazer que experimento vendo honrada esta reunião com a presença de pessoas tão conspicuas. A todas agradeço, em nome d'estas alumnas, o interesse que por ellas patenteiam.

Lamento, porém, a falta do sr. Antonio Feliciano de Castilho, que nos costuma acompanhar n'esta solemnidade, tão querida sua. Ainda que ausente, a elle e ao senhor Casal Ribeiro, ambos amigos, e ambos tão a par pelo amor á instrucção popular, peço acolham os especiaes votos de gratidão das mesmas alumnas, que d'elles recebem por meios diversos, mas por commum acção, a mór dadiva que o homem póde fazer aos seus similhantes — o thesoiro inestimavel da boa educação..

Chellas, 14 de maio de 1865.

CARLOS JOSÉ CALDEIRA.

Cidade do Funchal

Correndo o anno de 1418, em que Portugal, por impulso do illustre infante D. Henrique, tomára o passo a todas as mais nações no caminho da civilisação, sulcavam o Oceano, por ordem d'aquelle principe, em demanda de novas terras e novos mares, dois criados seus, ambos fidalgos, ousados e valentes. Chamavam-se João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira.

O fim especial da sua viagem era o descobrimento das costas africanas; porém, sobrevindo-lhe repentina tempestade, o seu baixel, acossado dos ventos, perdeu vista da terra, e perdeu rumo.

Foi n'este estado de incerteza e anciedade que lhes appareceu pela prôa uma ilha, como taboa de salvação no meio de um naufragio. Aportando alli, e descançando n'ella ao cabo de tantos perigos e duras fadigas, com razão lhe pozeram o nome de *Porto Santo*.

Regressando a Lisboa, foi aqui recebida com muito alvoroço a noticia d'este descobrimento, porque logo se antolhou a muita gente, e mais que a todos ao sabio infante D. Henrique, como presagio feliz da gloriosa empreza a que mettêra hombros.

Portanto, depois de uma pequena demora, eil-os novamente no mar, navegando para Porto Santo, onde vão, e mais companheiros, em o numero dos quaes se achava Bartholomeu Perestrello, fidalgo da casa do infante D. João, encarregados de povoar a ilha.

Chegados ao seu destino, todos se entregaram aos trabalhos e cuidados da lavoira. Em quanto assim andavam occupados, notaram, não sem estranheza, que, todas as vezes que a atmosphera se achava clara e pura, se descobria ao longe um negrume, sempre na mesma posição, sem mudar de logar. Este phenomeno, que ninguem sabia explicar, deu causa a muitas superstições e a alguns temores.

Levado do seu caracter aventuroso, João Gonçalves Zarco decidiu-se a ir rasgar o véo que encobria o mysterio. Dando, pois, de mão a todos os temores com que pretendiam prender-lhe a resolução, embarcou-se em um navio, e, acompanhado de alguns barcos pequenos, dirigiu-se ao ponto que o preoccupava.

No fim de curta derrota, teve a ventura de reconhecer que o tal negrume, que a tantos companheiros seus atemorisava, era terra, e, ao que parecia, formosa. Como o navio se chamava *S. Lourenço*, foi este o nome que os navegantes pozeram ao primeiro cabo que dobraram, nome que ainda conserva. Succedeu isto no dia 2 de julho de 1419.

Não permittindo desembarque o logar, por muito escabroso, foram costeando em procura de alguma praia de facil accesso. E assim tiveram occasião de observar, com grande admiração sua, uma serie de altas montanhas, todas cobertas de espesso e frondoso arvoredo e valles deliciosos, por onde corriam até se lançarem no mar muitas ribeiras caudalosas.

Tal foi o modo por que se descobriu esse verdadeiro éden, que o Creador fez surgir das entranhas do mar, e ao qual os descobridores denominaram *ilha da Madeira*, em razão dos bosques cerrados que por todos os lados a vestiam.

Vamos transcrever o que diz o padre Cordeiro na sua *Historia Insulana*, proseguindo a narração d'este descobrimento, principalmente para que os nossos leitores saibam a etymologia de varios nomes postos pelos descobridores a alguns cabos, portos e sitios da mesma ilha, e pelos quaes ainda hoje são designados.

«... logo ao outro dia, 3 de julho, o capitão e o piloto se metteram em um batel, e outros nobres em outro que governava um Alvaro Affonso, e assim correndo a costa junto a ella, e observando as pontas, praias, ribeiras e fontes de boas aguas; e porque uma saia de um seixo, se lhe poz por nome *porto do Seixo;* e porque n'outra parte, mais abaixo, acharam uns páos derrubados com o vento, mandou o capitão fazer d'elles uma cruz, e arvoral-a alli mesmo; e ficou ao tal logar por nome *Santa Cruz*, que foi depois nobre villa da capitania de Machico. Chegando mais abaixo,

a uma grande e alta ponta que a terra alli faz ao mar, viram innumeraveis aves, que se lhes vinham pôr sobre as cabeças e remos, que por nome lhe ficou *ponta do Garajáo* (era o nome das aves), tres para quatro legoas de Machico para o occidente. D'esta ponta, duas legoas adiante, se vê outra, que com a primeira faz enseada, muito aprazivel, raza com o mar, e de arvoredo muito uniforme, sobre a qual se deixavam ver os cedros então altissimos. Logo entre as duas pontas acharam uma ribeira, e lhe chamaram de *Gonçalo Ayres*, por n'ella desembarcar este nobre homem, e ir ver se achava animaes ferozes e só aves achar. Repararam logo em um valle, que faz aquella bahia entre as duas pontas, e porque o viram coberto de seixos, sem arvoredo algum, cheio só de funchos, e por entre elles vindo tres ribeiras, chamaram a este porto o *Funchal*, que depois foi e hoje é a nobre cidade d'esta ilha; no cabo da qual estão dois ilhéos, onde passaram a noite (com as aves que tomaram), mas dormindo nos bateis. Pela manhã passaram á segunda ponta que tinham observado, e por arvorarem n'ella uma cruz, lhe ficou por nome *Pontal da Cruz;* e logo, dobrando-a, deram com uma formosa praia, e lhe chamaram a *praia Formosa*. Mais adiante, viram entrar no mar uma grande ribeira, á qual querendo passar a vau uns mancebos de Lagos, d'ella foram tão arrebatados que, se lhes não acudira o batel, perigariam n'ella, e por isso lhe chamaram a *ribeira dos Accorridos* (soccorridos), e passando-a viram duas pontas que da ilha entravam no mar, e entre ellas uma grande lapa ou camara de pedra e rocha viva, onde, entrando os bateis, tantos lobos marinhos viram n'ella, que lhe chamaram *Camara de Lobos*, e se recrearam matando a muitos, e até o capitão João Gonçalves Zarco d'aqui tomou o chamar-se João Gonçalves da Camara, como abaixo veremos; e porque logo se seguiu a ponta d'onde tinham começado esta volta que deram pela costa a toda a ilha, por isso lhe chamaram a *ponta do Girão*, e d'esta com a noite se recolheram ao ilhéo, d'onde tinham começado aquella volta, e em a manhã se recolheram todos ao seu navio. Voltados logo em o outro dia para Portugal, e chegados a Lisboa com taes novas e signaes da nova ilha, tanto os festejaram os senhores reis, e nosso infante, pae e filho, que mandaram fazer logo procissões publicas de acção de graças a Deus; deram nome á nova terra de *ilha da Madeira*, pela muita de que estava coberta; e el-rei tomou por fidalgo de sua casa ao descobridor João Gonçalves da Camara, e lhe deu por armas um escudo em campo verde, e n'elle uma torre de homenagem, com uma cruz de oiro, e dois lobos marinhos encostados á torre com paquife [1] e folhagens vermelhas e verdes, e por timbre outro lobo marinho assentado em cima do paquife; e demais lhe fez el-rei mercê de capitão donatario da jurisdicção do Funchal, que é jurisdicção de metade da dita ilha, e de juro e herdade para elle e seus successores; e assim este ditoso capitão ficou sendo o chefe e primeiro tronco das illustres familias dos Camaras, tão estendidas e augmentadas [2].»

Assim que a el-rei D. João I e ao infante D. Henrique constou a noticia d'este novo e importante descobrimento, trataram logo de dividir a ilha em duas capitanias, nomeando-lhes por donatarios para o seu governo os dois descobridores Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, provendo a cultura e povoação d'ella.

Entrando João Gonçalves Zarco, ou Zargo, na posse da capitania do districto do Funchal, como acima fica dito, cuidou este immediatamente de fundar n'esse valle cheio de seixos e funchos a primeira povoação da ilha, a qual recebeu o mesmo nome que todo o districto já tinha tomado das plantas que cobriam o valle.

Em quanto chegavam novos colonos das terras de Portugal, e se augmentavam as edificações, abrindo-se novas ruas e praças, o grande infante D. Henrique, com aquelle zêlo que jámais cançava, e com aquella solicitude e sabedoria que a tudo chegava, e de tudo entendia, mandava buscar á Sicilia a canna de assucar, e á ilha de Candia os bacellos da Malvasia, que, transportados para a ilha da Madeira, ahi se plantaram, e por tal modo se multiplicaram, que em breve constituiram dois ramos importantissimos da riqueza publica.

Para desaffrontar a terra dos arvoredos cerrados que a vestiam foi preciso empregar o fogo. A tradição popular, dando vulto phantastico a este successo, refere que durára o incendio sete annos. O que é certo, porque n'isso concordam todas as memorias do tempo da descoberta, algumas d'ellas escriptas, é que um *bosque impenetravel* cobria toda a ilha. Os seguintes trechos de um manuscripto antigo, que vem copiados na excellente obra do sr. Francisco Travassos Valdez, intitulada *Africa Occidental*, explica as arvores e plantas de que se compunha:

«Uma vegetação verdadeiramente maravilhosa cobria a ilha com plantas indigenas e infructiferas, pela maior parte desconhecidas na Europa, elevando-se a uma altura prodigiosa o *cedro*, o *loureiro*, o *til*, o *vinhatico*, o *azevinho*, o *aderno*, o *teixo*, o *páo-branco* e o *dragoeiro*, misturado aqui e acolá com lindos arbustos de *folhado*, da *faia*, da *urze*, da *murta* e da *urceira*, formando assim um continuo *bosque impenetravel*.

«A parte mais cerrada era tapetada por várias e innumeraveis plantas, algumas odoriferas e outras cheias de flor, mesclando-se o *medronheiro* com a *relva*, o *feto*, o *musgo* e o *agarico;* e erguendo-se no centro a *silva*, a *hera*, o *alegra-campo* e outras plantas trepadeiras sempre verdejantes, que entrelaçavam os seus festões de ramo em ramo, e davam uma agradavel sombra a uma formosa terra toda revestida de vegetação, e rebentando em innumeraveis nascentes de agua a mais pura e saudavel. Não havia nenhum quadrupede de qualquer especie, e a custo se encontrava algum animal amphibio; mas sobre estas silenciosas solidões voavam a uma altura immensa diversas aves de rapina, e dez differentes especies de aves de canto faziam resoar a sua meiga melodia, assim como nos altos rochedos de origem volcanica, que bordavam o litoral, se viam os ninhos de algumas qualidades de aves aquaticas, mostrando a natureza tambem a sua abundancia na familia dos insectos.»

No anno de 1451 el-rei D. Affonso V creou villa a povoação do Funchal, dando-lhe foral, que depois ampliou em 1472.

Crescendo rapidamente pelo desenvolvimento da agricultura, cujos principaes productos, assucar e vinho, ao mesmo tempo que enriqueciam os lavradores, attrahiam continuamente á ilha novos colonos, el-rei D. Manuel elevou a villa do Funchal á cathegoria de cidade no anno de 1508. Seis annos depois, o papa Leão X, por solicitação do mesmo soberano, erigiu a ilha da Madeira em bispado, sob o titulo de *diocese da Madeira e Arguim*. E no reinado de D. João III o papa Clemente VII, cedendo aos rogos d'este monarcha, elevou esta diocese a metropolitana, no anno de 1537, e assignalou-lhe por suffraganeos os bispados de Angra, de Cabo Verde, de S. Thomé, que abrangia os reinos de Angola e Congo, e o bispado de Goa, que se estendia pela India Oriental. Então intitularam-se os arcebispos do Funchal primazes das Indias.

Não gozou, todavia, por muitos annos tão eminente prerogativa. Os estados portuguezes da India engrandeceram-se em breve, e a diocese de Goa foi elevada á dignidade archiepiscopal, com o titulo de primaz do

[1] Paquife é um termo de armaria, com o qual se designam as folhagens que saem do elmo, e as plumas que coroam o mesmo elmo.

[2] A descoberta da ilha da Madeira deu assumpto a um poema épico, em dez cantos, intitulado *A Zargueida*, impresso em 1806, e composto por Francisco de Paula Medina e Vasconcellos, natural da mesma ilha.

Oriente. D'est'arte foi despojada a diocese do Funchal da jurisdicção metropolitana, tornando a ficar constituida séde episcopal suffraganea do arcebispado, depois patriarchado de Lisboa. Correndo o anno de 1566, foi a cidade do Funchal accommettida e entrada por piratas francezes, huguenotes, que tendo saído do porto da Rochella, desembarcaram na ilha sem serem presentidos, e de improviso se apresentaram á porta da cidade. Assim se apoderaram sem resistencia da povoação, onde praticaram toda a sorte de attentados, recolhendo-se a final ás suas embarcações com um rico despojo, em que entravam as pratas e alfaias das egrejas, o qual foi avaliado em mais de duzentos contos de réis.

Comtudo, tão fertil é o solo da Madeira e tal o valor dos seus productos, que em poucos annos tinha a cidade do Funchal resarcido esse grande prejuizo.

Por morte do cardeal rei D. Henrique, sujeitou-se a cidade e toda a ilha ao jugo de Castella, mas promptamente o sacudiu, quando lhe chegou a noticia de que a metropole tinha acclamado a el-rei D. João IV.

Foi occupada pelos inglezes em 1801 sob pretexto de evitarem que caísse em poder dos francezes. Evacuaram-n'a algum tempo depois, tornando a occupal-a em 1807, quando o principe regente, pouco antes da invasão franceza, mas já aterrado com as ameaças de Napoleão I, se decidiu pela alliança com a França contra a Inglaterra. Não obstante restabelecerem-se em breve as boas relações entre Portugal e a Gran-Bretanha, continuou a occupação ingleza na Madeira, como defesa contra qualquer aggressão da França, até que pela paz geral de 1814 foi restituida ás auctoridades e guarnição portuguezas.

Obrigada pela força das armas em 1828 a render obediencia ao governo do sr. D. Miguel de Bragança, depois de se ter feito acclamar rei, foi libertada em 1832.

Desde então a sua historia não tem tido successos notaveis a registar, a não serem a visita de alguns soberanos e principes, e as invasões de algumas epidemias que tem assolado a ilha, devendo contar-se em o numero d'estas calamidades o *oidium*, que destruiu as vinhas na sua maior parte, e que se manifestou alli primeiro que em Portugal.

Visitaram e residiram por algum tempo na cidade do Funchal a rainha Adelaide, viuva de Guilherme IV, rei de Inglaterra; sua magestade imperial a sra. duqueza de Bragança, e sua augusta filha, a formosa e mallograda princeza D. Amelia, que alli falleceu no verdor dos annos, victima de uma ptysica pulmonar; a imperatriz de Austria, mulher do actual imperador Francisco II; o principe Maximiliano, duque de Leuchtemberg, irmão de sua magestade a imperatriz duqueza de Bragança, e genro do fallecido imperador da Russia Nicolau I.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O FOGO

(Vid. pag. 187)

VII

FOGOS CÓRADOS

Pouco conhecida na Europa até aos fins do seculo XVII, a arte de compor fogos de artificio começou a fazer progressos no seculo XVIII. No anno de 1770, para solemnisar o casamento do delphim de França, depois Luiz XVI, com Maria Antonietta de Austria, foi lançado na noite de 30 de maio, na praça de Luiz XV, hoje da Concordia, um grande fogo de artificio da composição dos celebres irmãos Ruggieris. N'esta fatal noite, apenas algumas peças de fogo de artificio tinham sido atiradas, quando um foguete mal dirigido inflammou o grande *bouquet* e as decorações que se achavam proximas; a multidão de povo que enchia a praça começou a recuar pelos esforços dos individuos que mais perto se achavam do centro, e que se sentiam queimados pelas peças de fogo de artificio; d'este accidente resultou serem esmagadas muitas pessoas, grande numero caindo em fossos, que imprudentemente tinham deixado ficar abertos nos lados da praça, quebrando pernas, braços e cabeças centenares de creaturas, que ahi eram precipitadas pelos empuxões da multidão. O numero de mortos foi superior a seis mil. A terrivel catastrophe agoirava mal o reinado do infeliz Luiz XVI.

No seculo XIX grandes progressos tem feito as artes pyrotechnicas, já na composição dos fogos córados, já nas decorações, nos foguetes, etc.

As côres das chammas na combustão das diversas composições pyrotechnicas, dependem em geral das substancias solidas que lhes são interpostas. O fogo encarnado, ou purpurino, tem por base o nitrato de estronciana. Foi em 1787 que a estronciana foi trazida a Edinburgh por um negociante vindo das minas de chumbo de Strontian, em Argyle Shire. Basta introduzir o nitrato de estronciana sêcco n'uma chamma de alcool para dar a esta uma bella côr encarnada. Eis a composição de um lindo fogo encarnado: — Nitrato de estronciana bem sêcco, em pó, 100; enxofre fino, 32,5; carvão em pó, 10; chlorato de potassa em pó, 13.

O fogo verde tem por base o nitrato de baryta. Eis a composição: — Nitrato de baryta, 26; enxofre, 11; chlorato de potassa, 11.

O fogo azul tem por base o sulphato de cobre ammoniacal. Eis a sua composição: — Chlorato de potassa, 12; enxofre, 4; sulphato de cobre ammoniacal, 4.

O fogo roxo tem por base o sulphato de estronciana. A sua composição é a seguinte: — Chlorato de potassa, 24; enxofre 24; sulphato de estronciana, 18; carbonato de cobre, 1.

O fogo branco de Bengala tem a seguinte composição: — Salitre 24; enxofre, 7; sulphureto de arsenico (rosalgar), 2.

Eis o modo de obter um lindo fogo verde debaixo de agua: — N'um grande copo de vidro deite-se 6 centilitros de agua; n'esta agua deite-se dois bocados de phosphoro, e em seguida 2 grammas de chlorato de potassa; por meio de um funil de vidro e de um tubo chegando ao fundo, deite-se 10 grammas de acido sulphurico; este, em contacto com o chlorato de potassa e o phosphoro, produz grandes traços de fogo; n'estas circunstancias, deite-se na mistura um bocado de phosphureto de calcio; immediatamente uma corrente de fogo verde passará através do liquido.

As estrellas de fogo são formadas de: — Salitre, 3,2; enxofre, 1,6; polvora fina, 1,1; vidro moido, 0,9; gomma arabica, 0,02; alcool, 1.

Para a chuva de oiro a composição é: — Polverinho, 5; enxofre, 1; gomma arabica, 1; oxydo de zinco, 1,6; carvão, 1; salitre, 1; alcool 1.

Para os serpenteados a composição é: — Salitre, 16; polverinho, 4; enxofre, 4; carvão humedecido, 2; limalha de aço, 6.

VIII

FOGOS FATUOS

O nuit d'été, paix du village
Ciel pur, doux parfums, frais ruisseau.
Vous embellissiez mon berceau;
Consolez moi dans un autre age,
Las du monde, ici je me plais:
Tout y retrace mon enfance,
Oui, tout, jusqu'à ces feux follets;
Jadis leur éclat et leur danse
M'auraient fait fuir à pas pressés.
J'ai perdu ma douce ignorance
Follets, dansez, dansez, dansez.

Beranger.

Se n'alguma tarde de verão serena e pura fordes a um cemiterio depor uma saudade junto á sepultura de algum ente querido, e se, embebido nas vossas

recordações, só fordes d'ellas distrahido pela apparição de pequenas luzes muito leves e vaporosas, que saltam a pequena distancia do solo, não vos assusteis. Não são almas do outro mundo que andam penando, e que, segundo as superstições populares, vem pedir-vos orações. Não são as bruxas que vem á procura dos cadaveres para fazerem os seus sortilegios. Tambem, infelizmente para vós, não são aquelles cuja perda choraes que vem abraçar-vos e repetir as mil expressões amorosas que outr'ora vos encantavam. São os fogos fatuos; são a triste consequencia da nossa ephemera existencia; são o resultado da decomposição dos corpos cuja vida se extinguiu.

Na composição dos corpos animaes entram, além de outras substancias, o phosphoro e o hydrogeneo: quando, pela cessação da vida, começa a putrefacção, pela decomposição que as materias organicas experimentam, o phosphoro e o hydrogenio, libertando-se, ou saíndo das combinações em que estavam, n'este estado nascente combinam-se um com o outro, e formam um corpo, o phosphureto de hydrogeneo, que é gazoso e se evole para o ar, em cuja presença se decompõe, inflammando-se espontaneamente. Combina-se o phosphoro com o oxygeneo formando o acido phosphorico, e o hydrogeneo combina-se com o oxygeneo e fórma a agua.

É sobre tudo nos cemiterios onde ha corpos mortos em putrefacção, e tambem nos terrenos pantanosos e perto dos rios, que os fogos fatuos apparecem. A sua ligeireza é tão grande, que são arrastados com a menor corrente de ar, de modo que, correndo uma pessoa sobre elles, fogem; e se, pelo contrário, uma pessoa corre para o lado opposto, os fogos fatuos seguem-n'a. D'aqui vem a crença popular de que os fogos fatuos correm atraz de quem tem medo, e fogem das pessoas que não tem receio.

Segundo crença tambem superstíciosa que ha em alguns campos, os fogos fatuos attrahem a si os individuos perdidos, e os conduzem a algum rio ou abysmo, onde se precipitam.

Eis-aqui ainda alguns versos de Béranger sobre os fogos fatuos:

Quand j'aimai Rose au cœur candide,
Un peu d'or eut comblé nos vœux.
Devant moi passe un de ces feux:
Vers des tresors qu'il soit mon guide.
J'ose le suivre, mais, helas!
Dans l'étang que se ruisseau creuse,
Je tombe et je ne péris pas!
A-t'il ri de ta chute affreuse?
Disent encor des insensés.
Non, mais sans moi Rose est heureuse,
Follets, dansez, dansez, dansez.

Os fogos fatuos resultam principalmente da decomposição da materia cerebral e nervosa dos animaes, sobre tudo do homem. Apparecem mais frequentemente no começo das noites que se seguem a dias muito quentes e serenos.

Pódem-se facilmente obter fogos fatuos artificiaes. Eis a maneira de dispor as experiencias (fig. 16): Dentro de um balão (B) de vidro introduzem-se pequenas espheras de cal, tendo no interior bocadinhos de phosphoro; acaba-se de encher de cal, e adapta-se ao balão uma rolha com um tubo de vidro curvo (t), que se abre debaixo da agua contida n'uma tina (T). Aquecendo o balão inferiormente por meio de uma lampada de alcool (L), ao fim de poucos instantes veremos rebentar acima da agua da tina bolhas de gaz que, apenas em contacto com o ar, espontaneamente se inflammarão, produzindo bellas coroas brancas que se elevarão na atmosphera.

Na experiencia descripta o phosphoro, pela acção do calor, combina-se com o hydrogeneo da agua que contém a cal, e fórma-se o phosphureto de hydrogeneo, gaz que se evole, e que, apenas em contacto com o ar, espontaneamente se inflamma.

Tambem se póde artificialmente obter o phosphureto de hydrogeneo deitando dentro de um copo com agua pequenos fragmentos de phosphureto de calcio, corpo composto de phosphoro e calcio, e que em presença da agua se decompõe.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

TEMPESTADES DE ALDEIA

(Vid. pag. 212)

VI

«Sou filho de Oeiras, principiou o estranho. Meus paes eram uns pobres saloios, que mal tinham com que sustentar os numerosos filhos que Deus lhes déra. Felizmente, meu padrinho, que era um sujeito de Lisboa, velho e solteiro, tomou-me para a sua companhia, e prometteu fazer a minha felicidade. Tal se não realisou, porque, depois de me ter dado um principio de educação, morreu quando eu tinha quatorze annos, e vi-me obrigado a voltar para a minha familia.

«Apesar de eu ser uma criança quando voltei para Oeiras, os poucos annos que vivi na cidade tinham sido bastantes para me desgostarem das occupações rusticas e do trabalho grosseiro, sem me darem habilitações sufficientes para me empregar em outros misteres. Resultou d'ahi o eu começar a tender para a mandrice, e a preferir o divertimento e a dança ao trabalho da enxada e aos carregos.

«Meu pae reprehendia-me; mas, occupado tambem lá com o seu tráfego, não me podia vigiar; minha mãe, essa revia-se em mim, e não havia culpas que me não perdoasse, nem desejo meu a que não accedesse.

«Desejei ter uma guitarra, minha mãe tanto fez que me comprou uma guitarra; desejei ter uma espingarda; minha mãe esteve dois annos a fazer economias, no fim de dois annos deu-me uma espingarda. Meu pae ralhava muito com ella; mas a santa mulher desatava a chorar, e meu pae, que era um coração de pomba, nunca mais lhe disse palavra a esse respeito.

«Mas meus irmãos é que não faziam o mesmo. Desesperados por me verem ser o Benjamim da casa, queixavam-se em alta voz e chegavam a ameaçar-me: «Andâmos nós aqui a moirejar, diziam elles, para este mandrião ter tudo quanto deseja. Á custa do nosso suor é que elle anda por ahi pimpão que nem um casaca da cidade.» Se estas reprehensões, em vez de me serem feitas com modo acerbo, me fossem feitas amigavelmente, e principalmente se as formulasse a doce voz de minha mãe, era provavel que influissem no meu caracter; porque eu por indole era amoravel e tinha bom coração. Mas as recriminações de meus irmãos irritavam-me, e não faziam senão inspirar-me desejos de vingança.

«Assim fui crescendo até que completei os meus dezoito annos. Ninguem ha de dizer tal, agora que estou velho prematuramente, e que os desgostos e os remorsos me desfiguraram e estamparam na minha fronte o sêllo da maldição; mas a verdade é que eu era um lindo rapaz. Córado, olhos vivos, peito robusto, cintura elegante, e as mãos muito brancas, porque eu, como lhe disse, pouco trabalhava, e minha mãe, que toda se enlevava na minha louçania, comprava-me sabonetes e essencias sempre que ia á cidade, e todo o seu gosto era apurar-me ao domingo, mirar-se e remirar-se nas minhas mãos, que envergonhavam as de todas as raparigas da nossa classe,

e encostar-se depois toda ufana ao meu braço para ir á missa, mostrando com desvanecimento o seu Antonio a todas as suas amigas e conhecidas.

«Os velhos meneavam a cabeça tristemente quando me viam passar; as velhas resmungavam: «Fazes bem, Jacintha Maria, elle te dará o pago;» os rapazes olhavam-me com inveja, e as raparigas, essas miravam-me ás furtadelas com olhares amorosos, a que eu correspondia com jubilo; porque tudo o mais me era indifferente, com tanto que agradasse ás mulheres. O amor era o meu unico pensamento, a sensualidade o meu único prazer.

«Tambem devo dizel-o; ao passo que não havia por aquelles arredores rapaz mais garboso do que eu, não o hávia tambem mais destro nos exercicios a que me queria applicar. Como póde imaginar, esses exercicios não eram os do trabalho util, não; em que eu me aprimorava era em conquistar prendas que me ajudassem a conquistar os corações das guapas moçoilas d'aquelle sitio; tocava guitarra com rara pericia, e ninguem melhor do que eu sabía fazer expirar languidamente os sous nas cordas desferidas cada vez mais brando, até que de todo esmorecessem, como a palavra «amor» vae sendo proferida cada vez em tom mais baixo até que morre de todo nos labios frementes que se confundem em férvido deliquio.»

Fig. 15—Fogos fatuos

Um ligeiro suspiro do sacerdote interrompeu n'esse ponto a narração do poeta saloio. Este parou, julgando que o seu confessor lhe ia dizer alguma coisa.

—Continue, continue, murmurou o capellão. Não perco uma palavra.

E era verdade. O brilho dos olhos, o tremor dos labios, indicavam bem claramente a férvida attenção que o sacerdote prestava á narrativa d'esses doces e veniaes peccados, que, a serem commettidos por elle, se transformariam em crimes horrorosos.

O saloio continuou:

«Havia uma coisa em que eu tambem não era menos destro, era no atirar da espingarda. Bem desejaria eu viver em terra onde fosse lucrativo o officio de caçador; porque eu envergonhava-me de ser pesado á minha familia, mas ao mesmo tempo não me podia resignar a callejar as minhas mãos tão finas, a macular-lhes a sua pelle tão branca. Tambem devo dizer que não encontrei raparigas que se não rendessem aos meus protestos enamorados. O Antonio Domingues era o querido das saloias. N'essas lindas noites de luar de agosto, porta defronte da qual eu me fosse postar, ou sósinho com a guitarra na mão a modular cantigas melancolicas, ou na companhia de outros a cantar ao desafio, abria-se logo; se ia sósinho, para a rapariga que assomava no limiar corresponder ás minhas finezas, muito mais polidas e bem torneadas do que as dos outros, com protestos apaixonados e provas d'essa paixão; se ia acompanhado, para me dar n'um sorriso e n'um olhar fervente a coroa da lucta poetica e fazer damnar os meus companheiros, já enfadados das minhas constantes victorias. Não imagine, meu padre, que me estou comprazendo em relembrar estes frivolos triumphos por mera vaidade de conquistador irresistivel de corações femininos; não; estou-lhe dizendo tudo isto porque estas victorias faceis são a explicação, não ouso dizer desculpa, do crime que depois tentei commetter, e do crime involuntario que commetti. Mas admira que, sendo tão mimoso da fortuna, e possuindo um genio irritavel, o meu exaspero não conhecesse limites quando ella pela primeira vez me mostrou rosto adverso!

«Requestava meu irmão mais velho uma rapariga, que parecia corresponder ao extremo que ella lhe consagrava. Bem via eu que ella não era menos insensivel do que as outras ás melodias da minha guitarra e ás seducções da minha voz. Respeitára, porém, até ahi o amor sincero de meu irmão, e apesar de ver perfeitamente que, ainda quando estavam em ternos colloquios, se por acaso eu passava, sempre ella ficava mais distrahida, e deixava de relance os seus olhos procurarem os meus, fingia que não dava por tal e continuava o meu caminho, sorrindo de mim para mim com louca vaidade, da cegueira de meu irmão. Já isso era grande sacrificio para quem não pensava senão em colher o perfume de todas as flores, e incender-se no fulgor de todas as estrellas.

«Um dia, porém, foi a tentação irresistivel. A travêssa rapariga, apesar de não ser uma belleza, era galante e de mais a mais airosa como nenhuma. Houvera um arraial, e dança por conseguinte. Coube-me ser o seu par nas danças das modas. Cingi-lhe a cintura, e achei-a elegante e flexivel como a haste de um lyrio. Não pude conter-me, e, apesar da presença de meu irmão, comecei a entabolar namoro. Ella nem por sombras se mostrou esquiva. D'alli a pouco estavamos embebidos n'uma palestra, que fazia com que nos descuidassemos de cantar quando chegava a nossa vez, e com que praticassemos mil outras inconveniencias em que todos reparavam, e que todos censuravam.

Fig. 16—Desenvolvimento artificial dos fogos fatuos

«Quando acabou a dança, passei por ao pé de meu irmão; estava pallido como um cadaver. Então caí em mim, e protestei não olhar mais para o diabrete da saloia. Assim fiz n'essa noite; mas os olhos d'ella perseguiam-me em toda a parte para onde eu ia, e augmentavam, de certo, o merecimento do meu sacrificio. Voltámos para casa, e meu irmão sem me dizer palavra! Cheguei a suppor que elle nada tinha observado. Mas como não era o medo e sim o remorso quem me dictára a resolução tomada por mim, nem por isso mudei de intenções.

«Infelizmente, no dia seguinte era domingo; eu tinha arranjado alguma polvora e algum chumbo. Levantei-me e fui á caça. Tinha de passar por defronte da casa da namorada de meu irmão. Estava ella á porta. Parei e estive talvez um quarto de hora a conversar com ella.

«Não intento desculpar-me. Praticava o mal, sabia que o praticava; mas não tinha força para combater a minha organisação, não tinha força para domar os meus instinctos.

«Não teria eu dado vinte passos depois de me separar d'ella, quando encontrei meu irmão. Estava fulo de raiva. Assim que o mirei, logo percebi que elle ouvíra tudo, e que já não estava senhor de si.

—«Bons dias, Francisco, disse-lhe eu.

«Elle cresceu para mim com um impeto furioso, e disse-me, rangendo os dentes:

—«Antonio, se te afoitas a levantar os olhos para aquella rapariga, corro-te a bofetadas.

«Eu estava trémulo como quem se sente culpado; mas, ouvindo aquellas palavras imprudentes, levantei a cara vermelha de colera, e respondi-lhe:

—«Não me ameaces, Francisco, senão...

—«Senão o quê?— acudiu elle dando mais um passo em frente.

—«Mato-te, tornei eu com os dentes cerrados.

«Mal proferíra esta palavra, estalou-me na cara uma bofetada.

«Não soltei um grito, soltei um rugido. Avancei para meu irmão, segurei-o com uma das mãos pela gola da japona, e com a outra levantei a espingarda pelo cano. Desabava-lhe em cima da cabeça a fecharia, porque, apesar dos esforços que fazia por se esquivar ao golpe, não se livrava da minha mão, que parecia uma tenaz de ferro, quando de repente me surgiu diante dos olhos o livido espectro do fratricidio. Passaram-me rapidamente na phantasia a imagem de minha mãe debulhada em prantos, o vulto venerando de meu pae, que me bradava: «Caim!» Recuei, larguei meu irmão, e deitei a fugir, soltando um grito de horror.»

«Entrei em casa; todos dormiam, porque ainda não seriam talvez cinco horas da manhã. Mil pensamentos diversos me abrazavam a mente: o crime que eu estivera para commetter, a minha indole indomavel, a antipathia manifesta que meus irmãos me consagravam, as desgraças que podiam succeder, se se repetissem conjuncturas similhantes á d'essa manhã, em tudo isso reflecti, e resolvi fugir de casa.

«Executei a minha resolução com a mesma rapidez com que a concebêra. Beijei a soleira da porta do quarto de meus paes, derramando muitas lagrimas e comprimindo muitos soluços, e, pegando na minha espingarda e na minha guitarra, parti.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

SAUDAÇÃO!

NA INAUGURAÇÃO DO NOVO THEATRO DO PRINCIPE REAL

(28 DE SETEMBRO DE 1865)

I

A musa das artes scenicas,
Rasgando um ádito novo,
Convida os filhos do povo,
Saúda o filho dos reis.
Esta mansão, inda timida,
Implora a vossa indulgencia:
Começa agora a existencia;
Bafejae-lh'a, que o podeis.

Ensaiando os passos trémulos,
Os olhos fitando attenta,
Ao vivo aqui representa,
Ella, a filha, vós, os paes.
Mas á luz d'auspicio angélico
Vê sorrir-lhe a confiança:
Nasceu nos braços da esp'rança
Se vós esp'ranças lhe daes.

Assentam da gloria os pórticos
Nas urnas dos sacrificios,
E abrem sobre precipicios
Onde nunca chega o sol.
Que importa, se Mão magnânima,
Que achou no berço a piedade,
Contra o horror da tempestade,
No escôlho accende o pharol?

II

Rompe entre brenhas selváticas
Haste ignota, debil planta;
Rasteja, mal se levanta
Com receio do tufão.
Um anjo, porém, solicito
Sobre ella as azas desdobra,
E eil-a surge, e alentos cobra,
Hoje flor, hontem botão.

Assim nós.—Vago crepúsculo
Nos cercava de terrores,
Quando o anjo dos amores
De entre o solio alvoreceu!
Dissemos: «ó anjo, ampára-nos!»
E o anjo em meigo sorriso,
Raio do seu paraiso,
Conforto e porvir nos deu.

Bemdito, bemdito, ó Principe,
Por nós, por todos bemdito!
Destino de Numa e Tito
No rosto gracioso está!
Passaes despertando os júbilos;
Levaes os olhos e as almas;
E o povo, em vivas e palmas,
Vos applaude e acclama já!

III

Orgulho do regio thálamo,
Herdeiro da magestade,
Penhor sois da liberdade,
E sois da patria penhor.
Deixae-nos, pois, chegar súpplices,
Mais devotos do que sabios,
Ás rosas dos vossos labios
A rosas do nosso amor!

O tributo, o preito, o óbolo
É pobre; mas a fragrancia
Cabe ao candor, cabe á infancia,
Quando a infancia é tão louçan.
Não será mácula á purpura
A flor, que ante vós descora:
É a rosa a irmã da aurora;
É a aurora a vossa irmã!

E aurora nos sois, e oráculo,
Que do vosso berço a historia
Honra diz, esforço e gloria...
Diz: Italia e Portugal!

Eis o que nos faz intrépidos!
É nosso broquel robusto
Um nome, um titulo augusto,
O do «Principe Real!»

IV

Este titulo e vós! — Pródiga,
Não nos deu mimos a sorte:
Só temos a arte por norte,
Só zêlo em nós achareis.
A musa dos livres cânticos,
Abrindo recinto novo,
Abraça os filhos do povo,
Saúda o filho dos reis!

MENDES LEAL.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 209)

No meio d'esta sumptuosa capella ergue-se o tumulo do *Fundador*. Cercam-n'o as oito columnas que sustentam a cúpula, deixando muito espaço livre entre si proprias e o mausoléo. Tem este a fórma de uma grande caixa inteiriça de marmore branco, dentro da qual estão encerrados os corpos del-rei D. João I e da rainha D. Filippa, sua mulher.

Sobre o monumento avultam as estatuas dos dois soberanos, de relêvo inteiro, deitadas. El-rei está armado. Com a mão esquerda aperta a espada, e com a direita trava da destra da rainha. Esta tem um livro na mão esquerda. Ambos tem a fronte cingida com diadema. Descançam-lhes as cabeças em cima de almofadas, detraz das quaes se levantam, como doceis, dois formosos baldaquinos, todos abertos em rendas de variados feitios e delicados lavores. Nas faces do lado de fóra mostram os brazões de armas del-rei e da rainha. O de D. João I tem as quinas reaes, assentadas sobre a cruz de Aviz, e orladas com os castellos, e em cima a coroa real. O escudo de D. Filippa é bipartido, tendo de uma parte o brazão de armas do marido, e da outra o seu proprio, que é esquartelado, com os leões em dois quarteis oppostos, e as flores de liz nos outros dois.

A esculptura das estatuas não é boa; entretanto, comparadas com as que possuimos executadas nos reinados anteriores, revelam importantes progressos n'este ramo da arte. Os baldaquinos, porém, são primorosamente esculpidos, como é toda a obra de ornamentação do templo.

O friso superior do tumulo é guarnecido com um silvado em meio relêvo, alternando-se as folhas com as amoras. Entre a folhagem vê-se a letra franceza *Il me plait* muitas vezes repetida em metade da circumferencia do ornamento; e na outra metade a letra *pour bien*, do mesmo modo entresachada com as folhas e fructos, e muito repetida.

Era o mote que, ao uso do tempo, el-rei tomára para si, dando assim publico testimunho de quanto prezava o bem geral.

D'esta divisão do mote, apparecendo do lado do monarcha sómente o *Il me plait*, e do lado da rainha o *pour bien*, tiraram fundamento alguns escriptores para attribuir a D. Filippa, como empreza sua, a segunda parte do dito mote. Todavia é fóra de dúvida que, não obstante esta circumstancia que parece auctorisar de certa maneira aquella opinião, as duas partes da letra constituiam o mote usado por el-rei D. João I, e que apparece em uns logares por inteiro, e n'outros indistinctamente uma das metades.

Na face do mausoléo do lado de oeste, que é a cabeceira, achava-se esculpida a cruz da ordem da Jarreteira, circundada da liga com a letra *Hony soit qui mal y pense*. Estes relêvos, porém, foram em grande parte destruidos pelos soldados francezes, por occasião da invasão de 1810, os quaes, nas diligencias de abrir o tumulo, praticaram um rombo n'aquelle logar. Felizmente, ficaram sufficientes vestigios da insignia e divisa d'aquella ordem, que nos attestam que D. João I fôra cavalleiro d'ella.

Nas duas faces lateraes do mausoléo estão gravados em caracteres allemães minusculos os epitaphios dos dois soberanos. São em latim, e tão extensos, que se lhes póde chamar biographias. Vamos copiar a versão que fez do del-rei o chronista fr. Luiz de Sousa, porque, além de ser interessante por se achar compendiada n'elle a vida de tão illustre monarcha, declara ao certo a data em que se começou a contar os annos pela era do nascimento de Christo, deixando-se a de Cesar, ponto em que muitos auctores discordam.

«Em nome do Senhor jaz n'esta sepultura o serenissimo, e sempre invicto, victoriosissimo, magnifico, e em virtudes esclarecido principe Dom João, decimo rei de Portugal, e sexto dos Algarves, e o primeiro entre todos os christãos, que depois da perda geral de Hespanha foi senhor da famosa cidade de Ceuta em Africa. Nasceu este excellentissimo rei na muito nobre e muito leal cidade de Lisboa, no anno do Senhor de mil e trezentos e cincoenta e oito, e n'ella foi armado cavalleiro em edade de cinco annos por mão do serenissimo rei D. Pedro, seu pae. E tomando á sua conta depois da morte d'el-rei D. Fernando, seu irmão, o governo da mesma cidade, e de muitas outras forças, que se lhe entregaram, defendendo-a valorosamente contra el-rei de Castella, que nove mezes a teve cercada por mar com mui grossa armada, e por terra com grande exercito, accommettendo-a com muitos e apertados assaltos, e sendo ajudado de muitos portuguezes.

«Sendo depois levantado por rei na cidade de Coimbra com geral alegria no anno de 1385, fez por sua pessoa, e de seus capitães, grandes feitos em armas, e entrando muitas vezes pelas terras de seus inimigos, alcançou notaveis victorias: e a principal que teve a que Deus lhe deu junto a este convento, vencendo e desbaratando em batalha campal a el-rei D. João de Castella, que trazia comsigo um poderoso exercito de seus vassallos, e vinha acompanhado de muitos portuguezes e outros estrangeiros que o serviam. E logo foi ganhando á força de armas muitas forças e castellos, de que os inimigos se tinham apoderado, que depois valorosamente sustentou e defendeu por toda a vida. E conhecendo que Deus fôra o que dera a victoria por intercessão da gloriosissima Virgem Nossa Senhora, que succedeu na vespera da sua festa da Assumpção, por agosto, mandou á sua honra edificar este convento, que é a melhor obra de toda a Hespanha. E com desejos de maior gloria de Deus, e pretendendo que só a elle se reconhecesse n'este reino superioridade em tudo, assentou que os annos que pelo tempo atraz se costumavam contar nos autos e instrumentos publicos pela era de Cesar, se reduzissem ao Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo; e fez que começasse a correr esta conta do anno de mil e quatrocentos e vinte e dois em diante, no qual andava a era de Cesar em 1460.

«E achando estes reinos não menos estragados de costumes, que desbaratados das insolencias dos inimigos, poz diligencia em os emendar e apurar, desterrando com seu exemplo e obras santas todas as devassidões e maldades que geralmente se usavam, e plantou e fez florecer em seu logar obras de virtude, honestidade e honra. E procurando escusar guerras com os christãos, deixou antes da sua morte assentada com elles a paz perpetua para si e para seus suc-

cessores. E, abrazado em fogo da fé, passou em Africa com uma grossissima armada, em que havia mais de duzentas e vinte velas, a maior parte naus de grande porte, e galés reaes: e foi acompanhado n'ella do infante Dom Duarte, seu filho e herdeiro, e dos infantes Dom Pedro e Dom Henrique, e do conde de Barcellos, Dom Affonso, seus filhos; e de grande poder, e numero de animosos vassallos; com os quaes no mesmo dia em que poz os pés em terra de moiros, tomou de assalto, com espanto do mundo, a fortissima e famosa cidade de Ceuta. E, pouco tempo depois, vindo sobre ella (segundo se affirma) mais de cem mil combatentes moiros da Barberia e Granada, e tendo-a apertadamente cercada, elle a mandou soccorrer pelos infantes D. Henrique e Dom João, e pelo conde de Barcellos, seus filhos, e por outros senhores e fidalgos; os quaes accommettendo os moiros os fizeram levantar e fugir com morte de muitos; e toda sua armada desbarataram, mettendo muitos navios no fundo, queimando e tomando outros: e assim livrou a cidade.

«E havendo dezoito annos menos oito dias que se cumpriam vesperas da Assumpção da Virgem Nossa Senhora do anno 1423, que a tinha tomado e fortificado, bastantemente contra todo accommettimento de inimigos; no mesmo dia, mez e anno acabou este gloriosissimo rei bemaventuradamente sua vida na cidade de Lisboa, rodeado de seus filhos, e de grande parte da nobreza do reino, deixando a cidade de Ceuta em poder do mui alto e mui poderoso rei Dom Duarte, seu filho, que á imitação de tal pae procura mantêl-a, e governal-a com estes reinos na fé de Jesus Christo. O mesmo rei Dom Duarte treladou com grande honra e magestade o corpo d'elrei seu pae, acompanhando-o seus irmãos, o infante Dom Pedro, duque de Coimbra e senhor de Montemór, e o infante Dom Henrique, duque de Vizeu, e senhor da Covilham, e governador do mestrado de Christo, e o infante Dom João, condestavel de Portugal, e governador do mestrado de Santiago, e o infante D. Fernando, e o conde de Barcellos, Dom Affonso, filho do dito rei D. João: o qual ao tempo do seu fallecimento não tinha outros senão duas filhas, que estavam casadas, e viviam em suas terras com seus maridos, uma a infanta Dona Isabel, duqueza de Borgonha e condessa de Flandres, e senhora de outros muitos estados; e outra a senhora Dona Beatriz, condessa de Hontington, e Arundel em Inglaterra. Assistiram mais n'esta trasladação todos os netos e bisnetos que havia d'elrei D. João, a saber: Dom Affonso, conde de Ourem, e D. Fernando, conde de Arrayolos, filhos dos condes de Barcellos. E tinha n'este tempo outro neto, que era o infante D. Affonso, filho primogenito d'elrei Dom Duarte: os quaes contados com os filhos faziam todos numero de vinte pessoas. Acudiram tambem e foram presentes todos os bispos que havia no reino com outros muitos prelados com grande numero de clerezia, e frades, e os senhores de terras, e alcaides-móres, e fidalgos particulares. Assim foi trazido o real corpo com muita reverencia a este convento; e entrou n'elle aos trinta dias do mez de novembro, do dito anno; e foi sepultado na capella-mór com a rainha Dona Filippa, sua unica mulher, e mãe illustrissima delrei Dom Duarte, e dos infantes ditos. E no anno seguinte, aos quatorze de agosto, foram os corpos ambos com nova pompa passados a esta capella, que para sua sepultura tinham edificado. E acharam-se presentes a mui alta e excellentissima princeza Dona Leonor, rainha d'estes reinos, e as infantas Dona Isabel, duqueza de Coimbra, e Dona Isabel, mulher do infante D. João, com a maior parte dos prelados e nobreza do reino, até ficarem recolhidos em suas sepulturas. As almas tenha o Senhor Deus em sua gloria. Amen.»

Tumulo del-rei D. João I e da rainha D. Filippa

O epitaphio da rainha D. Filippa é egualmente muito extenso. Trata da sua genealogia, das virtudes que a adornaram, e das principaes acções da sua vida.

Entre duas das oito columnas que sustentam a cúpula está um altar, voltado contra os pés das estatuas dos soberanos. Foi levantado para a celebração dos anniversarios funebres del-rei e da rainha.

Guardavam-se outr'ora n'esta capella sepulcbral um elmo, espada e outras peças da armadura de D. João I; bem como um oratorio de madeira com sua obra de talha doirada, que pertencêra a el-rei D. João I de Castella, e que lhe foi tomado na gloriosa batalha de Aljubarrota, juntamente com muitas e valiosissimas peças de prata da sua capella e recamara, das quaes o vencedor fez offerta a Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães [1]. Ha pouco ainda se conservavam na dita capella algumas d'aquellas reliquias do grande rei, e tambem o oratorio, posto que bastante damnificado. Presentemente não sabemos se ainda alli existem.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

THEMAS CLASSICOS

Não ha para que se negue a facilidade e suavidade da lingua portugueza, que para tudo tem graça e energia, e é capaz de n'ella se escreverem todas as materias dignissimamente, assim em prosa como em verso.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

[1] Vid. pag. 137 do vol IV.

Ponte de Ruy Mendes, em Pedornello

A gravura que publicâmos é cópia de uma das photographias da bella e copiosa collecção do sr. Seabra.

Representa uma vista pittoresca das margens do rio Mendes, ou Ruy Mendes, confluente do Tamega.

Não póde competir esta perspectiva em bellezas naturaes com tantas outras que nos offerece a provincia do Minho, em que as pompas de uma vegetação, que ás vezes parece tropical, fazem o mais lindo ornamento das paizagens. Faltam-lhe os prados amenos cortados de arroios, onde as searas se matizam de mimosas flores de variegadas côres. Não se occultam os montes sob a ramagem compacta de frondoso arvoredo. Não tem arvores colossaes, d'estas que toldam os rios, e em que se abrigam numerosos bandos de aves para cantar á sombra, entre as frescuras da folhagem, as alegrias da creação.

A paizagem alli é menos risonha e mais agreste; mas nem por isso são os quadros despidos de encantos.

A aldeia de Pedornello, sentada em uma collina e meio escondida entre o arvoredo; os montes, que por todos os lados a cercam e dominam, povoados mais ou menos de pinheiros, castanheiros e carvalhos; o rio, correndo apertado por margens pedregosas, mas retratando em suas purissimas aguas os arbustos e outras plantas que pendem das fendas das rochas até vir brincar com a corrente fugitiva; aquella ponte de madeira, quasi rustica, dando passagem á estrada que vae torneando em zig-zagues uma collina escalvada; e, finalmente, a pobre azenha que se espelha no rio junto da ponte e toda encaixilhada na ramagem dos vimes e dos choupos, constituem um painel variado, pittoresco, e, póde dizer-se, gracioso.

Proximo da aldeia de Pedornello está edificada, á beira do rio, a fabrica de lanificios de que fallâmos em outro logar, por occasião de publicarmos em gravura outra vista das margens do Ruy Mendes, em que figuram os edificios da dita fabrica [1].

I. de Vilhena Barbosa.

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

(Vid. pag. 201)

VIII

Era então embaixador de Portugal em Londres o marquez de Palmella. Continuára a manter relações com o governo do infante, durante o pouco tempo em que elle se conservou como logar-tenente de seu irmão. Promulgado o decreto de 3 de maio de 1828, pelo qual o infante, ferindo pela raiz a carta constitucional, convocava os antigos tres estados do reino,

[1] Vid. pag. 129.

caídos em desuso por uma longa serie de reinados, negára o marquez de Palmella obediencia a quem havia já por manifesto infractor das leis fundamentaes. Seguira-se depois o levantamento do Porto e a breve campanha, em que as armas constitucionaes, cedendo ao numero de seus contrarios, haviam desamparado o campo ao novo dominador de Portugal. O protesto lavrado em Londres a 24 de maio de 1828 pelo marquez de Rezende e pelo visconde de Itabayana, plenipotenciarios do imperador na Austria e na Gran-Bretanha, servira apenas de firmar theoricamente um direito, cuja reivindicação teria de ser depois confiada ás armas gloriosas da rainha.

Era então a Inglaterra o paiz onde se acolhiam as reliquias dispersas do gremio liberal, as quaes iam esperar alli melhor fortuna e concertar os meios de volver á patria, já impossivel de tornar a ver, sem que lhe abrisse as portas a conquista.

Esforçavam-se os liberaes por organisar n'aquelle berço das liberdades européas a cruzada que deveria no anno seguinte encetar as suas victorias nos rochedos da Villa da Praia. Era incançavel o marquez de Palmella em frustrar, quanto pendia de seus meios, os ephemeros triumphos do absolutismo, já interessando, por sua valia, o governo inglez na causa liberal, já promovendo e apparelhando recursos com que podesse tentar-se alguma empreza contra o governo intruso de Portugal.

Chegado a Londres, foi logo Rodrigo da Fonseca offerecer-se ao marquez de Palmella. Conhecia o diplomata portuguez a capacidade do seu compatriota, e, esperando auxilio de seus conselhos, o empregou na secretaria da embaixada. Desde então principiou Rodrigo a manifestar quanto podia fiar d'elle a causa constitucional, e quão efficaz e zelosa cooperação promettia aquelle fecundo engenho á que então se afigurava antes utopia do que esperança de restaurar o legitimo governo portuguez.

Lidava por aquelles tempos incançavel a imprensa por defender em Londres os direitos constitucionaes, e por illustrar a Europa ácerca da verdadeira situação de Portugal. Cruzavam-se frequentes os papeis politicos, defendendo uns a legitimidade do infante, confutando outros as razões, com que se negavam os direitos da rainha, e se chamava impiedade á carta, á liberdade rebellião. Além dos folhetos que saíam avulso, existia em Londres imprensa politica, onde em portuguez se propugnava fervorosamente pela causa constitucional. Não eram o engenho e experiencia de Rodrigo para serem dispensados de acudir com o remedio que então havia, aos males em que estava a patria agonisando. Commetteu-se-lhe a redacção dos periodicos chamados *Aurora* e *Paquete de Portugal*, e n'elles contribuiu o eminente publicista para alhanar, quanto podia, os caminhos da restauração constitucional.

Por Londres se deteve Rodrigo da Fonseca todo o tempo que mediou desde a chegada dos emigrados até que o imperador chegou á Europa, disposto a triumphar na maior empreza d'este seculo, ou a enterrar-se n'ella, como esforçado e generoso campeão.

N'este intervallo podéra a carta achar na ilha Terceira um recanto, uma penedia, aonde abrigar-se. Do 5.º batalhão de caçadores (a cuja memoria devêra erigir-se padrão n'aquella gloriosa cidadella da civilisação) se formou o casco do futuro exercito constitucional. Na Terceira se pelejou a primeira batalha contra inimigo tão poderoso que, se a religião da liberdade não tivera tambem os seus milagres, ainda hoje estaria por se remir a patria de sua opprobriosa servidão.

Chegado á Europa o imperador, obtidos alguns meios com que podesse estender-se e firmar-se a conquista liberal em todo o archipelago dos Açores, bem quizera Rodrigo ser dos primeiros que marchassem a engrossar as fileiras dos soldados briosos na Terceira. Se nos Açores, porém, se pelejava e alli ardiam os moços e aventureiros por cruzar seus ferros com o inimigo, tambem havia logar honroso em serviço da patria e da liberdade para os que ficassem na Gran-Bretanha, entendendo em alcançar recursos com que se podesse a guerra continuar. Ficou, pois, Rodrigo em Londres, e alli foi de valioso preço a sua energia em dirigir, a sua prudencia em aconselhar.

Submettidas á obediencia da rainha as ilhas dos Açores, voltavam-se os olhos dos liberaes para o continente de Portugal. Estavam alli as suas saudades e esperanças; alli tinham berço de grandes victorias, ou tumulo de heroico arrojo e ara gloriosa de cruento sacrificio.

Estava o reino peado entre grilhões. Não havia resfolegar d'aquella oppressão. O despotismo estendia o seu nivel sinistro sobre todas as cabeças, e as que ousavam altear-se caíam decepadas. A imprensa não era uma liberdade, antes um crime; a opinião uma heresia. As torres e os carceres aferrolhavam milhares de victimas. As alçadas substituiam as livres discussões dos governos livres e racionaes. O exercito era numeroso. As povoações eram chamadas dos seus lavores agricolas para formarem batalhões de segunda linha. O pulpito, profanado em cathedra politica, troava maldições contra os liberaes. As classes privilegiadas cerravam-se, para a defesa dos seus interesses, ligadas á sorte da velha monarchia; o povo rude confundia, em sua simpleza, o liberalismo com a impiedade. A delação não poupava a innocencia. O proprio silencio ou retiro não era bastante precaução, porque o retiro era conjuração, o silencio mysterio. Fervia o reino em apercebimentos militares. Fortificavam-se os pontos importantes. Ouriçava-se de canhões o litoral. Contra quem eram estes aprestos e estas prevenções? Contra um troço de homens que, lá ao longe, na Terceira, haviam jurado plantar nas terras de Portugal o estandarte azul e branco, ou perecer gloriosamente, sellando com o seu sangue o santo martyrio da liberdade!

Eram sete mil e quinhentos (diz a que já hoje parece lenda, e é, todavia, historia) os soldados que da Terceira desaferraram em demanda de Portugal. Eram mais de sessenta mil os que os estavam esperando com a vantagem da terra e do repoiso. Irmãos eram todos. Parecia guerra civil aquella, por ser ferida entre os que do mesmo berço provinham, e fallavam a mesma linguagem natal. Mas era mais do que isto, porque era o combate entre a idéa antiga e a idéa nóva. E se ha justificação para discordias civis tão feras e cruentas, como estas foram, é que tamanho holocausto e tanto sangue portuguez se requeria para remir a patria e resgatar o seu espirito com o baptismo da moderna civilisação.

Desembarcaram a 8 de julho as tropas do imperador. Caíram improvisamente no solo portuguez, como cae um meteoro, deixando attonitos e exanimes os mais audazes. Entram no Porto. Principiam agora trabalhos tão espantosos e glorias tão inesperadas, que fazem esquecer as sabidas gentilezas dos cêrcos de Diu. Era o Porto o logar do perigo e o germen da victoria. Perdido o Porto, perdia-se com elle a esperança de restituir o reino á liberdade.

Os liberaes que não haviam podido acompanhar D. Pedro na sua aventurosa expedição, vinham agora, volvendo de seus exilios, reunir-se com elle na cidade invicta sob o pendão constitucional. Foi um dos primeiros Rodrigo da Fonseca.

Estavam no governo homens seus amigos e companheiros de já passadas emprezas e lances patrioticos. Corria a administração por conta de tão eminentes cidadãos, quaes eram Mousinho da Silveira e Silva Carvalho. Eram dois os empenhos dos bravos defen-

sores da cidade libertadora. Acudir ás muralhas a enfrear o impeto dos cercadores; velar nos gabinetes, ao estrondo das bombas, concertando o que cumpria desde logo ao bom regimento civil e politico do reino, com os famosos decretos da primeira dictadura.

Urgia organisar as secretarias de estado. Chamou o governo a Rodrigo da Fonseca para que desempenhasse este serviço, em que se houve com sua já provada capacidade para os negocios.

Ia proseguindo o cêrco da cidade. Crescia com as difficuldades o esforço, com o esforço a esperança do proximo triumpho. Não era, porém, empreza facil o vencer inimigos obstinados e poderosos. Tinha o infante uma esquadra bem apercebida, e que muito o ajudava a empecer o progresso ás armas constitucionaes. Cumpria aos liberaes apparelhar tambem sua frota com que provassem no mar a fortuna de suas armas, já tantas vezes em terra honradas com a victoria.

Era a Gran-Bretanha o arsenal d'onde melhor podiam esperar os apercebimentos navaes. Não descurava a commissão de Londres o difficil encargo de alcançar aprestos. Julgou, porém, o governo que era urgente enviar a Londres Rodrigo da Fonseca para que désse pressa á expedição que, sob a capitania do almirante Napier, devia brevemente desbaratar a armada realista. Houve-se Rodrigo da Fonseca n'esta nova commissão com seu costumado siso e bom conselho.

IX

Occupada a capital pela brilhante e temeraria expedição do duque da Terceira, estabelecido em Lisboa o governo da rainha, não ficou ocioso nem desaproveitado o talento eminente de Rodrigo da Fonseca. Era então membro do gabinete José da Silva Carvalho, que apreciava desde muitos annos o merito de Rodrigo. Nomeou-o director geral da secretaria da justiça, a que presidia então o sagaz ministro do imperador.

Por estes tempos foi Rodrigo da Fonseca despachado director da imprensa nacional, cargo que sempre antes d'elle e muitos annos depois se conferiu, com raras excepções, a homens de letras, respeitados por seus escriptos e talentos.

Terminada a guerra da restauração constitucional, era tempo de entrar nas condições regulares do systema representativo, que mal fôra experimentado entre sobresaltos e commoções em 1827. Quiz o imperador, regente em nome da rainha, depor no seio do parlamento a dictadura que tomára em tão difficeis conjuncturas, e cujos fructos perduraveis eram já a liberdade e a primeira reconstrucção da sociedade portugueza. Convocaram-se cortes. Procedeu-se á eleição.

Tinha Rodrigo da Fonseca muitos e bons amigos, que lhe auspiciavam brilhantissimo futuro, se no trato dos negocios publicos quizesse revelar, á luz da tribuna, os seus preciosos quilates de estadista e orador. Esforçaram-se por apresental-o ao suffragio popular. Correu o escrutinio. Saiu Rodrigo eleito deputado pela provincia do Minho (eram então as eleições por provincia e não por circulos, como hoje se pratica). Passava já Rodrigo dos quarenta e cinco annos, edade em que seu entendimento estava ornado de copiosa erudição, amadurecido seu conselho, o thesoiro da sua experiencia accrescentado. Na eschola do mundo, em um e outro hemispherio, tivera por mestra a adversidade, excellente e persuasiva doutrinadora. Vira e tratára gentes de várias condições. Aprendêra a conhecer as paixões, que ora congregam, ora dividem os homens, ao sabor de seus interesses e vaidades. Trazia dos seus desterros trabalhos e perseguições, entranhado no coração o affecto da liberdade, a aversão da tyrannia. Soubera por seus proprios olhos quanto havia custado aquella seara politica, cujo operario ia ser na quadra nova que então principiava. Contemplára quantos transtornos padecêra a idéa liberal em outros povos com os desmandos demagogicos. Era sinceramente constitucional, adverso, porém, á anarchia. Estimava o progresso politico, mas fiava do tempo os seus triumphos. Attentava cheio de esperança no futuro, mas esforçava-se primeiro por assegurar no presente as conquistas que haviam feito as espadas ainda gotejantes do imperador e de seus heroicos irmãos de armas.

Rodrigo era um d'estes homens predestinados para a soberania da palavra nas assembléas deliberantes. Tudo era n'elle de molde para a tribuna. O vulto bem assombrado, o gesto composto e nobre, a fronte larga, a boca ligeiramente contrahida n'um sorriso entre malicioso e benevolente, a voz cheia e harmoniosa, a declamação grave e accentuada, a palavra sempre fluente e numerosa, que ainda no ardor da improvisação parecia estar lendo apenas por algum livro de boa e portugueza linguagem; o estilo sentencioso ás vezes, ás vezes cortado de agudezas, polvilhado de saes comicos, passando rapidamente, sem tornar-se escurril, da elevação heroica ao chiste familiar, correndo sem veneno desde a ingenuidade lata á ironia, desde a vindicação dos principios mais veneraveis até á invectiva pessoal contra os seus adversarios.

Desde os primeiros assomos na tribuna admiraram todos realisado o que d'elle haviam já anticipadamente como certo. Foi Rodrigo d'estes felicissimos oradores para quem é logo a estreia um triumpho memoravel. E não era facil então ceifar as primeiras palmas oratorias. Estavam na camara dos deputados os mais mimosos engenhos d'aquelle tempo, davam alli sua tenção as vozes de maior auctoridade: Manuel da Silva Passos, o futuro dictador da revolução, Garrett, o Eschines que só havia de ter depois para o exceder no vôo o fogoso Demosthenes de Aveiro, sem fallar dos que ainda hoje sobrevivem d'aquella galharda phalange parlamentar.

Estavam já accesas as paixões que depois haviam de repartir em dois campos intrataveis, os que até alli trouxera unidos e concordes na apparencia o receio do perigo e o empenho da causa commum. Era desabrida a intolerancia com que muitos deshonravam a victoria liberal, com o furor das represalias contra os vencidos de Almoster e da Asseiceira. Discutia-se na camara o projecto de lei das indemnisações, segundo o qual se deveriam exercer na fazenda dos realistas a violencia que ia afrouxando nas pessoas. Defendiam esta impolitica iniquidade, como justiça, alguns espiritos inebriados pela victoria ou escurecidos pelo odio contra seus agora imbelles inimigos. Pedia a tolerancia apostolos, a justiça defensores, a generosidade paladinos. Dois se ergueram a arengar em favor dos que ia ferir aquella nova e crua proscripção politica. Eram uma alma grande, Rodrigo, um bello coração, Passos Manuel. Pleiteava este com toda a facundia do sentimento, aquelle com toda a eloquencia da razão. Passos Manuel era, por assim dizer, o cavalleiro andante da magnanimidade, Rodrigo o prégador da indulgencia e do perdão. Em Rodrigo a austera gravidade do discurso era o escudo da justiça, protegendo os opprimidos; em Passos Manuel o enthusiasmo lyrico das orações era o flagello da indignação retalhando a face dos oppressores. Em Passos Manuel a tolerancia vestia quasi as roupas candidas e virginaes da evangelica mansidão; em Rodrigo, trajava a toga severa dos censidicos illustres, patronisando a causa do infortunio: odiavam ambos a violencia, repugnava a ambos tingir de sangue o governo da nação.

Ambos aquelles estadistas eminentes e benemeritos republicos estavam prestes a tomar nas mãos o difficil cargo de governar. Rodrigo antecedeu a Passos Manuel. Em 1835, organisando o duque de Palmella

um novo gabinete, entrou a servir com elle na repartição dos negocios do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães. Eram n'aquelle tempo instaveis os gabinetes. Andavam já mui revoltas as coisas publicas. Foi de pouca duração o ministerio. Deveu-lhe o paiz um singular serviço, em que Rodrigo foi parte principal. A revolução que pelas armas se fizera durante cinco annos de guerra desegual, a revolução, dizemos, tendo reconstruido em novos alicerces a sociedade portugueza, só deixára intacto o edificio da instrucção publica, tal como lh'o havia legado a antiga monarchia.

Pouco fizera n'este ponto a dictadura do imperador, aliás fecunda e gloriosa em tantas outras emprezas de civilisação. Quiz Rodrigo fundar solidos e largos estudos em Lisboa. Cooperaram com elle as mais illuminadas intelligencias d'aquelle tempo. Decretou-se o *Instituto*, vasto estabelecimento consagrado ao estudo das sciencias mathematicas, physicas, naturaes e economicas, e das suas applicações aos serviços publicos. Proveram-se as cadeiras. Principiou-se a entender na execução. Estavam, porém, vivazes e robustos n'esta parte os preconceitos nacionaes. Moveu-se guerra cruel á nova instituição. Tomou a universidade o governo da cruzada. Foi tal a bateria com que o ministerio foi rijamente expugnado, que a final veiu a terra, sepultando comsigo a nobilissima idéa de fazer da capital da administração a corte da sciencia e do ensino official. Foi o primeiro acto do ministerio que succedeu suspender a execução do decreto malfadado.

N'este primeiro periodo da sua vida publica não esteve o jornalista ocioso em quanto se afadigava o ministro e o orador. Escreveu Rodrigo no diario que fundára com o nome de *Revista*, tendo por cooperador a Antonio Pereira dos Reis. Algum outro eminente escriptor, ainda hoje vivo, collaborou n'aquella publicação, destinada a advogar os principios da primitiva eschola cartista, em cujas fileiras militavam os primeiros engenhos de Portugal.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

CIDADE DO FUNCHAL

(Conclusão. Vid. pag. 217)

A ilha da Madeira está situada no Oceano Atlantico a 690 kilometros de distancia da costa occidental da Africa, 12° 37' O de long., e 32° 45' de lat.

Esta ilha, com mais tres que lhe ficam visinhas para o lado de éste, fórma um grupo que tira o seu nome da Madeira, que é a principal.

Chamam-se aquellas ilhas *Grande Deserta*, ou *do Norte; Bugio*, ou *do Sul;* e *Ilheo Chão,* que está ao norte. A primeira d'estas eleva-se 660 metros acima da superficie do Oceano. É a maior das tres, e conta quasi 6 kilometros de comprimento, e pouco menos de 1 de largura. A segunda tem 1 kilometro de comprimento, e uns 400 metros de largura. A terceira é apenas uma restinga de terra e rochas pouco elevadas. Pertence ao sr. conde da Taipa o senhorio da *Grande Deserta* e do *Ilheo Chão;* e ao sr. marquez de Castello Melhor o do *Bugio*. Descendem estes dois fidalgos e o sr. marquez da Ribeira Grande do descobridor João Gonçalves Zarco, ou Zargo.

Tem de comprimento a ilha da Madeira pouco mais de 45 kilometros, e uns 23 de largura, com 130 de circumferencia. Encerra cento e tantas mil almas.

É toda eriçada de montanhas, e cavada em valles fertilissimos. A serra mais alta é o *Pico Ruivo*, que se levanta a uns 2:500 metros acima do mar.

Segundo alguns geologos, esta ilha é de origem volcanica; outros, porém, negam similhante procedencia, convindo, todavia, na existencia de extinctos volcões, de que restam muitos vestigios. As rochas são pela maior parte basalticas; e os terrenos de uma feracidade pasmosa, tanto pela sua propria formação, como pela abundancia de fontes e ribeiras que os regam por toda a parte, e pela doçura do clima, que entretem a ilha em constante primavera, permittindo-lhe que se desenvolvam e cresçam, com pomposa vegetação, as arvores e fructos dos tropicos a par dos da Europa.

O dr. Macaulay, na *Madeira Illustrada*, extasiando-se diante das maravilhas d'este clima tão singular, diz a este respeito o seguinte: «Meramente com a ascensão ás serras se póde experimentar mui grande variedade de temperatura, e em poucas horas passar do verão, pelo meio da primavera e do outono, para o inverno rigido nas summidades das montanhas toucadas de neve...

«Os que não quizerem alongar-se das abrigadas praias da bahia do Funchal, podem d'ahi, onde atura immarcessivel a vegetação dos tropicos, contemplar sobre as alturas, a cavalleiro da cidade, a reapparição das folhas novas e todos os phenomenos da primavera; assim, no declinar do anno, quando junto á costa se vê inalteravel a verdura, e a influencia do sol do verão pouco tem diminuido, as eminencias do paiz apresentam a variegada tintura e a folhagem murcha do outono... O ar da ilha é tão refrigerante e balsamico, que o simples acto de respirar é um gozo desconhecido em climas menos favorecidos.»

D'este verdadeiro éden é capital a cidade do Funchal. Está situada na costa meridional da ilha, em uma bahia formada por dois cabos, chamados *Ponta da Cruz* e *Cabo Garajão*. Em parte recosta-se em não muito elevadas collinas; outra parte senta-se em um valle por onde se estende até vir mirar-se nas limpidas aguas do seu porto.

Dominam a cidade, pelo lado do norte, alterosas montanhas; pelo de éste, os altos do *Palheiro do Terreiro;* e pelo de oéste, o *monte do Pico*, coroado pelo castello de S. João, e os terrenos das *Angustias*. Pelo sul banha-a o Oceano.

Do seu porto e das suas fortificações fallámos a pag. 132 e 299 do vol. VII, por occasião de publicarmos a vista do *Castello Ilheo*, fundado sobre um grande rochedo no meio do mar, e que serve de registo do porto.

Divide-se a cidade em quatro parochias, que são: a *sé*, *S. Pedro, Santa Luzia* e *Santa Maria Maior*.

A sé é um grande templo, de tres naves, de architectura gothica, da epocha da transição d'esta para a do renascimento. Está situada na praça da Constituição. Tem dez capellas, nas quaes se vê excellente obra de talha doirada. As paredes são vestidas de marmore e de pinturas, algumas das quaes ostentam merecimento artistico. O tecto, construido de cedro da ilha, é uma obra de bastante riqueza em talha relevada, principalmente o da capella-mór.

Foi fundada esta egreja por el-rei D. Manuel pelos annos de 1508. Tem tido algumas reparações, sendo a ultima, e mui importante, a que lhe mandou fazer o sr. José Silvestre Ribeiro, durante o seu illustrado governo.

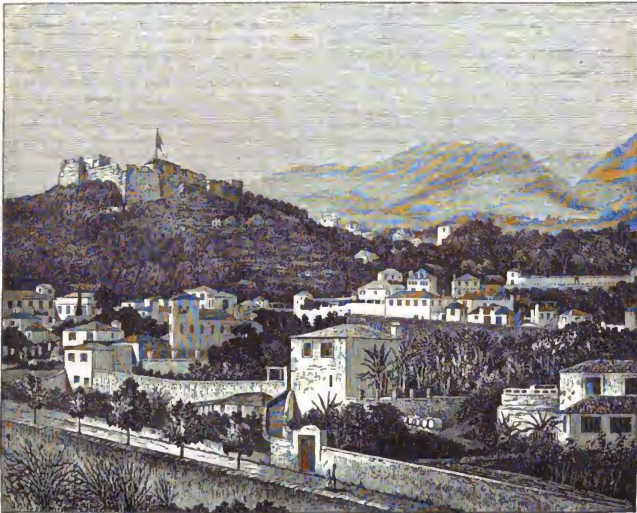
Ha na cidade tres conventos de freiras: o *das Mercês*, de religiosas capuchas; o da *Encarnação* e o de *Santa Clara*, de franciscanas. Este ultimo é o mais rico. Teve por fundador João Gonçalves Zargo, que, segundo dizem, o escolheu para seu jazigo.

Havia cinco conventos de frades quando foi decretada a sua extincção em 1834. O mais notavel d'estes pela sua fabrica e por conter a celebrada capella dos *Ossos*, toda construida de caveiras e ossos, era o de *S. Francisco*, que veiu a cair em ruinas, e occupa um angulo da praça da Constituição. Tendo sido concedido pelo estado á camara municipal para edificar os novos paços do concelho, procede-se presentemente a essa construcção.

Os jesuitas tiveram n'esta cidade um collegio, da invocação de *S. João Evangelista*, fundado em 1566. Conservam-se em bom estado tanto o edificio do collegio como a egreja, cuja fachada é ornada com as estatuas de Santo Ignacio de Loyola, de S. Francisco Xavier, e de outros santos da ordem dos jesuitas.

As egrejas do *Carmo*, de *Santa Cruz* e de *Nossa Senhora do Soccorro*, são administradas e servidas por irmandades. Na ultima das tres está a imagem do padroeiro do Funchal, que é S. Thiago Menor, ao qual vae a camara municipal festejar todos os annos, assistindo a um *Te Deum* em acção de graças por ter livrado a cidade de uma horrivel epidemia que a assolou no seculo XVI.

Além d'estes edificios religiosos ha muitas capellas e ermidas publicas e particulares. Mencionaremos d'entre as primeiras a *capella das Almas*, que fica proxima da egreja de Santa Clara, pela singularidade de se achar aberta em uma rocha, no fundo de uma rua.

Conta o Funchal bastantes estabelecimentos pios, e alguns d'elles bem dotados e perfeitamente organisados. São os seguintes: *hospital e casa da misericordia; hospital de S. Lazaro*, para molestias cutaneas contagiosas; *hospital militar; asylo da mendicidade;*

Cidade do Funchal — collina do castello do Pico

recolhimento de orphãs, intitulado *convento de Santa Isabel*, annexo á santa casa da misericordia; *recolhimento do Bom Jesus*, de viuvas e casadas separadas dos maridos; *asylo da infancia desvalida;* e a *eschola lencastriana*. Teve o *hospicio da Princeza Amelia*, fundado por sua magestade a imperatriz, duqueza de Bragança, em memoria da sua desditosa filha a princeza D. Amelia, para n'elle se recolherem e tratarem as pessoas pobres de Portugal e Brasil atacadas de ptysica pulmonar, que desejassem ir procurar allivios ao seu mal sob o benefico influxo d'aquelle doce clima. Este hospicio, para o qual se construiu um edificio proprio, com bom prospecto, está actualmente fechado.

Os outros edificios publicos são: o *palacio do governo*, o *paço episcopal*, o *seminario*, o *quartel militar de S. João*, a *alfandega*, o *correio*, a *cadeia*, a *bolsa*, ou casa da associação commercial.

D'entre as casas particulares sobresaem as dos *srs. condes de Carvalhal*, em S. Pedro; a da familia *Vasconcellos* na rua do Pinheiro; a do *sr. visconde de Torre Bella;* a da familia *Rego;* a denominada *Blackburns*, e a da antiga companhia das Indias inglezas. Em geral as casas são aceiadas, tanto exterior como interiormente, e muitas de construcção elegante.

O Funchal não possue monumentos artisticos, se exceptuarmos a sé, que mereçam attenção; entretanto contém algumas antigualhas mais ou menos curiosas, taes como o *Granel do Poço*, grande edificio na rua do Esmeraldo, onde dizem que habitára o celebre Christovão Colombo, durante a sua curta estada na Madeira; umas janellas de architectura gothica, que se vêem em uma casa na rua da Boa Viagem, e que, na opinião de algumas pessoas, pertenciam aos antigos açougues da cidade. Podem-se tambem citar como logares memoraveis os palacios em que residiram a rainha Adelaide de Inglaterra, a actual imperatriz de Austria, sua magestade a imperatriz, duqueza de Bragança, e sua filha a princeza D. Amelia.

Uma estatistica moderna dá á cidade do Funchal

38 ruas, 17 travéssas e becos, 6 calçadas, 3 mercados, 6 passeios arborisados, 8 pontes e 19 egrejas.

As praças são quasi todas guarnecidas de arvoredo, e bonitas, posto que pequenas. As principaes chamam-se: *praça da Constituição*, *largo do Pelourinho*, *praça da Imperatriz*, e *praça da Rainha*, ambas proximas do mar, e junto do palacio do governo; o *passeio do Til*, a *praça Academica*, de construcção moderna, e tambem visinha do Porto. O *passeio publico* está plantado de arvores indigenas e exoticas. Os mercados são tres; o de frutas, na praça de S. João; o de hortaliças, aves, etc., junto do convento de S. Francisco; e o de peixe. Os dois ultimos foram edificados com grandeza.

Teve esta cidade um theatro magnifico, que foi mandado arrazar em 1831 por ordem de D. Alvaro da Costa de Sousa de Macedo, que então governava a ilha em nome do sr. D. Miguel como capitão general. Presentemente ha um theatro pequeno, pertencente á *sociedade Esperança*, e não sabemos se se levou a effeito a construcção de outro theatro que ha tempos se projectou.

Ha tres casas de assembléa: o *circulo philarmonico*, em que se dão concertos de musica; o *club portuguez*, e o *club inglez*, onde ha gabinetes de leitura, com variedade de jornaes, dando ambos alguns bailes annualmente.

Possue o Funchal uma eschola medico-cirurgica, um lyceu, escholas de instrucção primaria e algumas livrarias, avultando a bibliotheca publica municipal, que se acha provida de bastantes obras modernas; e tres livrarias inglezas que alugam livros para fóra.

Quanto a hospedarias e botequins, alguns ha aceiados e bem servidos. Entre aquellas, que não são menos de dezesete, tem o primeiro logar o *hotel Europeu*, e o *hotel das Familias*.

Além de outras casas de banhos, conta a cidade um excellente estabelecimento de banhos publicos, de agua doce, do mar, de vapor, e de outras diversidades, situado na rua da Amoreira, e de que é proprietaria a sra. Wilkinson.

Ácerca dos cemiterios veja-se o que dissemos a pag. 240 do vol. VII.

Abastecem a povoação muitas fontes de excellente agua, e cortam-n'a tres ribeiras.

Compondo a ilha da Madeira e Porto Santo um districto, a cidade do Funchal é residencia de um governador civil, de um governador militar, de um bispo, de um juiz de direito, das outras diversas auctoridades administrativas e fiscaes, e de dez consules e treze vice-consules das principaes nações da Europa e da America.

Consta a sua guarnição de um batalhão de linha e de uma bateria, que lhe são enviados de Lisboa, por sorteio, d'entre os corpos da capital, rendendo-se annualmente; e além d'essa força, de um corpo de *artilheiros auxiliares* de segunda linha, com uns 1:200 homens, e dividido em 15 companhias, uma das quaes está guarnecendo a ilha de Porto Santo. A população da cidade anda por perto de 30:000 almas.

É o Funchal uma cidade de bastante trato commercial, sobre tudo por causa dos preciosos vinhos da Madeira, que constituiam, antes do apparecimento do *oidium*, em 1852, um ramo valiosissimo do seu commercio de exportação para differentes paizes da Europa, da Africa, da Asia e da America. Antes da dita molestia regulava a producção do vinho em toda a ilha por quinze a vinte mil pipas.

A industria manufactora faz honra á cidade. São muito notaveis pela sua belleza e perfeição artistica as obras de mosaico em madeira; as de verga e as de palhinha; as rendas, bordados e crochet; as flores feitas de pennas de aves e de cera nos conventos das freiras; e muitos outros artefactos engenhosos que exporta para o reino e para Inglaterra.

É commoda e agradavel a vivenda da cidade, tanto por ser abastecida de todos os generos necessarios á vida, e de quantos se possam appetecer para regalo, como tambem pelo bom trato sociavel que alli ha, em consequencia das muitas familias ricas, nacionaes e estrangeiras, que vivem na cidade com ostentação, e do grande numero de viajantes que alli concorrem do reino e de outros paizes, principalmente de Inglaterra, levados pela maior parte da necessidade de procurarem um clima benigno para os seus padecimentos pulmonares.

Os arrabaldes do Funchal são afamados pela sua formosura e amenidade. Os pomares, hortas e vinhas, que cobrem os campos e as collinas; os bosques que assombram os valles, e sobem pelo dorso das montanhas; as arvores e plantas dos tropicos, que por toda a parte crescem a par das da Europa, ostentando a mais pomposa vegetação; aqui, os ribeiros de purissimas aguas, que se despenham das rochas alcantiladas com medonho fragor, erguendo aos ares nuvens de densos vapores, que logo se precipitam em orvalhos, com que as plantas resplandecem como prateadas; alli, as fontes rebentando das fragas, e derramando perolas sobre os fetos e musgos, ou os arroios serpeando docemente por entre as flores dos prados; lindas casas de campo, umas alvejando através de tantos verdores, outras como penduradas das arvores; e finalmente, altissimas serras, toucadas de penhas, fazendo moldura a tão bellos paineis: tal é, em resumido esboço, o aspecto encantador dos suburbios do Funchal.

São muitas as quintas aprazíveis que os adornam. Estremam-se, por mais bellas e grandiosas, a do *Palheiro do Ferreiro*, situada em uma eminencia a 5 kilometros da cidade, e pertencente ao sr. conde de Carvalhal; e a do *Jardim da Serra*, fundada em um delicioso valle assim chamado, distante do Funchal uns 12 kilometros para o lado de noroeste, e propriedade do sr. Veitch, subdito britannico. São notaveis ambas pela magnifica e mui copiosa collecção de plantas exoticas que encerram.

A 12 kilometros da cidade admira-se uma soberba cascata, formada pela levada do Rabaçal, que se despenha de uma altura de 133 metros, caíndo sobre a ribeira da Janella.

As producções do paiz são variadissimas pela diversidade de zonas que alli ha, segundo a exposição e elevação das terras. Além do vinho, e do assucar, que se introduziu de novo, e se tem generalisado depois da invasão do *oidium*, produz a Madeira alguns cereaes, que não bastam para o seu consumo; batata doce e commum; inhame; frutas da Europa e da America, avultando bastante a castanha; muita diversidade de hortaliças; e urzela.

Cria-se n'ella muito gado de differentes especies, e é mimosa de caça nas serras, e de variedade de peixes na costa [1].

O Funchal serviu de berço a muitos homens illustres nas armas e nas letras, ou notaveis na historia politica de Portugal. Nomearemos d'entre os primeiros João Fernandes Vieira, que expulsou os hollandezes de Pernambuco, sendo appellidado por suas proezas Castrioto Lusitano; Antonio Velloso da Lyra, escriptor distincto; Balthasar Dias, poeta comico; Francisco de Paula Medina e Vasconcellos, auctor dos poemas *Georgeida*, e *Zargueida, ou o Descobrimento da Ilha da Madeira;* João Antonio Monteiro Teixeira, poeta satyrico; Manuel Caetano Pimenta de Aguiar, poeta tragico; e Paulo Perestrello da Camara, auctor de varias obras. Nasceu na mesma cidade aquelle celebre jesuita, chamado Luiz Gonçalves da Camara, mestre e

[1] Sobre os costumes e trajos populares, e ácerca dos meios de transporte, vid. pag. 300 do vol. v. Vid. tambem, ácerca da ilha da Madeira, os artigos e gravuras a pag. 141 do vol. IV; 272 e 312 do V; e 77, 85 e 261 do VII.

privado del-rei D. Sebastião, ao qual e ao reino ajudou a perder com os seus conselhos.

As duas gravuras, a pag. 217 e 229, são copiadas de duas excellentes photographias; ignorâmos, porém, o nome do artista. I. DE VILHENA BARBOSA.

TEMPESTADES DE ALDEIA

(Vid. pag. 220)

VII

Antonio Domingues parou um instante para descançar. O peito arquejante revelava que as forças lhe iam faltando, e a voz era já tão frouxa que mal se ouvia.

O sacerdote ouvia-o attento e fremente.

Antonio continuou:

«Nem eu sabia para onde caminhava. Ia ao acaso, ao Deus dará, como nós dizemos. Fiava-me na fortuna, que não abandona os moços, segundo ouvi dizer. Demais, não é mulher a fortuna, e tinha eu visto alguma pessoa do seu sexo voltar-me as costas quando eu a requestava?

«Assim vim parar ao Ribatejo, sem me demorar em Lisboa, porque eu tinha aos campos um amor de poeta, e a minha selvatica independencia só se comprazia ao ar livre e balsamico dos valles. O que faria eu em Lisboa? Que recursos se me proporcionariam que não fossem grangeados pela domesticidade, que tanta repugnancia me inspirava? Demais, como lhe disse, eu folgava de ver o luar espelhar-se nas aguas pratendas do rio, de ver romper a manhã, avermelhando o ceo e cingindo de um leve côr de rosa o alto dos serros, e talvez fosse por esse enlevo em que me lançavam as maravilhas campestres que eu phantasiava trovas, como os outros não eram capazes de engenhar, e que nunca até ahi houvera rapariga que as escutasse sem se mostrar rendida.

«Procurei trabalho e facilmente o encontrei; era no tempo das descamisadas, e esse trabalho, novo para mim, agradava-me bastante, porque conciliava a necessidade que eu tinha de ganhar a vida com o meu gôsto pela guitarra, pelo canto e pelo amor.

«Os ribatejanos em geral não acolhem bem os estranhos, e principalmente os estranhos guapos que lhe podem roubar o coração das suas raparigas. Fizeram, porém, uma excepção em meu favor, e isso por duas razões. Em primeiro logar porque não havia moço mais divertido do que eu. Onde eu estivesse não havia tristezas. Tinha sempre historias joviaes para contar, sempre cantigas alegres, sempre boas chalaças. Em segundo logar, porque uma circunstancia inesperada veiu impedir que, segundo o meu costume, fizesse a corte ás raparigas do sitio.

«Estava namorado.

«Estava namorado, não. Esta palavra que eu profanára não se deve applicar ao sentimento impetuoso e santo que me brotou no peito. Amava! E n'este coração, onde só tinham viçado até ahi flores de pouca dura, encontrava thesoiros inesperados. Amava! E não ousaria beijar a fronte d'aquella que me inspirára esse affecto. Amava! e só o roçar das suas roupinhas fazia-me estremecer de jubilo e de terror. Então é que eu percebi melhor as maravilhas da creação. Esse amor deu-me a chave de todos os segredos da natureza. Entendi a linguagem das flores; entendi as vozes mysteriosas das estrellas; escutei e ouvi cantos ineffaveis; olhei e vi esplendores desconhecidos. Amava, em fim!, e n'esta palavra só, resumo os extases, os jubilos, os enlevos que acompanham o despontar d'esse astro radiante que a vida inteira nos illumina.»

O confessor levantára-se palpitante, com os olhos incendidos e as faces pallidas e levemente ruborisadas.

— É pois isso o que se sente? — perguntou elle com voz trémula.

«É, meu padre, e muito mais ainda, que eu, pobre ignorante, não sei exprimir. É um soffrimento em que ha delicias, um prazer que tem dores, fel que tem doçuras inebriantes, mel que na boca nos deixa travo... mas não sei se devo dizer este apparente desacerto. Parece que ainda mais queremos a esses espinhos, que ainda mais estremecemos essas agonias, do que folgâmos com os prazeres, do que nos deliciamos com as doçuras. Inexplicavel sentimento que se nos apossa do espirito, e que não o larga depois que d'elle se assenhoreia. E debalde tentâmos rebellar-nos contra esse jugo despotico e querido; estamos para sempre escravisados.»

— Mundo mysterioso, murmurou o sacerdote, cerrae para mim as vossas portas doiradas. Cortinas do tabernaculo divino, deixae abrigar na vossa mystica sombra a minha alma, que anceia por se engolphar n'esse abysmo de esplendores.

Antonio Domingos esteve ainda por um instante silencioso, depois continuou.

«Chamava-se Rosalina a rapariga que me fascinára. Tanto eu estava acima dos meus companheiros pela educação que recebêra, tanto ella estava acima das suas companheiras pelos dotes naturaes que a Providencia lhe déra com mão pródiga. Pois por isso não deixava de moirejar como as outras, mas fazia tudo com um ar tão serio e tão composto, sem ser carrancudo, que as outras mostravam-lhe um respeito involuntario. Além d'isso tinha os olhos mais pretos e mais expressivos que eu vi na minha vida, um rosto mimoso e moreno, uma boca pequena que exhalava a um tempo musicas e perfumes, a musica da voz, o perfume do halito, que era suave e fragrante.

«O seu pizar tinha um não sei quê de magestoso, que muitas damas lhe invejariam; o seu fallar não era nem mais elevado nem mais correcto que o das suas companheiras, mas tinha um modo de dizer as coisas que lhe dava uma graça indizivel, um encanto que mal sei exprimir.

«Tudo isto me captivou de fórma que me fez perder os meus habitos de borboleta namorada. Parecia-me uma profanação relancear os olhos, que só deviam contemplar aquella imagem divina, para as outras creaturas grosseiras que eu via ao seu lado. Envergonhava-me das minhas passadas loucuras, e parecia-me impossivel que eu não tivesse tido o presentimento, de que existia no mundo uma só mulher a quem deviam ser prestados esses rendimentos que eu estouvadamente prodigalisava!

VIII

«Pois, apesar d'esse amor que eu tinha a Rosalina, sentia uma difficuldade incrivel em lh'o confessar. Tão audaz fôra até então nas minhas declarações, quanto agora me mostrava timido e acanhado.

«É verdade que ella não me animava muito. Por mais que eu improvisasse trovas, que lhe eram visivelmente dirigidas, por maiores que fossem os requebros com que procurava enfeitiçal-a, nunca ella correspondêra aos meus olhares expressivos, aos meus olhares ardentes. Nas descamisadas, quando eu tentava revelar-me debaixo do meu aspecto mais seductor, quando eu fazia todos os esforços para me mostrar amavel e entretido, ella ria-se como as outras; mas, se os meus olhares lhe diziam que tudo aquillo era só para lhe agradar, Rosalina desviava os olhos naturalmente, e quando o encontro da maçaroca vermelha a obrigava a vir-me dar um beijo, não era nem mais timido nem mais fervente que o que todos os outros colhiam dos seus labios.

«Esta indifferença inesperada, esta resistencia a que eu não estava costumado, irritaram-me. Entendi que

era necessario acabar com aquellas incertezas. Uma noite fui-me sentar diante da sua porta com a minha guitarra, decidido a declarar-me.

«A mãe de Rosalina era uma boa velha, que gostava muito de mim; por isso eu tinha um pretexto para a visitar a miudo.

«N'essa noite, por felicidade, a velhinha, que estava sentada na sua cadeira de braços, luxo unico da sua casa, aceiada mas pobre, adormeceu. Ficámos sós, eu e Rosalina, ella sentada no degrau da porta, eu defronte.

«O luar batia-lhe em cheio no rosto moreno, e cercava-lh'o de uma aureola de belleza ideal. Já não parecia mulher, parecia um d'esses retratos da Virgem que se vêem nas egrejas.

«Eu olhava para ella com adoração. Tirei o chapeo desabado, não só porque me affrontava o calor, mas tambem porque tinha uns bonitos cabellos, e n'essa occasião, em que ia dar um combate decisivo, precisava reunir todos os meus recursos.

«Acabava de cantar alguns modilhos melancolicos, e continuára na guitarra o acompanhamento, que fôra afrouxando pouco a pouco, até que a final não era mais do que um vago murmurio, um sopro melodioso, que parecia exhalar-se espontaneamente da guitarra como o perfume da flor.

«Julguei a principio que este ambiente poetico, de que tentára rodeal-a, produzíra o seu effeito. Rosalina estava melancolica, e fitava na lua os seus lindos olhos, em que transluzia uma doce expressão.

—«Em que pensa, sra. Rosalina? — disse eu. Por ahi andam amores?

—«Andam, respondeu ella singelamente.

—«Quem será o feliz que os inspira?

—«Feliz por quê? — redarguiu ella. Cada rapaz tem a sua rapariga, e isso não é coisa de admirar. O sr. Antonio tambem ha de ter a sua, que a estas horas estará tambem pensando em vossemecê.

—«Ora veja como se engana. Tenho uma rapariga a quem amo loucamente, e que não pensa em mim.

—«Isso diz vossemecê.

—«Não acredita?

—«Não; vossemecê é um perfeito rapaz, prendado, bem procedido. Por que é que a sua rapariga o não ha de amar?

—«Pensa isso que diz, sra. Rosalina? — tornei eu aproximando-me d'ella vivamente.

—«Penso, sim, respondeu ella fitando em mim os seus olhos limpidos e serenos.

—«E se essa mulher, a quem eu amo e que me não ama, fosse a que está agora ao meu lado?

—«Onde?— redarguiu Rosalina ingenuamente olhando em torno.

—«Oh! não me quer adivinhar? — tornei eu com um gesto impetuoso e segurando-lhe em uma das mãos.

—«Adivinhar o quê?

—«Que a amo, que a adoro, que, desde que a vi, não pensei senão em merecer o seu amor, que é esse o meu sonho constante, essa a visão das minhas noites, em que o dormir me foge e em que só a tua imagem me sorri. Pois não adivinhaste já isto, Rosalina?

—«Mas, sr. Antonio, redarguiu a gentil camponeza tirando brandamente as suas mãos d'entre as minhas, acabei de lhe dizer que amava outro homem, e agora digo-lhe mais, é que estou para casar com elle.

—«Oh! — continuei eu com vehemencia. Quem a amará como eu a amo? Quem a poderá respeitar, adorar com tanto fervor? O menor de seus caprichos será para mim uma ordem. A sua imagem viverá no meu coração como santa no altar, perfumal-a-hei com todas as flores dos affectos mais puros, illuminal-a-hei com a luz de uma dedicação absoluta. Esse outro com quem vae casar traz-lhe a riqueza? Obtel-a-hei com estes dois braços juvenis e robustos. Sinto-me capaz de tudo para conquistar o seu amor. Verá, sra. Rosalina, se são mentidos os meus extremos, falsos os meus protestos.

—«Mas, sr. Antonio, tornou ella placidamente, que idéa fórma então de mim? Depois de eu ter dito a um homem que o amava, depois de o ter acceitado por noivo, julga-me capaz de o enganar, de o trahir, indo a outro homem repetir as mesmas palavras? Então a qual dos dois mentia? O meu coração não se reparte. Dei-o ao meu noivo, a elle pertencerá até eu morrer. Até vossemecê me devia desprezar se eu fizesse o que me pede.

«Baixei os olhos com embaraço. Eu, que viera decidido a realisar a todo o custo a doce esperança sem a qual me parecia que não podia viver, vi-me obrigado a murmurar timidamente:

—«Offendi-a?

—«Ora essa, tornou ella sorrindo-se, cuida que eu me estou a fazer tola? Uma rapariga não se offende nunca por saber que um rapaz gosta d'ella. Vossemecê é namorador, gosta de dizer palavras bonitas a quem não lhe desagrada. Não sabia que eu já era noiva, quiz-me requestar. Isso não é mal algum.

«Reanimado por esta fugitiva esperança, quiz-lhe de novo travar da mão, murmurando:

—«Oh! não creia que a escolhi para objecto de uma distracção. Creia mais na sua irresistivel belleza.

—«Está bom, disse-me ella tirando-me a mão, mas sem viveza e com essa graciosa sisudez que tão bem lhe ficava; perdoar-lhe não é dizer-lhe que continue. Com licença, sr. Antonio, isto já são horas de nos deitarmos, e minha mãe não ha de estar aqui a dormir ao relento.

«Eu afastei-me sem lhe dizer palavra; o vivo desgosto que eu sentia combinava-se com uma irritação surda, em que ferviam a um tempo o amor offendido e a vaidade ferida.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

74.º

CARTA

Todos concordam em que é difficil a boa regencia das preposições, principalmente na lingua portugueza, porque os classicos, e não menos os nossos escriptores contemporaneos, são n'este ponto mui variaveis. E todavia, as grammaticas, e ainda mais os diccionarios, não nos ministram exemplos sufficientes sobre esta parte da syntaxe da lingua materna.

Vou propor algumas dúvidas que tenho quanto ao emprego da preposição *de*, começando hoje por esta:

«Digne-se V. Mag. *de* mandar o que for de justiça.»

Assim leio em documentos officiaes, umas vezes como vae transcripto, outras sem a preposição *de*, pelo que não sei quando é de mais ou de menos.

Se v. me quizesse elucidar, muito obrigaria a quem é, etc.— *J. A.*

RESPOSTA

Quasi todos os nossos classicos põem depois de *dignar-se*, *dignando-se*, etc., a preposição *de*.

Entretanto, póde-se ommittir; e assim o fazem já os melhores escriptores, porque as ellipses dão rapidez e vigor á phrase, quando não produzem equivoco ou obscuridade.

Se dissermos: «Dignou-se *de dedicar-me*, ou *de dar-me* o seu livro», fica a primeira phrase dissonante, e a segunda cacofonica; o que se evita supprimindo a preposição.

O P. Bernardes diz: «Pediu Moysés a Deus... que se *dignasse mostrar-lhe* sua gloria.» (*Luz e Calor*, 338).

Silva Tullio.

Claustro del-rei D. Manuel, no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Vid. pag. 33)

II

FASTOS DO MOSTEIRO

São gloriosos estes fastos tanto para a ordem agostiniana, como para Portugal.

Já de per si lhe serve de grande brasão ter cavado nos alicerces do mosteiro o fundador da monarchia portugueza. E depois, concluida a obra, muitas vezes se ouvia resoar no templo a voz do vencedor de Ourique, acompanhando os conegos em seus canticos sagrados. Honrava-se tambem este monarcha, intitulando-se conego regrante de Santo Agostinho, para o que professára na ordem terceira do mesmo mosteiro. Seguiram este exemplo alguns reis, seus successores; e D. Sancho II foi cognominado o *Capello* por andar vestido, sendo menino, no habito dos conegos regrantes, em cumprimento de um voto feito por seus paes durante uma grave enfermidade que padecêra.

A par d'estas honrarias brilha nos fastos de Santa Cruz a gloria militar. Quando o imperador de Marrocos veiu com poderoso exercito sobre a cidade de Coimbra, no anno de 1190, reinando D. Sancho I, depois de inuteis tentativas para se apoderar da cidade, sitiou e acommetteu com repetidos assaltos o mosteiro de Santa Cruz. Ficava então da parte de fóra das muralhas. Posto que fortalecido por el-rei D. Affonso Henriques com grossos muros e torres ameiadas, só á custa de muito esforço e coragem conseguiram os seus defensores salvar a casa de Deus da profanação dos infieis.

Quanto a privilegios e preeminencias, poucos mosteiros portuguezes lograram tantos e tão grandes. Parecia que os pontifices andavam em competencia, qual lhe havia de conceder maiores prerogativas. Indicaremos sómente as mais notaveis.

Era o mosteiro de Santa Cruz isento do ordinario. Os seus priores, considerados como immediatos á sé apostolica, tinham jurisdicção nas suas egrejas, não só episcopal mas até metropolitana, pois que das suas sentenças ou excommunhões só para o papa ou legado pontificio se podia appellar. Esta jurisdicção não se limitava aos outros mosteiros da ordem em Portugal; estendia-se a muitas egrejas parochiaes dos arcebispados de Coimbra, de Leiria, de Lamego, de Elvas e de Lisboa, nas quaes lhes era permittido exercer todos os actos pontificaes, e dar ordens menores aos seus subditos.

A estas regalias ecclesiasticas accrescentaram os nossos reis importantes mercês honorificas. Eram, pois, os ditos priores do conselho del-rei, e nas cartas de doações reaes, privilegios, etc., assignavam em seguida aos bispos; e nas cortes tinham o primeiro logar acima de todos os prelados que não presidiam a alguma diocese.

Por occasião da ultima transferencia da universidade de Lisboa para Coimbra, concedeu el-rei D. João III aos mesmos priores, por carta regia de 15 de dezembro de 1539, o cargo de cancellario perpetuo da dita universidade, que exerceram até á extincção das ordens religiosas. Era este então o primeiro cargo da universidade. Presidia ao proprio reitor, e dava todos os cargos de licenciado, doutor e mestre nas diversas faculdades.

O mosteiro de Santa Cruz era cabeça da ordem. O seu prelado intitulava-se dom prior geral; trajava vestes episcopaes; e por bulla do papa Paulo IV foi creado reformador de todos os mosteiros de conegos regrantes de Santo Agostinho que havia em Portugal.

Finalmente, el-rei D. Manuel ordenou que todos os conegos d'este mosteiro se denominassem capellães del-rei, e gozassem de todas as honras inherentes a tal cargo.

Os proventos egualavam, se não excediam, a todas estas preeminencias. O priorado de Santa Cruz de Coimbra tinha tal rendimento, que era reputado não inferior ao do arcebispo de Braga.

Na gloria do primeiro commettimento das letras em o nosso paiz, disputa este mosteiro a primazia ao de Alcobaça. Na verdade, não é questão facil de resolver qual d'elles teve a idéa inicial de fundar escholas publicas de letras e sciencias, sendo certo que em ambos os

mosteiros houve estudos para quem os queria frequentar, desde o principio da monarchia. Constavam estes estudos, em seu começo, de ler, latim e theologia. Mais tarde accrescentaram-lhe medicina, e ainda outras disciplinas, para o ensino das quaes mandava a ordem alguns de seus conegos á universidade de Paris, d'onde voltavam formados para servir de lentes no mosteiro de Santa Cruz.

El-rei D. Sancho I, approvando e querendo secundar este generoso impulso, fez doação ao mosteiro de Santa Cruz, aos 14 de setembro de 1199, de quatrocentos morabitinos para sustento dos conegos que estudavam em França.

Coube tambem a este mosteiro a honra de dar alojamento por algum tempo á universidade quando foi transferida pela ultima vez de Lisboa para Coimbra, e antes del-rei D. João III conceder os paços reaes d'esta cidade para assento definitivo da mesma universidade, onde se estabeleceu e se conserva.

Os nomes dos homens eminentes em virtudes e saber, ou distinctos pela nobreza do sangue, que professaram n'este mosteiro, ou n'elle viveram religiosamente, bem como os que d'elle sairam para occupar diversas dioceses no reino e no estrangeiro, e outros altos encargos na hierarchia ecclesiastica, constituem uma das mais brilhantes paginas dos fastos de Santa Cruz.

D'entre os primeiros basta que nomeêmos um, que falla por todos pela grandeza do seu nome. É Santo Antonio, que tendo professado no mosteiro de S. Vicente de Lisboa, ao cabo de dois annos foi fazer os estudos ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde pelo espaço de nove annos foi um verdadeiro espelho de todas as virtudes christãs.

Os segundos compõem um extenso catalogo, em que figuram principes filhos de reis e de infantes; e os dois regulos moiros que, ficando captivos na batalha de campo de Ourique, receberam a graça do baptismo, e depois a murça dos conegos regrantes.

Tambem não é menos extensa a lista dos conegos regrantes que sairam d'este mosteiro para o solio episcopal. Contam-n'os entre os seus prelados as sés de Braga, do Porto, de Lamego, de Vizeu e Lisboa, n'este reino; as de Orense, de Tuy e de Compostella, na Galliza; e a de Osma, na Castella. Alguns d'estes vestiram a purpura cardinalicia.

Um dos titulos que mais ennobrecem este mosteiro é servir de jazigo aos dois primeiros reis de Portugal.

O capitulo dos reis, principes e outras pessoas illustres que se hospedaram ou simplesmente visitaram este monumento historico, póde fechar dignamente os fastos do mosteiro de Santa Cruz. Quasi todos os nossos monarchas, desde el-rei D. Affonso Henriques até ao sr. D. Luiz, levaram ao venerando sanctuario de Santa Cruz de Coimbra o tributo das suas orações, e ao monumento coevo da fundação da monarchia as homenagens do seu respeito.

Alguns soberanos alli deixaram commemorada a sua visita com honras e mercês que dispensaram ao mosteiro.

El-rei D. Affonso V honrou-o, indo por varias vezes alli jantar, e comendo no refeitorio com os conegos. El-rei D. João III, entrando em Coimbra, depois de ter cedido os seus paços para assento da universidade, foi hospedar-se no mosteiro de Santa Cruz; e em obsequio da communidade quiz ser servido durante a sua residencia no mosteiro pelos proprios criados do dom prior. Por esta occasião ordenou que os ditos criados se chamassem d'ahi em diante *moços fidalgos;* titulo que depois se fez extensivo aos do dom prior de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, e que se conservou até á extincção das ordens religiosas em 1834.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

TEMPESTADES DE ALDEIA

(Conclusão. Vid. pag. 231)

IX

«Como o sr. capellão póde imaginar, continuou o Antonio depois de uma breve pausa, apesar de tudo isso, não lhe perdi a esperança. Estava tão habituado á victoria, que não podia facilmente julgar-me derrotado. «Caprichos de rapariga, dizia eu commigo, quer que lhe façam a corte e que a requestem; pois cumpra-se a sua vontade.»

«Indaguei e soube que o noivo de Rosalina era um rapaz do sitio, que fôra a Lisboa tentar fortuna para á volta se casar. Eu não acreditava muito em constancias femininas. A ausencia do meu rival pareceu-me que servia admiravelmente os meus projectos de o supplantar.

«Comtudo, como habil que era n'estas guerras amorosas, não me tornei a apresentar como namorado. Mas o meu silencio dizia mais do que as minhas palavras diriam. Eram uns cuidados para com ella, eram uns desvelos, umas finezas, umas attenções! nunca olhava nem de relance para as outras raparigas! todo me esforçava, em fim, por lhe mostrar, sem lh'o dizer claramente, que a amava sempre, e que, se lh'o não dizia, era só por mera obediencia á ordem que me déra, obediencia que era mais uma prova do meu amor.

«Mas a ingenuidade de Rosalina derrubava os meus planos; tomava por verdadeiro o que não era senão fingimento; via na minha apparente resignação sincera desistencia. D'aqui resultou que, illudindo-se ella, a mim me illudiu; porque me mostrou uma confiança e uma amizade que eram apenas resultados da sympathia que lhe inspirava o meu caracter franco e folgazão, e que eu tomei por symptomas de um amor nascente.

«D'ahi a tempos, vinha eu para a missa, n'um domingo, quando, antes de chegar ao recanto da estrada, onde principia a divisar-se a egreja, senti um chilrear de vozes femininas; continúo o meu caminho, e vejo um bando de raparigas, que a minha apparição põe em completa derrota, e que fogem para todos os lados, umas descalças, outras coxeando com um sapato na mão, e todas rindo ás gargalhadas, ficando só no meio da estrada Rosalina, que se ria mais do que todas.

«A explicação da fuga logo me occorreu. Sabe o sr. capellão que as raparigas do sitio costumam andar descalças, e que reservam para o domingo o luxo inaudito de calçarem sapatos. Porém, ou para os pouparem quanto lhes for possivel, ou para se esquivarem, o mais tempo que lhes é permittido, ao sacrificio que fazem ao luxo domingueiro, vem com os sapatos na mão até ao logar d'onde principiam a entrever a egreja, e alli os calçam, ficando anciosas por voltarem, depois de acabada a missa, ao mesmo ponto, onde tornam a restituir a liberdade aos pés, que suspiram por ella.

«Rosalina, que tinha uns instinctos de delicadeza superiores á sua condição, nunca se sujeitára á moda, e usava toda a semana sapatos, que lhe desenhavam um pé maravilhosamente bem feito. Este luxo fôra ao principio estranhado, mas logo as outras se tinham habituado a verem Rosalina assim, e achavam naturalissima essa infracção aos costumes da terra. Essas pobres aldeãs não se espantavam se vissem apparecer Rosalina de coroa na cabeça e manto real nos hombros. Parecia effectivamente que para ser rainha nascêra.

«Por isso ficára ella sósinha no meio da estrada, em quanto as outras, que eu soprendêra a calçarem-

se, fugiam para um e outro lado, como passarinhos assustados.

«Rosalina dirigiu-se para mim com o seu modo desembaraçado, porém mais alegre que de costume.

—«Olhe o que vossemecê fez, sr. Antonio, disse-me ella. Agora não se demore aqui, senão as pobres raparigas não vão á missa, ou apparecem descalças na egreja.

—«Mas a sra. Rosalina, que já está calçada...

—«E então?

—«Póde vir andando.

—«É verdade, respondeu ella, vamos lá.

«E, arregaçando um pouco as roupinhas, a formosa aldeã poz-se a caminho ao meu lado.

«Estava ella n'esse dia palreira como passarinho em manhã de abril; não sei que estranha aureola lhe circundava a fronte, e a fazia parecer ainda mais bella que do costume; os seus olhos jorravam torrentes de jubilo, suas faces afogueavam-se nas vividas rosas do prazer, parecia que se sentia mais ligeira e que não andava, que pairava no chão; o seu espirito estavá arrobado n'algum enlêvo, cujo motivo eu ignorava. Mas não me descuidei, apesar d'isso, e quiz ver se aproveitava a occasião.

—«Então, Rosalina, disse eu entre risonho e serio, não é já tempo de me dar uma esperança?

—«Esperança de quê? — tornou ella olhando com espanto para mim.

—«Ora de que ha de ser? De dar uma esmolinha de amor a este pobre mendigo.

«Rosalina soltou um sonora gargalhada.

—«Ah! ah! — disse ella. Ainda elle se lembra d'isso! Quer uma esmolinha, irmão? Só se se resolver a apanhar migalhas. Sr. Antonio Domingues, tenho a honra de o convidar para a minha boda. Então não disse isto como uma dama da côrte? — continuou ella fazendo-me uma mesura com gravidade comica.

«Mas eu nada ouvira senão estas palavras: «a minha boda», que me dançavam diante dos olhos, escriptas em letras de fogo.

—«A sua boda! — repeti eu sem ter a consciencia do que dizia.

—«Caso ámanhã com o meu noivo, que chegou hontem de Lisboa, accrescentou ella.

«E toda jubilosa entoou uma alegre modinha campestre.

—«A sua boda! o seu noivo! — repetia eu como se tivera ensandecido. O seu noivo! a sua boda! o noivo de Rosalina!

«Parecia-me impossivel, monstruoso, ligar uma á outra estas palavras.

Rosalinha olhava para mim espantada, quasi assustada. A final, os olhos faiscaram-me, ceguei-me de furor, cerraram-se-me os dentes, e, agarrando-lhe no pulso com brutalidade, exclamei com voz tremente:

—«Rosalina, tenha cautela!

—«Cautela por quê? — respondeu-me ella a tremer toda, e quasi a chorar. Está-me a fazer doer tanto! Eu não lhe fiz mal, sr. Antonio.

«Recuei largando-lhe o pulso, e disse-lhe, procurando conter-me:

—«Desculpe-me. Eu tenho ás vezes d'estes accessos. Já me passou. Não faltarei ao seu convite.

«E, saltando de um vallado, deixei-a continuar o seu caminho para a egreja.

X

«Nem eu lhe posso dizer, sr. padre, a tempestade que me salteou de subito, vendo assim destruidos os castellos que edificára com tanto amor, as esperanças que por tão largo tempo acariciára. Todas as más paixões que jaziam adormecidas no fundo do meu peito despertaram a um tempo, e vieram segredar-me ao ouvido tentações medonhas! Ás vezes parecia-me ainda impossivel que houvesse uma mulher que resistisse á fascinação que eu estava habituado a exercer. Essa era a ferida da vaidade. Mas, devo dizel-o, o que mais me atormentava era o pensamento de ver Rosalina pertencer a outro homem. Essa era a ferida do amor.

«Oh! quando eu pensava n'isso; quando eu pensava que outro homem gozaria a ventura por que eu tanto anciava, parecia que me estalava a cabeça ao sopro ardente d'esse pensamento de fogo, e parava, e soluçava, e fazia mil projectos de vingança; e depois devorava as lagrimas, saboreando com ellas o ante-gosto d'esse prazer infernal.

«Finalmente, dirigi-me á egreja onde estamos. Queria conhecer esse homem, que me saia inesperadamente á estrada da vida e que me roubava o meu thesoiro sonhado, o meu doce thesoiro de amor e ventura.

«Vi-o; era um galante rapaz, alto e bem feito, serio, comedido, e vestindo com uns certos modos de homem da cidade a sua jaqueta de veludilho. Não me foi necessario perguntar quem era. A direcção dos olhos de Rosalina claramente m'o indicava.

«Oh! como elles estavam embebidos na sua mutua felicidade. A louquinha nem se lembrava já do que eu lhe dissera havia pouco, e não pensava senão em mirar-se e remirar-se no espelho namorado dos olhos de seu noivo.

«Era aquella, pois, a dulcissima expressão com que os olhos de Rosalina acariciavam aquelle a quem amava! Era a primeira vez que eu via Rosalina. A mulher que amára até ahi não era senão um pallido reflexo do que tinha diante dos olhos, uma sombra sem vida, uma estatua sem fogo interno. E a mulher radiante, anciosa por amar, haurindo todas as brisas perfumadas da existencia, essa só agora se me revelava.

«Então, aqui no templo divino (perdoae-me, meu Deus, esta profanação), resolvi friamente perpetrar um crime. Conheci que me era insupportavel a idêa de que Rosalina fosse de outro, e não só a Rosalina que me impressionára, mas essa nova Rosalina, a borboleta de azas matizadas que saira, á voz do amor, do involucro comparativamente grosseiro, a que eu consagrára tanto affecto.

«Fitei um olhar sinistro e agudo, como o bico de um punhal, n'esse homem a quem eu odiava, e que nem me conhecia, nem me via, e murmurei friamente: — Deves morrer.

«Saí sem fallar a pessoa alguma. Os que me viam passar, assim pallido, sinistro e mudo, afastavam-se instinctivamente, perguntando uns aos outros:

—«O que terá o Antonio Domingues?

«Ouvi uma voz que respondia:

—«Pois não sabem? Fazia os seus rapapés á Rosalina, e a Rosalina zombou d'elle. Ella casa ámanhã, de sorte que o rapaz está como uma bicha.

«Ia a voltar-me enfurecido; susteve-me a reflexão, e continuei silencioso o meu caminho.

«Quem poderá dizer o horrendo combate que se me travou no espirito durante essa noite maldita? Não parei em casa. Corria á luz do luar, como um ente phantastico, saltando sebes, caindo prostrado ao pé das oliveiras, levantando-me de novo, e correndo sem fim, sem termo, sem intenção, como se já me perseguisse um espectro, como se a voz da consciencia já me murmurasse ao ouvido: «Assassino!», como se o remorso já cravasse no meu peito as suas garras despiedosas. Mas os espectros que me perseguiam, que eu via por toda a parte como que nascidos de um raio da lua, eram os dois vultos de Rosalina e do seu noivo, com as mãos entrelaçadas, com os olhares confundidos n'um olhar languido e fervente, com as bocas palpitantes. A voz que eu ouvia era a de Rosalina,

que dizia: «Amo-te!» e as garras que eu sentia não eram as do remorso, eram as do ciume.

«A aurora, ao despontar, encontrou-me na crista de um cabeço, livido, com os olhos injectados de sangue, com os cabellos hirtos. Se algum aldeão me visse, diria que tinha acabado de assignar um pacto com Satanaz.

«Não fôra assim com effeito? Não me tinham vencido as más paixões, e n'esses primeiros raios da manhã não subia para o ceo o vulto luminoso e triste do meu anjo da guarda?

XI

«Depois de ter tomado a minha resolução, preparei-me para a executar com uma placidez e com uma crueldade verdadeiramente infernaes. Despendurei a minha espingarda, limpei cuidadosamente o cano e a fecharia, muni-me de capsulas, carreguei-a com um cartucho embalado, e fui-me postar por detraz da sebe que orlava a estrada a uns cincoenta passos de distancia d'esse cotovelo, onde eu fizera fugir as raparigas que se estavam calçando. Tencionava matar o meu rival logo que elle, voltando da egreja, assomasse a esse recanto. E collocára-me a tal distancia a fim de poder fugir logo, não por covardia, mas porque alimentava não sei que esperança criminosa. As mulheres tem caprichos tão extravagantes! Não lêra eu, em casa do meu padrinho, que uma napolitana, a quem um salteador matára o marido que ella amava extremosamente, fugíra depois com o assassino? Esta esperança não a queria eu confessar, mas é certo que a venenosa planta principiára a brotar-me no fundo do coração.

«Alli estive talvez uma hora. A final, assomou o cortejo dos noivos, que se dirigiam para a egreja. Vinham todos a cavallo. Eu não conhecia os usos dos casamentos no Ribatejo; fiquei espantado de ver a cavalgada. Rosalina ia formosa a mais não poder ser. O desposado, todo guapo, com o seu fato completo de veludilho novo. Acompanhavam-n'os os parentes e amigos, tambem a cavallo e com seus fatos pimpões. Atraz ia muita gente, uns a pé, outros a cavallo, porque todos tinham largado os seus trabalhos para irem assistir ao casamento da *Rosa linda*, como lhe chamavam.

«Podia facilmente matar o meu rival n'essa occasião, mas não quiz por um requinte de crueldade. Quiz que elle saboreasse o licor da ventura, quiz que se julgasse senhor da felicidade, que bradasse ufano: «É minha a formosa dos campos» para que a lingua de fogo da minha espingarda lhe respondesse: «Não, a tua noiva é a morte.»

«Deixei passar o sequito; depois puz a espingarda ao lado, e esperei. Quasi que nem respirava; não tinha já nem hesitações nem remorsos; estava libando as poucas gotas de mel da vingança, cujo fel immenso ia tragar dentro em pouco.

«Finalmente senti repicarem os sinos da egreja. Palpitou-me o coração com violencia. Engatilhei a espingarda, e esperei.

«Como já lhe disse, era muito destro no tiro. Apontava com a rapidez de um relampago, desfechava, e podia estar certo que a bala fôra parar ao sitio que eu lhe marcára.

«Mas n'essa occasião sentia um grande receio. Como viriam os noivos? Como seria o costume na terra? Viriam a pé, de braço dado? E, se viessem, não me tremeria a mão, com o susto de ferir Rosalina? Estive dez minutos em transes mortaes. A final, vi apparecer muita gente, que se dispunha em alas ao longo da estrada. Depois comecei a vêl-os atirarem confeitos. Aproximavam-se os noivos. Vinham a pé, por força, vinham a pé. Tremeu-me o corpo todo.

«A final, no cotovelo da estrada assomou a cabeça de um macho, todo enfeitado de guizos e de plumas, e logo depois o vulto do noivo, que vinha a cavallo, e que saudava com um sorriso os que lhe atiravam confeitos. Eu já tinha posto a espingarda á cara como precaução. Assim que vi que o noivo vinha a cavallo, soltei uma exclamação de alegria e desfechei.

«Ouvi um grito de dor confundido com um brado de raiva e de espanto, e vi como que despegar-se de traz do vulto do noivo o vulto de Rosalina que caía inanimada no chão [1].»

XII

Antonio parou por um instante. Parecia que a horrivel scena se lhe representava de novo na phantasia. Corria-lhe o suor em bagas pela fronte livida. O sacerdote apertou-lhe a mão, dizendo:

— Continue, meu filho. Um peccador que se arrepende é recebido com jubilo no reino do ceo.

«Oh! meu padre, respondeu Antonio, mas estarei eu devéras arrependido? Este remorso saltear-me-hia se a bala matasse aquelle a quem era dirigida? Em todo o caso, meu padre, foi bem terrivel o castigo do meu criminoso intento, e depois foi bem longa e bem amargurada a expiação.

«Percebe como succedêra aquelle desastre. Ignorando os usos das bodas da terra, não sabia que, á volta da egreja, vinham os noivos na mesma cavalgadura, indo a noiva de garupa. Só receava que elles viessem a pé, com os braços enlaçados, e não suspeitára a verdade. Assim que vi apparecer o vulto do meu rival a cavallo, julguei-me seguro. Bala atirada por mim não podia falhar, e não falhou com effeito. Se a cabeça de Rosalina, no mesmo instante em que eu punha o dedo no gatilho, não se encostasse levemente á cabeça de seu marido, e, por essa meiga pressão, não lh'a desviasse uma linha, estava morto infallivelmente. A bala passou-lhe de raspão pelos cabellos, e foi bater em cheio na fronte de Rosalina.

«Quando os aldeãos correram para o sitio d'onde o tiro partíra, encontraram-me desmaiado. Não sei o que me fizeram; sei apenas que despertei ferido e pizado na cadeia de Santarem, d'onde fui depois remettido para o Limoeiro.

«Que mais lhe hei de dizer, meu padre? Alli passei dez annos horrendos, que me mataram lentamente, que me fizeram soffrer o que se não padece no inferno. Minha pobre mãe tanto chorou, tanto pediu ás portas dos amigos de meu padrinho, que, de commutação em commutação de pena, fui, a final, este anno, comprehendido n'um dos perdões reaes. Minha pobre mãe, que soffrêra tantas dores, não póde resistir á alegria. Morreu dias antes de eu ser sôlto. Meu pae já a tinha precedido dois annos no tumulo.

«Então, sentindo tambem a morte proxima, quiz intentar a dolorosa romaria, que devia coroar a minha longa expiação. Vim, n'este mesmo templo onde concebêra o pensamento criminoso, derramar aos pés de um ministro do Senhor as lagrimas do meu arrependimento, as lagrimas do meu coração. Poderão lavar tantos crimes?»

Antonio caíra de joelhos, soluçando. O sacerdote ergueu-o, e disse-lhe:

[1] Notam os leitores n'este ponto a identidade do desenlace do meu romance com o do *Casal da Encosta*, do meu bom amigo Bulhão Pato, romance publicado n'este mesmo jornal. Enganam-se, porém, se suspeitam plagiato. Esta coincidencia espantou-nos mais do que a ninguem, porque nenhum de nós tinha conhecimento do escripto do outro. E, o que é mais notavel ainda, e isso pódem-n'o affiançar os dignos proprietarios d'esta folha, é que os dois manuscriptos entraram ao mesmo tempo no escriptorio d'esta redacção, e jazeram ao lado um do outro, sem saberem que eram os desenvolvimentos diversos de uma mesma idéa, germinando em dois espiritos differentes.

Segundo me constou depois, o *Casal da Encosta* fôra suggerido ao sr. Bulhão Pato por um facto verdadeiro succedido na Beira. As minhas *Tempestades de Aldeia* nasceram do desejo de esboçar alguns costumes do Ribatejo, e em especial o uso de voltarem os dois noivos da egreja montados na mesma cavalgadura.

— Sim, meu filho. Christo perdoou á Magdalena porque esta *muito amára*. E, se o Santo dos santos assim procedia, como poderia eu negar-te o perdão, eu, fraco entre os fracos, peccador entre os peccadores, a ti que tanto amaste e tanto soffreste? Fita os olhos com serenidade no mundo de luz, onde tudo é misericordia, e não mais os volvas para a estrada sanguinolenta que trilhaste por um instante. Uma lagrima purifica rios de sangue; não hão de torrentes de pranto lavar um pensamento criminoso?

Antonio ouvia-o enlevado em extase ineffavel.

— Oh! agora posso morrer, murmurou elle.

— Venha commigo, meu filho, tornou o padre; no meu humilde presbyterio encontrará agasalho e conforto. Está prostrado pela sua longa narração; precisa de recuperar as forças, venha.

E, dando-lhe o braço, o sacerdote saíu com Antonio da egreja.

Estavam ainda os aldeãos no adro. As suas physionomias indicavam más tenções a respeito do assassino, que apparecia impunemente nos sitios que haviam presenciado o seu crime. Porém, ao verem-n'o pelo braço do sacerdote, e principalmente ao verem-n'o tão desfigurado, que parecia um cadaver, afastaram-se com respeito, como se percebessem que a dor, tornando tão macilenta aquella fronte, desvanecêra, a final, o sangue que a maculava.

....

N'essa mesma tarde, Antonio, que cada vez se sentia mais fraco, recebia os santos oleos, e no dia seguinte, ao cair da noite, saía um humilde enterro da casa do capellão, e dirigia-se para o cemiterio.

Quando a cova que se abríra se tornou a fechar, depois de se sumir o caixão; quando os coveiros se retiraram com a indifferença que dá o habito, o sacerdote ficou largo espaço a scismar defronte d'esse pobre sepulchro, epilogo de tão sombria historia, e a final, deixando descair a fronte, murmurou estas palavras, que eram a concisa traducção dos pensamentos que lhe tinham fervido na mente: «Amaste, viveste; invejo-te!»

E, conchegando ao peito com phrenesi doloroso a batina, gelida mortalha que lhe prohibia o pulsar do coração, o juvenil sacerdote afastou-se lentamente caminho do presbyterio.

M. Pinheiro Chagas.

Jacob Cavanah Murphy

JACOB CAVANAH MURPHY

Entre os estrangeiros a quem o nosso paiz deve gratidão, figura o nome de Jacob Cavanah Murphy, o distincto artista inglez, auctor da *Historia e descripção do real convento da Batalha*.

Este edificio é, como tantas vezes temos dito, um dos mais gloriosos padrões historicos do reino, não só pela grande victoria que commemora, e pelos transcendentes resultados d'esse brilhante triumpho, mas tambem por ser um verdadeiro marco erigido por mãos de heroes no caminho dos nossos progressos, onde assignala o começo de uma epocha que viu transformar-se Portugal, pobre e pequena nação que era, em um vasto, poderoso e florescente imperio, que empunhou o facho da civilisação.

Se aquelle edificio, além de tão ponderosos predicados, é, como não se póde duvidar, o nosso monumento artistico por excellencia, onde a architectura e a esculptura porfiaram em crear primores; se este monumento, em fim, é para nós uma epopéa das mais altas glorias nacionaes, e um museu da mais apurada arte portugueza, bom e prestante serviço nos fez, certamente, o habil artista que, vindo ao reino para es-

tudar e desenhar minuciosamente em todas as suas partes aquella fabrica grandiosa, tão rico livro compoz dos seus estudos e desenhos, ornado com tão bellas gravuras, que o monumento portuguez, que por tantos modos nos honra, se fez assim conhecido e justamente apreciado por toda a Europa.

É, pois, bastante este titulo para que o retrato de Murphy occupe um logar no *Archivo Pittoresco*, entre os dos homens que bem mereceram d'este paiz. E tambem será razão para que lhe tributemos esta homenagem, o trabalho em que andâmos empenhados sobre o edificio monumental da Batalha.

Pouco sabemos da vida d'este distincto architecto: entretanto, os escassos apontamentos biographicos que podémos obter, aqui os ajuntâmos ao seu retrato, copiado de uma photographia, que é já cópia do retrato que adorna o seu precioso livro sobre o edificio da Batalha.

Jocob Cavanah Murphy teve por patria a Irlanda, nos principios do terceiro quartel do seculo passado.

A julgar pela cultura de seu espirito e pela polidez de seu trato, segundo o testimunho de pessoas que conviveram com elle durante a sua residencia em Portugal, deveria ter tido uma educação esmerada.

A architectura e a archeologia foram os seus estudos predilectos. Para os desenvolver e aperfeiçoar emprehendeu várias viagens no reino-unido de Inglaterra e Irlanda, e em diversos paizes estrangeiros.

Não podia um amador de antiguidades esquecer-se da Peninsula Iberica, onde os romanos, os godos e os arabes deixaram tantos vestigios do seu dominio em variados generos de monumentos, muitos d'elles esplendidos.

Dirigiu-se, pois, Murphy á Hespanha e Portugal em 1789; percorreu quasi todas as provincias d'estes reinos, e visitou os seus principaes edificios e as mais notaveis reliquias da antiguidade.

Gastou perto de dois annos n'esta viagem instructiva, e d'este espaço de tempo empregou uma boa parte no exame e estudo do convento da Batalha, no qual residiu por alguns mezes, sendo hospedado e muito bem tratado pelos religiosos.

A sua viagem á Peninsula forneceu-lhe assumpto para muitos escriptos, em que patenteou não vulgares conhecimentos em architectura e archeologia, mas especialmente para quatro obras que lhe grangearam boa reputação na republica das letras. São estas obras: *Viagem a Portugal, etc., durante os annos de* 1789 e 1790, publicada em Londres em 1795, um volume in 4.º, adornado com algumas gravuras de monumentos, costumes e trajos populares; d'este livro fez mr. Lallemant uma traducção em francez, que se imprimiu em Paris no anno de 1797, da qual se fizeram duas edições, uma de dois volumes in 8.º, e outra de um volume in 4.º: — *Rapido exame do estado de Portugal*, um volume in 4.º, Londres 1798. — *Planos, Alçados, Córtes e Vistas da egreja da Batalha*, um volume in folio, com muitas gravuras, impresso em Londres no anno de 1795: — *Antiguidades Arabes na Hespanha*, um volume in folio maximo, com grande numero de gravuras, publicado em Londres em 1813.

Não se limitou o auctor a historiar e descrever os monumentos; nas duas ultimas obras, e principalmente na da Batalha, trata com bastante proficiencia as questões de arte, não só analysando todas as partes do edificio que se vêem acabadas, mas até propondo planos para aquellas que ficaram incompletas, e cujo risco primitivo se perdeu.

Apesar do seu elevado custo, vieram muitos exemplares d'esta obra para o nosso paiz. Os principaes conventos das differentes ordens monasticas possuiam nas suas bibliothecas este magnifico livro. Todavia, taes foram os descaminhos que houve n'essas livrarias em seguida á extincção das ordens religiosas, que não chegou um só d'aquelles exemplares aos depositos em Lisboa e Porto, onde foram mandados recolher todos os livros dos conventos. Assim veiu juntar-se ao valor real da obra o apreço da raridade. Dos poucos exemplares que ha em Lisboa tem a bibliotheca publica dois optimos.

Murphy falleceu em Londres no anno de 1816, contando cincoenta annos de edade, pouco mais ou menos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

GALERIAS DE RAPHAEL NO VATICANO

Tenta-se uma grande empreza, qual é a de reproduzir pela gravura os *frescos* pintados no palacio do Vaticano pelo famoso Raphael de Urbino, conhecidos vulgarmente pela denominação de *camaras* ou *galerias* de Raphael.

O auctor d'este emprehendimento acha-se em Lisboa. É o cavalheiro Brugnóli, artista romano, que veiu a Hespanha e Portugal recolher assignaturas para esta obra, e para outra com o titulo de *Historia da pintura desde o principio do seculo* XIII *até ao seculo* XVI, a qual comprehenderá 150 estampas de folio maximo, reproduzindo pelo buril os quadros dos grandes mestres que floreceram n'esses quatro seculos.

As galerias de Raphael compõem-se de 38 estampas, 35 das quaes terão 66 centimetros e meio de largura, e as tres que representam a *Disputação do Santo Sacramento*, a *Eschola de Athenas* e a *Batalha de Constantino*, 82 centimetros. Cada estampa é acompanhada do texto explicativo em italiano, francez e hespanhol, redigido pelo professor Cerroti, director da bibliotheca Corsini, em Roma.

Os desenhos são executados por Pasqualoni e outros artistas insignes.

As gravuras, feitas no estilo do seculo XVI, foram encarregadas aos melhores gravadores de Roma e de Allemanha. O cavalheiro Brugnóli preferiu o systema de Alberto Dureiro e Marcos Antonio ao que actualmente se usa, porque reproduz com mais fidelidade o original (segundo affirma pelo ter experimentado), e além d'isso é mais rapido e economico.

Se assim é, maior estimação deve ter esta obra.

As galerias de Raphael nunca se reproduziram na sua totalidade; é agora a primeira vez que se faz tão arrojada tentativa, para o que o sr. Brugnóli alcançou a necessaria concessão, possue já muitos desenhos concluidos, e tambem algumas gravuras.

Não tem rivaes os *frescos* de Raphael, do portentoso genio da pintura moderna. Divulgal-os é um impagavel serviço prestado ás artes, que todos os que as prezâmos devemos agradecer e auxiliar.

O nosso jornal, pela sua indole e pelo seu programma, não só festeja e propaga tão boa nova, mas recommenda a empreza do cavalheiro Brugnóli a todos os que a poderem proteger, tanto em Portugal como no Brasil, com as suas assignaturas, cujas condições se acham já publicas nos prospectos distribuidos ultimamente.

O representante do emprezario em Lisboa é o nosso collaborador e amigo, o sr. A. J. de Figueiredo, rua do Norte, n. 10, que já tem em seu poder, para mostrar, algumas estampas que hão de entrar nas collecções.

Muitos estabelecimentos publicos assignaram já para esta obra. Sua magestade el-rei tomou seis exemplares, e dignou-se acceitar uma dedicatoria, e el-rei D. Fernando egualmente.

As bellas-artes, posto que não tenham entre nós muitos amadores, sempre foram prezadas em Portugal, e a nossa progressiva civilisação ha de nos remir as culpas que temos n'este cartorio. SILVA TULLIO.

O FOGO

(Vid. pag. 219)

IX

DESENVOLVIMENTO DO FOGO POR MEIO DE ACÇÕES MECANICAS

Pretendem que foi por uma acção mecanica que o fogo se produziu artificialmente á superficie da terra; foi friccionando dois fragmentos de madeira um contra o outro que Prometheu conseguiu inflammal-os. É, com effeito, com o nome de *pramantha* que em diversas linguas do Oriente se designa o instrumento de que se servem os selvagens para accender o lume. Segundo alguns criticos, o nome de pramantha, ou prometheu, seria aquelle pelo qual se designava o homem encarregado de accender o fogo. Seja como for, o pramantha dos selvagens tem recebido não poucas modificações.

Que todas as acções mecanicas, a fricção, o choque, a compressão, etc., podem desenvolver calor, ou mesmo calor acompanhado de luz, todos o sabem. Assim, quando sentimos frio, é vulgar o esfregarmos as mãos para, por meio da fricção, desenvolvermos calor. O movimento rapido e prolongado das rodas de uma carruagem sobre o seu eixo, pela grande fricção que se desenvolve, produz muito calor, que ás vezes póde chegar a fazer apparecer faiscas.

Quando a bala lançada por uma grande boca de fogo com grande velocidade encontra um alvo muito resistente, por exemplo a couraça de um navio, o seu movimento é repentinamente suspenso, mas o calor desenvolvido é enorme, e vê-se brilhar um clarão. A força que animava a bala transformou-se em calorico e em luz.

Quando collocâmos um bocado de isca sobre a pederneira, e batemos sobre esta com o fusil de aço, o choque arranca particulas do aço, desenvolvendo-se tanto calor, que estas particulas se inflammam ardendo no ar, e as faiscas, caíndo sobre a isca, communicam-lhe o fogo. Era este o modo de obter lume antes da invenção dos *phosphoros*. Os palitos phosphoricos, vulgarmente denominados *phosphoros*, são uns palitos tendo na extremidade uma mistura formada principalmente de salitre, enxofre e phosphoro; pelo choque, ou fricção, o phosphoro inflamma-se e communica o fogo á mistura combustivel que, portanto, facilmente incendeia o pau. Quando em logar do pau se emprega a cera, não se mistura geralmente o enxofre. É este o meio hoje mais usado para artificialmente produzir o fogo; vê-se que a acção que primeiramente o desenvolve é uma acção mecanica, o choque ou fricção; e o que depois a continúa é uma acção chimica, a combustão.

Quando se comprimem os gazes ha grande desenvolvimento de calor; assim, tomando um cylindro de vidro bem espesso, fechado inferiormente, e munido de um pistão; comprimindo bruscamente o ar, o que se consegue fazendo descer rapidamente o pistão, desenvolve-se tanto calor, que, se collocarmos na parte inferior um bocado de isca, esta inflammar-se-ha, e produziremos assim o fogo por meio da compressão. Tem este pequeno apparelho o nome de *fusil de ar* (fig. 17).

Se no apparelho de que acabâmos de fallar introduzirmos um bocado de algodão embebido em sulphureto de carboneo, quando se comprime o ar fazendo descer bruscamente o pistão, obtem-se um vivo clarão.

Nas acções chimicas, como vimos, ha desenvolvimento de calor em geral, e muitas vezes desenvolvimento de calor e luz; mas as acções chimicas que se dão entre dois ou mais corpos, tendo logar em virtude das attracções exercidas pelas suas moleculas, é claro que de taes attracções resultarão choques que darão origem ao desenvolvimento de calor e luz; portanto, podêmos dizer que são sempre as acções mecanicas que dão logar á producção artificial do fogo; nas acções chimicas, como por exemplo na combustão, a acção mecanica do choque exerce-se, porém a distancias mais pequenas, como são as distancias a que se acham as moleculas dos corpos entre os quaes se produz a reacção chimica.

Fig. 17 — Fusil de ar

Os corpos solidos no estado de grande porosidade absorvem grande quantidade de gazes; assim, o carvão de buxo, por exemplo, absorve uma enorme porção de gaz amoniaco. Da attracção molecular entre os solidos e os gazes resultam necessariamente choques, e, portanto, desenvolvimento de calor, que muitas vezes póde ser acompanhado de luz; tal é o caso da esponja de platina, em que este metal se acha n'um estado de grande porosidade, e que tem a propriedade de absorver o gaz hydrogeneo com tal força, que se desenvolve muito calor e luz que o faz inflammar. Esta propriedade da esponja de platina foi utilisada n'um pequeno apparelho destinado a produzir lume prompto, denominado fusil ou lampada de hydrogeneo (fig. 18).

Fig. 18 — Lampada de hydrogeneo

A lampada de hydrogeneo consta de um vaso fechado (V) com uma campanula (C) aberta inferiormente, e dentro da qual se acha suspenso um pequeno cylindro de zinco (Q). Dentro do apparelho existe agua acidulada pelo acido sulphurico; este aci-

do, actuando sobre o zinco, faz desenvolver o gaz hydrogeneo, que vae para a parte superior da campanula, fazendo descer o liquido que n'ella se acha, de modo que o zinco deixa de mergulhar, parando, por consequencia, o desenvolvimento do gaz. Abrindo a torneira (R), para o que se carrega n'uma alavanca (r), o gaz sae pelo orificio (o), e é dirigido sobre uma esponja de platina mettida n'um supporte metallico (P): da absorpção do gaz pela platina resulta desenvolver-se fogo e inflammar-se o gaz; e como quando se apoia o dedo sobre a alavanca (r), esta, por meio de uns engrazamentos, faz chegar o pavio de uma pequena lampada ao jacto do gaz inflammado, o pavio accende-se.

Deixando de carregar com o dedo na alavanca (r), uma pequena mola faz voltar tudo á primitiva posição, ficando fechada a torneira.

Logo que o gaz hydrogeneo sae, o liquido sóbe dentro da campanula (C); e, molhando o zinco, de novo o acido sulphurico reage sobre este metal, desenvolvendo-se mais gaz hydrogeneo.

Deve haver cuidado em não deixar introduzir ar dentro da campanula, porque se á mistura de ar e hydrogeneo por acaso se communicasse a chamma, haveria uma explosão que faria rebentar o apparelho em estilhaços, com risco das pessoas que se achassem proximas.

X

ESPECTRO SOLAR

A luz e o calorico, quando marcham n'um meio homogeneo, propagam-se em linha recta; vê-se bem a direcção rectilinea dos feixes luminosos, deixando entrar n'uma casa escura os raios do sol apenas por um orificio feito na porta de uma janella; os raios de luz illuminam o pó que encontram no seu trajecto, e que se acha suspenso no ar, produzindo assim uns rastos luminosos em que se vê perfeitamente a direcção rectilinea.

A direcção rectilinea da propagação dos feixes luminosos e calorificos deixa, porém, de se conservar a mesma quando passam de um meio para outro de diversa densidade ou composição; assim, por exemplo, quando passam do ar para o vidro, ou do ar para a agua, etc., mudam de direcção; este desvio na propagação dos feixes luminosos ou calorificos chama-se *refracção*.

Os raios de luz branca do sol compõem-se de raios de diversas côres. Os raios de luz diversamente córados, quando passam de um para outro meio, soffrem differentes desvios; d'aqui resulta, portanto, a sua separação: é o que se chama *decomposição da luz*. O feixe calorifico solar tambem se compõe de raios calorificos de diversas qualidades.

Façamos passar um feixe mui delgado de luz branca do sol (S s) (fig. 19) através de um prisma de vidro (P) n'uma casa escura; os raios de diversas côres que compõem a luz branca, soffrendo diversos desvios, separam-se, e se os projectarmos sobre um alvo (M), obteremos uma imagem luminosa composta de sete côres principaes, na seguinte ordem: *encarnado, laranja, amarello, verde, azul, anil, roxo*.

D'estas côres, a que apresenta maior extensão é o roxo, e menor a côr de laranja. É esta imagem de sete côres que se chama *espectro solar*.

Se não interpozessemos o prisma na passagem do feixe luminoso, este seguiria a sua marcha rectilinea visivel pela illuminação da poeira que encontra no seu trajecto, e iria formar uma imagem luminosa branca na parede fronteira. O prisma produz, pois, os effeitos de refracção e decomposição da luz.

A natureza apresenta-nos frequentes vezes no arco-iris um bello espectro solar: o grande symbolo da reconciliação de Deus com o homem.

Sete arcos córados compoem este portico
Que, simples nos seus contornos, mas de um aspecto magico,
Parece aos filhos da terra uma porta dos ceos.

....

É o arco-iris produzido pela decomposição e reflexão da luz do sol nas gotas de agua que, por occasião das chuvas, se acham suspensas na atmosphera.

As diversas côres do espectro não tem todas as mesmas propriedades; assim, o maximo poder luminoso existe nos raios amarellos: a mais elevada temperatura no encarnado, e sobre tudo no espaço obscuro que fica além do encarnado, que é, por consequencia, composto de raios calorificos obscuros. É no roxo que existe o maior poder chimico: são os raios roxos que determinam a combinação dos gazes oxygeneo e hydrogeneo com explosão, a dos gazes chloro e hydrogeneo, o enegrecimento do chloreto de prata, etc. É pela acção d'estes raios roxos que principalmente se impressionam as placas revestidas de chloreto ou de iodureto de prata no daguerreotypo e photographia; mas, além dos raios roxos do espectro, ainda ha outros raios invisiveis, que tambem possuem grande poder chimico.

Fig. 19 — Decomposição da luz do sol por meio de um prisma

O espectro apresenta em toda a sua extensão um grande numero de raias ou linhas escuras; observam-se bem recebendo n'uma casa escura um feixe de luz do sol por uma fenda muito estreita, e olhando para esta fenda por um prisma a 3 ou 4 metros de distancia, collocando as arestas do prisma parallelas á fenda.

As raias principaes, conhecidas com o nome de raias de Fraünhofer, por ser este constructor quem pela primeira vez as observou e estudou em 1815, em Munich, são designadas pelas letras *A a B C D E b F G H*: achando-se *A* no extremo encarnado, *a* a um lado, *B* no meio, *C* entre o encarnado e laranja, *D* na côr de laranja, *E* no verde, *F* no azul, *G* no anil, *H* no roxo, *b* no verde perto do azul.

Vêem-se bem as raias do espectro solar fazendo atravessar o feixe de luz do sol por uma lente convergente de vidro (L) antes de atravessar o prisma, e projectando o espectro n'um alvo. Reunindo os raios das sete côres do espectro solar, fórma-se a luz branca.

Para ver como a reunião das impressões das sete côres do espectro produz a luz branca, pintam-se n'um circulo de cartão as sete côres, indo do centro á circumferencia, formando uns quatro ou cinco espectros; dando um rapido movimento de rotação a este eixo por meio de umas rodas e uma manivella, os nossos olhos recebem quasi simultaneamente as impressões das sete côres, cuja reunião fórma o branco; de modo que, se estão bem pintadas, vê-se durante o movimento o disco branco.

As sete côres do espectro dizem-se *côres simples*, porque, fazendo passar os raios córados através de um prisma, a côr da luz fica a mesma.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

Grande portal da egreja de Nossa Senhora de Belem

EGREJA DE NOSSA SENHORA DE BELEM

Ainda ha pouco, o estrangeiro que demandava Lisboa era forçado a ler logo ás portas da capital o cartaz que denunciava a nossa barbaridade em materias de arte, e que nos declarava indignos d'esse glorioso passado, que moveu invejas a todas as nações do globo. Ainda ha pouco, nenhum escriptor nacional poderia fallar do edificio de Santa Maria de Belem, sem que viesse afoguear-lhe as faces um justo assomo de indignação, vendo tantas e taes affrontas cuspidas na fronte veneranda do monumento erigido em memoria de um feito celebre na historia dos povos civilisados, em commemoração do descobrimento da carreira da India.

Hoje, felizmente, graças á patriotica iniciativa de um homem distincto pelo talento e pela perseverança de seu esforço, nem os estranhos nos acoimarão de barbaros ao entrar no Tejo, nem os nacionaes se envergonharão, apontando-lhes para aquelle monumento artistico, onde estão symbolisadas todas as glorias de Portugal no reinado de D. Manuel, o *Venturoso*.

O mosteiro de Santa Maria de Belem, que a architectura gothica, nos seus devaneios caprichosos, tão singularmente adornou; e que os monges, no seu desprezo da arte, e depois d'elles os homens que lhes succederam na administração do edificio, alteraram, obstruiram e emplastraram com ridiculos remendos e miseraveis accrescentamentos; esse typo formoso da alliança de diversos estilos architectonicos, acha-se, finalmente, em via de restauração completa, e dirigida com acerto e intelligencia.

Cabe ao digno par do reino, o sr. José Maria Eugenio de Almeida, na sua qualidade de provedor da Casa Pia, o titulo honroso de restaurador do monumento manuelino.

Desafogados d'esta expansão de alegria, depois de tantas lastimas nossas, vendo afinal attendido o que sempre reputámos uma verdadeira exigencia do decoro nacional, uma imperiosa prescripção do logar que pretendemos occupar entre as nações cultas; descarregados d'este tributo de gratidão a quem assim nos vae livrando d'aquelle antigo desdoiro publico, consagraremos algumas palavras ao magnifico portal que nos suggeriu estas considerações, e se vê representado na gravura da primeira pagina.

Como os nossos leitores sabem, pelo que dissemos a paginas 35 do vol. VII, não é esta a porta principal do sumptuoso templo de Santa Maria de Belem. Todavia, é a que o architecto mais enriqueceu e aformoseou. Está voltada para o sul, e abre-se em meio da parede do corpo da egreja, do lado da epistola.

É formado este portal por um grande arco de volta inteira mui alto e largo, e curiosamente lavrado com miudeza de lavores. Dentro d'elle formam-se dois arcos de ponto subido, ou ogivaes, adornados com cinco estatuas, e dois quadros de baixo relêvo, além de outros variados lavores. É n'estes dois arcos que estão as portas do templo. No pilar que as divide, servindo de apoio aos dois arcos, avulta a estatua do infante D. Henrique, duque de Vizeu, illustre iniciador dos descobrimentos dos portuguezes. A estatua é mais pequena que o natural; está collocada sobre uma columna que se encosta ao pilar, e faz-lhe docel um baldaquino rendilhado. O principe está vestido de arnez, grevas e cotas de armas, apoiando a mão direita na espada.

Os arcos onde se abrem as duas portas, são de volta achatada, e muito mais baixa que a ogiva dos arcos superiores, sendo occupados os espaços intermedios pelos dois quadros acima referidos, cujas figuras em meio relêvo representam factos do novo testamento.

As quatro estatuas que se vêem aos lados das portas, e mais oito que adornam os dois botaréos que se erguem de um e outro lado do grande arco do portal, representam os doze apostolos. Todas estão no mesmo nivel, e são do mesmo tamanho da do infante D. Henrique. Como se vê na d'este principe, servem-lhes de peanhas delgadas columnas com seus capiteis, tudo lavrado com diversidade de desenhos, tendo cada uma por cobertura seu baldaquino, todo vasado em delicadas rendas.

Sobre o remate do arco principal do portico eleva-se magestosamente uma grande estatua da Virgem, com a invocação de Nossa Senhora dos Reis, ou de Belem, que é o orago do templo. Está desaffrontada a imagem, pois que lhe fica nas costas uma janella, formada por varios arcos de volta inteira, com graciosas esculpturas, abertos no grosso da parede. Decoram a janella duas estatuas pequenas, mettidas em nichos.

Sobre a janella levanta-se e resalta da parede um grande e formoso baldaquino, que faz docel á imagem de Nossa Senhora, rematando com a estatua do archanjo S. Miguel.

Os dois botaréos que acompanham o portal sobem a toda a altura da fachada, excedendo-a até, pois que as pyramides em que terminam elevam-se muito acima da renda de pedra que coroa o edificio. Posto que fossem construidos para robustecer aquella fachada, por tal arte os decorou o architecto, que mais parecem fabricados para ornamento da frontaria. Assim pois, além das estatuas dos apostolos, com mais obra de esculptura, que lhe adornam a parte inferior, são guarnecidos junto da janella de outras doze estatuas de santos, de vulto inteiro, collocadas em duas ordens, sobre peanhas de variado lavor e cobertas por brincados baldaquinos.

Aos lados do portal estão duas esbeltas frestas ou janellas, ornamentadas com muita diversidade de silvados e brutescos.

As estatuas, analysadas cada uma per si, carecem de correcção no desenho, e de primor na esculptura. Entretanto, consideradas no seu conjuncto, como decoração principal do portico, dão a este muita magestade, offerecendo á vista bello e grandioso effeito; ao qual accresce ainda o aspecto venerando que lhe provém da côr tostada da pedra pelo embate de tres seculos e meio.

A nossa gravura, copiada de uma photographia, foi tambem publicada nos jornaes francezes *Le Tour du Monde* e *Magasin Pittoresque*. Citando estas duas bellas publicações sentimos verdadeiro prazer, pois que vemos já os jornaes estrangeiros tratarem-nos com mais justiça, e occuparem-se de vez em quando, e dignamente, com os monumentos que nos fazem honra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

THERESINHA

(CONTO)

Manuel Garrido dos Calveiros era um provinciano abastado, que morava para as bandas da Ameixieira. Lembro-me de o ter conhecido quando ha dez annos estive por aquelles sitios. Era viuvo, e tinha um filho, rapaz affavel e até sympathico, de vinte e seis annos, pouco mais ou menos, cujo maior defeito era pensar que as *horas de preguiça* valiam mais que muitas horas lidadas na escripturação do livro mestre. Tirando isto, Pedro era o que se costuma chamar um bom rapaz.

Succedeu que para uma casa mystica á da familia Calveiros fôram passar o verão de 1855 a viuva e filha de um dos nossos militares, capitão que fôra de lanceiros, mas que por desgraça legára apenas, mor-

rendo, trezentos mil réis de divida e uma espada enferrujada. Quanto á divida, creio que a metteram no mesmo caixão do defuncto, como reconhecidamente cadaver; a espada, essa foi guardada devotamente,

«Como custodia em sacrario,
Como imagem sobre altar.»

Com o correr dos tempos, e algumas eventualidades de fortuna, a familia do capitão foi tomando o folego mais largo. Como vimos, no anno de 1855 tinha ido passar o verão para a Ameixieira.

Isto de visinhança no campo é a colhér de mel ao pé da mosca. Basta um momento para firmar a convivencia. Hoje observam-se, ámanhã indagam, depois comprimentam-se com um sorriso, no outro dia passeiam juntos, alargando os cóses á tagarellice, doença esta de que todos nós padecemos mais ou menos, desde Eva para cá.

Deu-se o caso com a familia Calveiros e a do capitão.

Pela fresca da tarde saía a viuva a passeiar com a filha, a menina Theresinha, e não tardava que o nosso Pedro lhes fosse na piugada, para andar, pouco depois, atrelado á respeitavel matrona, na mais seraphica de todas as semsaborias.

Theresa contava vinte e dois annos. Se não era bella, no sentido esthetico da palavra, tinha, comtudo, um não sei quê de attractivo, de fascinador, de indizivel encanto. Olhos negros e rasgados, cabellos fartos, boca risonha, a face com a suave pallidez do marmore, o seio tumido, cintura de vespa, mão pequena, e o mais bem torneado de todos os braços.

Eu dou por concluido o retrato; se ha porventura alguem que o tenha por imperfeito, procure em qualquer romance o que mais lhe convier, e tome-o como de Theresinha.

Os passeios repetidos, a affabilidade attenciosa do mancebo, os rumores que vogavam ácerca dos grandes haveres do pae, e, sobre tudo, aquella liberdade simples, ampla, liberdade livre, que os ares do campo ateiam, por assim dizer, em todos, tudo isto desvanecêra a monotonia insipida das palestras da tarde, dando-lhes uma certa alacridade jovial, uma certa animação distractiva, um certo desenfado gracioso — *humour*, diria no meu caso Thackeray.

A mãe de Theresinha é que ia perdendo pouco a pouco a sua realeza primitiva. As attenções de Pedro, as nimias delicadezas, os ditinhos, os sorrisos, tudo era então para a filha. Não que a respeitavel senhora tivesse nutrido a minima idéa affrontosa para as cinzas do capitão; mas, com certeza, feria-se na sua vaidade mulheril, e media toda a profundeza do abysmo que cincoenta invernos lhe haviam cavado em torno, ou, para me expressar em linguagem que se entenda, media a profundeza das rugas que os cincoenta annos lhe haviam cavado nas faces.

Oh! a vaidade feminil é a peior de todas as vaidades! A belleza é para a mulher o sonho doirado, a illusão ridente, o filho querido da sua imaginação. Extasiae-vos diante d'aquella senhora que passa; gabae-lhe a formosura, embora duvidosa; o olhar, embora trivial; o porte, embora desengraçado; chamae-lhe bella, em fim — ahi tendes o sorriso do anjo: censurae-lhe a menor incorrecção de perfil; notae-lhe a mais leve mácula na epiderme; achae-lhe o pé espalmado, a cabeça desairosa, o corpo sem elegancia; chamae-lhe feia; em todo o caso — ahi tendes a garra da panthera.

Páris e o monte Ida dão testimunho de sobra.

Ora isto que eu estabeleço como regra provada, e que as leitoras devem achar de uma intuição axiomatica, foi talvez, em parte, para Pedro dos Calveiros motivo de dissabores futuros.

Já por mais de uma vez, em conversação intima com a filha, a viuva tinha insistido nas inconveniencias do casamento com rapazes, embora filhos de homens abastados. Entrincheirava-se principalmente no proverbio «*quem conta com sapatos de defuncto...*» e despedia d'ahi as settas mais ervadas, settas que a boa da Theresinha percebia que iam direitas a Pedro.

Se a mãe fosse mulher de letras, dir-se-hia que tinha estudado as subtilezas da Frosine de Molière; mas, segundo nos consta, a bagagem litteraria da viuva reduzia-se a algumas paginas do *Lunario Perpetuo*.

— Tu pensas, dizia ella uma noite á filha, sorvendo voluptuosamente uma enorme pitada de meio-grosso, tu pensas que o teu namoro com Pedro ha de redundar em grande coisa? Bom futuro lhe não vejo eu, que tenho, por minha desgraça, experiencia d'estas coisas do mundo. Ainda se fosse o pae... esse sim, que é homem assente e de posses; mas o filho... boas barbas lhe déra maio!

Theresinha torcia-se contrariada, replicava, o dialogo assumia proporções gravissimas, palavras são como as cerejas; mas, no fim de tudo, a mãe interpunha a sua auctoridade, e a controversia finalisava de chofre.

No outro dia, quando era sol posto, saíam ambas ao passeio da tarifa; e Pedro, apesar da frieza sorumbatica que ia descobrindo na viuva, continuava a acompanhal-as como até alli, fazendo, como se costuma dizer, a vista grossa.

Uma vez, de relance, e com um tom de voz mysterioso, Theresinha disse ao mancebo que precisava fallar-lhe. A hora indicada era ás onze da noite; o sitio, a azinhaga para que dizia a janella do seu quarto.

Pedro sobresaltou-se. Boa coisa, de certo, não lhe adivinhava o coração.

Era a primeira vez que poderia fallar á sua amada áquella hora, n'aquelle logar e sem testimunhas. Outro qualquer estremeceria de felicidade; elle, porém, pensando na sequidão da viuva, e no modo singular com que a entrevista lhe fôra marcada, tremia... por quê, nem elle mesmo poderia dizel-o; tremia vagamente pelo seu amor e pelo seu futuro.

Ás onze horas em ponto Pedro estava na azinhaga. Minutos depois abria-se uma janella ao rez do chão, e uma voz trémula, mas sonorosa, balbuciava «Pedro.»

Era Theresinha.

Isto passava-se em agosto. A lua reinava esplendida, inundando de serena claridade toda a extensão dos campos; as arvores rumorejavam brandamente, a viração tepida e embalsamada suspirava, como um beijo, por entre as roseiras dos vallados. Ao longe sentia-se o ranger tetrico da nora; sobre os olmeiros visinhos o rouxinol soltava a espaços os seus trilos deliciosos.

A solidão povoava-se da poesia da noite.

— Pedro, meu Pedro, mal sabes a que vieste. Uma desgraça horrivel, oh! a maior de todas vae succeder-nos em breve. Não sei como t'o diga... não posso... mas tu bem vês como eu choro, Pedro.

— Mas, por Deus, conta-me, explica-me, o que houve?... tua mãe!...

— Sim, minha mãe quer que eu te deixe, que eu te esqueça para sempre, que eu...

— Por quê? Não sabe ella como eu te amo? Pensará acaso que este amor é um capricho, uma distracção de alguns dias? Oh! dize-lhe, dize-lhe tudo... eu lh'o direi, eu mesmo... hoje, sim, hoje; mas não me falles em deixar-te, que me espedaças o coração, filha.

A lua batia então de chapa sobre os dois amantes.

Tinham as mãos entrelaçadas, os peitos offegantes, e os olhares fitos, cravados, absortos em mutua contemplação, devorando-se um ao outro, perdidos n'aquelle abysmo de indefinito mysterio que se chama extase — o enlêvo de duas almas que sobem a Deus na mesma aspiração suprema.

Oh! quem poderia quebrar-lhes aquelle mystico arrebatamento? Quem viria precipital-os d'aquelle ceo aberto e radioso nas profundezas da realidade mundana e excruciante? Por que não morreram então? como pergunta Byron. Tinham vivido seculos n'aquelle momento; as horas por vir só lhes poderiam trazer desesperos e angustias.

Acalmado o transporte, Theresinha, com a voz cortada de soluços, disse finalmente ao mancebo:

— Ouve, Pedro; revelar-te-hei tudo; o segredo é impossivel. Teu pae... não estremeças, escuta; teu pae veiu hontem a nossa casa. Pasmei da visita, mas não me sobresaltei com ella. Estava tão longe de tudo! Pediu a minha mãe para lhe fallar confidencialmente; horas depois saiu. Ao despedir-se apertou-me muito e muito a mão, e olhou-me de modo que eu... senti córarem-se-me as faces, apesar d'elle ser teu pae. Não chores, Pedro; a Providencia não nos ha de desamparar. Hoje minha mãe disse-me: «Theresa, o sr. Calveiros veiu hontem pedir-me a tua mão. Admiras-te? Pensas talvez que deveria galantear-te como o filho? Enganas-te. Conhece-te, sympathisou comtigo, julga-te capaz de seres sua mulher, e veiu perguntar-me o que eu pensava. Nada mais natural; annui promptamente. Elle é um homem de bem, e de immensos teres; convem-te como nenhum outro.» Depois accrescentou: «Quanto a Pedro, não digo que seja mau rapaz; estou mesmo que possue grandes qualidades; mas por em quanto nada tem de seu, nada póde, e muito menos agora, que não deve esperar do pae consentimento nem protecção alguma. É preciso que ponhas termo a essas criancices.»

— E tu pensas...

— Eu penso em te amar sempre, meu Pedro; mas o que me afflige, o que me atormenta, é a idéa que teu pae, teu pae se ha de oppor a tudo, irritar-se comtigo, repellir-te... Não comprehendes, Pedro, o que ha de horroroso em tudo isto?

— Sim, comprehendo, balbuciou elle lentamente, como quem principiava a coordenar os pensamentos; sim, comprehendo. Acordei agora do lethargo horrivel, e sinto despenhar-me na voragem. É impossivel, diz-m'o a consciencia, é impossivel superar este obstaculo. Olha, Theresa, a lua que além se esconde por detraz d'aquellas montanhas é a imagem da minha existencia. Ha poucas horas brilhante, risonha, cheia de esplendores, cercada de uma auréola divina; agora triste, triste, perdendo-se na escuridão cerrada. Sabes tu o que ha de mais infernal no mundo? É a viuvez do coração. É tel-o sentido bater contra outro, viver dentro de outro; é tel-o costumado a esta união celeste, a este consorcio mysterioso; é tel-o deixado phantasiar o mais encantador de todos os futuros, para um dia lhe dizer: esquece-te ou morre. E o coração não se esquece, porque a saudade é o ultimo sentimento que expira em nós. Sim, Theresa; agora é que eu comprehendo o que ha de horroroso em tudo isto!

As lagrimas corriam em bagas pelas faces dos infelizes, os labios tremiam-lhes convulsamente, a respiração era oppressa, o estremecimento nervoso. Devia de ser medonha a lucta d'aquelles dois espiritos.

— Adeus, Theresa, murmurou finalmente Pedro, mas em voz tão sumida como a de um moribundo; adeus!

— Vaes-te?... mas dize, dize, o que deverei fazer?

— Dir-t'o-hei ámanhã; descança em mim.

Depois ouviu-se um longo e interminavel *adeus* cortado de suspiros, e em seguida os passos de Pedro, que atravessava a azinhaga.

O pobre moço achava-se, pois, na posição terribilissima de Cleanto: Arpagon enamorára-se de Marianna. O dia que se seguiu a este colloquio lamentoso foi para os dois amantes o mais cruel de todos os dias. Era necessario resolver de prompto alguma coisa. Como? Ahi batia a difficuldade.

Pela sua parte, Pedro pensava em confessar ao pae todo o seu amor, dissuadil-o do proposito de esposar Theresinha, mostrar-lhe o horror da existencia que o aguardava, se porventura tivesse de abandonar para sempre as suas esperanças futuras.

Mas como receberia o pae esta confidencia? Teria a abnegação precisa para sacrificar os seus desejos á felicidade de seu filho? Era por isto que Pedro vacillava. Conhecia demasiadamente aquelle caracter para o julgar capaz do minimo sacrificio. Oh! mas era horroroso, mil vezes horroroso o pensamento de que seu pae, elle mesmo, havia de dissipar, desfazer, annullar os sonhos queridos da sua imaginação. Se fosse outro, embora: — o sangue não se angustiaria com isso; mas o pae... como esta palavra lhe queimava os labios, como esta idéa lhe dilacerava o coração!

N'essa tarde, em vez de sair como costumava, Pedro ficou recolhido no seu quarto. Tinha-se, em fim, revestido de coragem; queria disputar a mão de Theresinha. A lucta era desegual; o pequenino David viase a braços com Goliath. Secundal-o-hia o esforço divino? Quem sabe!

Fluctuava-lhe no espirito um turbilhão de idéas; a momentos, a esperança levantava-se-lhe do intimo d'alma, os anjos povoavam-lhe de novo o universo que elle phantasiára; de lá sorria-lhe a bemaventurança. De repente evaporava-se-lhe tudo; abria-se-lhe ante os olhos um inferno de atribulações malditas. O futuro, com todo o seu lugubre cortejo de angustias e de saudades, erguia-se de pé, phantastico e terrivel, desenrolando o seu enorme sudario. Theresinha reclinava a fronte no hombro de seu pae, elle afagava-a, depunha-lhe um beijo na face; depois... depois, uma nuvem de sangue toldava os olhos do desgraçado, e elle não via, oh! não podia ver mais nada!

Passou assim duas horas; ao cabo d'ellas levantou-se e dirigiu-se ao aposento de seu pae.

Ia livido; os olhos, torvos e desgarrados, espraiavam-se-lhe vagamente em roda, como os de um louco; os cabellos ondeavam-lhe em desalinho; o passo era incerto, a respiração alterosa; sentiam-se-lhe os latejos do coração. Que admira? Tinha-lhe bastado um momento para devorar tudo o que ha de amargo na existencia, e para afogar o intimo peito nas lagrimas silenciosas do desalento. Que mais lhe poderia travar ainda nos labios? Caminhou. A coragem vinha-lhe da desgraça; os infelizes não temem.

(Continua) E. A. Vidal.

BANHOS DAS TAIPAS

O nosso paiz, graças á Providencia, está finalmente entrado em via de progresso. Podêmos responder triumphantemente aos mais incredulos pessimistas, apontando para importantissimos melhoramentos feitos n'estes ultimos doze annos, e taes que promettem com segurança, em proximo futuro, uma transformação completa e feliz em todas as condições da nossa vida social.

Todavia, ainda ha ramos do serviço publico que revelam o triste estado de incuria e desleixo a que nos levaram uma longa cadeia de infortunios, e as consequencias inevitaveis das luctas da liberdade. Os banhos thermaes que se vêem por todo o reino, exceptuando apenas os das Caldas da Rainha, dão solemne testimunho não só do nosso atrazo, mas tambem, e ainda peior, da reluctancia com que vamos marchando no caminho trilhado pelas nações mais adiantadas.

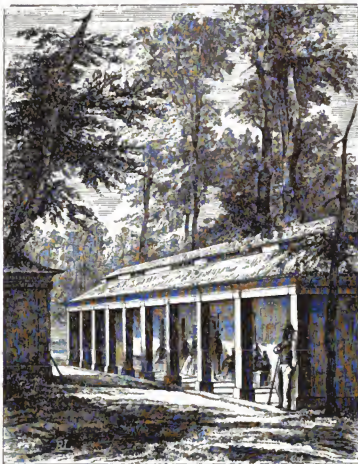
Hoje que em toda a Europa se cuida desveladamente do aproveitamento das aguas mineraes, erigindo-se n'esses logares esplendidos estabelecimentos, onde se encontra todo o genero de commodidades; hoje que se attendem e apreciam esses mananciaes como verdadeira

riqueza que é, não sómente pelo interesse da saude publica, mas tambem como elemento de prosperidade para as povoações que tem a fortuna de os possuir no seu seio, ou junto de seus muros; que idéa farão de nós os estrangeiros que visitarem ós banhos das caldas das Taipas, de Vizella, do Gerez e tantos outros com que a natureza prodigamente nos dotou?

É incrivel, realmente, que em um paiz, onde já se tem gastado tantos milhares de contos de réis em estradas e caminhos de ferro, estejam ainda perdidas e quasi inuteis tantas diversidades de fontes medicinaes, e em tal estado de abandono ou desalinho os proprios banhos thermaes que attrahem maior concurrencia.

Faz pena, e deve-nos causar vergonha, ver as excellentes caldas do Gerez quasi nas mesmas circunstancias em que a rainha D. Leonor encontrou, no seculo XV, indo de passagem, os banhos thermaes, que, depois de beneficiados por esta soberana, receberam o nome de Caldas da Rainha.

É uma lastima ver os banhos das caldas de Vizella, tão preciosos por se achar n'elles toda a variedade de temperatura desde a agua tepida até á quasi fervente, mettidos em pobres e estreitos casebres, espalhados no valle e no recosto do monte, sem especie alguma de commodidade para os enfermos, sem o necessario resguardo contra os rigores do tempo, e até sem o aceio indispensavel.

E que diremos das caldas das Taipas? O seu esta-

Edificio dos banhos das caldas das Taipas

belecimento de banhos é extremamente mesquinho, porém, se compararmos o edificio com o das caldas do Gerez e de Vizella, poderemos, em boa consciencia, dar-lhe o epitheto de sumptuoso.

Haverá um anno projectou-se a organisação de uma companhia para fundar em Vizella um estabelecimento de banhos, com todas as condições que a sciencia e os progressos da civilisação exigem; e como se isto fosse ainda pequena empreza, pertendia-se commetter á mesma companhia o encargo de transformar aquella modesta povoaçãozinha em uma esplendida estação de banhos, com bellos passeios ajardinados, com boas hospedarias e casas de divertimentos publicos, como se vê em França, na Allemanha, e em outras nações que marcham na vanguarda da civilisação.

Ninguem deixará, certamente, de applaudir a lembrança e de sympathisar com a idéa; porém o commettimento é tão grande, e o nosso estado ainda tão incapaz de corresponder aos sacrificios de similhante empreza com a recompensa que todo o esforço requer, que ficaremos sem o maximo melhoramento por impraticavel, ou muito difficil; e sem o beneficio exequivel por aspirarmos logo e unicamente á summa perfeição.

Pois devia-se fazer alguma coisa, embora modesta; e podia-se levar a cabo sem mui avultado dispendio. Se não haveria concurrencia para sustentar uma estação de banhos de primeira ordem, a que ha annualmente é de certo bastante para offerecer um lucro razoavel á companhia ou individuo que fundasse nas caldas de Vizella e das Taipas um estabelecimento de banhos, sem luxo, mas ricos de aceio e commodidades. A situação das duas caldas é de per si tão formosa, que pouco dinheiro e pouca arte são precisos para fazer verdadeiramente encantadores aquelles logares.

A aldeia de Santo Antonio das Taipas, ou Caldelas, nome por que tambem é conhecida, está situada entre Braga e Guimarães, junto ás margens do rio Ave. Edificada de um e outro lado da estrada que une aquellas duas cidades, acha-se por tal modo toldada pela cópa frondosa do arvoredo secular que assombra, não sómente a povoação, mas tambem as suas visinhanças, que está perfeitamente occulta debaixo d'aquelle manto

de verdura. Quem procurar descobril-a das eminencias que a dominam, nada mais vê que um bosque espesso de carvalhos e castanheiros, cobrindo planicies e collinas até vir espelhar-se nas purissimas aguas do Ave.

Este rio offerece os mais variados aspectos em todo o seu curso através da bella provincia do Minho. Ora se precipita de rocha em rocha, e entre volumosos penedos que lhe apertam a corrente e lhe debruam as margens ermas de arvoredo; ora corre mansamente em amplo álveo, á sombra de arvores annosas, e pelo meio de prados sempre verdejantes. Ao passar pelas caldas das Taipas banha a mais linda e amena paizagem que os olhos podem appetecer para enlêvo da alma. Fazem cercadura aos campos longas fileiras de carvalhos e castanheiros engrinaldados de vides. Orlam o rio não simples renques de arvores, mas sim densas florestas, que em alguns logares cruzam a ramagem com a do arvoredo d'além. Vestem-se as margens de tanta diversidade de plantas mimosas, que parecem formar um longo tapete, onde o artifice empenhou o seu talento, compondo um quadro bem combinado de todos os verdores que a natureza cria. Do meio d'esta rica vegetação sobresaem mui lindas especies de *lichens*, similhando velludo; *fetos* e outras plantas cryptogamicas recortadas como brincadas rendas; a *digitalis*, de porte garboso, folhagem pomposa, e bellas flores purpurinas; as *violetas* que, apesar de se esconderem modestas por entre as gramineas, denunciam-se pelo suave aroma de suas flores; o *lupulo*, a *hera*, diversos *convolvos* e outras muitas plantas trepadeiras, que se enlaçam com as arvores, pendendo-lhes dos ramos em graciosos festões até virem beijar a corrente fugitiva. É o Ave, enchendo todo o seu leito, até na estação calmosa, com tão grosso volume de agua, que consentiria grandes barcos se os açudes, de longe em longe, lhes não vedassem a passagem; o Ave, onde se retrata toda essa paizagem tão ridente, e de continuo animada pelas melodias de innumeraveis passaros multicores, que povoam aquelles bosques, pelas cantigas dos camponezes que cultivam os prados visinhos; o Ave tão pittoresco, tão poetico, tão formoso, ora corre placidamente e com magestade, como quem se ensoberbece da sua formosura; ora se debruça, saltando arrogante e espumoso sobre as muralhas dos açudes.

E no meio de todas essas bellezas naturaes ergue-se, obra dos homens, o pobre e mesquinho edificio dos banhos thermaes, tal qual se vê em a nossa gravura, copiada de uma photographia!

I. DE VILHENA BARBOSA.

CANDIDO LUSITANO

(PADRE FRANCISCO JOSÉ FREIRE)

(Vid. pag. 211)

III

Determinado a refugiar-se no encerro do claustro, como em porto seguro contra as alternativas mais ou menos tempestuosas da vida mundana, Freire escolheu de preferencia para seu abrigo a congregação do Oratorio de S. Filippe Nery, por mais conforme á sua indole e habitos estudiosos.

Entre tantos e tão variados institutos religiosos que em Portugal existiam, admittidos e nacionalisados em diversos tempos pela piedade de nossos antepassados, aquella corporação tornára-se duplamente respeitavel pela gravidade e compostura de seus membros, e por sua fervorosa applicação ás sciencias e letras. Regular até certo ponto, estava, comtudo, mui longe de dizer-se monastica na verdadeira e rigorosa accepção do termo; pois que nem requeria votos solemnes, nem impunha obrigações perpetuas. Era livre pelos estatutos aos que n'ella entravam despedir-se a todo o momento, para voltarem á classe de sacerdotes seculares, quando assim lhes aprazia. Não haviam mister para isso outra formalidade que a de deixar pendurada no respectivo cubiculo (nome que davam aos seus aposentos) a roupeta que os distinguia dos simples clerigos. Transplantada para Lisboa em 1668 pelas efficazes diligencias do virtuoso açoriano padre Bartholomeu do Quental, estendendo-se depois ao Porto, Braga e a outras terras do reino, onde chegou a contar sete casas, a congregação do Oratorio veiu a ser em 1834 envolvida na proscripção geral das ordens religiosas, deixando de si illustre memoria, e nos trabalhos de seus benemeritos filhos materia para honrosa commemoração em diversos capitulos, aos que se propozerem escrever a nossa historia litteraria.

Vestindo, pois, a roupeta dos congregados em 23 de janeiro de 1752 (data verificada por documento authentico que temos presente), Freire largou o seu appellido de familia para ser d'ahi em diante conhecido e tratado simplesmente pelo nome de padre Francisco José. Como demonstração de humildade, consignada em regra inalteravel nos estatutos, e a exemplo de outras corporações religiosas, a congregação não consentia que seus filhos ajuntassem ao nome proprio do baptismo mais que um só sobrenome ou appellido.

Entrára elle por este tempo no seu trigesimo terceiro anno. De qualquer natureza ou gravidade que fossem os dissabores ou desgostos, que parece haverem incitado a sua vocação claustral, afigura-se-nos que passára ao novo estado resoluto a pôr termo a qualquer publicação litteraria; não querendo sequer dar á luz o *Mundano enganado e desenganado*, que como preludio de sua mudança de vida e entrada na congregação escrevêra em 1751 em dois volumes, e cujo original se conserva ainda agora inédito na bibliotheca eborense. E esse propositò, se o foi, subsistiu n'elle por cinco ou seis annos, durante os quaes não imprimiu coisa alguma; com quanto seja custoso de crer que a provada actividade do seu espirito se conservasse ociosa em tão largo periodo.

Organisava-se entretanto no anno de 1756, pelos esforços reunidos de Antonio Diniz da Cruz, Manuel Nicolau Esteves Negrão e Theotonio Gomes de Carvalho (mancebos estudiosos, que de pouco tempo tinham terminado em Coimbra o curso juridico), a celebre associação litteraria que, sob a denominação de *Arcadia Ulyssiponense*, tanto e tão poderosamente concorreu para a restauração das boas-letras em Portugal, abrangendo não só a reforma da poesia portugueza, mas tambem a da eloquencia e da linguagem patria [1]. Por convite e escolha dos fundadores, a ella se aggregaram successivamente (approvados em escrutinio secreto e por votação unanime), *se não todos*, a melhor parte dos bons engenhos que então floreciam na corte [2].

Foi-nos impossivel averiguar se haveria da parte dos fundadores para com o padre Francisco José relações anticipadas de amizade ou trato pessoal, que determinassem a sua admissão; ou se esta proveiu simplesmente do bom credito e reputação que lhe teriam grangeado suas producções anteriores. O que

[1] Veja-se a *Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa*, por F. M. Trigoso, inserta nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, t. VI, p. II, pag. 57 e seguintes. Os estatutos d'esta sociedade (elaborados por Diniz, e publicados na sua integra ao cabo de sessenta e quatro annos) podem ler-se no *Jornal de Coimbra*, n. LXXXVIII, p. II, de pag. 131 a 146, comprehendendo um proemio e vinte capitulos. Datam elles de 23 de setembro de 1756, posto que a Arcadia só viesse a constituir-se definitivamente, celebrando a sua primeira conferencia publica, em 19 de julho do anno seguinte.

[2] O commentario a este passo seria longo, e por agora alheio do nosso intento. Cabe-lhe mais proprio logar em um estudo historico-litterario de maior folego, que emprehendemos acerca do insigne Francisco Manuel do Nascimento, superior no conceito dos entendidos a todos os poetas seus contemporaneos; trabalho que ainda virá á luz, se as circumstancias nos permittirem tiral-o um dia dos borrões em que se acha.

não padece dúvida é que elle, Garção e Quita foram dos primeiros a serem inscriptos no catalogo dos socios, e que a sua entrada trouxe á Arcadia um collega illustrado e laborioso, não menos que um amigo sincero e prestadio. O nome de «Candido Lusitano», com que saíram d'ahi em diante rubricados todos os seus escriptos, e que tão bem quadrava á candura de sua alma e á singeleza da sua indole, não fôra, porém, tomado no baptismo poetico da Arcadia, como a vulgar opinião irreflectidamente suppõe: com esse pseudonymo havia elle já publicado annos antes (no de 1751) o opusculo que dera á luz sob o titulo de *Illustração critica á Carta de um Philologo de Hespanha*, em que levára sua modestia e sinceridade ao ponto de censurar em si proprio as agudezas, e outras puerilidades e brincos do estilo, com que, em annos precoces, uma ou outra vez nos seus escriptos pagára tributo ao gosto estragado do tempo.

Empenhando-se devéras em que os trabalhos da Arcadia correspondessem dignamente ao programma da sua creação, Freire tomou n'elles parte constante e activissima, dedicando-lhes todo o cabedal e forças da propria intelligencia. As vicissitudes por que passou aquella associação, produzidas, além de outras causas, pelo espirito de rivalidade e pelas divergencias que para logo se manifestaram entre alguns socios, não foram capazes de abalar a perseverança de Freire, nem obstaram a que o seu caracter deixasse de ser de todos bemquisto, e geralmente respeitado. O proprio Garção, que alguns taxavam de espirito caustico e critico caprichoso, sempre disposto para a censura, e prompto a excogitar defeitos nas composições alheias, conservou inalteravelmente para com elle os sentimentos da mais firme e sympathica amizade. O mesmo se póde dizer de Quita, Figueiredo, Pedegache e outros, que em suas obras nos deixaram claro testimunho da estimação em que o tinham.

Com razão duvidar-se-hia, ou talvez parecêra incrivel, se não estivessem patentes as provas, e ao alcance de todos, que o periodo de dezeseis annos que Freire sobreviveu á inauguração da Arcadia, fosse sufficiente para a concepção, elaboração e aperfeiçoamento de tal multiplicidade de escriptos, como os que n'este intervallo saíram de sua fecunda penna. Não querendo tornar este artigo mais prolixo com a enumeração de todos, contentar-nos-hemos de fazer a indicação ou resenha succinta sequer dos mais notaveis.

Para melhor fundamentar e corroborar as doutrinas que expendêra na sua *Arte poetica*, traduziu e deu á luz em 1758 a epistola de Horacio, que corre com aquelle titulo, acompanhada de amplissimas illustrações e eruditos commentarios.

Alguns criticos modernos accusam esta versão de prosaica e despida da vivacidade, brilho e mais qualidades que caracterisam o estilo do Venusino; porém esses mesmos concordam em que as annotações e commentarios são ainda hoje instructivos e dignos de se lerem [1].

No mesmo anno publicava tambem a *Vida do infante D. Henrique*, recommendavel pelo estilo, e que logrou por muitos annos credito e acceitação, não só entre os nacionaes, mas entre os estrangeiros; do que é prova haver sido traduzida na lingua franceza, e impressa em 1781. É certo que ultimamente perdeu muito da sua antiga importancia, depois que se descobriu e publicou a *Chronica da conquista de Guiné*, por Azurara, que o padre Freire mostra não ter conhecido.

Não devem ficar em esquecimento as *Maximas sobre a Arte Oratoria*, impressas em 1759, o *Diccionario Poetico*, que viu a luz em 1765, e obteve duas reimpressões (1794 e 1820); a traducção da *Athalia*, de Racine, dada pela primeira vez em 1762, tambem reimpressa em 1783, e não sabemos se ainda posteriormente; e o *Mentor de Philandro* e *Arte Historica*, publicados posthumos em Coimbra em 1826, cujo original autographo, no estado de correcção e aperfeiçoamento a que o levaram os ultimos cuidados do auctor, conservâmos em nosso poder. Finalmente, as *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, que, permanecendo inéditas por mais de setenta annos, vieram a publicar-se no de 1842, a expensas da sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, e já correm em segunda edição.

[1] Não será inutil observar, que das nove traducções em verso e tres em prosa, que possuimos impressas da epistola horaciana (sem contar as manuscriptas, e os antigos commentos, ou *Paes-velhos*), a de Candido foi a primeira que appareceu em portuguez.

Até aqui as obras impressas. Digâmos agora alguma coisa com respeito ás que ainda não lograram o beneficio do prelo.

Freire esmerou-se quanto póde em traduzir e interpretar os mais insignes poetas, tanto antigos como modernos, conscio de que fazia em divulgal-os bom serviço aos seus contemporaneos. Assentava firmemente que, embebidos na doutrina e estilo de taes mestres, poderiam com maior facilidade soltar os vôos á propria imaginação, tendo sempre em vista tão bons exemplares.

D'aqui resultaram as versões completas que emprehendeu e concluiu da *Eneida* e mais obras de Virgilio, e das *Satyras* e *Epistolas* de Horacio; das *Metamorphoses* e dos livros do *Ponto* e *Tristes* de Ovidio; do *Parto da Virgem* de Sannazaro; da *Merope* de Maffei; dos *Edipos* de Sophocles e Seneca; da *Medéa*, *Hecuba*, *Phenicias*, *Hercules furioso e Iphigenia* de Euripedes; e as *Paraphrases dos canticos e psalmos da Sagrada Escriptura*; quasi todas precedidas ou acompanhadas de eruditas dissertações e notas instructivas, destinadas ao esclarecimento dos textos nos pontos difficultosos, e a chamar a attenção dos leitores, quer para as bellezas que lhes cumpre imitar, quer para os defeitos de que convém fugir.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O FOGO

(Vid. pag. 239)

XI

ESPECTROS DAS LUZES ARTIFICIAES

As luzes artificiaes tambem apresentam espectros quando, por exemplo, passam através de um prisma de vidro; as côres dos espectros das luzes artificiaes não differem das do espectro solar, e acham-se na mesma ordem; mas em geral faltam algumas, e a sua intensidade relativa tambem geralmente é diversa.

A côr que predomina na chamma de uma luz artificial é geralmente tambem a que predomina no espectro; assim, as chammas verdes, encarnadas, roxas, etc., apresentam pela decomposição, passando através de prismas de vidro, espectros cuja côr dominante é o verde, o encarnado, o roxo, etc.

As chammas das luzes artificiaes não mostram raias obscuras nos seus espectros. A luz electrica, em logar de raias obscuras, apresenta no seu espectro um grande numero de raias muito brilhantes.

Quando nas chammas das luzes artificiaes existem vapores metallicos, ainda que seja em quantidade muito diminuta, os espectros apresentam raias de diversas côres que dependem da natureza do metal interposto. Assim, a presença de uma minima porção de sodio na chamma da lampada de Bunsen, de que já fallámos a pag. 168, faz apparecer no espectro uma raia amarella muito brilhante no logar da raia *D* de Fraünhofer.

O potassio dá no espectro da chamma uma raia

brilhante no extremo encarnado, e outra no extremo roxo.

O ferro dá mais de 60 raias brilhantes correspondentes ás raias obscuras do espectro solar.

O calcio dá uma bella raia verde acompanhada de outras mais fracas no amarello e laranja.

O cæsio, metal recentemente descoberto, dá duas bellas raias azues.

O rubidio dá duas raias encarnadas.

O thallio dá uma bella e unica raia verde.

O indio dá uma raia côr de anil.

A quantidade de metal necessaria para produzir as raias caracteristicas nos espectros das chammas é, na realidade, pequenissima; assim, a terça parte de uma millionesima de um milligramma de sodio, é sufficiente para fazer apparecer a raia amarella caracteristica no espectro da chamma de uma luz artificial. Esta extrema sensibilidade do espectro das chammas para a acção do sodio, explica como esta substancia sempre se nos revela em toda a parte. A grande quantidade de chloreto de sodio, o sal commum das nossas cozinhas, que se acha nas aguas dos mares, dá origem a pequenas particulas levadas pelas correntes de ar que varrem o Oceano, e que, imperceptiveis ás reacções da chimica, revelam, porém, a sua presença nas chammas pela raia amarella dos seus espectros. A presença d'estas dóses infinitesimas é ainda revelada pelos raios do sol.

Isto nos faz lembrar a balada allemã, que conta a historia de um assassino, a quem a sua victima prediz que o sol revelará o crime:

Die Sonne bringt es an den Tag!

O sodio está de tal modo espalhado na atmosphera, que basta sacudir, por exemplo, um livro coberto de pó n'algum canto de uma bibliotheca, a uma certa distancia de uma chamma de gaz, para ver brilhar a raia amarella caracteristica.

É sobre a importante propriedade que possuem os metaes de darem raias caracteristicas nos espectros das chammas que se funda a *analyse espectral*, permittindo descobrir a presença dos corpos nas mais infimas proporções que nenhuma analyse chimica podia revelar. Foram os celebres chimicos de Heidelberg, Bunsen e Kirchoff, que fizeram conhecer esta importante applicação. O instrumento que serve para fazer estas observações tem o nome de *espectroscopo*.

São já quatro os metaes descobertos por este methodo: o cæsio, o rubidio, o thallio e o indio.

Com a luz electrica podem-se observar muito bem as raias caracteristicas que dão os metaes ao espectro; para isso, no carvão inferior (que deve ter a fórma de um cóne ôco) colloca-se um fragmento de metal; aproximando-se o carvão superior, suppostos os carvões em communicação com os electrodos da pilha, a corrente electrica faz volatilisar o metal; e fazendo atravessar a luz por uma lente convergente de vidro, e depois por um prisma, obteremos um espectro que, sendo projectado sobre um alvo, nos mostrará as raias caracteristicas do metal empregado.

XII

O CALORICO E A LUZ SÃO MOVIMENTOS

> *Brilhante o astro do dia,*
> *Seguia o curso ardente,*
> *Jorrando nas encostas*
> *A luz como em torrente,*
> *Por ceo de anil vibrando*
> *Os raios inflammados!*
>
> Mendes Leal.

Amigo leitor, desculpae os termos scientificos de que sou obrigado a servir-me. Para facilmente obter leitores, e sobre tudo leitoras, deve um livro evitar cuidadosamente tudo o que respira ar scientifico: calculos, theorias, fórmulas e termos technicos. Não poderei abstrahir de todo este arsenal de sciencia; farei, porém, todas as diligencias por adoçar as suas asperezas.

Os introitos das sciencias em geral atemorisam a quem pela primeira vez tenta penetrar no seu seio; o que me faz lembrar os versos de Dante:

> *Ahi quanto a dir qual era è cosa dura*
> *Questa selva selvaggia e aspra e forte*
> *Che nel pensier rinnova la paura.*

O accesso das sciencias é povoado de termos selvagens e em apparencia intrataveis, como os espectros que estavam assentados ao longo da estrada que conduzia ao inferno o Dante e seu divino guia; mas com alguma resolução esta ala de phantasmagorias innocentes é facilmente atravessada, e o espirito começa a familiarisar-se, e a comprehender alguns dos mysterios que nos cercam e que poucos vêem; são como esphynges que é preciso interrogar para que fallem. Só certos espiritos privilegiados tem a faculdade de captivarem o publico alheio ás sciencias, e de o deleitarem instruindo; assim, aconselhâmos ao leitor que tiver tido a felicidade de ler o bello livro de John Tyndall, *The heat considered as a mode of motion*, de passar em claro este nosso §: se, porém, este caso se não tiver dado, e tiver a benevolencia de o ler, consideraremos ter attingido o nosso fim se tal leitura despertar o desejo de ler o livro do sabio professor inglez.

Dissemos como por meio das acções mecanicas se desenvolvia calor, e como as acções chimicas se podiam em rigor considerar tambem acções mecanicas. Nas fricções, na compressão, nos choques, em geral em todas as acções mecanicas, ha movimento; ora nós vemos que, quando este movimento é destruido, apparece calor; é o que, por exemplo, succede quando uma bala de artilheria bate com grande velocidade sobre a couraça de um navio; o movimento da bala é grandemente diminuido, mas a parte da couraça que recebeu o choque apresenta uma grande elevação de temperatura. Os aerolithes, ou massas de ferro que caem através da atmosphera, movem-se com uma velocidade enorme, de modo que a fricção que soffrem da parte do ar torna-os incandescentes, e ao mesmo tempo a sua velocidade diminue. Quando se bate com um martello sobre uma massa de chumbo, o movimento do martello é destruido, mas a massa de chumbo aquece. Em todos estes casos o movimento, ou o trabalho mecanico, é transformado em calor.

Reciprocamente, o calor quando desapparece transforma-se em trabalho mecanico; assim, quando um corpo solido se derrete, as suas moleculas afastam-se, e para as afastar, para produzir o trabalho correspondente, desapparece uma certa porção de calor, vulgarmente denominado *calor latente*. O mesmo succede quando um liquido se vaporisa. Eis uma experiencia curiosa que põe em evidencia a transformação do calor em trabalho: tome-se um vaso metallico de paredes fortes, fechado e munido de torneira, e de um thermometro; deite-se-lhe agua e aqueça-se a 150°; e depois abra-se a torneira; veremos sair um jacto de vapor, onde impunemente podêmos mergulhar a mão; em logar de nos queimarmos, sentiremos uma sensação de fresco. É isto devido a que o vapor, tendo a tensão de 5 ou 6 atmospheras, isto é, 5 ou 6 vezes superior á pressão do ar atmospherico, apenas em contacto com o ar livre, dilata-se, e as suas moleculas afastam-se; mas para produzir o trabalho d'esta dilatação é destruida uma porção de calor, por isso elle esfria.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

Hospital real de Santo Antonio, no Porto

Quando el-rei D. Manuel mandou abrir a rua das Flores já existia n'aquelle sitio uma antiga albergaria chamada de *Roque Amador*. Era o melhor hospital que então havia no Porto, excedendo a todos na dotação e na regularidade do serviço.

Passado meio seculo depois que se projectára a nova rua, pela frente d'aquella albergaria, veiu estabelecer-se a seu lado o mais pio de quantos estabelecimentos caridosos os homens tem creado. A confraria da misericordia, instituida no anno de 1499 na capella de Nossa Senhora da Encarnação, denominada vulgarmente da *Terra Solta*, na sé de Lisboa, por fr. Miguel de Contreiras, religioso trinitario, com approvação da rainha D. Leonor, viuva del-rei D. João II, e n'esse tempo regente do reino durante a ausencia del-rei D. Manuel, seu irmão, que tinha ido a Castella, foi, a mesma confraria, introduzida na cidade do Porto no anno de 1555, dando-se logo começo á fundação do seu rico templo.

Decorridos mais vinte e nove annos, fallecendo em Madrid D. Lopo de Almeida, portuense, deixou este fidalgo avultada quantia para se reconstruir e augmentar a albergaria de Roque Amador, e para lhe accrescentar os rendimentos, devendo receber depois o nome do testador.

Como não faltava dinheiro, concluiu-se a obra com brevidade, e o *hospital de D. Lopo* foi durante todo o seculo XVII e mais de metade do seculo XVIII, não só o primeiro hospital do Porto, mas tambem um modêlo de boa administração, para zelar a qual determinára o instituidor que viessem annualmente tomar-lhe contas dois irmãos das misericordias da cidade de Braga, e da villa, hoje cidade, de Guimarães.

Permaneceu por algum tempo este hospital com administração propria, até que foi annexado á santa casa da misericordia, que lhe ficava visinha. Não sabemos em que anno se verificou esta annexação.

Crescendo a cidade, e augmentando consideravelmente a sua população e a dos seus arrabaldes, o edificio do hospital de D. Lopo deixou de ter capacidade para accommodar os enfermos que affluiam cada vez em maior numero a pedir os soccorros da caridade. Por vezes se planeou a construcção de um novo edificio, mas todas as tentativas iam morrer de encontro ás difficuldades que lhe oppunham a escolha do terreno, e mais ainda a carencia de capitaes.

Porém todos estes obstaculos se venceram em 1769, mettendo hombros á empreza D. Antonio de Lencastre, que era provedor da misericordia, e a mesa que n'esse anno regia a irmandade.

Escolhido o sitio para a fundação do hospital na parte alta da cidade, por mais desafogado e saudavel, e por haver n'ella terrenos espaçosos livres de edificações, compraram-se pela quantia de 5:970$000 réis dois meios casaes chamados do *Robalo*, situados entre o *campo da Torre da Marca*, onde agora se acha o *palacio de cristal* e seus jardins, e o *campo da Cordoaria*, hoje denominado *campo dos Martyres da Liberdade*, e já n'aquelle tempo aformoseado com tres renques de arvores, plantadas em volta do mesmo campo em 1758.

Assim que se effeituou esta acquisição, enviou-se para Inglaterra a medida e planta do terreno, e encommendou-se ao architecto inglez Jonh Carr, então residente na cidade de York, o risco para o novo hospital.

Traçou aquelle distincto artista o edificio com tanta largueza e magnificencia, como se tratasse de desenhar um hospital geral para a cidade de Londres. E tão grande admiração causou o seu trabalho, que elrei Jorge III quiz vêl-o, e ficou tão maravilhado da sua grandeza, como do animo elevado dos fundadores.

Chegada á cidade do Porto a planta do edificio, tão agradados ficaram d'ella D. Antonio de Lencastre e a mesa da confraria, que não attentaram ou não esmoreceram ante as enormes despezas que deveria necessariamente fazer tão vasta construcção. O architecto recebeu, pois, quinhentas libras esterlinas de gratificação, e no dia 15 de julho de 1770 lançou-se a primeira pedra nos alicerces do novo hospital, com grande apparato e solemnidade.

Progrediram as obras com mais ou menos actividade até ao fim do seculo e primeiros annos do actual, parando pela invasão dos francezes. Depois receberam por vezes novo impulso, sendo o ultimo de moderna data, e devido ao sr. conselheiro Lopes Branco, que então exercia o cargo de provedor da misericordia, e á mesa da confraria.

Os accidentes do terreno obrigaram a fazer tão fundos alicerces e tão elevadas muralhas para base do edificio, que no anno de 1798 ainda as fachadas que hoje se vêem levantadas não passavam acima do envasamento.

Para se ajuizar da vastidão da obra projectada pelo architecto John Carr, vamos dar aos nossos leitores uma noticia succinta da planta geral do edificio.

Consta este de quatro fachadas exteriores, formando um grande quadrado. As frontarias principaes, voltadas para éste e oéste, devem ter de comprimento 172^m,26; e as duas lateraes, para o norte e sul, 177^m,54, sendo a circumferencia de todo o edificio 699^m,60.

No centro do edificio fica um grande pateo, guarnecido por quatro fachadas, compostas de elegantes arcadas, que sustentam galerias tambem abertas em esbeltos arcos. Pelos lados de éste e oéste medirá este pateo 133^m,55 de comprimento, e pelos lados do norte e sul 129^m,50.

É destinado o meio do pateo para assento de uma egreja, com a fórma quadrangular no exterior, e circular no interior, tendo cada uma das quatro faces externas de comprimento 28^m,85, e de altura até á cruz, remate do zimborio, 44^m,45. Deverá ser ornado o templo com 32 columnas de 4^m,80 de altura; de 4 estatuas de 4^m de altura, 3 portas, 24 janellas grandes e 48 menores, além das frestas no envasamento.

Todo o edificio do hospital deverá conter, em tres andares, 142 enfermarias, 159 salas e quartos, 56 escadas principaes, 28 estatuas de 4^m, 176 columnas, pela maior parte de 8^m,80 de altura, e 100 pyramides. As portas, janellas e frestas contar-se-hiam por alguns milhares.

Á vista d'esta abreviada descripção ninguem dirá que exaggerámos quando acima dissemos que o architecto julgára traçar um edificio para servir de hospital geral á cidade de Londres. D'este absurdo, em que são egualmente culpados o artista que concebeu um plano tão descommunal, sem attenção á cidade onde devia ser executado, e o provedor e mesa da misericordia que o approvaram, sem considerarem na superfluidade de uma fabrica tão vasta e colossal, e na exiguidade dos meios de que dispunham para a levar a cabo; d'este duplo absurdo resultou que, passados noventa e quatro annos depois do começo da obra, e apesar de terem dispendido n'ella alguns centos de contos de reis, o que se acha concluido ainda não completa a quarta parte da planta geral do edificio.

E não ficou só n'isto o mal. Ainda ha a lamentar um damno maior, porque diz respeito á hygiene. Da falta de acabamento das obras tambem resultou ficar pantanoso o terreno destinado para o pateo. Esta circunstancia tem affectado tanto a salubridade do hospital, não obstante a situação elevada em que está edificado, que tem sido, e é, este assumpto objecto de várias representações dos facultativos, e de sérias meditações das pessoas a quem compete procurar remedio a similhante mal.

A fachada principal do edificio olha para éste, e guarnece um angulo do *campo dos Martyres da Liberdade* e a *rua do Paço*, até á *praça do Duque de Beja*, feita ultimamente.

Compôr-se-ha esta fachada de cinco corpos; o do centro e os dois das extremidades resaltantes, e os dois intermedios d'estes mais recolhidos.

O corpo central tem dois andares, e forma-lhe o centro um vestibulo composto de uma arcada no pavimento baixo, e ornado de columnas no pavimento alto, faltando-lhe para estar completo o frontão e vasos, ou estatuas, que o devem coroar. Este vestibulo resae das paredes lateraes do mesmo corpo, como se vê na gravura que juntâmos.

Os dois corpos que se seguem aos lados do central são mais recolhidos, e constam de dois pavimentos, o terreo, que é decorado com uma arcada guarnecida de balaustrada, que, saíndo á frente dos corpos do edificio que resaltam para fóra, serve de varanda ao pavimento nobre. Compõe-se este de uma galeria de grandes janellas, que abrem sobre a dita varanda, tendo por coroa, sem mais andar, uma balaustrada, e no meio d'esta um frontão ornado de vasos. D'estes dois corpos está concluido o que fica ao sul do corpo central, e que se vê na gravura. Ao que se estende para a parte do norte, e foi edificado ha poucos annos, falta-lhe a arcada ou varanda.

O corpo da extremidade do sul d'esta fachada, que é o que mais avulta na gravura, consta a seu turno de tres corpos, os lateraes com dois pavimentos, e em cada um duas janellas, sendo guarnecido superiormente com balaustrada e vasos; e o do centro resaltando um pouco d'estes, e formando uma magnifico vestibulo. No pavimento terreo abrem-se tres arcos; é a entrada principal do hospital. Sobre os arcos levantam-se quatro columnas de ordem dorica, com balaustres nos intervallos, junto ás bases, deixando desaffrontada a parede interior, onde estão rasgadas tres grandes janellas no andar nobre, e tres mais pequenas em um terceiro pavimento. Dois vasos e a estatua colossal de Hypocrates, servem de remate a este sumptuoso vestibulo. Sóbe-se para o vestibulo por uma escadaria de pedra, construida em um terreirinho plantado de arvores. É n'esta parte do edificio que se acham estabelecidas a eschola medico-cirurgica e a botica, que é excellente.

O corpo que deve corresponder a este na extremidade do norte, apenas tem feito o alicerce e envasamento.

A frontaria do hospital para o lado do sul cae sobre a *rua do Hospital*.

A nossa gravura mostra uma pequena parte d'esta fachada, que tem tres andares, e deve ser formada de tres grandes corpos, dos quaes só está acabado um dos lateraes, e apenas começado o central, que resalta um pouco para fóra.

Da frontaria do lado do norte, que deve correr pela *praça do Duque de Beja*, unicamente está principiando o alicerce no angulo junto á frente principal. Da frente de oéste, que deveria deitar para a *rua da Liberdade*, nada está começado.

Contém este hospital 19 enfermarias; uma especial para estudo dos alumnos da eschola medico-cirurgica; outra para pessoas particulares; 5 para homens, intituladas: *Senhor dos Afflictos*, *S. João Baptista*, *Santo Antonio*, *S. Pedro*, e *S. José*; e 12 para mulheres, com as seguintes invocações: *Nossa Senhora da*

Saude, Nossa Senhora da Conceição, S. Braz, Nossa Senhora do Rozario, Nossa Senhora da Piedade, S. João de Deus, Senhor Jesus de Mattosinhos, Santo Antonio, Santa Catharina, Nossa Senhora do Pranto, S. Luiz, e ainda outra para partos.

Presentemente anda-se construindo uma enfermaria para alienados. Um bemfeitor deu para esta obra sete contos de réis.

O movimento do hospital no anno economico de 1863 a 1864 foi de 5:449 enfermos entrados, de 486 fallecidos, e de 4:928 que saíram curados.

Assistem aos doentes tres medicos e quatro cirurgiões, sendo dois d'estes internos. Para a administração dos soccorros espirituaes ha dois capellães que residem no hospital. Os mais empregados do estabelecimento fazem o numero de 63.

A despeza feita no referido anno foi 32:813$000 réis.

O hospital é administrado e custeado pela santa casa da misericordia, cuja receita foi no dito anno economico 55:816$552 réis, proveniente de rendas de propriedades, de foros, de juros de fundos publicos, nacionaes e brasileiros, de dividendos de acções de diversas companhias commerciaes e estabelecimentos monetarios, e de várias outras fontes. A misericordia tem a seu cargo, além d'aquelle, outros hospitaes menores, como são os dos lazaros, mudos, entrevados, velhas, etc., e recolhimentos de expostos e orphãs.

O hospital de Santo Antonio tem tido muitos bemfeitores que o tem contemplado em testamentos com importantes legados. Os principaes bemfeitores foram D. Lopo de Almeida, já mencionado, João Teixeira Guimarães e D. Antonia de Noronha Guedes Carvalho Leme Cernache. Para commemorar taes actos de caridade, mandou a confraria da misericordia modernamente esculpir em pedra os bustos d'estes tres bemfeitores, fazendo-os collocar entre as columnas que adornam o corpo central da fachada principal do edificio.

O logar, na verdade, não era bem escolhido, pois que os grandes pedestaes em que assentam os bustos obstruiam a varanda e prejudicavam a perspectiva do vestibulo. A actual mesa da confraria, reconhecendo este inconveniente, mandou transferir os bustos em agosto passado para a entrada do pateo, onde ao presente se acham.

Na sala da secretaria existem o retrato de D. Lopo de Almeida, e um busto de Joaquim José de Campos, bemfeitor fallecido ha pouco na cidade do Porto.

O hospital real de Santo Antonio tem tido ultimamente bastantes melhoramentos, sendo um dos mais modernos o estabelecimento de uma lavanderia por meio do vapor, como a que tem o hospital de S. José em Lisboa; e será o mais importante de todos a nova enfermaria de alienados, logo que estiver concluida.

Por occasião da abertura da exposição internacional, e da visita de suas magestades e altezas á cidade do Porto, fizeram-se no edificio do hospital, sobre tudo na fachada principal, várias obras de reparação e aformoseamento.

No terreno destinado para pateo geral do edificio tem a eschola medico-cirurgica um horto botanico.

Ácerca da origem da invocação d'este hospital, conta-se que, tratando os fundadores da escolha do santo a quem havia de ser dedicado, resolveram entregar a decisão á sorte; e que, levada a effeito esta lembrança, por tres vezes consecutivas saíu da urna o nome de Santo Antonio. Era o nome do provedor e principal iniciador d'esta fundação, que se chamava, como atraz fica dito, D. Antonio de Lencastre.

Ao favor do sr. Cherubim Lagoa, cartorario da misericordia do Porto, devemos uma boa parte dos esclarecimentos conteudos n'este artigo.

A nossa gravura é cópia de uma photographia da collecção do sr. Seabra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

AEROLITHOS

I

Minha senhora — De noite, quando acertâmos de contemplar a abobada celeste recamada de milhões de astros que scintillam na amplidão, vemos umas estrellas luminosas e brilhantes que surgem de repente, sulcam o firmamento com immensa velocidade, e desapparecem, em fim, sem deixarem vestigios.

Quantas vezes não terá v. exc. contemplado estas apparições fugazes e instantaneas, e não terá perguntado a si mesma a origem e a causa d'ellas? Quantas vezes, seguindo com os olhos impacientes aquelle sulco esplendido que vae sumir-se nas sombras do infinito, não se embrenhará v. exc. em profundo scismar, e, tentando alevantar a ponta do véo que encobre o mysterio, não dará largas á imaginação pelo mundo das hypotheses e da poesia?

O que serão esses rastos luminosos? Serão almas afflictas e angustiadas, que vem matar saudades da terra em que viveram? Serão espiritos luminosos? O que são? A poesia e a superstição fizeram aqui abundante colheita, aqui, onde a sciencia pouco sabe ainda, aqui, onde a ignorancia é quasi completa.

Bom é, porém, dizer o pouco que se conhece, e se v. exc., poetisa de alma, quizer proseguir no seu poetar, vasto campo se lhe depara agora, cheio de esplendores e mysterios. A immensidade ahi está, com todas as suas maravilhas, e o positivismo da sciencia pouco póde embaraçar os devaneios de uma imaginação exaltada.

II

É difficil classificar as pedras meteoricas, já periodicas, já sporadicas, que todas as noites, em maior ou menor numero, sulcam a atmosphera. Seguindo as idéas dos philosophos gregos, o nome generico d'estes meteoros seria — *aerolithos*.

Com effeito, Plutarcho, na vida de Lysandro, diz: «Julgam alguns philosophos que as estrellas cadentes não provém das particulas destacadas do ether, que viriam extinguir-se no ar, tanto que se inflammassem; tambem não nascem da combustão do ar, que se dissolve, em grande quantidade, nas regiões superiores; antes são corpos celestes *que caem*, isto é, que escapando-se de um certo modo á força de rotação geral, precipitam-se depois irregularmente, não só nas regiões habitadas, mas tambem no grande mar, e d'ahi vem que nunca mais são encontradas. [1]»

Dando, pois, o nome de aerolithos a todos estes meteoros congeneres, pódem elles divivir-se em: *bolides, estrellas cadentes* e *corpusculos cosmicos*.

Bolides são globos de fogo, que umas vezes cáem inteiros na terra, outras vezes se dividem no ar em muitos fragmentos, produzindo grande detonação, e formando uma nuvem ignea. As estrellas cadentes só differem dos bolides em terem um diametro muito pequeno. São pontos luminosos e incandescentes, que todas as noites cruzam a atmosphera. Chamam-se, em fim, corpusculos cosmicos todos os aerolithos forma-

[1] *Cosmos*, pag. 150. Segundo Humboldt, parece que Anaxagoras explicava, por um movimento giratorio do ether ambiente, a quéda do leão de Neméa, o qual, como reza a lenda, caíra da lua no Peloponeso. O leão de Neméa foi o precursor do celebre aerolitho da Jamaica, que, ha tres annos, fez andar a cabeça á roda a muita gente que se tem em conta de illustrada. O audaz mentiroso que levantou aquelle dislate dizia que na Jamaica tinha caído um aerolitho com uns restos organisados, os quaes demonstravam que houvera lá antigos habitantes com *duas cabeças*, sendo uma séde da sensibilidade, e a outra da vontade. Quando o habitante aerolithico quizesse sentir, voltava para cima a cabeça da sensibilidade, e se mais lhe appetecesse praticar um acto filho da vontade, era a outra cabeça que gozava do privilegio de se voltar *ad sidera*.

O absurdo era patente, e comtudo... *stultorum infinitus est numerus.*

dos de materia pulverulenta, e de consistencia mui fraca. Estes corpusculos como que formam umas nuvens fluctuantes no espaço, e, na opinião de alguns sabios, o ether-planetario não é senão uma poeira cosmica e ponderavel.

Taes são, minha senhora, as tres grandes divisões dos aerolithos. Não é esta a classificação rigorosa; mas pouco nos importam rigores escusados, quando a nossa ignorancia é tão profunda. E não julgue v. exc. que esta ignorancia provém do pouco numero das observações meteoricas. Como disse, Plutarcho falla dos aerolithos, e Diogenes de Apollonia cita uma estrella de pedra ardente que caiu nas cercanias de Ægos Potamos, por occasião do nascimento de Socrates.

Resa a Sagrada Escriptura de uma chuva de pedras que destruiu os inimigos do povo judaico, em Bethoron. Na Galacia era Cybeles adorada em fórma de uma pedra caída do ceo, e em Emesa, na Syria, egual culto era votado ao sol. Os romanos tinham em particular veneração o Ancilio, ou o sacro broquel que caiu dos ceos no reinado de Numa. Ainda hoje serve de admiração a pedra negra da Meca, e o celebre gladio de Antar foi feito com uma pedra negra e brilhante, arrojada por um raio.

Mas não dêmos grande credito a estas tradições maravilhosas, porque, como v. exc. sabe, nas edades primitivas, os homens desconheciam o uso dos metaes, e empregavam as pedras em todos os seus instrumentos [1]. Era mui natural que aos que mais se avantajavam, dessem os mais rudes as honras de communicarem com o ceo.

Na edade média, porém, e em tempos mais modernos, os aerolithos espalhavam o terror e o espanto nos animos supersticiosos, que viam n'aquelles meteoros as iras de Deus prestes a fulminar os homens com o seu olhar vingador.

Ao passo que a superstição abraçava a humanidade, e mal lhe permittia revolver-se no potro da ignorancia, ao qual o rebanho humano andava ligado pelo fanatismo, os homens superiores, scepticos por uma reacção necessaria e fatal, negavam a evidencia, e não acreditavam nas milagrosas chuvas de aerolithos.

Só em 1794 é que um physico allemão, Chladni, intentou demonstrar que caíam pedras do ceo, não como diziam as lendas populares, senão como a observação explicava.

Pois nem d'este modo se convenceram os principes da sciencia, e quando em 1803 caíu uma chuva de pedras na Normandia, foi necessario que Biot mostrasse *de visu* aos seus confrades da academia alguns aerolithos, e mesmo assim... nem todos largaram o velho scepticismo. Hoje é impossivel a dúvida; hoje que ninguem se aterra já ao contemplar as estrellas fugazes, essas lagrimas de fogo que se somem tão rapidamente; hoje riem-se todos da superstição popular, e do scepticismo da sciencia. São implacaveis as criticas da multidão, e assim como outr'ora seria apodado de ignorante por uns, e de hereje por outros, quem affirmasse ou negasse a existencias das *lagrimas de S. Lourenço*, assim tambem agora fôra acoimado de menos lido quem ousasse duvidar dos aerolithos. Bem certo é que ninguem foge ás idéas do seculo em que vive.

III

Fôra tentear o impossivel querer apresentar de um modo geral os caracteres e feições apparentes dos aerolithos, d'esses meteoros caprichosos, esphinges luminosas para as quaes a mecanica e a physica são por ora Édipos muito falliveis e enganosos.

Na gravura que acompanha esta carta póde v. exc. admirar um bolide esplendido, verdadeira maravilha celeste, que porventura algum amador de imagens extravagantes, poderá comparar ao *bouquet* final de um fogo de artificio queimado pelos anjos em honra de Jehovah. Foi avistado este bolide em Inglaterra, ha coisa de cinco ou seis annos. Sir J. Herschel, escrevendo ao sabio belga Quetelet, remata assim a sua carta:

«Os que viram o enorme globo de fogo atravessando o ceo com immensa velocidade, jámais esquecerão este meteoro admiravel. Vendo expandir-se por sobre as nossas cabeças aquelle rasto magnifico de luz, que, como um arco de oiro, cobria mais de metade da sombria abobada celeste, pensavamos naturalmente no espectaculo que os habitantes de Saturno devem contemplar avistando o annel que cinge o seu planeta. A cauda alargava-se muito junto ao extremo, e com ser mais transparente e compacta, eram os seus contornos menos delimitados.»

Será possivel calcular a velocidade dos bolides? Assim o demonstrou o sr. Heiss, director do observatorio de Munster.

Eram sete horas da tarde do dia 14 de março de 1863. Estava a atmosphera limpida e serena quando surgiu de repente no ceo um meteoro, similhante a uma estrella cadente; foi crescendo pouco a pouco até apresentar uma superficie apparente comparavel com a quarta parte da lua. O brilho do meteoro excedia o das estrellas visiveis. Depois de ter derramado em todo o horisonte vivissimo clarão, que era composto de todas as côres do prisma, o bolide sumiu-se com estrondo, deixando um grande sulco e espalhando faiscas chammeantes. Durou o phenomeno cinco minutos; a trajectoria era do norte ao sul, e inclinada obra de 22° sobre o horisonte, e o comprimento do trajecto, desde o ponto de inflammação até ao de explosão, situado a 26 kilometros acima do solo, orçava por 285 kilometros, o que dá uma volocidade de 63 kilometros por segundo.

Esta volocidade, superior á da terra na orbita, sendo combinada com a resistencia do ar, explica as circunstancias que acompanham o phenomeno.

«O calor dos meteorolithos, diz J. Herschel na sua *Astronomia*, quando caem no solo os phenomenos igneos que acompanham as apparições, a sua explosão quando penetram as camadas mais densas da atmosphera, tudo isto é facilmente explicado por meio das leis physicas, pela condensação do ar, em virtude da enorme velocidade do bolide, e pelas relações que existem entre o ar muito rarefeito e o calor.»

E, na verdade, mostra o calculo, a 18 kilometros de altura, em que a densidade do ar é dez vezes menor do que á superficie da terra, a pressão é tal, que póde quebrar uma pedra.

Acabarei este capitulo descrevendo um bolide que na noite de 14 de outubro foi observado pelo sr. Schmidt, director do observatorio de Athenas. O meteoro appareceu como uma estrella cadente, entre as constellações da Lebre e da Pomba. O seu esplendor offuscou logo o de Sirio, e a côr da luz era de um amarello pallido. O bolide atravessou Eridano, pelo occidente, esparzindo luz tão extraordinaria, que todas as estrellas se sumiram. Athenas, a campina e o mar, pareciam incendiados. Acropole e Parthenope, córados de um verde retinto, como que surgiam do ceo côr de oiro. O sr. Schmidt assestou então o telescopio, durantes muitos segundos, e viu dois bolides em vez de um. Ambos deixavam um nucleo luminoso, e arremessavam chispas coruscantes em redor. No momento da desapparição o meteoro tinha-se dividido em cinco fragmentos de um vermelho sombrio. O silencio era tumular, e nem o mais leve sopro de vento vinha agitar a atmosphera incendiada. Que espectaculo grandioso! Que decoração esplendida!

(Continua) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

[1] Ainda hoje se encontram machadinhas de pedra, com fórma de cunha, a que o povo chama ***pedras de raio***. Não ha muitos annos encontrou o respeitavel sabio portuguez o sr. M. M. Franzini, em uma excavação em Cintra, uma d'estas pedras, que guardou como reliquia.

THERESINHA

(Conclusão. Vid. pag. 242)

— Que tens, Pedro? — perguntou o velho com espanto apenas o viu entrar n'aquelle estado de agitação febril.

— Nada, meu pae; nada, ou talvez muito. Tenho o que tem as viboras quando lhes roubam os filhos; tenho o desespero da dor! Quero fallar e não posso quero contar-lhe tudo e não atino com palavras; mas bem deve ler n'estes olhos o que eu sinto, mas bem deve comprehender o que eu padeço.

— Mas tu... tu estás louco, Pedro! Dize, dize o que te succedeu!...

O mancebo contemplou o pae por momentos; havia o que quer que fosse de sinistro n'aquelle olhar glacial e pasmado. Depois sentou-se tranquillamente ao pé d'elle, pegou-lhe na mão com brandura, e começou a dizer-lhe com um tom de voz suave, suave, mas que causava medo:

— Oiça, meu pae. Ha uma mulher que eu amo, e que me paga com egual affecto. Ella tem vinte e dois annos — uma criança; eu vinte e seis — um homem cheio de energia e de vontade. Hontem disse-me que a queriam separar de mim para a juntar a outro. Chorâmos então muito, muito!... repare como estas faces ainda estão crestadas. E eu não posso deixal-a, porque preciso d'ella como da vida, e a minha vida é este amor. Esse outro homem ignora tudo; mas, se eu lh'o disser, deve estender-me a mão, deve dizer-me: «consola-te e espera»; deve-o, porque é meu pae.

— Pois tu, tu...

— Eu sou o amado de Theresinha, e venho pedir-lhe agora, aqui, de joelhos, por alma de minha mãe, que me não faça desgraçado.

— Oh! é impossivel!

— Impossivel?... Pois uma idéa frivola, um simples desejo, ha de esmagar um sentimento irresistivel e ardente?... pois...

Bolide

— Ha de, porque é meu esse desejo, e porque acima da loucura de um filho que ousa fazer-se adversario de seu pae ha a vontade d'este, que lhe diz: «não», e que o repulsa.

— Está então resolvido...

— A realisar o que penso. Acho até impropria esta scena; nem me passaria nunca pela idéa que te atrevesses...

— Perdão, meu pae!

Pedro levantou-se. O olhar quebrado e turvo contrastava-lhe horrivelmente com a vermelhidão das faces. Permaneceu por um momento inerte, absorto, immerso no abysmo enorme do desalento, n'essa triste contemplação do mal que lhe avultára subito. Por fim, arrancado ao torpor em que tinha caído, fitou os olhos no pae com um sorriso e partiu. O velho tornou á sua habitual impassibilidade.

Momentos depois Theresa recebia esta carta:

«Minha pobre Theresa: — Perdeu-se tudo; não tenhas mais esperança; esquece-te e sê feliz. Deus sabe o que eu soffro; tu tambem o has de saber, filha, porque medes a minha alma pela tua alma, a minha dor pela tua dor. Fallei agora a meu pae, contei-lhe tudo, pedi-lhe de joelhos que me não desgraçasse; indignou-me e repelliu-me de si. Que hei de fazer? Não sabes tu que nada posso?... Deveria sacrificar-te a esta paixão que me devora? fugir comtigo, partir... para onde?... Depois, o que seria de ti, anjo? o que seria de ti, minha Theresa? Não, não penses mais em similhante amor. Imagina que me viste em sonhos, que tudo é falso, tudo, até as lagrimas que chorámos! Eu vou partir. Quizera despedir-me de ti, dizer-te o ultimo adeus, pedir-te perdão do mal que involuntariamente te faço; mas não o póde nem o coração nem a consciencia. Adeus; faze por te esqueceres de mim, não chores, não te afflijas, não penses no que passou, não penses. Sabes tu o que me rala o coração?... é julgar que pódes ser desgraçada. Adeus. — *Pedro.*»

Quando a infeliz acabou de ler, os olhos enturvaram-se-lhe de subito, vacillou como ébria, encostou-se trémulamente a uma cadeira, os braços caíram-lhe inertes, inclinou a fronte sem accôrdo, até dar no chão como fulminada.

Meia hora depois começava a dar signaes de vida.

Tinham-n'a levado para o leito; a mãe velava á cabeceira, ministrando-lhe de vez em quando algumas colhéres de certa poção antispasmodica, que o medico lhe receitára.

Dois dias depois ainda estava tresvariada.

Nos seus delirios chamava em alta voz por Pedro, accusava a mãe, amaldiçoava o sr. Calveiros, bracejava como quem queria arredar de si alguma coisa, estorcia-se em convulsões violentas, até que, prostrada, caia em modorra.

O mal durou um mez; e no fim d'elle Theresa entrava em convalescença.

Em quanto isto havia succedido, Pedro tinha partido de casa. Deixára uma carta a seu pae, em que lhe dizia que embarcava para a America. Houve alguem que viu o velho enxugar então uma lagrima, mas o que ainda está em dúvida é se ella foi de alegria ou de saudade.

Oh! o coração da mulher! Como eu tinha vontade de fazer uma larga dissertação physiologica sobre este musculo singularissimo!... O coração da mulher... Que insondavel profundeza de mysterios! que ceo e que inferno!

Descobri a gravitação planetaria, inventae a polvora, estudae o fabrico das velas de parafina, fazei os phosphoros amorphos, rompei o isthmo de Suez, dirigi os aerostatos, apresentae o elixir de longa vida; muito bem. Dar-vos-hemos uma carta de conselho ou um diploma de academico. Sois benemeritos da humanidade. Mas comprehendei o coração da mulher, sondae-lhe todos os parceis, mostrae-nos todos os sorvedouros, explicae-nos todas as tempestades, dizei-nos por que hoje brame implacavel quando hontem suspirava languidamente; impossivel! O espirito humano vacilla á beira d'esta voragem profunda: aqui é o limite da comprehensão e do calculo. Lembram-nos os versos do poeta na opulenta imagem do Oceano:

Man marks the earth with ruin — his control
Stops with the shore!

O caso, tirado agora a limpo, e dito sem refolhos de estilo, é que Theresa, seis mezes depois dos acontecimentos relatados ha pouco, desposava o sr. Manuel Garrido dos Calveiros, com todas as manifestações de uma alegria completa.

Correram cinco annos; a ventura domestica brilhava em toda a sua pureza; o anno de noivos, ou, para melhor dizer, a *lua de mel*, ainda presidia com as suas influições beneficas ao viver d'aquelle par bemaventurado. Uma criancinha vivissima, e linda como os amores, viera pôr cumulo áquella felicidade indizivel.

Theresa ostentava por esse tempo todo o esplendor da sua formosura. Oh! era fascinadora, diabolicamente fascinadora, aquella physionomia accesa em fogo meridional.

Passava o tempo; os gastos do sr. Calveiros iam tomando proporções giganteseas. O matrimonio desviára-o dos seus habitos de restricta economia. As exigencias de Theresa cresciam de momento a momento. Ora, quando um homem no declinar da vida tem a loucura parvoa de se ligar a uma mulher rica de mocidade, de aspirações e de caprichos, é-lhe preciso alimentar esse incendio, sob pena de, mais cedo ou mais tarde, quebrado o encanto que o idealisava, cair na execração e no desprezo.

Os cabellos brancos são um grande titulo para o respeito; mas nunca o poderão ser para o amor.

O provinciano tinha o bom senso de comprehender tudo isto, e era essa a razão de se deixar levar á tona dos appetites de sua mulher. Isto, junto á quebra fraudulenta de um negociante que lhe absorvêra perto de quarenta contos, fez com que a sua posição desandasse horrivelmente. Estabeleceu-se o reinado da parcimonia; cortou-se por todas as superfluidades. Era trabalho baldado. A nau do estado garrava por mares em fóra, e as ancoras com que buscavam aguental-a desfaziam-se inuteis.

Estes contratempos succediam no anno de 1862.

Theresa resentia-se d'aquella mudança inopinada. Afeita ás grandezas, costumada a saciar-se de distracções e de jubilos, o mundo para ella convertêra-se n'um éden risonho e ineffavel. Como poderia abandonal-o? como poderia entrar em decadencia? como rasgar os pés nas brenhas d'este mundo sem as regar primeiro de lagrimas? Era então, n'esses instantes de desanimo e de fraqueza, que ella entrava na sua consciencia para se julgar a si propria — e a consciencia condemnava-a. Lembrava-se de Pedro, do seu passado, d'aquella noite na azinhaga, da carta que elle lhe escrevêra, de tudo, de tudo; e a imagem do marido afigurava-se-lhe repugnante e hedionda; e então sentia horror de si, horror da fascinação que a perdêra, que a fizera esquecer do que devia á santidade d'aquelle primeiro amor.

Um dia o sr. Calveiros disse-lhe:

— Theresa, prepara-te e resigna-te. Amanhã devem vir penhorar-nos o que ainda nos resta. O destino foi bem cruel para comnosco. Falleceram-me os recursos, perdi o credito, desampararam-me os amigos; bem vês que a ruina é inevitavel. Não é por mim que eu me afflijo, Theresa; é por ti e por nossa filha.

No outro dia, ás onze horas da manhã, a justiça gualdipava com quatro pennadas quanto o provinciano possuia. Theresa assistiu a tudo fria e indifferente como uma estatua. Quando viu levarem-lhe o ultimo movel, quando o ultimo quadrilheiro saíu de casa, foi então que se abraçou á filha, chorando e beijando-a como doida.

O sr. Calveiros passeiava sem dizer palavra.

Decorrêra perto de um mez; como elles viveram n'este entrementes estou que todos o imaginam. Eu é que ponho de parte o quadro, não só porque me apavoram estas situações extremas da vida, mas porque, desde as pinturas de Eugenio Sue para cá, não ha tintas que não sejam risonhas e suaves.

Morel symbolisa o ideal da desgraça.

Uma tarde o correio trouxe ao sr. Calveiros uma carta. Estremeceu ao recebel-a; a letra era de seu filho. Abriu-a trémulamente, leu-a com a avidez de quem espera alguma nova decisiva, releu-a, meditou-a, fechou-a perplexo; não podia arredar os olhos d'aquellas poucas linhas, concentrava alli todo o seu espirito agitado.

A carta dizia o que se segue:

«Meu pae: — Cheguei de Glasgow ha sete dias; sei dos revezes por que tem passado; felizmente, acho-me em circunstancias de removel-os. Os deveres de filho não me esqueceram no apartamento. Amanhã irei a sua casa. — *Pedro.*»

De facto, Pedro achava-se na prosperidade. Em cinco annos que vivêra na America alcançára pelo seu trabalho, pelo seu zêlo e pela inteireza do seu caracter, a sympathia do sr. William Reid, commerciante abastado, em cuja casa se accommodára. D'aqui resultou que William, senhor de cabedaes immensos, e cançado do trafego mercantil, resignou em Pedro todo o seu negocio importante. Em menos de um anno o mancebo achava-se na posse de uma casa respeitavel, e desonerado para com o seu antigo patrão de todos os encargos.

A fortuna arrebatava-o nas suas pandas azas.

Dois annos depois partia para Glasgow, possuindo, na opinião dos melhores chronistas de vidas alheias, cento e tantos contos de réis.

Era esta a situação em que ora se apresentava.

Passado o primeiro abalo, o sr. Calveiros entrou a alvidrar o que lhe cumpria fazer em tão emmaranhada conjunctura. Deveria prevenir Theresa? poderia, sem vergonha, acceitar a protecção do filho? E o passado?... o que fará d'elle?... como esquecel-o?... como justificar-se? Acudiu-lhe n'este aperto a *ultima ratio* dos

infelizes; lembrou-se que não havia lei para a necessidade.

Na manhã seguinte Pedro entrava em casa de seu pae.

— Não quiz deixar de os ver, murmurou elle serenamente e com um meio riso, dirigindo-se para os dois, que permaneciam como petrificados; não quiz deixar de os ver. Acho-os devéras abatidos. Meu pae está trinta annos mais velho, e Theresa... perdão, minha senhora, parece-me inteiramente outra; comtudo, é muito nova, muito nova. Oh! o tempo não passa sem nos fazer estragos! Eu tambem estou mudado, não lhes parece? Como se lembram, fui d'aqui ha sete annos — loucuras de rapaz! Dirigi-me á America, trabalhei como um negro; por vida minha, o trabalho não mata. A Providencia pagou-me tudo liberalmente, lembrou-se lá de mim — era uma divida que ainda tinhamos em aberto. Oh! a Providencia não nos desampara, proseguiu elle, dando a estas palavras uma singular expressão de tristeza; tem suas horas de adormecimento, é bem certo, mas de repente acorda, e estende a mão aos que suspiravam por ella, aos que succumbiam na lucta com a adversidade! Mas... vejo que tem uma filha, uma menina, minha irmã... chama-se...

— Helena, balbuciou o sr. Calveiros, sem ousar levantar os olhos do chão.

— Pobre anjo, exclamou Pedro n'um excesso de commoção, pegando na irmã e dando-lhe um longo beijo na face; como tu has de ter padecido!

Depois, como que envergonhado, e tornando á sua tranquillidade apparente, continuou:

— É preciso fallarmos com desassombro; vejo que são infelizes. Aqui não ha córar, nem de orgulho nem de pejo. Os filhos nunca esmolam os paes; pagam o que lhes devem. Além d'isso, eu parto ámanhã para a America; é preciso conciliar hoje tudo.

Em seguida, tirando do bolso uma volumosa carteira, chamou Theresa, afagou-a, e entregou-lh'a, dizendo:

— Toma, Helena, guarda-a para teu dote.

— Nunca! — exclamou Theresa, correndo para a filha e tirando-lhe a carteira que ella amparava com as mãosinhas debeis. Nunca!

— Por quê, minha senhora? Penso que me é licito proceder d'este modo. Quero que minha irmã se lembre algumas vezes de mim; dou-lhe isto para memoria.

Theresa ficou extatica; não teve um gesto nem uma palavra. Aquelle homem imperava alli com todo o prestigio da sua magnanimidade. Era impossivel resistir-lhe, era impossivel tentar a ira justissima d'aquella alma, santa de abnegação e de martyrio.

Theresa percebeu tudo isto n'um relance. A consciencia disse-lhe bem alto o que ella era em face d'aquelle homem, que surgira como a imagem viva do remorso, para a condemnar sereno e tranquillo.

Minutos depois Pedro saía de casa de seu pae. Ao despedir-se abraçou o velho affectuosamente, beijou a irmã, e apertou a mão de Theresinha — que estava fria como a de um cadaver.

Vinte e quatro horas depois embarcava no paquete do Havre.

A carteira dada a Helena continha dezeseis contos em notas do banco de Portugal.

A impressão que o procedimento de Pedro causou no animo do sr. Calveiros e de sua mulher foi, sem duvida, o mais vivo e profundo. Tinham semeado desventuras, e faziam basta colheita de felicidades. As sementes nem sempre germinam d'este modo. O bem estava alli todo no terreno, que era feracissimo e abençoado.

Hoje vivem desafogados e na abundancia. Divertem-se, tornaram á convivencia da sociedade elegante, frequentam os theatros, e costumam passar o verão na Ameixieira.

As graças de Theresa reverdeceram de novo, seu marido principia a ostentar a bojuda rotundidade de um abdomen abbacial, e a pequenina Helena, que é, sem questão alguma, o retrato fiel da mãe, vae crescendo a olhos vista, e promette, salvo o perigo das bexigas, vir a ser uma formosura peregrina.

Quando alguem menos discreto, em conversação familiar, puxa o assumpto para Pedro, o sr. Calveiros ladeia sensivelmente, responde por evasivas, e não socega antes de ver o dialogo em terreno menos escabroso. Mas se o preopinante é d'estes que pegam de estaca, se, por maiores que sejam os ardis do provinciano, não deixa de esmiuçar e esbagoar o assumpto, então é Theresinha que costuma pôr-lhe termo com estas palavras peremptorias:

— Pobre Pedro, coitado! Commovo-me sempre que oiço fallar n'esse bom rapaz. Poucos terão comprado tão caro, não digo a felicidade, que essa sabe Deus onde existe, mas a independencia da vida. Coisas do mundo, meu caro senhor! — termina ella com um sorriso contrafeito.

E aqui tem o leitor a historia como realmente m'a contaram, e como eu julgo que ella é na verdade. O que me admira em tudo isto, é saber que Theresinha vive hoje com o marido na mais doce e amigavel harmonia, apesar d'elle ir além dos sessenta annos, e d'ella contar apenas trinta, que é, seja dito francamente, a verdadeira quadra da florescencia mulheril, a edade da vida e das paixões, dos impetos ardentes, dos sonhos voluptuosos, de tudo, em fim, que desvaira o coração feminino, e de que Theresa se tem preservado com uma fortaleza digna, pelo menos, das commemorações mirificas de Ribadaneira.

E. A. Vidal.

DOCUMENTO INÉDITO

É notavel e insuspeito o parecer dado por um conselheiro de Castella, durante a guerra da independencia de 1640, que tem por titulo: *Pediu Filippe* IV *resposta ao dr. Salazar, estando de cama, do que lhe parecia sobre a guerra com Portugal, que lhe deu seu voto pelo seguinte modo.*

Este papel foi escripto depois da famosa batalha do Ameixial, a 8 de junho de 1663, em que as nossas tropas derrotaram o formidavel exercito hespanhol commandado por D. João d'Austria, porque no parecer allude-se a esta batalha.

Voto mais sincero e desenganado não póde haver. É o epilogo dos vexames que recebemos de Castella durante os sessenta annos, escripto por um hespanhol; é o testimunho insuspeito do arrojo com que recobrámos a nossa independencia, e do valor com que a defendemos contra tão poderosos exercitos.

Vemos, porém, que este parecer não teve tanto peso como a espada do marquez de Marialva em Montes-Claros, que poz termo a esta guerra de vinte e oito annos.

Eis-aqui o parecer textual:

«Se conselho pede a afflicção, annos ha, Senhor, que V. M. devia pedir conselho; porque com elle fôra tão facil o remedio, como agora é aspero o desengano. A verdade, sim, nasceu na terra, mas em pobre albergue; não nasceu em palacio a verdade, e uma vez que um santo a levou a palacio, foi tão pouco conhecida, que custou a cabeça ao santo.

«Nenhuma coisa arruina mais uma monarchia que a peçonha de uma lisonja; mais damnoso é um lisongeiro atrevido do que um contrario poderoso e que um inimigo declarado: porque este dá cuidado no solicitar o remedio, e aquelle docemente me entrega ao descuido quando vê que sem redea governa o appetite a razão, a mentira a verdade, e a malicia a pureza.

«Não é justo que um rei dê credito a uma voz que o engana quando deleita e não sôa; quando engana

examine-se o coração d'onde sae; saiba-se o mal d'onde vem, pois ha almas que não tem palavras e ha palavras que saem d'alma. Ordinariamente, não se escuta ao zeloso que desengana, e só o que falla ao gosto do principe se escuta; que vergonhosa se teria a verdade do governo aonde preside o engano. Chora-se o perigo e não se atreve o zêlo; perdeu a graça quem falla na justiça, e tudo goza quem lisonjeia; e ainda agora se não movêra a minha lingua se V. M. não movêra a minha penna. Medrosa vae a razão, porque sae da alma o disvelo; mas não receia a morte quem a seu senhor obedece, e menos eu que estou já no fim da vida. Digo pois assim, meu rei e senhor:

«Quem facilita o que não sabe, não sabe o que facilita. Para ter experiencia de uma nação não basta conhecer o presente, é necessario conhecer o passado para não chorar o futuro. Milagre será acertar a ignorancia aonde muitas vezes não acerta a prudencia. Portugal, Senhor, negou a V. M.; acclamou rei; lisonjeiros facilitam o remedio, e agora covardes se retiram do perigo.

«Esta nação, Senhor, conquistou no Oriente as Indias, jornada que só imaginada escurece o animo para emprehendel-a; dominou barbaras nações; adquiriu com o seu braço muitas coroas; sujeitou com o seu assombro muitos reinos; fez seu nome eterno, não só entre gentios e barbaros, senão no mundo todo. Africa, que provou seu valor, chorou seu estrago, e sempre vive temerosa, pois n'ella se criam os meninos com suas prodigiosas façanhas. Hollanda na America conquistou parte do Brasil com sagacidade, mas ficou sem ganancia porque os sacudiram com violencia, e isto quando o amor não ajudava o poder, que para rei alheio nunca se obrou com valor proprio, e este foi o engano que hoje se chora sem remedio: com o jugo alheio pareciam os leões cordeiros, mas com o jugo proprio, que é suave, parecem os cordeiros leões.

«Castella com tantos reinos, tantos mil homens, e tanto exercicio nas armas, cobrou odio a esta nação, porque de seu primeiro rei até hoje se continúa seu estrago, e o damno passado de edade em edade continúa a inclinação. Ao presente V. M. o tem ouvido com admiração, o tem lido com sobresalto, e quasi o está vendo sem remedio.

«Dormindo estava o valor em Portugal quando o despertou a ambição e a tyrannia executada com ignorancia; por tempo de sessenta annos não póde V. M. adquirir sua vontade, porque os ministros n'esse tempo foram tyrannos; castigo pedia sua demasia, mas criou raizes, porque se dilatou o castigo: as armas estavam esquecidas e reprimidas com a sujeição; as nossas lhe fizeram tomar as armas. Não é esta gente a que se rende com ameaços; mais facilmente a sujeitarão as caricias: se lhe chamarmos rebelde é porque se não determina a razão, é porque se não conhece a justiça, porque nos não ajudâmos do direito, e porque se acode ao successo e não ao christão. A Portugal tambem lhe dão direito os seus letrados; pois por que se não poz esta causa em direito? É verdade que já agora não póde haver juiz n'esta causa, pois ha vinte e dois annos que se solicita com as armas, e melhor aconselha o desengano que a razão; e a razão póde esquecer pelo remedio.

«Senhor, nem tudo dizem a V. M., e um rei ha de saber tudo. O bem sem razão o dizem e calam; o mal escurece-se porque o calam. A saude não se damna com as adversidades, e um rei não desmaia com accidentes, e a um valor grande tudo parece pequeno.

«Dizem a V. M. que Portugal não tem dinheiro, não tem navios, não tem gente. Traidores são os que o dizem. Pois com que nos tem destruido? Sem gente nos tem tantas vezes desbaratado? Sem dinheiro, chorâmos nossa ruina? Que choráramos se o tivera? Portugal desbaratou-nos em Montijo; destroçou-nos em Elvas; Luiz Mendes de Aro fugiu, deixando cavallos, artilheria e bagagem. Em Evora derrotou a flor de Hespanha, o melhor de Flandres, o luzido de Milão, e o escolhido de Napoles, e o melhor da Estremadura. Vergonhosamente se retirou S. Alteza, deixando 8:000 mortos, que custou a empreza 6:000 prisioneiros, 4:000 cavallos e 24 peças de artilheria: e o mais lastimoso foi que de 120 .... e cabos só escapou Herman e D. Diogo Cavalleiro, porque fugiram deixando o estandarte do seu principe. Pois, se nada tem, ha maior affronta que vencer-nos sem nada? Se nada basta para nós, por que buscâmos mais nada? Isto ou é valor ou milagre. Se milagre, é a porfia loucura; se valor, é maior a nossa cobardia, e mais que seu poder a nossa fraqueza. Cada dia espera V. M. que se ganhe, e saiba V. M. que cada dia se perde, e que é muito a perda de cada dia.

«Quarenta mil homens levou o sr. D. João de Austria entre infantes, cavallos e gastadores; levou o maior numero de cabos que póde ajuntar Hespanha, a maior carruagem que póde unir o poder, o maior apparato que póde prevenir a ostentação, a maior artilheria que se viu em exercito de Hespanha, e tudo isto, Senhor, não ficou destruido? Se algumas praças temos suas, mais foi por sua traição que por nossa valentia. Viu-se de tudo mais que 1:500 cavallos e 1:000 infantes? Ha grande n'este reino que não esteja pequeno? Ha poderoso que não esteja a bando? Ha rico que não esteja pobre? e ha pobre que não morra de fome? Em que se consomem os milhões das Indias? Em que se gastam as rendas de V. M.? Aonde se tem morto mais de 500:000 homens se não em Portugal? Sem dinheiro, sem gente e sem navios, atemorisa o mar, vence os exercitos, e até os reis estranhos sustenta!

«Senhor, a minha penna o diz e setecentas viuvas o choram, que despertarão em palacio a V. M. a compaixão. Minha lingua, sem solicitar applausos, sem ministrar lisonjas, sem recear perigos, descobre a V. M. os successos, falla o que sente, e sente muito o que escreve. Se não aproveitam traças, se traidores o descobrem, se os nossos segredos se revelam, se as nossas machinas se desfazem e Deus descobre tudo aos portuguezes, é evidente que Deus assim o quer. Vêem-se os prodigios no ceo; os milagres são claros. Pois não é desatino oppor contra o ceo? V. M. tira para esta guerra a Castella a substancia, a Flandres o soccorro, a Milão a defesa, a Napoles o presidio, ao imperio a saude, e a toda Hespanha o remedio e as esperanças. Já se não podem prover as praças, enfraquece-se o reino, morrem os pobres; França e Inglaterra não podem soffrer inimigo tão poderoso, ajudam com cautela ao necessitado, e se não é amor que tem a Portugal, é odio que tem a Castella.

«Rei e Senhor meu, de uma parte ha de ser vista esta guerra. O ceo mostra que é justa a sua, pois os favorece tanto e tanto; logo, é injusta a nossa. Se não é affronta para Hespanha fazer paz com Hollanda, sendo hereje rebelada, se não desdoira procurar paz com a Gran-Bretanha, se é conveniente fazel-a com França, por que não ha de ser licito fazel-a com Portugal? Se de Hespanha se recusam todos, e Portugal vence a Hespanha, melhor temerão a Hespanha unida com Portugal; mais credito se perde nas armas que no brio; mais se interessa nos casamentos de casa que nos casamentos de fóra.

«Senhor, em nome de todos falla a minha penna. Não se governe V. M. por quem lhe diz o que não sabe, se não por quem sabe o que lhe diz. *Si volueritis et audientis et me ad iracundiam provocaveritis, gladius devorabit vos.* Isto disse Deus, e ás vezes o homem diz o que Deus disse. Elle guarde a V. M. — *Dr. Salazar.*»

Plano inclinado para a querena dos navios

Lisboa tem uma das melhores bahias do mundo, como tal proclamada por nacionaes e estrangeiros. E por isso dizem os politicos de todos os tempos, que a natureza talhára esta cidade para capital da peninsula iberica.

Pela foz do Tejo entra arrogante o Oceano, fazendo amplo ancoradoiro para milhares de navios de alto bordo. Medem muitos kilometros de extensão as suas margens de norte e sul, mas desaproveitadas, na maior parte, e só ha pouco tempo se começou o novo caminho feito pelo atêrro da Boa-Vista [1].

Os projectos antigos, e os contratos modernos, para construir docas na margem direita do rio, não tem ido ávante.

Mas sobre tudo, o que mais vergonhosamente patenteia a nossa incuria e desleixo, era não haver sequer um plano inclinado, ou doca de querenagem, n'um porto tão frequentado de navios mercantes!

Segundo as ultimas estatisticas da alfandega, entram nos principaes portos do reino, annualmente, 4:000 embarcações. Em Inglaterra, França e Estados Unidos, calcula-se em 20 por cento os navios que na roda do anno necessitam de concerto. Ora em Lisboa, além do dique do arsenal da marinha, que poucas vezes se póde conceder ás embarcações da praça, não havia para a querena e reparo dos navios senão as barcaças de calafetar, que os alquebram e damnificam virando-os á força de cabos.

Deve-se, porém, ao sr. Antonio José de Sousa e Almada o haver já hoje no porto de Lisboa um plano inclinado, do mais aperfeiçoado e moderno systema.

[1] Vid. o artigo e gravura a pag. 313 do vol VI.

Representa-o fielmente a gravura que publicâmos, tirada de uma photographia, na occasião em que um navio subia o plano, alado a vapor.

Esta verdadeira doca de querenagem está optimamente estabelecida, ao sul do Tejo, no sitio de Porto Brandão.

Foi construida pelo bem conhecido engenheiro hydraulico Thomaz White.

É para dois planos inclinados; um capaz de receber navios de 3:000 toneladas; e outro para embarcações de 700. Este está concluido; e d'elle tem saido já alguns navios concertados.

O sr. Almada foi o principal emprezario; e, á custa de muitas fadigas e sacrificios, conseguiu pôr em exploração o segundo plano. Para estabelecer o primeiro, destinado a navios de maior lote, e assentar outro na cidade do Porto, vae formar uma companhia do capital de 500:000$000 réis, em 5:000 acções de 100$000 réis, vencendo o juro de 6 por cento durante a construcção dos planos.

É empreza de lucros seguros e avultados. O successivo incremento do commercio externo em ambas as cidades, que de anno para anno accusa o rendimento das alfandegas, e a exportação dos nossos productos agricolas, facilitada pelos caminhos de ferro, abonam já o futuro da nova companhia dos planos inclinados.

E sobre tudo, o porto de Lisboa, verdadeiro emporio maritimo da Europa, pela sua situação geographica, consegue o que lhe faltava para bem merecer o titulo que tanto o afama desde as nossas gloriosas navegações.

A. da Silva Tullio.

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

(Conclusão. Vid. pag. 225)

X

Afastado da influencia directa e official nos negocios publicos se conservou Rodrigo da Fonseca durante todo o tempo em que Portugal esteve sob o dominio da revolução, dirigida no primeiro e mais tormentoso periodo da sua effervescencia, pelo talento e pelo coração generoso e patriotico de Passos (Manuel).

A revolução não mirára apenas, como uma vulgar e momentanea insurreição, a derribar os estadistas e o partido que desde a restauração constitucional haviam presidido aos negocios publicos, e contra cujo governo se haviam levantado, por parte de seus adversarios, suspeitas e imputações de administrarem com pouca severidade e economia os dinheiros da nação. Alcançava mais longe o tiro da revolução. Era o elemento democratico que vinha diante do throno, não pedir humildemente, mas impor como condição da paz e consequencia da victoria, mais desaffrontadas larguezas á popular intervenção nos negocios publicos, e graves restricções á prerogativa constitucional. Era a resurreição de 1820, escoltada pelas bayonetas numerosas da guarda nacional. Ninguem podia dissimular que era um conflicto entre o povo e a realeza, e d'ahi principiavam a datar as largas e tantas vezes sangrentas contestações entre a nação e o poder.

A constituição democratica, e, digâmos a verdade, impraticavel n'um povo por tantos annos acurvado ás instituições e aos costumes da monarchia absoluta, era o sonho eburneo dos mais fervorosos patriotas, os quaes se compraziam em idear uma republica democratica, circundada das apparencias da realeza e doirada com os reflexos duvidosos de uma dynastia quasi nominal. Uma unica assembléa legislativa, o veto negado ao rei, como attentatorio á soberania nacional, o poder eleitoral substituido na administração das localidades ao principio da delegação por parte da auctoridade real, taes eram os fundamentos em que muitos pretendiam firmar a nova sociedade politica, tal qual devia sair moldada das mãos omnipotentes da revolução.

É quasi inutil ponderar que Rodrigo da Fonseca devia ser adverso a estas que se julgavam indiscretas exaggerações do espirito liberal, e que não sómente os excessos da revolução deviam escandalisar o seu animo pacifico e essencialmente conciliador, mas tambem as doutrinas nimiamente radicaes o deviam achar pouco propenso a applaudil-as como prudentes e opportunas.

Reunido o congresso constituinte, a mais respeitavel assembléa politica de Portugal, depois das cortes de 1821, redigiu-se, debateu-se e approvou-se a constituição. N'esta assembléa tiveram assento alguns dos mais brilhantes engenhos oratorios da nossa segunda edade parlamentar. Alli appareceu pela primeira vez José Estevão, professando no ardor juvenil da sua imaginação indomita os principios arrojados de uma intratavel democracia. Alli accrescentou Garrett os seus loiros oratorios, e temperou com o poder da sua palavra a impaciencia dos que mal-soffriam a idéa de um senado, contrapesando no machinismo legislativo a sonhada omnipotencia da assembléa popular.

Votada a constituição de 1838, mais democratica certamente do que a lei fundamental decretada por D. Pedro, sob as suas bandeiras se congregaram muitos dos mais notaveis homens publicos que os desmandos revolucionarios trouxeram afastados do trato directo dos negocios. Ao predominio da politica exaltada e inquieta tendia a substituir-se a ordem no governo. Suspiravam todos por que se restaurasse a paz domestica, já desde muito conturbada. E tal era a preponderancia que o elemento conservador havia sabido conquistar, mesmo sob a influição do novo codigo politico, que, por 1840, organisando-se um novo ministerio, foi Rodrigo da Fonseca chamado novamente aos conselhos da coroa, desempenhando pela segunda vez o cargo difficil de ministro do reino.

Não descontinuava todavia o espirito de agitação a trazer inquietos os animos e a provocar frequentes conflictos entre a democracia e o poder. Foi por estes tempos que, succedendo uma sedição, promptamente suffocada, julgou o governo indispensavel recorrer ao parlamento, que então era reunido, pedindo, em nome da segurança publica, que parecia ameaçada, uma suspensão de garantias. Participavam os deputados da anciedade e das paixões politicas que lavravam na cidade e pelo reino. Foi tormentoso e memoravel o debate. Representante da idéa democratica, como caudilho e tribuno que era da revolução, erguia-se em frente do póder o vulto de José Estevão, então no maximo esplendor da sua palavra e no mais alto prestigio da sua popularidade. Cerrava-se com o governo para o defender e cercar de todos os apercebimentos necessarios á repressão das demasias populares o grande e poderoso talento de Garrett. Eram lastimosos aquelles tempos de provação e tirocinio, nem sempre incruento, da vida constitucional. Mas se alguma vez nos sentimos inclinados a absolver aquellas porfiadas e odiosas contenções, é quando recordâmos que sem ellas não teria a litteratura portugueza registado as mais eloquentes orações parlamentares; como se a arte divina da palavra exigisse em redor de si o chaos da sociedade para cinzelar no marmore bruto das paixões e dos odios partidarios as formosas estatuas da tribuna.

Apesar dos facundos e apaixonados protestos de José Estevão, a lei da suspensão foi decretada. A assembléa legislativa admirou o engenho do filho predilecto da tribuna, mas triumphou a necessidade de manter a paz e a ordem no paiz.

Era Rodrigo da Fonseca tão adverso, não diremos a abusar, mas a usar d'estas perigosas faculdades com que a salvação do estado investe ás vezes os que regem os destinos das nações, que a sua consciencia como que haveria escrupulisado de protrahir um instante apenas, além da estricta necessidade, a suspensão da menor immunidade constitucional. Confiava Rodrigo mais na discrição alliada com a publicidade, na prudencia temperada pela brandura, do que n'estas jactancias de força repressiva, que ás vezes tem por effeito apressar a explosão das paixões politicas, e provocar os conflictos que se poderiam evitar.

Suspendêra-se pela lei a liberdade da imprensa. O silencio decretado é o penhor menos fiel da segurança nos governos. Quando a palavra emmudece, lavra no mysterio a sedição. Quando o poder apaga por uma lei a luz que illumina a sociedade, as facções em desforço aproveitam as trevas para minar a seu talante os alicerces do poder.

Rodrigo da Fonseca, antes de ser ministro, era livre pensador, jornalista, orador, homem que estremecia a publicidade. Zelava as franquias do seu primeiro officio com este amor com que se prezam as tradições do berço e da familia. Ministro constitucional, faltaria á coherencia dos seus principios liberaes, embora moderados, se pela egoista commodidade de calar os seus contradictores viciasse uma das condições fundamentaes do governo representativo. Antes, pois, que terminasse o prazo por que era válida a suspensão de garantias, foi elle em pessoa implorar do parlamento, não, como outros sollicitariam em similhante conjunctura, a prorogação d'aquelle termo, mas a revogação da lei no que á imprensa particularmente respeitava. Raro e louvavel exemplo de quanto aquelle estadista,

verdadeiramente insigne, fiava mais da moderação e da lenidade, que do rigor demasiado para alcançar a concordia e pacificação, do que ao diante foi incançavel e d'essa vez felicissimo promotor!

XI

Não podia a conciliação dos partidos e a repressão das violentas paixões politicas pender então do esforço e boa vontade de Rodrigo da Fonseca. Estava escripto que por alguns annos ainda se deviam dilatar as turbações civis, d'onde sairia, purificada de suas demasias e de seus inimigos, triumphante a liberdade.

O ministerio e a situação em que Rodrigo, no gabinete e principalmente na tribuna, representava a funcção mais importante, encaminharam-n'o ás combinações politicas d'aquelle tempo até se ir dissolver, restaurada que foi, em principios de 1842, a carta constitucional. Saíu então do poder o nosso benemerito estadista, e uma nova politica, inaugurada por uma nova revolução, preparou os acontecimentos dolorosos que por mais nove annos ou tingiram de sangue em lastimosos fratricidios os campos devastados de Portugal, ou mantiveram a apparencia da paz no meio dos odios e represalias dos partidos.

Em 1846, supplantada a situação politica por uma insurreição popular, e chamado a dirigir os negocios publicos o duque de Palmella, á frente de um ministerio progressista, julgou o governo que não devia desaproveitar os talentos e auctoridade pessoal de Rodrigo da Fonseca na pacificação de alguns districtos do reino, onde a ordem publica, como sempre succede após violentos abalos sociaes, não alcançára ainda sujeitar a quasi anarchia das povoações.

Foi Rodrigo da Fonseca nomeado commissario regio, com encargo de pacificar e submetter á legitima auctoridade alguns districtos, entre elles o de Coimbra, onde as juntas populares, instauradas na revolta, não haviam ainda resignado como inutil ou nociva a sua occasional jurisdicção. Era a missão difficil e perigosa. Receiava a revolução que seria desattendida em seus legitimos clamores. Em muitos pontos não confiava demasiado no gabinete. Temia que, desarmando-a, lhe frustrassem o intento que levára. Andavam os animos inquietos, temerosos, turbulentos. Pesou Rodrigo as difficuldades e riscos de tão ardua commissão. Podia ser lance de vida. Não hesitou em o jogar. Tão avezado era desde os annos juvenis a inclinar sempre a balança em favor de seu patriotico dever, contra o egoismo de seu interesse e segurança pessoal.

Partiu. Foi tão offensivo o recebimento que teve no districto de Coimbra, que, desenganado de que, embora immolasse a vida, não conseguiria o intento desejado, em breve retrocedeu, depois de haver estado a pique de ser sacrificado ao cego furor de indomitas paixões.

Seguiu-se pouco depois a guerra civil. Proclamada a junta do Porto, não pôde Rodrigo seguir a parcialidade insurgente, porque lh'o não consentia a supersticiosa lealdade que julgava dever ao throno constitucional.

Celebrada a paz, com intervenção armada de potencias estrangeiras, e aberto de novo o parlamento depois de tres annos que permanecêra silenciosa a tribuna e suspenso o governo representativo em Portugal, foram memoraveis as orações que Rodrigo da Fonseca pronunciou na camara alta (onde já desde alguns annos tinha assento) na larga e borrascosa discussão da resposta ao discurso da corôa. A historia dos ultimos annos, a critica dos successos politicos, o exame das administrações desde 1842, a questão entre as liberdades populares e o espirito reaccionario do poder, eram os topicos, de necessidade apaixonados, em que se accendiam os debates na imprensa e na tribuna. N'aquellas orações magistraes, como exemplares de boa, varonil e temperada eloquencia, admiraveis como luzeiros de bom senso politico e de moderado e verdadeiro amor á liberdade, deixou Rodrigo um dos mais incontestaveis documentos de que o fadára o nativo engenho para athleta da tribuna.

XII

Pouco tempo depois, a nova administração tinha por chefe o mesmo estadista que dirigira os negocios publicos desde 1842 até ao movimento popular de 1846. O fermento dos annos já passados lavrou com intensidade crescente no paiz, onde os partidos não haviam deixado de continuar a agitação. Em 1851 uma nova insurreição muda a face politica do paiz. Forma-se um ministerio presidido por um general, cujas victorias pela causa liberal eram mais um titulo ao favor das multidões, quando a sua espada saía da bainha para resplandecer de novo ao sol da liberdade.

Poucos mezes depois de organisada a nova situação, é Rodrigo da Fonseca chamado ao ministerio do reino. Data d'esse tempo a remissão dos inveterados odios partidarios, a paz celebrada pelas facções até alli intractaveis e exclusivas, agora resolvidas a collaborar sinceramente na consolidação das liberdades publicas e na obra de fundar n'este paiz governo civilisador e progressivo. Uma boa parte dos esforços coroados pela mais inalteravel tranquillidade, pelo accôrdo mais sincero dos partidos e pela pratica pacifica do systema representativo, deve-a Portugal a Rodrigo da Fonseca. E a propria malevolencia que nunca desconheceu os dotes singulares e geniaes com que elle sabia exercitar a arte difficilima da conciliação e tolerancia, buscava ao menos dissimular os meritos do que era mais indole e temperamento que systema e artificio, denegrindo a prudencia com o nome de astucia, e representando o caracter do estadista no emblema satyrico de um carnivoro em fabulas e anexins, por suas manhas, protagonista habitual.

Durante cinco annos permaneceu Rodrigo da Fonseca no seu terceiro, ultimo e mais dilatado ministerio. Durante esse periodo continuou a ser no parlamento o mestre de oradores na correcção e primor classico da phrase, na amenidade de seu estilo, mais singelo que enfeitado d'estes desgraciosos e enredados arabescos que se usam agora, depois que uma especie de decadencia byzantina trocou pela grave magestade dos Hortensios e dos Ciceros a obscura, asiatica e insufflada rhetorica dos sophistas do Baixo-Imperio.

XIII

Caído o ministerio em 1856, retirou-se Rodrigo da Fonseca á vida particular, a repoisar o pouco tempo que lhe restava de existencia, cujos dias já então lhe andavam contados escassamente. Pouco depois principiaram de aggravar-se os achaques de que padecia, e de dia para dia se foram por tal modo exacerbando, que bem depressa lastimavam os seus amigos, lamentava, com poucas excepções, o paiz inteiro a falta de um homem que, no pequeno theatro de nossos interesses e dramas politicos, se podia em certa maneira pôr em parallelo com lord Palmerston, actor em maior e mais brilhante scena, mas não porventura superior a Rodrigo da Fonseca em engenho de estadista e predicados de orador.

Um dos grandes monumentos que deixou de si foi o legar a seus herdeiros o mesmo nome com que entrára a figurar na vida publica. Rodrigo da Fonseca se chamava ao levantar-se da obscuridade ás eminencias da fortuna, e Rodrigo da Fonseca baixou da grandeza ao pó do tumulo. As honras exteriores e distinc-

ções hierarchicas acharam-n'o sempre antes saciado que ambioso. Teve a gran-cruz de Christo, porque, dizem, a não pôde recusar sem que lhe tivessem á conta de orgulho o que era n'elle não direi modestia, mas escasso appetite d'estes malbaratados galardões. Foi do conselho de estado, onde a sua palavra, a sua experiencia e a sua grande auctoridade nos negocios o levaram sem favor.

Fez sempre sincera profissão de liberal, havendo para si que era a monarchia representativa a mais feliz expressão dos governos civilisados. Reprovou com egual aversão o absolutismo e a anarchia. De seus inimigos pessoaes nunca tirou outra vingança que não fosse a generosidade ou o perdão. Foi grande honrador de engenhos já canonisados pela gloria, ou d'aquelles que de novo se revelavam. Aos moços que se estreiavam com boas mostras do talento, animava e favorecia. Até aos proprios adversarios que mais o maltratavam e pungiam não deixava em aberto a divida do seu conceito, chegando a perdoar a virulencia de suas settas oratorias pelas eminentes faculdades com que vinham accommettel-o. Exemplo foi d'isto a admiração que sempre tributou á eloquencia e ao genio de José Estevão, se bem que em mais de uma requesta não fosse complacente com Rodrigo a musa parlamentar do famoso tribuno portuguez.

J. M. Latino Coelho.

S. JOÃO DA FOZ

Ha quatro seculos, pelo menos, já existia uma pequena povoação de pescadores na margem direita do Douro, junto á foz d'este rio. Aquelle territorio constituia então um couto pertencente ao mosteiro benedictino de Santo Thyrso.

Vendo os religiosos que a aldeiasinha crescia de anno para anno, mandaram edificar no pontal, onde o Douro mistura as suas aguas com as do Oceano, um hospicio com sua egreja, para o qual foram viver dois frades, encarregados de ministrar aos pobres pescadores o pasto espiritual.

Foi o templo consagrado a S. João, e pela sua visinhança da barra, ou porque a aldeia já a esse tempo se chamasse da Foz, começou o povo a denominal-o *S. João da Foz*, nome que em breve se tornou commum á egreja e á povoação.

Apesar das diversas guerras que Portugal tinha tido com Castella, nunca pensaram os nossos monarchas em fortificar a barra do Porto. Confiados nos perigos e difficuldades que ella oppõe aos que a demandam, julgaram bastante essa defesa natural.

Quiz, porém, a nossa má estrella que o temerario rei D. Sebastião fosse sepultar nos areiaes de Africa a sua coroa real e a independencia d'esta nação.

Os leões de Castella facilmente fizeram preza d'este pobre paiz, quebrado das forças moraes e physicas, atraiçoado e vendido por muitos dos seus proprios filhos.

Entre os muitos males e vexames que nos trouxe a usurpação de Filippe II, avulta como um dos maiores ver-se de improviso Portugal e suas vastas possessões de além-mar alvo dos ataques de todas as nações inimigas de Castella.

Pouco se importavam os nossos oppressores que os inglezes, os francezes e os hollandezes, que tanto nos respeitaram em quanto soubemos manter a nossa independencia, nos affrontassem, e nos expulsassem da Asia, da Africa e da America. Antes se regozijavam, porque assim se ia abatendo de dia para dia, cada vez mais, o espirito publico d'esta nação, que, por mui alto subir, attrahiu sobre si as invejas de todo o mundo.

Não viam, porém, do mesmo modo o que se passava n'esta orla de terra do extremo occidental da Europa. Para aqui estavam sempre voltados os seus olhos attentos, ciosos e vigilantes, como os do abutre, que seguem um a um todos os movimentos da sua preza, e de quem pretende arrebatar-lh'a. Assim, procuravam com diligente assiduidade pôr os portos de Portugal ao abrigo de qualquer tentativa inimiga, menos pela defesa do reino, que para obstar a que viessem os inimigos de Castella auxiliar-nos como amigos na restauração da nossa liberdade.

Portanto, depois de tratarem do augmento das fortificações da barra de Lisboa, e ao mesmo tempo que se levantavam novas fortalezas para defesa de outros portos, ordenou Filippe III que se construisse um castello na foz do rio Douro.

Fez-se, com effeito, a fundação. O logar para ella escolhido não podia deixar de ser o mesmo em que se achava o hospicio e templo de S. João, e assim ficaram estes no interior da fortaleza.

Apesar de ter a peito estas e outras obras de egual natureza, a Hespanha andava n'esse tempo tão afadigada e preoccupada com as guerras de Hollanda e de Italia, que todos os trabalhos publicos em Portugal deixava caminhar vagarosamente. Pressa só a sabia ter quando se tratava de extorquir a este pobre paiz dinheiro, armas, e gente para ir engrossar as fileiras de seus exercitos, que se rareavam debalde, sem poder segurar as partes da monarchia hespanhola que se iam separando.

D'est'arte se achavam muito atrazadas as obras do castello da Foz, quando rebentou em Lisboa, no 1.° de dezembro de 1640, o grito de liberdade, que, resoando instantaneamente por todo o reino, nos restituiu a independencia e rei portuguez na peessoa do oitavo duque de Bragança.

Logo que el-rei D. João IV cingiu a coroa, foi seu primeiro cuidado armar o reino para a defesa contra tão poderoso inimigo. D'este modo se activaram os trabalhos no castello da barra do Douro, até que em breve se concluiram, ficando com quatro baluartes, um revelim, e largos e profundos fossos do lado da terra. Guarneceram-n'o com dezoito peças de artilheria, doze de bronze e seis de ferro; e do orago da egreja recebeu a invocação de *castello de S. João da Foz*.

Os marquezes de Fontes, titulo que depois foi mudado no de Abrantes, gozavam da regalia de nomear, com approvação del-rei, os governadores d'esta fortaleza, a cujo cargo correspondiam grandes proventos, pois que todos os navios nacionaes e estrangeiros, e embarcações costeiras, que entravam ou saiam a barra do Douro, pagavam certa quantia ao governador, segundo a naturalidade e lotação dos mesmos navios e embarcações. Até os barcos de pesca de quaesquer portos do reino, que fossem ao Douro pescar ou vender peixe, pagavam os emolumentos em especie, entregando os pobres pescadores ao governador as melhores peças de pescado que tinham no barco.

Com o correr do tempo, e pela visinhança de um grande centro de população e commercio, como já era então a cidade do Porto, foi crescendo o logar de S. João da Foz, de sorte que no principio do seculo passado contava 730 fogos e 1:508 moradores.

Todavia, não obstante este desenvolvimento, não passava de uma terra de pescadores, com as suas casas todas de pedra e cal, porém terreas, salvas poucas excepções, e estas tambem de modesta apparencia.

O engrandecimento e belleza que hoje apresenta deve-os aos banhos do mar; e datam, por conseguinte, d'este seculo, em que similhante uso se tem generalisado pouco a pouco, até se converter em moda.

Durante o memoravel cêrco do Porto, em 1832 e 1833, padeceu grandes vexações o logar de S. João da Foz. A importancia d'este ponto para a segurança

da cidade, cuja subsistencia lhe vinha do mar, desembarcando furtivamente de noite, e debaixo de um vivo fogo de artilheria, essa importancia, dizemos, fazia alvo tanto o castello de S. João da Foz como toda a povoação do fogo incessante das baterias inimigas, collocadas no cabedello, e na margem do sul do Douro. E, finalmente, no dia 4 de março de 1833, foi accommettida por forças consideraveis do exercito sitiador do Porto, pelejando-se ahi uma das mais rijas e mortiferas batalhas d'aquelle cêrco, da qual saíram vencedoras as armas constitucionaes.

Acabada a lucta, o logar de S. João da Foz mostrava, como a visinha cidade, aspecto geral de ruina e desolação. Em breve, porém, ambas as povoações se restabeleceram das feridas da guerra no regaço da paz e da liberdade. Ambas surgiram d'entre as suas ruinas muito mais bellas que d'antes.

S. João da Foz viu desde essa epocha levantarem-se todos os annos muitas casas de bom prospecto, melhorarem-se e illuminarem-se as suas ruas, arborisarem-se passeios, abrir-se uma communicação com a cidade junto á margem do Douro, fazendo-se recuar para esse fim, á força de fogo, a serra da Arrabida, que se entranhava no rio; e outros diversos melhoramentos que a constituem hoje em dia uma das mais lindas, commodas e concorridas estações dos banhos do mar de todo o reino.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

S. João da Foz

O MAU FILHO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

I

Sigam-me com os olhos do pensamento ás margens do Cadágua, ás margens mais bellas d'aquelle espumoso, fresco e cristallino rio, que são as que ostenta orgulhoso desde que perde de vista o seu valle nativo de Mena, até que entra no Nervion logo que percorre cinco legoas, como se fosse castigado pela pressa com que se afasta do valle.

Sigam-me com o pensamento até ao concelho de Guenes, um dos mais pittorescos das Encartações, que escolhi para theatro de um dos meus contos *mais dolorosos*, e, portanto, *menos rosados*.

Corre pelo fundo do valle, como alma que vae para o inferno impellida pelo demonio, o desenfreado Cadágua; e ao norte e ao sul levantam-se altissimas montanhas, em cujas faldas alvejam algumas casas á sombra de carvalhos e castanheiros.

Em uma das collinas que dominam a egreja parochial de Santo Isidro, e que, por assim dizer, formam os primeiros degraus dos Somos (nome que se dá ás montanhas do norte), havia nos principios d'este seculo uma casa conhecida pelo nome de Echederra.

Correspondia verdadeiramente áquella casa a denominação de Casa-Formosa, que não é outra a significação do seu nome vasconço.

Levantava-se a casa, alva como bola de neve calda da montanha, entre bosques de nogueiras e cerejeiras; e nas espaldas estendia-se uma porção de geiras de terra cuidadosamente lavrada.

Formosas parreiras cercavam o muro da herdade, e louçãs macieiras e pereiras lhe davam especial encanto. A situação da herdade de Echederra não podia ser mais pittoresca: das janellas da casa descobriam-se, através da ramagem do arvoredo, as duas margens do Cadágua, na extensão de duas legoas, e o regato que, descendo dos Somos, serpenteava entre as nogueiras e as cerejeiras, sempre limpo como a prata e fresco como a neve.

Corriam os ultimos dias do mez de junho.

Estavam os moradores de Echederra, ao declinar da tarde, apanhando as cerejas no campo contiguo ao da herdade.

— Cautela, Ignacio, não cáias, que mais vales que todas as cerejas do mundo, dizia uma mulher edosa a um moço de dezeseis annos, que, trepado á arvore, descia de ramo em ramo para lhe dar um cesto de cerejas.

— Não tenha cuidado, minha boa mãe; bem conheço o terreno, respondeu o moço.

— Estarias então bom para arlequim.

A aldeã despejou o cesto em outro maior que estava ao pé da arvore.

— Desce, desce, accrescentou dirigindo-se ao moço; já está cheio o cesto grande. Teu pae e teu irmão encheram tambem os d'elles.

O moço desceu da cerejeira de um salto.

Outro mancebo, parecendo ter mais quatro ou cinco annos, saltava ao mesmo tempo de uma das cerejeiras immediatas, em cujo pé estava um homem mui entrado em annos.

Estes dois ultimos tomaram, cada um de seu lado, um cesto de cerejas, e foram reunir-se com os primeiros.

Pouco depois sentaram-se todos a descançar junto das cerejeiras.

O ancião tirou da algibeira exterior da jaqueta uma bolsa de coiro, da qual fez sair o cachimbo de gesso que levou á boca.

O mancebo, que parecia ser o primogenito, fez egual operação.

— Dá-me que fumar, Baptista, porque se me acabou o tabaco, disse o ancião procurando inutilmente no fundo da algibeira e da bolsa.

— Acabou-se-me tambem, meu pae, disse Baptista, que havia já enchido o seu cachimbo.

— Não dizes a verdade! — exclamou Ignacio com signal de indignação. Ainda hontem te comprei e trouxe de Bilbao uma quarta de tabaco...

— Has de ser sempre fallador.

— E tu sempre egoista.

— A minha vontade era... Demais, quem quer tabaco que o compre.

— Não te envergonhas?...

— Deixa-o, Ignacio, disse o ancião, guardando o cachimbo tristemente resignado. Deixa-o, porque bem sabemos os de casa o que devemos esperar de teu irmão.

— Martinho! — exclamou a anciã, esse é o mau filho que nos tirará a vida: esse...

— Cala-te, Maria, interrompeu-a Martinho. Gosto muito de tabaco, porém gosto mais de socego.

— Se não temos socego, vossemecê terá ao menos tabaco, disse Ignacio dirigindo-se a correr para casa.

Voltou dois minutos depois, trazendo nas mãos uma porção de tabaco.

— Aqui está, meu pae, disse, eu não fumo, porém, sei que vossemecê padece muito quando não tem tabaco; e hontem, comprando-o para Baptista, lembrei-me de comprar tambem uma quarta com o fim de têl-a de reserva para algum caso como o que se deu hoje.

— Sim, sim, replicou Baptista, talvez o sisasses ao meu.

— Não me apures a paciencia, Baptista. Julgas todos por ti, e enganas-te!

— São tão ruins as tuas acções como os teus pensamentos, disse Maria dirigindo-se a Baptista.

— Deixemo-nos d'isso, acabemos com essas historias, disse o pacifico Martinho, saboreando o fumo do cachimbo com a delicia que comprehenderão todos os que fumam.

Recordo-me de um exemplo com que minha mãe, que Deus haja, procurava afastar-me d'aquelle vicio, se é que merece o nome de vicio o uso do tabaco, que proporciona até ao mais pobre um dos maiores gozos da vida, sem prejudicar (com perdão dos medicos... que não fumam) a saude nem a algibeira.

— «Teu avô, me dizia ella, era o homem mais pacifico e bondoso do mundo; os trabalhos não lhe tiravam a jovialidade; mas, quando não tinha tabaco, era a casa um inferno, e não havia consolação para elle. Ninguem o via enfadonho nem triste quando estava cheio o cachimbo.»

Inuteis conselhos! O neto, torcendo a moralidade do exemplo, disse para comsigo: «Logo que meu avô era tão apaixonado do tabaco, o tabaco deve ser coisa boa.» E com os primeiros cobres que tive comprei uma onça de tabaco e um cachimbo, fui-me ao bosque proximo, e alli prestei culto ao idolo de meu avô, até que fiquei narcotisado como um fumista de opio. Se meu avô levantasse a fronte do sepulchro, dir-me-hia: «Muito bem, meu querido neto! Estou satisfeito de ti, porque respeitas as tradições da nossa geração.»

Restabelecêra-se a paz entre a familia de Martinho. O sol occultára-se inteiramente, e, ainda que o dia fosse calmoso, era deliciosa aquella hora.

— Ceiaremos d'aqui a pouco, disse Martinho, e deitar-nos-hemos depois, porque ámanhã ha que levantar cêdo para que cheguem com as cerejas a Bilbao antes que o sol aqueça. Vamos para casa, porque a Joanna terá já prompta a ceia.

— Ó Martinho, disse a aldeã ao marido, era melhor ceiarmos aqui.

— Sim, sim, responderam o pae e os filhos, porque em casa faz muito calor.

— Joanna? — gritou Maria voltando-se para casa.

— Que quer, minha mãe? — respondeu uma rapariga da janella.

— Logo que esteja prompta a ceia, traze-a para aqui, onde ceiaremos.

— Já lá vou, disse a rapariga; e pouco depois saiu de casa e dirigiu-se para as cerejeiras, levando em um crivo um tacho com sardinhas coberto com guardanapo alvissimo, e uma brôa fresca e amarella como oiro.

Joanna era uma rapariga de dezoito a vinte annos, risonha como manhã de S. João, e córada como rosa. Estendeu o guardanapo ao pé de uma arvore, e collocou o tacho com as sardinhas na improvisada mesa, cercando-o de fatias de brôa com certa symetria; e logo que Martinho abençoou a mesa, a familia começou a ceiar no meio da conversação alegre e pacifica.

— Vamos alliviando do peso as cerejeiras, disse o ancião, e sinto-o por causa do sr. D. José.

— D. José, replicou Baptista, não sentirá muito; mais sentirão os passaros.

— Quando se acabarem as cerejas, não virá o sr. D. José todas as manhãs, depois de dizer missa, atirar da nossa janella aos tordos e picanços... são malditos de cozer! Acodem em bandos ás arvores, ainda que n'ellas estejam espantalhos.

— Já que se fallou do sr. D. José, disse Maria, porque não terá vindo esta manhã?

— Porque foi a Castro ao encontro de seu sobrinho, que vem da America, respondeu Martinho.

— Então vem hoje o sobrinho? Alegra-me bastante, porque talvez nos possa dar noticias de teu irmão.

— Deus queira que nol-as dê! Causa desgosto não ter sabido de meu irmão desde que nos escreveu do Mexico ha tantos mezes. Receio que tenha morrido, pois se estivesse vivo não deixaria de escrever-nos.

— Tambem julgo, Martinho. E não se diga que nos quer mal, porque a ultima carta que nos escreveu não podia revelar maior carinho.

— Podia têl-o já levado a breca! — disse Baptista.

— Jesus! meu Deus! — exclamou Maria. Que alma tens, filho!

— Que nos importa que viva ou que não viva, se nunca nos manda um real?

— O que eu quero é que viva, replicou Martinho, embora tenha a fortuna de Monte-Christo e não nos mostre sequer os cunhos do seu dinheiro.

— Então, Mattheus, o sobrinho do sr. D. José vem do Mexico? — perguntou Joanna.

— Não sei, respondeu sua mãe; mas creio que sim, porque vem da America... e dizem que traz bastante dinheiro.

— Alegro-me pelo sr. D. José, que é tão boa pessoa! — exclamou Martinho.

— Olhem! — disse Baptista, lá vem elles pelo bosque! Sim, sim, alli vem D. José; é fallar no mau e...

— Cale-se, hereje, interrompeu Maria. Pois não dá nome tão feio ao sr. D. José!

(Continua)

CARTAS A UMA SENHORA

AEROLITHOS

(Conclusão. Vid. pag. 251)

IV

Logo que os aerolithos cáem em terra são pertença do homem. É herança que vem do ceo, e que toca a todos. De muitos bolides ha noticia que pelo seu volume e riqueza de minerios são muito lucrativos aos habitantes. Pallas observou um aerolitho na Siberia que pesava 700 kilogrammas. No Brasil caiu em tempos um aerolitho que pesava 6:000 kilogrammas. Segundo o sr. Beudant, ha em Olimpa, no Tucuman, uma massa de 14:000 kilogrammas, e uma outra de 19:000 kilogrammas no Duranzo. Nos confins orientaes da Asia, junto ás nascenças do rio Amarello, ha uma collina aerolithica, que os mongoles chamam *rocha do Polo*, e na Dalmacia caiu um bolide em 1751, que pela sua grandeza é admiração dos viajantes.

Não pense v.ª exc. que todos os aerolithos cáem inflammados na terra; antes é certo que caiu ha poucos annos um em Pendjab, que gelava as mãos dos que quizeram levantal-o.

Explica-se este phenomeno natural, admittindo que aerolithos, sempre terrosos, atravessam os espaços interplanetarios, cuja temperatura desce 150° abaixo de zero.

Como são maus conductores do calor, podem os bolides terrosos chegar frigidissimos á terra. É claro que os bolides metallicos sempre chegam incandescentes.

A composição e contextura dos aerolithos variam immensamente, e fôra difficil descrever todos os estados em que se pódem apresentar.

Ha meteorites *carbonosos*, como o de Orgueil, e mais dois que se conhecem: ha-os *pedregosos, terrosos, metallicos*, e póde-se dizer que todos os aerolithos participam d'estas substancias.

O aspecto geral é analogo para todos. São revestidos exteriormente por um esmalte brilhante, produzido pela temperatura muita elevada que soffreram quando atravessaram a atmosphera. Esta camada é muito delgada, e a estructura interior é granulosa, com um aveiado phantastico e irregular comparavel com os hieroglyphos do Egypto. As granulações são umas vezes muito miudas, outras bastante grossas e envoltas por uma materia terrosa, sendo o conjuncto similhante ao grés. As granulações são quasi sempre cristallinas, e córadas de differentes laivos. O metal que mais abunda é o ferro no *estado nativo* ou puro, e quasi sempre combinado com o *nickel*. Outras vezes o ferro é magnetico, por ser muito attrahido pelo iman.

V

Descriptas as feições principaes e as circunstancias que acompanham a quéda das estrellas cadentes, é natural investigar quaes as causas do phenomeno. E nem este estudo seria proficuo se eu não relatasse a v. exc., com a maxima brevidade, as diversas hypotheses que hão sido aventadas.

Que os aerolithos são de origem cosmica, desnecessario é repetir, depois do que acima disse. Que a opinião de alguns philosophos gregos, que diziam que os meteorites provinham de exhalações terrestres, é completamente absurda e inacceitavel, tambem me parece fóra de qualquer dúvida.

Qual será, pois, a causa do phenomeno? qual a força que o produz? qual a sua origem verdadeira? quaes as energias naturaes actuantes?

Muito e muito se tem escripto e discutido sobre este ponto, e por ventura a sciencia não lavrou ainda a derradeira sentença. A principio, quando após os trabalhos de Chladni e investigações de Biot, começaram os espiritos mais cultos a estudar este assumpto, quizeram alguns, fundando-se em razões mecanicas e physicas, que os aerolithos, qualquer que fosse a sua materia, fórma e aggregação, proviessem sempre da lua. O nosso satellite, diziam elles, está todo cravado de volcões activos, enormes respiradoiros por onde se esvaem, em fumo e lavas ardentes, as demasias da actividade interior. São esses volcões que arrojam para a terra os aerolithos, e o satellite enriquece, á custa da propria substancia, o planeta, assim como os antigos servos da gleba enriqueciam o senhor feudal. Calculou-se que o esforço necessario para que um projectil lunar galgasse o limite da attracção, era apenas o dobro do que arremessa a bala que sae dos maiores canhões. Logo que essas enormes descargas ultrapassem a esphera da attracção da lua, a força que as solicitava compunha-se com a attração terrestre e ellas viriam circular em volta da terra descrevendo ellipses, assim como os planetas em torno do sol, podendo acontecer outras vezes que viessem encontrar a superficie do nosso globo.

A explicação foi acceitada e pareceu orthodoxa; congregaram-se, porém, novos observadores, appareceram outros factos importantissimos, que saíam da alçada da hypothese volcanica. É hoje incontroverso que ha uma especie de maré de meteoros que illuminam o ceo em epochas diversas do anno, obedecendo estas apparições a uma certa lei periodica, que ainda não está bem determinada.

Conforme v. exc. póde ver na gravura, ha noites no anno em que as estrellas cadentes cruzam o firmamento aos milhares, como se fossem lagrimas de um foguete immenso e invisivel.

Olmsted e Palmer descreveram uma chuva de estrellas cadentes, que observaram na America em a noite de 12 para 13 de novembro de 1813. Despenhavam-se como frocos de neve, e o numero das que caíram durante nove horas a fio, em uma só estação, foi avaliado, muito pela rama, em mais de 200:000. Como que ia grande festa no ceo, e o horisonte parecia a base de uma cúpula incendiada. As estrellas cadentes brilhavam e empallideciam as estrellas verdadeiras e fixas; todas as côres e cambiantes resplandeciam n'aquelle kaleidóscopo luminoso; os bolides não faltaram ao convite, e no fundo do firmamento, como um remate esplendido, fulguravam de quando em quando uns listões phosphorecentes. Em 1799, na mesma epocha do anno, presenciára Humboldt em Cumana um espectaculo quasi tão brilhante. Em 1823 e 1832 egual phenomeno, posto que em muito menores proporções, se viu na Europa, e continuou a ver-se até aos fins de 1842, deslocando-se o dia da apparição até aos fins de outubro, a tempo que o espectaculo se foi tornando mais exiguo, até se sumir de todo.

Não acontece, porém, o mesmo com outra data, que até hoje tem sido inalteravel.

A noite de 10 de agosto, ou, antes, o periodo entre 9 e 11, é sempre assignalado por uma chuva de estrellas cadentes, em qualquer parte da terra. Segundo Eduardo Biot, já os astronomos chinezes tinham observado, ha mais de dez seculos, chuvas de estrellas cadentes, n'esta data, e durante muitos annos sem interrupção.

Em alguns pontos da Europa, e não sei se em Portugal, a tradição popular chama ás estrellas cadentes *lagrimas de S. Lourenço*, e esta tradição piedosa está indicando a periodicidade do phenomeno. Dizem Her-

rick e Arago que, segundo uma tradição antiga da Thessalia, nos valles que dividem os rijos cabeços que rodeiam o Pelion e o Ossa, o ceo parece rasgar o manto que lhe encobre as profundezas, e apparece, em a noite de 6 de agosto, festa da Transfiguração, como um templo illuminado cujas portas se descerrassem de repente. Poetica e singular coincidencia!

Estas as tradições que a observação scientifica tem confirmado completamente.

Sir John Herschel, em uma carta ao sr. Quetelet, diz o seguinte:

«... Em quanto á questão da origem d'estes phenomenos, interior ou exterior á nossa atmosphera, estou que é necessario admittir uma origem cosmica. Não vejo outra explicação admissivel da persistencia do ponto da irradiação, e da recorrencia tão regular no mesmo dia do anno, que não seja o encontro da terra com um annel que circule em volta do sol. Muito fica por *explicar* com esta *explicação;* satisfaz, porém, ás duas grandes condições do problema............

«Pelo que respeita á grande elevação acima da terra, vejo-me obrigado a *suspeitar* de uma especie de atmosphera superior á atmosphera aérea, mais ligeira e como que mais *ignea.*»

A atmosphera superior, mui pouco densa, é chamada *immovel* pelo sr. Quetelet, e a inferior é a *movel.* Aquella, favoravel á inflammação e brilho das estrellas cadentes, não é necessariamente da mesma natureza que esta em que vivemos.

O sr. Faye, de quem tantas vezes tenho fallado a v. exc., explica estas apparições astronomicamente. A terra, na sua passagem pelo annel de corpos quaesquer que giram em volta do sol, apodera-se, pela força attractiva, de grande numero d'esses corpos, que se transformam em verdadeiros satellites. Este provimento vae-se queimando na atmosphera no correr do anno, e precipita-se no sol. Durante a circulação, podem alguns meteorites passar isolados, como os que vemos todas as noites; outros, agrupando-se, aproximam-se ou afastam-se, segundo a posição da sua orbita, e dão logar ás apparições mais regulares, cuja periodicidade acaba passados annos. Esta hypothese tambem explica a apparição das chuvas de meteoros que, segundo o sr. Faye, são um verdadeiro *mysterio.*

Mas não pára aqui a magia sublime da natureza fecunda. Além dos bolides que sulcam a atmosphera com os seus globos de fogo; além das estrellas cadentes; além de todos esses meteorites, ha os corpusculos cosmicos, poeiras quasi impalpaveis ás vezes, e que gravitam no espaço obedecendo ás mesmas leis de vida que regem os maiores planetas. Mas que importa que a propria natureza estatúa a egualdade? Os pequenos são sempre absorvidos pelos maiores, e os corpusculos são tragados pelos planetas que, caminhando radiosos pelas orbitas fataes, são como os rios que recebem na sua corrente magestosa a lympha solitaria dos bosques.

A poeira cosmica é immensa, e, segundo o sr. Reichenbach, não ha ponto da terra que possa considerar-se isento d'aquella chuva constante. Além das analyses chimicas do barão de Reichenbach, ha observações directas, ha mil tradições que attestam chuvas de poeira cosmica [1].

Tudo se move no immenso imperio da creação, e, desde o atomo infimo até á estrella gigante, só ha vida onde ha movimento.

VI

Já vae porventura demasiado longa esta carta, e, comtudo, quizera fechal-a com chave de oiro, já que foi aberta com chave de ferro. Que maiores nomes poderei citar, do que Humboldt e Tyndall? Que paginas mais inspiradas, mais cheias de uncção scientifica, do que as que saíram das magicas pennas d'estes dois grandes homens?

Falla assim Humboldt:

«Ver o movimento surgir subito na calada da noite, e turvar um instante o placido brilho da abobada estrellada; seguir com a vista o meteoro que cae e desenha no firmamento um trajecto luminoso, não é pensar nos espaços infinitos por toda a parte cheios de materia, e por toda a parte vivificados pelo movimento? Que importa a pequenez extrema d'esses meteoros, aonde se encontra, ao lado do enorme volume do sol, atomos, como Ceres, e o primeiro satellite de Saturno? Que importa o seu desapparecimento subito, se um phenomeno de outra ordem, a extincção d'essas estrellas que brilharam de repente em Cassiopéa, no Cysne e no Serpentario, nos obrigou já a admittir que podem existir nos espaços celestes outros astros além dos que estamos vendo sempre? Sabemos agora que as estrellas cadentes são aggregações de materia, verdadeiros asteroides que circulam em volta do sol, atravessam como os cometas as orbitas dos grandes planetas, e brilham perto da nossa atmosphera, ou pelo menos nas ultimas camadas.

«Isolados em o nosso planeta de todas as partes da creação que não ficam comprehendidas nos limites da atmosphera, não estamos em communicação com os corpos celestes senão por intermedio dos raios tão intimamente unidos da luz e calor, e d'essa mysteriosa attracção que as massas longinquas exercitam em o nosso globo, nos nossos mares, e até nas camadas do ar que nos rodeiam. Mas se os aerolithos e as estrellas cadentes são realmente asteroides planetarios, altera-se o modo de communicação, torna-se directo e como que se materialisa.

....

«Tal é o unico movimento cosmico que póde pôr o nosso planeta em contacto com as outras partes do universo.

....

«Assim é que a sciencia põe em jogo na nossa alma as molas secretas da imaginação e as forças vivas do espirito, quando o vulgo não vê n'esses phenomenos senão faiscas que se accendem e apagam, e n'essas pedras anegradas, caídas com fragor do seio das nuvens, senão o producto grosseiro de uma convulsão da natureza [1].

Tyndall, no seu magnifico livro sobre o calor, depois de apresentar as diversas theorias que explicam a persistencia do calor solar, diz:

«Outra theoria ha que, por ousada que pareça á primeira vista, merece, comtudo, a nossa particular attenção (theoria meteorica do calor solar). Os espaços solares são povoados de corpos ponderaveis; a celebre proposição «que ha mais cometas no ceo do que peixes no mar», deduz-se de que só uma pequena parte do numero total dos cometas pertencentes ao nosso systema são avistados da terra. Mas além dos cometas, dos planetas e dos satellites ou luas, ha uma classe numerosa que pertence ao nosso systema, qual é a dos asteroides, que, pela sua pequenez, podem ser considerados como atomos cosmicos [2].»

Estes asteroides são os bolides e estrellas cadentes que, em virtude de certos phenomenos já astronomicos, já physicos, vão-se conchegando cada vez mais até que cada anno milhões e milhões de *atomos cosmicos* caem no sol, e são os gravetos que alimentam o immenso luzeiro planetario.

Pedindo agora desculpa a v. exc. por não citar, como quizera, mais alguns excerptos do grande Tyndall, ouso esperar da sua bondade que desculpe as fallencias de quem é — de v. exc. servo e admirador.

A. Osorio de Vasconcellos.

[1] Vid. Arago, *Astronomie Populaire.*

[1] *Cosmos*, trad. fr. de Faye, vol. 1, pag. 151.
[2] *La Chaleur considerée comme un mode de mouvement*, por John Tyndall, trad. fr. de l'abbé Moigno, pag. 415.

Antonio Emilio Machado Reis, fundador da *Sociedade Madrépora*

Quantas vezes se não tem fallado n'estas paginas da *Sociedade Madrépora*, e só agora nos é dado proferir o nome do seu fundador—agora... que já elle nos não póde impor o preceito que nunca ousámos quebrantar durante a sua vida!

A singular organisação que Antonio Emilio Machado Reis dera a esta sociedade, para que não houvesse ostentação de nomes, para que não apparecessem individualidades, mas simplesmente o corpo collectivo da sociedade em todos os actos de protecção á industria, ás letras e ás artes em Portugal, fizera com que elle nos prohibisse, não só nomeal-o como fundador da *Madrépora*, mas nem sequer como director geral, a quem, pelos estatutos, cabia a alçada de dispor dos fundos da sociedade para os fins da sua instituição.

Toda a gloria e beneficio que de tal corporação dimanassem, queria elle se attribuissem a todos os socios, sem prioridade nem graduação.

Raro exemplo este, no tempo de agora, em que o bem se faz ao som da tuba, cujas vozes a imprensa multiplica ao infinito, vencendo a deusa da fabula.

Hoje que a morte o arrebatou no vigor dos annos, e quando elle planeava alargar a esphera, e avultar os recursos da instituição a que votára todos os cuidados e actividade, o seu retrato irá avultar a galeria dos homens benemeritos que o *Archivo* tem colligido, tributando á memoria de tão prestante cidadão a homenagem devida aos serviços e beneficios que elle fez á sua patria.

É grande o numero de portuguezes que emigrando para o Brasil de tenra edade, e de humilde nascimento, se tem abalisado no commercio, nas letras e nas artes, dando honra, fama e proveito á terra do seu nascimento, a muitos dos quaes ella engeitou.

D'esse numero foi Antonio Emilio Machado Reis.

Nasceu na cidade do Porto, berço de varões ousados e emprehendedores, cujas façanhás correm a flux nos annaes da monarchia antiga, e nos fastos da historia moderna.

Tinha apenas doze annos, quando em 1839, lavrando com mais intensidade a febre contagiosa de ir buscar fortuna ao Brasil, um amigo de seu pae o levou comsigo para o Rio de Janeiro. Logo na viagem teve o prognostico de que nascêra para luctar com a adversidade, porque foi longa e tempestuosa; e sobre padecer muitas privações, esteve a pique de naufragar.

Chegado ao Rio, foi para caixeiro de um estabelecimento, onde por maus tratos se lhe revoltou o genio brioso de que sempre timbrou; e despedindo-se immediatamente, o individuo que o levára de Portugal o accommodou fóra da cidade, n'uma estalagem denominada «Venda Grande», que tinha juntamente um armazem de mantimentos.

Alli se conservou por cinco annos, os mais amargurados da sua vida, porque tendo nobres aspirações e vontade de se instruir, lidava continuamente com a relé do povo, e era tão trabalhoso o trafego do estabelecimento, que nem de noite tinha tempo para ler, sendo esta a sua paixão favorita.

Contava elle que do primeiro salario que alli recebêra comprára os *Lusiadas* de Camões; e que muitas

vezes fôra reprehendido pelo patrão, que o ia achar atraz de uma pipa de aguardente ou de um costal de carne salgada, a ler ou decorar o poema das glorias da sua patria.

Quantos lances de tão triste sorte se não lêem na biographia universal dos homens celebres!

D'antes os panegyristas occultavam a humildade da progenie dos varões illustres, e os misteres por onde haviam começado a sua vida; hoje importa que se revelem e patenteiem, para incitamento dos que a sorte haja lançado n'essas provações, e para exemplo de que do mais raso nascimento, e do trafego das mais infimas profissões, se póde subir ás maiores alturas.

Foi n'este tempo que Machado Reis conheceu uma familia brasileira, que o tratava com amizade e carinho; e tão grato se lhe mostrou sempre, que quando estava já estabelecido, proporcionando-se-lhe um casamento rico, o rejeitou para tomar esposa n'aquella familia que o tinha estimado e soccorrido na desgraça.

É esta, entre muitas, uma das acções que revelam a bondade e rigidez do seu caracter, a magnanimidade e pureza de seu coração.

Com a morte do dono da «Venda Grande», fechou-se o estabelecimento; e Antonio Emilio teve de voltar para o Rio de Janeiro, sem que podesse haver os salarios que tinha vencido. Foi ainda pesssoa da familia a que já nos referimos, que lhe fez um emprestimo para a jornada.

Ainda d'esta vez a sua má estrella o guiou para caixeiro de uma loja de chá, cujo dono, além de o tratar brutalmente, lhe dava tão exiguo ordenado, que não podia sair de casa por não ter de que se vestir com decencia. Despediu-se; mas tão mesquinho era o saldo que o patrão lhe queria entregar, que Antonio Emilio, indignado de tanta sordidez, arremessou com o dinheiro ao chão, exprobrando ao verdugo o roubo que lhe fazia.

D'alli passou a ser escrevente de uma fabrica de massas.

Por este tempo, em setembro de 1847, um golpe fatal o feriu com tanta pungencia, que até á morte conservou sempre esta dolorosa impressão. Morrêra-lhe sua mãe. De todos os filhos era este o que ella mais estremecia. Ficára inconsolavel com a sua ausencia, e fôra a que mais se oppozera á emigração de seu filho querido. Contava Machado Reis vêl-a ainda, mas as suas desventuras não consentiram que elle viesse a Portugal.

A noticia da morte de sua mãe causou-lhe tal desvario, que tentou suicidar-se. Quem o viu por esse tempo, nos affirma que mais parecia um velho achacado que um rapaz de vinte annos, edade que acabava de completar!

Desde então nunca mais logrou saude; o rosto, que era prazenteiro e expressivo, amorteceu-lhe, e velou-se-lhe de tristeza; era rapida a decadencia da sua vida, sobre tudo nos ultimos tempos, em que as enfermidades mais o haviam quebrantado [1].

Este exaltado amor filial tinha-o elle substituido, com ardor não menos intenso, pelo amor da sua patria, que tanto o consumiu, e depois lhe accelerou a morte, quando, ainda mal convalescido, tomou conta do consulado portuguez no Rio de Janeiro.

Posto lhe faltasse a instrucção que melhor se adquire nos primeiros annos, Machado Reis, dotado de juizo claro, muito emprehendedor e brioso, conseguiu pela leitura e applicação achar-se apto para desempenhar encargos mais lucrativos de quantos até alli havia exercido.

A longa correspondencia que temos em nosso poder; as allocuções que por vezes proferiu, e as que dirigiu ás escholas, algumas das quaes publicámos n'este jornal, são de um homem culto, bom pensador, crente apaixonado no progresso pela instrucção e pela moralidade. A estes fins tendiam todos os seus planos, para credito e ventura da colonia portugueza no Rio de Janeiro, que tinha n'elle um defensor e conselheiro sensato, como provou na prolongada questão consular, e na, mais grave ainda, da emigração do reino para o Brasil.

Sendo admittido como segundo guarda-livros na casa commercial do sr. Francisco Augusto Mendes Monteiro, este honrado negociante lhe recompensou o seu merecimento e zêlo associando-o á sua firma. Desde este tempo, achando-se já livre das privações que lhe haviam cortado o coração durante a sua mocidade, se dedicou ao estudo das principaes necessidades dos gremios portuguezes disseminados pelas provincias do Brasil, e dos meios por que elles poderiam contribuir para os progressos da sua patria.

D'estas cogitações nasceu o pensamento de instituir uma associação em tudo diversa das que existiam n'aquelle imperio. Em 1859 tinha elle já conseguido que bom numero de portuguezes se lhe aggregassem para fundar a *Sociedade Madrepora*, com o exclusivo fim «de auxiliar todas as instituições e emprezas que tenderem a desenvolver o progresso e a civilisação em Portugal, procurando crear o maximo gosto e amor pelas letras e pelas artes em geral.»

Os meios prescriptos nos estatutos, approvados por decreto imperial, para obter estes fins, são:

1.º Distribuir gratuitamente pelo povo jornaes de litteratura, de sciencias, e artes liberaes e mecanicas.

2.º Auxiliar a impressão de livros de reconhecido merecimento.

3.º Gratificar com premios os nossos artistas que mais se distinguirem nas exposições, quer nacionaes, quer estrangeiras.

4.º Tornar conhecidos condignamente os nossos homens illustres, principalmente os distinctos nas letras, por meio de retratos, de bustos, etc. doados a estabelecimentos publicos, empregando n'este mister artistas nacionaes.

5.º Fazer donativos ás instituições existentes, onde os artistas recebem uma educação apropriada, como a *Associação Industrial Portuense* e *Instituto Agricola*.

6.º Contribuir para qualquer empreza que se proponha á creação de monumentos aos nossos heroes, ou tomar essa iniciativa quando os seus meios o permittam.

7.º Dar impulso á nossa industria, procurando introduzir no Brasil os nossos artefactos.

8.º Advogar a causa da nossa nacionalidade, mantendo quanto for possivel, em todos os sentidos, a honra e dignidade do nome portuguez, procedendo n'este effeito com justeza e circumspecção, e n'um sentido pratico e real.

9.º Estabelecer n'esta cidade (Rio de Janeiro) um gabinete de leitura, exclusivamente de estatistica portugueza, no qual se possam reunir os socios para tratarem de questões relativas aos fins da Sociedade, ou para se entreterem com assumptos de recreio litterario.

10.º Tomar ao seu serviço um ou mais homens habeis, conforme o permittirem as forças da Sociedade, para que se incumbam exclusivamente de estudos mais vastos e mais completos ácerca dos fins da Sociedade, bem como da composição de obras de reconhecida utilidade para os artistas.

É agigantado o plano, mórmente por demandar grandes capitaes, mas não impossivel, se o aferirmos pelas demonstrações de patriotismo e liberalidade dos portuguezes estabelecidos no Brasil. E tanto, que existindo esta sociedade apenas ha poucos annos, e ainda não de todo ramificada nas diversas provincias d'aquelle imperio, tem já dispendido avultadas sommas no desempenho do seu instituto.

[1] Note-se que o retrato que hoje damos foi desenhado de uma photographia tirada em 1861.

Foi ella a primeira que instituiu premios litterarios para os alumnos pobres das escholas gratuitas d'este reino, e só do *Archivo Pittoresco* tem distribuido 4:200 exemplares, que importam em 8:400$000 réis; além da crescida verba dos portes do correio.

Tem sido tão proficuo este incentivo, que o dia em que nas escholas primarias se entrega o volume do *Archivo* ao alumno a quem nos exames finaes se confere este premio, é de solemnidade publica, como consta de muitas actas publicadas nos jornaes, sendo convocados para estes actos os parochos e auctoridades dos concelhos, acontecendo, não raro, que algum dos concorrentes contribua com o seu premio em livros ou numerario, para os alumnos que seriam tambem contemplados pela sua applicação, se não houvesse apenas um volume do *Archivo*.

D'esta sorte se estimula e recompensa a boa frequencia e aproveitamento dos estudos primarios.

É um grandissimo serviço feito ao estado, que infelizmente mantem muitas escholas quasi desertas, por não se haverem empregado os meios de attracção, e estar ainda indecisa a these proposta com tão comprovadas demonstrações, pelo apostolico zelo do sr. A. F. de Castilho, para a reforma do ensino elementar.

Além do premio que a *Sociedade Madrépora* confere a mil discipulos, os professores e professoras das escholas contempladas, que são outros mil, e que vão recebendo mensalmente as cadernetas d'este semanario, para depois de completo o volume o entregarem ao alumno que o houver ganhado, tem durante o anno leitura gratuita, instructiva, sã, e genuinamente portugueza.

Isto para a geral penuria em que vivem os professores de instrucção primaria, muitos em paragens onde não chega letra redonda senão a das cartilhas, é de incontestavel beneficio para o promovimento da cultura intellectual de tão desvalida classe, cuja sorte todos lamentam, e ninguem remedeia!

A *Sociedade Madrépora*, a cuja direcção temos enviado centenares de cartas de participação e agradecimento dos srs. professores e professoras das escholas contempladas com o *Archivo*, póde bem avaliar o inesperado aproveitamento d'este seu generoso donativo, a que de certo não ha de faltar o louvor e recompensa dos poderes publicos, já manifestados na régia Portaria publicada no *Diario* de 11 de junho de 1860.

Para auxiliar a empreza d'este semanario, tem a mesma sociedade requisitado annualmente grande numero de collecções, para lhes dar extracção em todo o imperio do Brasil, onde contâmos bom numero de assignantes, tanto brasileiros como portuguezes, a quem seremos sempre reconhecidos.

Estabeleceu tambem a *Madrépora* no Rio de Janeiro um gabinete de leitura para os seus socios, onde tem todos os jornaes politicos e litterarios que se publicam n'este reino e seus dominios, recebidos em troca do *Archivo*. Alli acham colligidas todas as noticias, todo o movimento intellectual do mundo, e mórmente o que diz respeito ao nosso Portugal, para lhes suavisar as saudades da patria, a que todos os portuguezes residentes n'aquelle imperio se mostram sempre tão affectos e dedicados.

Muitas acções da Associação Industrial Portuense, e da Sociedade Promotora das Bellas Artes, toma a *Madrépora* para as auxiliar, e multiplicadas assignaturas de alguns jornaes portuguezes.

Premiou com delicadas joias os tres principaes expositores da Exposição Industrial Portuense de 1861.

Inaugurou o retrato del-rei D. Pedro V na real eschola de Mafra; e o do sr. Alexandre Herculano no Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro, ambos expressamente pintados pelo nosso insigne retratista José Rodrigues.

Contribuiu bizarramente para o monumento de Camões, e para a estatua de D. Pedro V, que os artistas do Porto vão erigir na praça da Batalha.

Tem promovido a venda de várias publicações litterarias feitas em Portugal, recommendando-as por uma circular que a direcção mandou imprimir para esse fim, agencia voluntaria e gratuita, movida exclusivamente pelos impulsos do patriotismo e da civilisação dos directores d'aquella prestantissima corporação.

Esta sociedade mandou tambem imprimir os romances da illustre escriptora portuense D. Maria Peregrina de Sousa; e projecta fazer uma edição illustrada de uma obra do sr. Alexandre Herculano.

Muitos outros auxilios tem prestado a *Madrépora* ás letras e artes, de que não temos noticia exacta.

Esta instituição é um verdadeiro monumento do patriotismo dos nossos compatricios residentes no Brasil; e o maior brazão que o seu fundador podia legar á sua terra e á sua gente; e com o qual perpetuara o seu nome entre os amigos da civilisação.

A morte inopinada de Machado Reis deve produzir grande abalo nos fundamentos d'esta nascente sociedade, a que elle não tinha ainda podido dar a solidez que requer tal edificio, embora tanto trabalhasse e obsecrasse para esse fim; mas os que foram seus cooperadores não se hão de mostrar menos solicitos e zelosos obreiros; e d'isso boa prova deram já na quantiosa subscripção que abriram na primeira assembléa depois do fallecimento do fundador, para subsidiarem a familia que elle deixou desvalida!

Outra creação, posto que de mais limitado alcance, se deve ao genio emprehendedor e meditativo de A. E. Machado Reis. É a *Caixa de Soccorros de D. Pedro* V.

Lamentava elle, que apesar de existir o magnifico *Hospital Portuguez* [1] e outras associações de beneficencia no Rio de Janeiro, fosse sempre avultado o numero de portuguezes doentes e pobres que accorriam ao consulado pedindo auxilio, ou vendo-se obrigados a entrar nos hospitaes da cidade, porque sendo todas aquellas associações de soccorro mutuo, só o prestavam aos que para ellas contribuiam. Este publico espectaculo de mendicidade dos seus nacionaes offendia o pundonor patriotico de Machado Reis; e para o attenuar, quanto possivel, ideou a *Caixa de Soccorros* para acudir não só aos que para ella subscrevessem, mas tambem aos pobres que não podessem contribuir, prestando-lhes o soccorro, não por simples caridade, mas a titulo de emprestimo, que pagariam quando tivessem meios, aliás ficariam desobrigados da restituição.

Este plano foi apresentado ao conselheiro Nazareth, quando exercia as funcções de nosso consul no Rio, que o approvou, sendo adoptado egualmente por muitos outros portuguezes notaveis.

Na memoravel festividade que a 31 de maio de 1863 celebrou a *Sociedade Madrépora* no Gabinete Portuguez de leitura do Rio de Janeiro [2], por occasião de inaugurar a estatua de D. Pedro V, com que a presentearam os artistas portuenses; depois de uma notavel allocução do sr. commendador Montoro, propoz o sr. Nazareth que n'aquelle acto se abrisse a subscripção para a projectada *Caixa de Soccorros*, que se denominaria de *D. Pedro* V. Em continente se procedeu á subscripção, que n'essa noite chegou a quatrocentos nomes.

Esta fundação conta hoje centenares de socios, e tem prestado aos portuguezes desvalidos quantiosos auxilios, não só nas enfermidades, mas para lhes resgatar contratos lesivos, de locação de serviços e outros; e tambem para os transportar a Portugal, quando só com os ares patrios poderiam restabelecer-se.

A Machado Reis se deve inicialmente esta benefica instituição, suggerida pelas maximas do Evangelho,

[1] Vid. o artigo e gravura a pag. 403 do vol. V.
[2] Vid. o artigo a pag. 162 do vol. VI.

e que tão grata e gloriosa é para a sua memoria, acatada já como a de um verdadeiro e desvelado amigo da humanidade.

Fundando a *Madrépora*, promoveu a instrucção e moralidade dos seus concidadãos pela cultura do espirito; creando a *Caixa de Soccorros*, acudiu aos enfermos e indigentes, sem os vexar com o apparato da moderna philanthropia.

Homem de taes aspirações e emprehendimentos, se o destino lhe fôra propicio e a morte o não atalhasse na flor dos annos, alcançaria notavel celebridade.

Todavia, na humildade da sua condição; sem haveres nem saude; apenas entrado na edade viril, deixou monumentos perduraveis do seu elevado patriotismo e do seu magnanimo coração.

E juntava a tão raros predicados, o ser de um desinteresse, de uma abnegação exemplar. Quando por carta lhe participámos que haviamos pedido a el-rei D. Pedro v lhe conferisse uma mercê honorifica, respondeu-nos Machado Reis, que honras para a *Sociedade Madrépora* acceitava elle, para si nunca.

E a mercê ficou sem effeito.

Quando em 1863 o conselheiro Antonio José Duarte Nazareth se retirou do consulado do Rio de Janeiro, propoz ao governo para o substituir na qualidade de vice-consul a Antonio Emilio Machado Reis, o homem que toda a colonia portugueza indicára para tal interinidade, em quanto se não fizesse a definitiva nomeação de consul. O seu nome respeitado de todos; a honradez e isenção do seu caracter; a popularidade que havia adquirido pela fundação da *Sociedade Madrépora* e da *Caixa de Soccorros*, tudo contribuiu para ser o escolhido entre outros, não menos dignos, para nosso representante consular, em conjunctura tão difficil como é notorio.

Quiz escusar-se, e d'isso temos provas escriptas; mas a sua affeição ao bem de seus concidadãos, e a opportunidade de dar impulso aos seus planos para a confederação das associações portuguezas no Rio, em que por esse tempo meditava, o dobraram a acceitar um cargo de tão arduo desempenho, pela difficuldade de conciliar tantas vontades encontradas, e satisfazer exigencias muitas vezes insensatas.

E bem presentia elle que o onus era superior ás suas forças physicas, acabando de sair de uma doença grave, e que succumbiria se a interinidade do cargo se prolongasse.

Felizmente o governo teve o bom accordo de transferir para o Rio o consul de Pernambuco, o doutor José Henrique Ferreira, que no exercicio d'este logar dera manifestas provas de ser o agente consular que as circunstancias reclamavam para a capital do imperio.

Nunca alli houve nomeação tão festejada; nem Machado Reis podia ter quem melhor o avaliasse e estimasse.

Successos posteriores, motivados pela nova convenção consular, o obrigaram a pedir licença para se ausentar, e novamente ficou Machado Reis encarregado das funcções consulares.

Regressára de Nova Friburgo, para onde tinha ido restabelecer-se de um assalto da molestia que o havia tolhido na cama por muito tempo. Attribuia elle o quebrantamento mortal em que se achava a padecimentos nervosos, mas era uma affecção mais grave que lhe andava, já de annos, minando a vida.

Tendo de se applicar aos negocios de sua casa, que achára paralysados com a sua ausencia, e aos do consulado, que são de trabalhosa e constante fadiga, renovaram-se-lhe os ataques, e aggravou-se-lhe a molestia com os esforços a que o impellia a actividade do seu genio, e a exacção no desempenho das funcções do logar que estava exercendo.

Tendo de ir a um sitio distante da cidade, para uma diligencia do seu cargo, expoz-se ao sol ardente, e depois sentiu um resfriamento lethal. Quando regressou caíu de cama para ahi dormir o somno eterno. A 24 de setembro de 1865, dia já infausto pelo obito do libertador de Portugal e do Brasil, falleceu Antonio Emilio Machado Reis.

A noticia da sua morte, quasi subita, consternou a cidade onde tinha tantos amigos, onde era geralmente conhecido, bemquisto e respeitado, e na qual vivêra vinte e seis annos. Para a colonia portugueza foi um dia de lucto e consternação.

Assim o patentearam os nossos compatricios nas exequias que lhe fizeram, no sequito numeroso e contristado que o acompanhou á sepultura; e sobre tudo a *Sociedade Madrépora*, que, reunindo-se em assembléa geral, honrou a memoria e galardoou os serviços do seu fundador, subsidiando a familia que elle deixára pobre e desamparada, por uma subscripção que logo n'aquella assembléa subiu a alguns contos de réis.

Inescrutaveis destinos do homem! Aquelle que havia agenciado tantas subscripções e donativos para os estranhos, no mesmo dia em que cerrára os olhos á luz d'este mundo, deixava os seus necessitados dos soccorros alheios!

É que ha homens fadados para serviçaes do proximo, sem que attendam ao damno dos seus interesses, e ainda da propria vida. Tal é, commummente, a sorte dos verdadeiros bemfeitores da humanidade — dos grandes pensadores, dos mais notaveis inventores.

É que não póde haver luz nem resgate sem victimas; e na sacrosanta do Golgotha temos a confirmação d'esta inexoravel sentença!

A. da Silva Tullio.

EGREJA DE S. VICENTE DE FÓRA

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Ha um genero de ornamentação de muita formosura e riqueza, em que sobresaem varios templos de Lisboa, e no qual a maior parte da gente não attenta, passando desapercebida por essas obras de arte tão curiosas na invenção, quanto primorosas no lavor. Referimo-nos aos mosaicos em marmore, onde tanto se manifestam a paciencia e habilidade do artista.

Um dos templos da capital que mais ostentam estas magnificencias da arte é a egreja de S. Vicente de Fóra. A capella do topo do cruzeiro, do lado do evangelho, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, é n'esta especie de trabalho objecto mui digno de se ver.

O altar com o seu retabulo occupa todo o interior de um arco de cantaria, que se abre na paredê entre duas pilastras, e que sóbe até á altura da cimalha geral do cruzeiro.

Exceptuando a imagem de Nossa Senhora, que se acha dentro de um soberbo tabernaculo; duas estatuas de dois santos da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, que se vêem mettidos em nichos aos lados da imagem da Virgem; e as duas figuras de anjos que avultam sobre os acroterios do mesmo tabernaculo, tudo o mais é obra de mosaico em marmores de mui variadas côres.

A nossa gravura, cópia de uma photographia, mostra com tanta exactidão e clareza a esbelta architectura do altar, e deixa tão facilmente ajuizar dos feitios variadissimos que apresentam os mosaicos, não obstante a sua excessiva miudeza, que nos dispensa de minuciosa descripção.

Ácerca do templo de S. Vicente de Fóra, e do mosteiro contiguo, actualmente residencia dos patriarchas de Lisboa, fallámos a pag. 225 do vol. vi.

I. de Vilhena Barbosa.

O MAU FILHO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

(Vid. pag. 261)

II

Com effeito, pela rua que atravessava o bosque de castanheiros, situado a pouca distancia da herdade, assomavam o prior e seu sobrinho Mattheus, cavalgando em ruins muares, seguidos de uma récua que transportava a bagagem do mancebo.

Era o sr. D. José, parocho da freguezia de Santo Isidro de Guenes, bastante edoso, cujo rosto e cujas palavras testimunhavam a bondade do coração. O mancebo que acompanhava o reverendo prior mostrava ter vinte e tantos annos.

Os moradores de Echederra correram a saudal-os, excepto Baptista, que preferiu continuar a comer as sardinhas que estavam no tacho.

— Que tenho eu, murmurou, com o rapaz que vem da America, ou com o tio? Para o que me hão de servir...

O prior deteve a cavalgura apenas viu os parochianos, e o sobrinho imitou-o.

Capella de Nossa Senhora da Conceição, no cruzeiro da egreja de S. Vicente de Fóra

— Olá, Martinho? Olé, Maria! — exclamaram o tio e o sobrinho.

— Boas tardes, sr. D. José e seu sobrinho, responderam todos.

— Será possivel, disse Maria, que este cavalheiro seja...

—Mattheus, apressou-se em responder o mancebo, sou aquelle rapaz travêsso que, haverá seis annos, lhes apedrejava as arvores quando ia a Echederra com o tio.

— Louvado seja Deus, quem o havia dizer! porque v. s. está...

— Deixemo-nos de ceremonias! Não faltava mais nada que lhes acceitasse tratamento de *senhoria*, conhecendo-me vossemecês quasi no berço. Joanna é que está uma gentil rapariga.

Joanna baixou os olhos, e as faces, que ordinariamente eram duas rosas, pozeram-se-lhe como dois cravos.

— Ignacio está muito crescido! — continuou o sobrinho do prior. E Baptista?...

— Ficou além...

— Tão impertinente como sempre, não é verdade? Fez-me zangar muito quando brincavamos juntos n'outro tempo.

— Como tem passado v. s.?...

— Alto lá! Já disse que não acceito o tratamento, Martinho.

— Não podêmos acostumar-nos a essa semceremonia...

— Pois é preciso que se acostumem. Passei bem de saude, e de fortuna regularmente. Tenho grande affecto á minha terra, e principalmente a meu tio, que me serviu de pae desde que fiquei orphão; e assim que me vi com um capitalzinho... pequeno, sim, mas sufficiente para viver tranquillo e feliz, e sendo pouco ambicioso, disse commigo: «regresso a Guenes, porque o tio é já edoso, e quero viver ao seu lado para amparal-o na ancianidade, e pagar-lhe quanto possivel os beneficios que me fez na juventude... Mas, agora me recordo, devem vossemecês ser os mais ricos de toda a Biscaia.

— Deus louvado, não nos falta um pedaço de brôa.

— Que é o que diz, Martinho? E a herança?

— De que herança falla, sr. D. Mattheus?

— Da de seu irmão.

— Então morreu! — exclamaram Martinho e sua familia prorompendo em choro.

— Não posso affirmal-o, respondeu o mancebo algum tanto perplexo. Deixei-o bastante doente...

— Morreu! Não o negue, sr. D. Mattheus...

— É verdade; falleceu ha dois annos, respondeu Mattheus. Mas não o souberam? E o enorme capital de que os deixou herdeiros?...

— Que o guardem bem os que o tiverem recebido! — disseram ao mesmo tempo Martinho, a esposa e os dois filhos, Joanna e Ignacio.

— Meus amigos, acudiu o prior carinhosamente, os luctos com pão passageiros são. Fallaremos ámanhã d'este assumpto, porque não é agora occasião propria.

A noite começava a fechar. O sobrinho e o tio tentaram consolar aquella afflicta familia, e despediram-se, seguindo uns para o valle, e voltando outros para a herdade.

— Morreu! morreu! — disseram a Baptista seus paes e irmãos ao chegarem junto a elle.

— Estava rico? E deixou-nos herdeiros? — perguntou aquelle com anciedade e alegria.

— Baptista! tens mau coração! — exclamou Martinho com severidade.

No pacifico e bondoso Martinho a severidade equivalia á indignação.

Desappareceram em breve todos pela porta da herdade. Ninguem se lembrou das cerejas, que pela manhã foram pasto dos habitantes do curral; ninguem se lembrou de ir com ellas a Bilbao, porque em casa de Martinho occupavam-se todos da morte do parente que estava na America: Baptista para indagar se d'ella podia resultar riqueza, os demais para choral-a.

Quando na manhã seguinte o sol assomava no oriente, o prior subia para Echederra. Não levava a espingarda como de outras vezes, e acompanhava-o seu sobrinho Mattheus. Ao chegarem á herdade, encontraram Martinho e sua familia mais resignados e tranquillos que os haviam deixado na vespera, e mais dispostos a ouvirem fallar do que lhes podia vir da America.

— Ora vamos, Martinho, disse Mattheus, é mister que se resignem. Visto que o defuncto os nomeou seus herdeiros, devem reclamar a herança, ainda que seja unicamente para com ella soccorrer os pobres.

— Tem razão, sr. D. Mattheus, respondeu Martinho.

— Vou então dizer-lhes o que ha a este respeito. Seu irmão possuia um capital de vinte e cinco contos...

— Vinte e cinco contos! — exclamou Baptista, e nunca nos mandou um real!

— Seu irmão era alguma coisa avarento... Mas deixemos em paz os mortos, e declaremos guerra aos vivos. Os vivos a quem devemos declarar guerra são os que abusaram indignamente da confiança do defuncto. Os testamenteiros fizeram circular o boato de que tinham cumprido a vontade do testador, e ninguem duvidou da sua honradez. É preciso que lhes escrevam immediatamente, reclamando a herança; e se se fizerem surdos, encontraremos nos tribunaes meios para que nos oiçam.

— Diz muito bem, sr. D. Mattheus; faremos tudo o que nos aconselhar.

Como em Echederra não houvesse o necessario para escrever, o reverendo prior pediu a Baptista que lhe fosse a casa, a fim de que a sra. Antonia, sua governante, lhe désse papel, tinta e obreias.

Baptista era exemplarmente preguiçoso; mas, como se tratava de riqueza, em que esperava alcançar grande parte, apressou-se em obedecer, e de um salto foi-se a casa do prior.

A sra. Antonia era mulher edosa, como seu amo, e cheia de bondade, como elle; qualidades não muito communs nas governantes.

E por que não são communs n'ellas taes qualidades?

Porque seus amos costumam peccar no extremo opposto, isto é, levam a bondade até ao excesso, e ellas chegam a odiar o bem á força de o ver prodigalisado sem limite. É preciso que a governante de um prior esteja muito superior ao vulgo das mulheres para que não chegue a aborrecer os pobres, vendo que para soccorrer estes conserva o amo a despensa vasia.

Baptista encontrou a sra. Antonia mais alegre e prompta para conversar como nunca.

— Então vae-me dar isso, sra. Antonia? — disse-lhe.

— Já vou, já vou, meu filho; porém espera um pouco e não sejas tão arrebatado.

— Se me demorar o sr. prior zanga-se, e o sr. D. Mattheus tambem.

— Não se podem zangar, se elles são tão boas pessoas! Haverá vinte annos que sirvo o reverendo prior, e nem uma só vez o vi zangado. E em quanto ao sr. D. Mattheus, é um rapaz como um anjo. Não viste como elle se fez mocetão?

— Diga-me, sra. Antonia, veiu muito rico?

— Muito, filho, muito! Se visses as coisas que trouxe!... Anda cá, vem ao seu quarto e verás o que é bom.

Baptista e a governante entraram em um quarto, onde estavam ainda amontoados os bahús e as malas do mancebo.

A sra. Antonia abriu alguns bahús, e mostrou a Baptista o conteúdo, que consistia principalmente em objectos de oiro e prata.

Os olhos de Baptista pareciam querer saltar das orbitas ao verem aquella riqueza. A sra. Antonia não cabia em si de orgulho e alegria.

— Esta, disse apontando para uma das malas postas ao canto do quarto, está fechada com sete chaves. Levanta-a do chão, se és capaz, accrescentou com sorriso alegre e malicioso.

Baptista lançou mão á mala, e não póde inteiramente erguel-a do solo. Quando a deixou cair ouviu-se um som metallico, que fez estremecer o mancebo, e provocou as gargalhadas da governante.

— Leve como um panno de palha, não é assim, Baptista?

— São muito felizes, sra. Antonia! — exclamou Baptista.

— Creio que sim. Mas tambem vossês participarão da nossa felicidade. Quando Deus dá, dá para todos. Mattheus e o sr. prior tem coração generoso, e estimam as pessoas de tua familia, como se pertencessem á d'elles. Se os vissem em algum apuro de certo os não deixariam ficar na encruzilhada.

Baptista não ouvira o que lhe dissera a sra. Antonia; commoção indefinivel se apoderára d'elle. No seu coração havia uma lucta horrivel.

— Que dizes a respeito da mala?

— Está cheia de cobre.

— Cobre? Estás louco! De prata e muito boa prata é que está cheia.

Baptista estremeceu, olhou para todos os lados, e avançou dois passos para a sra. Antonia.

Não sabemos que idéa sinistra lhe turvára a razão.

— Baptista! Baptista! — gritaram n'aquelle momento na escada.

Baptista bateu com o pé no solo, fazendo um terrivel gesto de agastamento, e a sra. Antonia e elle dirigiram-se ao encontro da pessoa que chamava.

Era Ignacio.

— Bons dias, sra. Antonia, disse, e accrescentou dirigindo-se ao irmão: avia-te, homem, que o sr. prior e D. Mattheus estão esperando ha uma hora. Não sabes que o sr. prior tem ainda que dizer missa?

— Não tem dúvida que esperem, pois ainda não é tarde, disse a sra. Antonia. Em um abrir e fechar d'olhos lhes vou fazer o almoço.

— Não, não, muito obrigado, sra. Antonia, replicaram ao mesmo tempo os dois irmãos.

— Digo-lhes que não devem voltar a Echederra sem comer alguma coisa, e beber um copo de vinho. Desejo que festejemos juntos o regresso do menino Mattheus.

— Outro dia será, sra. Antonia, tornou Ignacio. No domingo, depois da missa, talvez possamos aproveitar d'esse favor.

— Pois bem, meus filhos, não se demorem, mas fiquem certos de que lhes offereci o almoço com a melhor vontade, porque são vossês filhos de bons paes; e de bons paes, bons filhos; mas ao menos deixem-me mostrar a Ignacio o que o sr. D. Mattheus trouxe da America...

— Não podêmos demorar-nos mais, interrompeu Baptista tomando de uma das mesas os objectos de escripta.

E os dois irmãos seguiram a passo largo o caminho de Echederra.

(Continua)

O FOGO

(Vid. pag. 247)

As machinas de vapor dão-nos continuos e frequentes exemplos da transformação do calor em trabalho mecanico.

Que relação haverá, pois, entre o calor e o trabalho mecanico?

Chama-se *caloria*, ou *unidade calor*, a quantidade de calor necessaria para elevar de 1° a temperatura de 1 kilogramma de agua. Chama-se *kilogrammetro* o trabalho necessario para elevar o peso de 1 kilogramma á altura de 1 metro. Resulta das experiencias de Tyndall, Mayer, Joule, etc., que para desenvolver uma caloria é preciso gastar proximamente um trabalho de 424 kilogrammetros; e que, reciprocamente, uma caloria, desapparecendo, produz esta quantidade de trabalho. É este numero, 424 kilogrammetros, que se denomina *equivalente mecanico do calorico*.

Na natureza nada se anniquila; só ha transformações: assim, quando batemos com um taco de madeira sobre uma bola de bilhar, o movimento do taco desapparece, mas a bola toma movimento; houve, pois, uma transformação do movimento do taco no movimento da bola. Quando batemos com uma vaqueta sobre a membrana de um tambor, o movimento da vaqueta transforma-se n'um movimento vibrativo da membrana, e ouve-se um som; o mesmo succede quando percutimos uma campanula de vidro suspensa pela parte superior. Da mesma maneira, quando transformâmos o movimento de um martello no calor desenvolvido n'uma massa de chumbo em que se bate, aquelle movimento transforma-se n'um movimento vibratorio do chumbo. Os phenomenos calorificos e luminosos tem muitas analogias com os sons.

Qual é a causa do som? Uma simples experiencia nol-o diz: tome-se uma campanula de vidro suspensa superiormente, e percuta-se com uma vaqueta; ouviremos immediatamente um som; aproximemos da campanula um botão metallico suspenso por um fio; veremos que, apenas tocar no vidro, o botão salta e começa a oscillar, diminuindo a amplitude das suas vibrações á medida que o som vae enfraquecendo, cessando completamente logo que o som deixa de ouvir-se; portanto, vê-se que é o movimento vibratorio das moleculas do vidro a causa do som que se ouve percutindo a campanula. Quando desviâmos uma corda de rebeca e a largâmos, ouvimos um som e vemos a corda oscillar rapidamente de um e outro lado da sua posição de equilibrio, e á medida que o som vae enfraquecendo, a amplitude d'aquellas vibrações vae diminuindo. Se aproximarmos da campanula de vidro, em quanto vibra, uma membrana tensa, por exemplo a de um tambor, a membrana vibra e produz o som, porque as vibrações do vidro lhe são communicadas pelo ar.

É o ar que geralmente nos transmitte os sons ao ouvido; e, com effeito, no vacuo o som não se propaga. Se dentro de uma campanula de vidro, em que uma campainha toca continuadamente, fizermos o vacuo por meio de uma machina pneumatica, o som deixará de ouvir-se.

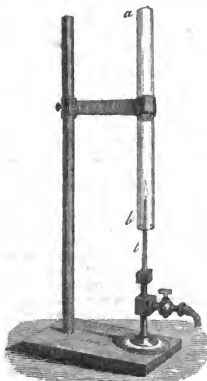



Fig. 20 — Chammas cantantes

Eis uma bella experiencia devida a Schaffgotsch, que mostra o effeito da transmissão do som através do ar. Inflamme-se um jacto de gaz saindo pelo orificio de um tubo metallico (t), e introduza-se a chamma dentro de um tubo de vidro (a b); baixando o tubo, ouve-se um som, devido á vibração da columna de ar no seu interior; mas elevemos o tubo até que cesse de se ouvir, e, collocando-nos a distancia, pronunciemos um som, e elevemos o tom successivamente; chegará um momento em que a chamma nos responderá, produzindo o mesmo som: é o movimento vibratorio da nossa larynge que é transmittido pelo ar exterior ao que se contém dentro do tubo. Vê-se, pois,

que por meio do fogo de uma pequena chamma produzimos um som, e á nossa vontade, isto é, quando com a nossa voz damos a mesma nota que póde dar o movimento vibratorio do ar contido no tubo.

Supponhâmos, por exemplo, uma corda vibrando; quando se desvia para um lado, comprime o ar que se acha em contacto; depois desvia-se para o lado opposto, deixando atraz de si um espaço no qual o ar se dilata; a corda, voltando de novo, torna a produzir uma condensação, e assim successivamente; estas condensações e dilatações communicam-se ao ar ambiente, e propagam-se como se propagam em circulos sempre crescentes as elevações e depressões produzidas na agua por uma pedra que n'ella se projecta; sendo, porém, n'este caso as ondulações da agua verticaes, e a sua propagação horisontal, e, portanto, transversal; em quanto que no som as vibrações são longitudinaes, isto é, fazem-se no sentido da propagação.

A marcha das ondas sonoras no ar é tal, que o som percorre 337 metros por segundo; é esta a velocidade do som no ar. A distancia do centro de uma condensação ao centro da condensação seguinte chama-se *comprimento da onda*. O choque das ondas sonoras sobre a membrana do tympano do nosso ouvido faz entrar em vibração o orgão auricular, e essa impressão, transmittida ao cerebro pelo nervo auditivo, dá-nos a sensação do som. Este choque das ondas do ar é tão mecanico como o é, por exemplo, o das ondas do mar contra os rochedos. Nos movimentos ondulatorios ha communicação das ondulações, mas não ha transporte; é como nas ondulações produzidas pelo vento sobre uma seara de trigo.

A intensidade de um som é tanto maior quanto maior é a amplitude das vibrações; assim, quanto maior é o desvio que damos a uma corda de uma rebeca, mais forte é o som que ouvimos. Um som é tanto mais agudo quanto maior é o numero de vibrações feitas pelo corpo sonoro durante um segundo; assim, o *lá*, nota da segunda corda da rebeca, é produzido por 870 vibrações simples, ou 435 completas (ida e volta) por segundo; o *dó* agudo do soprano é produzido por 2088 vibrações simples por segundo. A nota mais grave que um ouvido bem organisado póde apreciar é produzida por 32 vibrações simples por segundo, e a mais aguda por 72000; fóra d'estes limites, as vibrações impressionam o nosso corpo, quando tem grande amplitude, sente-se um certo estremecimento, mas o ouvido não é affectado. As cordas vocaes da larynge das crianças e das mulheres vibram mais rapidamente que as dos homens, por isso n'aquellas os sons são mais agudos.

Assim como o som é um movimento vibratorio, tambem o calorico e luz são movimentos vibratorios das moleculas dos corpos; mas n'estes movimentos as vibrações são muito mais rapidas; além d'isso são transversaes, isto é, fazem-se n'uma direcção perpendicular á da propagação. As vibrações calorificas ou luminosas são transmittidas ao *ether*, fluido muito elastico e rarefeito que está em contacto com todos os corpos, penetra em todos os poros, e está espalhado em todo o universo, de modo que é o meio de communicação dos corpos espalhados pelo espaço infinito.

É notavel que na mais remota antiguidade os philosophos admittiam a existencia de uma substancia muito subtil que julgavam existir acima da atmosphera; suppunham ser esta uma substancia ignea muito pura, considerada como o principio do calor, da luz e da vida: assim diz Ovidio:

Hæc super imposuit liquidum et gravitate carentem
Æthera nec quicquam terrenæ fæcis habentem.

São as vibrações ou ondulações do ether que, impressionando os nervos especiaes do nosso corpo, nos dão a sensação do calor, e que, pelo seu choque sobre a retina dos olhos, impressionam o nervo optico e nos dão a sensação da vista; é preciso, porém, que o numero de vibrações não seja inferior a 496 milhões de milhões por segundo para que o choque das ondas ethéreas impressionem a retina; quando é inferior o numero de vibrações do ether, não se vê, porque a retina não é impressionada, mas sim os nervos do nosso corpo, e sentimos calor.

Certos animaes, como as aves nocturnas, o gato, etc., tem os olhos mais sensiveis, e vêem com ondas de comprimento maior do que as ondas que impressionam a retina do olho humano.

Vimos que a luz branca se compõe de sete côres simples; estas côres correspondem a diverso numero de vibrações ou a ondas de diversos comprimentos; assim, o encarnado é produzido por 496 milhões de milhões por segundo; corresponde ás ondas mais compridas ou a menor numero de vibrações; o roxo é a côr que corresponde a maior numero de vibrações, perto de 900 milhões de milhões por segundo; o comprimento das ondas encarnadas é $\frac{75}{100000}$ de millimetro; o das ondas roxas é $\frac{34}{100000}$ de millimetro; para as ondas calorificas o comprimento póde attingir $\frac{5}{1000}$ de millimetros; a largura de um cabello ordinario ($\frac{1}{10}$ de millimetro) contém, portanto, mais de 300 ondas luminosas! maravilhas da natureza! sempre prodigiosa no infinitamente grande e no infinitamente pequeno! Como diz Plinio: *Natura nusquam magis quam in minimis tota est.*

Nas ondas sonoras, para o som mais grave (32 vibrações por segundo) o comprimento é 10 metros proximamente, e para o mais agudo é apenas de alguns millimetros.

O espectro solar fórma uma escala de sete côres, como a escala musical tem sete notas.

Vimos que no espectro solar, além do encarnado, havia raios calorificos de maior temperatura, e, portanto, menor numero de vibrações; no calorico obscuro este numero póde descer a 65 milhões de milhões por segundo. Além do roxo, vimos que havia raios insensiveis á vista, mas dotados de grande poder chimico, que correspondem a mais de 1000 milhões de milhões de vibrações por segundo; para estas ondas o comprimento não chega a $\frac{30}{100000}$ de millimetro.

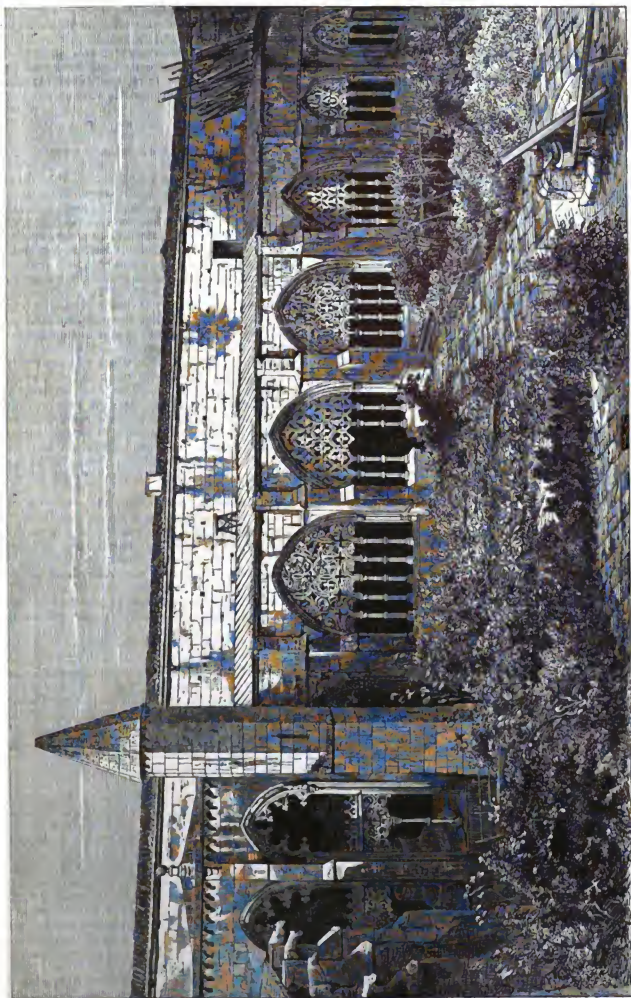
O espectro solar compõe-se, portanto, de tres partes: no centro o espectro luminoso ou visivel; a um lado o espectro calorifico ou de menor rapidez de vibrações; do outro espectro chimico ou de maior rapidez de vibrações.

Quando, por exemplo, aquecemos uma bola de cobre, augmentâmos a energia do seu movimento vibratorio e o numero de vibrações, até que chega a um ponto em que este movimento é sufficientemente rapido, para que taes vibrações, transmittidas pelo ether, venham impressionar a retina; então apparece a luz, sendo a côr encarnada a que primeiro se manifesta; e com effeito, a bola de cobre torna-se incandescente, rubra e obscura; para isto é preciso uma temperatura de 600°. Continuando a aquecer, eleva-se a temperatura, augmenta-se a energia do movimento vibratorio, e vão apparecendo outras côres, que se vão misturando, até que por fim apparece o branco; produz-se esta côr no rubro do metal á temperatura de 1500°.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

Com razão se póde ter em muito, e chamar ditosa, a lingua portugueza, pois por ella se annunciou e manifestou a tantas gentes, e de tão remotas e estranhas provincias, a fé de Jesu Christo, e foi causa de se tirarem as erroneas trevas em que o mundo vivia.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa Vista — palacio do conde de Sampaio

Claustro real do mosteiro da Batalha

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 223)

VIII

SACRISTIA

Entra-se na sacristia por uma porta que se abre na capella de Santa Barbara, que é a ultima das capellas do lado do evangelho.

Não obstante ser uma parte importante de tão sumptuoso edificio, não sobresae a sacristia por merecimento algum architectonico. Era, porém, notavel no tempo dos frades pelas reliquias, vasos sagrados, alfaias e paramentos que n'ella se guardavam, e que tinham sido dados pelo augusto fundador.

As reliquias santas achavam-se encerradas em uma cruz de oiro, e eram dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, de S. Jorge e de S. Braz, e um pedacinho da esponja com que deram de beber a Christo o fel e vinagre. Juntava-se n'estas reliquias á estimação religiosa o apreço historico, pois que foram enviadas a el-rei D. João I por Manuel Paleologo, imperador de Constantinopla, achando-se em Paris no anno de 1401, onde viera com o fim de solicitar dos soberanos do occidente da Europa auxilio contra os turcos, que, proseguindo de triumpho em triumpho pelo interior do imperio do Oriente, ameaçavam não só Constantinopla, capital do imperio, mas tambem a toda a Europa.

Vieram acompanhadas estas reliquias de uma carta do imperador, assignada da sua propria mão, e escripta em uma folha de pergaminho, em grego e latim, com sêllo de oiro pendente. Guardava-se esta carta no cartorio do convento. Não sabemos para onde foi levada depois da extincção das ordens religiosas; e na mesma ignorancia nos achâmos a respeito das santas reliquias.

De prata branca e doirada fizera presente ao convento el-rei D. João I das seguintes peças; 15 corpos de santos; 28 calices; 14 pares de galhetas; 5 caldeiras com os seus hyssopes; 8 thuribulos; 6 navetas; 9 cruzes para altares; 4 cruzes maiores, sendo uma para o altar-mór e tres para as procissões; 2 castiçaes grandes e 12 mais pequenos; 6 grandes tocheiros, dois dos quaes pesavam noventa e um marcos; 7 grandes lampadas; 1 lanterna; 5 caixas de ostias; 5 porta-pazes; 2 gomis, ou jarros, com os seus competentes pratos, ou bacias para lavar as mãos; e 2 campainhas.

Pesava toda esta prata, segundo diz o chronista de S. Domingos, *mais de mil e duzentos marcos; e valia muito por feitio e por ser grande parte d'ella doirada; e reduzida a peso ordinario passava de dezoito arrobas; magnifico e real emprego em serviço da casa de Deus pera em tempo que não havia India, nem Indias.*

D'esta prata foram vendidos, em 1540, 811 marcos, precedendo bulla do papa Paulo III, que auctorisou a venda para ser empregado o dinheiro que produzisse em várias obras que eram necessarias no mosteiro, e na compra de alguns bens para sustentação dos religiosos, visto ter fallecido o fundador sem dotar o convento do modo que tencionára fazel-o. A prata que ficou para o serviço divino, cujo peso excedia a 300 marcos; e o rico thesouro de alfaias e paramentos bordados a oiro e prata, e dados pelo monarcha fundador, foram d'aqui tirados quando se supprimiram os conventos, em 1834.

Junto á sacristia ha uma construcção rectangular, pela qual sóbe uma escada em ellipse, e que serve de base a uma torre contigua ao cruzeiro da egreja. Faz cúpula a esta torre uma grande pyramide de pedra lavrada e aberta com muitos lavores e arrendados, a qual se eleva com singular elegancia e magestade muito acima das partes mais altas do edificio. Este gracioso ornamento d'aquella grande fabrica foi ha pouco reconstruido completamente, pois que toda a pyramide se tinha aluido em tempos modernos por effeito de um tremor de terra, que damnificou tambem a egreja nos seus ornamentos externos.

IX

CASA DO CAPITULO

Da sacristia passa-se para a casa do capitulo. É esta sala uma das partes mais admiraveis do edificio monumental da Batalha. É quadrangular, tendo cada lado 18m,90; e todavia, não obstante estas dimensões, cobre a sala uma abobada abatida, de pedra, com tal arte fabricada, que não precisou fortalecel-a o architecto com pilar algum ou columna em que se apoiasse. No centro da abobada rematam os artesões em um florão de mui delicada e excellente esculptura. Da solidez da construcção d'esta sala dão testimunho quatro seculos e meio, mau grado das convulsões do solo, que tantas destruições causaram nos ornatos superiores do edificio.

Conta-se que na edificação d'esta sala duas vezes caíu a abobada ao descimbrar e tirar as cambotas que a sustinham, ficando sepultados nas ruinas alguns operarios. Afiançou o architecto que seria mais bem succedido na terceira tentativa, porém el-rei determinou, apesar d'esta promessa, que fossem tiradas as cambotas por criminosos condemnados a pena ultima. Mas d'esta vez ficou firme a abobada, e triumphante o architecto, que dizem fôra generosamente recompensado por el-rei.

Esta é a tradição popular, que, no parecer de pessoas auctorisadas, deve ser rejeitada por inexacta. Todavia, aquella obra foi, sem questão, uma verdadeira victoria da arte. As pessoas entendidas que entram n'esta sala vêem na construcção audaciosa da sua abobada a resolução de um problema de architectura.

A casa do capitulo communica com o *claustro real* por um portico que se abre entre duas grandes janellas.

Tanto o portal como as janellas são mui singulares pela sua elegancia e belleza, mostrando ao mesmo tempo aquella pureza de estilo que se observa em todas as partes do templo.

Uma grande janella, cujas vidraças são ornadas com primorosos quadros coloridos, derrama abundante luz n'esta casa.

Esta sala, bem como a sacristia, pertencem ás obras primitivas, isto é, ás que se executaram em vida del-rei D. João I. Todavia, algumas pessoas, enganadas pelas pinturas das vidraças, julgaram dever attribuir esta casa a el-rei D. Manuel. Nas ditas vidraças vêem-se, não ha dúvida, as divisas d'este ultimo soberano; e entre ellas figura o seu escudo de armas bipartido, tendo de um lado as armas de Portugal e do outro as de Castella. Usou o monarcha d'este brasão durante a vida de sua primeira mulher, D. Isabel de Castella, e depois de serem declarados e jurados principes herdeiros d'aquella coroa, por morte do principe D. Affonso, unico filho varão dos reis de Castella Isabel e Fernando. Tendo D. Manuel casado com aquella princeza em outubro de 1497, no segundo anno do seu reinado, e enviuvado em agosto do seguinte anno, no qual deixou de ser principe herdeiro do reino visinho, titulo que passou para seu filho, o principe D. Miguel da Paz, que apenas sobreviveu a sua mãe 22 mezes, claro está que as mencionadas vidraças foram

alli postas muito antes de completar o terceiro anno do reinado de D. Manuel.

Era pequeno, certamente, o espaço de pouco mais de dois annos para se levar a cabo uma fabrica tão difficil, e cuja abobada, se a tradição é verdadeira, foi necessario fazer por tres vezes. A architectura d'esta sala testifica de um modo tão irrecusavel que o seu fundador foi o mesmo que erigiu o templo, que se tornam superfluos e escusados quaesquer outros argumentos. Mas sempre apresentaremos em abono da nossa opinião uma prova de muito peso, e vem a ser, que nos florões da abobada que servem de remate aos artesões vêem-se escudos de armas del-rei D. João I. E note-se que o escudo de armas d'este soberano não se confunde com nenhum dos outros brasões reaes, porque assentam as quinas sobre a cruz floreteada da ordem de Aviz, de que o mesmo soberano fôra mestre, tendo sobre o elmo e coroa o dragão alado. E além d'isso, ainda tem outro distinctivo muito particular, que é estar o dito escudo collocado obliquamente, como el-rei D. João I usava em signal da illegitimidade do seu nascimento. Por conseguinte, del-rei D. Manuel são unicamente as vidraças, que alli mandou pôr, provavelmente, por se terem arruinado as primitivas, ou por querer trocal-as por outras melhores.

No meio d'esta sala vêem-se dois tumulos collocados sobre estrados de madeira, com escadas em quadrado. Um, que se eleva sobre sete degraus, encerra as cinzas del-rei D. Affonso V e de sua virtuosa mulher, a rainha D. Isabel, filha do sabio e desditoso infante D. Pedro, duque de Coimbra. O outro, que se ergue sobre seis degraus, guarda os restos do mallogrado principe D. Affonso, filho herdeiro del-rei D. João II, que morreu de uma quéda do cavallo em que andava nos campos de Santarem, junto ao Tejo, contando apenas dezeseis annos de edade.

Foram assim construidos provisoriamente estes dois tumulos, em quanto se lhes não dispunham mausoléos de marmore em logar mais apropriado, como ao diante diremos. Porém, como acontece quasi sempre entre nós, ficou permanente o que se fez para estado provisorio.

Existe n'esta casa uma obra de esculptura, que tem dado assumpto para algumas controversias. E' uma figura de homem, vestida de roupas talares, com uma touca na cabeça, ao uso do seculo XV, e na mão direita uma esquadria. Acha-se esta pequena figura de corpo inteiro em um angulo da sala, e resaltando de uma das misulas que servem de apoio aos artesões da abobada.

Não se póde duvidar de que sepresenta o architecto que dirigiu tão soberba obra. No que póde haver questão é sobre o nome do eximio artista. Os que, illudidos pelas pinturas das vidraças d'esta sala, attribuem a sua construcção a el-rei D. Manuel, pretendem que seja aquella figura o retrato de Mattheus Fernandes, que foi o architecto sob cuja direcção correram as obras das *capellas imperfeitas* no reinado d'aquelle soberano.

Esta opinião, porém, é absurda, não só pelas razões que acima expendemos, mas tambem por outras muito ponderosas, que apresentaremos aos nossos leitores quando tratarmos das *capellas imperfeitas*, e dos principaes artistas empregados na edificação geral do monumento.

A controversia razoavel sómente poderá recair sobre dois nomes: Affonso Domingues, e mestre Ouguet, ou Huet. Aquelle foi o primeiro architecto da Batalha; e este o segundo, depois da morte de Affonso Domingues, succedida antes do anno de 1402. Para evitar repetição de um grande apparato de argumentos, reservâmos para logar mais apropriado a exposição e apreciação d'essas razões.

X

CLAUSTRO REAL

Sae-se da casa do capitulo para o claustro principal do convento, que, por ser obra do fundador do monumento, e por distincção dos outros claustros, se ficou chamando *claustro real*.

Fórma um grande quadrado, com $55^{m},46$ de comprimento por cada lado. Da parte do sul encusta-se á egreja em toda a extensão da nave. Da parte do norte está contiguo á grande adega e outras officinas do convento. Pelo lado do éste corre por diante da sacristia e casa do capitulo; e pelo do oeste prolonga-se com o refeitorio e com o adro do templo.

Toda a belleza e magnificencia d'esta fabrica estão resumidas nas rendas delicadissimas de pedra curiosamente lavrada, que formam as bandeiras que ornam os angulos curvilineos dos arcos. E aqui se dá o mesmo caso que encontrâmos na sala do capitulo.

O claustro pertence ás obras emprehendidas por el-rei D. João I, do que dão testimunho não só o proprio testamento d'este monarcha, pois que n'elle deixa recommendado ao seu successor o acabamento do dito claustro, mas tambem o seu escudo de armas, que está esculpido no florão da abobada em um dos angulos do mesmo claustro.

Entretanto, as bandeiras dos arcos foram feitas em tempo del-rei D. Manuel, como o testificam as divisas d'este soberano, que são a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo, que avultam no meio das laçarias e mais variados lavores das ditas bandeiras.

Tambem é obra d'este ultimo soberano o brincado portal que fica na extremidade oriental do lanço do norte d'este claustro, e dá accesso para o interior do convento.

A vista d'isto, devemos crer com justo fundamento que, não obstante os sete annos que viveu D. João I depois de fazer o seu testamento, deixou o claustro por acabar, e que assim se conservava incompleto, isto é, na parte ornamental, quando el-rei D. Manuel subiu ao throno; e nem este monarcha o concluiu, porque ficaram sem o costumado remate das pyramides os gigantes ou botaréos que fortalecem as paredes exteriores das arcadas, e sem a competente renda ou grade de pedra os terrados que cobrem as mesmas arcadas, as quaes rendas se estão agora fazendo e collocando, no progresso da restauração do monumento. Nem era crivel que em um edificio de tal magnificencia deixasse o architecto uma das suas partes principaes, como em todos os mosteiros são considerados os claustros, tão despido de ornamentos.

A nossa gravura, copiada de uma excellente photographia, representa o lado do norte do claustro que se encosta á parede da adega. No angulo formado por este lanço e pelo de oeste resalta para fóra dos ditos lanços um pavilhão, que se eleva acima d'estes, aberto em toda a sua altura em arcos esbeltos e formosissimos, guarnecidos de graciosos recortes na parte susuperior, e cortados a meia altura por delicadissimas rendas, como grades de uma janella, apoiando-se no centro em uma columna mui delgada e elegante. Debaixo d'este pavilhão está uma esbelta fonte com duas taças, toda lavrada em variados relêvos. Junto d'ella abre-se a porta do refeitorio.

O terreiro que fica no meio dos quatro lanços do claustro era outr'ora um bonito jardim, hoje desprezado. Tem no centro um poço com bastante agua.

Viam-se antigamente no claustro algumas sepulturas com seus epitaphios; porém, vindo a este convento el-rei D. Sebastião no anno de 1569, mandou picar e apagar todas as inscripções, á excepção de uma só que está no pavimento do lanço de éste, pouco distante da casa do capitulo. Diz assim a inscripção: *Aqui jaz dom Justo bispo que foi de Cepta.*

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O FOGO

(Vid. pag. 271)

As ondas do ether de diversos comprimentos não atravessam egualmente por entre as moleculas de todos os corpos; assim, uns deixam passar facilmente todas as ondas luminosas; são os corpos transparentes e incolores, o vidro, o ar, etc.; outros, porém, deixam passar certas ondas, e interceptam outras; taes corpos serão córados, tendo a côr resultante da mistura das correspondentes ás ondas que passaram entre as suas moleculas; assim, a dissolução de sulphato de cobre só deixa passar raios de luz azues; o vidro encarnado só deixa passar os raios de luz encarnados, etc. Os corpos que interceptam todas as ondas luminosas são opacos; se reflectem todas as ondas que sobre elles incidem, são brancos, isto é, tem a côr da luz que sobre elles incide; se, porém, só reflectem certas ondas e absorvem outras, terão a côr correspondente a essas ondas que passam; se não reflectem nada, são negros.

Com as ondas calorificas dão-se phenomenos analogos; ha corpos que deixam passar todas as ondas calorificas; dizem-se *diathermanes ou transparentes para o calorico*, tal é o sal gemma, por exemplo. Póde um corpo ser transparente para a luz e não para o calorico, e reciprocamente; assim, o vidro é muito mais transparente para a luz que para o calorico; o sal gemma coberto de negro de fumo é opaco para a luz e muito transparente para o calorico. Todos estes resultados dependem tambem da espessura; assim, um corpo é tanto menos transparente quanto maior é a espessura. Quando um corpo não deixa passar facilmente as ondas calorificas, o movimento vibratorio do ether communica-se então ás moleculas d'esse corpo, que, por consequencia, aquece; por isso um corpo aquece tanto mais quanto maior é o seu poder absorvente para o calorico.

Os gazes simples, o oxygeneo, o hydrogeneo, o ar, etc., tem um poder absorvente nullo; o contrario succede aos gazes compostos, como o gaz da illuminação, o vapor de agua, etc. Os corpos que absorvem muito calor tambem emittem muito calor. É assim que o vapor de agua existente na atmosphera, absorvendo muito calor do sol, emitte depois durante a noite calor para a terra, e suavisa o frio que teria logar por falta dos raios do sol; por isso nos paizes mais séccos o calor e o frio fazem-se sentir com mais rigor. O vapor de agua serve como que de alvo ou manto que mitiga os rigores do calor e do frio; sem elle, n'uma noite morreria toda a vegetação.

Pela acção do calor um corpo dilata-se, porque o movimento vibratorio, tornando-se cada vez mais energico, augmenta a amplitude, e as moleculas afastam-se; augmentando a acção do calor, aquelle afastamento augmenta até ao ponto em que a attracção molecular, fazendo-se sentir menos, já não póde reter as moleculas, e estas rolam umas sobre as outras; tem então logar a fusão, ou passagem de solido a liquido. Continuando a acção do calor sobre o liquido, o afastamento das moleculas augmenta, até que por fim desembaraçam-se das cadeias da attracção e separam-se, produzindo-se o estado de vapor. O trabalho necessario para afastar as moleculas durante estas mudanças de estado faz-se á custa de uma certa porção de calor que desapparece, e se denomina *calorico latente*.

Nem em todos os corpos o movimento vibratorio, que constitue o calorico, se propaga egualmente de molecula a molecula; aquelles em que esta communicação de movimento se faz facilmente são *bons conductores do calorico;* taes são os metaes: no caso contrario, são *maus conductores;* tal é o vidro, a porcelana, etc.

Todos os factos até hoje conhecidos nos levam a admittir que o movimento é a causa de todos os phenomenos calorificos e luminosos, como é a causa dos sons; e não vem talvez longe o momento de por elle se explicarem tambem os phenomenos magneticos e electricos.

XIII

PHOSPHORESCENCIA

Para o viajante que n'alguma noite de verão sulca as ondas dos mares da Asia não é raro um dos bellos espectaculos da natureza, a *phosphorescencia do mar*. É a luz sem fogo, mas não sem vida. Desde que o sol desapparece abaixo do horisonte, grande numero de animaes zoophytos é attrahido á superficie das aguas por certas circunstancias meteorologicas, e uma nova claridade surge do seio das ondas. Parece que o navio fende vagas de phosphoro liquido, deixando um rasto de fogo como a cauda de um cometa. Sobre os rochedos desenham-se bordaduras luminosas, limites das vagas que os açoitam; ao longe, sobre a superficie das aguas, se estende um vasto lençol de luz pallida e vacillante, do seio da qual surgem, de espaço a espaço, pequenos pontos brilhantes. No meio do silencio da noite, bandos de golphinhos batem, dividem e pulverisam as ondas luminosas.

Fig. 21 — Phosphorescencia do mar

Os antigos attribuiam a phosphorescencia ao *espirito salgado* do mar.

Os infusorios que produzem a phosphorescencia são animalculos de extrema pequenez, só visiveis ao microscopio; alguns dão uma luz tão intensa, que basta introduzir um pequeno numero n'um copo de agua para que esta se torne luminosa.

Não são, porém, só os animaes infusorios que produzem a phosphorescencia; porque muitos molluscos, crustaceos, e até peixes, dão logar a phosphorescencias de diversas côres. A *aurelia phosphorica* segrega um liquido viscoso que transsuda através dos seus orgãos, e que tem um tão grande poder phosphorescente, que torna luminoso um grande volume de agua ou de leite. O pyrilampo, insecto muito conhecido, desenvolve uma luz phosphorescente, intensa, principalmente de verão, nas noites serenas e na epocha da sua reproducção.

A phosphorescencia do mar póde tambem ser produzida por certas plantas, ou mesmo pela decomposição de certas materias animaes e vegetaes em suspensão nas aguas do mar. O phosphoro na obscuridade é luminoso, produzindo uma claridade baça e pallida sem calor sensivel.

Ha certas substancias que podem adquirir a phosphorescencia, sendo friccionadas, como o quartzo, o assucar, etc.; ou pelo aquecimento, como o spatho

fluor; ou pela electricidade, ou pela acção da luz, o que se chama *insolação.*

Os corpos mais impressionaveis á insolação vem a ser: o sulphureto de bario, o spatho fluor, certos diamantes, etc.

A phosphorescencia fugitiva despertada em certos corpos pela acção do espectro chama-se *fluorescencia;* verifica-se nos vidros de uranio, no sulphato de quinina, na dissolução alcoolica da chlorophylla, etc.; assim, molhando metade de uma folha de papel na dissolução de sulphato de quinina, e projectando sobre ella o espectro da luz solar ou electrica, de modo que a metade molhada fique superiormente, e a linha de separação seja horisontal e divida o papel ao meio, veremos que a parte molhada, e que fica immediata ao roxo do espectro, se torna luminosa, brilhando de uma luz phosphorescente. Esta fluorescencia desapparece logo que se tira o papel da acção do espectro; as ondas que despertam a fluorescencia, como já dissemos, são mais curtas ou de maior rapidez que as da parte luminosa do espectro.

Fazendo passar a electricidade no interior de tubos de vidro contendo o vacuo feito em diversos gazes e vapores, obtem-se grandes jactos de luz estratificada e diversamente córada, segundo a qualidade da materia dos gazes e vapores. Esta luz é fria; os gazes não aquecem. A electricidade desperta no vidro uma certa phosphorescencia, que dura ainda alguns instantes depois de cessar a sua acção.

XIV

O QUE É O SOL

O sol, principio do calor e da luz, e como tal foco da vida animal e vegetal, foi adorado na antiguidade; assim, os gregos e romanos o consideravam conduzido por Apollo, e até como synonymo de Apollo, deus da musica e outras artes, chefe das nove musas, que tambem tinha o nome de *Phœbus*, como conductor do carro do sol. Assim diz Camões, pela boca de Vasco da Gama ao rei de Melinde:

> *Tu só de todos quantos queima Apollo*
> *Nos recebes em paz, do mar profundo,*
> . . . .

e antes:

> *N'isto Phebo nas aguas encerrou*
> *Co'o carro de cristal o claro dia.*

Diz-nos a astronomia que o sol tem um diametro 112 vezes maior que a terra, e que, portanto, o seu volume é 1404928 vezes o da terra. Tem o sol um movimento de rotação em 25,34 dias. Em torno d'elle descreve a terra uma ellipse do occidente para o oriente no fim de 365,25 dias. A terra gira sobre si mesma em 24 horas do occidente para o oriente; mas para nós, que fazemos este movimento e que não damos por elle, parece-nos que é o sol e todos os mais astros que giram em 24 horas em sentido contrario, isto é, do oriente para o occidente; é este movimento apparente denominado movimento *diurno;* é a causa do dia e da noite; na parte da terra que olha para o sol é dia; no lado opposto é noite.

O sol, visto ao telescopio, apresenta uma serie de pontos mais brilhantes, chamados *luculos*, e diversas manchas escuras, sobre tudo perto do equador solar, variaveis em numero e posição. O centro do astro radiante parece obscuro; em volta ha uma atmosphera gazosa que se chama *photosphera.*

O nucleo central, solido ou liquido, por si só daria um feixe luminoso que, decomposto por um prisma, daria um espectro continuo; mas como os raios que partem do nucleo central tem que atravessar a photosphera que envolve o sol como uma chamma, esta absorve n'aquelle feixe os raios que ella mesma emittiria; d'aqui nascem as raias obscuras do espectro, que são, portanto, raias de absorpção. Se podessemos supprimir o fogo central do sol e obter o espectro do involucro gazoso, teriamos um espectro descontinuo com raias brilhantes correspondentes ás raias obscuras de Fraünhofer.

Podêmos artificialmente imitar este effeito e produzir raias de absorpção. Tomemos a lampada electrica de que já temos fallado, e cujos carvões communicam com os polos da pilha; no carvão inferior, disposto em fórma de cone ôco, colloque-se um bocado de sodio; logo que se aproximarem os carvões apparecerá a luz electrica; e se fizermos que o feixe luminoso atravesse um prisma de vidro, e o projectarmos sobre um alvo, obteremos um espectro com a raia amarella caracteristica do sodio. Tomemos a lampada de Bunsen, e introduzamos na sua chamma uma capsula de fio de platina contendo um bocado de sodio; este metal dará pela sua combustão uma côr amarella á chamma, cujo espectro terá uma raia amarella; mas se collocarmos esta lampada justamente na passagem do feixe da luz electrica, cuja decomposição fórma o espectro no alvo, veremos immediatamente que a raia amarella desapparece e é substituida por uma raia obscura. O sodio absorve, pois, os raios amarellos, justamente aquelles que póde emittir.

Fig. 22 — Absorpção pelo sodio dos raios amarellos da luz electrica

A fig. 22 representa a disposição dos apparelhos para esta magnifica experiencia. *F* é a lampada electrica; o feixe de luz electrica que sae d'esta lampada atravessa primeiro uma lente convergente *(l)*, e depois passa através da chamma da lampada de Bunsen *(L)*, que recebe gaz pelo tubo de caoutchouc *(t)*, e sobre a qual está a capsula de fio de platina contendo o sodio que arde, e cuja chamma absorve os raios amarellos da luz electrica; o feixe electrico passa depois através de um prisma *(P)* que o decompõe, e o seu espectro projecta-se sobre o alvo *(A)*; n'este espectro observa-se, em logar da raia amarella caracteristica do sodio, uma raia escura *(r)*. Um pequeno alvo *(a)* de cartão deixa passar o feixe de luz electrica através de um orificio, e impede que a luz proveniente da combustão do sodio vá illuminar o alvo e offuscar o espectro.

Conclue-se, pois, da notavel experiencia que deixâmos escripta, que *um gaz ou vapor absorve os mesmos raios que póde emittir;* ou, fallando em theoria, as moleculas que, vibrando, fazem um certo numero de vibrações, absorvem, isto é, fazem parar as ondas excitadas pelo mesmo numero de vibrações; assim, as moleculas cujos numeros de vibrações correspondem ao verde, azul, encarnado, etc., suspendem respectivamente os raios verdes, azues, encarnados, etc.

Poderemos pretender descobrir a existencia no sol, de corpos que conhecemos á superficie da terra? Não será já muito para a intelligencia humana o ter chegado a conhecer aproximadamente o volume do astro brilhante, centro e foco da vida na terra, a sua distancia, os seus movimentos? Poderemos tentar que se profane a constituição chimica do sol? e fazermos, por assim dizer, a chimica celeste? A experiencia acima descripta nos indica o caminho a seguir para saber se no sol existe alguma das substancias terrestres; com effeito, se na atmosphera do sol existem alguns dos metaes que ha na terra, esses metaes devem produzir no espectro solar raias obscuras de absorpção, correspondentes ás raias brilhantes que elles dão interpostos n'uma chamma. Os bellos trabalhos de Kirckhoff sobre a chimica do sol, mostram que n'elle existem o ferro, calcio, sodio, magnesio, chromio, etc.; até agora, porém, ainda se não descobriu vestigios do oiro, prata, estanho, mercurio, etc.

Eis a maneira de imitar a constituição do sol: no cylindro de carvão da lampada electrica colloque-se um annel de sodio, deixando descoberto o nucleo central; aproximando os carvões, apparece a luz electrica que volatilisa o sodio, de modo que a luz electrica fica envolvida em uma atmosphera de vapor de sodio, como o sol é rodeado pela sua photosphera; e com effeito, projectando sobre um alvo o espectro produzido por um prisma, veremos que falta a raia amarella caracteristica do sodio, e em seu logar ha uma raia obscura.

O calor que o sol emitte para a terra por hora é egual ao que produziria a combustão de uma camada de carvão de pedra de 3 metros de espessura que cercasse completamente o sol: um tal calor fundiria durante um anno uma camada de gelo de 30^{m},89 de espessura que cobrisse toda a superficie da terra. Do calor emittido pelo sol, quasi metade é absorvido pela atmosphera: o agente principal d'esta absorpção é o vapor aquoso que n'ella abunda.

Quando se pensa na quantidade de calor emittido durante tantos seculos sem que tenhamos podido descobrir a menor diminuição sensivel, fica-se maravilhado. Como tem sido reparadas tão grandes perdas? Como se mantem o movimento vibratorio que constitue o calor e a luz? Quando tocâmos uma campainha, as vibrações sonoras em pouco tempo cessam, e os sons deixam de ouvir-se. Para manter a sua continuação é preciso produzir novos choques para prolongar as vibrações. Ora, como diz Tyndall,

Die Sonne toüt nach alter Weise

(O sol vibra como outr'ora vibrava)

O que mantem, pois, esta resonancia? A natureza do sol é-nos desconhecida; nenhuma das substancias terrestres que nós conhecemos é capaz de entreter a combustão do sol. Diversas hypotheses tem sido imaginadas para explicar o desenvolvimento do calor solar; assim, tem-se supposto ser este calor desenvolvido pela fricção da superficie do astro contra o ether ou outra qualquer substancia que o rodeie; mas parece que o calor assim desenvolvido não poderia compensar as perdas devidas á irradiação.

Tambem se tem supposto ser o calor solar devido a acções chimicas que tem logar entre as substancias que entram na composição d'este astro; n'esta hypothese era preciso que taes substancias fossem de natureza completamente differente das que conhecemos, aliás a incandescencia solar teria um termo. Outra hypothese, emittida por Mayer e preconisada por Tyndall, suppõe ser o calor do sol desenvolvido pelos choques de milhões de asteroides que, indo de encontro ao astro brilhante, centro de acção do systema planetario, transformam o seu movimento no movimento vibratorio que constitue o calorico. São estes asteroides que, encontrando o ar atmospherico, se inflammam pela grande fricção que soffrem, caíndo umas vezes para a terra debaixo da fórma de aerolithos, ou seguindo o seu curso debaixo do aspecto de estrellas cadentes, meteoros cosmicos, etc. Esta chuva de materia sobre o sol deve dar em resultado o augmento da sua massa; mas a pequenez dos asteroides comparados com o sol, póde ter feito que o augmento de massa durante 4 ou 5000 annos, ainda se não tenha feito sensivel á nossa observação.

Mas qualquer que seja a verdadeira origem do calor solar, e qualquer que seja o tempo no fim do qual a sua irradiação esteja esgotada, é certo que na propria terra ha elementos que muito mais breve poderão extinguir as raças humanas, forçando-nos a ceder o logar a fórmas viventes mais perfeitas, como os ichthyosauros, os mammuths e outros animaes antidiluvianos, hoje extinctos, cederam o logar ao homem e seus contemporaneos.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

O MAU FILHO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

(Vid. pag. 269)

III

Era uma formosa tarde de primavera.

O prior de Guenes e seu sobrinho estavam em um campo junto da herdade de Echederra, apoiados no cano das espingardas, observando dois formosos galgos que farejavam na base da collina immediata.

— Meu tio, disse Mattheus, parece que o *Ligeiro* e o *Fiel* perderam já o rasto da lebre. Seria melhor que fossemos para casa, porque vae anoitecendo, e vossemecê não está para andar a deshoras por estes sitios.

— Tens razão, respondeu o prior. Estou já cançado, apesar de não termos andado muito. Mattheus, já não valho dois caracóes! Os velhos devem renunciar o prazer da caça.

O tio e o sobrinho lançaram as espingardas ao hombro, e desceram os campos chamando os cães, cujos ladridos continuavam a ouvir-se no bosque atravessado pela estrada.

Mattheus, que ia na frente, em logar de seguir o caminho que levava directamente ao valle, tomou o atalho que conduzia a Echederra.

— Vamos a Echederra? — perguntou o prior.

— Vamos, sim, senhor. Descançamos alli um pouco e beberemos um copo de agua, porque tenho sêde.

O prior sorriu-se maliciosamente, e disse:

— Pois vamos, vamos, Mattheus, que, apesar de teres percorrido os dois mundos, não sabes dissimular.

— Porque diz isso, meu tio? — replicou Mattheus affluindo-lhe a côr ao rosto.

— Porque não julgo que em casa de Martinho possâmos descançar melhor que n'estes campos cobertos de flores, nem beber agua melhor que a que brota aqui a cada passo.

— É verdade, mas aqui...

— Aqui, disse o bom prior com benevolo sorriso, não ha como em Echederra uma Rebeca que encha o cantaro de Eliezer.

— Meu tio!...

— Confessa que o desejo de ver Joanna te leva todos os dias a Echederra. Não ha mal n'isso, sendo ella boa rapariga e honrado o teu proposito.

— Não se enganou, pois, meu tio.

— Os velhos vêem longe.

— Estimo a filha de Martinho, e julgo que tambem

não lhe desagrado. Perdôe-me vossemecê se lh'o occultei...

— Não m'o occultaste, Mattheus, porque não pódes occultar o que o teu coração sente. Porque não declaraste, porém, francamente o teu intento a Martinho e a Maria, e a sua filha?

— Tem sentimentos muito nobres, e receio que me recusem pela mesma razão que moveria outros a acceitarem-me... Sou quasi rico, e elles são bastante pobres.

— Aplana-se facilmente essa difficuldade. É porventura crime ser rico, quando a riqueza se adquire honradamente e se faz d'ella o uso que tu fazes?

— Não, de certo, meu tio; mas... dentro de pouco tempo talvez sejam elles mais ricos que eu, e então...

— Então podem dizer... não elles, porque são incapazes de maus pensamentos, mas as linguas maldosas, que as tuas idéas interesseiras...

— Tem razão, meu tio. Não me lembrára isso.

O reverendo prior e o sobrinho continuaram o caminho para a herdade de Echederra.

Martinho, sua mulher e seus filhos entretinham-se em amassar a brôa.

— Temos boas ou más novas, Martinho? — perguntou o prior.

— Não são boas, sr. D. José, respondeu o ancião. Ignacio foi hoje a Bilbau; o paquete da America veiu, mas não trouxe carta para nós. Parece que não ha esperança...

— Não ha esperança? — replicou Mattheus. O que é preciso é tomar uma resolução definitiva.

— E o que devemos fazer? Os testamenteiros guardam os vinte e cinco contos de réis... pois que os dispendam com bom proveito. Passaremos com a nossa pobreza...

— Tem razão, meu pae, disseram Ignacio e Joanna.

— Assim o entendo tambem, accrescentou Maria.

— Isto não se póde aturar! — exclamou Baptista, levantando-se irado e arremeçando ao solo uma enxada.

— Maldito sejas! — disse Maria. Deviamos ser como tu, que só pensas em dinheiro? Se a avareza te roe e cega, a avareza te levará ao degredo!...

— Socegue, Maria, socegue, interrompeu-a o reverendo prior, com voz conciliadora; deixe Baptista em paz, porque n'esta occasião merece desculpa. Supponho inteiramente inutil tornar a escrever para o Mexico, porque está visto que ha má fé da parte dos testamenteiros do fallecido. É necessario que alguma pessoa interessada se delibere a atravessar o Atlantico. Martinho está edoso; Baptista não sabe escrever...

— A culpa é d'elle, interrompeu Maria; apesar de nos matarmos para que aprendesse, não chegou nunca ao *b-a ba*. Que differença da irmã! Joanninha tem sómente por mestre o Ignacio, e agora, que se empenhou em aprender a escrever, faz já umas *ligações* que é um gosto vêl-as!

— Ora!... disse Baptista; é porque se envergonha de dizer ante o sr. D. Mattheus que não sabe escrever.

Joanna tornou-se vermelha, e o prior fitou o sobrinho com significativo sorriso.

— Faz bem, replicou Maria. Havia de ser talvez como tu que não quizeste nunca...

— Acabou-se, Maria: o passado, passado, disse o prior. Tu, Ignacio, achas-te com animo de ir por esses mares?

— Se os meus paes determinarem, sr. D. José, irei até ao fim do mundo...

— Ha de embarcar-se o filho das minhas entranhas, sr. D. José! — exclamou a terna mãe.

— Maria tem razão, accrescentou Martinho; o homem do campo deve estar no campo.

— Não sejam covardes, disse Mattheus. Se ha perigo no mar, não o ha, porventura, na terra? Ninguem se afoga senão quando Deus quer; e quando Elle quer, qualquer se afoga até n'um tanque. Não ouviram contar o conto do que, sabendo que a sua sina era morrer afogado, nunca saía de casa, e a final afogou-se n'uma tina?

— Tem razão, sr. D. Mattheus, acudiu Ignacio. Lembro-me de uns versos que dizem:

Se envolta em sanguineo manto
Me pões a morte diante,
Notarás no meu semblante
Que de vêl-a não me espanto.

Se meu pae me dá licença vou á America com bom animo, e voltarei com os vinte e cinco contos. Teria graça que, havendo por aqui pobres, se rissem n'aquellas paragens de nós, gastando o nosso dinheiro.

— Approvo a tua resolução, disse Martinho. Que dizes a isto, Maria?

— Que hei de dizer? conformar-me-hei com o que determinares, e... que Deus e a Virgem protejam o meu querido filho.

— Está decidido tudo, accrescentou o reverendo prior. Façam-se os preparativos porque Ignacio deve partir o mais depressa possivel.

Oito dias depois, com effeito, Ignacio embarcou-se em Bilbau levando cartas de recommendação, instrucções e dinheiro que o prior e Mattheus lhe haviam dado.

IV

Alguns mezes depois da saída de Ignacio para a America, os habitantes de Echederra sentavam-se para almoçar na fórma do costume.

Devia ter padecido muito aquella honrada familia, porque Joanna perdêra a côr rosada das faces, Maria e Martinho tinham envelhecido muito mais, e todos estavam tristes e silenciosos.

— Minha filha, disse Maria, não comes?

— Hei de comer, sim, minha mãe.

— Provaste apenas o leite.

— Não tenho vontade.

— Olha, minha filha, quando não temos vontade de comer, devemos fazer conta de que a comida é um remedio que nos salva, e tomal-a. O que não come martyrisa-se e nada remedeia. Mas o que tens, minha filha?

— Não lh'o perguntes, disse Martinho. Como D. Mattheus está doente, ella tambem quer adoecer.

— E adoecerá, não duvides; e morrerá se continuar assim! Almoça, minha filha, olha que o almoço está excellente. Queres que te frija uns ovos?

— Não tenho vontade.

— Confia em Deus, minha filha; Mattheus ha de melhorar, vossês casar-se-hão, e d'este modo acabar-se-hão os pezares que os ralam.

— Minha querida mãe, se Mattheus morrer, irei após elle.

— Morrer! Não digas disparates! Affirma o facultativo que Mattheus está fóra de perigo. Não é elle o primeiro que, indo caçar, se lhe disparasse a espingarda, ficasse ferido e ao cabo de alguns mezes se encontrasse bom como tal lhe não succedêra. Verdade é que no principio se receiou por sua vida; mas, Deus louvado, agora nada ha que receiar.

— Isso enfastia! — exclama Baptista, arremessando a colhér para a mesa. C'os demonios! só oiço fallar aqui n'esse homem que veiu da America. Se fosse já caminho do inferno não se perdia coisa boa...

— Baptista, interrompeu Martinho, nunca te refiras á pessoa de Mattheus senão para abençoal-a.

— Abençoal-a!... Pelo que d'ella nos vem...

— Dá-nos mais do que merecemos; dá-nos o que necessitâmos.

— Eu digo que é um miseravel...

— Baptista! — exclamaram todos indignados.

— Ter mais dinheiro do que pésa, e consentir que trabalhemos como negros... Causa pena, com verdade, que, quando se lhe disparou a espingarda, em vez de feril-o nas costellas, não lhe partisse o craneo!...

— Cala-te, cala-te, mau filho! exclamaram todos no extremo da indignação.

— Não quero calar-me.

— Has de tirar a vida a teus paes, disse Maria. Desde que teu irmão saiu para a America não nos deixaste passar sequer um dia em paz. Ignacio, filho da minha alma, se estivesses em casa outra coisa succederia!

E a pobre Maria desatou em choro.

Joanna imitou-a.

Martinho baixou a cabeça sem proferir palavra, mas as lagrimas corriam-lhe em fio pelas faces.

Amaldiçoado seja o filho que provoca as lagrimas de seus paes!

Acabára o almoço, embora o comer se visse ainda nos pratos. O desgosto fizera perder o appetite a todos.

— Martinho! Martinho! — gritou um homem que apparecêra no bosque.

Martinho apressou-se em chegar á janella.

— Trazes algumas noticias, Miguel?

— Muito boas! Fui hontem a Bilbau vender uns cestos, e deram-me no correio uma carta da America para vossemecês. Como vim tarde, não pude trazel-a aqui.

Martinho, sua mulher e seus filhos correram ao encontro de Miguel, que entregou ao primeiro uma carta.

Martinho soltou um grito de jubilo vendo o sobrescripto. A letra era de Ignacio.

Maria tirou-lhe a carta das mãos e leu o sobrescripto repetidas vezes, beijando-o e regando-o com lagrimas; e ao mesmo tempo Joanna tirou-a a sua mãe, e fez outro tanto. E como deixaria de beijar-se aquelle papel, esperado com tamanha anciedade, e que fôra escripto pela mão de um filho e de um irmão querido, cuja ausencia custava tão copiosas lagrimas havia muitos mezes?

Baptista era o unico que permanecia sereno ante um successo que alegrava a sua familia.

— Para que são esses alvoroços, disse, sem ainda saber se Ignacio tomou posse da herança?

Baptista tinha, na verdade, mau coração, como dissera seu pae. Não lhe importava saber se o irmão ainda vivia; para comprehender o jubilo que revelavam seus paes e sua irmã era mister lhe dissessem que Ignacio era rico! Se não era, que importava a Baptista que vivesse ou deixasse de viver?

Martinho tomou a final a carta do filho, e abriu-a tremendo de affectuosa commoção.

A carta rezava assim:

«Mexico...

«Meus queridos paes e irmãos — Acompanhou-me a desventura por toda a parte, desde que me separei de vossemecês. O navio, a cujo bordo embarquei para a America, teve contratempo no mar alto. Depois de trabalhosissima navegação, entrámos no Mexico, julgando chegar ao fim de nossas desgraças; mas Deus reservava-nos maiores infortunios. As vagas encresparam-se quasi repentinamente, iraram-se os ventos, o ceo toldou-se com escuras nuvens, o trovão ribombou e o raio partiu os mastros do navio. Luctámos por largo espaço contra a desencadeada tempestade, quasi sem esperança de salvação; o barco a final sossobrou, e a maior parte de meus companheiros de viagem encontraram sepultura no mar.

«Invoquei n'aquelle momento supremo o santo nome de Deus, e consegui apoderar-me de uma taboa que fluctuava no dorso das vagas. Com o auxilio d'aquella taboa demandei a costa; mas faltavam-me as forças, e o temporal era cada vez mais pavoroso. Rugiam as ondas como o trovão, quebrando-se alterosas e espumosas nos recifes, que pareciam montanhas vestidas de neve.

«Contava já exhalar o derradeiro suspiro n'este mundo, de que sentia apartar-me por deixar n'elle sem conforto paes e irmãos, quando vi que se aproximava de mim um pequeno barco, tripulado por ousados habitantes da costa.

«Aquelles homens, quasi tão naufragos como eu, viram-me, e, com risco de suas vidas, não hesitaram em soccorrer-me. Pisei em fim o novo continente, mas em que miseravel estado, meu Deus! Podia apenas conservar-me em pé; as mãos estavam ensanguentadas, e os braços tinham-se-me desconjuntado com os esforços que fizera para que as ondas não me arrebatassem.

«Os pobres indigenas fizeram com ramos uma especie de maca, e transportaram-me n'ella, através dos bosques, para uma aldeia onde encontrei generosa hospitalidade.

«Passei alli muitos dias, rodeando-me carinhosa solicitude, até que, achando-me algum tanto restabelecido, despedi-me d'aquelles bemfeitores, expressando-lhes a minha sincera gratidão.

«Chegando a esta cidade, fui a casa dos testamenteiros de meu fallecido tio, e... não quizera affligir a vossemecês referindo-lhes o modo injurioso como me receberam. Disseram-me que não podiam reconhecer-me, trataram-me de impostor, desprezaram-me, e escarneceram de mim sem piedade!

«Confio, porém, na justiça dos homens, e ainda mais na Providencia, que não nos desamparará. Participem da minha esperança e consolem-se de que em breve me encontrarei com forças para trabalhar pela felicidade de todos.

«Apresentei-me ás pessoas para as quaes o sr. D. Mattheus me deu cartas de recommendação, e prometteram auxiliar-me na demanda, e especialisarei um compatricio nosso, que me estima já como filho. Careço de tempo para a solução d'este negocio, porque os testamenteiros defenderam-se com as armas que nos usurparam, e que são tão poderosas na America como na Europa.»

Suppunha Ignacio que sua irmã tinha já casado com Mattheus; recommendava-se ao reverendo prior, á sra. Antonia, a Miguel, o cesteiro, e a outros visinhos; e em *post scriptum* pedia á mãe que o recommendasse á Virgem, de quem a boa Maria era muito devota.

— Filho da minha alma! — exclamou Maria logo que Martinho acabou a leitura da carta. Por que perigos passou o meu pobre Ignacio! Mas a Providencia salvou-o.

— Creio que lhe serviu de muito!... — murmurou Baptista com ironia, que excitou novamente a indignação dos circunstantes.

— Baptista! — disse Martinho com uma severidade que nunca se vira n'elle. Não são esses os sentimentos que teus paes procuraram inspirar-te.

— Pobres de nós! — exclamou Maria chorando. Este filho tirar-nos-ha a vida, e dará comsigo em um degredo!

(Continua)

THEMAS CLASSICOS

Se o soldado se vê despido, folgue de descobrir as feridas, e de envergonhar com ellas a patria por quem as recebeu. Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça dos seus triumphos. E se em fim se vê morrer á fome, deixe-se morrer, e vingue-se. Perdel-o-ha quem o não sustenta, e perderá outros muitos com esse desengano.

VIEIRA — *Sermões*, I, 299.

O Douro, e a sua margem direita desde Massarellos até á Foz

PANORAMAS QUE SE DESFRUCTAM DOS JARDINS DO PALACIO DE CRISTAL PORTUENSE

Tem os nossos leitores diante de si um dos lindos quadros que dos jardins do *palacio de cristal portuense* os olhos relanceiam cheios de enlêvo. *Massarellos*, com a sua casaria ora trepando pelas encostas toucadas de arvoredo, ora estendendo-se ao longo da frondosa alameda que a separa do rio; a *serra da Arrabida*, erguendo sobre a estrada da Foz o vulto sinistro de suas rochas graniticas; o logar do *Ouro*, com as suas casas e a fabrica do gaz a alvejar por entre o copado arvoredo que debrua a estrada e assombra os seus famosos estaleiros, famosos pela actividade que n'elles reina continuamente; depois a *Foz*, apparecendo mal distincta pela distancia, e meio escondida pelas arvores da mesma estrada, e pelos pinhaes que povoam os oiteiros; o *Douro*, animando toda esta paizagem com a sua corrente tão rapida, e tão sulcada de navios e barcos de variadas fórmas; e ao longe, finalmente, o *Oceano*, ostentando a sua immensidade; tal é a composição do formoso painel que a nossa gravura retrata, copiada de uma photographia.

Se o espectador se voltar para outro lado, novo panorama se lhe apresenta em dilatadissimo horisonte, e tão bello e gracioso, e tão differente do que deixou, que se ha de ver enleiado para responder, se lhe perguntarem a qual d'elles dá a preferencia.

São tão encantadoras e variadas as vistas que se desfructam d'aquellas jardins, que não ha lapis, buril ou pincel que possa fielmente retratar-lhes as bellezas; nem palavras ou phrases que tenham força para as encarecer. Diante d'aquellas magestosas perspectivas, onde se unem e se alternam com as obras do homem tantas galas e pompas da natureza, tornam-se pallidas as mais vivas côres da pintura, frouxas e sem expressão as vozes da eloquencia.

N'este vasto panorama, que se desenrola em torno dos jardins, e onde os olhos se alongam extasiados, procurando em vão, ou quasi debalde, descobrir-lhe os limites, acham-se por tal modo dispostos o mar e o rio; a cidade do Porto e os seus arrabaldes de oeste; Villa Nova de Gaya e as numerosas aldeias que alvejam e brilham sobre as collinas d'além, como as estrellas em noite serena de estio; densos e copados bosques; prados sempre vecejantes; e altas cordilheiras de serras com seu manto roxo-azul, que mais parece obra de arte apurada que effeitos do acaso, que assim reuniu e dispoz em um tão grande quadro tantos contrastes e tamanhas bellezas.

A Gran-Bretanha, a França, os Estados Unidos, e

ultimamente a Hollanda, tem erigido e consagrado ás festas do trabalho palacios sumptuosos e vastissimos, porém nenhum d'esses edificios póde competir em bellezas de situação com o *palacio de cristal portuense*.

Ainda quando não houvesse, para estimulo da curiosidade, dois incentivos tão poderosos no monumento que ennobrece este sitio, e na exposição internacional, que abrilhanta o monumento, honrando sobremaneira a cidade do Porto e a todo o reino, o viajante ficará amplamente compensado dos incommodos da jornada pelo maravilhoso espectaculo que alli se lhe patenteia [1].

I. DE VILHENA BARBOSA.

O MAU FILHO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

(Vid. pag. 278)

V

Baptista ia frequentemente a casa do prior para saber do sobrinho, que ainda estava na cama em consequencia do grande ferimento que recebêra voltando da caça.

O caracter de Baptista era cada vez mais desabrido para com a familia, por modo que os desgostos que lhe dava quotidianamente envelhecêra quasi de subito Martinho e Maria, cuja saude se ia enfranquecendo a olhos vista.

Em casa do prior, Baptista era outro. Estavam alli admirados da transformação que lhe notavam no caracter, e a sra. Antonia, não sabendo como demonstrar-lhe o seu reconhecimento, preparava-lhe bons almoços e confiava-lhe quanto havia na casa.

Doirava o sol com os ultimos clarões a torre gigante de Jara, recordação das funestas correrias dos *onacinos* e *gamboinos*, que por tanto tempo devastaram o senhorio de Biscaia, e especialmente as nobres Encartações.

Negra e espessa columna de fumo se erguia de uma sebe contigua á herdade de Echederra, o que indicava que havia alli carvoeiros.

Um d'estes, com effeito, cavava a terra, e outros tres ou quatro cortavam lenha a curta distancia.

Via-se na parte mais elevada da sebe uma cabana, formada de tres paus e coberta com feno.

Um dos carvoeiros dirigiu-se á cabana. Reanimou o fogo ateado á porta d'esta, e ao lado do qual fervia uma panella de ferro cheia de favas sêccas com carne salgada; lançou farinha de milho, agua e sal na amassadeira, e poz-se a amassar em quanto se aquecia uma pá de ferro. Fez em seguida uns pequenos pães que se cozeram na pá, e quando acabou esta operação levantou-se, e, formando com as mãos uma especie de bozina, soltou um grito particular.

Os companheiros responderam-lhe com um grito simlhante, e, cravando os machados nos troncos das arvores, dirigiram-se para a cabana.

Tinham já acabado de comer e fumado os cachimbos, mas permaneciam, todavia, sentados á porta da cabana.

Começou a fechar a noite. Os carvoeiros fallavam em voz baixa e mostravam impaciencia.

Appareceu em fim um homem na parte baixa do matto, e encaminhou-se para a cabana. Vendo que se lhe aproximava, os carvoeiros revelaram alegria.

— Vamos, disse o recem-vindo, não percâmos tempo, pois tenho que voltar cedo para casa a fim de que não estranhem a demora.

— Pois vamos, responderam os carvoeiros.

— Que armas levam? — perguntou o desconhecido.

— Nenhumas.

[1] Vid. ácerca do palacio de cristal portuense pag. 1 do vol. VII; e sobre Massarellos pag. 329 do mesmo vol.

— Logo as arranjaremos. Eu levo duas pistolas e uma navalha.

— Vamos roubar, porém não matar.

— Não percâmos o tempo em conversação inutil, disse o individuo armado de pistolas e navalha. Dar-lhes-hei no caminho as necessarias instrucções, e combinaremos o plano de ataque.

Tisnaram todos o rosto com cisco, e embrenharam-se no matto.

— Porque não veiu o Chomim? — perguntou o desconhecido indicando o que vimos cuidar da ceia, e que, apenas ceiou e accendeu o cachimbo, apressou-se em voltar para o seu posto.

— Continúa o trabalho, responderam os carvoeiros, porque é preciso que alli fique alguem. Além d'isso Chomim auxilia-nos na empreza.

— Como?

— Cantando.

— Para que?

— Para que os habitantes de Echederra e as padeiras que regressam de Castro oiçam os carvoeiros no matto.

— São espertos!

— O que nós queremos é dinheiro.

Meia hora depois cantava, quasi sem tomar folego, o carvoeiro Chomim.

Jacintha, uma padeira de Gueñes, que regressava de Castro com outras visinhas, montada em sua muar, dizia ás companheiras:

— Sempre está alegre aquelle maldito Chomim. Canta como um rouxinol.

— Olha, rapariga, replicou uma das visinhas, tu não ficas atraz, pois sabes mais cantigas que um cego. É para admirar que hoje fechasses o bico.

— Não estou para cantar. Pois não sabe o que se passa na casa do sr. prior e na de Martinho de Echederra?

— Tens razão, rapariga. Parte-se a alma ao ver a desgraça de D. Mattheus e da familia de Echederra. Maria e Martinho ficam de certo sem filho.

— Infeliz Ignacio! — exclamou Jacintha, desatando em choro. Que morte padeceria no mar! Digo-lhe que se me seccarão os olhos se por acaso esse rapaz falleceu. Criei-o, estimo-o por isso como se fôra meu filho. E a pobre Maria... Ignàcio custa-lhe a vida.

As padeiras continuaram o seu caminho tristes e silenciosas, e Chomim continuou a cantar.

A casa do prior de Gueñes estava cercada de nogueiras, e pouco separada das outras. Era um d'esses edificios de alvenaria, termo médio entre o palacio e a fortaleza, sobre cujo portal se via um escudo de pedra. Em um dos angulos estava levantado um d'esses quadrantes ou meridianos, tão communs nas provincias vasconças, e especialmente nas Encartações.

N'aquella parte da Hespanha, onde ricos e pobres costumam madrugar, reina na aldeia o silencio mais completo durante as primeiras horas da noite; porque é este o momento em que os habitantes dormem o mais profundo somno.

Dormia, pois, D. José e tambem a sra. Antonia. A unica pessoa que não dormia em casa do prior era o sobrinho a quem a febre obrigava á vigilia.

Os cães começavam a ladrar.

— Tio! — disse Mattheus ao prior que dormia no quarto proximo ao d'elle.

D. José não respondeu, porque continuava a dormir profundamente.

Os cães continuavam a ladrar.

— Tio! — repetiu Mattheus.

Em fim o prior respondeu, e o sobrinho disse-lhe:

— O *Fiel* e o *Ligeiro* ladram muito, e figurou-se-me que ouvi um ruido estranho no telhado do forno.

— Talvez o vento rijo mova alguma telha partida, e os cães ladrarão por esse motivo.

O tio e sobrinho esperaram silenciosos.

Mas o *Ligeiro* e o *Fiel* continuaram a ladrar como endiabrados.

— Meu tio, accrescentou Mattheus, parece-me que violentaram a jauella da casa de jantar, á qual se chega do telhado do forno.

— Estás sonhando, Mattheus, replicou o prior meio adormecido; já te disse que era o vento.

— Pois será, meu tio, porém não acredito, disse Mattheus; e, apesar da sua fraqueza, levantou-se e abriu, sem fazer ruido, a janella do seu quarto, que estava na mesma linha da que suspeitava; mas nada absolutamente pôde ver, nem ouvir por causa da completa escuridão e do vento, que o obrigou a retirar-se.

O *Fiel* e o *Ligeiro* ladravam cada vez mais.

Mattheus ouviu novamente o som das telhas do forno e abalar a janella da casa de jantar.

— É preciso que veja com os proprios olhos o que occorre, disse, e, tomando a espingarda, dirigiu-se para a casa de jantar, allumiada apenas por uma lamparina que alli costumava deixar a sra. Antonia.

Logo que Mattheus se approximou da janella, esta abriu-se de subito, e um homem appareceu no parapeito.

O sobrinho do prior apontou a espingarda, mas não lhe deram tempo para disparal-a. A arma caiu das mãos de Mattheus despedaçada por um tiro de pistola disparada pelo malfeitor.

Este ultimo arremeçou-se dentro da casa de jantar seguido de outros tres. Lançaram-se todos em seguida sobre D. Mattheus, a quem taparam a boca e ataram de pés e mãos.

Aquelles homens passaram depois aos quartos do prior e da governante, e fizeram a mesma operação. Apoderaram-se logo do dinheiro e das joias de valor. Conheciam tão perfeitamente a casa, que foram esmerilhar até os mais pequenos recantos; nada escapou á rapina d'aquelles malfeitores.

Acabada a empreitada, os ladrões, porque iam mui carregados para saírem pela janella que lhes dera entrada, evadiram-se pela porta principal.

Mas alguns visinhos da parochia, que tinham ouvido a detonação da pistola do malfeitor, acudiram immediatamente armados, e chegavam ao fim do nogueiral quaudo os ladrões saíam da casa do reverendo prior.

— Façam alto! ou atiramos! — gritaram os visinhos, porém os malfeitores corriam como quem teme ser preso.

Os visinhos fizeram fogo, e um dos ladrões caiu gravemente ferido, aquelle precisamente que levava objectos de menos valor.

Os outros atravessaram Cadágua, e, favorecidos pela escuridão, internaram-se no sombroso castanhal da Jara.

VI

Decorreram seis mezes após as occurrencias narradas no capitulo antecedente. O reverendo prior e seu sobrinho saíram de casa e tomaram o caminho de Echederra.

Em vez de levar a espingarda ao hombro, como em outro tempo, levavam na mão grossos cajados. Se não fosse assim auxiliado, Mattheus, principalmente, não daria um passo sem cair.

O prior, antigamente gordo, córado como a maçã, e sempre com o sorriso nos labios, estava quasi desconhecido. Encanecêra-lhe muito o cabello; via-se-lhe o rosto enrugado e pallido; e a tristeza da alma reflectia-se-lhe tanto nas palavras como nas feições. Era necessario que o reverendo sacerdote padecesse muito para se ter verificado n'elle tal transformação.

Mattheus era tambem apenas a sombra do que fôra; causava dó ver-lhe a pallidez do rosto e a magreza do corpo. Parecia um d'esses infelizes mancebos que na flor da edade se vão consumindo por febre lenta, e dos quaes o vulgo se afasta pensando que a ptysica é enfermidade contagiosa.

O sacerdote, que precisava de amparo e conforto, via-se obrigado a auxiliar e consolar o sobrinho. Os que tem alma tão generosa e tão boa como aquelle exemplar varão, esquecem as proprias necessidades em presença das alheias.

— Vamos, Mattheus, animo! — dizia o prior ao sobrinho. A tarde está deliciosa; brotam por toda a parte folhas e flores, e canta uma avesinha em cada ramo. Careces de distracções; has de recreiar-te. Dentro de quinze dias estarás completamente restabelecido.

— Vejo, meu tio, respondeu Mattheus, que a natureza sorri, porém sei bem que a minha alma chora!

— Homem, não nos lembremos do que passou. Do que necessitas agora é de recreiar-te, recuperar a saude perdida, e tratar de ganhar o terreno que deixaste de percorrer. Ainda és moço, e... has de casar-te, e então viveremos todos na paz do Senhor. Pois não te sentes com forças para ir até Echederra?

— Não julgo, meu bom tio, que possa chegar até lá, apesar do desejo que tenho.

— Tira da fraqueza forças, como vulgarmente se diz, porque a pobre de Joanna tem-nos só a nós no mundo para voltar os olhos, e não devemos deixal-a entregue á crueza de seu irmão.

— Do irmão! Já que na terra não ha justiça que possa castigar taes monstros, onde está, meu tio, a justiça de Deus que não os anniquila?

— Deus é justo, Mattheus, e tem sempre em conta assim o mal como o bem que os homens praticam. Baptista abriu a sepultura dos paes com desgostos, e não duvides de que tarde ou cedo encontrará o castigo que merecer.

Conversando assim o tio e o sobrinho, foram pouco a pouco subindo a encosta que está entre o valle e Echederra.

Logo que chegaram ás cerejeiras, Joanna veiu casualmente á janella, e, apenas os viu, desceu ao seu encontro doidejante de jubiló.

Joanna trajava de lucto... duplicado lucto — no corpo e na alma!

Instou com os recem-chegados para que entrassem na casa, mas elles preferiram sentar-se á porta em um poial de pedra, porque estavam demasiadamente cançados para subir a escada; descobria-se, além d'isso, d'aquelle sitio largo horisonte e gozavam os olhos o magnifico panorama que apresentavam todo o valle e os montes situados do outro lado do Cadágua. onde se erguia, como negro phantasma, a torre da Jara.

— E Baptista? — perguntou o prior.

— Foi a Avellaneda, respondeu Joanna.

Deve saber-se que na epocha em que occorreram os successos que se vão referindo, Avellaneda, aldeia do concelho de Sopuerta, limitrophe com Gueñes, era a residencia de um sub-corregedor de Biscaia, e cabeça de comarca das Encartações.

— Estamos, accrescentou o prior, no tempo de semear o milho, e ainda vossês não lavraram uma geira de terra. É possivel que teu irmão desampare assim a lavoira?

— Não sei, sr. D. José, a que possa attribuir similhante desleixo. Temos sido citados duas ou tres vezes, Baptista e eu, para comparecermos em Avellaneda, a fim de depormos no processo que se instaurou contra o carvoeiro preso por effeito do roubo em casa de vossas senhorias, e o corregedor não tornou depois a lembrar-se de nós! Meu irmão, apesar d'isso, vae quasi todos os dias a Avellaneda. Ha tempos que tudo quanto se passa n'esta casa é mysterio incomprehensivel, e receio muito que este mysterio tenha re-

lação com a morte de meus paes... Meus queridos paes!

Joanna, levantando, unidas, as mãos para o ceo, desatou em choro copioso.

— Para que é chorar agora, Joanna?— disse o prior. A resignação é um dos nossos primeiros deveres. A vida de teus paes pertencia a Deus, e dispoz d'ella o Ente Supremo como lhe aprouve. Devemos queixar-nos, pois? Não. Mas explica-nos, se pódes, a especie de mysterio que vês na morte de teus paes.

— Havia alguns mezes que meu irmão se fechava no quarto com um individuo de má catadura, que vinha a casa de noite. Estas visitas, não causavam menor admiração a meus paes que a mim. Certa noite, que meu pae se tinha já deitado, vi-o erguer-se e aproximar-se nas pontas dos pés da porta do quarto onde estava Baptista, como nas anteriores noites, em conferencia com o desconhecido. Tornou para a cama, e, momentos depois, ouvi soluçar meu pae e minha mãe. Na manhã seguinte, meus paes levantaram-se como se o fizessem de uma grave enfermidade, e desde então alterou-se-lhes a saude por tal modo, que minha mãe falleceu passado tres mezes, e meu pae ao cabo de quatro.

— É singular isso! — exclamaram o prior e o sobrinho.

— Meu tio, accrescentou este ultimo, occorre-me horrivel suspeita...

— Não pensemos mal de pessoa alguma. A tua suspeita, Mattheus, seria o cumulo da iniquidade e da ingratidão!

A pobre Joanna não comprehendeu o sentido d'estas palavras.

— Como procede agora teu irmão para comtigo? — perguntou-lhe Mattheus.

— Não lhe vejo nunca o sorriso nos labios; não me dirige uma palavra affectuosa, e algumas vezes bate-me.

— Infame! — exclamaram o prior e o sobrinho indignados.

— Quando o veja, dir-lhe-hei o que merece, ajuntou o primeiro.

— Não, não, pelo amor de Deus, não lhe digam nada, exclamou Joanna aterrada, porque seria capaz de matar-me; pois ameaçou-me furioso se porventura me queixasse a vossas senhorias, ou a qualquer outra pessoa, dos maus tratos que me dá.

— Padece resignada mais alguns dias, minha filha, disse o sacerdote. Mattheus restabelecer-se-ha em breve, e então arrancará a victima das mãos do verdugo.

— Pelo amor de Deus não fallemos mais n'isto, porque ahi vem meu irmão.

Baptista, com effeito, apparecêra em um oiteiro situado a pouca distancia da herdade.

Calaram-se todos em quanto não chegou Baptista.

(Continua)

O FOGO

(Vid. pag. 276)

XV

FOGO CENTRAL

Ao observador que vê uma rica paizagem, cujos rios e ribeiros seguem desde muitos seculos o mesmo caminho, e que ao longe contempla uma grande cidade, cuja fundação se perde na noite dos tempos, com todas as tradições biblicas, mythologicas e historicas, não parece, de certo, que os maiores cataclismos jámais hajam revolvido a superficie do orbe terrestre. Mas as impressões são de outra natureza se se entra n'uma mina profunda; as paredes do poço por onde o observador desce apresentam-se formadas de camadas horisontaes ou inclinadas, e muitas vezes ondeadas, subitamente atravessadas pela erupção de porções de terreno de natureza muito differente. No interior d'essas camadas encontram-se os fósseis, restos de animaes e vegetaes pertencentes a outras edades do mundo, e que hoje se acham extinctos. Foram entes que viveram em epochas em que as camadas do terreno onde se acham enterrados formavam a superficie da terra. À medida que o observador desce, sente que a temperatura vae augmentando com a profundidade em termo médio 1° por cada 30 metros.

A geologia, sciencia que explica as diversas transformações por que a terra passou, para do seu estado primitivo chegar ao que hoje nos apresenta, é a mais recente de todas as sciencias; póde dizer-se que só se constituiu definitivamente no principio d'este seculo. Teve por principaes fundadores Bernard Palissy, Buffon, Cordier, Cuvier e outros.

A terra é considerada como um sol ou estrella extincta pelo esfriamento; esta bella concepção, que do modo o mais philosophico liga a geologia á astronomia, é devida ao celebre Laplace.

O augmento de temperatura com a profundidade, observado nas minas e poços artesianos, 1° por cada 30 metros em termo médio, mostra-nos que a 3000 metros a temperatura não será muito inferior a 100°; a 12 legoas existirá a temperatura de fusão do ferro; a 20 legoas todas as materias conhecidas devem estar em fusão; no centro da terra a temperatura não deve ser inferior a 195000°; portanto, o interior do nosso planeta deve estar no estado fluido. A existencia d'este fogo central é-nos confirmada pela elevada temperatura das aguas thermaes e dos poços artesianos, e pelos volcões, que lançam na atmosphera materias incandescentes, lavas liquidas e igneas, e gazes a elevada temperatura, o que mostra que as partes profundas do globo terrestre possuem um elevado grau de calor. Os tremores de terra, e as fontes de vapores quentes que se escapam por certas fendas do solo, são outras tantas provas da existencia do fogo central. A mina mais profunda attinge 2000 metros, e a temperatura maxima observada é de 60°.

Suppõe-se que a terra esteve primitivamente no estado fluido gazoso, com um volume talvez egual ao do sol. Pela alta temperatura que possuia esta massa fluida, devia brilhar como o sol, em torno do qual circulava. Pelo esfriamento, os vapores condensaram-se, e passou ao estado liquido; pelo movimento de rotação de que estava animada, a força centrifuga achatou-a nos polos, d'onde proveiu a fórma que actualmente tem. Mas nem todos os vapores se condensaram logo, parte ficou envolvendo a massa liquida; além dos gazes que hoje formam a atmosphera, deviam então existir grandes quantidades de vapor de agua e outras substancias, que á alta temperatura d'esta gigantesca fornalha (pelo menos 2000° á superficie) se achavam no estado gazoso.

As diversas substancias que formavam a atmosphera, e que tinham differentes densidades, misturando-se, produziam, por certo, ondulações enormes, e grandes tempestades agitavam a atmosphera incandescente. O globo liquido tambem havia de participar d'estes movimentos; das acções chimicas exercidas entre essas materias devia resultar um enorme desenvolvimento de electricidade; o horror dos raios e trovões junto ás tempestades das vagas igneas, deveria formar um chãos impenetravel aos raios do sol, e portanto cercado de trevas, que a nenhuma imaginação é dado pintar, verificando-se então o que diz o Genesis:

A terra era informe e toda nua, e as trevas cobriam a face do abysmo.

Pelo esfriaménto, accelerado pelo fluxo e refluxo d'estas vagas de fogo, começaram a formar-se algumas crôstas solidas, que por fim se uniram e formaram

uma unica que envolveu a massa ignea e liquida; a espessura d'aquella crôsta foi augmentando, mas mui lentamente, porque é muito má conductora do calorico; ainda hoje a sua espessura não excede 12 legoas; comparada com o diametro da terra, tem a relação similhante á da espessura da casca de uma laranja com o diametro d'este fructo. Para chegar a formar-se a primeira crôsta solida no globo terrestre foram necessarios muitos milhões de annos.

A ruptura da primeira crôsta solida do globo pelas ondulações da massa liquida interior, deu logar á evolução de materias gazosas e liquidas, que depois solidificaram, formando-se assim as primeiras montanhas de granito, e os primeiros veios metalliferos de zinco, cobre, chumbo, etc. Muitas d'estas erupções não chegariam, porém, até ao solo exterior.

Pelo successivo resfriamento, as enormes massas de vapores de agua contidos na atmosphera condensaram-se, e as primeiras chuvas caíram sobre a superficie da terra, onde, em contacto com uma alta temperatura, se vaporisaram de novo; os seus vapôres elevaram-se até aos confins da atmosphera, onde pelo esfriamento de novo se condensaram, produzindo-se novas chuvas; das grandes evaporações resultava, de certo, grande desenvolvimento de electricidade; e portanto, aquella lucta do fogo e da agua era acompanhada dos grandes effeitos das trovoadas; a final, a agua ficou victoriosa, e um oceano universal cobriu a terra em toda a sua extensão.

Da acção das aguas sobre as rochas graniticas que formavam os fundos dos mares resultaram grandes modificações, formando-se logo as primeiras argillas e as rochas schistosas. A fraca espessura que então possuia a crôsta solida do globo, apresentando pouca resistencia á acção dos gazes e liquidos interiores, deu logar a rupturas em diversos pontos, que se encheram de jactos fluidos que depois solidificaram, e que se compunham de granito eruptivo e de diversas

Fig. 23—*A* Ichtyosauro—*B* Pterodactylo—*C* Plesiosauro—Grandes reptis anti-diluvianos pertencentes á epocha secundaria, hoje extinctos

substancias metallicas. Por aquellas fendas tambem se escapavam torrentes de agua fervente carregada de saes, silica, etc.

Durante toda esta primeira epocha, a atmosphera estava tão carregada de vapores, que os raios do sol não a penetravam; as trevas cobriam, pois, a face da terra; a vida organica era então impossivel; só depois que aquella massa de vapores diminuiu, e que as chuvas purificaram a atmosphera, é que a luz appareceu sobre a terra, e que, em virtude do seu movimento de rotação, começou a haver dia e noite. Deus disse:

Faça-se a luz, e a luz fez-se. Deu á luz o nome de dia, e ás trevas o nome de noite, e do dia e da noite se compoz o primeiro dia.

Foi então que appareceram as primeiras plantas e os primeiros animaes á superficie da terra. No fim d'esta segunda epocha, que os geologos chamam *epocha de transição*, todas as classes de animaes já tinham representantes, á excepção das aves e dos mammiferos. A vegetação da epocha de transição era principalmente composta de plantas inferiores, mas que attingiram dimensões colossaes. É n'esta epocha que viveram os vegetaes cujos fósseis formam hoje os grandes depositos de hulha ou carvão de pedra. O que hoje chamâmos climas não havia então, pois que no Spitzberg e na ilha de Melville achâmos os mesmos fósseis que nos terrenos abrasados do equador; isto mostra que a acção do calor terrestre é que dominava a acção do sol.

Na epocha *secundaria*, que se segue á de transição, alguns animaes desapparecem, mas muitos outros generos diversos surgem, assim como tambem outras plantas. É n'esta epocha que viveram os ichthyosauros, os pterodactylos, os plesiosauros, etc. Grandes reptis e peixes povoavam o globo n'esta epocha. É a epocha phantastica da creação.

Foi na epocha que se seguiu, a que se chama *terciaria*, que o calor central deixou de se fazer sentir á superficie da terra, por ter augmentado bastante a espessura da crôsta terrestre por effeito do resfriamento. Pela acção do calor solar, que desde então começou a prevalecer, formaram-se os climas. Foi na epocha terciaria que appareceram os mammiferos á superficie da terra; grande numero de especiés, porém, já não existem. As aves, posto que em menor numero, tambem começaram a apparecer n'esta epocha. A terra ganhou em extensão sobre o dominio dos mares. A flora apresentava um aspecto variado e similhante ao actual.

Finalmente, uma nova epocha, a *quaternaria*, se segue á terciaria, e se prolonga até aos nossos dias. É n'esta epocha que appareceu o homem sobre a terra.

A vegetação é, pois, a da nossa epocha. Os animaes são os que actualmente vemos; mas muitos já estão extinctos; taes são o mammuth ou elephante gigantesco [1], o urso speleu, etc. O numero de ossos fósseis de elephantes que se tem encontrado por todo o mundo é prodigioso; até nos gelos do norte; e, o que é mais notavel, tem-se encontrado enterrados na neve corpos inteiros de elephantes colossaes perfeitamente conservados, o que é devido a que à temperatura de 0° as substancias animaes não se putrefazem. A temperatura das regiões polares era no principio da epocha quaternaria mais elevada que hoje, aliás similhantes animaes não poderiam ahi viver.

Foi durante a epocha quaternaria que subitas elevações de grandes extensões de terreno agitaram as aguas e as lançaram no interior das terras, produzindo diluvios. A existencia d'estes phenomenos reconhece-se pelas erosões que apresentam os valles, pelos deslocamentos de massas mineraes que foram desviadas da sua situação normal, etc. Parece que houve diluvios na Europa anteriormente à apparição do homem, e um diluvio na Asia depois d'esta apparição. Depois dos diluvios que houve na Europa sobreveiu um enorme esfriamento na sua parte septentrional, cuja causa ainda se não póde descobrir. Todos os campos se cobriram de um extenso lençol de neve; milhões de animaes subitamente morreram, como o attesta o grande numero de fosseis que se acham por toda a parte.

Depois d'este periodo glacial é que o homem appareceu; era preciso um ente intellectual que podesse admirar todas as bellezas do universo e adorar o seu divino auctor. Deus disse:

Façamos o homem à nossa imagem, e que elle impere sobre os peixes do mar, as aves do ar e os animaes de toda a terra...

E Deus creou o homem à sua imagem; e o creou macho e femea.

O diluvio asiatico parece ter sido devido a uma grande erupção. Grandes massas de vapores de agua foram lançadas na atmosphera onde se condensaram e produziram chuvas torrenciaes. A tradição de um diluvio asiatico é confirmada por todos os povos. D'esta erupção volcanica proveiu o monte Ararat.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

WASHINGTON IRVING

As nações européas, transplantadas para as esplendidas regiões da America, ainda não conseguiram formar litteratura. Estados ainda não desenvolvidos, luctando uns com os obstaculos da natureza, revolvendo-se outros nas roupas sanguinarias do seu berço, acham-se todos entregues a um trabalho de formação, que não permitte que as attenções se voltem para os tranquillos vergeis litterarios. A acção exclue os doces devaneios da poesia. O povo que empunha ou a arma das discordias civis, ou o machado de desbastar as florestas, não póde ouvir ao mesmo tempo os canticos dos poetas e as phantasiadas narrações dos romancistas. É isto o que explica qual o motivo por que nem o Brasil nem a America Ingleza tem ainda uma litteratura vigorosa, e principalmente uma litteratura original. [2]

Não se comprehenderia isso, de certo, em paizes onde tudo rescende poeticas fragrancias, onde o sol ardente inflamma a imaginação, onde o olhar se enleva nos prodigiosos encantos de uma natureza esplendida. É porque os homens que se arrojam ao seio inexplorado das virgens florestas, se aspiram com enthusiasmo o suave perfume que ellas exhalam, se se extasiam perante a sua mysteriosa formosura, não podem, comtudo, traduzir esse sentimento na férvida estrophe, ou na prosa elegante, porque outras preoccupações os desviam d'esse trabalho intellectual. É muitas vezes o estrangeiro quem lhes vae revelar as minas de poesia que alli se encontram, que elles conhecem, mas de que não podem ou não querem aproveitar-se.

Houve na America do Norte um homem que se dedicou especialmente a fundar uma litteratura original, e que o conseguiria, de certo, se as funestas dissensões dos Estados Unidos não viessem impedir a subida dos successores ao throno magnifico, deixado vago pela morte de Cooper. Este sim! este lançou as bases do edificio litterario do seu paiz; este abriu o caminho ás romarias poeticas que devem guiar os escriptores americanos á conquista de uma nova Castalia, escondida nos mysteriosos recessos dos intricados bosques. Infelizmente, ninguem ousou seguir os passos do gigante, e o grande vulto do auctor do *Last of the Mohicans* campeia inda hoje, só e magestoso, na planicie rasa da litteratura do Novo Mundo.

Conta ainda ella, comtudo, outro vulto notavel, cujo delicado talento é uma honra para a patria que o viu nascer, ainda que pertença pela indole e tendencias à litteratura da antiga metropole. Chama-se este escriptor *Washington Irving*.

Nascido na America do Norte, passou a maior parte da sua vida em viagens. O seu genio cosmopolita comprazia-se em receber impressões dos usos e costumes dos varios povos, em se enlevar com o contraste das diversas paizagens, e em descrever nos seus livros as differentes bellezas do magico panorama que se ia desenrolando diante dos seus olhos maravilhados.

Doce e melancolica, a sua phantasia delicia-se com a suavidade dos quadros, e emprega um meigo colorido em todos os seus esbocetos. Meigo mas vivo colorido, que dá grande realce ao desenho, e em que se nos vão os olhos enlevados. Dos livros que formam os titulos de sua gloria litteraria, e que são incontestavelmente o *Sketch-Book*, *Tales of a Traveller*, *Bracebridge-Hall*, e *Tales of Alhambra*, são talvez, o primeiro e o ultimo, aquelles em que mais avulta esta preciosa qualidade do escriptor — a delicadeza no sentimento e a delicadeza no colorido.

É do *Livro dos Esboços* que traduzimos os trechos que apresentâmos aos leitores do *Archivo*, como specimens do talento de Irving, talento summamente familiar, summamente agradavel, talento que é como que o rico engaste do oiro fino de um coração puro e affectuoso. Este jornal, que é destinado especialmente á leitura nas familias, que penetra nos sanctuarios da intimidade, cuja missão consiste em propagar o bom e o util, em moralisar pela instrucção, em apertar os laços dos affectos abençoados, compraz-se em apresentar aos seus leitores artigos onde transparecem, como n'estes de Washington Irving, uma tão pura moral, e uma tão affectuosa e encantadora poesia.

Escolhi, para apresentar vertidos em linguagem, os artigos do *Livro dos Esboços*, em que o escriptor americano descreve a vida do campo. Nada mais suave, e ao mesmo tempo mais elegante, do que a poetica prosa da Washington Irving, que parece inspirar até melodia nas palavras asperas da lingua ingleza. Receio, com bastante motivo, que esta preciosa qualidade fugisse da versão; mas o pensamento ficou inalteravel, e isso é bastante para que os leitores do *Archivo* apreciem a delicada intelligencia do auctor dos «*Funeraes campestres*.»

M. PINHEIRO CHAGAS.

[1] Vid. a gravura a pag. 376 do vol. v.

[2] Depois de escrevermos este artigo, deparou-nos o acaso livros que nos revelaram os esplendidos talentos que brilham na America hespanhola. Serviu-nos isso de base para um estudo que ha de tambem ser publicado nas paginas do *Archivo*.

VIDA RURAL NA INGLATERRA

(TRADUZIDO DO INGLEZ DE WASHINGTON IRVING)

O estrangeiro que quizer formar uma opinião justa ácerca do caracter inglez, não deve limitar as suas observações á metropole. Deve penetrar nos campos; morar algum tempo nas aldeias e nos casaes; vaguear nos parques e nos jardins; ao longo das sebes, e pelos verdes trilhos das montanhas; visitar casas de campo, quintas, granjas e choupanas; entrar nos templos rusticos, assistir a inaugurações de egrejas, a feiras e outras festividades ruraes; e tratar com gente de todas as classes, habitos e genios.

N'alguns paizes, as grandes cidades absorvem a riqueza e a vida elegante da nação; são as unicas residencias fixas da sociedade distincta e intelligente, em quanto nos campos quasi que vivem só os rudes aldeãos. Em Inglaterra, pelo contrario, a metropole é um mero ponto de reunião, o sitio aprazado pelas classes cultas para consagrarem uma pequena porção do anno ao delirio dos prazeres, das alegrias mundanas, e, depois de terem passado este carnaval, voltam de novo aos habitos da vida campestre, com que, segundo parece, se dão melhor. As diversas classes da sociedade estão, por conseguinte, derramadas por toda a superficie do reino, e os pontos mais remotos offerecem specimens das differentes gerarchias.

Effectivamente, os inglezes possuem no maior auge o gosto pela vida rural. Impressionam-n'os vivamente os encantos da natureza, e deliciam-se com as occupações e divertimentos campestres. Esta paixão parece que faz parte integrante do seu espirito. Os proprios habitantes da cidade, nados e criados entre muros de tijolos e ruas tumultuosas, tomam com facilidade os habitos ruraes, e mostram certo geito para os trabalhos do campo. O negociante tem o seu pequeno asylo nos arrabaldes da metropole, onde muitas vezes mostra tanto orgulho e zêlo em cuidar o jardim e pomar, como em dirigir o seu negocio e levar a bom fim as suas emprezas commerciaes. Até essas creaturas infelizes, que estão condemnadas a passar a sua vida no trafico das lojas, procuram ter alguma coisa que lhes lembre o verdejante aspecto da natureza. Nos bairros mais escuros e fétidos da cidade, as janellas das salas parecem frequentemente um canteiro de flores; todo o sitio capaz de vegetação tem o seu taboleiro de relva e o seu alegrete; e cada praça tem á sua imitação de um parque, arranjado com gosto pittoresco, e resplendente de viço e frescor.

Os que vêem o inglez só na cidade devem formar uma opinião desfavoravel do seu caracter social. Ou está absorvido no negocio, ou distrahido pelas mil tentações que produzem o estrago do tempo, do pensamento e do sentir, na sua vasta capital. Esteja onde estiver, está-se preparando sempre a ir para outra parte; está fallando n'um assumpto, e o seu espirito divagando por outro, e em quanto está fazendo uma visita de amigo calcula o modo de economisar o tempo, a fim de que este lhe não falte para dar conta das visitas que tenciona fazer n'essa manhã.

Uma cidade immensa como Londres é propria para fazer os homens egoistas e desinteressantes. Nos seus encontros casuaes e breves podem apenas dizer rapidamente banalidades, só apresentam a fria superficie do seu caracter — as ricas e optimas qualidades que lhe são inherentes, não se podem revelar em jorros de conversação. No campo é que o inglez mostra os sentimentos da sua natureza. Desembaraça-se alegremente das frias formalidades e negativa polidez urbana; lança fóra os seus habitos de repellente reserva, e mostra-se jovial e franco. Procura reunir em torno de si todos os commodos e elegancias da vida civilisada, e banir as suas restricções. A sua casa de campo está amplamente provida de tudo quanto se requer para a soledade estudiosa, ou para a diversão agradavel, ou para o exercicio rural. Ha com fartura livros, quadros, musicas, cavallos, cães, todo o equipamento de caça. Nem se constrange a si nem constrange os hospedes; mas, comprehendendo bem o verdadeiro espirito da hospitalidade, proporciona-lhes todos os gozos, e deixa cada qual livre de escolher o que mais lhe agradar.

O bom gosto dos inglezes no cultivo da terra, e no que se chama a paizagem dos jardins, não tem rival. Estudaram affincadamente a natureza, e mostram um conhecimento delicado e perfeito das bellas fórmas, e das combinações harmoniosas. Os encantos que nos outros paizes derrama a natureza pelas solidões silvestres, estão aqui reunidos em torno dos templos da vida domestica. Parece que lhe sopresaram as furtivas graças, e que as diffundiram, por magica, em torno das suas habitações ruraes.

Nada conheço mais grandioso do que a magnificencia de um parque inglez. Vastas alfombras, que se estendem como tapetes de viçosa verdura, semeadas de arvoredos, cuja ramaria se adorna de opulentas massas de folhas! A solemne pompa dos bosques e das clareiras, por onde saltam os gamos em ranchos silenciosos, por onde passam rapidas as lebres fugindo para a espessura, ou onde surge o faisão apparecendo de subito com as azas matizadas! O arroio, ensinado a vaguear fazendo os mais naturaes meandros, ou a espraiar-se n'um lago cristallino; a recondita lagôa onde se reflectem as arvores visinhas, e onde navega sem receio a truta por entre as limpidas aguas; e de vez em quando um templo rustico, ou uma estatua silvestre, que o tempo esverdeou cobrindo-a de musgo, dá á solidão um ar de classico sanctuario.

Estas são apenas umas poucas de feições da paizagem dos parques; mas o que mais me delicia é o talento creador com que os inglezes enfeitam as singelas habitações da mediania. A habitação mais rude, a mais escassa e infertil porção de terra, nas mãos de um inglez de gosto, transforma-se n'um pequeno paraiso. N'um relance e com rara perspicacia percebe-lhe as capacidades, e desenha no espirito a paizagem futura. O terreno esteril cresce, debaixo de sua mão, em formosura e encantos, e, comtudo, as operações da arte que produzem este effeito quasi que se não percebem. O cuidar e proteger o viçar de umas arvores; o cauteloso limpar de outras; a acertada distribuição de flores de tenra e graciosa folhagem; a introducção de um verde taboleiro de aveludada relva; o rasgar a proposito um panorama de longinquos e azulados horisontes; o fazer brotar um veio argenteo de agua; tudo isto é feito com um tacto delicado, com uma assiduidade tranquilla mas incessante, como os toques magicos com que o pintor completa o seu quadro predilecto.

A residencia de gente rica e illustrada no campo derramou na economia rural um gosto e uma elegancia que se vão encontrar até nas classes mais baixas. O proprio lavrador, com a sua choça de colmo e o seu pequeno tracto de terreno, procura embellezal-os. A sebe graciosa; o taboleiro de relva diante da porta; o pequeno alegrete de flores orlado de buxo tosquiado; a madresilva encostada ao muro e enroscando flores e folhas em latada; o vaso de flores á janella; o azevinho plantado de proposito junto á casa, para furtar ao inverno a sombria tristeza, e exhalar de si um como que arremedo do verdejante estio que vae lá dentro alegrar a lareira; tudo isto revela a influencia do gosto, jorrando de fontes altas, e invadindo os niveis mais inferiores do espirito publico. Se alguma vez o amor, como diz o poeta, se deliciar em visitar uma choupana, será, de certo, a choupana de um aldeão inglez.

O gosto pela vida rural entre as classes mais elevadas de Inglaterra tem tido uma grande e salutar influencia no caracter nacional. Não conheço raça mais bella de homens do que a aristocracia ingleza. Em vez da molleza afeminada que caracterisa em outros paizes os homens de alta gerarchia, os da Inglaterra mostram a união do vigor e da elegancia, fórmas robustas e constituição fresca, que eu julgo que se deve attribuir ao seu viver tanto ao ar livre, e ao ardor com que se entregam aos robustecedores recreios do campo. Estes rudes exercicios dão tambem saude ao espirito, e uma certa viril simplicidade ás maneiras que as loucuras e dissipações da cidade não podem facilmente perverter, e nunca destruir de todo. Tambem parece que no campo estão mais dispostas as differentes classes da sociedade a aproximarem-se livremente umas das outras, e a exercerem mutuamente uma favoravel influencia. As distincções que as separam não são aqui nem tão pronunciadas, nem tão difficeis de ultrapassar. O modo como a propriedade tem sido distribuida em pequenos casaes ou herdades, estabeleceu uma escala regular desde o fidalgo, passando pelas differentes classes da mediania, pequenos proprietarios, ricos rendeiros, até á gente rustica da lavoira; e, em quanto ligou por esta fórma entre si os extremos da sociedade, deu a cada classe intermédia um certo espirito de independencia. Deve confessar-se que isto não acontece agora tanto como d'antes; nos ultimos annos de pouca producção, as propriedades maiores absorveram, e, n'alguns pontos do paiz, quasi que anniquilaram a raça vigorosa dos pequenos lavradores. Creio, comtudo, que são estes exemplos excepções casuaes da regra geral que mencionâmos.

Nas occupações ruraes nada ha baixo nem aviltante. Conduz o homem por entre scenas de formosura e grandeza naturaes; entrega-o ás inspirações do seu espirito, actuado pelo que as influencias externas tem mais grandioso e puro. Tal homem póde ser singelo e rude, nunca vulgar. O homem illustrado nada acha, por conseguinte, revoltante na sua communicação com as classes inferiores da vida rural. Põe de parte a reserva, e estima abandonar as distincções da gerarchia, para conhecer os gozos honestos e sinceros da vida commum. Até os proprios divertimentos do campo concorrem para unir os homens cada vez mais; e o som da trompa, o latir dos lebreus, confundem n'uma só harmonia todos os sentimentos. Creio ser essa a razão por que a nobreza e a burguezia são mais populares nas classes inferiores da Inglaterra do que em qualquer outro paiz, e por que estas ultimas tem soffrido tantos vexames e desgraças, sem protestarem mais geralmente contra a desegual distribuição dos bens da fortuna, e contra os privilegios.

A esta mistura da sociedade culta e campestre póde attribuir-se tambem o sentimento rural que palpita na litteratura ingleza; o uso frequente de illustrações tiradas da vida rural; as incomparaveis descripções da natureza que abundam nos poetas inglezes que continuaram desde *A Flor e a Folha* de Chaucer, até exhalarem nos nossos gabinetes toda a fragrancia e frescura das orvalhadas paizagens. Os escriptores bucolicos de outros paizes parece que fizeram á natureza uma rapida visita, e que ficaram conhecendo os seus geraes encantos; mas os poetas inglezes viveram e banquetearam-se com ella, perseguiram-n'a até aos seus mais reconditos asylos, estudaram os seus mais pequeninos caprichos. Não póde uma fevera de herva tremer agitada pela brisa, não póde uma folha desprender-se da arvore e cair fazendo um ligeiro ruido, não póde uma gota diamantina baquear no crystallino espêlho do regato, não póde exhalar-se uma fragrancia da humilde violeta, nem a rosa abrir ao sopro da manhã sua purpurea corolla, sem que o saibam estes observadores delicados e apaixonados, e o aproveitem para uma formosa moralidade.

O effeito produzido na face dos campos pela consagração dos espiritos elegantes á vida rural tem sido prodigioso. Uma grande parte da ilha é plana, e seria monotona se não fossem os encantos da cultura; mas se está ornada e engastada de palacios e palacetes, matizada de parques e jardins! Não abunda em perspectivas grandiosas e sublimes, mas sim em pequenas scenas campestres de descanço rural e abrigada tranquillidade. Cada casa antiga, cada musgosa choupana é uma pintura; e como as estradas vão em continuos meandros, e os bosques e as sebes limitam os panoramas, delicia-se a vista com uma continuada successão de pequenas paizagens de seductora belleza.

Comtudo, o grande encanto das perspectivas inglezas é o sentimento moral que todas parecem exhalar. Associam-se no espirito a idéas de ordem, de tranquillidade e sobriedade, de principios solidos, de antigas e venerandas usanças. Todas as coisas parecem ter sido produzidas por seculos de existencia tranquilla e regular. A velha egreja de remota architectura, com o seu portal baixo e massiço; a sua torre gothica; as suas janellas opulentas de lavores e de vidros de côres; os seus magestosos moimentos de guerreiros e nobres da antiguidade, antepassados dos actuaes senhores do solo; as suas pedras tumulares, occultando successivas gerações de vigorosos lavradores, cuja progenie ara o mesmo chão, ajoelha ao mesmo altar. O presbyterio, um edificio bonito mas irregular, em parte antiquado, em parte reparado e alterado segundo o gosto dos differentes seculos e dos differentes habitantes; os degraus do adro; o caminho que conduz ao cemiterio por entre campos risonhos e umbrosas sebes; a aldeia visinha, com as suas choças veneraveis, com o seu passeio publico abrigado por arvores, a cuja sombra brincaram os antepassados da presente geração; a antiga casa de familia, campeando desviada no meio de algum dominio rural, mas olhando com ar protector para a scena que a rodeia; todas estas feições communs da paizagem ingleza revelam uma segurança tranquilla e inalteravel, uma transmissão hereditaria de virtudes domesticas e affeições locaes, que advogam de um modo caloroso e impressivo o caracter moral da nação.

É um panorama agradavel ver na manhã de um domingo, quando o sino entorna pelos campos tranquillos a sua austera melodia, os camponezes com os seus trajos mais bellos, de rosto rubicundo e ar de modesto contentamento, caminhando socegadamente para a egreja por entre as verdes planicies; mas é ainda mais agradavel vêl-os ás tardes, reunindo-se ao pé da porta da choupana, e parecendo exultar com os modestos commodos e embellezamentos que as suas proprias mãos espalharam em torno de si.

É este suave sentimento caseiro, este tranquillo e affectuoso repoisar das scenas domesticas, que origina os gozos mais puros e as mais solidas virtudes.

M. Pinheiro Chagas.

THEMAS CLASSICOS

Havendo cincoenta e tantos annos que o descobrimento e conquista do Oriente se continuava, sem os obrigados por officio de chronistas, e pelo salario d'elle, darem á memoria tão gloriosos e illustres feitos, como meus naturaes n'aquellas partes tinham acabado, e proseguiam com tanto louvor seu; parecia-me que se acudisse a este descuido, tomando cuidado de as pôr em escripto, podia merecer á minha patria nome de zeloso da gloria d'ella.

João de Barros — Dec. iv, Prol.

B. LIMA COELHO. J.

Ponte de Afife

Junto da estrada que vae da cidade de Vianna do Castello para a villa de Caminha está o logar de Afife, edificado em um valle, e distante d'aquella villa uns 7 kilometros.

Tem esta aldeia uma egreja parochial, da invocação de Santa Christina, que foi muito notavel outr'ora por ser o seu abbade apresentado alternadamente pelo papa, pelo arcebispo de Braga, e pelos religiosos do convento dominicano da cidade, então villa, de Vianna.

Encosta-se a povoação do lado do norte a uma serra conhecida pelo nome de *Santa Luzia*, na qual existem ruinas de um castello antigo, que aquelles povos denominam *Crasto de Moiros*, ou *Cividade*. D'este ultimo nome tiram fundamento alguns antiquarios para suppor que houve alli uma povoação romana. Despenha-se d'esta serra uma ribeira. Rebenta o manancial em um dos mais altos cumes da montanha, chamado *Chãa de Cobellos*. Ao principio corre docemente em leito plano, e por entre margens relvosas; depois precipita-se sobre fraguedos pelas quebradas da serra. Na sua entrada no valle recebe o tributo de tres pequenos regatos, e banha ahi os muros do antigo e extincto mosteiro de Cabanas, do qual toma o nome. N'este sitio é cortado pela primeira ponte de pedra.

Antes de proseguirmos, diremos que o mosteiro pertenceu aos monges benedictinos, os quaes primitivamente viveram em covas ou grutas na serra visinha, depois em cabanas, e a final no dito mosteiro, que o povo, em memoria da antiga morada dos monges, começou a chamar *das Cabanas*, e que assim se ficou denominando, e juntamente com elle o rio e a ponte.

Continuando o seu curso, passa o rio pela povoação de Afife, e d'ahi a pouca distancia lança-se no Oceano. N'esta freguezia troca o nome de Cabanas pelo de *Afife*, que se torna tambem commum a uma segunda ponte que ahi o atravessa. Esta ponte vê-se representada em a nossa gravura.

A primeira fundação d'esta ponte tem bastante antiguidade. Tem tido diversas reconstrucções, sendo a ultima a que se lhe fez ha poucos annos para dar passagem á nova estrada de Vianna do Castello a Caminha.

Durante o inverno é caudaloso o rio de Afife; porém no verão fica reduzido a uma pequena ribeira, da qual se utilisam os habitantes para fazer trabalhar várias azenhas, servindo-se pouco d'ella para rega dos campos, por ficarem estes muito mais altos que o alveo do rio.

Na maior força do estio chega a perder a corrente ao avisinhar-se do mar. Assim tambem as suas margens, que no interior do valle se guarnecem de arvoredo, vão despindo a sua pomposa vegetação á maneira que se aproximam do Oceano. Não se pense, todavia, pelo que se vê em as nossas provincias do sul, que as visinhanças da costa são alli aridas e tristes. A provincia do Minho goza do privilegio de possuir mui risonhas paizagens até junto das praias do mar. A estrada macadamisada de Vianna a Caminha, não obstante ser quasi banhada das ondas, é uma das mais bellas do reino pelo viço e amenidade dos prados que vae cortando.

Ha n'esta freguezia um forte edificado sobre rochedos, junto do mar, chamado *forte do Cão*. Acha-se, porém, sem artilheria e arruinado.

A gravura que publicâmos é cópia de uma photographia da excellente e numerosa collecção do sr. Seabra.

I. de Vilhena Barbosa.

O MAU FILHO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

(Vid. pag. 282)

VII

Baptista, vendo o prior e o sobrinho, pareceu sobresaltar-se um tanto, porque, sem dúvida, receiava que o reprehendessem severamente, como o seu proceder merecia; mas procurou dominar a sua perturbação, e comprimentou os dois com bastante serenidade.

— D'onde vens, Baptista? — perguntou-lhe o reverendo prior.

— Venho dos Somos, respondeu Baptista perturbando-se novamente, onde fui ver se o cesteiro Miguel tinha já acabado os cestos que havia dias lhe encommendára.

— Então consumiste muito tempo d'aqui a casa do Miguel, que dista um quarto de legoa apenas.

— É que... Miguel teimou para que jantasse com elle.

O prior e o sobrinho, excessivamente sinceros, como costumam sêl-o as pessoas honradas, julgaram que Joanna se enganára. E não duvidaram tambem de que Baptista vinha dos Somos e não de Avellaneda.

— Mas é possivel, Baptista, continuou o sacerdote, que te descuides da herdade até ao ponto de não revolver um torrão, quando já todos os lavradores do sitio estão concluindo as sementeiras? Que pensas a este respeito, Baptista?

— Não quero semear.

— Ora essa! — exclamaram o prior e o sobrinho. Assim deixas...

— Vou vender a casa e a herdade, e irei viver com minha irmã para Bilbao. Com o valor d'estas miseraveis geiras estabeleceremos alli uma loja, porque n'este logar, ainda que estoiremos a trabalhar, não ganhâmos para a açorda.

— Vender a casa e a herdade! — exclamou o prior tão indignado como Joanna e Mattheus ao ouvirem a revelação de similhante projecto. Pois é possivel, Baptista, que renegues a tua familia até ao ponto de vender a casa em que nasceram e viveram os teus antepassados; em que teus paes nasceram, viveram e morreram; em que tu nasceste... Baptista, ou zombas, ou enlouqueceste!

— Nem enlouqueci, nem zombo, replicou Baptista com insolencia. Admira-me na verdade que vossas senhorias se mettam em camisas de onze varas. Sou o irmão mais velho, e posso, portanto, fazer da casa e da herdade o que me der na vontade.

— Estes bens não são só teus. Pertencem tambem a teus irmãos.

— Dando a cada um a parte que lhe pertença, ficâmos quites. Amanhã, que é domingo, mandarei affixar na porta da egreja o annuncio da venda.

— Isso é infame! — exclamaram o prior e o sobrinho.

Joanna desfazia-se em lagrimas sem se atrever a soltar um queixume.

— O que disse, disse; faço o que se me afigura melhor, replicou Baptista cada vez mais insolentemente. Mettam-se com os seus negocios e não curem dos do visinho.

O reverendo prior ia responder, mas Baptista voltou-lhe as costas e entrou para casa a cantar:

> Em casa tinha eu um livro.
> Dizia a letra:
> Nos negocios alheios
> Ninguem se metta.

— Joanna, disse o prior, deixa esse monstro; vem comnosco e não tornes a olhar-lhe para o rosto.

— Não me atrevo, respondeu Joanna, não me atrevo, porque seria capaz de matar-me.

— Joanna! Joanna! — gritou Baptista do interior da casa. Avia-te; nada tens que fazer ahi!

— Não lhe respondas e vem comnosco, disseram o prior e Mattheus á pobre rapariga, procurando detel-a.

— Não posso; matar-nos-hia a todos, logo que visse que eu ia com vossas senhorias. Adeus, adeus, obedecerei a meu irmão, para evitar-lhe os maus tratos.

E apressou-se em subir a escada.

O prior e o sobrinho tomaram o caminho de Gueñes em silencio, e com os olhos arrasados de lagrimas.

A meio encosta, onde o caminho de Echederra cruzava com o dos Somos, pararam para descançar.

Os sinos de Santo Isidro tocavam á oração. O sacerdote e o mancebo descobriram a cabeça e rezaram as Ave-Marias.

— Não duvide, meu tio, disse Mattheus quando acabaram de rezar, que Baptista venderá a casa paterna. É mister que a herdade de Echederra continue a pertencer á familia que a possuiu sempre. Empregarei n'ella o escasso capital que me deixaram os ladrões, e quando Ignacio regressar da America, se Deus quizer que regresse, poderei dizer-lhe, quer venha pobre, quer rico: «Aqui tens o lar de teus paes, que teu irmão quiz arrebatar-te por meio de uma venda sacrilega.» Se a Providencia permittir que eu case com Joanna, habitaremos Echederra até que Ignacio regresse, e com o suor da nossa fronte fertilisaremos as terras que hoje estão descuradas e incultas.

— Approvo a tua nobre resolução, Mattheus! — exclamou o sacerdote enternecido e lançando os braços ao collo do sobrinho. A grandeza da alma torna o homem superior!

— Não é o cesteiro Miguel que vem ao longe? — disse Mattheus indicando o extremo da collina.

— É, respondeu o prior; e não parece vir dos Somos, onde devia estar a jogar, pelo que nos referiu Baptista.

Miguel, que vinha a cavallo em um muar, chegou pouco depois ao sitio em que os dois descançavam.

— Boas tardes, ou, antes, boas noites, sr. D. José e sr. D. Mattheus, disse Miguel parando o muar.

— D'onde vem por ahi, Miguel?

— De Bilbao, onde fui vender alguns cestos.

— E correu bem o negocio?

— Nem por isso, sr. prior, porque me demorei alli dois dias, e a final vendi os cestos por todo o preço. O que havia de fazer? Correm mal os tempos, e com a cavalgadura gasta-se muito. Deu-me Deus genio tão inquieto, que sou homem perdido se estou dois dias sem ver a mulher e os filhos. Que quer, sr. prior, como o outro que diz: *o que o berço dá, a cova o tira.* A mulher e os filhos dão-nos agua pela barba; mas... que diacho! são ao mesmo tempo a cadeia que nos prende e arrasta, embora não queiramos. E vv. s.ªˢ vieram dar um passeio até aqui? É mui acertado, porque assim o sr. D. Mattheus restabelecerá as forças.

— E deitámos, como quem não quer, até Echederra.

— Foi um passeio mais que regular. Que me dizem a respeito d'aquella familia? Souberam alguma coisa de Ignacio? Ha já um seculo que não vejo Baptista nem Joanna.

— Elles nada sabem de Ignacio.

— Se Ignacio estivesse em Echederra, melhor andaria alli o amanho da casa. Baptista é folgasão e desleixado. Perguntem-n'o á herdade, e esperem a resposta. Se Martinho e Maria, que Deus haja, erguessem a cabeça do sepulchro e vissem como está a sua casa, tornavam a morrer de pezar.

— Saiba que Baptista projecta vender a casa e a herdade.

— Que me diz v. s., sr. prior? — exclamou Miguel persignando-se.

— O que ouviu.

— Custa acreditar similhante desatino! É possivel que haja quem tenha valor para vender, por assim dizer, o escabello em que se sentaram os avós, os bisavós, todos os antepassados, em fim! Pelo oiro do mundo, não venderia eu a minha casa, nem a minha herdade. Póde haver nada mais glorioso que dizermos todos os dias: esta arvore foi plantada por meu pae; est'outra por meu avô; aqui brincavamos meus irmãos e eu quando eramos pequenos; aqui sentava-se minha boa mãe; aqui... mil coisas, em fim, que ninguem explica? Baptista é mau individuo. Se Ignacio, que é excellente moço, soubesse o que occorria, voltava a Echederra o mais breve possivel, e não consentiria similhante venda. Ajustaria as contas com esse Baptista!...

— Para evitar que o pobre Ignacio se encontre sem a casa onde nasceu, meu sobrinho Mattheus irá compral-a.

— Muito bem feito! E já comprehendi, sr. prior, disse Miguel com sorriso de alegria. Então o sr. D. Mattheus sempre se casa com Joanna? Dou-lhe os parabens. Aquella rapariga vale mais oiro do que pesa. É o retrato vivo da infeliz Maria. Herdou-lhe as virtudes... Que tratos lhe dá o hereje de Baptista! Perdôe-me Deus, sr. prior; mas que coisas se vêem n'este mundo!

— Como, apesar do roubo, meu sobrinho passa por abastado, Baptista quererá fazer-lhe pagar caro o capricho...

— Certamente, sr. prior, Baptista é avarento!

— Para evitar isso, fazer-nos-ha um favor.

— Com a melhor vontade, sr. prior. Digam-me vv. s.as em que posso servil-os.

— Comprando, como se fôra para ti, a herdade de Echederra.

— Não é preciso mais nada. Serão servidos. Ámanhã, depois da missa do dia, concertaremos o projecto.

— Muito agradecido, bom homem.

— Nada me devem, e por isso não acceito o agradecimento. Quando se trata de alguma acção boa, o cesteiro Miguel gosta de auxilial-a. O dito, dito. Boas noites. Que querem vv. s.as para os Somos?

— Lembranças para tua mulher.

— Agradecel-as-ha muito. Dêem tambem saudades da minha parte á sra. Antonia.

— E podêmos accrescentar que ámanhã tenha preparado o almoço para vossemecê.

— Não virá fóra de proposito, sr. D. José. Estimo as melhoras do sr. D. Mattheus, e até ámanhã.

— Até ámanhã.

O cesteiro seguiu o seu caminho, e o prior e o sobrinho continuaram o de casa, á luz da lua, cujos raios prateavam as collinas.

VIII

Em uma das ruas mais escuras e solitarias de Bilbao havia uma pequena loja, onde entravam pessoas de aspecto miseravel. Estas pessoas iam dar e pedir dinheiro, mas rara vez comprar.

Atraz do balcão via-se constantemente Baptista, contando e tornando a contar dinheiro, atando e desatando trouxas de roupa usada, dobrando e desdobrando recibos, cuja procedencia e cujo valor conhecia, embora não soubesse ler. Chamava Joanna de vez em quando, da porta interior; a rapariga apparecia immediatamente ao balcão, e, por ordem de Baptista, escrevia apontamentos em um livro, ou acertava com a penna uma conta, que o irmão já acertára com os dedos.

Inspiravam profunda compaixão a magreza de Joanna e a miseria que se lhe descobria nos vestidos.

Para ella já não havia descanço, nem afagos, nem conforto que lhe enxugasse as lagrimas que derramava com frequencia, lembrando-se de seus paes, do irmão Ignacio, de quem nada sabia, e de Mattheus, que não se restabelecêra completamente. A recompensa do seu trabalho era a miseria, a fome, os insultos e tratos; mas dos labios de Joanna nunca saíra um queixume.

Baptista, valendo-se da sua força e da fraqueza da pobre menina, conquistára tal dominio sobre esta, que Joanna tremia só ao ouvir a voz d'elle. O olhar de Baptista impunha-lhe silencio, e curvava-lhe a fronte com mansidão e resignação taes que desarmariam um tigre.

Entrou certa noite na loja de Baptista um homem de mãos e cara ennegrecidas.

Baptista descórou ao vêl-o, e apressou-se em fechar a loja, apesar de não ser ainda a hora ordinaria de fechal-a. Depois cerrou a porta interior, verificando primeiro se a irmã estava distante, e foi sentar-se ao lado do recem-chegado, que se sentára quasi sem comprimentar o dono da casa.

— Que ha de novo, Chomin? — perguntou Baptista.

— Nada que espante! — respondeu o recem-chegado. É que o passaro cança-se na gaiola, e diz que, se vossês não o tirarem d'ella, como lhe prometteram, *cantará* de outro modo. Em quanto eu lhe fiz companhia, teve paciencia; mas logo que me deram liberdade, porque provei, com a declaração da padeira Jacintha e de outras testimunhas, que passei a noite da *festa* cantando na choupana, segundo o costume, o pobresinho morre de enfado, e *cantará, cantará* a valer, até que, attrahidos por seu canto, vossês o vão acompanhar.

Baptista bateu com o pé no chão, soltou uma phrase de arrieiro e disse:

— Por que hei eu de ter só as culpas, quando a obrigação de padecel-as cabe a todos?

— De vagar, meu amigo, porque já paguei a contribuição. Por vinte miseraveis onças que me déste, estive vinte semanas *á sombra;* em quanto vossês, sem contar as joias, lamberam-se com mais de duzentas onças cada um, e não dormiram uma noite sequer na cadeia de Avellaneda. Os outros deram ás de Villa Diogo; e tu, por consequencia, és o unico que corres o risco de... bem me entendes; convence, pois, á força de oiro, os homens da justiça para que abram a porta da gaiola.

— Juro-te, Chomin, que não tenho um real...

— Não me embaças a mim, Baptista. Tiras ahi a pelle a todos, pois estás emprestando a cem por cento ao mez. Sei tudo! Anda, pois, com cautela, porque em Gueñes anda já certo zum zum que não póde agradar-te muito.

— Que me importam as fallacias das pessoas de Gueñes?

— Não sabes a historia de Rumbana?

— Não, nem quero saber.

— Pois não ha ninguem nas Encartações, velhos e moços, que não sáibam o que aconteceu a Rumbana. Vou contar-te essa historia, visto que não a sabes.

— Deixa-te agora de historias, porque nada tenho com ellas, Chomin.

— Verás se tens. Ouve, ouve, meu amigo. Rumbana morava em Zalla, e por muito tempo se entregou a uma vida de principe, com o producto da venda da casa e herdade de seus paes. O oiro acabou-se-lhe a final, e Rumbana andava desesperado vendo que se lhe acabára a boa vida. Deu tratos á imaginação para recuperal-a, e uma noite foi-se a Gueñes, metteu a mão furtivamente no cofre de um homem que chegára da America, e voltou a Zalla, mais alegre que as paschoas, com a nova provisão de pecunia. A justiça lançou as suas linhas, mas nada caíu nos anzoes, e o auctor da proeza ficou impune. Quando já se não

fallava d'ella, entre pobres e ricos, moços e velhos, pequenos e grandes, fracos e fortes, circulou de subito um zum-zum de que *Rumbana gastava o dinheiro de Gueñes*. Aos ouvidos da justiça de Avellaneda tambem chegou o zum-zum; d'esta vez Rumbana não a illudiu, e foi dar com os ossos na forca. Ora aqui tens a historia; applica-a, e vê se o que se diz agora em Gueñes a teu respeito chega ao conhecimento da justiça. Esta não te perdoará, fica certo. Amigo, tu disseste: «Hoje tenho dinheiro, mas não posso gastal-o em Gueñes, nem em Bilbao, porque podem dizer: «d'onde saem as missas?» e responderem: «da casa do prior.» Mettamo-nos, pois, no commercio, depois de vender a casa e a herdade, e estabeleçamo-nos longe, para que os que me conhecem bem não observem as minhas transacções.» Não é verdade, amigo Baptista, que foi assim que pensaste?

— Mas para que é esse palavriado, Chomin?

— Digo-te que procedeste com engenho, e que melhor andarás esta noite se me deres uma duzia de onças, para ver se, untando com ellas as mãos dos carcereiros de Avellaneda, abrem a porta da gaiola para o passaro fugir.

— É impossivel, Chomin; digo-te que é impossivel, porque não as tenho; e, embora as tivesse, parece-te que ainda não dei bastante?

— Faze o que quizeres. Darei a tua resposta ao passaro engaiolado e verás como *canta*...

— Mau raio de Deus me fulmine se isto é viver! — exclamou Baptista com desesperação. Isto é padecer milhares de mortes; isto é o inferno na terra! Não durmo, nem descanço... sempre em sobresaltos, sempre com pesadêlos, sempre com o inferno na alma! Sou o homem mais desgraçado d'este mundo.

Chomin poz-se a cantar, com sorriso ironico:

Tu o quizeste,
Ó João Lenhas,
Como quizeste,
Assim o tenhas.

— Pois aconselho-te, meu amigo, accrescentou, que me dês as doze onças, porque, se não, cantará o passaro.

Baptista rangeu os dentes, meneou a cabeça, soltou horrivel blasphemia, abriu uma gaveta, e tirando d'ella seis onças de oiro, lançou-as para cima do balcão.

— Venham as seis que faltam, disse Chomin sempre no mesmo tom ironico.

— Não tenho mais.

— O passaro carece de doze.

Baptista atirou mais uma onça para cima do balcão.

— Não me demores... dá-me as cinco restantes, amiguinho.

Baptista soltou outra onça e outra blasphemia.

— Olha que faltam poucas.

— Agora não tenho mais.

— Então o passaro cantará.

Baptista lançou no balcão outra onça.

— Faltam só tres. Dá-m'as.

— Tres raios que te espedacem, e a mim tambem.

— Olha que o passaro está dando saltos na gaiola, e depressa cantará!...

Baptista deu outra onça, acompanhando-a de nova blasphemia.

— Cobra animo! Agora é que falta muito pouco, amigo!

— Não dou mais, ainda que me esfolem vivo!

— Se o passaro cantar, não quero estar na tua pelle!... Safa!

Baptista deu outra onça.

— Mais um esforço, e o resto virá.

— Não dou mais, ainda que me façam em postas.

— Vou direito á cadeia... e veremos.

— Quer a justiça saiba, quer não saiba... já disse!

— Avarento! Por uma só onça consentirás que te levem á forca?... Olha, meu amigo, não será muito agradavel estar pendurado tão alto com uma corda ao pescoço!...

Baptista, mostrando-se excessivamente despeitado, arremeçou a ultima onça para o balcão, dizendo:

— Ahi tens, e compra a corda!

— Essa despeza compete ao carrasco, replicou Chomin com serenidade, guardando a onça. Abre-me a porta, porque desejo ir agora a Avellaneda para convencer o carcereiro, ou introduzir este dinheiro pelos ferros da gaiola. Volto em seguida para o pinhal da Arbosa, para ver se aproveito o trabalho que alli deixei começado, visto que vossês, sendo tão miseraveis para commigo, obrigaram-me a usar novamente do machado.

Baptista, fingindo tomar a chave da porta, puxou por uma faca que estava escondida no balcão, e empunhando-a dissimuladamente, deu um passo para o carvoeiro.

— Estou prevenido, meu amiguinho, disse Chomin, continuando a mostrar serenidade de animo, e tirando do jaleco uma pistola, que engatilhou; se não encontrares a chave da porta, abrirei *com esta* as portas e as janellas, depois de experimental-a primeiro na tua cabeça ou nas tuas costellas... como quizeres!

Baptista deixou cair a faca, balbuciando uma desculpa de covarde, e apressando-se em abrir a porta, pela qual Chomin desappareceu.

Entreabriu em seguida a gaveta, e, ao ver o vacuo que n'ella deixaram as doze onças de oiro, proferiu as maiores blasphemias, e arrancou os cabellos como desesperado.

Passados alguns dias, o proprio Baptista achava-se na loja quando o carteiro lhe entregou uma carta, franca de porte, e cuja primeira direcção, *Gueñes*, fôra riscada e substituida pelo nome de *Bilbao*.

Baptista chamou a irmã, a quem ordenou que lesse a carta, que Joanna leu chorando de alegria.

A carta era de Ignacio.

Ignacio, que já sabia a morte dos paes, escrevia aos irmãos, annunciando-lhes o proximo regresso; dizia-lhes tambem que possuia, não a herança que fôra buscar, e que inutilmente reclamára, mas uma grande riqueza, de que podia dispor como lhe aprouvesse, porque lhe pertencia exclusivamente. Compensára-o Deus de suas fadigas, concedendo-lhe em poucos annos maior riqueza que a que em toda a vida grangeiam os europeus que exploram a America. Um compatricio estabelecido no Mexico auxiliára-o na demanda que intentára contra os testamenteiros do fallecido tio; porém, morrendo aquelle bemfeitor sem herdeiro legitimo, legára-lhe immensa fazenda para indemnisal-o da perda de suas esperanças, que era então já inevitavel.

«Sou em fim rico, terminava Ignacio, e os meus irmãos hão de participar da riqueza se, como espero, ainda são dignos do meu affecto.»

A desesperação de Baptista, quando a irmã concluiu a leitura da carta, não teve limites. Se Ignacio trouxesse a herança que fôra buscar, Baptista poderia reclamar o quinhão que lhe pertencia; mas procedendo de outra fonte os teres do irmão, nada tinha que reclamar. Além d'isso, Baptista comprehendeu que havia ameaça nas ultimas palavras da carta de Ignacio.

Reconhecendo que procedêra indigna e miseravelmente para com seus finados paes e para com sua atribulada irmã, e não podendo já lisonjear os primeiros para que o justificassem, procurou lisonjear Joanna por todos os modos.

A situação da infeliz orphã, desde o dia em que

se recebeu a carta de Ignacio, mudou inteiramente. Baptista deu á irmã criados que a servissem; offereceu-lhe custosos vestuarios; cercou-a de commodidades e meiguices; nada, em fim, poupou para alimentar-lhe a alegria da vida.

Joanna, que não suspeitava, pela natural boa fé, os intuitos do irmão, acreditava que o Ente Supremo esclarecêra a alma de Baptista; julgava-se feliz vendo a mudança do seu verdugo; e o amor fraternal, que se transformára insensivelmente em odio, ia pouco a pouco recuperando o antigo imperio no coração da incauta menina.

Joanna começava a estimar Baptista com ternura egual á que dedicava a Ignacio.

(Continua)

O FOGO

(Vid. pag. 284)

XVI

FOGO VOLCANICO

Dissemos que a espessura da crôsta solida terrestre que envolve a massa ignea em fusão não excede 12 legoas. Uma tão delgada casca deve soffrer quando é

Fig. 24 — Erupção de granito

actuada pelas ondulações da massa incandescente interior. Parece que taes ondulações são mais energicas quando são determinadas pelas attracções do sol e da lua sobre a massa ignea, que assim apresentam um phenomeno de fluxo e refluxo analogo ao das marés. Seja como for, quando as ondas incandescentes do oceano interior vierem bater de encontro á crôsta terrestre, haverá um tremor de terra, sobre uma extensão de terreno maior ou menor. Quando a acção das vagas incandescentes tem força para romper o involucro solido, abrem-se fendas que estabelecem uma communicação directa entre a superficie exterior da terra e o seu interior, formando-se um volcão, pelo qual as materias das ondas igneas sairão para fóra; haverá, pois, uma erupção volcanica, e as lavas de materia fluida incandescente correrão para fóra da abertura ou cratéra do volcão, solidificando-se depois pelo esfriamento.

A communicação entre o interior da terra e a sua superficie póde ser permanente, ou póde cessar: no primeiro caso, o volcão é activo; no segundo, fica extincto.

Nos volcões activos, a erupção de lavas póde ser continua ou intermittente. Temos um exemplo do primeiro no Stromboli, n'uma das ilhas Lipares; e um exemplo do segundo no Vesuvio, em Napoles; no Etna, na Sicilia, etc.

Desde a mais remota antiguidade que os tremores de terra tem sido um objecto de terror para a humanidade, sendo apenas um insignificante incidente para a historia natural do globo terrestre.

Em certos casos, os tremores de terra são precedidos de rumores subterraneos, umas vezes surdos e prolongados, outras vezes subitos como um trovão. Estes sons são devidos ao estalo e ruptura das rochas pela pressão sobre ellas exercida pelos fluidos do interior da terra; como esta é boa conductora dos sons, por isso estes se ouvem ás vezes a grandes distancias; mas, em geral, o estado atmospherico não tem relação alguma com estes phenomenos, o que não admira, porque a causa dos terremotos é uma causa interna.

O horrivel terremoto de 1755, em Lisboa, foi precedido de um grande ruido subterraneo que durou alguns minutos; mas o estado da atmosphera era sereno. Foi em uma bella manhã do dia 1 de novembro, por occasião dos habitantes se dirigirem em grande numero á missa, que o desastroso acontecimento soprendeu a antiga capital de Portugal. Diversos abalos do solo, durante o tempo de dez a doze minutos, fizeram desabar um grande numero de casas e templos, levantando uma enorme poeira que obscureceu o sol. O mar, que ao principio se retirára, com a repetição

Fig. 25 — Gruta de Fingal

dos abalos, voltou, elevando-se 15 metros acima do nivel ordinario, precipitando-se sobre a cidade; mas, retirando-se instantes depois, continuou extraordinariamente agitado durante toda a noite, lançando e despedaçando contra a terra os barcos e os numerosos habitantes que sobre as aguas tinham procurado refugio. Foi sobre tudo nas egrejas que houve maior numero de victimas. Horas depois do fatal acontecimento, o fogo rebentava em diversos pontos da cidade, que parecia o campo de batalha da agua, da terra e do fogo! O numero de victimas não foi inferior a 60:000.

Graças á energia do marquez de Pombal, então ministro e todo-poderoso, no fim de dez annos a cidade achava-se reedificada. Desde então não tornou a haver nenhum grande terremoto. Os abalos do solo do grande terremoto de 1 de novembro de 1755 estenderam-se até á Laponia, a Argel e ás Antilhas.

No dia 5 de fevereiro de 1783, um horrivel tremor de terra, que apenas durou dois minutos, oscillando o solo em diverso sentido, fez desabar muitas cidades e aldeias da Calabria e Sicilia; a cidade de Messina ficou sepultada nas suas ruinas; mais de trezentas villas e aldeias foram deitadas abaixo; um grande numero de fendas se abriu no solo. A cidade de Terranova, construida sobre tres grandes fendas do solo na extremidade de uma planicie, foi completamente

arrasada, precipitando-se as suas ruinas nos abysmos, fechando-se o caminho a um pequeno rio, o que deu logar á formação de um lago de agua estagnada, que, achando-se carregada de cadaveres, infestou o paiz, desenvolvendo horriveis febres, que juntaram mais um flagello aos que já affligiam os habitantes d'esta parte das Calabrias.

Durante os tremores de terra, os animaes experimentam uma extraordinaria agitação; tem geralmente um certo presentimento que annuncia o terrivel phenomeno. Foi um facto observado em diversos terremotos, e que é confirmado pelas descripções de Humboldt dos tremores de terra na America, o extraordinario presentimento dos animaes sobre aquelles terriveis phenomenos.

A apparição dos volcões está intimamente ligada ao phenomeno dos tremores de terra. Em virtude dos grandes abalos do solo, abre-se uma fenda na crôsta terrestre que determina a communicação com a massa ignea interior, que então faz erupção.

As erupções da materia em fusão ignea vinda do centro da terra, e que depois solidificou, deram logar á formação de rochas, que formam os terrenos eruptivos que se acham misturados ou intercalados com as massas estratificadas de todas as epochas.

As erupções mais antigas formam as rochas graniticas, que se compõem de quartzo, feldspatho e mica. Estas erupções manifestaram-se principalmente durante as epochas primitiva e de transição. O granito mostra-se á superficie do solo principalmente nos paizes de montanhas: nos Pyrenéos, nos Alpes, etc. É a pedra monumental por excellencia, pela sua grande dureza e possibilidade de ser polida. As mais bellas explorações fazem-se na Suecia e Norwega.

As erupções que houve na epocha secundaria deram logar á formação das rochas porphyricas e trappeanas. Os porphyros são rochas muito duras, e susceptiveis de polimento. Compõem-se de feldspatho compacto, silica e quartzo. Apresentam diversas côres: o vermelho é o mais bello. Servem para fazer columnas, vasos, decorações, etc. A maior massa de porphyro vermelho conhecida é o obelisco de Sixto v, em Roma. As rochas trappeanas não tem quartzo; são verdes ou escuras, e mais fusiveis que o porphyro.

As erupções volcanicas tiveram logar desde a epocha terciaria. As primeiras formaram as rochas trachyticas, que apresentam uma estructura porosa de côr variavel com cristaes disseminados de feldspatho, etc. Depois seguiram-se as erupções basalticas. O basalto é uma lava negra e compacta, de estructura frequentemente prismatica, formada de grãos finos.

Os terrenos basalticos apresentam fórmas muito pittorescas nas suas lavas; umas vezes representam columnadas de prismas regulares: em alguns casos estas columnas acham-se quebradas no mesmo nivel, e formam uma estrada frequentemente de grandes dimensões, disposta como em degraus de amphitheatro; outras vezes formam grutas naturaes. A celebre gruta de Fingal, na ilha de Staffa, uma das Hebridas, acha-se aberta no meio de immensas columnas prismaticas de basalto, continuamente batidas pelas vagas.

As erupções lavicas formam as rochas volcanicas de mais recente data. Comprehendem os volcões extinctos actualmente, e aquelles que se acham em actividade.

Todos os phenomenos que nos apresentam os actuaes volcões são, como diz Humboldt, o resultado da acção do nucleo fluido interior do nosso planeta contra a sua crôsta exterior. Quando se estabelece uma communicação entre o interior da terra e a sua superficie, as lavas, ou materia incandescente em fusão, sobem e fazem erupção. A fig. 26 representa um volcão em actividade.

São trezentos os volcões actualmente em actividade á superficie da terra. Alguns são isolados, podendo accidentalmente estabelecer-se bocas eruptivas secundarias nos seus flancos: taes são o Vesuvio, em Napoles; o Etna, na Sicilia; o Stromboli, n'uma das

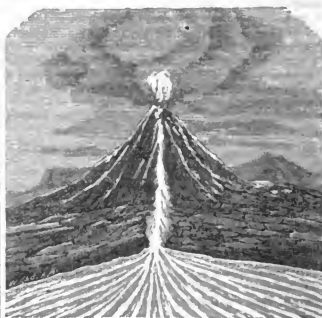



Fig. 26 — Volcão em actividade

ilhas Lipares; as Furnas, em S. Miguel; o das ilhas Sandwich, etc. Outros são dispostos ao longo de fendas que se prolongam sobre grandes extensões: taes são os das Antilhas, os da Sonda, etc.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Vid. pag. 233

III

REEDIFICAÇÕES DO MOSTEIRO

Eram passados quasi quatro seculos depois que el-rei D. Affonso Henriques, querendo alargar e ennobrecer a humilde casa de oração, onde se recolhêra S. Theotonio com os seus companheiros, lançára a primeira pedra nos alicerces do novo mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Apesar da solidez da construcção, que assimilhava o mosteiro, na fortaleza das paredes, ás torres ameiadas com que o fundador o cercára para sua defensa, o edificio mostrava já em diversas partes, e mórmente na egreja, as injurias do tempo, e, além d'isso, os estragos causados por uma grande cheia que sobreveiu repentinamente por effeitos de uma trovoada, no dia 14 de junho de 1411.

Era já entrado o seculo XVI. Empunhava então o sceptro el-rei D. Manuel, e o seu throno refulgia com a gloria dos descobrimentos e conquistas portuguezas na Africa, na Asia e na America. Desejando este soberano que as grandezas e venturas do seu reinado ficassem estampadas em monumentos publicos, que tambem commemorassem a sua piedade religiosa, fundou ou reconstruiu por todo o reino templos magnificos, muitos dos quaes ainda hoje dão testimunho da florescencia das artes e do subido grau de prosperidade a que chegou Portugal n'essa epocha gloriosa.

Não podia, portanto, deixar de attrahir a solicitude de D. Manuel o monumento levantado pelo fundador da monarchia, por elle escolhido para a sua derradeira morada, e agora ameaçando ruina. Assim, pois, ao mesmo tempo que o cinzel esculpia no marmore aquelles arabescos gentis, e mil variados lavores, que admirâmos no templo de Nossa Senhora de Belem, de-

molia-se o velho mosteiro de Santa Cruz, e edificava-se sobre os seus alicerces outro mais vasto e sumptuoso.

Para esta obra mandou el-rei vir de França um architecto, *mestre Nicolau francez*, e mais tres artistas, tambem francezes, chamados: João de Ruão, Jaques de Loguim, e Filippe Uduarte.

Achâmos nomeados a todos estes artistas em varios livros e em alguns documentos antigos com o titulo de architectos; entretanto, cremos que só o primeiro é que delineou e dirigiu, como architecto, as reedificações do templo e mosteiro. Os outros tres artistas, embora fossem tambem architectos, trabalharam n'esta obra, segundo supponos, unicamente como esculptores. O mesmo mestre Nicolau era egualmente habil esculptor, se foi elle, como parece, quem fez no reinado e por ordem del-rei D. João III o magnifico retabulo da egreja de Nossa Senhora da Pena, na serra de Cintra. Provém a falta de clareza de não darem appellido a este artista os auctores que fallam d'elle, contentando-se com o nomearem simplesmente *mestre Nicolau*. Julgâmos, porém, que lhe podêmos accrescentar, sem receio de menos exactos, o appellido de *Chatranez*.

Na descripção da egreja e mosteiro de Santa Cruz, inserta na chronica da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, tratando do rico portal do templo, que constitue a principal belleza da fachada, como acontece na egreja de Belem, lê-se o seguinte: «Este portal fez mestre Nicolau francez, e *trabalharam n'elle* os tres francezes, tambem grandes mestres, a saber: João de Ruão, Jaquez Loguim, e Filippe Uduarte; que pera esta obra, e pera a das sepulturas dos primeiros Reys d'este Reyno mandou vir de França o senhor rey D. Manoel de saudosa memoria.»

A descripção a que alludimos foi vertida do italiano, lingua em que a escreveu, no anno de 1540, D. Francisco de Mendanha, prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, a pedido do dom prior geral da mesma ordem, a fim de a remetter ao papa Paulo III, que, ouvindo fallar com encarecimento das grandezas do novo mosteiro de Santa Cruz, desejou vêl-as minuciosamente descriptas.

D. Francisco de Mendanha viveu nos reinados de D. Manuel e D. João III, e assistiu no mosteiro de Santa Cruz durante os trabalhos da dita reconstrucção. Foi, por conseguinte, não só contemporaneo dos artistas acima referidos, mas tambem testimunha ocular dos progressos da obra. Portanto, como não se póde crer que o edificio tivesse quatro architectos a dirigir a mesma obra, deve-se entender d'aquellas palavras *trabalharam n'elle* (no portal), que João de Ruão, Jaques de Loguin, e Filippe Uduarte foram occupados na esculptura das estatuas e mais obra de ornamentação do dito templo. N'aquella epocha era muito commum encontrar-se no mesmo artista um distincto architecto e um habil esculptor, como se via em Miguel Angelo Bonnarotti, que, sendo um pintor tão eximio e afamado, exercia com muito credito aquelles dois ramos da arte.

Não sabemos ao certo o anno em que principiou a reedificação do mosteiro de Santa Cruz; consta, porém, que se trabalhava n'elle com muita actividade no anno de 1517, e que assim continuou até ao de 1521, em que falleceu el-rei D. Manuel. Este monarcha fez o claustro principal, chamado do *silencio;* a casa do capitulo; a sacristia, que ao diante se desfez, reconstruindo-se de novo; o refeitorio; a portaria e o claustro contiguo, com os dormitorios e mais officinas correspondentes a esta parte do edificio.

Deu principio el-rei D. João III a outras reedificações e construcções do mosteiro, correndo o anno de 1527, setimo do seu reinado. São obras suas o claustro denominado da *Manga*, os dormitorios e enfermaria que ficam sobre os quatro lanços do mesmo claustro, o noviciado, as hospedarias e mais casas de accommodação.

Posteriormente, em diversas epochas, fizeram-se no mosteiro e na egreja, á custa da ordem, várias obras de reconstrucção parcial.

IV

SITUAÇÃO DO MOSTEIRO, ADRO E FRONTARIA

O mosteiro de Santa Cruz, que, como em outro logar dissemos, fôra fundado na extremidade de oéste da cidade de Coimbra, da parte de fóra de seus muros, veiu a achar-se, pelo decurso do tempo e crescimento da povoação, quasi no centro d'esta.

Está sentado em terreno plano, outr'ora bastante elevado acima da superficie do Mondego, mas agora tão baixo pelo muito que tem subido o alveo do rio, por causa da accumulação das areias, que no inverno, apenas o Mondego sae do seu leito, inunda a praça fronteira á egreja, e o proprio templo, chegando muitas vezes a agua até ao altar-mór.

Aquella praça, chamada de *Sansão*, é pequena e guarnecida de casas de dois andares e mais. Do lado do oéste, que é o do rio, vem n'ella desembocar várias ruas estreitas e tristes, porque as apertam casas altas. Do lado do sul entra na praça a *rua do Visconde da Luz*, aberta modernamente, e já guarnecida de predios em quasi toda a sua extensão. Da parte do norte estende-se a formosa *rua da Sophia*, mui comprida, larga, direita, bem macadamisada, orlada de passeios e de várias egrejas e grandes edificios, que foram collegios de religiosos, e ao presente são propriedades particulares.

Precede o templo de Santa Cruz um adro, que na reedificação del-rei D. Manuel era mais espaçoso, e ficava mais alto que o pavimento da praça, subindo-se para elle por uma escada de pedra de quatro degraus. Actualmente descem-se sete degraus para o adro, que foi encurtado por occasião da abertura da rua do Visconde da Luz. A gravura que publicâmos a pag. 33, cópia de uma photographia, representa o adro quando o tinham desfeito quasi todo para lhe darem a fórma semi-circular, em vez da quadrilonga, que d'antes tinha. Agora está fechado com grades de ferro.

A frontaria do templo é mais original que elegante e bella. Todavia não se póde dizer que é inteiramente desengraçada, apesar das suas fórmas massiças. Os corocheos em que terminam os dois torreões meio quadrangulares, meio octogonos, que flanqueiam o portal, dão alguma graça, e sobre tudo originalidade ao frontispicio. Porém, o que lhe dá verdadeiro realce e belleza é o portal e a grande janella que sobre elle se abre. Se bem que se não possa comparar em elegancia e grandeza, nem na variedade e riqueza da ornamentação, com o soberbo portal da egreja de Nossa Senhora de Belem, ainda assim é bello e rico. E parece que o architecto, empenhando n'elle toda a sua arte para o fazer sobresair, descurou o resto da fachada, que apenas mostra alguns singelos ornatos na parte superior.

É formado este portal por um arco de volta inteira com silvados, sobre o qual avultam, mettidas em nichos, as estatuas do Padre Eterno, do Salvador e da Virgem Maria, acompanhadas de outras representando alguns patriarchas e santos do velho testamento, tambem mettidas em nichos, aos lados d'aquellas, porém um pouco mais elevadas, de modo que ainda vão servir de adorno, com os baldaquinos que as cobrem, á grande janella que se abre por cima das tres estatuas nomeadas. Compõe-se a janella de differentes arcos

de volta inteira, com os espaços entre si esculpidos de variados lavores.

Junto do portal erguem-se, de um e outro lado, dois gigantes ou botaréos, que sobem a pouco mais de metade da altura da frontaria do templo. São quadrangulares e lisos na parte inferior; depois enfeitam-se com algumas esculpturas, até que lhes fazem remate dois nichos com estatuas, abrigadas sob rendilhados baldaquinos. *Portal da Magestade* lhe chamavam os conegos, em razão de estar n'elle representado o Creador do mundo.

A exposição d'este portal, e a qualidade da pedra, que é da que chamam de Ançã, tão facil de lavrar como de se deixar gastar pelo embate das tempestades, são causa de que esteja tão estragada toda a obra de esculptura, que não só mal se percebem os feitios dos lavores mais miudos, mas até as proprias estatuas se acham mais ou menos gastadas, e algumas d'ellas com as feições e fórmas quasi totalmente desfeitas.

Podia muito bem a ordem dos conegos regrantes, que era tão rica, e particularmente a communidade do mosteiro de Santa Cruz, que dispunha de tão avultados rendimentos, proceder á restauração do portico da sua egreja, pondo-o no estado em que o traçou e executou mestre Nicolau. Mas para isso era mister ter amor da arte e respeito aos monumentos. Contentaram-se, porém, os conegos de fortalecer o portal, construindo debaixo d'elle um segundo portico de cantaria, de moderna e prosaica architectura. E para encobrir esta desairosa enxertia, ou não sabemos mais para que fim, porque não serve de resguardo, mandaram edificar no adro, em frente do portal da egreja, e quasi junto d'elle, um portico de cantaria, inteiramente desligado do edificio, que podia ser arco triumphal, mas que lhe chamavam guarda vento.

Esta immensa mole, coroada pelo escudo das armas da ordem agostiniana, e por estatuas da Fama, foi erigida no seculo passado, e dizem que fez o risco um frade chamado José do Couto. Em outro qualquer logar seria um bonito portal, não obstante não se poder apontar como modêlo de bom gosto; mas alli, onde o collocaram, é um pejamento vergonhoso, ou, antes, uma affronta ao gothico monumento, que commemora duas das epochas mais gloriosas da historia de Portugal. Todavia, tanto se enlevaram n'elle os moradores da praça de Sansão e ruas adjacentes, que se oppozeram energicamente a que lh'o removessem d'alli quando, por occasião da abertura da rua do Visconde da Luz e das obras do adro, pretendeu a auctoridade desmanchal-o, conduzindo as pedras para o erigir de novo, se a memoria nos não falha, no cemiterio da cidade, onde serviria de porta principal.

É tempo, porém, de entrarmos na egreja.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

75.°

SYNTAXE DAS PREPOSIÇÕES

Para illustração da doutrina que expendemos n'outro artigo ácerca da syntaxe das preposições, e especialmente quanto á preposição *de*, sobre que fomos consultados e respondemos a pag. 232, vamos colligir alguns exemplos tirados dos nossos melhores prosadores, por onde se verá que é da indole e liberdade da lingua portugueza omittir esta preposição, requerida pela syntaxe regular, mas supprimida pela figurada, isto é, por ellipse, figura que dá muita rapidez, euphonia e concisão á nossa lingua.

As phrases comparativas, que se formam com os vocabulos: *mais, menos; maior, menor; melhor, peor;* se pedem para a regencia do seu complemento a preposição *de*, é costume supprimil-a, com tanto que não cause ambiguidade, hiato ou dissonancia tal suppressão; porque para evitar estes vicios, não só se conserva esta preposição, mas até se intromette, como veremos pelos exemplos que adiante serão transcriptos.

Para que os principiantes mais facilmente conheçam onde se póde fazer a suppressão, poremos entre parenthesis a preposição *de*.

Note-se que escolhemos principalmente as phrases comparativas, porque sobre essas é que muitos nos têem proposto duvidas; e vemos que alguns escriptores contemporaneos lhes põem sempre a preposição.

«Por sua morte succedeu seu filho Bernam Soltan, que se jactava *(de)* proceder de sangue real.—Couto—*Dec.* v, 7, 6.

Ainda que na pomba se vejam muitas côres, não ha mais *(do)* que uma só. — Bluteau — *Vocab.*, palavra «Mais».

Não duvidando os moradores *(de)* que era contra elles. — Fr. Luiz de Sousa — *Annaes*, 47.

Temos conjecturas *(de)* que era natural e nascido, etc. — Fr. Luiz de Sousa — *H. de S. D.*, I, 264.

A diligencia dos auctores d'este seculo, a que devemos muito, póde fazer pouco mais *(do)* que emendar os erros alheios. — Duarte Ribeiro de Macedo — *Obras*, t. II, pag. 2.

Este (o conselho) é o grande elemento da vida civil, não menos necessario *(do)* que a agua e fogo para a vida natural. — *Ibid.*, t. II, pag. 50.

O modo de explicar não foi menos excellente *(do)* que a mesma doutrina. — Barreto — *Flos Sanctorum.*

De pedra dura que os corações fossem, por força se haviam de affeiçoar mais a uma pessoa *(do)* que a outra. — Sá de Miranda — *Vilhalpandos*, act. v.

Assim que sua mulher se declarava em favorecer uma criada mais *(do)* que as outras, etc. — D. Francisco Manuel de Mello — *Carta de Guia.*

Ha coisa mais horrenda, ha coisa mais inutil, ha coisa mais cheia de inconvenientes *(do)* que as trevas? — Vieira — *Sermões*, II, 30.

Cesar, que affectava o imperio, não podia ver-se menor *(do)* que Pompeo. — *Ibid.*

A quem já queres mais *(do)* que a mim: dize a verdade? — Garrett — *Fr. L. de Sousa*, pag. 140.»

Nenhum dos nossos proverbios em que ha comparativos tem a preposição *de;* signal evidente de que o uso antigo a evitava.

Mostram pois os exemplos apontados, ser unicamente indispensavel a conjuncção *que* entre os dois termos de comparação.

Agora daremos tambem exemplos de bons auctores, e alguns dos mesmos já apontados, que nas phrases comparativas usam da preposição *de*, para que se veja quaes são as liberdades e franquias da nossa lingua.

«Nenhuma coisa deu a natureza ao homem melhor *do* que o engenho. — Bluteau — *Vocab.*, palav. «Melhor».

Não ha homem mais a proposito para os negocios *do* que este. — *Ibid.*, palav. «Mais».

Elle é maior *do* que eu. Vi-me em maior perigo *do* que nunca. — Moraes — *Dicc.*, palav. «Maior».

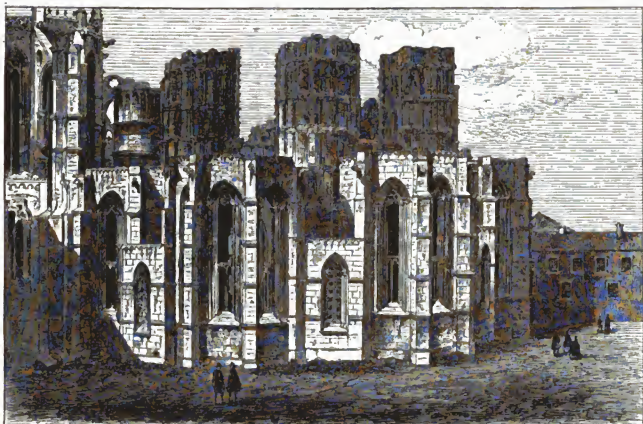
Nada menos se persuade ao proximo *do* que o que se lhe intenta persuadir com modo apaixonado ou imperioso. — Bernardes — *Luz e Calor*, 229.

Parecem mais trabalhos (as figuras) para se moldarem... *do* que para se pintarem, etc. — Garrett — *Fr. L. de Sousa*, pag. 4.

Mas antes isso *do* que fazer fallar por versos meus o mais perfeito prosador da lingua. — *Ibid.*, pag. 8.

Nenhuma acção mais dramatica, mais tragica *do* que esta. — *Ibid.*, pag. 9.

Nas chronicas velhas que pouco mais eram *do* que as tradições populares escriptas. — *Ibid.*, pag. 161.»

(Continua) SILVA TULLIO.

Capellas imperfeitas da Batalha, vistas exteriormente.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 274)

XI

REFEITORIO E ADEGA

Estas duas casas são egualmente obra del-rei D. João I.

O refeitorio, como já dissemos, e se vê na planta geral do edificio a pag. 125, acha-se junto ao claustro. É um edificio rectangular, que acompanha o lanço do claustro do lado de oéste em pouco mais de metade do seu comprimento. No angulo d'este lanço fica a porta do refeitorio, tendo na frente a esbelta fonte de que fallámos a pag. 275.

Tem de comprimento esta casa perto de 30^{m}, e de largura pouco mais de 7^{m}. A sua abobada é de pedra artezoada com florões nos remates, como a do templo. A parede é toda rasgada em janellas com seus lavores, que fazem a casa muito clara e alegre.

A adega está fabricada com egual grandeza. Corre parallela ao lanço do norte do claustro real, em uma extensão de 38^{m}, sobre 9^{m},50 de largura. Cobre-a uma bem construida abobada de pedra artezoada.

XII

CLAUSTRO DE D. AFFONSO V, E DORMITORIOS

A projecção horisontal d'este claustro é quadrada. Fica ao norte do claustro real, servindo de separação a adega. É um pouco mais pequeno que este ultimo, tendo de comprimento por cada lanço 44^{m};50.

Pondo de parte a solidez com que está construido, não se póde comparar este claustro com o primeiro em magnificencia, nem em belleza. Todavia, singelo como é, tem o merecimento de nos mostrar um spécimen da architectura no reinado de D. Affonso V, do qual nos restam tão poucos monumentos, ou, para fallar com mais propriedade, tão poucos fragmentos de edificios; ou seja porque este monarcha, sempre entretido e preoccupado com as guerras de Africa e Castella, se descuidasse de deixar commemorado o seu nome em edificações esplendidas; ou porque el-rei D. Manuel, seu sobrinho, lh'as desfez ou alterou nas reconstrucções que emprehendeu e levou a cabo por todo o reino.

Um escriptor nosso do seculo XVII [1] attribue, sem fundamento, este claustro a el-rei D. João II. Ainda quando não houvesse documentos escriptos com que refutar esta opinião, bastaria para isso examinar com alguma attenção este segundo claustro. Quem lhe observar as abobadas, achará o *rodizio* que D. Affonso V tomou por sua divisa, esculpido em diversos florões, onde rematam os artezões da mesma obobada; e em dois dos seus angulos o escudo das armas reaes tal qual se usou n'este reinado.

Cremos, pois, que este claustro foi começado por el-rei D. João I, ou, talvez, por seu filho, el-rei D. Duarte. Porém, coube ao neto do fundador, el-rei D. Affonso V, o proseguimento e conclusão d'esta obra, conjunctamente com os dormitorios e várias officinas que acompanham e guarnecem o dito claustro.

Toda esta fabrica superior contrasta singularmente por acanhada e pobre com o grandioso monumento del-rei D. João I, que tão nobre e galhardamente se ergue ao seu lado.

[1] Fr. Pedro Monteiro, no *Claustro Dominicano.*

XIII

CLAUSTRO DE D. JOÃO III, NOVICIADO E HOSPEDARIA

Como não bastassem para accommodação da communidade os dormitorios e officinas a que acima nos referimos, requereram os religiosos a el-rei D. João III que lhes augmentasse o convento. Deferiu o monarcha aos supplicantes, mandando accrescentar ao edificio mais outro claustro, um grande dormitorio, uma casa de noviciado, outra para hospedaria, e mais algumas officinas.

Começaram-se as obras no anno de 1551, concorrendo el-rei para ellas com uma consignação annual de 100$000 réis, quantia que não era pequena para aquelles tempos, em que o alqueire de trigo ainda regulava de 20 a 25 réis, ou pouco mais.

Para a ajuda da mesma obra, impetraram e conseguiram os frades do summo pontifice permissão de venderem os foros da capella do infante D. João, que fôra mestre de S. Thiago, e filho del-rei D. João I.

Ganhou muito o convento em capacidade com estes accrescentamentos, pois que, além da casa dos noviços, ficou possuindo cellas para sessenta religiosos. Porém o monumento nada lucrou, antes perdeu, porque todas essas obras feitas no reinado de D. João III, mais desengraçadas e mesquinhas que as do tempo del-rei D. Affonso V, desdizem completamente da magestade e primor da fabrica del-rei D. João I.

Esta parte do convento foi devastada pelos francezes na invasão de 1811. Das portas e janellas fez lenha para o fogo a soldadesca, e por occasião da retirada deixou o edificio preza das chammas.

Podia o incendio produzir gravissimos prejuizos, se se communicasse a todo o convento. Felizmente destruiu apenas a casaria que nenhum merecimento tinha aos olhos da arte. Estas ruinas nunca foram reparadas, antes tem augmentado com a acção do tempo no correr de mais de meio seculo.

XIV

CAPELLAS IMPERFEITAS

Estas capellas, chamadas *imperfeitas* por terem ficado incompletas, não só não pertencem ao systema das obras primitivas, mas até prejudicaram o templo, detraz do qual se levantam, mascarando e impedindo a vista externa da capella-mór, e roubando ás suas esbeltas janellas o maravilhoso effeito da luz através dos quadros coloridos e transparentes, que constituem uma das melhores bellezas d'aquella magnifica egreja.

Foram construidas estas capellas para servir de pantheon real, onde se recolhessem em mausoléos proprios os corpos dos reis e principes que jazem na capella e casa do capitulo, em tumulos provisorios e indignos da realeza. A sua fundação deu motivo a variedade de opiniões ácerca da epocha e do nome do fundador, não obstante haver documento irrecusavel e auctorisado que os declara.

Fr. Luiz de Sousa, dizendo que o assumpto é controverso, parece inclinar-se a que foi a rainha D. Leonor, mulher del-rei D. João II, a fundadora d'estas capellas, achando-se já viuva, e reinando el-rei D. Manuel, seu irmão. O elegante chronista da ordem dominicana apresenta como fundamento d'esta opinião acharem-se em deposito, sem sepultura propria, os corpos del-rei D. João II e do principe D. Affonso, esposo e filho muito queridos da rainha D. Leonor, e possuir esta soberana, a par de avultados rendimentos, uma alma magnanima.

O cardeal patriarcha D. Francisco de S. Luiz, na sua excellente *Memoria Historica sobre as obras do real mosteiro de Santa Maria da Victoria*, publicada pela academia real das sciencias, diz o seguinte: «Succedeu-lhe (a D. João II) o sr. D. Manuel, e em seu tempo se começaram e levaram ao ponto em que hoje ainda estão as chamadas *capellas imperfeitas*, que parece haverem sido destinadas na mente d'este feliz monarcha para jazigo seu, dos reis seus predecessores e dos principes, cujas respeitaveis cinzas estavam como em deposito na egreja e capitulo, sem accommodação propria e conveniente. Mas ainda que geralmente se convém no tempo da construcção d'esta bella e magnifica obra, não ha, comtudo, opinião bem assentada sobre quem fosse o seu verdadeiro auctor; porquanto, muitos a querem attribuir á sra. D. Leonor, irmã del-rei, e viuva do sr. D. João II, e o proprio fr. Luiz de Sousa parece ter estado indeterminado e perplexo a este respeito, e haver porventura dado occasião á presente incerteza com o que diz no cap. XIX, não longe do fim. Nós não duvidâmos do grande e religioso animo d'esta augusta senhora, nem tão pouco da saudosa contemplação que lhe mereciam os prezadissimos penhores que tinha, sem jazigo proprio, na casa da Batalha; mas não julgâmos que isto seja bastante para lhe attribuirmos a fundação d'aquella obra, nem achâmos monumento, ou testimunho algum que a isso nos persuada; achando na mesma obra, e, por assim dizer, em cada uma das suas pedras, muitos e claros indicios que apontam o sr. D. Manuel como seu seu unico auctor e fundador.»

Todavia, apesar da auctoridade e animo investigador d'estes dois distinctos escriptores, o verdadeiro fundador das *capellas imperfeitas* foi el-rei D. Duarte, isto é, o que as mandou fazer e lhes deu começo, com o intento declarado de servirem de jazigo para si, para sua esposa, e para os reis e principes seus descendentes.

Segundo uma noticia antiga, manuscripta, que vimos ha bastante tempo, el-rei D. Duarte deixára encommendado em seu testamento que se proseguisse na obra das capellas imperfeitas até ao seu acabamento. Entretanto, não póde isto servir-nos de testimunho, porque tal documento se perdeu, ao que parece, nas ruinas que o terremoto de 7 de janeiro de 1531 causou á torre do castello de S. Jorge, que encerrava o archivo real, e que por este motivo se denominava *torre do Tombo*, nome que ficou ao archivo depois que, destruida quasi de todo a mesma torre pelo terremoto de 1755, se mudou para outro edificio. Suppomos que o dito testamento se perderia por occasião d'essa catastrophe, juntamente com muitos outros documentos importantes que então desappareceram, porque o auctor da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* diz que debalde o procurára no referido archivo. E bem sabida é a solicitude com que elle investigou e colligiu os outros testamentos reaes e mais documentos com que enriqueceu aquella historia.

Felizmente, porém, não nos faz falta o testamento del-rei D. Duarte para comprovar a nossa asserção. Em favor d'ella vamos apresentar um testimunho não menos auctorisado, porque é tambem de um rei, e neto d'aquelle a quem chamâmos *fundador*.

No tomo II das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* vem o testamento del-rei D. Manuel, e n'elle se acha um periodo, a pag. 333, que diz assim: «Item, rogo muito e encomendo que se mandem acabar as capellas da Batalha, n'aquella maneira que milhor parecer, que seja conforme a outra obra, e assy lhe dem entrada para a Igreja do Mosteiro da milhor maneira que parecer, e mandem mudar para ellas, sendo primeiro de todo acabadas, e assy seus Altares, e todas as outras cousas necessarias, *ElRey D. Duarte que foi o primeiro principiador d'ellas*, e assy ElRey D. Affonso V, meu thio, e ElRey D. João, que Deus aja, e o Principe D. Affonso, meu sobrinho.»

Eis-aqui, pois, aclarado e resolvido, de modo authentico, um ponto tão controverso da historia do edificio monumental da Batalha. O que nos faz motivo de reparo é que, sendo o douto patriarcha D. Francisco de S. Luiz tão sabedor de historia patria, e que tendo procedido a tantas diligencias e investigações para elaborar a sua excellente *Memoria Historica*, acima citada, não conhecesse, ou não se lembrasse de consultar o testamento del-rei D. Manuel, que tanta luz derrama não só n'esta questão, mas tambem em muitos outros assumptos da nossa historia.

D'aquella disposição testamentaria tiram-se naturalmente varios corollarios importantes para a materia de que tratâmos.

Em primeiro logar fica demonstrado que não pararam as obras das capellas imperfeitas, como julga o patriarcha D. Francisco de S. Luiz, por ter escolhido el-rei D. Manuel para seu jazigo o mosteiro de Belem, pois que as ditas obras não só continuavam no anno de 1517, em que foi feito o testamento, mas tanto a peito as tinha este monarcha, que, não obstante declarar logo no principio do mesmo testamento que queria ser sepultado no mosteiro de Santa Maria de Belem, dentro da capella-mór [1], recommenda ao seu successor que as acabe e mude para ellas os féretros reaes que estavam em deposito.

Em segundo logar, fica, se não provado, presumivel com muito bom fundamento, que progrediram aquellas obras até ao fim do reinado de D. Manuel, pois não é crivel que as deixasse parar quem, quatro annos antes de morrer, mostrava tanto empenho na sua conclusão.

Devemos, portanto, ter por averiguado, não só que foi no tempo de D. João III que as obras pararam, mas até que não succedeu isso logo no principio do seu reinado, antes continuaram os trabalhos ainda por alguns annos, o que se mostra mui clara e positivamente nas ultimas guarnições de esculpturas que se collocaram nas ditas capellas, e que são ornamentos pertencentes exclusivamente á architectura chamada do renascimento, d'aquelles que nunca figuraram n'esse estilo de architectura de transição, que denominâmos gothico-florido, ou manuelino, como demonstraremos quando descrevermos e fizermos ver em gravura o interior das mesmas capellas.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

CANDIDO LUSITANO

(PADRE FRANCISCO JOSÉ FREIRE)

(Conclusão. Vid. pag. 246)

IV

As versões, que deixâmos apontadas, e varios outros trabalhos do nosso Freire, mais ou menos importantes, existem inéditos e autographos na bibliotheca eborense [2]. Indo ter, não sabemos por que titulo, á casa dos condes de Vimieiro, ahi foram, por fins do ultimo seculo, ou já em principios do actual, comprados pelo illustre Cenaculo. Quando este insigne prelado fundou e dotou, a expensas do proprio cabedal, em beneficio commum, aquelle magnifico estabelecimento, ficaram fazendo parte da valiosa collecção de manuscriptos que n'elle se depositaram. Verdadeiras preciosidades litterarias, ou que ainda são consideradas taes pelos caturras admiradores do passado, embora valham menos que ninharias aos *olhares* de algum auctor de *odes modernas*, ou de outras robustas intelligencias dos nossos dias, que devotados ao serviço da *Ideia* (com inicial maiuscula!), esperam, confiadamente, que em breve lhes será dado virar de avesso o mundo, sequer no papel, para de novo o reconstruirem á sua imagem e similhança!...

De accordo com o pensamento reformador que presidíra á creação da Arcadia, e que então predominava em toda a Europa culta, tinha para si o nosso Candido que o empenho consistia em restituir aos diversos generos, ou, como hoje se diz, manifestações da arte, a correcção da fórma, e a pureza imitativa dos antigos modêlos. Buscavam-se estes nos auctores gregos e latinos, ou nos restauradores francezes do seculo de Luiz XIV, havendo-se tudo o mais por vulgar, incompleto e indigno de imitação.

Se devemos assentir ao voto de julgadores entendidos, as versões de Candido Lusitano, posto que escriptas em linguagem natural, correcta e fluente, peccam, todavia, por diffusas e prosaicas. Accusando no traductor sufficiente intelligencia e conhecimento dos auctores traduzidos, mostram por outra parte que elle se esforçava debalde para supprir com arte e estudo a falta de vocação poetica, que a natureza lhe recusára. Não nos toca decidir se tal conceito é ou não severo em demasia. Vêmos, sim, que essa falta elle proprio a sentia e confessava, com a ingenuidade e franqueza que o caracterisavam, e de que em suas obras nos dá amiudados exemplos; porém, no desejo de ser util, temos que de justiça podia apropriar-se, talvez com mais razão que outros, a divisa que para si tomára, ha perto de vinte seculos, o poeta de Venusa, nos seus sentenciosos e nunca esquecidos versos:

«Ergo fungar vice cotis, acutum
«Reddere quæ ferrum valet, exors ipsa secandi.»

Ou diremos com outro poeta nosso, sobre quem pesára já n'este seculo, ainda com menos fundamento, em nosso entender, egual arguição:

«Não voam tanto as pombas como as aguias,
Mas todas tem logar no ethereo espaço.»

Sejam, porém, quaes forem os defeitos que a critica pretenda descobrir ou exaggerar nos versos de Candido, não podem elles tolher-nos que reconheçamos os desejos em que ardia este benemerito portuguez de tornar-se prestadio a seus patricios, abalançando-se, por servil-os, a emprezas tão arduas, e entre nós raras vezes tentadas. Sejâmos, pois, agradecidos á memoria do indefesso cultor das letras, apreciando na devida conta os nobres e perseverantes esforços de tantos annos, consumidos em graça da instrucção publica e utilidade da patria.

Foi esta ingrata em vida para com Freire, como não poucas vezes o tem sido para com tantos de seus dignos filhos, que mais a illustraram. Applausos estereis, e a estima de seus confrades em Apollo, eis a unica remuneração que obteve de seus trabalhos o distincto oratoriano. Faltou-lhe Mecenas, que por elle se interessasse, collocando-o em situação mais vantajosa. O proprio marquez de Pombal, que, como já escreveu uma illustre penna, gostava de ser adulado, mas não era muito propenso a recompensar os aduladores, tratou-o com desabrimento egual ao que mostrára a outros arcades que tantas vezes o inebriaram de seus incensos, exaltando-lhe a sabedoria em epistolas e canções repassadas de enthusiasmo. As dedicatorias e odes em que, por mais de uma vez, se espraiou nos seus louvores, não grangearam a Freire graça ou favor algum da parte do omnipotente mi-

[1] Diz o testamento: «Item, minha vontade he de minha sepultura ser no Mosteiro de Nossa Senhora de Belem, dentro na capella-mor, diante do altar-mor, abaixo dos degraus, e que se me não faça outra sepultura, senão hua campa chan, de maneira que se possa andar por cima d'ella, e assy mando que se me faça.»

Não lhe satisfez, porém, seu filho a ultima parte d'esta vontade. Em vez de sepultura humilde erigiu-lhe um mausoléo.

[2] Exceptuada a traducção de Virgilio, cujo autographo, comprado ha muitos annos pela academia real das sciencias, se guarda na respectiva bibliotheca.

nistro; ou, pelo menos, não se encontra o minimo vestigio de qualquer attenção que lhe merecessem. O que sim nos attesta a tradição é, que Freire vivêra sempre pobremente; e que, apesar de ser membro da congregação, que lhe fornecia os soccorros indispensaveis para as urgentes necessidades da vida, viu-se por vezes obrigado a acceitar esmolas, e a commetter a baixeza (assim lhe chamava elle) de *pór as suas obras em almoeda!*

Achando-se, não sabemos a que fim, na villa de Mafra, ahi foi assaltado de uma paralysia. Cedendo á gravidade do mal, para cuja cura foram ineficazes os soccorros medicos, cerrou os olhos á luz da vida mortal em 5 de julho de 1773, na edade ainda florente de cincoenta e quatro annos, em que bem podiam esperar-se novos e copiosos fructos de suas fadigas litterarias. [1]

Os conegos regrantes de Santo Agostinho, que por

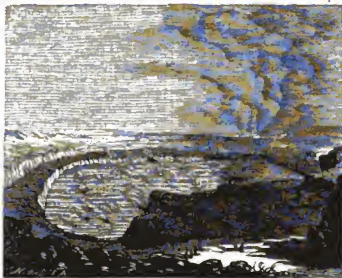



Fig. 27 — Kilauea, volcão da ilha Hawaii, uma das Sandwich

aquelle tempo occupavam o convento da referida villa, lhe fizeram os officios funebres, e recolheram as suas cinzas.

Existem d'elle as obras que nos deixou, e o seu retrato, que, passando em 1834 dos dormitorios da congregação para a bibliotheca nacional de Lisboa, ahi se acha convenientemente collocado na casa de entrada, em companhia de outros varões illustres, filhos da mesma e de outras corporações religiosas, e dignos por sciencia e virtudes de honrada commemoração na posteridade.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

Fig. 28 — Etna, na Sicilia, durante a erupção de 1865

O FOGO

(Vid. pag. 293)

As erupções volcanicas são geralmente precedidas de ruidos subterraneos e tremores de terra. A causa essencial dos terriveis effeitos mecanicos das erupções volcanicas são os vapores de agua. Nas erupções primitivas do granito, porphyro, etc., estas materias em fusão subiram á superficie da terra, e correram sem violencia para fóra, porque o vapor de agua não acompanhava taes substancias.

Nos primeiros momentos de uma erupção volcanica, as pedras que cobrem a cratéra são lançadas ao ar pela acção dos vapores de agua; quando estes vapores se condensam, formam nuvens negras, pelas cinzas

[1] Assim desappareceram quasi simultaneamente tres das mais fortes columnas da Arcadia. Em 13 de julho de 1770 morrêra Domingos dos Reis Quita, e a 10 de novembro de 1772 finára-se na enfermaria da cadeia do Limoeiro o desventurado Garção.

que arrastam, e, caindo em fórma de chuvas torrenciaes, produzem enormes estragos. Ás vezes as cinzas são levadas pelos ventos a distancias consideraveis. A força mecanica dos vapores lança as lavas por cima da borda da cratéra, formando-se uma torrente de fogo que desce pelas vertentes da montanha, quando esta não é muito elevada. Quando as montanhas são muito altas, abrem-se fendas na sua base, por onde correm as lavas. Logo que se acham ao ar livre, as lavas esfriam e solidificam exteriormente, conservando-se liquidas interiormente durante muito tempo. A velocidade das torrentes de lava é pequena em geral; um homem correndo póde ganhar-lhe terreno.

No interior da cratéra ha geralmente um movimento incessante de ascensão e descensão da lava, interrompido ás vezes por violentas detonações de gazes. No volcão de Kilauea, na ilha de Hawaii, uma das Sandwich, existe um lago de materia fundida de mais de

Fig. 29 — Vesuvio, em Napoles

500 metros de largura. É a maior cratéra conhecida. É pelas suas grandes dimensões que apresenta maior tranquillidade que as dos outros volcões. Quanto mais estreita é a cratéra maior é a violencia das erupções. O grande lago de fogo de Kilauea cobre-se em grande parte de escorias solidificadas, ficando apenas algumas partes incandescentes; mas, quando se aproxima uma erupção, o mar de fogo agita-se, e a reverberação que se produz na atmosphera é então enorme.

O mais antigo volcão da Europa é o Etna; as suas erupções datam da mais remota antiguidade. Os poetas gregos e latinos cantaram os seus paroxismos.

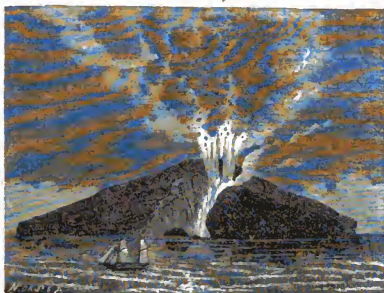



Fig. 30 — Stromboli, nas ilhas Lipares

A montanha de Gibel, na Sicilia, apresenta nas suas bases os mais deliciosos jardins; mais acima é rodeada de frondosos bosques; e mais alto começam as rochas nuas e aridas; finalmente, no vértice, a 3315 metros acima do nivel do mar, o Etna está sempre coberto de neve ou de nuvens.

O Etna é accessivel aos observadores até mesmo aos bordos da cratéra. No fundo do abysmo vê-se a lava sempre em evolução.

O Etna não tem a apparencia conica da maior parte dos volcões. Nas suas erupções tem apresentado periodos seculares. A ultima foi em 1865.

A fig. 28 representa uma vista do Etna durante a ultima erupção, tomada do lado nordéste, junto á grande cratéra. Á direita existe o cume do Etna, dominando as alturas do monte Frumento; á esquerda estão quatro bocas, ou cratéras secundarias, que se abriram durante a erupção; na frente está uma floresta de pinheiros; entre esta floresta e as cratéras formou-se um mar de lava liquida e vermelha. Gran-

des massas de vapores se desenvolveram pelo contacto das lavas com os gêlos da montanha. As correntes de lava que se escaparam pelos valles deram logar a cascatas, em que o fogo se misturava com a agua. Grandes estragos produziu esta erupção sobre os bosques e as povoações proximas, chegando a invadir as regiões cultivadas.

O Vesuvio é mais moderno; appareceu no anno de 79, produzindo a sua erupção a destruição das cidades de Pompéa e Herculanum, que ficaram cobertas de cinzas. As excavações feitas em Pompéa tem posto a descoberto uma cidade tal como era ha dezoito seculos. Um terço da cidade, proximamente, está desembaraçado das cinzas que a cobriam. Em quanto á cidade de Herculanum, ficou coberta de uma massa lodosa, dura e compacta, que custa muito a destruir, de modo que apenas se acham a descoberto um theatro e algumas casas.

Antes da erupção de 79, existia a montanha Somma coberta de bosques, lagos e jardins, e era de uma grande fertilidade. Parte d'esta montanha foi precipitada no mar, e na sua concavidade elevou-se o cone do Vesuvio.

As primeiras lavas appareceram na erupção de 1036. Na que houve em 1631, sete correntes de lava destruiram diversas aldeias. Sobre estas lavas edificaram-se as povoações de Torre del Greco, Torre dell'Annunziata, Portici, etc. A ultima erupção notavel succedeu em 1861.

Nas ilhas Lipares, em frente da Sicilia, ha dois centros de acção volcanica. O mais notavel é o da ilha Stromboli. Este volcão está constantemente em actividade ha 2000 annos. A cratéra acha-se 200 metros abaixo do vértice da montanha, tendo uma enorme fenda por onde correm as lavas. De noite fórma um immenso jacto de chammas, que desde remotas epochas serve de pharol aos navios. Póde-se chegar aos bordos da cratéra. Em 1828, Hoffmann visitou-a, fazendo segurar-se pelos seus companheiros, porque o terreno é escorregadio junto ás beiras do precipicio.

A Islandia é uma ilha muito volcanica. O Hekla é o principal volcão activo desde o seculo IX. Além d'estes volcões de lava ha tambem os Geysers, ou volcões de agua fervente, cujas erupções são intermittentes.

Nos Açôres, o principal volcão é o Pico. Em S. Miguel, no valle das Furnas, ha continuamente erupção de vapores.

Na Europa, os unicos volcões em serie são os das ilhas do archipelago da Grecia.

As cadeias volcanicas mais conhecidas são as do Chili e do Mexico, observadas por Humboldt. O mais notavel da cordilheira das Andes é o volcão Cotopaxi. Uma das suas maiores erupções teve logar em 1741. O Jorullo, no Mexico, formou-se em 1759.

Debaixo dos mares tambem se produzem erupções volcanicas; assim, a Sicilia, Islandia, os Açores, etc., são ilhas volcanicas provenientes dos detritos accumulados das erupções. Mas, em geral, taes ilhas desapparecem pela acção das vagas; assim, em 1831, ao noroeste da Sicilia, houve uma grande erupção volcanica, formando-se a ilha Julia, que desappareceu dois mezes depois. Este volcão dependia, provavelmente, do Etna.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

Não ha no mundo alegria sem sobresalto; não ha condordia sem dissensão; não ha descanço sem trabalho; não ha riqueza sem miseria; não ha dignidade sem perigo; finalmente, não ha gosto sem desgosto.

HEITOR PINTO.

O MAU FILHO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

(Conclusão. Vid. pag. 290)

IX

É Castro-Urdiales um porto de mar situado a 20 kilometros de Guenes, e a 35 de Bilbao. Ha alli mercado ás quintas-feira e aos domingos, e concorrem a elle as padeiras de Guenes, Zala, Sopuerta e outros concelhos.

Um domingo, por volta das dez horas da manhã, dirigiu-se á praça de Castro-Urdiales um mancebo que desembarcára n'aquelle momento no caes chamado da Espada.

Parou junto dos logares de pão, e, aproximando-se de uma padeira, disse-lhe em tom familiar:

— Vae bem a venda, rabugenta de Guenes?

A padeira encarou-o sobresaltada, mas sem mostrar despeito pelo qualificativo de rabugenta.

— Ou tenho cataractas, respondeu a padeira, ou vossemecê é... Mas elle não era moço tão gentil!...

— Pois a boa Jacintha já não me conhece?

— Seja Deus louvado!— exclamou a padeira, abrindo os braços ao mancebo. É Ignacio!

A padeira e o mancebo abraçaram-se com grande ternura.

— Ó Jacintha, perguntaram as outras padeiras, é seu parente esse guapo moço?

— Não é, mas quero-lhe como se fôra meu filho, respondeu Jacintha chorando de alegria e revelando orgulho. Fui quem primeiro lhe deu de mamar. Como estás bello, meu filho! E crescido! Se tua mãe erguesse a cabeça, ficaria admirada da mudança! Maria, que Deus haja, amava-te muito! Dizia-lhe eu ás vezes: «Por causa d'esse filho emmagrecerás.» O reverendo prior dizia-me: «Deixa-a, Jacintha, porque Ignacio é o beijinho de Maria.» Que immensa dor, meu filho, ter deixado a familia tão viva e junta, e encontral-a agora parte descançando no cemiterio, e parte não se sabe onde!

— Que diz, Jacintha? Meus irmãos não habitam já em Echederra?

— O herege de Baptista vendeu a casa e a herdade ao cesteiro Miguel, e partiu para Bilbao com Joanna.

— Meu Deus! — exclamou Ignacio contristado. Meu irmão vendeu a casa?...

— Baptista não tem entranhas! Os visinhos asseguram que elle matou os paes com successivos desgostos!

Ignacio, em cujos olhos borbulhavam grossas lagrimas, quiz mudar de conversação.

— E como estão o sr. prior, o sobrinho, e a governante?

— Não passam muito bem. O prior está mais velho e enfermo; o sobrinho, andando a caçar, feriu-se com a espingarda, e ainda não se restabeleceu... nem casou com tua irmã, porque, diz Mattheus, não quer casar por em quanto, para não expor aquella pobre menina a ficar viuva na flor da edade. A que vae passando melhor é a sra. Antonia, porque sabe padecer com resignação todas as desgraças, e governa a casa com a maior economia... É boa mulher, santa mulher! Com ella estão bem todas as visinhas e a pobreza do concelho. E a sra. Antonia estima-te; estava sempre a fallar do regresso de Ignacio. Como passaste na America?

— Bem na America, e mal no mar. O navio que trazia os meus teres perdeu-se, e com elle a minha riqueza; por modo que volto pobre como fui.

— Mas salvaste os ossos, e isso é que era necessario. Não te afflijas, pois; nunca falta o pão quando ha saude e vontade de ganhal-o. Iremos agora juntos

para Gueñes, porque trouxe hoje ao mercado duas cavalgaduras, e offereço-te uma.

— Agradeço, Jacintha; mas vou embarcar para Bilbao, visto que meus irmãos estão alli. Quero vêl-os antes de ir a Gueñes.

— Fazes bem, meu filho. Verdade é que a Baptista pouca alegria dará o teu regresso... Cá me entendo! Joanna, porém, terá grande jubilo... grandissimo. Não se parece ella com teu irmão... É amiga do trabalho, zelosa no arranjo da casa, meiga... E que mãos tão habilidosas...

Jacintha interrompeu a corrente da loquacidade para vender pão a um marinheiro que se aproximára do logar, e depois accrescentou:

— Queres alguma coisa para Gueñes?

— Recommende-me á sua familia e a todos, que não tardará nos vejamos.

Na madrugada seguinte, Ignacio embarcou-se novamente em uma embarcação que saia para Bilbao, e chegou a este porto horas depois.

Estavam na loja Baptista e Joanna quando Ignacio lhes appareceu.

Os tres soltaram um grito de alegria, e confundiram-se em um só abraço.

Nem se podem descrever os extremos com que Baptista quiz provar a Ignacio o affecto que lhe tinha, nem a felicidade que inundava os corações de Joanna e de seu irmão recem-chegado.

Passadas as primeiras commoções do amor fraterno, Ignacio referiu a seus irmãos as vicissitudes da viagem, e terminou revelando-lhes o que já havia revelado a Jacintha, isto é, que se via miseravel, porque os seus teres haviam sido engolidos pelo Oceano com o navio que os transportava.

Baptista e Joanna conservaram os braços em volta do collo de Ignacio em quanto fallou; mas logo que o primeiro ouviu que o irmão regressava tão pobre como fôra, afastou-se d'elle, como se Ignacio confessasse que estava affectado de molestia contagiosa. Joanna, pelo contrario, apertou-o ainda mais contra o coração; porém, o olhar fito de Baptista, um d'aquelles olhares que havia muito dominavam a infeliz menina e lhe infundiam o terror na alma, poz termo aos testimunhos de affecto com que singelamente queria minorar as desventuras de Ignacio.

— Fiz bastantes sacrificios por causa da nossa familia desde que partiste para a America, disse Baptista; e não me julgo, Ignacio, obrigado a continual-os. Se és pobre, eu tambem sou. Trabalha para ganhar o pão, porque o mais que posso fazer é continuar a trabalhar para o meu sustento e para o de Joanna.

— Queres dizer que me fechas a porta da tua casa! — exclamou Ignacio em tom que provava desgosto profundo. Se me expulsas de teu lar, Baptista, procurarei outro; resgatarei o de nossos paes, vendido sacrilegamente por ti, e viverei n'elle com as minhas recordações, a minha miseria... ou a minha riqueza!

E proferindo estas palavras afastou-se, deixando Joanna derramando amarguradas lagrimas.

— É o ultimo desengano! Tambem ella deixa seu irmão!

Quando Ignacio saiu de Bilbao tomou a estrada de Gueñes. Chegando a Albia, demorou-se para descançar e observar o famoso panorama que d'alli se descobria. Ao longe, no valle do Nervion, sobresaiam as torres de Bilbao, e a insigne basilica de Santiago erguia ao Altissimo, com a voz sonora de seus sinos, um cantico de jubilo. Figurou-se a Ignacio que os sinos dobravam pelas esperanças de felicidade e amor que se lhe tinham emmurchecido no peito.

Logo que descançou, Ignacio seguiu o caminho, triste, melancolico e abatido. A desesperação lavrava-lhe na alma. Passou a ponte de Castregana, como outras muitas, construida pelo demonio, segundo a tradição popular; e, a final, chegou a Sodupe, isto é, entrou no valle nativo. Como deve ser aprazivel, depois de longa ausencia, contemplar o valle em que nascemos!

Ignacio subiu á cúspide de uma collina, que se levantava proximo da estrada, e descobriu d'alli a herdade de Echederra, a casa em que nascêra, similhante a alva pomba poisada em rosal. N'aquella casa não o esperava já uma boa mãe, tristissima com a ausencia d'elle. Chegando ao campo das cerejeiras, nenhum grito o festejaria n'aquellas janellas; nem mãe, nem pae, nem irmã, nem irmão sairia por aquella porta para o receber com os braços abertos, porque o lar de seus antepassados estava occupado por estranhos, e não lhe dariam licença para entrar n'elle sequer uma vez ainda, para refocillar o animo com as lembranças da infancia!

— Meu Deus! — exclamou o desconsolado mancebo, porque não encontraria sepultura nas ondas do Oceano!

Afastou do delicioso valle os olhos chorosos, e, dirigindo-se para o lado opposto, soltou um grito de alegria, correu para a estrada e recebeu nos braços uma joven que voava quasi, com a anciedade de apertal-o nos d'ella.

Era Joanna, a irmã de sua alma!

— Ignacio!... Ignacio! — exclamou a pobre menina; quero participar da tua pobreza; não posso deixar-te, seja qual for a sorte que nos espere! Faltou-me aindagora a força; mas, apenas saiste, envergonhei-me da minha fraqueza; pensei na tua afflicção e na tua pena, e tive animo para fugir da casa de Baptista, nosso irmão. Ignacio, o nosso bom pae tinha muita razão quando dizia que Baptista era mau filho, e que tinha mau coração... Sabe que Baptista é rico, e deixa-te porque és pobre...

— Não sou pobre, minha querida irmã, exclamou Ignacio com ternura; não sou pobre conservando o teu affecto. O que me faltava era a tua amizade. Possuo immensa riqueza. Quiz-lhes occultar os meus teres, inventando a narrativa que ouviram, para aferir o desinteresse de meus irmãos. Um não me enganou; e do outro recebo agora este novo testimunho, minha prezada irmã... A felicidade está alli.

Ignacio, abraçando novamente Joanna, apontou com a mão para a casa natal, e os dois irmãos continuaram o caminho em ternissima conversação, em quanto os sinos de Santo Isidro de Gueñes convidavam alegremente os fieis para o templo.

X

Decorrêra a primeira quinzena depois do regresso de Ignacio á sua aldeia. Apinhoava-se innumero povo no valle, e ouviam-se os sons dos tambores ao compasso dos sinos no campo que cerca a egreja de Santo Isidro. Celebrava-se a romaria do santo padroeiro, e a ella concorriam os habitantes dos logares circumvisinhos.

Saia a padeira Jacintha da egreja com o chale de flanella e o vestido de estamenha, alegre como todas as aldeãs em dia de festa, e exemplarmente acciada como as mulheres do nobre senhorio de Biscaya. Como encontrasse na passagem uma visinha, parou e estabeleceu logo conversação, pois, como se viu no capitulo antecedente, Jacintha não deixava a lingua em ocio.

— Vaes á egreja, Margarida?

— Vou ver os noivos.

— *Ella* está linda como um seraphim, e *elle* radiante como um dia de primavera!

— Quem são os padrinhos?

— Quem hão de ser? A sra. Antonia e Ignacio, ou, antes, o sr. Ignacio, porque sendo o habitante mais abastado da parochia, é preciso dar-lhe *senhoria*, em-

bora elle não a acceite de mim e dos que o conheceram na infancia.

— Deus os torne felizes, porque o merecem.

— Merecem, merecem! O reverendo prior até remoçou com a felicidade do sobrinho, e em quinze dias recuperou as côres que lhe davam a mais bella apparencia.

— Tu, que és quasi de casa, poderás referir alguma coisa a respeito do casamento.

— Fui tambem convidada, porque Ignacio não podia esquecer-se da sua ama n'este dia grande. Ouve. Logo que o meu menino voltou da America, dirigiu-se a Gueñes e á casa do sr. prior, e disse a este: «Sou rico, mas careço de pae, de mãe e de um irmão. Deve para isso casar-se Mattheus com Joanna; o sr. prior será meu pae, a sra. Antonia minha mãe, e tu, Mattheus, meu irmão. A riqueza dos filhos pertence tambem aos paes, e a dos irmãos aos irmãos... Saibam, pois, que os bens que adquiri na America são tambem de vossemecês. Não ignoram a razão por que assim procedo, e desculpem-me se não entro em explicações. Viveremos em Echederra na primavera e no estio, e o inverno passal-o-hemos n'esta casa.» Assim que Ignacio fallou d'este modo, abraçaram-se todos e derramaram lagrimas como criancinhas... o caso não era para menos!... Cale-mo-n'os porém... Saem os noivos da egreja. Corrâmos ao seu encontro. Causa prazer vêl-os...

Jácintha e Margarida correram, com effeito, para a porta da egreja.

Joanna e Mattheus acabavam de ser unidos para sempre pelo sr. D. José, o reverendo prior de Gueñes.

Dirigiram-se os noivos, os padrinhos e o sr. prior para a casa d'este ultimo, seguidos do povo que os abençoava com as lagrimas nos olhos, e os festejava com os tambores. Jacintha e Margarida tambem os seguiram, sem deixarem de conversar.

— Que pena, Margarida, que não possam n'esta hora erguer-se da sepultura Martinho e Maria para verem a alegria que reina aqui!

— Assim devia ser, visinha! Hoje é um dia de felicidade para toda a aldeia!

— As esmolas que Ignacio distribuiu aos pobres são bençãos de Deus. Em quanto elle tiver dinheiro, ninguem terá fome em Gueñes; só janta bem quando sabe que todos nós temos jantado. Foi, pois, grande felicidade que Ignacio regressasse rico e bom. E tu não vês as pessoas a quem dá trabalho em Echederra!...

— Está alli fazendo obras?

— Transformou aquelle sitio. Está construindo um palacio... já ha n'elle jardins, tanques, estufas...

— Um palacio!...

— Maior que a egreja. Fica dentro d'elle a casa velha, porque Ignacio não quer que lhe toquem. É homenagem aos paes... Olha, corre por alli o povo... Vamos tambem ver o que se passa na estrada.

E as duas visinhas correram para a estrada real.

O que chamava a attenção do povo que concorrêra á romaria era um robusto mancebo, com as mãos atadas, que, entre quatro soldados, seguia, sem dúvida, para a cadeia de Avellaneda.

— Não conheces, Margarida?! — perguntou Jacintha admirada. É o Baptista!

— É elle! Não ha dúvida.

— Tinha razão Maria quando prophetisava que o seu mau filho Baptista acabaria no degredo!

Baptista quiz descançar para fallar ao cesteiro Miguel, que chegára a uma janella da casa do prior, mas os soldados empuxaram-o com o maior desprezo, e seguiram com elle para Cadágua.

Descobrira-se o auctor do roubo feito em casa de Mattheus. O carvoeiro declarára na cadeia, a final, o segredo que a vileza não podéra sustentar.

O mau filho ia receber o merecido castigo.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

76.°

SYNTAXE DAS PREPOSIÇÕES

(Vid. pag. 296)

Por estes exemplos, tirados de escriptores dos seculos passados e do presente, se mostra que as orações comparativas não pedem grammaticalmente a particula *do*, mas que umas vezes se junta para ensanchar a phrase, e outras para evitar as dissonancias e cacophonias produzidas pelo conjunctivo *que*, indispensavel e impreterivel em taes orações.

Tomemos para demonstração o penultimo exemplo que apontámos. É de Almeida Garrett (visto que para estas audiencias não é costume citar os vivos).

Diz elle: «Nenhuma acção mais dramatica, mais tragica *do* que esta.» — Se lhe não juntasse a preposição, ou antes, a particula *do*, manifestava-se a cacophonia produzida pela ultima syllaba do adjectivo tra*gica*, junta á conjuncção *que*.

No mesmo caso está o seguinte, que se lê no t. III, pag. 31, do *Romanceiro* do mesmo auctor:

«Tal é o argumento da cantiga portugueza, muito mais romanesca *do* que o das escocezas.»

Pelo contrario, o mesmo auctor, no exemplo duodecimo dos que apontámos, do seu drama *Fr. Luiz de Sousa*, escreve: «A quem queres mais *que* a mim», sem a particula, porque não era necessaria.

Quem se atreverá a escrever: «Elle é mais rico que ella»? Ou se ha de inverter a oração por um hyperbato vicioso: «É mais rico elle que ella» ou então inserir-se antes de *que* a particula *do*. E assim em casos similhantes.

Entretanto, temos exemplos d'este grande poeta e prosador, onde achamos a referida particula empregada, talvez, superfluamente.

Além dos que já transcrevemos a pag. 256, extrahidos do drama *Fr. Luiz de Sousa*, lembra-nos o seguinte do t. III, pag. 31, do *Romanceiro:*

«Não o presinto (o romance de D. João) mais antigo *do* que o seculo XV ou principios do XVI.»

Est'outro, porém, necessitava da ensancha *do*, para arredondar a phrase: «Mais parece alludir a uma anecdota sabida, *do* que recontal-a.» *Romanceiro*, pag. 14, t. III.

Agora que temos exposto os exemplos do uso que de tal particula se deve fazer nas orações comparativas, diremos que a grammatica das linguas nossas congeneres não a pede.

Em latim: *Magis doctus* quam (mais douto *que*). *Minus doctus* quam (menos douto *que*).

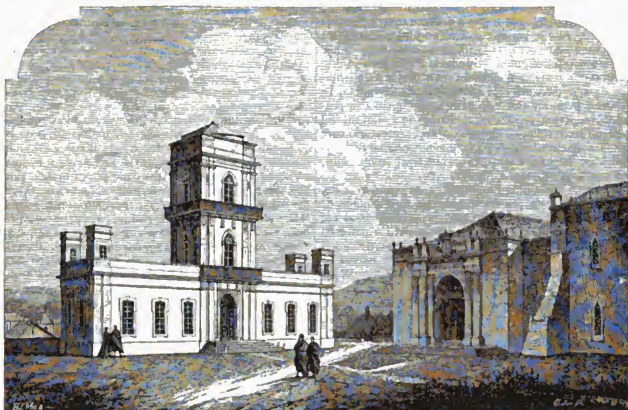
Em italiano: *Piu bella* che'*l sole* (mais bella *que* o sol).

Em hespanhol: *No quiero mas* que *darle un vistazo* (não quero mais *que* dar-lhe uma vista d'olhos).

Em francez: *Plus éloquent* que *Cicéron* (mais eloquente *que* Cicero).

Na lingua franceza, quando ao *que* comparativo se segue algum verbo no infinito, é de rigor a preposição *de* entre o conjunctivo *que* e esse verbo; pelo que um auctor d'aquella nação, fallando da nossa lingua, disse que a mesma regra seguiamos nós, com a differença de transpormos a preposição; mas já vimos pelos exemplos citados, que tal não ha; e para prova basta recorrer aos adagios, taes como: Mais vale suar *que* enfermar. — Mais vale guardar *que* pedir. — Mais vale rodear *que* afogar. — Mais vale calar *que* mal fallar. — Mais vale o saber *que* o haver. — Melhor é comprar *que* rogar. — Melhor é descoser *que* romper.

Temos dito quanto basta sobre as orações comparativas; agora passemos a outras phrases onde se intromette a preposição *de*.

SILVA TULLIO.

Observatorio e edificio da bibliotheca da universidade de Coimbra

Quando o marquez de Pombal reformou a universidade de Coimbra, elevando-a a par do progresso dos conhecimentos humanos, creou n'ella as faculdades de mathematica e sciencias naturaes. Como complemento d'esta creação, tratou de fundar um observatorio astronomico, construido segundo todas as regras da sciencia.

A falta de um bom observatorio era uma grande lacuna entre os estabelecimentos de instrucção em Portugal; pois que não merecia aquelle nome o logar onde os jesuitas do collegio de Santo Antão de Lisboa, hoje hospital de S. José, tinham alguns poucos instrumentos astronomicos, e faziam de vez em quando, sem regularidade, as suas observações nos astros. E tanto mais era para sentir aquella falta por ser em um paiz onde a mathematica e a astronomia tinham outr'ora florescido, cultivadas por homens de subido engenho.

Ordenou, portanto, o grande ministro del-rei D. José, que se procedesse á fundação do edificio no local occupado pelo antigo castello de Coimbra. Não se póde duvidar de que o nosso paiz deve a este illustrado e corajoso estadista immensos beneficios: mas tambem é certo que não foi dos maiores respeitadores dos monumentos da antiguidade. Ainda quando não houvesse outros factos para com elles se demonstrar o pouco apreço em que tinha os padrões historicos, bastaria o acto barbaro da destruição do celebre castello de Martim de Freitas, do glorioso monumento da lealdade portugueza, que os seculos tinham poupado como em signal de acatamento e homenagem!

Principiou-se, com effeito, a obra. Demoliu-se quasi todo o castello, porém o novo edificio não passou do pavimento terreo, elevando-se, comtudo, a uma altura não inferior a 8 metros.

Entretanto, tal era a espessura das muralhas do velho castello de Coimbra, e tal a solidez do novo edificio que devia substituil-o, cujas paredes são todas de bem lavrada cantaria, que se consumiram alguns annos nos trabalhos da demolição e da nova construcção.

Reconhecêra-se por fim, se bem que tarde, que o local fôra mal escolhido, não por ser pouco elevado, pois que é um dos pontos mais altos da cidade, mas sim porque, sendo por alli uma das entradas de Coimbra, ficaria o observatorio sobranceiro a ruas muito frequentadas de carros, o que constitue um grande inconveniente para estabelecimentos d'este genero, por quanto as observações serão prejudicadas com o tremor do edificio.

Entrando em discussão a escolha do logar mais apropriado para a projectada fundação, deu-se preferencia ao pateo da universidade; e mui razoavel foi a decisão, porque d'este modo se conciliaram diversas conveniencias. O observatorio ficava em sitio muito elevado e desaffrontado; em terreno muito firme, livre da passagem de carros, e unido ás escholas geraes da universidade.

Não coube, porém, ao illustre ministro que teve a idéa inicial a gloria de a levar á execução. Pertenceu essa honra ao reinado da rainha D. Maria I, embora achasse já dado o primeiro impulso.

Fez o risco e dirigiu as obras o architecto Manuel Alves Macombo, sob a superintendencia do dr. José Monteiro da Rocha, vice-reitor da universidade, e lente de prima da faculdade de mathematica.

O pateo da universidade, onde se ergue o observatorio, é uma grande praça, formando um parallelogrammo bem terraplenado, e todo guarnecido de bons edificios. O paço das escholas e a torre da universidade occupam o lado do norte d'esta praça. Era o antigo paço real, dado para assento da universidade por el-rei D. João III; vendido ás mesmas escholas por D. Filippe II de Castella, em 1598, mediante a somma

de trinta mil cruzados; e reedificado depois. No lado do oéste acham-se um edificio onde funccionam algumas aulas, a capella e a livraria da universidade. Este ultimo edificio, construido por el-rei D. João v, vê-se representado em a nossa gravura. Corre por todo o lado de éste o grande edificio do antigo e extincto collegio de S. Pedro, cuja frontaria ha poucos annos se começou a reformar, abrindo-se n'ella uma galeria de grandes janellas de sacada, que lhe dá a apparencia de um palacio. Esta parte é agora destinada, se estamos bem informados, para hospedagem das pessoas reaes que visitarem a cidade de Coimbra. No lado do sul levanta-se airosamente o observatorio com as suas quatro frentes perfeitamente regulares e symetricas, ficando a opposta á principal sobranceira, em muita altura, á rua da Trindade.

Junto ao edificio do observatorio, da parte do oéste, está a *escada de Minerva*, que tira o seu nome de uma estatua d'esta deusa, que coroa um portico em que remata a escada, dando accesso para o pateo da universidade. Começa esta escada na *rua de Santo Antonio da Pedreira*, que vae desembocar na rua da Trindade. Além d'esta, sobem da referida rua para o mesmo pateo mais duas escadas.

Está situado este observatorio na latitude de 40° 12′. A gravura que publicâmos dispensa-nos, certamente, da descripção do exterior do edificio.

No primeiro pavimento acham-se a sala da aula de astronomia; outra sala que serve de deposito de alguns instrumentos que não tem collocação fixa, e na qual se guarda uma cópia, em ponto grande, da *Carta geographica da projecção espherica da Nova Lusitania ou America Portugueza e Estado do Brasil*, por Antonio Pires da Silva Pontes Leme, capitão de fragata. A cópia d'este bello trabalho foi feita em 1797 por J. J. Freire e M. T. da Fonseca. Estão mais no mesmo pavimento dois gabinetes, que servem de archivo de livros e papeis, entre os quaes se contém a collecção das *Ephemerides*, publicada pela universidade, e o gabinete das observações. Encerra este ultimo, entre outros instrumentos, o *telescopio acromatico*, o qual gira no meio de duas columnas de marmore, e tem quarenta e duas pollegadas de foco, e quarenta de eixo.

O segundo e terceiro pavimentos constam cada um de uma sala, correndo sobre os corpos lateraes do pavimento inferior dois terrados que terminam nos angulos com quatro pequenos pavilhões. Na sala do segundo pavimento vê-se dentro de uma calha aberta no chão um fio metallico mui delgado, traçando a meridiana. A sala do terceiro pavimento contém um grande *sector de Adams*.

Do eirado que coroa todo o edificio desfructam-se mui lindos e variados panoramas. Ao longe, elevadas serranias, e os celebrados campos do Mondego; mais perto, as aguas cristallinas d'este rio, correndo mansamente em amplo álveo por entre prados vecejantes, pomares viçosos e copados bosques; numerosas povoações e casas de campo sentadas na planicie e nas encostas. Mesmo defronte, na margem d'além do rio, vê-se o convento de S. Francisco, o burgo e os dois mosteiros de Santa Clara; o que foi sanctificado com a presença e virtudes da rainha Santa Isabel, caído em ruinas e meio enterrado pelas inundações do Mondego; o outro enriquecido com o precioso deposito do corpo da santa rainha, e campeando no dorso de alto monte [1]. Aos pés do espectador a cidade de Coimbra, descendo como de elevado throno até se banhar na placida corrente do Mondego. Finalmente, para qualquer dos quatro pontos cardeaes que o espectador se volte, estende-se-lhe diante dos olhos um painel differente, mas todos de admiravel formosura.

I. de Vilhena Barbosa.

[1] Vid. a gravura que mostra este panorama a pag. 9 do vol. vii.

FUNERAES CAMPESTRES

(TRADUZIDO DO INGLEZ DE WASHINGTON IRVING)

> Escassa florea messe aqui vos trago!
> Mas, quando á meia noite a lua plena,
> banhar d'argentea luz as vossas lousas,
> surgirá mais porção; é propria aos tumulos
> relva inundada de nocturno orvalho!
> Vós que sois? tenras flores dissecadas!
> Murchas em breve vêl-as-heis, as rosas,
> que ora nas vossas campas esfolhâmos.
>
> *Cymbeline.*

Entre os formosos, singelos e amoraveis usos de vida rural que ainda existem por alguns sitios da Inglaterra, avultam o de atapetar de flores o caminho que os préstitos funebres devem percorrer, e o de as plantar á beira dos tumulos onde jazem amigos finados. Diz-se que são estes costumes reliquias de alguns dos ritos da primitiva egreja; mas parece que remontam a muito mais alta antiguidade, porque os encontrâmos em prática entre os gregos e os romanos, e os vêmos mencionados pelos seus escriptores; nem se póde duvidar que fossem manifestações espontaneas de um affecto ainda desillustrado, que as fazia brotar do coração muito antes que a arte tomasse a seu cargo exprimir a saudade nas doces modulações da poesia, ou nos epitaphios dos moimentos. No reino da Gran-Bretanha só actualmente se encontram nos pontos mais reconditos e afastados, onde a moda e as innovações não poderam ainda penetrar, e não conseguiram, portanto, abolir e calcar aos pés os vestigios curiosos e interessantes dos tempos que já lá vão.

Conta-se que no condado de Glamorgan, a eça onde se poisa o cadaver é coberta de flores, costume a que Shakespeare allude n'uma das desalinhadas e plangentes endeixas de Ophelia:

> As flores, na branca mortalha espalhadas,
> suavisam, realçam seu niveo candor!
> E ao tumulo descem; lá vão orvalhadas
> de prantos, nascidos de sincera dor!

Ha tambem um rito ainda mais delicado e bello, que se observa em algumas das remotas aldeias meridionaes, quando morre uma mulher nova e donzella. Vae adiante do cadaver uma menina, aquella cuja edade, estatura e physionomia mais se aproximavam das da defuncta, levando uma grinalda de flores brancas, que depois se pendura na egreja por cima do banco onde a finada se costumava sentar. Estas grinaldas são recortadas algumas vezes em papel branco, imitando flores, e ao lado colloca-se habitualmente um par de luvas brancas. Considera-se isto como emblema da pureza da fallecida, e da coroa de gloria que recebeu no empyreo.

Em outros sitios, quando os mortos são levados ao tumulo, vão-se cantando hymnos e psalmos; uma especie de triumpho «para mostrar, diz Bourne, que chegaram com alegria ao termo da ardua peregrinação da existencia, e que entraram no sepulchro como conquistadores da eternidade.»

Dizem-me que este uso se conserva em alguns dos condados septentrionaes, particularmente no Northumberland, e deve produzir uma deliciosa, bem que melancolica impressão o ouvir, por uma tarde socegada, n'algum valle pittoresco e solitario, a lamentosa melodia de um canto funebre espraiando-se ao longe, e ver o prestito caminhando vagarosamente na encantadora paizagem.

> Assim, assim calcâmos vagarosos
> solitario terreno onde repoisas,
> e, ao cantarmos a funebre toada,
> os goivos e outras flores espalhâmos
> na tua campa-altar do nosso affecto.
>
> *Herrick.*

Ha tambem um solemne tributo de respeito, que os viajantes prestam aos funeraes que passam n'aquelles sitios isolados; porque taes espectaculos, quando se desenrolam n'estes scenarios tranquillos da natureza, calam bem mais fundo n'alma. Quando se aproxima o luctuoso cortejo, o viajante pára, e espera com a cabeça descoberta que elle passe; depois segue-o em silencio, algumas vezes até ao cemiterio, outras vezes durante uma porção maior ou menor do caminho, e, depois de ter prestado ao finado este tributo de respeito, volta, e continúa a sua jornada interrompida.

O opulento veio de melancolia que serpeia por baixo da apparente frieza do caracter inglez, e onde elle colhe alguns dos seus mais nobres e meigos encantos, revela-se graciosamente n'estes costumes patheticos, e no desejo que a gente mais ordinaria mostra de ter um tumulo pacifico e respeitado. O rustico mais humilde, por muito rigoroso que o destino tenha sido com elle durante a vida, procura especialmente conseguir que não sejam desprezados os seus restos mortaes. Sir Thomas Overbury, descrevendo a «gentil e venturosa leiteira», observa: «Assim vive, e todo o seu desejo é morrer na primavera, para que o lençol mortuario seja inundado de flores com profusão.» Os poetas, que sempre traduzem o sentir dos povos, insistem continuadamente n'esta férvida solicitude no que diz respeito ao tumulo. Na *Tragedia da Virgem*, de Beaumont e Fletcher, ha um lindo exemplo do que dizemos na descripção do capricho da melancolia de uma donzella, ferida no amago do peito:

Se risonho alegrete lhe depara
ampla messe de flores, suspirando,
diz ás servas: «Formoso sitio este
para loisas d'amantes!» logo ordena
que ceifem as mais lindas, e as derramem
sobre ella mesma em perfumada chuva!
Qual se o corpo gentil cadaver fôra!

O costume de enfeitar os tumulos era outr'ora universal; vergavam-se e entralaçavam-se cuidadosamente vimes debruçados sobre as campas, para evitar que se profanasse a pedra, e em torno plantavam-se-lhes flores. «Adornâmos os seus tumulos, diz Evelyn na *Sylva*, com flores e plantas odoriferas, justos emblemas da vida do homem, que foi comparado nas Escripturas Santas a essas bellezas moribundas, cujas raizes, sepultando-se em opprobrio, de novo se erguem gloriosas.» Este costume tem rareado immenso na Inglaterra, mas ainda se póde encontrar nos cemiterios das aldeias escondidas nas montanhas de Galles; e lembro-me de ter visto um exemplo na cidadesinha de Ruthen, situada no lindissimo valle de Clewyd. Disse-me tambem um amigo, o qual vira o enterro de uma menina em Glamorganshire, que as mulheres assistentes á ceremonia tinham os seus aventaes cheios de flores, e que, apenas foi sepultado o corpo, os entornaram á roda do jazigo.

Vira elle differentes sepulcbros enfeitados do mesmo modo. Como as flores haviam sido simplesmente espalhadas pelo chão, e não plantadas, logo tinham fenecido, e viam-se em diversas phases de desfallecimento; amarellecidas umas, murchadas outras de todo. Substituiam-n'as depois o rosmaninho e outras plantas de perenne verdura, que em algumas sepulturas cresciam e viçavam com tal vigor, que chegavam a ensombrar as loisas tumulares.

Houve em algum tempo phantasiosa melancolia no dispor d'estas rusticas offertas, que rescendia não sei que perfume verdadeiramente poetico. Muitas vezes se entrelaçava a rosa com o lyrio, para formar um emblema geral da fragil existencia humana. «Esta risonha flor, diz Evelyn, que brota em haste espinhosa, acompanhada do lyrio, são hieroglyphos naturaes que symbolisam perfeitamente a nossa vida rapida, sombra afflictiva e transitoria, e que, pompeiando por algum tempo tão formosas galas, não deixa por isso de ter as suas cruzes e abrolhos.» A natureza, e o colorido das flores e das fitas que as atavam em ramalhete, referiam-se muitas vezes particularmente ou ás qualidades e á historia do finado, ou exprimiam os sentimentos dos que se ficavam na vida com saudades. N'um poema intitulado *Plangentes queixumes de Corydon*, um amante descreve os enfeites que tenciona empregar no tumulo da sua amada:

Arte, junta á natureza,
uma c'roa hão de tecer,
de mil flores matizadas,
em signal de bem-querer.

E com fitas de mil côres
hei de a grinalda enlaçar;
porém negras e amarellas
são as que hão de dominar!

Cobrirei de flores a campa;
as mais raras hei de pôr;
com o orvalho dos meus prantos
dar-lhes-hei viço e frescor.

A rosa candida, como já disse, plantava-se junto do tumulo das virgens; entretecia-se a grinalda com fitas brancas, em signal da sua immaculada innocencia, posto que algumas vezes se entremeiavam fitas negras para mostrarem a saudade dos que sobreviviam. A rosa vermelha empregava-se occasionalmente para recordar pessoa notavel pela sua benevolencia; mas as rosas em geral pertenciam aos tumulos dos amantes. Evelyn conta-nos que esse costume não estava ainda de todo extincto no seu tempo, nos sitios proximos da sua habitação do condado de Surrey, «onde as donzellas plantavam annualmente roseiras, e espalhavam rosas no sepulchro que encerrava os seus amores.» E Camden egualmente nota na sua *Britannia*: «Ha tambem o uso observado desde tempos immemoriaes de plantar moitas de roseiral junto ás sepulturas; fazem-n'o principalmente os rapazes e as raparigas que perderam os seus namorados; por isso as perfumadas flores inundam agora o cemiterio.»

Quando o finado fôra infeliz nos seus affectos de coração, usavam-se emblemas de um genero mais sombrio, taes como teixo e cypreste; e, se se espalhavam flores, eram só as que possuiam um colorido melancolico. Assim nos poemas de Thomaz Stanley, Esq. (publicados em 1651) encontra-se a seguinte estancia:

No meu leito de morte humido e frio
espalhae, por emblema funerario,
os ramos que vós daes, teixo sombrio,
cypreste solitario!
que não póde viçar a flor mimosa,
nem sorrir n'essa terra desditosa!

Na *Tragedia da Virgem* ha uma ariasinha muito pathetica, que indica o modo de enfeitar os tumulos das mulheres desgraçadas em amor.

Seja a c'roa, que me cinja,
só de teixo funeral.
Levem ramos de salgueiro
por mostrar que fui leal.

Foi-me falso o amor que tive,
eu firme desde o nascer;
Sê-me leve, ó terra branda,
quando finada jazer.

O effeito que a saudade dos mortos produz naturalmente é suavisar e elevar o espirito; e temos d'isso uma prova na pureza de sentimentos, e na desaffectada elegancia de pensamento de que se compenetravam estas funebres usanças. Assim, por exemplo,

havia uma especial precaução em não se empregarem senão ramos verdes cortados de fresco, e flores. Parece que ha a intenção de abrandar os horrores do tumulo, de desviar o espirito de pensar nas desgraças da humanidade mortal, e de associar a memoria dos finados ao que ha mais bello e delicado na natureza. O esphacelar do cadaver, antes que volte o pó terreno a confundir-se com o pó que o rodeia, é um sombrio processo que a imaginação se horrorisa de contemplar; procurâmos pensar ainda nos que nos foram queridos, associando-lhes as suaves impressões que elles nos despertavam no coração quando resplendiam diante de nós em todo o viço da mocidade e belleza.

«Levem-n'a á terra, diz Laertes da sua irmã virgem,

> E brotem violetas d'essas carnes
> bellas e impollutas...

Herrick tambem no seu *Canto funebre de Jephta* faz jorrar da sua phantasia ondas fragrantes de imagens e de pensamentos poeticos, que de certo modo embalsamam os mortos nas recordações dos vivos.

> Dorme em paz no teu leito de perfumes!
> Faze d'este logar um paraiso!
> Brotem aqui aromas; suba em vagas,
> nos ares se ennovele brando incenso,
> e rescendam balsamicas fragrancias
> do teu marmoreo tumulo virgineo!
> ....
> ....
> Venham donzellas, n'hora costumada,
> na campa derramar colhidas flores.
> E as virgens luctuosas doce essencia
> queimem no teu altar; depois se afastem
> para não perturbarem o teu somno.

Podia encher as minhas paginas com extractos dos poetas inglezes antigos, que escreviam no tempo em que estes ritos estavam em voga, e que frequentemente se deliciavam em alludirem a elles; mas já citei mais do que era necessario.

Ha de certo um não sei quê mais affectuoso n'estas promptas e espontaneas offertas da natureza, do que nos mais custosos monumentos da arte; a mão deixa cair a flor em quanto o coração palpita, e a lagrima desprende-se silenciosamente, e humedece a loisa, em quanto o affecto está entrelaçando o vime em torno da sepultura; mas o vagaroso trabalho do cinzel mata o sentimento, e gela-se entre os frios lavores do marmore esculpido.

É muito para lastimar que um costume tão elegante e commovente perdesse a voga, e exista apenas nas mais remotas e insignificantes aldeias. Mas parece que as usanças poeticas fogem da sociedade culta. À proporção que se policiam os povos, perdem a sua indole romanesca. Fallam em poesia, mas aprenderam a comprimir os seus livres impulsos, a desconfiar das suas commoções, e a substituir os seus usos mais pittorescos e affectuosos pelas formalidades estudadas e pelo pomposo ceremonial. Poucos espectaculos ha mais frios e descoloridos do que um funeral n'uma cidade ingleza. Compõe-se de pompa e luctuosa magnificencia; carruagens de dó, cavallos de dó, plumas de dó, e carpideiras mercenarias que parodiam a saudade. «Ha uma cova aberta, diz Jeremias Taylor, uma solemnidade luctuosa, grande fallatorio na visinhança, e quando a ceremonia acaba ninguem mais se lembra de tal.» O companheiro é logo esquecido na alegre e tumultuosa cidade; a incessante successão de novas relações e de novos prazeres apaga a sua imagem do nosso espirito. Se o proprio scenario, o circulo em que elle se movia, estão fluctuando incessantemente! Mas os funeraes do campo produzem uma impressão solemne. O golpe da morte rasga um vacuo mais amplo no circulo aldeão, e é um terrivel acontecimento na tranquilla uniformidade da vida rural. O dobre funebre do sino echôa em todos os ouvidos; espraia-se a sua melancolica melodia por cada valle, por cada outeiro, e entristece, envolve em funebres véos toda a paizagem.

A feição fixa e invariavel do campo tambem perpetûa a memoria do amigo com quem outr'ora gozámos esse doce panorama, que era companheiro das nossas mais longinquas digressões, e dava animação á soledade das campinas. Associa-se a sua idéa a todos os encantos da natureza; ouvimos a sua voz no echo que elle outr'ora se deliciava em despertar; o seu phantasma vagueia nas florestas que frequentava em vida; pensâmos n'elle ao percorrermos as selvaticas solidões das alturas, ou ao contemplarmos a scismadora formosura dos valles. Na frescura da alegre alvorada recordâmos os seus radiantes sorrisos e a sua férvida jovialidade; e quando as sombras da tarde azulam os longes, entristecem os horisontes, derramam tranquillidade, acode-nos ao espirito a recordação dos crepúsculos que provocavam em nós o manso fallar e a doce melancolia.

Ha ainda outro motivo que perpetûa a memoria do finado na aldeia: é a proximidade em que estão os vivos do cemiterio. Passam por elle quando se dirigem á egreja; dá-lhes na vista quando se estão entregando aos exercicios de devoção; passeiam em torno d'elle no dia do Senhor, quando o espirito está desembaraçado dos cuidados mundanos, e mais disposto a desviar-se dos prazeres e amores do presente, e a poisar um instante entre as solemnes recordações do passado. No paiz de Galles septentrional os camponezes ajoelham e rezam sobre os tumulos dos seus finados amigos, uns poucos de domingos depois do enterro; e, onde ainda se pratica o terno rito de espalhar e plantar flores, renova-se sempre na Paschoa, no Espirito Santo, e n'outras festividades, quando a occasião avulta mais vívida no espirito a imagem do companheiro das festas anteriores. Este dever é cumprido sempre invariavelmente pelos mais proximos parentes e amigos; não se emprega gente mercenaria; e, se um visinho se presta a ajudar o trabalho, considera-se como um insulto o offerecer-se-lhe a mais ligeira recompensa.

Insisti n'este formoso costume rural, porque, sendo uma das ultimas, é tambem uma das mais santas provas de amor. O tumulo é o chrysol da verdadeira affeição. Alli é que a paixão divina da alma se manifesta superior aos impetos instinctivos do simples ardor material. Este ultimo tem constantemente de se alimentar e vigorisar com a presença do objecto amado; mas o amor, que reside na alma, póde viver só de recordações. O delirio dos sentidos afrouxa e fenece com os encantos que o excitaram, foge com tédio e horror dos sombrios ambitos do tumulo; mas é d'ahi que o affecto verdadeiramente do espirito se ergue purificado de todo o desejo sensual, e volta, como sagrada chamma, a illuminar e sanctificar o coração de quem sobrevive.

A saudade dos mortos é a unica saudade de que recusâmos divorciar-nos. Procurâmos sarar qualquer outra ferida, esquecer qualquer outra afflicção; mas esta ferida considerâmos como um dever conserval-a aberta, deliciâmo-nos com esta afflicção, e alimentâmol-a na soledade. Onde ha ahi mãe que voluntariamente esqueça a criança que lhe morreu, como flor em botão, nos seus braços, apesar de ser cada recordação uma punhalada? Onde ha hi um filho que queira olvidar o mais terno dos paes, ainda que o recordar-se lhe provoque sempre lagrimas dolorosas? Quem ha que, mesmo na hora de agonia, se esqueça do amigo, cuja perda lamenta? Quem, ainda quando o tumulo se está cerrando sobre os restos da mulher que elle mais amou, quando sente o coração esmagado pelo

baquear da loisa, quem acceitaria a consolação que se comprasse com o olvido? Não, o amor, que sobrevive ao tumulo, é um dos mais nobres attributos da alma. Se tem as suas dores, tem tambem as suas delicias, e, quando as ondas da amargura se transformam nas suaves lagrimas da recordação, quando a subita angustia e a convulsa agonia, que nos salteiam sobre as presentes ruinas de tudo o que mais amâmos, se dulcifica mudando-se em pensativa meditação sobre tudo o que era nos dias do seu esplendor, quem desejaria desarraigar do peito esta saudade? Bem que possa algumas vezes enturvar com passageira nuvem as horas brilhantes do prazer, ou carregar de maiores sombras as horas de tristeza, quem a trocaria, comtudo, mesmo pelo cantico da sensualidade, ou pelo estrepito do festim? Não; ha uma voz que sae do tumulo mais suave do que um cantico. Ha uma recordação dos mortos, para que lançâmos os olhos, desviando-os dos encantamentos da vida. Oh! o tumulo! o tumulo sepulta os erros, esconde todos os defeitos, apaga todos os resentimentos! Do seu tranquillo seio só se exhalam férvidas saudades e ternas recordações. Quem póde olhar, mesmo para o tumulo de um inimigo, sem sentir uma pungente impressão, ao recordar-se que guerreára com o pobre punhado de terra que jaz desfeito diante de si?

Mas o tumulo dos que amâmos, que logar para meditação! Alli é que nós passâmos em longa revista a virtude e meiguices, as qualidades que apreciámos nas relações diarias da intimidade; alli é que pensâmos bem na ternura, na solemne e terrivel ternura da scena do ultimo adeus. O leito da morte, com todas as suas dores abafadas, o seu silencioso cortejo, a muda e assidua vigilancia que o rodeia! As ultimas provas de amor! O frouxo, trémulo, angustioso, oh! quão angustioso aperto de mão! O derradeiro olhar

S. João da Foz (segunda vista)

de affecto que os olhos embaciados nos enviam do limiar da existencia! A voz desfallecida, sumida, a combater com a morte, para nos dar mais uma prova de estima!

Oh! vae ao tumulo do teu amor finado, e medita! Ajusta contas com a consciencia por cada beneficio passado a que respondeste com a ingratidão; cada caricia desprezada d'aquelle ente que não póde nunca mais, nunca mais voltar a perdoar-te vendo o teu arrependimento.

Se és filho, e accrescentaste uma tristeza á alma, uma ruga á fronte argentea de um pae affectuoso; se és esposo, e déste causa uma vez a que o apaixonado seio que nos teus braços depositou a ventura, duvidasse da tua affeição ou da tua sinceridade; se és amigo, e alguma vez offendeste, por pensamentos, palavras ou obras, o espirito generoso que se confiava em ti; se és amante, e feriste immerecidamente o sincero coração que jaz agora frio e mudo debaixo de teus pés, sabe que cada olhar severo, cada palavra insolente, cada acção má te acudirão impetuosamente á memoria, e echoarão dolorosamente na tua alma; sabe que te prostrarás sentido e arrependido sobre o tumulo, e soltarás o gemido que ninguem escuta; derramarás a lagrima que de nada serve; suspiro mais profundo, lagrima bem mais amarga, por não ser escutado, por não ser valiosa.

Tece então a tua flórea grinalda, e derrama os adornos da natureza sobre a campa; consola o teu espirito lacerado, se podes, com esses ternos, ainda que futeis, tributos da saudade; mas lembra-te da amargura d'essa contrita afflicção sobre os mortos, e d'ahi por diante sê mais fiel e affectuoso no desempenho dos teus deveres para com os vivos.

M. Pinheiro Chagas.

S. JOÃO DA FOZ

(Conclusão. Vid. pag. 260)

Esta linda povoação está edificada parte no dorso de uma collina, onde as casas se entremeiam com arvoredo; parte em planicie, estendendo-se a casaria de um lado pela margem do Douro, e do outro ao longo das praias do Oceano; mas tão perto do rio e do mar, que ambos lhe servem de espelho.

Duas boas estradas lhe dão facil communicação com a cidade do Porto; uma que vae por cima dos montes, a outra que se dirige pela beira do rio. Esta é a mais frequentada e tambem a mais bella. Toda plana; macadamisada; guarnecida de arvores do lado do Douro, e em alguns sitios tambem do lado da terra; orlada de casas na maior parte da sua extensão; com suas fontes de boa agua, e em diversos logares com seus caes descendo para o rio, póde bem chamar-se-lhe um passeio delicioso de 4 kilometros, que tanta

é a distancia que vae da *porta Nova* ao castello de S. João da Foz.

N'este trajecto passa a estrada por *Miragaya*, freguezia da cidade, que se estende por fóra da antiga cêrca de muros; por *Massarellos*, parochia suburbana, com uma frondosa alameda junto do rio: pelo *Ouro*, onde se acham a fabrica do gaz, uma alameda, e os estaleiros de construcção de navios mercantes, nos quaes outr'ora se construiram embarcações de guerra, conservando-se ainda alli o velho edificio do arsenal do estado, obra del-rei D. Manuel: e, finalmente, por *Sobreiras*, pequena povoação que se une com a da Foz.

No seculo XVII, depois da conclusão do castello, foi a parochia mudada da egreja antiga para um novo templo edificado a meia encosta da collina, por onde sóbe a povoação, á qual chamam simplesmente *monte*. É templo grande, de architectura singela e desengraçada, mas com as suas capellas bem ornadas de obra de talha doirada.

Em diversas partes do logar existem as seguintes ermidas: *Santa Anastacia*, *Nossa Senhora da Lapa*, e *Nossa Senhora da Conceição*, antigamente intitulada *S. Sebastião*. Outr'ora contava mais duas: *S. Miguel o Anjo*, que serve agora de casa das conferencias dos pilotos, e cujo edificio ainda se conserva em fórma de torre quadrangular, coberto com sua cúpula, e construido sobre um pontal de rochedos que entra pelo rio; e *Nossa Senhora da Luz*, onde ao presente se acham estabelecidos um pharol e um telegrapho maritimo.

O castello está menos mal conservado. Depois da guerra civil de 1846 e 1847, o governo mandou recolher a artilheria a Lisboa, deixando-lhe apenas dois velhos canhões de pequeno calibre, para fazer signaes aos navios que demandam a barra. Porém foi este anno reparado e novamente artilhado. Tem por governador um coronel, e por guarnição uma companhia de veteranos. Servem de casa do governador e de capella da fortaleza o antigo hospicio e egreja dos frades bentos.

Durante a citada guerra civil estiveram presos n'este castello, primeiramente o celebre tribuno José da Silva Passos; e depois o marechal do exercito duque da Terceira, os generaes conde da Ponte de Santa Maria, conde de Campanhã, visconde de Vallongo e outros homens notaveis. Tambem alli esteve preso o general hespanhol Zurbano.

Na praia contigua ao castello, e a pouca distancia d'este, está situada a casa chamada *Salva-vidas*. É um edificio de solida construcção, que tem por base rochas batidas incessantemente das ondas. Foi mandado edificar á custa do estado pelos annos de 1830, para d'alli se ministrarem promptos soccorros aos naufragos. Houve, porém, um ministro que se lembrou um dia de reduzir a dinheiro o edificio do *Salva-vidas*, haverá uns trinta annos! E com effeito, foi vendido pela insignificante quantia de 800$000 réis, e por alguns annos serviu de residencia particular durante a estação dos banhos do mar.

Uma grande catastrophe o restituiu ao seu primeiro destino. O naufragio do vapor *Porto*, em que falleceram tantos infelizes mesmo junto áquelle local, sem haver meios de se lhes prestar soccorro, deu origem á instituição da *Real Sociedade Humanitaria*, em 1852, e obrigou o governo a expropriar a casa do *Salva-vidas* por 5:000$000 réis, convertendo-a em hospital de naufragos, cuja administração é exercida por aquella benemerita sociedade, conjunctamente com o governador civil e outras auctoridades. Acha-se hoje este hospital no melhor estado possivel de organisação e aceio. Tem bastantes camas sempre promptas, botica, e todos os utensilios precisos para salvação e tratamento dos naufragos, possuindo *barcos salva-vidas*, boias de salvação, apparelhos de electricidade, cabos, etc.

A alfandega do Porto tem um posto fiscal na Foz, estabelecido em uma casa para esse fim construida ha uns quatorze annos, no sitio chamado a *Cantareira*, junto á antiga capella de S. Miguel o Anjo, onde fica o caes principal da povoação.

D'esta casa devia seguir uma muralha até ao castello, segundo um plano de encanamento do rio e melhoramento da barra, traçado e começado a executar nos principios d'este seculo, chegando-se a concluir alguns lanços de muralha, que ainda existem. Modernamente, dando-se um pequeno impulso a esses trabalhos, fez-se um muro e aterro junto á casa da alfandega, plantando-se uma alameda de arvores com assentos de pedra, que pela sua situação sobranceira ao rio e ao desembarcadoiro geral, é um passeio muito agradavel. Não o é menos o que, com o nome de *Passeio Alegre*, se estende d'alli até ao castello.

A praia dos banhos, no Oceano, não é boa pelos muitos rochedos que a obstruem, e pelas continuas alterações que o mar lhe faz. Quem não conhecer o nosso proverbial desleixo, admirar-se-ha de que, concorrendo alli diariamente para tomar banhos, durante o mez de setembro e outubro, de duas a tres mil pessoas, ainda até hoje se não tenham emprehendido trabalhos para melhoramento d'aquella praia, de modo que podesse offerecer banhos em melhores condições de segurança e commodidade. Ha dois para tres annos construiu-se uma bonita rua guarnecida de muro, com assentos para o lado da praia, que facilitou a communicação com esta, aformoseando aquelle local.

Ha na Foz varios estabelecimentos de banhos quentes, porém nenhum com as commodidades e aceio que se requerem. O melhor d'esses estabelecimentos está encorporado em uma soffrivel hospedaria, situada sobre a praia dos banhos.

Quanto a hospedarias contam-se na Foz umas quatro. A de M. Mary Castro está bem organisada e bem servida.

Não ha na Foz uma casa de reunião publica, nem um botequim decente. É um facto bem notavel, em uma povoação tão visinha da cidade, e que durante uma boa parte do verão, e todo o outono, é o unico logar de reunião das classes abastadas do Porto e de muitas terras do interior da provincia. Ha bastantes annos edificou-se uma casa de assembléa, tão modesta que apenas tem uma grande sala, varios quartos pequenos para serviço de copa e cozinha. Floreceu esta casa em diversas epochas, dando-se n'ella alguns bailes, e havendo concurrencia todas as noites, nas quaes se jogava o bilhar, ou jogo de cartas, e se liam varios jornaes. Porém, logo no anno seguinte ficava abandonada e esquecida, ou por mui pouca gente frequentada. Actualmente conserva-se n'este ultimo estado, isto é, com bilhar, alguns jornaes, mal servido botequim, e diminuta concurrencia.

Celebram-se annualmente na Foz duas festividades religiosas, que se podem contar em o numero das festas mais populares de toda a provincia. Uma é a de S. Bartholomeu, a 24 de agosto; a outra, a de Nossa Senhora da Luz, a 8 de setembro. Concorrem alli n'estes dias, de muitas legoas em derredor do Porto, muitas romagens, e milhares de camponezes, ávidos de folgarem e de se banharem nas aguas do Oceano, a cujos banhos attribuem muitas virtudes n'aquelles dois dias do anno, principalmente no primeiro.

Trabalha-se ao presente na abertura e construcção de uma estrada macadamisada que ha de unir a Foz a Leça da Palmeira, correndo sempre pela margem do Oceano, em terreno um pouco elevado, mas plano, na extensão de uns quatro kilometros. A parte que está concluida do lado da Foz, com perto de dois kilometros de comprimento, é um lindissimo passeio. Da parte do mar faz orla á estrada um renque de arvores, e da parte de terra vae-se guarnecendo de casas

de bom prospecto, que já chegam quasi ao quebra-mar de *Carreiros*, de modo que passa mmuito além do pharol de Nossa Senhora da Luz, que ainda ha meia duzia de annos ficava muito afastado da povoação.

Presentemente é o passeio predilecto, e esta circumstancia o vae tornando incommodo pela affluencia dos passeiantes, e sobre tudo pelas corridas das carruagens e mais vehiculos, que levantam e entretem no ar uma densa nuvem de poeira.

A Foz tem lindos passeios nas suas visinhanças; tão amenos e formosos como talvez os não possua nenhuma outra povoação da beira mar do nosso paiz, se exceptuarmos Leça da Palmeira. Na distancia de 500 metros até 1 kilometro para o interior, encontram-se copados bosques de carvalhos e castanheiros, a cuja sombra o terreno se cobre de musgos e fina relva. Aqui toldam collinas, deixando ver através da ramagem prados sempre verdes, com suas cercaduras de arvores e seus ribeiros a correr por entre os vimes. Alli assombram valles ou algares pouco profundos, onde uma espessa abobada de verdura, occultando por todos os lados o horisonte, dá ao sitio um aspecto suavemente mysterioso. A *devesa de Passos* é de todos esses bosques, não o mais ameno, porém o mais pittoresco pelo accidentado do terreno, e pelos graciosos panoramas que dos logares mais altos os olhos relanceiam por entre a ramagem buliçosa.

Os nossos leitores que não conhecerem a Foz presumirão, talvez, que n'esses logares encantadores se agita de quando em quando a multidão dos passeiantes, ávidos de quebrar a monotonia das praias do mar com a sombra dos arvoredos, com a frescura e verdor dos campos. Pois enganam-se. Raras vezes é perturbado por vozes humanas o silencio d'aquelles retiros. Tal é o poder da imitação e a força dos nossos habitos, que todos preferem áquelle gozo campestre verem-se e mostrarem-se uns aos outros nos logares onde a novidade ou a moda os chama, embora sejam obrigados a sorver continuamente poeira junto com o ar que respiram, e andar sempre cautelosos para não serem pisados pelos vehiculos que incessantemente se cruzam na estrada.

A Foz tem muitas casas grandes e de apparencia regular, mas todas, com raras excepções, construidas segundo o mau gosto nacional, que assimilha as casas de campo ás das cidades. Duas casas apenas saem fóra d'esta regra geral: uma edificada pelos annos de 1808 no alto do *monte* por um negociante inglez, de appellido Nassau; outra construida modernamente no *passeio Alegre*, perto do castello, pelo fallecido capitalista Domingos de Oliveira Maya. A primeira é uma bella casa de campo no gosto inglez, cercada pelo jardim e por um frondoso bosque. Pertence hoje ao sr. Fladgate, subdito britannico. A segunda, com a fachada principal toda de cantaria, coroada de ameias, e com as janellas ogivaes, é de uma architectura pesada, e mal proporcionada. Ao presente é propriedade do sr. Bernardo Pereira Leitão.

Ha na Foz várias fontes. A da Senhora da Luz, a pouca distancia do pharol, é notavel pela excellencia e frescura da agua. O pharol de Nossa Senhora da Luz não merece descripção, tanto pela mesquinhez do edificio, como pelo seu mau arranjo. Teve outr'ora luz de eclipse e de côres; hoje, porém, é fixa, mas deficiente. Projecta o governo reformal-o.

Encerra na actualidade o logar de S. João da Foz 1:200 fogos, e 3:500 almas, de povoação permanente.

Entre a cidade e a Foz andam em continuo transito durante o dia, e até certa hora da noite consideravel numero de carros com bancos, que são puxados commummente por tres cavallos, e transportam, cada um, de 8 a 11 pessoas. Fazem o trajecto em 20 minutos, pelo preço de 120 a 160 cada pessoa, conforme o ponto da cidade d'onde o carro parte.

As duas gravuras que publicâmos foram copiadas de duas photographias da collecção do sr. Seabra. Na que acompanha a primeira parte d'este artigo, a pag. 261, vê-se o *castello de S. João da Foz*, e casa do *Salva-vidas*, e parte do *passeio Alegre*. A que adorna este numero representa a povoação do lado do Douro, mostrando este rio, o monte com a egreja parochial de S. João da Foz, as casas que orlam o passeio Alegre, avultando entre estas a do sr. Bernardo Pereira Leitão, e dois lanços da muralha das projectadas e não concluidas obras do encanamento do rio. O passeio Alegre é actualmente guarnecido de arvores, porém este melhoramento é posterior ao tempo em que o sr. Seabra tirou a photographia, de que é cópia a nossa gravura. O terreno que faz o primeiro plano d'esta é a extremidade do norte do Cabedello, extenso banco de areia que aperta a barra, do qual foi tirada a dita photographia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O FOGO

(Vid. pag. 300)

XVII

FOGO ELECTRICO

O que é a electricidade? Eis uma pergunta a que se não póde tão facilmente responder como á primeira vista se julgaria. Em primeiro logar, não conhecemos a sua natureza; é um fluido, como muitos tem supposto? ou é um modo especial de movimento, como as suas analogias com os phenomenos do calor e da luz nos levam a crer? No estado actual da sciencia, os phenomenos calorificos e luminosos explicam-se todos, completamente, suppondo o calor e a luz como movimentos vibratorios transversaes de diversa rapidez; mas se, considerando a electricidade como um movimento vibratorio longitudinal, se explicam os phenomenos relativos á sua propagação, não acontece o mesmo ás attracções e repulsões electricas.

Ainda accresce que temos orgãos especiaes para as impressões do calor e da luz, e não os temos para as que são devidas aos phenomenos electricos; as impressões que estes produzem são faceis de confundir com outras; e, com effeito, a electricidade desenvolve luz, calor, sons, effeitos mecanicos, chimicos, magneticos, etc.; por isso não admira que durante tantos seculos passassem despercebidos os phenomenos electricos; é verdade que na atmosphera os grandiosos effeitos da electricidade, desde as mais remotas epochas, se mostraram aos homens nas trovoadas, mas tentaram sempre attribuir este phenomeno a outras causas.

Póde a electricidade existir de dois modos, ou, como vulgarmente se diz, ha duas especies de electricidade: *positiva* ou *vitrea*, *negativa* ou *resinosa*. Estas electricidades oppostas attrahem-se; e, pelo contrário, as do mesmo nome repellem-se; isto é, a electricidade positiva repelle a positiva, e a negativa repelle a negativa.

A electricidade póde manifestar-se de dois modos: ou em movimento através da massa dos corpos, ou em repoiso, distribuida á sua superficie: a primeira é a electricidade *dynamica;* a segunda é a electricidade *estatica* ou *de tensão*.

A electricidade das pilhas é a electricidade dynamica. A mais energica pilha que ora se conhece é a de Bunsen, que já descrevemos. Terminando os electrodos da pilha por dois carvões, e aproximando-os, obtem-se, como já dissemos, uma luz de um brilhantismo enorme, e com uma temperatura elevadissima. Todos os metaes se fundem a esta temperatura; o carvão vaporisa-se; o diamante amollece e converte-se em graphite. Depois do fogo solar é o fogo electrico o mais intenso. Para os effeitos physicos da corrente electrica, os elementos da pilha devem ser muito numerosos. Nas pilhas ordinarias, o desenvolvimento do

electricidade é devido á acção chimica; nas pilhas thermo-electricas, porém, é o calor que dá origem ao desenvolvimento da electricidade; assim, basta soldar pelos extremos uma lamina de cobre a uma lamina de bismutho, e aquecer ou esfriar uma das soldaduras, para se produzir uma corrente que marcha no cobre da mais quente para a mais fria.

O magnetismo tambem desenvolve correntes electricas, que então se denominam de *inducção*; verifica-se isto todas as vezes que um magnete se aproxima ou afasta de um circuito bom conductor. Tambem se desenvolvem correntes de inducção pela acção de outras correntes que se acham proximas. As correntes de inducção duram só um instante; existem só no momento em que as correntes que as desenvolvem começam ou acabam. No primeiro caso, são em sentido contrario; no segundo, são no mesmo sentido. Para obter effeitos continuos das correntes de inducção é preciso estar continuadamente estabelecendo e interrompendo as correntes inductoras, ou aproximando e afastando os magnetes. As correntes de inducção participam dos effeitos das pilhas pela continuidade, e dos da electricidade estatica pela alta tensão.

Quando as duas electricidades oppostas se acham em frente uma da outra, tendem a combinar-se; se ha algum corpo mau conductor de permeio, a combinação só se faz quando a sua tensão for capaz de vencer a resistencia do corpo interposto. No acto da combinação produz-se uma faisca maior ou menor, e ouve-se um estalo. A faisca das correntes de inducção póde furar uma massa de vidro de um decimetro. No ar adquire 45 centimetros de comprimento; é um raio. Quando não ha meio resistente interposto, por exemplo, no vacuo, não ha faisca, mas sim um jacto luminoso diversamente córado. Com as correntes de inducção a luz tem diversa côr, segundo a qualidade do gaz ou vapor em que se fez o vacuo, e segundo a natureza do tubo em que elle se contém. Estas luzes apresentam-se, além d'isso, estratificadas e animadas de movimento vibratorio. Os tubos em que se obtem estes magicos effeitos são devidos a Geissler, e funccionam com o celebre apparelho de Rubmkorff.

Fig. 31 — Fogo Sant'Elmo

Quando se desenvolvem as correntes de inducção por meio de grandes magnetes, obtem-se uma serie de faiscas luminosas tão seguidas, que se produz a luz electrica sem o emprego de pilha, e que póde ser vantajosamente empregada nos pharoes.

A atmosphera, nas suas altas regiões, é um immenso reservatorio de electricidade, cuja origem parece em grande parte ser devida á evaporação das aguas dos mares. A electricidade atmospherica esgota-se silenciosamente para a terra por meio da humidade; mas, quando esta diminue, a resistencia á propagação da electricidade vae augmentando, a tensão das electricidades contrarias das nuvens tambem augmenta, e, chegando a vencer a resistencia do ar, produz-se a descarga da nuvem, ou recomposição das electricidades contrarias da terra e nuvem, e cae o raio, produzindo um grande clarão, que é o relampago, e, percutindo o ar fortemente, faz ouvir o trovão. Vê-se, pois, que com os nossos apparelhos electricos imitâmos em ponto pequeno as trovoadas.

Quando a recomposição das electricidades contrarias se faz de nuvem a nuvem, geralmente não cae o raio. Os relampagos são de diversa especie: uns rectilineos, outros sinuosos: estes são os mais perigosos, porque ás vezes dividem-se e attingem os objectos terrestres; outros apresentam grande extensão de luz diffusa; outros, finalmente, tem a fórma de espheroides, que rebentam ás vezes como bombas, e marcham muito lentamente. São, porém, muito raros estes relampagos.

Quando a um corpo electrisado se aproxima uma ponta metallica, a electricidade contraria do metal, sendo attrahida pela electricidade d'aquelle corpo, accumula-se na ponta, adquirindo tão grande tensão, que se esgota e não ha faisca, produzindo ás vezes de noite pequenas luzes pallidas e inoffensivas. Observa-se este effeito em noites serenas, nos topes dos mastros dos navios, nas pontas das lanças, nos cabellos, etc., quando se acha carregada de nuvens a atmosphera: é o chamado *fogo Sant'Elmo*, que os antigos denominavam *Castor e Pollux*. A propriedade que tem as pontas metallicas de deixar esgotar a electricidade, e que Franklin denominou *poder das pontas*, tem uma applicação importante no *pára-raios*, que é uma haste de ferro terminando em ponta de platina, e communicando, por meio de uma cadeia de ferro, intimamente com a terra, ou com o interior de um poço com agua.

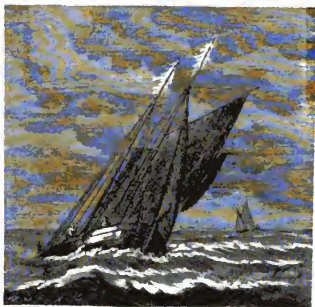
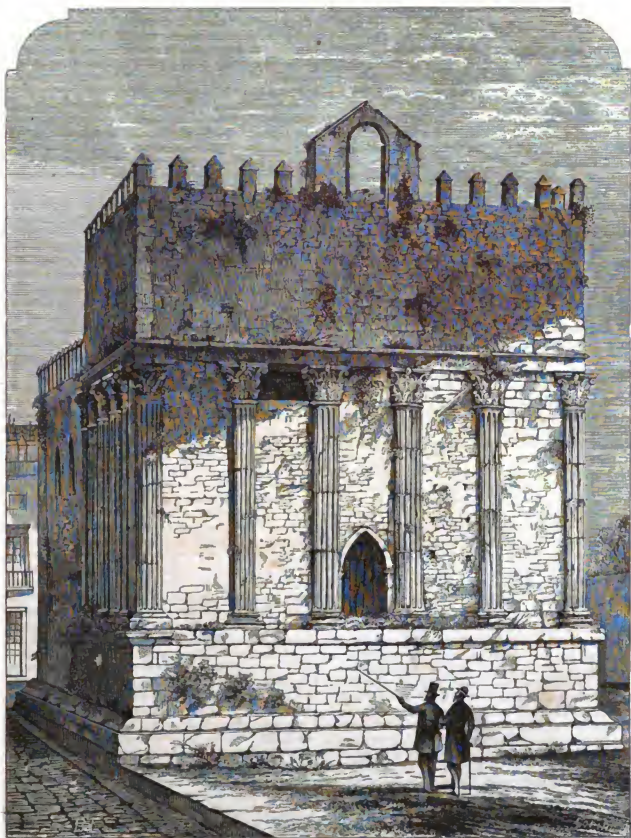
Quando passam nuvens fortemente electrisadas, a electricidade contraria da terra, sendo attrahida, esgota-se pelo pára-raios, não ha descarga e não cae o raio; e se, por acaso, o pára-raios não dá aviamento ao esgoto da electricidade, é elle que soffre a descarga e conduz o raio para a terra, preservando o edificio. O pára-raios preserva uma distancia horisontal, dupla da sua altura.

Um dos effeitos mais terriveis da electricidade atmospherica é o meteoro conhecido pelo nome de *tromba*. É devido á alta tensão da electricidade das nuvens, que faz alongar para a terra massas de vapores animados de movimento giratorio, exercendo attracções ou repulsões terriveis sobre os objectos collocados á superficie da terra. As trombas maritimas formam-se principalmente nos mares do Equador.

Os navios que se acham casualmente proximos das trombas costumam atirar-lhes balas, conseguindo ás vezes desmanchal-as, e escapando assim ao perigo de serem por ellas arrastados e submergidos.

As trombas terrestres observam-se nos paizes temperados, raras vezes nos polos.

As auroras polares, que constituem um dos mais bellos meteoros luminosos, e que diminuem as longas noites dos habitantes das regiões polares, substituindo até certo ponto a luz do sol, são attribuidas á electricidade, que determina perturbações no estado magnetico do globo terrestre, desenvolvendo o grande clarão que annuncia o fim da *borrasca magnetica*, como os relampagos annunciam o fim do desequilibrio electrico. Com effeito, as auroras polares são precedidas de perturbações nas agulhas magneticas. As borrascas magneticas estendem a sua acção sobre uma grande parte dos continentes, em quanto que as trovoadas se limitam a espaços muito mais circumscriptos.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

Templo romano em Evora

I

Esse grande povo que avassallou quasi todo o mundo com o esforço do seu braço, e que, ao mesmo tempo que estendia pela face da terra as suas armas victoriosas, policiava e adoçava os costumes das nações barbaras, derramando no meio d'ellas a luz e os dons de uma brilhante civilisação, deixou assignalada a sua gloriosa existencia com monumentos duradoiros, por toda a parte onde estabeleceu o seu dominio.

Não foi na Lusitania, por certo, onde a sua passagem ficou commemorada com mais esplendidos monumentos; todavia ainda levantou bastantes n'esta longinqua provincia do imperio, para se poder ajui-

zar por elles da illustração d'aquelle povo, da sua robusta organisação, do seu grande desenvolvimento nas artes, e em fim da sua ousadia em toda a sorte de emprezas arriscadas ou grandiosas.

Os alanos, os suevos, os godos, visigodos e mais nações do norte que, depois de destruirem o imperio romano, se derramaram com sanha brutal sobre todas as suas provincias, tambem na Lusitania vieram saciar nos monumentos o odio que nutriam contra a sua antiga oppressora, contra a orgulhosa Roma, então em tamanho abatimento.

Os arabes não foram menos ferozes quando invadiram e senhorearam o nosso paiz. A sua natural bruteza, e o fanatismo religioso, tambem lhes armaram o braço contra os proprios edificios.

Porém, apesar de toda essa furia assoladora, que nivelou com o solo tantas cidades opulentas, confundindo no pó numerosos padrões da arte romana e goda; apesar d'essa lucta sem tregoas durante seculos travada entre os agarenos e os campeões de Christo, muitos d'aquelles monumentos viram de pé tumultuarem em torno de si todas essas paixões, gladiarem-se esses odios, abalar-se o solo, finalmente, com o duro embate de tão cruenta guerra. E quando Portugal, expulso do seu territorio o ultimo regulo sarraceno, começou a descançar de tão longas e insanas fadigas, e a procurar no remanso da paz os elementos que haviam de constituil-o nação civilisada, conservava ainda muitos e importantes vestigios do subido ponto que attingira outr'ora na escala da civilisação. O seu solo achava-se alastrado de ruinas de cidades, que davam testimunho da prosperidade que este paiz usofruira n'esses tempos remotos. E em muitas partes d'elle se viam monumentos, uns intactos e respeitados dos seculos e dos homens, outros meio prostrados pelo facho da guerra, mas todos elles attestando de modo irrecusavel a florescencia das artes na epocha da sua fundação.

A destruição vandalica de quasi todos esses venerandos padrões da antiguidade, que assim tinham escapado aos furores e ignorancia da edade média, estava reservada para um periodo de maior illustração, de mais desenvolvimento nas artes, e de muito maior incremento no commercio e n'outros ramos da industria, e, por conseguinte, na riqueza publica.

Já Vasco da Gama tinha rasgado o véo que encobria aos olhos da Europa a carreira da India; já Lisboa, feita emporio geral dos generos e mercadorias do Oriente, campeava sobre o Tejo como rainha das cidades européas; já el-rei D. Manuel tinha ordenado ao cinzel que historiasse as venturas e glorias do seu reinado, esculpindo-as e poetisando-as n'aquellas graciosas laçarias, variados arabescos, gentis figuras, mimosas sîlvas, delicadas rendas e mil outras imaginosas invenções que decoram os mosteiros de Belem e de Santa Cruz de Coimbra; os templos da ordem de Christo em Thomar, da antiga misericordia de Lisboa e da matriz de Caminha; as capellas imperfeitas da Batalha; a torre de S. Vicente de Belem; o paço real de Cintra, e ainda muitas outras edificações sumptuosas, que os terremotos derrocaram; já se tinham immortalisado Affonso Domingues, edificando o mosteiro da Batalha; o grão Vasco e Campello, lançando os fundamentos para a mallograda eschola de pintura portugueza; Fernão Lopes, traçando o caminho aos historiadores nacionaes; Pedro Nunes, devassando os astros, e tomando logar entre os mais distinctos mathematicos da Europa; Gil Vicente, creando o theatro portuguez; e Camões, cantando os *Lusiadas* na sua lyra de oiro, e enriquecendo com este poema a litteratura de todo o mundo; já Portugal, finalmente, estendendo o seu sceptro sobre a Africa, a Asia e a America, se tinha sentado a par das nações mais poderosas e civilisadas, quando começou entre nós aquella especie de febre destruidora contra os monumentos da antiguidade.

Coube esta nodoa ao reinado de D. João III. Bastaria este facto, certamente, ainda que não existissem tantos outros, para provar que sob o governo d'este soberano teve principio a decadencia de Portugal. E foi o cardeal infante D. Henrique, em nossa opinião, principal instrumento d'essa decadencia, entre outras diversas razões, pela introducção no reino dos jesuitas e da inquisição, o iniciador d'aquelles actos de vandalismo.

Ao aceno d'este principe foi completamente demolido o magnifico templo de Cupido Endovelico, junto da Villa de Terena, no Alemtejo, e d'elle foram levadas noventa e seis columnas jonicas de marmore para o collegio do Espirito Santo da cidade de Evora, que o cardeal infante andava edificando para os jesuitas. O soberbo arco trimphal de marmore que Sertorio erigíra na praça grande da mesma cidade, em honra do valor dos lusitanos, pelas victorias alcançadas contra os romanos; esse precioso monumento, em que se admiravam grandes e admiraveis columnas e primorosos baixos-relêvos, depois de ter resistido á acção corrosiva de tantos seculos, e durante os quaes viu passar tantas gerações, tantos povos estranhos e exercitos inimigos, que o respeitaram, caiu tambem sob os mesmos golpes, e os seus despojos foram servir egualmente de adorno ao collegio dos jesuitas. E o palacio de Sertorio, rico de estatuas e outras obras de esculptura, lá foi transformado em convento de freiras, perdendo na mudança todas as galas com que se adornava.

O exemplo de barbaridade apparecêra em logar mui alto, para que deixasse de ser visto e imitado em todo o reino. Seguiram-n'o em breve os duques da Bragança, acabando de destruir o templo romano de Terena, e os arruinados templos de Jupiter Olympico, nas margens do rio Xarrama, a pouca distancia da villa do Torrão, o de Proserpina em Villa Viçosa, e o de Venus no monte de Pomares, nas visinhanças de Evora, para edificarem com os seus despojos vários conventos e egrejas de Villa Viçosa.

Depois foram alguns fidalgos fazendo eguaes devastações n'outros edificios romanos arruinados, que ficavam perto das suas propriedades. A final, deitaram-se os povos a buscar materiaes para as suas obras nas ruinas das cidades e castellos antigos. D'est'arte desappareceram inteiramente, ou quasi de todo, alguns outros templos gentilicos, cujos restos ainda avultavam nos principios do seculo XVI, e do mesmo modo as ruinas da *Brachara Augusta* e do seu magestoso amphitheatro, de *Citania*, de *Conimbrica*, de *Nabancia*, de *Concordia* e de tantas outras cidades que ha pouco mais de seculo e meio ainda mostravam, na extensão de seus derrocados edificios, a importancia que tiveram sob o dominio romano.

Quanto foi crescendo e arraigando-se esta raiva demolidora, sabem-n'o os nossos leitores, não só pelo que lhes temos por vezes referido a este respeito, mas tambem, infelizmente, pelo que estão vendo a cada passo, pois que ainda actua sobre nós essa doença de que enfermou o nosso corpo social.

Ao cabo, porém, de todas estas considerações occorrerá naturalmente a quem nos ler uma pergunta: — Como póde conservar-se de pé até aos nossos dias o templo romano de Evora, atravessando tão variadas e adversas vicissitudes, e resistir ao embate de tantos e tão encarniçados inimigos? — Responderemos com a breve e pouco clara historia do monumento.

Teremos de andar perdidos por falta de luz, logo no principio d'esta historia, em dois logares escurissimos d'ella; pois que é assumpto duvidoso tanto a epocha da sua fundação e o nome do fundador, como a divindade a quem era consagrado.

Pretendem alguns escriptores que fôra edificado por Sertorio pelos annos de setenta e tantos antes do nas-

cimento de Christo, e por elle dedicado a Diana, que era a divindade da sua maior predilecção e culto especial. Outros auctores querem que este templo seja construcção mais moderna, isto é, do tempo dos imperadores romanos. E accrescentam, que não se sabe a qual dos deuses da gentilidade era consagrado, não existindo fundamento bastante para se crer que o fôra a Diana.

Na falta absoluta de documento auctorisado, forçoso é recorrer ás conjecturas, não para resolver a questão, mas, pelo menos, para reunir o maior numero de probabilidades. E com effeito quasi todas estas são a favor dos que attribuem a fundação do templo a Sertorio.

A este illustre chefe dos lusitanos deve, sem dúvida, a cidade de Evora o seu maior esplendor na antiguidade. Abonam esta asserção as primeiras muralhas com suas torres, que a cingiram e defenderam; o grande aqueducto, que a abasteceu de agua; o soberbo arco triumphal e a visinha fonte, que a adornavam; e o proprio palacio de Sertorio, que a ennobrecia pela sua tão encarecida ornamentação esculptural.

Ora se o célebre capitão romano assim dotou e aformoseou Evora com variados monumentos, como se póde acreditar que deixasse de construir um templo digno da sua munificencia, e em harmonia com os edificios sumptuosos que erigíra, sendo os romanos tão aferrados á idolatria, sendo educados na pratica de uma religião affeiçoada a lisonjear os sentidos e a exaltar as paixões pela magnificencia dos templos, pelo luxo e apparato das ceremonias, pela personificação das divindades, e pelos dotes, qualidades e costumes que a estas eram attribuidos?

Se na ausencia de documentos tem valor as tradições, uma antiquissima tradição, passada de paes a filhos, acceita e repetida por varios escriptores tambem antigos, diz que Sertorio fizera conduzir a agua do grande aqueducto que edificára, primeiramente ao atrio do *seu templo de Diana*, d'onde corria depois para o chafariz que construira junto ao arco triumphal, erecto na praça maior da cidade.

Os que seguem a opinião contraria contestam todas estas razões, apresentando um argumento que não é destituido de força. Os capiteis das columnas do templo, dizem elles, mostram uma perfeição artistica a que os romanos ainda não tinham chegado no tempo de Sertorio. Entretanto, posto que não se possa duvidar de que o grande desenvolvimento nas artes, que fez uma das maiores glorias de Roma, seja muito posterior a Sertorio, será difficil decidir se a esculptura simplesmente de ornato ainda não tinha attingido, na epocha em que viveu aquelle capitão, o grau de aperfeiçoamento que se observa nos capiteis das columnas do templo de Diana. A estatuaria, essa sim, ainda estava distante do periodo em que brilhou com tamanho esplendor. Porém á esculptura de ornamentação já a esse tempo tinham dado grande impulso os artistas gregos estabelecidos em Roma.

Diremos, pois, em conclusão, que, se não se póde demonstrar que foi fundador do templo o bravo capitão, que á frente dos lusitanos os ajudou a defender a independencia da patria contra os poderosos exercitos de Roma, tambem não se póde afirmar que o monumento desminta por si tal origem.

II

Deve o templo o estado de conservação em que se acha a ter sido aproveitado pelos moiros e christãos para diversos misteres. Os primeiros fizeram d'elle a sua principal mesquita durante os quatro seculos e meio que, com curtas interrupções, occuparam a cidade de Evora, desde o anno de 716 em que a conquistaram aos reis godos, até 1166 em que Giraldo sem pavor a tomou por entrepresa para a restituir á fé christã, entregando-a a el-rei D. Affonso Henriques. Os segundos, devemos suppor com bom fundamento, purificaram-n'o e converteram-n'o em templo christão. Foi esta a pratica usada na conquista de todas as terras de moiros; e era uma necessidade para os vencedores, pois que não se edifica repentinamente uma egreja, e um impulso natural os levaria a renderem graças ao Altissimo pela victoria alcançada.

Estas mesmas razões nos fazem crer que os moiros e os portuguezes seguiram, n'este ponto, o exemplo dos godos. Só assim estes ultimos respeitariam o monumento romano; porquanto o sentimento que mais os impellia na sua invasão na Lusitania, era o desejo de anniquilar tudo o que recordava o nome e o poder de Roma.

Não sabemos quando foi despojado das honras do culto christão o templo romano de Evora, depois da conquista de Giraldo sem pavor. É provavel que fosse no anno de 1204, em que o bispo D. Paio concluiu e consagrou a visinha sé, começada em 1186, deixando a chamada *sé velha*, que não podia ser outra que o templo romano.

Parece que no seculo XIV servia de celeiro o templo de Diana. Disse-nos que achára esta noticia em um documento antigo do archivo da cathedral o fallecido conego da mesma sé, D. João da Annunciada, homem de variada instrucção e de muita applicação, que foi por alguns annos governador do arcebispado de Evora, e que tinha sido, até a extincção das ordens religiosas, conego regrante de Santo Agostinho, no mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, onde regia a cadeira de rhetorica.

Quanto tempo serviu de celleiro aquelle edificio; que destino lhe deram depois; quando estabeleceram n'elle o matadoiro publico, é o que inteiramente ignorâmos. Havia, porém, muitos annos que estava reduzido a este ultimo e miseravel serviço, quando em 1836 o sr. Antonio José d'Avila, hoje conde d'Avila, sendo governador civil do districto de Evora, livrou o monumento romano d'aquella affronta, e a cidade de uma grande vergonha, tirando d'alli o matadoiro, e entregando a chave do edificio á camara municipal. Esta, porém, infelizmente, não secundou o acto da auctoridade administrativa, não diremos procurando restaurar o monumento, mas, pelo menos, removendo do interior d'elle os tanques de cortumes e mais construcções que o obstruiam.

Assim ficou o templo de Diana fechado, mas conservando internamente o aspecto repugnante de um matadoiro immundo.

III

Evora está sentada em uma planicie, mas no coração da cidade ergue-se uma pouco elevada collina, sobre a qual estão edificados o paço archiepiscopal e a sé, que lhe fica contigua; o antigo palacio dos marquezes de Ferreira, duques de Cadaval, e junto d'elle o extincto convento de S. João Evangelista, que pertenceu á congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista; e defronte d'este, do outro lado da rua, o templo romano, geralmente denominado de Diana.

Acha-se o monumento bastantemente alterado na sua architectura primitiva. Da obra romana sómente conserva o portico, se tal nome se póde dar á parte do edificio ornada de columnas, desde o envasamento até á architrave que assenta sobre os capiteis das mesmas columnas. Tudo o mais é obra dos moiros, exceptuando apenas o corpo mais alto e central da fachada, onde se vê uma como janella, que parece ter sido alli construida para servir de torre de sinos,

e n'este caso devemos suppor que foi um accrescentamento feito logo depois da conquista da cidade aos moiros, quando os conquistadores converteram a mesquita em templo christão.

Aquellas muralhas ameiadas, com que os sarracenos coroaram a sua mesquita, tinham por fim fazer d'ella tambem uma fortaleza, para, em ultimo extremo, d'alli defenderem a liberdade e a vida. E era esta egualmente a prática dos christãos durante essa longa e porfiosa lucta, como já por vezes temos referido.

Não é facil determinar a fórma primitiva do monumento romano. Em nossa opinião, e a julgar pelo que d'elle nos resta, cremos que formava um quadrilongo, tendo a entrada na fachada opposta á que a nossa gravura representa. Dá fundamento a esta idéa a falta de escada n'esta ultima frontaria, pela qual se devia subir para o portico ou vestibulo. A parte inferior do envasamento, resaltando para fóra, tanto n'esta frente como nas lateraes, prova de modo incontroverso, que nunca ahi houve escada.

A porta que se vê entre as duas columnas centraes, aberta no panno de muro que une as mesmas columnas, foi feita, ao que nos parece, pelos proprios edificadores da torre que lhe fica superior. Entrava-se para esta porta subindo dois ou tres degraus de pedra, que se encostavam ao envasamento, e que não tinham mais comprimento que a largura da dita porta. Então achava-se soterrado quasi todo o envasamento, sendo apenas visivel a parte correspondente aos mencionados degraus.

Deve-se esta obra de desobstrucção do templo a el-rei o sr. D. Fernando II, quando visitou a cidade de Evora com a rainha, sua augusta esposa, a sra. D. Maria II, de saudosa memoria. Tendo notado aquelle soberano que o edificio se achava certamente muito enterrado, tratou-se logo depois de rebaixar a rua que passa ao lado d'elle, e o pequeno largo para onde deita a fachada de que temos tratado. Assim se descobriu todo o envasamento.

Foi pena que as obras se limitassem a isso, deixando ficar o muro que obstrue as columnas. Estas deviam estar na sua primitiva desaffrontadas, e guarnecendo, talvez, pelos quatro lados do edificio uma galeria aberta, ou vestibulo, que correria em volta das quatro paredes interiores do templo. Presumimol-o assim á vista do que resta do monumento romano, e em attenção a outros templos de architectura identica, de que ainda nos estão mostrando tantos modêlos a Grecia, a Italia e a França. Tendo o de Evora tres fachadas guarnecidas de columnas, não sendo qualquer d'ellas a frontaria principal, como acima demonstrámos, não aventurará um juizo temerario quem disser que esta ultima deveria ter, provavelmente, o mesmo genero de ornamentação. Dizemos *provavelmente*, porque existem ainda de pé alguns templos gregos e romanos com a entrada em um corpo de paredes lisas, e só ornadas na parte superior com frisos guarnecidos de esculpturas, tendo outro corpo posterior, e mais largo que o primeiro, circundado por uma galeria aberta, e sustentada por caryátides, sem communicação com o interior do templo, mas accessivel por meio de escadas praticadas nas duas extremidades da galeria, ou sendo esta baixa por meio de simples aberturas nos envasamentos lateraes.

As columnas do templo de Evora, de ordem corinthia, e lavradas em canelluras, são muito esbeltas e formosas. Em altura e diametro serão eguaes ou pouco inferiores ás columnas que sustentam o vestibulo do theatro de D. Maria II, em Lisboa. São de alvissimo marmore da serra de Ossa, vulgarmente chamado de Estremoz, que é o que mais se assimilha, d'entre os marmores de Portugal, ao de Carrara. Os capiteis estão lavrados com muita perfeição, e acham-se admiravelmente bem conservados, não obstante a delicadeza da esculptura e dezenove seculos de antiguidade. São dezeseis as columnas, repartidas pelas tres frentes. A muralha que as une, apesar de ter bastante espessura, deixa-as tão a descoberto pela parte interior do edificio, como pela exterior.

Algum friso mais ou menos ornado de esculpturas, com o seu frontão de tympano liso, ou lavrado de altos relêvos, deveria ser, pouco mais ou menos, o remate do templo romano.

O corpo do edificio que faz seguimento ás columnas, tambem com a sua coroa de ameias e com janellas ogivaes, é certamente construcção dos moiros, levantada sobre o envasamento romano. Na fachada fronteira ao paço archiepiscopal tem um portal como o que se vê na frente opposta, entre as columnas. É egual a este na fórma e singeleza, porém mais alto e mais largo.

Interiormente nada conserva da sua primeira fabrica. Os que o apropriaram aos usos de outra religião, para lhe darem mais largueza, derrubaram-lhe as paredes interiores, e fecharam com muros os vãos das columnas. E quando alli se estabeleceu o matadoiro, entulharam o edificio desde aquelle portal até ao fundo, um pouco acima das bases das columnas, construindo uma calçada com o necessario declive, para dar saída ao sangue das rezes e aos despejos dos tanques de lavagem e cortumes, que corriam direitos ao dito portal.

Foi ainda n'este estado que vimos o edificio, quando, ha bastantes annos, visitámos a cidade de Evora. Não sabemos se desde então alli houve alguma mudança.

Parece incrivel que se passem annos sobre annos, sem que se tomem providencias para salvar da ruina, ou das affrontas e deturpações que lhe tem feito, os monumentos historicos e artisticos de Portugal! De quantas perdas não é causa esta incuria, representando os monumentos, como na verdade representam por tantos modos diversos, um capital valiosissimo! É a quantas vergonhas não nos expõe este condemnavel desleixo, em uma epocha em que os caminhos de ferro vão pondo em facil e breve communicação as principaes terras do reino, e em que o nosso paiz está sendo cada vez mais visitado de estrangeiros!

Mas como não ha de ser assim em um paiz, onde se exige que o governo faça tudo! Pois não devia, e não podia a camara de Evora, a quem este notavel edificio se acha confiado, proceder á sua restauração, ou, pelo menos, ás obras necessarias de reparação? Se os cofres do municipio não lhe permittem essa despeza, não seria difficil obter por meio de subscripção as quantias precisas, que, sem dúvida, não hão de ser avultadas.

O monumento merece que se faça a bem da sua conservação algum sacrificio, pelo muito que ennobrece a cidade como padrão de tão remota antiguidade, e como monumento historico e artistico. Para que deva ser muito apreciado não só pelos eborenses, mas tambem por tódos os portuguezes, basta-lhe a prerogativa de unico no seu genero em todo o reino.

A cidade de Evora está entrada, felizmente, no caminho dos progressos ao cabo de tantos annos de apathia e inanição. Já no anno passado a sua camara pediu ás cortes auctorisação para contrahir um emprestimo, destinado a diversas obras de utilidade, de aformoseamento da cidade e de reparação e conservação de alguns monumentos. Esperâmos, pois, que não tardará a estender a sua attenção e sollicitude ao padrão da epocha mais gloriosa da cidade de Evora.

A nossa gravura é cópia de uma photographia. O edificio que apparece no fundo, por detraz do templo romano, é o palacio dos arcebispos.

I. de Vilhena Barbosa.

BRASIL

A EGREJA PAROCHIAL DE JACAREHY

Por todo o solo do vasto imperio brasileiro deixaram os padres da Companhia de Jesus signaes da sua passagem. A cruz, symbolo da redempção do genero humano, foi o brilhante phanal que o missionario jesuita levou por entre os longinquos sertões, e sob seu clarão benefico lançaram os fundamentos da maxima parte das cidades, villas e povoados que hoje formoseiam o Brasil.

Ao paulista audaz, levado pela ambição nobre das descobertas, apontava o missionario regiões novas, escondidas além de alcantiladas montanhas ou densas mattas. Então o aventureiro, robustecido pelas palavras do ungido do Senhor proferidas diante da magestade da natureza, ainda com todo o seu esplendor primitivo, atirava-se a esses mundos desconhecidos, e, sempre docil á voz do missionario, plantava a cruz onde vinham admirados escutar as verdades evangelicas os filhos do deserto e os descendentes de Tebericá.

O viajante que caminha da cidade de S. Paulo para o norte da provincia, vae margeando o rio Tieté até encontrar encostas de altas montanhas, d'onde nascem veios de agua que, juntando-se ora aqui ora alli, vão mais adiante, como grossas arterias, constituir esse grande rio.

Transposta essa cordilheira, formada pelos ultimos degraus da serra da Barra, entra o viageiro em um valle extensissimo, banhado pelo magestoso rio Parahyba, que, tomando uma direcção opposta á do Tieté, vae com o brando sussurrar de suas ondas fecundadoras, e beijando a doirada areia de suas luxuosas

Egreja parochial de Jacarehy

margens, confundir o enorme volume de suas aguas com as do oceano Atlantico, ao norte da capital do imperio.

No logar onde o Parahyba faz a grande curva para retomar a sua primitiva direcção de nordeste, está edificada a cidade de Jacarehy, a 70 kilometros de S. Paulo. É cabeça de comarca; possue muitas e lindas casas, avultando entre ellas os elegantes palacetes dos srs. barão de Santa Branca e João da Costa Gomes Leitão; uma extensa e airosa ponte de madeira, assente em pilares de cantaria, lançada sobre o Parahyba em frente da cidade; e, se uma lei da assembléa legislativa provincial não for um simples projecto, em breve teremos um ramal que nos ligue com o caminho de ferro da capital.

A principal producção do municipio é o café, que exporta em grande escala, e hoje o plantio do algodão vae tomando avultado desenvolvimento, de modo que em breve Jacarehy será um grande exportador d'essa materia prima para os mercados da Europa.

Jacarehy tem um hospital de caridade, onde são tratados gratuitamente mais de dez doentes diariamente. É digno da attenção dos philanthropos este estabelecimento, que subsiste unicamente da caridade do nobre povo d'este municipio, sem que para isso quota alguma avultada tenha sido dada pelo governo. A caridade é tão bem comprehendida n'esta terra, que cada um dos moradores abastados ou remediados leva a sua esmola á bolsa do hospital quasi diariamente, resultando de tão generosos esforços que muita dor tem sido consolada, muita lagrima enxuta e muita ferida cicatrizada.

Os jesuitas vindos das campinas de Piratininga marcaram a sua passagem com o estabelecimento de povoações; assim, logo adiante de S. Paulo fundaram nos campos de S. Miguel um aldeiamento de aborigenes; depois seguiram á Itaquakecetuba, onde edificaram um convento para catechese; e d'ahi seguiram até S. José, onde fizeram o mesmo.

No anno de 1652 começou o povoamento de Jacarehy, que se acha situada entre S. José e Itaquakecetuba, dois povoados dos jesuitas. Oriunda dos forasteiros que vieram de Piratininga, ou dos que voltaram de S. José, diz o historiador brasileiro Machado de Oliveira que Jacarehy fôra dada em feudo a D. Diogo de Faro e Sousa.

Em 1654 foram lançados os alicerces da egreja matriz d'esta cidade, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Nada se sabe da edificação da primeira egreja; e no livro do tombo só consta que em 1654

teve começo esse edificio, no reinado de D. Affonso VI. Esta declaração foi escripta pelo vigario João Martins Bonilha em 1747, sendo bispo da diocese D. Fr. Antonio da Madre de Deus. Porém em que fonte bebeu o padre Bonilha tal noticia, é o que se ignora, pois do estudo feito nos livros da egreja e dos cartorios nada consta. É provavel que as narrativas dos velhos moradores d'este logar fossem as fontes d'onde o chronista Bonilha se firmou para escrever essa data do principio da egreja.

Seja como for, o certo é que a egreja actual não é a edificada em 1654, e até é mesmo duvidoso que o local seja o em que ora está, como o demonstra a descripção que fez o padre Bonilha da primeira egreja.

A estampa representa a frontaria da matriz actual. Não é um monumento que, por grandeza ou luxuosa construcção, deva ser conhecido dos leitores do *Archivo*. É, porém, um templo decente, onde os officios divinos são celebrados com brilho e magestade.

Esta frontaria é de pedra; e custou, só esta parte do templo, 60:000$000 réis. O interior da egreja consiste em uma só nave, que contém lateralmente tres altares, e mais o altar-mór, que é notavel pela elegancia com que foram traçadas as suas linhas, pelo delicado trabalho de talha das cornijas, flores e columnas.

Tem a egreja o comprimento de $54^m,25$, sobre a largura de $22^m,33$, e altura de 22^m.

Ha n'este templo dois objectos dignos de attenção. O primeiro é uma custodia de prata massiça, perfumada de oiro, pesando 8 libras e 29 oitavas. E' obra artistica de subido valor. Fórma essa delicada peça um pequeno templo com quatro columnas que sustentam uma coroa régia. Dentro do templo ha um altar onde se colloca a sagrada hostia, tendo esta peça por base outra formada de anjos, flores e grinaldas de folhagens. O que se nota n'esta pequenissima peça é o trabalho artistico, que é uma maravilha de primor. Só um elevado talento, auxiliado por extraordinaria paciencia, poderia conceber e realisar um artefacto em que o artista soube alliar a difficuldade do trabalho com a unidade do pensamento.

D'onde veiu esta custodia? Quem a deu? Estas interrogações vem ao espirito de todos os que examinam com particularidade esta peça magnifica.

Infelizmente, não ha noticia positiva do modo por que a matriz adquiriu tal joia. A tradição conta que a rainha D. Maria I fez presente á irmandade do Sacramento d'esta peça; porém, revendo-se o livro do «Tombo da Fabrica», alli vem já mencionada a existencia d'essa mesma custodia no anno de 1747; portanto, não foi essa soberana quem fez o mimo, visto ter começado o seu reinado em 1777, isto é, muito tempo depois da irmandade possuir a custodia.

É provavel que fosse dadiva de D. João V, D. Affonso VI, ou mesmo D. Pedro II, que reinaram entre os annos de 1656 a 1750.

O segundo objecto digno de attenção que existe na matriz, é um altar dedicado á Santissima Trindade, chamado de Pedro V, que os subditos portuguezes residentes n'esta cidade mandaram erigir quando falleceu esse desditoso e digno monarcha.

DR. J. FLORIANO DE GODOY.

A MADRASTA

(CONTO POPULAR)

I

—«Não te perdôo, não!... Has de levar! hei de matar-te!

—«Ai, ai!... perdão, mamã! Estarei socegado!»

— Que tens? Enchem-se de lagrimas os teus olhos, e as tuas rosadas faces tomam o carmesi dos cravos.

— Pois não ha de indignar-me ver maltratar tão cruelmente esse innocente menino!

— Tens razão, minha amiga.

— Essa mulher tem entranhas de fera e não de mãe.

— Mãe! não profanes um santo nome, supponho que essa mulher o merece. A que assim maltrata um anginho, não póde ser mãe; as que o são, podem castigar os seus filhos, mas não barbaramente. Ouve: Meus irmãos e eu chegavamo-nos muitas vezes a meu pae mostrando-nos tristes e chorosos.

—«Que é isso? — perguntava-nos elle.

—«A mamã bateu-nos! — respondiamos.

—«Como foi isso? — dizia-nos meu pae rindo. Vejâmos, tem algum osso partido?

Minha mãe, que ouvia em outra casa, exclamava:

—«Hei de matal-os!...

—«Pois sim, sim, murmurava meu pae: castigo de mãe nem quebra osso, nem derrama sangue.»

Éstas recordações fazem-me pensar nas mães que tem filhos e que matam... as gallinhas das capoeiras para o caldo das criancinhas logo que ellas denunciam a mais leve dor de cabeça.

Pobres mães! antes, santas mães! que para o mal tem só lingua, e para o bem mãos, alma, coração e vida, e ainda isto se lhes figura pouco!

Verás até onde chega a maldade das mães:

—«Rapaz, tirar-me-has a vida!

—«Deixe-o, visinha, que bem sabemos o que são crianças.

—«Que o deixe! Só quando não tiver osso inteiro. Disse-lhe, visinha, que o matava, matal-o-hei sem remedio! Ensino-o por uma vez!»

O rapaz ouve a sentença de morte encostado á parede proxima, com a cabeça baixa, arrancando distrahidamente um botão, ou limpando as lagrimas com o reverso da mão, ou com a manga do vestido; mas o verdugo, em vez de ir executar a sentença, vae preparar a mesa para o jantar.

—«Vamos, venha comer, *meu senhor*.

—«Não quero jantar.

—«Melhor; não te fará mal.»

A mãe senta-se á mesa, começa a jantar, apparentando satisfação, mas a dor é grande, e, a final, atira com a colher á mesa, e levanta-se exclamando:

—«Não posso jantar! Anda comer, filho, e espero não tornar a dizer-t'o.

—«Não tenho vontade. Doe-me a cabeça.

—«Vês o que resulta das tuas maldades?»

A mãe corre afflicta para o filho, como se este se achasse em perigo de vida; observa demoradamente o anginho; enxuga-lhe as lagrimas com o avental; beija-o; põe-lhe um lenço com agua e vinagre na testa, e como o menino está enfermo e não póde comer do que está na mesa, dá-lhe sua mãe uma golosina das que guarda na dispensa para casos similhantes.

Ella é quem verdadeiramente padece.

Ora ahi tem o que são as mães... as mães que não deixam osso inteiro...

Mas essa mulher que castiga com a palavra e com a acção, não é mãe: essa mulher é madrasta.

Tenho glorificado nos meus contos tudo o que é bom e santo, e amaldiçoado tudo o que é rude e mau; não podia tambem esquecer-me das dores da infancia que os teus olhos arrazados em lagrimas me estão ensinando a chorar!

Escuta-me, companheira das minhas tristezas e das minhas alegrias, que vou reparar o meu esquecimento.

Havia á porta de nossa casa formosa parreira, onde, nas aprazíveis tardes da primavera, a minha avó, que descance em paz, nos contava, a meu irmão e a mim, contos lindos, em quanto fiava, porque dizia ella e dizia bem:

—«Vale mais que estas crianças tentadoras estejam

aqui entretidas com as minhas anecdotas, que andem trepadas pelas parreiras e cerejeiras, despedaçando os vestidos.»

Estava uma tarde nossa mãe enferma n'uma cama, ainda que não gravemente, e meu irmão e eu escutavamos, segundo o costume, os contos de nossa avó, que de vez em quando interrompia a sua narração e deixava-nos por instantes para ir ver a doente, e perguntar-lhe com o maior carinho: «Queres alguma coisa, minha filha? Como te sentes?» compor-lhe a roupa da cama, e tornar a assentar-se para fiar á sombra da parreira.

—«Meus filhos, nos disse ao voltar de uma das vezes, roguem a Deus para que sua mãe se restabeleça, porque se Deus lh'a levasse, que seria de vossés?

—«N'esse caso, minha avó, nosso pae dar-nos-hia outra. Ao Joãozinho morreu a d'elle, e dizem que seu pae lhe vae dar outra que tem o nome de madrasta.»

Minha avó sorriu-se ao ouvir esta innocente observação, e meu irmão exclamou:

—«Madrasta é um nome feio!

—«Algumas das que se chamam assim, disse minha avó, são boas, e tão boas como as que se chamam mães; porém essas não custam a contar, porque o seu numero é limitado.

—«Diz o rifão: «Madrasta o nome lhe basta.»

—«E tambem diz: «Madrasta com enteada sempre andam á unhada.»

—«E é porque o demonio as dirige por mau caminho.

—«Sabe algum conto relativo a madrastas?

—«Sei, meus filhos.

—«Conta-nos?

—«Vou contal-o para demonstrar duas coisas.

—«Quaes, avó?

—«Que é grande infelicidade ficar sem mãe, e que Deus concede protecção aos fracos e desamparados, quando se tornam dignos d'ella.»

Minha avó foi outra vez ao quarto da enferma, e logo voltou para debaixo da parreira. Nós sentámonos a seus pés, e prestámos-lhe inteira attenção levantando as rosadas frontes como se quizessemos adivinhar as palavras da anciã antes que ella as proferisse.

II

«Viviam em Galdames, Martinho e Domingas, sua mulher, honrados lavradores que tinham tres filhas como tres rosas, chamadas a primogenita Isabel, a segunda Theresa, e a mais nova Mariquinhas.

«Uma tarde foi Domingas accommettida por doença grave, chamou o marido e disse-lhe:

—«Martinho, peço-te pelo amor de Deus que mandes chamar o sr. prior, porque eu vou morrer; porém, antes de ires, ouve-me. Quando eu faltar, como as nossas filhas ainda não pódem governar a casa, necessitarás de quem a governe; e como tu estás moço, tornarás a casar-te. Não posso impedir-t'o, porque entendo que em toda a casa onde não ha mulher não ha ordem; mas devo pedir-te, n'esta hora solemne, que se deres madrasta ás filhas da minha alma, não consintas que as maltrate, nem tu as maltrates por causa d'ella quando cumpram com o primeiro dever dos filhos, que é obedecer aos paes.

«Martinho observou a Domingas que não pensasse na morte, porque a sua doença não era mortal; e em vez de ir procurar o prior foi chamar o medico, depois de jurar á esposa que, se chegasse, por desgraça, o caso de ter de cumprir os seus preceitos, cumpril-os-hia fielmente.

«Não se enganára a pobre Domingas.

«Ha um anjo que, quando as mães vão morrer, lh'o segredam ao ouvido, para que tenham tempo de recommendar os filhos aos que possam amparal-os.

«Quando Martinho voltou com o medico, Domingas partira-se para o ceo, depois de fazer jurar ás filhas que obedeceriam sempre a seu pae e á que lhes servisse de mãe.

«Decorreram muitos dias e muitos mezes, e a casa de Martinho estava em completa desordem, porque a mais velha das meninas não contava mais que oito annos.

—«Martinho, dizia ao honrado lavrador a sua visinha Romana, deixa-te de entristecer; procura mulher como te convém, que ahi não falta, e casa-te, para que essas meninas encontrem ordem no lar.

—«Dar madrasta a minhas filhinhas! — respondia Martinho, madrasta a minhas pobres filhinhas tão queridas e tão amimadas por aquella santa que está no ceo! Não se esforce para convencer-me, porque as mulheres estão de mais para mim no mundo.

«E o desventurado pae, caindo-lhe pelas faces grossas lagrimas, chamava para si as meninas, beijava-as com effusão, alisava-lhes os cabellos sedosos e loiros, e compunha-lhes os vestidos, em cujo desalinho se notava a falta de sollicita mão maternal.

«Passou um anno, e o pobre Martinho chegou a convencer-se de que a sua casa estava mal, muito mal e cada vez peior, sem mulher propria que a vigiasse, porque nem as meninas tinham quem as ensinasse a serem donas de casa, nem a roupa se cosia, nem se governavam os generos, nem se cuidava das gallinhas, nem se comprava regateando, como é necessario, nem se fazia nada em casa com acerto.

«Martinho entendia, com effeito, de tudo, como se fosse mulher, porque não é por isso que se deshonram os homens; mas os homens nasceram para serem taes e não para serem mulheres, e acontecia que indo tratar da sopa, em vez de partir o pão partia o tacho.

«Tomou infinidade de criadas; mas as criadas, em vez de pensarem na casa que deviam servir, pensavam nos noivos, que as perturbavam de suas obrigações; e o pobre Martinho andava, como se diz, sem camisa para vestir. Romana, que era boa visinha e mulher de bom senso, auxiliava-o algumas vezes; mas a pobre mulher tinha a tratar primeiro da sua casa que da casa do visinho.

«Um dia sentou-se Martinho á porta da rua, e, perdidas as esperanças de ver entrar na ordem o seu lar, cogitava no modo de sair da difficuldade sem tornar a casar-se, mas baldadamente. O que pensava não podia realisar-se. Quando a sua desesperação chegára ao cumulo, acertou passar por alli uma rapariga, que tinha boa fama na aldeia, comprimentou-a e decidiu-se a seguil-a.

—«Joaquina, lhe disse repentinamente Martinho, as minhas filhas não tem mãe que as estime e eduque, nem a minha casa tem ama que a governe. Queres casar commigo?

«Joaquina tornou-se vermelha como romã, e quiz desculpar-se dizendo que Martinho encontraria na aldeia raparigas mais louçãs e habilidosas que ella; mas, a final, deu palavra de casamento ao viuvo que a requestava. Tres semanas depois, n'aquelle mesmo sitio, ouviu-se alegre matinada. Os habitantes da aldeia queriam indicar com isto, segundo o costume popular, que se casára um viuvo.

«A casa de Martinho dentro de poucos dias transformára-se inteiramente. Era já exemplo de aceio e arranjo.

«Martinho ia aos domingos á missa com uma camisa mais alva que a neve, e melhor engommada que a del-rei.

«As meninas iam todos os dias á eschola, alegres como avesinhas dos bosques, córadas como as cerejas, e tão aceiadas que vêl-as era ver o sol radiante.

«A gata *Caroucha*, que d'antes passava dias e noi-

tes pedindo de comer com seus miaus desfallecidos, porque ninguem cuidava d'ella, ia-se pondo redonda como pélla, e lustrosa como veludo, e olhava até com desprezo os pratos de sopa em leite com que a nova dona a obsequiava.

«As gallinhas tornavam a saltar, a pôr ovos e a cacarejar.

«E o fiel galgo, que d'antes ganhava o sustento com o suor da pelle, caçando alguma lebre nas sebes circumvisinhas, dava-se agora á boa vida, dormindo sob as parreiras que cercavam as casas dos donos.

«Sorria tudo no lar de Martinho, como se alguem o houvesse abençoado.

«Desceria do ceo para elle a benção de Domingas?

«Quem sabe?

III

«Era por uma tarde de julho.

«Martinho, sua mulher, suas filhas e seu filho, levantaram-se da mesa, depois de agradecer a Deus o que lhes dera, e saíram para a sesta á sombra de formosas cerejeiras que havia defronte da casa.»

— Ó avósinha, interrompi quando chegou a este ponto a sua narração, vossemecê enganou-se. Disse que Martinho saíra de casa com a mulher, as filhas e o filho. Então Martinho contava algum filho?

— Martinho e Joaquina tinham já um menino de anno, que era gosto vêl-o.

— E como se chamava?

— Chamava-se Antonio, como tu. Martinho atirava com cerejas ás filhas, estas entretinham-se em fazer pingentes com ellas, e Joaquina amimava Antonio e levantava-o nos braços...

— Por que é que as mulheres fazem isso com os os filhinhos, que a todas vejo fazer outro tanto? Será para os divertir?

— É o pretexto, mas a verdade é que, como não ha uma só mãe que não tenha o filhinho como um anjo do ceo, ainda que seja mais feio que Picio, incham-se por isso de orgulho, e querem que o mundo inteiro os contemple... Mas deixem-me em paz e não me interrompam, que não é boa educação interromper as pessoas mais velhas.

«Joaquina, que era muito babosa, começou a dizer ao filho tantas tonterias e a dar-lhe tantos beijos e abraços, que o pobre anjinho suffocou-se e desatou em choro.

—«Não chores, meu cordeirinho! — dizia-lhe Joaquina. Por que choras, filho das minhas entranhas, mais formoso que um cherubim! Não é verdade, Martinho, que nem el-rei tem um filho como o nosso? Olha, olha, sorri-se... Ainda bem!

«Martinho tomou o menino nos braços, e começou a acaricial-o como sua mulher. As meninas, porém, e a mais nova principalmente, ficaram pensativas sem fazerem já caso dos pendentes das cerejas. Observando isto Martinho, entregou o menino á mãe com certa viveza, que Joaquina interpretou por desaffeição, pelo gesto que fez; e dispunha-se a perguntar ás meninas a causa da repentina seriedade, quando Mariquinhas contrahiu os labios, limpou com a manga do vestido uma lagrima, e correu a abraçar as pernas de seu pae, como se alguem a perseguisse.

—«Que tens, filhinha? — perguntou Martinho.

—«Já não me quer! — respondeu a menina cada vez mais compungida.

—«Não te quero?—replicou Martinho acariciando-a. Como pensas isso, louquinha, quando tu e tuas irmãs são a gloria de seu pae?

—«Ora vejam uma rapariga de seis annos ao collo!— exclamou Joaquina com despeito.

—«Deixa-a, mulher, disse Martinho em tom conciliador. São coisas de crianças, que tem inveja sempre que vêem amimar as outras.

—«A inveja tira-se com meia duzia de açoites bem dados.

—«Livra-te de fazeres tal, Joaquina.

—«Só quando não haja occasião. E não digas nada ás outras, que tambem parece que se amuaram. Ellas, porém, não tem culpa; quem a tem é seu pae com o mimo que lhes dá.

—«Joaquina, deixemo-nos de semsaborias, que não nos faltam no mundo sem que as procuremos.

—«Recommendo-te outro tanto. Essas meninas perdem-te! Verdade é que mais vale cair em graça que ser engraçado.

«Dizendo isto, Joaquina desatou em chorar copiosamente, e accrescentou, beijando o filhinho:

—«Filho da minha alma, muito desgraçado te fez Deus! Ninguem te ama senão tua mãe!...

—«Mulher! — exclamou Martinho mostrando-se irado, não digas desatinos nem me provoques... Pois eu não hei de estimar o meu filho!

—«O que vejo não careço de que ninguem m'o diga.

«Vendo Martinho que sua mulher não attendia a razões, que abusava da sua paciencia e da sua bondade, e que estas scenas se reproduziam quasi todos os dias, conservou-se por instantes calado, fez um esforço por tranquillisar-se, e a final disse em tom solemne.

—«Ouve-me, Joaquina, e não te esqueças nunca do que vou dizer-te! Ninguem no mundo prezará mais seus filhos que eu prezo os meus; ninguem no mundo estimará e respeitará mais sua esposa do que eu estimo e respeito a minha; e ninguem estará mais convencido que eu de que Deus impoz ao homem o dever de amparar e defender a mulher desamparada e debil por natureza; mas ninguem estará mais convencido que eu, de que a maldição de Deus cairá sobre os homens que esquecem os mortos e desamparam os orphãos. A mulher, que está no ceo, porque viveu e morreu santamente; a mulher, a quem amava como te amo, disse-me alguns momentos antes de voar para o ceo: «Se deres madrasta ás filhas da minha alma, não consentirás que as maltrate, nem tu as maltratarás tambem, logo que ellas cumpram com o primeiro dever dos filhos, que é obedecer aos paes.» Jurei áquella mulher cumprir a sua vontade, e estou resolvido a cumpril-a, não consentindo que ninguem maltrate essas meninas, que, além de me haverem sido recommendadas pela mãe na hora do passamento, e além de serem minhas filhas, tem o titulo mais santo e mais legitimo que as crianças podem invocar para exigirem o auxilio e o amor dos homens e das mulheres — o de não terem mãe!

«Joaquina baixou a cabeça como resignada e arrependida ao ouvir taes palavras.

«Martinho apertou-lhe a mão borbulhando-lhe nas faces duas grossas lagrimas de affecto, e a paz tornou n'aquelle instante a reinar entre a familia, pois quando os homens são generosos, delicados e bons, as mulheres, que devemos suppor mais obstinadas e teimosas que más, dizem, em fim, como o Senhor: «Faça-se a tua vontade.»

(Continua)

BRINCANDO SE DIZEM VERDADES

O marquez de Fronteira e o de Tavora, que ambos aspiravam ao valimento do sr. rei D. Pedro II... estando conversando a uma janella das que caíam para o Terreiro do Paço, veiu por detraz o dito senhor, e, pondo-lhes as mãos sobre os hombros, lhes perguntou: *Em que discorrem os marquezes?* O de Tavora, que era prompto e vivo, lhe respondeu: *Estamos, senhor, vendo como nos havemos de enganar um ao outro, e ambos a vossa magestade.* (E o peior é que dizia a verdade!) D. Luiz da Cunha — *Carta ao principe D. José.*

Portal das capellas imperfeitas

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 297)

As capellas imperfeitas estão situadas por detraz da capella-mór do templo, e das quatro capellas do cruzeiro, como se póde ver na planta geral do edificio da Batalha, a pag. 125 d'este volume.

Constituem estas capellas um grande edificio de fórma octogona, independente da egreja, porém ligado á capella-mór, e ás duas immediatas, por um pateo rectangular, cujas paredes lateraes são como o prolongamento das paredes tambem lateraes do corpo da egreja.

Compõe-se aquelle edificio exteriormente de dois corpos principaes: o primeiro é formado pelo portico da entrada e por sete capellas, cada uma de tres faces, e cada face rasgada em dois terços da sua altura em uma formosa janella ou grande fresta de arcos ponteagudos. Separam as janellas, travados com os quatro angulos de cada uma d'estas capellas, gigantes ou botaréos, que acompanham as paredes até á abobada que cobre a mesma capella, faltando-lhes as pyramides que os deveriam coroar, assim como falta a grade ou renda de pedra, que os havia de unir, guarnecendo a dita abobada. O espaço que fica entre as sete capellas é aproveitado, sendo tambem abobadado e fechado com uma parede, que sobe a pouco mais de meia altura das paredes lateraes, tendo no centro uma fresta ou janella. Assim fica este primeiro corpo independente do superior pela parte externa, e resaltando d'elle para fóra. O segundo corpo é formado por oito grandes massiços de pedra, e por outras tantas janellas nos intervallos d'estes. Aquelles massiços são compostos de muitas columnas delgadas, e enfaixadas de espaço a espaço com umas faixas lavradas, a modo de anneis. Estes feixes de columnas, cujas bases assentam nos intervallos das capellas do corpo inferior, acostam-se aos angulos, e deviam servir de gigantes ao edificio central, destinado a cobrir o espaço octogonal, ou grande capella em torno da qual estão as sete capellas do corpo inferior e o portal que completa as faces do octogono.

A suspensão das obras deixou por acabar esta parte do edificio, do modo que se vê na gravura a pag. 297, copiada de uma photographia.

A capella de Santa Barbara, que é a ultima do cruzeiro da egreja, do lado do evangelho, communica-se com o convento por um corredor, no qual, exactamente por detraz da dita capella, está uma pequena porta, que deita para um vão, onde se acha outra pouco maior, com a cruz da ordem de Christo e duas espheras armillares esculpidas na parte superior d'ella, e ornada com uma tarja e cifra em relêvo, em que

avulta a letra *E*, primeira do nome *Emmanuel*. Dá passagem esta porta para o pateo rectangular, que separa a capella-mór da egreja das capellas imperfeitas, e que era destinado a servir de vestibulo a estas ultimas.

Este pateo está descoberto: mostra, porém, por um pedaço de abobada que n'elle se vê, que esta o devia cobrir todo. Aquella abobada, inteiramente differente de todas que existem no monumento de D. João I, é achatada, e dividida por numerosos artesões, com muitos florões de variados lavores. Esta obra denuncia por sua propria estructura, que foi feita na mesma epocha em que se construia a da egreja de Nossa Senhora de Belem.

É, pois, n'este pateo que fica a entrada das capellas imperfeitas. O magestoso portal que lhe dá ingresso logo previne o visitante da magnificencia e belleza da ornamentação interior; e ao mesmo tempo lhe está indicando que tem diante dos olhos um monumento de differente estilo architectonico d'aquelle que vem de contemplar. Aquella nobre simplicidade, ou sabia parcimonia de ornatos gentis, que distinguem a fabrica de D. João I, é substituida na obra que vamos observar pela profusão das decorações, por esse luxo-ornamental, que faz uma das principaes feições do estilo gothico-florido, representante da epocha del-rei D. Manuel.

Servir-nos-hemos para a descripção d'este portal das phrases com que o desenhou o chronista da ordem dominicana. Depois de fallar da primeira porta, que tem por cima as espheras e a cruz da ordem de Christo, diz assim: «Esta porta dá serventia para um pateo descoberto, que fica por detraz da capella-mór da egreja, e ao justo defronte d'ella mostra uma formosa portada, que se fórma de uns cordões, que, começando de baixo, sobem ao alto; e em volta, sem fazer signal de capitel, nem outro genero de divisão em nenhuma parte, tornam a descer pela outra até ao chão; e começando a fazer com o primeiro, que fica mais fóra de todos, uma grande abertura de portal, os que se lhe juntam, que são seis, vão recolhendo e apertando a entrada com tal diminuição, que vem a ficar em uma moderada porta. São os cordões todos sete deseguaes em grossura, como tambem são differentes em feitio; mas todos entalhados de variedade e subtileza de lavores tão perfeitos, e com tanto primor e mimo obrados, como se fosse na mais facil e obediente madeira, de quantas servem para esculptura. Assim fazem a obra admiravel de custosa, considerado o tempo que levaria de lavrar e polir cada pedra, e as muitas que se perderiam, estalando com a força do ferro e subtileza do lavor. Em quatro cordões d'estes é parte do feitio uma letra interposta a espaços, a qual escripta com os mesmos caracteres que tem esculpida, é a seguinte: «*Tanyas erey*»... communicada a letra com pessoas de grande juizo, assentámos ser grega. Porque *tanyas* é accusativo do nome grego *tanya*, que é o mesmo que *região;* e *erey* é o imperativo do verbo *ereo*, cuja significação é *buscar*, *inquirir*, *investigar*. E fica-se dizendo em nome do senhor do templo a el-rei D. Manuel, que o edificava... buscae, inquiri novas regiões e climas; como animando-o a não desistir de seus valorosos pensamentos. E quadra bem a significação com a empreza, que então actualmente occupava este principe, do descobrimento da India; e tambem com a divisa de sua mysteriosa esphera, que acceitada por elle a outro fim, foi prognostico de se lhe haver de sujeitar grande parte do mundo.»

Transpondo este lindo e gracioso portal, que a nossa gravura representa, entra-se no grande espaço octogonal, cercado pelas sete capellas, das quaes a mesma gravura mostra tres.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O FOGO

(Conclusão. Vid. pag. 311)

XVIII

TODO O FOGO PROVÉM DO SOL

Eis-nos em face da asserção que logo ao principio fizemos. Qual é a origem do fogo? Vimos que se produz fogo por meio de acções mecanicas, como é a fricção, a percussão, etc.; tambem vimos que se obtem fogo pelas acções chimicas, queimando o carvão, o phosphoro, o ferro, o hydrogeneo, etc.; a electricidade e magnetismo tambem nos fornecem meios de obter fogo, etc. Haverá, pois, muitas fontes diversas de fogo? Todas se podem reduzir a uma só — o carvão.

Com effeito, para obter o hydrogeneo, assim como para obter a electricidade na pilha, é preciso empregar o zinco; e este metal obtem-se reduzindo o seu minerio por meio do carvão. É ainda o carvão que serve para obter o ferro, o magnesio e os outros combustiveis; que a machina de vapor continue a reinar sem rival por todo o mundo, ou que seja substituida por qualquer outra, em definitivo será sempre o carvão que determinará o movimento.

Para desenvolver o fogo por meio do magnetismo é necessario aproximar e afastar alternadamente os magnetes, ou electro-imans, e este movimento tem de ser dado por um motor qualquer, cuja origem será sempre o carvão.

Pelas mesmas razões se vê que todo o calor desenvolvido por acções mecanicas, isto é, por movimentos, qualquer que seja o motor, é devido ao carvão.

Os seres animados não podem viver sem tambem queimarem carvão. Um homem queima no acto da respiração, termo médio, 12 grammas de carvão por hora, o que dá mais de 100 kilogrammas por anno. A quantidade de carvão queimado no acto da respiração depende tambem dos movimentos que nós fazemos: quando o homem trabalha precisa mais alimentos que quando está tranquillo; e nos alimentos entra em grande quantidade o carvão. A combustão do carvão é, pois, a unica fonte de movimento, a unica fonte de calor e luz, e, portanto, a unica origem do fogo.

A verdadeira força da Inglaterra está na riqueza que possue nas suas minas de hulha, ou carvão de pedra, que são exploradas desde tempos immemoriaes. Desde a invenção das machinas de vapor, o consumo da hulha tem augmentado de um modo espantoso; a exploração dos vastos depositos de hulha tem crescido em enorme escala; e tudo faz suppor que ainda deve augmentar. Não deveremos, pois, recear que um dia falte este principio de todo o movimento, esta origem do fogo? Os calculos tem mostrado que, suppondo mesmo um consumo sempre crescente de carvão, serão ainda necessarios alguns mil annos para se esgotarem as minas de hulha que se conhecem.

Todo o carboneo queimado se converte em acido carbonico que se espalha na atmosphera: é o reino vegetal que se encarrega de nos restituir este carboneo, que a respiração do homem e dos animaes, bem como as diversas combustões, tinham transformado em acido carbonico. Com effeito, as plantas, no acto da respiração, absorvem o acido carbonico existente no ar, e expellem o oxigeneo. É nas partes verdes, e debaixo da acção do sol, que se exerce a respiração. Graças a este maravilhoso trabalho, a composição da atmosphera conserva-se a mesma, e o carvão accumula-se nos vegetaes, preparando-se nos nossos pantanos os materiaes de depositos de carvão para os seculos futuros.

É pela acção do calor e da luz do sol que o acido carbonico existente na atmosphera é decomposto pelas

plantas, sendo este calor e esta luz restituidos pela combustão do carvão. É pela acção do sol que as plantas crescem, que se cobrem de folhas e de flores, e que se produzem os fructos. É tambem graças ao sol que todos os animaes vivem, pois que uns alimentam-se de vegetaes que se formaram pela acção do sol, e outros alimentam-se de outros animaes, os quaes se alimentaram de plantas. Quando o tigre come o carneiro, alimenta-se á custa dos vegetaes com que o carneiro se nutriu, vegetaes que o fogo solar creou e desenvolveu. Os proprios animaes que fogem da luz do sol se alimentam á sua custa, pois que, comendo insectos, nutrem-se de animaes que comem raizes de plantas que só o calor e luz do sol podem desenvolver.

O nosso grande Garrett graciosamente descreve a acção do sol sobre o nosso planeta, nos seguintes versos:

Salvè, imagem do Eterno! olho do mundo
Que a doce vida no universo esparzes!
Ao teu assomo as delicadas flores
Vão na hastea humilde endireitando as frentes.
Já pela copa ás arvores frondosas
Os fechados botões se desabrocham,
Pula na terra germinando e cresce
A encerrada semente, esperança e fito
Do lavrador cançado. Ó terra, e quantos,
Quantos encobres ávida mysterios
Que nos teus penetraes obram seus raios?

Assim, sem contar as erupções volcanicas e o fluxo e refluxo das marés, todo o movimento produzido, toda a vida entretida á superficie da terra consome calor e luz que pertenceram ao sol; podêmos, pois, dizer que todo o fogo provém do sol. Tem, pois, razão a mythologia quando diz que Promethen roubou os raios ao sol para os transportar para a terra, porque, com effeito, queimando a madeira, Promethen não fez mais que libertar a quantidade de calor e luz que o sol tinha fornecido para desenvolver a madeira, e que n'esta se tinha armazenado, por assim dizer, debaixo da fórma de carvão.

Podêmos, pois, repetir, como o imperador do celeste imperio, a phrase do poeta que, enthusiasmado com as bellezas da creação, e esquecendo por um momento o Creador, exclamou: *Nós somos filhos do sol.*

XIX

HARMONIAS DA NATUREZA

Nas ondas do occidente
O sol se inclina ao mar;
Um raio do poente
Me vem aos pés vibrar;
E como seu trophéo,
No horisonte doirado
De purpura tarjado, esplende o ceo!

Ao longe ruge o Oceano;
Rescende ao perto a flor;
Além o pégo insano;
Aqui um casto amor;
A imagem do poder,
E da belleza a imagem,
De um Deus alta mensagem mandam crer!

Mendes Leal.

Nada ha mais bello e poetico do que as harmonias da natureza. Como é bello o sol na magnificencia e esplendor que espalha sobre o nosso planeta! Como diz Monplaisir:

Que le soleil est beau dans sa magnificence!
Quelle douce chaleur annonce sa présence,
Quand sa vive lumière, éclairant nos forêts,
Envahit nos vallons, nos lacs et nos guérêts!
Quand ces rayons dorés, sur nos hautes montagnes,
Font scintiller le roc et fleurir nos campagnes,
....

O sol, centro da vida, do systema planetario, dando logar a transformações successivas, mantem sempre a mesma potencia em circulação. Nada se cria; nada se anniquila. O maravilhoso com que se acha a todo o instante em contacto aquelle que estuda os phenomenos da natureza é soprendente; é de fazer empallidecer tudo o que se tem pintado de mais milagroso na mythologia, nos romances e nas religiões diversas. É preciso um grande esforço para não nos perturbarmos á vista de um grandioso tão sublime. Vêde as nossas industrias todas, os immensos materiaes de guerra de todas as nações, as esquadras, os navios a vapor, os caminhos de ferro, etc.: tudo foi gerado por uma porção da energia do sol, que, segundo Tyndall, não attinge a pequenissima fracção de $\frac{1}{2300000000}$.

Considerem-se todas as nossas energias mecanicas reunidas, os nossos rios e quédas de agua, os ventos, as nossas minas, as florestas, os animaes, etc. São tudo manifestações da potencia do astro brilhante, origem da vida e do movimento.

É o sol que mantem no estado liquido as aguas dos mares, no estado gazoso a atmosphera. A sua acção faz evaporar as aguas, cujos vapores se condensam e solidificam nas altas montanhas, dando logar á formação das geleiras, que, fundindo-se pela sua base, adquirem um lento movimento descensional, dando origem aos cursos de agua, onde, pela acção do sol, este liquido de novo se evapora, e os seus vapores, condensando-se e gelando, formam novas geleiras, e assim successivamente, caminhando n'um circulo sem principio nem fim, eterno como o Deus que o determinou, e que preside ás harmonias do universo. Como diz Bocage:

Tu, que tens no seio a eternidade,
E em cujo resplandor o sol se accende,
Grande, immutavel Ser, de quem depende
A harmonia da etherea immensidade.
....

As tempestades no mar e na atmosphera são ainda uma emanação da força mecanica do sol; os trovões, os raios, os relampagos, são uma transformação da sua energia. Cada acção mecanica exercida á superficie da terra, cada manifestação physica ou vital, inorganica ou organica, tem a sua origem no sol.

A fracção da energia do sol absorvida pela terra é, como dissemos, pequenissima; mas d'esta fracção só uma insignificante parte se transforma em força mecanica. Se multiplicassemos por milhões de milhões a somma das energias mecanicas de que podêmos dispor á superficie da terra, não chegariamos a representar o consumo do calor solar.

Se percorremos o espaço com a nossa imaginação, e nos lançâmos pelo meio de outros systemas e de outros soes, somos levados a crer que cada um espalha a sua energia pelo espaço em que brilha, e sempre sem infracção da lei da conservação; sempre transformações incessantes; nunca perda nem ganho. Podêmos dizer como Salomão: *Nada é novo em presença do sol.*

É este o bello da natureza, o infinito e a variedade na unidade. Nada podêmos tirar nem juntar á natureza, pois que a somma das suas energias é constante. O que podêmos fazer é transformar ou mudar as partes constituintes d'esse todo, que é invariavel. Quando os alchimicos queriam transformar os diversos metaes em oiro, não eram chimicos praticos, mas eram altamente philosophos. Ainda mais, nada nos impede de admittir, pelo contrario, as analogias nos levam a crer, que a materia é uma unica, susceptivel de indefinidas transformações.

Que os asteroides se convertam em soes, como querem Mayer e Tyndall; que estes soes se transformem

em plantas e animaes; que estes se decomponham ou transformem em gazes, a potencia em circulação é sempre a mesma.

Como diz o sabio Tyndall, todas as manifestações da vida e do movimento, todos os phenomenos, ainda os mais variados, são modulações harmonicas de uma mesma celeste melodia.

FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

FR. AGOSTINHO DE SANTA MARIA

É a antiga villa e praça de Estremoz uma das mais notaveis povoações da provincia do Alemtejo, celebrada pela amenidade da sua situação, e como que singular pela belleza dos seus marmores, não menos que pelo seu excellente barro, que, extrahido em grande cópia dos terrenos circumvisinhos, serve de materia para os curiosos e prestadios artefactos, que no uso domestico são tidos em estimação dentro e fóra do reino. Da propensão de seus naturaes para o cultivo das sciencias e letras dá testimunho a *Bibliotheca Lusitana* do abbade Barbosa Machado, mencionando os nomes e obras em diversos generos de escriptores que d'ella foram filhos, em numero de vinte e sete, a que posteriormente podem addicionar-se mais alguns.

Ahi, pois, a 28 de agosto de 1642, nasceu de Antonio Freire e Catharina Gomes (de cujas condições e estado social não resta memoria averiguada) um menino, a quem seus paes pozeram no baptismo o nome de Manuel, e que pelo tempo adiante, reunindo a este nome os appellidos da familia, veiu a chamar-se Manuel Gomes Freire. Se a incuria dos biographos nos deixou totalmente ignorantes das circunstancias relativas á sua puericia e juventude, observa-se quasi egual negligencia e omissão, já agora irreparavel, com respeito a quaesquer particularidades ou incidentes nos periodos seguintes da sua larga carreira; de sorte que bem póde dizer-se d'elle, como de tantos outros, *que a sua verdadeira biographia está nos livros que escrevêra.*

Sabemos apenas, que na edade de vinte e tres annos, resolvido a trocar o bulicio do mundo pelas asperezas do claustro, tomára a 18 de dezembro de 1665 o habito dos eremitas descalços na ordem reformada de Santo Agostinho (cujo instituto começava então a propagar-se em Portugal [1]), cabendo-lhe a primazia de ser o primeiro noviço admittido á nova congregação; e que em 19 de dezembro do anno seguinte fizera profissão de votos solemnes no convento de Nossa Senhora do Monte Olivete, extra-muros de Lisboa, mudando o antigo nome no de fr. Agostinho de Santa Maria, em obsequio ao santo patriarcha, cuja festividade annual coincidia justamente com o proprio dia do seu nascimento. Parece que algum tempo depois passára ao convento de Nossa Senhora das Mercês, do mesmo instituto, já então fundado na cidade de Evora, a fim de seguir ou aprofundar ahi os estudos proprios do seu novo estado, os quaes concluíra dando de si provas taes de talento, applicação e sisudez, que em breve o habilitaram para ser elevado aos logares preeminentes e governança da ordem.

Intercalando as práticas religiosas, e o exercicio das virtudes monasticas, em que se diz fóra insigne, com o desempenho dos cargos de chronista, prior no convento de Evora, secretario da provincia, definidor geral eleito tres vezes, e por ultimo vigario geral de toda a congregação [1], viveu fr. Agostinho perto de sessenta annos no claustro, dedicando quotidianamente á lição dos livros e escriptos alheios, e á composição dos proprios, todo o tempo que suas obrigações lhe deixavam.

Apesar de tão aturada leitura, referem os seus biographos de maravilha, que nunca houve mister até ao cabo da vida o auxilio de oculos, nem carecêra jámais de amanuense de que se ajudasse para escrever os numerosos livros que compoz, ou traduziu, tanto historicos como asceticos. Sobem ao numero de vinte e oito os tomos em diversos formatos, que imprimiu em sua vida; cujos titulos e assumptos podem ver-se descriptos no artigo competente do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. I, de pag. 18 a 20, e na *Bibliotheca* de Barbosa; afóra mais algum, que já recentemente nos veiu á mão, e que se omittíra por falta de noticia, como se dirá no *Supplemento* ao dito *Diccionario*, se as circunstancias nos favorecerem para o darmos á luz publica. Accrescem ainda áquelles varios outros tomos, que ficaram manuscriptos, mencionados pelo referido Barbosa, e cujo destino ignorâmos.

De todas estas obras é sem dúvida a mais importante, e que bem merece ser versada pelos estudiosos amadores das coisas patrias, o *Sanctuario Marianno, ou Historia das imagens milagrosas e milagrosamente apparecidas de Nossa Senhora, veneradas em todo o reino de Portugal e seus dominios*, publicado successivamente em dez tomos no formato de 4.º, de que o primeiro saiu impresso em 1707 e o ultimo em 1723, estampados todos em Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galrão. Contámos em numero de *mil setecentas setenta e sete* as imagens da Virgem Purissima commemoradas n'este vasto e copiosissimo repositorio, onde de mistura com a narrativa de lendas piedosas, e milagres verdadeiros ou apocryphos, se encontram variadas e exquisitas noticias historicas, topographicas, archeologicas e artisticas, relativas a Portugal, e a individuos e coisas portuguezas, e mais ou menos aproveitaveis a todos os respeitos. Pena é, que nem todas estejam no caso de passarem pela fieira da critica escrupulosa, porque fr. Agostinho, ou por nimia credulidade, ou por demasiada boa fé, mostra-se facil em dar assenso a testimunhos suspeitos, e a deixar-se guiar por auctores reconhecidamente mentirosos.

Como esta obra se vae tornando cada dia mais rara, e subindo progressivamente de preço, pois que os ultimos exemplares de que temos noticia se venderam a 13$500 e 14$400 réis, não julgâmos fóra de proposito dar aqui aos leitores do *Archivo*, que a não tiverem lido, e que houverem de consultal-a, a distribuição das materias contidas nos dez tomos, pela sua ordem numerica.

Contém o tomo I a historia das imagens que se veneram na cidade de Lisboa: o II a das que se veneram nas egrejas do arcebispado (hoje patriarchado) da mesma cidade: comprehende o III as que se veneram

[1] Traçada esta reforma no seculo XVI pelas zelosas e pias aspirações dos veneraveis padres fr. Luiz de Montoya e fr. Thomé de Jesus, não chegou a ter effeito. Só obteve successo andado quasi um seculo, pelos cuidados e diligencias de outro agostiniano, fr. Manuel da Conceição, confessor da rainha D. Luiza de Gusmão, e tido por alguns como filho natural del-rei D. João IV; posto que no assento da sua profissão lhe assignassem por pae D. Pedro Pueros, sacerdote irlandez, que se refugiára n'este reino para escapar ás perseguições religiosas em que ardia a sua patria. Este fr. Manuel da Conceição, protegido efficazmente da rainha (que para logo dotára a recoleição com dois conventos, um do sexo masculino e outro do feminino, fundado a expensas suas no sitio do Grilo), tomou o novo habito com mais quatro companheiros, participantes do seu religioso fervor, em 21 de fevereiro de 1664. Pouco depois foi investido no cargo de vigario geral apostolico da nova congregação. Esta não tardou em dilatar-se pela capital e provincias do reino, ficando os membros d'ella mais geralmente conhecidos pela denominação vulgar de *Grilos*, proveniente quer do sitio onde assentaram a sua primeira fundação, quer da côr dos habitos e capuzes inteiramente pretos, que os cobriam. Dos dezeseis conventos e seis hospicios que a ordem contava em Portugal ao tempo da extincção, poucas ou nenhumas noticias nos ficaram, além do que com particular respeito a fundação e primeiros habitadores do convento de Santarem escreveu fr. Luiz de Jesus, na sua *Historia miscellanea da fundação do mesmo convento,* impressa em Lisboa em 1731, no formato de 4.º

[1] Barbosa Canaes (nos *Estudos Biographicos*, pag. 236) equivocou-se, segundo cremos, affirmando que elle servia este ultimo cargo em 1682, quando é certo que só o veiu a exercer entre os annos de 1716 e 1722, se fallam verdade os rostos do *Sanctuario Marianno.*

nos bispados da Guarda, Lamego, Leiria e Portalegre; no priorado do Crato e na prelazia de Thomar: o IV é do arcebispado de Braga, e do bispado de Coimbra, seu suffraganeo; continuando no V os bispados do Porto, Viseu e Miranda (hoje Bragança): no VI vem as imagens do arcebispado de Evora, e dos bispados do Algarve e Elvas: no VII se descrevem em supplemento as que, por falta de conhecimento, ficaram por mencionar nos seis tomos precedentes: o VIII é das imagens que se veneram na India oriental, e mais conquistas de Portugal, Asia insular, Africa, e nas ilhas Filippinas: o IX contém as do arcebispado da Bahia e de Pernambuco, Rio Grande, Parahiba, Maranhão e Grão-Pará: o X, finalmente, as do bispado do Rio de Janeiro, e das ilhas do Oceano, Madeira, Porto-Santo, Açores, Cabo-Verde, S. Thomé, e das Canarias.

A locução de fr. Agostinho, n'esta e nas outras suas composições, corre geralmente correcta, desempeçada, e não falta de elegancia; e quanto ao estilo, se não póde isentar-se totalmente do gosto depravado que predominava no seu seculo, releva confessar que nas suas obras se encontra mais clareza e bom siso, com muito menos dos trocadilhos, metaphoras e conceitos arguciosos, de que affectadamente se arreiavam os escriptos dos seus contemporaneos.

Fr. Agostinho de Santa Maria

Chegára fr. Agostinho á provecta edade de oitenta e seis annos com saude e robustez, promettedoras de mais longa vida, e taes que ainda em 1728, na semana santa que precedeu a sua morte, lhe permittiram fazer os jejuns do costume a pão e agua, e celebrar missa com toda a solemnidade no domingo da Resurreição. Porém aproximava-se o termo inevitavel da sua existencia caduca, e cumpria-lhe deixar o mundo, onde, segundo a phrase do Evangelho, não fôra servo sem proveito. Adoecendo poucos dias depois, na sexta feira *in albis*, que se contavam 2 de abril, passou para a eternidade. O seu cadaver foi no dia immediato sepultado na egreja do convento de Nossa Senhora da Boa Hora de Lisboa, que, padecendo total destruição pelo terremoto de 1755, passou depois de reedificada, e supprimidas as ordens regulares, a servir, com o resto do convento, para n'elle se accommodarem, bem ou mal, os tribunaes de justiça de primeira instancia e suas dependencias.

Na profanação do convento, o retrato de fr. Agostinho, que seus confrades conservavam com outros nos dormitorios, como brazões de honra, passou para a bibliotheca nacional de Lisboa, onde se acha agora decentemente collocado. D'elle é cópia fiel a gravura que os editores do *Archivo* apresentam n'este numero aos seus leitores, acompanhada d'estas linhas, destinadas a perpetuar, do modo que nos é possivel, a memoria d'este exemplar religioso e fecundissimo escriptor.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

A MADRASTA

(CONTO POPULAR)

(Vid. pag. 318)

IV

«Joaquina não era má... porém era madrasta, e por isso o rifão popular não podia deixar de verificar-se. Por mais esforços que fizesse para estimar as enteadas, não podia vêl-as.

«Martinho e sua mulher viviam bem na apparencia; mas só na apparencia, porque Martinho sabia que Joaquina não estimava as enteadas, e Joaquina sabia que Martinho não queria tanto ao filho como ás filhas.

«Bastava que Martinho fizesse a menor caricia ás meninas, para que o espirito mau ateasse o fogo da inveja no coração de Joaquina. Sabia-o Martinho, e chorava amargamente; mas como sua mulher guardava o despeito para comsigo, elle tambem guardava o que lhe ia no intimo. Quem pagava isto era o pobre menino, a quem Martinho, por mais esforços que fazia, e embora considerasse que era tanto seu filho como as meninas, ia, se não aborrecendo, quando menos olhando com indifferença.

«Joaquina tinha desejo de assentar a mão nas meninas, mas ainda não achára occasião opportuna para satisfazer esse desejo, porque Martinho dissera-lhe que unicamente consentiria que lhes batesse quando faltassem á obediencia; e as pobres meninas eram tão humildes e tão bem mandadas, que faziam sempre pontualmente quanto lhes ordenava a madrasta, ape-

sar das lograções em que as enredava para que não podessem cumprir as suas ordens, coisa que depois Joaquina qualificaria de desobediencia.

«Se Joaquina estudava com o demonio para inventar coisas raras e difficeis, a fim de as prescrever ás enteadas, as enteadas contavam sem duvida com o auxilio de Deus para as cumprirem, porque parecia impossivel que, sem ser assim, as executassem tão a salvo.

«Um dia determinou que Isabel, a primogenita, fosse levar no jumento um costal de trigo ao moinho immediato, e que voltasse a casa em meia hora, que era o tempo necessario para desempenhar a incumbencia sem descançar. O caminho estava mau, e a madrasta contava que o jumento cairia, e que, não tendo Isabel n'aquelle sitio quem a ajudasse a carregar, demorar-se-hia mais do que lhe determinára, e proporcionar-lhe-hia occasião de bater-lhe.

«O jumento caiu, com effeito; mas á falta do auxilio dos homens, a infeliz menina encontrou na sua intelligencia modo de sair do apuro. Isabel levou o jumento para junto de um terreiro cortado perpendicularmente; foi rolando o costal para cima do terreiro; d'alli o poz no dorso do animal, e antes da meia hora prescripta regressava a casa mais alegre que as andorinhas.

«Certa manhã, antes do meio dia, saiu Joaquina para o campo, onde estava seu marido, a menina mais velha, a mais nova e o menino. Ao sair disse a Theresa, que ficava só em casa:

—«Cuida da panella e põe a mesa ao meio dia, porque a essa hora viremos todos jantar. Aqui tens a chave da despensa, tira alguns cachos das uvas que lá estão a seccar, e leva-os para a mesa.

«Theresa cuidou da panella; ás onze horas e meia poz a mesa com o maior cuidado, e em seguida tomou a chave e um prato, e foi á despensa tirar as uvas; mas a fechadura estava enferrujada, e Theresa, que tinha pouca força, não conseguiu abril-a, por mais que o tentasse. A madrasta previra-o naturalmente, e é por isso dera a ordem.

«Theresa desesperava-se, entretanto, ouvindo bater o meio dia, vendo que não podia tirar as uvas, e que a madrasta, assim que chegasse, lhe bateria irremediavelmente.

«As uvas estavam postas em distancia da porta. A menina foi buscar uma canna para ver se lhe chegava pela gateira, mas seus esforços eram inuteis; quiz chamar uma visinha para que lhe abrisse a porta, mas a casa mais proxima estava na distancia de cem metros, e não havia tempo a perder.

«Theresa tinha o costume, que tem as crianças, de invocar sua mãe em todas as afflicções.

—«Oh! minha mãe, que hei de fazer? — exclamou a pobre menina.

«Sua mãe ouviu-a, sem dúvida, e inspirou-lhe o meio de sair da difficuldade; pois dando um salto de alegria, como de pessoa que em fim encontra o que desejava encontrar, apoderou-se da *Caroucha*, que lhe miava ao lado, como dizendo: «Quando se comerá?» atou-lhe uma corda, e metteu-a na gateira, lançando para as uvas um pedaço de queijo atado com barbante; e quando a *Caroucha* se aproximava do queijo, puxou este, e a gata, envolvendo-se nas uvas, trouxe arrastadas as de que Theresa carecia. A madrasta não poderia ainda satisfazer o seu desejo na pobre menina.

«A mais nova gostava muito de maçãs. Um dia a madrasta colheu um cesto das melhores e mais odoriferas, e Mariquinhas, a quem não deixaram proval-as, amuou-se por isso.

«Joaquina deixou só a menina ao lado do tentador cesto, recommendando-lhe que não comesse nenhum fructo, e escondeu-se em uma casa proxima, certa de que se lhe apresentaria agora occasião favoravel de castigar Mariquinhas, logo que a apanhasse a comer as maçãs, transgredindo assim a sua recommendação.

«Esteve Mariquinhas resistindo por muito tempo ao seu appetite, mas, a final, decidiu-se a tomar uma das deliciosas maçãs. Ia já a cravar-lhe os dentes, quando appareceu a madrasta com gesto irado. A menina apressou-se em passar a maçã dos labios para o nariz, e disse em seguida, mostrando-a illesa:

—«Minha mãe, estive a deliciar-me com este aroma.

«Joaquina teve que deixar tambem illeso o corpo da menina.»

Os casos que lhes referi, meus netos, dar-lhes-hão idéa do muito que essa mulher estudava com o demonio, para ter occasião de castigar as enteadas, e dos esforços que as enteadas faziam para que a madrasta não realisasse o seu mau intento.

V

«As meninas iam crescendo.

«E a madrasta considerava-as já com tanto proposito, que as mandava a Valmaseda nas quartas-feiras e nos sabbados, que eram alli os dias do mercado, para cada uma vender um cesto de ovos ou de fruta.

«Um sabbado entregou a madrasta cincoenta peras de S. João a Isabel, trinta a Theresa, e dez a Mariquinhas, e disse-lhes:

—«Venderão em Valmaseda as peras por egual preço, e cada uma de vossês ha de trazer-me a mesma quantia de dinheiro.

—«Isso não póde ser, mãe! — replicaram as meninas.

—«Não sei se póde, façam por que seja assim. E não me repliquem, obedeçam-me, senão bem sabem o que lhes acontecerá.

«As meninas curvaram a cabeça aterradas, e, tomando os cestos, dirigiram-se para o mercado.

«A casa, como já disse, estava um pouco retirada das outras da aldeia. Assim que se afastaram d'ella, as tres meninas pararam a fim de concertarem o meio de sair da difficuldade em que a madrasta, segundo o costume, as envolvêra.

—«Como nos ajustaremos para fazer o que a mãe nos ordenou? — disse Isabel.

—«Não sei, replicou Theresa.

—«E se o não fizermos, accrescentou Mariquinhas, indicando com a mão direita aberta o acto de sacudir o pó, dar-nos-ha por modo que nos arrependeremos de não ter cumprido as suas ordens.

—«Para obtermos quantia egual de dinheiro, o melhor é que a que tenha poucas peras as venda caras, e a que tiver muitas as venda baratas.

—«Porém a mãe disse-nos que as temos de vender pelo mesmo preço.

—«Tens razão.

—«Olhem, disse a mais nova, que parecia ser a mais ladina, como se póde inferir pelo que se passou com as maçãs, assim que vendamos as peras, faremos com o dinheiro tres quinhões eguaes e cada uma tomará o seu.

—«Santo nome de Jesus! E se a mãe o soubesse! — replicou Theresa.

—«Além d'isso, accrescentou Isabel, melhor é levar pancadas que mentir; não é assim, Theresa?

—«Certamente.

—«Mas a mãe não póde sabel-o...

—«Póde, póde, Mariquinhas. Não ouviste dizer á sra. mestra que ha um passarinho, que quando as meninas mentem diz tudo aos paes?

—«Pensam que não sei que essa historia não é verdadeira... como se fosse tonta!

—«Não te canses; a mãe bater-nos-ha, mas dir-lhe-hemos a verdade.

«As meninas ficaram silenciosas por instantes, meditando no partido que deveriam adoptar.

—«Occorre-me, disse Isabel, que, quando passarmos pela eschola, entremos alli para pedir ao sr. João Ajusta-Contas, que sabe tudo, nos ajuste a que devemos apresentar.

—«Tens razão, approvâmos a lembrança, responderam-lhe Theresa e Mariquinhas recuperando a esperança.

«E as tres irmãs tomaram outra vez os cestos, e proseguiram o caminho.»

Vamos agora saber quem era o sr. João Ajusta-Contas.

Permittam-me que interrompa por um momento a narração de minha avó.

É possivel que, vendo o retrato que vae fazer de um mestre de eschola, digam que a boa senhora phantasiava. Se disserem tal, modificarão logo similhante opinião quando passarem por Galdemes e pelo bello concelho de Supuerta, onde os que frequentaram a eschola nos ultimos annos do seculo passado, conservam escriptas em profundas cicatrizes a memoria de um barbaro mestre chamado Teltitu, que se vangloriava de que não saía nenhum rapaz da sua eschola sem ficar marcado para toda a vida.

Tendo-se n'aquelle tempo por incontrovertivel a estulta e selvatica maxima: «*A letra com sangue entra*», a jactancia do alludido mestre era logica, e até certo ponto desculpavel. Dizer: «Da minha eschola não sairá nenhum rapaz sem estar marcado para toda a vida», valia tanto como dizer: «Da minha eschola não sairá nenhum rapaz sem que lhe haja *entrado a letra*.»

Deixemos, porém, referir a boa da minha avó, que refere muito melhor que eu.

«Era o sr. João Ajusta-Contas mestre de eschola de aldeia, e devia esta alcunha ao costume de ameaçar os discipulos dizendo-lhes: «Deixem estar que lhes ajustarei as contas», e, principalmente, á fama de mui habil em arithmetica. Só uma vez esteve a ponto de perder esta fama.

«O parocho e as auctoridades civis foram um dia visitar a eschola, e entretinham-se em examinar o aproveitamento dos alumnos, fazendo-lhes diversas perguntas. Um rapaz da pelle do demonio, como se diz, a quem nada se lhe perguntára, e, por conseguinte, não tivera occasião de brilhar, coisa que não lhe era muito aprazivel, decidiu-se a perguntar elle, visto que não lhe perguntavam.

—«Sr. mestre, disse, faz-me o favor de responder-me a uma pergunta?

—«Pergunta o que quizeres, respondeu o mestre; bem sabes que desejo me perguntem sempre o que não saibam, pois o que pergunta não erra.

—«Meu pae tem agora tres vezes mais edade que eu. Chegará um dia em que só tenha o dobro?

—«Essas não são perguntas que se façam, respondeu o mestre. Para que succedesse tal coisa, era mister que o relogio parasse para teu pae e continuasse a andar para ti.

—«Pois eu julgo, replicou o alumno, que sem parar o relogio para nenhum de nós, póde chegar meu pae a ter nada menos que o dobro da minha edade.

—«Cala-te, cala-te, ignorante, que isso não tem senso commum, exclamou o mestre agitado, mas sem lançar mão das disciplinas por causa das pessoas que estavam presentes, as quaes observavam com desgosto que aquelle discipulo travêsso quizesse dar quinau no melhor arithmetico de Biscaya, e principalmente se empenhasse em sustentar uma coisa que se lhes afigurava tão absurda como ao proprio mestre.

—«Pois vou provar, replicou o alumno, que o que digo é acertado. Tenho doze annos, e meu pae tem trinta e seis; de hoje a doze annos terei vinte e quatro e meu pae quarenta e oito; logo, meu pae, que presentemente me triplica a edade, terá então só o dobro dos annos.

«O mestre ficou mais alvo que a parede, e o parocho e as outras pessoas presentes soltaram uma gargalhada, exclamando:

—«Ora essa! o rapaz tem razão! Mas, sr. mestre, vossemecê, que é o melhor arithmetico de Biscaya, ignorava o que sabem até os alumnos da eschola primaria?

«A fama do sr. João Ajusta-Contas necessitou de longo tempo para apagar a lembrança d'aquelle desar, que os pobres discipulos pagaram caro, e, sobre todos, o do maldito problema.

«O mestre João pozera na sala da eschola um quadro em que inscrevêra com letras mui gradas: «*A letra com sangue entra*»; e digo-lhes com verdade, meus queridos netos, que o sr. Ajusta-Contas nunca mais se esqueceu da applicação de tal maxima.

«Quando se fallava ácerca de se os alumnos saíam ou não com aproveitamento da sua eschola, o sr. João Ajusta-Contas costumava dizer, rebentando de orgulho: «Tenho a presumpção de que os alumnos da minha eschola saem marcados para toda a vida. Dizendo isto, nada mais tenho a accrescentar a respeito do seu aproveitamento.»

«E o mestre de meninos não exaggerava. Um saía marcado na cabeça, por causa de um tinteiro que lh'a abríra; o outro com uma costura no rosto, por causa de uma chibatada; e todos com o attestado dos estudos escripto no corpo.

«O sr. João Ajusta-Contas não quizera casar-se, porque dizia que as verdadeiras e mais fieis companheiras dos mestres de primeiras letras eram as disciplinas e a palmatoria, e não as mulheres, que deitavam a perder os membros do magisterio infundindo-lhes sentimentos de affecto e amor para com as crianças.

«As disciplinas acompanhavam-n'o sempre, com effeito; se ia dar um passeio, levava as disciplinas na mão e a palmatoria na algibeira; se ia á missa, as disciplinas na mão tambem; se fazia uma digressão a Valmaseda ou a Bilbao, as disciplinas substituiam a bengala; e na eschola como na rua, na egreja como na romaria, estavam sempre as disciplinas do mestre João Ajusta-Contas erguidas sobre as orelhas dos pobres rapazes.

«O mestre Ajusta-Contas era a personificação da terrivel maxima escripta na parede da sua eschola.

V

«Era sabbado.

«Nos sabbados, como sabem, meus queridos netos, ha só eschola de manhã; porém os alumnos, para com os quaes o mestre, por conveniencia propria, era benevolente, supprimiram a eschola de manhã, e por isso todos fizeram feriado.

«O sr. João Ajusta-Contas estava á sombra da parreira que havia á porta da eschola, lendo as *Guerras de Flandres* a umas visinhas, que, sentadas em escabellos, cosiam tambem debaixo da parreira, e entre as quaes se achava Romana, a excellente anciã que em outro tempo aconselhava Martinho a que se casasse. O sr. João era muito dedicado a historias de guerras, e se as guerras eram sanguinolentas, tanto melhor. Ao que parece, nada tem que ver os soldados com os mestres de eschola; mas o sr. João Ajusta-Contas encontrava muita similhança entre uns e outros, porque os soldados dão lições ás nações, e os mestres aos cidadãos, colhendo uns e outros sangue e lagrimas.

«As filhas de Martinho viram o ceo aberto quando viram o mestre, pois receavam que andasse por aquelles sitios fazendo provisão de varas de marmeleiro

para a semana, operação a que costumava dedicar grande parte do sabbado.

—«Vem do mercado as filhas de Martinho, disse uma das visinhas vendo as meninas que se approximavam.

—«Valha-me Deus, accrescentou Romana, que más entranhas tem a Joaquina! Sempre as pobres meninas em roda viva!...

—«Ella não tem a culpa; quem a tem é Martinho, que o consente.

—«Se a pobre Domingas, que Deus haja, erguesse a cabeça e visse como andam as filhas de suas entranhas!

—«É procedimento de madrasta! Como não são seus filhos!...

—«Quando as mães fallecem deviam poder levar comsigo os filhos pequenos.

—«É verdade!... Dá-me que pensar a transformação da Joaquina. Não o acreditaria se não visse. Ella é trabalhadora, mulher de casa, boa para o marido, boa para as visinhas, boa para os pobres, e só é má para as enteadas.

—«Que quer? é madrasta, e o nome lhe basta, como diz o adagio.

—«Ella tem um filho, disse Romana, e Deus sabe se ámanhã procederão para com elle como ella procede agora para com essas meninas. Deus castiga sem pau...

«As meninas chegaram n'aquelle instante.

—«Bons dias, disseram pondo os cestos no solo.

—«Bons dias, meninas. Vão a Valmaseda?

—«Obedecemos ás ordens de nossa madrasta, que nos envolve em grandes difficuldades, disse Isabel; e accrescentou dirigindo-se ao mestre:

—«Faz-nos o favor, sr. João, de ajustar-nos uma conta?

—«Duas, se quizerem, respondeu o mestre lisonjeado na sua vaidade de arithmetico. Vejamos qual é a conta.

—«Nossa mãe deu-nos a uma cincoenta peras, a outra trinta e a outra dez, e quer que, vendendo-as todas pelo mesmo preço, levemos para casa egual porção de dinheiro cada uma.

—«Que disparate! — exclamaram as visinhas.

—«Raparigas, raparigas, disse o mestre com desabrimento; se querem divertir-se, comprem bonecas, pois commigo ninguem se diverte.

—«O que lhe dissemos não é brinquedo...

—«Não posso atural-as!

—«O sr. João é incredulo! — exclamou Romana. Quando as raparigas affirmam, é porque é verdade; ellas não o inventariam.

—«Mas, visinha, o que essas meninas asseguram ter ordenado a madrasta, não tem pés nem cabeça; não póde ser...

—«Tambem o sr. João achava impossivel que um pae que tivesse tres vezes mais edade que o filho chegasse a ter nada menos que o dobro...

«A esta recordação empallideceu o mestre, o qual se decidiu por ajustar a conta que as meninas lhe indicavam, pois logo fez a seguinte reflexão para comsigo: «A visinha tem razão. Aquillo tambem parecia impossivel, e era exacto. Para que me não succeda outra como a que me fez suar tanto quando fui alvo da aldeia, resolvâmos o problema.»

—«Vejamos então a conta, disse a final o sr. João tirando o lapis da algibeira e dispondo-se a escrever os algarismos na capa do livro, que estava forrado de papel branco para que não se ennodoasse a pasta da encadernação.

«O mestre escrevia os algarismos, apagava-os, olhava para o ceo, mordia as unhas, descançava a fronte na mão como quem meditava, tornava a escrever e tornava a apagar; mas a conta não se acertava.

«As meninas seguiam anciosamente aquellas operações; e as mulheres observavam-n'as com curiosidade.

—«Acerta-se, ou não? — perguntou uma das visinhas.

—«Para que me interrompem, com os demonios! — replicou encolerisado o mestre.

«E continuou a escrever numeros, a meditar e a escrever, a apagal-os novamente, por modo que a capa do livro estava já cheia de algarismos e riscos.

—«Agora é que acertou, sr. João? — tornou a perguntar uma das visinhas.

«E outra accrescentou com sorriso malicioso:

—«Cale-se, visinha, que está quasi certa.

—«Com um milhão de demonios, deixem-me! — exclamou o mestre com olhar furioso, e arremessando ao solo o livro e o lapis.

—«O mestre João não foi educado! — disse logo uma das visinhas; elle sabe tanto de contas, como eu! Meu filho, apesar de criança, dá-lhe quinaus! O que elle tem é muito palavreado!

«E as visinhas pozeram-se a rir em côro:

—«Ora ahi está o melhor arithmetico de Biscaya! Ahi o tem...

—«Senhoras! senhoras! — balbuciou o Ajusta-Contas tremendo, e quasi suffocado pela ira.

—«O melhor arithmetico de Biscaya! Ahi o tem!... Ah! ah! ah!...

«O sr. João Ajusta-Contas, em inteiro desvairamento, vomitando improperios contra aquellas mulheres em especial, e contra todas em geral, correu para a eschola envergonhado, e encerrou-se n'ella para não ouvir as vaias das visinhas.

«Pouco depois as tres filhas de Martinho, com os cestos na cabeça, seguiam o caminho de Valmaseda, tristes, desconsoladas, e sem saber como haviam sair da difficuldade, para que a madrasta as não castigasse ao regressarem a casa.

«A velha Romana, apesar d'isso, infundira-lhes alguma esperança, dizendo-lhes á despedida:

—«Vão descançadas, filhas; irei logo á sua caprichosa madrasta, e fallar-lhe-hei claro para que me entenda. Não estejam com medo.

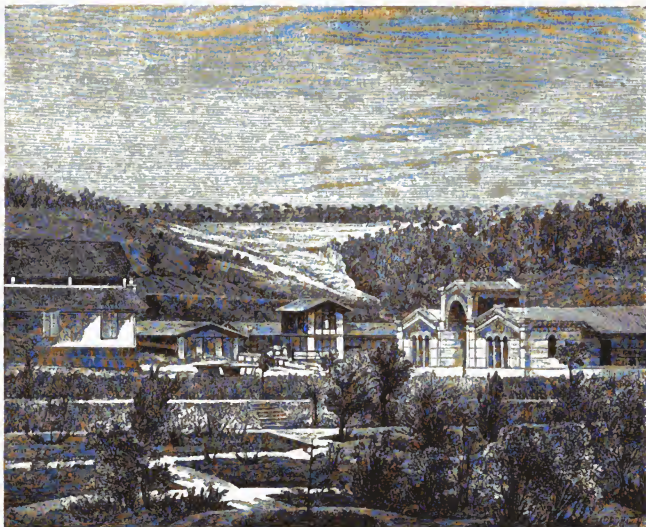
(Continua)

POVO E CAMARA LOGRADOS

As bodas reaes mais geral e apparatosamente festejadas, que tem havido em Portugal, foram as do principe D. Affonso, filho unico d'el-rei D. João II e da rainha D. Leonor, com a princeza D. Isabel, filha dos reis de Castella Isabel e Fernando. As festas de Evora, onde a corte se achava então, ficaram memoraveis pela riqueza que n'ellas se ostentou, e pela variedade dos folguedos.

Todas as cidades e principaes villas do reino porfiaram nas demonstrações de regozijo publico; e Cintra, que tanto devia á munificencia régia, não quiz ficar atraz das outras povoações nas finezas dirigidas ao rei popular. Dispoz, portanto, a camara diversas e custosas funcções para solemnisar aquelle fausto successo, e entre ellas lembrou-se de fazer correr uma fonte de leite no meio da praça; divertimento em voga n'aquelle tempo, e muito do agrado do povo.

Construiu-se a fonte com os respectivos encanamentos; preparou-se um bom deposito em uma casa proxima; e ordenou-se a todos os lavradores do termo que trouxesse e n'elle despejasse cada um a sua bilha de leite. «Entre tantas bilhas de leite, quem poderá descobrir uma bilha de agua!» Isto disse para si um dos lavradores; mas o peior foi que a todos occorreu o mesmo pensamento de fraude. Se bem o pensaram, melhor o fizeram. E quando no dia da solemnidade o povo cercava a fonte, ancioso de ver rebentar o manancial de leite, viu com grande pasmo cair e repuxar agua purissima.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Estação principal ou do Juiz de Fóra

BRASIL

ESTRADA NORMAL DE PETROPOLIS AO JUIZ DE FÓRA

(Conclusão. Vid. pag. 97)

Passada a *ponte Americana*, ou de *Carlos Gomes*, sobre o Parahybuna, a distancia de poucos kilometros, avista-se a cidade do mesmo nome do rio. Logo adiante acha-se a *estação do Juiz de Fóra*, onde termina a estrada normal, depois de ter percorrido uns 144 kilometros desde a cidade de Petropolis, pondo em facil communicação a capital do imperio com o centro da rica provincia de Minas Geraes.

A cidade de Parahybuna, que fica visinha da estação do Juiz de Fóra, está agradavelmente situada nas margens d'aquelle rio, cercando-a por todos os lados fertilissimos campos e collinas sempre verdejantes. É uma cidade nascente, onde tem sido construidos modernamente varios edificios publicos, contando já alguns estabelecimentos importantes.

A estação do Juiz de Fóra é a principal de todas as que se encontram na magnifica estrada normal. Posto que esteja edificada em um valle, acha-se em altura de uns 750 metros acima da superficie do mar.

O edificio principal da estação é de architectura singela, mas elegante, como se vê na gravura que publicâmos, e que nos dispensa, certamente, de o descrevermos. Estendem-se junto d'elle, occupando bom espaço de terreno, as officinas da companhia, taes como serrarias, olarias, moinhos, armazens de materias primas, casas de administração e residencia de empregados, etc. Esta reunião de edificios, de construcção ligeira e graciosa, pela maior parte feitos de madeira e tijolo, e animados sempre pela actividade de uma numerosa colonia de operarios e empregados, apresenta o aspecto de uma linda povoação, sentada no meio da mais risonha paizagem, onde as vivas côres da casaria dão singular realce aos verdores que a cercam por todos os lados.

É uma bella perspectiva a das collinas que fazem cercadura ao valle, umas todas vestidas de basto arvoredo, outras simplesmente coroadas de bosques, mas todas tapetadas de verdura.

Porém, o que dá mais graça e belleza a este sitio é a bonita quinta do sr. Marianno Procopio Ferreira Lage, cujos jardins se estendem até ao pé dos edificios da estação. É uma propriedade magnifica, cujos accidentes do terreno foram aproveitados com muita arte e bom gosto para a fundação de uma quinta de regalo. Tem casas antigas e um palacio acastellado, de bella architectura, construido ha pouco tempo no alto de uma collina.

Foi n'esta quinta que se hospedaram suas magestades o imperador e a imperatriz do Brasil, com as duas princezas, suas augustas filhas, quando se celebrou a inauguração da estrada normal, abrindo-se ao transito publico em junho de 1861.

De uma noticia impressa da viagem d'aquelles soberanos e dos festejos que se fizeram em seu obsequio por occasião da referida solemnidade, e visita real á provincia de Minas Geraes, copiámos as seguintes linhas, que dizem respeito á quinta do sr. Ferreira Lage; pois que esta bella mansão, com o novo palacio acastellado que tão senhorilmente a domina, dá assumpto á nossa segunda gravura:

«No centro ha uma collina natural, de facil accesso, serpeada de ruas, gramada, [1] e coberta de arvores e arbustos. Defronte um grande lago, alimentado pelas aguas do ribeirão da cascata, com cinco ilhotas, cultivadas nas extremidades e no centro, communicando com um pesqueiro.

«Na base da collina, em frente do lago, desenvolve-se extensa cerca rustica, coberta de delicadas e variadissimas parasitas; e lindissima gruta, da qual cae a agua em cascata por cima de uma collecção de amostras de pedras de todas as qualidades que se encontram no desenvolvimento da estrada desde Petropolis.

«Á esquerda da collina, na vargem, acha-se a casa onde foram hospedadas suas magestades e altezas, com avenidas de palmeiras... A collina é coroada pelo castello do sr. commendador Ferreira Lage, ainda em obras internas, mas concluido quanto ao exterior.

«Esta construcção no estilo *renaissance* italiano, de gosto inteiramente novo entre nós, dá sobrenatural encanto á paizagem. O castello é de tijolos, que conservam a côr natural, apenas interrompida pelo cimento que as liga, e por fiadas mais avermelhadas em logares apropriados. Os portaes e cimalhas são de tijolo branco, similhando marmore.»

As nossas gravuras são cópias de duas das excellentes photographias do *album de vistas pittorescas da estrada normal de Petropolis ao Juiz de Fóra,* do qual já temos fallado, e d'onde tem sido copiadas as mais gravuras que tem acompanhado esta serie de artigos.

A construcção d'aquella estrada é na verdade uma obra grandiosa, e foi uma empreza ousadissima pelas difficuldades naturaes que teve de vencer, e pelos avultados capitaes que dispendeu.

Lucraram immenso com esta obra as duas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes, que assim ficaram com facil transporte para os seus productos, o principal dos quaes é o café, que só de per si constitue um grande elemento da riqueza publica n'aquellas provincias, mas que antes da construcção da estrada era sobrecarregado com enormes despezas de conducção, por causa das distancias e pessimo estado dos caminhos.

A companhia União e Industria calculava, pela sua parte, ver compensados com bons lucros os grandes sacrificios pecuniarios por ella feitos. E bem fundados eram os seus calculos, tendo ella o privilegio exclusivo de estabelecer e conservar na mesma estrada as diligencias para conducção dos passageiros, e os carros para transporte dos generos e mercadorias.

Uma circunstancia accidental veiu, porém, prival-a d'esses lucros esperados, expondo-a a enormes prejuizos. Essa circunstancia foi a construcção do caminho de ferro de D. Pedro II, que, correndo por certos pontos proximo da estrada normal, vae forçosamente attrahir para si uma grande parte do movimento que animava aquella estrada.

A companhia solicitou, com vivas e repetidas instancias, providencias que a salvassem dos grandes prejuizos provenientes da concurrencia do dito caminho de ferro. Não sabemos se o governo já deferiu aos requerimentos da companhia. Parece-nos, porém, que tem bastante jus a obter alguma sorte de compensação.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Coberta de grama, ou relva.

O CONDE D. SISNANDO

O SEU TUMULO

I

Conquistára Fernando Magno a cidade de Coimbra em 1064, segundo a melhor chronologia [1], ao cabo de seis mezes de apertado cêrco.

D'entre os capitães que o coadjuvaram n'esta empreza, escolheu a D. Sisnando para governador de Coimbra e de todo o districto que desaffrontára de moiros, deixando-lhe um exercito volante que protegesse as conquistas [2].

Muitas razões aconselharam el-rei de Castella a preferir D. Sisnando para tão importante emprego. Além das mostras de esforço e pratica militar que recentemente havia dado, tinha amplo conhecimento do territorio de Coimbra, porque, sendo filho de David, rico mosarabe da que hoje denominâmos provincia da Beira, senhor de Tentugal e de outras terras visinhas [3], não só por estes sitios passára os primeiros annos da vida, mas n'elles fizera depois várias entradas contra os christãos [4].

Na corte de Sevilha se introduziu D. Sisnando, no tempo de Ibn Abbad, e pelos seus talentos e importantes serviços feitos ao principe sarraceno, chegára a occupar o cargo de wasir no divan, isto é, de membro no supremo conselho do emir, que o distinguia particularmente entre os seus conselheiros [5].

Ignora-se o motivo porque resolveu abandonar o emir de Sevilha, para entrar no serviço de Fernando Magno [6]; mas o seu procedimento posterior persuade que a isso o impellira alguma offensa recebida dos sarracenos [7].

Admittido na corte de Leão e Castella, alcançou brevemente convencer D. Fernando das vantagens que obteria invadindo o occidente da antiga Lusitania [8]. O resultado da invasão justificou as previsões de Sisnando, e o rei de Leão retribuiu o bom serviço que lhe fizera o mosarabe, dando-lhe o governo de um districto, constituido com as novas conquistas e com a terra portugalense ao sul do Douro, no qual servia de limites, pelo oriente, a linha de Lamego, Viseu e Seia, e de fronteira, pelo sueste, o pendor septentrional da serra de Estrella [9].

Vinte e sete annos logrou D. Sisnando o senhorio de Coimbra e de toda a terra de Santa Maria [10], com o titulo de conde (que os reis successores de Pelayo davam a todos os governadores que punham nas cidades [11]), a qual não só defendeu com raro valor em todo o tempo de sua vida, mas ainda por morte deixou mais accrescentada e melhorada do que a havia recebido [12].

Além dos edificios que construiu em Coimbra, e que ainda ennobreciam a cidade no tempo do auctor da *Chorographia Portugueza* [13], povoou e restaurou muitas, outras levantou de novo e fortaleceu.

Entre as mais se nomeiam as villas de Cantanhede

[1] Quem quizer estudar este ponto de chronologia, veja nas *Dissertações Chronologicas e Criticas* de João Pedro Ribeiro, a *Dissertação primeira sobre a epocha da conquista de Coimbra no reinado de D. Fernando I de Leão*, e a *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça*, por fr. Fortunato de S. Boaventura, pag. 151 e seguintes; e os opusculos de dois academicos que posteriormente se publicaram sobre o assumpto.

[2] *Corona Gothica, etc.*, parte II, pag. 46.

[3] *Historia de Portugal*, por A. Herculano, tom. I, pag. 188.

[4] *Historia General de España, etc.*, por el padre Mariana, liv. IX cap. II.

[5] *Historia de Portugal*, por A. Herculano, liv. cit.

[6] *Tales eran las costumbres de aquellos tiempos*, diz Mariana; porem este motivo não satisfaz.

[7] *Historia de Portugal*, por A. Herculano, liv. cit.

[8] Fr. Antonio Brandão, *Monarchia Lusitana*, liv. VIII, cap. IV.

[9] *Monarchia Lusitana*, liv. cit. — *Historia de Portugal*, liv. cit.

[10] Viterbo, *Elucidario*, no termo *Alvazil*.

[11] Manuel Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, tom. I, pag. 295.

[12] *Monarchia Lusitana*, liv. cit.

[13] Carvalho, *Chorographia Portugueza*, tom. II, pag. 6.

e Tentugal, os castellos de Foz de Arouce, e Penella, e a nobre villa de Monte Mór o Velho, a qual, em seu tempo, começou a levantar cabeça das ruinas e oppressões passadas [1].

Fundou e dotou muitas egrejas; edificou o mosteiro de S. Jorge [2], e ao da Vacariça deu o logar de Otta, e á sé de Coimbra muitas terras além do rio Mondego [3].

Outro monumento erigiu D. Sisnando, que tornou o seu nome caro aos homens de letras. Estabeleceu junto dà sé cathedral de Coimbra um seminario para se doutrinarem os moços que se dedicassem ao estado ecclesiastico [4].

Já em era tão inquieta e arredada havia n'aquella cidade escholas de boas-letras, nas quaes se formava a mocidade portugueza; foram como as precursoras das que, em epocha mais proxima e tranquilla, engrandeceram a Athenas Lusitana [5].

É, pois, o conde D. Sisnando o primeiro senhor que se acha nas terras de Portugal com jurisdicção dilatada; e, posto que em alguns documentos confessa receber da mão del-rei D. Fernando de Leão o senhorio de Coimbra, e mais terras de sua comarca restituidas aos christãos desde Lamego até ao mar, correndo entre o Douro e o Minho, todavia a todas possuia com livre e indepeudente soberania, podendo d'ellas dar e doar, como vimos, a seu beneplacito e arbitrio.

Falleceu em 25 de agosto do anno de 1091 [6].

II

Tratando do logar em que repoisam as cinzas do conde D. Sisnando, diz fr. Antonio Brandão:

«Dizem que está sepultado no adro da sé de Coimbra, em um dos arcos da parede: o que devia ser, porque n'aquelle tempo se não sepultavam dentro das egrejas, nem ainda os mesmos principes [7].»

Pedro Alvares Nogueira, no catalogo manuscripto dos bispos de Coimbra, diz primeiramente que o coude Sisnando estava sepultado em um moimento que tinha um arco, cujo logar já se ignorava; e em outra parte diz haver memoria de que a sepultura era no adro [8].

O que é incontestavel, presentemente, é que em Coimbra, encostado ao lado exterior da parede da sé Velha, junto á quina occidental, em altura de sete palmos, está um tumulo de pedra calcarea, oblongo, abaúlado, de cincoenta e cinco pollegadas de comprido, trinta e seis de alto, e vinte e tres de largo.

Na face externa lê-se em caracteres allemães minusculos a seguinte inscripção:

Aqui jaz hum que em outro tempo foy grande varom
Sabedor e muito eloquente avondado e rico e agora
He pequena cinza ançarada em este moimento
E com el jaz hum seu sobrinho dos quaes hum
Era já velho e o outro mancebo e o nome do Tio
Sisnando e Pedro avia nome o sobrinho.

Diz João Pedro Ribeiro, que, por ser em portuguez esta inscripção, não póde datar acima do reinado de D. Affonso III.

Com effeito, n'esse tempo é que se reformou a sé, e talvez depois se traduziu em vulgar alguma inscripção latina que d'antes estava no tumulo, que este actual substituiu; o que parece mostrar a syntaxe, que indica mais versão do latim que obra original [1]. Por baixo do tumulo está o logar de uma lapide, embebida na parede, que já falta; seria talvez a inscripção original.

D'este monumento sepulchral faz menção o sr. conde A. Raczynski na sua obra *Les Arts en Portugal*, transcrevendo, em francez, a inscripção, e tocando alguns dos principaes factos da vida da celebre personagem, a que respeita [2].

D'este monumento sepulchral nos diz tambem o visconde de Almeida Garrett, que *em Inglaterra, ou n'outro paiz christão, seria conservado com respeito e veneração de reliquias*. E invectiva, indignado, o desprezo em que é tido [3].

Dezeseis annos antes que o grande poeta soltasse estas vozes patrioticas, haviamos erguido a nossa, posto que humilde, pedindo remedio a tamanho escandalo:

«As venerandas cinzas de tão egregio varão, a quem Coimbra, sua patria, e as mais povoações visinhas devem grandes beneficios, quizeramos se pozessem a melhor recado, mudando o tumulo para logar mais recente, abrigando-o da inclemencia das estações, a que está exposto [4].»

O mesmo desejo annunciámos ainda hoje. Pedimos a quem corre a obrigação de conservar estes preciosos restos de tão famoso monumento: — *Livre da intemperie das estações o tumulo do conde D. Sisnando.*

R. DE GUSMÃO.

A LITTERATURA NA AMERICA HESPANHOLA [5]

I

Ninguem ha que tendo lançado a vista para o mappa geographico da America, e vendo o immenso continente lançado aos pés do monarcha das Hespanhas por Christovão Colombo e pelos seus successores, retalhado n'uma chusma de republicas, immensas pela extensão, pequenissimas pela importancia, que se dilaceram em crua e constante guerra civil, não sinta uma certa dor ao pensar que esse territorio, opulentado por Deus com todos os dons magnificos por que anhela a cubiça humana, está sendo apenas aproveitado para theatro de dramas sanguinolentos, de ambições mesquinhas, de encarniçados prelios. Logo desvia os olhos com tristeza, e não mais pensa n'esses miseros povos, que, depois de se terem inscripto com prodigios de heroismo na lista das nações independentes, se estão apagando voluntariamente da carta politica, onde podiam e deviam representar um brilhante papel.

Para quem os contempla superficialmente, parece que os hispano-americanos estão dando ao mundo o triste espectaculo de uma raça decrepita, que se extingue no tumulo esplendido, fadado para ser o berço florido e pomposo de uma nova civilisação. Nada mais repugnante n'esse caso, do que essa lucta de morcegos aos clarões radiantes da aurora; nada mais desanimador do que essa juventude viciada pelas enfermidades da velhice; esses povos sem primavera no meio de uma natureza sem inverno; esse referver de um liquido peçonhento na taça de oiro que a mão da Providencia collocou á beira do Pacifico. Primeiro fitou a Europa com attenção os olhos n'esses povos que emergiam das trevas á luz radiante do seculo XIX; o velho continente, fatigado pela immensa lucta de vinte e cinco

1 *Monarchia Lusitana*, liv. cit.
2 D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes*, etc., tom. II, liv. VIII, cap. XIV, pag. 151.
3 *Monarchia Lusitana*, liv. cit.
4 João Pedro Ribeiro, *Dissertações Chronologicas e Criticas*, etc., tom. I, pag. 24. — Fr. Antonio Brandão, *Monarchia Lusitana*, liv. VIII, cap. V.
5 F. Freire de Carvalho, *Primeiro Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal*, pag. 37.
6 D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes*, etc., tom. II, pag. 152.
7 *Monarchia Lusitana*, liv. VIII, cap. IV.
8 *Dissertações Chronologicas e Criticas*, tom. I, pag. 199.

1 *Dissertações Chronologicas e Criticas*, liv. cit.
2 *Les Arts en Portugal*, pag. 467.
3 *Obras do Visconde de Almeida Garrett*, tom. XVI, *Lyrica*, pag. 2[illegible].
4 *Revista Universal Lisbonense*, tom. I pag. 543.
5 Os dados para este estudo foram colhidos nos *Ensayos biographicos e de critica litteraria sobre los principales poetas y litteratos latino-americanos* de Torres Caicedo, no *Ensayo sobre las revoluciones politicas y la condicion social de las republicas columbianas*, de Samper, e n'um artigo de mr. Elisée Reclus na *Revista dos Dois Mundos*.

annos, em que empenhára todas as suas forças, bateu as palmas com jubilo e enthusiasmo ao ver surgir do outro lado do Atlantico esse enxame de operarios do futuro, juvenis, ardentes, heroicos; e o Atlas europeu, vergando ao peso do mundo das idéas, julgou que o viriam render as espadoas robustas do gladiador dos Andes. Com valor despedaçára elle as rijas portas de ferro que o encerravam; e o carcere, transformado em sanctuario, respondia á luz que o inundava com os aromas que rescendiam do solo virginal. O estandarte que outr'ora Lafayette trouxera do territorio da America do Norte para o collocar nas mãos senis da Europa, que rejuvenescêra ao contacto santo, devolvia-o o antigo continente prostrado aos pés do despotismo, ás mãos generosas de Bolivar. O grito de liberdade que a America enviára á Europa, reenviava-o a Europa á America; a bandeira rota pelas garras das aguias de Bonaparte voltava a tremular ás brisas que primeiro a haviam enfunado, e esperava-se que os americanos do sul a basteariam com a firmeza que lhes haviam ensinado os seus irmãos do norte.

Infelizmente, não succedeu assim. Pugnas miseraveis, torpes rivalidades, vieram ensanguentar primeiro, depois rojar pelos tremedaes das dictaduras o sagrado pendão que fôra confiado ao povo juvenil. A Europa desviou os olhos com tedio; os reis applaudiram a experiencia, e disseram: «Vêde o que produzem as vossas theorias». A liberdade chorosa refugiu da terra que com tantas esperanças procurára, e as republicas americanas, cegas de todo, menosprezando a missão sublime que deviam cumprir, passavam com um phrenesi deploravel dos braços da anarchia aos braços do despotismo. O Mexico devaneava a resurreição do imperio dos Azteques, e punha no throno de Montezuma essa parodia de imperador que se chamou Iturbide; depois derrubou o idolo que fabricára, e, derramando sempre torrentes de sangue, abriu o seio a todas as ambições que se gladiavam e o golpeavam. A America Central, destinada a tão brilhante futuro pela posse do isthmo de Panamá, desviava os olhos dos seus verdadeiros interesses, e consumia em pugnas internas os seus immensos recursos. As tres republicas confederadas, Venezuela, Nova Granada e o Equador, onde vivêra Bolivar, o heroe da independencia americana, davam a todas as republicas, filhas de sua iniciativa, o fatal exemplo da anarchia. A Bolivia, que prestava homenagem, com esse nome que adoptára, a Bolivar, generoso fundador da sua liberdade, desmentia esse preito fazendo um pessimo uso d'essa liberdade que lhe devia. O Perú, agitado sempre por convulsões revolucionarias, desviava os olhos envergonhado do esplendor que projectára na sua historia a civilisação dos Incas. No Chili, onde pelo menos se prestava attenção mais séria ao desenvolvimento material, nem por isso deixava de reinar a anarchia, e sanguinolentas proscripções maculavam o nome ridente da sua capital—Valparaiso. A Confederação Argentina gemia aos pés d'esse vulto medonho e brutal do dictador Rosas. No Paraguay, o doutor Francia misturava com a politica estioladora dos jesuitas, antigos dominadores do paiz, os desapiedados rigores que opprimiam o Rio da Prata. O Uruguay, estado pequenino, ora opprimido por tyrannetes internos, ora victima das prepotencias dos seus visinhos, arrastava uma existencia dolorosa, entalado entre o colosso brasileiro e o temivel Buenos-Ayres. Tal era, e tal é ainda hoje, com pouca differença, a situação miseranda da America Hespanhola.

II

Foi então que a Europa, deixando as republicas americanas debaterem-se nas suas estereis agitações, desviou d'ellas a vista com justificada repugnancia. O verbo do futuro, que devia resoar nas immensas planicies d'esse continente immaculado, feneceu sem despertar um só dos innumeros echos das suas florestas.

Suppoz-se que essa raça degenerada era incapaz de grandes commettimentos, e esperou-se em silencio que alguma ambição estrangeira lançasse mão d'esses territorios incultos, d'essas selvas infructiferamente desbastadas, e aproveitasse essas riquezas que os seus legitimos proprietarios não sabiam usufruir.

Quem fallasse á Europa na litteratura da America Hespanhola arriscava-se a provocar sonoras gargalhadas. Que poetas e que poesia se poderiam acclimar n'essas regiões volcanicas, sempre ameaçadoras, sempre com as fauces abertas para tragarem os seus filhos? Acaso o colibri entôa as suas enamoradas canções á beira do Chimborazo? Canta porventura o rouxinol as suas melancolicas endexas debruçado sobre a cratéra do Vesuvio?

Relanceavam-se os olhos para os dois paizes então pacificos das duas Americas, o Brasil e os Estados Unidos, e via-se completa ausencia de uma litteratura original. Na America do Norte, Cooper abria e encerrava ao mesmo tempo os fastos litterarios marcados com o sêllo patrio; os outros, á testa dos quaes figurava o espirito gracioso de Washington Irving, filiavam-se na litteratura européa, e desviavam os olhos dos quadros gigantes da sua terra natal, para se embevecerem nas maravilhas tradicionaes do velho mundo. Na America do Sul, os dois grandes poetas do Brasil, Gonçalves Dias e Magalhães, afinavam os seus cantos pelos da lyra da Europa, e quando tentavam, como que para descargo de consciencia, modular hymnos que os echos da sua patria repetissem com ufania, a musa embrandecia o vôo, afrouxava a inspiração, fugia-lhes o ridente colorido, e o pincel, que tão férvidos quadros traçára, não encontrava senão frias côres para espalhar na têla, quando se tratava de reproduzir as paizagens no meio das quaes haviam nascido.

Se isto succedia nos dois paizes que a Providencia preservára dos desastres que haviam murchado em flor a prosperidade da America Hespanhola, o que não succederia n'essas pobres republicas, onde os animos exaltados não tinham tempo de se entregarem ás amenas diversões da litteratura, onde o rubido facho da guerra civil, purpureando o ceo com o reflexo das suas labaredas, offuscava o brilho das estrellas da poesia, que só refulgem no azul sereno e limpido de um ceo destoldado?

Pois enganava-se e engana-se a Europa. Os fastos litterarios d'esses paizes encerram maravilhas ignotas; ha thesoiros escondidos nas minas inexploradas d'essa litteratura; e a inspiração verdadeiramente americana, a poesia original, caracteristica, esplendida, do Novo Mundo, fulgura entre o crebro fusilar dos raios da discordia; e um lyrismo selvatico e brilhante resôa entre os gritos de guerra d'essas hordas que se apunhalam, se derribam, se atropellam sobre o solo ensanguentado da America do Sul, no meio dos incendios das cidades, do lucto das proscripções, do tinir das armas; e como, nas antigas apotheoses, d'entre as labaredas da pyra fugia para os ceos, soltando um grito sublime, a aguia cesarea, assim d'entre as chammas incendiadas por essa guerra fratricida foge, com as azas doiradas por tão lugubre esplendor, soltando a voz sonora, a aguia sublime da poesia americana.

III

A America Hespanhola, da mesma fórma que a America Ingleza e que a America Portugueza, sóffreu as pessimas consequencias do systema colonial, adoptado pelas tres nações que entre si dividiram o mundo mysterioso que por tanto tempo se escondêra aos olhos ávidos dos europeus, que sorrira de certo da louca presumpção dos romanos, que haviam julgado conquistar o mundo quando as legiões de Cesar poisavam as

aguias triumphantes na extremidade da Gran-Bretanha; quando as de Mario percorriam vencedoras a Numidia e só paravam na orla do deserto; quando as de Pompeo tremulavam os pendões do povo soberano na extrema fronteira do imperio de Mithridates; quando as de Germanico, em fim, faziam refugir para as selvas intrincadas da Allemanha as hordas selvagens, que depois haviam de desabar em torrente impetuosa e alastrar o territorio immenso do mundo romano.

Quando o divino imperador, do alto do monte Palatino, relanceasse as vistas para os quatro pontos cardeaes do horisonte, e visse com os olhos da imaginação as vedetas das suas cohortes mudas e immoveis nos quatro extremos da terra, havia de sentir encrespar-lhe os labios um sorriso de orgulho, e havia de proferir com um grito de vaidade: «É meu o mundo inteiro.» Ah! mas como esse sorriso se lhe gelaria nos labios, como o grito de vaidade se transformaria n'um grito de espanto, quando alguem, rasgando os véos do futuro, lhe dissesse: «Para além das legiões da Germania, da Numidia, da Cilicia, estendem-se ainda immensas regiões, mas principalmente detraz d'esse vasto Oceano que os teus soldados contemplam com vago terror, que as tuas triremes não ousam sulcar, existe um mundo ignoto, immenso, maravilhoso; não a ilha Atlantida, que os teus sabios devaneiam, que por essa dar-te-ha mil o Atlantico se lhe devassares os mysterios; mas um mundo inteiro, onde o ceo accumulou todos os thesoiros, onde a natureza se espraiou em dadivas munificentes; um mundo em cujo seio se escondem minas de oiro, junto das quaes são as da Iberia um atomo imperceptivel; cujo solo é coberto de bosques tão densos, que as florestas sagradas da Armorica não são junto d'ellas mais do que simples mattas de recreio; um mundo cortado de rios tão enormes que sorveriam n'um trago o Rheno, o Tejo e o Danubio. Esse mundo, divino imperador, não o abrangem os teus braços colossaes, e as tuas legiões não poderão nunca macular aquelle solo impolluto.»

Palacio e quinta do sr. Ferreira Lago

Mais felizes do que os romanos, conseguiram os hespanhoes, os portuguezes e os inglezes dividir entre si esse territorio gigante. Coube ao leão de Castella o quinhão leonino, mas as quinas portuguezas tremularam tambem n'um espaço immenso, e o leopardo britannico cingiu com as garras uma formidavel extensão de terreno.

Loucos de alegria por terem conseguido possuir tamanhas riquezas, tremendo de terem que as disputar ás outras nações da Europa, se estas podessem pôr o pé no solo prodigioso, os tres governos, senhores d'aquelle harem de formosas odaliscas, zelosos como sultões musulmanos, fecharam e calafetaram todas as portas para que só elles tivessem entrada n'esse sanctuario de opulencia.

Foi essa a origem e o intuito do systema colonial, systema improficuo para as metropoles e prejudicialissimo para as colonias, systema barbaro e iniquo de quem prefere conservar inuteis os seu thesoiros a consentir que haja outros que os aproveitem.

Á medida que foram crescendo em importancia e população as provincias americanas, foram augmentando os zêlos, os cuidados e as precauções das mães-patrias. Ao receio da concurrencia européa juntou-se o medo de que essas filhas, ou antes enteadas, conhecendo a sua força, reclamassem com as armas na mão o reconhecimento da sua maioridade. Incriveis vexações opprimiram então esses povos, que tinham a desgraça de habitarem n'um paraiso. Haviam posto

obstaculos á livre expansão do commercio, pozeram-n'os tambem á livre expansão das intelligencias. Os tres governos tomaram medidas qual a mais odiosa, mas, para sermos justos, devemos dizer que a todos se avantajou a Hespanha.

Circunstancias peculiares tornavam mais pesado o jugo metropolitano ás colonias portuguezas e hespanholas do que ás inglezas. Todas se viam obrigadas a commerciarem directamente com a metropole; esta impunha ou os seus proprios productos, ou transmittia os dos paizes estrangeiros, impondo a sua intervenção. Esse jugo intoleravel para as colonias de paizes tão atrazados na civilisação material como os dois reinos da peninsula iberica, era menos oneroso para as colonias inglezas, porque a Inglaterra já estava sendo uma das primeiras nações industriaes do globo. Por isso, e porque a Inglaterra não temia a concurrencia colonial, prosperou a America do Norte a ponto de reconhecer, primeiro do que nenhuma outra, as suas forças, e de arrancar ao governo inglez as concessões que este não quizera fazer com espontaneidade, e que d'esta fórma, conquistadas violentamente, se transformaram na proclamação da independencia.

Mas a America Portugueza e a Hespanhola é que gemiam debaixo de um jugo oppressor. O commercio, a industria e a agricultura soffriam vexações de todo o genero. No Brasil praticavam-se prepotencias incriveis para favorecer d'esse modo absurdo a debil industria e a preguiçosa agriculttura de Portugal. Não se consentia cultura egual á que havia no reino, por mais que a favorecessem as condições do solo. Impedia-se a exploração das salinas da ilha de Santa Catharina, a fim de que não fossem prejudicadas as salinas do reino. Arrancava-se uma porção de cafezaes para que não diminuisse o preço do café. Esta absurda economia politica, posta em prática por um despotismo inepto, irritava os animos e impedia o desenvolvimento do paiz.

Na America Hespanhola ainda se requintavam essas vexações. Além de praticar o mesmo que praticava o governo de Portugal, o hespanhol escravisára o commercio de toda a America a quatro companhias; a uma pertencia o commercio do Rio da Prata, a outra o do Peru, a outra o do Mexico e da America Central, a outra, finalmente, o da Columbia.

Todas estas oppressões, actuando sobre o desenvolvimento material, reflectiam, como é facil de suppor, no desenvolvimento intellectual. Isso mesmo desejavam os governos metropolitanos, e contribuiam directamente para as conservarem n'esse estado. O governo portuguez prohibia a fundação de imprensas, privava de escholas superiores a sua colonia, e, obrigando a mocidade estudiosa brasileira a vir beber nas aguas do Mondego a sciencia que cubiçava, arrancava por essa fórma á patria essa pleiade generosa, capaz de illustrar o seu paiz, e de exercer sobre os seus compatriotas uma influencia que a timida metropole julgava prejudicial.

D'esses moços brasileiros que vinham estudar á Europa, uma grande parte ficava em Portugal, attrahida pelo auspicioso futuro a que só em Portugal lhes era dado attingir, e poucos tinham a resignação sufficiente para irem esconder os seus talentos e o seu saber n'algum canto obscuro de uma provincia americana.

Se não iam espontaneamente, facil é de suppor que não os mandava o governo desempenharem cargos officiaes. De fórma que, por um contraste notavel, em quanto muitos brasileiros illustres occupavam em Portugal postos importantissimos, como Alexandre de Gusmão, secretario particular de D. João V, eram todos portuguezes os poucos homens distinctos que figuravam na administração da terra de Santa Cruz.

Ainda n'este ponto do systema nos acompanhava o governo hespanhol.

Como se deve imaginar, era este o principal obstaculo que se oppunha á creação de uma litteratura original. Os poetas brasileiros, transportados para Portugal em annos verdes, quando ainda lhes germinava occulta no peito a semente da poesia, aqui viçavam e cresciam cultivados segundo as regras da jardinagem lusitana. Se alguns voltavam para a sua patria, as memorias que se lhes atropellavam na mente, as recordações que por diante dos olhos com azas brancas lhes voejavam, as brisas que lhes deseriam as cordas frementes da lyra, eram as memorias, as recordações, as brisas de Portugal, porque, se o Brasil era a infancia, Portugal era a juventude; se o Brasil era o berço do homem, era Portugal o berço do coração; se no Brasil abriam os olhos á luz da vida, abriam em Portugal os olhos á luz do saber; e as impressões que n'esta segunda patria haviam sentido eram as que n'elles actuavam, as que os obrigavam a soltarem a voz, e a modular hymnos pautados pelos hymnos que lhes haviam enthusiasmado o coração juvenil.

Tambem succedia o mesmo na America Hespanhola.

No Brasil, Gonzaga, apesar do seu mimoso talento, não consegue eximir-se á influencia da eschola européa, e a sua *Marilia de Dirceu* nem uma vez só se impregna nas ardentes fragrancias dos tropicos; Santa Rita Durão, cujas descripções tem verdadeiro merecimento, e que de mais a mais trata um assumpto americano, entra n'elle com todos os preconceitos da eschola européa, começando logo por dar á singela e poetica lenda do *Caramurú* a fórma pausada e severa do poema epico. No *Uruguay*, de José Basilio da Gama, sente-se a mesma tendencia, e, admirando a belleza de muitos versos, não podêmos deixar de nos espantar da ausencia completa de ingenuidade nativa, de côr local, em fim, como actualmente se diz. As paizagens tanto podem ser do Brasil como da Arcadia; mudem-se as bananeiras em loireiros, está completa a metamorphose. Os heroes fallam como fallaria Enéas ou Heitor. Egual defeito encontraremos na *Araucania* de Ercilla, com a differença que este ultimo é conquistador hespanhol que atravessa a America, resguardando no peito as memorias da sua terra, em quanto dos outros deviamos esperar que o amor da patria lhes prestasse inspiração mais robusta, se nos não lembrassemos das influencias que mencionámos, e que por força haviam de produzir este resultado.

Na America Hespanhola veremos cair em egual erro o maior poeta dos tempos coloniaes, fr. Manuel de Navarrete. As suas poesias, cheias de força e de belleza lyrica, não saem, comtudo, d'aquellas banalidades que o seculo passado considerava como alta poesia.

Os poetas brasileiros, para sairem da sua obscuridade, precisavam vir ao reino, abdicar, para assim dizermos, a sua nacionalidade colonial, e confundir-se com a turba multa de escriptores que estavam encerrados nas gaiolas arcadicas, e onde o poeta ultramarino conquistava um logar mais ou menos elevado, conforme o merecimento que mostrava em alinhar os versos de um soneto ou as estrophes de um dithyrambo.

Assim succedia aos poetas hespano-americanos. Madrid era o seu Capitolio unico, e foi curvando-se a essa exigencia que o poeta Alarcon pôde conseguir um grande renome de poeta dramatico.

Como podiam, com estes elementos, lançar-se as bases de uma litteratura original? Era impossivel. Se na Europa as letras se iam definhando com o regimen despotico a que estavam condemnadas, o que não succederia na America com esse augmento de peias e de embaraços?

E ainda nós não fallámos na Inquisição, que, severa no Brasil, era implacavel nos dominios da Hespanha. O tribunal do Santo Officio, não contente de perseguir as pessoas, nem os livros poupava, e auxiliado pelos bispos e pelos governadores, queimou as obras

de muitos poetas, cujos versos haviam incorrido por algum peccadito nas iras temiveis ou da auctoridade secular ou da auctoridade ecclesiastica, poetas que hoje não conhecemos, graças ao infatigavel zêlo dos sustentaculos do throno e do altar.

Entre esses livros queimados em auto de fé figuravam as satyras de Simão Ayanque, livro de que hoje apenas existe um ou outro rarissimo exemplar escapo á fogueira inquisitoral.

Citando singelamente este facto, permittam-me que pergunte aos leitores se estes sacerdotes de Christo eram discipulos de Jesus ou do califa Omar.

Nem de um, nem de outro. Christo escorraçal-os-hia do templo; o proprio califa Omar, o bruto incendiario da bibliotheca de Alexandria, se envergonharia de ter similhantes imitadores.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

A MADRASTA

(CONTO POPULAR)

(Conclusão. Vid. pag. 325)

VII

«Quando entraram na praça de Valmaseda, disse Isabel a suas irmãs:

—«Se não podêmos obedecer inteiramente á nossa madrasta, obedeçamos-lhe em alguma coisa, vendendo as peras por egual preço, e para estarmos sempre de accordo, não estejamos muito afastadas.

«As meninas sentaram-se, com effeito, com a mercadoria na frente, a pequena distancia uma de outra, encostadas á parede da egreja de S. Severino, depois de deliberarem ácerca do preço pelo qual deviam vender as peras.

«Passado pouco tempo, chegou um individuo e perguntou a Isabel:

—«Ó menina, quantas peras dá por dez réis?

—«Sete.

—«Dê-me, pois, sete vezes sete.

«Isabel deu-lhe quarenta e nove peras, e recebeu sete moedas de dez réis.

—«Não me compra nenhumas, senhor? — perguntou Theresa ao individuo que se fornecêra do cesto de sua irmã.

—«Quantas dá?

—«A mesma conta... sete por dez réis.

—«Dê-me quatro vezes sete, visto que tenho de fazer despeza em todos os logares.

«Theresa deu ao freguez vinte e oito peras, e recebeu quarenta réis.

—«Agora devia comprar-me as peras que tenho aqui, disse Mariquinhas ao mesmo comprador. Leve-me tambem dez réis de peras, porque eu não sou menos que essas.

—«Tem razão, que a mais nova das tres não ha de ser a mais desgraçada. Quantas dá?

—«Tambem sete.

—«Pois deite aqui sete.

Mariquinhas lançou no lenço as setas peras ajustadas, e embolsou dez réis.

«As meninas, assim que ficaram sós, pozeram-se a ajustar as contas, e resultou que Isabel tinha uma pera e setenta réis; Theresa, duas peras e quarenta réis; e Mariquinhas, tres peras e dez réis.

«O negocio complicava-se cada vez mais, e a madrasta applicaria irremediavelmente o castigo.

«Decorreu uma hora e outra, e as peras restantes não se vendiam, pois quantos se aproximavam e viam tão mesquinho sortimento, seguiam o caminho sem se demorarem, posto só restasse no mercado fruta para um remedio.

—«Que será de nós! — exclamavam as meninas com os olhos arrasados em lagrimas, quando de repente se ouve o rataplam dos tambores e o povo corre para a porta de Mena.

«Officiaes e soldados dispersaram-se pelo mercado, comprando quanto fruta encontraram, que era na verdade muito pouca.

«As filhas de Martinho esconderam as peras restantes, e quando a tropa estava já cançada de procurar fruta sem encontrar nada, tornaram a descobril-as.

«Innumeros soldados se precipitaram de bolsa na mão para as comprar.

—«Por que preço vendem essas peras, ó meninas?

—«Trinta réis cada uma.

—«Isso é roubar!

—«Não as comprem... Não podêmos vendêl-as por menos, responderam as meninas.

«E vendo os soldados que os que vinham depois estavam resolvidos a comprar as restantes peras por qualquer preço, se elles não as comprassem, apressaram-se em dar: a Isabel, trinta réis por uma pera; a Theresa, sessenta réis por duas; e a Mariquinhas, noventa réis por tres.

«As meninas, tendo os cestos vasios, tornaram a ajustar as contas, e viram com admiração e alegria que possuia cada uma cem réis. A conta que não soubera ajustar o sr. João Ajusta Contas, estava por fim certa.

«Perdêra a madrasta mais esta occasião de castigar injustamente as desventuradas meninas.

VIII

«Era pelo caír da tarde. Debaixo das cerejeiras que havia na frente da casa de Martinho, estavam este, Joaquina e Antonio, ordenhando uma duzia de cabras, que tinham acudido á voz de outros tantos cabritinhos, que as chamavam assomando a cabeça pelas grades do redil.

«Era Martinho quem ordenhava as cabras; Joaquina sujeitava-as por um lado, e o pequeno Antonio pelo outro.

—«Quero mamar na cabra pintada! — dizia o pequeno, que estava já mui crescido e robusto.

—«Se não estás quieto, entorna-se a bilha do leite, e tu a pagarás, dizia Joaquina esforçando-se antes por conter os empuxões do menino que os da cabra.

—«Quero mamar... quero! — repetia o pequeno.

—«Pois vae, vae... e não rebentes! — disse Joaquina, deixando por fim o menino Antonio para elle satisfazer o appetite.

«O pequeno dirigiu-se, saltando, para uma cabra malhada de preto e branco que saía ao seu encontro bramindo carinhosamente, como se já sentisse a consolação que ia experimentar quando os suaves e rosados labios do menino lhe descarregassem o ubre.

«No entretanto os cabritinhos agitavam-se no redil, como se percebessem que lhe cerceavam a ração.

«O cão contemplava o trabalho dos donos, magestosamente sentado a pequena distancia, e olho álerta para fazer voltar ao sitio, segundo o costume, as cabras que se desgarrassem. E a *Carouchа* andava tambem por alli como se quizesse ter quinhão.

«A cabra pintada, que não tinha cria porque as agnias lh'a haviam arrebatado, deixava-se mamar com paciencia sem limites.

«Pareceria a qualquer que não tinha graça um menino já crescido mamando em uma cabra; mas a Joaquina parecia-lhe o contrario, e é porque as mães acham tudo engraçado nos filhos.

—«Não vês, Martinho? — dizia Joaquina inchada de satisfação, não vês com que graça chupa o filho que Deus me deu? É o mais galantinho de quantos hei visto! Vou dar-lhe beijos sem conto!

«Joaquina ia a desafogar o maternal enthusiasmo no filho, embora Antonio preferisse aos beijos da mãe o leite da cabra, quando appareceu Romana, a visinha que promettêra ás meninas interceder por ellas.

—«Boas tardes, visinhos. Então preparam a ceia, não é assim?

—«Boas tardes, Romana. Estamos preparando uma bilha de leite para a ceia.

—«Dê-lhe um sorvo, disse Martinho erguendo-se e offerecendo a bilha á visinha.

—«Agradecida. Proval-o-hei.

«E Romana acompanhou o dito com o feito.

—«Está bom? — perguntou-lhe Joaquina.

—«Optimo, respondeu Romana limpando os labios com o avental.

—«E por onde anda a familia miuda? — perguntou em seguida.

—«Ahi tem Antoninho enchendo o corpo de leite. As raparigas foram a Valmaseda vender umas duzias de peras, a fim de auxiliar a compra de uns sapatos a esse rapaz, que já rompeu os novos.

«Martinho levou para casa a bilha de leite, recolheu as cabras, e em seguida abriu as portas do redil para que os cabritinhos se juntassem com as mães e comessem a parte da ração que lhes haviam deixado.

«Durante esta operação, Joaquina, Romana e Antoninho, tinham ficado debaixo das cerejeiras, as primeiras em animada conversação, e o ultimo saltando e brincando.

—«Vamos, porém, a outra coisa, disse Romana; fallemos a respeito de tuas enteadas agora que Martinho não está presente, pois não gosto de causar desavenças entre casados. Parece-te, Joaquina, que é bom o teu procedimento para com essas meninas?

—«Pois eu procedo mal para com ellas?

—«E ainda tens boca para fallar assim! Nenhuma boa mulher se prevalece de que umas infelizes meninas não tenham mãe para as tratar como joguetes e determinar-lhes coisas impossiveis, como fazes com as tuas enteadas.

—«Falta-lhes algumas coisa? Trato-as como se fossem minhas filhas, apesar de devêl-as aborrecer de morte.

—«Por que havias de aborrecêl-as?

—«Porque por causa d'ellas o meu filho não tem pae.

—«Dizes que não tem pae?

—«Faço conta que não, porque, por causa das filhas, Martinho não estima Antonio.

—«Se fosses verdadeira mãe para as tuas enteadas, não succederia isso.

—«E acaso não o sou?

—«Julgas que, se vivesse a que está no ceo, teriam ido hoje por essa estrada chorando lagrimas de sangue, voltariam para casa tremendo, porque sabem que as espera um castigo barbaro?

—«E applicar-lh'o-hei sem remedio, se não fizerem o que lhes mandei.

—«Tu não tens a culpa, quem a tem é seu pae. Se a pobre Domingas levantasse a cabeça...

«Romana interrompeu-se vendo chegar Martinho, e a conversação mudou de assumpto; porém Martinho tornou a entrar em casa para continuar em arranjos n'ella.

«Chegou pouco depois o pequeno Antonio, e, puxando pelos vestidos á mãe, começou dizendo:

—«Mamã, quando ceiâmos... Hein? hein?... queria ceiar!

—«Pois ainda tens vontade de ceiar?

—«Tenho, sim. O leite da cabra pintada não me satisfez.

«Este dito do pequeno fez prorromper em ruidosas gargalhadas Joaquina, que exclamou beijando soffregamente o filho:

—«Ai, que anjo do ceo! Vês, Romana, que joia tenho aqui!

—«Deus o abençõe, disse a visinha accentuando as palavras, e lhe conserve a mãe, porque se tu lhe faltasses, que seria d'elle!

—«Morreria este anginho se lhe faltasse a mãe! — acudiu Joaquina saltando-lhe as lagrimas de affecto intimo.

—«Não morreria, por certo, replicou a visinha, sempre com intenção reservada; não morreria, porque bem vês que as tuas enteadas tambem não morreram; porém mais lhes valeria morrer do que ter por mãe mulher que não as gerou.

«As rosadas faces de Joaquina pozeram-se de subito cadavericas. Uma idéa horrivel e despedaçadora assaltára por primeira vez a imaginação d'aquella mãe idólatra de seu filho: a de que seu filho poderia chegar a ter madrasta, e padecer o que sua mãe fizera padecer.

«A visinha Romana, que era mulher de annos e experiencia, adivinhou o que se passava no intimo de Joaquina, e tratou de fazer um supremo esforço para encontrar mãe para as infelizes meninas, que tanto haviam chorado por não têl-a.

—«Joaquina, accrescentou com accentuação solemne, Deus castiga sem pau nem pedra, e ás vezes padecem justos por peccadores. Morrem as mães e casam-se os viuvos para darem madrastas aos filhos, visto que não podem dar-lhes mãe.

—«Madrasta!... Filho das minhas entranhas! — murmurou Joaquina, apertando contra o coração o filho, como se alguem pretendesse arrebatar-lh'o.

«Appareceram n'aquelle momento, pela estrada que desembocava junto á casa, as tres meninas que regressavam de Valmaseda.

«Voltavam as meninas mui alegres.

«Joaquina dirigiu-se ao seu encontro chamando-as affectuosamente, e, talvez por primeira vez na vida, teve o impulso de estreital-as nos braços e devoral-as com os beijos.

«As meninas, logo ao chegar, apressaram-se em referir o modo pouco menos que prodigioso com que tinham cumprido as ordens de sua madrasta.

—«Joaquina, exclamou Romana, não vês n'isso a mão de Deus?!

—«Vejo, vejo! respondeu Joaquina. Abre-me Deus, em fim, os olhos, e esclarece-me o entendimento, embora seja tarde!

— Para o bem nunca é tarde! — disse Romana com accentuação semi-prophetica.

«E Joaquina, não podendo já resistir ao nobre sentimento que viera purificar-lhe o coração, abriu os braços ás meninas, e, prodigalisando-lhes o nome de filhas, que nunca lhes dera, apertou-as n'elles com verdadeira effusão e encheu-as de beijos, inundando-lhes os rostos de amorosas lagrimas.

«N'aquelle momento, a pobre Domingas, que velava no ceo por suas filhas, tambem não deixaria de derramar lagrimas de santa alegria.

«Martinho! Martinho! — gritou Romana chorando ao mesmo tempo de sincero jubilo.

— Que novidade ha, Romana? — perguntou o honrado lavrador assomando á porta.

—«A melhor que se póde propalar no seio das familias, respondeu a visinha, é que tuas filhas tem outra vez mãe.

—«Que Deus e a santa mulher que está no ceo a abençõem! — exclamou Martinho com enternecimento.

«E correndo para Antoninho, que brincava debaixo das cerejeiras, tomou-o nos braços e prodigalisou-lhe as ardentes caricias que sua segunda mulher prodigalisava ás meninas.

«Joaquina dirigiu-se então a Romana, e, como as sombras da noite, que iam crescendo, não lhe permittissem ver o que se passava debaixo das cerejeiras, interrogou com anciedade a experiente anciã, que lhe respondeu:

—«Tambem teu filho já tem pae!»

Nave central do palacio de cristal portuense

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

Houve tempo em que Portugal, tomando a dianteira a todos os povos no caminho da civilisação, enchia de assombro o universo pela ousadia dos seus commettimentos, e pelo esforço e perseverança com que os levava a cabo. E taes foram algumas d'essas emprezas que maior fama lhe grangearam, que não obstante ser a historia d'este reino, desde o seu berço nos plainos de Ourique, um acto continuo de arrojo e de heroicidade, a quasi todos os portuguezes pareceram, ainda além de temerarias, impossiveis e fóra do alcance humano.

Quando se annunciou que Vasco da Gama ia com tres frageis lenhos dobrar o Cabo das Tormentas, que as narrações dos navegantes e a credulidade popular semeavam de perigos e de mysterios, e povoavam de phantasmas, só não se assombraram do atrevimento os que zombaram do illustre nauta, tomando o seu valor e arrojo á conta de louca e ridicula presumpção. Porém de tudo e de todos saiu victorioso o descobridor da carreira da India; e a sua victoria foi a iniciadora de uma nova era de prosperidade e de civilisação para todo o mundo, e de engrandecimento e gloria para Portugal.

Tem muita paridade com este grande feito, ainda que a similhança não resalte da primeira intuição, o successo da exposição internacional portugueza.

Quando no dia 7 de julho de 1864, reunidos os accionistas do palacio de cristal portuense no edificio da Bolsa da cidade do Porto, levantaram a sua voz dois patriotas para ennunciar e sustentar a idéa de uma exposição internacional portugueza, todo o paiz mofou de uma tal idéa, como de uma utopia, ou, ainda peior, como de devaneios de imaginações febricitantes.

Todavia, tão repassadas de fé e de enthusiasmo foram as palavras dos dois propugnadores d'aquelle pensamento, que, inoculando o seu ardor e convicções em todo o auditorio, alcançaram dos seus consocios a approvação do projecto, e a auctorisação para tratarem de lhe dar realidade.

Então a mofa converteu-se em espanto, e a este succederam as opposições. E, na verdade, quem não pasmaria diante de uma tal tentativa, medindo toda a grandeza d'ella e a exiguidade dos nossos recursos? Que audacia tamanha não era essa, pretender que esta estreita leira de terra dos confins da Europa, feita reino independente á custa de immenso esforço e coragem, fosse tomar o passo em uma empreza civilisadora a tantas nações poderosas e florecentissimas em todos os progressos humanitarios!

Erigir um templo consagrado á industria, e querer solemnisar-lhe a inauguração com uma d'essas festas grandiosas do trabalho, que as duas nações mais cultas da Europa instituiram como personificação do desenvolvimento intellectual e industrial do presente seculo!

Propor-se Portugal a realisar em sua honra um feito que constitue de per si uma grande gloria, que tão sómente refulge nos annaes modernos da Gran-Bretanha, da França e dos Estados Unidos! Propor-se ao que ainda se não atreveu alguma outra nação, além das tres mencionadas; nem a propria Allemanha, apesar de possuir para o effeito tantas condições vantajosas na vastidão do seu territorio; n'essa feliz situação geographica, que a faz coração da Europa; na multidão dos seus habitantes; no extraordinario desenvolvimento da sua industria; na extensa rede de caminhos de ferro que liga em intimas relações não sómente todos os seus grandes centros productores e populosos, mas tambem os diversos estados em que se divide, com quasi todas as potencias européas; e, finalmente, na riqueza e poderio dos seus dois principaes estados!

Abalançar-se, pois, a uma tal empreza um paiz que ainda ha pouco começou a cicatrizar as feridas abertas por guerras estrangeiras e discordias intestinas, que no decurso de meio seculo lhe arruinaram a fazenda publica, estagnando-lhe ao mesmo tempo todas as suas fontes de riqueza, desatando ou afrouxando muitos laços sociaes, e amortecendo ou entibiando em quasi todos os peitos o amor da patria; abalançar-se, portanto, a uma tal empreza, repetimos, era uma inaudita temeridade, segundo os juizos menos severos.

Após estas considerações vinha naturalmente uma apprehensão sinistra e grave, porque dizia respeito á quebra do decoro nacional. Appellaria em vão Portugal para os industriaes de todo o mundo? Desdenhariam as nações poderosas acceitar o convite do pequeno e empobrecido reino, ainda ha meia duzia de annos tão desconsiderado e calumniado no estrangeiro, que toda a Europa parecia disposta a esquecel-o e desprezal-o? Enfeitar-se-hia em vão Portugal com as suas melhores galas para celebrar a grande festa do trabalho universal; abriria debalde com apparatosa solemnidade as portas do seu palacio de cristal aos productos da industria de todos os povos?

Já se vê, por conseguinte, que não faltava fundamento para o espanto de uns e para as apprehensões de outros. E quem souber como em nossa terra se levantam obstaculos contra quaesquer reformas ou innovações, por mais uteis que as tenha demonstrado a experiencia alheia, poderá julgar das difficuldades que se ergueriam sobre tão justificada base.

Foram immensas, com effeito; immensas em numero e no vulto. Surgiam de toda a parte, variando sempre de fórmas. E tanto se multiplicaram e cresceram, que até muitos dos que tinham abraçado com mais espontaneidade o pensamento da exposição, começaram a esmorecer e vacillar, não sómente no seu esforço, mas tambem nas suas proprias convicções. Assim vieram a achar-se quasi sós em campo os dois auctores da idéa inicial, a quem cumpria realisal-a como membros da direcção do palacio de cristal, e conjunctamente com os outros seus collegas.

Cabe aqui escrever os nomes d'estes dois illustres filhos da cidade que se gloria de ter servido de berço á liberdade dos portuguezes. Os srs. Antonio Ferreira Braga e Alfredo Allen são os dois patriotas que conceberam aquella idéa civilisadora; que, como paes extremosos, a acalentaram, fazendo-lhe tomar corpo e robustez; e, como athletas, a levaram ao capitolio, onde assistiram ao seu triumpho.

Foram admiraveis e dignas dos tempos heroicos de Portugal a coragem e perseverança com que luctaram até ao dia da victoria; não havendo razões que lhes entibiassem a fé, nem contrariedades que lhes arrefecessem o enthusiasmo, nem difficuldades e opposições que lhes quebrantassem o animo. Encontraram, é verdade, algumas pessoas, a cuja frente figura o sr. conde de Castro, actualmente ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros e das obras publicas, que, compenetrando-se da elevação e utilidade da idéa, prestaram-lhes efficaz apoio, facilitando-lhes o indispensavel auxilio dos poderes publicos. Mas, ainda assim, precisaram de todo o zêlo do seu patriotismo e de toda a energia do seu esforço, no que foram secundados pelos outros membros da direcção da sociedade, para debellar os ultimos obstaculos e rematar a obra grandiosa a que metteram hombros.

Deus abençoára o pensamento e as fadigas dos que tanto se haviam empenhado em honrar e engrandecer a patria, em ennobrecer e glorificar com pompas e premios o trabalho, que é na terra o crisol onde se apuram as virtudes que os anjos coroam no ceo.

O dia 18 de setembro de 1865, aprazado para a abertura solemne da exposição internacional portugueza, alvoreceu, em fim, e com tal brilho e formosura, como se a natureza quizesse augmentar com os seus esplendores e alegrias o apparato e galas da funcção. Dignaram-se tambem abrilhantal-a com as grandezas da corte e com a auctoridade de sua augusta presença, suas magestades el-rei o sr. D. Luiz I, a rainha sra. D. Maria Pia de Saboya, el-rei o sr. D. Fernando e sua alteza o serenissimo infante D. Augusto.

A entrada do prestito real no palacio foi uma scena magnifica, pelo effeito que apresentava aos olhos; soberba, pela valia e significação da festa que se cele-

brava; e pathetica, pelo muito que fazia pulsar de prazer e nobre orgulho os corações dos portuguezes que a presenciavam. E quando, depois dos discursos inauguraes da exposição, pronunciados pelo sr. Antonio Ferreira Braga, como presidente da direcção do palacio de cristal, e por el-rei o sr. D. Luiz I, os soberanos desceram do throno, e, seguidos de numerosas pessoas que acompanhavam o prestito real, passaram a visitar as naves, salas e galerias do palacio, e os outros edificios annexos, que então se patenteavam ao publico, a todos maravilhou o quadro geral da exposição. Quasi todas as nações civilisadas alli tinham enviado, em maior ou menor escala, os productos da sua industria; e algumas d'entre as mais cultas alli tinham exhibido ampla e dignamente variadissimos documentos do seu progresso industrial.

Não se podia comparar a exposição internacional portugueza com as de Londres e de Paris, na grandeza e magestade do edificio, nem no numero dos expositores, nem na quantidade dos productos expostos, nem, finalmente, na riqueza de muitos d'elles. Mas, não obstante, os proprios individuos que visitaram essas exposições estrangeiras não recusaram o seu testimunho de admiração, vendo o modo por que se desempenhou Portugal da ardua e ousada empreza que a si tomára. Até aquelles que mais a tinham contrariado, pela convicção ou pelo receio de que ficassem compromettidas n'ella a honra e dignidade do paiz, franca e lealmente manifestavam a sua satisfação. E tão favoraveis noticias correram logo depois pela Europa ácerca da nossa exposição, que algumas nações, julgando-se menos dignamente representadas, do que tinham direito a sêl-o n'aquelle certamen do trabalho, enviaram numerosos productos passado tempo depois da abertura da exposição. A França e a Italia, que já alli ostentavam tantos e tão honrosos titulos dos seus progressos nas artes, ainda quizeram augmentar o seu catalogo, remettendo a primeira mui excellentes quadros a oleo, e a segunda 48 estatuas e bustos esculpidos em marmore de Carrara com muito primor.

Podêmos, portanto, dizer afoitamente, que esta exposição foi para Portugal um acontecimento economico e politico, relativamente aos tempos, de não menor transcendencia que o da descoberta da India.

Foi mui importante, considerado economicamente, pelas diversas vantagens que a industria nacional alli ha de certamente colher. Foi importantissimo pelo lado politico, porque nos deu consideração aos olhos do mundo. E quanto d'ella carecemos, não só para a nossa rehabilitação moral e sustentação da nossa autonomia, mas tambem para a continuação dos melhoramentos materiaes do paiz, que o digam as affrontas, desprezos e perigos por que passam as nações quando descem aos ultimos degraus na escada da sua decadencia; que o diga esta nossa patria, que, em tempos que ainda não vão longe, se viu feita o ludibrio dos estranhos, pela fraqueza e desconsideração em que a deixaram cair governos fracos e ineptos.

Uma nação, portanto, que assim rompe audaz por toda a sorte de difficuldades, para dar solemne documento do quanto tem a peito avançar no caminho dos progressos humanitarios, adquiriu jus a ser considerada, como n'aquella epocha gloriosa, uma obreira convicta e efficaz da civilisação.

Portugal, pois, reconquistou, por esse simples facto, o seu antigo logar entre as nações mais cultas. E estas hão de se honrar honrando-o e respeitando-o, porque verão na ousadia d'aquelle commettimento o signal evidente de que resurgem entre nós os brios, o vigor e a energia, que são elementos da grandeza e prosperidade dos povos, e que o foram outr'ora do poder e gloria dos portuguezes!

Cremos, por conseguinte, ter demonstrado, apesar da pequenez e mal esboçado do quadro, que não faltam pontos de similhança entre o arrojo que produziu a descoberta da India, e o pensamento e esforço que deram origem á exposição internacional portugueza. A historia geral da civilisação não concederá a estes, sem dúvida, o mesmo logar honorifico que deu áquelle; mas ha de registal-os como titulos mui singulares da energia e illustração de um povo. E os annaes de Portugal consignar-lhes-hão uma parte distinctissima no capitulo consagrado á sua regeneração moral e physica, e á sua resurreição como potencia respeitada.

Honra, pois, e gloria aos auctores da exposição e á cidade invicta que lhe serviu de theatro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

I

Se se abrir na letra S o *Diccionario Geographico* de Madoz, ou outro qualquer, encontra-se um pequeno artigo, que, pouco mais ou menos, diz o seguinte:

«S..., concelho das Encartações de Biscaya, comarca de Valmaseda, com trezentos habitantes, e uma egreja parochial dedicada a S. Fulano. Dista de Bilbao cinco leguas, e sessenta e cinco de Madrid.»

Eis todas as noticias geographicas, historicas, estatisticas, etc., que se encontram nos livros ácerca do pequeno torrão do mundo de que vâmos fallar.

Mas como o concelho de S... me interessa alguma coisa mais que aos auctores dos diccionarios geographicos e historicos, vou supprir o desdenhoso laconismo d'estes senhores.

O concelho de S... não tem, com effeito, grandes titulos á attenção do viajante, e, principalmente, se o viajante é despreoccupado.

A sua egreja é boa para glorificar e pedir consolação a Deus; mas... os habitantes do concelho são-lhe mui affeiçoados; e querem saber por quê? Porque, segundo affirmam, os seus antepassados a construiram amassando com o suor de seu rosto a cal d'aquellas paredes; porque estão alli enterradas as pessoas pelas quaes rezam e choram todos os dias; porque alli receberam elles a agua do baptismo; porque alli se uniram para sempre com a companheira de suas alegrias e tristezas; porque alli imploram do Todo-Poderoso consolação para as suas atribulações; e porque alli a palavra do sacerdote os induz, e induz tambem seus filhos, a amar e respeitar os paes, a desprezar o vicio e adorar a virtude.

Viu-se porventura simplicidade egual? Pois a dos taes aldeões vae mais longe.

Quando os sonoros sinos do alvo campanario da egreja parochial de S... repicam á festa, e quando, ao entrarem para a missa, se lhes deparam os altares ornados com ramalhetes de rosas e cravos, e o pavimento alcatifado com rosmaninho e espadanas, aquelles tontos choram de alegria, e julgam-se felizes com a sua pobreza, a sua egreja e a sua aldeia, quasi esquecidas dos geographos.

Não é verdade que os francezes tem razão quando dizem que a Africa principia nos Pyreneos?

S... tem um rio; mas apenas está indicado nos mappas, nem os poetas lhe tem chamado pae, nem disseram que elle serpenteava, nem que fallava d'este ou d'aquelle modo; é um rio tão simplorio, que se contenta com estar sempre limpido e fresco; com crear trutas e enguias para engordar aquelles barbaros; com dar movimento ao moinho que provê de farinhas aquel-

les selvagens, e á ferraria que dá trabalho áquelles hotentotes, quando as tempestades não lhes permittem trabalhar nas herdades; e conservar sempre louçãs e verdejantes as quintas e hortas, que fornecem grãos, fructos, hortaliças e flores áquelles rusticos.

Embora pareça incrivel em um seculo tão civilisado como o nosso, similhante rio tambem encanta os aldeões de S...

Occorre-me agora uma coisa. Lista, que, se mal me recordo, andou por alli *in illo tempore*, costumava invejar a felicidade do que nunca vira outro rio senão o da sua patria. Que valor tem que o tal Lista fizesse acreditar esta e outras tontices aos filhos das Encartações?

Nenhum. Pois aquelles já eram tontos havia muitos seculos: quando se chamavam cantabros e pelejavam com os romanos, se acaso ficavam prisioneiros, para não beijar a sandalia dos Cesares, preferiam morrer na cruz entoando hymnos á liberdade e á patria.

Que parece isto? Asseguro-vos, leitor, que estou envergonhado de ter nascido em uma terra onde taes coisas se passam desde os tempos del-rei Perico.

Mas ainda falta o melhor.

As preciosidades historicas e monumentaes do concelho de S... são as seguintes:

Um castanheiro, que João plantou no dia em que lhe nasceu o filho Pedro;

Uma roseira, que Theresa plantou uma vez que seu filho adoecêra, offerecendo á Virgem Mãe de Deus ornar-lhe o altar com todas as rosas que fosse produzindo se o rapaz melhorasse, como effectivamente melhorou;

Um rotulo que ha na ponte, commemorando que no dia tantos de tal mez e de tal anno, Fulano se lançára ao rio, e com risco da propria vida salvára Sicrano;

E uma ermida de S. Roque, mais velha que Mathusalém, a qual os habitantes da aldeia respeitam muito, pois acreditam que o santo que se venera n'ella livrou de uma peste o concelho nos tempos de Mari-Castaña.

Dir-se-ha que João plantaria o castanheiro para que désse castanhas, e não para conservar memoria do nascimento de seu filho Pedro;

Que o pequeno da Theresa não morreria porque não morre coisa má;

Que Fulano se lançaria ao rio porque fazia calor;

E que o concelho se livraria da peste porque refrescaria o tempo.

É claro; seria isso. Mas aquelles simplorios aldeões é que não o acreditam.

Ainda ha mais.

As casas da aldeia são detestaveis... são grandes, saudaveis e limpas. E dizem os moradores que não as trocariam pelo palacio do *americano* que está no melhor sitio do valle, e é magnifico; e quer saber o leitor em que se fundam? Vae rir-se da resposta. Fundam-se em que n'ellas nasceram e morreram seus paes, e em que n'ellas nasceram e se crearam elles.

Riu? pois oiça o resto.

O parocho da aldeia é um velho que não lê jornaes politicos, nem conhece Proudhon, nem Fourier, nem saudou os philosophos allemães; que não comprehende a philanthropia ingleza; que zomba dos catões americanos e dos regeneradores europeus; que sabe de cór todas as velharias da Biblia; que arruina o taverneiro da aldeia aconselhando os visinhos que não se divirtam na taverna; que, com os seus sermões, conseguiu que o amor seja em S... a coisa mais insipida do mundo, pois os maridos morrem pelas mulheres e as mulheres pelos maridos, e os noivos conservam-se fieis ás noivas; que, á força de repetir que o trabalho é bom para o corpo e para a alma, conseguiu que todos trabalhem no dia de trabalho; que, com a sua eterna prégação de que o jogo é o peior de todos os vicios, conseguiu que nem no dia de trabalho nem no dia de festa se encontre na aldeia com quem jogar o pião; e, por ultimo, que, com os seus conselhos, alcançou que aquelles simplorios exclamem quando lhes acontece alguma desgraça: «Deus o quiz... faça-se, portanto, a sua vontade!» e fiquem tão consolados como se tal desgraça não lhes succedesse.

O alcaide do conselho é um parvo, que leva a sua parvoice ao ponto de medir com a mesma vara os parentes e estranhos quando commettem alguma falta; que incorre na grosseria de recusar os brindes que intentam fazer-lhe os habitantes que tem processos pendentes da sua auctoridade; e que, quando o municipio não tem fundos para attender ás calamidades publicas, vende, ainda que seja a propria camisa, para as remediar.

Pois fique sabendo, leitor, que os habitantes de S... curvam humildemente a cabeça ante um parocho e um alcaide taes, e seriam capazes de dar a alma e a vida por elles.

Mas deixemo-nos de individuos tão rusticos com a consolação de que um sol mais civilisador os aquecerá em breve, e vejâmos se em S... ha algum habitante mais em harmonia com o espirito do seculo.

II

Que ramalhete de rosas e cravos me poisou no hombro?

— Ah! és tu? Que pretendes aqui?

— Ler por cima do teu hombro o que vaes escrevendo.

— E que te parece?

— Mal, muito mal.

— Agradecido pela lisonja! E por que não gostas?

— Porque não me agrada a ironia.

— Bem usada é um genero que...

— Um genero que fere, que damnifica, que tu não podes cultivar.

— E por que não posso?

— Porque não tens fel na alma.

— A esse respeito, não fallemos. Passam-se coisas no mundo que na alma das pombas produzirão fel e vinagre.

— Apesar d'isso, o mundo é formoso, como são bellas as rosas apesar dos espinhos.

— Tens razão: o mundo é formoso para os que não nos julgâmos desterrados n'elle.

Passemos pelo mundo derramando bençãos sobre cada flor e cada espinho que se nos depare em nossa passagem.

Quando, terminada a nossa viagem, tornarmos ao seio de Deus, ser-nos-hão abertas as portas do paraiso se podermos dizer: «Fizemos nobremente a jornada. Os habitantes da terra choram a nossa ausencia, porque semeámos bençãos pelo caminho!»

É verdade: a ironia é indigna das almas que não tem fel.

Não quero escrever para um leitor despreoccupado, porque não me comprehenderá. Sou pobre de espirito e rico de coração, e por isso escrevo só para os pobres de espirito e ricos de coração.

Virgem de olhos azues e rosto de açucena e rosa! a ti me dirigirei tambem, porque tu me comprehendes. Tens razão: o mundo é formoso para os que não nos julgâmos desterrados n'elle.

Has de saber que Theresa, aquella que plantou a roseira em S..., offerecendo á Virgem todas as rosas que produzisse, se melhorasse o filhinho de uma grave enfermidade, perdeu o marido, João, aquelle que plantou uma arvore em memoria do nascimento de seu filho Pedro.

Era ainda muito novo Pedro quando seu pae falleceu, e a pobre Theresa encontrou-se no mundo sem protecção.

Como aquelles pobres aldeões tem o costume de implorar o amparo dos habitantes do ceo em todas as suas tribulações, Theresa lembrou-se da mãe de Deus quando se achava mais desconsolada.

(Continua)

MILHAROZ

O passaro de mais lindas côres que ha em o nosso paiz é, sem questão, o *milharoz*.

Pertence ao genero designado na linguagem scientifica pelo nome de *merops*. Comprehende este genero algumas variedades, das quaes apenas uma é indigena dos paizes temperados da Europa. Esta, que é a de que nos vamos occupar, habita nas provincias do sul de Portugal, da Hespanha e da França, na Italia, na Grecia, etc. As outras especies vivem nas regiões quentes da Asia, na Africa e na Oceania; encontrando-se em maior abundancia no Senegal, no Cabo da Boa Esperança, em Madagascar, na India, na ilha de Java, nas Molucas e nas Filippinas. N'esta partilha não foi contemplada a America.

Milharoz

O milharoz da Europa, *merops apiaster*, é do tamanho, pouco mais ou menos, de um melro; porém com o corpo mais delgado e esbelto, o que o faria sobresair em elegancia a este ultimo se não tivera as pernas tão curtas. No que leva, porém, immensa vantagem ao melro, e a todos os mais passaros europeus, é no matiz e viveza das côres de toda a sua plumagem.

A parte superior da cabeça é côr de castanha aveludada, passando a um lindo verde-azul, junto do bico, e a um castanho claro, quasi côr de canella, sobre o corpo, a qual se vae mudando em amelada até acabar em um bonito amarello junto á origem da cauda. Esta é longa, airosa, e toda verde-escuro. O bico é grosso na base, longo e agudo na extremidade. Os olhos, cujo iris é carmesim, brilham no meio de uma mancha preta, que é cercada da côr de castanha que

lhe cobre a cabeça; mas logo abaixo se transforma esta modesta plumagem na mais brilhante côr de canario, que lhe tinge toda a parte inferior do pescoço até a um meio collar negro, que a separa de um verde-azul mui claro e vivo, que lhe veste todo o peito e a parte inferior do corpo. As azas são, em fim, de um verde-escuro que faz realçar a viveza e brilho das outras côres.

Não ha, pois, n'esta ave uma côr que não seja linda e graciosa; e todas se acham tão bem dispostas, que as pessoas que observam este passaro, sem o conhecerem, julgam estar vendo uma ave do Brasil, ou d'essas outras regiões que a natureza dotou com os mais formosos habitantes do ar.

Sustenta-se esta ave de insectos, que apanha voando, principalmente abelhas e vespas, que são os de que mais gosta. Por causa d'esta predilecção lhe chamam os francezes *guêpier*, querendo dizer *vespeiros*, ou *comedores* de vespas *(guêpes)*. Em o nosso paiz é provavel que seja conhecido com diversos nomes, segundo a provincia ou districto em que habita, como acontece a outros muitos passaros. No Ribatejo, onde abundam, chamam-lhe *milharoz*.

Já se vê que, preferindo a quaesquer outros insectos as abelhas e vespas, buscam os logares frequentados por estas, que são aquelles onde ha plantas odoriferas.

Fazem os ninhos nos vallados ou ribanceiras que bordam os rios, ou proximo d'elles. Com os pés e com o bico abrem na terra um buraco perfeitamente redondo, e, continuando com a mesma operação, vão fazendo um canal obliquo, bastantemente longo, no fundo do qual, em espaço mais amplo, formam o ninho de musgo e pennas. Cada postura varia de quatro a sete ovos, eguaes no tamanho aos dos melros, porém mais sobre o comprido, e tão alvos e lustrosos, que esta circumstancia os faz notaveis nas collecções dos museus, onde sobresaem a todos os das aves indigenas, que mais dão na vista por sua brancura.

É pena que se não possa domesticar tão lindos passaros. Não é sómente na qualidade do sustento que consiste a difficuldade. Por mais cuidado e desvelo que se empregue em lh'o alcançar e ministrar, todos os esforços serão baldados. A perda da liberdade traz-lhes de perto a morte.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A LITTERATURA NA AMERICA HESPANHOLA

(Vid. pag. 331)

IV

Vimos caminharem parallelamente a poesia luso-americana, e a hespano-americana, e vimos as mesmas causas produzirem identicos effeitos. As borboletas, que volitavam tontas no meio das trevas coloniaes, procuravam ávidamente o unico raio de luz que as sulcava, e esse raio de luz era a metropole quem o emittia. Tal estado não podia por muito tempo durar; era impossivel consentir-se este crime de lesa-humanidade que perpetravam duas nações, isolando do resto do mundo esses povos que assim chegavam á virilidade, sem terem saído nunca do ambito perfumado e ridente d'esse gyneceu mysterioso que se chamava America. A explosão era facil de prever: aos primeiros lampejos que chispasse na Europa o gladio das grandes luctas, e cujo reflexo atravessasse o Oceano, esses Achilles americanos, revestidos pelas metropoles de trajos feminis, sentiriam o impeto guerreiro que lhes revelasse a sua força e os seus direitos.

Foi o que succedeu; travou-se na Europa o prelio gigante em que as novas idéas derrubaram e aluiram o castello roqueiro onde se abrigavam as idéas velhas e gastas, que por tanto tempo haviam dominado o mundo. Assustados por esse estrondo da quéda da Bastilha, os governos que possuiam colonias redobraram de precauções para que nem um echo d'esse baque fosse repercutir nas plagas americanas. Comtudo, o debil som que atravessou os mares, por muito frouxo que fosse, foi o bastante para que a America se erguesse a meio do seu leito de palmares, e prestasse o ouvido a esse hymno distante de alvorada. Foi-se espalhando e augmentando esse troar longinquo. Ao desabar da Bastilha succedeu o desabar do solio de S. Luiz. Sobre as ruinas de um throno, um povo inteiro confiava ás brisas dos quatro pontos cardeaes as estrophes ardentes da *Marselheza*. Depois o grande nome de Bonaparte atravessou os mares entrelaçado com esses nomes heroicos — Arcoli, Pyramides, Thabor. Depois tremeu o mundo todo com o passo de carga dos batalhões imperiaes que atravessavam a Europa seguindo os passos do homem do destino. Logo se ouviu a quéda successiva dos velhos solios europeus. O guerreiro corso apontava para o throno condemnado, e o throno condemnado desabava no abysmo, ou servia de macio sophá aos generaes fatigados de atravessarem o velho mundo ao galope dos seus cavallos. Chegou a vez da Hespanha. A monarchia de Carlos V teve a sorte commum. Pela primeira vez as colonias americanas eram chamadas a decidir do seu destino. Tinham que optar entre o velho rei preso em Compiègne, e o rei de nova raça apoiado em Madrid nas bayonetas sempre triumphantes do exercito imperial. Era tentadora a occasião, opportuno o ensejo. As colonias americanas aproveitaram esse instante de desafogo, e foram a pouco e pouco proclamando-se independentes. Estava n'essa occasião a metropole luctando heroicamente contra os profanadores do solo sagrado da patria. Aproveitaram ás colonias as lições de heroismo que recebiam da Europa. A Hespanha ensinou aos seus filhos americanos como se pugna pela independencia. Os defensores de Saragoça tiveram por discipulos os vencedores de Ayacucho.

Entretanto, o Brasil seguia as mesmas phases de curiosidade e espera. Mas, em vez de saber a noticia da quéda do throno europeu, viu um dia chegar ás suas praias um homem pallido de susto, acompanhando uma mulher louca e seguido por uma chusma de cortezãos trementes. Era o principe regente, a rainha e a corte de Portugal. Era o descendente de Affonso Henriques e D. João I, era o futuro imperador e rei D. João VI, a quem o destino, por fatalidade atroz, collocára no throno lusitano em frente de Napoleão, e a quem, por mais atroz zombaria, reservava esses dois titulos, os mesmos que assumira o heroe da Corsega, ao despir a toga republicana de consul, e ao envergar a purpura monarchica em 1804.

Este acaso fez parar a revolução que estava talvez já prestes a rebentar no Brasil. Ufana de possuir o seu monarcha, e de ser transformada em metropole, de colonia que era, satisfeita em parte por obter muitas concessões que o governo se via obrigado a fazer-lhe, para seu proprio beneficio, logo que a escolhêra para sua residencia, a terra de Cabral não pensou em seguir o exemplo das suas visinhas hespanholas, e suspendeu por alguns annos a catastrophe que mais tarde ou mais cedo tinha de succeder.

Sabemos a fórma por que succedeu, mas, como não é intenção nossa tratarmos do Brasil, mas sim da America Hespanhola, vejâmos a influencia que exerceu essa nova era de liberdade na sua litteratura.

V

Quem poderá descrever o espectaculo sublime d'esse mundo immenso acordando de subito do lethargo em que jazia, e vendo o sol do progresso já alto no hori-

sonte, vendo a luz da civilisação a inundar o firmamento? A princeza, adormecida na selva encantada, acordava depois do seu somno secular, e relanceava em torno de si os olhos deslumbrados. A Venus formosissima surgia das ondas do Pacifico, e, meio recostada na rosea concha Acidalia, mirava attonita os esplendores que a cercavam. A Eva gentil, que, vivendo no paraiso dos tropicos, por tanto tempo namorára o fructo prohibido do contacto com os europeus, cravava os dentes sequiosa n'esse aureo pomo, cuja conquista lhe fôra até ahi vedada, e nos primeiros tempos nem lhe sentia as amarguras, nem as cinzas que escondia por baixo da polpa carnuda. N'esse momento foi bella de contemplar a America! bella como é bella a educanda ingenua, que, ao sair do convento recatado, contempla pela primeira vez os encantos d'esse mundo que anciosamente cubiçou conhecer. E a Hespanha sinistra, escondida outra vez á sombra da arvore do despotismo, parecia a regente decrépita, egoista e torturadora que mira com os olhos ferozes a preza que lhe escapa.

Mal o passarinho recobra a liberdade, sacode as azas e canta. Assim a America sentiu a precisão irresistivel de ter uma litteratura. Os poetas vieram em bandos á luz do dia, empunhando a lyra harmoniosa, em cujas cordas procuravam os sons que deviam traduzir melhor o jubilo immenso do seu paiz. N'essa epocha operava-se na Europa a revolução romantica, filha da revolução politica. Os povos procuravam no seu passado, nas suas glorias, nas suas lendas e nos sentimentos nacionaes, a nova Castalia de nova inspiração. Parecia que a America devia seguir o exemplo, e intentar tambem uma revolução nacional. Mas como? As litteraturas não brotam já feitas e completas da fronte dos poetas, como a antiga Minerva da fronte de Jupiter. Ligam-se umas ás outras por uma corrente, ás vezes invisivel, mas que logo se descobre se se procurar com attenção. Estes volcões litterarios, que nos espantam pelo fervor com que irrompem, pela novidade das suas labaredas, não brotam subita e espontaneamente. São sempre o resultado do vagaroso progredir dos seculos. Quando chega a occasião marcada pela Providencia, abre-se a cratéra e golpham as chammas. Como esses grandes cataclysmos, que fazem brotar volcões inesperados no sitio onde se estendia havia pouco o mar liso e plano, são consequencias das commoções latentes, das agitações submarinhas, assim os volcões politicos, assim os volcões litterarios são resultado das agitações surdas que se escondem por baixo da camada tranquilla politica ou litteraria, agitações que as chronicas não revelam, mas que a historia philosophica facilmente descobre.

Não seria difficil seguir a evolução mysteriosa que, por baixo da camada do classicismo monotono, fez a final rebentar a explosão da moderna poesia. Filia-se esta no grande movimento da renascença, combinado com a poesia legendaria e popular; dá-lhe esta a idéa, aquella a fórma. Assim tambem a revolução politica não é mais do que a continuação do movimento antifeudal do seculo XVI, o cumprimento das promessas feitas pelos reis aos povos, cumprimento reclamado imperiosamente pela grande voz da Assembléa Constituinte de 1789.

Não podia acontecer o mesmo na America Hespanhola. Alli não havia tradição, não havia poesia popular, não havia poesia nacional. A inquisição tinha posto boa ordem em tudo isso. Poesia creoula ainda não brotára, poesia india fôra proscripta pelos hespanhoes. No Perú, onde a civilisação anterior á conquista fizera progredir bastante a litteratura, foram com todo o cuidado queimados esses curiosos monumentos, e os poucos que ainda restavam foram destruidos em 1710, depois de uma grande revolta dos indios commandados por um Tupac-Amaru, que era ou se dizia descendente dos incas peruvianos. A pouquissima poesia popular que existia refugiava-se nas immensas solidões columbianas, ou nos vastos rios do continente da America meridional. Os *llaneros*, percorrendo ao galope dos seus cavallos selvagens os amplos desertos onde ninguem lhes impunha a lei, e d'onde depois haviam de sair commandados por Paez, para pôrem ao serviço da independencia a sua lança robusta, e a coragem indomavel d'esses cossacos americanos, os *llaneros*, pois, confiavam á brisa do ermo as canções que lhes segredava a musa d'essa natureza virgem e férvida, canções que se intitulavam *galerones*. Os barqueiros peruvianos, deitados no seu bote, ouvindo marulhar no costado do barco as ondas preguiçosas do Pacifico, mirando esse ceo tão limpido e tão azul, bordado de tão farto matiz de estrellas, ou navegando n'esses rios gigantes, onde a canôa sulca a immensidade das aguas fluviaes entre a immensidade das selvas, entoavam os enamorados *yaravis*, onde, entre a ingenuidade do pensamento e o mal expresso da idéa, se sente, comtudo, um colorido original e fervente.

Traduziremos dois:

> Passarinho verde,
> teu peito encarnado,
> mysterios revela,
> tu és namorado.
>
> Até entre as flores
> se póde notar
> que aromas tributam
> a quem sabe amar.

Isto, comtudo, não era sufficiente para formar uma litteratura. Não nos admira, pois, que os poetas americanos fitassem os olhos na Europa, e seguissem o movimento de que por tanto tempo haviam estado privados. Já Madrid, um dos fundadores da republica granadina, traduzira os *Tres Reinos da Natureza*, de Delille, quando o romantismo invadiu a America. A nova eschola, com todas as suas boas qualidades e com todos os seus defeitos, exerceu amplo dominio na litteratura hispano-americana. As obras de Victor Hugo produziram um verdadeiro delirio, e um poeta entre todos notavel, Lozano, soube conquistar n'esse genero uma brilhante reputação.

E é effectivamente um grande poeta. Antes de publicar os seus *Cantos da Patria*, que revelam uma nova phase do seu talento, Lozano estreiou-se esplendidamente com diversas poesias, entre as quaes avulta a que é dirigida a Napoleão. Sente-se n'ella o ardor, a vehemencia que prognosticava já que a poesia americana ia ter magnificos destinos.

Eis como ella principia:

> Aguia dos ermos, filha da procella,
> esplendido cometa,
> que dos evos sem fim no ceo te prendes,
> tu que o lago do olvido
> com teu regio fulgor illuminaste,
> deus que do throno olympico
> baqueaste pelo raio fulminado,
> quem as palavras ultimas
> te póde ouvir dos labios moribundos?
>
> Não foram as pyramides, que, ouvindo
> o estrondo dos teus passos,
> curvaram com respeito a fronte adusta;
> nem as aguas do Nilo,
> que espelharam teu vulto, e que repetem
> ainda hoje o teu nome;

nem as vastas cidades que incenderam
as torres e os palacios
para serem os fachos da tua noite!
Quem foi então?... Silencio!
A lingua hesita, freme, balbucia,
murmura: «Oceano e fraga»!

A terra, o mar e os ceos estreito espaço
foram para o gigante!
Dos paços imperiaes o tecto esplendido
foi o ceo sem limites!
Foram-te os soes diadema, e vasto leito
o polo diamantino.
Titão da Europa, campeando altivo
n'um acervo de thronos,
por tumulo tiveste... quem o crêra?
de Santa Helena as rochas.

Através dos defeitos da traducção podem os leitores ver o fogo de linguagem e a alteza de pensamentos, que revelam um grande poeta. Mas poesias assim não bastam para fundar uma litteratura nova e original. Poesias assim escreveram-n'as tambem os grandes poetas brasileiros. Se as republicas hispano-americanas ficassem no estado mais ou menos tranquillo em que ficou o Brasil, era natural que a litteratura fosse seguindo esse trilho; mas não succedeu assim. As paixões politicas vieram exaltar o animo dos poetas. A proscripção, a lucta sanguinea, o clarão do incendio nocturno, todos os horrores da guerra civil, nos quaes os membros da phalange litteraria figuravam como actores, retemperaram a sua alma, robusteceram-lhes, em vez de lhes afrouxarem, o amor da patria, e, obrigando-os, não a procurarem a inspiração, mas a recebere-n'a como lh'a segredavam a ira contra os que dilaceravam a liberdade, as tristezas do exilio, os extases perante essa formosa terra devastada pelas tormentas partidarias, os devaneios queridos de um futuro risonho que se lhes entremostrava á phantasia por entre as brumas do presente, fizeram com que a poesia hispano-americana despregasse as suas proprias azas e se engolphasse, com um grito de enthusiasmo no seu esplendido ceo.

VI

As grandes epochas da poesia tem tido sempre a sua origem nos infortunios e nas agitações dos povos. As grandes obras da poesia hellenica são bafejadas pelo sopro da guerra do Peloponeso. É a aragem do exilio quem desfere as cordas da harpa dos prophetas, e, se me contrariarem a theoria apontando-me o exemplo do seculo de Augusto e do seculo de Luiz XIV, dir-lhes-hei que muito myope será quem não vir até nas mansas bucolicas de Virgilio e nas odes regaladas de Horacio o reflexo das chammas em que ardeu a Italia, retalhada pelas guerras civis que precederam a paz octaviana. Esse socego que respiram as eclogas do poeta de Mantua não é a serena e doce tranquillidade d'aquelles a quem a vida correu em ocio ledo, e que só viram sempre em torno de si a paz e a folgança; é o repoiso do homem fatigado de desastres, que aproveita a primeira arvore que se lhe offerece para descançar á sua sombra; é a prostração do naufrago que, sentado na praia, contempla, soltando um suspiro de allivio, a immensidade das ondas, a que por milagre escapou, e cujas fauces espumosas ameaçavam tragal-o. *Dulcia linquimus arva*, diz melancolicamente o Melibeu da primeira ecloga. Soffremos, fomos pungidos por dores atrozes, e a essa influencia devemos a suavissima tristeza das nossas fallas, a doçura inexcedivel do mel virgiliano.

Na era de Luiz XIV talvez não estejamos em tão boas avenças. É possivel que os leitores confundam os primores do artista com os sublimes cantos do poeta, e então considerem naturalmente a epocha dos Racines e dos Boileaus como a edade de oiro da litteratura. Eu não penso egualmente. Admiro Racine, admiro Boileau, mas estou muito longe de os considerar como pertencentes á pleiade d'esses grandes genios que tem o inestimavel condão de commoverem e agitarem o coração da humanidade. Nos dois grandes poetas d'essa era vejo a confirmação da minha theoria. No austero Corneille sinto passar o sopro das revoluções que precederam o reinado de Luiz XIV. No caustico Molière vejo personalisadas as secretas amarguras d'esse reinado á superficie tão esplendido. Vejo o povo que põe a mascara do auctor comico, e se vinga, pela boca do grande homem, das classes superiores que o opprimem, flagellando-lhes os vicios e os ridiculos. Na gargalhada de Sganarello oiço como que o rugido distante do leão de 1792.

Escuso de citar a pleiade brilhantissima, e a litteratura original que devemos á influencia do gigante cataclysmo que rasgou um vortice immenso entre o seculo XVIII e o seculo XIX. Caso seria, pois, para grande espanto se, sendo a America Hespanhola tão fertil em talentos, não brotasse uma valente e original litteratura das discordias, das agitações que a tem constantemente dilacerado.

Assim succedeu, com effeito, e, como nota com muita razão mr. Elisée Reclus, não só a America Hespanhola produziu uma litteratura caracteristica, mas até cada uma das republicas em que se divide apresentou uma litteratura sua com uma indole especial.

Percorramos, pois, de relance, tanto quanto nol-o permittem os estreitos limites que impozemos a este artigo, os differentes paizes em que se fraccionaram as antigas possessões da Hespanha.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

PEIXE FUGIDO PELAS MALHAS DA REDE

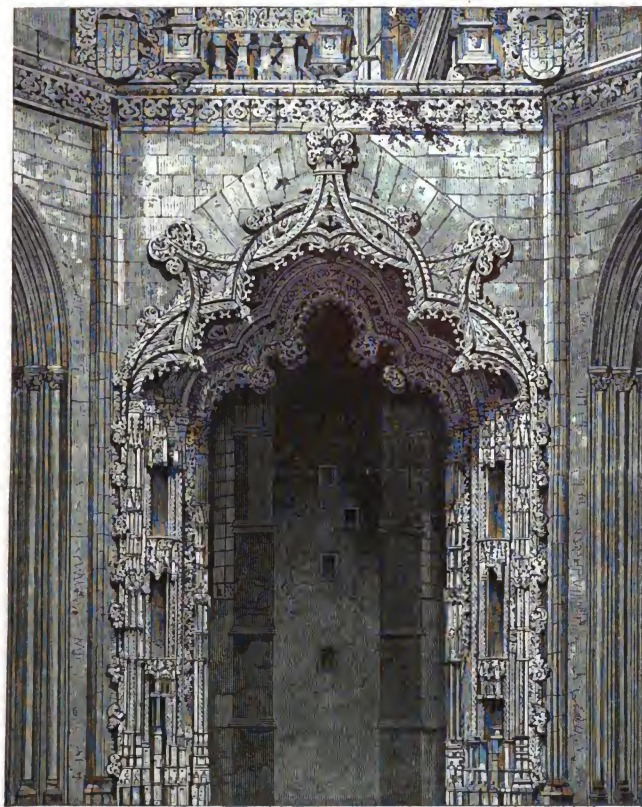
Vivia em certa cidade do nosso paiz, que era séde episcopal, um clerigo de bastante intelligencia, e grande sabedor de theologia. N'esse tempo, já muito afastado de nós, andavam muito em voga as palestras sobre assumptos mysticos, e, por conseguinte, as controversias theologicas. O nosso clerigo era um dos mais denodados campeões que ousavam enristar a lança n'esse certamen. Posto que aferrado ás fórmulas syllogisticas de argumentar, orava com eloquencia e discorria com muita agudeza. Tinha, porém, um costume que lançava ás vezes certo ridiculo nos seus discursos; e consistia em empregar a palavra *distingo*, quando ia responder a alguma pergunta ou objecção, embora não viesse a proposito fazer distincções. Dava, pois, motivo este mau costume a que muitas pessoas escarnecessem d'elle. Como frequentasse a miudo o paço do bispo, lembrou-se este prelado de lhe fazer sentir ao vivo os inconvenientes d'aquelle defeito. Combinou para esse fim com outros individuos que compunham a sua sociedade habitual, que apenas o padre entrasse na sala se lhe propozesse uma questão que de fórma alguma admittisse distincções. Ainda bem não estava acabado o accordo, chegou o clerigo, e logo o bispo, voltando-se para elle, lhe diz:

— Vem muito a proposito, pois queremos ouvir o seu parecer ácerca de uma questão em que estamos discorrendo. Um caldo fará quebrar o jejum?

— *Distingo* — respondeu immediatamente o padre; e os circunstantes, sem mais esperar, romperam n'uma grande gargalhada. Porém o padre, sem mostrar a mais leve perturbação, continuou como se o não tivessem interrompido:—*Distingo*, disse; se o caldo for de qualquer portaria de convento, não fará perder o jejum; mas se for da cozinha de v. exc. então posso affirmar que sim.

D'esta vez ficaram logrados o bispo e os seus amigos. O clerigo saíu triumphante como o peixe que sae folgadamente das malhas da rede em que pretenderam colhêl-o.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

Portal das capellas imperfeitas, do lado interior

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA
VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 321)

Passado o gracioso portal que deixâmos descripto, entra-se no espaço octogonal, que a suspensão dos trabalhos deixou como uma grande praça descoberta, cercada das sete capellas mencionadas e do portico da entrada, com o qual se complecta o octogono.

São todas as capellas eguaes na fórma, nas proporções e na ornamentação geral, variando apenas em certos emblemas e divisas. Posto que exteriormente apresentem tres faces, no interior tem a fórma de um semicirculo. Os arcos que lhe dão ingresso são ponteagudos. Sustentam-n'os delgadas columnas com seus capiteis de lavores variados; e guarnecem-lhes o angulo curvilineo recortes como de uma renda. A abobada é de pedra, e toda artezoada, com seus florões.

A capella que d'entre as sete fica fronteira ao por-

tico da entrada era destinada para receber as cinzas del-rei D. Manuel, conforme o indicam os emblemas que n'ellas se vêem esculpidos. São estes a esphera e a cruz da ordem de Christo, e a letra grega *Tanyas erey*, de que já fallâmos, a qual se acha gravada nos remates dos angulos da mesma capella.

Tambem nos florões da abobada das sete capellas e nos arcos d'estas, pela parte de fóra, estão esculpidas ora a cruz da ordem de Christo, ora a esphera, em uns logares sem letra alguma, e n'outros a cruz com a letra *In hoc signo vinces*, e a esphera com as palavras *Espera in Domino*.

Outra capella tem um pelicano esculpido na pedra, sabida divisa del-rei D. João II, do que se collige que alli deveria ser collocado o mausoléo d'este grande rei. Assim tambem a que devia encerrar o corpo del-rei D. Affonso V distingue-se pelo *rodizio*, emblema de que usou este soberano, algumas vezes acompanhado da letra *É rodizio*, com a qual queria expressar quanto folgava de que o advertissem dos seus erros, pois que a dita letra sôa do mesmo modo que as palavras: *Erro dize-o*.

Não obstante serem os arcos das sete capellas decorados com diversidade de esculpturas delicadas, sobreleva a todos na riqueza da ornamentação e na perfeição dos lavores o portico da entrada, do lado interno. É um arco polycurvo de phantasiosa invenção, e todo coberto de rendas e relêvos, tão brincados e subtis, que os não faria mais perfeitos e mimosos na madeira o melhor entalhador.

A gravura que juntâmos d'este magnifico portico, copiada com a mais escrupulosa exactidão de uma excellente photographia, dá uma idéa mais cabal d'esta obra de arte do que o poderia fazer a mais minuciosa descripção.

Sobre este portico e as sete capellas corre em volta da parede um friso todo lavrado de relêvos, no gosto da architectura do renascimento.

Por cima do friso, e em correspondencia das capellas e do portico, abrem-se oito janellas; e entre estas, nos angulos, resaltam da parede os escudos das armas reaes e a cruz da ordem de Christo, guarnecidos pelos lados de uma cercadura de folhagens em relêvo. A janella sobre o portico é differente das outras. Além de ser mais larga, tem a fórma de uma tribuna, com balaustrada e mais decorações proprias do estilo do renascimento.

Pararam as obras deixando as paredes em toda ou quasi toda a altura das janellas.

Pois que os nossos leitores já podem ajuizar da estructura das capellas imperfeitas por esta breve descripção, e ainda mais pelas gravuras que lhe temos ajuntado, passaremos agora a expender algumas considerações ácerca d'esta fabrica por tantos respeitos singular.

As capellas imperfeitas são uma verdadeira excrescencia do edificio monumental da Batalha, não só por não ter entrado no plano primitivo do monumento, e pelo muito que prejudica o templo externa e internamente, como ponderâmos em outro logar, mas tambem porque destroe aquelle pensamento de unidade que presidiu á traça do edificio, e que constitue um dos titulos que mais o recommendam ao exame e apreço dos artistas intelligentes.

Se esta fabrica fosse construida segundo o mesmo estilo de architectura que vemos no templo e capella do Fundador, ainda assim dava occasião a justa censura a escolha do local pelas razões expostas. Porém accresce a isto, o que não é menos lamentavel, a differença e até confusão dos estilos architectonicos. Examinaremos rapidamente quaes são esses differentes estilos, e o modo por que se operou similhante amalgama.

Sendo el-rei D. Duarte o fundador das capellas imperfeitas, como demonstrámos, devemos suppor com boa razão, que o architecto chamado para fazer a traça a delineára no mesmo gosto de architectura do monumento visinho. Adduziremos em abono d'esta opinião dois argumentos: primeiro, que em todo o reinado do mestre de Aviz não apresentou a architectura entre nós variação alguma. N'esse longo periodo apenas se aperfeiçoou o estilo gothico, então usado, attingindo a sua maior pureza e elegancia; e n'este estado se conservou durante o curto reinado de D. Duarte. O segundo argumento, que fortalece o antecedente, é que as primeiras obras das capellas imperfeitas estão construidas conforme o estilo gothico puro. Observe-se as sete capellas exteriormente, e ver-se-ha nas suas janellas a mesma elegancia de fórmas e nobre simplicidade que distinguem o monumento de D. João I. Tanto aqui como interiormente nos arcos das ditas capellas, até aos capiteis das columnas, não se descobre um unico lavor que altere a magestosa singeleza d'aquellas esbeltas columnas. Não se vê alli, nem nas paredes externas, nem nos gigantes que as robustecem, enfeite algum d'essa ornamentação caprichosa, que é uma das feições caracteristicas da architectura gothico-florida, que acompanhou todo o reinado del-rei D. Manuel.

Cremos, por conseguinte, que esta parte do edificio pertence ás obras começadas por el-rei D. Duarte, e continuadas por seu filho el-rei D. Affonso V. É verdade que sob o governo d'este ultimo soberano começou a introduzir-se no paiz aquelle estilo florido, já muito antes seguido no meio dia da Europa, o qual, sendo uma degeneração da architectura gothica, era o ponto de transição para a do renascimento. Todavia, quem n'essa epocha dirigiu a continuação d'aquella obra teve o juizo e bom gosto de lhe não fazer alteração alguma no estilo architectonico. E note-se que, se se considerar em que os cinco annos do reinado de D. Duarte era um espaço de tempo bem curto para se poder dar grande desenvolvimento aos trabalhos de uma fabrica tão grandiosa, ainda quando se queira conceder que elles tiveram principio logo que este monarcha subiu ao throno, dever-se-ha attribuir a el-rei D. Affonso V uma grande parte do edificio a que chamâmos *primeiras obras*, por mostrarem as mesmas feições que predominam no templo contiguo.

El-rei D. João II teve o seu reinado tão agitado de discordias e tão cortado de desgostos, e escasseou-lhe tanto o tempo para as reformas e emprezas uteis que emprehendeu e projectou, que mal lhe chegou para cuidar de edificações; e tanto foi assim, que algumas que desejava levar a effeito apenas se limitou a deixal-as recommendadas ao seu successor, como aconteceu com a torre de Belem, com a egreja de Santo Antonio em Lisboa, e com mais outras obras.

Em vista d'estas razões, talvez nada fizesse ou pouco adiantasse a construcção das capellas imperfeitas. Porém, se alguns trabalhos alli se executaram por sua ordem, estão certamente comprehendidos na mesma parte do edificio que attribuimos a seu pae e avô, os reis D. Duarte e D. Affonso V. Persuade-nos a isso vermos nas abobadas das sete capellas, nos angulos curvilineos dos seus arcos, nos dois porticos, ou, diremos melhor, nas duas faces, exterior e interior, do portico da entrada das ditas capellas, e nos portaes que dão ingresso para o pateo que as precede, e lhe devia servir de vestibulo, os emblemas, motes e divisas del-rei D. Manuel, e todos os signaes que caracterisam a architectura gothico-florida. Toda esta obra tem, pois, o cunho do fundador do mosteiro de Belem.

Nos portaes que dão para aquelle pateo vêem-se duas inscripções, uma em letra allemã, e outra em letra romana, dizendo ambas: *Perfectum fuit anno Domini* 1509. Em vulgar: Acabou-se esta obra no anno do Senhor de 1509. Apenas servem estas inscripções

de declarar o anno em que se acabaram os mencionados portaes, porquanto as construcções del-rei D. Manuel fallam por si da epocha da fundação e do nome do fundador.

O grande portico da entrada das capellas, com as suas duas faces de desenho e lavores inteiramente differentes, é todo obra do mesmo soberano, ou porque os seus successores não tivessem começado esta parte do edificio, ou porque o architecto, desdenhando a singeleza de outras eras, e querendo ostentar alli a fecundidade da sua imaginação e o luxo da architectura então dominante, demolisse o que estava feito, para edificar de novo.

Já dissemos que continuaram os trabalhos depois da morte del-rei D. Manuel. Para comprovar esta asserção não é preciso recorrer ao testamento d'este monarcha. Basta ver o friso que corre sobre as capellas, e tudo mais que se levanta d'alli para cima, para se reconhecer que esta parte do edificio foi construida em tempo del-rei D. João III, pois que não ha alli um unico ornamento que não pertença exclusivamente á architectura do renascimento, que se introduziu em Portugal no começo do reinado d'este soberano.

Foi recebido esse novo estilo architectonico com tamanho enthusiasmo, obteve tão geraes applausos como restauração gloriosa das artes, que o estilo gothico, sem excepção do *florido*, que era a transição para o do renascimento, em razão de certos ornatos que acceitára d'este, foi proscripto e anathematisado. Os monumentos que se achavam em construcção foram, por conseguinte, acabados segundo as regras do novo estilo. Assim enxertaram no templo gothico de Belem uma capella-mór com pretenções a arremedar a architectura classica, ou da antiga Grecia. E nas *capellas imperfeitas da Batalha* lá foram, não só dar um novo e differente remate ao monumento gothico, mas até destruir, com menoscabo da arte, o pensamento concebido pelo primeiro architecto do edificio para lhe formar a abobada. Como se póde ver na gravura a pag. 345, o friso acima referido cortou os feixes de delgadas columnas, que, acostados aos oito angulos, deviam ir servir de base aos artezões da abobada.

D'est'arte tambem collocaram sobre o portico manuelino de mil variados relêvos uma tribuna com a sua balaustrada, perfeito exemplar do estilo do renascimento. E n'este mesmo genero de architectura construiram as janellas sobre as sete capellas ogivaes [1].

Vêem-se, pois, nas capellas imperfeitas tres diversos estilos architectonicos, representantes de tres differentes epochas da nossa historia: o *gothico puro*, que é como o padrão das emprezas cavalleirosas del-rei D. João I e de seus illustres filhos, e dos primeiros descobrimentos dos portuguezes; o *gothico-florido*, onde o cinzel esculpiu os fastos gloriosos de Portugal, triumphante, poderoso e temido na Africa, na Asia e na America; e, finalmente, o do *renascimento*, que, em opposição ao seu titulo, marca o principio da nossa decadencia no poder, na riqueza e nas proprias artes.

A julgar pela obra que nas capellas imperfeitas deve ser attribuida a el-rei D. João III, ha todo o fundamento para dizer que os trabalhos se prolongaram alli durante uma boa parte do reinado d'esse soberano. Não sabemos a epocha precisa em que pararam, nem temos indicio algum para conjecturas. Apenas podêmos suppor que, ordenando a suspensão dos trabalhos, aquelle monarcha desistiu de levar a obra por diante, pois que mandou fazer os mausoléos que estão na capella-mór do templo, e trasladou para elles os corpos da rainha D. Leonor de Aragão e del-rei D. Duarte, seu esposo, que el-rei D. Manuel recommendára em seu testamento que fosse trasladado para as capellas imperfeitas.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Ainda no seculo passado, o architecto encarregado de reparar os estragos causados no templo de Belem pelo terremoto de 1755, commetteu aquelle absurdo, e deu maior prova de mau gosto guarnecendo o côro com um largo friso lavrado e balaustrada, em substituição da antiga renda de miudos lavores.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 339)

Era por uma linda manhã de maio. Tudo cantava e ria: o sol, apparecendo no oriente, as aves no arvoredo, os sinos nas torres, e as flores nos jardins. Tudo cantava e ria, menos o coração da pobre Theresa, que estava desconsolado.

Theresa foi ao jardim ver se a roseira tinha rosas para ornar o altar da Virgem. Estava carregada d'ellas, e nunca as ostentára tão formosas como n'aquella manhã. O que lhes faltava era unicamente algumas gotas de orvalho que lhes abrilhantassem as frescas folhas, reflectindo os primeiros raios do sol que principiava a illuminar o horisonte.

Theresa colhia as rosas e chorava. Fez com ellas um ramalhete e dirigiu-se á egreja, que o sacristão deixára aberta em quanto subia á torre para tocar á missa.

O primeiro raio do sol, penetrando pela janella do templo, banhava com a sua doirada luz o altar da mãe de Deus.

Theresa poz no altar o ramo de rosas, coroadas de lagrimas, e de subito um esplendor divino lhe deslumbrou os olhos e inundou de luz o templo. O sol, reflectindo nas lagrimas que serviam de coroa ás rosas, parecia ter transformado cada lagrima em um diamante rico de luz e formosura.

A pobre aldeã levantou os olhos attonitos para a Virgem, e julgou ver um sorriso de amor e gratidão nos labios da rainha do ceo.

Saiu pouco depois do templo com o coração amplo de santa esperança, e dirigiu-se apressada para casa, a fim de que participasse d'esta alegria o filho de suas entranhas.

Passando junto do palacio do americano, ouviu uma voz que a chamava, e ergueu os olhos para as janellas.

— Sóbe, Theresa, disse-lhe o americano, que desejo fallar comtigo.

Theresa apressou-se em subir, mui alegre, sem saber por quê.

— Enxuga as lagrimas, Theresa, accrescentou o americano, que eu vou proporcionar-lhes a subsistencia a ti e teu filho.

— Filho da minha alma! — exclamou a aldeã, pensando antes na felicidade do filho que na propria.

O americano continuou:

— Tenho grandes riquezas na America, e vou fazer longa viagem para voltar aqui trazendo-as commigo, porque desejo passar n'esta aldeia o resto de meus dias. Não tenho familia nem parentes aos quaes confie o cuidado da casa durante a minha ausencia, e resolvi que tu e teu filho tomem a seu cargo este cuidado.

— Conservaremos fiel e religiosamente o que nos confie, meu senhor! — exclamou Theresa.

— Se assim o fizerem, como não o duvido, ao meu regresso constituirão a minha unica familia; se fallecer antes de voltar, não me esquecerei de vossês, e durante a minha viagem terão o necessario para viver tranquillamente.

Theresa podia apenas expressar a sua gratidão,

porque a alegria lhe embargava a voz. O americano, que estava na sua bibliotheca, que encerrava milhares de volumes, continuou:

— Vês estes livros, Theresa? Trata-os com esmero, porque elles tem sido sempre e serão os meus melhores amigos; a elles devo a tranquillidade da alma, o que vossês, pobres aldeões, que nunca viram sabios, chamam a minha sabedoria; e até lhes devo as riquezas que possuo n'esta aldeia e na America.

— Assim o faremos, meu senhor, disse Theresa. Meu filho sabe ler, mercê de Deus, e gosta muito de livros, ainda que em casa temos apenas a historia de *D. Quixote*, os *Foros de Biscaya* e outros dois. Não tenha cuidado, que o meu Pedro os conservará limpos como o sol, e na ordem em que v. s. os deixe.

— Muito bem, Theresa. Podem hoje mesmo vir para aqui, porque estou resolvido a sair ámanhã ao romper do dia.

— Meu senhor!... murmurou Theresa, córando como se tivesse que fazer alguma objecção ás propostas do americano, e não se atrevesse a fazel-a.

O americano comprehendeu-a logo.

— Não queres deixar a tua casinha? Approvo-o, Theresa, e isso torna-te mais digna da minha confiança.

— Não deve estranhar: é tão commoda, tão branca, tão aceiada e tão bella...

— Sim, sim: é-o para os que vivem de recordações e derramaram n'ella toda a sua alegria e tristeza.

— E logo, continuou Theresa, alli nasceu meu filho e se finou meu marido, e se não a habitarmos, reinará n'ella o desamparo, entrar-lhe-ha a agua pelo tecto e pelas paredes, e a pobresinha arruinar-se-ha a final, que é como se morresse de tristeza... Ah! meu senhor! quão lastimoso é vermos o lar deserto e em ruinas! Quando eu ou o meu Pedro passâmos por junto da velha azenha que ha na beira do rio, saltam-nos as lagrimas, porque querem dizer muito aquellas paredes ainda ennegrecidas pelo fogo do lar, aquelle poial que ainda se conserva alli frio e solitario, e aquellas letras, feitas com a ponta da faca ou com a pá, que ainda estão vivas na parede; e aquelles pregos que ainda permanecem junto da janella.

— Dizem muito essas coisas para os que não tem familia, como eu, e muito mais ainda para os que a tem! Não deixes a tua casa, não, porque a pobre, como dizes, morreria de tristeza. Venham de dia cuidar do meu palacio, e de noite ficará teu filho n'elle, mas não apaguem jámais o fogo no lar da familia.

— Assim o faremos, meu senhor, e gravaremos no coração a bondade de v. s.

O americano fez um gesto para que Theresa não continuasse a expressar-lhe o seu agradecimento.

Theresa levantou-se ao alvorecer do dia seguinte para se despedir do americano, foi ao jardim, tómou a melhor rosa que tinha na roseira, e, dirigindo-se á egreja, trocou-a pela melhor que estava no ramalhete da Virgem.

— Esteve esta rosa no altar da Virgem, disse ao americano. Leve-a comsigo, porque o coração diz-me que, levando-a, não morrerá v. s. n'essas estradas nem n'esses mares traiçoeiros, desamparado de Deus e dos homens.

O americano era um sabio, e, como se diz agora, um homem do mundo; mas era dos sabios e homens do mundo que acreditam em Deus, e, ainda que não acreditem, admiram e respeitam santamente a crença dos outros.

O americano acceitou com profundo reconhecimento a rosa que lhe offerecia a aldeã, e collocou-a cuidadosamente em uma caixa, onde se lhe conservasse a formosura e o perfume.

Tomou pouco depois o caminho de Bilbao, onde devia embarcar para a America central.

Todas as manhãs, quando o sacristão entrava no templo para tocar a matinas, entrava após elle Theresa e collocava no altar da Virgem um ramo de rosas frescas, coroadas de lagrimas... mas coroadas de lagrimas de alegria.

III

Façamos com duas pinceladas o retrato de Pedro, de Pedro tal qual era quando Theresa foi encarregada pelo americano de lhe cuidar do palacio, e não tal qual era quatro annos depois.

— E por que vaes retratal-o na primeira d'essas duas epochas?

— Porque physica e moralmente se transformára no decorrer da primeira para a segunda, e esta transformação resiste ao meu pincel, que só se compraz em traçar quadros de innocencia.

— Deixa, purissimo nume dos *Contos cór de rosa*, que o leitor despreoccupado se ria das minhas creações; deixa que zombe da minha affeição em retratar pobres mães e pobres crianças que só sabem crer e amar. Sei que ha corações que palpitam ante os meus humildes quadros. Uma d'essas pulsações e uma d'essas lagrimas apaga todos os sarcasmos que o leitor despreoccupado possa lançar sobre taes quadros, meu amor.

— Tornou-se então mau o filho de Theresa, tão querido e exaltado por sua mãe?

— Mau, no sentido que dá o mundo a esta palavra... não; porém mau, no sentido que eu costumo darlhe... sim. Porque sabes que tenho por mau aquelle que, sujeitado o coração por febris ambições e desvairada a mente por loucas chimeras, em vez de abençoar os beneficios que Deus lhe envia, rejeita-os por miseraveis, e julga-se com direito a obter o primeiro quinhão na partilha da herança humana.

Olha, rosa da roseira dos meu amores, nasci em um valle parecido com aquelle em que nasceu Pedro. O horisonte que se descobria da casa branca de meus paes era tão limitado, que a minha vista o alcançava perfeitamente.

— Minha mãe! — perguntei um dia á que me trouxe nas suas entranhas, ha mundo mais além d'aquelle alto onde apparece o sol todas as manhãs, e mais além d'aquelle outro onde se esconde todas as tardes?

— Não, meu filho, me respondeu ella.

Decorreram annos, e deixei as margens do Cadágua pelas margens do Manzanares.

Quando subo ao cume das montanhas do Principe Pio, dirijo as vistas para as collinas de Vicalvaro, ou para as de Sumas-aguas, e pergunto á santa mãe que me espera no ceo:

— Minha mãe! ha mundo mais além d'aquellas collinas?

— Não, meu filho! — me respondeu minha mãe do ceo; acredito-a ainda, e ainda sou feliz acreditando-a.

Esquecia-me, porém, de Pedro e da pobre Theresa.

Chamo pobre a Theresa, pois era-o ainda mais que na occasião em que o americano a chamou para que lhe cuidasse do palacio. Era então seu filho tão ignorante como ella; mas, como ella, amava a casa paterna e admirava a formosura dos arvoredos do valle; julgava o mais bello do mundo o templo onde fôra baptisado; tinha pelas ruinas mais veneraveis da terra as da azenha do nogueiral: não julgava que houvesse rio mais poetico e formoso que o que em certo dia fizera mover aquella azenha; não concebia que houvesse no orbe sabios que egualassem o parocho e o mestre eschola da aldeia; e considerava Rosa, sua visinha, a joven mais formosa do universo. Quatro annos depois parecia ter mudado completamente de sentimentos e opiniões.

E a pobre Theresa, advertindo esta mudança no filho, chorava como Magdalena, acompanhando-a na

sua tristeza Rosa, que era já uma rapariga tão bella como as flores que tem o seu nome, e tão boa como devia ser aquella a quem Theresa désse o suavissimo nome de filha.

Pedro, segundo se dizia no valle, fizera-se um sabio; mas ainda que isto se dissesse, Theresa e Rosa não deixavam de chorar.

Fizeste bem, meu Deus, em afastar a arvore da sciencia do humilde auctor dos *Contos côr de rosa*, porque um titulo de academico vindo das margens do Rheno, do Tamisa ou do Sena, não vale tanto como as seguintes linhas vindas das margens do Cadágua, e escriptas pela mão trémula de um labrego:

— Meu filho: Temos a toda a hora o teu nome nos labios para te abençoar. Quem longe de seu valle nativo se recorda de seus paes e de seu valle — abençoado seja!

Pedro, affeiçoado desde criança aos livros, podéra satisfazer esta paixão desde que se viu possuidor da copiosa livraria do americano.

Viveu por espaço de quatro annos quasi constantemente encerrado n'ella, devorando milhares de volumes, entre os quaes havia-os de todos os generos, uteis e prejudiciaes, fructo da ignorancia e da sabedoria, da imaginação extraviada e da imaginação dirigida pelo bom caminho.

Propensa a d'elle, por natureza, a exaggerar tudo, e a transviar-se em continuas allucinações, percorrêra o mundo e as edades, povoando assim uma como as outras de phantasmas que gritavam ao desventurado mancebo:

— «Vem a nós! Não existe a felicidade, nem póde existir, n'esse cantinho do mundo! Nós habitâmos as montanhas da Suissa, onde vaga a sombra de Guilherme Tell; as margens do Rheno, povoadas de silphides e wills; os canaes de Veneza, onde ainda resôa o cantico dos gondoleiros; as ruinas do circo romano, tintas pelo sangue dos martyres; o golpho de Parthenope, sombreado pelos loiros de Virgilio; os harens e jardins de Bysancio; a santa Palestina, onde vivem ainda Jesus, Godofredo e Pedro o eremita; a Grecia, patria dos deuses e semideuses; a India, terra dos rios sagrados e das pedras preciosas; e a America, ultimo refugio dos governos patriarchaes, e theatro unico das grandes scenas da natureza. Vem a nós, que onde estivermos estará a felicidade.»

Acampamento do 7.º batalhão de voluntarios no sitio da Agua-Branca

Se Pedro acreditava o que diziam aquelles phantasmas que vira sobresair nas paginas que devorára por espaço de quatro annos, vagos, indecisos, obscuros no principio, mas distinctos, perceptiveis, luminosos depois.

Tinham-lhe assenhoreado a alma a tristeza e o agastamento: tudo, tudo quanto o valle encerrava, até sua mãe e Rosa, se lhe figurava pobre, miseravel, vulgar, indigno de ser amado.

Sua mãe, Rosa, o parocho, o mestre eschola, todos os habitantes, em fim, do valle, procuravam desterrar-lhe da alma as febris ambições que a consumiam; mas os seus conselhos, as suas observações, os seus rogos e as suas lagrimas, eram inuteis... Pedro, todavia, era o objecto da compaixão d'aquelles rusticos individuos, que, como não tinham visto o ceo, não se julgavam desterrados na terra.

Ouve como pensava Pedro a respeito do amor, e pede a Deus que não sáiam nunca dos meus labios nem dos teus estas palavras:

— «Tu não me comprehendes! A tua alma não póde comprehender a minha!»

(Continua)

GUERRA DO BRASIL

O ACAMPAMENTO DO 7.º BATALHÃO DE VOLUNTARIOS NO SITIO DA AGUA-BRANCA

O tyranno governo do formoso mas barbaro Paraguay declarou uma guerra traiçoeira ao Brasil! Onde quer que chegam as phalanges paraguayas, levam adiante de si a pilhagem, o incendio, a devastação, praticando actos de tão barbaro vandalismo e de tão torpe immoralidade, que excedem a ferocidade dos antigos conquistadores.

O imperio teve que repellir tão grande affronta, e um brado de «guerra» soltado na capital echoou pelos valles e montanhas de toda a terra de Santa Cruz.

S. Paulo, a terra de Amador Bueno, não podia ficar insensivel ao reclamo da patria commum. Além do corpo da guarnição e o de policia que marcharam para Matto-Grosso, organisou-se um batalhão de voluntarios da patria. Quando aqui se ouviu dizer que o proprio imperador seguia para o Rio Grande do Sul, cujas fronteiras já se achavam invadidas pelo inimigo, todo o batalhão ficou possuido de uma louvavel impaciencia por não poder seguir o augusto chefe da nação.

Muitas praças, vendo que tinham de fazer uma viagem ingloria, maior de trezentas legoas, atravessando sertões e desertos faltos de viveres, quando a gloria

os chamava ao Rio Grande ou Corrientes, possuiram-se de certo desanimo, e uns desertaram, outros empenharam-se para alcançar a sua baixa. Ainda assim, o corpo ficou com a força de 603 praças.

A 24 de julho o batalhão passou revista em ordem de marcha, e, depois das 10 da manhã, seguiu viagem com destino a Matto Grosso, indo formar o acampamento no logar denominado «Agua-Branca», a pouco mais de meia legoa da cidade.

O batalhão saiu da capital entre vivas e saudações de uma povoação que victoriava os filhos da patria que iam em demanda do inimigo.

O presidente da provincia, o commandante superior da guarda nacional, com a sua officialidade, muitas pessoas notaveis e muito povo, acompanharam o bravo batalhão de voluntarios.

Na extensa e linda encosta da Agua-Branca, toda coberta de relva, ergueu-se o primeiro acampamento, cuja vista acompanha este artigo, sendo tirada pelo habil photographo portuguez, o sr. Gaspar Guimarães.

O *Correio Paulistano* publicou um bello artigo do distincto academico do 4.° anno, o sr. J. F. de Menezes, escripto no proprio acampamento.

Transcreveremos alguns periodos.

. . . .

«Á noite esteve inda mais bello o acampamento.

«Imagine-se um ceo estrellado; a via-lactea, o cruzeiro, mais brilhante do que nunca, mesmo em cima de nossas cabeças; os fogachos diante das barracas; a musica e as vozes de canto, de chamamento e mil outras, no meio das quaes ninguem se ouvia, e menos se entendia, excepto os voluntarios, que estavam álerta do toque de corneta.

«Os numerosos academicos que se achavam aqui (hoje é a segunda noite), unidos a alguns officiaes e praças e a diversas pessoas, dirigiram-se, precedidos da banda de musica, á barraca do commandante.

«Saudaram-n'o todos enthusiastica e sinceramente.

«Alguns bellos discursos alli foram pronunciados, quaes os dos academicos Camillo de Brito, Martinho Contagem; e os dos capitães dr. Felicio Camargo, e Marques; tenente Martinho Prado, alferes Autran, capellão do corpo; e o de um moço cadete, dotado de um bello talento, Marques, filho d'aquelle velho e bravo capitão do mesmo nome.

«Outro, que não esteve a par d'esses, a não ser pelo assumpto e pela mesma inspiração, foi tambem ouvido benevolamente.

«O dever, o enthusiasmo e as affeições levaram-me áquella ousadia, que certo será desculpada.

«Os vivas á gloria nacional, aos voluntarios, ao patriotismo, inda uma vez tão espontaneamente provado pelo imperador, aos valentes de Paysandú, Coimbra, S. Borja, Riachuelo; ao digno commandante do batalhão; ao digno major, e a toda a distincta officialidade, reboaram vehementes por todo o vasto espaço do acampamento.

Entre elles foram de mistura adeuses aos nossos companheiros da academia, que lá vão caminho da gloria e da honra: Felicio, Martinho Prado, Mattheus Marques, Olympio da Paixão, Coroacy.

«O tenente-coronel Pacca respondeu agradecido, e deixou-nos captivos pelo tratamento benevolo que nos prodigalisou.

«Devo dizer que todas as praças e officiaes erguiam estrepitosas saudações ao digno chefe, e todos se mostram tão satisfeitos a dizerem em uma mesma voz que hão de seguil-o até ao extremo e não o deixarão morrer só, nem longe.

«Felicio e Martinho responderam commovidos: os bravos e os applausos dos seus novos e os dos seus antigos companheiros interrompiam-n'os a cada palavra cheia de sentimento e tristeza.

«As cornetas tocaram á reza; cada companhia formou em linha; erguem-se então as orações da primeira, depois a da segunda, da terceira, casando-se todas, a final, n'uma harmonia em que os nomes de Deus e de Maria são as notas mais sublimes.

«O ceo era o mesmo, limpido e sereno; as estrellas mais brilhantes; a lua, magestosa, allumiava propicia os campos de aljofares.

«A reza finalisa pelo «Bemdicto»; n'esse momento ajoelham todos; as vozes tornam-se mais sentidas; ah! é que ellas são uma aspiração a Deus, saudades do berço, do lar e da familia!

«Visto assim, n'aquelle instante, o acampamento era magestoso; o viajante desprevenido que batesse a estrada áquellas horas, julgar-se-hia envolto em sonho diante de uma povoação phantastica.

«Finda a oração. Ouve-se aqui e alli a voz pronunciada do paulista, as cantigas do sertão, a viola, tudo em uma harmonia indizivel.

«Referir o que se diz em cada barraca, saber de que, entre si, em roda do fogo, se riem os soldados, é impossivel.

«Mas lá toca a silencio. O official da rônda e o do estado maior, impõem silencio e mandam apagar as vélas.

«É o que faço por hoje, tanto mais que o frio está de rachar.

«Amanhã marcha o batalhão.»

Quando o corpo se achava já na altura chamada dos Perús, recebeu ordem do governo imperial para retroceder, a fim de embarcar no porto de Santos com destino ao sul. Mais agradavel noticia não a podiam os voluntarios receber.

A 12 de agosto effectuou-se o embarque na cidade de Santos, a bordo do vapor *Princeza*, por entre vivas acclamações do povo santisto, que tão nobre logar tem tomado na desaffronta da sua patria, e a esta hora deve ter tomado gloriosa parte na guerra.

O batalhão levou comsigo um sagrado talisman: uma rica bandeira bordada a oiro pelas senhoras paulistas, e por ellas offerecida aos seus comprovincianos.

Já em S. Paulo se está organisando um segundo batalhão de voluntarios, e um moço paulista, natural de Campinas, o sr. Luiz V. Q. dos Santos, empregado no commercio da corte, promoveu entre os seus comprovincianos alli residentes uma subscripção para offerecerem uma rica bandeira ao 7.° batalhão de voluntarios da sua provincia. O sr. conselheiro Paula Sousa, ministro da agricultura, e natural de S. Paulo, é o maior subscriptor.

Quando uma nação se levanta forte e unida, e o seu primeiro cidadão deixa familia e commodidades para se pôr á frente do seu exercito, não ha que temer do estrangeiro, por mais forte e audaz que elle seja.

As armas imperiaes e as dos alliados começam a colher grandes vantagens sobre as do inimigo. Oxalá não esteja longe o dia em que o tyranno do Paraguay pague a temeridade do seu arrojo e das suas crueldades.

S. Paulo, 1865. J. D'ABOUCE.

A LITTERATURA NA AMERICA HESPANHOLA

(Vid. pag. 342)

VII

Comecemos pelo sul. Devemos a precedencia á republica argentina, porque tambem a republica argentina teve entre todas a superioridade nos infortunios. Esse bello paiz, que se recosta nas margens do Rio da Prata, e cuja capital, Buenos-Ayres, foi outr'ora, como Bogota e Caracas na Columbia, um dos focos da

insurreição contra os hespanhoes, teve mais que nenhuma outra que soffrer com as terriveis alternativas da guerra civil. Não se esquivou á anarchia senão para cair debaixo do jugo tyrannico e feroz do celebre dictador Rosas. A infeliz confederação não escapava aos debates sanguinolentos dos Syllas e dos Marios americanos, senão para se curvar sob a dominação de Tiberio; e quando o celebre general caiu a final do poder, foi de novo a anarchia quem recebeu do despotismo esse legado de sangue e de proscripções.

Buenos-Ayres está collocado á beira de um dos maiores rios da America do Sul, e, fitando de longe os olhos nas ondas do Oceano meridional, vê-se por outro lado cercado por essas immensas solidões dos pampas, ermos e vastos como a extensão dos mares, sublimes de aspecto, ricos de grandiosa inspiração. Entre essas duas immensidades, a das aguas e a do deserto, era natural que a sua poesia assumisse a altiveza, o tom magestoso que só póde afinar com a grave e sonora voz das brisas da amplidão. Por outro lado, a prosperidade commercial de Buenos-Ayres, a magnifica posição da opulenta cidade, o caracter energico dos seus habitantes, tudo parece confirmar e robustecer a esperança de que a confederação argentina ha de desempenhar um papel importante nos futuros destinos da America. Essas esperanças vagas balbucia-as tambem a poesia, e são essas duas influencias combinadas que dão aos cantos dos poetas argentinos, um tom enthusiastico e altivo que revela as suas aspirações e o seu legitimo orgulho patriotico.

Por outro lado, a tyrannia de Rosas pesava duramente sobre a patria, e com especialidade sobre os homens de pensamento. Como todos os despotismos, e principalmente como todos os despotismos da espada, o governo de Rosas desconfiava da penna, e da sua persuasiva tyrannia, que lucta mais ou menos primeiro que se estabeleça, mas que a final sempre campeia sobre as ruinas das ephemeras instituições que julgavam pôr barreira eterna á torrente da intelligencia.

Rosas, pois, opprimia e perseguia, mais que todos, os escriptores, e principalmente os poetas. Estes, a final, comprehenderam no nosso seculo qual era o seu poder e o seu dever, e, em vez de se coroarem de rosas e dedilharem a lyra no meio dos desastres publicos, fizeram da lyra gladio, e lançaram ao meio das refregas a sua voz poderosa e sempre escutada. O povo, Rosas bem o sabia, passava indifferente junto do empolado rhetorico, do frio argumentador, que guerreavam o tyranno com discursos declamatorios ou com gélidos raciocinios; mas os tribunos melodiosos, cuja palavra é musica, imagem colorida a phrase, esses arrastam as multidões e são verdadeiramente perigosos para o despotismo.

Entrando com todo o ardor da sua imaginação exaltada nas luctas politicas, os poetas da republica argentina provocaram o raio que anciava por fulminal-os. Mármol, talvez o primeiro poeta do Rio da Prata, foi encarcerado por ordem de Rosas, quando o auctor dos *Cantos do Peregrino* tinha apenas vinte annos de edade, e depois exilado para as regiões do polo austral; Echeverria conhece tambem os horrores do desterro, e morre no estrangeiro; Varela é apunhalado á porta de sua casa; Ascabusi escapa da morte por esquecimento do carrasco, e da prisão porque salta por cima dos muros da cadeia. Estas angustias, que não podem quebrantar a força do animo e o amor patriotico dos poetas, dão apenas á litteratura argentina um tom de indignação e de tristeza, que ainda mais caracteristica a torna, e que lembram vagamente a poesia italiana, chorosa e fremente, melancolica e altiva, que pranteia o aviltamento da patria e se recorda com ufania do passado; a poesia argentina, essa chora as discordias da patria, e anceia sempre com esperança e intrepidez pelo futuro.

Nos versos de Mármol é que mais do que em nenhuns outros se revela esta indole caracteristica do seu paiz. Quereis ouvir os versos que elle entoava, quando, a bordo de um navio, fugia para a terra do exilio, terrivel pelas saudades que o iam lancear, terrivel pelos rigores climatericos das regiões antarcticas? Oiçamol-o pois:

É a America a virgem que em seus canticos
aos povos prophetisa a liberdade;
na fronte juvenil já luz a estrella
que ha de ámanhã rasgar a escuridade.

O radiante fulgor deslumbra a Europa
de quem se afasta o seculo vindoiro;
que já bebeu a taça do destino,
e ébria jaz de poder, de gloria e d'oiro.

Solios oscillam e baqueiam sceptros.
Os povos pedem azas, e na cruz
lhes cravam sem piedade os membros lassos.
Procura o sabio da verdade a luz,

e do porvir o labaro fulgente!
Só vê em torno a si rotos pendões!
O Oceano sorve com o piloto a nave!
Assim morrem os homens e as nações.

Repoisa, murmurando as tuas lendas,
magico espelho em que o passado vês,
Hespanha, que dormias descuidada
co'um mundo inteiro agrilhoado aos pés.

Repoisa altiva França. Da tua fronte
brota em chispas a luz do pensamento.
Morrerá teu fulgor. E a sacra chamma
no mundo novo ha de cobrar o alento.

Repoisa tambem tu, velha Inglaterra.
Ha muito já que o leopardo ingente,
se inda tenta açoitar co'a juba os ares,
não póde mais erguer a adusta frente.

Mundo europeu, repoisa. Ancião dos seculos,
que se esvaem no asylo derradeiro,
e aos teus filhos emtanto a nova America
dará o abrigo e o pão hospitaleiro.

Plainos temos sem fim. Mil nações podem
brotar, brotar ua férvida colmeia.
É a America a joia do universo,
d'oiro e diamante em porticos se esteia.

É o porvir só teu, futuro immenso,
como o teu mar e os teus gigantes montes,
fulgente como os astros que scintillam
no azul dos teus vastos horisontes.

Ergue-te, pois, de gloria coroada,
e o teu olhar estende sobre as vagas;
verás que o mundo, de que os reis se ufanam,
podes sumil-o no areial das plagas.

Oh! quem podesse ver realisadas
as doiradas visões da phantasia;
reviver para ouvir dos teus poetas
a triumphante, a sacra melodia!

Mas que? ouve-a já meu peito ufano!
Exilado, mendigo a liberdade,
e vejo, ó patria, ó mãe, a tua gloria,
rasgando as brumas da futura edade!

Por isto vêem se a poesia póde deixar de se erguer a grande altura n'uma terra onde os poetas, exilados, perseguidos, vendo a sua patria opprimida por um tyranno feroz, esphacelada por discordias internas e eternas, se refugiam na visão do futuro, e se comprazem em ver a escrava das paixões partidarias, a terra que a Europa desdenha, triumphante, gloriosa, senhora do mundo, e altiva desprezadora d'essa mes-

ma Europa, que hoje tanto se ufana da sua civilisação e das suas instituições.

Não morre a arvore em cujo tronco circula seiva tão energica, por mais que o raio a fulmine, por mais que o incendio a creste com as suas linguas de fogo.

Aqui tem o elemento patriotico e altivo da litteratura argentina. Querem ver como a indignação agita as cordas da lyra d'este poeta, que tão ridentes sonhos phantasia contemplando o futuro da sua patria? Querem ver a poesia illuminada pelo reflexo tremendo e ensanguentado das violencias partidarias? Leiam as imprecações vehementes que elle dirige a Rosas. Agora não é já o poeta devaneador, é o filho d'essa terra inundada de sangue, é o *gaucho* que se revela.

Já vae longo este estudo, e como ainda muito nos resta de que tratar, limitar-nos-hemos a apontar a idéa geral d'essa objurgateria a Rosas.

«Qual é o demonio envolto em véos que te acompanha, diz elle ao dictador, para eu o seguir apertando na mão fremente o cabo do punhal? Qual é a estrella que te illumina com os seus raios, para que eu chame sobre ella a maldição de Deus? A que horas se insinua o pavido remorso n'esse teu peito de ferro, para eu invocar as visões que te gelam de terror? A que horas adormeces pacificamente no teu leito? Dize-m'o, porque quero fazer que os mortos sáiam do tumulo e te vão apertar o craneo com as suas mãos de esqueleto. Prestae-me o vosso horrido rugido, procellas; o teu fragor tremendo, raio; o teu assustador bramir, aquilão! Prestae-me o vosso estampido, cachões e torrentes, para que eu possa fulminar sobre elle uma terrivel e eterna maldição.»

É delirante este anathema; bafeja-o o sopro aterrador das maldições de Ezequiel.

Quereis agora ver a tristeza resignada? Ouvi este melancolico adeus de Florencio Balcarce, tambem proscripto, tambem victima do despotismo dictatorial:

> Não pude á patria dar gloria!
> Venceu-me a sorte fatal!
> Gota d'orvalho nocturno
> sorveu-me o ingrato areial!
>
> Se fôrdes ao solo estranho,
> amigos, que me consome,
> oh! não piseis os meus ossos,
> nem olvideis o meu nome.
>
> Adeus, sombra dos meus lares!
> Adeus, ó limpidos ceus!
> Adeus, adeus, Buenos-Ayres!
> Adeus, para sempre adeus!

Não julguem, comtudo, que a poesia argentina desdenha os espectaculos brilhantes da sua natureza esplendida, nem os assumptos que lhe offerece a indole selvatica e pittoresca dos habitantes dos *pampas*. Bartholomeu Mitre é, entre todos os seus escriptores, o que mais se tem dedicado a este genero, e o seu *Canto do Gaucho* adquiriu justa fama.

Ei-lo, visto pelo avesso na traducção:

> Meu cavallo é mais ligeiro
> do que a frecha ou que o pampeiro,
> e no acceso pelejar
> escarva o solo; não cança,
> e, ao ver a sangrenta lança,
> onde é mais brava a matança,
> vae-se intrepido arrojar.
>
> Depois, quando estendo o braço,
> quando deito mão ao laço,
> seus olhos dardejam luz;
> «em cada pupilla escura
> uma estrella lhe fulgura,
> e de cada ferradura
> brotam centelhas a flux.
>
> «Como a noite linda, é lindo!
> Como a navalha, fiel!
> Mais que á minha morenita
> quero ao meu gentil corcel.»
>
> Assim um gaucho cantava...
> Mal sôa ao longe o estridor
> do clarim, nos ermos plainos
> se embebe o audaz corredor.

O que dizemos ácerca da republica argentina refere-se egualmente ao Uruguay e ao Paraguay. Estes dois paizes estão nas mesmas condições, e tem passado por eguaes desventuras. O pequeno estado, que tem por capital Montevideo, ufana-se dos seus poetas Gomez, Figuerôa, Hidalgo, Magariño Cervantes. Só no Paraguay, por inexplicavel mysterio, não tem a poesia desvelados cultores, e nos seus fastos litterarios não reluz um d'esses grandes nomes que são o orgulho das nações suas visinhas.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

77.º

CARTA

Fez v. um grande serviço aos que desejam escrever em bom portuguez, com a doutrina e com os exemplos que vem no *Archivo*, n. 37 e 38, a respeito da syntaxe das preposições.

De mim confesso que muitas vezes me achava perplexo sobre se havia de escrever *mais que* ou *mais do que*, nas orações comparativas.

Agora já sei que posso pôr ou omittir a preposição, segundo requerer a harmonia da phrase; para o que me bastavam os exemplos que v. aponta de Almeida Garrett, que é cá o meu padre mestre dos casos.

Ultimamente occorreu escrever eu: «O drama está todo traduzido já; só lhe falta a ultima *de mão*.»

Notaram-me isto de corruptela do vulgo, e que devia dizer a *ultima mão*.

É certo que Moraes no *Dicc.* assim o ensina, d'este modo: «Dar uma mão de tinta, cal, oleo, etc. á pintura ou parede. Dar a ultima mão; fig. aperfeiçoar, acabar.»

Mas para evitar o cacophato *(mamão)* creio que podêmos muito bem inserir a preposição *de*, como faz o vulgo, que tambem tem ouvido. E demais, conforma-se isto com a doutrina que v. expendeu, de que a euphonia da nossa lingua permitte estas e outras similhantes liberdades, no tocante ás particulas que não alteram o sentido da oração.

O seu voto será para mim decisivo, como já o tem sido n'outros pontos de linguagem, etc. — *S*.

RESPOSTA

O vulgo tem razão em dizer (fallando de pintura) *uma de mão*, a *ultima de mão*, porque assim evita a cacophonia que nota o nosso correspondente, vicio de que deve fugir a sete pés quem quizer fallar e escrever bem.

Mas no sentido figurado, alludindo á conclusão ou aperfeiçoamento de qualquer outra obra, melhor será evitar a phrase, se é que não for em estilo familiar. De trabalho litterario se costuma dizer — *pôr-lhe ou dar-lhe a ultima lima*, isto é, polil-o, dar-lhe os ultimos toques, aperfeiçoal-o.

Quanto á liberdade que tem o nosso idioma de inserir a particula *de* entre as palavras que sem ella ficariam mal soantes, já dissemos bastante.

E brevemente daremos exemplos de phrases em que ella entra só para donaire e propriedade da lingua.

SILVA TULLIO.

Emilio Castelar

I

O sol das Hespanhas incende no espirito dos seus poetas a ardente inspiração oriental, sem lh'o adormecer na languidez lasciva e indolente, que é uma das feições caracteristicas da poesia do Oriente. A uma imaginação fogosa ligam elles o mais férvido enthusiasmo. A chamma que os abraza é bastante para lhes inflammar o sangue, mas não consegue embrandecer-lhes os musculos, afrouxar-lhes os nervos, agorentar-lhes o vigor. A sua inspiração póde ser voluptuosa, morbida nunca. Os seus labios, abrazados pela séde de ignotas sensualidades, não murmuram frouxamente o hymno do prazer, soltam gritos de leôa namorada. Os dedos correm-lhes febris pelas cordas da lyra, não esmorecem em requebrados harpejos. A Hespanha não é a terra dos sultões, é a patria de D. Juan. Não se recosta em coxins assyrios, como o sultão de Carrer, arroja-se ás aventuras para conquistar os sorrisos de uma Dulcinea del Toboso, muitas vezes imaginária, como o D. Quixote, de Cervantes. Tudo consegue dos hespanhoes quem lhes despertar a phantasia, como dos francezes quem lhes captivar o espirito, como dos inglezes quem lhes demonstrar a utilidade prática de um plano, como dos allemães quem lh'o provar logicamente. Abram a um hespanhol as portas doiradas do mundo dos devaneios, mostrem-lhes na téla purpurea do horisonte as scenas maravilhosas de um poema ou de uma lenda, e os hespanhoes entrarão com enthusiasmo n'essa região phantasiosa. Acenem-lhes com a visão deslumbrante do Eldorado, e eil-os ahi vão rasgando florestas densissimas, sulcando rios caudalosos, galgando cordilheiras cujo cume topeta com os ceos, dissipando hordas innumeras de selvagens, soffrendo fomes, frios, calmas, sêdes, miserias, sem desanimarem, sem perderem uma só parcella do ardor que os abrazava no começo da expedição. Enlevem-n'os com os esplendores do culto, com as maravilhas da religião, com os extases do mysticismo, e tudo supportam: inquisição, despotismo ferrenho, decadencia, para não desampararem o altar, que é para elles a porta d'esse empyreo cuja visão radiante lhes povôa a phantasia.

Os grandes poetas, os grandes escriptores que, por serem a mais sublime expressão do espirito nacional, exercem completa influencia nos seus compatriotas, possuem todos a eloquencia ardente do enthusiasmo; a dedicação exclusiva a uma causa, a uma theoria, a um sentimento; a férvida aspiração para um ideal que varia, segundo os seculos e as condições do espirito humano, mas em que elles sempre se absorvem com um ardor, com um exaggero, com uma tenacidade de que não ha talvez exemplo na historia litteraria dos outros paizes. O sol que lhes illumina o firmamento, que lhes doira os horisontes, que lhes escandece a imaginação, attrahe-os irresistivelmente. A phrase scintilla-lhes inundada de esplendores, chammeja abrazada pelos raios do astro, cada vez mais proximo, a que toda essa poesia aspira, e o poeta, o orador, o escriptor, não pára, não desfallece, não trepida perante os deslumbramentos d'essa vertigem de enthusiasmo. Vôa, vôa, sóbe, ascende com os olhos sempre fitos no seu ideal, que o illumina, soltando gritos de jubilo, saciando-se com o espectaculo d'essas torrentes de luz, mergulhando-se n'ellas, até que a morte venha quebrar as cordas da lyra, apagar com o vento frio das azas negras esse delirio de fulgor, acalmar com a mão gélida essa febre de lyrismo.

Quando a humanidade se delicia com a exaltação do mysticismo, a Hespanha mostra ao mundo estupefacto Santa Theresa de Jesus; quando a triplice mão de ferro da dynastia de Austria, do jesuitismo e da inquisição, esmaga todas as aspirações do espirito humano, prende-o n'um circulo acanhado, encerra-o na gaiola do madrigal, debate-se furiosa dentro das grades a imaginação ardentissima de D. Luiz de Gongora;

quando no ceo, d'onde o vendaval revolucionario afugentou as nuvens do despotismo, brilham com fulgor purissimo os dois astros gemeos da liberdade politica e da sciencia historica, desprende o vôo das terras hespanholas, e libra-se nas azas possantes o espirito de fogo d'esse poeta da tribuna, d'esse poeta do jornalismo, d'esse poeta da cathedra, que se chama Emilio Castelar.

Não intento (note-se bem) fazer um parallelo entre tres genios tão profundamente diversos; intento unicamente provar que cada um d'esses tres escriptores é a expressão mais viva e mais ardente do espirito hespanhol em differentes phases da sua existencia litteraria e politica.

Quando as discussões escholasticas sobre o amor divino e a graça divina occupavam gravemente o espirito dos grandes pensadores catholicos, quando os requebros e os extases de um sensualismo devoto enlevavam as almas poeticas e religiosas, appareceu Santa Theresa de Jesus. O seu genio fogoso absorveu-se todo na contemplação d'esse ideal, as torrentes da sua immensa poesia despenharam-se por esse leito. A sua imaginação embebeu-se completamente no que seria para outros ou subtileza altamente propria para com ella afiarem as armas da dialectica, ou véo semi-diaphano com que envolviam as paixões humanas para poderem entrar no recinto sagrado do templo. Theresa de Jesus, pelo contrario, eleva a subtileza á altura de um ideal, e vôa para elle com o ardor duplamente impetuoso da sua fervente organisação de poeta e de hespanhola. As argucias da escholastica desmáiam perante esta subita irrupção de lyrismo apaixonado e energico. A eloquencia abrazadora da santa freira reveste de um corpo tangivel a visão alva e etherea que ella evocára com transporte nas suas noites de delirante enthusiasmo, de asceticas vigilias. E por tal fórma se consubstanciava com essa creação da sua phantasia, aproximava tanto de si a imagem divina, enlaçava-se de modo com ella, que nós, homens d'esta geração sceptica que procura o seu ideal n'outro ponto do firmamento, mal podêmos ver n'essas inebriantes e voluptuosas paginas outra coisa que não sejam os delirios e os fervores de um amor carnal. Mas não é assim; essas roupagens sensuaes escondem um pensamento casto; porém Theresa de Jesus é hespanhola, e a sua phantasia não sabe, não póde conter as torrentes de eloquencia que lhe descem da mente aos labios, e que vaporam depois ardentes effluvios que vão cingir de uma nuvem de amor o Esposo Divino, que é o pensamento constante das suas noites de castissimo delirio.

D. Luiz de Gongora apparece n'um tempo em que o silencio é imposto pela disciplina ecclesiastica e temporal a todos os arrojos do espirito humano. O lyrismo é decotado pelos jesuitas onde quer que o encontrem, e o lyrismo religioso, desde o momento que revela espontaneidade creadora de uma intelligencia, não acha misericordia perante os sombrios Filippes e a sua corte aborrecida, e os seus impassiveis capellães. Pouco depois, em França, Fénelon soffrerá uma perseguição temivel porque o seu meigo coração de poeta se deixou prender nos suaves encantos da eloquencia mystica de uma mad. Guyon, discipula apaixonada d'essa eschola a que Theresa de Jesus dera origem. Gongora tinha uma d'essas imaginações volcanicas que tão facilmente brotam no solo das Hespanhas. Appareça uma idéa por que se apaixone, e aquelle estilo desoccupado, que procura um emprego, desatar-se-ha em torrentes de eloquencia. Mas as idéas são com todo o cuidado extirpadas pelos cultivadores officiaes do espirito nacional. Como uma arvore em cujo seio regorgita a seiva, e que só espera que a deixem ter o seu desenvolvimento natural para arrojar aos ares o tronco esbelto, para bracejar os seus airosos ramos, para os vestir de folhagem verde e lustrosa, para espraiar a copa, para acolher os ninhos, para preparar estrado aos musicos da espessura, mas que, decotado, aparado, torcido pelas mãos de um jardineiro, fica sendo uma pequenina monstruosidade, e formando um grotesco ornamento de uma alameda chata e anã, assim o talento de Gongora, privado de ar e de luz, irrompeu pelo deploravel desafogo das ninharias luzidias, das metaphoras tumidas, dos requebros affectados que formaram o peculio litterario de uma eschola que tem imitadores em Portugal n'uma epocha em que o espirito humano, livre de todas as peias, não tem a desculpa que não podêmos deixar de dar ás aberrações d'esse grande poeta, que nasceu, para sua desgraça, cem annos mais tarde, ou duzentos mais cedo do que deveria ter nascido.

Emilio Castelar entrou na scena litteraria n'uma epocha em que o despotismo debalde tenta oppor os seus frageis diques á torrente das idéas. A sua phantasia ardentissima encontrava uma virgem formosa e candida a cujos pés podia queimar o inebriante incenso que arde nas cassoletas de oiro do seu magico estilo: essa virgem era a liberdade. A sua eloquencia fervida de tribuno não se via obrigada a consumir-se em estereis fogos de artificio; podia usar da magnetica influencia que Deus lhe concedeu sobre todos os espiritos — d'ahi o orador e o jornalista. Não eram já subtis disputas de uma subtil escholastica as que occupavam as attenções do mundo pensador; eram sobre tudo as graves investigações, as sérias meditações da philosophia e da historia; foi este o idolo que Emilio Castelar cercou com o véo maravilhoso da sua eloquencia, e tão maravilhoso, que os espiritos habituados á secura insolente dos Niebuhrs mal suspeitam que não seja o vulto frivolo do romance esse que o véo esconde. Pois não é; é a historia philosophica na sua mais elevada manifestação, é a verdade procurada na meditação e no estudo. Mas a verdade tinha por interprete, ou antes por amante, um homem dotado de uma das mais esplendidas phantasias que o sol das Hespanhas formou n'um cerebro humano. D'ahi resultou o professor cuja palavra eloquente captiva a attenção da sociedade mais escolhida de Madrid.

Emilio Castelar, cujo retrato apresentâmos aos leitores do *Archivo*, é, repetimol-o, a expressão mais vehemente n'este seculo do espirito hespanhol, tal como o tentámos fazer comprehender. A sua eloquencia não convence como a de Mirabeau, não persuade como a de Lamartine, arrasta. Cada um dos seus artigos, cada um dos seus discursos é um verdadeiro delirio de enthusiasmo. A harmonia do periodo, o colorido opulentissimo da phrase, tudo n'elle é espontaneo. Sente-se que não é um pintor que está dispondo as tintas, um musico que está afinando a lyra; é uma lyra elle mesmo, suspensa da ramaria, e esperando que lhe beije as cordas a brisa da inspiração; é um d'esses magnificos passaros da America, de plumagem esplendida, que abre as azas e ascende para o sol que o enleva, e vemol-o subir rapido, rapido, na atmosphera transparente; inunda-o o esplendor do sol, e o vario matiz das pennas scintilla mostrando diversos cambiantes, á medida que o sol põe em relêvo ou a purpura da gargantilha, ou a azulada tunica d'estas plumas, ou o oiro vivissimo d'aquellas, e sobe, sobe sempre, soltando gritos de enthusiasmo, e deixando nos ares como que um rasto de esplendor, e nós não nos fatigâmos de o contemplar, como elle se não fatiga de ascender, porque essa plumagem que nos deslumbra é a phantasia, e o sol que a doira é o sol das grandes idéas.

II

Debalde se tentou obter alguns apontamentos para a biographia do sr. D. Emilio Castelar, um dos vultos

mais notaveis da litteratura e do jornalismo da Hespanha. Se alguma vez isso se conseguir, não deixará este jornal de prestar homenagem mais completa ao notavel publicista da nação visinha. Agora tratava-se apenas de acompanhar com algumas linhas, que esboçassem rapidamente a sua physionomia litteraria, o retrato do grande escriptor.

No que fica dito apenas tentâmos pôr em relêvo a feição principal do seu talento, estilo immensamente phantasioso, eloquencia de enthusiasmo. A isto junta uma vasta erudição e uma notavel clareza no modo de expor as suas doutrinas politicas ou historicas. Redactor principal do jornal progressista *La Democracia*, nas paginas d'aquelle jornal tem escripto ao correr da penna artigos em que o mais espontaneo e mais ardente lyrismo se casa admiravelmente com a elevação das idéas, a correcção da phrase e a vehemencia da argumentação. O seu conhecido amor á causa da liberdade, de que é um dos mais estrenuos defensores, tornou-o alvo das perseguições do governo, que chegou a suspendel-o das suas funcções de lente de historia, demissão que foi origem de varias manifestações liberaes, e da repressão sanguinolenta que o governo hespanhol empregou na capital.

Ainda ha pouco, quando sua magestade el-rei de Portugal esteve em Madrid, e foi victoriado enthusiasticamente por muitos liberaes que desejavam prestar homenagem a um rei verdadeira e sinceramente constitucional, tendo essa manifestação ferido a susceptibilidade do ministerio de D. Isabel II, e sendo indigitado Emilio Castelar como um dos promotores dos applausos, teve elle de soffrer nova perseguição, menos franca, mas não menos vexatoria do que a primeira. A sympathia que o seu talento já nos inspirava augmentou com esta circunstancia, em que, justa ou injustamente, o sr. D. Emilio Castelar foi perseguido por ter mostrado adhesão ás nossas instituições, e veneração ao homem que está á testa dos nossos destinos.

Não considerem, pois, os leitores este rapido artigo senão como uma modesta homenagem que presto ao sympathico talento, ao genio ardente do homem que, pythonisa da liberdade, sente acudir-lhe aos labios, em torrentes de eloquencia, a férvida inspiração em que o abraza a formosa virgem de que fez o seu ideal; do homem que, apostolo da sciencia historica, prega as suas doutrinas como prégaram as de Christo aquelles que haviam sentido poisarem-lhes na fronte as linguas de chamma do sagrado espirito; do homem, em fim, que, erguido no Sinai das novas eras, faz resoar entre os relampagos do seu phantasioso estilo o verbo grandioso do progresso, e aponta aos hespanhoes, cuja imaginação fascina, o novo e mais bello ideal que reluz no horisonte, a estrella da civilisação, o sol da liberdade.

M. PINHEIRO CHAGAS.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 347)

IV

Era em certa manhã de outono.

Pedro lia na bibliotheca que fôra confiada ao seu cuidado. O sol inundava completamente o horisonte, e, todavia, a mesa de Pedro ainda era allumiada por um candieiro.

Não notára o mancebo que o dia avançava. De tal modo o enlevava a leitura!

Passou a noite lendo. Plutarco e Homero arrastavam-lhe a alma á Grecia; o ignorado auctor das *Mil e uma Noites* levava-lh'a pelas regiões asiaticas, de delirio em delirio e de assombro em assombro; Chateaubriand passeava-a pelas florestas virgens e despovoadas da America; Cook fizera-lhe dar a volta do mundo, submersa no sublime horror das trevas e dos gelos polares; e Schiller, Gœthe, Hoffman e Shakespeare tinham feito comparecer ante ella todos os phantasmas, ora risonhos, ora terriveis e ameaçadores, dos paizes teutonicos e britannicos.

Figura-te como estaria a alma de Pedro levada de commoção em commoção por tão longinquas e diversas regiões! Figura-te quão differente seria então do que fôra quatro annos antes!

Pedro, outr'ora tão contente com viver e morrer no valle nativo, como todos os habitantes d'aquelle valle, só tinha agora um desejo, mas desejo supremo, ardente e inextinguivel; desejo sem cuja satisfação a vida lhe parecia um fardo insupportavel: o de pisar com os proprios pés, e contemplar com a propria vista, o theatro das scenas reaes ou ficticias, que os livros tinham exposto á sua admiração, scenas que na mente se elevavam sob fórmas phantasticas e poeticas, tirando-lhes a parte prosaica, que tem ainda a coisa mais poetica d'este mundo. Dissera-se-lhe, por exemplo, que Viriato era um rustico pastor lusitano quando se revoltou contra a tyrannia romana: e dissera-se-lhe que Laura, a amante semi-divina de Petrarca, bebia e comia como Rosa, sua noiva, e não o acreditava.

A casa de Rosa estava junto da de Theresa. Esta, que já tratava a joven com a confiança de mãe, pedíra-lhe que chegasse ao palacio do americano e dissesse a Pedro que viesse almoçar.

Não se fez rogar a enamorada menina. Quando entrou na bibliotheca, onde estava Pedro, este parecia enlouquecer com a descripção de um harem. Aquelle volcão de amor e ciumes que ardia perpetuamente no coração e nos olhos das odaliscas, figurava-se-lhe mil vezes preferivel a todo o amor que póde encerrar o coração das mulheres do occidente.

— Pedro, disse Rosa entrando na bibliotheca, ligeira como mariposa, rosada como as cerejas ao amadurecer, e risonha como o alvorecer do estio; Pedro, tua mãe espera-te para almoçar.

Pedro bateu com o pé no solo e olhou para a joven com indignação e desprezo taes, que Rosa retrocedeu dois passos tomada de terror.

— Perdôa-me, Pedro! — murmurou Rosa carinhosamente, Estavas distrahido e tiveste susto, não é verdade? Olha, foi sem querer... Não tornarei a assustar-te; asseguro-t'o. Anda, vem commigo, porque tua mãe está esperando por ti para almoçar.

— Não careço de companhia, e da tua muito menos, respondeu Pedro com tom desdenhoso e ameaçador.

A rapariga fez-se pallida como a açucena, e baixou a cabeça com os olhos arrazados em lagrimas.

A desprezadora expressão que dominava no rosto e no olhar de Pedro dulcificou-se um pouco.

— Que tens, e por que choras, Rosa? — perguntou o mancebo, mostrando-se commovido.

— Porque já não me queres! — respondeu a joven, cuja purissima voz estava afogada pelos soluços.

— Amo-te, sim, Rosa; mas tu tens a culpa d'estes desabafos do meu aborrecimento.

— Dize-me, pois, que hei de fazer para que estejas sempre satisfeito.

— O que has de fazer? é comprehender a minha alma.

— E quer dizer isso? — perguntou Rosa com adoravel ingenuidade. Comprehender a tua alma é querer-te muito?

— Não basta, respondeu Pedro, cuja fronte se anuviára outra vez; comprehender a minha alma é, em primeiro logar, adivinhar os meus desejos...

— Julguei que desejavas já almoçar...

Pedro bateu novamente com o pé no chão, exclamando:

— Rosa! vejo que a tua alma nunca poderá comprehender a minha; porque fallar-te d'esse amor delicado, grande, ideal, sublime, que se alimenta entre o ceo e a terra, é arremessar pedras ao mar... Bem se conhece que nunca abriste um livro.

— Eu, porém, julgava que não eram precisos livros para saber amar-te... estar sempre pensando em ti; não julgar-me satisfeita senão ao teu lado; pedir a Deus que te dê saude e felicidade; desejar que me queiras como eu te amo; entristecer e chorar quando julgo que amas outra mulher; aprender tudo o que fazem minha mãe e a tua para fazer o que ellas fazem; governar bem e economicamente a casa quando nos casarmos; estimar, tratar com affecto e educar os filhos quando Deus nol-os der; trabalhar ao teu lado para que o trabalho te sobrecarregue menos; alegrar-me quando te veja alegre; entristecer quando estejas triste; e morrer de pena quando morras... Isto é o que entendo por amor. Se é outra coisa, por que não m'o dizes? Verás como te obedecerei no que mandares. Acaso não sou docil? Quando eu era pequena estava sempre minha mãe a dizer-me: «A minha filha vem a ser uma rapariga de bem, porque melhor mandada não se encontra na aldeia.» Dize-me, Pedro, não é o amor que assim falla?

— Não duvido, Rosa; mas é o amor vulgar. O que o meu amor procura é o amor na essencia, mas não na fórma; em primeiro logar, exclue qualquer expressão a que falte nobreza, tal como a que usaste ao chegar aqui...

— É porventura mau dizer-te que venhas almoçar, quando oiço bater o meio dia e ainda estás em jejum?

— É, sim! — respondeu Pedro tornando a sentir-se dominado pelo enojo que tanto commovêra a innocente rapariga.

— Pois olha, tornou Rosa, o sr. prior e o mestre, que sabem tanto, assim dizem as coisas...

— O que mais sabe aqui é um grande selvagem. Aborreço por isso o miseravel valle...

— Miseravel valle! Haverá muitos onde se colha tamanha quantidade de grão e fructa como n'elle?

— Grão... fruta... murmurou Pedro com o maior desprezo.

— Pois tambem isso é mau? Pedro, esta manhã estive fallando com tua mãe a respeito do que se deve fazer da herdade logo que eu e tu nos casarmos. Disse tua mãe que não nos faltará de comer, porque havemos colher grão para o anno, como em vida de teu pae...

— Não serei eu quem cultive o que meu pae cultivou.

— Que dizes?

— Que não me enterrarão n'este valle.

— Jesus! — exclamou Rosa, como assombrada. Para onde vaes, pois?

— Para onde me impelle a alma.

— Mas para onde é?

— Para que hei dizer-t'o, se não me comprehenderás? Deixa-me, Rosa. Não formou Deus a tua alma para comprehender a minha.

— Amo-te muito, Pedro! amo-te muito! — exclamou Rosa com infinda ternura, procurando nos olhos de Pedro o olhar que correspondesse áquella singela expressão de affecto.

— Deixa-me em paz! — respondeu Pedro com a maior indifferença, e voltou-lhe as costas.

A innocente menina desatou em copioso choro, e desceu a escada murmurando:

— Meu Deus! meu Deus!... Não me estima já! Namora outra, sem dúvida!

V

Era já bem entrada a primavera.

Havia á porta da casa de Theresa formosa parreira coberta de folhas, por entre as quaes appareciam os primeiros racimos.

Theresa, Rosa e outras visinhas cosiam debaixo d'aquella parreira pelo cair da tarde de um sabbado. Conversavam todas como palradoras, excepto Rosa, que não despegava os labios nem levantava a cabeça inclinada sobre o lavor; e Theresa, que só entrava na conversação de vez em quando, fitava com frequencia Rosa, e exclamava com um profundo suspiro, como se quizesse dizer: «A tua enfermidade parece-se muito com a que eu padeço!»

A conversação tinha por objecto enumerar as maravilhas que a primavera ia trazendo ao valle. Martha contava que as cerejeiras do seu quintal vergariam com o peso do fructo, segundo a florescencia que apresentavam; Domingas referia que o milho das suas geiras começava a mostrar os filamentos; Luiza dizia que o anno seria muito abundante de tudo, pois o cuco viera por onde vem o sol; e Jacintha affirmava que se Bilbáo chegasse a levantar-se um poucochinho para assomar a cabeça por cima dos montes que rodeiam S..., morreria de inveja, apesar dos seus jardins e dos seus thesoiros.

Theresa e Rosa tambem diziam alguma coisa, porém murmuravam-n'o apenas ao coração: — que Pedro não as estimava já!

Uma das visinhas observou o silencio de Rosa e Theresa.

— Não sabem a grande novidade que ha esta primavera em S...?

— Que novidade é? — apressaram-se em perguntar todas.

— Que as aves se tornaram mudas, e as rosas se transformaram em açucenas, respondeu a visinha dirigindo a vista para Rosa com significativo sorriso.

— É verdade! E não tinhamos reparado n'isso, exclamaram as aldeãs.

Rosa e Theresa, ouvindo isto, desataram a chorar. As visinhas, observando-o, deixaram o tom ironico e malicioso, dominadas pela compaixão.

— Valha-me Deus! — disse uma d'ellas dirigindo-se a Rosa; como estás mudada, minha filha! Por que não cantas já como as aves, e causas inveja ás rosas de Alexandria?

— Porque para ella, como para mim, respondeu Theresa, ainda não chegou a primavera.

— É porque são umas louquinhas. Pedro está sempre fechado com os livros? Vive com Deus e aprenderá mais que o sabio Salomão. Se os livros que lê fossem maus, era justo que se affligissem; porém não é crivel que o americano, um senhor como não houve outro na aldeia, gastasse o dinheiro em livros maus...

— Não podem ser bons, porque fizeram com que o meu filho aborrecesse a aldeia onde nasceu.

— E por que não se aborreceu d'ella o americano?

— Talvez não sejam maus os livros. A ruindade póde estar em meu filho!

É impossivel descrever a dor com que Theresa proferiu as ultimas palavras e a dolorosa impressão que fizeram em Rosa.

— Ouvi do sr. prior, replicou a visinha, que os livros são como as espingardas, que, embora sejam uteis para muitos, são perigosas para alguns.

— Não, não... meu filho não póde ser mau, exclamou Theresa desfeita em lagrimas. Esta manhã viu-me chorar, e, lançando-se-me ao collo, disse-me, saltando-lhe as lagrimas das faces: «Minha mãe! perdôe-me os desgostos que lhe causo e á pobre Rosa. Estimo-as muito, e procurarei a todo o custo dar-lhes felicidade; mas não posso evitar a tristeza que me

consome, a inquietação contínua que me mata, e a aversão que me causa a aldeia!»

— Filha, disse uma das visinhas, gosto de fallar com franqueza; faço cruzes ao que tem aversão á aldeia em que nasceu, e faço-lh'as, embora seja santo. Tudo isso que teu filho diz, de que nem todos tem a alma temperada do mesmo modo; de que quem sonha com o outro mundo não se póde conformar com este; de que umas plantas seccam onde florecem outras; tudo isso que diz Pedro será lindo, mas eu tenho-o por bagatellas. A verdade é, que cada qual deve contentar-se com o que tem; que Deus manda que façamos chorar de alegria e não de tristeza os que nos estimam; que a terra em que nascemos é segunda mãe, e devemos prezal-a como a primeira; e que o talento e a sabedoria que não se empregam antes de tudo em fazer o que Deus manda, não são sabedoria nem talento. Isto é o que o sr. prior dizia ha dias a teu filho, e isto é o que se me afigura mais conforme com o evangelho.

— É verdade! é verdade! — murmuraram ao mesmo tempo Theresa e Rosa, continuando a chorar.

— Mas d'isto não infiram, continuou a visinha, que não me parece grande tonteria affligirem-se d'esse modo. Deixem que regresse o americano, e verão como desapparecem as ninharias da cabeça de Pedro, logo que elle não possa ler livros differentes dos que lia seu pae. E já que fallámos do americano: não tornaram a ter carta d'elle?

— Não, respondeu Theresa. Desde que nos escreveu de Veracruz, haverá uns mezes, dizendo que no fim de quatro annos de difficuldades conseguira regular os seus negocios e se dispunha a regressar, não tivemos carta d'elle; e isso nos dá cuidado, pois talvez lhe succedesse alguma desgraça no mar.

— A proposito de cartas, disse uma das visinhas, alli vem Ignacio com a mala do correio.

Vinha, com effeito, um mancebo pela estrada de Valmaseda, montado em muar, e trazendo a mala presa ao albardão.

Ponte sobre a ribeira de Sor

— Theresa, disse Ignacio passando-lhe pela frente da casa, levo aqui uma carta para vossemecê, segundo me disse o administrador de Valmaseda. Vou levar a mala ao sr. alcaide, para que a abra, e em seguida lhe trarei a carta.

O mancebo continuou o caminho, e Theresa e Rosa ficaram esperando com impaciencia.

— A carta é da America, segundo vejo no sobrescripto, disse Ignacio voltando poucos momentos depois com a carta na mão.

— Abre-a, e faze-nos o favor de a ler, disse Theresa com alegria, porque não quero esperar que venha Pedro. Pobre senhor! Como estará? Deus lhe dê muita saude...

Ignacio começou a ler a carta, que era datada em Veracruz, e dirigida a Theresa:

«Dirigimo-nos a vossemecê, dizia, para cumprirmos um dever ao mesmo tempo triste e satisfactorio. O sr. Fulano, natural d'esse concelho, e dono das propriedades que ha quatro annos estão confiadas ao cuidado de vossemecê, falleceu n'esta cidade.»

Ignacio não póde continuar a leitura ao chegar a este ponto, porque Theresa e Rosa, e tambem as visinhas e o proprio Ignacio, proromperam em chôro.

Durante um quarto de hora ouviram-se apenas soluços e exclamações como estas:

— Pobre senhor!

— Que pae tão bom perderam os pobres!

— Que homem tão cuidadoso na sua casa!

— A terra lhe seja leve!

— Deus o tenha em santa gloria!

Por fim, Ignacio póde continuar a leitura da carta.

«Morreu tranquillamente e sorrindo como os justos, como os verdadeiramente sabios, e como devia esperar-se da sua vida consagrada ao trabalho e á beneficencia. No derradeiro instante lembrou-se da terra da sua naturalidade e de vossemecê. Nós, seus testamenteiros, dirigimo-nos a vossemecê em cumprimento do nosso dever, para lhe declarar-mos que o finado lhe deixa em herança o palacio que possuia n'esse concelho, e oito contos de réis em metal.»

Tal era a parte substancial da carta.

— Parabens! sejam muito felizes, Theresa! — exclamaram as visinhas chorando de alegria.

— Abençoado seja, exclamou Theresa, quem taes riquezas nos deixa; abençoal-o-hei sempre, é verdade, mas antes o desejára vivo que morto!

(Continua)

CAMINHO DE FERRO DE LÉSTE

PONTE DE SOR

Os cento e seis kilometros da via ferrea de Lisboa ao Entroncamento são communs aos dois caminhos de ferro do norte e de léste. Seguindo por este ultimo, encontram-se em territorio portuguez as seguintes es-

tações: Barquinha, Praia, Tramagal, Abrantes, Bemposta, Ponte de Sor, Chança, Crato, Portalegre, Assumar, Santa Eulalia, e Elvas. Proximo da estação de Ponte de Sor passa a via ferrea sobre a bella ponte que faz o assumpto da nossa gravura.

Depois da grande ponte do Tejo [1], é uma das mais importantes obras de arte do caminho de ferro de léste. Está lançada sobre a ribeira de Sor, e é construida de ferro. Tem em cada um dos extremos, assentes sobre as margens, encontros de cantaria, apoiando-se no centro, tão sómente, apesar de ter bastante extensão, sobre dois pilares tubulares de ferro fundido, emparelhados é ligados entre si com linhas de ferro. E todavia, da solidez da sua construcção deu bom testimunho o inverno do anno passado, tão rigoroso em chuvas, que produziram tantas e tão desastrosas cheias.

A ribeira de Sor nasce em uma serra no concelho do Crato; corre junto ás fronteiras do Alemtejo e Estremadura, servindo em alguns pontos de separação ás duas provincias, e vem entrar no Tejo, proximo da villa de Salvaterra de Magos, que dista de Lisboa uns cincoenta kilometros, pouco mais ou menos.

No seu curso banha esta ribeira pela parte de léste a villa da Ponte de Sor, que está sentada em um valle pouco ameno. É povoação antiga, á qual el-rei D. Manuel fez villa e deu foral com varios privilegios por alvará de 29 de agosto de 1514. Tira o seu nome da ribeira que lhe humedece os muros, e de uma grande ponte de pedra que ahi atravessa a mesma ribeira, e que foi obra dos romanos. Dava então passagem á terceira via militar de Lisboa a Merida, a qual se dirigia por Benavente, Ponte de Sor e Alter do Chão. Em varios logares da provincia do Alemtejo encontram-se vestigios d'esta via romana, bem como da que ia por Santarem, Abrantes e Assumar, existindo entre mattos alguns lanços d'ella bem conservados, e até diversas columnas milliarias com as competentes inscripções.

Atravessa o caminho de ferro de léste um lindo paiz desde a Barquinha até Abrantes, onde a paizagem varia o aspecto de espaço a espaço, ora aformoseada pelo Tejo e seus arvoredos, e pelo Zezere, de margens tão pittorescas; ora pelas villas da Barquinha e de Tancos, que se miram no Tejo; de Constancia, tão gentilmente sentada na confluencia dos dois rios, onde está lançada a grande e magnifica ponte do caminho de ferro; e pela villa e praça de Abrantes, que domina extensas campinas da eminencia que está coroando com o seu cinto de baluartes; e em fim, pelo castello de Almourol, rico de tradições historicas, e como que saindo do seio do Tejo sobre alto throno de rochedos musgosos.

Succedem-se, porém, a todas estas galas e esplendores, os matagaes de charnecas que o viajante julga intermínaveis. Depois apparecem alguns quadros mais apreciaveis, que são como os precursores das bellezas campestres que se desfructam nos ultimos quarenta kilometros da linha.

Um d'aquelles quadros é a paizagem animada pela ribeira de Sor, com a sua ponte de ferro, que se vê representada em a nossa gravura, copiada de uma photographia.

I. de Vilhena Barbosa

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Vid. pag. 297)

V

INTERIOR DO TEMPLO

Quem entra na egreja pela primeira vez, depois de ter observado a gothica frontaria, sente cair-lhe aos pés a illusão em que se enlevava; pois não encontra na architectura do interior do templo o que o seu rico portal lhe promettêra. As reconstrucções feitas pelos conegos no seculo XVII e XVIII deram-lhe nova physionomia, amodernando-lhe as feições.

É de uma só nave, contando de comprimento 33^m,32, de largura 10^m,66, e de altura 22,^{m}23. Tem a abobada de pedra artezoada, vendo-se nos florões esculpido o escudo de armas de D. Pedro Gavião, bispo da Guarda, capellão-mór del-rei D. Manuel, e que era dom prior geral dos conegos regrantes ao tempo da reconstrucção da egreja. Este escudo, em que estão representados cinco gaviões em aspa, figura tambem no remate do arco da capella-mór, nos dois torreões da fachada, e em outros logares do mosteiro, como ao diante veremos. É isto prova, sem dúvida, de que a ordem concorreu com grossas quantias para as obras da reedificação no seculo XVI.

Toda a abobada, infelizmente, foi pintada por occasião das obras feitas no templo no seculo XVII. Os florões e artezãos foram doirados, e o resto pintado de azul com varios retratos de santos da ordem agostiniana. Os innovadores, embellezados no brilho do oiro, na graça do azul celeste e na religiosa expressão das santas effigies, não attenderam, nem se lhes importou, que a magestosa abobada de pedra, de laçarias curiosamente lavradas, ficasse parecendo simples obra de estuque. Assim tambem cobriram com azulejos as paredes do templo, construidas de boa cantaria.

O corpo da egreja tem tres capellas de cada lado, as quaes são dedicadas, começando da porta do templo, a Santo Antonio, ao Santo Sepulchro, e a Nossa Senhora da Graça, de uma parte, e da outra a Santo André, a Santa Monica, mãe de Santo Agostinho, e ao Santissimo Sacramento.

No cruzeiro ha duas capellas: da invocação de S. João Baptista a do lado da epistola; e de Nossa Senhora a do lado do evangelho. Todas estas capellas são fundas, de architectura moderna, com os altares ornados de talha doirada, mas sem que sobresáiam por merecimento algum artistico na pedra.

Todavia, fóra d'ellas, no corpo da egreja, admiram-se soberbas obras de arte. A mais preciosa e que primeiro attrahe a attenção é o pulpito todo de uma pedra, saindo da parede, junto ao cruzeiro, do lado do evangelho, na altura de 1^m,56 do pavimento. Foi feito, nos fins do reinado del-rei D. Manuel, pelos esculptores francezes que fizeram o portal da egreja, e dos quaes já fallámos.

É o pulpito todo lavrado em estatuas, medalhas com bustos, figuras de anjos, cherubins, rendas, arabescos, molduragens, as armas e divisas del-rei D. Manuel, e ainda outros lavores, como se vêem nos dois pulpitos á entrada da capella-mór da egreja de Nossa Senhora de Belem, em Lisboa, mas com a differença de que o de Santa Cruz é em tudo muito superior a estes. É muito engenhosa e feliz a invenção; muito correcto e gracioso o desenho das figuras; e de extremada delicadeza e perfeição todas as esculpturas. É uma das mais primorosas obras de arte que ha no paiz. Em esculptura em pedra nenhuma conhecemos n'aquelle genero, que ostente taes dotes artisticos em mais subido grau, que este precioso pulpito.

O conde de Raczynski, no seu muito interessante livro *Les Arts en Portugal*, aprecia esta obra de arte nos seguintes termos.

«*La chaire est un magnifique morceau d'architecture dans le style cinque cento. Elle est parfaitement bien conservée; c'est un vrai bijou que l'on serai tenté d'enchâsser dans un medaillon ou dans une bague.*»

Inteiramente de accordo com o illustre e intelligente amador das bellas artes, quando diz que o pulpito é uma joia que faz vontade, aos que o contemplam, de o metter n'um estojo ou medalha, ou en-

[1] Vid. pag. 345 do vol. v.

gastal-o em um annel, discordâmos da sua opinião ácerca do estilo architectonico. Ainda quando não houvesse nas armas e divisas del-rei D. Manuel a rubrica do seu fundador, bastava comparar este pulpito com todos os trabalhos de ornamentação do templo da Batalha, para facilmente se reconhecer que não é essa obra do seculo xv. E se o compararmos com os dois pulpitos da egreja de Belem, do mesmo modo se vê que não pertence exactamente ao estilo de architectura d'estes. Porém, se for posto em confrontação com o claustro chamado dos Filippes no convento de Thomar, da ordem de Christo, unico exemplar rico e bello da architectura denominada do *renascimento*, que ha no paiz, conhecer-se-ha que se deve classificar como um spécimen do ultimo periodo da transição da architectura gothico-florida para a do *renascimento*, que corresponde aos fins do reinado de D. Manuel, operando-se a mudança ou completando-se no reinado seguinte.

Outra obra de arte interessante, mas não de tanto primor como esta de que acabâmos de fallar, é a das cadeiras do côro sobre a porta da egreja. É sustentado este côro por um arco e abobada de pedra, que foi feito por um mestre byscainho, segundo diz D. Francisco de Mendanha, na descripção do mosteiro, já citada em outro logar. Guarnecem o côro setenta e duas cadeiras feitas de madeira mandada vir da Allemanha por el-rei D. Manuel. São todas lavradas de talha relevada, e em grande parte doirada, com muita diversidade de figuras e emblemas, mostrando passagens do velho testamento, com vistas de cidades, castellos, embarcações, etc. A respeito da perfeição de esculptura deixam a desejar alguma coisa, principalmente se se compararem com outros trabalhos do mesmo genero e da mesma epocha que ainda restam no paiz. Todavia, são curiosas e dignas de apreço, que subirá de ponto, se nos lembrarmos das perdas que o nosso paiz tem tido n'este ramo da arte, em que tanto sobresaíam, pela belleza dos desenhos e pelo primor da esculptura, as cadeiras dos coros da egreja de Christo, em Thomar, e da egreja do Carmo, em Lisboa, aquellas queimadas pelos francezes em 1811, e estas destruidas pelo terremoto e incendio do primeiro de novembro de 1755.

O orgão é reputado em Coimbra pelo melhor do reino. Não o temos n'esta conta, pois conhecemos outros que lhe levam vantagem nas vozes, e mais ainda na sumptuosidade da fabrica. Entretanto, póde-se dizer que é dos melhores que ha no paiz. Em um livro que se está imprimindo em Coimbra, ácerca da historia e descripção da mesma cidade, e do qual o seu auctor, o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, já conhecido de nossos leitores por artigos seus publicados n'este jornal, teve a bondade de nos communicar algumas folhas, achámos noticia de que este orgão tivera por artifice um insigne mestre hespanhol, chamado D. Manuel Benito Gomes de Herrera, que lhe deu principio em março de 1719, e o concluiu em egual mez do anno de 1724, sendo dom prior geral da ordem e cancellario da universidade o conego D. João de Christo[1].

O orgão antigo tinha sido feito no seculo xvi.

No corpo da egreja ha duas sepulturas de pessoas notaveis. A mais antiga é de D. Fernando Cogominho, senhor de Chaves e alcaide-mór de Coimbra, e de sua mulher, D. Joanna Dias, senhora da villa de Athouguia. Jazeram primeiramente em um tumulo na capella de S. Thiago Maior da egreja velha, fundação de D. Affonso Henriques. Depois, na edificação da egreja nova, mandou el-rei D. Manuel trasladar o sepulchro para o lado direito do templo, proximo da porta, onde se vê mettido na parede em altura de 2^m, pouco mais ou menos, do pavimento. No lado opposto, que é do evangelho, está outro sepulchro mettido na parede.

A outra sepultura é raza, e n'ella jaz D. Miguel da Annunciação, bispo de Coimbra e fundador do seminario da mesma cidade.

A capella-mór, com a sua abobada de pedra artezoada, nada contém, na sua fabrica propriamente dita, que mereça particular menção. O retabulo é um painel não muito antigo, e de algum merecimento, que representa a Europa, a Asia e a America, adorando a cruz de Jesus Christo. Encerra, porém, a capella-mór dois mausoléos que bastam de per si para lhe darem celebridade, tanto pela magnificencia da obra, como pela auctoridade das pessoas que n'elles repoisam. São os mausoléos dos dois primeiros reis de Portugal. O do fundador da monarchia está do lado do evangelho, o de seu filho do lado da epistola.

Os tumulos são singelos. Onde o architecto empenhou todos os esforços da arte foi nos arcos ou porticos que os estão cobrindo. Construidos no mesmo estilo de architectura, e muito parecidos nos traços geraes da planta com o grande portal da egreja de Nossa Senhora de Belem, em Lisboa, estes porticos sobem encostados ás paredes da capella-mór desde o pavimento até á altura de uns 11 metros, com 5 e meio de largura. Os arcos são guarnecidos de muita variedade de lavores e recortes, e aos lados d'elles erguem-se grossos pilares, a modo de gigantes ou botaréos, todos cobertos de variadissimas esculpturas, em que se contam muitas estatuas mettidas em nichos, a que fazem docel elegantes e formosos baldaquinos, todos abertos em delicadas rendas. As estatuas representam os apostolos e outros santos. No meio do arco avulta a imagem de Nossa Senhora da Assumpção, de vulto inteiro, cercada de anjos que a festejam com musicos instrumentos. Sobre o arco vê-se o escudo de armas de Portugal sustentado por dois anjos, e aos lados d'estes as espheras armillares.

São eguaes os dois porticos na fórma, nas proporções e no numero das estatuas; só differem nos desenhos da mais obra de esculptura. Os tumulos estão collocados sobre o pavimento, no vão do portico, o qual resalta tanto da parede do templo que parece uma capella collateral.

São eguaes os dois tumulos no feitio, que é o de uma caixa de pedra, com alguns, não muitos lavores, em volta do epitaphio; tendo deitada sobre a tampa a estatua do respectivo monarcha, com a cabeça descançando em cima de almofadas, e aos pés encostado um leão doirado.

A estatua del-rei D. Affonso Henriques é de tamanho natural, está vestida de armas, tendo as mãos postas, e a cabeça cingida com a coroa real. Aos lados, sobre a tampa, estão o elmo e as manoplas. Como obra de arte tem pouco merecimento.

O epitaphio diz assim: *Alphonso Henrico*, i. *Portugaliæ Regi, regio sanguine, religione et armis clarissimo, qui Imperatore Alphonso Castellæ Rege pro patria, ac viginti potentissimis maurorum Regibus cum maximis copiis, parva manu, sed fide, animoque ingenti, diversis prœliis pro Christiani nominis, augmento justa acie superatis: Olysiponem, Santarenam, Eboram aliaque quatuordecim municissima oppida, et universam ferè Lusitaniam ab infidelium manu recuperans Christi peculio adjecit. Hoc, et Alçobatiæ pluraque alia cenobia, extruxit, ditavitque, nec Regno, solum posterisque insignia Christum, qui ei apparuit cruxifixum, referentia; sed cunctis etiam maximum exemplum reliquit. Cujus virtus suis contenta factis cætera exequi non patitur. De fide, de patria, de Regno, e suis benemerenti, pientissimi hæ-*

[1] O livro a que nos referimos, a julgar pela parte de que temos conhecimento, é muito noticioso e bem escripto, não se tendo poupado o seu auctor a investigações trabalhosas. Havemos de publicar alguns extratos d'esta obra.

redes, hoc sepulchrum posuere. Obiit anno Domini CIↃCLXXXV *regni sui* LXXIII *et etatis* XCI.VI *die Decembri.*

R. I. P.

Em vulgar, segundo a versão que d'elle fez fr. Antonio Brandão, na *Monarchia Lusitana*, quer dizer: «Ao primeiro rei de Portugal, D. Affonso Henriques, clarissimo pelo sangue real, religião e armas, o qual vencidos em várias batalhas o imperador D. Affonso, rei de Castella, em defensão do seu reino, e vinte reis moiros poderosissimos, acompanhados de grandes exercitos, em augmento da Christandade, e não tendo elle da sua parte mais que poucos soldados, e a pureza da fé e grandeza de animo, de que era dotado, livrou da servidão dos moiros e restituiu á egreja de Christo Lisboa, Santarem, Evora, e outras quatorze povoações fortissimas. Fundou e dotou liberalmente este mosteiro e o de Alcobaça, e outros muitos. Não só deixou ao reino e aos seus descendentes as armas em que se representam as Chagas de Christo o qual lhe appareceu, mas um exemplo maravilhoso. Cuja virtude com suas obras se eguala, e não dá logar a se passar adiante em seus louvores. A este inclito principe, tão benemerito da republica christã, de sua patria, reino e de seus vassallos, mandaram seus piedosos herdeiros levantar este sepulchro. Falleceu no anno do Senhor de 1185, tendo 73 de seu reinado e de edade 91, no sexto dia do mez de dezembro. Descance em paz.»

Acha-se errada n'este epitaphio a conta dos annos de reinado e de vida do monarcha; o que foi devido a ter-se guiado o auctor d'elle pela chronica de D. Affonso Henriques escripta por Duarte Galvão. Deve-se ás investigações do chronista-mór do reino, fr. Antonio Brandão, a rectificação d'aquelle erro, pois que demonstrou que o nosso primeiro rei governou por cincoenta e sete annos, e viveu setenta e tres.

O tumulo del-rei D. Sancho I tem o seguinte epitaphio: *Sancius* I *Lusitaniæ rex* II *difficilimis temporib. regnans, ceu patriæ pater, regum que exemplar egregium. Obiit anno* CIↃCCXI. *etat.* LVII.

Diz em portuguez: D. Sancho I, segundo rei de Portugal, pae da patria e illustre modêlo dos monarchas, havendo reinado em tempos mui difficeis, falleceu no anno de 1211, tendo de edade 57.

Ao mesmo tempo que se reedificava o templo nos principios do seculo XVI, delineava mestre Nicolau, e esculpia juntamente com os seus tres companheiros, João de Ruão, Jaques Loguim e Filippe Uduarte, estes dois sumptuosos mausoléos.

Esperava com anciedade el-rei D. Manuel a sua conclusão, porque tinha muito a peito assistir á trasladação dos reaes cadaveres, dos antigos e humildes tumulos para os novos que lhes mandára fazer [1]. E tão justificada era a sua pressa, que por pouco o não colheu a morte antes de ver realisado esse seu desejo.

Não consentiram os tão custosos trabalhos da reedificação da egreja que se podesse effeituar aquella mudança antes do anno de 1520, que foi o anterior ao fallecimento del-rei D. Manuel.

D. Nicolau de Santa Maria, na *Chronica dos conegos regrantes*, põe aquelle successo no anno de 1515. Mal se poderia crer que, tendo começado as obras da nova egreja bastante tempo depois da visita que el-rei D. Manuel fez á egreja velha no anno de 1502, que foi quando resolveu proceder á fundação de um novo templo e de novos tumulos reaes, por ver o estado de ruina do antigo edificio, e a mesquinhez dos sepulchros em que descançavam o fundador da monarchia e seu illustre filho; mal se poderia crer, repetimos, que em tão curto praso para tão grande obra estivessem a egreja e os mausoléos concluidos, como era indispensavel para levar a effeito aquella trasladação. Com o testimunho de pessoa que assistiu á ceremonia da dita trasladação, segundo refere o auctor das *Memorias de Santa Cruz*, se corrige o erro do chronista da ordem. O seguinte extracto d'aquellas memorias é copiado do livro acima citado do sr. Simões de Castro.

«No Anno seguinte desta elleição, 1520, em os 16 dias do mez de Julho, estando o Serenissimo Rey Dom Manoel nesta Cidade de Coimbra, veio a este seu real mosteiro á tarde e mandou abrir as sepulturas antigas dos dous Reys deste Reyno seus predecessores. Achou o corpo do devoto Rey Dom Affonso Henriques incorrupto, a carne seca, e a côr palida e macilenta, mas de aspecto severo que parecia estar vivo, do qual sahia cheiro suavissimo. Tinha vestido huma Garnacha comprida de pano de lam branca, e huma sobrepelis de pano de linho, isto tão inteiro, e são, como se naquella hora lhas vestissem. Era el-Rey de estatura de dez palmos em comprido, e de dois e meio de largo pelos peitos, e a perna que quebrou nas portas de Badajoz, era mais curta que a outra tres dedos. O Senhor Rey D. Manoel o fez mostrar á nobreza e povo d'esta cidade, estando junto delle em pee descarapussado com um cirio aceso na mão, assistindo com elle todos os senhores e fidalgos com tochas acesas nas mãos e com elles todos os religiosos conegos do convento; e assim como o achou, cantando-lhe primeiro um responso, o meteo e depositou no sepulchro novo que lhe tinha mandado fazer na capella mór á parte do evangelho; e no dia seguinte, 17 de Julho, pella menham lhe mandou cantar um officio de deffuntos de nove lições com sua Missa beneficiada com toda a solemnidade e apparato que a cousa em si pedia. Esta memoria deixou escripta João Homem, Cavalleiro fidalgo da Casa delRey Dom Manoel, que com elle se achou presente, e viu tudo com seus olhos.»

Em seguida assistiu D. Manuel á trasladação do corpo del-rei D. Sancho, e de outras pessoas reaes, que tambem foram encerradas n'estes dois tumulos, como ao diante diremos. Passados pouco mais de dois seculos foram abertos estes dois mausoléos para simples satisfação da curiosidade. Foi el-rei D. João V quem assim perturbou o repoiso dos mortos em setembro de 1735. Acharam-se então reduzidos a esqueletos os corpos dos dois soberanos que el-rei D. Manuel encontrára inteiros e incorruptos, não obstante terem corrido mais de trezentos annos depois da sua morte. El-rei D. João V mandou tirar os ossos para fóra dos caixões, e, depois de limpos, collocal-os em novos ataúdes, e celebradas com pompa as ceremonias da egreja, usadas em taes casos, foram fechados os mausoléos. Exactamente um seculo depois, em outubro de 1832, foram novamente abertos por ordem e na presença do sr. D. Miguel de Bragança.

Vamos dar conhecimento aos nossos leitores de uma noticia official da ultima abertura dos tumulos, e do que n'elles se encontrou, porque d'ahi resultam alguns esclarecimentos historicos.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Estes dois monarchas foram primeiramente enterrados no adro da egreja, junto da porta, em sepulturas rasas; e ahi se conservaram por muitos annos, pois que n'aquelle tempo eram prohibidos os enterramentos nas egrejas, e ate no interior dos mosteiros, qualquer que fosse a cathegoria dos finados. Permittiam-se os enterramentos nos adros, e a collocação de tumulos embebidos nas paredes exteriores dos templos, ou mettidos em arcos abertos no grosso das ditas paredes, mas sem communicação com a egreja. D'este uso ainda existem muitos vestigios por todo o reino, e nomeadamente na sé velha de Coimbra, na egreja do mosteiro benedictino de Pombeiro, na velha egreja de S. Miguel de Guimarães, onde foi baptisado D. Affonso Henriques, que são as que nos occorrem agora á memoria. Com o correr do tempo, e revolução nos costumes, foi-se relaxando aquella pratica, e começaram os frades a consentir no enterramento dos seus bemfeitores e pessoas grandes em capellas separadas das egrejas, ou nos claustros, ou nas casas do capitulo. Foi então que os cadaveres dos nossos dois primeiros reis foram mudados do adro para uma capella do claustro, e ahi os collocaram em tumulos de madeira, onde estiveram até á sua trasladação para os mausoléos erigidos na capella-mór.

Villa de Torres Vedras

I

Em nobreza de antiguidade e em brazões historicos, poucas villas da Estremadura podem competir com Torres Vedras. A sua origem, por muito remota, é inteiramente desconhecida, a não se querer dar credito a noticias que, por falta absoluta de titulos que as auctorisem, se devem ter na conta de fabulosas. Pouco importa, porém, essa escuridão dos tempos, pois que é bastante para honra e lustre dos seus annaes datar a sua existencia conhecida da epocha em que os romanos dominaram na Lusitania. Abonam essa ancianidade quatro lapidas com inscripções latinas, descobertas nas suas cercanias; e das quaes se conservam tres, duas na quinta chamada *da Rainha*, na freguezia da Carvoeira; e a terceira embebida na parede exterior da egreja parochial de Matacães, ao lado da porta travéssa.

Vê-se d'estas inscripções, que no local agora occupado por Torres Vedras houve uma povoação de alguma importancia no tempo dos romanos, embora se não saiba o nome que então lhe davam.

Depois da conquista da Lusitania pelos barbaros do norte, destruidores do imperio dos cesares, começou a figurar na historia aquella terra com o nome *Turres Veteres*. Ignora-se qual dos povos conquistadores lhe deu este nome. É provavel que fossem os godos ou os visigodos, pois que foram estes que a final sujeitaram toda a peninsula iberica ao seu dominio, que por longo tempo desfructaram. Porém d'aquelle proprio nome se deduzem argumentos em favor dos que julgam que esta villa não só existia sob a dominação romana, mas até era uma povoação importante. Aquellas palavras *Turres Veteres* em latim barbaro, que querem dizer *Torres Velhas*, indicam, sem duvida, que no governo dos godos havia alli fortificações antigas, que não eram propriamente um castello, porquanto aos castellos que os romanos edificaram, e de que restam não poucos vestigios por todo o nosso paiz, sempre se lhes conservou o nome de *castrum*, com que os fundadores os designavam, ao diante corrompido no vocabulo *crasto*, que ainda tem ao presente. Estas razões, conjunctamente com as inscripções citadas, são o principal fundamento da opinião acima referida. D'aquelle latim corrompido se originou, com pouca alteração, o nome actual de *Torres Vedras*. Tambem dizem que o de *Turres Veteres* tivera principio para differença de outra povoação já existente n'aquella epocha, e que ainda hoje chamâmos *Torres Novas*.

D'esse periodo de 140 annos, em que esteve sujeita aos godos e aos outros invasores da Lusitania, nada se sabe, nem do que passou sob o jugo dos moiros. A sua historia começa a aclarar-se logo depois da fundação da monarchia portugueza.

Rendidas Santarem e Lisboa ás armas triumphantes de D. Affonso Henriques, não se demorou o vencedor em estender o seu poder pelo restante da Estremadura, que acabou de subjugar pelos annos de 1148. Torres Vedras foi uma das povoações que lhe oppoz maior resistencia, auxiliada pela fortaleza dos seus muros. A pertinacia da defesa apenas serviu de excitar o ardor e accender mais o odio dos christãos, que na sua entrada passaram ao fio da espada os moiros que não procuraram a salvação na fuga. A povoação ficou reduzida a um montão de ruinas.

Acalmados os animos depois da embriaguez da victoria, mandou el-rei D. Affonso Henriques reconstruir os edificios, levantar de novo a cêrca de muralhas, e povoar a terra com familias christãs. E lançando mão dos meios então usados para attrahir alli moradores, concedeu muitos privilegios e isenções aos que viessem habital-a. Não obstante tudo isto, foi D. Affonso II quem lhe deu o primeiro foral em fórma regular, de que ha noticia, por carta datada de Evora aos 15 de agosto de 1228. El-rei D. Manuel reformou este foral,

confirmando-lhe todos os privilegios em 1 de junho de 1510.

Residiu por varias vezes em Torres Vedras el-rei D. Affonso III com a rainha D. Beatriz, sua mulher. Foi o primeiro soberano que a honrou com a assistencia da corte. Ficavam proximos do castello os paços em que viviam, e n'elles fundou a dita rainha uma capella real, que permaneceu alli até ao reinado de D. Manuel, que a transferiu para o convento da Graça, da mesma villa. D'estes paços nem vestigios restam.

Gozou Torres Vedras das mesmas honras nos reinados de D. Diniz, D. Affonso IV, D. Fernando I e D. João I, que tambem por vezes ahi tiveram a sua corte; e este ultimo soberano n'ella convocou os seus conselheiros, em 1413, para os consultar sobre a empreza, que trazia em mente, da conquista de Ceuta.

No anno de 1441, sendo o infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino, na menoridade del-rei D. Affonso V, seu sobrinho, reuniram-se n'esta villa as cortes convocadas para resolver a questão do casamento del-rei com a infanta D. Isabel, sua prima, filha do regente.

N'esse mesmo seculo, correndo o anno de 1493, e vindo el-rei D. João II passar tres mezes em Torres Vedras, aqui recebeu com toda a solemnidade uma embaixada do rei de Napoles, portadora de magnificos presentes. Tambem durante aquelles tres mezes alli chegou e obteve audiencia del-rei um cavalleiro muito afamado, por nome mr. Leon, que veiu offerecer-se ao monarcha portuguez para o servir com trezentas lanças nas emprezas de Africa.

No anno de 1496 brilharam outra vez no seu seio os esplendores da corte, presenciando duas funcções apparatosas de bem differente natureza. Achando-se n'esta villa el-rei D. Manuel, que subira ao throno no anno antecedente, aqui fez celebrar sumptuosas exequias no primeiro anniversario da morte del-rei D. João II, seu primo. E passados poucos dias, trocados os crepes em galas, ahi fez a sua entrada solemne e foi recebido com grande pompa um embaixador enviado pela poderosissima republica de Veneza, ao qual el-rei D. Manuel concedeu muitas honras e mercês, contando-se pela maior de todas armal-o cavalleiro com as suas proprias mãos em acto publico, assistido da sua corte, e no meio de todos os esplendores da realeza.

Tornou a visitar Torres Vedras el-rei D. Manuel nos annos de 1497 e 1518. Seu filho, el-rei D. João III, que lhe succedeu na coroa em 1521, indo alli passar algum tempo em 1525, creou esta villa cabeça de comarca.

Os brados patrioticos que acabaram com o jugo de Castella, acclamando em Lisboa D. João IV no primeiro de dezembro de 1640, foram logo repetidos em Torres Vedras, apesar de ser o alcaide-mór do seu castello mui dedicado aos interesses de Filippe IV.

Na lucta que se seguiu a esta gloriosa revolução, foi aquella villa uma das povoações do reino que mais briosa e generosamente se prestou a todo o genero de sacrificios que as circumstancias e necessidades publicas exigiam. E quando el-rei D. João IV a visitou, no seu regresso da praça de Peniche, manifestou o seu amor da independencia, e o seu affecto e lealdade á augusta casa de Bragança, acolhendo o soberano com incrivel enthusiasmo, e com extraordinarias festividades, que ficaram por largo tempo memoradas. Hospedou-se o monarcha, durante os tres dias que esteve na villa, em casa do prior de S. Pedro, contigua á mesma egreja. Dos paços velhos pouco restava então; e os chamados *novos* achavam-se em muita ruina.

Honraram tambem esta villa com a sua presença os reis D. João V, D. José I, D. Maria I e D. Pedro III com toda a familia real; o principe regente, D. João, por duas vezes, em 1797 e 1806; a rainha sra. D. Maria II, de saudosa recordação, e seu esposo, el-rei o sr. D. Fernando II; el-rei o sr. D. Pedro V, e a rainha sua esposa, a sra. D. Estephania, ambos de tão chorada memoria; e o principe Jorge de Inglaterra, duque de Cambridge.

As guerras de Napoleão no principio d'este seculo deram occasião a tornar-se esta villa conhecida e celebre em todo o mundo. As aguias francezas, que antes pareciam invenciveis, e os loiros do marechal Massena, a quem os seus appellidavam *anjo da victoria*, por sair sempre triumphante de todas as emprezas, viram quebrar-se-lhes o condão, e marear-se-lhes o brilho junto das formidaveis linhas de defesa da capital, que ficaram memoraveis com o nome de *linhas de Torres Vedras*. Chegou á vista das linhas o exercito francez no dia 7 de outubro de 1810, e em 14 do seguinte mez de novembro, sem ter ousado dar combate, principiou a sua retirada sobre a villa de Santarem, onde permaneceu, sem emprehender operação alguma, até que se viu obrigado a evacuar esta fortissima posição militar em março de 1811.

Em nossos dias tornou esta villa a adquirir celebridade por uma rija batalha que alli se pelejou, vindo acabar nas suas proprias ruas. Porém d'esta vez foi bem triste a sua celebridade, porque ambos os exercitos contendores eram de portuguezes, tornados inimigos pelas discordias civis. De um lado commandava em chefe, em nome da rainha, o marechal do exercito duque de Saldanha, que alcançou a victoria em 22 de novembro de 1846; e do outro lado era commandante das tropas da junta revolucionaria do Porto o tenente general conde de Bomfim, que ficou prisioneiro com a maior parte dos seus soldados. Entre as muitas perdas que o paiz teve a deplorar n'este dia, conta-se a de um dos seus filhos mais benemeritos e mais illustrados, o ex-ministro e tenente coronel de engenheria Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque.

O senhorio da villa de Torres Vedras por muito tempo fez parte dos dotes das nossas rainhas ou infantas. Possuiu-o primeiramente a rainha D. Beatriz, mulher del-rei D. Affonso III, seguindo-se a esta na mesma posse as rainhas Santa Isabel, esposa del-rei D. Diniz; D. Leonor Telles de Menezes, mulher del-rei D. Fernando I; D. Filippa de Lencastre, mulher del-rei D. João I; D. Leonor, esposa del-rei D. Duarte; D. Leonor, mulher del-rei D. João II; D. Isabel e D. Maria, primeira e segunda mulher del-rei D. Manuel. Desfructaram egualmente este senhorio as infantas D. Isabel, duqueza de Borgonha, filha del-rei D. João I; D. Isabel e D. Maria, filhas del-rei D. Manuel; e uma filha natural, mas legitimada, del-rei D. João IV, chamada D. Maria, que viveu recolhida no convento das freiras de Carnide, que reedificou, e n'elle jaz.

Além das princezas mencionadas, foram tambem senhores d'esta villa dois particulares: o primeiro, chamado João Affonso da Moxica, fidalgo castelhano, por mercê del-rei D. Fernando, antes do seu casamento com D. Leonor Telles: o segundo, D. Fernando, arcebispo de Braga, a quem el-rei D. Affonso V fez aquella doação.

Pertenceu a differentes familias a alcaidaria-mór de Torres Vedras até ao reinado de D. Affonso V, que a deu a D. João de Alarcão e seus descendentes, por este ter casado com a filha herdeira de Gomes Soares de Mello, reposteiro-mór, cujos serviços recompensou aquelle soberano dotando-lhe assim a filha. Porém, tendo D. João Soares de Alarcão e Mello seguido o partido de Castella, quando rebentou a revolução de 1640, foram confiscados os seus bens, sendo tambem despojado de todas as honras. Vagando, portanto, a alcaidaria-mór de Torres Vedras, foi dada, em galardão de serviços prestados á causa da independencia do reino, á familia dos Camaras Coutinhos,

cujo representante actual é o sr. D. Gastão da Camara Coutinho Pereira de Sande, primeiro conde da Taipa.

Logo depois de se ter feito acclamar rei de Portugal, por morte de seu tio o cardeal rei D. Henrique, D. Antonio, prior do Crato, nomeou a Manuel da Silva, seu parcial, conde de Torres Vedras, mercê que não teve effeito, porque o mesmo D. Antonio foi d'ahi a pouco vencido pelos exercitos de Castella, e expulso do reino. Tambem D. Filippe IV de Hespanha recompensou a adhesão que lhe consagrára o referido D. João Soares de Alarcão e Mello, dando-lhe o mesmo titulo, e depois o de marquez do Trocifal, que desfructou em Hespanha, por lhe serem dados depois da acclamação del-rei D. João IV.

Por decreto de 17 de dezembro de 1811, o principe regente elevou ás honras de marquez de Torres Vedras a Arthur Wellesley, que poucos mezes antes creára conde de Vimieiro, que mais tarde foi feito duque da Victoria, em Portugal, e em Inglaterra duque de Wellington, e que era então commandante em chefe dos exercitos alliados anglo-lusos na defesa das linhas de Torres Vedras. É actualmente segundo marquez de Torres Vedras o filho primogenito d'aquelle celebre general.

No antigo regimen gozava esta villa da prerogativa de enviar deputados ás cortes, os quaes tinham assento no setimo banco. Tem por brazão de armas um castello de oiro com tres torres em campo verde.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 355)

Pedro, que ouvíra fallar da carta que sua mãe recebêra da America, veiu ter ao sitio onde estavam ainda todos.

— Meu filho! exclamou Theresa, falleceu o nosso bemfeitor, deixando-nos em herança o palacio e oito contos de réis em dinheiro.

— Morreu! — exclamou Pedro com accentuação de profunda tristeza.

E sua mãe dirigiu-se a elle e apertou-o nos braços exclamando ao mesmo tempo:

— Bem dizia eu que o meu filho não era mau!

Uma alegria infinda illuminou as angelicas e pallidas faces de Rosa.

Notára a joven, como a pobre Theresa, que Pedro, antes de pensar no legado, pensára no legatario para chorar a sua perda.

— Morreu, sim, disse uma das visinhas, mas os luctos com pão... Já são ricos, Pedro, já são ricos!

Foi então quando Pedro pensou na herança.

— Minha mãe! — exclamou radiante de jubilo: acabaram as minhas tristezas; posso realisar o meu eterno sonho de percorrer o mundo!

Ouvindo estas palavras, Theresa exhalou um profundo suspiro, e ella e Rosa cairam, trespassadas de dor e chorando lagrimas de sangue, sobre o poial que estava á porta da casa.

Eram ambas n'aquelle instante mais desventuradas e pobres que nunca!

VI

Temos Pedro com um pé no estribo, disposto a emprehender a viagem universal com que principiára a sonhar assim que viu a alma *regenerar-se-lhe* na bibliotheca do americano.

Encontrará o paraiso de seus sonhos nos paizes que vae percorrer? As montanhas da Suissa, os castellos feudaes da Allemanha, a philanthropia ingleza, os monumentos da cidade eterna, as mulheres do Oriente, as ruinas de Athenas e as instituições do novo continente, parecer-lhe-hão tão bellas de perto como de longe? Os seus olhos, que de longe poetisam tudo, vulgarisarão tudo de perto?

Sigamol-o na sua viagem espiando e analysando as commoções do seu coração, porque o nosso estudo, embora superficial e falto da philosophia que requer, não será inteiramente inutil, hoje que tanto abundam as almas não comprehendidas, hoje que tão singular interpretação se dá ás palavras de Jesus: «Ninguem é propheta na sua patria.»

Pedro dispunha-se a deixar o valle nativo. Ninguem se oppunha á sua partida, porque se haviam convencido de que os seus conselhos, as suas supplicas e as suas lagrimas não bastavam para quebrantar uma resolução deliberada, e porque o sr. prior, o mais conhecedor do coração humano entre os habitantes do valle, assegurára que na homœopathia, no *similia similibus curantur* dos medicos, estava a unica esperança de curar Pedro.

Choram todos na despedida, mas elle conserva-se tranquillo. Sua mãe entrega-lhe uma reliquia para o proteger de qualquer perigo; e Rosa, ao apertar-lhe a mão, mette no dedo minimo do mancebo um modesto annel, onde estão alguns cabellos de suas doiradas tranças.

Foi então unicamente que uma lagrima assomou aos olhos de Pedro, provando que o seu coração não morrêra para a mãe, nem para a sua amada.

Ignacio, excellente rapaz que nunca perdêra de vista o valle sem sentir o coração oppresso de tristeza, acompanha-o até Bilbao, d'onde Ignacio regressará a casa, e Pedro, provendo-se do necessario, continuará a sua viagem.

Afastam-se do concelho chegando a uma collina, onde vão perder inteiramente de vista o alvo campanario da aldeia, escondido entre nogueiras e cerejeiras. Ignacio, que vae fazer uma viagem de cinco legoas, desvia o olhar, pára e leva o reverso da mão aos olhos arrasados em lagrimas. Pedro, que vae percorrer o universo, olha-o, e solta ruidosas gargalhadas.

Dizes que as lagrimas de Ignacio, embora filhas de uma sensibilidade algum tanto exaggerada, eram perolas de valor inestimavel? Não te direi que sim, nem te direi que não; porém sabe que prefiro a ternura da ignorancia á sequidão da sabedoria. No caminho de Bilbao vão duas civilisações: a dos valles e a das cidades. Escolhe a que mais te agradar, que eu procuro uma que tenha por pedestal um livro, e por coroa um feixe de espigas.

Aproximava-se Pedro ao extremo dos Pyrenéos. Ia evocar em Roncesvalles as sombras de Bernardo del Carpio, de Carlos Magno e seus doze pares! Ia ouvir a bozina de Roldão! Ia contemplar as alvejantes ossamentas das desbaratadas legiões dos francos! Ia ver erguer-se, illuminada pelo sorriso do triumpho, a magestosa figura d'aquelle bravo *echeco-jauna* do *Canto de Altorizcar!* Ia, em fim, encontrar enredadas nos espinhos as dobras do manto vermelho do imperador dos francos!

— Digam-me, perguntou a uns trabalhadores em Roncesvalles, onde se deu a famosa batalha?

— Que batalha? — perguntaram os trabalhadores com admiração.

— Aquella em que o filho de Jimena fez fugir sem manto nem coroa o arrogante imperador dos francos.

Os trabalhadores encolheram os hombros como se lhes fallassem em grego.

— Ah! — exclamou por fim um d'elles; vê aquelle monte fendido pela estrada? Segundo contam os antigos, alli houve uma grande batalha no tempo dos moiros.

Pedro continuou o caminho murmurando:

— No tempo dos moiros! Que homens tão ignorantes e tão vulgares!... Bem se conhece que ainda estou entre hespanhoes.

Chegando ao pé de Altovizcar, perguntou a um rapaz que apascentava uns bois no prado junto da estrada:

— Onde está o desfiladeiro que chamam a bozina de Roldão?

— Vê aquellas rocas negras? É alli.

— Queres guiar-me até lá, dar-te-hei boa recompensa..

— Ainda que me désse o oiro do mundo, respondeu o rapaz, não o acompanharia, nem ninguem no valle o acompanhará.

Pedro não quiz demorar-se para ouvir a explicação d'estas palavras, porque logo se convencêra de que em quanto se dirigisse a hespanhoes só ouviria sandices e vulgaridades.

Chegou, em fim, ao sitio onde presumia ter-se dado a grande batalha; mas necessitava de um guia para se não expor a tomar o bramido de alguma vacca pelo soído da bozina de Roldão.

Uns pastores estavam jantando ao pé de umas arvores, e encaminhou-se para elles.

— Dão-me conhecimento, lhes disse antes de chegar, do sitio em que foram derrotados os doze pares de França?

Os pastores, por unica resposta, prorompieram em imprecações contra os hespanhoes; tomaram cada qual o seu cajado, e arremessaram-se com gesto ameaçador contra Pedro. Este, vendo que a coisa não corria bem, poz os pés em polvorosa, deixando caír a capa e o chapeo, como Carlos Magno o manto e a corôa.

Os pastores continuaram após elle, e ia por certo render-se, extenuado de cançaço e com as mãos e a cara ensanguentadas pelo roçar das sarças, quando veiu em seu auxilio um homem que, armado de espingarda, andava por alli á caça, e que afugentou os pastores, ameaçando-os com um tiro se não retrocedessem.

— Entre que gentes estamos, senhor! — exclamou Pedro. Pergunto a esses barbaros onde foram derrotados os doze pares de França, e erguem logo contra mim os cajados como se lhes chamasse judeus! Na minha aldeia responde-se desabridamente aos forasteiros, mas dar-lhes-hiam a alma e a vida se d'ellas carecessem.

— Não deve v. s. estranhar o que fizeram esses rusticos. São francezes, e os hespanhoes todos os dias lhes queimam o sangue com a historia dos doze pares de França e de Carlos Magno. Nos ultimos dias exactamente foram mais insultados que nunca, e julgaram que v. s. vinha repetir o insulto.

— O que eu queria era percorrer com guia esses sitios, que encerram tamanhas recordações historicas. Se v. s., que procedeu tão bem para commigo, quizesse acompanhar-me, far-me-hia novo favor, que lhe agradeceria tanto como o primeiro.

— Deixe-se de pensar em tal, porque só encontraria ahi rochedos e silvas; e expor-se-hia, além d'isso, a que esses rapazes pensassem que effectivamente v. s. tratava de insultal-os, e talvez a minha espingarda não podesse então defendel-o.

— Mas a historia das viagens falla a cada instante dos perigos com que os viajantes arrostaram em uma util investigação archeologica, ou botanica, ou simplesmente para satisfazer a sua curiosidade. Ahi tem v. s. o seu compatricio Chateaubriand, que desceu á cratéra do Vesuvio.

— Qual cratéra, nem qual historia!... Se vamos a fazer caso de tudo o que se escreve!... Pelo que vejo, v. s. viaja com o fim de se divertir?

— De me divertir e instruir.

— Pois então volte á esquerda e desça a Bayona, porque ámanhã começa alli a feira, e verá o que é bom.

Pedro decidiu-se, em fim, a seguir o conselho do caçador, e chegou, sem parar, a Bayona.

Quanto mais se avisinhava d'esta cidade, mais lhe chamavam a attenção as infinitas raparigas que se dirigiam tambem a Bayona, ostentando formosissimas tranças, cuidadosamente penteadas e enfeitadas com vistosos laços.

Ajustando quarto em uma hospedaria, saíu a visitar a cidade.

Víra da sua habitação uns homens que percorriam as ruas com uns grandes saccos ao hombro, gritando:

— Quem corta! quem corta!

Aquelles homens e estes gritos excitavam-lhe vivamente a curiosidade. Ao atravessar uma praça, vendo uns magotes de camponezas e homens similhantes aos que chamavam a sua attenção, dirigiu-se para elles.

O filho das nobres Encartações, onde o que escreve estas paginas víra adoecer uma menina e morrer de tristeza por ter perdido os seus formosos cabellos; onde duas compridas tranças inspiram mais vaidade ás donzellas que todas as riquezes do mundo; onde o esposo sente tanto prazer chegando aos labios uma formosa trança de cabello, como aproximando-os de uma rosada face, e onde o cabello feminino se considera como o estillicidio da intelligencia que reside na cabeça, á qual serve de corôa; o filho das Encartações viu com horror que uma porção de louçãs e lindas aldeãs consentia, sem dor, e por alguns francos, que umas hediondas tesoiras, empunhadas por mão ainda mais hedionda, lhes despojasse a cabeça dos cabellos doirados como fios de milho, ou negros como o azeviche!... E o que mais o assombrou, e indignou até, foi a fria indifferença com que as mães e os noivos d'aquellas raparigas presenciavam tão barbaro sacrificio.

Lembrou-se então Pedro do que nós recordámos; lembrou-se do infindo orgulho com que na sua aldeia as mães cuidavam dos cabellos das filhas, e os mancebos contemplavam as tranças de suas amadas; lembrou-se das formosas tranças, unidas no extremo inferior com um laço de fita azul celestial, que pendiam da linda cabeça de Rosa, e levou aos labios, commovido, o annel que lhe offerecêra esta pobre menina.

Afastando os olhos d'aquelle espectaculo, para elle repugnante, voltou á hospedaria, resolvido a saír immediatamente da cidade. Ainda mais: decidiu-se a não se demorar no solo francez, apesar de que a donzella de Orleans e os heroes de *Nossa Senhora de Paris* e do *Judeu Errante* desempenhavam grande papel no seu olympo.

— Explico perfeitamente o que me occorreu desde que pisei o territorio francez, disse Pedro ao saír de Bayona. É que em vez de começar a Africa na fronteira meridional franceza, começa na septentrional, e os francezes occultam-n'o por modestia.

(Continua)

RESPEITO QUE OS CHINS TRIBUTAM Á VELHICE

Á MEMORIA DOS SEUS ANTEPASSADOS E EM GERAL AOS MORTOS

Embora tenhamos por fabulosa a conta dos seculos que os chins dão ao seu imperio, é todavia certo que nenhuma das monarchias européas, por mais que blasone de seus antigos brazões, se póde comparar com a China em nobreza de antiguidade.

Em quanto a historia geral dos povos nos mostra por toda a parte, desde os mais remotos tempos, uma

continua successão de instituições, que se erguem e caem por effeito d'essa lucta incessante da humanidade na procura dos seus aperfeiçoamentos, apontanos a China como um exemplo de excepção a essa regra.

Alli o imperio tem atravessado de pé, firme e robusto, immensidade de seculos. N'esse extensissimo periodo tem-se succedido umas após outras grandes revoluções, e formidaveis invasões de inimigos, que tem feito baquear numerosas dynastias. Mas em todos esses cataclismos politicos tem sido respeitada e ficado victoriosa a instituição monarchica.

Deve haver uma causa especial e muito poderosa para que se dê um effeito tão extraordinario. E ha, certamente, e consiste em ter alli a monarchia por base o primeiro e mais solido fundamento da instituição da familia, qual é o amor filial e a obediencia aos paes. Esta virtude, que os chins acatam e estimam como origem fecunda de todas as outras virtudes sociaes, foi inoculada nos costumes por sábias leis, antiquissimas, mas sempre em vigor, as quaes estabelecem premios e honras a todos aquelles, de qualquer condição que sejam, que se distinguem por sua piedade filial; e applicam severos castigos aos que desconhecem um tal dever.

Foi sobre esta base que os legisladores chinezes estabeleceram a auctoridade do imperador, fazendo com que este fosse por todos considerado como verdadeiro pae dos seus vassallos.

Do amor filial, assim bebido com o leite como doutrina santa, e fortalecido na edade adulta pelos estimulos que a lei creou, nasceram naturalmente, e d'aquelle mesmo modo foram sanccionados como leis do estado, e consagrados como preceitos constitutivos da sociedade, o respeito para com a velhice e a veneração para com a memoria dos antepassados, e em geral para com os mortos.

Para honrar a velhice, e excitar por toda a parte,

Tumulo chinez em Pekim

e entre todas as classes, o respeito que se lhe deve, foi-lhe concedida a distincção mais honorifica que o soberano da China tem dispensado aos seus vassallos. É um verdadeiro privilegio, que consiste em poderem usar os chins que completarem 70 annos de edade, qualquer que seja a sua condição, roupas de côr amarella, o que é privativo das pessoas da familia imperial.

Chegados, pois, aos 70 annos, é pratica, se são ricos, convidarem para um lauto banquete todos os parentes e amigos, que vão pressurosos e alegres festejar a entrada do ancião na edade *veneravel*, e congratularem-se com elle por ter alcançado a suprema felicidade na terra, se porventura reuniu ás riquezas a dita de ter muitos filhos. Se a fortuna lhes correu adversa, fazendo com que recebessem aquella honra no seio da pobreza e da miseria, serve-lhes o distinctivo de muito conforto e amparo, porque desde logo se vêem alvo de attenções e respeitos, e caridosamente soccorridos em suas necessidades.

Se for passeiando por uma rua um mancebo de alta jerarchia, e encontrar um d'esses anciãos vestidos de amarello, por mais miseravel que seja o seu aspecto, parou o mancebo, e inclinou-se reverentemente para lhe offerecer uma esmola, ou para o deixar passar.

D'estes sentimentos para com a senectude resulta tambem um tão profundo acatamento pela memoria dos antepassados, que bem se lhe póde dar o nome de culto religioso, se é que não lhe cabe com mais propriedade o nome de religião de familia. Em prova d'esta verdade, não ha em todo o imperio uma só casa ou choupana alguma, por mais pobre e humilde que seja, que não apresente no melhor logar das suas paredes um quadro com os nomes das principaes pessoas da familia, desde aquella que reputam o tronco d'ella até ao mais proximo avô. Em casa dos ricos ha uma sala reservada, um como sanctuario de familia, destinado expressa e exclusivamente para conter os nomes, retratos e quaesquer reliquias dos parentes finados. Todas estas memorias se acham collocadas em um altar, que é magnificamente ornado, e allumiado noite e dia por várias lampadas, e perante o qual vem todos os membros da familia, em certos dias do anno consagrados a taes ceremonias, render homenagens ás cinzas de seus avós, queimando incenso, depositando offerendas sobre o altar, e prostrando-se por terra em demonstração de reverencia e saudade. Em fim, nenhum chefe de familia é capaz de tomar uma resolução em qualquer negocio ou caso importante da vida, sem ir meditar um pouco dentro d'aquelle sanctuario, como se consultasse os paren-

tes finados, convidando-os a tomar parte nos bens e males dos seus descendentes.

O esmero e cuidado que todos tem com os tumulos está em perfeito accordo com este culto. É muito curiosa a solemnidade chamada *tchang-feu* (festa dos defunctos), que se celebra no mez de abril. Ninguem deixa de tomar parte n'esses obsequios funebres. Adornam-se os homens, mulheres e crianças, e até enfeitam os animaes com ramos da arvore *chorão*, que é considerada na China como o symbolo da dor e da saudade. Assim preparados, vão visitar os tumulos e sepulturas de seus avós, e por essa occasião enfeitam-n'os com flores, cercam-n'os de tochas accesas e de brandões de incenso, guarnecem o solo em redor com tiras de papel doirado, e depositam em volta do mausoléo ou sepultura vasos e pratos cheios de iguarias delicadas.

Os tumulos são muito ornamentados, e geralmente feitos durante a vida das pessoas que hão de encerrar. Como os chins, em virtude d'esta especie de culto, não tem horror á morte, como succede a todos os outros povos, cuidam com desvelo e prazer nos preparativos da sua derradeira morada. Portanto, as familias abastadas tem um quarto junto da sala que encerra as memorias de seus avós, onde guardam, numerados e classificados, os tumulos que hão de servir para todos os individuos da mesma familia. Se esta não dispõe de muitos meios, trata de fazer economias para poder mandar fabricar tumulos tão bons como os das familias ricas. O melhor presente, e o mais bem acceite, que um filho extremoso póde offerecer a seu pae, velho e enfermo, é um mausoléo comprado com o producto do seu trabalho. D'est'arte, ficam sendo estes trophéos da morte como ornamentos da casa; e bem se prestam a isso, se attendermos a que são todos lavrados com graciosos lavores, ornados de doiraduras, e pintados com as mais alegres côres que se conhecem.

O rigor no lucto e a pompa nos enterros estão em harmonia com todas estas praticas e costumes. O lucto mais rigoroso é o de pae e mãe. Dura tres annos, e n'este longo espaço de tempo cumpre ao anojado viver recolhido. Não lhe é permittido fazer visitas, nem desempenhar as funcções de qualquer emprego publico, ainda que seja o de mandarim. A côr do lucto não é prescripta por lei, porém a mais geralmente usada é a branca.

É nas honras funebres que os chins poderosos fazem a maior ostentação da sua riqueza. Nenhum outro povo eguala o chinez no apparato e luxo de taes ceremonias. A magnificencia das tapeçarias com que armam as salas e porticos; a grande quantidade de musicos, encarregados de tocar marchas lugubres; a sumptuosidade e profusão dos banquetes que é de uso dar aos parentes e amigos do finado; as pompas de um immenso acompanhamento, em que se vêem numerosas bandeiras ricamente pintadas e bordadas, estatuas de divindades domesticas, especie de penates, conduzidas pelos bonzos, bandas de musica, coros de carpideiras, o carro funebre todo resplandecente de oiro e guarnecido de sedas de côres vivas e variegadas, e, finalmente, atraz de tudo, os parentes levados em ricas cadeirinhas; todo este fausto absorve sommas de dinheiro que algumas vezes deixa arruinadas familias ricas.

Não ha cemiterios publicos em Pekin. Os enterramentos da gente pobre são feitos nos campos visinhos da cidade. Mas nunca fica a sepultura sem algum signal bem caracteristico da saudade dos parentes do finado. Não se faz cova: o caixão é collocado sobre o solo, e coberto de terra até formar um montesinho, que, semeado de relva e flores, faz as vezes de tumulo; e os chorões com que o cercam symbolisam o saudoso pranto dos que ainda ficaram sobre a terra. Todavia, da falta de policia n'estes enterramentos resulta, não poucas vezes, um desacato ás cinzas dos mortos e um perigo para a saude publica; pois que, se sobrevem chuvas torrenciaes logo depois do enterramento, as aguas levam a terra que constituia o montesinho, e o caixão não tarda a desfazer-se, deixando a descoberto o cadaver, que as aves de rapina e os cães vão devorando, e o tempo consumindo.

Os enterramentos dos ricos fazem-se tambem geralmente nos arrabaldes, mas no meio de jardins mais ou menos grandiosos. Os mausoléos ou são de pedra ou de madeira. No primeiro caso, esbeltos e lindos arbustos estão sempre a espargir flores sobre o moimento. No segundo caso, abriga-os dos estragos do tempo pavilhões construidos com sumptuosidade e solidez.

Algumas familias estabelecem nas suas proprias residencias, em uma sala reservada, jazigo, se não para todos, pelo menos para os seus principaes membros. Para este fim fazem cobrir todo o caixão com uma especie de cimento, que endurece com o tempo, e que veda completamente a introducção do ar e as exhalações mephiticas.

A nossa gravura é cópia de outra que adorna o jornal *Le Tour du Monde*, onde tambem colhêmos, não todas, mas a maior parte das noticias que damos n'este artigo.

I. de Vilhena Barbosa.

A LITTERATURA NA AMERICA HESPANHOLA

(Conclusão. Vid. pag. 350)

VIII

Saindo d'essa zona americana, que actualmente se debate nas garras de uma atroz discordia, onde o celebre Lopez, á testa das forças da pequena republica do Paraguay, está dando ao mesmo tempo um exemplo de energia no modo como se defende contra o Brasil, paiz que deveria ser tão poderoso como todas as outras republicas juntas, contra a confederação argentina e contra o pequeno estado do Uruguay, todos tres unidos em alliança offensiva e defensiva contra a pequena republica, e um exemplo de horrorosa crueldade no modo barbaro e selvagem por que tem até agora sustentado essa guerra; saindo, pois, d'essa zona meridional onde lampejam os fachos terriveis da peleja despiedosa, sigamos a beira do Pacifico, e paremos na risonha republicasinha do Chili.

O Chili, como supponho já ter dito, é de todas as republicas hespanholas a que mais tem attendido ao desenvolvimento material. Talvez passassem para o animo dos actuaes habitantes d'essa terra as fortes e energicas tradições dos antigos araucanios; mas o que é certo é que o Chili avança rapidamente na estrada do progresso, apesar da sanguinolenta anarchia, que o não tem poupado mais do que aos outros paizes da America Hespanhola.

Com os olhos fitos, portanto, nas nações européas, que lhes dão o exemplo do adiantamento material, o Chili tambem pautou a sua litteratura pela d'esses povos que tentou imitar no desenvolvimento scientifico. Demais, o Chili está nas mesmas condições climatericas que a Europa. Tudo isso concorre para que, possuindo aliás muitos homens eminentes, não possua essa litteratura tão viçosa e tão robusta, planta regada com o sangue das guerras civis, e que a isso deve a feroz energia que a distingue.

Pois os seus poetas não soffreram menos perseguições que os argentinos. Dos seus quatro poetas mais notaveis, Matta, Blest-Ganá, Lillo, Sanfuentes, dois tiveram que soffrer atrozmente. Euzebio Lillo fugiu da sua patria para não ser fusilado, Blest-Ganá

foi condemnado á morte, e a muito custo obteve que lhe fosse commutada a pena em dez annos de desterro.

Mas no Chili os poetas não são tanto, como nas outras nações americanas, os tribunos das luctas sanguinarias, os enthusiasticos prophetas de um futuro radiante. O publico chiliano ufana-se mais da sua pleiade de sabios, de financeiros e economistas.

No Perú, e no Mexico da mesma fórma, a litteratura toma um aspecto differente do das outras republicas. O romance de costumes, o drama social, a comedia de observação, quasi desconhecida nos outros paizes, tomam aqui o passo á poesia que lá é o ramo litterario dominante. Explica-se bem esta particularidade. Estes dois nomes do Perú e do Mexico tem ainda hoje uma indizivel magia para os emigrados europeus. Quem diz Mexico diz oiro em pó, rochas de metal scintillante, riquezas nascidas a um sopro de fortuna, paiz dos sonhos, éden da opulencia. Quem diz Perú suscita logo a idéa dos galeões hespanhoes, vergando ao peso de thesoiros deslumbrantes; lembra as vastas minas de prata, as cavernas onde as paredes humidas suam stalactites de oiro, argenteas stalagmites. Por isso é sempre para Callao ou para S. Juan de Ulloa que singram os navios carregados de emigrantes que procuram a riqueza, quando não vão, tentados pela fama recente, ancorar na vasta bahia de S. Francisco da California. Dá isto em resultado, n'estes dois paizes, uma sociedade mesclada que tenta o observador, faz nascer idéas de lucro positivo que excluem o enthusiasmo da poesia. Eis o motivo por que abundam n'estas duas nações os romancistas, os dramaturgos, os auctores de comedias que tanto escasseiam nas outras republicas.

As tres republicas que ligam entre si a terra de Cortez e a terra de Pizarro, a Bolivia, o Equador e Guatemala, tem tambem uma litteratura propria, mas que não lança grande brilho. Em compensação, Venezuela, ou por causa dos seus immensos *llanos*, que tanta similhança tem com os vastos *pampas* de Buenos-Ayres, ou porque abunde muito em seu seio a raça mulata, raça fervida, susceptivel de grandes commoções, e capaz de sentir com ardor os arrobamentos do lyrismo, possue uma brilhantissima pleiade de poetas lyricos, entre os quaes avultam dois muito notaveis, Baralt e Firmin Toro.

Mas é na republica de Nova Granada, em Bogota, que disputa a Buenos Ayres o nome de Athenas americana, que a poesia rivalisa, se não vence a litteratura argentina. Effectivamente, á Nova Granada pertencem Vargas Tejada, Caro, Madiedo, e principalmente Arboleda, que Torres Caicedo considera como o primeiro poeta da America Hespanhola.

Esbocemos rapidamente a vida d'este escriptor, que, melhor do que tudo quanto podessemos dizer, dará aos leitores uma idéa das influencias que actuam sobre o genio dos poetas envoltos n'esse turbilhão que destroe e arrasa essas nobres e infelizes republicas.

IX

Julio Arboleda pertencia a uma familia já illustre nos tempos coloniaes, e que ainda mais se illustrou no movimento insurreccional, pela sua heroica dedicação á causa da independencia. É verdadeiramente um martyrologio a historia dos proximos ascendentes do grande poeta. Seu pae, indo cumprir uma missão que lhe fôra confiada por Bolivar, e sendo salteado pela febre, domou-lhe os excessos com o atroz remedio do arsenico, preferindo as consequencias fataes d'este curativo heroico a deixar de se desempenhar do encargo que lhe fôra commettido. Morreu em consequencia d'isso.

Os seus dois tios, Caldas, sabio botanico, e Miguel de Pombo, e seu primo Ulloa, foram passados pelas armas na praça de Bogota. Uma tia preferiu morrer a entregar-se aos hespanhoes. Muitos dos seus parentes morreram nos campos de batalha.

Imaginem o effeito que produziriam estas heroicas tradições de familia no animo juvenil e exaltado do futuro poeta. Sua mãe, da raça das Cornelias e das Filippas de Vilhena, contava-lh'as ao serão, com os olhos antes ardendo em varonil enthusiasmo, do que arrasados de lagrimas feminis, e a santa imagem da patria, o formoso vulto da liberdade, iam, depois d'esses serões ferventes, sentar-se á cabeceira do moço Arboleda, e inflammar-lhe o espirito em sonhos bellicosos.

Entrou muito novo na carreira politica, e a sua vida principiou logo a ser uma singular mistura de actividade e de socego, de agitação e de contemplação. Ora plenipotenciario junto dos governos estrangeiros, ora entregando-se á cultura das suas terras, escondido n'um Tibur delicioso, e escrevendo os cantos sublimes que lhe deram gloria.

O voto popular arranca-o do seu eremiterio e envia-o como representante a Bogota. Como Lamartine, como Garrett, o poeta revela-se eloquentissimo orador. Rebenta uma revolta, que o arroja dos pincaros da tribuna nas profundezas da masmorra. Novo motim lhe abre as portas da cadeia, nova reacção o persegue, e vae cercal-o a sua propria casa. Consegue fugir, reunir um exercito, marchar sobre a capital. Volta-lhe a fortuna as costas; são derrotadas as suas tropas, e elle condemnado á morte. Mas a fortuna, que primeiro o trahira, de novo lhe sorri. Uma victoria que obtem muda a face dos negocios, e Arboleda entra em Bogota para subir ao Capitolio, em vez de subir ao cadafalso. Um golpe de estado dispersa o congresso, e Arboleda, baqueando na rocha Tarpeia, reconhece mais uma vez a verdade do dito de Mirabeau. Volta de novo á existencia dos acampamentos, e vê-se lançado n'essa guerra terrivel, em que as batalhas campaes á luz do dia mascaram as interpresas nocturnas. Vence a campanha, e é nomeado presidente do senado. Mas não tem muito tempo de socego, e a guerra civil de novo o chama ao seu seio tempestuoso, dando-lhe por adversario Joaquim Mosquera, seu parente. A final, depois de triumphos e de revezes, é assassinado no dia 12 de novembro de 1862, nos desfiladeiros de Berruecos.

No meio d'esta existencia aventurosa, entre os perigos constantes das interminaveis revoltas, achava Arboleda occasião de lançar ao vento as paginas soltas de admiraveis poesias. Podem pensar que sêllo tão caracteristico estamparia n'estas folhas dispersas o genio de fogo que lh'as inspirava. Era no meio d'estas vicissitudes de fortuna sempre esse *amour sacré de la patrie* cantado nas estrophes da *Marselheza*, que não abandonava tambem, na outra extremidade da America do Sul, os poetas argentinos entre os terrores da tyrannia. Era um enthusiasmo, uma cega adoração por essa formosa e desventurada America, vista sempre por elle não como o presente a fazia, mas como o futuro lh'a entremostrava na sua exaltada imaginação.

Arboleda escreveu um poema incompleto, *Gonzalo d'Oyon*, typo, o verdadeiro typo da epopéa americana, que tomarei a liberdade de apontar aos poetas brasileiros, que parece que olham, sem as verem, para as paizagens da sua patria.

Traduzirei um trecho de uma descripção, e prefiro dal-a assim com todos os defeitos que na versão lhe causei, para que se não diga que é a pompa da lingua hespanhola quem dá a essa descripção o ardor tropical que nos transporta aos sitios que nos pinta.

Era um valle feliz! Ondeia a terra
em longas e suavissimas collinas,
cujos pincaros beija a doce aragem.
Em ondas de cristal desabam rios.
Sob as purpureas flores, manso e manso,
vão deslisando em placidos meandros.
O nobre Popayan, soberba fronte
ergue ao cabo do verde paraiso.

Campeia mais além, gigante ousado,
sublime Puracé, que arrosta os evos.
Dorme ás vezes, tranquillo repoisando
nas amplas faldas; cinge o cume erguido
d'alvos gêlos o nitido diadema,
que de roseo esplendor o sol inunda.
Outras vezes, envolto em bruma espessa,
ruge irado, e arroja aos ares turvos
o fogo que nas furnas lhe referve.
Agita o solo no potente arranco;
e dos ceos a extensão queima, enrubece
purpurea chamma que no ar ondeia.

Serras ao sul. Entre o fraguedo o vento
murmura baloiçando as bravas cannas.
N'esse immenso estuario brotam plantas,
que distillam peçonha como as viboras.
Brame a torrente na garganta estreita
que os seculos cavaram nos rochedos.

Nos bosques namorados que se espelham
nos limpidos cristaes das mansas aguas,
ou que a rugosa penedia forram
de várias zonas, o arvoredo viça,
as ramas enlaçando, a flor e o fructo.

Do firmamento no azul tão limpido
correm ás vezes nuvens tormentosas.
Então lampejam rapidos relampagos,
ruge o trovão ao longe no horisonte.
Agita o ar a electrica descarga,
brotam os furacões, desaba a chuva,
alaga-se a campina, o sol esconde-se,
e exhala a selva um lugubre soído.

Ensombra o espaço a rabida procella.
Treme o ceo quando os fulgidos coriscos
correm, serpeiam pela vasta abobada;
mas logo o sol renasce, as nuvens fogem,
jorro de luz tranquilla inunda os campos,
e a meiga viração, que passa languida,
nem o calix da flor beijando agita.

X

Finalisaremos esta revista fallando na perola das Antilhas, na ilha de Cuba.

A magnifica possessão, tão cubiçada pelos americanos inglezes e tão querida dos soberanos hespanhoes, a quem resta como consolação magnifica do immenso terreno que perderam, nem corresponde aos desejos dos *yankees*, nem consagra á Hespanha um grande affecto. O seu coração está com as suas irmãs do continente, e os seus poetas, que os tem em grande numero, aspiram com todo o ardor á liberdade, e soffrem tambem como elles as perseguições dos que tyrannisam o seu paiz.

De dois escriptores notaveis se ufana Cuba, entre muitos. Um, o mulato Placido, foi fusilado em 1844. Ao outro, Heredia, coube o exilio. Se o talento d'este não tem os vastos recursos de Arboleda, o mimo de Mármol, a ousadia de Lozano, em compensação nunca o sol das Antilhas, combinado com a indole hespanhola, produziu espirito mais ardente, mais fogosa imaginação, mais heroica alma. Era elle que dizia, com toda a altivez castelhana e todo o ardor do homem dos tropicos, parando diante da cataracta do Niagara: «Deixa-me contemplar-te, sou digno de te ver.»

A sua *Ode ao furacão* respira uma energia, um fogo, um arrebatamento, de que poucos poetas poderão egualmente ufanar-se. Recearia profanar essa composição sublime, tentando dar-lhe a fórma poetica portugueza. Reproduzirei alguns versos textualmente:

«Furacão! furacão! sinto que te aproximas, e no teu bafo ardente respiro inebriado o sopro do senhor dos ares. Véde-o, suspenso das azas do vento, percorrer o espaço immenso, ainda silencioso, mas assustador, mas irresistivel na sua veloz carreira! A terra, oppressa por uma calma sinistra e mysteriosa, contempla com assombro o terrivel meteoro... O sol, hesitante, envolve em tristes vapores a sua face gloriosa, e o seu disco ensombrado derrama um funebre clarão, que não é a noite, e que já não é o dia. Horrivel clarão, véo de morte! as aves tremem e escondem-se quando se aproxima o furacão rugidor; nas montanhas longinquas ouvem-n'o as florestas e respondem-lhe.

«Eil-o! Desdobra sobre a natureza o seu manto de terror. Saudo-te, gigante dos ares. O vento sacode e revoluteia as franjas entrançadas da sua tunica sombria. Os seus braços, que a pouco e pouco vão crescendo, enlaçam-se por cima do horisonte; baixam depois, e cobrem o espaço de uma a outra serra.

«Tudo trévas em torno! O sopro da tempestade ergue em turbilhões o pó das campinas. Por entre as nuvens rola o tremendo carro do senhor do trovão; chispa das rodas o rapido relampago que vem fulminar a terra, e inunda o ceo com seus lividos reflexos. Desaba a chuva em torrentes. Tudo é confusão e horror profundo. Ceos, nuvens, collinas, selva querida, procuro-vos em vão; sumistes-vos. A negra procella faz rodopiar nos ares um oceano que tudo sorve. Em fim, separâmo-nos, mundo fatal. Eu e o furacão estamos sós!»

Fica-se prostrado depois de ler um trecho d'estes. Que delirante phantasia não é a d'esse poeta que assim sabe descrever, pintar, e como que tornar palpavel esse cataclismo da natureza! E como se comprehende bem essa phrase audaciosa: «Eu e o furacão estamos sós»! Sim, poeta, porque esse furação de poesia póde afoitamente encarar o furacão dos ceos.

Já vêem, pois, que n'uma terra em que a litteratura tem aspirações tão férvidas e tão brilhantes recursos, ha vida, ha seiva, ha energia bastante para que se lhe possam prognosticar grandes destinos. Assim terminem breve essas fataes revoluções, que em luctas estereis gastam essa actividade de pensamento. Quando chegar a era abençoada, surgirá essa terra juvenil empunhando em vez do gladio o estandarte do futuro, e aquelle que tiver a gloria de realisar esses destinos poderá, ainda mais do que o grande Genovez, ufanar-se da sua obra, porque se este deu á humanidade um mundo opulento, o novo Colombo dar-lhe-ha um mundo grandioso e um povo sublime.

M. Pinheiro Chagas.

D. João de Menezes, de quem já temos referido algumas anecdotas, era um fidalgo muito estimado na corte del-rei D. João III, tanto pelos dotes do espirito, como pelos do coração. Costumava elle dizer ás vezes, quasi como um estribilho, e sem dar explicação: «*Ha coisas que os homens cuidam que tem, e não tem.*»

Um dia, lembrando-se el-rei de lhe pedir que declarasse que coisas eram essas, respondeu promptamente D. João de Menezes, que eram quatro: *muitos amigos, muito juizo, muito saber e muita paciencia*. O soberano applaudiu muito o dito, e achou verdadeira a observação do experiente fidalgo.

Galeria do palacio de cristal portuense

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 337)

II

Ainda que tiveramos a competencia, que nos falta, para fazer um estudo da exposição, em que se apreciassem os progressos da industria dos diversos paizes que alli concorreram, e com especialidade da industria nacional; estudo mui difficil pelo complexo das materias que abrange, e por muitas outras razões; não se accommodaria este trabalho, não diremos com a indole, mas com o espaço que este jornal lhe poderia conceder sem prejuizo dos outros assumptos, a que o obriga o seu programma.

Os nossos leitores que desejarem noticias circunstanciadas da exposição, e até importantes elementos para aquelle estudo, podem recorrer aos jornaes do Porto, que publicaram, durante os mezes de setembro, outubro e novembro do anno proximamente findo, interessantes artigos a esse respeito; nomeadamente os que o sr. Fradesso da Silveira publicou em primeira edição no *Commercio do Porto*, e em segunda n'um livro ha pouco saído dos prelos da typographia do sr. Lallemant, em Lisboa, sob o titulo de *Visitas á*

exposição de 1865; e, finalmente, aos relatorios das diversas commissões nomeadas para estudarem a dita exposição em referencia a determinados quesitos. D'entre estes relatorios, são muito notaveis o da commissão encarregada pelo sr. ministro das obras publicas de *ir á exposição internacional do Porto colligir os esclarecimentos que possam contribuir para a melhor representação de Portugal na exposição que deve effeituar-se em Paris no futuro anno de* 1867; e o do mesmo ministro a el-rei, lido na solemnidade do encerramento da exposição, celebrada no dia 2 de fevereiro do corrente anno. Estes dois relatorios foram publicados no *Diario de Lisboa*.

Passaremos, portanto, a fazer uma abbreviada visita ao palacio da exposição, e como já tratámos do edificio [1], limitar-nos-hemos a percorrer as suas naves, galerias, salas e construcções annexas, indicando os productos que mais sobresaíam em riqueza, ou na perfeição do trabalho, ou na barateza, que é tambem uma das mais essenciaes condições do desenvolvimento da industria. Porém, antes de principiar essa visita, cumpre-nos dar uma idéa geral da exposição, e expender algumas considerações, embora resumidamente, ácerca d'esse certamen da industria.

Na collocação dos objectos expostos não havia especie alguma de ordem tendente a facilitar o estudo dos progressos geraes da industria, pelo exame e comparação dos productos industriaes das diversas nações que vieram tomar logar n'este solemne concurso.

Esta clausula, tal como a pedem todas as exigencias d'aquelle estudo, tem faltado até nas grandes exposições universaes celebradas na Gran-Bretanha, na França e nos Estados Unidos da America.

Será a França a primeira que attenderá a essa imperiosa e urgente necessidade. Imperiosa e urgente em vista dos esforços que a industria faz para attingir o maior grau possivel de aperfeiçoamento, e na certeza de que um tal systema de classificação e collocação, completando o pensamento creador das exposições internacionaes ou universaes, fará com que se colham d'estes grandes concursos do trabalho todas as lições, conselhos e incentivos que naturalmente ahi se encerram como em um volumoso e substancioso livro. A França vae, pois, segundo dizem, introduzir esse grande melhoramento na exposição que se ha de realisar em Paris no anno de 1867.

A classificação ordenada para a exposição internacional portugueza teve unicamente por fim estabelecer as regras para a admissão dos productos, e prover á necessaria regularidade do serviço da mesma exposição. Compunha-se esse systema de classificação de quatro divisões principaes, em que se comprehendiam 45 classes com as suas subdivisões.

A 1.ª d'aquellas divisões constava de 7 classes, que abrangiam todas as materias primas, e suas transformações immediatas.

A 2.ª divisão compunha-se de 13 classes, todas relativas a machinas.

A 3.ª divisão comprehendia 19 classes, que se referiam aos productos manufacturados e aos processos correlativos.

A 4.ª divisão encerrava 6 classes, todas consagradas ás bellas artes.

Quanto á secção portugueza, foi dividida em tres partes: productos do continente, da ilha da Madeira e das colonias.

Concorreram a esta grande festa do trabalho mais de tres mil expositores, e n'elles se acharam representados os seguintes paizes: Portugal, Hespanha, França, Gran-Bretanha, Belgica, Hollanda, Suissa, Italia, Prussia, Austria, Baviera, Saxonia, Hanover, grão-ducado de Baden, Mecklemburgo, Anhalt-Dessau e Schaumburg-Lippe, Brunswick, Hesse Eleitoral, Hesse Darmstadt, Saxe-Coburgo-Gotha, Saxe-Weimar, Saxe-Meiningen, Schleswig-Holstein, Hamburgo, Francfort, Breme, Lubeck, Dinamarca, Russia, Turquia, Japão, Brasil, Estados Unidos.

D'entre todas estas nações era a França a que se achava melhor e mais dignamente representada. O numero de seus expositores elevava-se a perto de 500, e os productos que exhibiram ostentaram na belleza da invenção, no primor do trabalho, e muitos d'elles nos variados dotes de grandiosidade e riqueza, o subido grau de esplendor a que chegaram n'aquelle paiz as artes e a industria.

A Gran-Bretanha apenas nos enviou uma tenue amostra do seu extraordinario desenvolvimento industrial. Esta nação, que tanto zela a sua dignidade e tão ciosa é de que outras lhe tomem o passo nos progressos humanitarios, deixou de se fazer representar convenientemente na exposição portugueza, talvez porque a sua exposição de Dublin, que coincidiu com a nossa, lhe distrahiu a attenção, ou porque, dando ouvidos ao muito que entre nós se disse e escreveu contra um tal commettimento como superior ás nossas forças, entendeu que todos os esforços não passariam de uma tentativa honrosa, porém mallograda.

A Hespanha teve tão poucos expositores, que mal nos deixou ajuizar do seu estado industrial. Esta falta é attribuida principalmente á agitação que lavrava no paiz, precursora da perturbação da ordem, que não tardou muito em rebentar.

A Belgica, posto que não apresentasse na exposição um quadro onde se visse desenhado, embora em traços largos, o singular desenvolvimento da sua industria, offereceu cabal documento dos seus rapidos progressos, fazendo-se alli notar pela perfeição e barateza dos seus productos. E tanto primou no desempenho d'esta lei economica imposta pela civilisação a todos os progressos da industria, que achou prompta venda aos productos que exhibiu, e abriu, sem duvida, em o nosso paiz um novo mercado para as manufacturas belgas.

A Italia, patria dilecta das artes, escolheu este campo para sobresair na exposição portugueza. O numero e perfeição das obras de pintura e de esculptura em marmore que alli enviou, sustentam-lhe a reputação que desfructa de nação eminentemente artistica entre as mais cultas.

A Allemanha, cuja industria se acha tão largamente desenvolvida, tão aperfeiçoada, tão prospera, não figurou na exposição do Porto de um modo condigno com a elevada posição que occupa como nação industriosa. Pede, porém, a justiça que façamos excepção da cidade livre de Hamburgo, pois que de tão pequeno estado concorreram alli 45 expositores, que exhibiram variadissimos artefactos de marfim, de ambar, de gutta-percha e caoutchouc volcanisado e endurecido; diversidade de moveis e ornatos de salas; transparentes, machinas de coser, etc.

Dos outros paizes d'além da Confederação Germanica vieram tão poucos expositores, que não foram sufficientes os seus productos para se poder formar uma idéa aproximada do estado da industria de cada um. E o mesmo diremos relativamente á America.

Resta-nos fallar do nosso paiz, e forçoso é confessar que a sua industria estava alli muito mal representada. Não obstante ser aquelle grande concurso uma festa nacional, instituida em honra da nação portugueza, e para proveito quasi exclusivamente seu, deixaram de comparecer n'ella muitos artistas e industriaes, que não sómente a abrilhantariam com as producções do seu trabalho, mas que completariam, o que é ainda mais importante, o quadro geral da industria portugueza. Faziam falta sensivel n'aquella exposição os productos de muitos estabelecimentos fabris que avultam entre nós pelos grandes capitaes que

[1] Vid. a gravura e artigo a pag. 1 e 2 do vol. VII.

empregam, pelos numerosos braços a que dão occupação, pelos aperfeiçoamentos que tem alcançado, e pela importancia do seu movimento industrial.

Tambem não se viam alli algumas pequenas industrias, que, apesar da sua pequenez, se recommendam por sua utilidade, e que podiam apparecer airosamente n'esse certamen do trabalho. Em bellas artes figura Portugal muito menos vantajosamente do que podia e lhe cumpria figurar.

Não nos permittem os limites que impozemos ao nosso discurso fazer a resenha dos estabelecimentos fabris, das pequenas industrias, e das officinas artisticas que não enviaram productos á exposição, e de cuja falta resultou uma grande lacuna no quadro geral da industria portugueza. Todavia, especificaremos, como exemplos que se nos antolham mais evidentes, um ramo da industria e outro das artes que ao presente cultivâmos do modo mais honroso para o paiz. Alludimos á marcenaria e á esculptura de ornato, principalmente em pedra.

A marcenaria tem attingido em Lisboa n'estes ultimos annos um tão grande aperfeiçoamento, que já passou, não ha muito tempo, pelas regiões do poder a idéa de promover n'esta cidade uma exposição especial e exclusiva d'este ramo da nossa industria, na convicção de que resultaria d'ahi muita gloria para os artifices e para o paiz.

Quem tem conhecimento dos moveis feitos n'esta capital para o real paço das Necessidades, por occasião do consorcio do chorado e mallogrado rei o sr. D. Pedro V; quem tiver visto os ricos moveis de carvalho cobertos de primorosas esculpturas, tão bellos e elegantes como os que nos vem de França; quem visitar, em fim, as principaes officinas de marcenaria de Lisboa, reconhecerá que este ramo da industria tem chegado em o nosso paiz a um notavel aperfeiçoamento.

O ramo das bellas artes mais florescente em Portugal é, em nossa opinião, o da esculptura de ornato, principalmente na pedra; mais florescente pela perfeição que tem attingido, e pela prosperidade que está logrando. Podem-se ver as provas d'esta asserção em as numerosas officinas de canteiro que ha em Lisboa. E se apontarmos para determinadas obras, como por exemplo as que el-rei o sr. D. Fernando tem mandado executar no real paço da Pena, em Cintra, acharemos trabalhos dos nossos esculptores que podem competir, certamente, com as producções dos melhores artistas estrangeiros. E todavia, não appareceu na exposição portugueza um unico exemplar em pedra d'esse genero de trabalho em que tanto nos distinguimos!

Não tem, por conseguinte, direito a queixar-se da indifferença dos estranhos quem assim deixou correr á revelia a honra e os mais interesses proprios. Além d'esse desanimo e desleixo, que estão infelizmente inoculados em nossos costumes como defeitos nacionaes, todas essas lacunas que notâmos e deplorâmos tiveram por causas principaes a falta da acção do governo, que é, e será ainda por largos annos, em quanto nos não regenerarmos d'aquelles defeitos, não sómente necessaria, mas até indispensavel como o unico movel de todos os melhoramentos do paiz; e as opposições e contrariedades que, com mais ou menos fundamento, se levantaram na imprensa e nas conversações particulares contra o pensamento da exposição internacional.

O exacerbamento das paixões politicas e a agitação do paiz durante uma boa parte do anno de 1865, e que desgraçadamente coincidiram com os preparativos para a exposição do Porto, desviaram quasi inteiramente a attenção dos poderes publicos d'essa audaciosa empreza em que se achava compromettido o decoro da nação; ou, diremos melhor, paralysaram a protecção energica requerida por um tal commettimento.

A falta, pois, de diligencias e de instancias officiaes, actuando sobre a nossa proverbial incuria, e deixando tomar corpo áquellas opposições e contrariedades, arraigou no animo de muitos industriaes a persuasão de que a tentativa dos directores do palacio de cristal portuense naufragaria irremediavelmente. E de certo assim havia de succeder, se outras influencias beneficas se não empenhassem em neutralisar os effeitos de taes causas. A estas chamâmos principaes, porque se deram ainda várias outras de menor importancia, que não nos cumpre agora examinar.

I. de Vilhena Barbosa.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 363)

VII

Pedro cumpriu o seu proposito de não se demorar no solo francez.

Já o temos na Suissa; vae percorrer as poeticas montanhas, aformoseadas com as recordações do libertador Guilherme Tell, e de Carlos, o temerario; vae extasiar-se contemplando as magestosas nevadas, as cascatas magnificas, os lagos azues e as risonhas queijeiras, que os poetas francezes e allemães pintam com tão seductoras côres. Pensa permanecer n'aquelle romantico e encantador paiz a maior parte do verão: receia, e ao mesmo tempo deseja, que o captivem os olhos de alguma d'aquellas bellissimas montanhezas, que na sua opinião devem enthesoirar, harmonicamente combinados, o ardente e impetuoso amor da raça latina, e o purissimo e delicado sentimento da raça germanica.

Experimentava Pedro, ao pisar os montes da antiga Helvecia, um sentimento muito parecido ao que deve experimentar o fervoroso christão, familiarisado com as Sagradas Escripturas, ao pisar os montes da Judéa.

Uma terrivel nevada se lhe apresentou á vista. De vez em quando uma rajada de vento silvava no valle com espantoso ruido. O coração de Pedro batia com violencia ante aquelle magnifico espectaculo.

Arrastado pela curiosidade, o nosso enthusiasta viajante aproximou-se do valle para onde confluiam aquellas enormes massas de neve congelada.

Ouve de repente sobre a cabeça um ruido simillhante ao do trovão, e rolou pelos profundos abysmos que se lhe abriam aos pés, envolvido em um oceano de agua e neve. Colhêra-o uma *avalange*, e a sua vida corria imminente risco.

Pedro, fazendo desesperados esforços para salvar-se, invocou a Virgem, o nome de sua mãe, e até o de Rosa lhe acudiu aos labios.

Pôde, em fim, agarrar-se a uns ramos que bordejavam a torrente, e salvou-se, mas cheio de agua e lodo, tiritando com frio, e tendo o corpo tão moido como se os cajados dos pastores dos Pyreneos lhe apalpassem as costellas.

As nevadas, que tão bellas se lhe afiguraram na bibliotheca do americano, inspiravam-lhe agora profundo horror, e não póde deixar de comparar os riscos que offerecia nas montanhas da Suissa a contemplação da natureza, com a segurança que offerecia a mesma contemplação nas montanhas das Encartações.

— Contentemo-nos, disse, com espectaculos mais pacificos e commoções mais bucolicas. Procuremos nas alvas e limpas queijeiras, habitadas por campo-

nezas innocentes e formosas como a virgem de Underwal, cantada por d'Arlincourt, os serenos lagos e as tradições populares que devem conservar n'estas montanhas as recordações de Arnoldo, de Werner, de Furst, de Tell, e de todos esses heroes que libertaram a Helvecia do tyranno Gesler.

Pedro divisou uma queijeira e encaminhou-se para ella.

Na queijeira encontrou umas raparigas, descalças de pé e perna, desgrenhadas, e revelando falta de aceio. Vendo-as, recordou-se de Rosa, que, comparada com as montanhezas suissas, lhe pareceu uma rosa de Alexandria comparada com um cardo de charneca.

— Que desapontamento! — exclamou, começando a estrangeirisar-se; mas o saboroso leite que me hão de servir aqui me compensará d'esta amargura.

Sentou-se a uma pequena mesa, e pediu leite, que lhe serviram immediatamente.

Pareceu-lhe que o leite estava alterado, e que nos bordos da vasilha fluctuavam alguns pellos da vacca, ou sabe Deus o quê.

Pedro afastou a vasilha dos labios com asco e indignação, e resignou-se a deixar com vida a fome que principiava a atormental-o.

— Quem tivera aqui aquella pequena mesa coberta com uma toalha, tão alva como a neve, e provida de uma bilha de limpo, fresco e assucarado leite, que minha mãe costumava preparar-me debaixo da parreira que estava á porta da casa! — disse o mancebo. A mulher mais descuidada de S... não serviria nunca uma bilha ou um copo de leite, sem passal-o antes com um guardanapo bem lavado, ou com um molho de feno.

Pedro teve que dar por aquella vasilha de leite, na sua opinião corrompido, dez vezes mais do que lhe custaria na sua aldeia uma bilha de leite aceiado e fresco; e como se queixasse do mal que o serviam, pouco faltou para que um robusto montanhez lhe medisse as costellas com uma estaca.

Percorrendo em seguida os lagos de Zurich e outros, esteve quasi a afogar-se, e accommetteram-n'o umas febres intermittentes, pelo que ficou receando os lagos, e decidiu contentar-se com as tradições populares dos cantões de Uri, Schwitz e Underwal, tradições que esperava encontrar até na boca do mais rustico montanhez.

— Diga-me, bom homem, perguntou a um que ia guiando umas vaccas; que tradições populares ha n'este cantão?

— Não entendo o que é isso, respondeu o vaqueiro.

— Quero dizer se os habitantes d'estas montanhas conservam lembrança dos heroes que os emanciparam da tyrannia austriaca, no seculo XIV.

— Nem quatorze nem quinze! Não sei ler, e por isso fico jejuando a respeito do que v. s. me diz.

— Que homem tão bronco, meu Deus! — murmurou Pedro afastando-se do vaqueiro. Nas Encartações até os mais rudes tem, quando menos, algumas noções da historia local, sequer para confundir as epochas; e onde houver uma fortaleza fundada pelos sustentadores dos bandos *oñocino* e *gamboino*, verão uma fortaleza fundada pelos moiros, embora estes senhores não pisassem nunca o solo vasconço.

Mais adiante encontrou um rachador que se lhe figurou homem menos rustico.

— Olá, meu amigo, que tradições se conservam n'estes sitios do heroico Guilherme Tell?

— Guilherme Tell? — replicou o rachador como se ouvisse por primeira vez este nome. Não o conheço.

— Pois vossê ignora...

— Parece-me que já entendo, acudiu o montanhez dando-se importancia. Pergunta v. s. por el-rei da Prussia Frederico Guilherme? Teremos que ver coisas do arco iris por causa das intrigas dos realistas e dos republicanos de Neufchatel...

Pedro voltou as espadoas ao rachador, renegando da Suissa, dos suissos, e até do dia em que poz os pés n'aquellas montanhas, as quaes, comparadas com as de Biscaya, lhe pareciam o inferno comparado com o ceo.

Dirigiu-se em seguida para a Allemanha.

Se o que escreve a historia das suas viagens estivesse a seu lado, ter-lhe-hia dito ao ouvido:

— Não sejas louco, Pedro; volta para S..., que em nenhuma parte encontrarás o que procuras. Assim como a tua imaginação tem a propriedade de engrandecer as coisas de longe, tem a de amesquinhal-as de perto.

Mas como ninguem lhe aconselhou isto, e a sua exaltada phantasia lhe dizia o contrario, tomou pelo Rheno abaixo.

Nem nas margens do Rheno, nem nas de Mayn, nem nas do Elba, nem nas do Oder, nem nas do Danubio encontrou sylphides nem wilis.

Viu muitos castellos de margraves e palatinos, e ao entrar n'elles encontrou-se com fabricas de cerveja, onde os sisudos philosophos allemães se enchiam tanto, que andavam repetidas vezes a cambetear.

Procurou sob os freixos e as faias aquelles bailes pastoris e aquellas virgens de olhos de ceo e cabellos de oiro, que se lhe deparavam nas balladas allemães, e encontrou o que em todas as partes se encontra: raparigas loiras e raparigas morenas; raparigas formosas e raparigas feias; raparigas novas e raparigas velhas; raparigas doceis e innocentes, e raparigas ariscas e ladinas; e disse para com os seus botões:

— Para esta viagem não carecia de alforges. Ai, aldeia da minha vida, mãe da minha alma e Rosa do meu coração! Valeis mais que toda a Allemanha e todas as allemãs juntas!... A Grecia, em compensação, me fará esquecer este novo desengano.

E dirigiu-se para a patria de Homero.

(Continua)

VILLA DE TORRES VEDRAS

II

(Vid. pag. 361)

Torres Vedras dista de Lisboa uns 45 kilometros para o norte, e 10 da costa do Oceano para o lado do sul. É cabeça de concelho e de comarca, e faz parte do districto administrativo de Lisboa.

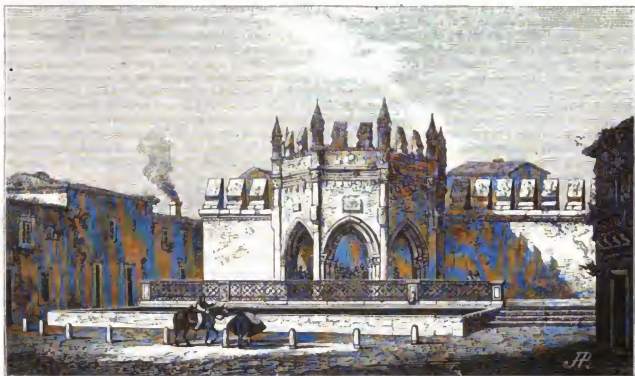
É muito aprazivel a situação d'esta villa, pela risonha paizagem que a cérca. Assim, pois, vista de alguma distancia, offerece ao espectador um formoso panorama.

Em meio de um valle bem plano, e quasi perfeitamente circular, com uns 3 kilometros, pouco mais ou menos, de circumferencia junto das montanhas que lhe fazem cercadura, levanta-se um monte, menos elevado que os que debruam o valle, mas sem a menor ligação com estes por especie alguma de ondulação de terreno, antes tão independente d'elles, e quasi tão aprumado como a meda de trigo no meio de espaçosa eira. Na crista d'este monte jaz em ruinas o antigo castello de Torres Vedras, cuja primeira cérca de muros cinge o oiteiro a meia altura. Na encosta do lado do sul está edificada uma parte da villa, aquella cuja parochia, da invocação de Santa Maria do Castello, attesta mais ancianidade. A outra parte da povoação está sentada na planicie, abraçando o monte junto da raiz por todos os lados, exceptuando o norte. Completam este quadro, dando-lhe maior realce, o rio Syzandro com suas margens arborisadas, e várias estradas por partes guarnecidas de ar-

vores, que em differentes direcções cortam o valle, correndo por entre prados e vinhas.

Penetrando, porém, no interior da villa, trocam-se aquellas scenas alegres em um aspecto triste, não obstante a animação que lhe provém de ter a povoação muito accumulada, e grande trato commercial com todas as terras da comarca. Estes predicados, porém, não podem neutralisar o mau effeito das ruas, que são, em geral, estreitas, tortuosas, faltas de limpeza, e algumas guarnecidas, em todo o seu comprimento, de casas de tres e mais andares. Sómente ha uma rua a que bem quadrem os epithetos de larga, direita, alegre e aceiada. Chama-se *rua das Olarias;* corre de léste para oéste em uma das extremidades da villa, e principia no largo da Graça, que é a melhor praça, e que serve de entrada a quem vem de Lisboa pela estrada que faz seguimento á de Loires.

Os outros largos são mais pequenos, e nenhum, incluindo a *praça do Pelourinho*, onde astá a casa da camara, se torna notavel por circunstancia alguma que mereça mencionar-se. O mesmo diremos das casas particulares; entretanto, vê-se uma ou outra de prospecto regular, e que não desagrada.

São tres as egrejas parochiaes. A *matriz*, de muito antiga fundação, é dedicada a *Nossa Senhora da Assumpção;* mas por estar edificada dentro da primeira cêrca de muros do castello, é mais conhecida pelo nome popular de *Santa Maria do Castello*. As outras duas, da invocação de *S. Pedro* e *S. Thiago*, tambem muito antigas, estão situadas no centro da villa. Teve uma quarta freguezia, que foi ha pouco supprimida, e se intitulava de *S. Miguel*, cujo templo existe no arrabalde, para o lado do norte, nas faldas do monte do castello, e junto ao rio Syzandro.

Chafariz dos Canos em Torres Vedras

Conta mais Torres Vedras os seguintes edificios religiosos e estabelecimentos pios: A *egreja e hospital da Misericordia* tiveram principio no anno de 1520. Por conseguinte, datam da epocha em que viviam os benemeritos fundadores da Misericordia de Lisboa, primeira que houve no reino, instituição tão caridosa e philosophica, que bastaria de per si, quaesquer que fossem os tempos e a nação, para fazer a gloria de um reinado. Aquella egreja é um templo regular, tanto em grandeza como nos ornamentos; porém a sacristia é melhor e mais bem ornada que o ordinario. O hospital tem bom rendimento, a sua administração e serviço nada deixam a desejar. Tem as enfermarias com bastante aceio, a botica bem provida, e facultativos diligentes. Substituiu o *hospital do Espirito Santo*, creado muito anteriormente; e nas casas d'este foi estabelecido. Porém, como o edificio fosse pequeno, passado pouco tempo a confraria da misericordia comprou uma casa nobre na *rua da Misericordia*, contigua á sua egreja, e para ahi mudou o hospital.

Instituiu n'esta villa a rainha D. Leonor, mulher del-rei D. Duarte, sete mercearias para donzellas ou viuvas pobres e honestas.

Outr'ora possuiu Torres Vedras mais dois estabelecimentos pios: o *hospital dos Gafos*, da invocação de Santo André, que foi extincto em 1544, sendo demolido o seu edificio para dar logar á fundação do convento da Graça, para o qual passaram os seus bens; e o *hospital de S. Gião*, que foi supprimido, e os seus rendimentos, juntamente com os da confraria denominada *das Ovelhas*, encorporados nos da misericordia.

Ha na villa e nos arrabaldes muitas ermidas, e havia um convento de *eremitas calçados de Santo Agostinho*, dedicado a Nossa Senhora da Graça, o qual teve a sua primeira fundação no anno de 1266, defronte da egreja parochial da S. Thiago, e a segunda em 1544, no largo a que deu o nome, e de que acima fallámos. Nem o convento nem a egreja são notaveis por bellezas ou grandeza de construcção; mas ficaram celebres porque teve o primeiro por seus prelados a S. Gonçalo de Lagos, que a villa tomou por seu padroeiro, e D. Fr. Aleixo de Menezes, elevado a arcebispo de Goa, e depois transferido para a mitra primacial de Braga. Pela extincção das ordens religiosas, foi vendido o convento, e é hoje propriedade particular. Da egreja está de posse a irmandade do Senhor dos Passos, que a conserva com aceio, e n'ella celebra com muita decencia os officios divinos.

Torres Vedras não apresenta edificios publicos esplendidos, mas contém alguns importantes pelo seu fim utilitario, e, além d'estes, várias reliquias da antiguidade e memorias historicas. O aqueducto, o chafariz dos Canos e o castello, são os seus principaes monumentos. Fallaremos do primeiro em logar mais apropriado, que é quando tratarmos dos arrabaldes por onde elle corre. Quanto ao segundo, occupar-nos-hemos d'elle mais dilatadamente que dos outros edificios, por tres razões ponderosas, quaes são a de ser o assumpto da nossa gravura, a de se acharem alli reunidos o interesse artistico e o da antiguidade, e a de termos dúvidas ácerca da epocha a que é attribuida a sua fundação, e a respeito da pessoa que é designada como fundadora.

O chafariz dos Canos é um curioso exemplar da architectura gothica n'este genero de construcções, e, portanto, apreciavel, porque são raros em o nosso paiz. Consta de um pavilhão, da fonte propriamente dita, e dois tanques. O pavilhão é semicircular, com cinco faces, nas quaes se abrem outros tantos arcos de volta curvilinea, ou ogival, sustentados cada um por seis columnas, tres de cada lado. Sobre os arcos levanta-se o entablamento, que é coroado de ameias com suas esculpturas, e de pyramides mais altas que as ameias, e correspondentes aos angulos das cinco faces do pavilhão. Debaixo da abobada d'este, que é de pedra e artezoada, ergue-se a fonte, que lança agua por duas bicas em um pequeno tanque, d'onde passa para outro tanque muito maior, collocado inferiormente, e que toma toda a frente do pavilhão, ficando junto a uma escada de pedra que sobe para a fonte. Este tanque foi construido em tempos modernos para uso dos animaes. Toda esta obra do chafariz é de cantaria bem lavrada.

A julgar pelo que ahi se lê em uma inscripção gravada na pedra, a qual diz que *mandára fazer este chafariz uma infanta portugueza no anno de* 1561, deve-se ter por fundadora, não obstante não declarar o nome, a infanta D. Maria, filha del-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor de Austria, sua terceira mulher; pois que n'aquelle anno era a unica infanta portugueza que existia. A nossa familia real achava-se então reduzida a el-rei D. Sebastião, ainda menino; á rainha D. Catharina, sua avó, viuva del-rei D. João III, e regente do reino; ao cardeal infante D. Henrique, e á dita infanta D. Maria, irmãos d'este ultimo soberano; e ao sr. D. Duarte, duque de Guimarães, filho do infante D. Duarte, tambem duque de Guimarães, e irmão dos antecedentes.

Não ha dúvida de que a infanta D. Maria foi senhora da villa de Torres Vedras, como já dissemos; e tambem é certo que foi muito dada a dispender em edificações os avultados rendimentos de que dispunha. Entretanto, não acreditâmos que o chafariz dos Cannos seja obra sua. Serve-nos de fundamento o estilo de architectura a que pertence.

Relevem-nos os nossos leitores repetirmos aqui o que por mais de uma vez temos dito n'este jornal.

A architectura gothica deixou de ser seguida em Portugal no reinado de D. João III. As obras que este monarcha emprehendeu de novo no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e que tiveram principio no anno de 1527, sexto do seu reinado, já não apresentam feição alguma do estilo gothico. A nova architectura, chamada do *renascimento*, sendo abraçada e applaudida como a regeneração das artes, excitou tanto enthusiasmo em seu favor, e tamanha execração contra o estilo gothico, como representante dos tempos de barbaridade, que não sómente foi proscripto este ultimo estilo das edificações que se construiam de novo, mas até se alterava o risco das que se andavam construindo na epocha da introducção da architectura do renascimento, para se lhe dar o remate segundo os preceitos d'esta, como succedeu com a egreja do mosteiro de Belem. E não ficou só n'isto o odio e desprezo pelo estilo gothico. D'ahi por diante, todas as vezes que era mister proceder a obras de reedificação, ou mesmo até de simples reparação nos edificios gothicos, alteravam-lhes sempre as feições, parecendo aproveitar-se com prazer essa occasião para ir enxertando n'elles remendos do estilo do renascimento. Fariamos um longo catalago se pozessemos aqui os exemplos que nos occorrem á memoria.

Concluiremos, portanto, dizendo que depois da introducção do estilo do renascimento não se construiu em o nosso paiz edificio algum gothico; que os monumentos da piedade religiosa d'aquella infanta, fundados na Luz e em Lisboa [1], fallam em abono da nossa opinião; e, finalmente, que a edificação do chafariz dos Canos é muito anterior ao anno que a inscripção lhe assignala, devendo, por conseguinte, suppor-se que a dita inscripção foi alli gravada em uma epocha muito posterior, não só á fundação do chafariz, mas tambem á morte da dita infanta.

O castello acha-se muito arruinado, e nos seus restos nada se vê que mereça attenção aos olhos da arte. Não se sabe a epocha em que foi fundado, mas deve ser remota, porque consta que o mandou reparar el-rei D. Fernando I pelos annos de 1373. Passado quasi seculo e meio, reedificou-o el-rei D. Manuel; e no seculo XVII novamente foi reconstruido por D. João Soares de Alarcão e Mello, nono alcaide-mór d'este castello, de quem fallámos a pag. 362. A ruina em que se acha foi effeito do terremoto de 1 de novembro de 1755.

Compunha-se esta fortaleza de duas cêrcas de muros, não muito altos, que pela maior parte se conservam ainda de pé. Na primeira cêrca tem um portal que era a entrada do castello, e que ao presente dá ingresso para o adro da egreja matriz. Sobre este portal está o escudo das armas reaes entre a cruz da ordem de Christo e a esphera armillar, divisas del-rei D. Manuel, alli postas por occasião de se reedificar o castello. A segunda cêrca cinge toda a coroa do monte. No seu recinto erguem-se altas paredes de um amplo edificio de dois pavimentos, que domina toda a fortaleza, a villa que se estende a seus pés, e o valle que a ambas circunda. As paredes interiores estão quasi inteiramente derrocadas, mas ainda mostram as divisões das salas do andar nobre, de cujas janellas se devia gozar um formoso e variado panorama. Diz a tradição, e refere a *Monarchia Lusitana*, que n'estes paços do castello residiu uma das nossas primeiras rainhas, sem comtudo a nomear. D'esses tempos, porém, não se acham vestigios no edificio, cuja architectura o denuncia como obra do seculo XVII, e, por conseguinte, reedificação feita pelo já citado D. João Soares de Alarcão e Mello. O que é certo é ter servido de residencia aos alcaides-móres do castello.

Havia dentro da fortaleza tres cisternas e um caminho subterraneo que conduzia ás faldas do monte, junto ao rio Syzandro.

Torres Vedras foi cercada de muralhas com suas torres e tres portas. Das primeiras apenas existem alguns restos servindo de parede ou de envasamento a outros edificios. As portas chamavam-se: *de Santa Anna*, *da Varzea*, e *da Corredoira*. A *de Santa Anna* foi demolida em 1641, para augmento e melhoramento do *largo da Graça*. A *da Varzea* foi desfeita em 1734, a fim de se construir a estrada nova d'esta villa para Mafra, e em cujas obras se empregou a pedra da porta e dos lanços de muralha contiguos. A *da Corredoira* desappareceu anteriormente, tambem por motivo de

[1] O convento da ordem de Christo, e o hospital, hoje collegio militar, ambos na Luz; e o mosteiro da Encarnação, de commendadeiras da ordem militar de Aviz, em Lisboa.

melhoramentos publicos. Ficaram, porém, os nomes d'estas portas aos sitios onde existiram.

Não conserva esta villa padrão algum que commemore as honras que desfructou tendo sido por tantas vezes assento da corte. Dos seus *paços velhos* nada existe, nem se póde indicar com exactidão o logar onde se erguia essa primeira habitação real. Sabe-se apenas que ficava proximo do castello, no bairro denominado *Carcavellos*, para o lado do sul. Dos *paços novos* restam insignificantes vestigios no local onde hoje vemos o açougue.

Além do *chafariz dos Canos*, abastecem de boa agua os habitantes outras fontes, entre as quaes ha uma, á saída da povoação sobre a estrada de Lisboa, que tem as armas reaes e as da villa, com a era de 1529, mas que é de fabrica mesquinha.

Torres Vedras possue um theatro e dois passeios publicos situados agradavelmente. O *passeio do Jardim*, com uma fonte, estende-se em uma planicie entre os montes do castello e de S. Vicente e junto das margens do Syzandro. Tem padecido este passeio crueis devastações. O seu arvoredo primitivo foi cortado para o serviço das linhas de defesa, que suspenderam a invasão dos francezes em 1810. Plantado novamente em 1821, este segundo arvoredo teve a mesma sorte do primeiro, com a differença de ser menos justificada a sentença que o condemnou. Fazem-se alli as feiras annuaes. O *passeio da Varzea*, n'outra extremidade da villa, e em situação mais desafogada, foi plantado ha poucos annos.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Vid. pag. 358)

VI

ABERTURA DOS TUMULOS REAES

Eis como a *Gazeta de Lisboa* refere a ceremonia da abertura dos tumulos reaes no dia 23 de outubro de 1832.

«........Hoje, sua magestade, depois do seu despacho no gabinete, foi de tarde, e mais suas altezas reaes, a verem na egreja do convento de Santa Cruz o interior do tumulo do senhor rei D. Affonso Henriques: ia acompanhado dos excellentissimos senhores duque de Lafões, marquez de Bellas, marquez de Tancos, e conde barão de Alvito, camarista de semana, conde de S. Lourenço, ministro secretario d'estado dos negocios da guerra, conde de Barbacena, chefe do estado maior general, brigadeiro Gorjão, quartel mestre general, brigadeiro Povoas, ajudante d'ordens de sua magestade, major conde de Belmonte, ajudante de campo, e dos mais da mesma classe condes de Soure, do Cartaxo, de Vianna, d'Almada, de Redondo, e de Carvalhaes, e D. Bernardo d'Almeida, seu irmão; e officiaes d'ordens visconde d'Asseca, e tenente Manoel Correia, seu irmão; coroneis de voluntarios realistas conde de Castro Marim e visconde da Bahia; e varios criados da casa real; indo tambem como viadores de suas altezas os condes de Camarido e de Cintra: seguindo o caminho da universidade pela *Fonte Nova*, e alli concorria immensa gente para saudar o augusto monarcha, que sendo esperado mais suas altezas reaes pelo dom prior geral e communidade á porta do convento de Santa Cruz, e acompanhado á egreja, feitas as orações, mandou sua magestade abrir o tumulo do fundador da monarchia portugueza, repetindo assim este acto, que pela ultima vez se havia feito pouco mais de um seculo antes, isto é, em setembro de 1732, reinando então em Portugal o senhor rei D. João v, e anteriormente o havia feito tambem o senhor rei D. Manuel.

«Aberto pois aquelle deposito precioso dos restos mortaes do grande rei e senhor D. Affonso Henriques, se achou um pequeno cofre de madeira de cedro, junto a outro maior, existindo sómente no menor alguns restos de ossos pequenos, que indicavam ter sido de algum menino, mas tudo o mais reduzido a terra ou cinzas; e no segundo cofre maior, que se achava ainda coberto com um resto de tella rica de ouro e prata com franjas desta qualidade, se vio sobre a tampa, que teria 3 e meio até 4 palmos de comprimento, uma chave de ferro, a qual tinha sido dourada; e no mesmo um frasco de vidro faceado, com a base de 3 pollegadas quadradas, e 7 de altura, rolhado e lacrado com as armas reaes em cima, e uma inscripção em baixo, dizendo: *Noticia do que se passou em o mez de Setembro de* 1732; tendo este frasco dentro um embrulho escuro, e com letras, mas pegado ao fundo do vaso, o qual se poz de parte para depois se examinar: tendo logo sua magestade dito, que o sello era das armas do senhor rei D. João v, e não do senhor D. Manuel, como se dizia.

«Na presença pois de sua magestade, de suas altezas reaes, da côrte, do estado maior general, do excellentissimo e reverendissimo bispo de Coimbra D. Fr. Joaquim da Nazareth, do dom prior geral e de toda a communidade de Santa Cruz, se proseguiu no exame dos caixões do tumulo, e se reconheceu com favor da chronica do convento, estarem no segundo cofre os despojos mortaes da senhora rainha de Portugal, D. Mafalda, esposa do primeiro rei, e por estarem muito arruinadas as madeiras e mesmo os ossos, ordenou sua magestade que se passassem para melhor cofre.

«Logo por baixo se achou outro caixão tambem de cedro, e com outra chave como a primeira, e restos de cobertura de tella egualmente de prata e ouro, com xadrez de cores já muito amortecidas. Abrio-se a tampa deste terceiro cofre, que teria seis palmos de comprido, e n'elle se acharam os ossos do grande guerreiro e rei de Portugal o senhor D. Affonso Henriques. A sua caveira estava inteira, e mostrava ainda todos os dentes no seu logar menos um; as dimensões do craneo e mais partes da cabeça eram grandes, e proporcionados os ossos dos braços e pernas, os quaes, comparando-se com os da figura superior ao tumulo, se achou perfeitamente coincidirem com as dimensões respectivas, tendo esta figura 10 palmos de comprimento, como refere a historia haver tido de altura o heroe, a quem representa vestido de ferro, collocado de costas, tendo uma almofada de pedra por travesseiro, e um leão dourado aos pés.

....

«Voltando porem ao exame do frasco, que se havia encontrado no jazigo, nada alli se póde adiantar, por não se poder tirar o embrulho, que tinha dentro, e sua magestade o mandou conduzir pelo conde de Redondo, seu camarista, quando se retirou, havendo dado as suas ordens ao dom prior geral de Santa Cruz para se tornarem a arranjar os caixões do real jazigo, que se havia aberto.

....

«Do hospital foi sua magestade visitar o museu, e alli fez extrahir pelo doutor Franco o que o frasco trazido do tumulo tinha dentro, e se achou serem duas escripturas em pergaminho muito destruido, confusas ou mal legiveis as letras, porque a humidade havia atacado a pelle em que estavam, e se póde perceber, que uma era em portuguez, e de caracter de letra moderna, isto é, de pouco mais de um seculo; e outra em latim, tambem de egual similhança, sendo provavel explicarem ambas referencias a mais antigos titulos, quando em setembro de 1732 se abriu o tumulo real, como diz o letreiro no fundo do vaso;

e na escriptura latina se póde ver, que fallava da senhora D. Thereza, mãe do senhor D. Affonso Henriques......»

Vê-se pois d'esta noticia, que el-rei D. Manuel fez collocar no mesmo tumulo, a par do corpo del-rei D. Affonso Henriques, os caixões que encerram os ossos da rainha D. Mafalda, mulher d'este soberano, e os de um infante, seu filho, fallecido de tenra edade, que suppomos ser o infante D. Henrique, primogenito, e fallecido a 5 de março de 1147, contando apenas alguns mezes de edade.

As pessoas que tinham dúvidas ácerca do logar da sepultura da rainha D. Mafalda ficarão assim esclarecidas.

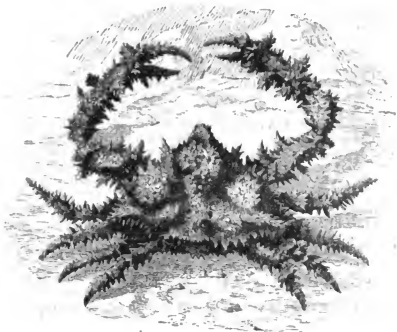
Assim tambem n'essa occasião foram depositados os restos mortaes da rainha D. Dulce junto dos de seu esposo, el-rei D. Sancho I, dentro do mesmo tumulo.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

VERDADEIRO AMOR DA PATRIA

Um diplomata inglez, estando ultimamente em Bristol, referiu, entre as impressões da sua viagem aos Estados Unidos, durante a guerra, o seguinte facto interessante:

«Entrei um dia, disse o diplomata, em uma typographia de Chicago, cujo dono era o sr. Wilson, havia annos secretario da legação anglo-americana em Londres. Conversando nós a respeito dos ultimos acontecimentos, disse-me: — «Quarenta e sete dos typographos que vê foram soldados. Aquelle era major no exercito federal, e aquell'outro capitão; este era tenente, e est'outro sargento.»

»Trabalhavam todos com tamanha placidez, como se não houvessem nunca saído da officina; e perguntei-lhe:

Caranguejo espinhoso

— «Como procedeu v. quando elles deixaram a typographia?»

«E Wilson respondeu-me:

— »Dei-lhes um papel em que me obrigava a admittil-os novamente, logo que voltassem da campanha. Nenhum d'elles pediu nem teve um real de pensão depois da guerra; e, pelo contrario, considerar-se-hiam insultados se alguem se lembrasse de propor-lhes uma recompensa por serviços que julgavam como o comprimento de dever para com a patria.»

Satisfaz esta resposta, porque aquelles artistas davam assim aos seus concidadãos um exemplo digno de imitar-se — servir bem a patria, com sacrificio e abnegação, sem a mira no lucro anticipado, nem na recompensa futura. Prouvéra a Deus que o seguissem muitos dos que estão a todos os momentos invocando o amor da patria, que só se traduz nos proventos que n'ella vão colhendo. B. A.

CARANGUEJO ESPINHOSO

Este crustaceo, tão singular pela sua fórma exquisita, está classificado pelos naturalistas na ordem dos *decapodas* (quer dizer que tem dez pés); na familia dos *brachyuros* (de cauda curta); e na tribu dos *triangulares*, pois que tal é a sua fórma. Um naturalista moderno chama a esta tribu dos *parthenopianos;* nome derivado do que a sciencia deu a esta especie, que é *parthenope horrida*, chamada por Linneo *cancer horridus.*

O genero *parthenope*, creado pelo naturalista Fabricio, compunha-se de um grande numero de especies. Appareceu, porém, um novo legislador, o dr. Leach, que dividiu aquelle genero em alguns outros, deixando-lhe por unica especie a do *parthenope horrida.*

Habita este caranguejo o oceano Indico e o Atlantico, porém abunda mais no primeiro. O seu comprimento varía de duas a tres pollegadas. É todo coberto de protuberancias, e eriçado de espinhos. As pernas dianteiras são mui compridas, deseguaes na grossura, tuberculosas e espinhosas. As patas dos outros quatro pares de pernas são guarnecidas de longos e agudos espinhos, dispostos em uma fileira na parte superior, e em duas na parte inferior. Os olhos estão situados na extremidade de pedunculos moviveis, que saem de duas covinhas da borda anterior da fronte, de modo que se podem occultar nas ditas covas, á vontade do animal. Alimenta-se este crustaceo de mariscos. Tem a côr pardacenta a especie que vive no Atlantico, e um pouco avermelhada a que se encontra no oceano Indico. A carne é saborosa, e faz-se d'ella, como da das outras especies de caranguejos, delicados guisados. I. de Vilhena Barbosa.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

General Prim, conde de Reus, marquez de Castillejos

I

De sobejo tem sido excitadas nos ultimos dias as attenções, e interessada a curiosidade do publico pelos recentes successos de Hespanha, e mais ainda pela presença do illustre caudilho, a quem aprouve largar ainda uma vez o conchego domestico, arriscando a propria cabeça, para collocar-se á frente de uma revolução, que, apesar do desfecho, muitos insistem em considerar inevitavel. É certo que para ella se congregavam de longo tempo, ao que parece, elementos que afiançavam as probabilidades de não custoso triumpho. A Providencia, porém, que rege e encaminha por vias ignoradas os destinos dos povos, quiz que outro fosse o resultado.

Não porque a sorte das armas chegasse a ser-lhe adversa no campo, mas pela contrariedade de embaraços e transtornos, attribuidos a causas, das quaes umas facilmente se imaginam, outras só poderão ser no futuro explicadas, o ousado chefe viu abortar seus planos, falho dos recursos com que contára para os levar ávante: e perdidas as esperanças, teve, sequer temporariamente, de abandonar as fronteiras da patria, para vir procurar entre visinhos o refugio e agasalho devidos ao infortunio.

Acolhidos elle e os seus de braços abertos na terra hospitaleira de Portugal, salvo momentaneamente dos perigos que o ameaçavam, e saudado com effusões de verdadeira e sympathica cordialidade, que nem sempre se deparam em taes conjuncturas, dependia do illustre exilado tornar menos afflictiva a sua situação, aproveitando em utilidade propria os sinceros desejos dos que nada poupariam para suavisar-lh'a.

Prevalecendo em seu animo brioso a necessidade de justificar-se aos olhos de patricios e correligionarios do mau exito da tentativa, e de significar-lhes que se aquella se frustrára por lances imprevistos, apparelhado estava para segundar a empreza sob melhores auspicios, aventurou-se a um passo inconsiderado, que obteve de conselheiros ou amigos menos prudentes acquiescencia e applauso, senão incitamento. As consequencias eram faceis de prever. Dado esse passo, ficava sendo impossivel perante o direito e a boa razão a persistencia entre nós do nobre proscripto, como foi ampla e victoriosamente demonstrado no parlamento e na imprensa, por modo que parece não admittir já sombra de dúvida em espiritos despreoccupados.

Veremos, pois, com mágoa largar de nossas praias, em busca de novo abrigo, aquelle a quem, por diversas considerações, qual mais ponderosa, quizeramos tornar menos acerbas as amarguras de um exilio, cuja duração e acabamento estão reservados nos decretos inescrutaveis do soberano motor do universo!

A empreza do *Archivo Pittoresco*, empenhada como sempre em que nas paginas d'este semanario se registem todos os factos e occurrencias notaveis e interessantes para o nosso paiz sob qualquer aspecto,

apressára-se entretanto a fazer gravar o vulto do illustre refugiado, commettendo-nos o cuidado de commemorar em artigo explicativo as phases da sua vida militar e politica, para satisfação dos leitores que desejassem instruir-se d'essas particularidades.

Não é nosso proposito traçar aqui a biographia completa do general distincto, e menos ainda tecer-lhe o panegyrico. Qualquer dos empenhos fôra para nós de difficil ou impossivel realisação. Fallecem-nos para o primeiro subsidios e documentos indispensaveis e custosos de reunir pela escassez do tempo; ao passo que a rudeza e independencia da nossa penna não nos consente sequer tentar o segundo. Restringimo-nos, portanto, n'estas breves linhas pouco mais que a reproduzir ou extractar o que lemos nas folhas diarias da capital, sem que possamos, comtudo, responsabilisar-nos por uma exactidão rigorosa, no que respeita á ordem dos factos e datas.

II

É o antigo principado da Catalunha uma das mais ricas e consideraveis provincias da Hespanha actual, favorecida pela notavel fertilidade de um solo uberrimo em producções de todo o genero, e pelos proventos da industria fabril e do commercio, que seus laboriosos filhos exercem em larga escala desde muitos annos. Aptos para toda a casta de trabalho, robustos e caracterisados por paixões vivas e fogosas, que os tornam propensos á sobranceria e implacaveis na vingança, os catalães mostraram-se em todos os tempos extremamente ciosos de seus foros e liberdades; já levantados contra Filippe IV, em 1640; já oppondo a mais vigorosa resistencia á invasão franceza, em 1808; depois insurgindo-se contra o poder absoluto de Fernando VII, em 1823; e finalmente, sustentando com denodo e tenacidade a parte que lhes tocou na lucta civil, prolongada de 1833 a 1840. Em Reus, pequena mas importante cidade d'esta provincia, não distante do Mediterraneo, nasceu o sr. D. João Prim a 12 de dezembro de 1814. Seu pae, D. Pablo Prim, seguira com honra a carreira das armas, e chegára ao posto de tenente coronel.

O filho, depois de educado convenientemente, havendo attingido a edade em que lhe era mister tomar destino, abraçou de preferencia a profissão paterna, e levado dos instinctos liberaes, que já então preponderavam no seu animo, assentou praça de *soldado distinguido* no batalhão de atiradores de Isabel II, em 21 de fevereiro de 1834, quando na cruenta guerra civil, que assolou Hespanha por seis annos, começavam a debater-se mais activamente as forças da rainha regente contra os partidarios de D. Carlos.

Começou o novel militar a assignalar-se desde logo por actos de valor e coragem, que lhe grangearam a estima e respeito de seus camaradas, e o fizeram percorrer successivamente os postos, que soube ganhar á custa do proprio sangue. Durante o primeiro anno do seu tirocinio tomou parte em nove acções, sendo em uma d'ellas ferido, e obtendo por distincção, em 12 de abril de 1835, o posto de alferes, no qual se demorou apenas quatro mezes, por ser promovido a tenente em 24 de agosto do mesmo anno.

Foi n'este posto que assistiu á batalha de Santo Hilario, em 24 de fevereiro de 1836. Ahi, na maior força da peleja, viu-se o joven official com uma bandeira na mão precipitar-se á frente da sua companhia sobre o inimigo, e obrigal-o a abandonar a posição onde se entrincheirára. Pouco depois, na batalha de Villa-mayor, foi elle o primeiro a penetrar n'aquella povoação, senhoreada a esse tempo pelos carlistas. Avançava destemido através de uma chuva de balas, quando lhe coube a sorte de ser segunda vez ferido na coxa direita. Distinguiu-se não menos em Taradell, onde, depois de combater com a bravura a que se acostumára, matou um lanceiro carlista, apossando-se-lhe das armas e cavallo.

Pelejou com egual denodo em 1837, nas acções de San Felix, Sasserra e San Miguel de Taradell. Recommendado por seus chefes em uma d'ellas, foi-lhe conferida como distincção honrosa a cruz de S. Fernando, primeira de tantas condecorações que hoje lhe adornam o peito.

Ganhou o posto de capitão graduado, pelo valor com que se houve nas acções de Capsacosta e de Gerri; e a cruz de Isabel a Catholica na escaramuça que obrigou o inimigo ao levantamento do sitio de Puycerdá.

Na campanha do anno seguinte foi dos primeiros a entrar em Ripoli, cidade da Catalunha occupada pelos carlistas. Recebeu ahi o terceiro ferimento, e logo depois a effectividade no posto de que tinha a graduação.

Em julho d'esse anno serviu no sitio da importante praça de Solsona. Nomeado para commandar a columna do assalto, conseguiu apoderar-se da porta principal, forçando os inimigos a encerrarem-se no paço do bispo; e apesar de gravemente ferido no braço esquerdo, ahi os foi accommetter, obrigando-os a renderem-se. Estas façanhas foram-lhe premiadas com augmento de graduação, e com a cruz especialmente creada para remunerar os que tiveram parte no assalto.

Apenas restabelecido, passou a commandar um dos batalhões do regimento de Zamora, tornado celebre nas excursões das serras da Catalunha. Não menos de duas vezes foi ferido na acção de 5 de novembro, sem comtudo largar o campo, sustentando até ao fim a retirada das tropas, e contendo em respeito as forças do inimigo, seis vezes mais numerosas.

Deveu o posto de major de batalhão a outro feito de armas egualmente notavel. Foi elle que em 1839, no sitio de Urgel, á frente de tres companhias, principiou o ataque, investindo os inimigos á vista de todo o exercito liberal, que maravilhado testimunhava e applaudia tal bravura e intrepidez.

Em abril do mesmo anno distinguiu-se, como de costume, em Rioxa, á frente dos caçadores da guarda avançada. No dia 17 teve de haver-se com tropas de força triplicada, e causou-lhes tamanho estrago, que, em virtude de recommendações, obteve a nomeação de primeiro commandante.

Não menos brilhantemente se portou em 14 de novembro. Debaixo de uma nuvem de balas, tendo um cavallo morto, e achando-se elle proprio ferido no peito, voltou ao fogo depois do primeiro curativo, sem que fossem bastantes para desvial-o conselhos e instancias de superiores e amigos. Logo no dia immediato appareceu egualmente na acção de Percacam á frente de seus soldados, cobrindo a retirada, e exposto aos tiros das tropas inimigas, que o feriram duas vezes, sem que ainda assim se resolvesse a abandonar o seu posto. Tal dedicação e coragem foram d'esta vez remuneradas com a patente de tenente coronel, e uma segunda cruz de S. Fernando.

Assignado o convenio de Vergara entre Maroto e Espartero, porém não terminada a guerra, que o improvisado general Cabrera continuou ainda por algum tempo com a sua usual ferocidade nas provincias de Aragão e Catalunha, Prim, apenas mal convalescido dos ultimos ferimentos, entrou nas acções de 1 e 4 de fevereiro em Peracani. Collocado no ponto mais perigoso, foi ferido em um pé, e teve o cavallo morto. No ultimo d'estes combates poz-se á frente de alguma cavallaria, e carregando sobre os carlistas, os obrigou a ceder o campo. Por este importante serviço foi-lhe conferida a graduação de tenente coronel major.

III

Começa n'esta epocha a vida politica de Prim. Nomeado em 1841 pelo regente Espartero sub-inspector dos carabineiros, declarou-se em pouco tempo seu adversario, filiando-se no partido liberal progressista, a cuja frente estava Olozaga; e teve por isso de combater os seus antigos companheiros de armas, concorrendo poderosamente para o triumpho da causa a que se ligára. Os serviços que lhe prestára não podiam ser esquecidos. Viu-se em breve nomeado coronel, governador de Madrid; successivamente promovido, em 1843, a brigadeiro e marechal de campo; e foram-lhe concedidos os titulos de conde de Reus e visconde de Bruc.

Após a estrepitosa e rapida quéda do ministerio Olozaga, os moderados que subiram ao poder declararam-se seus perseguidores, e fizeram-n'o responder perante um conselho de guerra. Este, apesar da eloquente defesa que elle mesmo proferiu, condemnou-o em seis annos de prisão nas ilhas Mariannas. A sentença não chegou, comtudo, a ter effeito, graças aos anteriores serviços do condemnado, e ás instancias de sua mãe, D. Theresa Prats, que lhe alcançaram o perdão.

Sendo posto em liberdade, saiu da patria, e viajou durante os annos de 1845 e 1846 em paizes estrangeiros.

No anno de 1847 foi nomeado capitão general de Porto-Rico, capital das Antilhas hespanholas. Entrando no exercicio do cargo com a actividade que o caracterisa, deparou-se-lhe occasião de enviar ao governador da ilha de Santa Cruz, possessão dinamarqueza, um soccorro tão opportuno e efficaz, que salvou esta colonia, então ameaçada por uma revolta dos negros. El-rei de Dinamarca, em attenção a tão importante serviço, condecorou-o com a gran-cruz da ordem de Dannebrog.

Voltando para Hespanha em 1848, foi, passados dois annos, eleito deputado; e tomando assento como tal, começou para logo a manifestar-se orador distincto, alliando a sciencia do estadista com o valor e conhecimentos proprios do militar.

Como chefe de uma commissão militar enviada á Criméa na guerra de 1853, foram de notavel prestimo aos alliados a sua experiencia e conselho. Contrahiu amizade particular com Omer Pachá, e mereceu as boas graças do sultão, que o presenteou com uma espada de honra, condecorando-o com as insignias do Medjidealo.

A revolução de 1854 o chamou novamente á patria. Nas eleições que se seguiram foi eleito deputado, cuja cadeira trocou pouco depois pelo exercicio de governador de Granada, para que o governo o despachára. Em 1858 foi nomeado senador, promovido a tenente general, e honrado pela rainha com o cargo de seu gentil-homem.

Tendo a Hespanha declarado guerra aos marroquinos em 1859, foi nomeado commandante da divisão de reserva. O seu comportamento em todo o curso d'esta campanha correspondeu cabalmente ao que devia esperar-se da sua reputação como soldado valoroso e aguerrido, e chefe intelligente e perspicaz. Distinguiu-se principalmente em 1 de janeiro de 1860 na batalha de Castillejos, em que, á frente dos batalhões de Vergara, do Principe, de Luchena e de Cuenca, se arremessou ao centro das hostes de Muley Abbas, e por tres vezes fez dispersar as enormes massas que se lhe oppunham. Em recompensa de tão brilhantes feitos recebeu o titulo de marquez de Castillejos.

O modo como, sendo-lhe commettido o commando das forças expedicionarias dirigidas contra o Mexico, se desembaraçou do encargo, evitando o que, a seu ver, importava desar no brio hespanhol e quebra da dignidade nacional, está ainda na lembrança de todos.

Dispensâmo-nos, pois, de uma narrativa que mal cabe no curto espaço que nos resta para concluir este artigo.

Tão pouco nos demoraremos com os pormenores da tentativa revolucionaria por elle premeditada (cujo alcance é ainda agora um enigma), e que, posta em começo de execução em Villarejo a 2 de janeiro d'este anno, deu, por mallograda, em resultado a sua actual emigração. Entrou por Barrancos em Portugal a 23, acompanhado dos regimentos de Baylen e Calatrava, unicos que de principio conseguiram unir-se-lhe, e permaneceram fieis durante dezenove dias de marchas e contramarchas estrategicas, não menos penosas que arriscadas. As folhas da imprensa periodica, attentas a seguir diariamente os passos do movimento, não poderam em verdade, por mingoa de noticias, ser tão explicitas e exactas como se desejára; porém essa deficiencia ficou até certo ponto supprida com o manifesto que o proprio general entregou á publicidade, e que, transcripto dos jornaes hespanhoes para os portuguezes, corre hoje nas mãos de todos.

......Incedis per ignis
Suppositos cineri doloso.

25 de fevereiro de 1866.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Vid. pag. 375)

VII

SACRISTIA

A sacristia fica ao lado da capella-mór, detraz do tumulo del-rei D. Sancho I. Foi reedificada completamente no seculo XVII com bastante grandeza. Tem de comprimento 16^m, de largura 10^m,44, e de altura 14^m,66. A abobada é de cantaria, e o pavimento de pedra em mosaicos, imitando os lavores da abobada. As paredes são revestidas de azulejos, e n'ellas se abrem quatro porticos e várias janellas e portas. Os porticos acham-se decorados com folhagens e outros lavores. Um dá entrada para a capella da sacristia, e os outros para as casas do lavatorio, de deposito de calices e de arrecadação de missaes, livros de canto-chão, etc. A casa do lavatorio tem uma boa fonte de marmore branco, preto e vermelho. As outras duas casas são guarnecidas de contadores e caixões com gavetas, tudo de pau santo marchetado de marfim. É uma rica obra, principalmente os contadores. Em volta da sacristia correm eguaes caixões, e por cima d'elles ornam as paredes quadros a oleo, alguns de boa pintura. Fallando de dois d'estes paineis (o *Descendimento da cruz* e a imagem de um santo) o conde de Raczynski, na sua estimavel obra *Les arts en Portugal*, diz a respeito do primeiro, que *é digno de elogio tanto pelo seu estilo, como pelo desenho;* e ácerca do outro, que *é um excellente spécimen d'esse genero de antigas pinturas attribuidas ao Grão-Vasco*. A sua opinião é pouco favoravel para com o painel da *Descida do Espirito Santo sobre os apostolos*, que alli é reputado por excellente. E todos sabem quão entendido é o conde de Raczynski n'este ramo das bellas artes, e com que zêlo e trabalho procurou estudar os progressos que n'elle tem feito este paiz desde a infancia da monarchia. Ha mais dois quadros na mesma sacristia (o *Ecce Homo* e *Christo crucificado*), que entre nós gozam de apreço; mas que, todavia, não captivaram a attenção d'aquelle intelligente amador. N'este mesmo caso está um *Senhor crucificado*, de vulto, que se vê no meio de uma parede da dita casa.

VIII

CASA DO CAPITULO, CAPELLA E TUMULO DE S. THEOTONIO

A casa do capitulo tem porta para o claustro principal, chamado do *Silencio*. Vestem-se as suas paredes de azulejos; porém a abobada é de pedra, artezoada, e com florões nos remates, como a da egreja. Pertence ao systema de obras de reedificação executado no reinado del-rei D. Manuel.

Tem esta casa no fundo uma rica e vistosa capella dedicada a S. Theotonio, primeiro prior do mosteiro de Santa Cruz, que ahi jaz em tumulo de marmore. Foi começada esta capella no anno de 1582. Mandou-a fazer o dom prior geral D. Pedro de Assumpção. Delineou-a e dirigiu os trabalhos da construcção Thomé Velho, que era então reputado pelo melhor architecto do reino depois de Filippe Tercio.

Construida segundo o estilo do renascimento, que, como temos ponderado em outras occasiões, raras obras de merecimento produziu em o nosso paiz, não se póde dizer que sobresáia pelo bom gosto artistico. Entretanto, está profusamente decorada, e entre os seus ornamentos avultam as estatuas de S. Theotonio e dos quatro evangelistas, aquella por cima do altar, mettida em um nicho; e estas nas paredes lateraes.

O mausoléo de S. Theotonio é de marmore. Concluiu-se em 1630, e no dia 7 de abril d'esse mesmo anno fez-se a trasladação das reliquias do santo, sendo conduzidas em procissão com grande pompa, e celebrando-se festa com apparatosa solemnidade.

N'esta mesma capella se acham mais dois tumulos, mettidos nas paredes lateraes. São ambos de marmore e eguaes no feitio. No do lado do evangelho repoisa D. Tello, fundador do primeiro mosteiro de Santa Cruz, e, segundo diz o epitaphio, fallecido em setembro de 1140, e transferido da antiga sepultura no claustro para este tumulo em 7 de abril de 1630. O tumulo do lado da epistola encerra os ossos de D. João Theotonio, segundo prior d'este mosteiro, fallecido em novembro de 1181, e trasladado do claustro para aqui no mesmo dia e anno das trasladações referidas.

Junto á casa do capitulo ha uma capella consagrada a S. Miguel, cujo retabulo é todo de pedra, assim como tambem a estatua do archanjo.

IX

CLAUSTROS

São tres os claustros, chamados da *Portaria*, do *Silencio* e da *Manga*. O primeiro é contiguo á antiga portaria do mosteiro, e dá-lhe ingresso a denominada *porta fidalga*. Este claustro é o mais moderno dos tres, e não se distingue por circumstancia alguma que mereça mencionar-se.

O *claustro do Silencio* é o principal em architectura e belleza, e tambem o era no tempo dos conegos quanto ás funcções a que a religião o destinava. E como por esta razão os preceitos monasticos obrigavam os conegos a guardar n'elle rigoroso silencio, ficou-lhe este nome por antonomasia, como indicativo de preeminencia.

É este claustro uma das obras executadas no reinado e com auxilio del-rei D. Manuel; sendo a principal despeza á custa da ordem, do que dão testimunho, ao que parece, os escudos das armas que se vêem nos remates das abobadas, que são os cinco gaviões em aspa, brazão de D. Pedro Gavião, dom geral dos conegos regrantes ao tempo em que se fazia esta construcção. Se el-rei D. Manuel fôra propriamente o fundador, appareceriam as armas reaes e as suas conhecidas divisas em logar d'aquelle brazão.

Tem este claustro um quadrado por projecção horisontal, com 35^m,55 de comprimento em cada um dos seus quatro lanços. São estes de abobada de pedra artezoada, com os referidos brazões nos remates. Os vinte arcos, que se abrem nos quatro lanços, são de volta curvilinea e formados de columnas, que, á maneira de troncos cobertos de folhagem, ramificam do logar onde começa a volta do arco para o centro; e, descançando ahi sobre outra columna do mesmo feitio, servem de base a um olhal oblongo, tambem revestido das mesmas folhagens, e que vae terminar no ponto agudo do arco. A gravura que publicámos a pag. 233, copiada de um desenho original do nosso habil desenhador, o sr. B. Lima, mostra com exactidão não sómente a architectura do claustro, mas tambem as miudezas da ornamentação.

Os lavores que revestem as columnas de alto a baixo, guarnecendo do mesmo modo as outras partes decorativas, demonstram claramente que este claustro pertence ao estilo gothico florido. Todavia, se aquelles brazões não dessem irrecusavel testimunho da epocha da sua fundação, poder-se-hia attribuir esta ao reinado del-rei D. João II, no qual a architectura gothica já tinha perdido toda a sua pureza, trocando a esbelta simplicidade que a distinguia pelos adornos com que se ia abastardando; porém não ostentava aquella profusão e variedade de ornamentos e mistura de estilos differentes, que são os verdadeiros distinctivos da architectura gothico-florida no seu ultimo periodo, correspondente ao reinado de D. Manuel. Deveremos, portanto, suppor que o architecto, riscando o claustro do *Silencio*, quando este reinado ia em mais de metade do seu curso, reagia contra a degeneração da arte gothica, e n'elle quiz deixar consignado o seu protesto.

O centro d'este claustro é adornado por uma fonte mui elegante com duas taças e uma pequena estatua por coroa; e em dois dos quatro angulos vêem-se mais duas fontes, uma de marmore côr de rosa, mas que ao presente não deita agua; a outra de pedra ordinaria e coberta com sua cupula abobadada; porém o que tem de menos na riqueza dos materiaes, tem de mais na abundancia do manancial.

Em tres dos quatro lanços avultam paineis ou retabulos de pedra com as figuras em relêvo. No lanço do sul acha-se embebida na parede uma lapida com inscripção, porém tão gasta do tempo, que pela maior parte é illegivel. O sr. Simões de Castro, na sua *Guia do Viajante em Coimbra*, diz a este respeito o seguinte: «Acerca d'esta pedra lemos nas *Memorias de Santa Cruz: Na era de* MCCLXVI, *he anno de* 1228, *João Bispo Cardeal Sabino, legado á Latere em Espanha do Papa Gregorio* IX, *passando de caminho por esta Cidade, foi hospede e agasalhado neste real mosteiro, e a instancia do Prior mór Mestre Dom João Paes, que ainda não tinha um mez inteiro de Prior, sagrou a egreja velha deste real mosteiro em os 7 de Janeiro; como consta das letras apostolicas da sagração que o cardeal passou = Dat apud Cerolicum Idibus Januarii, Anno ab = Incarnatione* MCCXXVIII. *Este breve em pergaminho se conserva no cartorio deste real mosteiro, e no primeiro lanço do claustro, na parede, se vê ainda uma pedra meio gastada com o mesmo breve nella entalhado.*»

D'entre várias capellas que ha no *claustro do Silencio* faz-se notar a da invocação de *Santo Christo* por causa de dois mausoléos antigos que ahi se conservam. Lê-se no da parte do Evangelho o seguinte epitaphio: *Aqui jaz Dom Pedro Bispo da Guarda Prior deste mosteiro e Capellam mór de El Rei Dom Manuel: Ho qual mandou fazer a Egreja com a capella e capitulo desta caza, e outras muito boas obras com que a ennobreceo. Faleceo em ho anno do Senhor de* MDXLI. *Em hos* 13 *dias de Agosto.*

O tumulo do lado da epistola tem esta inscripção: *Aqui jaz Dom João de Noronha e Menezes* XXV *Prior Mór deste Mosteiro, Filho de Dom Pedro de Menezes*,

primeiro Marquez de Villa Real; e da Marqueza Dona Brites de Lara. Faleceo a 24 de Agosto. Anno do Senhor 1506.

Sobre os quatro lanços d'este claustro corre uma galeria, que é coberta em tres d'aquelles lanços, sendo o tecto sustentado por pequenas columnas, e descoberta no quarto por ter ficado por acabar. Junto d'este ultimo acha-se uma capella, actualmente muito arruinada, mas que foi mui rica em obra de talha doirada. É denominada *capella dos Meninos de Palhavã*, em razão de ter sido edificada pelos srs. D. Antonio e D. José, filhos bastardos del-rei D. João v, os quaes fizeram os seus estudos no mosteiro de Santa Cruz, e porque lhes estabeleceram a sua residencia, depois de reconhecidos por el-rei D. José i como seus irmãos, no palacio dos condes de Sarzedas, hoje dos srs. condes de Azambuja, no sitio de *Palhavã*, logo á saída de Lisboa pela estrada de Bemfica, principiou o povo a chamar-lhes *Meninos de Palhavã*, nome com que sempre os designou, não obstante a edade avançada a que chegaram.

O *claustro da Manga* é assim chamado porque foi construido segundo o risco feito por el-rei D João iii na manga do seu roupão. A obra não acredita, certamente, o bom gosto de quem a traçou. Mas, apesar de ser o soberano o architecto, póde-se apresentar como um spécimen da architectura pesada e desengraçadissima, que, quasi no principio do seu reinado, substituiu o gothico florido. Os quatro lanços tem mais similhança exteriormente com uma casa particular de

Claustro da Manga, no mosteiro de Santa Cruz

modesta apparencia, que com um claustro. E a fonte que adorna o centro, na qual o seu auctor parece ter empenhado todos os recursos da sua arte, é uma immensa mole sem graça nem especie alguma de belleza.

A fonte tem duas taças, e levanta-se debaixo de um pavilhão, cuja cúpula é sustentada por oito altas columnas de marmore. Em torno do pavilhão, a pouca distancia, acham-se quatro capellas circulares, com as portas voltadas para a fonte, e cobertas com cúpulas no mesmo gosto da do pavilhão. Ligam este ás capellas quatro botaréos vasados e abertos em quarto de circulo. Todas estas construcções estão cercadas de alegretes de flores, e de oito lagos em fórma de canaes, de maneira que o pavilhão communica-se com as quatro capellas por meio de pontes ou passadiços de lagedo. Os retabulos das capellas são de pedra, em relêvo, e representam *S. João Baptista* em contemplação no ermo; *S. Jeronymo*, tambem no ermo, adorando a cruz; *S. Paulo*, primeiro eremita; e *Santo Antonio*, no deserto, resistindo á tentação do demonio. Foram esculpidos estes quatro retabulos pelo mestre João de Ruão, francez. A nossa gravura, que retrata fielmente este claustro, foi copiada de um desenho original do sr. Barbosa Lima.

No lanço do norte d'este claustro existe a celebre capella dos *Ossos*, hoje fechada, mas que outr'ora se patenteava ao publico. As paredes, abobada e altar, são fabricados e guarnecidos de caveiras e ossos, que se diz serem dos christãos que morreram pelejando pela fé no campo de Ourique, onde os mandou buscar el-rei D. Affonso Henriques para fazer esta construcção.

Sobre os lanços d'este claustro, em vez de terrados ou varandas, levantam-se dois andares, que eram occupados antes da extincção das ordens religiosas por varios dormitorios e enfermaria.

O *claustro da Manga* foi ha pouco tempo reparado e aformoseado pela camara municipal de Coimbra, que se acha na posse d'elle.

A nossa gravura mostra a parte superior da torre dos sinos, a qual fica defronte da porta que dá entrada para o *claustro da Manga*, mettendo-se ao presente de permeio uma rua publica. Aquella torre compõe-se de dois corpos: o primeiro é uma alta e grossa torre, toda de cantaria, de quatro faces eguaes, e coroada de ameias. É uma das torres edificadas por el-

rei D. Affonso Henriques para defesa do mosteiro [1]. N'ella moravam antigamente os priores-móres de Santa Cruz. Apesar de contar tantos seculos, é tal a fortaleza da sua construcção, que se acha no melhor estado de conservação. Deve a sua actual existencia a ter sido apropriada á torre dos sinos, que constitue o segundo corpo, e que foi fabricada sobre a antiga.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 371)

VIII

Estava escripto que a Grecia daria outro desengano tristissimo ao pobre Pedro. Pela mesma razão que a sonhára maior do que na realidade é, a achou mais pequena do que é na realidade.

Em Athenas ouviu fallar de caminhos de ferro e da divida consolidada, e caiu-lhe a alma aos pés.

Nas margens do Eurotas succedeu-lhe quasi outro tanto ouvindo uns soldados cantar a *Marselheza*.

Não encontrou em Sparta um cidadão que se atrevesse a acompanhal-o á passagem das Thermopilas, defendida n'aquella occasião por um cão damnado que mostrava os dentes aos viajantes.

Em Chipre soprendeu um taberneiro baptisando o vinho.

No Olympo deparou-se-lhe uma fabrica de guano, e teve que fugir tapando os narizes.

No Helicon julgou morrer de sêde, pois embora encontrasse uma fonte, bebia n'ella um jumento, e não quiz beber com este animal, como faria Alexandre Dumas ou algum de seus personageus.

No Citheron levou uma bofetada de uma robusta rapariga, a quem pretendia adorar tomando-a por Venus.

E no Pindo encontrou um poeta fazendo endecasyllabos de quatorze syllabas.

— Aborreço, exclamou Pedro, a Grecia e os seus sete sabios; porque, se na Biscaya abundam os ignorantes, ao menos não negam a sua ignorancia.

Se eu estivesse ao lado do nosso compatricio quando proferiu estas palavras, não teria deixado de dizer-lhe:

— Pedro! Pedro! Não cuspas para o ceo, porque a saliva te cairá na fronte. Olha que não és grego, e se não te consideras sabio, tambem não te julgas ignorante.

Pedro dirigiu-se para Constantinopla.

— Alli, dizia para comsigo, alli vou gozar, observando costumes diametralmente oppostos aos d'esta caduca e prosaica Europa! As mulheres de olhos negros e tez morena, cercadas perpetuamente de encantador mysterio, no fundo do harem! O povo, embora illudido nas crenças religiosas, sempre fervoroso e austero crente! O idioma ainda não adulterado pelo francez, que invade tudo e tudo reduz á prosa! O trajo livre das ridiculas vestes que chamâmos calças e casaca! E até as comidas e bebidas isentas do grosseiro e vulgar toucinho, e do vinho embrutecedor e carrascão!... Constantinopla da minha alma, que para mim não tens outro defeito senão o de teres renegado do teu poetico nome de Byzancio, quanto vou gozar dentro de tuas muralhas! Quanto me vou desforrar no teu recinto dos baldões da prosa que padeci nos reinos christãos!

Pedro descobriu, em fim, Constantinopla.

As suas cúpulas deram-lhe para logo animo.

— Que torres tão ridiculas! — exclamou ao vêl-as. Tão despidas de graça e tão redondas, que parecem cabaças collocadas sobre tachos! O campanario da egreja da minha aldeia tem, quando menos, cruz e catavento, e é de fórma tão esbelta, que dá gosto vêl-o.

Apenas poz os pés nas ruas da metropole mahometana, deu com uma porção de mulheres ás quaes se podiam cantar certas quadras que no paiz andam na boca do vulgo. Uma d'ellas disse-lhe em francez:

— Adeus, gentil cavalheiro!

Um ministro do sultão convidou-o no dia seguinte para jantar.

Depois do jantar o mahometano teve a cortezia de mostrar o seu harem ao estrangeiro. Viu alli Pedro uma collecção de loiras, que o fizeram persignar de assombro. O musulmano notou a admiração do mancebo, e perguntou-lhe a causa.

— É..., respondeu Pedro temendo que o turco se visse accommettido de um accesso de ciumes e lançasse mão do alfange, é que esperava ver aqui jovens morenas, que me agradam mais que as loiras.

— Não gosta das loiras?

— Hum!... não é coisa por que se mate um homem!

— Pois não sabe o que é bom. Costumam ser alguma coisa voluveis, mas onde se encontram umas tranças de oiro e uns olhos azues encontra-se a felicidade...

Esta saída do turco deixou o pobre Pedro regelado: mas deixou-o ainda mais o que successivamente foi vendo.

Viu em Constantinopla todos os costumes da Europa, e até alguns musulmanos, apesar de Mafoma, comerem toucinho, beberem vinho e aguardente como os maiores beberrões da Albion.

— Está observado, disse, que n'este velho, caduco e envilecido continente só ha prosa. Vou vendo que se ha Olympo sem fabrica de guano, é na minha aldeia. Parto-me, pois, para a America, e alli se me deparará, em fim, o que eu procuro. Palestina, Russia e Italia, não quero visitar-vos, porque receio que me deis novos desenganos.

No dia seguinte persistiu n'esta resolução, lendo em uma folha o annuncio de uma fabrica de papel continuo que se estabelecêra no Cedron.

Pedro cruzou o Mediterraneo em um navio inglez, fretado para Nova-York, mas que devia fazer escala de alguns dias em Londres.

Esta ultima circunstancia não desgostou o nosso viajante, que raciocinou assim:

— Encanta-me pouco a Inglaterra depois do que vi na Europa; visital-a-hemos, porém, a fim de ver se a circunstancia de estar separada d'este continente conserva n'ella algum resto de poesia.

Vejamos como Pedro se dá em Inglaterra.

IX

O nosso viajante, que levava comsigo boa collecção de livros, recorreu á leitura para tornar menos aborrecida a longa travessia dos Dardanellos ao canal da Mancha.

Leu naturalmente primeiro os livros que tinham relação com o paiz em que ia desembarcar. Quando chegou a Gibraltar e se avisinhou das costas de Hespanha, teve tanto desejo de reentrar na patria, como o tivera ao deixal-a quando atravessou os Pyrenéos. Resistiu, todavia, áquella tentação, porque já abençoava o acaso que o levava á Inglaterra. Walter Scott, Goldsmith, Moore, Shakespeare, Milton e Byron tinham-lhe rejuvenescido a alma; via dilatar-se sobre as ilhas britannicas a doirada nuvem por entre a qual as contemplára das Encartações; renasciam-lhe, em fim, todas as esperanças e illusões.

O navio entrou no Tamisa.

Pedro dirigiu com avidez a vista para as duas margens do rio, procurando a realidade de seus sonhos.

Levantavam-se por toda a parte negras columnas

[1] Já fallámos d'esta obra de defesa a pag. 34.

de fumo, e por toda a parte rugia o vapor e resoava o martello.

Reinavam em toda a parte as artes e a industria com poder absoluto.

E em toda a parte homens e mulheres, moços e anciãos, ricos e pobres, cooperavam para dar á Gran-Bretanha o titulo de rainha das artes e do commercio.

Esta denominação, que tão bella se nos figura, não devia parecer muito invejavel a Pedro, que, carregando cada vez mais o semblante, ia pelo Tamisa acima commentando quanto se lhe offerecia aos olhos com estas palavras:

— Prosa!... prosa!... prosa!... vil metal, mesquinha ambição de riquezas!

Apenas desembarcou em Londres dedicou-se a percorrer aquella grande cidade.

Fallaram-lhe de um lord escocez muito illustrado, e apressou-se em visital-o.

— Que me diz, lhe perguntou, do seu compatricio Walter Scott, o grande pintor dos costumes da Escocia?

O lord, por unica resposta, reduziu a libras esterlinas o fructo que o auctor de *Ivanhoé* tirára de seus immortaes poemas.

Ouviu-o Pedro com indignação, e voltou as espadoas ao lord.

Referiram-lhe depois que outro escocez, residente na capital e affeiçoado de cães, conservava um descendente em linha recta do que acompanhava o insigne romancista pelas montanhas da Escocia.

Pedro, mui alegre, foi ver aquelle animal, com o intuito de compral-o ainda que fosse a peso de oiro.

Entrando no parque do escocez, um enorme cão saiu a recebel-o e deitou-se-lhe ás pernas.

— Larga, larga, *Walter Scott!* — gritou um guarda.

O nobre cão obedeceu, e Pedro, desilludido, voltou para traz, amaldiçoando os cães descendentes do de Walter Scott, e até o proprio Walter Scott.

Encontrou em seguida um proprietario de Jersey, que lhe disse contar entre as suas propriedades a casa em que se refugiára Carlos II, quando o cutello de Cromwell ainda ameaçava a cabeça d'aquelle rei.

O jubilo de Pedro não teve limites.

— Invejo-lhe, disse ao insulano, tão precioso thesoiro.

— Não deve invejar-m'o, respondeu o proprietario de Jersey; destinei a minha propriedade para a criação de gado suino, e os malditos animaes, á força de minar os cimentos, arruinaram-me o edificio.

Este novo desengano poz na boca de Pedro aquella energica imprecação do auctor dos *Echos nacionaes:* «Albion! maldita sejas!»

Assistiu no dia seguinte a uma sessão na camara dos lords, e chorou como criança ouvindo lord Shark-Fellow condemnar a *exploração do homem pelo homem*.

A fé, que o ia deixando, renasceu-lhe no coração mais viva, e ao ver aquelle philanthropo resolveu-se a continuar as suas investigações.

Dirigiu-se a um dos condados, e, como se lhe apresentasse á vista uma grande fabrica de productos chimicos, foi visital-a.

— Verei aqui, disse para comsigo, centenares de honrados operarios, em cujos rostos se espelharão a saude e a alegria, que são a consequencia do trabalho.

Havia, com effeito, n'aquelle importante estabelecimento centenares de operarios; mas, vendo-os, Pedro estremeceu horrorisado: estava pintada a morte no rosto d'aquelles infelizes, cobertos de vestes andrajosas, e consumidos pela fome e pelas emanações deletéreas que aspiravam continuamente.

— Por que razão, perguntou o nosso viajante ao seu guia, não procuram esses desgraçados neutralisar a nociva influencia da atmosphera que respiram, com vestidos commodos e aceiados?

— Tomaram elles neutralisal-a, respondeu-lhe o guia, com alimentos, senão delicados, quando menos sufficientes para suffocar os gritos do estomago...

— Que me diz! Pois o trabalho não lhes produz...

— Produz-lhes apenas para um pedaço de pão negro e algumas batatas.

— E quem é o deshumano dono do estabelecimento?

— O poderoso lord Schark-Fellow.

— O que hontem me fez chorar condemnando a *exploração do homem pelo homem!* — exclamou Pedro indignado.

— Deixemos, accrescentou ao sair da fabrica, deixemos as povoações commerciaes e fabris, onde só encontro a ambição das riquezas, vis algarismos e desconsoladoras mathematicas. Oh! minha nobre patria, que santa mocidade respiras comparada com este reino! Existem em ti a egualdade e a philanthropia, embora os teus moradores não conheçam estes nomes. Os milhares de paes de familias que ganham o sustento extrahindo o ferro dos montes de Triano, e carbonisando os mattos de Revéñiga e Barrieta, apresentam a fronte coberta de suor, mas não mostram o semblante descórado pela fome, nem tem os vestidos em farrapos, nem aspiram o ambiente envenenado. Os teus honrados proprietarios sentam á propria mesa o operario, e os teus habitantes, pobres e ricos, fortes e debeis, fertilisam com o suor do rosto os campos do visinho enfermo [1].

Pezaroso com estas reflexões, Pedro chegou a uma pobre aldeia, cujo aspecto fortaleceu ainda mais a recordação d'aquella em que nascêra.

Tinha tambem aquella aldeia uma egreja, para a qual dois sonoros sinos chamavam os aldeões.

O coração de Pedro rejuvenesceu-se, digamol-o assim, com aquellas recordações, com aquelle espectaculo e com o toque d'aquelles sinos.

Dirigiu-se ao templo, porque tinha necessidade de orar, de levantar o coração para Deus, e até invocar ao pé dos altares o nome de sua mãe e de sua amada; mas de repente obscureceu-se-lhe o rosto de tristeza. Não lhe havia occorrido até então que aquelle templo não estaria consagrado ao culto catholico. Um aldeão, a quem interrogou, veiu confirmar as suas suspeitas: aquella egreja pertencia ao culto anglicano.

Pedro chorou de magoa. Daria dez annos de vida para poder ajoelhar n'aquelle instante aos pés da Virgem, cujo altar sua mãe tantas vezes ornára com rosas coroadas de lagrimas ou de alegria.

Ergueu instinctivamente os olhos para o ceo, e logo levando aos labios a reliquia que lhe dera sua mãe, cobriu-a de beijos e lagrimas.

Quiz afastar-se do templo anglicano; mas, em fim, decidiu-se a entrar n'elle, considerando que se alli não podia desafogar o sentimento religioso, quando menos poderia satisfazer o sentimento esthetico.

(Continua)

OS CEGOS

É grande o numero dos cegos na terra. Encontram-se a cada passo nas ruas; descobrem-se a cada pagina nos livros.

Não será Isac o primeiro cego conhecido? Pela falta

[1] Nas provincias vasconças existe, com effeito, este santo costume. Quando o parocho se volta do altar para os parochianos, diz-lhes:

— Fulano está doente, e a sua herdade sem ter quem a semeie. No proximo domingo, se Deus quizer, celebrar-se-ha a missa ao romper do sol, em vez de celebrar-se ás dez horas. Ouçam-n'a, e depois poderão ir ajudar o pobre Fulano. Fez-nos Deus a todos irmãos, e o suor que derramem na herdade do vosso visinho será tambem réga abençoada para os vossos campos.

No proximo domingo os habitantes do valle ouvem a missa ao assomar o sol nos altos montes, e vão em seguida pobres e ricos, pequenos e grandes, mulheres e homens, ao campo do visinho enfermo, que fica semeado quando o sol desapparece nas montanhas oppostas. A festa que nos outros domingos alegrava o nogueiral da egreja, foi aquelle domingo alegrar os campos do pobre doente, que estavam tristes vendo-se sem a cultura que alegrava os seus irmãos.

de vista, deu elle a Jacob a benção que devia a Isaú. Quantos paes não tem commettido o mesmo erro, tambem por falta de vista!

Á frente dos antigos cegos ponhamos tambem Edipo, que não via claro senão para adivinhar enigmas. É sabida a occasião em que elle arrancou os olhos. Sophocles, Voltaire e Ducis fizeram-lhe referir as desventuras em versos sublimes, como egualmente Sacchini as fez cantar em agradabilissimas arias. Abstemo-nos de qualquer pormenor ácerca d'esse assumpto. A materia é delicada para se tratar em um artigo moral. Os factos d'esta especie só podem referir-se, sem escandalo, na scena.

No tempo de Edipo vivia Tiresias, o qual foi cego e divino, o que não é absolutamente incompativel. Tiresias perdeu os olhos para ser mais bem servido: enxergára Pallas quando se banhava no Hyppocrene, e Pallas zangára-se. Pallas tinha, provavelmente, alguma secreta imperfeição, e o amor proprio é menos indulgente que o pudor.

As musas arrancaram os olhos ao cantor Thamyris, porque se atrevêra a desafial-as. Foi o que elle ganhou em offender nas suas pretenções os espiritos feminis.

Anchise cegou fulminado por um raio, que o castigou por ter divulgado os favores que Venus lhe concedêra. Prova-se n'isto que as aventuras com as grandes damas, como Venus, não são as melhores.

Os philisteus, para se vingarem de Sansão, que os batêra com uma queixada de jumento, arrancaram-lhe os olhos depois de se apoderarem d'elle traiçoeiramente. Sansão vingou-se esmagando-os debaixo das ruinas do seu proprio palacio. Ha homens que para destruirem tudo só necessitam de se deixarem morrer. Sansão fôra vinte annos juiz e general em Israel.

Tobias perdeu e recuperou a vista de um modo singular. O fel de um peixe lhe restituiu o que o excremento de uma andorinha lhe tirára.

É, sem dúvida, Belisario o mais illustre dos cegos: a salvação do imperio custou-lhe os olhos. Justiniano viu depois um heroe que fizera a favor do imperador tudo o que podia fazer contra elle; mas, apesar d'isso, achou menos inconvenientes em mostrar-se ingrato que reconhecido. Este exemplo não tem deixado de ter imitadores. Justiniano seguiu um principio, que, embora não seja justo, tem sido religiosamente observado como principio de direito no codigo do mais forte.

João de Trocznou, cognominado *Zisca*, que quer dizer zarolho, era um corajoso cego. Este chefe dos hussitas tinha já perdido um olho na batalha, quando, no assedio de Rubi, uma flecha lhe tirou o outro. Cego dos dois olhos, João de Trocznou nem por isso deixou de pelejar mais valorosamente. Ligado no cavallo, levava a desordem e o terror ás fileiras do inimigo, gritando como surdo e ferindo como cego. Depois da sua morte, e por determinação propria, na hora do passamento foi-lhe arrancada a pelle ao cadaver para fazer um tambor: de modo que, embora lhe tivesse já descido á terra o corpo, o chefe Trocznou marchava ainda á frente do exercito, e dava aos soldados o signal da victoria.

Tem sido cegos innumeros poetas. Entre os mais celebres sobresaem Homero, Milton e Castilho.

Houve um trovador, que só acreditava na metade do seu genio, porque cegára de um olho.

Piron cegou nos ultimos annos da sua vida. Nem a sua alegria nem a sua jovialidade foram alteradas por isso. Encontrou-se-lhe no testamento mais uma prova. Uma sobrinha de Piron recebia as visitas amorosas de um musico, por nome Caperon; e como julgasse inutil participar este facto ao tio, deitava á conta do gato o ruido que o discreto namorado fazia á entrada ou saida de casa. O cego, que parecia não duvidar do que lhe diziam, mandou inscrever no testamento um legado consideravel *para o gato de sua sobrinha*.

A cegueira tambem não alterou nunca a admiravel doçura de La Mothe Houdard. Tendo um dia pisado um mancebo, este apupou-o, e La Mothe respondeu para logo:

— Faz bem em zangar-se; eu sou cego.

Castilho tambem não perdeu a serenidade do animo quando cegou; e, pelo contrario, o desenvolvimento de suas faculdades intellectuaes tornou-se desde então mais admiravel e prodigioso. Isto é sabido de todos.

Ha ainda hoje em Hespanha uma poetisa, *la ciega de Manzanares*, que, apesar das provações por que tem passado, não perdeu nunca a agudeza do seu engenho, e até chega a improvisar bellissimos versos.

Delille perdeu a vista muito antes de perder a vida. Até ao ultimo dia não viu menos do que vira anteriormente á cegueira, nem deixou de descrever em suavissimos versos os quadros brilhantes da sua ardente imaginação.

Le-Brun, o pindarico, como tinha maus olhos, inculcava-se cego. Não podia tolerar, por isso, que Delille tivesse a menor vantagem sobre elle.

Os cegos encontram os olhos nos extremos dos dedos; mas os dedos muitas vezes os enganam.

A senhora de Deffant, que era muito mais curiosa desde que não via, tocava em tudo para observar os objectos, e fazia, apalpando-os, conhecimento com todas as physionomias. Gibbon veiu a Paris, e certo dia foi-lhe apresentado. Desejando formar juizo seguro ácerca das feições de homem tão celebre, apalpou as faces d'este historiador, que era dos mais desvanecidos e risiveis:

— Acho n'ellas espantoso chiste! — exclamou a senhora de Deffant.

Os dedos encontravam-lhe só, portanto, um rosto sem defeitos.

São cegas muitas divindades.

O Amor, a Fortuna e a Justiça representam-se com faixa nos olhos. O Amor e a Fortuna, concebe-se; mas a Justiça, admira! Será para que tambem não conheça as acções que pratica? Não terá em conta os direitos como os outros cegos não tem as qualidades nem os graus da escala social? Themis ferirá, em fim, ao acaso como o Amor?

Suppliquemos, ao menos, que a Justiça não favoreça como a Fortuna.

Os cegos tem-se multiplicado em uma proporção notavel. Encontram-se agora em todos os logares publicos. Sabem, ao que se diz, que, fechando os olhos, hão de ser attendidos.

Resulta da agencia de cego algum proveito, mas é preciso bem desempenhal-a.

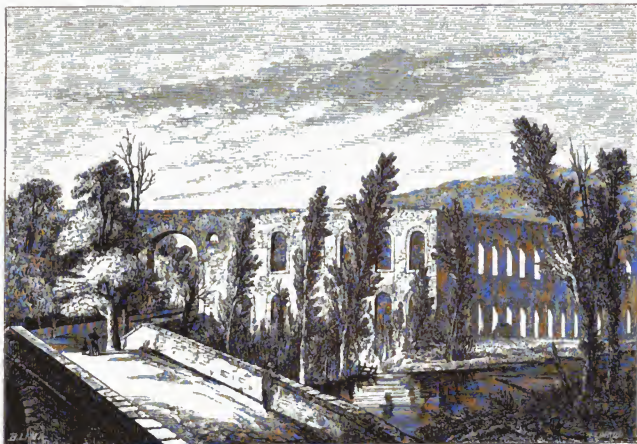
Arlequim não era dos mais habeis. Um dia que acotovelava a multidão, disse para um individuo:

— Senhor de casaca vermelha, dê alguma coisa ao pobre cego.

— Ó gaiato, respondeu-lhe o tal senhor, se tu és cego, como vês que eu tenho casaca vermelha?

— Quando disse — dê alguma coisa ao pobre cego — enganei-me, meu senhor, replicou Arlequim. Senhor da casaca vermelha, dê alguma coisa ao pobre mudo, é o que quero dizer.

Diz-se que nos paizes dos cegos são reis os que tem um olho. Os cegos podem ter, com effeito, interesse em serem governados por homem que veja de um só olho. Mas se, por acaso, o sceptro acertasse em mãos de um cego, quem guiaria o povo? O cão que conduz o cego. Esse povo deveria então pedir a Deus que o animal fosse fiel, e nunca o dominasse a raiva.

R. A.

Aqueducto de Torres Vedras

VILLA DE TORRES VEDRAS

(Vid. pag. 372)

III

Os arrabaldes de Torres Vedras são bellos para a vista, pela amenidade de alguns sitios e pelos contrastes pittorescos de outros. Tambem são interessantes para o estudo por comprehenderem logares e edificios historicos, um grandioso e importante estabelecimento de caridade, e nascentes sulphureas de grande proficuidade em certas molestias.

As cercanias da villa são inteiramente planas, como já dissemos, e tão bem cultivadas que as differentes estradas que n'ella correm por entre vinhas e prados, são mui agradaveis passeios. O rio Syzandro, que aformoseia e fertilisa estes campos, nasce junto ao logar da Sapataria, que fica a uns 20 kilometros de distancia de Torres Vedras, pouco mais ou menos. Tira o rio o seu nome da fonte onde tem o berço. Depois de regar extensos valles de terrenos feracissimos, e de fazer trabalhar quantidade de azenhas, vae lançar-se no Oceano, pouco distante da *Assenta*, pequena povoação sentada n'uma planicie, que está coroando altas e escarpadas rochas batidas das ondas. É o Syzandro tão pobre na maior força do verão, que chega a perder a corrente, ficando reduzido a varios pégos de longe em longe, mas tão profundos, que conservam a agua até que o inverno lhe volva a corrente, sem que o sol a corrompa por mais que aperte o calor. Por esta razão ha sempre muito peixe n'estes pégos. No inverno, porém, é tão caudaloso, recebe tal quantidade de agua dos montes visinhos, que chega a fazer cheias desastrosas.

Em torno da villa de Torres Vedras é cortado o Syzandro por tres pontes de pedra: a de *S. Miguel*, que dá communicação para os logares da parte de oéste, costa e portos do Oceano; a da *Mentira*, por onde se vae para os logares do lado do norte, e para a villa de Obidos; e a de *Rei*, que dá passagem á bella estrada macadamisada, que, atravessando o aqueducto por baixo do arco principal, conduz aos logares de Runa, Dois Portos e Ribaldeira, e ás villas do Sobral de Monte Agraço, Arruda e Alhandra.

O aqueducto, que fornece de agua a villa, foi começado no anno de 1657. Tem perto de dois kilometros de comprimento. Em metade d'esta extensão corre subterraneo, e na outra metade sobre uma arcaria composta ora de duas ordens de arcos, ora de uma só ordem, da qual os dois mais altos, que são contiguos, atravessam o rio Syzandro e a estrada que segue para Runa, e de que acima fallámos. A nossa gravura, copiada de um desenho original, mostra esta parte do aqueducto e a *ponte de Rei*.

Sobre o mais alto monte da cordilheira que cerca o valle campeia o forte de S. Vicente, pertencente ás linhas de Torres Vedras. Principiavam estas celebradas linhas junto do Tejo, e sobranceiras á villa de Alhandra. Seguiam d'aqui, cortando sempre por cima de montes, até á villa de Arruda. D'esta continuavam até á do Sobral de Monte Agraço, d'ahi ao forte de S. Vicente, e d'este dirigiam-se á costa do Oceano. Em toda esta distancia havia setenta e tres reductos, cuja artilheria cruzava os fogos. Os fortes de S. Vicente e do Sobral eram os principaes de toda a linha. O primeiro d'estes consta de tres reductos, com sessenta e cinco canhoneiras, e tendo capacidade para accommodar quatro mil homens. A sua excellente construcção

fez com que resistisse com pouca ruina á acção destruidora do tempo durante esse longo periodo de completo abandono. Em consequencia dos reparos que se lhe fizeram, ha poucos annos, acha-se em soffrivel estado de conservação. D'esta elevadissima posição, de accesso um tanto difficil pelo muito ingreme das ladeiras, desfructam-se variados e soberbos panoramas, em mui dilatados horisontes, que se estendem para oéste sobre a immensidade dos mares.

O forte de S. Vicente fica ao norte de Torres Vedras. Tomando por uma estrada que sae da villa em direcção a oéste, começa-se a subir, a curta distancia, a encosta de um monte, que esconde na sua crista, entre as quebradas do terreno, o logar do Varatojo e o celebre *convento de Santo Antonio do Varatojo*, que pertenceu á extincta congregação de missionarios apostolicos.

A povoação é pequena e pobre. O convento condiz com a aldeia contigua na singeleza e humildade do edificio, mas gozou outr'ora de muita celebridade pelos varões que d'alli saíram, dotados de uncção verdadeiramente apostolica, para levar a luz do evangelho aos sertões da Africa, da Asia e da America. A essa celebridade, que passou, reuniam-se algumas memorias historicas que ainda o fazem interessante aos olhos do viajante curioso.

O terceiro quartel do seculo XV viu realisar-se um triste e sanguinolento drama, que principiou em Castella, pela acclamação da rainha D. Joanna, filha unica e herdeira del-rei D. Henrique IV, e de sua mulher, a rainha D. Joanna de Portugal, filha do nosso rei D. Duarte; e que, depois de porfiosos combates, veiu acabar em Portugal pelo encerramento da dita rainha D. Joanna, herdeira da corôa de Castella, no convento das Donas de Santarem, onde a obrigaram a entrar as exigencias dos reis D. Fernando e Isabel, que se lhe apoderaram do throno. E el-rei D. Affonso V, seu tio, que em vão a desposou para sustentar com as armas os seus direitos; que debalde se empenhára em uma guerra desastrosa para Portugal; vendo inutil o seu esforço, recusado pelo rei de França o auxilio que lhe fôra pedir, rotos pelo papa os laços conjugaes que o uniam a sua sobrinha; e esta desditosa princeza, perseguida até no proprio asylo onde se refugiára, constrangida a trocar as pompas da realeza pela austeridade de um convento, a corôa por um véo monastico, e o proprio titulo de rainha pelo modesto epitheto de *excellente senhora;* D. Affonso V, assim ferido na sua ambição de rei, nos seus brios de cavalleiro, no seu pundonor de portuguez e nas suas affeições de esposo, resolveu renunciar a todas as grandezas do mundo, e ir occultar as suas magoas e desenganos entre as solidões e penitencias do pobre conventosinho do Varatojo, que fundára havia pouco em uma quinta que alli possuia.

Tão facil em ceder ás paixões como em mudar de accordo, não teve D. Affonso V bastante energia de alma para se despojar da purpura real e vestir o grosseiro habito de burel. Porém, luctando até á morte com este pensamento, aprazia-se em visitar a miudo essa mansão de penitencia, erigida no meio das asperezas de montes ermos e agrestes.

Passados poucos annos depois d'estes successos, e fallecido já D. Affonso V, o convento do Varatojo abria novamente a sua portaria para dar gasalhado e consolação a dois soberanos que o demandavam arrastados pela dor e pela saudade. Eram el-rei D. João II, que a posteridade honrou com o epitheto de *Principe Perfeito*, e sua esposa, a rainha D. Leonor, que acabando de perder o seu unico filho, o principe D. Affonso, morto tragicamente na flor dos annos [1], iam encerrar-se por alguns dias n'aquelle austero cenobio para dar livre desafogo ás suas lagrimas, e buscar conforto para o espirito entre a oração e o jejum.

Correndo o anno de 1680, um homem, que fôra no seculo grande peccador, e que, levado pelo arrependimento a professar na religião seraphica, ahi se transformára em um varão eminente em virtudes, erudição e eloquencia, instituiu no convento do Varatojo, até então da ordem de S. Francisco, a congregação dos missionarios apostolicos, tendo antes alcançado bulla pontificia, beneplacito regio e consentimento da dita ordem de S. Francisco. O instituidor chamava-se fr. Antonio das Chagas, nome que deu lustre ao pulpito e á litteratura patria. Aquelle convento ainda lá conserva a humilde cella onde viveu este religioso exemplar.

Em 1715 deu brado na corte a resolução de D. Gaspar de Moscoso, que, sendo gentil e parecendo fadado para altos destinos, como irmão do marquez de Gouveia, e ainda mais como valido del-rei D. João V, desprendendo-se de todas as vaidades do mundo, foi encerrar-se em uma estreita cella do Varatojo, onde mudou o illustre appellido da sua familia no humilde nome de fr. Gaspar da Encarnação. Duas vezes foi el-rei D. João V ao Varatojo durante o anno do noviciado de proposito para visitar o amigo que lhe fugíra; e em junho do anno seguinte alli voltou para lhe honrar o acto da profissão com a sua real presença, e com o apparato e esplendor da corte.

Depois da extincção das ordens religiosas foi vendido o convento com a sua cêrca ao visconde de Moncorvo, por morte do qual passou a novo possuidor, que actualmente é, ou figura ser, um egresso do mesmo convento, que n'elle vive em companhia de mais outros padres, que foram religiosos da dita congregação. Cuidam do culto divino, e conservam com bastante aceio a egreja, que é pequena e de fabrica singela, mas que possue, todavia, alguns bons quadros antigos. No angulo externo do côro ainda existe uma janella, d'onde el-rei D. Affonso V, conforme refere a tradição, costumava fallar e dar audiencia ao povo durante a sua residencia no convento.

É notavel a cêrca por uma espessa e formosa matta, pelos pomares de limas, mui celebradas por sua excellente qualidade, e outr'ora ainda era mais conhecida e afamada por um sobreiro secular, que passava por uma das mais annosas e corpulentas arvores da provincia da Estremadura, e que memorava uma lenda milagrosa. Apparecêra em tempos remotos n'este sobreiro uma imagem da Virgem, que, principiando logo a resplandecer com a fama dos milagres, attrahia continuamente numerosos devotos, um dos quaes lhe edificou capella propria defronte da egreja do convento. Mas em quanto esta fundação se não realisou, construiram em uma grande cavidade, que havia no tronco principal do sobreiro, um altar de pedra e cal, onde se festejava a imagem com o titulo que o povo lhe deu de *Nossa Senhora do Sobreiro*. Depois de collocada a santa imagem na sua capella, todos os annos se solemnisava o anniversario da sua apparição com muitas festas e regozijos populares, sendo levada a Senhora em procissão para o sobreiro, que para esse dia era ornado com magnificencia, e no seu altar se cantava missa com muita solemnidade e pompa, ficando a cêrca transformada em vistoso arrayal, a que concorria gente de muitas legoas em derredor. No anno de 1836, em que vimos pela primeira vez este sobreiro, já então tinha perdido um de seus braços por effeito de um raio, se bem nos recordâmos; mas, ainda assim, era uma arvore magestosa. Porém posteriormente sobreveiu uma tempestade, que fendeu e prostrou o gigante d'aquella antiga matta. Hoje resta apenas parte do tronco, que se conserva como memoria da lenda religiosa, e d'este monumento do reino vegetal.

[1] Falleceu de uma quéda do cavallo em que passeiava nas praias do Tejo, junto a Santarem, no dia 13 de julho de 1491, contando 16 annos de edade, e quasi 8 mezes de casado com a princeza D. Isabel, filha dos reis de Hespanha Fernando e Isabel.

O Varatojo dista de Torres Vedras obra de kilometro e meio. Em distancia de pouco mais de dois kilometros da mesma villa, mas para o lado do sul, acha-se o logar do Barro, e junto d'elle o *convento de Nossa Senhora dos Anjos*, que foi dos frades arrabidos, e é mais conhecido pelo nome vulgar de *convento do Barro*. Fundou-o pelos annos de 1570 a infanta D. Maria, filha del-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor de Austria. Construido segundo o gosto moderno de architectura, mas sem graça nem belleza, quer na egreja, quer no edificio do convento, sómente attrahe a attenção pela frondosa matta e pela sua situação pittoresca, junto a collinas arborisadas, d'onde se descobre muita extensão da estrada que conduz de Torres Vedras para Lisboa. O edificio do convento é propriedade particular. Acham-se estabelecidos n'elle alguns padres estrangeiros, que dirigem um collegio ou aulas populares. No templo fazem-se os officios divinos.

Devemos ainda fazer menção de outro conventinho, embora esteja distante da villa uns sete kilometros, sobre a costa do Oceano. É o antiquissimo *convento de Pena Firme*, cujo templo é consagrado a *Nossa Senhora da Assumpção*. Foi habitado pelos religiosos agostinhos calçados, e, conforme reza a chronica d'esta ordem, a primeira fundação d'este convento foi feita no anno de 850 pelo eremita allemão Santo Amirando, e a primeira reedificação foi obra de S. Guilherme, duque de Aquitania, quando viera em peregrinação a S. Thiago de Galliza, habitando n'elle por algum tempo depois de concluido. Porém da fundação ou reconstrucção de que ha noticias ou documentos é a do anno de 1226. É edificio pequeno. Está sobranceiro ao mar, e tem contigua uma cêrca com bom arvoredo silvestre. Foi comprado este convento pelo vice-almirante George Sertorius, que foi creado conde de Pena Firme.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 382)

Entre aquelles seductores phantasmas que lhe tinham feito abandonar o valle nativo, figurava o sacerdote anglicano tão bello como nos livros de Goldsmith e Scott. Pedro entrou no templo, julgando encontrar ante os seus altares o delicioso transumpto do vigario de Wakefield.

A fórma do templo encheu de frio e desconsolação a sua alma. Quão formosa, quão suave e quão santa lhe parecia então a egreja da sua aldeia! Procurou inutilmente no templo inglez as bellas imagens que nas egrejas catholicas parecem ter voz, olhar e sorriso para consolar o crente.

E a este respeito evocará o auctor d'este conto uma recordação da sua meninice.

No altar-mór da egreja da minha aldeia venera-se uma imagem da Virgem, que tem o Menino Jesus nos braços.

Disse-me um dia minha mãe, vendo-me tratar com falta de caridade um pobre que chegára pedindo esmola á porta de nossa casa:

— Meu filho, sabe que o menino Jesus sorri aos que dão esmola aos pobres, e não quer sorrir aos que lh'a negam.

Chegou um pobre á nossa porta no dia seguinte, e dei-lhe um pedaço de pão que minha mãe me acabára de dar. Fui á egreja, e figurou-se-me que o Menino Jesus me sorria com infinito amor.

Poucos dias depois pediu-me esmola outro pobre, e neguei-lh'a, esquecendo a advertencia de minha mãe. Soube-o logo esta, e mandou-me que fosse á egreja e visse se o Menino Jesus me sorria. Obedeci-lhe, e vi que o Menino Jesus não me sorria!

Desde então sempre tirei o pão da boca para dal-o aos pobres, e acompanhava-me sempre a maior alegria quando praticava algum acto de caridade.

Pedro vira inteiramente desvanecidas as suas illusões, a respeito dos templos anglicanos, de cuja magestade tinha a mais alta idéa; mas conservava integras as esperanças que os poetas e novellistas inglezes lhe fizeram conceber a respeito dos ministros d'aquella religião. E n'isto mesmo foi illudido.

Então voltou immediatamente para Londres, e não quiz sair da hospedaria senão quando lhe disseram que era mister embarcar. A Gran-Bretanha acabára de aniquilar as phantasias que a sua imaginação formára na Europa.

— Amaldiçoada sejas, Europa! — exclamou com immensa desesperação; mas de repente appareceu-lhe nos labios um encantador sorriso, e brilhou-lhe nos olhos um raio de esperança.

— Não, não, apressou-se em accrescentar, não quero amaldiçoar-te, Europa; pois além, do outro lado dos montes Pyrenéos, vejo, cada vez mais distinctamente, um torrão do mundo que reclama as minhas bençãos. Quanto mais me afasto, melhor vejo aquelle torrão e mais formoso me parece. Nescio de mim, Europa: ouvia todos os dias proclamar a tua decrepitude e a tua degradação, e não acreditava n'ellas! Oh! virgem America, terra abençoada da liberdade, abre-me os teus braços, que vou ahi retemperar o coração e dilatar a intelligencia.

Pedro encontrou-se, em fim, nas soledades do Atlantico.

X

O nosso viajante não teve o gosto de admirar a magestade dos mares durante a travessia de Inglaterra para os Estados Unidos, porque uma espessissima nevoa o impediu constantemente.

Ao desembarcar em Nova-York, como que estava em um paiz regido por instituições patriarchaes, não tomou aquellas precauções de segurança que tomára ao entrar nas capitaes da Europa, e eis que, sem saber como, lhe roubaram um bom relogio que tinha comprado em Londres.

Averiguou quem era o ladrão, e citou-o perante a auctoridade. O ladrão apressou-se em offerecer o relogio ao magistrado, ficando com a cadeia, que era tambem joia de valor, e o magistrado condemnou Pedro no pagamento das custas, e a indemnisar o ladrão com uma somma importante, por effeito das perdas que moral e materialmente lhe causára com a sua calumniosa accusação.

Se o alcaide de S... ouvisse o que Pedro por este incidente disse d'elle, rebentaria de orgulho, apesar da sua modestia.

Para afugentar o mau animo, foi Pedro n'aquella noite ao theatro. Ao regressar á hospedaria, acommetteram-n'o uns homens na rua, maltrataram-n'o e roubaram-lhe tudo quanto levava.

Contando este desastre na hospedaria, disse-lhe o dono:

— Quem se lembra, meu senhor, de sair de casa á noite sem um par de rewolvers de seis tiros cada um? Saíndo desarmado, é claro que os garrotadores haviam de roubal-o.

— Quem são os garrotadores?

— Os que o agarraram: uns quatro ou cinco mil bandidos que povoam de noite as ruas de Nova-York, e garrotam os que não lhes entregam immediatamente o que trazem comsigo, ou não os afugentam com tiros.

— O que faz a policia? Para que servem as leis protectoras?

— Qual policia, nem quaes leis! As leis repressivas, ou protectoras, que vem a ser a mesma coisa, tem significação nos paizes que gemem sob o jugo do despotismo; mas são letra morta aqui onde a liberdade é tão ampla e tão formosa que protege até o ladrão e o assassino.

— Se essa é a liberdade aqui, exclamou Pedro, maldita seja!

— Pois sim, replicou o dono da hospedaria, queixe-se, meu senhor; porém passe por Boston, Baltimore, Nova-Orleans, ou por qualquer outra cidade da União Americana, e verá o que é bom. O que succede em a nossa cidade é apenas a amostra do que por lá occorre.

Pedro lembrou-se do valle nativo, como sempre lhe succedia quando encontrava uma desillusão na terra estranha; lembrou-se de que na sua aldeia as portas das casas só tem por fechadura a taramela; que os gados pastam sós em longinquos valles; e que alli os bosques, os campos e as vinhas tem por guarda unico o setimo mandamento.

Em quanto lhe preparavam no dia seguinte o almoço, pediu o *New-York-Herald*, o jornal mais afamado e respeitavel da America do Norte, e leu com assombro e indignação as seguintes linhas:

«A nossa situação mercantil é muita lisongeira, se se tem em conta a grave crise que está atravessando o commercio nos dois continentes. Póde, comtudo, affectar-se alguma coisa com esta crise o nosso trafico interno, se os nossos negociantes, deixando-se levar por um pundonor demasiado meticuloso, saldarem os grandes deficits que tem em França e na Inglaterra; mas se considerarem que o seu proprio interesse e a prosperidade nacional os auctorisam a não fazerem caso d'essas obrigações, o commercio dos Estados Unidos não só terá quanto necessita para as transacções internas, senão tambem contará para as eventualidades com um saldo que não descerá de 100 milhões de pesos [1].»

Lendo tão indecorosas linhas, Pedro saiu precipitadamente de Nova York, horrorisado da perversão moral que reinava n'aquella cidade, e começou a percorrer os diversos estados da União Americana.

Durante esta digressão, vieram novos desenganos atribular-lhe a alma e avivar-lhe o desejo de tornar ao valle nativo, para viver e morrer n'elle.

Alli se lhe offereceu aos olhos, no mais repugnante aspecto, a escravatura humana, desconhecida, mercê de Deus, na Europa.

Alli viu a mais ascorosa idolatria, consentida e protegida pelas leis do paiz; leu uma lista de cincoenta e tantos assassinios commettidos em um só dia em uma só povoação; viu a navegação fluvial e os caminhos de ferro tão aperfeiçoados, que as catastrophes em que perdem a vida duzentas ou trezentas pessoas são tão frequentes, que chamam apenas a attenção publica; viu as praças regadas todos os dias com sangue por causa do fanatismo religioso ou politico; e viu que os que aspiravam a representar o povo no sanctuario das leis, annunciavam nas gazetas que compravam os votos a quatro dollars cada um, e os eleitores que os vendiam a cinco.

Alli, em fim, um negociante, que o considerava uma joia para os negocios, e suspeitava que elle tinha um capital soffrivel, lhe propoz com a maior semceremonia o casamento com sua filha, de quinze annos de edade, que estava ainda a educar em um collegio, e que, segundo as proprias palavras do pae, era já capaz de fazer peccar o casto José.

[1] Estas abominaveis linhas, estas excitações ao roubo, appareceram, em 1857, no *New-York-Herald*, e foram transcriptas por alguns periodicos francezes e inglezes, entre elles o *Morning-Post* e a *Patrie*, para vergonha da imprensa dos Estados Unidos, entre cujos orgãos alguns houve que tambem as reproduziram, não para as condemnar, como os jornaes inglezes e francezes, mas para adherirem ás doutrinas alli emittidas.

E tudo isto fez com que Pedro olhasse com horror a republica Anglo-Americana, a qual, longe de lhe parecer uma virgem rica de juventude e vida, pareceu-lhe uma mulher coberta de cãs e rugas, e prostituida antes de sair da adolescencia.

Em Boston embarcou para a America do sul.

(Continua)

CARTAS A UMA SENHORA

POEIRAS COSMICAS

Minha senhora — Reatando o fio da ultima carta que v. exc. teve a bondade de acceitar com o costumado favor, cabe-me dizer alguma coisa das poeiras cosmicas, a fim de terminar com a possivel clareza este assumpto.

Depois dos bolides, aerolithos e estrellas cadentes, que caem ás vezes em grandissima quantidade, como já disse a v. exc., e como a gravura nos está indicando, tratou a sciencia de estudar e analysar as poeiras cosmicas, corpusculos ás vezes infinitesimos, que volitam, arrastados pelas influencias dos outros corpos, nos intermundios.

Estes corpusculos, com serem tão pequenos, não se eximem á sublime lei da attracção, que Newton descobriu por acaso providencial, e da mesma sorte que os corpos mais grados e seus congeneres se precipitam na terra, tanto que se dêem certas circunstancias, que vão relatadas com mais largueza nas precedentes cartas, assim tambem elles alastram a superficie terrestre, a qual assim se enriquece com os despojos de algum mundo, ou com os restos da nebulosa solar.

Classificar e ordenar as poeiras cosmicas de um modo scientifico é obra muito difficil, e acaso impossivel no actual estado dos conhecimentos humanos.

Que quasi todas as poeiras ou corpusculos que caem da atmosphera tem origem cosmica, parece coisa assente depois das ultimas pesquizas sobre este assumpto, porque não só hão sido encontrados aerolithos de consistencia mui fraca, senão que é opinião de alguns sabios que as apparições dos bolides são devidas a corpos de natureza pulverulenta que atravessam o espaço celeste.

Já esta hypothese summamente racional havia sido aventada em 1849 pelo sr. Heiss, na sua obra ácerca das estrellas cadentes periodicas, e o sr. Haidinger, observador belga muito perspicaz e digno de inteiro credito, fundando-se já nas proprias observações, já nas do sr. Schmidt, segue egual parecer.

Os grandes meteoros animados de movimento de rotação, que desapparecem mal chegam ás camadas inferiores, sem darem logar a quêdas de aerolithos, podem ser considerados como agglomerações relativamente volumosas de substancias pulverulentas, sendo que, por maior convencimento, deixam ás vezes sulcos luminosos persistentes.

O almirante Krusenstern, na sua viagem em volta da terra, viu o brilho do traço de um bolide durante uma hora, ou mais, sem que sensivelmente se deslocasse.

O mesmo acontece com certas nuvens que seguem de dia os meteoros. O sr. Marsh, descrevendo a que toldou, no dia 15 de novembro de 1859, uma parte da America, disse que deixou uma columna de fogo de mil pés de diametro, cuja base estaria acima da superficie terrestre coisa de oito milhas.

Como explicar estes phenomenos tão singulares, se não admittirmos grandes acervos de materia pulverulenta, que, solicitada por acções mecanicas e certamente mui várias, assim se desloca e toma diversas fórmas, ao sabor das circunstancias?

Póde-se dizer afoito, depois dos trabalhos do emi-

nente chimico allemão, o barão de Reichenbach, que sobre a terra cae constantemente uma chuva tenuissima e invisivel de poeiras cosmicas, as quaes atapetam a superficie terrestre, enriquecendo-a de certos metaes, como o nikel, o ferro e o cobalto.

O sr. de Reichenbach tem analysado muitos terrenos completamente virgens, onde o pé do homem nunca poisou. Subindo aos pincaros mais altos e menos accessiveis, arrecadando a terra e analysando-a, sempre encontrou aquelles metaes, que não podem provir senão de uma chuva cosmica, a qual é, entre todas, a unica causa geral e constante de um phenomeno não menos constante e geral.

Além d'estes trabalhos experimentaes, acredita o sr. de Reichenbach que os cometas são verdadeiros aerolithos, compostos de materia cosmica muito flaccida, reduzida a particulas tenuissimas e muito afastadas entre si.

Os escriptores mais antigos commemoram chuvas de corpusculos cosmicos. Plinio, o naturalista, com ser pouco digno de credito, pelas muitas estranhezas que viu e contou, affirma ter contemplado um incendio no ceo, que se desfez em chuva de sangue. Procopio relata-nos uma tormenta seguida da quéda de poeira negra, que toldou os ares, em 472, nas cercanias de Constantinopla.

Não se admire v. exc. d'estes phenomenos, que em tempos não muito remotos, de ignorancia e superstição, lançavam o terror, o espanto e a amargura nos animos timoratos.

Os antigos, por isso que ignoravam muito, e mal descortinavam ainda as leis harmonicas que regem a natureza na sua lida perpetua, acreditavam em potestades superiores, que se *divertiam* em introverter e modificar a ordem natural das coisas, e ameaçavam o mundo com cataclismos horrificos, tanto que os mortaes lhes caiam no desagrado.

Chuva de estrellas cadentes

É assim que os velhos philosophos estavam naturalmente dispostos não só a considerar o menor phenomeno como indicio de choleras divinas, mas, o que era peior, não curavam de indagar esses phenomenos, antes curvavam a cabeça, e, levados muitas vezes por allucinações pavorosas, exaggeravam e alteravam prodigiosamente o que viam.

Todos esses phenomenos que hoje tem vulgar e facil explicação eram de mui subida importancia para os nossos avós, que, sobre pretenderem ler nos astros o seu destino, julgavam-se continuamente ameaçados de total ruina e medonho cataclismo.

O que hoje é especial quinhão da sciencia era então dominio de todos, porque todos se interessavam na conservação da humanidade. N'esses tempos acreditava-se firmemente que o equilibrio dos mundos era instavel, e bastava o derrubar do sobrecenho olympico de Jupiter, ou a vindicta, já de um Marte maligno e arrogante, já de uma Venus despeitada e amorosa, já de um Baccho pampinoso, para arrojar o universo no abysmo do nada.

E não pense v. exc. que esta theologia fatidica imperava sómente na Grecia. Nas eras remotas, em todas as civilisações, mesmo na Judéa, vemos a intervenção continua da divindade vingadora, cheia de ameaças e pavores para os pobres mortaes, que em vão se sacrificavam muitas vezes em cruentas aras para apaziguar os numes irritados. Ainda hoje, nos povos aonde a luz do evangelho não chegou, encontrâmos os mesmos terrores supersticiosos. Pois se os mesmos christãos, quando rudes e broncos, sentem eguaes transes, que só a sciencia póde dissipar completamente!

Arago aponta na sua *Astronomie Populaire* muitos factos simillhantes aos que apresentei acima, e todos elles encontram explicação obvia e facil, se attentarmos nos principios estabelecidos. Assim é, que o incendio de que falla Plinio devia de ser a luz esparzida por algum bolide, e o sangue alguma poeira cosmica de côr vermelha, molhada pela chuva.

Em Verde, no Hanover, caiu grande cópia de materia anegrada com uns laivos purpurinos, acompanhada de um globo igneo e detonações mui frequentes que abalavam os ares. O fogo era tão intenso, que até arderam as arvores sobre as quaes caiam os corpusculos incendiados.

No dia 14 de março de 1813 cairam grandissimos acervos de neve e poeira vermelhas na Toscana, Calabria e Frioul, ao passo que se ouvia um estampido medonho para as bandas de Cutro, cujo solo ficou juncado de pedras celestes. Sementini analysou-as, e

achou que tinham uma composição chimica similhante á dos aerolithos.

Em novembro de 1819, junto de Montreal, e na parte septentrional dos Estados Unidos, caiu chuva de côr muito negra e carregada. O ceo escureceu profundamente, o solo rangeu e fendeu-se como se houvera algum terremoto, e seguiram-se logo crebros estampidos e bastos raios, que illuminaram com immensos listões de fogo a atmosphera negra e plumbea.

Alguem houve que quiz attribuir este phenomeno verdadeiramente extraordinario à queima de alguma floresta virgem: as circunstancias, porém, que precederam e seguiram o phenomeno foram taes, que esta opinião é evidentemente falsa. O fragor, o rouquejar profundo, os estremecimentos, mostram que caíra, com effeito, um meteoro celeste.

Porque não ouso abusar da bondade de v. exc., terminarei contando-lhe uma curiosissima observação devida ao capitão americano Callam.

Achava-se o seu navio no oceano Indico, ao sul de Java, quando uma chuva de pequenas pedras muito finas caiu de repente no tombadilho, sem que qualquer outro phenomeno lhe permittisse explicar esta circunstancia singularissima. Colheu entanto alguns fragmentos, entregou-os ao capitão Maury, o qual os enviou a Eherenberg, que, por meio de poderoso microscopio, reconheceu que a materia d'estes fragmentos fôra primitivamente liquida, tendo-se solidificado durante a quéda. Apresentava inteira similhança com os resquicios da combustão de um fio de aço que se queima no oxygeneo, o que leva a considerar os fragmentos como gottasinhas provenientes da superficie incandescente de um aerolitho que passasse por sobre o navio a grande altura.

Do que levo dito póde v. exc. concluir que, da mesma sorte que o sol se enriquece constantemente com os aerolithos, conforme lhe disse em uma das minhas precedentes cartas, tambem a terra, como diz o sabio Reichenbach, está-se locupletando continuamente de um modo analogo, e assim como a terra todos os demais planetas. — De v. exc., etc.

A. Osorio de Vasconcellos.

A IMPRENSA NA CHINA

Os habitantes da China gozam de amplissima liberdade de imprensa, mas com um correctivo que não seria mui agradavel para os jornalistas europeus.

A auctoridade chin, que não póde supprimir nenhuma publicação, vinga-se repetidas vezes espancando os auctores dos libellos e das satyras que apparecem quotidianamente contra o governo.

Encontra-se em casa de grande numero de particulares prensas moveis, de que elles usam e abusam a belprazer. Parece que não ha imperio no mundo onde se veja maior cópia de annuncios e pasquins em todas as ruas do que na China.

Os chins empregam desde tempos immemoriaes a arte typographica; mas, como o alphabeto do celeste imperio contém mais de quarenta mil letras, não podem servir-se, como em todas as nações se usa, dos typos ou caracteres moveis. São por isso obrigados a gravar em chapas de madeira os caracteres de que necessitam, e imprimem folha por folha de um só lado. Os encadernadores reunem em seguida todas as folhas que comprehende a obra, collando-as umas ás outras. No prefacio costumam inscrever uma nota em que ordinariamente se indica o local em que se depositaram as chapas que serviram para a primeira edição.

Ha em Pekin muitas folhas diarias, e entre ellas a *Gazeta do Imperio*, orgão official, composta de doze paginas, com capa illustrada com o retrato do philosopho Meng-Tseu. Este periodico é similhante aos que se publicam na Europa, e até já os chins lhe introduziram uma secção de variedades ou de noticias diversas.

B. A.

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Conclusão. Vid. pag. 379)

X

SANCTUARIO

A casa ou capella do sanctuario está logo no principio do grande corredor, que era outr'ora o dormitorio principal do mosteiro, em razão de terem n'elle as suas cellas os conegos de mais auctoridade pelos cargos na ordem, ou pelo seu saber. Fica, pois, n'este corredor o portal da entrada do sanctuario. É este uma vasta e rica sala, quasi uma pequena egreja, com uma capella no fundo magnificamente ornamentada.

Foi construida esta obra no meiado do seculo XVI; porém, no fim d'esse mesmo seculo, depois de terem sido depositadas no sanctuario muitas reliquias santas, que vieram de fóra do reino, foi ornada e enriquecida de modo que se tornou celebre em todo elle. Estas reliquias, com que se augmentou o thesouro já alli existente, e no qual se viam preciosos relicarios dados pelos dois primeiros reis de Portugal, pertenceram á imperatriz Maria de Borgonha, mulher de Maximiliano I, imperador de Allemanha, a qual era neta de Filippe o Bom, duque de Borgonha, e da duqueza D. Isabel, filha do nosso rei D. João I. Doára a imperatriz Maria de Borgonha aquellas reliquias a diversos conventos de Flandres, onde se conservaram até que rebentou n'esse paiz a guerra religiosa, accendida por Luthero e outros heresiarchas. Com o fim de salvarem as santas reliquias de algum desacato, foram reunidas e levadas para Roma no anno de 1594. Dois conegos de Santa Cruz, que alli se achavam n'essa occasião, tratando negocios da ordem, solicitaram e obtiveram para o seu mosteiro as ditas reliquias, que logo foram transportadas para Portugal, e chegaram a Coimbra nos principios do anno do 1595. Resolvêra, porém, a ordem celebrar com tão pomposas festividades a recepção e collocação das santas reliquias, que se gastou nos preparativos da funcção todo o tempo que decorreu desde janeiro até 29 de outubro do mesmo anno, em que foram levadas em procissão da sé para a egreja de Santa Cruz. A grandeza e luzimento do prestito religioso; as galas profanas de danças e visualidades que o precediam; a apparatosa perspectiva dos arcos triumphaes levantados para a passagem da procissão em diversos sitios da cidade; a representação de figuras allegoricas com que os conegos saíram da sua egreja de Santa Cruz a receber a dita procissão; a riqueza dos vasos sagrados, das armações e mais alfaias, e a profusão das luzes que ornavam e abrilhantavam o templo; em fim, o esplendor e magnificencia das festas com que os conegos regrantes e toda a cidade celebraram durante quinze dias a chegada das santas reliquias, compõem um longo capitulo da historia do mosteiro e um quadro curioso e muito interessante dos costumes populares no fim do seculo XVI.

Assim fez a ordem ostentação da sua immensa opulencia tanto n'esta faustosa solemnidade, como na ornamentação do sanctuario.

Era antigamente este sanctuario uma das coisas mais dignas de se ver que havia no reino, pois que além da devoção que inspirava, continha muita diversidade de objectos artisticos de muita valia e primor. Vamos dar conhecimento do seu estado actual, e das preciosidades artisticas e historicas de que o

despojaram depois da extincção das ordens religiosas, inserindo n'este logar uma descripção do sanctuario feita pelo sr. Augusto Mendes Simões de Castro, já conhecido dos nossos leitores:

«É o sanctuario de Santa Cruz uma das maravilhas d'este mosteiro mais dignas de veneração, e uma peça riquissima, já pelos seus valiosos adornos, já pelas muitas preciosidades que contém e o fazem celebre no nosso paiz. Esta sublime e grandiosa capella de fórma elliptica é toda guarnecida de obra de talha doirada, de tanta belleza e primor, que apresenta uma perspectiva encantadora e deslumbrante. Por toda a parte se vêem refulgir as doiraduras com a muita luz que a esta casa transmittem suas grandes janellas, enchendo-a de alegria e esplendor. De um grande e vistoso florão que no seu ponto central tem a graciosa abobada de estuque, se vê pendente um bello lustre de riqueza e gosto soprendentes. Offerece bello aspecto o pavimento forrado de lisonjas artificiosamente dispostas.

«São innumeraveis as reliquias que n'esta casa se veneram. Grande parte d'ellas acham-se distribuidas por doze elegantes pyramides, cada uma das quaes contém os restos preciosos de muitos santos de cada mez do anno. Outras estão bellamente encastoadas em ricas molduras, em lindissimas urnas, e, finalmente, em meios corpos. Alguns d'estes de prata, que estavam aqui n'outro tempo, acham-se em outra casa de maior segurança. A caveira de S. Theotonio guarda-se n'um d'estes, mandado fazer em 1620 pelo prior geral, D. Miguel de Santo Agostinho Pessanha, e que importou em 141$100 réis [1]. Tambem no sanctuario se veneram as reliquias dos cinco santos martyres, Otho, Berardo, Pedro, Acurcio e Adjucto, frades toscanos da ordem dos menores, os quaes, tendo ido a Marrocos prégar por mandado do seu patriarcha S. Francisco, padeceram n'aquella cidade cruel martyrio a 16 de janeiro de 1220. Estando por este tempo em Marrocos o infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, mandou reunir os restos dos santos martyres e trouxe-os para Astorga, onde ficou, e d'ahi os enviou a Portugal por Affonso Pires, de Arganil, que chegou com elles a Coimbra a 10 de dezembro do mesmo anno. Foi grande o jubilo que houve em Coimbra por occasião de se receberem estes preciosos restos. O cabido, o clero e o povo os foram esperar fóra da cidade, acolhendo-os com grande alvoroço e devoção [2]. Ainda hoje se vê no sanctuario um bello cofre em que se guardam muitos ossos d'estes santos; e tambem em dois meios corpos de prata, que se guardam em casa mais segura, e que foram mandados fazer no anno de 1510 pelo prior-mór D. Pedro, bispo da Guarda, se conserva, n'um a cabeça de um dos santos, e no outro alguns ossos e alguns vidrinhos cheios de sangue d'estes martyres [3].

«Tanto o cofre como os meios corpos expõem-se na egreja por occasião da festa d'estes santos, que com grande solemnidade se celebra todos os annos a 16 de janeiro. É costume haver procissão, a que antigamente concorriam muitos homens nus da cintura para cima, a qual tira origem de um voto que por occasião da peste, em 1423, fez Vicente Martins, do logar de Falla, de vir assim com seus filhos visitar todos os annos as santas reliquias, se não fossem atacados pela peste. Chegou a ser extraordinario o numero dos nus que concorriam á procissão, dando logar a muitas chufas. Parecendo isto mal ao bispo conde D. Francisco de Lemos, prohibiu esta costumeira, e só permittiu os penitentes menores.

[1] *Memorias de Santa Cruz.* (Obra manuscripta)

[2] De um facto miraculoso succedido por esta occasião com a rainha D. Urraca trazem noticias algumas chronicas; e uma lenda intitulada *D. Urraca e os cinco martyres de Marrocos* se póde ver nas *Memorias das Rainhas de Portugal*, por F. F. Figanière.

[3] *Memorias de Santa Cruz.* *S. de Castro.*

«Tambem entre as reliquias veneraveis que se guardam no sanctuario se contam com distincção as de Santa Comba, que padeceu martyrio junto de Coimbra, e a caveira de Santo Antonio, martyr.

«Em pinturas de valor e em objectos e alfaias memoraveis era mui rico o sanctuario; hoje, porém, acha-se despojado de grande parte d'estas preciosidades. «Uma collecção curiosissima de pinturas, entre as quaes figuravam dois preciosos quadros, um de Rubens, outro de Raphael, ornava o interior da capella. A serie dos retratos dos monarchas portuguezes, e de outros muitos varões celebres dos nossos fastos, tanto profanos como sagrados, formava uma galeria antes da entrada do sanctuario. Os objectos que mais avultavam entre os muitos preciosos guardados n'este recinto, eram: um relicario com um espinho da corôa do Salvador, fabricado de oiro das cinco corôas que D. Affonso Henriques ganhára aos moiros no campo de Ourique; a espada d'este preclarissimo rei; a escrevaninha de tartaruga, marchetada de oiro, e a penna de prata com que se assignaram os decretos do Concilio de Trento, donativo do veneravel arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres; uma biblia de pergaminho de primorosas letras com illuminuras, assombro de paciencia de quem as traçára; a cruz milagrosa que, coroando o estandarte dos Affonsos e dos Sanchos, conduzia os portuguezes ao campo das victorias; o castão de bronze que ao santo prior D. Theotonio mandou o santo do Claraval. E onde param agora os quadros de Raphael, e de Rubens, e os retratos de nossos monarchas, e de outros varões celebres? Os primeiros estarão porventura ornando o gabinete de algum lord lá na ambiciosa Albion; os ultimos, muitos foram rotos pelo terçado dos soldados. A espada do fundador da monarchia e a escrevaninha, roubadas aos conimbricences, levaram-n'as para o museu do Porto. O oiro e prata não ha que procural-os; fundiram-se e evaporam-se nas mãos dos collectores das preciosidades: deixaram-se dispersas pelo chão as reliquias sem engastes; arrancou-se o esmalte dos quadros; finalmente, a templos de christãos não trataram os moiros com mais sacrilego desprezo.

«Louvores sejam dados aos honrados conimbricences, que se negaram a apear o riquissimo lustre da capella; louvores e agradecimentos votâmos tambem ao piedoso sacerdote, que, reunindo os dispersos fragmentos do que desprezára a já saciada cubiça dos delapidadores, os collocou decentemente, mandando a expensas suas inscrever nos vazios que deixaram os quadros roubados, bem escolhidos textos da Escriptura Santa, mandando tambem apagar com o pincel as arranhaduras feitas ao arrancar as preciosidades. O ceo queira premiar tão boas obras [1].»

«Uma *Transfiguração* de Raphael, e a *Adoração dos reis* de Rubens, estão no atheneu do Porto. Entre as pinturas que ainda se conservam no sanctuario, são muito gabadas algumas, e de duas d'ellas disse o conde de Raczynski: «As pinturas mais dignas de attenção do sanctuario da egreja de Santa Cruz, e talvez de todas as egrejas que tenho visitado n'este paiz, são quatro cabeças encerradas em dois medalhões; n'um as de S. Pedro e S. Paulo, no outro as de Christo e S. João; são pouco menores que de tamanho natural; conservam-n'as sob vidro. Não pude chegar a descobrir de que auctor eram, mas ellas me recordaram o retrato de *Holzchur*, por Alberto Durer, e eu não teria difficuldade em acreditar que vieram de Allemanha, e que remontam á epocha d'este pintor. O que é certo é que são admiraveis em quanto a desenho e colorido [2].» Talvez por esquecimento, ou por não existirem no sanctuario quando o visitou, deixou o conde de Raczynski de mencionar mais duas pinturas simi-

[1] *Revista Litteraria.*

[2] *Les Arts en Portugal.*

lhantes, constando cada uma tambem de duas cabeças, que julgâmos serem obra do mesmo auctor.

«A espada de D. Affonso Henriques, que se diz ser a que se guarda no Porto junta á do immortal D. Pedro IV, é uma memoria valiosissima e de grande veneração, por nos recordar que foi com ella em punho que aquelle grande monarcha ganhou victorias celebres e fundou o reino de Portugal. Foi tambem com esta espada que D. Affonso IV ficou victorioso na batalha do Salado. Ao passo, porém, que esta arma respeitavel nos traz á mente tantos factos de heroicidade e de gloria, tambem nos desperta recordações pungentes da terrivel catastrophe de Alcacer Quibir.—Visitando D. Sebastião em 1570 o mosteiro de Santa Cruz, o prior geral lhe mostrou a espada de D. Affonso Henriques, e tomando-a el-rei na mão, «a beijou com muita reverencia, dizendo para os senhores e fidalgos que o acompanhavam: *Bom tempo em que se pelejava com espadas tão curtas! Esta é a espada que libertou todo Portugal do cruel jugo dos moiros, sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração;* e dando-a outra vez ao prior geral, lhe disse: *Guardae, padre, esta espada, porque ainda me hei de valer d'ella contra os moiros de Africa* [1].» Effectivamente, quando o infeliz monarcha, d'ahi a oito annos, tratava de fazer a desgraçada expedição de Africa, mandou por uma carta [2] pedir a espada ao prior de Santa Cruz; mas refere a chronica que, esquecendo na armada, não se serviu d'ella D. Sebastião, e que pôde assim voltar para o mosteiro [3].

«Tambem julgâmos que se guardava em Santa Cruz o escudo de D. Affonso Henriques, que D. Nicolau de Santa Maria diz [4] ser de pau de figueira forrado de coiro de boi cru oleado e pintado, e ter de comprimento cinco palmos e meio, e de largura, no mais largo, tres palmos.

«Brandão diz [5] que este escudo era branco, assentando n'elle uma cruz azul d'aquelle feitio a que chamam potentea, por ter a haste mais comprida que os braços.

«Nas cortes geraes de 1821, na sessão de 21 de agosto, o sr. Trigoso propoz que as côres do laço nacional fossem branca e azul, empregadas no escudo de D. Affonso. Esta proposta foi competentemente discutida e approvada [6].»

XI

REFEITORIO, LIVRARIA, DORMITORIOS, ETC.

A *casa do refeitorio* corre junto ao lanço do norte do *claustro do Silencio*. Tem o tecto de abobada de laçaria, ou artezoada. Pertence ao systema de obras emprehendidas no primeiro quartel do seculo XVI.

A *casa da livraria* tambem é da mesma epocha, e deita sobre a varanda do dito claustro, do lado de oéste. Mede 43^{m},60 de comprimento, e de largura 15^{m},55. Não tem particularidade que faça notavel a sua construcção. Outr'ora encerrava uma copiosa bibliotheca, rica, principalmente, em manuscriptos. Pela extincção das ordens religiosas foram transportados todos os seus livros impressos para o edificio da bibliotheca publica da cidade do Porto. Ficou, porém, no mosteiro o seu importante archivo, que contém muitos e valiosos documentos historicos de differentes epochas, mas sobre tudo do seculo XIII. Entre estes manuscriptos figura o *Foral de Coimbra*. O sr. Simões de Castro, no seu livro já por nós citado n'outro logar, fallando d'este foral, diz «que tem no meio das capas da encadernação o escudo do reino, e nos cantos as espheras, tudo de cobre doirado. É manuscripto em pergaminho, e torna-se notavel não só pelo esmero da encadernação e nitidez dos caracteres, mas principalmente pelo seu elegante frontispicio primorosamente colorido, onde entre as armas de Portugal, a empreza real e o brazão da cidade, tarjados de flores, se achá o nome do monarcha D. Manuel, em letras doiradas sobre fundo azul. A propria assignatura del-rei D. Manuel se vê n'este foral, e tambem a de Fernão de Pina.»

Do archivo do mosteiro está de posse a camara municipal de Coimbra.

Quanto a dormitorios, hospedarias, enfermaria e mais officinas, entendemos não dever fatigar com a sua descripção os nossos leitores, porque não contém coisa alguma digna de menção especial. Não ostentam riqueza de architectura, mas correspondem em vastidão á opulencia da ordem a que pertenceram, e á nomeada do mosteiro.

Para se poder ajuizar da grandeza do edificio, bastará referir os estabelecimentos e repartições publicas que se accommodaram n'elle depois da extincção das ordens religiosas; e são os seguintes: *asylo ou roda de expostos; camara municipal; correio; repartição das obras publicas do districto; a dos pesos e medidas; junta administrativa dos campos do Mondego; administração do concelho; cadeia districtal*, etc. E todavia, apesar das muitas casas occupadas por tantas repartições e estabelecimentos, alguns dos quaes demandam edificios de grande capacidade, todos estão accommodados com largueza, e ainda sobra espaço. Tinha o mosteiro uma bonita horta, espaçosa e ajardinada, para onde deitavam dois compridos lanços do edificio. Um d'estes era denominado *hospedarias*, e n'elle se agasalharam muitos viajantes illustres, e tambem muita pobreza; servindo agora de abrigo aos infelizes expostos.

A horta desappareceu com os seus antigos possuidores. Foi pouco a pouco devastada, até que perdeu os ultimos vestigios da sua existencia. Já que não quizeram aproveital-a para um passeio publico, vão agora utilisar aquelle terreiro, segundo dizem, estabelecendo ahi um mercado.

Da bella cêrca do mosteiro já tratâmos em artigo especial [1]. I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] *Chronica dos Con. Regr.* p. II, liv. X, cap. XX.

[2] O fac-simile d'esta carta póde ver-se no *Antiquario Conimbricense*, interessante publicação de que só sairam 9 numeros em 1842.

[3] Acerca d'este facto fazem-se no n. 6 do *Antiquario Conimbricense* algumas bem fundadas considerações, pelas quaes se duvida de que a espada que D. Sebastião levou para Africa d'ahi voltasse, e que aquella que hoje se guarda no Porto na verdade seja a de D. Affonso. Mas seja ou não, aquella espada não deve por mais tempo permanecer n'aquella cidade; é aos conimbricenses que ella de direito pertence. O que dizemos da espada tambem o dizemos com referencia aos preciosos quadros, e á memoravel escrevaninha e penna com que no celebre Concilio de Trento se condemnaram e proscreveram os erros de Zwinglio, Luthero e Calvino. Apesar de todos esses objectos terem boa collocação, é para lamentar, todavia, que d'elles fosse espoliado o monumento de Santa Cruz. É um verdadeiro roubo privar os conimbricenses d'esses objectos gloriosos que possuiam e tanto veneravam. Aspera censura ás pessoas que consentiram em taes delapidações. Seria muito digna de louvores a municipalidade de Coimbra se instasse para que revertessem ao seu proprio logar todas essas preciosidades.

[4] *Chronica dos Con. Regr.*, p. II, liv. XI cap. XXXII.

[5] *Monarch. Lus.*, p. III, liv. X, cap. VII.

[6] Artigo do sr. R. de Gusmão, no *Instituto*. *S. de Castro.*

[1] Vid. pag. 252 do vol. VII.

PREMIO Á INDUSTRIA

Fundou el-rei de França, Luiz XVI, em 3 de outubro de 1777, um premio para ser concedido aos individuos que introduzissem inventos ou aperfeiçoamentos uteis na industria franceza. Os irmãos Johannots, a quem se deve a invenção do papel velino, então empregado nas edições de luxo, foram dos primeiros a alcançar este premio, pelos melhoramentos realisados na fabricação do papel. Emigrados de França por causa do edito de Nantes, os antepassados de Johannot tinham fundado na Allemanha uma fabrica de papel, e transmittido aos seus descendentes os processos que depois notavelmente melhoraram.

Projecto de conclusão para as capellas imperfeitas, pelo architecto Murphy

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 345)

Desde que el-rei D. João III levantou mão das *capellas imperfeitas* ficaram estas em completo abandono. Nem cobriram, sequer, para resguardo das chuvas, as abobadas das sete capellas e os topos dos massiços que as separam, e que eram destinados a servir de sustentaculo, ou de gigantes, á cúpula que devia cobrir o grande espaço octogonal, em torno do qual se abrem as mesmas capellas. Nem o portico, com ser obra tão mimosa e de tanto enlêvo, mereceu em tempo algum dos poderes publicos que olhassem pela sua conservação, abrigando-o de qualquer modo contra as inclemencias das estações.

D'este desprezo resultaram bastantes estragos n'esta grandiosa fabrica. Aquellas abobadas e massiços foram-se toldando de uma vegetação tão vigorosa, que, resistindo ás seccuras do estio, parecia enraizar-se em terreno fertil. As raizes das plantas e a infiltração das aguas desconjuntaram muitas pedras, e tal damno causaram, principalmente na parte construida da abobada do pateo que precede as capellas, que uma boa porção d'ella veiu abaixo. Mas o que ainda é mais para sentir, pela importancia do prejuizo e pela sua significação moral, são as devastações feitas n'aquelle magnifico portico pelas mãos do homem. Houve verdadeiros vandalos que se atreveram a quebrar com martello varios pedaços d'aquellas delicadissimas rendas e d'aquelles brincados remates, e a arrancar dos nichos ou peanhas algumas estatuas que decoravam o portico!

Não tem sido só portuguezes os complices n'este acto de barbaridade. Tambem mãos estrangeiras se tem manchado n'esta obra de destruição, guiadas pela cubiça de levarem comsigo, como objectos artisticos e despojos de um monumento historico, esses fragmentos tão indigna e sacrilegamente roubados. O mal data já de muitos annos. Presenciaram-n'o, e até algumas vezes foram coniventes n'essas práticas criminosas, os proprios frades, que chegaram a arrancar das vidraças do templo cabeças de santos, para presentearem alguns viajantes illustres que visitaram o

seu mosteiro. Em nosso tempo desappareceram do referido portico as estatuas de S. João Baptista e de S. Domingos.

Quando se começou a cuidar systematicamente da conservação e restauração do edificio monumental da Batalha, em 1840, foram estirpadas todas as plantas que vegetavam sobre os topos dos massiços e sobre as abobadas das sete capellas. O illustre engenheiro, Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, triste victima das nossas luctas civis, cuja morte foi uma perda tão grande não só para as letras e sciencias, que tanto lhe deveram, mas tambem para todos os commettimentos civilisadores d'este paiz, este nosso benemerito compatriota, pois, que então dirigia os trabalhos da conservação e restauração do monumento, projectava, quando estivessem concluidas ou muito adiantadas as obras mais urgentes no edificio principal, voltar a sua attenção e desvelos para as *capellas imperfeitas*. Não entrava no seu plano proseguir no acabamento da obra, mas sim fazer alli os trabalhos necessarios para a preservar da ruina com que a ameaçava a successão dos tempos. Tinha, portanto, resolvido resguardar as ditas abobadas e topos dos massiços com alguma especie de cobertura que os defendesse das chuvas e lançasse as aguas fóra do edificio; abrigar do mesmo modo os dois porticos, exterior e interior, e as paredes lateraes, impedindo que as correntes de agua pluvial, escoando-se pela parede, viessem gastar as preciosas esculpturas d'aquelles porticos; lagear ou cobrir de asphalto o grande espaço octogonal, para evitar a vegetação, tornando-o de facil accesso; e, em fim, apear os restos da abobada do pateo, que precede as ditas capellas, deixando assim mais desaffrontada e com mais luz a capella-mór da egreja.

Não teve tempo, infelizmente, para pôr em prática o seu plano. Alguns annos antes da sua morte, os acontecimentos politicos afastaram-n'o da superintendencia e direcção das obras da Batalha. Estas continuaram sempre até hoje sem interrupção, de maneira que a restauração da egreja se acha, cremos nós, concluida; e muito adiantada a do claustro real; faltando apenas a da capella do Fundador. Julgâmos que ainda não se fizeram nas *capellas imperfeitas* os resguardos projectados por Mousinho de Albuquerque. Não procederão a esses reparos, provavelmente, sem que esteja restituido ao seu estado e belleza primitivos o monumento de D. João I. Confiâmos, porém, que a intelligente direcção que tem presidido aos trabalhos d'aquella restauração, não deixará de empregar os meios convenientes para preservar da ruina o edificio das *capellas imperfeitas*. Conserve-se, pelo menos, o que existe, porque, além dos primores da esculptura que encerra e que mostra o aperfeiçoamento que attingiu entre nós este ramo da arte no primeiro quartel do seculo XVI, aquella construcção é como um capitulo da historia da architectura portugueza, onde os estudiosos pódem ler os passos que ella deu desde o glorioso reinado de D. João I até ao do seu terceiro neto, el-rei D. João III; periodo importantissimo para o estudo d'aquella historia, porque abrange os progressos que levaram a architectura nacional ao seu maior grau de perfeição e esplendor, e o principio da sua decadencia.

James Murphy, que, como dissemos em outro logar, examinou e estudou com verdadeiro amor da arte todo o edificio monumental da Batalha, procurou descobrir pelo exame da parte construida das *capellas imperfeitas*, o complemento d'essa obra conforme o concebêra o architecto que a delineára. N'esse intuito, e em resultado dos seus estudos, traçou um risco do exterior das capellas imperfeitas como elle conjecturava que deviam ser depois de concluidas. Esse risco constituiu uma das bellas gravuras que adornam o seu magnifico livro sobre o monumento da Batalha, de que já fallámos [1]. D'essa gravura é cópia, em ponto muito reduzido, a que damos n'este numero do *Archivo*.

O distincto architecto inglez, guiando-se pela architectura exterior das capellas e pelos massiços, ou grossos pilares compostos de delgadas columnas, que separam pelo lado externo as mesmas capellas, fez o seu desenho conjectural muito approximado, provavelmente, ao que foi traçado pelo primeiro architecto das capellas imperfeitas.

As rendas e pyramides com que guarneceu os terrados sobre as sete capellas; os coruchéos pyramidaes, todos lavrados e vasados, com que rematou os massiços ou grossos pilares; os angulos curvilineos que deu aos arcos das oito grandes janellas do octogono; as bandeiras rendilhadas e sustidas por delicadas pilastras com que as ornou; os lavores que delineou na parte superior das paredes, em torno da cúpula; e a fórma d'esta, como uma vasta pyramide octogonal, dão ao todo do edificio um caracter de unidade similhante ao que distingue o monumento de D. João I. Toda essa obra projectada por Murphy está lançada nos moldes do estilo gothico-puro. Observando-se com attenção este projecto de acabamento, reconhecer-se-ha que condiz perfeitamente com a architectura exterior das sete capellas. E o edificio assim concluido, apenas desharmonisaria da architectura do visinho monumento em ter por gigantes aquelles grossos pilares compostos de muitas columnas delgadas, e em ser interrompido o seguimento uniforme dos fustes das mesmas columnas com anneis ou faixas que lhe roubam a singeleza e lhe diminuem a elegancia.

O estilo gothico-puro admittia esse systema de pilares, parecendo feixes de columnas; porém, só os vemos empregados no interior dos templos. Externamente não nos recordâmos de outro algum exemplo, pelo que julgâmos, que se poderá reputar por uma liberdade que tomou o primeiro architecto das *capellas imperfeitas*. Esta liberdade já significa um desvio da pureza do estilo gothico; e este desvio ainda se acha mais bem caracterisado nas faixas acima referidas, pois que estas eram proscriptas pela architectura gothica-pura. Mas se se attender a que a primeira faixa corresponde em altura ás abobadas das sete capellas, poderá suppor-se com bom fundamento que não foi o primeiro architecto d'este edificio o que incorreu em tal desvio, mas sim o que dirigiu as obras, com mui notavel alteração do estilo primitivo, no reinado de D. Manuel.

Considerado, porém, interiormente, com difficuldade poderia o projecto de Murphy apresentar a mesma harmonia que mostra no exterior. Não queremos alludir sómente aos differentes estilos que ahi reinam, e que bastam de per si para constituirem uma verdadeira anarchia artistica. Referimo-nos especialmente ás mudanças que n'esse interior operou o estilo do renascimento. Com taes mudanças é que o projecto de Murphy discordaria completamente se não as substituisse.

Não quadra a cúpula pyramidal, nem a fórma ogival e ornatos gothicos das janellas do octogono com o estilo do renascimento, que se observa nas ultimas obras alli feitas. Tambem não condiz com estas a abobada artezoada propria d'aquelle genero de cúpulas; e, além d'isso, faltava-lhe um dos seus naturaes sustentaculos, os feixes de columnas que nos oito angulos deviam servir de apoio aos artezões da mesma abobada, columnas que vemos cortadas e terminadas pelo friso a que acima nos referimos. Seria pois necessario, para estabelecer alguma harmonia, demolir tudo o que alli se construiu no reinado de D. João III, sob um estilo que forçosamente determinava um remate muito differente d'esta obra.

[1] Vid. pag. 238.

Todavia, posto que não se trate, nem se pense no acabamento das *capellas imperfeitas*, foi muito louvavel o empenho com que o architecto Murphi procurou adivinhar o pensamento que presidiu ao risco primitivo, traçando um projecto de conclusão d'aquelle edificio, que, ao mesmo tempo que acredita os seus conhecimentos artisticos, nos habilita a formar uma idéa, sem dúvida muito aproximada, da fórma exterior d'este singular monumento depois de concluido.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Conclusão. Vid. pag. 387)

Quando chegou á America do Sul, e ouviu que os habitantes d'aquellas regiões o saudavam na suave lingua de sua mãe, dobraram-se-lhe involuntariamente os joelhos, e os seus olhos, arrazados em lagrimas, ergueram-se para o ceo. Alli, por fim, lhe abria as suas santas portas o templo catholico, tão bello e consolador para os que julgâmos que a vida não se limita a esta massa de carne e sangue, que um sopro de Deus cria e outro sopro de Deus anniquila.

Entrou em um templo, e alli se lhe deparou logo a imagem da Virgem, que mais de uma vez sorrira amorosamente a sua mãe na egreja das Encartações.

Orou e chorou, e de envolta com o nome venerando da mãe de Deus foram os de sua mãe e da sua amada. E fitando os olhos no rosto suavissimo de Maria, figurou-se-lhe que a Virgem lhe sorria amorosamente e estendia sobre elle o manto como para o proteger.

Pedro percorreu a America, que ainda se orgulha com a lingua e religião de Castella, sua nobre mãe. A America Hespanhola pareceu-lhe uma joven vergada sob o peso de infortunios, mas ainda povoada de mocidade e de fé.

E amou-a, porque era formosa e desventurada.

— Que similhança tamanha, disse, entre as minhas dores e as tuas, e entre os teus erros e os meus! Como eu, deixaste tua nobre e affectuosa mãe, para ir em busca do paraiso de teus sonhos, e o desengano vae-te entranhando, como me succede, em profunda melancolia. Somos ambos o filho prodigo que, tremendo de incerteza e remorso, volve timidamente os olhos para o desconsolado lar de seus paes! Ferimos ambos nossa mãe no coração ao apartar-nos d'ella; mas n'aquelle coração ainda ha para nós misericordia e amor. Talvez que o teu orgulho, maior que o meu, porque és maior e mais desgraçada que eu, não chegasse ainda a humilhar-se; porém, mais tarde ou mais cedo, iremos ambos descançar a fronte no seio de nossa querida mãe, para que sua santa benção venha sobre ella.

N'aquellas longinquas regiões, Pedro representava a sua aldeia tão bella, como bellos lhe tinham parecido na sua aldeia os paizes que percorrêra de desillusão em desillusão; mas por um resto de orgulho mal entendido, ou de esperança em realisar parte de seus sonhos, não estava ainda decidido a regressar ao valle nativo. As regiões austraes, onde a natureza conserva toda a virgindade, entravam no seu itinerario de viagem.

Antes de emprehender esta, quiz visitar Vera Cruz, para saudar com uma oração e uma lagrima o sepulchro do ancião a quem devia as suas riquezas.

Aproximava-se d'aquella cidade quando viu o cemiterio. Entrou n'elle com o coração palpitante, e foi lendo as inscripções de muitos sepulchros, até que encontrou uma que o fez chorar e ajoelhar. Descançavam alli os restos mortaes d'aquelle a quem a aldeia conhecia pelo nome de americano.

Via-se na pedra sepulchral uma rosa emmurchecida, mas cuidadosamente conservada, e junto da rosa liam-se estes versos de um poeta hespanhol:

> Que me enfeitem o sepulchro
> co'as flores da minha terra!

E ao reparar n'aquella rosa, Pedro deu um grito de sobresalto e alegria: era a que sua mãe tomára do altar da Virgem para offerecer ao americano quando elle se partiu da aldeia.

É possivel comprehender, mas é impossivel descrever a profunda commoção com que Pedro contemplou aquella rosa que sua mãe cultivára, tocára com suas mãos e regára com suas lagrimas; que ornára o altar da Virgem, a quem sua mãe e a sua amada oravam por elle todos os dias, e que por ultimo ornára o sepulchro do ancião a quem elle, sua mãe e todos os habitantes do valle nativo deviam tantas bençãos.

Os versos gravados no mausoléo, que, segundo lhe disse o guarda do cemiterio, se tinham posto alli, assim como a rosa, em cumprimento da vontade do fallecido; aquelles versos pareciam-lhe uma voz que se levantava da lousa de seu bemfeitor para lhe ordenar que tornasse a procurar a terra onde recebêra a agua do baptismo.

A sua resolução de percorrer as regiões austraes começou a vacillar. Beijou reverentemente a rosa, derramando sobre ella copiosas lagrimas, e dirigiu-se á cidade, porque desejava visitar os testamenteiros do americano, para expressar-lhes a sua gratidão e a de sua mãe pela religiosidade com que tinham cumprido a derradeira vontade do ancião a quem acabára de dar o ultimo adeus.

Os testamenteiros entregaram-lhe uma carta chegada de Hespanha havia poucos dias. Era de sua mãe, que, não sabendo para onde escrever-lhe, suppozera que mais tarde ou mais cedo iria a Vera Cruz, a fim de visitar a terra que servia de eterna morada ao seu bemfeitor.

Pedro, chorando de alegria, beijou a carta e apressou-se em lêl-a. Eis-aqui a carta, tal como era, com todas as bellezas e defeitos, que estas coisas valem mais authenticas que emendadas:

«Filho da minha alma e do meu coração — Estimarei que ao receberes d'esta que me escreve o sr. prior, dictando-lh'a eu, não tenhas novidade. Nós, Deus louvado, vamos passando. Saberás, meu filho, que este anno se colheu muito grão e muita fruta, porque houve abundancia de tudo; mas parece que tudo sabe mal, ainda que os visinhos nos dizem, a Rosa e a mim, que são apprehensões nossas. A romaria não esteve este anno tão divertida como em outros. Os sinos da freguezia desafinaram por occasião das festas que fizemos á Virgem, quando tu te foste, para que te désse boa viagem: e desde então acho-os roucos e parece que sempre dobram a finados. Todos tem saude, mercê de Deus, excepto Rosa e eu, que não passâmos um dia bem desde que tu te foste de ao pé de nós. Pensâmos que será tambem dos dias ennevoados, como tem havido desde que não estás aqui. Rosa tem um noivo muito trabalhador; ella não lhe deu ainda palavra, mas todos lhe dizem que lh'a dê, porque ella é uma tonta em estar a esperar por ti, pois sabe Deus se voltarás e que resolução será a tua n'este ponto, e uma rapariga honrada e zelosa deve casar-se com homem honrado e trabalhador. Quando dizem á Rosa que tu não regressas, ella e eu chorâmos bastante; mas continuâmos a rezar para que voltes, e a tristeza deixa-nos. Rosa offereceu á Senhora das Dores metade de suas lindas tranças para que voltes, porém já as tem tão compridas e formosas como d'antes.

«Com isto, filho da minha alma, não te enfado mais.

Recebe muitas lembranças do sr. prior e de Rosa, a quem não disse o que te escrevia a respeito do noivo d'ella; e recebe tambem muitas saudades dos visinhos. — D'esta tua mãe muito amiga — *Theresa*.

P. S.— Meu filho, toma cuidado com as febres, com as serpentes, com os feitiços e com os indios bravos, pois me dizem que ahi nas Americas ha perigos d'estes em toda a parte. Anda, pois, muito acautelado.»

— Meu Deus! — exclamou Pedro sinceramente commovido; tende compaixão das afflicções de minha mãe, das de Rosa e das minhas! Para ellas nem pão saboroso, nem romarias alegres, nem sinos sonoros, nem sol de Deus no ceo!... E por minha causa, tudo por minha causa!... Amaldiçoados sejam os livros que não ensinam a amar e a consolar os que nos amam, e a abençoar a terra em que nascemos. Oh! Rosa... Rosa! talvez te perdesse para sempre! Não, não o permittas, meu Deus, porque as minhas culpas, por grandes que sejam, não merecem tão grande expiação.

Inattento, desorientado, e querendo esquecer o universo inteiro, dirigiu-se Pedro immediatamente para o porto, e embarcou-se em um navio que uma hora depois devia levantar ferro para Hespanha.

XI

Meu amor! Se as perfumadas auras de maio te impellirem um dia para as Encartações, assim que deixares atraz Valmaseda, atravessa uns sombrios carvalhaes, trepa pelo suave declive de uma serra, e pára em um odorifero pomar. Inclina os olhos para o solo, e vê o destruido vallado que um dia impediu o gado de entrar no campo pelo lado do norte, e em cuja parte externa ha levantada uma cruz de madeira. Ergue de subito a vista quando houveres chegado alli, e percorre com ella o espaço que se estende entre a montanha que te sustenta e as que limitam o horisonte em frente de ti.

Verás alli um valle coberto de flores e verdura, povoado de casas alvissimas, entre as quaes sobresaem um palacio e uma egreja de elegante campanario; um valle, cruzado de cima para baixo por uma faixa de prata, que se chama rio; um valle, que em quanto outros se agitam em febris desejos e transformam todos os dias o seu idioma, o seu trajo, as suas leis e até o seu culto, permanece tranquillo, humilde, fiel ás suas tradições, contente, formoso, amando Deus e o trabalho.

Pois n'aquelle valle nasceu Pedro.

E alli morrerá tambem; porque alli o vês que, com a anciedade na alma, a respiração penosa e o coração palpitante ao mesmo tempo de receio e alegria, trepa pela serra e aproxima-se do pomar.

Amanhece um dia de maio. Muitos fructos se vêem em flor nas arvores; os melros e outras avesinhas cantam nos bosques; e os sinos repicam no alvo campanario da egreja parochial do valle.

Pedro dirige a vista para a planicie; os olhos convertem-se-lhe em duas fontes de lagrimas, os joelhos dobram-se-lhe e os labios murmuram uma oração, na qual se confundem o nome de duas mulheres com o nome de Deus.

Não, não, aquelles sinos não estão roucos, nem parece que tocam a finados, porque o seu toque é mais sonoro e mais alegre que nunca.

Pedro procura com a vista anciosa uma pequena casa branca que não deve estar muito longe da egreja, e por fim descobre o vermelho telhado entre um ramalhete de cerejeiras em flor. E então chora ainda mais que d'antes, e reza ainda com mais fervor.

A egreja pareceu-lhe maior e mais bella do que na occasião da sua partida do valle; o rio mais cristallino, o arvoredo mais verde e mais copado, as granjas e herdades mais louçãs, as collinas mais pittorescas, o valle todo mais abençoado e amado de Deus.

Mas os seus olhos, que tudo examinam, que tudo inquirem, que vêem tudo, não viram a procissão, que antes de ter chegado ao campo, saíra da egreja parochial do valle, e tomára uma estrada que, por meio de duas fileiras de ameixieiras em flor, costeia a falda da montanha, e leva ao cume d'esta e ao logar em que está a cruz de madeira.

Chegára a festa de maio, e o parocho que derramára a agua do baptismo na fronte de Pedro, sóbe ao cume da montanha, seguido de seus parochianos, para d'alli abençoar os campos da planicie, onde o suor dos aldeões se transformára já em flores.

Um cantico immenso, que resôa a curta distancia, tira Pedro de seus extasis. O mancebo presta-lhe attenção, e a ladainha dos santos recorda-lhe a festividade que a egreja celebra n'aquelle dia.

A procissão, antes occulta nas sombras da estrada, chega por fim ao campo onde se erigiu a cruz de madeira.

Pedro ajoelha novamente e exclama:

— Louvado sejas, meu Deus! A tua religião sae a receber o filho prodigo, que regressa ao lar de seus paes purificado pelo remorso e pela contrição!... Louvado sejas! Que me abençôe minha mãe, e que me abra os seus braços a virgem sem macula a quem disse um dia: «tu serás a santa mãe de meus filhos!» e no outro dia enchi de tribulações!

Vae começar a benção dos campos, e Pedro não quer interromper com a sua dor nem com a sua alegria aquella santa ceremonia. Escondido atraz do vallado, procura entre a multidão sua mãe e Rosa. O que se passa no seu coração não póde referir-se: adivinha-se apenas. O que tenha ouvidos oiça, disse o cantor do Apocalypse; «o que tenha coração adivinhe e sinta, diz o humilde auctor dos *Contos côr de rosa*.

Um grito de alegria exhala-se, não dos labios, mas do coração de Pedro.

Porque o mancebo acabára de descobrir sua mãe e Rosa, ambas ajoelhadas junto á cruz, uma ao lado da outra, unidas talvez pelo mesmo pezar e por identico pensamento; ambas com os indicios da mágoa no rosto, e da melancolia profunda e infinda nos olhos.

Encanecêra o cabello de Theresa; mas o seu rosto ainda respira mais amor, mais indulgencia, mais resignação christã que em outros tempos.

Rosa perdeu a côr, como as açucenas no horto; mas no seu semblante ha a formosura do infortunio, não a formosura de Sapho subindo ao rochedo de Leucades, senão a da virgem christã que vae colher ao circo a palma dos martyres.

Termina a santa ceremonia repetindo o povo as palavras do sacerdote.

Então Pedro dirige-se para a cruz, e, ajoelhando ao pé do sacerdote, exclama:

— Meu padre, purificae-me com a vossa benção, para que seja digno de voltar aos braços de minha mãe!

O velho parocho ficou um instante suspenso, mas em seguida derramou sobre a cabeça do mancebo a agua benta com que purificára os campos, e disse:

— Abençôo-te, em nome de Deus!

— Abençoado sejas, em nome de Deus! — repetiram os habitantes do valle alli presentes.

E então Pedro, purificado por aquella benção, vôa aos braços de sua mãe e aos de Rosa, que se lançaram desoladas ao encontro d'elle.

Não ha alli coração que não palpite de alegria; porque tambem a sente aquelle honrado moço que inutilmente requestára o amor de Rosa.

XII

Meu amor! Se as brisas de maio te levarem até ás Encartações e passares por S..., verás o seguinte, de-

baixo da formosa parreira que ha na entrada da casa de Theresa.

Uma anciã e uma joven, radiantes de saude e alegria, deixando de vez em quando o seu lavor para beijar phreneticamente uma menina de seis annos, que aprende ao seu lado a dobar; e um gentil mancebo, vestido ao uso do paiz, com o rosto queimado pelo sol e as mãos alguma coisa calejadas pela enxada, que tem nos joelhos um menino de tres annos, loiro como o linho e córado como uma rosa.

Se perguntares áquelle mancebo quem são as mulheres que cosem debaixo da parreira, responder-te-ha sorrindo:

— A santa avó e a santa mãe de meus filhos!

E em seguida tornará á sua improba tarefa de gravar na memoria do anginho que se lhe agita nos joelhos estes versos do defuncto Lista, a quem Deus haja em gloria:

É feliz o que nunca viu
Outras aguas que as da patria,
E ancião dorme tranquillo
Na sombra das suas geiras!

A NYMPHA DA CONCHA

A estatua de marmore conhecida pelo nome de *nympha da concha*, é uma das numerosas obras de arte que adornam o parque de Versalhes. Teve por auctor a Coysevox, distincto estatuario francez, que a esculpiu, servindo-lhe de modêlo, até certo ponto, a *Venus da concha*, estatua antiga, que se acha no museu do Louvre. Dizemos até certo ponto, porque o esculptor não fez nem quiz fazer uma cópia exacta. Copiou o que lhe pareceu conveniente para o fim a que se propunha, mas deu á sua obra o desenvolvimento, e fez-lhe as modificações que pedia o logar onde devia ser collocada depois de prompta.

Nympha da concha

Duas grandes difficuldades tinha o artista que vencer n'este seu trabalho. Consistia a primeira em esculpir com perfeita similhança as bellezas que propriamente copiasse da estatua antiga; a segunda em não desmerecer, nas modificações que fizesse, do modêlo que escolhêra ou lhe fôra dado para imitação.

Houve-se o esculptor com muito acerto e habilidade, desempenhando a sua ardua missão com applauso dos entendedores. A sua *nympha da concha* não terá aquelle toque sublime que parece vida, e que o cinzel grego e romano sabia dar com tanto vigor e mestria ao marmore e ao bronze. Mas é cheia de graça e de expressão, e ostenta aquella encantadora singeleza e naturalidade, que são um dos principaes distinctivos das estatuas que nos restam da arte grega e romana.

A nossa gravura é cópia de outra que publicou o *Magasin Pittoresque*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

PENSAMENTOS DE STERNE [1]

«Prefiro a vida particular á vida publica, porque estimo os meus amigos, isto é, um pequeno numero de individuos.»

«A impaciencia é a principal causa dos nossos desregramentos e extravagancias. Algumas vezes teria dado certa quantia para ir a um baile ou sarau, aos quaes não poderia concorrer por qualquer incidente; mas, passadas estas festas, daria porventura o dobro da referida quantia para não ter ido. Teria ás vezes pago um guisado por preço fabuloso; mas, depois de proval-o, arrepender-me-hia de ter desprezado a sopa de minha casa. Lembrae-vos, extravagantes e desregrados, d'esta reflexão.»

«Marco Aurelio aconselha que se adhira promptamente á opinião dos falladores insignes, com a esperança, no meu entender, de terminar a argumentação d'elles.»

«Os individuos que estão sempre a vigiar a sua saude, figuram-se-nos os avaros que amontoam thesouros de que não sabem nunca aproveitar-se.»

«Existem muitos meios de provocar o somno: pensar no murmurio dos riachos ou no balanço das ar-

[1] Escriptor inglez celebre. Nasceu em 1713 e morreu em 1768.

vores; calcular nomes; mandar esgotar por cima de uma caçarola de cobre uma esponja humida, etc. A temperança e o exercicio valem, porém, muito mais que estes succedaneos.»

«Define-se o que geralmente se chama boa compra, d'este modo: a acquisição de má mercadoria que dura pouco, só porque custa mais barato que a boa de que devéras careciamos.»

«*Tom* é uma palavra de sociedade: não póde por isso ficar só um instante.»

«Os estalajadeiros hespanhoes pôem sempre nas suas lembranças o artigo *ruido*, quer se tenha ou não feito uso d'elle.»

«Conheci outr'ora um soldado valente, que me affirmou que a sua coragem consistia em pouco: quando se dava a primeira descarga em uma batalha, considerava-se para logo homem morto. Combatia então corajosamente todo o dia, indifferente aos perigos, como é proprio de um defuncto.»

«Encontrae-vos no mundo exposto aos caprichos do primeiro aventureiro; mas na bibliotheca, o genio é que está sujeito aos vossos caprichos.»

«A pertinacia é uma fraqueza absurda. Se tendes razão, limita o vosso triumpho; se não tendes, torna mais ridicula a vossa derrota.»

«Fariam melhor se adormecessem, porque se póde dizer que sonham, os que lêem sem ter por fim accrescentar a sua moralidade ou melhorar o seu procedimento.»

«Depois da virtude e da saude, nada ha mais desejavel na vida que o saber. E nada ha menos difficil e mais barato: custa apenas bom tino, e todo o tempo que podermos poupar.»

«A mentira é a maior das covardias: é temer o homem e insultar a Deus.»

VILLA DE TORRES VEDRAS

(Conclusão. Vid. pag. 385)

Saindo de Torres Vedras pela estrada de Runa, passa-se por um sitio chamado *os Cucos*, onde ha uns banhos de caldas, que são remedio muito especial para certas especies de rheumatismo. As nascentes estão junto do leito do Syzandro, de maneira que só no verão ficam descobertas, tornando facilmente a cobrir-se logo que engrossa alguma coisa a corrente do rio. O proprietario tem construido umas casas de banhos de madeira, que todos os annos é preciso renovar, e uma correnteza de casas terreas para os banhistas menos favorecidos da fortuna, pois que os mais abastados vão residir na villa. Estes banhos, cuja proficuidade ha poucos annos que é reconhecida do publico, começam a ser concorridos de gente de Lisboa, e sêl-o-hiam muito mais, sem dúvida, attenta a sua especialidade, que os distingue das outras caldas d'esta provincia, se porventura alli houvesse um estabelecimento de banhos, não diremos magnifico, mas aceiado e commodo. Não faltam riquezas naturaes ao nosso paiz. O que lhe falta é industria para as explorar.

Proseguindo pela mesma estrada de Runa, que passa junto dos referidos banhos, encontra-se do lado d'estes, que é o direito, e a distancia de menos de dois kilometros, uma curiosidade natural, a que está ligada uma memoria historica. É uma gruta aberta n'uma rocha toucada de arvoredo silvestre, e verdejando por todos os lados. Na frente tem um pequeno bosque, que se estende para a parte direita, encostado a rochas alcantiladas. A princeza D. Maria Francisca Benedicta, viuva do principe D. José, e que tão gratas recordações deixou a este paiz, frequentava muito este sitio ameno e aprazivel quando estava residindo no seu palacio de Runa, e ás vezes gostava de tomar alguma refeição dentro da gruta, que por esse motivo lhe ficou o nome de *gruta da Princeza*. N'essa epocha fecharam-lhe a entrada com uma porta de grades, que ainda alli permanece.

Continuando a seguir aquella estrada, entra-se em um amplo valle, parecido com o de Torres Vedras na grandeza, em fórma circular, na planura, em direcção ao rio Syzandro, que tambem o atravessa em voltas de cobra, e por meio de arvoredos, e, finalmente, na disposição dos montes, que parecem occultar as quebradas por onde entram no valle o rio e algumas estradas.

No centro d'este valle fertilissimo está o logar de Runa, com a sua egreja parochial de S. João Baptista: e a um lado, quasi junto das faldas dos montes, ergue-se o sumptuoso *asylo dos invalidos militares*, fundado e dotado pela virtuosa princeza D. Maria Francisca Benedicta. Principiado no anno de 1792, interrompidos os trabalhos por causa da partida da familia real para o Brasil e das invasões francezas do principio do seculo actual, só no anno de 1827 se concluiu, inaugurando-se com muita pompa no dia 25 de julho, em que a augusta fundadora, que presidiu a todos os actos d'esta solemnidade, completava oitenta e um annos de edade.

Fórma este edificio um grande quadrado com tres andares em cada uma das quatro frentes, ficando a egreja no centro e entre dois pateos muito espaçosos. A metade do edificio para a direita do templo é occupada pelo asylo; a outra metade é palacio real. A egreja, á maneira das basilicas de Roma, com um só altar debaixo da cúpula, é toda vestida de bellos marmores de diversas côres, extrahidos de uma pedreira visinha do edificio. Admiram-se n'ella quatro primorosas estatuas de marmore de Carrara, feitas em Roma. São de muita riqueza e primor artistico as alfaias e vasos sagrados, sobresaindo a todos a custodia, que é de oiro e guarnecida de pedras preciosas. O desenho d'esta magnifica peça foi feito pela princeza. Sómente no edificio dispendeu a fundadora mais de seiscentos contos de réis. Foi egualmente generosa na dotação do estabelecimento, mas veiu esta a ficar muito reduzida, porque parte dos rendimentos de que se compunha era da natureza d'aquelles que as leis reformadoras do immortal duque de Bragança extinguiram. Concorre actualmente, e desde bastantes annos, para este asylo sua magestade a imperatriz viuva, duqueza de Bragança, com o donativo annual de dois contos de réis.

Ha nos arrabaldes de Torres Vedras várias quintas importantes com bellas casas de habitação. Sobreleva a todas na grandeza do palacio e na belleza dos jardins e parque a *quinta das Lapas*, propriedade dos srs. marquezes de Penalva, distante da villa uns 3 kilometros. Possue esta quinta uma soberba matta de arvores seculares, toda cortada de largas e formosas ruas, e adornada com várias fontes. Em o numero das arvores mais colossaes admiram-se alguns medronheiros, que tres homens, dando as mãos, abraçarão a custo o tronco principal. Constituem uma curiosidade bem digna de ser observada, pela especie da arvore, que em geral é de mediocre desenvolvimento, e n'algumas localidades não excede ás proporções de um arbusto.

Tanto os suburbios como todo o concelho de Torres Vedras são compostos de terrenos feracissimos nos valles, e nos montes productores de fructos, que não ficam a dever coisa alguma em belleza e sabor aos que se criam nas terras baixas. Consistem as principaes producções em vinho, que é a sua cultura especial, cereaes, legumes, azeite, muita variedade de frutas, tão excellentes como poucas se vêem eguaes nos mercados de Lisboa, onde raramente concorrem. Abunda todo o concelho em pinhaes e outras mattas

silvestres, onde se encontra bastante caça, e não é pobre de gados, sendo, todavia, a principal criação de ovelhas e cabras.

Torres Vedras contém mais de tres mil habitantes, que se empregam, pela maior parte, na agricultura, no commercio e nas pequenas industrias manufactoras. É das terras interiores d'esta provincia onde ha maior movimento commercial. Fazem-se n'esta villa tres feiras annuaes: a 22 de janeiro; 29 de junho; e 20 de agosto. Tem mercado todos os domingos, e maior nos terceiros domingos de cada mez.

Foi berço esta villa de muitas pessoas notaveis, d'entre as quaes citaremos as seguintes: *D. Garcia Froyas*, mãe do conde de Barcellos, D. Pedro, filho natural del-rei D. Diniz, e auctor do celebre *Nobiliario*; a *infanta D. Leonor*, imperatriz de Allemanha, mulher do imperador Frederico III, e filha del-rei D. Duarte e da rainha D. Leonor de Aragão; *D. João Soares de Alarcão e Mello*, conde de Torres Vedras e marquez do Trocifal, em Hespanha; *D. Manuel da Silva Francez*, bispo de Tagaste, provisor e coadjutor do arcebispo de Lisboa, D. João de Sousa; *D. Fr. Eugenio Trigueiros*, bispo de Macau e arcebispo eleito de Goa; e o *padre Manuel Agostinho Madeira Torres*, prior da egreja de Santa Maria do Castello, presidente das cortes constituintes em 1821, socio da academia real das sciencias de Lisboa, e auctor de uma memoria historica e economica sobre a villa e seu termo, que foi publicada nas obras da mesma academia, e na qual colhemos uma parte das noticias que damos n'este artigo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

JORNAES FRANCEZES E INGLEZES

A tiragem de alguns periodicos francezes, no fim de 1865, era fabulosa. Por exemplo, o *Siècle*, orgão do partido liberal, extrahia 45:000 exemplares por dia; o *Moniteur*, orgão official, 20:000; a *Patrie*, 16:000; a *Presse*, 15:000; e a *Opinion Nationale*, 14:800.

O *Standard*, de Londres, é a folha que dispõe na Europa de mais importante material typographico, pois tem seis machinas que imprimem 85:000 exemplares por hora. A tiragem do *Times*, na epocha referida, era de 40 a 50:000 exemplares diarios, nos quaes se consumiam 11:250 kilogrammas de papel. O consumo da tinta para esta impressão calculava-se em 2:000 kilogrammas por semana.

O SULTÃO

(TRADUZIDO DO ITALIANO DE CARRER)

Rei de nações innumeras!
Noivo de cem beldades!
Curvam-se ao teu imperio
reis, povos e cidades
do Caucaso ao Jordão.
Sobre os coxins assyrios,
lascivo ardor suspira,
ferve na taça espumea!
Embala o som da lyra
os sonhos do sultão!

Mas és feliz? Persegue-te
pavor, remorso ou agoiro
nos perfumados thalamos,
entre o alabastro e o oiro
do harem, todo esplendor.
A fronte altiva turva-t'a
o pallido receio!
E sonhas entre a purpura,
té das huris no seio,
phantasmas de terror!

Ó montes de Byzancio!
Da lua o fulgor brando
na vaga azul do Bosphoro
reflecte-se, imitando
do aço o lampejar!
Dançam á luz suavissima
as virgens sobre as flores,
e o pescador da Thracia
canta canções d'amores,
e as redes lança ao mar.

Sae, se das ondas placidas
amas a doce queixa.
Gemem na praia as arvores!
Suspira terna endeixa
das rosas o sultão.
Sae pois; se o solio esplendido
te rouba as alegrias,
a noite, o barco, os zephyros,
do mar as harmonias,
a dor te abrandarão.

Tudo silencio! Os garrulos
servos e o bando esquivo
das bellas dormem. Tacito
vela o sultão altivo,
e junto d'elle Omar.
Omar (que o sol da Arabia
acalentou no berço)
em tormentosas dúvidas
vendo o sultão immerso,
nem ousa a voz alçar.

A um gesto sae, a rubida
chamma d'um facho alçando;
dissipa as sombras lugubres;
segue-o com passo brando
o pallido sultão.
Com pé incerto, aereo,
nas amplas salas giram,
nos corredores tacitos
do harem; alfim respiram
da noite a viração.

No vasto azul empyreo
a solitaria lua
resvala; sobre as cúpulas
espraia-se, fluctua,
chovendo frio e luz.
Esse clarão tão vivido
banha a nocturna estrada.
Inutil facho apaga-se.
Desce o monarcha a escada,
que ao seu jardim conduz.

N'um sitio solitario,
entre a vivaz verdura,
negreja um bosque; proximo
fonte gentil murmura,
que em rio se tornou.
«Não dês um passo, fica-te,
vem só aos meus reclamos.»
Tal disse ao escravo o despota.
Desvia os negros ramos,
no cyprestal entrou.

Junto do arroio trépido
vela o vassallo, e mira
o veio inquieto e limpido,
que pela relva gira.
Na patria pensa já.
Vê-se no seu tegúrio.
A brisa vespertina
beija as vermelhas pétalas
das rosas de Medina,
que a ver não tornará.

Ouve um gemido, subito,
do bosque na espessura,
como de quem, no transito,
vê perto a sepultura,
e um grito sólta em vão.
«Infrinjo as ordens régias?
Fico?... Mas se além morre...»
O affecto vence. As arvores
cruza, na sombra corre,
luz-lhe o punhal na mão.

Surge-lhe á vista um marmore,
de murtas ensombrado,
imagem d'alvo tumulo;
vê o sultão prostrado,
ouve-o gemer, chorar.
Mas subito levanta-se,
no audaz seus olhos crava.
cruza no seio trémulo
os braços; fronte escrava
roja no solo Omar.

«Pois tanto ousaste?»—«O arbitro
és tu da vida minha.
Sou teu vassallo. Mata-me.
A defender-te vinha.
Sou réo de gratidão.»—
«Ergue-te e ouve.» O gladio
n'aurea bainha enfia.
E sombra melancolica
o rosto lhe anuvia,
que tinge a compaixão.

«Caso nefando e misero
tu vaes ouvir, escravo.
Eu, do Oriente o arbitro,
amei... senti-lhe o travo!...
Impio me fez amor.
Das perfeições o cumulo
eras, mulher divina!
Não ha rosa da Persia,
lyrio da Palestina,
que a vençam no esplendor.

«Do vento aos beijos férvidos
as negras tranças dava.
Seu pé nas debeis plantulas,
correndo, mal poisava
como na vaga o alcyão.
Tinha um sorrir do Empyreo,
dos anjos a virtude.
Ao longe, em noite placida,
a voz era alaúde,
que beija a viração.

«Pude matal-a! Ai! misero!
Choras? Em peito d'homem
não ha zelosas furias,
como estas que consomem
a vida ao teu senhor!
Oh! dos meus annos floridos
saudoso companheiro!
O seu amor... roubaste-m'o!
Trahiste-me primeiro!
Sacrifiquei-te a amor!

«Ama Fanor Zoraida.
Esta lhe c'rôa a esp'rança.
Elles no amor enlevam-se.
Eu no odio e na vingança...
Meu gladio a saciou.
Eu só do amigo perfido
no peito embebo a espada.
O mar, que geme lugubre
sob a janella amada,
em campa se tornou.

«Espera em vão a misera,
do triste caso ignara,
o meu rival. As placidas
ondas, a noite clara,
convidam-n'a a sair.
Chega a uma torre; os cúpidos
olhos volvendo anciosa
do mar aos plainos liquidos,
procura a prôa airosa
da barca descobrir.

«E em quanto espera, aos zephyros
anhelos seus confia;
e entoa um triste cantico,
em que murmura: — Guia
seu barco, ó viração!
Eu na janella gélida
encosto o seio brando,
o éther sereno e lucido,
e os astros espiando,
que teus rivaes não são!

—«Vem! essa pluma candida,
que ondeia mollemente
no teu turbante, o frémito
do seio meu frequente
imita, imita bem.
Vem! Ao teu lado o lucido
ferro suspenso esplende!—
E n'isto pára, e ávida,
como que o ouvido estende,
e escuta se alguem vem.

«Eu, desvairado, attonito,
co'a mente em raiva accesa,
corro a Zoraida. O extase
á esplendida belleza
juntava inda esplendor.
Talvez sonhasse o férvido
beijo e o supremo gozo.
Ebria de réo delirio,
impulso-a furioso,
arrojo-a ao mar... Que horror!

«Eil-a! no horrendo vortice
baqueia, e deixa solto
á brisa este véo candido.
O peito eu trago involto
no involuntario dom!
Sentindo o peso subito,
parece gemebundo
o pégo abrir-se! Ai! misero,
que ouvi do mar no fundo
da quéda o triste som!

«Crês-me arrancar com lagrimas
o espinho doloroso?
Chora o teu fado. Um genio
te trouxe aqui maldoso,
e nimio ardor te deu.
Arcano atroz, terrifico,
qual chamma de cratéra,
se irrompe, rubra, férvida,
estragos, mortes gera,
tal o segredo meu!

«Ignora o mundo a historia
da minha desventura.
Sabel-a tu e as arvores
da umbrifera espessura.
Morre por tal saber!»
E, assim dizendo, o fúlgido
punhal arranca, e prestes
crava-o no fido arabe,
e o deixa entre os cyprestes
exangue fallecer.

M. Pinheiro Chagas.

Paizagem nas visinhanças de Villa do Conde

AS MARGENS DO AVE

Já por diversas vezes nos temos occupado n'este semanario das bellezas naturaes que apresentam as margens do rio Ave.

São formosos todos os rios que atravessam a bella provincia do Minho, mas cada um d'elles se distingue por uma feição particular que lhe dá realce. No rio Ave essa feição consiste, a nosso ver, na multiplicidade de contrastes com que a paizagem varia de aspecto de espaço a espaço.

Aqui, vae o Ave apressado, correndo sobre leito inclinado e pedregoso, e por entre margens um pouco elevadas, d'onde se debruçam sobre a corrente diversidade de arbustos e penhascos musgosos.

Alli, divaga mansa e amplamente por meio de extensos campos em constante primavera, e que apenas debruam o rio com um pequeno combro revestido de plantas mimosas e de alguns arbustos, que não impedem que o ceo se retrate desaffrontadamente no seio cristallino das aguas.

Além, em vez de campos, são collinas, que vão subindo desde a beira do rio assombradas de denso arvoredo, subindo sempre assim e docemente, até que ao longe, já altos montes, mostram as calvas cabeças coroadas de enormes penedos.

Mais distante dasapparecem todos estes encantos e amenidades, e o Ave assume um aspecto carrancudo e severo. As suas margens, escarpadas e fragosas, não tem arvores nem arbustos que as defendam dos ardores do estio, nem plantas que interrompam a aridez d'aquellas fragas escalvadas, que parecem prestes a despenharem-se na corrente, que se quebra com impeto e sussurro contra os rochedos que lhe estreitam e cobrem o alveo.

Mas não tarda o viajante a sentir expandir-se-lhe de novo o coração á vista de risonha paizagem. Mais alguns passos adiante, e eis o Ave espreguiçando-se tranquillo e amoroso quasi sobre os prados viçosissimos que o vem festejar na sua passagem, engrinaldando-lhe as suas margens com as vides que trepam e se enlaçam nos carvalhos e castanheiros, até lhes penderem dos ramos mais altos em longos festões.

N'outras partes julgareis estar vendo um rio do novo mundo, não no cabedal das aguas, mas sim na riqueza e pompas da vegetação. N'esses logares encantadores são os bosques tão cerrados, que mal deixam aos raios do sol doirar furtivamente os fetos, a relva e os musgos que alcatifam a terra; e tão corpulentas e frondosas as arvores, que, apesar da largura do rio, se cruzam e o toldam em alguns sitios. As heras, depois de se abraçarem aos troncos annosos, envolvendo-os em um manto de perenne verdura, caem d'elles como para beijar o fugitivo Ave, cujo doce murmurio faz suave harmonia com o canto dos passaros que povoam aquellas florestas, e volteiam continuamente em numerosos bandos de uma para outra margem. E até para que o quadro não deixe de ter mais alguma similhança, embora fraca, com os grandiosos panoramas que nos offerecem os rios da America, as aves que mais abundam n'aquelles bosques sobresaem pela elegancia do porte, ou pelo matiz e viveza das côres, ou pelo mavioso do canto. São estas aves o *gaio*, o *melro*, a *pêga*, o *peto* de verde plumagem (especie de *pica-pau*), o *guarda rio*, a *toutinegra* e o *rouxinol*.

Em fim, a grande quantidade de ribeiros e levadas

que vem lançar-se no rio, depois de terem regado e fertilisado infinidade de campos e prados; os numerosos açudes que a cada passo formam vistosas cataractas; as diversas povoações que se espelham na corrente; e alguns monumentos, como o antigo *mosteiro benedictino de Santo Thyrso* [1], e a *ponte da Barca da Trofa*, que bem merece por sua construcção esbelta e grandiosa o epitheto de verdadeiro monumento [2]; tudo isto accrescenta bellezas e contrastes, variando a perspectiva dos quadros.

A gravura que publicâmos, copiada de uma photographia da collecção do sr. Seabra, mostra um d'esses quadros, o qual se desfructa nas visinhanças de Villa do Conde. Embora não ostente algumas d'aquellas scenas da natureza de mais enlêvo e magestade, todavia retrata uma paizagem muito amena e pittoresca. De um lado levanta-se uma encosta toda vestida de arvoredo. De outro lado avistam-se os campos por onde o rio vae correndo e volteando, ora dividindo-os, ora encostando-se ás veigas e aos montes, como se procurasse a sombra das arvores que os povoam. Duas casas campestres; as ruinas de uma azenha; uma ponte de pedra, mas de fabrica humilde; o Ave, ao passar-lhe por baixo, debruçando-se, como um vasto lençol, sobre o açude da arruinada azenha; e ao longe, lá no fundo, basto arvoredo fazendo caixilho, completam o ridente painel.

A pouca distancia está *Villa do Conde*, com os seus estaleiros de construcção de navios de pequeno lote, e com o seu sumptuoso *convento de Santa Clara* [3] mirando-se nas limpidas aguas do Ave, no momento em que se misturam e confundem com as do Oceano.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O QUE É A OBRIGAÇÃO

(CONTO POPULAR)

(IMITAÇÃO)

— Como vae, sr. Gaspar da Silveira?

— Não me sinto muito bom, sr. João Alvaro.

— Se v. exc. acreditasse em mim, não o pagaria com a saude. Por que não sae todos as manhãs para dar um passeio saudavel em quanto dura o bom tempo?

— Sáio nas manhãs em que tenho vontade; e n'aquellas em que não tenho vontade, como me succede hoje, deixo-me ficar em casa.

— Mas não é isso o que eu digo, sr. Gaspar da Silveira. Imponha-se v. exc. a obrigação de sair todos os dias, e verá como se restabelece.

— Pois hei de impor-me a obrigação de sair todos os dias?!

— Sim, senhor.

— Isso é o que não quero fazer; porque se me impozer a obrigação de sair, não sáio mais.

— V. exc. é incorrigivel! Tem uma tal philosophia que ninguem o comprehenderá.

— Olhe, meu amigo, *o que o berço dá*... Mas, passando a outro assumpto, a que devo o prazer de vêl-o por esta sua casa?

— Ao desejo de pedir-lhe um favor.

— Bem sabe que estou sempre ás suas ordens.

— Sei, sei, e por isso tenho receio de abusar. Lembra-se v. exc. do Antoninho, de quem já lhe fallei haverá alguns mezes?

— O filho do mestre Jacintho?

— Sim, senhor. O mestre Jacintho, como v. exc. sabe, era um dos meus melhores amigos. Quando falleceu prometti-lhe que não desampararia o filho, e assim o cumpri. Levei para minha casa o Antonio, que então contava dez annos; mandei-o educar conforme os meus teres, e destinei-o a uma profissão decente; mas o rapaz, apesar de não ter nada de parvo, nem lhe faltar boa vontade, não se adiantava nos estudos. Eu, que tambem sou alguma coisa philosopho, porém não como v. exc., vi que o Antonio era d'aquelles homens cujo caracter não póde subordinar-se á uniformidade que resulta do desempenho de certas obrigações em determinado mister, e que, pelo contrario, se póde levar por caminho rasgado commettendo-lhe trabalhos diversos e não sujeitos a methodo. Pensei n'isso, meu amigo, e disse para commigo: — Não obriguemos o rapaz a tomar pulsos ou a fazer libellos toda a vida, porque de certo morrerão os enfermos ou perderá os litigios.

— De modo que está v. convencido de que bastará impor a esse rapaz uma obrigação para que não a desempenhe ou desempenhe mal.

— Exactamente. Observei-lhe o caracter especial, quiz valer-me d'esta observação para o guiar pelo bom caminho, e um dia disse-lhe: «Antonio, não voltarás ás escholas, porque desejo encontrar-te emprego a que possas habituar-te.» O rapaz seguiu logo o meu conselho; mas está um homem como uma torre, e por mais que tenha indagado e pedido, ainda não pude conseguir coisa alguma, sr. Gaspar da Silveira, e vejo que o Antonio está lá em casa sem ganhar um real.

— Julgo, meu amigo, que esse rapaz deixará mal o que se interessar devéras por elle.

— Asseguro-lhe que não, sr. Silveira. O pobre Antonio anda como envergonhado entre os da sua edade, por ver que nem sequer ganha para a agua que bebe. Nada lhe falta em casa, é certo; sabe que não somos ricos, e que não lastimâmos, nem nos faz falta o pão que lhe dâmos; não ignora que o estimâmos muito, e ainda não haverá muito que trabalhei para o livrar do recrutamento; mas como é um moço grato e pundonoroso, isto mesmo o fará duplicadamente padecer.

— Conhecendo v. , João Alvaro, as minhas idéas ácerca do trabalho obrigatorio, póde avaliar a confiança que devo ter em que esse rapaz cumpra as suas obrigações.

— Afianço-lhe novamente que será pontual.

— E eu repito-lhe que não.

— Experimentemos. V. exc. ha de valer-me. Dê em sua casa alguma occupação ao meu pobre Antonio, ou empenhe-se com alguns de seus amigos poderosos a fim de que o empreguem.

— Será tudo baldado.

— Não será.

— Pois então diga ao rapaz que se me apresente ámanhã cêdo, e eu lhe arraujarei emprego na minha casa.

— Cá o tem. E desde já lhe agradeço muitissimo o seu obsequio. Continue v. exc. a ler os jornaes, em quanto eu corro a dar ao Antonio a boa nova do seu emprego.

— Vá em paz, meu amigo. Estou sempre ás suas ordens.

— O dito, dito, sr. Gaspar da Silveira. Não se esqueça da obrigação de dar todas as manhãs um passeio, e verá que ha de restabelecer-se.

— Sim, sim, mas não ha de ser por obrigação.

II

— Antonio?

— Sr. João Alvaro?

— Alegra-te, porque em fim deixarás o mister de passeiante na cidade.

— Que me diz?

— Digo que o sr. Gaspar da Silveira quer dar-te um emprego na casa d'elle.

— É possivel!... Não me engana, sr. Alvaro? Matar-me-hia por certo se esta novidade fosse zombaria.

— Havia de zombar comtigo, Antonio! Digo-te que ámanhã te apresentarás ao sr. Silveira e logo terás que fazer.

[1] Vid. pag. 238 do vol. VI.
[2] Vid. pag. 153 do vol. V.
[3] Vid. pag. 321 do vol. VI.

— Como poderei pagar tantos e tão repetidos beneficios?

— Sendo homem honrado e desempenhando-te pontualmente das tuas obrigações.

— Não hei de faltar nunca aos meus deveres. O que eu tenho padecido nos ultimos tempos, sr. João Alvaro! Quão pesada me estava sendo a vida! Parecia-me que na rua todos me apontavam como para exprobrar-me a vadiice em que andava e sem ganhar um real. Quando via passar por ahi todos os dias os pobres operarios que vão ganhar quatro ou cinco tostões para se alimentarem e aos filhos, tenho-lhes invejado a sorte, como elles podiam invejar a de um ricaço. Quando alguem me pergunta qual é a minha profissão, quizera que se me abrisse uma cratéra aos pés. Certo dia, sem me lembrar do que era, requestei uma joven, e fallei-lhe do amor que lhe consagrava; más a primeira coisa que ella quiz logo saber foi a minha profissão, e eu fugi sem lhe dar resposta, confundido, envergonhado, quasi louco!

— *Aguas passadas*... Olha, Antonio, em minha casa nunca te faltou de comer, nem te faltará quando a adversidade te fira novamente. Conheço que para um moço da tua edade e brioso deve ser acabrunhador não ter officio nem beneficio; mas, se desejo agora que te empregues, é antes por tua causa que por minha. Amanhã, ás dez horas, apresenta-te, pois, ao sr. Silveira, toma cuidado com o que te ordenar, e cumpre-o como homem probo, porque os que o são, embora se diga o contrario, são unicamente felizes quando podem dizer: o pão que compro e o fato que visto são fructo do meu trabalho honrado; ganho para mim, nem sou um parasita no seio da sociedade, nem um zangão na colmeia do mundo.

— Tem razão, sr. Alvaro. Ninguem o sabe como eu; pois até a sua bondade e delicadeza confundem-me cada vez mais, e fazem-me sentir duplicadamente a minha inutilidade n'este mundo.

— Pois sim, sim; o que te desejo é fortuna, Antonio.

— Obrigado, obrigado.

E o mancebo chorou profundamente commovido.

(Continua) B. A.

A ILHA DE CHYPRE E AS SUAS ESTATUAS DE VENUS

Chypre é uma das maiores e mais ferteis ilhas do Mediterraneo. Os auctores modernos dizem que os gregos chamavam a esta ilha *Kupros*, o que contraria os etymologistas que pretendem que Chypre se derive de *chyprium* (cobre) ou de *cypros* (certa planta), ambas as coisas abundantes alli.

Está situada entre a Cilicia e a Syria. Tem de comprimento 375 kilometros, de largura 150, e de circunferencia 620. Goza de um clima temperado, de ares mui salubres, de excellentes aguas e de fructos saborosissimos. O seu terreno é de grande fertilidade. Cortam-n'o muitas ribeiras, e um rio mais caudaloso, denominado *Pedœus*.

Era celebrada na antiguidade pelas suas bellezas naturaes, pelas riquezas que o seu solo continha, e nomeadamente pela variedade e delicado sabor das suas frutas, pelo seu aromatico mel, por seus vinhos generosos, por suas minas de cobre, por suas pedreiras de finissimo jaspe, e, em fim, pela diversidade de pedras preciosas que sem muita difficuldade se descobriam no seu seio.

Tantas condições felizes não podiam deixar de ser elementos de prosperidade para a terra que as possuia. E com effeito, a ilha de Chypre chegou a ter perto de dois milhões de habitantes, e entre as suas povoações algumas cidades importantes, ornadas com magnificos edificios. As mais notaveis eram: *Salamis*, capital da ilha, sentada nas margens do rio *Pedœus*, e por longos annos governada pela posteridade de Teucer, irmão de Ajax; *Arsinoe*, decorada com o nome de uma rainha do Egypto; *Paphos*, *Amathus e Idalium*, celebres pelos seus sumptuosos templos de Venus; *Sole* ou *Soli*, edificada por conselho do philosopho Solon em uma formosa planicie, e logo povoada por gregos e indigenas; e *Citium* ou *Citeum*, fundada por uma colonia phenicia, que se vangloriava de ter nascido em seu seio o estoico Zenon.

Um paiz que assim floreceu ha tantos seculos, e participando d'essa brilhante civilisação que resplandeceu na Grecia primeiro, e depois em Roma, d'onde os seus raios iam illuminar, com luz mais ou menos viva, quasi todas as regiões do mundo antigo; um tal paiz forçosamente deve ter uma historia tão longa quão cheia de episodios interessantes. E não ha dúvida que tem; mas não nos permitte o espaço de que podêmos agora dispor, que lhe tracemos aqui um quadro geral, ainda que seja resumido.

Diremos apenas que depois de ter estado dividida a ilha de Chypre em varios reinos, e de ter sido sujeita a diversos povos, Guy de Lusignano, sendo despojado do reino de Jerusalem, estabeleceu-se n'ella em 1192, governando-a com o titulo de rei de Chypre, que legou aos seus descendentes. Foi João II o penultimo soberano d'esta dynastia. Sua filha unica, herdeira presumptiva da corôa de Chypre, a princeza Carlota, casou com D. João, duque de Coimbra, segundo filho do infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho do nosso rei D. João I.

Governou o duque D. João a ilha como regente, em vida del-rei, seu sogro; mas não chegou a cingir a corôa porque falleceu antes d'este, no anno de 1457, sem deixar successão.

Passou a segundas nupcias a princeza Carlota com Luiz de Saboya, conde de Genebra, filho de Luiz, duque de Saboya, e irmão do duque Amadeu IX. Succederam no throno a João II; porém, poucos annos depois, foram expulsos da ilha por um filho bastardo do defuncto soberano, que lhes usurpou a corôa. El-rei Luiz pouco tempo sobreviveu a esta catastrophe; e sua desditosa esposa, vendo-se sem meios de recuperar a sua corôa, fez solemne renuncia d'ella ao duque de Saboya, Carlos II. Desde então ficaram-se intitulando reis de Chypre os soberanos da casa de Saboya. Não tardaram, porém, os turcos a acabar com todas as questões, apoderando-se da ilha, e senhoreando-a até ao presente.

A decadencia de Chypre, que já tinha começado havia muito, progrediu sob o dominio musulmano com tanta rapidez, e chegou a tal ponto, que a população da ilha se acha hoje reduzida a uns oitenta mil habitantes, gregos e turcos. As suas antigas cidades são montões de ruinas, e dos grandiosos monumentos que lhes davam nomeada não restam mais vestigios que algumas estatuas ou fragmentos de esculptura, que modernamente tem sido descobertos em excavações casuaes, ou mandadas fazer por algum viajante apreciador de archeologica.

Porém, se lhe derrocaram todos os padrões da sua antiga civilisação, que recordavam a grande prosperidade que desfructou no tempo dos romanos, deixaram-lhe, comtudo, de pé os monumentos levantados pelos Lusignanos, que commemoram um segundo periodo de desenvolvimento, posto que menos brilhante, e que consistem, principalmente, em varios templos magnificos, sobrelevando a todos as soberbas cathedraes de Nicosia e de Famagusta.

Os formosos templos do paganismo, representantes de uma civilisação que desapparecêra, foram demolidos para edificar com os seus materiaes as egrejas christãs, symbolo da nova civilisação que se levantava sobre as ruinas da antiga, mas cujo brilho foi em breve eclipsado pelo crescente de Mafoma.

Sob a dominação turca logrou a ilha um genero de celebridade, que de certo a não compensou de tantas vantagens e riquezas perdidas. A doçura do seu clima incitou os musulmanos a promoverem alli a cultura das flores para a fabricação dos oleos e essencias aromaticas, e tanto se aperfeiçoaram n'esta industria, que alcançaram a subida honra de fornecer exclusivamente de perfumarias o harem do sultão, em Constantinopla.

Os turcos dão á ilha o nome de *Kybris*. Actualmente a sua capital é a cidade de Nicosia, que os turcos chamam *Lefhocha*, e que contém uns 16:000 habitantes. As outras cidades principaes são: *Limisso*, *Lascara*, *Sirori* e *Baffa*, que occupa o logar da antiga *Paphos*, onde se erguia o mais rico templo que havia em Chypre dedicado a Venus.

Padeceram tal devastação os monumentos de antiguidade d'esta ilha, que alguns archeologos que a visitaram ha pouco mais de vinte annos, debalde procuraram sobre a terra vestigios d'essa passada grandeza. Outros, porém, que seguiram depois as suas pisadas, mais perseverantes, ou mais diligentes, conseguiram descobrir preciosos restos d'aquelles monumentos que jaziam occultos nas entranhas da terra. Repetiram-se posteriormente eguaes tentativas, que obtiveram tambem feliz resultado. E se se procedesse a trabalhos regulares de excavações dirigidas convenientemente, a ilha de Chypre converter-se-hia, sem dúvida, em uma rica mina archeologica, interessante para a historia, e interessantissima para as artes.

Estatua de Venus

A nossa gravura representa uma estatua de Venus, descoberta, entre outras estatuas e fragmentos de esculpturas, em 1842, por uma commissão archeologica, presidida por mr. Renan, e da qual faziam parte um desenhador e um architecto.

Houve na ilha de Chypre, como dissemos, muitos templos de Venus, pois que era a esta divindade mythologica que os antigos chypriotas consagravam a sua maior veneração. A causa d'este culto especial provinha da historia fabulosa referir que a deusa da formosura nascêra na ilha de Chypre. Alguns auctores pretendem que não seja só essa a razão, mas sim tambem, e principalmente, a nimia propensão d'aquelle povo para as delicias do amor. N'este caso sería antes a propensão que se originaria do culto, e não este d'aquella, pois que não ha dúvida de que a fabula assignala a ilha de Chypre como patria de Venus. Todavia, dá-se uma circunstancia bem singular, e que vae pouco de accordo com a sensualidade attribuida aos antigos chypriotas. Vem a ser, que não sómente a estatua de que a nossa gravura é cópia, mas tambem outras da mesma divindade alli encontradas, representam Venus mais enroupada que a casta Diana; e não se tem achado uma unica que mostre a terna mãe do amor como Jupiter a fez nascer das espumas do mar, como a adoravam os pagãos, e como tem sido representada até hoje por todos os esculptores e pintores antigos e modernos.

Por conseguinte, se bem se attender ao recato com que os esculptores procuraram occultar as fórmas gentis da divindade, devemos tirar uma das seguintes conclusões: ou os antigos habitantes de Chypre faziam da sua adoração a Venus um culto religioso, puro de todas as idéas de sensualidade, ou as estatuas até agora descobertas n'aquella ilha não representam a deusa da voluptuosidade.

Entretanto, o que é certo é que o primor a que se pouparam os esculptores, deixando de delinear e esculpir as perfeições do corpo de uma mulher bella, empregaram-n'o não só na formosura e expressão da physionomia, mas tambem na graça e naturalidade da roupagem.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Affonso Domingues

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Conclusão. Vid. pag. 393)

XV

PRINCIPAES ARTISTAS EMPREGADOS NA CONSTRUCÇÃO DO MOSTEIRO

Depois de termos tratado do edificio monumental da Batalha, não com a miudeza que o assumpto requeria para que se pozesse bem em relêvo todos os seus primores, nem com os juizos e considerações necessarias ao esclarecimento das diversas questões de arte que lhes dizem respeito; mas do modo que nos foi possivel, e em attenção aos limites d'este jornal; resta-nos agora consignar aqui os nomes dos principaes artistas que concorreram para a edificação do monumento.

Se nos contentassemos de fazer uma simples resenha d'esses nomes, mui facil nos seria a tarefa, pois que o patriarcha D. Francisco de S. Luiz colligiu-os na sua já citada memoria historica, depois de ter investigado com verdadeiro zêlo e cuidado o real archivo da Torre do Tombo e o cartorio do respectivo mosteiro; e adduziu ácerca d'elles algumas noticias interessantes. Mas como o nosso desejo nos leva mais longe, e por caminhos escurissimos, difficil se nos torna a empreza.

O que n'este assumpto muito convinha, e onde folgariamos de chegar, se podessemos, era designar a parte que teve cada um dos artistas n'esse glorioso trabalho. Sem essa designação nunca se poderá julgar completa a historia do monumento, por mais habilitado e competente que seja o escriptor que houver de a traçar. Infelizmente, é este o capitulo mais escuro e mysterioso d'aquella historia.

Reconheceu esta conveniencia o sabio auctor da referida memoria historica, esforçando-se por lançar alguma luz na questão. Porém as trevas que a envolviam não eram d'aquellas que se desvanecem facilmente. Logo ao entrar na materia se apresenta a maior difficuldade d'ella, e a que mais importaria vencer para honra e credito de Portugal. Alludimos á questão de quem foi o primeiro architecto do mosteiro da Batalha. Esta é que é a questão que mais interessa o nosso orgulho de nação civilisada, e que mais aproveita á historia da architectura portugueza; pois que o monumento de D. João I é a obra de architectura mais homogenea e completa, e de maior primor e perfeição que até hoje se tem construido em o nosso paiz; sendo ao mesmo tempo reputada entre os estranhos como um dos mais perfeitos exemplares da arte gothica existentes na Europa.

Apesar de todas as investigações que se tem feito, não se tem encontrado documento algum contemporaneo que declare o nome do architecto que delineou tão maravilhosa fabrica. Todavia, a tradição passada de paes a filhos e acceite por varios escriptores antigos, diz que esse eminente architecto se chamava *Affonso Domingues*. O que se sabe positivamente, porque consta de documentos officiaes, é que este architecto dirigiu as obras nos primeiros annos da fundação; que era fallecido em 1402; e que não apparece documento que falle de outro architecto do edificio em todo o periodo de 16 annos de andamento dos trabalhos, desde o começo d'estes, em 1386 ou 87, até á data de 1402.

É muito para admirar, não devemos negal-o, que houvesse n'aquella epocha em Portugal um artista tão consummado como o que fez o risco do monumento, achando-se a architectura entre nós, antes da execução d'esta obra, em estado que, se não era de grande atrazo, tambem não se lhe poderá chamar de adiantamento; em um estado, pelo menos, que nenhuma memoria ou documento nos auctorisa para o considerarmos como eschola, d'onde podesse sair um artista tão completo.

Todavia, se estas considerações podem servir de fundamento para recusar a Affonso Domingues a gloria da invenção do desenho, tão bello e engenhoso, tambem deverão servir para o julgar incapaz de dirigir a construcção de similhante fabrica; pois é tal, que forçosamente demandaria para esse serviço um

architecto de subido talento e de reconhecida pratica. Porém, como não podêmos duvidar de que lhe fosse commettida a execução e direcção da obra, concluiremos que não deve causar espanto que tivesse capacidade para fazer a traça quem soube dirigil-a com tamanho acêrto e sciencia.

N'este caso lançâmos mão de uma conjectura, não pela necessidade de sair do embaraço, mas porque nos parece acceitavel e muito plausivel. Vem a ser, que talvez Affonso Domingues tivesse saído da sua patria antes da acclamação do mestre de Aviz, com o intento de se instruir e aperfeiçoar na sua arte. Bem sabemos que n'essa epocha não eram dados os artistas, pelo menos os nossos, a procurar taes meios de estudo. Entretanto, tendo estado em Portugal, no reinado del-rei D. Fernando, e com alguma demora, dois principes inglezes, o conde de Cambridge e um seu irmão natural, filhos de Duarte III, rei de Inglaterra, póde ser que Affonso Domingues, levado pelo amor da arte ou por outro qualquer respeito, se resolvesse a acompanhar algum d'elles na sua volta para a Inglaterra, paiz classico da architectura gothica do genero do da Batalha.

Pena é que em materia de tanto interesse seja mister recorrer a conjecturas; comtudo não se devem desprezar, mórmente se são adduzidas, não para fundamento, mas unicamente para corroborar outras razões, ou para procurar alguma explicação plausivel do que de si é escuro.

Portanto, em vista do que deixâmos exposto, cremos que foi Affonso Domingues o architecto que traçou a planta do mosteiro da Batalha e dirigiu as obras até á sua morte. Não se sabe ao certo o anno em que falleceu, mas deveria ser na entrada do seculo XV, porque de um documento do anno de 1402 consta que já era fallecido, e que fôra substituido na direcção da obra da Batalha por mestre Huet, Huguet, ou Ouguet, pois que o seu nome se acha escripto d'estes differentes modos nos documentos que lhe dizem respeito.

Nasceu Affonso Domingues na cidade de Lisboa, e foi baptisado na egreja da Magdalena. E a isto se reduzem todas as noticias que a historia archivou de um artista tão distincto, de um architecto que erigiu o monumento, que apesar do correr dos seculos e dos progressos da civilisação, é ainda hoje a obra prima, o monumento por excellencia entre os mais sumptuosos edificios de Portugal.

Attendendo aos annos que Affonso Domingues esteve á frente d'aquelles trabalhos, devemos suppor que deixou a egreja em bastante adiantamento e apenas começada a capella do Fundador, sacristia, casa do capitulo e claustro real; pois que nas fundações dos mosteiros era costume dar principio ao mesmo tempo ás suas principaes officinas, embora se activassem mais os trabalhos em uma que em outra.

O retrato que adorna este numero do *Archivo* é copiado do busto esculpido em pedra que se vê na casa do capitulo, e do qual fallámos a pag. 275.

Tambem não é ponto cabalmente averiguado que esse busto represente as feições de Affonso Domingues. Sendo construida a maior parte da casa do capitulo depois da sua morte, ha justo motivo de dúvida ácerca do nome da pessoa que o dito busto representa. Que é o retrato do architecto da obra não se duvida, nem se póde duvidar, porque lá lhe esculpiram a esquadria, bem significativa divisa. Mas de qual dos dois architectos será? De Affonso Domingues, que delineou e deu principio á casa, ou de mestre Huet, que lhe succedeu no cargo e executou a parte principal da obra? Parece mais provavel que fosse uma homenagem prestada ao artista já fallecido, que era o verdadeiro auctor de toda aquella estupenda fabrica. E esta opinião acha-se fortalecida pela tradição. Assim, forçoso é acceital-as na falta de documento que mais valha.

Entretanto, offerece-se-nos uma dúvida, que, não podendo resolvel-a, a deixaremos aqui registada como um simples reparo. A touca, especie de turbante em volta da cabeça, como se vê no referido busto, foi moda estrangeira, introduzida em o nosso paiz, segundo cremos, nos principios do seculo XV, mas posteriormente ao anno de 1402. Parece-nos que a sua introducção coincidiu com a de outras modas no vestuario, e com a dos motes em francez de que usaram como divisa el-rei D. João I e todos os seus filhos; modas e usos que nos vieram com o muito trato que teve com estrangeiros a corte d'este soberano.

Foi n'este reinado que se principiaram a introduzir, ou, pelo menos, que se fez maior importação de modas e usos estrangeiros, sobre tudo francezes. E d'isto se queixavam os affeiçoados a Castella, lançando todos esses escandalos e affrontas aos bons usos e costumes do povo, como elles diziam, a cargo del-rei e de seus filhos, e principalmente d'estes, que eram os primeiros a dar o exemplo n'essas innovações.

Nas pessoas nobres caía-lhes da touca, mais parecida com um chapéo do que com um turbante, sobre o hombro uma ponta que descia até a baixo da cintura, e outras vezes até quasi aos pés; a qual ora deixavam fluctuar á mercê do vento, ora prendiam na cintura, ou lançavam sobre o hombro, caíndo parte para as costas e a outra parte sobre o peito.

Nos plebeus era a touca, mais communmente, do feitio que mostra o retrato. Todavia, ainda que seja admittida como certa esta nossa opinião, a introducção da moda foi tão pouco posterior á morte de Affonso Domingues, que não se póde affirmar que elle não chegasse a usar d'ella, e sobre tudo se acaso viajou pelo estrangeiro, como nos inclinâmos a crer, onde a moda era muito mais antiga.

Succedeu a Affonso Domingues, como dissemos, na direcção da obra da Batalha *mestre Huguet* ou *Huet*. Da vida d'este artista ainda ha menos noticias, pois que até se ignora qual era o paiz da sua naturalidade. A julgar, porém, pelo seu appellido, poderá dar-se-lhe a França por patria. Tambem não ha certeza do anno em que morreu. Presume o patriarcha D. Francisco de S. Luiz que seria em 1438, ou pouco antes.

Sendo obras suas, como entendemos que são, o acabamento da egreja, da capella do Fundador, da sacristia, da casa do capitulo e do refeitorio, e grande parte do claustro real, bem merece o epitheto de digno successor de Affonso Domingues, pela grande pericia com que dirigiu tão difficeis trabalhos.

Foi este mesmo architecto, certamente, quem fez o risco primitivo e deu principio ás capellas imperfeitas, pois que el-rei D. Duarte, seu fundador, falleceu no anno de 1438, pouco depois de ter morrido mestre Huguet.

A este artista succedeu no mesmo cargo *Martim Vasques*, que andava empregado nas obras desde o tempo del-rei D. João I. Ainda foi nomeado por carta del-rei D. Duarte, poucos mezes antes da sua morte. Não logrou por muitos annos o seu novo emprego, pois que já não vivia em 1448. Continuou a obra do claustro real, que nunca se concluiu, e que ao presente se trata de acabar; desenhou e começou a construcção do segundo claustro, chamado *de D. Affonso* V, por ser feito durante o reinado d'este soberano; e proseguiu com a obra das capellas imperfeitas em conformidade com o risco primitivo. A julgar do seu merecimento pela traça do segundo claustro, é forçoso confessar que em talentos ficava muito áquem dos architectos que o precederam.

Teve por successor n'estes trabalhos a seu sobrinho, *Fernão d'Evora*, que dirigiu a continuação d'elles durante a maior parte do reinado de D. Affonso V, pois que ainda vivia no anno de 1473. Concluiu o se-

gundo claustro e dormitorios e mais officinas, que se levantam por cima e em volta d'elle. Este architecto não executou obra alguma importante de risco seu em que podesse mostrar a sua habilidade. Parece que se lhe seguiu *Mattheus Fernandes;* se assim succedeu, não fez coisa notavel até ao fim d'aquelle seculo.

Subindo ao throno el-rei D. Manuel, e resolvendo acabar as capellas imperfeitas, encarregou d'essa empreza Mattheus Fernandes. Como se desempenhou d'ella já o sabem os nossos leitores. Alterou o risco primitivo, dando ao monumento de porte simples e severo as feições brincadas e caprichosas da architectura, que symbolisava as felicidades e glorias do reinado de D. Manuel. Relevando-se-lhe similhante desacato, era, sem dúvida, um architecto muito distincto. Em tudo o que alli executou, principalmente nos dois porticos, exterior e interior, deu evidentes provas de ser um engenhoso interprete da architectura gothico-florida. Foi elle tambem, certamente, que fez os desenhos para as janellas da casa do capitulo e outras obras de ornato feitas na mesma epocha.

Falleceu Mattheus Fernandes a 10 de abril de 1515, succedendo-lhe no cargo outro architecto do mesmo nome, que se presume ser seu filho. Sob a direcção d'este *Mattheus Fernandes* 2.° correram, provavelmente, as obras das capellas imperfeitas durante os seis annos que ainda viveu el-rei D. Manuel, pois cremos que progrediram em todo o seu reinado, e d'esta opinião démos em outro logar os fundamentos. Consta de um documento que ainda era *mestre das obras da Batalha* em 1525, quarto anno do reinado de D. João III. Falleceria, talvez, em 1528, porque por alvará do primeiro de junho d'este anno nomeou el-rei D. João III a Antonio de Castilho por mestre das ditas obras.

Foi *Antonio de Castilho*, ao que parece, o architecto que commetteu a barbaridade de fazer a terceira e mais repugnante alteração no risco primitivo das capellas imperfeitas, enxertando o estilo do renascimento na architectura gothico-florida. Não fez o artista esta affronta á arte e ao bom gosto, porque não fosse capaz de levar a cabo a obra como a projectára Mattheus Fernandes. Bastam as construcções que desenhou e dirigiu no convento de Thomar, para lhe estabelecerem a sua reputação de eximio architecto n'esse estilo gothico-florido, que nas capellas imperfeitas sacrificou ao amor da novidade.

Antonio de Castilho foi o ultimo architecto habil empregado nas obras da Batalha. As das capellas imperfeitas pararam de todo, segundo julgâmos, debaixo da sua direcção. O claustro de D. João III, se foi riscado por elle, não lhe faz honra. Quanto ao dormitorio, livraria, enfermaria e outras officinas construidas no tempo e por ordem d'aquelle soberano, tiveram por architecto, *Antonio Gomes*, que não se illustrou por certo, com similhante obra.

Continuou a preencher-se nos seguintes reinados o cargo de *mestre das obras da Batalha*, andando-lhe annexo o usufructo de uma casa para sua habitação na villa da Batalha, e proxima ao mosteiro; porém a sua missão reduzia-se a vigiar pela conservação do monumento.

Quanto aos outros artistas que alli trabalharam, ainda estamos menos habilitados para indicar as obras que cada um executou. Todavia, acompanharemos com algumas conjecturas a resenha dos seus nomes e officios, extrahida da memoria do patriarcha D. Francisco de S. Luiz:

MESTRES DAS VIDRAÇAS

Deve-se entender por este titulo, ou pelas qualificações de *vidraceiro* e *vidreiro* que apparecem nos documentos antigos, os artistas que faziam aquelles admiraveis quadros de vivissimo colorido, representando scenas do velho e novo Testamento, e das vidas dos santos, armas, emblemas e divisas, que constituiam o ornamento de todas as vidraças, e eram o enlêvo dos olhos.

Mestre Guilherme de Bellés ou *de Bolleu*, cujo nome figura em documentos de 1448, 1463 e 1473.

Mestre João vivia nos fins d'esse seculo.

Mestre Antonio Taca falleceu reinando D. João III.

Deveriam ser estes tres artistas, ao que parece, que executaram a obra das vidraças da egreja e da capella do Fundador, e a das vidraças da casa do capitulo em tempo del-rei D. Manuel.

Antonio Taca 2.° e *Antonio Taca* 3.°, que se presume serem filho e neto do 1.°, e *Antonio Vieira*, que morreu pelos annos de 1659, discipulos da eschola alli creada por mestres Guilherme e João, foram empregados, sem dúvida, na obra da Batalha como reparadores, pois que depois da morte del-rei D. Manuel não se fez mais obra alguma d'este genero, a não ser simplesmente reparações.

MESTRES DE ARTES OU OFFICIOS NÃO DESIGNADOS

Mestre Conjati. Apparece este nome em documentos de 1428 a 1443.

Mestre Miguel — Idem de 1440.

Mestre Boutaca ou *Botaca — Idem* de 1509 á 1519, sendo já fallecido em 1528.

Mestre Thomaz — Idem de 1512.

Mestre Conrato — Idem de 1514.

Apesar d'aquella falta de designação, cremos, attendendo ás datas, que estes cinco artistas trabalharam no edificio da Batalha como esculptores em pedra, os dois primeiros nas obras do monumento primitivo, e os ultimos tres nas capellas imperfeitas e nos outros melhoramentos ou aperfeiçoamentos emprehendidos por el-rei D. Manuel, e dos quaes démos noticia. Mestre Boutaca era tambem habil architecto. Deixou provas do seu talento em várias construcções grandiosas que delineou e dirigiu.

MESTRES DE ARTES OU OFFICIOS DESIGNADOS NOS DOCUMENTOS

Gil Eannes, imaginador — 1465.
Affonso Lopes, imaginario — 1534 a 1555.
Duarte Mendes, entalhador — 1535.
Henrique Francez, entalhador — 1535.
João Gonçalves da Rua, entalhador — 1536.
Pero Taca, entalhador — 1549 a 1561.
Francisco Taca, pintor — 1566.
Alvaro Mourato, pintor — 1592.

Chamavam antigamente *imaginador* ou *imaginario* aos estatuarios e esculptores de ornato em pedra. A estes ultimos tambem ás vezes designavam com o nome de entalhador; porém este termo era mais commummente applicado aos esculptores em madeira, como ainda hoje se applica.

I. DE VILHENA BARBOSA.

COSTUMES CHINS

É geralmente sabido que na China se fazem convites com instancia, mas com o intuito de serem recusados; o que porventura acceitasse provaria má educação.

Contam uns missionarios o seguinte facto notavel, que caracterisa os chins [1]:

«Era por um dia de festa. Deviamos celebrar missa na casa do principal catechista da povoação, que tinha excellente capella. Os christãos das povoações visinhas alli affluiram em grande numero. Depois da ceremonia religiosa, o dono da casa foi-se ao meio do pateo e gritou aos christãos que saíam da capella:

—«Não sáia ninguem. Convido hoje todos para comerem arroz em minha casa.

«Depois dirigia-se ora a uns ora a outros para os

[1] M. Huc —«L'empire chinois.»

obrigar a ficar; mas observámos que cada qual allegava as suas razões e não ficava. O dono da casa parecia desgostoso por este facto, quando notou que um de seus primos tambem ia saír; então dirigiu-se a elle, gritando-lhe:

—«Pois tambem tu, primo, te vaes? Não póde ser. Hoje é dia de festa, e por isso quero que fiques.

—«Não instes commigo; tenho que ir ter com a familia para tratar de uns negocios.

—«Hoje é dia de descanço para todos; não ha negocios! Has de ficar, sim; não te deixo.

«E ao mesmo tempo segurava-o pelas vestes e fazia esforços para conter o primo, que debalde pretendia demonstrar-lhe que os negocios não o deixavam livre.

—«Visto que não consigo que jantes commigo, bebâmos juntos um copo de vinho.

«E os dois entraram em uma sala.

«O dono da casa ordenou em voz alta, mas sem se dirigir a pessoa alguma, que frigissem dois ovos e aquecessem vinho. Em quanto o vinho e os ovos não appareciam, os dois conversaram e fumaram por algum tempo, mas ninguem serviu o vinho. O primo, que tinha na verdade pressa, perguntou delicadamente se ainda tardariam muito em apparecer com o vinho quente.

—«Vinho! — exclama o dono da casa — vinho! É o que não temos! Pois não sabes que não bebo vinho, porque me faz mal?

—«Devias então deixar-me saír, porque eu não podia demorar-me.

A estas palavras o dono da casa levantou-se, e, encarando o primo com certa indignação, diz-lhe:

—«Em que nação vives tu, desejava sabel-o? Tenho a delicadeza de offerecer-te vinho, e tu não tens a de recusar! Entre quem te educaste! Seguirás os exemplos dos Mongols! Talvez...

«O pobre primo comprehendeu que não tinha procedido bem em acceitar; balbuciou algumas palavras de desculpa, e, depois de ter accendido o cachimbo, saíu.

«Estavamos presentes a este singular espectaculo.

«Logo que o primo se partiu, não podémos deixar de rir com prazer; mas o dono da casa não ria; estava muito serio e parecia indignado. Perguntou-nos se tinhamos já visto homem tão ridiculo, tão grosseiro e tão falto de intelligencia, como seu primo; e recordou-nos o grande principio de que um homem cortez deve sempre corresponder aos actos de delicadeza com eguaes actos, e recusar graciosamente o offerecimento do que tem a civilidade de lh'o fazer.

—«Se não fôra isso, exclamou elle, como se poderia viver!

«Ouvimol-o sem dar a nossa opinião a favor nem contra, pois, em muitos casos, é difficillimo ter uma regra certa e applicavel a todos, principalmente no que se refere aos costumes particulares dos povos. Figurou-se-nos, todavia, que comprehendemos a razão d'este modo de entender a delicadeza: uns querem ter a satisfação de se mostrarem generosos, sem custo, para com todos; e os outros querem receber os convites para terem egualmente o prazer de recusal-os.... Mas como isto é na China, não nos admiremos.»

CONSTANTINO

(REI DOS FLORISTAS)

(Conclusão. Vid. pag. 162)

Não adormentou Constantino á sombra dos laureis, por elle conquistados nos campos da lide onde as nações civilisadas fazem hoje em dia o alardo das suas forças industriaes — as exposições. Novos primores, especies desconhecidas na flora artificial, vieram realçar e universalisar o renome da sua fabrica. Não havia armazem de modas que não tivesse flores de Constantino, nem baile em que não se admirassem as grinaldas e ramos do artista portuguez.

Mas o excesso do trabalho aggravou-lhe os antigos padecimentos, com tanto risco de vida, que a medicina lhe aconselhou os ares patrios. Quando se soube em Paris que a doença de Constantino o obrigava a ausentar-se de França, não lhe faltaram propostas para que elle trespassasse a fabrica. Sendo, porém, mui vantajosa a que lhe foi feita por Marchais frères, antigos floristas de Paris, Constantino acceitou-a, e logo depois regressou a Portugal.

Foi isto em 1854. Esteve algum tempo em Lisboa e na sua provincia; mas, sentindo-se melhor, e desejando ainda concorrer á exposição universal de Paris, que devia abrir-se em maio de 1855, Constantino voltou a Paris, e conseguiu que ainda por sua direcção e em seu nome se expozessem alli maravilhosos ramos de flores artificiaes.

E não só isso: foi elle o mais efficaz auxiliar que teve a commissão portugueza enviada á exposição de Paris, como declara o sr. conde d'Avila, commissario regio de Portugal, a pag. 10, t. I do relatorio dirigido ao governo, por estas palavras: *Foi auxiliado* (o sr. visconde de Villa Maior, vogal da commissão) *na collocação dos productos* (portuguezes) *pelo sr. Constantino José Marques, que se prestou da melhor vontade a este trabalho.* Dizendo mais a pag. 5 — *que as flores que elle expozera haviam excitado a admiração geral.*

Encerrada a exposição, teve o nosso artista de luctar contra a fraude com que os cessionarios pretenderam interpretar uma das clausulas da venda da sua fabrica, que era prestar-se Constantino nos primeiros annos a dar o seu conselho sobre alguns processos do fabrico das flores. Como elle se demorasse em Portugal mais tempo do que suppunha, por não estar ainda convalescido, propozeram-lhe os cessionarios uma acção de perdas e damnos, no valor de setenta mil francos, que, depois de ser pleiteada nos tribunaes francezes, Constantino venceu a demanda, porém foi resilido o contrato, voltando elle outra vez a possuir a sua fabrica em 1855.

Entregue de novo á gerencia de um estabelecimento que demandava tão assidua applicação, esteve a ponto de succumbir ao aggravamento das suas molestias, pelo que se retirou de todo á vida privada, alienando definitivamente a sua fabrica da rua d'Antin em Paris, que passou a outros possuidores, e ainda hoje goza da fama que o nosso insigne compatriota adquiriu para tão mimosa industria.

Eis porque não figurou Constantino na exposição do Porto, onde nacionaes e estranhos esperavam encontrar novas maravilhas do seu talento artistico.

Constantino não primava só por ser o rei dos floristas; a austeridade de seus costumes, a sua generosidade e beneficencia, tinham-lhe grangeado as sympathias da nação que o adoptára. Na sua fabrica admittia donzellas pobres, a quem dava educação, e muitas d'alli saíram já prendadas, e hoje estão na prosperidade. O arcebispo de Paris foi por vezes visitar a fabrica de Constantino, e louvar o regimen moral e religioso que alli se observava.

Antes de se retirar de Paris, o piedoso artista mandou celebrar, na egreja da Magdalena, uma solemne missa de acção de graças pelos beneficios que a Providencia lhe concedêra durante a sua carreira artistica em França, assistindo a este acto os operarios de ambos os sexos empregados na sua fabrica, e muitos dos seus amigos, prégando n'esta solemnidade o rev. padre Deguerry, que hombreava então nas conferencias religiosas de Paris com Dupanloup, Lacordaire, Ravignan, Grivel e Combalot, os primeiros ora-

dores do pulpito francez. O padre Deguerry fez um eloquente panegyrico dos meritos e do respeitavel caracter do artista portuguez, que mereceu honrosa commemoração nos jornaes da capital d'aquelle imperio.

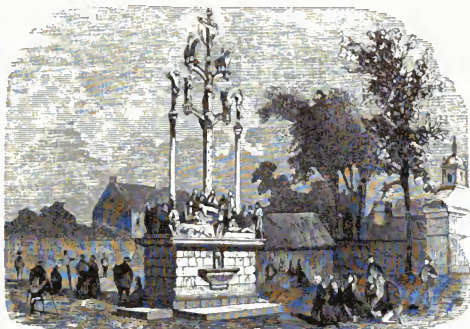
Prescripções da medicina o retem ainda longe da patria, quebrantado do corpo e do espirito, e já na edade de sessenta e quatro annos, pela maior parte cortados de dores physicas e moraes.

A terra da patria, a que elle deu tanto renome, porque em todo o mundo foram admiradas as flores de Constantino, o receberá ainda com as mesmas manifestações com que outr'ora o festejou no auge dos seus triumphos artisticos. A. DA SILVA TULLIO.

CALVARIO DE S. THEGONNECO

A Bretanha é uma das provincias da França que tem conservado por mais tempo os seus antigos usos e costumes. As crenças populares, as festas, divertimentos, trajos, em fim, o viver das gerações que se sumiram ha seculos na voragem da eternidade, ainda alli se encontram a cada passo em todo o seu vigor e pureza. Entretanto, quem desejar ver com os seus olhos esses quadros que de dia para dia vão desapparecendo, e que em breve apenas poderão ser conhecidos pela leitura dos livros, deve apressar-se a visitar aquella provincia, porque não tardará que os caminhos de ferro, que já a atravessam, acabem com todas essas reminiscencias do passado.

Todavia, restar-lhe-hão muitos monumentos em que esse viver ficou perfeitamente bem retratado, e entre elles alguns de muita originalidade, que deixarão satisfeita a curiosidade dos viajantes. Entre estes ultimos figuram os calvarios, mui singulares monumentos da piedade dos bretões.

O de mais nomeada em toda a Bretanha, pela sumptuosidade da fabrica, é o do *Guimiliàu*. Depois d'este, um dos mais celebres é o de *S. Thegonneco*, que se vê representado em a nossa gravura.

Calvario de S. Thegonneco

S. Thegonneco é uma aldeia situada no *departamento* ou districto de Finistère, na antiga provincia da Bretanha. Fica a 5 kilometros ao S.O. de Morlaix, e a 55 a N.O. da cidade e porto de Brest. Morlaix, que tão proxima está d'aquella aldeia, é uma cidade pequena e velha, tanto pela edade, como pelo seu aspecto. Chamam-lhe até a *Nuremberg* da Bretanha, ou um museu de casas dos seculos XV e XVI. Actualmente tem ahi uma estação o caminho de ferro de Paris a Brest; o que equivale a dizer-se que d'aqui a meia duzia de annos a cidade de Morlaix estará remoçada, e tel-a-hão despojado, provavelmente, de todas essas velharias.

Quanto á aldeia de S. Thegonneco, sómente é notavel por dois monumentos religiosos: a egreja matriz, que podia servir de cathedral a muitas sédes episcopaes, e cujo orago dá o nome á povoação; e o calvario, collocado como cruzeiro em frente da dita egreja, e a pouca distancia d'ella.

Foi construido nos principios do seculo XVII. Jesus Christo ahi está representado, como no Golgotha, cruxificado entre o bom e o mau ladrão. As cruzes estão collocadas sobre um pedestal quadrilongo. A do Jesus Christo, que é muito mais alta, é decorada com varias estatuas. Sobre o pedestal, junto ás bases das cruzes, vêem-se outras estatuas, entre as quaes avulta a Virgem Maria com o Senhor morto nos braços.

Não se revela n'esta obra bom gosto artistico, nem ostenta grandes primores de trabalho; mas é muito curiosa e original. I. DE VILHENA BARBOSA.

AS TRES URNAS

TRADIÇÃO ARABE

Um dia o rei Nemrod mandou chamar os seus tres filhos para que viessem á sua presença, e apresentou-lhes tres urnas fechadas nas mãos de tres escravos; uma d'estas urnas era de oiro, a outra de ambar, e a ultima de barro. O rei disse ao primogenito de seus filhos que escolhesse entre as urnas a que lhe parecesse conter o thesouro de maior valor.

O primogenito escolheu a de oiro, na qual estava escripta a palavra *imperio;* abriu-a e encontrou-a cheia de sangue.

O segundo tomou a urna de ambar, onde estava inscripto *gloria;* abriu-a e encontrou-a cheia das cinzas dos homens que tinham tido grande renome no mundo.

O terceiro tomou a urna que restava, e era a de barro; abriu-a, e encontrou-a vasia; mas no fundo lia-se um dos nomes de Deus.

— Qual d'essas urnas pesa mais? — perguntou o rei á sua corte.

Os ambiciosos responderam que era a urna de oiro; os poetas e conquistadores, que era a urna de ambar; os sabios, que era a urna vasia, porque uma só letra do nome de Deus valia mais que o globo da terra.

Lamartine, que refere esta tradição na sua *Historia da Turquia*, accrescenta:

«Seguimos a opinião dos sabios. Julgâmos que as coisas grandes só são grandes pela divindade que encerram; e que quando o Arbitro Supremo julgar a insignificancia das nossas acções, das nossas vaidades e das nossas glorias, só poderá glorificar o seu nome.»

O QUE É A OBRIGAÇÃO

(CONTO POPULAR)

(IMITAÇÃO)

(Conclusão. Vid. pag. 385)

III

No dia seguinte, Antonio preparou-se, com effeito, para se apresentar ao sr. Gaspar da Silveira como promettêra ao seu bemfeitor.

Chegando a casa do sr. Silveira viu que este o esperava com alegria, o que lhe fez agradavel impressão.

— Deseja então empregar-se, Antonio?

— Será essa a maior felicidade para mim.

— Pois se é felicidade, proporcionar-lh'a-hei. O que desejaria fazer?

— O que v. exc. ordenar. O emprego, quer seja penoso, quer humilde, hei de exercel-o sem córar e honradamente.

— Agradam-me as suas palavras. Vê aquellas janellas que deitam sobre o terrado e correspondem á escada principal?

— Vejo, sim, senhor.

— É preciso que venha abril-as todas as manhãs ás oito horas em ponto, porque o porteiro fecha-as todas as noites.

— Ás oito horas da manhã em ponto estarão abertas as janellas, como v. exc. determina. E que hei de fazer depois?

— Nada mais. É a obrigação unica que lhe imponho. E quanto deseja ganhar por esse serviço?

— Esse trabalho não merece recompensa alguma.

— Merece, e eu quero dar-lh'a. Ganhará seiscentos réis diarios.

— Não possso acceitar recompensa tamanha para um trabalho que não merece tal nome.

— Ganhará o que lhe disse, pois desejo pagar bem aos que me sirvam para que estejam contentes.

— Muito obrigado, meu senhor.

— Está, portanto, satisfeito?

— Pois não hei de estar? Beijo as mãos de v. exc. pela felicidade que me dá!

— Lembre-se de que a sua obrigação é vir todos os dias ás oito horas em ponto abrir aquellas janellas, e depois fazer o que lhe apraza.

— Deus o abençoe!...

— Até ámanhã, Antonio.

— Até ámanhã, meu senhor!

A obrigação parecia um tanto estranha ao pobre mancebo, porém elle resolvêra-se a cumpril-a pontualmente.

IV

No primeiro dia, Antonio, que passára a noite sonhando com as janellas, e despertára sobresaltado julgando que tinha já passado a hora de abril-as, levantou-se de madrugada, ás seis horas appareceu ao porteiro do sr. Gaspar da Silveira, ás sete e meia poz a mão nos fechos das janellas, e abriu estas logo que soou a primeira badalada das oito.

No segundo dia, Antonio, que tambem sonhára com as janellas, embora não acordasse pensando que passava das horas, levantou-se ás seis; ás seis e meia chegou á escada principal; ás sete e meia approximou-se das vidraças, e abriu-as ás oito em ponto.

No terceiro dia, Antonio, que já não sonhára com as janellas, levantou-se ás sete horas; ás sete e meia dirigiu-se á escada; ao bater a primeira badalada das oito subiu descançadamente para o terrado; e ao bater a ultima cumpriu a sua obrigação.

No quarto dia, como Antonio ganha seiscentos réis diarios, póde ir algumas vezes ao theatro. Fôra, com effeito, na vespera; e, como se deitou mais tarde, pediu que o chamassem ás sete horas, receiando faltar á sua obrigação. O criado chamou-o tres vezes; mas ás sete e meia ainda se não tinha levantado. Torna o criado a chamal-o; porém Antonio tinha muito somno e não se levantou. Soam as oito horas, e o criado adverte-o d'isso. Antonio levantou-se então resmungando, e correu para a escada. Ao dar a ultima badalada das oito subiu tres a tres os degraus e abriu as janellas.

O sr. Gaspar da Silveira, que o esperava de relogio na mão, por detraz das cortinas de uma janella fronteira, sorriu-se murmurando: — Bem dizia eu ao João Alvaro!

No quinto dia, Antonio dirigiu-se á escada como um raio, porque tinham já soado as oito horas. Abriu as janellas, e o rosto do sr. Gaspar da Silveira sorriu por detraz das cortinas da janella fronteira.

No sexto dia, Antonio ouviu as oito horas no seu quarto, e quer saír; mas de subito uma nuvem tolda-lhe o entendimento, e diz para comsigo com a sobranceria de um heroe de comedia: — Avilto a dignidade de homem tomando as coisas tão a serio. Se não chegar ás oito horas, chegarei ás oito e meia.

Antonio, d'esta vez, abriu as janellas ás oito e meia. O rosto do sr. Gaspar da Silveira, que não perdêra a serenidade nem a alegria, apparece na janella fronteira.

— Antonio, diz, desejo fallar-lhe.

O mancebo obedeceu tremendo, e dirigiu-se ao quarto do sr. Silveira, pensando que não se descuraria mais da sua obrigação para que s. exc. não tivesse occasião de reprehendel-o.

— Qual é a sua obrigação diaria, Antonio?

— Abrir as janellas ás oito horas em ponto.

— E tem-n'a cumprido exactamente?

— Sim, meu senhor.

— Todos os dias?

— Nos ultimos descuidei-me um tanto.

— E por quê?

— Porque tenho outras occupações...

— Não me admira. Custa muito, n'este tempo, viver na capital, e o seu ordenado é pequeno. De hoje em diante, em vez de seiscentos réis ganhará oitocentos, e d'este modo só tratará de cumprir o que lhe encarreguei. Conto que não tornará a descuidar-se da sua obrigação: ás oito horas em ponto desejo ver abertas as janellas do terrado.

— Perdôe-me v. exc. uma falta que é na verdade imperdoavel... mas v. exc. é tão bom e generoso para commigo....

— Perdôo-lhe, sim; porém seja mais cuidadoso.

Antonio saíu do quarto do sr. Gaspar da Silveira exclamando: — Oitocentos réis diarios!... É uma boa sorte! Estou certo de que o sr. Silveira não tornará a reprehender-me.

Como Antonio ganha oito tostões por dia entrou em mundo novo. Escolheu o melhor alfaiate, o sapateiro

mais afamado e o chapeleiro de primeira ordem, e, por conseguinte, melhor sociedade, sociedade de *elegantes*.

Antonio retirava-se já a hora avançada da noite, porque as passava em variados divertimentos: ora no theatro, ora no Marrare; ora na assembléa de tal, d'onde se fizera socio; ora em casa de seu amigo Fulano, onde fôra apresentado pelo seu amigo Sicrano.

— Meu senhor, são já sete horas!

— São sete e meia!

— São quasi oito!

— C'os demonios!... Nem ás oito horas e meia abrirei hoje as janellas! Não me tornará a succeder isto.

Como Antonio ganha oitocentos réis diarios, póde algumas noites, depois do theatro, ir para os botequins, e demorar-se alli até quasi ao amanhecer.

— Ó meu senhor, olhe que já deram oito horas! — dizia o criado batendo á porta do quarto de Antonio.

— Oito horas! Por que me não chamou antes?

— Tenho-o chamado mais de uma duzia de vezes...

— Hoje abrirei as janellas perto das nove horas!... Ergamo-nos... mas tambem é mui enfadonho que um homem esteja todos os dias a fazer a mesma coisa e á mesma hora!

N'aquelle dia, Antonio abriu as janellas ás nove menos um quarto. O sr. Gaspar da Silveira, que o espreitava, segundo o costume, da janella fronteira, disse-lhe d'alli que passasse ao seu quarto.

— Antonio, isto vae de mal em peior. De dia para dia está v. mais descuidado. Antehontem abriu as janellas ás oito horas e um quarto, hontem ás oito e meia, e hoje ás nove. Não póde continuar assim.

— Como não tenho relogio, e os de Lisboa andam tão disparatados, que quando o do Carmo dá oito horas, o da sé dá oito e meia, e o da casa de v. exc. nove... Ninguem assim se entende.

— Tem razão. Para que não allegue, pois, essa desordem de relogios, que é na verdade attendivel, nem falte á sua obrigação, nem eu me veja forçado a reprehendel-o, dar-lhe-hei o meu relogio de algibeira, que é dos melhores, e vale bastante, e juntamente a cadeia. Ahi o tem, e Deus permitta que lhe sirva para se lembrar das oito horas.

E o sr. Gaspar da Silveira acompanhou as palavras da acção, porque, tirando a cadeia e o relogio, deu-os ao mancebo.

— Agradeço-lhe muitissimo este novo favor, sr. Silveira, e procurarei corresponder-lhe não faltando outra vez á minha obrigação.

— Isso me bastará, Antonio. Espero que não tornarei a chamal-o por esta razão.

VI

Como Antonio ganha oitocentos réis diarios e tem relogio de muito valor e cadeia tambem custosa, poderá entrar em outras assembléas, para ter novas diversões. Insta com os seus amigos para que o apresentem em differentes casas. Em algumas joga-se para entreter as visitas, mas quasi sempre se perde dinheiro.

Antonio, o novo apresentado em casa do sr. Tiburcio, perdeu uma noite o dinheiro que levava, e ainda mais, sob palavra, quarenta libras. Para effeituar este pagamento, o mancebo venderá no dia seguinte o relogio e a cadeia que na vespera lhe dera o sr. Gaspar da Silveira.

O jogo em casa do sr. Tiburcio durou até madrugada. A perda, que foi a consequencia d'elle para Antonio, não o deixou adormecer senão perto da hora em que devia acordar para o cumprimento da sua obrigação. O criado chamou-o repetidas vezes ás oito horas, mas sem resultado...

Por fim, Antonio levantou-se e dirigiu-se ao terrado; mas não corre, vae de vagar e tranquillo, embora oiça as nove horas, «pois, reflectia elle, se se apressasse, humilharia a sua dignidade de homem.»

Depois das nove, abriu as vidraças.

O sr. Gaspar da Silveira assomou á janella fronteira, e disse que lhe desejava fallar.

— Antonio, supprimi o emprego que desempenhava na minha casa.

— Perdoar-me-ha v. exc.?

— Nada tenho que perdoar-lhe. Estou agora convencido de que basta *impor* ao homem uma obrigação para que se lhe torne pesada e não a cumpra exactamente, se porventura não for dotado de grande rectidão. Cumpriu-se em v. esse fatal destino da humanidade.

João Alvaro, que estava escondido atraz de um reposteiro, appareceu n'este momento.

— Convem á saude de v. exc. os passeios pela manhã; mas não se *imponha* a obrigação de os dar, porque então nunca passeiará!

VII

Dias depois, o sr. João Alvaro, tendo Antonio sido novamente recenseado, não se empenhou para que o nome d'elle desapparecesse do sorteamento.

Dias depois, Antonio era obrigado a jurar bandeiras no regimento de caçadores n. 5.

Dias depois, o mancebo cançava-se a miude de fazer as mesmas coisas ás mesmas horas, mas a disciplina militar mostrava-lhe severamente que não se podia desenidar da sua obrigação.

E dias depois, nenhum dos antigos amigos de Antonio o conhecia desde que elle mudára de vida.

MORALIDADE D'ESTE CONTO

Cada qual póde utilisar-se, como se lhe figurar melhor, do que fica escripto, porque não houve a pretenção de resolver n'estas linhas um problema de moral; mas parece, em nosso entender, que na sociedade, até nas coisas insignificantes, não basta só *poder*, mas é preciso *querer*; que, para o homem viver bem, é sobre tudo mister juntar á perseverança a dignidade, a sisudez e o pundonor; e que estas circumstancias reunidas é que podem constituir o homem probo. **R. A.**

LEGADO PARA ESCHOLAS PRIMARIAS

Falleceu na cidade do Porto, domingo, 25 de março do corrente anno de 1866, o sr. Joaquim Ferreira dos Santos, conde de Ferreira. Era um poderoso capitalista, que durante a vida soube valer a innumeros infelizes, e que por sua morte distribuiu a grande riqueza que possuia de modo que revelou christã philosophia e os mais nobres e generosos sentimentos.

Entre os legados que o sr. conde de Ferreira deixou inscriptos no seu notavel testamento, conta-se o de 144:000$000 réis para a construcção de 120 casas proprias para escholas de instrucção primaria, nas cabeças dos concelhos, dispendendo-se 1:200$000 réis em cada uma.

Parece que este valiosissimo legado, de tanto alcance para a educação do povo, lhe fôra suggerido pela leitura dos artigos do digno commissario dos estudos no districto de Lisboa, insertos no *Archivo Pittoresco* [1].

Findando n'este numero o oitavo volume do nosso semanario, apenas temos espaço para esta simples commemoração, mas promettemos desde já publicar opportunamente o retrato do fallecido conde de Ferreira, benemerito da infancia e da instrucção publica, e acompanharemos o retrato com a competente noticia biographica.

[1] Vid. pag. 164, 207 e 208 do vol. VII.

INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras)

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio